A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4445-15.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | ...a, 1 de Agosto de 1923 | Telefone C. 2298—Endereço tel. CAPITAL. Impressão: Rua da Rosa, 71 | Preço 15 centavos

PARIS, 1.—O Presidente do Conselho, sr. Poincaré, e o Embaixador italiano assinaram ontem um acordo comercial franco-italiano. —(L.)

Pessima impressão

Seria querer realisar o impossivel qualquer tentativa que efectuassemos no sentido de atenuar a pessima impressão que produziu no publico a proposta apresentada pelo sr. Almeida Ribeiro no Parlamento, para que o novo Chefe do Estado tenha um vencimento anual de perto de 550 contos! E essa impressão ainda se tornou mais desastrosa desde que um deputado aludiu às exigencias dum determinado candidato, que parece ter fixado ele proprio essa fabulosa quantia.

Somos dos que entendem que o Presidente da Republica não pode viver com 24 ou mesmo 50 contos por ano, e todavia foi com essas magras dotações que o sr. Antonio José d'Almeida, realisou, no auge da carestia da vida, a admiravel presidencia que está prestes a terminar. Mas entendemos que o vencimento anterior á guerra, multiplicado pelo coeficiente 20, que é o que foi aplicado aos ministros, já é suficiente para o desempenho dessa alta magistratura.

Pôr preço ao cumprimento dum dever civico não é proprio de nenhum cidadão que aspire á altissima honra de representar a Patria e a Republica. Se ha quem julgue que não vale a pena ir para a presidencia da Republica senão para conquistar uma fortuna, mais vale então que não pense nisso. Ninguem é preso para Chefe de Estado. Desde o momento em que, por qualquer razão, o cargo não convem, para que aceita-lo? Nem mesmo as maiores instancias dos arbitros da politica deverão pesar no espirito de quem não esteja resolvido a ser Presidente da Republica simplesmente para fazer um favor pessoal.

A quantia de 639 contos para o Presidente da Republica é excessiva para a situação do paiz. Não faz sentido que se esteja preconisando uma grande redução de despezas, que se ameacem milhares de funcionarios com a expulsão que é a miseria e a fome, que se esteja regateando vergonhosamente ao funcionalismo publico o coeficiente 10 de que ele necessita para não morrer literalmente á mingua, e se vão dar ao primeiro funcionario da Nação, muitas centenas de contos, que ele de resto, nem tem maneira de gastar. Na presidencia de 1917, o sr. Bernardino Machado foi ao «front». Gastou-se na sua viagem 19 contos, que hoje poderiam ser 70 ou 80, e não mais. E nenhum Presidente da Republica tem jámais necessidade de gastar perto de 700 contos por ano, nem mesmo uma quantia aproximada.

Em parte nenhuma do mundo, a representação dum Presidente da Republica é a representação dum rei. Nem mesmo tendo familia: quanto mais podendo ser eleito um solteiro, sem outras despezas senão as suas proprias.

O que ontem se passou no Parlamento caiu pessimamente na opinião publica. Já tinhamos muitos negocios: ninguem esperava que a presidencia da Republica fosse tambem considerada um negocio.

Falta de energia electrica

As Companhias Reunidas Gaz e Electricidade não teem o minimo respeito pelo trabalho alheio. Repetidissimas vezes sucede cortarem a energia não sabemos para que complicações serviços, sem dessas notas darem a mais ligeira explicação. Durante uma hora ou duas mantem-se a interrupção, causando prejuisos incalculaveis a todos os que lhe estão nas garras. Nós temos horas certas de que não podemos apartar-nos sob pena de lhes sentirmos os efeitos, mas isso em nada impressiona as Companhias Reunidas, que procedem como querem, certas de que ninguem lhe vá á mão.

Era tempo de alguem intervir no sentido de fazê-lhes pagar os prejuisos que, sem razão plausivel, quasi diariamente causam a tanta gente.

A eleição do presidente

Um candidato ideal na opinião de "O Mundo"

O valor e a irresponsabilidade politica do sr. Teixeira Gomes

O sr. Duarte Leite e o sr. Magalhães Lima

Em torno dos candidatos, até agora lembrados, á Presidencia da Republica, começam a definir-se atitudes, a esboçar-se correntes de aplauso, a marcar-se preferencias decididas. O nosso colega «O Mundo», por exemplo, inclina-se, ao que parece, para o sr. Teixeira Gomes.

Definindo a sua individualidade, «O Mundo» afirma:

«Quanto mais fóra o Presidente estiver da atmosfera viciada das nossas luctas internas, quanto mais alto pairar o seu espirito republicano e menores forem as suas responsabilidades nos actos da nossa administração — tanto melhor. Esse será o Presidente ideal...»

A sintese é perfeita. Só falta o nome do sr. Teixeira Gomes, cujos traços dominantes são, aliás, bem evidentes. Temos, portanto, que, para se ser um Presidente ideal, á altura da nossa situação especialissima, é condição primordial ser irresponsavel, absolutamente ignorante dos vitalissimos problemas nacionais, inteiramente deslocado do nosso ambiente politico — desnacionalisado, se quizerem — conhecendo de Portugal o que pode conhecer qualquer pessoa a quem este país não interesse.

Caímos, por consequencia, na monarquia constitucional, em que o melhor chefe era aquele que conseguisse encasular-se na maxima irresponsabilidade. Para a suprema magistratura da Republica quere-se adoptar o criterio que preside, nos bazares de caridade, á escolha das crianças que vendem as rifas: a mais pura, mais casta, mais ignorante do mundo — branca por dentro e por fóra — é a que convem, por ser a virgindade em pessoa. Impõe-se, nestas condições, a escolha de um Presidente — virginalmente ignorante.

* * *

Se não ha falta de propriedade literaria na definição do «Mundo», ao seu criterio é, realmente, o sr. Teixeira Gomes que se adapta á maravilha. O sr. Teixeira Gomes não tem responsabilidades na nossa administração publica, não conhece o nosso problema economico-financeiro, ignora a questão religiosa e a questão social, não sabe o que seja a nossa politica externa e colonial, está em branco a respeito do problema militar e naval — perdeu inteiramente o contacto com a opinião portuguesa, desconhece o estado actual do nosso ambiente politico, ignora as tendencias e os pontos de vista dos nossos estadistas; sabe que Portugal existe — porque o Algarve, de onde é oriundo e onde tem a sua grande fortuna, é uma provincia de Portugal.

Nestas condições, o sr. Teixeira Gomes é, na verdade, o candidato ideal, além de que, incapaz de uma atitude, de um gesto, de uma posição definida, o sr. Teixeira Gomes se amoldar-se-ha, sem esforço, aos geitos e trejeitos de quem quer que venha a orientá-lo... depois, com a garantia que exige para aceitar o sacrificio da presidencia, de que termine o mandato e com a choruda dotação que o parlamento votará a instancias suas, de toda a hora o sr. Teixeira Gomes, alem de ser um presidente ideal, exercerá uma presidencia... idealissima.

* * *

Mas é um presidente irresponsavel que «O Mundo» quer—ou será apenas um presidente de vida pessoal imaculada? Neste caso, semelhante exigencia é descabida, porque todos o teem sido. Nem «O Mundo», jornal reticentemente, superiormente republicano, iria lançar semelhante suspeição. A primeira hipotese é que está certa: um presidente sem responsabilidades na nossa administração, na nossa politica interna e externa e com todas as disposições para não as contrair.

O que é dificil é «O Mundo» encontrar essa imaculabilidade politica no sr. Teixeira Gomes. E' certo que o nosso ministro em Londres não tem a minima responsabilidade nos actos positivos da administração republicana. Outro tanto não poderemos dizer da politica negativa e derrotista que se tem feito dentro da Republica. A atitude do sr. Teixeira Gomes ante a nossa participação na Guerra, ainda De merece os elogios de «O-dia» e é recordada com saudade por aqueles a quem ela conveio—que são todos quantos envolveram maquiavelicamente o patriotismo nas dobras energeticas da traição.

E' certo que essa atitude do sr. Teixeira Gomes foi creditada na conta pomposa do sr. Brito Camacho e que, posteriormente, o sr. Teixeira Gomes mudou de pensar e de proceder. Mas aos governantes de então é indispensavel atribuir essa adesão tardia do representante de Portugal em Londres á nossa politica intervencionista. Por si só, o sr. Teixeira Gomes não tomaria, decerto, essa resolução...

* * *

Como quere «O Mundo» um Presidente irresponsavel, se é impossivel conceber hoje a irresponsabilidade de um estadista? A gravidade da hora que vivemos é tão extraordinaria, tão complexa, tão desvairante — sabe-o «O Mundo» como nós — que os acontecimentos veem ao nosso encontro, envolvem-nos, obrigando-nos a previdencias, solicitando medidas, providencias sérias, soluções imediatas, portanto, atitudes. E quem diz atitudes não pode excluir responsabilidades.

Todos nós, qualquer que seja a nossa posição politica ou a nossa categoria social, contraimos responsabilidades tremendas nos factos que decorrem com uma velocidade de relampago, tanto pelas atitudes que tomamos, como pela indiferença em que buscamos refugiar-nos. Como ha de um Chefe de Estado eximir-se ao determinismo feroz do ambiente? Nem o sr. Teixeira Gomes logrará escapar-lhe!

* * *

A candidatura do nosso ministro em Londres, se não está posta de banda pelos organismos politicos, é, no entanto, uma candidatura que o momento não comporta.

Outro tanto não se poderá dizer do sr. Duarte Leite, embora as condições em que o seu nome foi indicado sejam de molde a inutilizar a sua ascensão á Presidencia.

Alem dos altos serviços que o país e a Republica devem ao nosso eminente ... no Brazil, o sr. Duarte Leite é um homem que não deixa de marcar uma atitude amedrontado com as responsabilidades que ela possa acarretar-lhe. E' um homem — e um estadista do nosso tempo.

Tendo, porém, feito questão da unanimidade de votos, o sr. Duarte Leite ou aqueles que lançaram o seu nome, não conseguirão que o Partido Democratico o eleja. Não votando num correligionario seu, o P. R. P. não votaria tambem num candidato que pode inclinar-se excessivamente para os nacionalistas.

* * *

Quanto á candidatura do sr. dr. Magalhães Lima, não vemos que ela tenha qualquer viabilidade. Bem o sabe o sr. Teofilo Braga, que a lançou. E tanto assim, que não achou demasiado afirmar que o melhor que poderia acontecer ao sr. Magalhães Lima era não ser eleito.

Vê-se que o sr. Teofilo Braga conhece bem o sr. Magalhães Lima e avalia o mal que poderia fazer-lhe o exercicio da Presidencia.

O sr. Magalhães Lima tem a vertigem das alturas e o concomitante panico das responsabilidades. Quando foi ministro da Instrução do Governo saido do 14 de Maio, ao cabo de dois dias fugiu, amedrontado com o movimento do Ministerio. O que faria, então, na Presidencia da Republica?

Desta rapida analise dos candidatos em que se fala, conclue-se que, para outro lado temos de lançar as vistas, procurando o homem que o momento exige e que os organismos politicos possam elevar á suprema magistratura da Nação, sem receios, nem hesitações.

Tanger e as potencias

A Espanha, a Inglaterra e a França

LONDRES, 1 — O «Tempos» ataca veementemente a Espanha por ter feito um acordo com a Inglaterra acerca de Tanger contrariamente aos interesses da França. Aqui foi desmentido semioficialmente que se tivesse feito qualquer acordo.

A Espanha tinha-se apenas declarado da mesma opinião da Inglaterra acerca da resolução tomada em 1914 ... respeitante á internacionali... de Tanger, que deve ser man... ida. — (R.)

DIZE TU, DIREI EU...

O CONFLITO

entre mr. Bonin e o sr. dr. Domingos Pereira

Recorda-se mr. Dieschener

Está esclarecido o conflicto entre o sr. ministro da França e o sr. ministro dos Estrangeiros. E' o nosso colega «O Mundo» que põe hoje a questão, localisando-a no seu logar proprio. Entre Portugal e a França não ha qualquer desaguisado, nem tão pouco o sr. dr. Domingos Pereira terá de abandonar a sua pasta. Conclue-se portanto, que é mr. Bonin quem voltará para o seu paíz, decerto muito saudoso das homenagens e atenções que lhe foram aqui prestadas abundantemente...

«O Mundo», falando do atual representante da França, que declarou aos homens representativos de Portugal, palavras de que a correcção ficou a uma lamentavel distancia, lembra um com saudade mr. Dieschener, que, quando ministro no nosso paiz, foi um dedicado amigo da Republica.

Na verdade, mr. Dieschener foi um dos mais inteligentes diplomatas que estiveram em Portugal; foi dos poucos que compreendeu a politica portuguesa, á qual dedicou sempre o maior interesse.

E este facto é, na verdade notavel, porque os paises que teem representação em Portugal parecem obedecer ao criterio de enviar para cá pessoas que nos compreendam o menos possivel e nos vejam sempre atravez o ambiente confuso dos «five-o'clock»...

Ha apenas uma excepção a considerar: a Espanha, que, depois da Republica, tem tido o cuidado de nos enviar para cá os seus melhores diplomatas, com a missão de nos estudarem rigorosamente e rigorosamente acompanharem todas as evoluções da nossa politica. E' assim que se explica o conhecimento perfeito que o seu soberano possue de todos os nossos problemas e a colonia espanhola de Lisboa está cuidadosamente organisada.

O proprio embaixador do Brasil, que é, pela sua categoria o chefe do corpo diplomatico, apesar das afinidades da raça, da profunda amisade que liga os dois paises, da comunidade de interesses, emfim, acompanha a uma certa distancia, as nossas coisas e os nossos homens.

Ora, mr. Dieschener, foi uma excepção. Conheceu-nos, viu-nos bem, dedicou-nos sempre o interesse da sua inteligencia e do seu carinho. Dahi a saudade de «O Mundo» é a nossa.

O presidente Harding

O seu estado é considerado muito melhor

NEW YORK, 1 — Todo o povo americano se emocionou profundamente com o boletim enviado de S. Francisco, em que se dizia que o estado do presidente Harding era muito grave. Depois foi comunicado outro boletim mais tranquilisador, assinado pelo brigadeiro general Shaw, medico do presidente, em que se dizia que o doente tinha passado a noite tranquilamente e que isso parecia garantir as suas melhoras.

O presidente Harding dormiu seis horas, acordando bem disposto e pedindo os jornais da manhã, nos quaes leu os relatos da sua doença. Mrs Harding não tem abandonado a cabeceira do doente. Os comunicados dos cinco medicos que tratam do presidente são agora muito tranquilisadores, mostrando que o coração está muito mais levantado, o estado geral do doente é muito melhor e que se pode ter todas as esperanças no salvamento do presidente. — R.

Dr. Lopo de Carvalho

Este eminente especialista de doenças pulmonares, recomenda a «Fibro ... na sua clinica, a qual já era tambem recomendada por ser o notavel sisioterapeuta, saudoso director do sanatorio da Guarda.

OS VERMELHOS

Assalto a um "camion" para libertar

os implicados na explosão de bombas da C. G. T.

O plano, porem, não chegou a ser posto em pratica

As organisações secretas dos comunistas e dos sindicalistas não exercem a sua acção lançando apenas bombas e praticando atentados pessoais. Como dispõem de gente para tudo, tem «comités» organisados para o exercicio de varias funções. Uma das coisas que os preocupa — ou porque esses individuos lhes fazem falta ou porque a descoberta dos seus crimes pode comprometê-los a todos — é a libertação dos presos, nos quaes «A Batalha», modestamente, continua chamando presos por questões sociaes — qualquer que sejam os seus delitos. E é sabido que muitos deles têm numerosas prisões por crimes comuns de varia especie. A bitola criminal da «Batalha» é, porém, tão condescendente, que não faz distinções.

* * *

Os «comités» para libertação de presos são varios e um deles, o do Limoeiro, composto por Manuel Romos, Arsenio Filipe e Canha, deu ordem a um grupo de 9 camaradas de cá de fóra, para raptarem Raul dos Santos, Carlos Simões e José Agostinho das Neves, quando eles fossem transportados do Limoeiro para o forte de Monsanto. Estão implicados na explosão de bombas no edificio da C. G. T. e, naturalmente, impõe-se a sua libertação...

O plano do assalto ao «camion» que devia transportar os presos estava elaborado cuidadosamente, tendo-se considerado a necessidade de matar os guardas que acompanhassem os presos. Não se admitia a hipotese de não haver resistencia; — foi-se logo ás do cabo...

* * *

No dia da transferencia dos presos arranjaram os assaltantes um automovel branco, grande, cujo «chauffeur» é gordo. Meteram-lhe dentro cinco espingardas e dois camaradas tomaram logar. O automovel seguia o «camion» dos presos e atraz daquele seguia ainda uma «side-car» com outros individuos e cinco pistolas.

A certa altura, porém, o «chauffeur» do automovel deu pela coisa e quiz reagir. As ameaças choveram e o homem teve que prosseguir.

O rapto porém, não se consumou: os raptores tinham-se esquecido dos percutores das espingardas e com os tres presos que lhes interessavam seguiam mais dois com destino á Penitenciaria. De nada serviu o plano do rapto pacientemente organisado, porque uma pequena imprevidencia estragou tudo. Foi, de certo, a falta dos percutores que impediu mais esse crime, porque os outros dois presos podiam muito bem ser libertados. Eram mais dois!

* * *

Isto passou-se ha dias e, tanto o auto como a «side-car» foram vistos pelos tripulantes do «camion», pelo pessoal de Monsanto e por um taberneiro de Monsanto conhecido pelo «Pão de milho».

Não se poderá dizer, por consequencia, que se trate de uma *fita*. De resto, o expediente deve ter os seus cultores em Portugal, sabido, como é, a tendencia que temos para copiar o estrangeiro. E lá fóra este processo está sendo muito usado.

Depois de os presos darem ingresso no forte, os seus pretendidos libertadores recolheram a uma cova das imediações, onde, depois de lamentarem o insucesso, tomaram deliberações que, mais tarde ou mais cedo e depois de convenientemente ponderadas, virão a ser postas em pratica.

Um avião americano

caiu esta tarde ao Tejo

O cruzador americano «Richemond» traz u bordo dois aviões que são lançados no ar por meio de catapultas, que giram numa plataforma como os tubos de lança torpedos. O comandante do «Richmond» conseguiu das autoridades portuguesas, licença para que os aviões voassem durante a tarde de hoje sobre a cidade.

A's 15 horas começaram a fazer-se todos os preparativos para o vôo, verificando-se que os aparelhos se encontravam em bom estado, não carecendo de quaesquer reparações.

Imediatamente foram dadas ordens para os aviadores levantarem vôo.

Quando, porem o primeiro aparelho começava a elevar-se para o ar, o motor sofreu uma avaria, indo o avião cair ao Tejo.

Logo foram tomadas todas as providencias para evitar qualquer desastre pessoal, que felismente não chegou a haver.

No cais da Ribeira, Santos, Jardim das Albertas e Alto de Santa Catarina estacionava grande numero de curiosos, ansiosos de verem voar os aparelhos americanos.

A SITUAÇÃO BANCARIA

O numero de bancos, que em 1858 era de 3, subindo até 1889 para 41, era de 30 em 192...

Pela Direcção Geral de Estatistica acaba de ser publicado um interessante volume relativo á situação bancaria em Portugal nos annos de 1920, 1921 e 1922. Do relatorio que abre esse trabalho, e assignado pelo actual director geral de Estatistica sr. Victorino Godinho, transcrevemos os trechos que seguem:

«As perturbações de ordem economica e financeira resultantes da conflagração europeia trouxeram um movimento febril no comercio bancario, multiplicando-se por toda a parte o numero de casas bancarias, fenomeno que tambem teve entre nós, como não podia deixar de ser, a sua repercussão. Deve porem notar-se que o numero dos Bancos propriamente ditos não aumentou tanto como geralmente se supõe; e, pelo que se passa em Portugal, pode dizer-se mesmo que esse numero se encontra reduzido. De facto, o numero de Bancos em 1858 era de 3 (entre os quais o Banco Comercial do Porto, hoje o decano); este numero que aumentou rapidamente, atingindo em 1875 o maximo de 51, baixava para 41 em 1889, com o capital realisado de 52.647 contos; hoje existem apenas 30 Bancos, tendo porem o capital subido para 142.520 contos. Isto mostra que, a pouco e pouco, os pequenos Bancos, como que «ejeitos a uma lei biologica», foram absorvidos pelos organismos bancarios mais poderosos que, como contrapartida, para melhor corresponderem aos seus intuitos e realisarem as suas funções, teem multiplicado as suas agencias e filiais; e, se considerarmos estas e todos os estabelecimentos de comercio bancario, que por lei não são designados Bancos, podemos dizer que na verdade se nota nos ultimos anos um progresso apreciavel no que respeita ao numero de casas bancarias, o que se traduz numa incontestavel comodidade para as exigencias do publico que a elas precisa recorrer, e mostra tambem que a sua educação economica se vem formando no sentido de reconhecer as vantagens de uma boa e adequada organisação bancaria. Mas estamos ainda longe de atingir a proporção de alguns paizes: na Suiça, onde o sistema bancario se amoldou perfeitamente ás necessidades especiais da politica economica do povo, alcançando um desenvolvimento relativo que outro paiz não iguala, existe um estabelecimento bancario, agencia ou sucursal por cada 1.300 habitantes; em França esta proporção é de 1 para 6.700 habitantes aproximadamente.

O total dos fundos proprios, capital e reservas, dos estabelecimento de credito mencionados neste relatorio e o grafico da sua evolução nos ultimos quatro anos, acusa um progresso que não é licito atribuir unicamente á desvalorisação da moeda, mas significa tambem que a industria bancaria se intensificou de certo modo; esse total, que em 1919 era de 149.266 contos, subiu em quatro anos para 254.531 contos. Por outro lado, vê-se que as contas credoras passaram de 433.256 contos em 1919 a 720.4... contos em 1922 e as devedoras, no mesmo periodo, subiram de 591.000 contos para 1.205.007 contos; este facto constitue tambem um indicio do que os Bancos, de uma maneira geral, vêm procurando completar a sua missão, mobilisando, como lhes cumpre, a fortuna publica, para que ela possa criar e desenvolver actividade em beneficio da economia nacional. A verdade é que, hoje, muitos estabelecimentos de credito, em todos os paises, não se limitam apenas á tradicionais funções bancarias de deposito e desconto e alargam a sua esfera de acção, participando no financiamento de grandes empreendimentos; estabelecem para isso, como regra e medida de acertada precaução, o entendimento e associação entre diversas casas bancarias e grupos formando «trusts» e sociedades financeiras, que é uma das caracteristicas da expansão das modernas organisação bancarias.

A constituição de reservas sólidas é uma das condições de prestigio da instituição bancaria, que, sob este ponto de vista apresenta entre nós uma situação aceitavel; o capital dos Bancos aumentou nos ú imos quatro anos de 76,7 por cento ao mesmo tempo que as reservas aumentaram 49,6 por cento. A cotação das acções tambem subiu consideravelmente e a fixação de dividendos, que com estes se acham em intima ligação, talvez nem sempre possa ter sido feita em harmonia com as melhores normas administrativas, que exigem um juro baixo, o que, como é sabido, contraria grande numero de acionistas que julgam servir melhor os seus interesses com dividendos elevados, sucedendo-se este facto em épocas em que, como a actual, que representa o resultado de um formidavel incendio, não é facil refrear a tendencia para o luxo excessivo e despezas inuteis, para toda a sorte de desperdicios.

Obtemos porque este periodo ... sido e ainda será muito conveniente, por que os fenomenos que ... se produziram e estão produzindo se afastam da normalidade por motivos bruscos, que o exame de seus anos, como estes, obriga ás maiores reservas nas suas conclusões, que só podem pecar por erros grosseiros.

A propriedade literaria

Os paizes ibero-americanos vão reunir em Madrid

Enrique Garcia Veloso, aplaudido auctor dramatico argentino, escreveu para Madrid a Ramon Gomez de la Serna, propondo a realisação na capital espanhola de um grande congresso de escritores hispano-americanos, a fim de se assentar nas bases de um regimen comum sobre propriedade literaria e artistica.

Ao mesmo tempo que a carta da Garcia Veloso era escripta, iniciava a Associação dos Escritores, de Madrid, negociações junto do Ministerio dos Estrangeiros para uma Conferencia oficial, de representantes de Estados, na qual participariam, visto ser Ibero-americana, Portugal e o Brasil.

E' inutil encarecer o alcance dessa reunião, tanto mais que ha a resolução firme de tornal-a pratica, sem a oratoria do costume em assembleias de classe.

Apesar de todas as convenções e de todas as leis de propriedade literaria e artistica, os auctores continuam á mercê de editores gananciosos, que, sem pagarem um centavo de direitos, vendem as suas obras largamente.

Sabe-se o que sucede a muitos dos nossos auctores no Brasil, que é o mesmo que sucede aos auctores espanhois na Argentina, no Chile, no Paraguay, etc.

Editores espanhois ha que, traduzindo para a sua lingua livros portugueses, dêles vendem edições sucessivas em toda a America espanhola, com excelentes proventos, sem que os auctores dessas obras tenham recebido até hoje qualquer quantia como de direito.

D'ahi a conveniencia de os escritores portugueses prestarem o seu auxilio á iniciativa da Associação dos Escritores, de Madrid, intervindo no sentido de que os governos portugueses lhes dêem todo o apoio a tão util empreendimento.

A não ser que... achem melhor deixarem-se roubar!

O preço fabuloso do calçado

Antes de usar uma pomada na limpeza do calçado, experimente esta ordem. Se ... rder não a empregue porque contém produtos nocivos. Use a «Ridiol» que não contém aguarraz. Pedidos a Traquino L.dª, R. S. Nicolau, 19.

Os bombistas

Vindo de Oeiras, recolheu hoje ao Governo Civil, tendo sido entregue á policia de segurança do Estado, José Augusto Marques, conhecido como bombista e acusado de ter tomado parte em atentados á força publica.

O Marques tem no cadastro mais de 20 prisões por gatuno e vadio.

ULTIMA HORA

A sindicancia á policia

Os quatro sindicantes já nomeados ainda a não levaram a cabo

Ha sitios flagrantes, que urge reparar

A sindicancia á policia não acaba nunca, arrastando-se interminavelmente, sem que se saiba em que altura aqui está e até que ponto vão as responsabilidades de alguns funcionarios. Ao que parece, começou logo mal. Tendo sido ordenada aos serviços das policias de investigação e civica, a respeito desta não se fez ainda um unico interrogatorio, nem foi ouvida uma unica testemunha. Para mais, tambem logo de começo se estabeleceu a confusão, uma vez que, tendo sido ordenada aos serviços e não aos actos de determinados funcionarios, o que se tem estado a fazer, com a suspensão do director e dos adjuntos, é uma ilegalidade.

Se era feita só aos serviços, o unico responsavel era o director de les, e se era feita ás pessoas, a cada uma delas teria de ser pedida essa responsabilidade, visto que nem o director, nem os adjuntos podem ser acusados dos actos que os seus subordinados pratiquem, embora no exercicio dos seus cargos.

Em janeiro ultimo foram suspensos os chefes da investigação e alguns agentes. Mas logo dias depois era reintegrado o chefe Muntinhes, sem que se soubesse a razão porque saira, nem os motivos por que era reintegrado. Os outros chefes e alguns agentes, sabendo isto, reclamaram, alegando a má situação economica em que os colocava a suspensão, tendo sido atendidos pelo ministro do Interior, que lhes mandou pagar os ordenados em atrazo.

E' claro que os adjuntos, suspensos ha cerca de 10 meses, se julgaram incluidos nesse despacho, mas não sucedeu assim.

O sr. dr. Paiva Sereno, que exercia esse logar, está suspenso desde 29 de julho de 1922. Até 12 de novembro desse ano recebeu apenas os seus ordenados de categoria, deixando, portanto, de lhe ser paga uma parte do ordenado, que foi considerada exercicio, e os emolumentos, ou seja 50 por cento dos seus vencimentos totaes.

Em 12 de novembro de 1922 fez-se a reforma da policia, que foi posta em vigor na parte em que podia lesar aquelles funcionarios. Tendo sido dissolvida a policia de investigação, só foram considerados com ja não fazendo parte dela o sr. dr. Reis Junior e os seus adjuntos, continuando, porém, em exercicio todos os chefes e agentes, sem que fossem novamente nomeados.

Sucede até, que essa reforma exige que os chefes se habilitassem com um determinado curso. Mas nenhum tem esse curso, que nem sequer foi aberto! Factos identicos se deram com habilitações exigidas aos agentes.

Se deste modo se procedeu com todos esses individuos, porque motivo se adoptou para com aquelles funcionarios uma orientação diversa, que se mantem, prejudicando-os á outrance, como que no proposito de afastá-los, embora á custa de uma flagrantissima injustiça?

Já são um numero de quatro os sindicantes. Quando mais virão? E que tempo durará esse inquerito, á volta do qual tem corrido tantos versões e se tem levantado tantos boatos?

Uma mulher

Admiravel pelicula! Poucas vezes os nossos ecrans teem apresentado tão extraordinario trabalho cinematografico, não só pela sua fotografia, das melhores que temos visto, como pelo seu desempenho, em que tanto realça a grande actriz Bella Bianca, uma loira que delicia com o seu talento e entontece com a sua formosura.

O Ignobil que, até ao ultimo acto do surpreendente enredo, está suspenso, emocionado pelo dramatico das scenas, antevendo um desenlace tragico, fica radiante ao ver como a pelicula acaba, cheia de amor, de regosijo e de felicidade.

«Uma mulher» tem seis actos e deve levar ao Salão Central, Lisboa em peso, pois é uma verdadeira lição para todas as mulheres, que no famoso pelicula tecem muito que admirar e aprender.

Será tambem exibido o lindo drama em sangue e fogos, cerca artistica do eximio actor americano Hoot Gibson, bem como o «Actualidades Gaumont», com os mais recentes acontecimentos mundiais, e o «Vermelho e Azul» o chauffeur, que nos dá uma série de peripecias bem realizadas e de um comico irresistivel.

O sr. ministro das Finanças abandona a sua pasta?

«Com cento e cincoenta mil contos de «dificit» ninguem pode manter-se. Eu sei o caminho que tenho a seguir»

O sr. ministro das Finanças anunciou ha dias o proposito em que se encontra de abandonar a sua pasta. E invocava a proposito todos os dissabores que tem sofrido com a excessiva morosidade da acção parlamentar. Parece na verdade, que o Congresso se encontra decidido a contrariar o sr. Victorino Guimarães que é hoje considerado um dos melhores e um dos mais seguros valores com que a Republica conta.

Ainda no começo do mez passado s. ex.ª teve ocasião de apresentar suas queixas, por si e pelo paiz que não deixa de sofrer e fortemente, com os desvarios e com os descuidos dos seus representantes.

O Parlamento deixára impensadamente o ministro das Finanças sem os meios legaes necessarios para cobrar receitas e para pagar despezas.

Simples descuido? Como tal o tomou o sr. Victorino Guimarães que, sendo um espirito conciliador e prudente não deseja colocar os seus colegas em embaraços.

O caso passou. E a Camara reincidiu não dando atenção aos pedidos do sr. ministro das Finanças e embrenhando-se em discussões de questiunculas politicas de toda a especie.

* * *

Porque se demite afinal o sr. Victorino Guimarães? Porque lhe não votaram as medidas que ele reputa necessarias e indispensaveis para governar.

Hoje á saida da reunião do grupo parlamentar democratico, conseguimos saber, da propria bôca do ministro, os motivos que o levam a deixar o Governo.

— As noticias dos jornaes? perguntamos.

— São verdadeiras.

— Em tudo?

— Necessariamente. Ha muito tempo que eu venho chamando para este caso gravissimo das nossas finanças publicas a atenção de todos aquelles que podem e devem prestar-lhe a sua atenção. Não consegui ainda nada. Vejo, portanto que estou pregando no deserto. Ora, evidentemente, semilhante situação não me serve.

— A Camara fecha?...

— Na segunda-feira. Até lá não é facil que votem aquilo de que eu tenho absoluta necessidade que seja votado.

— E nesse caso?

— Olhe nem eu, nem ninguem pode manter-se com 157 mil contos de *déficit* e 50 mil contos para funcionalismo. Isto é intuitivo. Ninguem pode manter-se assim Que logem juizo...

— E v. ex.ª?

Resposta do sr. Victorino Guimarães numa grande decisão.

— Eu sei muito bem o caminho que tenho a seguir. Esse caminho seguí-lo-hei, custe o que custar.

«Não me quizeram ouvir. Agora parece-me que é um pouco tarde.»

Como o leitor vê, a resolução do sr. Victorino Guimarães parece inabalavel.

Sindicalistas portugueses

ás voltas com a policia de Ferrol

FERROL, 1—A policia, sabendo da vinda a esta cidade de dois operarios portuguezes suspeitos de sindicalistas, interrogou-os largamente, declarando eles que vinham contractados pela Patronal.

Provou-se, porém, que estas afirmações não eram verdadeiras, pois os dois sindicalistas, pertencentes á Confederação Geral do Trabalho Portugueza, vinham, ao que parece, encarregados de persuadir alguns trabalhadores seus compatriotas que aqui se encontram a abandonarem o trabalho, regressando a Portugal.

A viagem ser-lhes-hia paga pela Confederação Geral.—(R.)

Ha poucos dias a Federação da Construcção Civil recebeu uma comunicação da Associação de Classe dos Canteiros e Pedreiros de Viana do Castelo, informando-a de que por oficio da organização operaria do norte de Espanha, sabia terem-se declarado em greve geral os operarios da construcção civil de Vigo e de Ferrol.

Recebida essa comunicação, «A Batalha» publicou uma prevenção aos operarios da construção civil para que não fossem para ali trabalhar, comprindo assim — diz a local — com o seu dever de solidariedade.

Ao que parece, o apelo não deu os resultados ambicionados e d'ahi a ida a Ferrol dos delegados da C. G. T., ou outros, que agora es ão naquela cidade espanhola a contas com a policia.

Procurámos informar-nos do conjunto de dirigentes da Construção Civil, que nos disseram não ter a sua Federação, nem a C. G. T. enviado qualquer emissario a Espanha. E acrescentaram:

—Do Lisboa e do sul do país, onde o operariado tem alguma noção da solidariedade, temos a certeza de que nenhum nosso camarada foi furar a greve dos espanhois. No norte, porém, a classe conta elementos atrazados, sendo possivel que os sindicatos de Viana e de toda a provincia do Minho se tenham visto na necessidade de exercer pressão para evitar a ida de operarios para Vigo e Ferrol, os quaes ou mesmo enviado ali delegados.

«E' provavel que alguns portuguezes fossem contractados pela Confederação Patronal de Espanha para «furar» a greve, não sendo tambem menos certo que entre os nossos confederados ha alguns que não teem a menor ideia dos seus deveres.

Nós ainda não temos informação alguma sobre o assunto, nem de Espanha, nem do sindicato de Viana, é por isso nada sabemos.»

O CAMBIO

A libra fechou hoje a 114$00 e 116$00 Esc.

O que vae pelo mundo

Grandes temporaes na America do Norte

BALTIMORE, 1 — Uma grande tempestade acompanhada de grande chuvada fez com que houvesse grandes cheias no rio Patapsco tendo sido arrastadas as pontes e arruinados alguns edificios das margens, ficando muitas familias sem lar, causando prejuizos na importancia de varios milhões de dollars.

A cheia invadiu varias manufacturas e centraes electricas, tendo destruido todo o maquinismo. Ficaram tambem destruidas grandes extensões de linha ferrea. Na condado de Carroll centenas de casas ficaram completamente submergidas e em Sykesville, Woodbine e outras cidades ficaram muitos edificios danificados. —(R.)

Rotschild e os tribunais inglezes

LONDRES, 1—Os tribunais inglezes registaram o pedido feito pelo ex-banqueiro austriaco Eugenio Rotschild que solicitou que fosse levantado o embargo a bens seus proprietades na Inglaterra por isso que atualmente era cidadão da Tchecoslovaquia. Esta decisão dos tribunais é muito importante porque são pendentes muitos casos identicos.—(R.)

O acidente do Caminho de Ferro de Kreiensen

LONDRES, 1 — Já morreram 47 individuos victimas do acidente ferroviario de Kreiensen. 24 não estão ainda identificados. — (R.)

Desmobilisação Turca

CONSTANTINOPLA, 1 — Foi dada a ordem de desmobilisação, devendo apenas ficar tres classes nas fileiras. A noticia foi recebida com regosijo. — (R.)

Eleições no estado livre da Irlanda

DUBLIN, 1—O sr. De Valera vae se apresentar como candidato republicano pelo condado de Cavan nas proximas eleições do Estado Livre.—(R.)

Ataque á residencia dos operarios mundiaes

NEW YORK, 1 — Cincoenta individuos de Hoboken atacaram a residencia internacional dos operarios mundiaes arreando a bandeira vermelha que fluctuava nela queimando-a e hasteando em seu logar a bandeira americana. Feito isto dispersaram-se rapidamente. — (R.)

A's 18 horas

Foi prorrogado até 3 do corrente o prazo de concurso para provimento das vagas existentes no quadro geral de professores agregados dos liceus, sendo excluidos, sem outro aviso, os concorrentes que até áquela data não apresentarem os documentos em ordem.

Tarde politica

O partido democratico e a eleição presidencial—A dotação do Presidente da Republica

Reuniu o grupo parlamentar democratico para se ocupar da eleição presidencial. Depois de breve discussão procedeu-se a um escrutinio que deu o seguinte resultado, indicativo do sufragio geral daquele lado das camaras:

Teixeira Gomes, 52 votos; Bernardino Machado, 9; Magalhães Lima, 2; Duarte Leite, 1; Augusto Soares, 1.

Sensivelmente o sr. Teixeira Gomes em primeiro escrutinio reunirá cerca de dois terços da votação.

O sr. Duarte Leite, que obterá no primeiro escrutinio a quasi totalidade dos votos nacionalistas e alguns independentes, reunirá cerca do terço restante.

O sr. dr. Bernardino Machado obterá, nas melhores das hispoteses, no primeiro escrutinio, 20 por cento da votação democratica, com alguns votos independentes.

Como tudo indica que aqueles dois agrupamentos politicos não chegarão a acordo, ir-se-hia até ao terceiro escrutinio com os dois nomes mais votados, devendo triunfar o candidato da maioria democratica.

Não teremos, porém, que nos surpreender se assim não acontecer. E' da historia das eleições presidenciaes.

A maioria democratica ha-de ponderar que seria desastroso para a politica nacional que o chefe do Estado fosse eleito apenas por um partido.

Como, porém, a transigencia se impõe a ambos os grupos, não seria muito de surpreender que surgisse o «tertius gaudet», que seria... evidentemente, o sr. dr. Bernardino Machado.

Mas aguardemos o dia 5 de Agosto.

* * *

Começou a discussão na especialidade do projecto de lei que eleva a 24 contos, ouro, a dotação do Chefe do Estado.

Espera-se que triunfe a alteração do sr. dr. Vasco Borges, que é do seguinte teor:

Art. 1.º — E' fixado em 15 contos o subsidio anual do Presidente da Republica.

Art. 2.º — Para despesas de representação será abonada ao mesmo Presidente a verba anual de 6 contos.

Art. 3.º — A's quantias verificadas nos artigos anteriores será aplicado o disposto no artigo 2.º da lei 1452, de 2 de Julho de 1923.

Obras de fomento

Comunicam-nos que na entrevista que publicamos com o sr. Afonso de Lemos sobre o destino dado aos 40.000 contos autorisados para obras de fomento, ha uma parte que merece rectificação. A ponte sobre o Sado não é construida por conta daquela verba, como diz o ilustre senador, mas por conta das reparações devidas pela Alemanha, tendo-se para esse fim celebrado apressadamente, com uma casa de Lisboa, um contracto deploravel.

Inquilinos e senhorios

A sr.ª Maria Augusta de Lima vive em umas pequenas dependencias do 1.º andar da casa que na rua da Esperança, ao Cardal, tem o n.º 44 e que está arrendada á sr.ª D. Maria Candida de Almeida. Pagava esta dama pelo 1.º andar que alugou 40$00, tendo o senhorio exigido mais 10$00, que ela pagou. E' claro que imediatamente ela, por seu turno, impoz aumentos ás pobres criaturas que lhe alugaram os quartos, fazendo-o de tal modo, porém, que desses arrendamentos cobra nada menos de 175$00. Como a sr.ª Maria de Lima não estivesse hoje disposta a pagar-lhe mais os 10$00 que ela lhe exigiu, foi insultada e ameaçada de expulsão, embora tenha nas dependencias alugadas moveis seus.

Todos os dias aparecem criaturas gananciosas deste teor, tornando-se, por isso, cada vez mais urgente por as pobres criaturas que alugam quartos ao abrigo das ambições dessas pessoas.

Parlamento

Nos Deputados

Aprovaram-se varios projectos de lei

A' hora a que habitualmente costumam iniciar-se os trabalhos a maioria encontra-se reunida num dos gabinetes do edificio a trocar impressões acerca da eleição presidencial.

Na sala das sessões veem-se apenas nacionalistas e monarquicos, que protestam contra a demora em se fazer a chamada e como os clamores chegam até junto dos democraticos, estes aparecem e a contagem realisa-se, sob a presidencia do sr. Afonso de Melo, respondendo 51 deputados.

O sr. Fausto de Figueiredo, junto de quem a mesa efectivo, dirige-se a palavra o seu regresso aos trabalhos parlamentares, já se encontra na bancada dos independentes.

Aprovada a acta, o sr. Vasco Borges requereu que se discutisse imediatamente o projecto que concede uma pensão á actriz Angela Pinto.

Rejeitou-se, mas depois aprovou-se, entrando o projecto em analise.

O sr. Mariano Martins declarou não concordar com ele visto haver outros relativos a pessoas com relevantes serviços prestados á patria e que ainda não foram votados.

Sem mais reparos, aprovou-se, porém, a pensão, que é de 100 escudos mensais, com direito ás melhorias. Em contra-prova, requerida pelo sr. Cancela de Abreu, voltou a aprovar-se.

O sr. Velhinho Correia perguntou-se estava na meza uma representação de interessados na questão dos Transportes Maritimos do Estado, respondendo o sr. presidente que não, que não foi recebida por não estar devidamente selada e por conter expressões ofensivas para o Parlamento.

Então, o sr. Velhinho Correia disse que essa representação foi recebida no Senado e pediu que o presidente desta Camara a endereçasse ao poder judicial.

O sr. presidente disse que cai chamar para o caso a atenção do seu colega do Senado.

O sr. Lucio Martins requereu, aprovando-se, a imediata discussão das emendas do Senado ao projecto que confere regalias aos mutilados da guerra, votando-se as emendas.

O sr. Pedro Pita chama a atenção do sr. ministro do Comercio para assuntos da sua pasta, e o sr. Carvalho da Silva reclamou que se faça a eleição duma junta de freguezia no concelho de Oliveira do Hospital.

A requerimento do sr. Bartolomeu Severino, entra em exame um projecto isentando de contribuições e impostos todos os clubs de sport, dizendo o sr. Cancela de Abreu que deve ser ouvida a comissão sportiva.

O sr. Joaquim Gonçalves apoiou o documento, que se aprovou sem qualquer alteração.

O sr. Ministro das finanças envia para a meza uma proposta tornando a extensiva á colonia de Moçambique a autorisação concedida á colonia de Angola para contrair emprestimos do fomento com a garantia da Metropole, sendo, porem, essa autorisação limitada a 30 mil contos, ouro.

Depois do sr. presidente anunciar que o sr. Fausto de Figueiredo acedeu a voltar ao parlamento, deu a palavra a este parlamentar, que se inscrevera para discutir o aumento de dotação do chefe do Estado.

O orador disse concordar com a razão da proposta, mas entende que a sua formula não prestigia nem o Parlamento nem o regimen.

Falou, em seguida, o sr. Cunha Leal que disse ser de opinião que ao actual Chefe do Estado se conceda desde Janeiro o coeficiente 10.

A sessão continua.

No Senado

Falou-se do sr. Lisboa de Lima e da Exposição do Rio

Antes da ordem do dia do Senado, o sr. Procopio de Freitas instou mais uma vez pela remessa de documentos pelo Ministerio das Colonias.

O sr. Medeiros Franco pediu que seja imediatamente publicado o decreto que concede melhoria de vencimentos aos funcionarios dos governos civis e governadores.

O sr. José Crisostomo protestou contra o facto do sr. Lisboa de Lima ter assistido ao banquete oferecido ao sr. dr. Epitacio Pessoa, desejando saber se s. ex.ª ali foi como particular, se como funcionario publico.

O sr. Julio Ribeiro voltou a referir-se, pedindo providencias contra o facto de estar a funcionar em Pinhel, uma farmacia sem ter a sua proprietaria, uma pessoa habilitada, depois de ter sido selada pela autoridade.

A sessão continua.

A Caminho... da Paz

A Inglaterra continua a estudar

LONDRES, 31—O governo Inglez está examinando as notas recebidas dos governos aliados em replica á nota britanica acerca das reparações.

Não tem transpirado nada acerca do conteúdo e diz-se que delas formação governo inglez.

Espera-se que o sr. Baldwin na Camara dos Comuns e Lord Curzon na Camara dos Lords comuniquem na quinta-feira qual o estado da questão. —(R.)

O sr. Boyden deixa a comissão de reparações

LONDRES, 1—O observador americano sr. Boyden, que vae ser substituido pelo sr. Logan, abandonou a Comissão Internacional de Reparações. O sr. Salvagi Raggi (italiano) que presidia, agradeceu ao sr. Boyden os serviços prestados. — (R.)

Baldwin fala mas... nada diz

LONDRES, 1 — O sr. Baldwin declarou ontem na Camara dos Comuns que as respostas franceza e belga se achavam já em seu poder, mas que não podia divulgar o seu conteúdo em virtude de continuarem as negociações entre os paizes aliados.

Lord Curzon recebeu durante o dia e a noite de hontem, sucessivamente, os embaixadores da Italia, França e Belgica, com os quaes teve longas conversações. —(L.)

Os alemães e os francezes no Ruhr

BERLIM, 1 — A imprensa alemã protesta contra o tratamento a que estão sujeitos nas prisões de Dusseldorf e do Ruhr os alemães que vão responder nos Tribunaes Marciaes, dizendo que os prisioneiros são mantidos durante 30 dias em quartos escuros sustentados apenas a pão e agua e sendo chicoteados e atormentados varias vezes. — (R.)

Atenção

A sociedade anonima ingleza «The Printing Machinery Company Limited», com séde em Londres, deseja conceder licença para o gozo dos seus privilegios de invenção, ou vender as patentes de que é proprietaria:

N.º 6,918, de 1 de Dezembro de 1909, para «aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de chapas estereotipicas para impressão».

N.º 6,981, de 8 de Janeiro de 1910 e respectiva Patente de adição, de 3 de Abril de 1913, para «Um metodo de arrefecimento de estereotipos curvos e os aperfeiçoamentos nos aparelhos que os acabam, arrefecem e enxugam, que o mesmo metodo exige».

Propostas devem ser dirigidas a Henry Hart, 14 e 16 Norwich Street, London.

TAUROMAQUIA

Tourada de Beneficencia no Campo Pequeno

E' amanhã á noite que no Campo Pequeno se realisa a corrida a favor do cofre da Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda. Correm-se 8 magnificos toiros de Roberto & Roberto. Tomam parte na corrida os cavaleiros Simão da Veiga e Antonio Luis Lopes, os distintos amadores bandarilheiros D. Carlos de Mascarenhas, Francisco Oliveira, Mario Luis Lopes, A. Gama Lobo (Veiros), Victor Manuel dos Santos, Artur Alves Ribeiro e os artistas Ribeiro Tomé, Custodio Domingos, Rodrigues Raposo, Fernando Henriques e Jeronimo Pires Flores.

Prestam o seu concurso num grupo de forcados amadores de Santarem, a Sociedade Euterpe de Bemfica e a Banda Artistica de Lisboa e os campinos J. Godinho, Ollario Barreiros e Afonso de Sousa.

FORMATURAS

Formaram-se em medicina, com distinção, respectivamente nas Faculdades de Medicina de Lisboa e Coimbra, os srs. drs. Manuel Morais Fonseca e Oscar Baltazar Gonçalves.

Ha nove anos

Como se iniciou o grande conflicto mundial

O que foi o dia 1 de Agosto de 1914

E' bom lembrar. Todos nós vivemos essa hora amarga de ansiedade e de assombro e estâmos ainda sofrendo as consequencias da barbara agressão premeditada pela Alemanha e levada a cabo ha nove anos.

Como se sabe, o conflito teve por origem o atentado de Serajevo, que os governos alemão e austriaco aproveitaram para redigirem um ultimatum á Servia, em termos tais que este paiz se recusou terminantemente a aceital-o.

O primeiro arremesso da Austria contra os servios fez intervir a Russia, que encetou logo pela sua frente a Alemanha. O Czar Nicolau ordenou a mobilisação, mas logo o Kaiser o intimou a parar, sob pena de mobilizar tambem.

O militarismo germanico manobrára bem os cordelinhos. Na ancia de provocar o conflagração interrogou a França sobre a sua atitude, como aliada da Russia, mas fê-o com tão violentas expressões, que se julgou iminente a saida imediata do embaixador francês em Berlim.

Foi hoje nove anos, a Alemanha declarou a guerra á Russia; a Belgica, ameaçada de uma invasão, ordenou a mobilisação, suspendendo todos os comboios para a Alemanha.

A Inglaterra, manifestando o proposito de se manter neutra, perguntou ao embaixador alemão em Londres se a neutralidade belga seria repeitada, respondendo-lhe aquele diplomata que não tinha qualquer indicações do seu governo.

Por seu turno, a França fez afixar editais decretando tambem a mobilisação geral.

No entanto, a Alemanha, que estava mobilisada desde 25 de julho, e antes de qualquer declaração de guerra, invadiu a fronteira franceza em Briey e em Longwy, abrindo fogo sobre os funcionarios de um posto alfandegario francês, sem que estes fossem dirigido avisavam sobre territorio de França.

Ao norte, 100.000 alemães invadiam á mesma hora o Luxemburgo, em direção á Belgica.

Foi o inicio da grande tormenta. Os acontecimentos precipitaram-se em 24 horas, pondo toda a Europa em armas.

Dois dias depois, a Alemanha revir-se deliciada na sua obra diabolica. A guerra começara a alastrar, a correr o primeiro sangue, e fez a 4 longos anos de heroismo e de torturas, de morticinios e de lagrimas.

E' bom recordar a quem cabem as responsabilidades da tremenda situação que o mundo atravessa, para que a piedade, que nem sempre é oportuna, não nos domine.

A tenaz, constante propaganda que em seu favor a Alemanha está fazendo em todos os paizes, para se escusar a cumprir o tratado de Versailles, é uma manobra, que precisa de ser atentamente vigiada.

O espirito do chanceler Bethmann Hollweg paira ainda na Alemanha. Como o tratado de neutralidade da Belgica, o de Versailles não passa para os alemães de um farrapo de papel.

Não o esqueçamos hoje, em que se completam nove anos sobre o inicio da mais barbara e sangrenta guerra que a megalomania de um homem, apoiado pela selvageria de todo um povo, desencadeou no mundo.

QUESTÕES MINIMAS...

O CULTO DA AVE

DEFENDAMOS OS GRANDES OBREIROS DO CAMPO, COMPANHEIROS DA ENXADA E AMIGOS DO SOL — —

PALAVRAS DO AGRONOMO SANTOS GARCIA, PALADINO DAS AVESINHAS

«Portugal é um país essencialmente agricola», «vide» gramatica Epifanio, edição de ha 30 anos, com que os «bambinos» iniciaram a sua carreira de bachareis mais ou menos sabichões.

Afinal, era um conceito que se prendia muito mais com o sujeito e o nome predicativo do que com a cultura dos agricós.

Pois, senhores, neste país essencialmente agricola a maioria do povo dos campos desconhece muitos problemas que lhe interessam maximamente, tendo, de resto, da agricultura noções pouco mais complexas que o patriarca Noé, o qual, pela lição singela dos factos, sabia que as videiras dão uvas, que as uvas fazem vinho e que o vinho produz carraspanas.

«Mutatis mutandis...»

Entre nós muitas questões agricolas passam ainda como infantilidades — e da avicultura em geral, por exemplo.

Em materia de aves uteis, estamos precariamente pela canja de galinha, na perseguição sangrenta das perdizes em holocausto a Santo Humberto, ficando-nos, em capitulo de protecção simpatica, pelos passaros bisnaus, fauna prol'fera e voraz do milho doce dos orçamentos do Estado e da alimentação magra das nossas algibeiras.

Não falamos no papagaio-real, chocarreiro piadista, que faz o enlêvo das meninas pudibundas... e o desespero do «Grupo dos 13», porque é tolassa.

E, entretanto, oh! povo simples das aldeias: as lindas aves que poem nos campos uma nota de terna beleza, espalhando no sol de Deus as suas plumagens bizarras, cantando do alvorecer ao crepusculo junto das vossas enxadas o hino magnifico da Vida e trabalhando afanosamente convosco na poda dos devoradores do vosso trabalho bemdito, essas aves merecem em todo o mundo culto uma protecção enternecida e calculada da gente rural e dos governos conscios da sua missão — como diria o sr. Carvalho da Silva.

* * *

Conversámos sobre o assunto com o ilustrado sr. Santos Garcia, agronomo e paladino das avesinhas.

— E' uma coisa lamentavel a ignorancia do nosso povo sobre a utilidade das aves. Os grandes obreiros que são os passaros sofrem uma eterna perseguição precisamente daqueles a quem mais directamente convinha protegê-los.

Dir-se-ha que vivemos á margem da Europa, esquimaus, papeis ou hotentotes, de olhos esgaseados para as civilisações comezinhas.

Em toda a parte se sabe que o grau de aniquilamento das aves uteis corresponde inversamente o rendimento agricola, pelo desenvolvimento de grande numero de insectos destruidores dos frutos das arvores pomiferas e de outras especies e variedades vegetais.

— Entre nós parece ignorar-se isso. Destroem-se os ninhos, os ovos, as aves, com armas de fogo e com toda a especie de esparrela. Até a moda implacavel não poupa, nos seus caprichos tiranicos, as aves amigas para obter da sua plumagem graciosa decorações para as cabeças tentadoras das elegantes.

Lá fora as classes agricolas e os governos levam a sua protecção até espalhar pelos campos fertelisados e pelas charnecas cruas os ninhos artificiais, os prados proprios, o «habitat» propicio, emfim.

— E ha legislação adequada, não é verdade?

— Legislação e até convenções internacionais, como, entre outras, a de 19 de Março de 1902, á qual se associou o nosso país, que, entretanto, nunca observou as suas disposições, salvo vagamente nos regulamentos de geral.

— Como entende que deveriamos iniciar a propaganda desses conceitos?

— Olhe, por exemplo, o que fazem os professores da França. Semelhantemente ao que se tem feito entre nós com o culto da arvore, faz-se ali no culto da ave. Os professores primarios organisam em todas as escolas as «Sociedades escolares», cujo estatuto tem o fim de promover o amor pelas aves uteis e o seu conhecimento mais intimo.

«Tambem os congressos da especialidade são frequentes, edificando os povos, de modo que a protecção aos passaros pode já hoje dispensar a coacção da lei, visto que está no espirito colectivo.

— E' estranho que nenhum parlamentar português se lembrasse de elaborar uma lei com esse intuito.

— Perdão. Já o fiz eu. Dorme o chamado sôno dos justos lá pelos labirintos do Senado.

— Uma sintese...

— São apenas três artigos que melhor ou peor condensam a legislação congenere dos países estrangeiros.

«Todos os estabelecimentos oficiais, dependentes do Ministerio da Agricultura, ficam obrigados a fornecer aos agricultores das regiões onde esses estabelecimentos exerçam a sua acção os esclarecimentos indispensaveis para o conhecimento perfeito de todas as aves uteis á agricultura, seus meios de protecção e sobre a maneira facil da construção e colocação de ninhos artificiais para cada especie.

«Em todas as escolas de ensino primario elementar serão formadas «Sociedades Escolares», destinadas a promover nos educandos o amor pelas aves uteis e a fazer-lhes conhecer, por processos simples, como devem exercer essa protecção.

«A Direcção Geral de Instrução Agricola deverá organisar os modelos de estatutos, por onde se deverão reger essas «Sociedades Escolares».

«Nem só ao Estado, evidentemente, cumpria a grata missão de tentar essa modificação moral, util e gentil dos nossos costumes. Aos lavradores cultos, e tantos são entre nós, importante papel caberia desempenhar na sua jurisdição pessoal».

— Não nos parece empresa dificil.

— Não é, realmente. Mas os pretores não curam de coisas minimas, como sabe...

* * *

Não sabemos se o leitor deu o seu tempo por mal empregado, seguindo esta apologia amorosa das avesitas.

Nós acompanhámos gostosamente a conversa do sr. Santos Garcia e folgamos de vulgarizar estes conceitos, que, apesar de tão elementares, são até desconhecidos dos sabios da Escritura — pelo visto...

Teatros - Musica - Cinemas

A festa das actrizes

A comissão organisadora da Festa das Actrizes, á frente da qual se encontram as gentis artistas Manuela Pinto Basto, Elisa Santos e Sara Cunha, está recolhendo os ultimos elementos para a organisação definitiva do programa dessa festa, que será conhecido com antecedencia.

Como já dissemos, a comissão tem encontrado o mais entusiastico acolhimento dos artistas dramaticos que se encontram em Lisboa, devendo, por isso, a festa do dia 5 no Jardim Zoologico ser coroada de pleno exito.

Noticiario

Antes de findar, em S. Carlos, a actual temporada da «Companhia Lucilia Simões», e que vae suceder por toda a primeira quinzena do corrente mez, dar-nos-ha, ainda, a «premiere» da comedia em 3 actos de Romeu Coolus e Hennequin, «Amor a quanto obrigas», tradução livre de Vasco de Oliveira. A nova peça tem a seguinte distribuição:

«Marcelo Biroir» Erico Braga, «Adriano Bulin» Joaquim Almada, «Estevão Bulin» Mario Santos, «Galicier» Seixas Pereira, «Leonardo» Salvador Costa, «Lalbarraque» Augusto Conde, «Francisco» Francisco Sampaio, «Madame Forcharás» Amelia Pereira, «Julia Bulin» Hortense Luz, «Victoria Bulin» Maria Sampaio, «Madame Lelorrague» Julia Silva.

— O emprezario sr. José Loureiro que ontem seguiu para o Rio de Janeiro com a Companhia Palmira Bastos, regressará a Lisboa em Outubro proximo, a fim de assistir á inauguração do Teatro da Trindade, cujas obras se prolongarão até essa data.

O sr. José Loureiro tem actualmente em exploração no Rio cinco teatros: o Palace, para onde vai a Companhia Palmira Bastos; o Lirico, onde estão Chabi Pinheiro e Cremilda d'Oliveira; o Republica, onde está a companhia francesa do Bataclan; a Comedia Brazileira com Italia Fausta e o Casino Intarctico, com variedades.

Palmira Bastos estrear-se ha ali no dia 18 deste mez com a «Mamã Colibri» seguindo-se-lho a «Chama» e o «Arroz doce», da Parceria.

O actor comico Nascimento Fernandes representará 15 noites seguidas, ganhando 20 contos.

— Dizem-nos que o nosso colega e escritor teatral sr. Alberto Barbosa está tratando da organisação de uma empreza para levar ao Brazil uma companhia de revista.

— Abre em Outubro, na Avenida da Liberdade, o Music-Hall Liberty.

Reclames

E' hoje que, no Nacional, e em recita da moda, vae ser satisfeita a justa curiosidade do publico, que muito desejava tornar a ver representar a famosa peça pelicial «20.000 dollars». Vel-a-hemos reaparecer no tablado do mesmo teatro, onde já deu 200 representações; assinalando o maior exito que ali se tem registado.

Nesta sua «reprise» os «20.000 dollars» dão largo ensejo a varios confrontos dalguns papeis, visto que a sua distribuição actual é a seguinte:

«Jimy Samson» Clemente Pinto; «Dick» Silvestre Alegrim; «Evens» Jorge Grave; «Fay» Luiz Leitão; «Handlar» Augusto de Melo; «Avary» Joaquim Costa; «Bob Margan» Matos Reis; «Blichandor» Joaquim Oliveira; «Re de Antonio Rodrigues; «Chefe dos guardas» Humberto do Amaral; «O escriturario» Botelho do Amaral; «Miss Rose Fay» Helena de Castro; «Miss Moore» Maria Pia; «Kety» Ausenda Monteiro; «Bobby» Idalina d'Almeida; «A aia das creanças» Sarah Lima.

— A revista «Fado Corrido» continua não encontrando rival, sendo a predilecta do publico que todas as noites enche nas duas sessões o teatro «Maria Victoria» aplaudindo a entusiasticamente.

Hoje, e todas as noites, repete-se.

A INGLATERRA

vae construir seis dirigiveis :: gigantes ::

O governo britanico decidiu construir seis dirigiveis gigantes e submeteu o seu projecto á Camara dos Comuns. Este plano liga-se ao projecto gigantesco, que está ainda em estudo, que é o de ligar rapidamente entre elas, pela via aerea, as diversas partes do imperio britanico.

Se o plano do governo for adoptado, dizem na Grã Bretanha, que ele «abrirá uma era nova de grandes possibilidades.»

O primeiro desses dirigiveis será provavelmente construido em Bedfort.

Poderá transportar 200 passageiros e 11 toneladas de bagagem ou de malas postaes, a uma velocidade de 130 quilometros á hora. O raio de acção será enorme. Com o aprovisionamento de agua e de essencia e a sua equipagem, poderá á velocidade de 65 quilometros-hora, percorrer 38.500 quilometros e demorar nos ares 25 dias.

— Quando demonstrarmos aos passageiros, declarou o comandante Burney, auctor do projecto, que se pode fazer em 5 dias, em vez de quinze, o trajecto de Londres a Bombaim, construiremos as outras aerónaves e estabeleceremos, em primeiro logar um serviço semanal, e mais tarde bi-semanal. tornar-se-ha, sem duvida, a base da partida e da chegada Bedfort.

«Esses balões gigantes permitir-nos-hão, sem duvida, fazer do imperio britanico uma entidade politica e economica, á maneira dos Estados Unidos com as tres grandes linhas ferreas chamadas «Trunk Railways.»

Uma barbaridade

Com vista ao sr. Governador Civil

Na feira do Parque Eduardo VII, aquela feira de beneficencia que funciona sob o alto patrocinio do chefe do districto, existe um café conhecido pelo nome de «Maria do Minho», onde se canta o fado, se fazem duetos, se dançam «malagueños» e se faz... gimnastica... Este ultimo numero é feito por um rapagão e por uma creancinha duns 5 ou 6 anos que durante um bem puxado quarto de hora para ali anda nas mãos brutaes do tal individuo, que de gimnastica apenas deve conhecer o nome.

Ontem, quando acabou aquela barbaridade a pobre pequenina chorava, depois de ter batido duas ou tres vezes com a cabeça nas tábuas do palco, por inepcia do tal gimnasta.

A' porta estava um policia...

Não seria bom que o sr. governador civil, em vez de fazer incidir o seu rigor sobre outros assuntos, desse as suas instruções no sentido de se terminar com tal desumanidade?

OS CONTOS DE "A CAPITAL„

Maria do Carmo

Deu-lhe a consciencia um rebate. Era perigoso. Havia apenas oito dias que ele estava apodrecendo no cemiterio. Que diria o mundo, quando se soubesse! Que diria o seu tio padre, o velho rabugento e gotoso, de coração frio e rude, incapaz de compreender a vida, metido sempre por sacristias, desde os dezoito anos amortalhado nos habitos que ela odiava e o faziam parecer mais alto e mais feio, vagueando como uma sombra, resmungando asperezas e obscenidades. Que diria a tia Leocadia, beata má, sempre disposta a censurar-lhe as travessuras e a garridice, pronta sempre a lembrar-lhe, entre gestos aflitivos de repugnancia ou de terror, estupidamente, hipocritamente, as penas do inferno e as tentações do demonio?

Não. Não. Paulo morrera oito dias antes. Não tinha pena dele: era certo. Aquela morte fôra para ela um alivio. Mas convinha guardar as aparencias, passar os dias na alcova, resignar-se a continuar por mais algum tempo a dolorosissima vida que levava, a representar por mais algumas semanas a ridicula comedia do nojo.

Mal arrefecera ainda o corpo do que morrera. Tudo ali lhe falava dele, desde as janelas fechadas, que davam á casa um ar conventual, tornando-a fria e negra como um tumulo, até aos suspiros dos velhos que em vida o martirisaram; desde a alcova onde lhe pertencera, tremula de medo, e na qual se emparedara, até ao largo jardim que ele cultivava com o cuidado de um profissional, mas tambem com a indiferença de quem cumpre um dever, sem carinho, sem devoção, automaticamente, friamente, imperturbavelmente.

De resto, Paulo fôra sempre bom para ela. Não podia negal-o. Bom, dessa bondade vulgar, que não se traduz em afetos e muito menos em arrebatamentos e audacias, que não satisfaz, nem embriaga, que não canta, não vibra, não comove, que não delicia, nem perturba, mas que é incapaz de um melindre ou de uma ofensa, arrastando-se sempre a mesma, sem violencias e sem lagrimas, monotona e banal, sem a alegria de um desejo mais intimo, sem o calor de um beijo mais demorado, gorgulhante como um veio, luminosa como uma aurora, doce como uma canção.

A culpa, no entanto, não fôra dele. [illegible]cado pelo tio padre, vigiado pela mãe e mal conhecendo do mundo mais do que os moradores da sua rua e o caminho da sua repartição, o pobre rapaz não tinha, não sabia ter coração para mais. Fôra sempre assim, aos vinte anos como aos dez, aos trinta como aos vinte, um pobre diabo atarantado e covarde, lendo os jornaes conservadores e o Almanaque de Santo Antonio e só conhecendo das revistas de ano os *couplets* bregeiros que as sopeiristas cantavam pelos terceiros andares vizinhos. Era aquilo, e, como aquilo era tudo, não havia que exigir-lhe mais.

Tudo o que tinha lho dera, a ela, que ali estava agora a rir-se da sua figura acanhada e triste, do nó incorrecto da sua gravata, do seu chapeu mal posto, da maneira como a levava pelo braço, dos seus risinhos sêcos, das suas falas mansas, da frieza do seu sangue e da luz parada dos seus olhos.

Que responsabilidades lhe cabiam de ser assim? Maria do Carmo compreendia-o bem. Por isso no seu coração não havia, não houvera nunca odio para ele. Enternecia-a, por vezes, aquele todo descuidado e simples, sentia-se satisfeita com aquele amor e deixava que os dias passassem, sempre os mesmos, sempre iguaes, sem um clarão de alegria, era certo, mas tambem sem grandes sobresaltos nem loucuras. E se a magoava o facto de vêr-se só entre aquela gente que lhe era hostil, que murmurava dela, passada a primeira nuvem de tristeza ou de piedade sentia um alivio enorme e respirava melhor, apesar de andar pairando ainda por toda a casa um cheiro nauseabundo da cera queimada e de viver abafada entre as quatro paredes da alcova, que ela desejaria vêr novamente inundada de luz, coberta de flores, impregnada de aromas.

* * *

Fóra, a manhã cantava. E, como se aos seus ouvidos chegasse a voz dos ninhos, entreabriu a janela e viu o sol, os montes, as arvores, maio a rir, as trepadeiras e as rosas, e mais para além, para longe, o ceu alto sem uma nuvem, azul como os seus olhos e as fitas de seda dos seus vestidos. E quedou-se enlevada, presa, como que embebendo-se na musica dulcissima, no cantico de amor que da terra subia para ela. E a cada coisa que os seus olhos iam vendo, mais e mais se adelgaçava a tristeza que a [illegible]mára toda, lhe empalidecera as faces, lhe turbára a alma e pesava sobre o seu coração, na mais dolorosa e tragica das angustias. Ao longe, o mar era como um lago de prata. O ar era puro e limpo. E foi com um sorriso nos labios, com o coração alvoroçado, tremula de medo, mas embriagada de prazer, que abriu toda a janela e se debruçou, bebendo a luz, perturbada e feliz, como no instante maravilhoso do primeiro beijo.

Debruçou-se e ficou. E quando sentiu a alma desanuviada, ergueu-se de novo, olhando de frente a vida. A sua figurinha gentil, banhada de sol, semelhava uma flor. E olhou devagar, quasi sem vêr, as mãos no seio, como num extasi, a bocca mal cerrada, as narinas dilatadas, os braços quasi nus.

E quando deu por si, cerrando de novo a janela, receosa de que a tivessem ouvido, surpreendera-se a cantar, na sua vosita de ouro, alegre como um gorgeio, sonora como um cristal, uma canção em voga...

Havia oito dias que não cantava...

Manuel Caldeira, Limit.

Para todos os efeitos legais se publica que, por escritura de 24 de Julho do corrente ano de 1923, outorgada nas notas do notario desta cidade, dr. José Peres de Noronha Galvão, abaixo assinado, se constituiu entre os srs. Manuel Marques Caldeira, D. Adelaide Ogueia Caldeira e José Miguez Vilan, uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta, para todos os seus actos e contractos, a firma «Manuel Caldeira, Limitada».

2.º — A séde da sociedade é em Lisboa e o seu estabelecimento principal na R. do Mundo, ns. 35 e 39, e R. das Gaveas, ns. 26, 28 e 30, com sucursal na mesma R. do Mundo, ns. 60 e 62, tornejando para o largo da Trindade, ns. 8 e 9, e armazens na R. das Gaveas, ns. 52 e 56.

3.º — O seu objecto é a industria de restaurante e seus derivados, podendo explorar qualquer outro ramo de comercio ou industria mediante prévia deliberação social.

4.º — A sociedade teve o seu inicio no dia 1 de Julho do corrente ano de 1923 e a sua duração será por tempo indeterminado.

5.º — O capital social é de 600.000$00, correspondente á soma das quotas dos socios, que são as seguintes:

Manuel Marques Caldeira... 450.000$00
D. Adelaide Ogueia Caldeira 50.000$00
José Miguez Vilan.............. 100.000$00

§ 1.º — A quota do socio Manuel Marques acha-se integralmente realisada e é representada em parte do activo da sua mencionada casa comercial, que, no valor de 1.600.000$00, desde já transfere para a sociedade e nela põe em comum com todos os seus respectivos direitos e efeitos comerciais, inclusivamente o direito aos citados arrendamentos. A importancia do referido activo que excede o valor da aludida quota, ou seja 1.150.000$00, serão creditados em conta de suprimentos do mesmo socio.

§ 2.º — A quota da socia D. Adelaide Ogueia Caldeira acha-se integralmente realisada em dinheiro já entrado na caixa social.

§ 3.º — A quota do socio José Miguez Vilan tambem é em dinheiro, mas acha-se realisada sómente até á quantia de 25.000$00, obrigando-se o mesmo socio a completar o seu pagamento, tambem em dinheiro, até ao dia 31 de Dezembro de 1924.

6.º — Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que ela carecer, ao juro de desconto do Banco de Portugal, acrescido de 1 por cento.

7.º — O socio que pretender ceder a sua quota a estranhos, terá de a oferecer previamente, em cartas registadas, á sociedade e aos outros socios, com a indicação do nome e morada do adquirente, tendo aquela em primeiro lugar e estes em segundo o direito de a adquirir pelo valor que lhe tenha sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva.

§ unico. — Se a sociedade em primeiro lugar e os socios em segundo declararem não pretender a quota alienanda, ou não responderem, tambem por meio de cartas registadas, dentro do prazo de 15 dias a contar da recepção do oferecimento, poderá a mesma quota ser livremente cedida.

8.º — A sociedade poderá amortizar a quota do socio José Miguez Vilan quando entenda que ele não cumpre os deveres a que fica obrigado por esta escritura.

§ 1.º — O preço da amortisação a que se refere este artigo será o valor nominal da quota, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva, considerando-se feita a amortisação tomada que seja a respectiva deliberação e feito o deposito judicial da sua importancia á ordem do dito socio José Miguez Vilan.

§ 2.º — Deixando de fazer parte da sociedade o socio Manuel Marques Caldeira, caducará «ipso facto» a clausula exarada neste artigo.

9.º — A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas pelo socio José Miguez Vilan, que desde já fica nomeado gerente com dispensa de caução e sem direito a remuneração especial.

10.º — Ao gerente é expressamente prohibido assinar em nome da sociedade actos e contractos que não digam respeito aos negocios sociaes, taes como, abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes, sob pena de, infringindo o disposto neste artigo, perder a favor dos outros socios, metade dos lucros que lhe competirem no ano em que cometer a infracção, sendo alem disso responsavel para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

11.º — Ao gerente é expressamente proibido exercer directamente, associado com outrem ou por interposta pessoa, qualquer ramo de comercio ou industria que não seja em beneficio da sociedade, ficando por isso obrigado a dedicar exclusivamente a favor desta sociedade toda a sua actividade.

12.º — Ao socio Manoel Marques Caldeira, bem como aos seus sucessores na posse da quota, ficam competindo os mais amplos direitos de fiscalisação, que poderão exercer directamente por si ou por pessoa de sua confiança.

13.º — A escrituração da sociedade andará sempre devidamente arrumada e será feita por um guarda-livros da confiança do socio Manoel Marques Caldeira ou de quem lhe suceder na posse da sua quota.

14.º — Em 30 de Junho de cada ano será dado um balanço geral de todos os negocios da sociedade, o qual deverá estar concluido e aprovado dentro dos 20 dias subsequentes.

15.º — Os lucros liquidos, acusados pelos respectivos balanços anuaes, depois de deduzidos 5 por cento pelo menos para Fundo de Reserva Legal até que este atinja a quinta parte do capital social serão divididos da seguinte fórma:

a) — 50 por cento para subdividir pelos socios Manoel Marques Caldeira e D. Adelaide Ogueia Caldeira na proporção das suas quotas;

b) — 50 por cento para o socio José Miguez Vilan.

§ unico. — Os prejuizos, verificados de igual modo, serão suportados na proporção indicada nas alineas a) e b) deste artigo.

16.º — Os socios poderão retirar por conta dos seus respectivos lucros as quantias mensaes que entre si acordarem, mas de fórma que elas sejam sempre proporcionaes ás suas percentagens de lucros.

17.º — A sociedade seguente se dissolve nos casos previstos na respectiva legislação.

18.º — Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios os socios ou extranhos que então forem nomeados, sendo obrigatoria a licitação em globo do estabelecimento social desde que um dos socios o requeira.

19.º — Ocorrendo o falecimento de qualquer dos socios Manoel Marques Caldeira e D. Adelaide Ogueia Caldeira, a sua quota transmitir-se-ha aos respectivos herdeiros ou legatarios, que a poderão dividir entre si como melhor entenderem.

20.º — Ocorrendo o falecimento do socio José Miguez Vilan, a sociedade continuará sómente entre os socios sobreviventes, pagando aos herdeiros e mais representantes do falecido o que este tiver na sociedade, liquidado pela seguinte fórma:

Quanto a capital e fundo de reserva pelo que constar do ultimo balanço geral aprovado;

Quanto a suprimentos pelo que constar da respectiva conta;

Quanto a lucros, do tempo decorrido desde o ultimo balanço até á data do falecimento na mesma proporção dos acusados no referido balanço e correspondente ao referido lapso de tempo.

21.º — Para todas as questões emergentes deste contracto entre os socios, seus herdeiros e representantes, ou entre a sociedade e qualquer destas entidades fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com renuncia expressa a qualquer outro.

22.º — Nos casos omissos regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 28 de Julho de 1923. — O notario, José Peres de Noronha Galvão.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa no seu predio da Rua dos Fanqueiros, n.os 7[illegible] a 278

Dividendo do 1.º trimestre de 1923

São avisados os srs. Accionistas de que por conta do dividendo do corrente ano vai ser distribuida percentagem de 10 %, ou seja 10$00 por acção, cujo pagamento se realisará em todos os dias uteis, das 14 ás 16 horas desde 1 a 10 de agosto proximo, e depois em todas as sextas feiras seguintes:

Em Lisboa na sua séde;

No Porto, no seu deposito, Rua Passos Manuel, 49 a 51.

Lisboa, 30 de Julho de 1923.

Pela Companhia do Papel do Prado, o Director Delegado, a) Antonio G. Viana de Lemos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4446-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA — Quinta-feira, 2 de Agosto de 1923 — Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

PARIS, 2. — O «Journal des Debats» aconselha o governo a não ligar o problema de Tanger que só pode ser resolvido chegando a Inglaterra a acordo com a França, como em 1914 com outros problemas, o que apenas daria em resultado perda de tempo e agravamento das relações entre Inglaterra França e Espanha.—(R)

A questão da Presidencia

Está votada a dotação do novo chefe do Estado.

Excederá ainda em centenas de contos a do sr. dr. Antonio José de Almeida, que vai terminar o seu mandato, depois de um periodo presidencial em que sofreu pela Republica os maiores sacrificios e em que tambem lhe conseguiu dar grandes glorias.

O sr. Antonio José de Almeida, num periodo completo de quatro anos não terá chegado a receber a quantia primitivamente proposta para o novo presidente da Republica.

Oxalá, por pagar largamente, o paiz consiga ser tão bem servido, na suprema magistratura da Nação, como o foi nestes quatro anos!

O que ninguem poderá é desvanecer a significação do que se passou com o sr. dr. Antonio José de Almeida.

Figura prestigiosa da Republica, propagandista admiravel que a enraizou na alma popular, republicano militante de toda a vida, que esteve sempre exposto ás graves represalias politicas, o sr. Antonio José de Almeida era um vulto verdadeiramente nacional, uma gloria do velho partido republicano, como o haviam sido os seus antecessores, escolhidos durante a normalidade do regimen: Manoel de Arriaga, reliquia da democracia portuguesa, um dos primeiros deputados por ela enviados ao parlamento; Teofilo Braga, educador dumas poucas de gerações, republicano toda a vida, coherente sempre com as suas doutrinas, um dos expoentes maximos da intelectualidade lusitana; Bernardino Machado, porventura o primeiro cerebro politico do nosso tempo, admirado e conhecido tanto dentro como fóra do paiz, homem duma energia rara e duma penetração subtilissima, a quem se deve principalmente a maior acção historica de Portugal nos ultimos tempos, como foi a intervenção na guerra europeia.

A Republica Portuguesa está nova. Não pode dispensar os grandes nomes que lhe serviram de égide perante o mundo inteiro. Esses nomes continuam a assegurar-lhe essa égide, e ao mesmo tempo são para a grande massa republicana garantias imprescindiveis duma intima identificação com o seu espirito. Entre esses nomes, o do sr. dr. Antonio José de Almeida era já e continuará a ser um dos maiores.

Numa questão de natureza tão melindrosa como é a da escolha do chefe do Estado para uma Republica, e uma Republica que ainda precisa tanto de se consolidar e prestigiar, não se pode marchar á aventura. Todos nós podemos ter o palpite de que este ou aquele cidadão, elevados a tão alto cargo, desempenharão excelentemente as suas funções. Mas a politica não se faz com palpites. E' uma sciencia experimental, que exige um criterio especial, um grande estudo das questões e um perfeito conhecimento dos homens.

Os chefes do Estado que apontamos conheciam todos, nas suas proprias minucias, o estado da politica portuguesa, as correntes que a norteavam, as principaes reivindicações com que a opinião publica se empenhara. Ainda assim, é possivel cometer erros, e erros graves. Quanto mais, agindo dentro dum meio mal conhecido, e conturbado tantas vezes pelas mais violentas agitações!

Suportou tamanha tempestade o sr. Antonio José de Almeida, o conseguiu vencê-las. Porquê? Sem duvida pelas suas qualidades de caracter e de inteligencia, mas sobre tudo pelo seu grande nome republicano. Tão certo que o prestigio que dessa qualidade advem é a maior, senão a exclusiva garantia, duma presidencia forte e segura.

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

A candidatura Teixeira Gomes e os motivos que a impõem

O sr. Afonso Costa quer viver em paz, sem ouvir falar nos relatorios da sua ação de embaixador ambulante

A guerra á candidatura Bernardino Machado

Fora das duas colunas compactas em que, exaltando as imponderaveis virtudes governativas do sr. Teixeira Gomes, respondo indirectamente ao que temos dito analisando a obra republicana e patriotica do nosso ministro em Londres e o que, portanto, a sua candidatura pode representar, o nosso colega «O Mundo» anuncia para amanhã uma reposta em forma que, aliás, nos parece escusada, porque o seu «fundo» de hoje não é outra coisa. Em todo o caso, regosijamo-nos imenso em fornecer pretexto ao ilustre colega para uma reedição do artigo de hoje, que é notavel como demonstração de disciplina e, sobretudo, como engenhosa criação de um Chefe de Estado modelo, perfeitissimo, capaz de seduzir os mais exigentes. Afinal, o artigo do «Mundo» é a mera biografia imaginaria do sr. Teixeira Gomes; é um Teixeira Gomes — como era preciso que fosse...

Diz o «Mundo» na sua nota que o nosso artigo de ontem parece de antigo Presidente. Cumpre-nos agradecer o alto conceito em que o brilhante colega tem a «Capital», atribuindo-lhe colaboradores do estofo intelectual e do prestigio politico de antigos Presidentes da Republica. E' uma hipotese que nos lisonjeia bastante e que só tem o demerito de ser apenas — hipotese. Com respeito ao artigo do «Mundo», já nós não podemos dizer que ele seja escrito pelo sr. Afonso Costa, sabido como é que o orgulhoso

plebeu refugiado politico de Paris — escreveria demasiadamente peor.

* * *

A importancia da eleição presidencial de agora consiste mais em saber quem obedecerá passivamente á imposição categorica do sr. Afonso Costa, do que em conhecer o homem que ascenderá á suprema magistratura da Nação.

E' curiosa, curiosissima a circunstancia de que depende a eleição do Presidente! O sr. Afonso Costa, lá do seu delicioso exilio de Paris, acena um nome, e, como uma pobre chusma de escravos, os deputados democraticos sufragam esse nome...

Mas sufragá-lo-hão todos os deputados democraticos? Não nos parece. O bonzo de Paris, graças, ao despreso que a toda a hora manifesta por «isto»

pelos seus antigos correligionarios, tem, a pouco e pouco, perdido uma boa parte dos seus fieis.

E' natural que muitos deles, heroicamente, sacudam com orgulho essa tutela deprimente, não votando no sr. Teixeira Gomes, o que equivale a votar contra o sr. Afonso Costa.

E não se dirá que o Parlamento andaria mal se adoptasse semelhante atitude, que só o dignificaria.

O sr. Afonso Costa dispensou sempre — e dispensa ainda hoje — um soberano, um irritante, um intoleravel despreso pelo Parlamento. Tratou-o sempre á chibatada. O chicote de nove rabos com que ameaçava os que não estavam dispostos a acompanhá-lo de cirio na mão, usou-o primeiro para o Parlamento, esse homem que ainda ousa dirigir-se-lhe no tom intimativo com que um senhor ordena aos seus escravos. Para o sr. Afonso Costa, o Parlamento nunca foi mais do que o instrumento servil das suas ambições e das suas arbitrariedades. E ainda hoje, pelo que se vê relativamente á eleição presidencial, o considera do mesmo modo. E o Parlamento terá perdido tão completamente a noção da sua dignidade, que permita mais este vexame?

* * *

Não se diga que o sr. Teixeira Gomes foi imposto pelo sr. sr. Afonso Costa, por ser o homem que, no momento, mais convem ao país. Não é o país que interessa ao sr. Afonso Costa. O sr. Teixeira Gomes é apenas o antagonista que o sr. Afonso Costa contrapõe violentamente ao sr. Bernardino Machado, porque é o sr. Bernardino Machado que o sr. Afonso Costa não quere na Presidencia. Mais nada.

O sr. Afonso Costa escolheu o sr. Teixeira Gomes pela impossibilidade de indicar uma individualidade partidaria, que dificilmente se aceitaria.

O sr. Afonso Costa precisa absolutamente na Presidencia da Republica uma figura anodima, de maleabilidade liquida, de espirito tão superior, tão superior, que não dedique ás coisas da terra a minima atenção... Nestas condições, preocupar-se-ha insignificantemente com a coisa publica — e ainda menos com os trabalhos realizados pelo sr. Afonso Costa na qualidade de presidente da delegação portuguesa á Conferencia da Paz. Ora, é precisamente este ponto que é vital para o sr. Afonso Costa.

O sr. Teixeira Gomes, que andou por lá, por essas mil conferencias da paz, com o sr. Afonso Costa, fez tanto como o misterioso embaixador ambulante. E foi tão notavel a obra dos dois — que o Brasil e a Espanha entraram para o conselho supremo da Sociedade das Nações... e nós ficámos de fóra.

* * *

Ora o sr. Afonso Costa sabe muito bem que o sr. Bernardino Machado, uma vez Presidente da Republica, não desistirá de saber como correram essas coisas lá pelo estrangeiro e o que fez s. ex.ª... O sr. Bernardino Machado surpreender-se-ha não encontrando um unico relatorio pondo o Governo ao corrente do estado das nossas coisas; o sr. Bernardino Machado extranhará, emfim, que, até agora, o sr. Afonso Costa não tenha dado sinal de si — a não ser para a contabilidade do Ministerio dos Estrangeiros.

E, como naturalmente o sr. Bernardino Machado entende que o país precisa saber, embora tarde, como o sr. Afonso Costa defendeu os nossos interesses, insistirá com o nosso delegado cronico ás conferencias da paz, para que nos elucide pormenorisadamente.

E virá a saber mais, o sr. Bernardino Machado... Virá a saber, por exemplo, que a nossa delegação ás conferencias das reparações ficou tão profundamente surpreendida com elas, que só á ultima hora elaborou as suas memorias e os seus planos, baseados em calculos errados e com numeros fantasticos. E indagará porque isto aconteceu, sendo o sr. Afonso Costa, demais a mais, a nossa mais completa cerebração financeira, politica, diplomatica, etc.

Esta certeza apavorá o sr. Afonso Costa — que se defenda, impondo o nome do sr. Teixeira Gomes. Para s. ex.ª o sr. Teixeira Gomes é o Presidente ideal — porque não lhe preguntará pelos relatorios que se tem esquecido de enviar...

* * *

Está é que é a razão primordial que levará, porventura, á Presidencia da Republica — depende de o Parlamento ter esquecido os agravos que o sr. Afonso Costa lhe tem feito — o nosso ministro em Londres. E, como uma coisa compensa outra, o sr. Afonso Costa irá para a legação de Londres, que vai ser elevada a embaixada. Paris não tem já segredos para o omnipotente refugiado politico e o sr. Teixeira Gomes deve-lhe ter falado dos encantos deliciosos da capital inglesa. Aí, o sr. Afonso Costa ficará mais longe desta «piolheira» e não ouvirá os clamores do país reclamando os relatorios...

Já não ha CONFLITO

entre os srs. ministro da França e ministro dos estrangeiros

O conflito entre o sr. ministro dos Estrangeiros e o sr. ministro da França parece ter entrado num caminho de possivel solução. O Ministerio dos Estrangeiros enviou aos jornaes a seguinte nota oficiosa:

«O sr. inistro de França escreveu ante-ontem ao ministro dos Negocios Estrangeiros declarando que tinha sido inexactamente reproduzido nos jornaes o texto do seu discurso pronunciado no Porto, sobre as negociações comerciaes entre os governos portugues e francez, e que eram injustos os comentarios de alguns jornaes a esse respeito. Acrescentava o sr. Bonin que ele estava, como poucas pessoas, em situação de bem avaliar os esforços do ministro dos Negocios Estrangeiros para se chegar a um acordo em que igualmente se atendesse aos interesses dos dois paizes.»

Embora um pouco tarde, a rectificação de mr. Bonin não deixou de vir. Se, porém, o sr. ministro da França o tivesse feito mais cedo, como era para desejar, evitar-se-ia a entrevista dada pelo sr. dr. Domingos Pereira no «Primeiro de Janeiro» e, sobretudo, os periodos que seguem, do seu discurso na Camara dos Deputados, o qual, em todo o caso, teve o merito de, provocando a declaração perentoria do sr. ministro da França, esclarecer o caso, evitando, talvez, que o conflito vá mais além.

Disse o sr. dr. Domingos Pereira na Camara dos Deputados, referindo-se ao discurso de mr. Bonin:

«Referiu-se o sr. Cancela de Abreu ao discurso atribuido ao sr. ministro da França em Lisboa e que teria sido pronunciado no Porto, estranhando que não fosse ainda rectificado até hoje, o que considera grave. Pois está o ilustre deputado monarquico enganado. Ele, orador, imediatamente respondeu a esse discurso, rectificando-o, numa entrevista publicada no «Primeiro de Janeiro», do Porto, e que o «Mundo» transcreveu. Aí teve ocasião de repor a verdade dos factos de maneira a demonstrar que o deploravel discurso do diplomata francez, se os jornaes o publicaram com fidelidade, não devia nunca ter sido pronunciado por estar cheio de inexactidões.»

Quem é o Alto Comissario de Moçambique?

Por enquanto o sr. Brito Camacho não leu o decreto que o exonera desse elevado cargo

O Senado indicou ao sr. ministro das Colonias o nome do Vitor Hugo de Azevedo Coutinho para o exercicio das melindrosas e delicadissimas funções de Alto Comissario em Moçambique. Esse cargo era exercido, como ninguem ignora em Portugal, pelo sr. Manoel de Brito Camacho que foi a Lourenço Marques finalisar uma vida de homem publico irreverente e caustico que, tendo tido fases interessantes na sua carreira de demolidor e de critico, falhou logo que lhe pediram obra construtiva e de realisações. O antigo chefe unionista pura e simplesmente desistiu.

A administração colonial, devido a circunstancias varias, não conseguiu entrar com ela. Voltou mais descrente, mais desiludido, mais amargo do que nunca e intimamente convencido de que entre pretos e brancos, quando se trata de governar, não ha aquelas diferenças fundas que supunha de começo.

E o Senado, que gosa dessa prerogativa constitucional, disse ao sr. ministro das Colonias que a pessoa com todas as qualidades para substituir o funcionario caido era o sr. Azevedo Coutinho.

O sr. Azevedo Coutinho foi eleito. E' uma figura cheia de prestigio no seu partido, tendo ocupado altas situações a dentro do regimen Não houve protestos de maior.

E o sr. Azevedo Coutinho, eleito, poude partir tranquilo para a sua cura de aguas depois de largamente ter conferenciado com o seu colega e querido amigo Rodrigues Gaspar. Simplesmente alguem curioso, dado a bisbilhotices e a raciocinio lembrou-se de perguntar: mas então o Camacho já foi exonerado?

Realmente. A pergunta ainda não havia ocorrido, mas era assim mesmo. Então o velho Alto Comissario já havia sido exonerado para se escolher outro em seu logar?

Murmurou-se em torno do caso. E o caso passou tambem.

Ha, quinze, vinte dias, O sr. Azevedo Coutinho volta da sua estação de cura. E' ele o Alto Comissario, sem duvida. Instala-se no gabinete do Alto Comissariado, recebe, trata, põe, dispõe. E' ele realmente o Alto Comissario que o partido do Governo acata e quer.

Simplesmente o curioso dos raciocinios e das bisbilhotices continua a interrogar: Mas então o Camacho já foi exonerado?

Porque se não foi, temos dois Altos Comissarios. O que é absolutamente, rigorosamente verdadeiro. A provincia que se queixava de não ter á sua frente um homem com categoria para a dirigir e encaminhar os seus negocios tem aí a resposta dos poderes publicos ás suas queixas.

Nem o decreto da nomeação do sr. Azevedo Coutinho nem o de exoneração do sr. Brito Camacho foram publicados.

Estão no Gerez ha dias, ha muitos dias á espera de que os assinem para depois virem, por aí abaixo, até ao «Diario do Governo».

Porque motivo não foram eles ainda assinados? Não o sabemos nós.

O sr. dr. Antonio José de Almeida tem estado gravemente doente e natural é que o não queiram perturbar fazendo com que intervenha de qualquer fórma, até com uma simples assinatura, na marcha das coisas publicas.

E a proposito recorda-nos a declaração terminante feita pelo sr. Brito Camacho áquele que foi seu colega no Governo provisorio e hoje ocupa a mais alta situação no seu paiz.

— Nunca mais lhe falarei, afirmou.

Natural seria que o venerando chefe de Estado não quizesse exonerar uma pessoa que o não conhece.

Mas enfim; seja como fôr a verdade é que os decretos lá continuam no Gerez sem que nós saibamos se legalmente e realmente o Alto Comissario da Republica em Moçambique é já o sr. Azevedo Coutinho, ou se essas funções são ainda desempenhadas pelo sr. Brito Camacho

* * *

E já que estamos tratando do novo Alto Comissario em Moçambique devemos dizer que não são verdadeiras as noticias trasidas a publico sobre as pessoas que o devem acompanhar.

Se as nossas informações não mentem, o indigitado secretario provincial do Interior, almirante Pinto Basto já não irá ocupar esse cargo. Ao que nos dizem s. ex.ª desde que soube que o seu colega na pasta das Finanças seria o deputado sr. Velhinho Correia começou a faser contra vapor, manifestando o seu desgosto e a sua vontade de não seguir. O que, diga-se de passagem, foi visto com extraordinaria simpatia nos centros democraticos onde o sr. Pinto Basto, monarquico confesso, não é pessoa querida.

Quem o irá substituir? Ha naturalmente indicação de varios nomes, alguns dos quaes não lembrariam ao diabo. Nós ainda vamos por que o escolhido seja o sr. Domingos Frias que se tem revelado uma pessoa cheia de tacto e de habilidade nos cargos que tem sido chamado a desempenhar. Outra pessoa cuja ida não é muito bem vista pelos partidarios afectos ao novo Alto Comissario, é o coronel sr. Ivens Ferrão que vai servir como chefe do gabinete. Trata-se de um técnico militar distintissimo mas a quem, dizem, falham todas as qualidades para o exercicio de uma função absolutamente politica num meio que totalmente desconhece.

E depois a sua desistencia, a darse, corresponderia a mais uma vaga, o que não é para desprezar.

Tudo quanto se diga portanto a respeito do pessoal que deve acompanhar o novo Alto Comissario é prematuro. Sobretudo porque o sr. Azevedo Coutinho ainda não foi nomeado e o sr. Brito Camacho ainda nã lêu na folha oficial o decreto que o exonera.

Os comunistas

definem claramente o seu objectivo

A junta nacional do partido comunista portuguez está distribuindo profusamente pelos centros operarios propostas de adesão, em que se resume claramente—de justiça é dize-lo—o programa do novo agrupamento revolucionario. A acção dos bolchevistas portuguezes é, como se vê, continua, não deixando margem para duvidas quanto aos intuitos a que obedecem. E, senão, veja-se o que eles dizem nas propostas referidas:

«O objectivo supremo que o Partido Comunista Portuguez procurará realizar, numa acção revolucionaria, que as circunstancias do meio europeu e nacional tornarem oportuna, é a socialisação integral dos meios de producção, circulação e consumo, isto é, a transformação radical da sociedade capitalista em socied. de comunistas».

A Assistencia Publica

Como é socorrida uma creança em — perigo moral —

Que os serviços da Assistencia Publica deixam muito a desejar, é caso já debatido e, apesar dos provedores se sucederem naquela repartição, facto é que as coisas se não modificam para melhor, como seria para desejar. «A Capital» já por varias vezes se tem referido á falta de auxilio que as proprias estações oficiais encontram na Assistencia e hoje temos a registar mais um caso que brada aos ceus e que mostra as dificuldades em que a Policia Administrativa a maior parte das vezes se vê para remover casos de certa gravidade, que deviam ter uma solução urgente, satisfatoria e sem peias.

Narremos o novo caso: Na travessa do Arco da Graça reside Luiza do Carmo, uma dessas desgraçadas com o nome nos registos policiais e que para maior infelicidade tem dois filhos, um que é marinheiro a bordo de um navio de guerra e outro uma criança de 8 anos. O marujo, tendo conhecimento de que a mãe conservava a pequena em casa, o que é contrario á lei, e não podendo receber a irmã por estar embarcado, pediu providencias ás autoridades, sendo então chamada a Luiza do Carmo á presença do sr. dr. Clemente Gomes.

A desgraçada alegou a falta de meios, as dificuldades em que se via para ter a filhinha numa ama ou na escola e a resolução que então tomara de pôr a criança num pequeno quarto, emquanto exercia a sua triste profissão. Estava bem patente o perigo moral que corria a pequena, motivo porque o inspector da Policia Administrativa resolveu tirá-la á mãe e enviá-la para a Assistencia Publica, que lhe daria o devido destino. Pois essa Assistencia, que foi criada para estes e outros casos, devolveu a pequena para o Governo Civil, alegando não ter vagas!!

Do processo foi, então, tirada uma copia, pedindo-se providencias para o Ministerio do Trabalho, Tutela dos Organismos da Assistencia Publica, cujo director, em oficio muito amavel, declarou não poder ser agradavel ao sr. dr. Clemente Gomes, porque, tendo reclamado para a Assistencia, dali lhe haviam respondido que nada se podia fazer.

Felizmente, uma entidade particular prestou-se a auxiliar a policia, porque de contrario a criança, em perigo moral, iria por certo perder-se dentro em pouco...

Devemos confessar que não ha que esperar melhoria de serviços que até hoje têm andado á revelia, embora custando rios de dinheiro. Emquanto não os modificarem por completo, acabando de vez com o espirito mesquinho e comodista que preside a todos os actos ali realisados, a Assistencia Publica será sempre o que tem sido e de que dâmos hoje mais um exemplo. A pár deste, quantos outros não se darão, que não chegam ao conhecimento publico...

Um acto de justiça

Pratica-o quem atender as reclamações dos pensionistas do Montepio Oficial

As pobres pensionistas do Montepio Oficial não conseguem vêr atendidas as suas reclamações. Como se sabe, dada a desvalorisação da nossa moeda, as magras pensões que recebem para nada lhes chegam. Quanto mais o escudo desce, mais os preços dos generos sobem e como só muito de longe as subvenções que lhes foram arbitradas correspondem ás necessidades do momento, a situação dessas pensionistas é simplesmente angustiosa.

Pois as reclamações que têm pendentes não são atendidas por ninguem, convindo que o sr. ministro das Finanças, que parece estar no proposito de se retirar, pratique antes de abandonar a sua pasta o acto de justiça que representa o deferimento do pedido dessas creaturas. E já não será sem tempo.

Emigrantes portuguezes

NEW YORK, 1 — Foi proibida a entrada nos Estados Unidos a 64 passageiros portugueses do paquete «Vestris», visto os dois paquetes que precediam imediatamente o «Vestris» terem esgotado a quota.—*H.*

As reparações

O gabinete britanico vai falar

LONDRES, 2 — O governo inglez comunicará hoje ao Parlamento britanico a sua atitude em face das respostas francesa e belga ao seu projecto de resposta a enviar á Alemanha.

Lord Curzon falará na Camara dos Lords e o sr. Baldwin na Camara dos Comuns, esperando-se com particular interesse as declarações destes dois homens publicos que dentro do gabinete mais têm trabalhado para conseguir um entendimento internacional.

O primeiro ministro britanico, respondendo ontem, na Camara dos Comuns, ao sr. Ramsay Macdonald que o interpelou sobre as noticias publicadas pela imprensa, declarou que os os jornais nada podem dizer sobre as reparações, pois só depois do debate de hoje o poderão fazer, conforme o pedido formulado pelos aliados. A opinião publica britanica não tem esperança alguma de que seja possivel enviar una resposta comum á Alemanha. Ignorando-se ainda se o governo britanico enviará uma resposta separada e assegurando-se, contudo, em Londres que se esforçará por a fazer de modo que a França nada tonha a dizer sobre o procedimento da sua aliada na grande guerra.

Após longa discussão a Camara dos Comuns aprovou ontem a readmissão de 4 deputados socialistas que haviam sido expulsos temporariamente. — L.

A Inglatera e a França não chegam a acordo

LONDRES, 2 — Não sendo possivel chegar-se a qualquer acordo com a França, o governo inglez resolveu publicar hoje de manhã um livro branco contendo todos os documentos e notas trocadas entre os aliados acêrca do problema das reparações. E' opinião corrente que a Inglaterra enviará a Berlim a replica que tinha sido submetida ao exame dos aliados apesar da Italia desejar que primeiramente fosse resolvida a questão das dividas inter-aliadas. — R.

No entanto, os franceses vão-se pagando

BERLIM, 2 — Ontem os franceses apoderaram-se na Agencia de Newied do Reichsbanck de 40.000 milhões de marcos, tendo-se apoderado tambem de 17.000 milhões em Rasselstein, os quaes eram destinados ao pagamento dos operarios meelurgicos. — R.

QUESTÃO DE INQUILINATO

Ainda o famoso juiz Sousa Teles

As «perfomances» do nosso heroe, quando andou pelas ilhas... Intervenção iminente do Conselho Superior Judiciario

Ficamos na espectativa... armada!

Quanto mais reflectimos na estranha atitude do famoso juiz Sousa Teles mais nos convencemos de que ele não pode ter deixado de pôr a sua influencia ao serviço incondicional duma causa politica. Seria preciso abstrair por completo dos inveterados maus costumes portugueses, nados e criados á sombra da conhecida e incuravel brandura do caracter nacional, para admitir que o juiz Souza Teles—famoso juiz!—ousasse pôr-se tanto a descoberto se não contasse antecipadamente com uma força protectora, que lhe teria garantido a absoluta impunidade. Quando este famosissimo magistrado ousou converter-se em procurador de causas... perdidas supunha, naturalmente, que um acontecimento politico iminente faria talvez taboa rasa das acusações que por acaso contra ele foram formuladas, atendendo á prestação de valiosos serviços, graciosamente ofertados por tão notavel cidadão aos preparativos do novo estado de coisas. Se avalisarmos, com olhos de vêr, a crise que castiga actualmente a sociedade portuguesa não será talvez, muito dificil de adivinhar qual e tanfo com que Sousa Teles contava, qual o dardo salvador que, aliás, não chegou a ser disparado nem, se o fosse, atingiria o alvo... Presentemente fala-se muito em fascismo, num grotesco arremedo ao grito de Mussolini. Será o juiz Sousa Teles — adepto fervoroso do fascismo portuguez? Quererá acaso o juiz Sousa Teles—que famoso juiz!... — desempenhar algum papel preponderante nesse anarquismo de Estado, curiosa modalidade do monarquismo falhado em Monsanto? Ao certo não é possivel sabe-lo. Mas é mais que certo que não pode legitimamente encontrar-se explicação no gesto criminoso do juiz Souza Teles se, antecipadamente, não estivesse seguro, não estivesse absolutamente convencido, duma impunidade infalivel.

Cremos que não pode ser de outra forma. E' verdade—e isso dá que pensar!...—que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios dispõe de grossas quantias, arrecadadas nos seus cofres repletos de ouro e escudos; não deixa de ser certo que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios veria subir enormemente a cotação das suas acções se o gesto de Sousa Teles tivesse exito completo, entregando-se a casa da rua Garret á ambicio-

NOTAS A LAPIS

Leitura nos jardins

Como se sabe, a Universidade Livre, que o ano passado inaugurou no Jardim da Estrela a primeira biblioteca dos jardins publicos, contribuindo por esta forma para a divulgação da leitura para as classes populares — pois durante os 17 mezes do seu exercicio tem tido uma frequencia de 7.017 leitores — inaugura no proximo domingo, ás 14 horas, em S. Pedro d'Alcantara a sua segunda biblioteca.

Constará de mais de 1.000 volumes, tendo sido convidadas varias entidades oficiaes a assistir á inauguração.

Exemplo a seguir

Um telegrama de Londres diz que, em virtude de sir Mallady-Deely, membro do parlamento, ter aberto num dos pontos mais centrais da grande capital ingleza, uma grande alfaiataria em que os fatos para homem se vendem mais baratos 50 por cento do que em qualquer outra parte, todos os alfaiates londrinos tiveram de baixar imediatamente os seus preços.

Ora aqui está um exemplo digno de ser seguido pelos nossos parlamentares, que bem poderiam abrir por essa cidade alfaiatarias, sapatarias e outros estabelecimentos identicos.

O publico teria muito mais a lucrar com isso do que com a oratoria que todos dias se desenvolve nas duas casas do Congresso.

Uma conferencia

GENEBRA, 2 — Pelos fins de Agosto corrente, reunir-se-ha nesta cidade uma conferencia internacional, com o fim de reprimir o trafico de publicações pornograficas. A conferencia, colocada sob os auspicios da Sociedade das Nações, foi convocada pelo governo francez, que dela tomou a iniciativa em 1910. — (R.)

Como se sabe, o ano que corre tem sido fertil em publicações desta natureza e, por isso, fazemos votos para que as resoluções da assembleia sejam estudadas por aqueles que em Portugal teem por dever velar pela moral publica.

Foi mandado demorar seis meses na metropole, a fim de prestar esclarecimentos que se prendem com a administração da Guiné, o administrador daquela provincia sr. Velez Caroço.

— Para cumprimento do legado José Gaudencio Ferreira Cró, está aberto concurso durante o corrente mez para admissão de alunos no Asilo Maria Pia, em Xabregas.

sa Companhia; é indubitavel que a filauciosa manigancia do famoso juiz da Relação de Lisboa não poderia ter sido praticada de graça, embora haja formas varias, umas mais decentes ou habeis que outras, de retribuir tais serviços; tudo isto é assim, mas tambem não pode admitir-se que tais gestos se pratiquem sem que, primeiro que tudo, se garanta a impunidade do juiz venal ou do juiz infractor. Isto é tão simples que não pode deixar de ser acreditado. O contrario seria o absurdo...

Já aqui escrevemos que um juiz deve ser como a mulher de Cesar. Um juiz deve viver numa casa de vidro, por forma que toda a gente lhe conheça a vida incorruptivel. Ainda assim são, felismente, quasi todos os juizes portuguezes. O caso de Sousa Teles é puramente esporadico, sem similar, cremos nós, nos anais da magistratura de Portugal. Mas, por isso mesmo que é um excepção, é forçoso pô-la inteiramente a descoberto, punindo-se para que não venha a servir de exemplo. E' de pequenino que se torce o pepino... Nós confiamos—nunca é de mais repeti-lo!... nós confiamos na integridade moral dos tribunais, que saberão inutilisar o descaramento deste Sousa Teles e de quaesquer outros se, por desgraça, o mal viér a alastrar nesta já tão corrompida sociedade portugueza. Nós estamos convencidos que no caso presente o atentado do juiz Sousa Teles virá a abortar, não só porque foi muito a tempo posto a descoberto, mas tambem porque nenhum magistrado deixará de compreender a impossibilidade de cobrir o falcatrueiro com uma solidariedade, que seria, sobretudo, idiota. Todos nós, cidadãos portuguezes, temos confiança nos tribunais. Mas é de facil compreensão que contra um golpe d'apaches traiçoeiro, ilegal e até criminoso, vibrado por surpreza contra um litigante, por um juiz sem escrupulos, é facilimo de perceber que pode ser impossivel recorrer a tempo aos tribunais superiores afim de que estes inutilisem o atentado. Eis a razão da intervenção de «A Capital» neste caso. E' que o mal podia um dia cahir-nos tambem em casa! O resto não nos interessa. Que, no final do pleito, triunfe um ou outro dos litigantes, que fique vencedora a Companhia de Seguros União dos Proprietarios ou não fique, não é questão que nos apaixone. Sem nos arrogarmos uma competencia juridica que não temos, quer-nos todavia parecer que a justiça e a equidade estão do lado da firma Eduardo Martins & C.ª L.da, que foi demandada sob um pretexto futil e que, no final de contas veria liquidada a questão por desistencia da Companhia de Seguros União dos Proprietarios se tivesse querido esportular a modica quantia de trezentos contos.

Como não se submeteu á extorsão, cahiu-lhe em cima a poderosa Companhia de Seguros União dos Proprietarios, poderoza rica e de escrupulos, capaz de exercer toda a especie de corrupção para ver triunfar a manobra ousista da valorisação das suas acções por meio do despejo decretado contra Eduardo Martins & C.ª Ltd. Em vista d'estes e d'outros factos não podemos deixar de considerar moralissima a posição da firma Eduardo Martins & C.ª Ltd. A situação legal não é connosco. Entretanto não foi ela já suficientemente definida na sentença da 1.ª instancia? Não se funda essa sentença completamente favoravel á firma Eduardo Martins & C.ª Ltd., nas respostas dos jurados dadas nos quisitos que lhe foram postos, respostas dadas por unanimidade e favoraveis, sem duvida, á firma demandada?

Quer-nos parecer que não é ilegitimo considerar a firma Eduardo Martins & C.ª, Ltd. como vencedora, embora a ultima palavra só venha a ser proferida pelo Venerando Supremo Tribunal de Justiça. Qualquer que seja essa palavra, ela será respeitada. Ela não pode deixar de ser sempre justa. se é certo que todos os tribunais podem errar porque eles não deixam de ser compostos por homens, tambem é verdade que a inteireza moral dos juizes do Supremo Tribunal de Justiça não é questão que possa ser sujeita a controversia. Fale, pois, o Supremo Tribunal de Justiça! Mas não permita que o juiz Sousa Teles — criatura famosa!... — perturbe o andamento regular da causa, dando vasão ao seu espirito atrabiliario, dando ocasião ao esmagamento da Lei pelo Arbitrio. Isso por forma alguma!

O juiz Souza Teles é, aliás, um reincidente. Sempre suspeitamos que não poderia deixar de ser assim. Em regra não é na edade madura que se comete um primeiro delicto. O habito adquire-se de mais longe... Efectivamente, o juiz Sousa Teles—que grandecissimo homem de bem!...—já deixou, na longa estrada da sua carreira, algumas marcas indicativas das suas tendencias amorosas e impulsivas. Aconteceu assim (segundo informações muito recentes) numa comarca qualquer das ilhas, por onde grassou o juiz Sousa Teles antes de vir fundear no ancoradouro da Relação de Lisboa. E como nos primeiros delictos (seriam realmente os primeiros?) ficaram impunes, o nosso famosissimo magistrado Sousa Teles entendeu que podia reincidir na pratica de proteger uma das partes litigantes contra a outra. Coube á vez, agora, á firma Eduardo Martins & C.ª, L.da, que ia sendo victima das tendencias delictuaras do juiz Souza Teles. Pouca sorte!

Um dos casos que nos contaram é dum grande pitoresco, pela extensa desvergonha que revela. Desvergonha e imbecilidade, ao mesmo tempo. Digamos como foi, mas apenas o essencial, porque não vale a pena gastar mais tempo, pelas razões que dizemos abaixo, como este juiz rabula.

Trata-se duma acção comercial que foi conclusa ao juiz Sousa Teles, para sentença: A resposta do jury sobre determinada questão de facto não era de molde a permitir que a sentença fosse dada a favor dum dos litigantes, por quem se empenhava o julgador. E, então, que hade fazer o juiz Souza Teles? Escrever, muito simplesmente, muito descaradamente, que, apesar do jury dizer que tal coisa é preta, ele sabe que é branca, e, portanto, dá sentença favoravel á parte contraria. Como se vê não ha nada mais simples!

Um outro caso tambem não deixa de ser digno de registo. Tratava-se d'uns dinheiros, mais de cem contos, que estavam em deposito, litigados por um agente de companhia de navegação e o capitão d'um barco retido no porto.

O nosso mavioso juiz—homem honrado ás direitas!...—pôz de lado a lei e quiz, por um livre arbitrio, entregar tudo ao capitão do navio. Ele lá sabia porquê! Valeu ao agente da companhia de navegação a interferencia da Legação Franceza em Lisboa, que chamou para o caso a atenção do governo portuguez. E o juiz Sousa Teles recuou...

Ao Conselho Superior Judiciario será feita queixa contra o juiz Sousa Teles. Esse Conselho é digno do nosso maior respeito. Ele fará justiça! O objectivo da nossa campanha foi, aliaz, atingido!

A festa das actrizes

Um esplendido programa do festival

Devem ser hoje afixados os cartazes da Festa das Actrizes que se realisa no domingo, no Jardim Zoologico, e se destina a reforçar o Cofre de Reformas e Pensões da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro. Do programa fazem parte um grande cortejo por coristas de todos os teatros de Lisboa, uma quermesse, corridas de copos de agua, de tres pernas e de sacos, respectivamente por actrizes, actores e coristas, venda de refrescos e de frutas por actrizes, concerto pelas bandas de Marinha e da Casa de Correcção, bailados pelas bailarinas Ebora e Yulu, numeros sportivos, representações por artistas de todos os teatros da capital e das companhias Romualdo Figueiredo e José Clímaco.

Sairá amanhã o numero unico do jornal «Festa das Actrizes», com uma escolhida colaboração.

Os bombistas

A policia não efectuou hoje novas prisões de individuos suspeitos de implicados em atentados pessoaes dinamitistas.

Ao Governo Civil recolheu para averiguações Antonio Ferreira que teve alta do Hospital de S. José onde esteve em tratamento, por ter sido atingido por estilhaços de bomba quando em 26 de abril passava em companhia do seu Pai pela Calçada do Combro, onde como é sabido se deu uma explosão.

O Ferreira deve ser restituido á liberdade pois apurado está que nada teve com essa explosão, sendo apenas uma victima. Sua tia tambem foi atingida por estilhaços falecendo dias depois no hospital.

ULTIMA HORA

Tarde politica

Os boatos de ontem — A eleição presidencial

Voltám a circular com insistencia os boatos de alteração da ordem publica. Durante a tarde de ontem esses boatos intensificaram-se, o que levou o Governo a ordenar, como em outro lugar dizemos, prevenções rigorosas na policia e nas forças de terra e mar, que duraram até ás 6 horas.

Durante a noite grupos de civis fizeram policia de conta propria vendo-se ainda de madrugada no Rocio alguns elementos activos da defesa do regimen, especialmente do partido radical.

Alguns partidarios deste agrupamento procuraram ontem mesmo o sr. Antonio Maria da Silva, oferecendo-lhe o seu apoio na emergencia de qualquer acontecimento subversivo, que atribuem aos fascistas, chegando a afirmar ao chefe do Governo que ontem teria chegado armamento de Italia e imediatamente distribuido.

Afirmava-se, outrosim, que o chefe do Governo ordenára o desarmamento das canhoneiras «Tejo» e «Vouga», com desagradavel surpresa das suas tripulações.

Como quer que seja, o facto é que esses boatos alarmaram não só a população como os parlamentares que assistiam á sessão nocturna. O deputados militares incorporados na guarnição de Lisboa seguiram para as suas unidades, saindo por vezes tambem do Parlamento o sr. Antonio Maria da Silva que, como se sabe, é o ministro interino da Guerra.

Felizmente a noite decorreu em socego.

* * *

Vai ser hoje proposta a prorrogação da sessão legislativa até 18 ou 25 do corrente mez. Essa proposta que parte da maioria, visa a evitar a saida em tom de guerra do sr. ministro da Finanças, que julga absolutamente imprescindivel á situação do Governo a aprovação de certos instrumentos de administração financeira, como a reforma das leis de contribuição de registo e selo, acordo dos tabacos e regimen cerealifero.

Ao que parece as minorias não a votarão o que entretanto, talvez não impeça a aprovação a menos que saiam da sala para não haver «quorum».

* * *

Sobre a eleição presidencial nada de novo. A ostensiva votação do grupo parlamentar democratico vei tornar dificil um acordo.

Perguntámos aos snr. Ginestal Machado e Cunha Leal as suas previsões; — Não é facilfaze-las,—disse-nos o sr. Cunha Leal.—Só lhe posso responder no dia 6...

— Se chegarmos ao terceiro escrutinio, sem acordo, está indicado o eleito. Mas não posso fazer previsões... declarou o sr. Ginestal Machado.

E' claro que continuamos a acreditar que a maioria parlamentar não ousará impor um chefe de partido, audecioso como o sr. Afonso Costa, em logar de votar um chefe de nação, que é coisa fundamentalmente diversa por muito que, de facto, o paiz tenha sido quasi ininterruptamente logradoro do P. R. P.

Parlamento

Nos Deputados

Aprova-se a moção de confiança ao Governo

Na sessão da Camara dos Deputados, ao abrir-se a sessão:

O sr. Cancela de Abreu chamou a atenção do chefe do Governo para os ses graves ocorridos na freguezia de Penha d'Alma, onde o regedor persegue o respeitavel prior e vexa a população catolica.

Insistiu depois pelos documentos pedidos acerca da emissão de selos comemorativos da travessia aerea Lisboa-Rio.

O sr. ministro do Comercio mandou para a mesa uma proposta readmitindo funcionarios dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Em seguida fizeram-se requerimentos, usou-se da palavra sobre o modo de votar, realisaram-se contra provas, interrogou-se a mesa co a usada frequencia e, em certa altura regeitou-se uma das emendas do Senado ao seu projecto que cria uma junta autonoma para as obras do porto de Lagos, aprovando-se outras alterações ao mesmo diploma.

Aprovou-se tambem um projecto que interessa aos oficiaes medicos milicianos com concurso para os quadros permanentes.

Entrando-se na primeira parte da ordem do dia, deliberou-se sobre projectos já votados na outra camara.

Deve seguir-se, em segunda parte da ordem a votação da moção de confiança ao Governo.

A moção de confiança foi votada por 52 votos contra 34.

No Senado

A carestia da vida e os ataques á Republica

Na sessão do Senado, o sr. Julio Ribeiro ocupou-se da carestia da vida e convidou o Governo a pôr em pratica, uma lei que garanta aos servidores do Estado o indispensavel á vida ou a tomar providencias no sentido de pôr termo ao abuso de, cada vez que se aumenta aos funcionarios, encarecer o preço dos generos.

O sr. Pereira Ozorio condenou asperamente a acção dos monarquicos e catolicos — inimigos figadaes da Republica, pedindo ao Governo que tome imediatas e energicas providencias, a fim de evitar os ataques que d'a a dia, estão fazendo ao regimen.

O sr. ministro da Justiça declarou estar inteiramente de acordo com as considerações do orador, não compreendendo que se confundam as funções de caracter religioso com as de natureza politica.

A sessão continua.

Dr. Santos Monteiro

Morreu no Porto, vitima de um desastre o adjunto da policia de investigação

A meio da tarde chegou ao Governo Civil a noticia de ter morrido no Porto, vitima de um desastre em carro electrico, o sr. dr. Santos Monteiro, adjunto do director da Policia de Investigação de Lisboa, má nova esta logo infelizmente confirmada telefonicamente pelo secretario do governador civil do Porto.

O sr. dr. Santos Monteiro, que havia partido ontem á noite para a capital do norte, a fim de tratar dos seus negocios e muito especialmente da venda de 150 pipas de vinho das suas propriedades de Armamar, morre na força da vida, pois que apenas contava 38 anos. Era filho de Joaquim dos Santos Monteiro, já falecido, e irmão do tenente coronel medico sr. dr. Alberto Monteiro, tendo ainda duas irmãs, uma das quais a sr.ª D. Florinda Monteiro, casada com um farmaceutico de Armamar.

Magistrado integerrimo, sabedor e cumpridor exemplarissimo dos seus deveres, a sua morte causou uma viva emoção em todo o pessoal do Governo Civil e, desde o chefe ao distrito até aos guardas auxiliares da Investigação, todos lamentam a perda do funcionario que ao tomar posse do seu cargo em 11 de Novembro ultimo logo grangeou as maiores simpatias.

O dr. Santos Monteiro, que era natural de Armamar, exerceu com brilho em varias terras o lugar de delegado, vindo depois para Lisboa desempenhar o cargo de delegado junto do Tribunal das Transgressões e ma's tarde juiz do mesmo Tribunal. Em 11 de Novembro ultimo, pela nova reforma da policia, foi nomeado adjunto do director da Policia de Investigação, cargo que exerceu com uma inteligencia invulgar.

* * *

Para assistirem ao funeral, seguem hoje para o Porto o director da Policia Administrativa, sr. dr. Clemente Pinto, o chefe Murtinheira e alguns agentes de investigação.

Não se conhecem pormenores do desastre, porque a linha telefonica está avariada em alturas de Coimbra.

Reparações

Uma curiosa informação do «Times»

LONDRES, 2 — O «Times» diz que a França se não mostra satisfeita com o plano de garantias da sua segurança estabelecido pelo comité do desarmamento da Liga das Nações, insistindo pela creação duma republica rhenana independente. O mesmo jornal diz que depois de naturaes hesitações, a City londrina se resignará a que a França exerça a sua influencia sobre a margem esquerda do Rheno, que tem para os financeiros inglezes um interesse incomparavelmente maior. — R.

A repressão do jogo

A brigada da policia dirigida pelo tenente sr. José Carlos assaltou a noite passada um «comboio» na rua dos Condes, onde apreendeu uma fixa, sendo presos 4 pontos. Os restantes, segundo informações da policia, conseguiram evadir-se para o andar inferior por um alçapão muito bem disfarçado e que depois apareceu hermeticamente fechado. O tenente sr. José Carlos munido da chave, ainda pretendeu entrar nesse andar, mas não o conseguiu por a porta estar trancada por dentro.

Os pontos presos foram hoje julgados no Governo Civil e condenados na multa de 180 escudos cada.

— Tambem foi assaltado outro «comboio» da Avenida da Liberdade 92, onde a policia apenas apreendeu fixas e duas «raquettes» não tendo sido efectuadas prisões por não terem sido encontrados pontos.

Gente do mar

Os martimos de longo curso

Reuniram esta tarde em assembleias magnas as classes maritimas de longo curso para apreciarem a morosidade com está sendo resolvida a questão dos T. M. E. o que ocasiona encontrarem-se desempregados cerca de 3000 maritimos do trafego da marinha mercante. Alguns oradores analisaram datalhadamente a forma como tem sido feitos os concursos, acusando a Companhia Nacional de Navegação de pretender monopolisar os barcos, temendo a concorrencia de outras companhias.

Finda a reunião, todos assistentes se dirigiram para o Parlamento, acompanhando os delegados da Federação Maritima, que foram junto de alguns deputados solicitar-lhes que ainda na presente legislatura seja arrumada a questão dos T. M. E. em beneficio do paiz e dos maritimos.

A greve dos pescadores

Tambem reuniu a assembleia das empresas piscatorias, que apreciaram o estado do conflito com os pescadores, constatando que já se encontra a navegar grande numero de barcos com pessoal estranho aos grevistas.

De Inglaterra já chegaram alguns mestres de pesca que foram contratados e veem tomar a direcção dos barcos portuguezes, sendo os restantes esperados na proxima semana.

Hoje chegou o vapor «Alda, que descarregou 15 toneladas de peixe, a qual foi vendido nos postos dos Armazens dos Abastecimentos aos seguintes preços: Pescada 6$00; goraz 4$00 e cachucho 3$00.

Ordem publica

Muitos boatos e nada mais

A noite passada voltaram a repetir-se os boatos sobre alteração de ordem publica, o que obrigou a uma permanencia forçada no Governo Civil até hoje de manhã, ao chefe do districto e seu secretario, aos directores das policias de investigação e administrativa, comissario geral da policia, etc.

Os que se dizem bem informados afirmavam que estava na forja pronta a estalar uma revolução fascista mas facto é que a noite decorreu no meio da maior tranquilidade e sem que se registasse qualquer caso que levantasse suspeitas. Não houve prevenções para evitar escusados sustos ou receios.

* * *

Estando anunciados para algumas reuniões de elementos extremistas parece que o Governo as não consentirá.

Na Boa-Hora

Prosseguiu hoje o julgamento do «Armandinho»

Sob a presidencia do juiz sr. Teixeira Coelho, prosseguiu hoje o julgamento no Tribunal da Boa Hora do conhecido guitarrista o «Armandinho» que ha cerca de um ano assassinou na rua Fernandes da Fonseca, o oficial de diligencias Luiz Abrantes tambem conhecido pelo «Marinho».

Depois de deporem as testemunhas de defesa, o sr. dr. Sacadura Cabral, advogado de acusação, refere-se a varios factos passados entre os cultivadores da canção nacional, pedindo ao juri que faça a justiça que o caso requer.

A' hora de fecharmos este relato está falando o sr. dr. Ramada Curto, advogado de defesa.

Teatro Nacional

Foi hoje para o «Diario do Governo» a reforma do Teatro Nacional.

O presidente Harding

S. FRANCISCO, 1 — Melhorou o estado de saude do presidente Harding. — H.

Funcionalismo publico

Uma nova e mais rasoavel interpretação da lei para a questão dos vencimentos

Um 3.º oficial deixou de estar equiparado a um tenente para o estar a um 2.º sargento!

A questão do aumento de vencimentos ao funcionalismo para muitos funcionarios superiores resolvia-se sem «bolchevisar» os vencimentos (esta designação é deles) tomando para base dos calculos o coeficiente do custo da vida e aumentando os vencimentos proporcionalmente. Assim, se a vida custa hoje em relação a 1914 mais 15 vezes, os vencimentos seriam aumentados quinze vezes mais. O contrario é a «bolchevisação» afirmam com um criterio simplista, perpetuando uma antiga injustiça, que não resolve a questão, antes a agrava. E senão vejamos:

O funcionario que em 1914 percebesse 100$00 de vencimento perceberia nesta altura 1.500$00; mas os funcionarios das categorias que naquela epoca não iam alem de 20$00, que são muitos e bastantes dos mais prestimosos ao paiz, não receberiam atualmente mais de 300$00.

E entre estes contam-se os professores primarios que recebiam então por categorias 20$00, 25$00 e 30$00; oram-lhes descontados respectivamente 2, 3 e 3 %. Ficavam pois com 19$60, 24$85 e 29$10.

Ora adotando se para eles o criterio da lei receberiam hoje respectivamente 294$00, 363$75 e 436$50. Mas se em 1914 os 20$00 mensais não consentiam aos funcionarios estar ao abrigo das necessidades mais instantes da vida, hoje 300$00 para que podem chegar?

* * *

Observe o leitor as informações que colhemos hoje junto dum funcionario autorisado na questão:

«Para uma classe de funcionarios que é, ou se presume que seja, intelectual, ha a considerar em primeiro logar aqueles necessidades comuns a todos os individuos, depois as necessidades resultantes das funções que desempenha ou venha a desempenhar, e ainda ter-se em atenção que o funcionario deve ser defendido pela remuneração suficiente, das solicitações de suborno ou mesmo de peculato.

«Quando se afirma que um 3.º oficial não tem as mesmas necessidades de um chefe de serviços, d'aí se apenas uma verdade aparente. Se o 3.º oficial não tem já em razão da função, necessidades identicas ás do chefe, começa a senti-las, porque tem de se ir preparando para um dia desempenhar funções de chefe.

E o que diremos daquelas funcionarios que exercem funções de fiscalisação e comtrôle, e a quem se não paga convenientemente?...

Como se vê a questão é complexa e delicada; demanda sobretudo um largo espirito de justiça e completa isenção individual—ao contrario do que tem sucedido, intelizmente.

Vai resolver-se, do tudo, o assunto? Não. A comissão não vai remediar tudo. Apenas deseja, ao que nos disseram, interpretar a lei 1452 por uma forma justa e humana, solicitar a correcção de anomalias e pedir que providencie sobre casos omissos.

* * *

A tabela interpretadora da lei 1452 desgostou profundamente o funcionalismo que a considera em desarmonia com o espirito da propria lei.

* * *

E só as conclusões, baseadas no art.º 5.º da lei referida, a que chegou a comissão, depois de consultar as entidades oficiais:

Director geral 1.700$00, isto é, 10 vezes o seu vencimento liquido que lhes competia em 1915; chefes de repartição 1.275$000. Se se considerarem apenas os produtos do vencimento liquido em 1915 pelo factor 10, o vencimento seria agora de 1.050$00. Como porém o § 2.º do art.º 6.º da lei 1452 lhes garante 10 vezes o que tem o seu actual equiparado, deve observar-se o vencimento desde que é o de Director de Finanças de 1.ª classe.

Sendo, portanto, o vencimento liquido deste, em 1915, de 127$500, o vencimento do chefe de repartição deve ser de 1,275$00, chefe de secção 1.093$70 com fundamento na mesma disposição, visto a lei equiparar no mapa que tem anexo o Director de Finanças de 2.ª classe do chefe de secção. Sendo o vencimento liquido do 1.º em 1915 de 109$37 deverá o vencimento dos chefes de secção ser de 1.093$70.

1.º oficiais, 796$90 com fundamento na mesma disposição, visto serem equiparados a dois tesoureiros da fazenda publica de 1.ª classe, dentre os quais o de Lisboa tinha liquido em 1915—79$69.

2.º oficiais 630. A lei 1452 garante o minimo de 10 vezes sobre o que era percebido em 1914, isto é 630$00.

Mas o vencimento desta categoria não deveria ser antes determinado em função do que lhe é imediatamente superior?

3.º oficiais, 633$93. O art. 10 da lei 1452 equipara os tesoureiros da fazenda publica de qualquer classe aos secretarios de finanças respectivos, e, estando ambos equiparados a 3.º oficiais.

Ora os tesoureiros de Fazenda Publica de 3.ª classe tem já 588$42. Deverá ser-lhes abatida qualquer importancia por efeito duma lei que é de melhorias e, para mais ainda, aumento de uma unidade o coeficiente estabelecido?

Não deverá, antes juntar-se ao vencimento actual uma cota valorizavel por efeito desse aumento de coeficiente?

E nessa conformidade o vencimento seria 588$00 mais 41$51, igual a 633$93. Como porem está vencimento, é inferior ao do 2.º oficial e está em vigor o artigo 15.º da lei 1355 estatuindo que em caso algum o vencimento dum funcionario poderá ser inferior ao de outra categoria imediatamente inferior, «deverá o vencimento do 2.º oficial ser calculado por interpolação entre o 3.º e o 1.º, isto é entre 633$63 e 796$90, ou seja 715$41.

A-sim se esclarece este ultimo ponto quê a tantas reclamações vinha dando logar.

Quanto á questão dos agentes fiscais dos agentes da agricultura e fiscais dos impostos os primeiros estão diferidos pela lei 1452—até aqui teem estado equiparados nos vencimentos aos terceiros oficiais, assim continuarão — os segundos, tendo já atingido o limite de 20 vezes que a mesma lei estabelece só necessitam a seu favor uma alteração que se vai reclamar.

* * *

A proposito da desproporção entre os vencimentos dos funcionarios militares e civis 1 mbramos que, por exemplo, em 1915 um tenente estava equiparado a um 3.º oficial e pela nova lei 1452 e a ultima fica equiparado a um 2.º sargento!...

Os medicos militares

PORTO, 31-7-923—Sr. Director— Afim de não roubar muito espaço no seu jornal, não faço varias considerações sobre os chamados armistos dos funcionarios civis e militares. Mas permita-me V. que, por intermedio do seu jornal, faça as seguintes perguntas aos estalantes das leis legisladores (?) a proposito da minha classe:

1.º—Porque é que tendo sido sempre parte todos os efeitos, os medicos equiparados aos oficiaes agora no novo quadro, em manifesto inferior dos das armas de engenharia, estado maior e artilharia (antigo ou a)?

2.º—Porque é que tendo os capitães sido equiparados a 1.ºs oficiaes continuam a ê... passar... menos que esses?

Muito agradecido pela ... de V. ... Um capitão medico.

VAE SER PROCLAMADA A republica rhenana?

E' o que se deduz do congresso popular de Coblentz

A' reunião dos separatistas rhenanos, que se realisou em Coblentz, assistiram mais de 3.000 delegados vindos de Dusseldorf. Reinou o maior entusiasmo.

Abriu o congresso o M. Theodore que prestou homenagem ao dr. Dorten e afirmou que os rhenanos querem a paz com todas as nações do mundo, em particular com a França e a Belgica: se o Reich a não fizer, nós empregaremos para isso as medidas que forem necessarias.

O dr. Dorten, que a seguir usou da palavra disse entre outras coisas:

— Nós não queremos ser anexados. Queremos simplesmente governarmos e dispor de nós. Devo dizer bem alto que, quando da minha recente viagem a Paris, nunca ouvi falar de anexações.

Se os caminhos de ferro são explorados hoje pela França e pela Belgica, é por que estes, não recebendo as reparações a que têm direito; querem disso tirar algum proveito, o que não quer dizer que se apossassem da propriedade.

Devo tambem dizer-vos que me asseguraram em Paris que ninguem na França pensa em apropriar-se das riquezas da Rhenania, desde que haja uma Rhenania.

Ha tres anos que me não canso de afirmar ao mundo inteiro que ha um povo rhenano, que a Rhenania existe e que quere viver. Este povo quer ser ouvido, quer liberdade e paz. Queremos ter um conselho rhenano independente de Berlim. Queremos viver e deixar viver. Só precisamos para isso de liberdade. Viva a Republica Rhenana!

Foi uma tempestade de aplausos.

Depois de, na mesma ordem de ideias terem falado varios oradores, foi no final aprovada a seguinte resolução:

«Considerando-nos como cidadãos da Republica Rhenana, da qual desejamos, conforme a promessa solene feita perante o mundo a 1 de fevereiro de 1919, a pronta realisação, em virtude do nosso pleno direito e como unico meio de salvação da nossa ruina.

A Republica rhenana deve abrir o caminho da reconciliação e ser o refugio da paz. Sem ela nunca a questão das reparações e das garantias poderão ser resolvidas. Condenamos severamente o Governo de Berlim que provoca a vingança e mergulha na miseria o nosso povo.

Republicanos rhenanos, não queremos ser vendidos, queremos nós proprio decidir da nossa sorte.

Eis porque pedimos a substituição do comissario do Reich e do seu chamado conselho parlamentar, por uma verdadeira assembleia rhenana que represente os interesses do povo rhenano junto da alta comissão inter-aliada e das potencias. Esse conselho esforçar-se-ha por restabelecer o abastecimento e dar á vida economica, completamente arrazada, a sua estabilidade, por todos os meios e em particular pela introdução duma moeda rhenana. E' este o unico modo de pôr fim á fome e á corrupção que devemos a Berlim.

Encarregamos o nosso presidente de iniciar imediatamente e com firmeza as «démarches» necessarias á realisação do fim que nos propomos. Viva a liberdade rhenana! Viva a Republica rhenana!»

Candeia acesa

Outra carta do sr. — J. V. Santos —

Sr. Director de «A Capital»—A sr.ª D. Eliza Loureiro veiu á estocada defender a sua nomeação para inspectora de trabalhos manuais nas escolas primarias de Lisboa, e cobrir com a sua defeza a responsabilidade do ministro!

A sr.ª inspectora não conseguiu provar nem a legalidade da nomeação nem a moralidade d'la, com a sua competencia para o cargo.

Nada disso. Limita-se a afirmar que o ministro não tinha que ouvir o sr. Santos, para a nomear e repisa, com muita insistencia, a muita confiança que o sr. ministro deposita na nomeada.

Mas confiança em quê? Não o diz.

Na minha primeira carta, sr. director, dizia que a noticia oficiosa que informava ir a sr.ª D. Eliza Loureiro ser incumbida de investigar do estado do ensino dos trabalhos manuais, não esclarecia se essa incumbencia era gratuita ou remunerada, nem se era sem prejuizo dos varios cargos que a mesma senhora devia desempenhar.

Que esta duvida era perfeitamente cabida está provado com a publicação da portaria inserta no «Diario do Governo» do mesmo dia em que foi enviada a essa redacção a referida carta.

Até aqui triunfou, pois, a boa moral. Mas daqui para deante é que o caso foi por agua abaixo.

Pergunta a sr.ª inspectora, com uma ingenuidade muito postiça: «Onde está o escandalo? Onde estão os prejuizos para o Estado? Onde está o atentado á moral?»

Eu, sr. director, é preciso que ir dê ximos passar todos por tolos, para uma duzia de pessoas se apossar e prosperarem lançando sobre nós o seu sobrosso desprezo e espargindo a sua inconsciencia e vaidade.

Eu vou responder ás perguntas «ingenuas» acima transcritas.

O escandalo está no facto de haver em Lisboa «quatro inspectores escolares» para dirigirem e fiscalisarem os serviços das escolas primarias, aos quais incumbe, portanto, o dever de averiguarem em que estado vai o ensino dos trabalhos manuais nas escolas da capital, a começar pela escola da sr.ª D. Eliza Loureiro «onde esses trabalhos se não fazem», e era isto que ela devia dizer ao ministro para não... desmerecer da sua tão rara confiança.

«Onde estão os prejuizos para o Estado?»

No facto de nem na escola n.º 75, da qual a sr.ª D. Eliza é directora, com na Escola Normal de Bemfica, de que tambem é professora, os seus trabalhos corresponderem ao que da mesma senhora ha via a esperar e que o Estado tinha o direito de exigir-lhe pois que lhe paga e ainda por menores virem a ser, de futuro, os seus serviços, nesses logares, quando começar a sua incumbencia «gratuita» junto de todas as escolas da capital, e ainda pela provavel necessidade que o Estado terá de fazer substituir esta senhora naqueles cargos durante o seu grande impedimento no desempenho da comissão de confiança que acaba de lhe ser dada.

«Onde está o atentado á moral?»

Em tudo quanto fica exposto e ainda no facto da estranha nomeação ser feita contra os protestos e reclamações da propria classe do professorado, que não reconhece competencia nem qualidades á nomeada para a injusta e inutil nomeação em que foi investida... e pouco, por aqui,

De V. etc.—J. V. Santos, antigo inspector.

Teatros • Musica • Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO NACIONAL — Os 20:000 dollars—em reprise.

Representou-se ontem a esplendida peça policial que ha um bom par de anos fez uma carreira triunfal no mesmo palco do teatro do Rocio.

Desta vez o conjunto, um pouco desfalcado com o desaparecimento do Ignacio, não perdeu contudo a harmonia, podendo dizer-se que vai bem representada a peça americana.

Clemente Pinto fez com a sua costumada correção o simpatico papel, tendo sido Alegrim tambem feliz. A descripção do roubo marcou a este actor de esplendida maneira.

Maria Pia e Helena de Castro, esta ultima vestida com extrema elegancia, estiveram muito bem, e para o bom sucesso do espectaculo Joaquim Costa e Melo nos seus antigos papeis, muito contribuiram, especialmente o primeiro. Joaquim de Oliveira fez mais um bom tipo. No papel de policia, Jorge Grave, e no antipatico papel do primo, Matos Reis, estiveram discretos — a discreção é a mãe de todas as virtudes...

Da peça está tudo dito, e pode dizer-se mais, que Macedo e Brito fez bem em remontar a impressionante e modelar peça daquele genero, que são «Os 20.000 dollars», mesmo sem homenagem aos americanos.

O HOMEM QUE PASSA

Amanhã faz-mos a nossa critica á primeira representação do «Fado Corrido» no teatro S. Luis.

Charlot já não casa

Rompeu-se o seu casamento com Pola Negri

Os leitores recordam-se. Ha tempos, ha meses, os jornais de Lisboa noticiaram que Charlot, o celebre comico que tem sido exibido nos cinemas de todo o mundo, ia casar com Pola Negri, uma das mais celebres artistas do «film». Fizeram-se comentarios de toda a ordem, aqui e lá fora, as revistas publicaram os seus retratos, fez-se em volta do projectado enlace de ambos um ruido extraordinario.

Pois agora chega-nos em telegrama a noticia de que o casamento já não se realiza.

Pola Negri, que não tem recuado perante a interpretação de dramas sensacionais, parece que se assustou com o papel que lhe cabia nesta comedia simples do casamento.

— Charlot é um rapaz encantador — disse ela, justificando o seu rompimento — e nós ficámos bons amigos. Mas eu não posso, não poderia nunca, ser sua mulher. Toma tudo ao tragico. Estou contente de ter posto termo a esta brincadeira. Prejudicava a minha arte.

Um jornalista — acrescenta o telegrama — curioso em extremo, quiz saber o que a graciosa estrela do cinema queria dizer com aquele «tudo», que o rei comico do «écran» tomava tanto a peito.

Pola Negri não deu uma resposta precisa a esta pregunta, limitando-se a meias palavras e a repetir que estava satisfeita por ter rompido.

Ha, porém, quem afirme que o rompimento não partiu dela, mas de Charlot, que á ultima hora teria descoberto que não possuia as condições necessarias para ser um bom, ou mesmo um mau marido.

Sabe-se, porém, que as mulheres raras vezes consentem em considerar-se abandonadas, atribuindo geralmente a si proprias a resolução final.

De uma maneira ou de outra, talvez haja motivo para que os amigos do cinema se felicitem pela arte de Pola Negri se ter salvado.

— A arte? — dirão as suas amigas.— A arte é pouco, pois ela tem, pelo menos, duas: a de se réclamar e a... de romper...

E talvez tenham razão.

Noticiario

Para que não findem as atracções dos espectaculos da Companhia Lucilia Simões em S. Carlos, teremos ali, no sabado, a «premiére» duma peça que apenas voltará a repetir-se no domingo. Trata-se da comedia em 3 actos «Amor, a quanto obrigas», da autoria de Romeu Coolus e Hennequin, tradução livre de Vasco de Oliveira.

A peça tem encenação de Antonio Pinheiro e a sua distribuição está confiada aos principais artistas da Companhia Lucilia Simões.

— O distincto actor Samuel Diniz enviou-nos um bilhete de despedida por partir para o Rio de Janeiro. Agradecemos a gentileza.

— Entrou em ensaios em S. Carlos a peça «Casa em Ordem» e «Amor a quanto obrigas».

— O Eden inaugurará em Setembro a sua epoca de inverno com uma revista de Eduardo Schwalbach.

— Os autores da revista «Fado Corrido» estão escrevendo para ela um quadro novo, intitulado «Quartel General em Abrantes».

— O emprezario Antonio de Macedo organisará no inverno tres companhias, uma para percorrer as ilhas, outra para Angola e Moçambique e a terceira para o Continente.

Reclames

A representação da famosa peça policial «20.000 Dollares», agora efectuada no Nacional, atraiu ali enorme concorrencia que assistiu interessadissima ao desenrolar das scenas empolgantes da sensacional peça.

«Os 20.000 Dollars» tem um magnifico conjuncto de desempenho em que ha a salientar Helena de Castro que pela primeira vez entra na peça, Maria Pia, as pequeninas Idalina d'Almeida e Aurora Monteiro, e ainda Costa, Augusto de Melo, Clemente Pinto, Jorge Grave, Alegrim, concorrendo os restantes para a perfectibilidade do conjuncto.

«20.000 Dollars» despertou grande entusiasmo e repete-se hoje no Nacional, onde deve dar sucessivas enchentes.

— Hoje e amanhã são, em S. Carlos, as ultimas representações, irrevogaveis, da desopilante comedia «Carta Anonima», em que interpretam dois dos principais papeis Lucilia Simões e Erico Braga.

S. Carlos não deve pois faltar quem quizer passar uma noite em permanente gargalhada, no teatro que é o mais confortavel e arejado de Lisboa, e cujos preços são os mais baratos da actualidade.

— Hoje á noite, no Avenida Parque, antigo Parque Mayer, na rua do Salitre, realisa-se um esplendido concerto, a «Banda da Escola de Reforma de Caxias», cedida gentilmente pelo seu superintendente e com autorisação do respectivo inspector, a qual se apresentará sob a regencia do maestro Raul Portela, executando um escolhido programa.

— No Parque, que abre ás 6 da tarde, funcionarão todas as instalações, continuando a ter entrada gratuita as senhoras e creanças acompanhadas de cavalheiros.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 21,15—«Carta anonima».
NACIONAL—A's 21,15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 21,45—«Fado Corrido».
POLITEAMA — A's 21,30 — «As duas Causas».
AVENIDA—A's 21,30—«Bichinha Gata».
EDEN—A's 9—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—1 vacas bravas.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Cem mil dollars».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

AS ALMAS

Alma feticha

A pequena borboleta verde pousou de leve na gola do meu casaco.

Se fôsse uma borboleta preta eu tremeria. Os homens vivem de supersticões que se tornam abusões. Com esta verde, verde do verde tenro dos brotos e das aguas — tive um grande contentamento.

— Borboleta verde que me anuncias de bom?

A borboleta verde adejou. Lembrava uma flor verde no ar dourado. E, tranquilamente, descansou na minha mão.

— Que me anuncias tu? O amor? a fortuna? a alegria?

A borboleta não devia falar. Em geral as borboletas não falam.

Mas a borboleta verde teve um pequeno riso de diamante.

— Para que tanto perguntas, se não crês em coisa alguma?

— Calunia! Creio nas borboletas verdes, no brilho gemado da cauda dos pavões, na vida radiante, em tanta coisa!

Ela riu mais.

— Pretencioso. Falas assim, com essa ironia, porque és talvez o unico homem neste paiz que possui o «shaunira».

Dessa vez ri eu. E como via a borboleta hoje feminina para com certeza longamente, toquei a esperança aliada na coroia de uma rosa branca, e com a erudição aparente contestei:

— Loucura! Se bem me lembro, o «shaunira» é no ocultismo uma daquelas pedras que nunca existiram. Como queres tu que eu possua o «shaunira», a pedra da felicidade integral? Mas, querida flor viva, se eu tivesse o «shaunira» não teria duvidas, não teria amargores, não trabalharia — o que é a pior coisa inventada pelo homem. Basta de zombaria!

— Acaso ignoras que os melhores amuletos são as qualidades das pessoas? O «shaunira» não existe de facto. Existe entretanto o sentimento que substitui o «shaunira».

— E esse é?

— O que tu és.

— Que sou eu?

— Um homem que quer a felicidade...

— Como todos os homens.

— Apenas os homens desejam-na sempre, e tu finges que a possuis a cada instante. Não tens odios, não tens invejas, não tens ambições; és bom e não amas particularmente ninguem por muito conheceres a miseria transitoria dos sentimentos humanos...

— Quanto custa de experiencia!

— Houve experiencia, mas não houve dor. Enganado por qualquer homem em negocio ou amizade, tu deixaste sempre enganar, sabendo, talvez antes do proprio que estavas sendo enganado e perdoando de antemão. De modo que não poderia nunca ter desilusão. A tua lagrima amarga foi um riso amargo. Depois não acreditaste nunca nem no amor nem na sinceridade, sendo a teu modo sincero — porque, se desprezas os homens, a ponto de não teres ilusões a respeito, amas todas as mulheres...

— Como amo as borboletas!

— Deixa de frases. Amas por medo — porque sendo as mulheres as unicas fadas da terra, é mais facil vencer um exercito, que vencer a má vontade de uma mulher.

— A má ou boa vontade...

— Pois claro. Sempre é vontade. Por isso meu caro possuir o «shaunira», o amuleto da felicidade.

A felicidade é contentar-se com o que ha, é, mesmo quando se quer muito, aproveitar sem magoa o pouco, é ser honesto sem chamar os outros de ladrões e de patifes mesmo quando eles o sejam, é perdoar sorrindo e não se dar mais dar, não se entregar mas entregar e crer mesmo sem as possuir, no milagre da beleza e na força das forças agradaveis.

E as forças agradaveis podem ser um pedaço de céu como um objecto de arte, um perfume de mulher como um bom negocio, a satisfação de não ser infame ou um belo bife cozido com alegria...

A borboleta verde adejou, pairou um instante e alou-se enfim, definitivamente, como uma flor no ar da tarde. E eu não sei se realmente a borboleta foi consolado só ou verdadeira tambem.

Alma simples

E' dono de restaurante. Da Galiza, espanhola. Começou garçon. Ignorante e esperto. A base da fortuna foi a comida. Depois jogou na bolsa. Podia julgar-se independente. Continua a ganhar, a trabalhar com o mesmo ar servicialmente atento, do antigo larbin.

Vejo-o todo de luto, com o mesmo sorriso amavel.

— V. de luto? Quem lhe morreu

— Meu pai. Foi já ha um mez. Mas só ontem recebi cartas com a noticia do falecimento.

— Meus pesames.

— Ele estava velho. Esta historia do luto é dos deveres sociais. Mas atrapalha. Ainda ontem estavamos prontos, eu e minha senhora, para irmos a um baile, quando chegou a carta.

— De modo que perderam o baile?

— Não, fomos. Ninguem sabia a morte do velho não ia ser remediada se ficassemos em casa.

Pausa. Nesta pausa, penso muito mal do homem. O homem continua:

— Pobre do velho! Tambem vim para o Brazil com treze anos e desde os quatorze lhe mandava dinheiro. Morreu com todo o conforto. Para o ano ia lhe dar uma casa...

O homem vai embora e eu fico pensando numa porção de coisas, e mais da afeição do dinheiro, no respeito atravez do dinheiro das almas simples. Mas o homem parece melhor.

Não ha ninguem mau nem bom, completamente.

JOÃO DO RIO.

Os Partidos

A acção do P. R. R.

O Partido Republicano Radical continua a tratar da sua organisação e expansão, tendo sido eleita e tomado posse a comissão municipal de Mondim de Basto, que ficou assim constituida: Presidente, Augusto Nunes da Silva, tesoureiro de finanças; vice-presidente, Amadeu de Jesus Figueiredo, comerciante; secretario, Avelino Campos, comerciante; vogais, Alberto de Abreu, industrial, e Alfredo Pires, distribuidor dos Correios e Telegrafos.

A comissão saudou o directorio e os correligionarios e protestou contra as violencias feitas a republicanos. Em breve dará posse ás comissões politicas das freguesias, que estão sendo organisadas.

Tambem se está procedendo á organisação das comissões politicas nos concelhos do Seixal, Batalha e Beja. As comissões politicas de Cantanhede vão publicar um semanario, orgão do partido, que se intitulará, «O Clarão».

— Reuniu a comissão politica de Santos-o-Velho, saudando o directorio e protestando contra a compra pelo Comissariado dos Abastecimentos do vapor de pesca «Glauco» e contra a demora na solução da questão dos T. M. E., o que tem feito com que se encontrem muitos maritimos a braços com a miseria. Tendo tomado conhecimento, por intermedio da «Capital», da injustiça havida para com os pilotos que no tempo da guerra arriscaram a vida pela Patria, protestou tambem contra ela.

— Reunem amanhã, ás 21 horas, no Centro Radical de Lisboa, as comissões municipal e distrital de Lisboa.

— Aderiram ao partido os srs. Antonio de Brito e Candido Ferreira Guerra, de Lisboa, e João da Cruz Cebola, Antonio Duarte e Antonio Dias, do Barreiro.

— Reunem hoje, pelas 21 horas, no Centro Escolar Tomás Cabreira, os membros da comissão administrativa e da direcção central do Centro Republicano Jovens Lusitanos.

A questão dos cambios

Fica-se o preço do escolar e aumentou tambem, o entusiasmo do publico ao ver a famosa peça policial

20.000 dollars

que ontem foi intensamente aplaudida no

TEATRO NACIONAL

repetindo-se esta noite

VIDA SPORTIVA

Foot-ball

UM DESAFIO PARA FINS BENEFICENTES

A Associação dos Caixeiros de Lisboa, está envidando esforços junto das Direcções dos Club de foot-ball «Os Belenenses» e «Sporting Club de Portugal», para a realisação de um encontro entre os seus 1.ºs teams, a efectuar por todo o mes de Setembro, data da abertura da época.

Este desafio que é beneficio [do Sanatorio dos Empregados no Comercio] de Portugal e para fundo de instrução da Associação acima indicada, deverá atrair ao campo muitos milhares de pessoas, atendendo ao reconhecido valor dos grupos contendores e os fins a que se destina.

Do Club Foot-Ball «Os Belenenses» já a Associação dos Caixeiros recebeu resposta favoravel, esperando por estes dias a mesma aquiescencia, do «Sporting Club de Portugal que com certeza não negará o seu concurso a tão elevada obra.

TAUROMAQUIA

Viana do Castelo

As corridas d'este ano, por ocasião das festas á Senhora da Agonia, a 18, 19 e 20 d'Agosto, organisadas pelo bandarilheiro Luciano Moreira, prometem ser deslumbrantes e superiores a qualquer praça de primeira categoria. Assim os nomes laureados dos cavaleiros D. Ruy da Camara, José Casimiro e João Branco Nuncio, touros das afamadas ganaderias de Emilio Infante e da Casa Cadaval. Os nossos melhores bandarilheiros, entre eles Theodoro, Thomaz da Rocha, Custodio, Alfarero e Luciano Moreira que lidarão na primeira e segunda corrida um touro em hastes limpas. Haverá tres grupos de forcados, capitaneados respectivamente por Chico Marujo, Fió e Matias Leiteiro. Na terceira corrida os touros serão todos em hastes limpas, lidados nas tres recitas, pela primeira vez no Norte do Paiz.

Em Setubal

No proximo domingo realiza-se, na praça de touros Carlos Relvas, uma interessante corrida de beneficencia, em favor da construção do edificio da Maternidade Setubalense. Correm-se tres touros do lavrador Castro, de Carela, e 7 vacas, gado este generosamente oferecido por varios ganaderos.

Na lide tomam parte apreciados amadores de Setubal e Aldegalega, defrontando-se tres grupos de forcados, o primeiro de Palmela, o segundo de Setubal e o terceiro de socios do Victoria Foot-Ball Club.

Abrilhantam a corrida as bandas das sociedades Capricho, de Setubal, Humanitaria, de Palmela, Agricola, do Pinhal Novo, Estrela, da Moita, e provavelmente a Musical Barreirense.

Atendendo ao fim a que se destina o produto da corrida e a condição com o segundo domingo de feira, deve a concorrencia ser desusada. Ha comboio de volta para Lisboa ás 21 e 20. Aos lidadores serão oferecidos lindos ramos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4447-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sexta-feira, 3 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL. Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Vêr em "Ultima Hora" a morte do Presidente Harding, dos Estados Unidos

"Isto" é deles!

O sr. Azevedo Coutinho, alto comissario de Moçambique, vê-se em sérias dificuldades, por causa da nomeação dos principaes funcionarios que o devem acompanhar.

E' porque não tenha auxiliares que repute competentes, para os serviços que lhes destine?

Não.

O sr. Azevedo Coutinho tem mesmo já escolhidos esses auxiliares, em quem tem absolutamente confiança, e de cuja coadjuvação faz depender o seu bom governo.

Simplesmente não os pode nomear, senão todos, uma boa parte.

E não os pode nomear porque lhes falta uma condição absolutamente imprescindivel.

Essa condição é a de estarem filiados no partido democratico.

Democratico, e dos mais graduados é o sr. Azevedo Coutinho, mas essa filiação politica não se lhe afigura um requisito indispensavel para prestar bons serviços na colonia que s. ex.ª vai superiormente dirigir.

O partido democratico, porém, não pensa como o sr. Azevedo Coutinho.

Para servir o Estado é preciso, não apenas ser republicano, sob o ponto de vista politico, mas ainda ser democratico.

Do contrario, não temos nada feito.

A oposição á nomeação dos auxiliares do sr. Azevedo Coutinho, que não serão democraticos, tem uma vantagem.

Essa vantagem é a de definir a situação.

E a situação é esta: a Republica Portuguesa não é a republica de todos os republicanos, mas só a Republica dos democraticos.

Não ha senão um partido em Portugal com direito á vida: é o partido democratico. Por isso mesmo só os democraticos é que são considerados republicanos.

Fóra do partido democratico, ha apenas talassas mais ou menos acentuados.

Agora mesmo, o sr. Duarte Leite não mereceu que o seu nome fosse sequer tomado em consideração para a eleição, feita por unanimidade de votos, do futuro presidente.

O partido democratico não ligou nenhuma consideração ao seu nome.

Republicanos! Podem lá ser considerados republicanos Duarte Leite, Jacinto Nunes, Azevedo e Silva, Brito Camacho, Barros Queiroz, Cunha Leal, Alvaro de Castro, e tantos outros! Pois se eles não são democraticos.

Por não ser democratico, Guerra Junqueiro era já considerado chócho, e não tarda muito que o sr. Bernardino Machado seja tambem considerado um falaz republicano!

Isto — o isto é o paiz — é propriedade exclusiva do partido democratico. E' uma herdade, é uma quinta, é uma feitoria, é uma roça, pertencente ao partido democratico, e magestaticamente governada, a distancia, como D. João VI fez desde 1808 a 1828, pelo sr. Afonso Costa.

E tem de ser assim, porque se não fôr assim estalarão desde logo as bernardas e as revoluções.

Tal é a situação em que nos encontramos. Parece-nos que nada se ganha em dissimulal-a. Pelo menos, reconhecendo-a com uma realidade insofismavel, evitamos passar por tolos.

"A TARDE,,

Sob a direcção e propriedade dos ilustres jornalistas srs. Jorge d'Abreu e Carlos Faro começou a publicar-se «A Tarde», a quem desejamos todas as prosperidades.

Um pintor roubado

Desapareceram quadros de Rubens, Holbein e Franz Hals

MUNICH, 3 — Foi assaltada por ladrões a vila do pintor Lambach nesta cidade, tendo-lhe sido roubadas pinturas avaliadas em 10.000.000.000 de marcos, incluindo obras primas de Lucas Cranach, Rubens, Hans Holbein, Franz Hals, Tenier, etc. — (R.)

Fernão de Magalhães

O seu nome numa rua do Chile

SANTIAGO DO CHILE, 3 — A Camara Municipal ordenou a colocação duma nova lapide na antiga calle do Congresso que se chama actualmente calle de Magallanes, em homenagem á memoria do celebre navegador porcugues. — (R.)

A eleição presidencial

Uma candidatura de guerra

O sr. Teixeira Gomes representa o odio do sr. Afonso Costa ao sr. Duarte Leite e o medo ao sr. Bernardino Machado

Uma dictadura irresponsavel e um presidente a curto praso

A votação do grupo parlamentar democratico

Não temos a pretensão de converter o ilustre colega «O Mundo» ao nosso modo de ver a eleição presidencial. Temos um ponto de vista de que não abdicamos, porque ninguem é capaz de demonstrar a sua inconsistencia e cumpre-nos respeitar a opinião alheia.

«O Mundo» defende a candidatura do sr. Teixeira Gomes, julgando-a a mais conveniente e a melhor? Isso é com o ilustre colega. O tempo virá dizer quem tinha razão — se «O Mundo», exaltando as virtudes do sr. Teixeira Gomes, se nós, pondo-lhes severas reservas, por não termos reparado nelas.

«O Mundo» continua fiel ao seu criterio; nós continuamos obedientes ao nosso. E não deixou de ser uma lição para os outros os termos em que discutimos com «O Mundo», tão habituados andamos todos a ver substituir, mesmo nas discussões dessa natureza, os argumentos pelos insultos. E, fechando o incidente, sempre asseguraremos ao «Mundo», com a firmeza com que nos garante estar composto e revisto de vespera o seu «fundo» de ontem, que o autor dos artigos sobre eleição presidencial é redactor da «Capital» pelo menos ha um ano.

* * *

Quer queiram, quer não, o sr. Teixeira Gomes, como Presidente da Republica, não representará mais do que a vontade triunfante do grande emigrado politico sr. Afonso Costa. Desde que essa vontade afrontosa se sobrepõe odiosamente ao país, ao Parlamento, aos partidos politicos, fazendo questão da candidatura Teixeira Gomes, o ministro de Portugal em Londres será apenas o presidente — do sr. Afonso Costa, um Presidente remetido do estrangeiro numa caixinha...

Dentro do nosso ambiente, o sr. Teixeira Gomes não será mais do que um enxerto incompreensivel, uma flôr exotica, um elemento espurio—o *alter ego* do sr. Afonso Costa. E o sr. Afonso Costa é a marca menos recomendavel para um Chefe de Estado português. E' qualquer coisa como um ferrete que macula indelevelmente, que eleva a um pedestal sinistro, que apouca e reduz, enrodilhando nas suas tremendas responsabilidades e confundindo no odio que o país lhe consagra. O olimpico emigrado politico de Paris exerce sobre nós uma tutela que envergonha — e o sr. Teixeira Gomes será a expressão viva, palpavel, dessa tutela intoleravel.

Como poderá, então, o país tolerar o sr. Teixeira Gomes?

Não tenhamos ilusões: a Presidencia do sr. Teixeira Gomes terá de ser curta. Por qualquer processo, benevolo ou violento, a Nação exprimirá ao Presidente do sr. Afonso Costa o seu desagrado e a sua antipatia, se, antes disso, o sr. Teixeira Gomes, incompatibilizado com o meio politico, que não conhece e com o qual não tem quaisquer afinidades, não regressar á sua vida elegantemente agitada da capital inglesa.

* * *

Mas porque é que, entre os três nomes indicados para a sucessão do sr. dr. Antonio José de Almeida, o funambulesco emigrado de Paris escolheu o do sr. Teixeira Gomes — precisamente o que reune menos condições para isso — em vez do dos srs. Bernardino Machado e Duarte Leite?

Qualquer dos dois ultimos não pode ser indiferente, pelo seu passado, pelo seu prestigio e pela sua obra, ao patriotismo dogmatico do sr. Afonso Costa. Porque, então, essa preferencia estranha?

O sr. Duarte Leite é, de ha muito, uma pessoa que o ilustre, suntuoso, principesco e silencioso delegado ás conferencias internacionais não pode tolerar. Quando o sr. Afonso Costa agrediu no Porto esse vulto colossal da Democracia Portuguesa, que foi Sampaio Bruno, o sr. Duarte Leite soube castigar convenientemente a vil indignidade desse homem sadio e forte, que assim desrespeitava um glorioso velho, indefeso e doente. O sr. Afonso Costa nunca perdoou ao sr. Duarte Leite essa nobre e digna atitude. Daí a excomunhão de agora á sua candidatura.

O sr. Bernardino Machado, na Presidencia da Republica é um espectro atroz, é a voz do país exigindo os relatorios da obra diplomatica do nosso enraizado embaixador ás grandes assembleias internacionais. O sr. Bernardino Machado não esquece, porque o país o tem presente a cada momento, que a nossa intervenção na guerra ou não produziu os frutos que devia dar, graças á acção atrabiliaria, irritante e desconexa do sr. Afonso Costa — ou, então, tendo-os produzido, não foram comunicados ao país pelo presidente cronico das varias delegações, visto não serem obra exclusivamente sua e não satisfazerem, portanto, a sua desmedida e inchada vaidade.

* * *

E eis a razão do «veto» apressado, mantido raivosamente, á candidatura do sr. Bernardino Machado. O sr. Afonso Costa embolsou os milhares de libras em que foram capitalisados pelo seu extraordinario engenho financeiro os maus serviços que prestou ao país. E mais nada. Para o seu patriotismo de ida e volta, as conferencias internacionais eram isto...

Não pode, pois, o sr. Afonso Costa tolerar que, quem quer que seja, lhe fale nos relatorios. Devia tê-los enviado, é certo; mas, desde que o não fez, acabou-se! Não se fala mais nisso.

Ora o sr. Bernardino Machado não é precisamente dessa opinião; entende, entendeu sempre — e varias vezes o fez sentir, em Paris, ao insigne emigrado politico — que os relatorios fazem falta, que o país precisa, quere, exige que o sr. Afonso Costa dê contas do que fez. Portanto, para o sr. Afonso Costa viver em paz, sem a arrelia constante dos pedidos de relatorios, guerra á candidatura Bernardino Machado! Guerra sem treguas — imposição de um candidato tranquilizador, pacifico, que, a respeito dos relatorios, e, possivelmente, de tudo o mais, seja de opinião do sr. Afonso Costa.

E a candidatura do sr. Teixeira Gomes, a esse respeito, é simplesmente ideal.

Esta é que é a razão que levará a Belem, por pouco tempo, tudo o indica, o ministro de Portugal em Londres. O exito do seu nome representa o triunfo do odio do sr. Afonso Costa aos que não aceitam o seu senhorio intoleravel, deprimente, afrontoso. Representa mais: a sobreposição de uma vontade estranha, que o país não suporta, ás suas aspirações e á sua dignidade.

* * *

A não ser que estejamos em face de uma votação estrategica tendente a ludibriar uma subtileza dos nacionalistas, a fim de fazer vingar o seu candidato, vê-se, pelo numero de votos que o nome do sr. Teixeira Gomes obteve na reunião do grupo parlamentar democratico, que o seu nome obterá maioria.

Esperavam os nacionalistas que a votação se dividisse em partes quasi iguais, para os srs. Teixeira Gomes e Bernardino Machado. Então, como os nacionalistas desejavam que o nome do sr. Duarte Leite surgisse indicado pelos dois partidos, com a caracteristica prestigiante de candidato nacional, meteriam conciliadoramente o nome do nosso embaixador no Brasil. Parece, porém, que os democraticos surpreenderam a habilidade — e carregaram no nome do sr. Teixeira Gomes para os desnortear.

Sendo assim, poderá esperar-se que, dignamente, uma boa parte da maioria democratica sacuda a tutela vexatoria que o sr. Afonso Costa insiste em manter sobre o país e sobre os seus orgãos mais representativos. De resto, a maioria não deixará de ponderar, como pondera toda a gente, os inumeros inconvenientes da candidatura Teixeira Gomes e, sobretudo, a sua origem lamentavel e tremenda. E não é crivel que, pela obediencia a uma vontade que se exerce do estrangeiro acintosamente, sacrifique a liberdade da sua inteligencia e o prestigio do país. Já temos suportado varias ditaduras, que tivemos de pagar bem caro. Mas nenhuma é comparavel, em imoralidade e em vexame, a esta que o sr. Afonso Costa quere impor-nos, sem os riscos que sempre acompanham os [illegible]

As nossas finanças

Setecentas mil libras

Foi quanto arrancou ao mercado portuguez, nos ultimos mezes, a provincia de Angola

Um dos factores decisivos do nosso desiquilibrio cambial

O cambio equilibra-se. Questão de dias, talvez questão de semanas. E depois? Vamos para um novo agravamento?

Ninguem ignora que o emprestimo interno, posto como uma esperança, visto por alguns como uma certesa se não falhou completamente não deu de si pelo menos aquilo que se esperava.

O grande publico, como nós, ignora os motivos serios e verdadeiros por que uma operação feita em condições vantajosissimas resultou improficua: Mesmo com a boa vontade do sr. Vitorino Guimarães, mesmo com as boas vontades que á do sr. ministro das Finanças se juntaram.

E verificou-se esta coisa espantosa, unica talvez: é que coberto o emprestimo, aceite vivamente o emprestimo pela opinião publica, o cambio desce.

Fala-se em novo aumento de circulação fiduciaria. Recurso unico? Mal de nós se assim houver de ser. Alguem nos dizia ainda ha pouco:

—Sim senhor em ultima instancia vamos para um novo aumento de circulação fiduciaria.

E que quer que faça o ministro das Finanças? O emprestimo vai ser comido, está a ser comido pavorosamente que [illegible] diga eu. Não dura dois meses. Depois... Depois, não tenha duvidas, são mais notas.

* * *

Porque desce o cambio? Vamos hoje apontar uma das causas, dizendo como ela influe no agravamento das divisas e podendo levar-nos amanhã para uma situação irremediavel.

Trata-se do sacrificio que a metropole está fazendo a favor das suas duas colonias sujeitas ao regimen de Altos Comissarios: Angola e Moçambique. Sobretudo para a provincia de Angola.

O que se passa é na verdade extraordinario. A provincia de Angola cujas necessidades de compra são enormes vem ao mercado metropolitano buscar todos os valores ouro de que carece para pagar as suas despesas na Europa.

Ora ultimamente Angola tem comprado de uma maneira prodigiosa, absorvente. E' material de caminhos de ferro, material para construções de toda a especie, materias primas para industrias que se pretende crear. Tudo vai da Europa, tudo é pago em ouro.

Esse ouro vai de Portugal e são milhares de libras.

Quer o leitor saber durante os ultimos doze mezes quanto levou Angola á metropole para pagamento das suas despesas? Numeros redondos, qualquer coisa como setecentas mil libras.

Ora a praça, vá o termo, sofre quando se lhe vão pedir cinco, sete, dez mil libras. Dia em que a compra vá alem de cinco mil é dia em que o cambio se altera de maneira sensivel.

Pode-se supor a influencia que os saques constantes feitos a favor de uma colonia terão nessa praça mais que debilitada. Mas peor. Sabem os senhores, em contrapartida, o que Angola oferece á metropole compensando-a um pouco dos sacrificios assim feitos? Uma lei privativa, semelhante á das exportações e redundando toda em favor da provincia. O Alto Comissario pode assim arrecadar metade do valor da exportação provincial.

A provincia enriquece? Extraordinariamente.

Como um filho que se está creando e cresce de maneira prodigiosa emquanto a mãe definha e se depaupera a olhos vistos. Essas setecentas mil libras assim extorquidas á economia nacional representam «dez por cento», nem menos, do valor total de cambiais em transito.

—E se esta situação se prolongar? Perguntámos a quem no segredo destas coisas anda.

—Não sei. Mas se a provincia de Angola, cujo crescimento tem tanto de notavel como de exaustivo, continuar a fazer o que até aqui tem feito sujeitamo-nos a ficar arrazados sob o peso da sua felicidade e da sua prosperidade. E eu não sei se ha o direito de nos exigirem semelhante sacrificio.

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital,, o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que ancelam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista ingles Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «CAPITAL» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

As reparações alemãs

Os ares turvam-se

O governo ingles considera grave a situação

falando-se na possibilidade de uma crise nas relações com a França

A resposta dos aliados á nota inglesa—projecto duma resposta a enviar ao Reich — veio demonstrar o desacordo que existe entre a Inglaterra e os Aliados, mas principalmente entre a Inglaterra e a França. Esta, sem se importar com a grave situação da Alemanha, quere obrigal-a a pagar as reparações custe o que custar; a Inglaterra, ao que parece, evocando a tranquilidade da Europa e a necessidade de a precaver da ameaça extremista, quere salvar a Alemanha, e pensa que na sua salvação está a unica garantia do pagamento.

Assim o perigo que ameaça o gabinete Cuno está emocionando profundamente a opinião inglesa.

—E' absurdo diz a nota o «Times», que qualquer mudança na composição do governo significaria uma mudança radical da politica. A unica transformação politica séria que poderia sobrevir á Alemanha viria da extrema-esquerda ou da extrema-direito e d'ahi apenas resultariam violentas revoltas.

E' justamente, acima de tudo, a expectativa de revoltas extremistas que a Bretanha recein. Por isso, perante a grave ameaça, todos os partidos inglêses, sobretudo os liberaes, suplicam ao gabinete Baldwin que, em socorro da Alemanha, empregue todas as nossas energias, todos os nossos recursos para a salvar da catastrofe.

— Não queremos ver—diz o «Manchester Guardian»—a derrocada economica da Alemanha, que seria logo certamente seguida da queda do governo actual e da erosão de todas as forças politicas que durante muito tempo tornariam impossivel o pagamento das reparações e ameaçariam a estabilidade do Estado alemão, obrindo uma nova era de confusão na Europa. Não poderemos talvez impedir isso, mas devemos fazer todo o possivel e, depois, iremos talvez imediatamente ao encontro da politica da França para quem a derrocada economica e politica da Alemanha surge como qualquer coisa de indiferente, e até mesmo desejavel.

A «Westminster Gazette» felicita o Primeiro Ministro por não se deixar influenciar pela opinião externa e assegurar-lhe que o povo inglês está com ele. E concluindo aconselha a acção separada:

—Não é já tempo de reconhecer que precisamos seguir o nosso proprio caminho, adoptar uma linha de conducta pessoal e retomar a nossa liberdade de acção? Nós não podemos continuar a representar o papel de simples espectador. Se a Alemanha está completamente desorganisado e quasi morta de fome neste momento, a deslocação completa da mediocre maquina que mantem ainda ao seu corpo um resto de vida, desenvolveria enormemente todas as tendencias que a empurram para a desintegração. Em tais circunstancias, não é possivel que a França ganhe, mesmo em segurança.

Outros telegramas publicados nos jornaes da manhã de hoje, dizem que não ha probabilidade de ser enviada á Alemanha uma resposta comum dos aliados. Isto é realmente grave, parecendo que o céu se turva, só porque a França e a Belgica, tão duramente sacrificadas pela guerra, pretendam obrigar a Alemanha a cumprir o tratado de Versailles.

Lord Curzon faz importantes declarações

LONDRES, 3.—Lord Curzon, nos Lords, declarou que a situação é incontestavelmente grave. Lembrou que o governo inglez está pronto a convencer o governo francez da necessidade de abordar a questão da segurança da França, mas que o governo francez lhe fez saber que não desejava actualmente ver levantada essa questão, que não tinha relação alguma com a situação actual. A questão do Ruhr afecta todos os aliados, é uma questão europeia, internacional e não pode depender do procedimento de duas nações isoladas. Todas as industrias inglezas estão prestes a sofrer com isso. Aconselhamos sempre a Alemanha a cessar a resistencia passiva e não podemos abandonar a Comissão das Reparações nem mandar retirar as nossas tropas; não podemos, porem, ficar de braços cruzados. Não podemos admitir um só instante que tenham desaparecido todas as probabilidades de se manter a unidade do «front».—(H.)

As respostas á nota ingleza não são claras

Proseguindo, o sr. Curzon disse que o governo britanico é de pare cer que nem a resposta franceza nem a resposta belga apresentam quaesquer perspectiva clara para a liquidação pronta da situação do Ruhr nem para a liquidação das reparações. O governo julga que é impossivel iludir o problema e resolveu, reconhecendo que os interesses dos aliados estão intimamente ligados com os da Gran Bretanha, publicar o mais depressa possivel os seus proprios pontos de vista e convidar os aliados a autorisarem a publicação das suas notas e declarações com o fim de explicar o conjunto da situação e convencer o mundo da urgente necessidade de uma ação comum. —H.

O sr. Baldwin fala numa crise de relações com a França

LONDRES, 3 — O sr. Baldwin declarou na camara dos Comuns que a ocupação do Ruhr afecta os negocios comerciaes de todo o mundo. «Não queremos fazer coisa alguma, disse, para estimular a Alemanha á resistencia, mas é preciso liquidar prontamente a situação e o governo britanico espera obter a unidade dos aliados e que estes se esforcem por realisal-a. Queremos obter da Alemanha o que ela nos deve. Se por acaso se produzisse uma crise nas nossas relações com a França não hesitariamos em convocar o parlamento. Procedemos sempre na suposição de que os aliados, ocupando o Ruhr, procuravam assegurar apenas as reparações. Não quero crer que eles tivessem pensamentos reservados». — H.

O governo inglez não sabe que hade fazer

LONDRES, 3 — As declarações do sr. Baldwin foram seguidas de um debate em que participaram os «leaders» de todos os partidos. E' convicção de todos eles de que a situação é grave. Lord Curzon afirmou que teria sido imprudente retirar o representante britanico na Comissão das Reparações, como fora sugerido. Tambem a retirada das tropas britanicas de ocupação significaria uma renuncia ao nosso dever perante o mundo. Era inconveniente perguntar ao governo o que ia fazer. Se tal questão fosse posta, ele responderia: não posso saber, não sei. Não queria admitir por um momento que enquanto a politica do governo não tivesse tido sucessão, houvesse maior probabilidade de exito de futuro. Lord Curzon mencionou ao terminar que a resposta italiana tinha acabado de chegar. — R.

A publicação de documentos

PARIS, 3 — A Agencia Havas acha-se habilitada a dizer que o governo francez acederá ao pedido eventual da Inglaterra para a publicação dos documentos trocados ultimamente entre os aliados e que publicará as notas francesas logo que receba o acordo dos outros aliados e especialmente da Belgica.—H.

Os jornais francezes atacam Lord Curzon

LONDRES, 3 — Em Paris teme-se que a Inglaterra retome a sua liberdade de ação na questão das reparações. O «Temps» ataca violentamennte lord Curzon por publicar documentos trocados entre a França e a Inglaterra acêrca da questão das reparações, dizendo que lord Curzon vai destruir o que se tinha conseguido com a victoria na guerra mundial. A sua politica conduzia á terminação da Entente cordeal. Por seu turno, a Belgica protestou contra a publicação do Livro Branco inglez. — R.

Mas os belgas atacam a França

LONDRES, 3 — A imprensa belga deseja que o seu governo exerça uma ação independente na questão das reparações e na resolução do problema do Ruhr. A «Libre Belgique» diz que os resultados da solidariedade com a França não são satisfatorios nem para a Entente nem para a Belgica, que está sendo considerada quasi em Paris e Londres como se não fosse um paiz independente. — R.

A exploração das minas do Rheno

BERLIM, 3 — A França está disposta a começar intensamente a exploração das minas da região do Rheno. — R.

NOTAS A LAPIS

Lisbôa sem os seus homens de letras não é Lisboa. São figuras interessantes que dão ao Chiado e á Academia aquele ar de gravidade e de sabedoria indispensavel a todas as capitaes que se prezam.

Os homens de letras fugiram todos, ou quasi todos, e Lisboa vê-se a braços com os meninos literatos, cheios de exigencias e de importancia, que julgam poder substituir os que se foram recostando-se ás portas das livrarias e aguardando com uma certa impaciencia, que não conseguem disfarçar bem, a visita da imortalidade.

Raul Brandão, o autor extraordinario dos «Pobres», partiu para a sua casa de Nespereira, proximo de Guimarães, depois de ter deixado nas mãos dos editores o seu primeiro volume de teatro, o livro admiravel dos «Pescadores» e o 2.º volume das «Memorias».

Augusto Gil, o poeta inimitavel do «Luar de Janeiro», foi para a Guarda, para a Beira amorosa e rude, de montes altos e de poentes admiraveis, cuja paixão tanto o comove.

Julio Dantas anda pelo Brasil colhendo loiros, recebendo menagens, fazendo conferencias e diplomacia.

Henrique Lopes de Mendonça está tambem lá fóra, preparando outros volumes de novelas heroicas.

Aquilino Ribeiro, o novelista original das «Filhas da Babilonia», vae amanhã para a provincia, no que será imitado por João de Barros, Jaime Cortesão e outros.

A's horas atormentadas do inverno, horas de febre creadora, sucede um periodo de repouso, em que o espirito divoga, em que os olhos se espraiam nos largos horisontes da serra e do mar, longe dos aspectos tristes desta Lisboa triste, batida de um sol ardente e sofocante de poeira e de politica.

Operação cara

O sr. dr. Alfredo Guisado declarou ontem na reunião da comissão executiva da Camara Municipal que a cremação de um cadaver no Alto de S. João levará horas a realisar, sendo necessarios, para que fique obra prefeita, 500 kilos de carvão de coke na importancia de 180$00.

Devemos convir que não vale a pena gastar tanto dinheiro com a misera carcassa de um cidadão. A terra encarrega-se de consumil-os de graça e ainda por cima se desentranha em flores. E' mais barato e mais poetico.

A ex-imperatriz Zita

Os jornaes franceses ocupam-se largamente da tentativa da ex-imperatriz Zita para a venda do famoso diamante que permitiu reconhecer o cadaver de Carlos o «Temerario». Os jornais de Lisbôa deram ha mezes esta noticia, acrescentando que a formosissima pedra está avaliada em 22 milhões de francos.

Parece, porem, que a casa de Saboia se oporá á venda do diamante, não lhe sendo, de resto, facil conseguir encontrar o joalheiro que lh'a compre.

Cosinhas economicas

Na administração das Cosinhas Economicas realisa-se amanhã, ás 16 horas, com a assistencia do sr. Ministro do Trabalho e de outras individualidades, o descerramento do medalhão em marmore da fundadora das Cosinhas, senhora Duqueza de Palmela, cujo aniversario passava amanhã.

Realisar-se-ão uma sessão solemne e um jantar a 300 pobres. Por dificuldades imprevistas, a distribuição do bodo nas restantes cosinhas foi adiada para o dia 11.

O busto em marmore é dos escultor Costa Mota.

Agradecemos as senhas que nos foram enviadas para os nossos pobres.

Saraus-concertos

Uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, coadjuvada por alguns jornalistas, vai realisar nas termas e praias varios espectaculos de caridade, devendo a primeira festa ter lugar na proxima quinta-feira, no belo Salão Central do Setxal, gentilmente cedido pela respectiva empresa proprietaria. Constará este espectaculo de um sarau concerto, tendo sido organisado um programa que está despertando o maior interesse, pois nele figuram solos de violino, violoncelo e concerto ao piano por ilustres professores. O soberbo trio da orquestra da Escola Antonio Feliciano de Castilho igualmente figura no programa, executando numeros de musica classica.

Os ilustres empresarios srs. Emauz, do Salão Foz, e Freire, do Salão Central, prestam igualmente o seu concurso a estas festas, tendo cedido bizarramente artisticos programas cinematograficos.

Uma eleição

Realisou-se a assembleia extraordinaria para a eleição do presidente da Associação dos Revendedores de Vinhos a Retalho da freguezia do Arroios, tendo sido eleito por 259 votos o sr. Agostinho Pereira Peixoto e obtiveram votos os srs. Enrico de Jesus com 257 e Manuel Henriques Ribeiro com 253.

Manuel Caldeira

Faleceu

R. I. P.

Adelaide Ogueia Caldeira, Vicente Marques Caldeira, Carolina Ogueia participam o falecimento do seu muito querido e nunca esquecido esposo irmão, cunhado e que o seu funeral se realisará amanhã 4 pelas 14 horas saindo o prestito funebre da rua do Mundo, n.º 22, 1.º

Manuel Caldeira, Lda.

José Miguez Vilan, socio gerente desta firma participa que faleceu o seu socio e muito querido seu amigo Manuel Caldeira e que o seu funeral se realisará amanhã pelas 14 horas. Saindo o prestito funebre da rua do Mundo, n.º 22, 1.º

ULTIMA HORA

OS ESTADOS UNIDOS DE LUTO

Morreu o presidente Harding

Ainda não foi posta de parte a desconfiança de um envenenamento

A's 10 horas da manhã de hoje recebia-se na legação dos Estados Unidos um telegrama expedido de Washington ás 2 horas da madrugada, comunicando a morte do Presidente Harding, ocorrida ás 19 horas.

Imediatamente foi mandada içar no palacio da legação a bandeira a meia haste, sendo a noticia comunicada ao comandante do cruzador norte-americano «Richmond», que se encontra no Tejo.

O navio colocou tambem a bandeira a meia haste, salvando de meia em meia hora.

No Ministerio dos Estrangeiros não se recebeu ainda qualquer comunicação do ministro de Portugal em Washington, só se sabendo oficiosamente da morte do Presidente Harding.

Como morreu o Presidente

S. FRANCISCO, 3.— O presidente Harding faleceu na madrugada de hoje. Ainda ontem ás cinco da tarde as melhoras do presidente eram tão acentuadas que o boletim medico o declarava fóra de perigo. Ao amanhecer a febre aumentou. O brigadeiro general Dr. Shaw, assistente do presidente que pela primeira vez tinha saido da cabeceira do doente, para repousar um pouco, foi chamado com urgencia. A's onze da noite os cinco medicos que assistiam ao snr. Harding reuniram-se em conferencia sob a presidencia do dr. Remington celebre especialista de Chicago que fora chamado para observar o doente e que tinha chegado algumas horas antes. Proximo da madrugada o presidente perdeu o conhecimento das cousas e entrou na agonia que foi serena. Todos os esforços da sciencia foram inuteis para o salvar.

Antes de entrar na agonia, o presidente estivera conversando com os membros da sua familia, mas a certa altura deixou de conversar, não voltando a tomar conhecimento do que se passava em redor de si. Os medicos afirmam que o vitimou uma apoplexia fulminante, porque nada fazia prever uma morte tão rapida.

A hipotese de que se trata de um envenenamento ou de consequencias de um envenenamento agravadas dum grande abatimento fisico não foi até agora posto de parte.

Os funerais devem ser imponentes, visto que o snr. Harding, foi um dos presidentes dos Estados Unidos que melhor conseguiu interpretar a vontade popular. E provavel que o corpo seja conduzido para Washington, onde se realisarão os funeraes. (R.)

Alguns dados biograficos

Warren Harding, o Presidente que acaba de falecer, nasceu em 2 de novembro de 1865 em Blowning Grove (Estado de Ohio) e contava, portanto, atualmente 58 anos. Pertencente a uma familia humilde, Harding começou por ser moço de uma granja, onde permaneceu algum tempo. A vida da cidade atraia-o. Abandonou o lar paterno, dirigindo-se a Marion. Não lhe foi dificil arranjar colocação, pois era inteligente, trabalhador e muito energico. Entrou para o jornal «Te Marion Star» como compositor, passando em seguida a impressor, agente de publicidade e redactor. Como politico, combateu energicamente o sectarismo, procurando sempre colocar acima de rivalidades partidarias os interesses da terra americana.

Foi eleito senador do Estado do Ohio em 1899 e, mais tarde, nomeado governador do mesmo Estado.

Em 1912 W. Harding contribuiu para a nomeação de M. Taft á presidencia da Republica, e em 1916 tomou posse das funções de presidente provisorio da Convenção Nacional Republicana de Chicago.

Como se sabe, existem actualmente nos Estados Unidos dois grandes partidos: o republicano e o democratico. O primeiros destes partidos escolheu para seu candidato o sr. Hardieg ao passo que o segundo indicou o nome do sr. Cox, egualmente natural do Estado de Ohio e tambem jornalista. O presidente eleito manteve uma notavel conduta no senado, durante a guerra.

Apesar de ter um acerrimo adversario do presidente Wilson, votou sempre, sem discutir, todas a medidas de guerra propostas pelo governo. Assinada a paz, o sr. Harding classificou o Tratado de Versailles como sendo a «mais colossal gaffe de todos os tempos».

A sua politica no alto cargo de Presidente foi sempre orientada no sentido dos interesses americanos, baseando-se no apoio do parlamento e do povo. A sua eleição efectuou-se em 3 de novembro de 1920.

Assumiu a presidencia da Republica o vice-presidente sr. Coolidge, que ha uns tempos a esta parte vinha, a pedido de Harding, tomando parte na marcha dos negocios publicos.

O Parlamento ocupa-se do falecimento

O presidente da Camara dos Deputados comunicou o falecimento do sr. Harding, propondo um voto de pezar e a suspensão dos trabalhos por meia hora.

Em nome da maioria, o sr. Almeida Ribeiro deu todo o apoio a essa manifestação, falando em nome dos nacionalistas o sr. Alvaro de Castro e pela minoria monarquica o sr. Morais de Carvalho, associando-se tambem o sr. Agatão Lança.

O sr. Pedro Pita propôs que, em sinal de sentimento, se encerrasse a sessão.

O sr. Joanuim Ribeiro não concordou com esta proposta, mas o sr. Cancela de Abreu recordou que se trata do falecimento do chefe duma nação amiga.

O sr. ministro dos estrangeiros, em nome do Governo, prestou tambem todas as suas homenagens á memoria do presidente Harding.

No Senado, tambem o presidente fez igual comunicação, propondo um voto de pezar, ao qual se associaram os srs. Augusto Vasconcelos, Dias de Andrade, Procopio de Freitas, Joaquim Crisostomo, e Medeiros Franco em nome do povo dos Açores que sempre tem encontrado um carinhoso acolhimento na grande patria americana.

Em seguida foi encerrada a sessão em sinal de sentimento, ficando a proxima marcada para as 16 horas, a qual se realisou, como dissemos noutro logar.

Parlamento

Nos Deputados

Interesses de Cabo Verde e de S. Tomé—Varios projectos

O sr. Carlos de Vasconcelos chama a atenção do Governo para a urgencia de se enviarem socorros para a Ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, acusando o governador interino desta provincia de ter mandado para a referida ilha, 5 sacas de milho podre, alegando que o caso vai ser tomado na devida conta.

O sr. Fausto de Figueiredo trata de assuntos de interesse para S. Tomé, afirmando que, em relação á mão de obra, a situação é grave, justamente porque as ordens dimanadas do poder central não são cumpridas acrescendo a circunstancia de o governador deturpar, em face do governo da Metropole, os pontos de vista dos fazendeiros, incompatibilisando estes com os serviçais.

* * *

O sr. presidente do Ministerio responde que o governo não tem conhecimento de que se tenham praticado actos criminosos em S. Tomé, dizendo ainda que as colonias merecem todo o carinho e auxilio.

Seguidamente vota-se um projecto estabelecendo que para o proximo ano lectivo no concurso de admissão de aspirantes da armada seja reservada metade das vagas para os concorrentes que se encontraram habilitados com os preparatorios pela lei de 5 de Junho de 1903 no ano civil de 1922.

Depois volta á discussão o projecto que regula as autorisações para os oficiais do exercito estudarem no estrangeiro.

Depois é comunicada a morte do presidente Harding que dá logar a varias manifestações que relatamos n'outro local.

No Senado

O sr. Xavier da Silva como membro da Comissão de Inquerito ao ministerio das Colonias protestou contra a demora havida por parte deste ministerio em lhe enviar os documentos que pedira.

O sr. Santos Garcia enviou para a mesa o seguinte projecto de lei:—Promovendo a 3.ºs oficiais os aspirantes do quadro de pessoal administrativo do Ministerio da Agricultura.

A sessão continua.

A lei do inquilinato

No comicio de hoje pe iu-se ao Parlamento que vote as aclarações do sr. dr. Catanho de Meneses

Como estava anunciado realisou-se esta tarde o anunciado comicio promovido pelo Conselho Central das Juntas de Freguesia, afim de reclamarem do Parlamento a imediata aprovação das alterações á lei do inquilinato propostas pelo sr. dr. Catanho de Meneses.

A' hora anunciada já o vasto recinto do quartel de bombeiros, cedido expressamente para a realisação do comicio se encontrava repleto de inquilinos.

O sr. Joaquim Maria Gil, vice-presidente do Conselho Central, assumiu a presidencia, explicando os fins do comicio e lendo varios telegramas do Porto, Coimbra, Santarem Evora e outras cidades, assim como de grande numero de associações comerciais, industriais e operarias.

Depois de falarem varios oradores que mostraram a necessidade de o povo reclamar que o Parlamento aprove a lei do sr. dr. Catanho de Meneses, para evitar a continuação de abusos da parte de senhorios menos honestos, foi aprovada uma moção em que se diz que o decreto 5411 deixou de satisfazer ao seu objectivo, não representando a lei, tal como vem sendo sofismada e aplicada, uma permanente ameaça aos direitos dos inquilinos, á estabilidade e segurança do domicilio.

Considerando, pois, que só a aclaração da lei 5.411 pode atenuar essa situação, resolve-se reclamar, com viva instancia, do Parlamento da Republica, imediata, urgente aprovação das emendas apresentadas ao decreto 5.411 e já em debate ha longos e demasiados dias, e bem assim a de outras medidas necessarias a assegurar a eficaz defesa do inquilinato contra os atropelos, extorções e as rabulas sofismações da lei praticadas em nome e homenagem áqueles proprietarios para quem os direitos alheios e a tranquilidade de outrem nada representam em face do descomedimento da sua cupidez sem regra moral e sem limites impostos por uma honrada profissão.

O sr. Dario Nada da junta das Mercês, tambem apresentou uma moção de saudação ao povo e a todas as colectividades e entidades que tem contribuido para que se vote uma nova lei do inquilinato.

No comicio fizeram-se representar as juntas de freguezia de Santarem e outras, a Associação Comercial de Lisboa, a C. G. T. e a União dos Sindicatos.

O comercio da capital encerrou na sua maioria as portas dos estabelecimentos ás 16 e 30.

Terminado o comicio, os que neste tomaram parte foram ao Parlamento, invadindo as galerias entre vivas á Republica e protestos contra a demora na aprovação do projecto.

Um sobrinho "modelo"

Acusado de ter por diferentes vezes lançado fogo a varias dependencias da igreja de Santa Izabel foi preso há dias Joaquim Pedro Dias empregado da mesma igreja, o qual foi entregue para averiguações á policia de investigação.

Após varias diligencias veiu a mesma policia a apurar que o Dias estava inocente dos crimes que o acusavam e que o verdadeiro criminoso tinha sido seu sobrinho Manoel Garcia de Freitas, que após as suas proezas denunciára o tio para lhe ficar com o logar, que ele desempenha ha 15 anos com a maior honestidade.

Preso o sobrinho patife e interrogado confessou o crime.

Tarde politica

Os partidos e a eleição presidencial

A ideia de um candidato unico á presidencia da Republica por parte dos dois maiores agrupamentos politicos da nação, dos dois unicos agrupamentos com fóros constitucionaes do eleitorado, partiu dos parlamentares da maioria em boa hora de ponderação.

Parece, porém, que os boas ideias do P. R. P. não passam do campo meramente especulativo das teorias posto que, tendo sugerido a ideia, logo o partido democratico se apressou a proclamar, em questão fechada, um candidato oficial do partido.

O facto causou profunda estranheza em todos os arraiais politicos e tornou desde logo muito complexa a eleição do primeiro magistrado da Republica.

E de sua sina que o grupo parlamentar da esquerda tenha aberta sempre a fonte dos incidentes e das complicações.

E' legitimo, entretanto, supor que o acto politico que segunda-feira vai realisar-se estivesse á margem das cebolas e fechados labirintos da intriga politica.

Nem nisto mesmo o partido democratico quiz transigir, abandonando os seus velhos processos de predominio incondicional sobre tudo e sobre todos.

Assim, sem possibilidade de acordo, a menos que os parlamentares democraticos arrepiem caminho, a proxima eleição do chefe do Estado irá até ao terceiro escrutinio triunfando um candidato de partido que não será de modo nenhum o eleito da nação.

Se isso vier a acontecer é um caso novo na historia parlamentar das democracias.

E', porém, possivel que nas reuniões que vão efectuar-se seja vista mais claro, decidindo-se orientação mais consentanea com os altos interesses nacionaes.

Será conveniente não esquecer que a eleição dum chefe de Estado é qualquer coisa de mais grave que a nomeação dum governador civil.

Que esta ideia merecerá tanto maior respeito e confiança a dentro e fóra das fronteiras do paiz, quanto ela for nome in[illegible] cidir o sufragio dos varios conceitos de opinião.

Mas como asneira puxa asneira, ninguem se surpreende de que desta eleição se faça uma questão de campanario irritante e inconveniente.

* * *

Ao que nos afirmaram hoje, os nacionalistas, se não se chegar a acordo na escolha do candidato á Presidencia, estão dispostos a, no momento da eleição, abandonar a sala, não votando.

* * *

O grupo parlamentar democratico reune na segunda-feira, pelas 13 horas, para se ocupar ainda da eleição presidencial.

Manuel Caldeira

Morreu o conhecido proprietario do Restaurant Tavares

Manuel Caldeira, o proprietario do café Tavares, do «Tavares rico», morreu hoje. Uma hemorragia cerebral fulminou esse homem por todos os titulos interessante, que toda a Lisboa conseceu e que conheceu Lisboa, como poucos.

Muito ilustrado em constantes viagens pelo estrangeiro, Manuel Caldeira era uma pessoa de inteligencia viva, curiosa, com uma «blague» sempre engatilhada.

A ilustre freguesia do restaurante, que as suas maneiras finas captavam atraiam, apreciava-o imenso, porque não era uma pessoa vulgar.

Foi a sua iniciativa, a sua experiencia das grandes capitais europeias, e a sua tenacidade que transformaram o Tavares no melhor restaurante de Lisboa.

Ha 36 anos que Manuel Caldeira tinha tomado conta da casa — era ainda o Tavares um simples café. Fez-lhe a primeira transformação, modernisando-o, enriquecendo-o, completando-o. Não ficou, porem, á sua vontade e, poucos anos depois, nova transformação. O contacto com o estrangeiro demonstrou-lhe a insuficiencia do Tavares em relação aos grandes restaurantes de outros paises — e nova transformação. Passou tempo, e no passado, o Tavares apresentou-se mais brilhante, mais luxuoso, mais completo — um grande restaurante de luxo.

Foi a quarta transformação.

Tudo isso foi obra de Manuel Caldeira, que morreu esta manhã — precisamente no dia em que tinha falecido seu pae.

E circunstancia curiosa, haviam ambos nascido no mesmo dia do mez — a 18 de Setembro.

Ha 36 anos que Manuel Caldeira dirigia o Tavares; — ha 36 anos que esse homem tinha uma ideia fixa: criar em Lisboa um grande restaurante moderno. Conseguiu. Não se di[illegible] rá que não realisou a sua obra. Agora morreu...

A' familia Caldeira apresentamos as nossas condolencias.

AS REPARAÇÕES

O que diz a resposta da França

á comunicação do governo)-(britanico)-(

PARIS, 3 — Podemos publicar um resumo da resposta dada pelo governo francês á comunicação de lord Curzon a respeito das reparações. Seguindo artigo por artigo os seis pontos abordados pelo governo britanico, a nota francesa responde em conclusão:

1.º A questão da resistencia passiva domina actualmente todas as outras e deve ser regulada precisamente;

2.º A evacuação do Ruhr só se efectuará á medida que os pagamentos forem feitos. Logo que cesse a resistencia passiva, o que trará automaticamente o regresso á vida economica, a ocupação do Ruhr será tão suave quanto possivel, mas, emquanto durar a resistencia, a França não pode conversar com a Alemanha a respeito da forma de modificar a ocupação.

Pelo que se refere aos 3.º e 4.º pontos, isto é, a respeito da conferencia dos peritos imparciais, o governo francês deseja saber da Inglaterra quais são as garantias de justiça, equidade e boa fé que tal reunião pode dar, que sejam superiores ás da comissão de reparações investida por um tratado que autoridade, que poderes e que direitos superiores ela teria para se fazer ouvir mais superiormente em Berlim.

5.º Com respeito á proposta britanica de fazer elaborar pelos aliados um plano completo de regulamento financeiro geral e definitivo, o governo francês lembrou que esse plano existe; a comissão de reparações tem todos os poderes para o fazer aplicar. Votar á ideia do regulamento ou á fixação de uma cifra, não seria isso contrario ao tratado? Que ideia forma Londres de regulamento geral e definitivo. A questão das dividas interaliadas não estará incluida nesse regulamento?

6.º Finalmente, não se póde senão repetir que a França e a Belgica evacuarão o Ruhr somente contra os pagamentos efectivos pela Alemanha e proporcionalmente feitos.

No ultimo periodo da carta do governo britanico faz-se alusão á questão da segurança de que o governo francês se entende sempre felizmente com ele, mas esse assunto é independente da ocupação do Ruhr e deve ser tratado á parte. — (H.).

Dr. Santos Monteiro

O seu funeral realisa-se amanhã para Armamar

Por noticias recebidas no fim da tarde de hoje em Lisboa, sabe-se que o funeral do dr. Santos Monteiro, adjunto do director da policia de investigação em Lisboa, victima de um desastre em carro electrico na capital do Norte, se realisa amanhã pelas 7 horas da manhã para Armamar, terra da naturalidade do saudoso extincto.

A urna contendo restos mortaes do integerrimo magistrado é hoje á noite removida para a estação de S. Bento, onde se encontra um vagon armado em camara ardente que a conduzirá para Armamar. No comboio correio da noite de hoje seguem ainda varios agentes da policia que vão incorporar-se no funeral.

A reforma da instrução

Prosseguiu hoje a assembleia dos professores primarios

Na Associação do Pessoal Maior dos Correios continuou hoje a assembleia magna dos professores primarios, para apreciarem a proposta de lei que reforma a instrução publica. Foram discutidos alguns artigos da reforma, tendo sobre o assunto, falado varios oradores, que propuseram diversas emendas ao projecto, as quais foram aprovadas pela assembleia.

A' hora de fecharmos este relato a sessão continua.

Os Bombistas

Uma brigada de agentes das policias de informação e de Segurança do Estado passou hoje de manhã uma minuciosa busca a todas as dependencias da C. G. T. na Calçada do Combro não tendo dado resultado tal diligencia. A' saida do edificio os referidos agentes prenderam o conhecido bombista Julião de Almeida, indicado como sendo um dos implicados no atentado do Largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

Ao comandante do forte de S. Julião da Barra foi requisitado o preso José Lopes, para comparecer no Instituto de Medicina Legal a fim de sofrer exame do ferimento recebido por ter sido atingido por estilhaços de bombas quando do atentado do Largo da Boa Hora.

Ao sr. MINISTRO DA GUERRA

O caso dos inquilinos dos fortes da Graça e do Guincho

A 2.ª repartição da 2.ª Direcção Geral do Ministério da Guerra pretende impôr á Inspecção dos Serviços Administrativos do Campo Entrincheirado de Lisboa que anule os contractos de arrendamento dos fortes da Guia e Guincho com os respectivos inquilinos, baseando-se, para praticar essa violencia, no despacho ministerial de 1 de Março de 1922, lançado no requerimento da Sociedade Financeira Comercial, em que esta pedia para ser arrendataria dos ditos fortes, despacho que diz que o novo contracto de arrendamento com essa Sociedade só poderá ser feito quando findos os actuais arrendamentos.

Com um despacho deste teor, a imposição de despejo aos actuais inquilinos é uma violencia, porque violencia é prejudicar cidadãos que estão a coberto da lei e contra os quais não ha um unico argumento legal a apresentar.

A prepotencia, que nenhuma lei, nem o proprio despacho ministerial autorisa, porque êste prevê a hipotese dos actuais inquilinos estarem de acordo com a favorecida Sociedade, assume ainda maiores proporções, porque é um facto que essa Sociedade propoz aos actuais inquilinos a troca dos fortes por parcelas a escolher nos seus hipoteticos terrenos da Marinha, que demonstra que ela tem a consciencia do direito de posse dos inquilinos, pois que lhes propoz a compra desse direito, dando-lhe em troca esses terrenos, o que equivale a dinheiro de contado.

Isto é o que a propria Sociedade não contesta, pois pretende comprar esse direito de posse, contestado pela 2.ª repartição da 2.ª Direcção do Ministerio da Guerra, saltando por cima da lei pela qual se rege e deve reger as suas acções, coagindo os actuais inquilinos a sairem, contra a lei e sem indemnisação ou outro qualquer acordo, como preceitua o despacho ministerial.

Relativamente á Inspecção dos Obras e Fortificações do Campo Entrincheirado de Lisboa, levou o seu facciosismo ao ponto de indicar na sua informação que a renda e as condições que a tal Sociedade propõe, e que são absolutamente iguais ás que cumprem os actuais inquilinos, são mais vantajosas para o Estado.

O sr. ministro da Guerra tem que olhar para este assunto, pois está em jogo a sua personalidade como ministro, pois preparam-lhe, capciosamente, uma situação deploravel perante a opinião republicana.

Politica da Madeira

Sobre a politica da Madeira recebemos do sr. J. Campos Junior uma carta em que argumenta contra algumas afirmações do capitão sr. Costa Dias. Faz o elogio dos srs. dr. Manoel Augusto Martins e major Americo Olavo, «dois homens dum só rosto e duma só fé, terminando por afirmar que no partido democratico da Madeira estão concentrados hoje individuos, expulsos de outros partidos.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

1.ª tourada — A favor da simpatica e benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda (Cruz Verde). Casa muito fraca, muito menos de meia. Não houve reclamos espaventosos, nem foguetes, e o publico — que quere é muito «espalhafato». Curro de Robertos & Robertos, de Salvaterra, 7 touros negros, alguns grandes e de muito poder, mansos perdidos, exceptuando o 1.º, 5.º e 7.º, que cumpriram. Morreu, á tarde, um touro nos curros e, á hora de principiar a corrida, disse-me o lavrador que não tinha aparecido ainda o veterinario de praça, nem se haviam tomado providencias!

Cavaleiros — Simão da Veiga toureou o 1.º e o 5.º como qualquer principiante, sem ver a lide que os touros pediam e quebrando todos os ferros deitados e muito apressadamente. O primeiro touro era para levantar a praça, se fosse toureado de cara, em curto e devagar.

Antonio Luiz Lopes tourou o 3.º, o mais manso de todos. Citou em curto, de cara e deligenciou fazer sangue. Mostrou uma grande vontade de pinchar, que o touro não merecia, se bem que um bocadinho fora do seu estilo de tourear. O touro é castigado com um par de Custodio Domingos e o cavaleiro aproveita a zanga do touro com 2 ferros. Todo o seu trabalho, consciente, foi apláudido. Ofereceu a primeira sorte ao grande mestre Victorino Frois.

Bandarilheiros — Jaime Cadete toureou o 2.º com 2 pares, sendo o ultimo muito bom. Francisco de Oliveira teve no mesmo touro um par abornalado. Mario Lopes e Gama Lobo foram infelizes com o 4.º touro, manso do todo. Gama Lobo aproveitou com 2 pares. Victor de Santos fez a faiola, boa, no 6.º e teve mais 2 pares bons. Artur Ribeiro teve 2 pares no mesmo touro, sendo o ultimo de boa marca. O primeiro saíria igual se não pinchasse com a cabeça do touro vencido de mais. Fernando Henriques, o artista mais novo, fez uma gaiola bem marcada no 7.º e meteu mais 3 pares com estilo.

Custodio Domingos esteve trabalhador. Deu umas veronicas elegidas e provadas com aplauso geral. Vamos ás pégas que foram do primeiro ao ultimo. De cara, 2, por Benjamim Jardim e Joaquim Versimo. Gostei tanto desta ultima como me não satisfez a primeira. Á volta houve 5, todas boas e da efeito Antonio Abreu, Jaime Alves, 3, Antonio Abreu e Francisco Queiroz, uma. Esta foi a de menos efeito, porque o touro tinha saltado as tablas 7 vezes. Recomendo aos srs. forcados que não se cancem a correr atraz dos cabrestos e não se importem com a falta de paciencia de alguns espectadores, porque sendo assim ficam sem pernas e fazem depois muita falta para acabar a péga.

José da Costa esteve com muita sorte nas 2 embalagens que poderiam ter sido muito sérias. A direcção, a cargo de D. José de Mascarenhas, satisfez em absoluto.

EL TERNO.

Em Alcochete

Em Alcochete realisa-se no proximo domingo, uma grandiosa corrida em que tomam parte os lauredos amadores D. Ruy da camara, D. José de Mascarenhas, D. Alexandre, D. João e D. Carlos de Bragança, Gama Lobo, João Malhou da Costa, Artur Ribeiro e Mario Calazans e o valente grupo de forcados espitanea dos por Antonio Abreu e os campinos Jaime Godinho, Jaime Matos e Hilario Barreiros.

É uma festa muito simpatica que resultará, decerto, proveitosa aos pobres de Alcochete, sendo digna dos maiores elogios a comissão organisadora.

OS PARTIDOS

Uma moção do P. Republicano Radical

Reuniu ontem extraordinariamente a comissão distrital de Lisboa, deste partido e tendo apreciado as noticias dos jornaes sobre um movimento revolucionario que teria a sua eclosão ante ontem, e ainda do oferecimento ao Governo de elementos partidarios para sua defesa, esta comissão verificou que nenhum dos seus membros fez tal oferecimento, porquanto só ao Directorio compete apreciar da oportunidade de ser dado qualquer apoio nesse sentido. Depois de larga discussão foi votada a seguinte moção:

«Considerando que os supostos manejos revolucionarios de que os jornaes dão conta são da culpa exclusivamente do Governo, porquanto não são adoptadas medidas energeticas de salvação nacional, evitando a crise financeira e alta cada vez maior do custo da vida;

Considerando que o Governo, numa perseguição inqualificavel aos elementos que fazem parte do P. R. Radical, em benefício dos elementos hostis ao regimen, demonstra claramente não necessitar do apoio desta falange republicana;

A comissão distrital do P. R. Radical reunida em sessão extraordinaria, para apreciar os boatos correntes sobre movimentos revolucionarios e das noticias dos jornaes sobre um suposto apoio dado por correligionarios seus ultimamente ao Governo, resolve acatar as indicações do Directorio sobre estes assuntos de gravidade maxima e convida todos os filiados a estarem sómente a postos para a defeza intransigente da Patria e da Republica, deixando aos politicos a responsabilidade do que suceda simplesmente por culpa dos seus numerosos erros.»

As comissões districtal e municipal reunem hoje novamente no Centro R. Radical — Rua Voz do Operario, 64-1.º (pelas 21 e 30.

Foi ontem assim constituida a comissão politica da Moita: Manoel Mauricio da Costa Junior, Manoel Gomes de Paula, Manoel dos Santos Correia, Antonio Azenha e Luiz Rocha Miranda.

A mesma comissão reunida, saudou o Directorio, todos os organismos politicos partidarios do paiz e a imprensa partidaria e em especial «A Capital».

Naquela vila aderiram ao partido os srs. João Ribeiro da Costa, João Manoel Coelho, Daniel Gomes de Almeida, Luiz Manoel Simões, Manoel Fonseca e José dos Santos Curado.

O Patriarca Tikhon

... chegaram agora a Roma os seguintes informes sobre a retratação do patriarca Tikhon, feita por escrito, e em que pede perdão ao governo dos «soviets», prometendo-lhe o seu futuro apoio.

O patriarca confirmou depois publicamente a sua deliberação e pediu ao seu apoio exortando o clero ortodoxo e os fieis a não seguirem a nova igreja, mas a continuarem fieis á antiga fé ortodoxa.

Os elementos anti-religiosos esperam que esta desunião diminuirá o poder dos seus adversarios, contribuindo para a destruição do cristianismo na Russia.

O patriarca ergue-se também contra o Papa, que interveiu em seu favor.

Diz, a certa altura:

«O Papa de Roma procura por todos os meios introduzir o catolicismo na igreja russa com a ajuda do governo polaco».

O patriarca Tikhon afirmou que o governo dos «soviets» lhe prometeu o seu apoio contra a igreja viva e contra a igreja catolica».

Teatros • Musica • Cinemas

As revistas portuguesas no Brasil

Como se faz lá fóra o descredito de Portugal

Têm seguido para o Brasil nas ultimas semanas, e outras se preparam para o fazer, algumas companhias portuguesas de revista.

Quem alguma vez andou por terras de Santa Cruz e assistiu aos espectaculos dessas companhias não pode ter deixado de sair confrangido.

Geralmente, os elencos não são preparados como convinha ao bom nome do nosso teatro. Os elementos de prestigio nesse genero teatral não são em tão grande numero que permitam aos empresarios dessas «tournées» assegurar uma representação harmonica, que garanta por si em grande parte o exito da viagem.

Mas isso não é para nós o essencial, porque ninguem lá exige que todos os artistas que trabalham nessas revistas sejam notaveis. A questão toda está nas proprias revistas. E para essas que chamamos a atenção dos organisadores das «tournées», pois que a má escolha delas tem prejudicado bastante o nome de Portugal nas terras amigas de Além Atlântico.

De facto, os espectadores do Brasil não podem ... os ridiculos e os proprios enxovalhos aos nossos homens e ás nossas coisas de que muitas dessas peças de teatro estão cheias. O que aqui pode passar sem protestos de maior — embora deve sair em troca de autentico humorismo, só dado a poucos — assume fóra da Patria proporções extraordinarias.

A sensibilidade afina-se, e porque se está longe das palavras que aqui nos dominam, a Patria tem para os que por lá mourejam um encanto raro, sendo lembrada sempre com carinho e devoção e fazendo-se justiça áquelas que dedicadamente a servem.

Em face disto, certas grosserias produzem lá o efeito de pedradas, ferindo os ouvidos dos bons patricias que as recebem e que não compreendem como artistas portugueses podem andar por terras estranhas dizendo tanto mal de Portugal.

Mais de uma vez tivemos ocasião de verificação, não só no Rio, mas em outros pontos do Brasil, em toda a parte onde havia portugueses, que se sentiam vexados com a inexplicavel troça que da sua Patria e da sua gente se faz nessas revistas.

Nós proprios nos envergonhámos ao assistirmos a taes representações, doendo-nos, como aos outros, que se assim se andasse cobrindo de ridiculo em terra estranha, embora amiga, o cantinho em que nascemos.

A ausencia da terra natal, para aqueles que não fazem do patriotismo tabua rasa e a toda a hora relembram com saudade o paiz a que pertencem, cria em nós sentimentos com que não ha o direito de brincar. E porque os não respeitam, ou deles se não lembram, os portugueses do Brasil melindram-se com inteira razão.

Mas, a par deste, outro mal resulta da indiferença e da falta de patriotismo de alguns desses empresarios, e é que, se no Brasil ha muita gente que nos quer bem, outra ha que aproveita todas as oportunidades para nos ser desagradavel. É triste, é simplesmente lamentavel que seja o que nós dizemos de tudo o que nosso é que eles nos enxovalham.

As companhias francesas, de revista que por lá vimos representar, se pecavam tambem pela sua falta de unidade e por uma certa liberdade de linguagem, nunca enxovalharam a França, como em certas revistas nossas se enxovalha Portugal.

Por isso era tempo de se pensar a serio em por termo a tão dolorosa situação.

X.

ESCANDALO OCULTO
Uma mulher
A sangue e fogo

Três verdadeiras obras de arte. A primeira, «Escandalo oculto», estreada hoje nas «matinées» do Salão Central, foi um autentico sucesso pela novidade da sua acção, cheia de interesse, de verdade e de moral. No desempenho deste «film» tem a extraordinaria artista May Mac Avoy um prodigioso trabalho, que a torna querida de todos os publicos.

A segunda das peliculas a exibir esta noite, «Uma mulher», do repertorio da grande actriz «Perla Blanca», contém a novidade de ... delirar os frequentadores do Central, emocionando-os com a enorme tragedia que se lhes depara e arrebatando-os quando no desenlace, ha o triunfo do amor e do dever.

A terceira, em ultima exibição, «A sangue e fogo», é diferente das anteriores, mas de notavel exito tambem, pelos seus costumes, que não conhecíamos, e pela interpretação do protagonista confiado ao insigne actor norte-americano Hoot Gibson.

Primeiras e reposições

TEATRO S. LUIZ—Fado Corrido

Está feita a critica da alegre revista que tem feito as delicias dos frequentadores do Parque Mayer. O desempenho da peça no S. Luiz é quan...

...o a nós interior, ao do teatro Maria Victoria. No teatro de fóra ha o quer que é ... de mais ... o mais vivo.

Alvaro Pereira, Ghira, Teresa Tavira e Elsa Santos, primeiras figuras do S. Luiz em no entanto o que podem para tirar o maximo partido dos seus varios papeis.

A peça está mesmo refrescada aqui e acolá com alguns novos ditos e é, mesmo sem comparação, um interessante espectaculo, a que a particular comodidade do teatro, dá, sem duvida, outro genero de frequencia sobre o barracão que airda é o Mayer.

O HOMEM QUE PASSA

José Ricardo e Ilda Stichini

No rapido do Porto regressaram ontem a Lisboa estes dois novos artistas que agora vão descançar da sua fatigante «tournée».

Na Figueira obteve ainda a Companhia do Apolo, agora já desmanchada, um otimo exito.

Foi representada a «Força do mal» de Linares Ribas e «30 H. P.» de Leitão de Barros, tendo tido ambas as peças assinalado triunfo.

Ilda Stichini, que se encontra bastante combalida pelo tragico desastre de que foi vitima seu irmão, irá repousar para a sua casa de Caparica, não tendo ainda assentado plano de trabalho para o inverno.

Noticiario

Veio apresentar nos as suas despedidas, antes de partir para as Caldas da Rainha, a ilustre artista Justina de Magalhães. Agradecemos.

— Na proxima primavera constrói-se no Parque Mayer um teatrinho no genero dos «boites» de Paris, para a exploração de variedade, Guignol e Folies-Bergéres.

— Vai reabrir, depois de obras importantes, o salão Olimpia, que em Outubro exibirá um novo film de D. Virginia de Castro e Almeida.

— Está em ensaios no Avenida a «Revista de Praxedes», do ilustre escritor sr. André Brun.

— Estreia-se amanhã no Eldorado a cantora Eva Erving.

— Os ensaios de «Casa em Ordem» a ir á scena em S. Carlos, estão sendo dirigidos pelo ilustre professor Antonio...

VIDA SPORTIVA

Foot-ball

Realiza-se no proximo domingo, no Campo das Laranjeiras, gentilmente cedido pelo Club Internacional de Foot-Ball, o inicio da disputa da taça «Victor Manuel», estando marcados os seguintes encontros: Santa Marta Foot Ball Club contra Gloria Foot Ball Club, ás 7 horas. Arbitro, sr. Anibal Breia. Sporting Club Barroca contra Santa Cruz Foot-Ball Club, ás 9 horas. Arbitro, sr. Casimiro dos Santos.

Pinheiro, o para que nada falte ... proprios verdadeiramente sensacional, resolveu a empresa não dar espectaculo na quinta-feira e domingo, visto o ensaio geral, feito a rigor, ...

Reclames

Está, de novo, alcançando um exito verdadeiramente colossal, no Nacional, a famosa peça «20.000 Dollars», cujos episodios misteriosos decorrem de forma que não é facil prever-se-lhe o desfecho, que é absolutamente imprevisto.

«20.000 Dollars» tem um esplendido conjunto de interpretação, que ainda mais lhe sobressai excepcionais condições d'agrado que a peço possue.

«A Carta Anonima», que ... no S. Carlos ... comedia tem Lucilia Simões ... Erico Braga ... como Amelia Pereira.

Mais uma atração interessantissima, é a que vai proporcionar-nos amanhã em S. Carlos, a esplendida Companhia Lucilia Simões. Teremos ali a comedia «Amor, a quanto obrigas», que apenas voltará a repetir-se no domingo, visto a temporada estar ... á terminar.

— E' incontestavelmente a grande e fina revista «Fado Corrido» em scena no Teatro Maria Victoria ... mais acontecimento teatral ... noites, e o publico aplaude os magnificos numeros de que está povoada ... revista entre os quais se destacam «A asia de balões», «A menina dos Gansos», «A espoleta bolchevista», interpretados por Elisa Santos, Laura Costa, Palmira Miranda, Ofélia Brochado e Alda de Sousa.

— Todos os devertimentos do Parque Mayer, á rua do Salitre, têm estado concorridissimos, sendo o aprazivel recinto visitado por milhares de pessoas.

Hoje voltam a funcionar todas as instalações do Parque, em que ... gratuita ... pilhados ...

Manuel Caldeira, L.da

Para todos os efeitos legaes se publica que, por escritura de 24 de Julho do corrente ano de 1923, outorgada nas notas do notario desta cidade, dr. José Peres de Noronha Galvão, abaixo assinado, se constituiu entre os srs. Manuel Marques Caldeira, D. Adelaide Ogueia Caldeira e José Miguez Vilan, uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta, para todos os seus actos e contractos, a firma Manuel Caldeira, Limitada.

2.º — A séde da sociedade é em Lisboa e o seu estabelecimento principal na Rua do Mundo, 35 e 39, e Rua das Gaveas, 26, 28 e 30, com sucursal na mesma Rua do Mundo 60 e 62, tornejando para o Largo da Trindade, 8 e 9, e armazens na Rua das Gaveas, 52 e 56.

3.º — O seu objecto é a industria de restaurante e seus derivados, podendo explorar qualquer outro ramo de comercio ou industria mediante prévia deliberação social.

4.º — A sociedade teve o seu inicio no dia 1 de Julho do corrente ano de 1923 e a sua duração será por tempo indeterminado.

5.º — O capital social é de 600.000$00, correspondente á soma das quotas dos socios que são as seguintes:

Manuel Marques Caldeira...	450.000$00
Adelaide Ogueia Caldeira	50.000$00
José Miguez Vilan	100.000$00

§ 1.º — A quota do socio Manuel Marques Caldeira acha-se integralmente realisada e é representada em parte do activo da sua mencionada casa comercial que, no valor de 1.600.000$00, desde já transfere para a sociedade e nella põe em comum com todos os seus respectivos direitos e efeitos comerciaes, inclusivamente o direito aos citados arrendamentos. A importancia do referido activo que excede o valor da aludida quota, ou seja escudos 1:150:000$00, serão creditados em conta de suprimentos do mesmo socio.

§ 2.º — A quota da socia D. Adelaide Ogueia Caldeira acha-se integralmente realisada em dinheiro já entrado na caixa social.

§ 3.º — A quota do socio José Miguez Vilan tambem é em dinheiro, mas acha-se realisada sómente até á quantia de 25.000$00, obrigando-se o mesmo socio a completar o seu pagamento, tambem em dinheiro, até ao dia 31 de Dezembro de 1924.

6.º — Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que ela carecer, ao juro de desconto do Banco de Portugal, acrescido de 1 por cento.

7.º — O socio que pretender ceder a sua quota a estranhos, terá de a oferecer previamente, em cartas registadas, á sociedade e aos outros socios, com a indicação do nome e morada do adquirente, tendo aquela em primeiro lugar e estes em segundo o direito de a adquirir pelo valor que lhe tenha sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva.

§ unico. — Se a sociedade em primeiro lugar e os socios em segundo declararem não pretender a quota alienanda, ou não responderem, tambem por meio de cartas registadas, dentro do prazo de 15 dias a contar da recepção do oferecimento, poderá a mesma quota ser livremente cedida.

8.º — A sociedade poderá amortizar a quota do socio José Miguez Vilan quando entenda que ele não cumpre os deveres a que fica obrigado por esta escritura.

§ 1.º — O preço da amortisação a que se refere este artigo será o do valor nominal da quota, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva, considerando-se feita a amortisação tomada que seja a respectiva deliberação e feito o deposito judicial da sua importancia á ordem do dito socio José Miguez Vilan.

§ 2.º — Deixando de fazer parte da sociedade o socio Manuel Marques Caldeira, caducará ipso facto a clausula exarada neste artigo.

9.º — A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fóra dele, activa e passivamente, serão exercidas pelo socio José Miguez Vilan, que desde já fica nomeado gerente com dispensa de caução e sem direito a qualquer remuneração especial.

10.º — Ao gerente é expressamente proibido assignar em nome da sociedade actos e contractos que não digam respeito aos negocios sociaes, taes como abonações, fianças, letras de favor e outros similhantes, sob pena de, infringindo o disposto neste artigo, perder a favor dos outros socios metade dos lucros que lhe competirem no ano em que cometer a infração, sendo além disso responsavel para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

11.º — Ao gerente é expressamente proibido exercer directamente, associado com outrem ou por interposta pessoa, qualquer ramo de comercio ou industria que não seja em beneficio da sociedade, ficando por isso obrigado a dedicar exclusivamente a favor desta sociedade toda a sua actividade.

12.º — Ao socio Manuel Marques Caldeira, bem como aos seus sucessores na posse da quota, ficam competindo os mais amplos direitos de fiscalisação, que poderão exercer directamente por si ou por pessoa de sua confiança.

13.º — A escrituração da sociedade andará sempre devidamente arrumada e será feita por um guarda-livros da confiança do socio Manuel Marques Caldeira ou de quem lhe suceder na posse da sua quota.

14.º — Em 30 de Junho de cada ano será dado um balanço geral de todos os negocios da sociedade, o qual deverá estar concluido e aprovado dentro dos 20 dias subsequentes.

15.º — Os lucros liquidos, acusados pelos respectivos balanços anuaes, depois de deduzidos 5 por cento pelo menos para Fundo de Reserva Legal até que este atinja a quinta parte do capital social serão divididos da seguinte fórma:

a) — 50 por cento para subdividir pelos socios Manuel Marques Caldeira e D. Adelaide Ogueia Caldeira na proporção das suas quotas;

b) — 50 por cento para o socio José Miguez Vilan.

§ unico. — Os prejuizos, verificados de igual modo, serão suportados na proporção indicada nas alineas a) e b) deste artigo.

16.º — Os socios poderão retirar por conta dos seus respectivos lucros as quantias mensaes que entre si acordarem, mas de fórma que elas sejam sempre proporcionaes ás suas percentagens de lucros.

17.º — A sociedade sómente se dissolve nos casos previstos na respectiva legislação.

18.º — Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios os socios ou extranhos que então forem nomeados, sendo obrigatoria a licitação em globo do estabelecimento social desde que um dos socios o requeira.

19.º — Ocorrendo o falecimento de qualquer dos socios Manuel Marques Caldeira e D. Adelaide Ogueia Caldeira, a sua quota transmitir-se-ha aos respectivos herdeiros ou legatarios, que a poderão dividir entre si como melhor entenderem.

20.º — Ocorrendo o falecimento do socio José Miguez Vilan, a sociedade continuará sómente entre os socios sobreviventes, pagando aos herdeiros e mais representantes do falecido o que este tiver na sociedade, liquidado pela seguinte fórma:

Quanto a capital e fundo de reserva pelo que constar do ultimo balanço geral aprovado;

Quanto a suprimentos pelo que constar da respectiva conta;

Quanto a lucros do tempo decorrido desde o ultimo balanço até á data do falecimento na mesma proporção dos acusados no referido balanço e correspondente ao referido lapso de tempo.

21.º — Para todas as questões emergentes deste contracto entre os socios, seus herdeiros e representantes, ou entre a sociedade e qualquer destas entidades fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com renuncia expressa a qualquer outro.

22.º — Nos casos omissos regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 28 de Julho de 1923. — O notario *José Peres de Noronha Galvão.*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4448-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 2—LISBOA || Sabado, 4 de Agosto de 1923 || Telefone C. 3298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

BERLIM, 4. — O Banco Alemão fixou em 3 milhões de marcos papel o preço da moeda de Ouro de 20 marcos.—(R.)

Posso, quero e mando

A maneira como se procura eleger o Presidente da Republica afigura-se-nos altamente irregular, falseando por completo aquoles principios de democracia pura que são a base constitucional das instituições republicanas.

Não será util demonstrado aos representantes do povo, que compõem o parlamento portuguez?

Uma das rasões por que o presidencialismo não tem tido raizes no nosso paiz está precisamente na consideração de que, embora por um sufragio restricto, o chefe de Estado será escolhido por um eleitorado consciente e independente. Se qualquer destas qualidades não possuir, então não teria nenhuma rasão de ser a eleição, pelo processo indirecto, do Chefe do Estado em Portugal.

Sendo isto rigorosamente exacto, e supomos que ninguem o contesta, compreende-se facilmente que para a eleição do Presidente da Republica não pode nenhum partido considerar questão fechada a escolha do nome do candidato.

Primeiro do que membros dum partido, os parlamentares são representantes da nação, e a nação não póde admitir que se exerça sobre a consciencia dos seus representantes, para um acto que a toda a nação interessa, e não apenas a um partido, um pressão de tal forma violenta e intoleravel.

Ainda ha pouco se clamava que era preciso que o novo Presidente da Republica não sofresse no seu prestigio com a simples suspeita de ser apenas o representante dum partido. Já isso era mau, votando os parlamentares desse partido em plena liberdade. Mas, feita da escolha dum candidato uma questão fechada, nem sequer o novo Presidente poderá reputar-se eleito por uma simples maioria, mas com a consciencia e a independencia dum voto. Não! Será menos ainda do que o candidato dum partido; será um candidato imposto a esse partido por uma vontade onipotente. A maioria parlamentar vai votar cega no candidato em que lhe mandam votar. O seu voto não será uma expressão livre: será o resultado duma *consigne* auctoritaria ou, para melhor dizer, despotica.

Este aspecto da questão é grave. Porque o voto dos parlamentares vale pela sua isenção. Doutra fórma não possuem valor moral, e, na realidade, a nada obrigam o paiz.

O defeito da Republica tem sido sempre o de deixar assumir veleidades magestaticas certas individualidades politicas. Tão desgraçado sestro produz as dictaduras de facto. Quando reagirá a Republica contra o espirito de todas as dictaduras, que é a negação do seu proprio espirito?

A propriedade literaria

Os ibero-americanos realisam um congresso no Porto em outubro

A proposito do artigo em que nos referiamos ás tentativas de escriptores argentinos e espanhoes para a realisação de um congresso em que se estude a fórma de garantir em todos os paizes ibero-americanos a propriedade literaria, recebemos a seguinte carta:

«Sr. director de «A Capital» — No jornal que v. superiormente dirige, vem no seu numero do dia 1 do corrente uma local, relativa á protecção da propriedade literaria nos paizes ibero-americanos, no qual se diz que os ilustres escritores Henrique Garcia Veloso, argentino, e Ramom Gomez de la Serna, espanhol, se propõem realisar em Madrid um congresso onde se assentem as bases dessa protecção.

Devo esclarecer v. que a Sociedade Colabina Onubruse de Huelva, da qual fazem parte homens eminentes dos paizes ibero-americanos, resolveu, na sua Conferencia de Huelva, em outubro do ano passado, a que tivemos a honra de assistir, a realisação de varios congressos, para a aproximação espiritual e comercial entre os paises que falam espanhol e portuguez.

O primeiro desses congressos foi nessa mesma Conferencia, resolvido realisal-o no Porto, terra do Infante de Sagres, o qual terá logar em fins de outubro proximo.

Fazem parte das teses a discutir uma relativa á protecção da propriedade literaria, que foi distribuida ao eminente catedratico da Universidade Central de Madrid e meu querido amigo sr. Garcia Morente.

Achamos por isso inoportuno o pretendido congresso de Madrid, visto que esses elementos se podem congregar, colaborando no congresso do Porto, onde será debatido largamente o assunto. Tudo o que seja dispersar esforços, é prejudicial á causa comum.

De v., etc., *Virgilio Marques*.»

Não nos parece que haja qualquer inconveniente na realisação de mais de uma conferencia sobre o assunto, sendo possivel, porém, que, como comnosco sucedia, nem Gomez de la Serna nem Garcia Veloso tenham conhecimento da resolução de Huelva. O congresso do Porto pode ser util, se se trabalhar com interesse. Aguardemos, pois, a sua orientação, para depois conversarmos.

Um livro curioso

BRUXELAS, 4—Deve ser brevemente publicada em inglez uma obra intitulada «Leopoldo I da Belgica. Paginas secretas da historia européia, pelo dr. Cesar Corti». Este livro encerra varias informações sobre a historia de Inglaterra nos começos do seculo XIX e sobre a atitude do primeiro soberano belga relativamente á sua sobrinha, a rainha Victoria, no momento da subida desta princesa ao trono de Inglaterra.—(R.)

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital„ o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo. Quem não tem pensado, um momento, em rever aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, e o tempo, descobrir o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam, prometem, no céu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, o dramas forçadas porque elas são sobretudo um produto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escaldada, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada de cor local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos de tal natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

O presidente do sr. Afonso Costa

A obra diplomatica do sr. Teixeira Gomes vai da proclamação ao povo ingles á ausencia nas festas da vitoria

Fóra disto, o sr. Teixeira Gomes é apenas uma pessoa que o paiz desconhece

e que desconhece o paiz

Assentimos nisto: «A Capital» não é sonsa ao povo inglês — fazendo distinção na análise severa que tem feito á candidatura do sr. Teixeira Gomes, por qualquer intuito secreto, ou por mera animadversão pessoal. Neste caso, excepcionalmente importante, grave, melindrosissimo, da eleição presidencial, seriamos incapazes de subordinar a nossa opinião e a nossa consciencia a quem quer que fosse. «A Capital» sabe muito bem o que deve a si propria, á sua tradição e — relevem-nos a imodestia — ao seu prestigio. Poucos jornais poderão orgulhar-se, como legitimamente nos orgulhamos, da nossa folha de serviços á Republica — o que pode justificar o odio e as insidias daqueles que apenas têm sabido comprometê-la. Nestas condições, parece-nos legitimo repudiar aqueles que pretendem dar-nos lições de republicanismo. Onde foram buscar autoridade para tanto? Como querem ensinar-nos — aquilo que são incapazes de compreender? Nunca a Republica deixou de nos encontrar fervorosamente ao seu serviço, fosse qual fosse as circunstancias. E assim tem sido, e assim será, mesmo quando os que julgam que ela é pertença sua e recusam aos outros o direito de intervir nos seus destinos, a comprometem com os seus desatinos e a abandonam á sua sorte...

* * *

Não abdicamos, portanto, de apreciar, obedecendo á nossa consciencia e aos impulsos do nosso coração, os candidatos á Presidencia da Republica e, principalmente, as circunstancias que envolvem e recomendam cada um deles. Se é certo que é o Parlamento que incumbe eleger o Chefe do Estado, não é menos certo que a opinião republicana tem de se manifestar a respeito dêle, por intermedio dos seus orgãos. Assim é que é democracia; é dentro dêste criterio, cuja legitimidade ninguem ousará contestar a serio, que sempre temos procedido. E êle é tão exacto e tão poderoso; a força que o anima é tão vigorosa e impressionante, que o «Mundo», defensor acerrimo da candidatura Teixeira Gomes, não se fatiga de mobilizar contra êle todas as subtilezas da dialectica; não se cança de inventariar todas as virtudes, mais ou menos imaginarias, do candidato do sr. Afonso Costa, inflando-as, multiplicando-as, elevando-as ao quadrado, como se, no fim de contas, as achasse exiguas. E' arduo o trabalho do «Mundo». Tão arduo, que já se sente fraquejar a sua imaginação, realmente notavel. Mas, afinal, o «Mundo» não consegue convencer ninguem de que o sr. Teixeira Gomes é, para a suprema magistratura do país, o melhor de entre os melhores. Basta a razão originaria da candidatura do nosso ministro em Londres, para arrefecer, como se uma camada de gelo a soterrasse, a consciencia republicana.

O sr. Teixeira Gomes é um nome desconhecido para as grandes massas republicanas, apesar de, possivelmente, ter efectivado, em Londres uma grande obra patriotica. E não se diga que o facto de ser o sr. Teixeira Gomes um nome alheio aos nossos ouvidos, que não desperta no nosso coração o minimo entusiasmo, é uma vantagem a favor da função em que será investido. O povo não dispensa as figuras simbolicas, quer se trate de um principio ou de uma ideia, quer em presença da ideia de autoridade ou do principio do Estado. E tanto a ideia de autoridade como o principio do Estado, incarnadas no sr. Teixeira Gomes, alem do mais, afigurar-se-lhe-hão uma ideia estranha e um principio inconcebivel, intoleravel, portanto, ao seu patriotismo e á sua fé republicana. O sr. Teixeira Gomes pode ser muit conhecido em Londres — em Portugal não o é.

* * *

Quantos aos serviços prestados em Inglaterra pelo sr. Teixeira Gomes, as nossas duvidas radicam-se de momento a momento. Cá, em Portugal, já se sabe que não fez nada. Não o negam os seus exaltados panegiristas. Mas, na Inglaterra!... Todavia, por mais que procurêmos, não encontramos um motivo, insignificante embora, capaz de justificar semelhante espanto. Que tem feito em Inglaterra o sr. Teixeira Gomes? Logo que lá chegou, como nosso ministro, quiz revelar a sua pre[illegible] tribuir um manifesto em que falava de Shakespeare... — um ilustre sujeito, que, parece, o sr. Teixeira Gomes supunha ser desconhecido em Inglaterra...

Foi esse gesto, cheio de generosidade e de beleza, que conquistou para o nosso ministro em Londres a admiração do ilustre jornalista sr. Urbano Rodrigues. Quanto ao povo inglês, supõe-se que continuou ignorando, por largo tempo, a grande presença ilustre do sr. Teixeira Gomes.

Passaram alguns anos, até que surgiu a guerra. Um alto dever de solidariedade impunha-nos tomar ao lado das nações que pelejavam heroicamente em defesa da civilisação ameaçada. Familiar do Caiháriz, o sr. Teixeira Gomes era contra a nossa participação na guerra! No entanto, continuava servindo exemplarmente o seu país, na opinião dos vibrantes cantores das suas virtudes patrioticas. No entanto, o sr. Teixeira Gomes esqueceu-se de Portugal, das coisas portuguesas, dos interesses do país que representava superiormente em Londres. Esqueceu-se tão completamente que, realizando-se em Londres as festas da vitoria, em que tomava parte um troço importante das tropas portuguesas, o sr. Teixeira Gomes, que tinha ido Paris visitar, por certo, o seu grande amigo sr. Afonso Costa, não se lembrou das festas da vitoria. E, por isso, ao lado do rei de Inglaterra, no grande desfile dos exercitos heroicos vencedores, como representante de Portugal — estava D. Manuel de Bragança, recebendo a continencia do Exercito português!...

* * *

De resto, não se julgue que antipatizamos pessoalmente com o sr. Teixeira Gomes. Achamos a sua candidatura inconveniente, prejudicial, deprimente, pelas circunstancias que a fizeram surgir e, provavelmente, a levarão ao triunfo. Eis tudo.

Ela representa o exito da dictadura irresponsavel que o grande emigrado de Paris exerce sobre nós; ela exprime, sobretudo, o alargamento perigoso, a consolidação dessa dictadura odiosa.

O sr. Afonso Costa estabiliza-se como um soba; manda, impõe, determina. E os escravos, curvando-se reverentes a essa vontade que lá de longe manifesta, obedecem, cumprem, realizam.

Ora é precisamente contra essa dictadura vexatoria que o país se revolta. E, uma vez que o sr. Teixeira Gomes, candidato á Presidencia, é obra desa dictadura, o país não o tolera.

Pois quê? O sr. Afonso Costa é deputado e nunca compareceu no Parlamento, dispensando-se de justificar a sua ausencia ou de pedir a demissão para que a vaga se preencha; o sr. Afonso Costa foi presidente da delegação portuguesa á conferencia da paz e não explicou, até agora, o que fez; o sr. Afonso Costa representou-nos em quasi todas as conferencias internacionais — nalgumas delas de parceria com o sr. Teixeira Gomes — e não disse, até agora, qual é a nossa posição na politica internacional; tratou, por nós, na conferencia das reparações — e ainda não nos informou das vantagens que obtivemos — havemos de suportar o sr. Afonso Costa como nosso amo exigente? Mas sempre que se trate da nomeação para qualquer cargo de importancia, da resolução de qualquer problema notavel, de um facto decisivo para a vida da Nação — o sr. Afonso Costa intervem com a sua aprovação ou com o seu «veto». Não se dispensa disso o grande emigrado de Paris. E [illegible] ó lá não obedecer!...

* * *

Ora, com a implantação da Republica, desapareceu o direito do «veto», que, nos reis, graças a razões historicas, tradicionais e de selecção, como é opinião de muitos, ainda se compreendia. Mas o sr. Afonso Costa chamou a si, dando-lhe mais amplitude e mais vigor, esse direito incompreensivel.

De maneira que a mão, pesada como uma grilheta, do emigrado omnipotente, intervem, remexe, decide dos nossos destinos.

E' a essa tutela que nos opomos [illegible] nazmente, porque nem os seus mais fervorosos adeptos no-la conseguem explicar.

Feito Presidente da Republica, por nomeação do sr. Afonso Costa — como ha de o país ver com bons olhos o sr. Teixeira Gomes? Ah! a sensibilidade do país pode estar muito dessorada; bastará, porém, o facto de ser o sr. Teixeira Gomes o Presidente do sr. Afonso Costa, para que se alargue, até á suprema magistratura nacional, na nossa consciencia como um ambiente de sufocação, e ela readquirirá de subito energias novas, poderosas e invenciveis.

O sr. Afonso Costa terá o direito de mandar em Portugal depois de uma contrição rigorosa, primeiro passo para uma completa desafronta. Antes disso o país voltará as costas a tudo quanto traga a sua marca, mesmo disfarçada o imponderavel.

* * *

Em conclusão: este é o nosso modo de ver, tão respeitavel como o dos contrarios. E' possivel que ele não vingue. Não deixará, em todo o caso, de exprimir a opinião nacional e de ficar de pé como uma previsão e um conselho.

Quanto mais não seja, a nossa atitude já teve o merito de trazer o «Diario de Noticias» a marcar uma posição definida em face de um dos mais importantes acontecimentos da Republica, pondo a sua opinião decidida a favor da candidatura do sr. Teixeira Gomes. E' o «Diario de Noticias» um poderoso orgão da opinião publica e a sua adesão não é um facto de somenos. Mas nem por isso o sr. Teixeira Gomes deixará de ser o que é, nem o valor da sua candidatura aumentará.

Neste caso da eleição presidencial, os homens impõem-se pelo que representam como «valor politico», [illegible] expressão de uma obra, como possibilidade de efectivação de uma esperança renovadora. E o sr. Teixeira Gomes — já se sabe o que significa...

As Reparações Alemãs

A politica de união é impossivel

declarou lord Grey, acrescentando que a historia prova que essa união não pode nunca ser duradoura

Como se verifica pelos telegramas que ontem publicámos sobre a questão das reparações alemãs, a situação não é de molde a tranquilisar os espiritos. Lord Curzon declarou-a grave e o proprio sr. Baldwin aventou hipotese de um rompimento de relações com a França.

Como se vê, caminhamos a passos agigantados para a paz, para aquela paz ideal que os exercitos entreviram á data do armisticio e pela qual se sacrificaram, morrendo em plena gloria, milhares e milhares de homens.

Não pode dizer-se que se tenham cumprido á risca os celebres Mandamentos de Wilson.

As potencias, uma vez depostas as armas ainda fumegantes, começaram a servir-se de outras mais perigosas e crueis. A diplomacia secreta, tão censurada por Lloyd George durante a guerra, continuou a fazer-se depois dela terminada, de igual modo tortuosa e interesseira. Temos estado sempre sobre um vulcão, sacudidos de quando em quando por estremecimentos mais fortes, que ameaçam a relativa tranquilidade que gosamos.

Desta vez os ares turvam-se, com os primeiros fumos que se levantam, sendo possivel, porém, que os animos serenem que o acôrdo se estabeleça, para amanhã surgirem novas discordancias e novas ameaças, até que mais uma vez o mundo se envolva numa guerra barbara e sangrenta como a outra.

A razão está do lado da França. Dizimada na sua população, com grande parte das suas industrias paralisadas e alguns dos seus mais ricos departamentos em ruinas, quer que a Alemanha lhe pague o que lhe deve, como ela fez em 70, entregando sem um subterfugio a sua conta de vencida.

A Alemanha comprometeu-se a pagar aos vencedores; é preciso que pague. De tudo se tem valido, tem lançado mão de todos os estratagemas para se eximir a esse dever. De concessão em concessão, os aliados teem-se deixado dominar pela sua propaganda e comover com as suas [illegible].

Os jornais francezes clamam que o tratado de Versailles, tão solenemente assinado pelas potencias, tem sido [illegible] em beneficio da Alemanha, que não desiste do seu proposito de vingança, num futuro mais ou menos proximo. E, no receio, até certo ponto justificado, pelo que se vai vendo de não receber o que lhe é devido, a França invade o Ruhr e vai-se cobrando por suas mãos. E' violencia? E'. Mas será bom que aqueles que censuram por este facto, meditem um pouco no que faria a Alemanha, se a encontrasse na qualidade de vencedora.

E' possivel que a Inglaterra tambem tenha razão e seja certo que procure obstar á ruina total de um grande país, o que iria reflectir-se na sua vida economica e na de toda a Europa.

«A questão do Ruhr — declarou ontem o ministro Curzon, nos Lords — afecta todos os aliados, é uma questão europeia, internacional, e não pode depender do procedimento de quaesquer nações isoladas. Todas as industrias inglesas estão prestes a sofrer com isso.

De uma maneira ou de outra, o que se sabe é que a Inglaterra, orientada neste ultimo sentido, não concordou com a resposta dada á sua nota e daí as complicações a que os telegramas de ontem e os de hoje se referem.

Concertar-se-hão os aliados? Resumirá cada um, como a França recobrar e como certa imprensa belga deseja, a sua liberdade de acção? Não tardaremos em sabel-o.

A Inglaterra vai responder á França e á Belgica

LONDRES, 4 — Prevê-se que o governo britanico enviará a resposta ás ultimas comunicações dos governos belga e francês ainda no começo da proxima semana. Aguarda-se para breves dias a publicação da recente correspondencia, incluindo o texto da resposta que a Inglatera propunha para ser enviada conjuntamente com os aliados á Alemanha com os correspondentes documentos que acompanhavam esse projecto.

Ainda que as declarações do governo ontem continham os principais pontos deste documento, entretanto a sua publicação em breve é aguardada com um interesse não menor. Segundo alguns jornais, não haverá nada que se pareça com uma resposta separada á Alemanha, visto que o ponto de vista britanico ficará claramente definido quando brevemente se tornar publico.

No debate da Camara dos Lords, Lord Grey, referindo-se ao insucesso das negociações anglo-francesas para chegar ao acordo declarou o seguinte:

«Temos em frente de nós a perspectiva seria dum agravamento de desemprego no inverno. Tratamos de pagar a nossa divida aos Estados Unidos. E' uma transação do negocio em que entrámos com boa vontade de povo que deseja executar as suas obrigações. Grandes somas de dinheiro nos são devidas pelos nossos aliados. Conhecemos que a situação financeira dos nossos aliados é dificil e não estamos urgindo o pagamento destas somas. Mas a nossa propria situação financeira é de molde a causar anciedade. Precisamos de reparações alemãs, se taes reparações [illegible]

O imposto das taboletas

GOLDEN PALACE — AU RENDEZ-VOUS DES GOURMETS — AO SAPATINHO DA MODA

E' NECESSARIO TRADUZIR LISBOA PARA PORTUGUEZ!

Meus amigos: Lisboa está escripta em todas as linguas menos na nossa.

A linguagem das cidades são as suas taboletas — diria o Antonio Ferro. Ha taboletas que são berros, que são pedidos, que são volupias prometidas, sorrisos meio ocultos, lagrimas verdadeiras. A crusinha preta num taipal corrido duma loja é uma familia em chôro; o cartaz da «Beauté des dames» tem caricias de veludo; uma paragem de zona berra: «daqui já pagas menos!» — finalmente a tragica taboleta dos 100 por cento de aumento, chicoteia como um açoite de nove rabos.

Pois bem, as taboletas de Lisboa dão logo a toda a gente que pela primeira vez penetra nesta cidade — a unica portanto apta para a analisar nos seus aspectos fisionomicos — a mais desoladora das impressões de desnacionalisação. Lisboa não fala portuguez.

E' «A' la ville de Paris», «Maison Parisienne», «Coiffeur de la mode», «Au chapeau modèle», «Hold England», «Trianon», «Au bonheur des dames» e «Au nateur des maris», como já alguem disse e por aqui fóra, Chiado a baixo, é a «charcoterie française» e o «cabinet des bains», é o «hair-dresser» é a «manicure», é a «patisserie», «Bijou» é a «Maison blanche» é essa infinidade de francesismos imitativos e torpes. Quando são escritos em portuguez, as taboletas vêm cheias de erros e de construções de grammatica. Os proprios titulos das associações são ridiculos. E' o «Carcavelinhos Foot-Ball Club», «Sport Club E'lite» o «Casa Pia Atletico Club» — tudo palavras que não são portuguesas. Só raramente, por entre a amalgama dessa trapalhada de linguas lá aparecem com mais criterios os «Recreios Desportivos da Amadora» ou outros titulos escritos com consciencia.

A mania de fazer então as construções á maneira francesa, atinge o delirio: «Ao ultimo figurino» «Aos grandes Armazens do Chiado...»

Apenas um titulo nos aparece nesses nomes de casas comerciaes, que tem agora que as «Perolas da China» e as «Perolas de Campo de Ourique» já passaram de moda — o seu «quê» de bem lisboeta, de termo bem alfacinha. Sabem o que é? «O sapatinho da moda». Eis um titulo que deve convidar a entrar burguesas do bairro da Estrela, para afiambrar as suas palhetas de maneira a não perder a elegancia do seu pesito miudo.

Se existem até titulos paradoxais, santo Deus! Nos Terramotos, em plena Carcavelos existe a mercearia «Confiança»!

Uma padaria que não fabrica senão pão de [illegible], ali para os lados da Lapa, tem um grande sol pintado, com a divisa: «Quando nasce é para todos...»

Mas vinha isto a proposito das taboletas estrangeiras.

A Camara Municipal que pense no caso. Sabemos que [illegible] sobre os dizeres publicos que não fossem escritos em castelhano. Mussolini acaba de fazer o mesmo na Italia. Porque se não lança em Lisboa o imposto das taboletas estrangeiras, tão logico, tão racional, e tão necessario para a nacionalisação precisa do proprio ambiente das cidades.

Não se diga que é uma necessidade a taboleta em francez.

Ela não existe quasi em Madrid que é uma cidade de muito maior movimento que Lisboa. E, sobretudo hoje o pudor de reduzir isso ao minimo.

Não é por se chamar «Au Rendez-vous des gourmets» que o restaurante chic da Rua do Ouro tem mais freguezia.

Mas, se quando o dono da casa é estrangeiro, ainda ha um vislumbre de defeza, quando se trata de bons burguezes nascidos no Pateo das almas, isso é simplesmente ridiculo e intoleravel.

Repetimos: A Camara que pense a sério no caso. Não tem o direito de desperdiçar uma verba — que logicamente com toda a defesa pode recolher.

Venha o imposto sobre as taboletas estrangeiras!

Venha o imposto sobre os titulos escritos em mau portuguez, como já se faz no Brasil, para vergonha nossa, e venha até o imposto sobre os letreiros idiotas — que não faltam aí a cada esquina, a principiar nos proprios letreiros da Camara.

dem ser obtidas. Nós admitimos a propriedade de reclamação da França pelas regiões devastadas, mas nós temos tambem interesse em obter as maiores somas possiveis.

A divergencia entre nós e a França é na minha opinião a seguinte: Nós pensamos que a politica em que se lançou a França vae destruir a esperança das reparações tanto para ela como para nós, sendo tambem o adiamento da reconstrução da Europa, em cuja prosperidade comercial reside a nossa prosperidade».

Lord Grey acrescentou que pensava que a politica em que os aliados se não podiam unir era tal, que todas as lições da historia iam provar que não permetiria segurança por longo tempo e produziria futuras guerras. Pensava que tal era a situação sob o ponto de vista em que a encarava a opinião publica ingleza.—(R.)

O sr. Mussolini diz que a sua base é a melhor

ROMA, 4—O sr. Mussolini está absolutamente convencido de que a sua comunicação apresentada ao ministerio dos estrangeiros inglez e baseada no seu memorandum apresentado em Londres ha alguns meses, é a unica base possivel de acordo entre os aliados. A Alemanha ofereceria um pagamento de 50 biliões de marcos em ouro. A França evacuaria paulatinamente a região do Ruhr e os aliados manteriam a sua coesão para salvarem o mundo.

A imprensa italiana tem-se ocupado da possibilidade duma rutura entre a França e a Inglaterra, dizendo que o sr. Mussolini se esforçará para que isto não aconteça.—(R.)

Como ataca Poincaré

BERLIM, 4 — N'uma entrevista concedida, o chanceler Cuno atacou fortemente o sr. Poincaré, declarando que, com um homem como Poincaré nada se pode dizer, pois todo o alemão deve estar convencido que ele executa planos de anexação.—(R.)

A acção franceza no Ruhr

PARIS, 3 — O general Degoutte comandante do exercito de ocupação no Ruhr, determinou que fossem dissolvidas as secções de boy scouts do Reno, por constituirem um perigo para a segurança das tropas e publicou um decreto relativo ao sequestro dos estabelecimentos necessarios para assegurar as entregas que são devidas a titulo de reparações. — (H)

OS MORTOS

Manuel Caldeira

Realisou-se hoje pelas 14 horas, o funeral do proprietario do Restaurant Tavares, sr. Manuel Caldeira, tendo-se incorporado no prestito funebre grande numero de amigos do extinto, actores, jornalistas, homens de letras, representantes das Companhias Industrial de Portugal e Colonias, Sociedade Aliança, Sociedade dos Grandes Cafés de Lisboa, Associações comercias e industriais, etc.

Sobre o ataude foram depostas varias coroas e ramos de flores naturaes.

A urna ficou depositada em jazigo de familia no cemiterio dos Prazeres.

Sufragando a alma de seu marido, a sr.ª D. Adelaide Ogueia Caldeira enviou á «Capital» 40$00 para serem distribuidos pelos nossos pobres, em nome dos quais muito agradecemos.

Deolinda da Mota Marques de Oliveira

Vitimada por uma lesão cardiaca, de que ha muito vinha sofrendo, embora o seu estado não fizesse prever para tão cedo o fatal desenlace, faleceu na madrugada de hoje a sn.ª D. Deolinda da Mota Marques de Oliveira, dedicada esposa do conceituado comerciante, sr. Agostinho Marque Oliveira.

Dotada de nobres virtudes, que a tornavam querida de quantos com ela privavam, a extinta além de dois filhos menores, deixa uma filha, a snr.ª D. Alda Marques de Almeida Ribeiro, casada com o snr. Carlos Nunes Ribeiro, empregado na casa bancaria Borges & Irmão.

O funeral realisa-se amanhã, pelas 11 horas, da R. do Lapa, 14, 1.º, para o cemiterio ocidental.

ULTIMA HORA

A MORTE DE HARDING

Os Estados Unidos e a Europa

A importancia da proxima — eleição presidencial —

O falecimento do sr. Harding, presidente dos Estados Unidos, causou em toda a Europa a maior sensação, pois as proximas eleições que devem realisar-se no ano proximo, estão já preocupando as chancelarias do Velho Mundo. A questão, com efeito, é da maxima importancia para as nações europeias. Esta mudança presidencial supõe quasi sempre uma certa mudança de politica e, neste caso, a mudança de politica externa afecta profundamente a Europa e pode influir por fórma decisiva nos seus destinos, segundo se o governo dos Estados Unidos persista na sua politica de isolamento ou se oriente para uma franca colaboração com os Estados europeus para a resolução dos gravissimos problemas que pesam sobre o Velho Mundo e põem em perigo a estabilidade do velho e do novo.

Os candidatos á presidencia, parecem, a este respeito, divididos, e o telegrafo trouxe-nos já os discursos pronunciados nos banquetes de dois dos candidatos, o senador Hiram Johnson e o senador Underwood, que acabam de regressar á America duma viagem de estudo pela Europa, e ambos, pelo visto, com impressões muito diversas. Assim, ao passo que o senador Johnson censura acremente a politica europeia e afirma a conveniencia para os Estados Unidos de continuar na sua magnifica solicitude, Mr. Underwood exclama, dirigindo-se aos seus auditores de Alabama: «Nos campos de batalha franceses, os nossos moços cumpriram o seu dever. Na hora actual, o dever dos Estados Unidos é bem claro. Roguemos a Deus que os nossos homens de negocios não sejam um obstaculo ao cumprimento do nosso dever.» E logo de seguida sustenta a absoluta necessidade da industria americana tornar maior a capacidade de consumo dos mercados europeus por meio do credito.

* * *

O discurso de Mr. Underwood é a expressão do pensamento da maioria dos agricultores e industriaes norte-americanos. Mr. Johnson é o porta voz da hostilidade com que o paiz em geral considera as intrigas e manejos da politica europeia. O dificil é encontrar a solução pratica que concilie ambos os sentimentos.

Não é ainda prudente vaticinar o resultado das eleições de 1924; mas, de momento, o apoio que Wilson — democrata — presta á Liga das Nações e a sua predição da entrada nela, dos Estados Unidos, é o primeiro raio de luz no horisonte politico do partido republicano. Wilson conta ainda com numerosos e fidelissimos admiradores; mas é certo que o seu pedido aos democratas para que apoiem a Liga, havia de provocar uma scisão no partido, que fatalmente redundaria em beneficio dos republicanos, como aconteceu nas passadas eleições, em que o afecto de Wilson pela Liga proporcionou a Harding uma maioria de seto votos. E não ha que ocultar que a Liga das Nações continua sendo tão impopular nos Estados Unidos, como já o era ha tres anos.

Mas, emfim, dentro ou fóra da Liga, ou creando uma nova Liga; se o considerar necessario, o essencial para a Europa, e para ela mesmo em ultima analise, é que a America não se alheie dos males europeus e acuda prontamente a participar em remedia-los. Isso convem á sua honra e aos seus proprios interesses materiaes. A significação moral do Estado importa mais do que os interesses imediatos de um grupo de financeiros; e já não é possivel considerar o mundo senão como um todo relacionado e articulado de uma maneira organica, em que cada membro precisa da saude dos outros, para bem funcionar.

Os ultimos momentos do Presidente

SAN FRANCISCO, 4 — A morte do Presidente fôra inesperada, Mrs. Harding estava lendo um artigo numa revista sobre a administração do Presidente, quando uma convulsão subita denunciou o perigo. Os medicos não tiveram tempo de chegar.

A morte do presidente Harding abalou fortemente o povo americano.—(R.)

Uma semana de luto na côrte ingleza

LONDRES, 4 — A morte subita do presidente Harding foi vivamente sentida não só pela colonia americana residente na Inglaterra mas pelo povo inglez. Os soberanos ingleses enviaram a seguinte mensagem a Mrs. Harding:

«A Rainha e eu ficámos profundamente consternados ao conhecer a perda irreparavel que acaba de a ferir e asseguramos-lhe a nossa mais sincera simpatia na sua tristesa. Todo o povo britanico se unirá ao povo da nação irmã no sentimento da morte do seu presidente no ponto culminante da sua distinta carreira».

O rei ordenou que haja luto na côrte por uma semana. Entre grande nomero de mensagens semelhantes á do rei encontra-se a que enviou o sr. Boldwin, primeiro ministro, o qual telegrafou ao encarregado dos negocios da Inglaterra em Washington, o seguinte: «Queira transmitir ao Secretario de Estado a expressão do meu profundo pesar pelo rapido e inesperado golpe que privou os Estados Unidos do seu primeiro cidadão, por cujas altas qualidades e puro caracter eu mantinha uma grande admiração e respeito. Peço transmita tambem á mrs. Harding a expressão da minha mais ardente e respeitosa simpatia por ela na sua tristeza».

O Encarregado de Negocios tambem foi solicitado para que transmitisse ao governo dos Estados Unidos a expressão do profundo pesar com que o governo britanico teve noticia da morte do Presidente, cuja passagem pela mais alta magistratura da nação, era evocada na Inglaterra com viva saudade. Lord Curzon pedia para ajuntar a estas duas mensagens a expressão da sua mais ardente simpatia e pesar. Sir Auckand Geddes, embaixador inglez, que se encontra actualmente na Inglaterra, telegrafou tambem em seu nome e no de Lady Geddes, manifestando a sua mais sincera simpatia.

Os jornais da tarde expressam todos o seu pesar e prestam homenagem á personagem marcante do ultimo Presidente, acentuando que a sua influencia foi decisiva nas questões dos armamentos e das dividas da Inglaterra aos Estados Unidos.—(R.)

Estiveram hoje na legação da America a apresentar condolencias em nome do Governo, os srs. presidente do Ministerio o ministro dos Estrangeiros.

A'MARGEM DA POLITICA

OS NACIONALISTAS

ao contrario do que se diz, estão dispostos a aceitar o poder

O que o sr. dr. Pedro Pita disse a um redactor de "A Capital"

O sr. dr. Pedro Pita é uma pessoa inteligente. Reconhecem-no igualmente amigos e adversarios, e isto só depõe em favor dos seus merecimentos. Mas, além de inteligente, o sr. dr. Pedro Pita, que é deputado e marcou logar na Camara desde o primeiro dia, tem tambem a qualidade de desconfiar dos jornalistas que o procuram para a entrevista buscando naturalmente na sua combatividade um motivo de interesse para si e para o grande publico que quer servir.

Naturalmente o sr. dr. Pedro Pita só diz portanto, o que quer. Escusa o leitor de procurar no que segue escandalo de qualquer especie. Meia duzia de verdades postas com energia e desassombro mas nada de corrilhismo ou de novidade de partido.

Nem sobre a proposta de prorogação, nem sobre a eleição presidencia. Coisas que andam na baria parlamentar e constituem motivo bastante para que já se diga que o sr. Antonio Maria da Silva está disposto a abandonar o logar pelo qual se tem batido galhardamente nos ultimos tempos.

Crise em perspectiva portanto. Já é alguma coisa. Para os que estão fartos e para os que estão desejosos. E como são afinal os portugueses todos, cansados uns de governar, desejosos de governar outros, segue-se que a queda do gabinete não pode deixar de ser simpatica a todo o paiz.

* * *

Resposta do sr. dr. Pedro Pita á nossa pergunta sobre a proposta de prorogação:

— Não a votamos. E não a votamos por que a reputamos completamente inutil. Que a aprovem os outros se quizerem, e se vejam depois á braços com a reedição de antigas e bem tristes coisas.

— Porque não votam os nacionalistas?

— Porque iriamos ter coisas semelhantes á proposta de liquidação dos T. M. E., ás propostas orçamentaes, etc. Mantas de retalho de dificil aplicação. Aí tem porque não votamos.

«Além de que estamos todos horrivelmente cansados. Isto tem um limite. E nós estamos a trabalhar desde outubro sem descanso. Sem um dia de descanso sequer. Precisamos de ar e precisamos de luz. Não, não devemos votar a proposta.

— Mas isso implica a queda do Governo?...

— E isso a mim que me importa?

«Se o Governo cair vem apenas ao encontro dos meus mais ardentes desejos. Pois se eu já me convenci de que ele nada pode fazer, de que a sua permanencia no Terreiro do Paço não é só inutil, mas inconveniente. Que me importa a mim que ele caia? Oxalá isso sucedesse hoje.

«Do resto parece-me tolice rematada atribuir-se, como até agora se tem feito, ao parlamentar de oposição o desejo de manter o Governo. Só cá. Pois então a função do oposicionista não é derrubar e substituir?

— Mas quem ha-de substituir o actual Governo?

— Quem o chefe de Estado quizer.

— Os nacionalistas?

— E porque não? Criou-se em torno dos meus correligionarios uma lenda: a lenda de que eles não querem o poder. Ora isso é redondamente falso.

«Os nacionalistas *querem* o Governo desde que lho dêem.

— Mas faltam-lhes os meios para governar?

— Nem tanto como parece. Ha maneira de permitir que eles governem.

— Como?

— Dando-lhes a dissolução.

* * *

Outra fase da conversa: o que vão os nacionalistas fazer na segunda-feira?

— Tudo depende da reunião que terá logar no domingo á noite.

— Candidato?

— Oficial não o temos por enquanto.

— O candidato de v. ex.ª?

— Tenho o dito varias vezes: é o dr. Bernardino Machado.

— E se o partido apresentar candidato?

— Sou um soldado disciplinado e a quem cumpre portanto acatar ordens.

— O que entende v. ex.ª que o partido deve fazer do caso?

— Questão aberta. Cada um tem inteligencia e consciencia para escolher.

— E se não vingar a candidatura dos nacionalistas?

O sr. dr. Pedro Pita não respondeu a esta ultima pergunta. E a entrevista fechou sobre o seu silencio que o jornalista não conseguiu romper.

No Tribunal Militar

Foi absolvido o sargento que em 1919 deu fuga aos presos monarquicos do Funchal

onde desembarcaram. Dali, o sargento Humberto foi para Londres, sendo então convocado mas não se apresentou ao serviço.

Em Fevereiro deste ano regressou ao Funchal, onde foi preso como desertor e remetido ao Tribunal.

* * *

A audiencia abriu ás 12 horas, procedendo-se á chamada das testemunhas, e depois á leitura do libelo de acusação.

No 1.º Tribunal Militar Territorial, realisa-se hoje o julgamento do 2.º sargento de infantaria 27, Humberto de Freitas que, em 1 de Junho de 1919 deu fuga aos dirigentes da revolução monarquica de Monsanto, que se encontravam presos no Lazareto Gonçalves Ayres, no Funchal.

O sargento Humberto, depois de ter preparado a fuga, recolheu-os a bordo do seu yacth «Galafibatta» transportando-os para as Canarias.

O promotor de justiça sr. Bandeira de Lima usou da palavra, lendo varias passagens do processo, dizendo que o reu devia ser restituido á liberdade, visto estar abrangido nos decretos que amnistiaram os conspiradores e os desertores em tempo de guerra.

O advogado sr. Cristovam Ayres concordou com a opinião do sr. promotor de justiça, o mesmo fazendo os restantes membros do tribunal, pelo que o reu foi absolvido.

O T. D. S. não funciona

porque não tem séde

E' a razão porque não são julgados os presos

Um jornal da noite de ontem, referindo-se ao facto de o Tribunal de Defesa Social não reunir ha tempo, dá curso á versão, que diz correr, de que os seus juizes têm receio de novos atentados...

Ora, além do que a explicação pode conter de maldosa injustiça para os ilustres e desassombrados juizes do Tribunal de Defesa Social, que marcam nesta sociedade acobardada e sem dignidade, um exemplo frisante de destemor, de consciencia dos deveres, de dignidade e de inteireza moral, ha falta de clareza e ausencia de verdade.

O Tribunal de Defesa Social não funciona porque não tem séde. Os juizes e delegados do Tribunal da Boa Hora enviaram um delegado seu ao sr. ministro da Justiça, com a incumbencia de notificar a s. ex.ª que o T. D. S. não voltaria a funcionar ali, pela rasão de que abraia sobre o edificio o perigo de novos atentados. Mais nada. E' por essa rasão que o T. D. S. não julgou ainda os 125 presos a que o jornal em questão se refere.

Desde que é ao T. D. S. que eles estão entregues, é por este tribunal que terão de ser julgados — enquanto quem tem competencia para isso não determinar o contrario.

Dizer, ou insinuar com um *parece* ou um *consta*, que os juizes, que têm dado tão altas provas de força moral, a ponto de não desistirem da sua função depuradora mesmo deante das mais graves ameaças e dos mais repugnantes atentados, porque *receiam* isto ou aquilo, é atribuir-lhes sentimentos de cobardia, o que, francamente, chega a revoltar.

De resto, é bom lembrar que o jornal em questão não teve uma palavra de condenação para o revoltante atentado da Boa Hora...

Um anarquista perigoso

Os nossos leitores devem estar lembrados dos jornais se terem referido ha dois anos á prisão de um subdito italiano, de nome Giovanni Micieli, que se desembarcou em Lisboa, foi apontado como implicado no assassinio de *Eduardo Dato*, presidente do governo hespanhol.

Pelas investigações a que a nossa policia e as autoridades hespanholas então procederam veiu a apurar-se que a acusação não tinha fundamento tendo o Micieli sido restituido á liberdade depois de enclausurado um mez nos calabouços do Governo Civil.

Voltou agora o Giovani a ser preso pois houve conhecimento de que ele frequentava sitios suspeitos e acompanhava com elementos perigosos, tendo a policia ido encontral-o no café 5 de outubro onde lhe deu voz de prisão. Sobre o preso recaem suspeitas de ter sido o autor do atentado dinamitista á porta do Consulado italiano na rua de S. Paulo e como se trate de um individuo perigoso, expulso já por duas vezes do Brazil e de outros paizes, vai ser agora expulso tambem de Portugal. Os seus documentos estão todos em regra mas o consul de Italia tem duvidas sobre a caderneta militar que ele apresenta, em virtude do respectivo retrato estar mal colado e cortado.

A egreja do Socorro

foi hoje reaberta ao culto

Depois de sofrer varias reparações foi hoje reaberta ao publico a egreja do Socorro, que se encontrava encerrada, *desde que ali, se deu um atentado contra a imagem do Senhor dos Passos.*

A's 17 e 30 realisou-se a consagração da egreja pelo reverendo prior da freguesia, repetindo-se depois pelo sr. Arcebispo de Vila Rial que foi acolitado pelos reverendos priores dos Anjos e S. Lourenço, dando comunhão a 200 pessoas.

Ao meio dia foi feita a inauguração da nova imagem do Senhor dos Passos, pregando o revrendo Angelo F. da Silva prior de Almada.

Duqueza de Palmela

Realisou-se esta tarde na Cosinha Economica de Alcantara a homenagem á memoria da Duquesa de Palmela, a que ontem nos referimos.

A's 17.30 efectuou a sessão solene, á qual presidiu o sr. Abilio Moraes, representante do provedor da Assistencia, tendo falado em primeiro lugar o sr. Boavida Portugal, que exaltou a obra das Cosinhas e acentuou o significado d'aquele ate.

Em seguida, o sr. Nuno Cardeira, representante da familia Palmela, foi convidado a descerrar a medalhão da duquesa, falando depois o sr. Calado Rodrigues, que fez o elogio da ilustre senhora.

Fazia a guarda de honra um grupo de escoteiros.

A's 11 horas fôra distribuido um jantar a 300 pobres.

Dr. Bernardino Machado

Uma manifestação de simpatia

O Gremio Republicano Federal convidou o povo republicano a ir amanhã no comboio das 14 horas, do Cues do Sodré á Cruz Quebrada, manifestar ao sr. dr. Bernardino Machado o contentamento com que veria o insigno republicano na Presidencia da Republica.

O que é o Radiol?

O unico producto descoberto em todo o mundo que não emdrega aguarraz no seu fabrico, para limpar, lustrar e amaciar o calçado e por isso se compreende como é mal aceito por aqueles a quem tanto prejudica. Vale a pena adquiril-o no depositario Traquino L.da, R. S. Nicolau, 10.

Parlamento

Nos Deputados

Deu-se uma scena de pugilato—A questão do regimen cerealifero

A's 15 e 15, havia uns 25 deputados na sala e os nacionalistas presentes, secundados pelos monarquicos, reclamaram:

— São horas! Faça-se a chamada! Cumpra-se o regimento!

Momentos depois, entrou o vice-presidente sr. Alberto Vidal, a quem o sr. Carlos de Vasconcelos disse:

— Estavamos aqui á sua espera. Vamos a isto!

Trocaram-se alguns apartes, em tom humoristico, e o sr. Alberto Vidal assumiu a presidencia, mandando fazer a contagem.

Verificadas 53 presenças, realizaram as costumadas leituras, figurando no expediente um telegrama em que o deputado independente, sr. Joaquim Ribeiro, renuncia ao seu mandato.

Em certa altura e ainda como reflexo dos tumultos da madrugada, trocaram-se frases azedas entre os srs. Cancela de Abreu e Paiva Gomes, o segundo dos quais, por desafio do primeiro, foi aos Passos Perdidos, havendo ali entre ambos uma scena de pugilato, da qual o sr. Cancela de Abreu saiu ligeiramente ferido.

Serenada a impressão causada pelo incidente, o sr. Almeida Ribeiro propoz que a mesa procurasse dissuadir o sr. Joaquim Ribeiro do seu proposito.

O sr. Cunha Leal associou-se a essa proposta, dizendo que o sr. Joaquim Ribeiro se afasta em virtude de não ser discutido o regimen cerealifero. Requereu, por isso, que se prorogasse a sessão até terminar o debate sobre aquele projecto.

O sr. Agatão Lança disse que dava o seu voto á proposta Almeida Ribeiro; o sr. Cunha Leal insistiu pelo seu requerimento; os srs. Alvaro de Castro e Carvalho da Silva apoiaram a proposta do sr. Almeida Ribeiro, que tambem foi aplaudida pelo sr. presidente do Ministerio.

Em volta da questão falaram varios oradores produzindo-se grande agitação, requerendo o sr. Cunha Leal que a Camara tomasse a iniciativa da reunião do congresso. Depois de se tratar do projecto dos oficiaes do exercito que tiram os cursos no estrangeiro, entrou-se na discussão do projecto da prorogação.

No Senado

Trata-se das obras de Santa Engracia

Na sessão de hoje no Senado, o snr. Ramos da Costa instou mais uma vez pela conclusão das obras de Santa Engracia afim de naquele edificio ser finalmente instalado o Panteon Nacional.

O snr. Herculano Galhardo protestou contra o facto de não estar em dia o «Diario das Sessões», lamentando que alguns jornais lhe estropiem constantemente as suas considerações.

O sr. Silva Barreto abordou varios assuntos de instrução publica, sobretudo no que diz respeito á admissão nas Escolas Primarias Superiores.

O sr. ministro da Instrução deu explicações sobre o caso.

O ss. Augusto Vasconcelos elogia a projactada reforma do ensino em Portugal, fazendo votos para que ela se torne lei do paiz.

O sr. Medeiros Franco requereu que entrasse imediatamente em discussão a proposta de lei 288, isentando de direitos aduaneiros e de quesquer impostos, os instrumentos e material cirurgico, e aparelhos radiologicos importados do estrangeiro, destinados ao Instituto e Hospital de Radiologia de Ponta Delgada. Foi aprovado com dispensa da ultima redação.

A sessão continua.

Tarde politica

A eleição de segunda-feira

Sobre a eleição presidencial nada de novo. A maioria matem a imprudente atitude ultimamente tomada forçando as minorias a conservarem-se em igual intransigencia.

O facto começa a revestir um aspecto grave. Cremos que a dar-se o terceiro escrutinio, elegendo-se um Chefe de Estado exclusivamente pela força numerica da maioria, circunstancias gravissimas resultarão na vida nacional, podendo muito bem suceder que não seja longa a posse desse elevado cargo na pessoa que, devendo representar a nação, suba á suprema magistratura pela bigra dum agrupamento disposto a perturbar permanentemente a tranquilidade da nação.

Queremos crêr que nas exiguas horas que nos separam desse importante acontecimento politico, todos os parlamentares refletirão seriamente como convem á circunstancia.

A questão do inquilinato

O comicio de ontem

Foram aprovadas duas moções — Pede-se a suspensão dos mandados de despejo

A «Capital» de ontem referiu-se largamente ao comicio da Avenida Wilson onde os inquilinos de Lisboa foram dizer de sua justiça e clamar os seus direitos. A falta de espaço e o adeantado da hora impediu porem que o fizessemos com a amplitude que seria do nosso desejo. Fazemo-lo porem hoje juntando os nossos protestos e os nossos clamores aos de todos aqueles que ontem, conscios dos seus deveres e direitos, estiveram no comicio e foram até ao Parlamento.

* * *

Na parada superior do quartel dos bombeiros da Avenida Wilson juntaram-se alguns milhares de inquilinos.

Entre os assistentes avultavam os elementos das juntas de freguezia que teem orientado o movimento de protesto e grande numero de operarios sindicalisados. A moção aprovada e apresentada pelo sr. Sequeira Nunes do Conselho Central das Juntas de Freguezia é do teor seguinte:

«O povo de Lisboa, reunido em comicio publico a convocação das Juntas de Freguezia: Considerando que o decreto n.º 5411 elaborado no proposito de defesa do inquilino, deixou de satisfazer ao seu objectivo, porquanto em virtude das contrafacções a que nos Tribunais tem sido submetido á ordem de senhorios ambiciosos e mal intencionados, se tornam em instrumento de abusos e iniquidades; Considerando que a Lei, tal como vem sendo sofismada e aplicada, longe de representar uma garantia de justiça, constitue a permanente ameaça nos direitos dos inquilinos, á estabilidade e á segurança do domicilio; Considerando que o problema do inquilinato, já agravado pela carestia dos alojamentos em relação á intensa procura, se volverá rapida e fatalmente num grande problema de ordem publica, pois que de todas as dificuldades á vida do cidadão e á insegurança ou á falta de casas o que maiores e mais legitimas reações determinam e excita; Considerando que só a aclaração á Lei 5411 poderá atenuar esta situação garantindo, em troca das justas remunerações, a posse do domicilio, sem a continua e obsediante preocupação dum sistema de ciladas pretensamente legais; Considerando que quaisquer delongas ou atitudes adversas áquela solução ateiam no desassocegado espirito do Povo, e experimentado por muitas provações de ordem economica o espirito de protestos e revolta tão prejudicial á paz colectiva: Resolve: Reclamar, com viva instancia, do Parlamento da Republica, a imediata e urgente aprovação das emendas apresentadas ao decreto n.º 5411 e já em debate ha longos e demasiados dias, e, bem assim a de outras medidas necessarias a assegurar a eficaz defesa do inquilinato contra os atropelos, as extorsões e as rabulas, solismações da Lei praticadas em nome e em homenagem áqueles proprietarios; para quem os direitos alheios e a tranquilidade de outrem nada representam em face do descomedimento da sua cupidez sem regra moral e sem os limites impostos por uma honrada prudencia».

* * *

Algumas frases de oradores: «O Parlamento não tem cumprido nenhuma das promessas feitas, despresando o Povo de uma maneira indigna»; «E' uma tirania insuportavel a supremacia dos senhorios — para que nos livremos dela, necessario se torna falar em voz de guerra».

Tambem foi aprovada a seguinte moção do sr. Augusto Delgado de Assis:

«O povo de Lisboa, reunido em comicio para apreciar o protelamento que se tem feito á lei do inquilinato, pede aos dignos parlamentares do Senado e da Camara dos Deputados para serem sustados todos os mandados de despejo até á aprovação definitiva da nova lei».

Depois do comicio a multidão seguiu para o largo das Cortes por entre vivas, morras e palmas. Uma comissão avistou-se com alguns parlamentares a quem entregou um exemplar da primeira moção aprovada e, depois de se saber que o projecto de lei estava em discussão, os reclamantes começaram debandando sem que houvesse alguns pequenos conflitos com a policia em serviço no largo.

Teatros --- Musica --- Cinemas

"Arlequinada"

FANTASIA FUNAMBULESCA, DE MARTINS FONTES

Martins Fontes é o mais notavel dos actuais poetas brasileiros. O seu «Verão» é um dos mais belos livros de versos que nos ultimos anos nos tem sido dado lêr. Espirito moço, fulgurante e vivo, deixou-se comover pela figura triste e dolorosa de Pierrot e pela graça surpreendentemente feminina de Colombina e escreveu a «Arlequinada», uma curiosa fantasia funambulesca, que se representou em Santos e alcançou um exito extraordinario.

A titulo de curiosidade e porque até nós mal chega um éco apagado do que em matéria de literatura vai pelo Brasil, transcrevemos a scena 4.ª dessa verdadeira obra-prima em verso — um pouco doida, talvez, mas trasbordante de beleza e de talento:

SCENA IV

Desde o encontro de Pierrot e Colombina, volta e meia aparece, escondendo-se por entre as arvores, velando-se na bruma, a silhueta semiesca de Arlequim

ARLEQUIM

Entra arremedando Pierrot, cantando desafinadamente, mophistophelicamente, a velha aria de carnaval. Depois, fingindo tocar bandurra, trauteia as tres quadras de satireta.

NA MASCARA DE COLOMBINA

Para os meus olhos, Sereia,
Mesmo vestida, andas nua:
E's mais alva do que a lua
Cheia.

Tambem o mar, como tu,
Trajando espumas de gaze,
Deixa mirar-se, e anda quasi
Nu.

São de nuvens de oxygenio
Teus vestidos? São de vidro?
Ou são de vapores de hydro.
Genio?

Mudando de tom. Dirigindo-se ao publico.

Ah! sim, tenho o dever,
Mesmo o prazer,
De apresentar minhas credenciaes,
Se nem de nome me conheceis,
Com isto nada perdereis...
Mas o facto é que sou conhecido de
[mais.

Sou eterno, immortal,
E photofulgural!
Tenho nas mãos todo o poder papal,
Todo o prestigio mundial!
Assim, com ar de sizudo,
Abelhudo,
De todos faço um estudo,
E eis tudo!

Impando, pimpando, movendo as pernas como compassos, pavoneando, pirnetando.

Eu sou tão fino
Quanto Aretino.
Sendo mais bufo
Do que Tartufo.
Almavivesco,
Hoffmanesco,
E figaresco.

Tenho o sarcasmo
Do grande Erasmo.
Sou Cagliostro, a raposa,
Em que mexer ninguem ousa.
Sceptico,
Eclectico,
Peripathetico, estrambotico,
Melodramatico e pyrotico,
Quando é preciso, faço das minhas:
Vou saindo, ás rebatinhas,
E dando adeus de gatinhas,
Eu sou a Avó,
Que tem na pelle
Toda a peçonha de Niccoló,
O Macchiavelli!

Assobiando, casquinando.

Sou sacripante,
No revirete.
Recalcitrante,
Sempre pimpante,
Pintalegrete,
O Heroe-Eloi,
O pisa-verdes, o pisa-flores
De cujas dores
Ninguem se doe.

Phantasmagoricamente,
Abracadabrantemente,
Na minha demonolatria,
Pansophia,
Meus argumentos *a priori*,
A fortiori,
São os mesmos de quem julga
Ter a orelha atrás da pulga.
Ah! Sou Doutor em audacia,
Em philaucia, contumacia,
Pertinacia!
Sei obtusangular, mas com subtileza,
E o adversario na empresa
Hippopotamizar,
Rhinocerontizar.
Quando, no ardil do aranzel
Me urge exercer, executar
Meu papel
De bacharel!
Mereço ou não o laurel,
O espadim
De Frei Thomaz,
Capataz
De Satanaz?
Trastalatras,
Viva Arlequim!

Perleudo,
Zombador,
Nego tudo
Quanto for,
Desde a estrella até á flor.
E o meu riso deixa mudo,
Enraivece o Criador!
Oh! Oh! Oh!
Sabaoth!

Cantarejando

Junto de um copo de Lacryma-Cristi,
Nunca ninguem me viu triste.
Mamam os filhos, ás vezes,
Sem parar, sem ter canseira:
Mamam na Mãi nove mezes,
E no Pai a vida inteira.

Alterando o tom de voz, fanho tatibitate, caçamello, coaxando, encarejando, gloglulejando.

Sou nervoso,
Prestigioso,
Alto, anguloso.
E fatuo, e ancho,
Meu ser balança,
Tal como um Sancho
Que não tem pança.

Por entre os sonsos,
Em desengonsos,
Me decuplico,
Me multiplico,
Aos pinchos,
Guinchos,
Botes,
Pinotes,
Mas sendo sempre o mesmo, em toda parte,
Porque, em verdade e reverdade,
O meu talento se reparte
Por toda a humanidade,
Dando saltos-mortaes,
Moraes, immoraes,
Espirituaes,
A mofar ironias
E picardias,
Tenho o estylo trufado de anecdotas
E chacotas,
Oh! Oh! Oh!
Sabaoth!
Aprecio a mulher;
E, mesmo sem ser anjo,
Prefiro-a á intelligencia de um mar-
[manjo,
Hippocampelephantocamelos qual-
[quer.

Prezo o dinheiro.
Fazem-me delle o companheiro.
Pelo contagio
Do agio.
Mas, sem ser Pierrot,
Thesaurocrysonychochrysides não
[sou.
Gosto de mim, mas sem pudibundis-
[mos,
Ou quixotismos.
Prefiro ter remorso a soffrer rheu-
[matismo.
A dor physica doe; — tudo o mais
[é histerismo.

Oh! Arlequim, nem a esmo,
Tão bom rapaz,
Seria capaz
De ser o heautontimorumenos, ca-
[rasco
De si mesmo.
Porque me inspira horror o ridiculo,
[o asco
Que produz o fiasco.

Sendo mais velho do que Pedro Sem,
Tenho a idade de Adão e de Mathu-
[salem,
O Pai dos filhos de Zebedeu,
Sou Eu!
Sou feito de junco, de cauchu, bor-
[racha.
Commigo ninguem se encaixa,
Porque se escacha,
Escarrapacha.

Em fim, em fim, em fim, em fim,
Physicamente, Arlequim
E' mais bello que Pierrot!

Simulando uma grande vaia, assobiando, atirando batatas imaginarias, dirigindo-se á orquestra

Fóra, fóra! *Tableau!*
Empunha a batuta á dextra,
Maestro! — e tremulo na orchestra!

Em voz soturna, tragico

Mestre,
Mimologo, minestre,
Cheio de empafia, basofia,
Farofia,
Sabio subtil na sciencia
Da estupefaciencia,
Se desejas melhor conhecer Arle-
[quim,
Irmão, mira-te em mim!
E, sendo assim,
Sempre, sim,
Manequim,
Cabotim,
Machatim,
Malandrim,
Beleguim,
Benjamim-Cherubim,
Serafim-Valentim,
Burlantim,
Berbequim,
Soterim,
Galopim,
Lascarim,
Em Vladivostock ou Pequim,
Tungubutu ou Turim,
Cocotorá ou Tonquim,
Madagascar ou Berlim,
No Vaticano ou no Kremlin,
De batina ou de escarpim,
Quem nunca perde o latim?
Quem não se mete em motim,
Por não ser espadachim?
Quem, mascarado a nanquim,
Judas-Pasquim,
Caim-Mirim,
E' o heroe do folhetim,
Da charada e do anexim?
Quem é, tim-tim-por-tim-tim,
Que, sem gastar um florim,
Um *schelling*,
Em meio do torvelim,
Que lhe faz o galarim,
Redobrando o parolim,
Com ares de mandarim,
Empafias de paladim,
Sacudindo o pingalim,
Mas, com artice e quindim,
Saboreia o amendoim,
Come todo o talharim,
E, por fim,
Arlequim!
Pois se assim
E',
Gloria, ao Imperador, Dominador,
[Senhor,
Rufianaz, ladravaz, suspicaz, tama-
[naz,
Embaixador
De Satanaz!
E, remirando-se em mim,
Cada Pasquim,
Batendo o pé,
Faça um banzé,
Lolé,
Grite, olaré,
Viva Arlequim,
Bravo, Arlequim!
Hurrah! Evohé!

Entra Colombina, de costas, atirando beijos a Pierrot, que, muito ao longe, entreaparece, na platina do luar, sentado, a escrever-lhe no leque.

Noticiario

Ja se encontram em Lisboa todos os artistas que compõem a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que está ensaiando a linda peça «As Pupilas do sr. Reitor» original extraido do popularissimo romance com o mesmo titulo, original de Julio Diniz.

—Para que não findem as atrações dos brilhantes espectaculos que está efectuando, em S. Carlos, a magnifica companhia Lucilia Simões, já está annunciada para a recita da moda de terça feira proxima, a reprise da «Casa em Ordem» de Pinero, em que Lucilia tem um papel de excepcional relevo, ao qual o fulgor e maleabilidade do seu poderoso talento convertem numa creação verdadeiramente maravilhosa. A parte feminina da «Casa em Ordem» está assim distribuida.

«Nina», Lucilia Simões; «Lady Ridgeley», Julia Silva; «Geraldine Ridgeley», Amelia Pereira; «M.elle Thome», Maria Sampaio. A acção da «Casa em Ordem» decorre no espaço de 27 horas, e durante as ferias parlamentares da Paschoa, em Overburg Tovers, numa casa do campo, nos arredores duma cidade da provincia.

Esta recita está despertando grande interesse, estando já muitos logares marcados.

Reclames

NACIONAL

A representação da famosa peça policial «20.000 dollars» continua sendo um dos mais sensacionais espectaculos da actualidade, pelo interesse e imprevisto das scenas da peça, ao desenrolar das quais o publico assiste dominado pelo maior interesse.

MARIA VITORIA

Ha muito que não aparece em palcos portuguezes uma revista com tantos predicados de agrado e que tão grande sucesso tenha feito como o «Fado Corrido» que está levando toda a Lisboa ao Maria Victoria. Na verdade são duas horas de encanto para o espirito, deslumbramento para a vista com a movimentada encenação, bailados lindos e ainda o magistral desempenho de todos os artistas sempre calorosamente aplaudidos.

Do estrangeiro

A celebre dançarina Zadora Duncan vai ser deportada por ordem do governo francez.

—Encontra-se em Madrid a tiple Maria Conesa, a quem os mexicanos chamam «Sua Excelencia o Amor», «Sua Magestade o Shimmy» e «Sua Altesa a Voluptuosidade». Ha grande anciedade pela sua estreia no Comico.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Amor, a quanto obrigas».
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
POLITEAMA—A's 9,30—«As duas causas».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—A's 9—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—4 vacas bravas.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Escandalo oculto».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO-TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

OS PARTIDOS

Reunem as comissões Municipal e Districial de Lisboa do P. Republicano Radical

Na sua reunião conjunta de ontem, a comissão municipal de Lisboa do P. R. Radical, tendo apreciado a moção aprovada pela comissão distrital, que ontem publicámos, concordou com a sua doutrina, por ser absolutamente esse o sentir de todos os filiados no Partido.

Resolveu ainda chamar a atenção das comissões politicas de freguesia, no sentido de uma intensa propaganda partidaria e propôr a suspensão do Directorio de dois filiados por motivo provado de terem aderido ao Partido com fins politicos reservados.

A proxima reunião conjunta de todas as comissões do Districto de Lisboa, realisa-se na proxima 6.ª feira 10 do corrente.

A Comissão Distrital encarregou os srs. Nicol u Tolentino Rodrigues e Antonio de Oliveira de organisarem imediatamente as Comissões politicas, respectivamente de Mafra e Sacavem, onde em breve nesta ultima localidade se realisará um comicio de propaganda.

—Ficou assim constituida a comissão municipal do Concelho da Moita: Presidente, Ernesto de Sousa Coelho, professor oficial; secretario, Francisco Joaquim Baptista, ferro-viario; Tesoureiro, Antonio Niceforo de Oliveira, caixeiro; Vogaes Manoel Miguel, ferro-viario; e Custodio Ferreira, manipulador de pão.

Com a organisação da comissão politica de Alhos Vedros, fica completa toda a organisação partidaria da margem Sul do Tejo.

—Na sua reunião de hontem a Comissão Politica de Camões, resolveu saudar a comissão distrital de Lisboa, pela sua oportuna e energica moção sobre a questão dos supostos manejos revolucionarios e avisar todos os correligionarios residentes na freguezia, a estarem simplesmente a postos para a defesa da Republica e da Patria, tendo tambem tomado conhecimento de novas adesões.

—Na sua reunião de hontem a Comissão Politica dos Olivaes, resolveu protestar contra as perseguições feitas ao Capitão-medico Bossa da Veiga, enviar uma saudação ao Capitão Sousa Guerra, pela intensa propaganda partidaria que tem feito na cidade de Guimarães, onde tem conseguido agrupar os velhos republicanos afastados ha tempos, em volta da bandeira partidaria, e enviar uma saudação á comissão distrital pela sua moção ontem publicada no jornal «A Capital», que é a expressão absoluta do sentir de todos os radicaes.

—Tambem reuniu a Comissão politica do Lumiar, resolvendo saudar as Comissões Municipal e Distrital pela sua atitude perante os supostos movimentos, anunciados nos jornais e ainda pôr de sobreaviso todos os correligionarios contra quaisquer manejos politicos que estes boatos possam representar.

Homem ou fera?

Mata a mulher, um filho e um tio, fere um irmão e um amigo e quer acabar — com toda a gente —

MADRID, 4 — Dizem de Murcia que numa aldeia proxima um homem de 38 anos matou sua mulher, de 29, estrangulando-a. Como um seu tio se aproximasse de casa, o assassino puxou de um revolver e matou-o. Um irmão e um amigo, que ouviram o tiro e acudiram, foram gravemente feridos pelo tresloucado, que em seguida a estes actos se fechou em casa, matou uma galinha e, preparando-a com arroz, a comeu tranquilamente.

A certa altura do banquete, como ouvisse chorar no berço um filhinho de seis meses, levantou-se e, agarrando a criança, atirou-a pela janela, pelo que teve morte instantanea.

Ao ter conhecimento dos crimes, a guarda civil tentou entrar em casa, mas não o conseguiu.

— «Quem entra, morre — gritou o assassino. — Tenho dinamite e morreremos todos.»

A casa foi cercada e de madrugada arrombada a porta, sendo o barbaro auctor dos atentados conduzido ao cárcere.

O cadaver da mulher estava amortalhado, tendo uma porção de sal sobre o ventre. Nas paredes da casa havia grandes letreiros, em que o assassino declarava que mataria determinadas pessoas por supostos agravos que delas recebera.

O Congresso dos Empregados no Comercio

realisar-se-ha no Porto nos dias, 2, 3 e 4 de Setembro proximo

Os empregados no comercio vão realisar em setembro proximo o seu 8.° congresso, com o seguinte programa

DIA 2 —A's 12 horas — Sessão preparatoria — Ordem do dia: 1.° — Apresentação dos pareceres sobre verificação de mandatos; 2.° Leitura, discussão e votação do regulamento do congresso; 3.° — Nomeação da mesa para a sessão inaugural.

A's 14 horas — Sessão inaugural (Primeira sessão) — Ordem do dia: 1.° — Leitura, discussão e votação da acta da sessão preparatoria; 2.° — Saudação ao congresso pela delegação da União dos Empregados no Comercio do Porto; 3.° — Nomeação da comissão de pareceres; 4.° — Leitura, discussão e votação do relatorio do Conselho Geral (Zona Norte) da F. P. E. C.; 5.° — Leitura, discussão e votação do relatorio do Conselho Geral (Zona Sul) da F. P. E. C.; 6.° — Leitura, discussão e votação do relatorio da Junta Executiva (Zona Norte) da F. P. E. C.; 7.° — Leitura, discussão e votação do relatorio da Junta Executiva (Zona Sul) da F. P. E. C.: 8.° — Nomeação da mesa para a segunda sessão.

A's 20 horas — Segunda sessão — Ordem da noite: — 1.° Leitura, discussão e votação da acta da sessão inaugural; 2.° — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.° — Leitura, discussão e votação do relatorio do Cofre de Resistencia dos Caixeiros Portuguezes; 4.° — Leitura, discussão e votação da tese «Nova estrutura da Organização», elaborada por Elisio Esteves e Americo Felgueiras; 5.° — Leitura, discussão e votação do novo estatuto da F. P. E. C., da autoria do Conselho Geral da Zona Sul; 6.° — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

DIA 3 — A's 12 horas — Terceira sessão — Ordem do dia: 1.° — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.° — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.° — Leitura, discussão e votação da tese «Salario Minimo», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 4.° — Leitura, discussão e votação da tese «O cambio e os salarios», elaborada por F. Rodrigues Loureiro, delegado do Conselho Geral (Zona Sul) da F. P. E. C.; 5.° — Leitura, discussão e votação da tese «Metodos de luta», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 6.° — Leitura, discussão e votação da tese «Deficiencias de organização e meios de a combater», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 7.° — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

A's 20 horas — Quarta sessão — Ordem da noite: 1.° — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.° — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.° — Leitura, discussão e votação da tese «Caixas de Auxilio aos Empregados no Comercio», elaborada por Oliveira Lança, delegado do jornal «O Caixeiro do Sul»; 4.° — Leitura, discussão e votação da tese «Descanso Semanal e Horario de Trabalho», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 5.° — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

DIA 4 — A's 12 horas — Quinta sessão — Ordem do dia: 1.° — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.° — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.° — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Internacionaes», elaborada pela Junta Sul da F. P. E. C.; 5.° — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

A's 20 horas — Sexta sessão — Ordem da noite: 1.° — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.° — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.° — Nomeação dos corpos directivos para o biénio 1923-1925 das juntas executivas da F. P. E. C.; 4.° — Escolha do local para a realisação do IX congresso; 5.° — Discussão e votação de assuntos pendentes; 6.° — Encerramento solene do congresso.

A partida para o Porto faz-se no comboio correio das 21 e 15 do dia 1 de Setembro.

Banco de Portugal

Concurso para caixeiros-ajudantes

Até ao dia 25 de Agosto p.° f.°, recebem-se na séde do Banco pedidos para admissão a este concurso de individuos habilitados com cursos oficiais de comercio, curso complementar dos liceus ou com boa pratica comercial, que satisfaçam ás condições patentes no Banco.

Os vencimentos (ordenado e subvenção) dos caixeiros-ajudantes são inicialmente de Escudos 375$00, tendo esses empregados direito a promoção e outros beneficios que o Banco eventualmente conceda.

Lisboa, 25 de Julho de 1923.

Pelo BANCO DE PORTUGAL
Os Directores
(a) *José Caeiro da Matta*
(a) *Antonio J. Pereira Junior*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4448-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. ... Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira, 6 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Ver em "Ultima Hora" a sessão do Congresso para a eleição presidencial

POR ORDEM!

No momento em que escrevemos, deve estar começando o escrutinio para a eleição presidencial.

Quem será o eleito?

Não o sabemos; o que sabemos, porém, é que nenhum dos parlamentares que se encontram em S. Bento poderá alegar desconhecimento sobre a significação e as consequencias do seu voto.

Deante dos olhos de todos esses parlamentares foi posta, clara, precisa, categorica, a responsabilidade que vai assumir.

O voto para a presidencia da Republica não pode ser um voto partidario. Deve ser um voto republicano e patriotico.

Esta é a verdadeira doutrina, e ainda ha tres ou quatro dias ela era preconisada pelos proprios que fizeram, mais tarde, da candidatura Teixeira Gomes uma questão fechada.

Uma questão fechada quer dizer uma questão estrictamente partidaria.

Não é admissivel, mesmo servindo os interesses dum partido; quanto mais representando apenas a vontade autocratica de um homem!

Ninguem se deve pensar que nós combatemos a candidatura do sr. Teixeira Gomes simplesmente por ser a do nosso actual ministro em Londres.

Não!

O que nós combatemos hoje, e combateremos sempre, porque temos a certeza de interpretar o sentimento da nação inteira, é o facto de nos ser imposto um presidente da Republica pelo sr. Afonso Costa.

A monarquia teve um poder oculto, que era Mariano de Carvalho; a Republica tem outro que é o sr. Afonso Costa.

Com a circunstancia deste poder ser ainda mais absoluto do que o outro, e exercido a distancia, com todos os privilegios do mando e sem nenhum dos seus precalços.

O sr. Afonso Costa abandonou o partido democratico, correspondendo com o maior desdem ás sucessivas eleições e aos ridiculos telegramas com que os seus correligionarios, dignos de Panurgio, constantemente solicitam a sua presença, e entretanto, sem nenhumas responsabilidades oficiaes, manda no partido democratico que obedece ao mais leve dos seus acenos, até mesmo, como agora, quando ele lhe ordena que despreze e afronte homens como Bernardino Machado e Magalhães Lima, que esse partido sempre encontrou ao seu lado, para lhes preferir um antigo camachista e adversario da guerra.

O sr. Afonso Costa despreza o parlamento, onde nunca comparece nem justifica as suas faltas, mas onde sujeita á sua vontade despotica a maioria parlamentar, composta de democraticos, ou sejam elementos politicos que marcham na vida publica com a marca da servidão afonsista.

O sr. Afonso Costa não quer governar ostensivamente em Portugal, recusando sempre o poder em todas as situações criticas para a Patria e para a Republica, e todavia manda nos governos, impondo a todos as suas preferencias ou o seu exclusivismo, sendo na realidade tão arbitro dos grandes problemas nacionaes como da mais modesta nomeação do serviço publico.

O sr. Afonso Costa quer agora mandar na Presidencia da Republica, para ter tudo, na sua mão.

E' contra isso que nos revoltamos. E' isso que irrita o paiz inteiro que está farto dessa intoleravel tutela.

Ainda ha pouco, um rapaz inteligente e honesto, tendo acabado o seu curso de Direito, pretendeu ser nomeado sub-delegado do Ministerio Publico para uma obscura e longinqua comarca da India Portuguesa, Bichelim, se não estamos em erro. O pai desse rapaz fartou-se de pedir essa modesta nomeação. Nada conseguiu, até que um dia, um amigo, condoido dos seus esforços inuteis, o aconselhou a arranjar um empenho para o sr. Afonso Costa. Matutou, e arranjou. Foi o sr. dr. José de Abreu, conhecido parente do sr. Afonso Costa. O sr. José de Abreu pediu ao sr. Afonso Costa, e o sr. Afonso Costa, de Paris, despachou o rapaz para Bichelim.

Pois bem! O paiz está farto de vêr o sr. Afonso Costa mandar em Paris, em S. Bento, na Travessa da Agua Flor, na rua dos Capelistas, na Serra da Estrela, e em Bichelim. Parece-lhe de mais que mande igualmente no Palacio de Belem envolvendo nos seus tentaculos todos os organismos da Republica, todas as funções dirigentes, todos os negocios desta terra, todas as comarcas de Portugal e colonias! E é por isso que se manifestou contra a questão fechada do partido democratico para ser eleito o candidato do sr. Afonso Costa, de preferencia aos velhos republicanos militantes que são os srs. Bernardino Machado, Duarte Leite e Magalhães Lima.

Pozeram assim a questão? Pois assumam-lhe totalmente as responsabilidades!

Cruzador "Richmond"

Saiu hoje do Tejo o cruzador americano «Richmond», com destino a Las Palmas.

PROBLEMAS DA PENINSULA

O pan-hispanismo

preconisado pelo publicista espanhol Luís Araquistain

Luiz Araquistain que vem escrevendo n'«El Sol», de Madrid, uma serie de cartas de Portugal, tem-se ocupado especialmente de uma aliança mais estreita entre o seu e o nosso paiz, perguntando em uma delas, agora publicada, se será possivel um pan-hispanismo, isto é, se será facil atingir uma certa unidade de cultura sem menoscabo da dualidade politica á semelhança do que sucede com a Dinamarca, a Suecia e a Noruega, que, falando emqora idiomas diversos, ainda que pouco estranhos entre si, e governando-se com inteira independencia, vivem numa comum atmosfera intelectual.

O ilustre publicista responde que os obstaculos a certa comunidade de cultura são grandes e dificeis de vencer. E justifica:

«Por um lado a Espanha opõe-se com a sua indiferença a toda a alta concepção do hispanismo; por outro lado, Por outro lado Portugal dificulta-a, com a sua desconfiança historica por Castela e com o orgulho ferido pelo desconhecimento e pela exana estima dos valores portugueses que se sente em terras espanholas.»

Se a Espanha — acrescenta — descuida a sua missão de fraternidade pela enigua e pela cultura na America e se a propria Catalanha se desliga cada vez mais da Espanha, como se ha-de conseguir que possa manifestar as aptidões de delicadeza, de curiosidade e de sentimento hispanico necessario para se aproximar da consciencia portuguesa?

«Ao mesmo tempo os portugueses viram sempre em Castela uma ameaça e um perigo — mais que justificados até ha poucos anos e ainda nos primeiros tempos da Republica — e quando alguem se lhes dirige com o ramo de oliveira (o que quer dizer com projecto de iberismo mais ou menos ilusorios) olham de soslaio, a ver se descobrem algum laço ou outra arma traiçoeira.

* * *

Devemos dizer que não acreditamos muito em que chegue a transformar-se numa realidade a aspiração do eminente escritor espanhol. Razões de varia ordem, fóra daquelas que nas transcrições acima se apontam.

Não são de hoje nem de ontem as nossas relações com o resto da Europa, galgando a Espanha, sem que nos detenhamos a examina-la e a conviver com ela.

Não lhe queremos mal, evidentemente, nem ao contrario do que o sr. Araquistain supõe, ela nos assusta demasiado. Somos de resto, apologistas de um estreitamento de relações cada vez maior entre os dois paises. Mas não ha duvida que, apesar de ligados, estamos muito longe um do outro, e mais perto da França, como o ilustre publicista reconhece.

São diferentes os nossos sentimentos e as nossas aspirações. Portugueses e espanhois, vivendo paredes meias ha tanto tempo, continuarão a cumprimentar-se ceremoniosamente. E que não se entendem bem, prova-o a diferença de atitudes perante a barbara agressão germanica. Nada no mundo nos obrigaria a ficar neutrais perante um conflicto daquela ordem, em que a liberdade dos povos, que o sr. Araquistain tão brilhantemente defendeu dos seus artigos durante a guerra, corria os mais graves riscos.

E essa diferença de atitudes marcou mais do que qualquer outra, a diferença de sentimentos e de orientação politica dos dois povos.

«De resto, os portugueses não perdoam aos espanhois que os tratem com essa infundada distração — a mesma que empregamos, em geral, com os americanos — e de que nos doemos, por nossa vez, quando nos sentimos ao defrontarmo-nos com outros paizes da Europa. São talvez muitos os portugueses que entendem o espanhol, mas são em maior numero os que falam o francez. E' rara a pessoa de cultura mediana que não o fale e não o leia com regularidade».

E Traquistain conta o seguinte caso:

«Ainda ha pouco, ao conversar com a proprietaria de um predio que se alugava, ela me perguntou em correcto francez se eu preferia falar nessa lingua ou em portuguez. E como eu lhe respondesse, para experimenta-la, que em espanhol, replicou-me com um gesto de desdem, na mesma lingua: «D'isso não sei nem palavra».

O notavel jornalista refere-se depois á tentativa recente da criação, em Portugal, da Junta Promotora de Investigações Scientificas, identica á que em Espanha se criou com o titulo de Junta para Ampliación de Estudios, e ás relações entre ambas para o intercambio de professores e alunos. Acha que é esse, de facto, o caminho a seguir, porque só assim poderá criar-se um dia uma solida consciencia qispanista, «incluindo nesta conceito — aceito e defendido por muitos intelectuaes portugueses, entre eles o poeta integralista Antonio Sardinha — considerado como conceito de cultura, os povos peninsulares e americanos de linguas portuguesa e espanhola».

E acrescenta que só assim, vivendo em constante contacto intelectual e colaborando na elaboração de uma cultura comum, que tenha tantos fócos da cidade em Lisboa com em Madrid, em Barcelona como em Manila, no Mexico como em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, poderão emancipar-se os povos hispanicos da tutela de outras culturas.

DA TURQUIA...

5.850.000 libras

O imperio otomano terá de entregar aos aliados esta —indemnisação de guerra—

Portugal terá direito a receber uma parte desta quantia?

A Turquia nova, a Turquia reformada, sem veus a tapar os rostos lindos das suas mulheres, assinou já a paz de Lausanne pela mão reformadora e salvadora de Ismet-Pachá.

Solução cara? Sem duvida visto que, segundo o tratado, a Turquia terá de pagar aos aliados, como indenisação de guerra, cinco milhões e oitocentas e cincoenta mil libras turcas em ouro.

Resta-lhe porem um prazer: o prazer de se confirmarem as previsões do «Temps» que já anuncia existirem divergencias entre os aliados para a devisão do bolo.

* * *

Porém o que nos interessa directamente é o saber se Portugal, que esteve em guerra com a Turquia, tambem tem direito a alguma cota na devisão das 5.850.000 libras ouro.

Esta pergunta formulou-a já ha alguns dias um nosso colega da manhã. Até hoje ainda não lhe vimos resposta dada pelas entidades competentes. E como não a tinhamos visto, procurámos obtel-a em boa fonte: na autorisada opinião do sr. Edmond Santos, um dos mais categorisados e conhecedores funcionarios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

A resposta foi clara: Portugal não tem direito a qualquer quantia dessa indenisação.

—Mas Portugal esteve em guerra com a Turquia...

—Sim, mas foi uma guerra de protocolo, de diplomatas, Não tivemos um unico soldado portuguez batendo-se com turcos.

—De forma que...

—De forma que não será da terra dos derviches que nos virá o ouro que desejamos. E os nossos interesses na Turquia? Um novo tratado de comercio, por exemplo?

—Não temos necessidade de renovar o tratado comercial com a Turquia. Tivemos essa necessidade com os Paises Baixos e outros de moeda desvalorisada; com a Turquia não,

—O que importavamos de lá?

—Principalmente fava, que chegava para o consumo do nosso mercado.

Os atentados bombistas

A greve geral

O operariado não acedeu ao pedido da C. G. T.

No entanto procura que ela se declare amanhã

Ha dias que os organismos operarios veem desenvolvendo uma activa propaganda contra as prisões efectuadas e devidas ao atentado de que foram vitimas no Largo da Boa-Hora aos juizes do T. D. S.

Alguns sindicatos declararam tambem a greve geral em principio, o que levou a U. S. O. a seguir o mesmo caminho.

Ontem foi distribuida pelas classes operarias a seguinte proclamação da greve geral:

«Em harmonia com as resoluções de todos os Sindicatos Operarios de Lisboa, esta União declara a partir de hoje a greve geral, como protesto contra a forma como são mantidas as prisões de elementos operarios sem culpa formada, o que revela por parte das autoridades o proposito do desmantelamento da organisação operaria, pela prisão dos seus elementos mais activos. Camaradas, quereis colaborar nos crimes da burguesia? A vossa consciencia o ditará! A'vante pela liberdade contra a reação!

Parece que o operariado não recebeu com agrado a proclamação da greve, pois que esta manhã todas as fabricas, obras e oficinas abriram ás horas habituais, não se dando qualquer incidente e tomando os operarios o seu logar.

Hoje deve reunir o Conselho Confederal, para resolver o caminho a seguir, dizendo-se que vai ser feito um novo esforço para que amanhã paralise o trabalho, impedindo já a saida dos jornais matutinos.

Para averiguarmos da possibilidade da eclosão da greve, fomos junto das classes, que maior força podiam dar ao movimento.

Um guarda freio dos electricos a quem interrogamos sobre o assunto disse-nos:

— O pessoal dos eletricos não abandonará o trabalho. A' classe a que pertenço é uma classe ordeira que não se pode solidarisar com os bombistas, nem os «meneurs» operarios. Pois se nós até fomos espulsos do sindicato metalurgico!...

— Mas a U. S. O.

— O pessoal dos eletricos não é aderente á C. G. T. e há muito que se desligou da central dos sindicatos. Não acatamos as suas ordens. Somos uma classe ordeira que não deixará de prestar a sua solidariedade ás outras classes, mas quando para isso nós vejamos que é justo. Agora com bombistas não queremos coisa alguma.

— De forma que temos carros?

— Sim, haverá carros.

Tambem procurámos um condutor de carroças que nos disse:

— O nosso sindicato nada resolveu ainda e é possivel que se a greve geral for declarada, nós a não reconheçamos.

Um dos empregados dos caminhos de ferro da Sociedade Estoril garantiu-nos tambem que os comboios não paralisarão.

Como o leitor vê, as classes mais importantes não estão dispostas a abandonar o trabalho.

Se a U. S. O. tentar levar por deante o movimento só poderia contar com as classes graficas, construção civil e metalurgicos.

Dos maritimos, que são uma força importante com que a C. G. T. pode contar, encontram-se desembarcados cerca de 3.000, devido a estarem amarrados os barcos dos T. M. E.

A U. S. O. enviou-nos uma nota comunicando-nos que só votou a greve em principio, convidando todos os que abandonaram o trabalho a retoma-lo imediatamente. Na moção votada exige-se a cerração do regime e incomunicabilidade e a aclaração da situação de todos os presos.

Dois comerciantes do Porto

victimas de um logro em Espanha

SAN-TIAGO, 6—Dois comerciantes do Porto negociaram com um individuo de Santiago que se declarou representante duma casa comercial de Benavente, a compra de grandes quantidades de feijão e arroz. Esse mesmo individuo disse aos comerciantes portugueses que a mercadoria seria facturada em Villagarcia e o pagamento de 25 % da importancia total se faria perante a entrega da correspondente guia de caminhos de ferro. Em vista disso o pretenso representante da casa de Benavente recebeu 16:000 pesetas dizendo aos portugueses que os vagons já estavam em Valencia, mas estes quando ali chegarám não encontraram os vagons certificando-se que tinham sido vitimas dum vigario. Voltaram a Santiago e falaram com um advogado portuguez para tratar do assunto.—(R.)

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

As primeiras horas NO Palacio do Congresso

Os democraticos votarão em massa no sr. Teixeira Gomes e os nacionalistas no sr. Bernardino Machado

Um bilhete de propaganda a favor do candidato sr. Teixeira Gomes

E de ahi pode ser que não seja nada. Mas que esta do elevador parado em dia de eleição presidencial é um sistema que não pode ser despresado.

De forma que os senhores parlamentares hão de subir, como nós outros, simples mortais, as escadaria que levam ao primeiro andar do edificio do Congresso.

Companheiros do carro e companheiros de ascensão: dr. João Bacelar, que protesta de caminho contra as ordens vindas de Paris, porque é necessario sobretudo protestar contra a influencia dos que estão de longe e querem mandar nestas coisas da politica, mais dois ou tres parlamentares que nós sabemos que são apenas eles que não deixam de se manifestar em alta voz.

Naturalmente ha nomes de candidatos no ar. Mesmo pela rua é ainda a eleição presidencial que manda.

Bernardino Machado? Teixeira Gomes? Duarte Leite?

Os nomes são os mesmos. Os votos já nós sabemos tambem, mais ou menos para quem vão,

As probabilidades vão quasi todas, é preciso dizê-lo, para o nosso ministro em Londres. Não deixão de o confessar até os seus mais decididos adversarios.

Mas... Mas, os senhores sabem, que até á ultima hora pode surgir essa surpreza. E a verdade manda-nos tambem dizer que, á estas horas todos contam ainda com uma surpreza.

* * *

Duas horas. Ha, ao que parece, deputados reunidos. Gente dos democraticos, gente dos nacionalistas.

Por enquanto, segredo absoluto.

Nos Passos Perdidos ha a mesma paz incaracteristica das sessões ordinarias, das sessões extraordinarias, das sessões prorogadas. Isto é sempre a mesma coisa. A mesma luz e as mesmas caras.

Para onde vamos?

De momento a eleição presidencial resume-se nisto: trapos. Um senador a quem ouvimos ha pouco bradar que o seu presidente dera liberdade plena em matéria de «toilettes», apresenta-se de jaquetão claro, um jaquetão camara alta, e botas amarelas. Como de botas amarelas se apresenta, apezar de rigorosamente fardado, o sr. capitão Tavares de Carvalho.

Fracks, meia duzia deles. Se querem nomes, não lhos podemos dizer.

Apenas um que nos sauda: o sr. dr. Custodio Paiva. Este nome não pode constituir admiração. O frack, é estritamente, rigorosamente governamental.

O sr. Fausto de Figueiredo, que de ordinario se apresenta rigorosissimo de «toilette», vem hoje de fato azul. Escusamos de acrescentar que é um fato de alfaiate com nome feito.

Um grupo que provoca rumores e olhares de simpatia por parte de muitos, os srs. João Camoezas e Agatão Lança passeiam largo tempo de braço dado, numa conversação animada, como quem procura convencer.

Ao que se diz os dois professos bernardiscistas tratam materia de educação e ensino esquecendo-se de que hoje anda a roda, no dizer de alguns.

Nos Passos Perdidos ha gente do outubrismo. Gente que se conhece a distancia e de que alguns tem ainda um vago médo.

* * *

A' volta do deputado Cortez dos Santos, que foi chefe do estado maior no exercito outubrista, andam o sr. capitão Pires Falcão, de filiação desconhecida, e o sr. dr. Almeida Arez que assentam arraiais no grupo radical.

Ha quem diga que estas comparencias teem um especial significado mas ha tambem quem lhes não ligue importancia.

Um cartão de propaganda

Agora mesmo um deputado, que é ao mesmo tempo uma figura curiosa de jornalista retirado destas chamadas arduas luctas da imprensa, mostrou-nos um cartão que diz o seguinte:

«Urbano Rodrigues, cumprimenta e recomenda a candidatura do seu amigo Teixeira Gomes».

Foram, ao que parece, enviados bilhetes, assim redigidos para todos os parlamentares.

Trata-se evidentemente de uma garotice de que está sendo vitima o jornalista ilustre que dirige o nosso colega «O Mundo».

Não ha ninguem que deixe de censurar semelhante procedimento. A origem, talvez não seja dificil encontral-a...

O sr. Fausto de Figueiredo, deputado do independente, figura grada da nossa terra, homem de iniciativa e de [illegible] sentou-se agora um momento.

Algumas palavras suas para o jornalista:

O seu candidato?

E o iniciador de algumas empresas em terra onde ninguem faz nada, responde como politico habil que é, politico em negocio e politica na politica:

—O senhor sabe uma coisa? Admiro-me apenas que haja quem tenha duvidas numa eleição a que coocorre o dr. Bernardino Machado.

Este parece que é o nome que vai naturalmente para aqueles vermelhaços que sempre como vermelhaços se teem afirmado e outra coisa não querem ser.

—Mas o seu voto? Teixeira Gomes? Bernardino Machado?

—«Toute les deux mon coeur balance».

E veja o leitor para quem irá a lista do sr. Fausto de Figueiredo; nós jurariamos que ela ia direitinha para o presidente deposto em 1917.

* * *

Ouçam esta resposta do sr. Antonio Brandão nacionalista:

— Só havia um homem em quem eu votaria incondicionalmente: o dr. Afonso Costa.

Espanto de uma parte.

— Assim... No primeiro escrutinio voto no Duarte Leite.

— E depois?

— Depois, veremos.

A reunião dos democraticos

Reunião dos democraticos. Reunião sensacional. E' dela, afinal de contas, que tudo depende.

Um informador obsequioso contanos o que lá se passou sob a presidencia do sr. Pereira Osorio a quem agora mesmo o sr. Antonio Maria da Silva acaricia significativamente nos Passos Perdidos.

— Não se tratou de eleição. Os democraticos falaram uns com os outros da eleição. Mas, como motivo de reunião, não se tratou do assunto.

Recriminações. O que havia no espirito de quasi todos os que acompanham de alma e coração o Governo na sua dôr funda por aquilo que se tem passado nos ultimos tempos. O falhanço da prorogação é um golpe que se não pode dissimular. E esse golpe pode ter consequencias.

Para pôr em destaque o discurso de Camoezas. Foi vibrante, foi caloroso, foi republicano e foi partidario. Sim senhor, é assim mesmo que se fala. As suas palavras produziram uma impressão enorme. Dificil de apagar, que lho digo eu...

— Mas em quem votam os democraticos?

— Ah! No Teixeira Gomes. Agora em massa. Depois da atitude assumida pelos nacionalistas...

— As deserções?...

— Vou-lhes dizer: Sá Pereira e Rego Chaves. Estes é certa. Talvez ainda o Julio Ribeiro, mas esse mesmo talvez. Os outros votam incondicionalmente no nosso ministro em Londres. Agora já se não trata de homenagens, trata-se de prestigio partidario..

— E os nacionalistas?

— Dizem que não têm candidato. Entretanto, o sr. dr. Alvaro de Castro anda a fazer a distribuição de um molho de listas. Não tenha ilusões: votam todos no Bernardino.

«Exceptuo um ou outro duartista impenitente. O Camacho, o José de Magalhães, o Augusto de Vasconcelos. Os outros vão todos com o Alvaro.

— De crise?

— Não se tratou tambem. Mas se quer que lhe diga, a solução da crise anda á volta do Ministerio que «A Patria» hoje tornou publico.

* * *

Vai [illegible] um entendido que não é deputado. A's quinze e meia.

— Vão até ao ultimo escrutinio. No primeiro, setenta, oitenta votos para o Teixeira Gomes. Os votos dos liberaes divididos.

«Segundo escrutinio o nome de T. Gomes um pouco carregado e os nacionalistas em peso no Bernardino devendo [illegible] até aos sessenta.

«Terceiro [illegible] triunfo do candidato democratico.

— E os nacionalistas?

— Se fossem habeis, votariam com listas brancas.

A primeira chamada

Vai começar a primeira chamada cerca das quatro horas.

Os Passos Perdidos ficam quasi desertos.

Agora começa a haver solenidade. Solenidade nos que votam. Solenidade nos curiosos, vieram os srs. Germano Martins e dr. João de Abreu e dr. Fortunato da Fonseca, solenidade nos que teem funcção de relatar.

Temos a impressão de que os continuos estão tambem solenes.

Vae começar a primeira chamada. O sr. Antonio Maria da Silva entra na sala, dos ultimos, como quem quer dizer-nos que é ele ainda o chefe do governo e que por muito e bom tempo o será.

* * *

A presença do dr. José Domingues dos Santos na sessão de hoje produziu uma impressão formada de contentamento entre os seus amigos que são uma grande parte dos democraticos que teem assento na Camara.

* * *

Pessoa de cotação entre os democraticos diz-nos agora mesmo numa fugida, enquanto lá dentro se preparam as listas.

—Agora estão bem definidos os campos, bem extremados.

Ha um candidato democratico e um candidato que é contra os democraticos. Nós só temos uma coisa a fazer: Votar no nome que o nosso partido indicou. Os outros já sabemos muito bem o que vão fazer.

E alguem do P. R. P. com posição de destaque e cujo bernardinismo era até agora tido como dogmatico:

Os outros é que nos levam ás situações extremas. E acima de tudo nós somos disciplinados.

* * *

Informação, dada com todos os visos de segura: os nacionalistas levarão até ao fim a candidatura do sr. dr. Bernardino Machado.

A desistencia do sr. dr. Magalhães Lima

O ilustre republicano sr. dr. Magalhães Lima enviou ao sr. dr. Teofilo Braga a seguinte carta:

«Meu querido Amigo e Mestre — Comovidamente lhe agradeço a indicação que fez do meu nome para candidato á Presidencia da Republica.

Os meus principios de filosofia politica, decerto um pouco radicais, evidentemente que excedem a orientação dada á Republica, que nem é a dos insignes enciclopedistas de 89, nem a dos grandes homens de 48, nem sequer a que lhe imprimimos em 5 de outubro de 1910.

Mas o ter sido indigitado, para a primeira magistratura do Paiz pelo Mestre amado; a verdadeira consagração que me tributou a imprensa estrangeira, e a manifestação calorosa com que me distinguiu o povo portuguez, rica massa de ouro e unica garantia do regimen republicano, ficarão como um documento claro, afirmativo e eloquente da minha carreira politica e como um diploma de honra, que é a corôa harmonica da minha coerencia e da minha isenção em mais de cincoenta anos de combate pela Verdade e pela Justiça.

Poucos se poderão gabar de igual titulo honorifico e de tamanha fortuna.

Julgando-me inteiramente satisfeito com tão carinhosas demonstrações de apreço, peço-lhe, querido Mestre e Amigo, que receba os protestos do meu mais profundo e inolvidavel reconhecimento.

Agosto de 1923. — Magalhães Lima.

NOTAS A LAPIS

A politica e a alegria

Alguns jornais de Lisboa referindo-se á morte do presidente Harding, acentuaram que o Chefe do Estado norte-americano era um excelente «viveur», amando a pandega e os bons acepipes. Mesmo durante as suas campanhas politicas, quer contra o ex-presidente Wilson, quer mais tarde na propaganda para a presidencia, Warren Harding não modificou os seus habitos, comendo e divertindo-se com a mesma paz de espirito do mais desconhecido dos seus eleitores.

Esta excelente disposição faz-nos pensar um pouco e notar a diferença que existe entre os nossos politicos e os dos outros paises, em especial os de origem anglo-saxonia.

Entre nós a politica é uma coisa torva, cheia de arremessos e de violencias. O portuguez mais saudavel de corpo e de espirito, uma vez envolvido nas luctas politicas, perde por completo a alegria e, a seguir o apetite que dela deriva. O cerebro povoa-se-lhe de sonhos maus, dos seus labios só saem palavras amargas de duvida e de desespero, não tendo mais um instante de tranquilidade, não dando um passo sem o receio de uma agressão ou não cometendo um acto, por mais simples que seja, sem o medo á censura e á critica dos seus adversarios.

Basta ler os jornais politicos, assistir a uma sessão no Parlamento ou frequentar os pontos em que eles se reunem, para verificar que é, de facto, assim.

E, no entanto, a politica não é inimiga de uma sã disposição, da saudavel alegria que torna os homens fortes e bons. O presidente Harding e, como ele, tantos outros politicos do seu paiz, lançando-se, por vezes, em luctas de uma extrema violencia, nunca lhes consagraram inteiramente a vida, não se deixando arrastar por elas, a ponto de lhes sacrificarem o regular funcionamento dos estomagos e os divertimentos e o repouso de algumas horas.

Por isso os seus paises progridem e nos lares do povo ha alegria e fartura. Se fossemos submeter os nossos politicos a um rigoroso exame medico, certamente verificariamos que todos eles sofrem de lesões cardiacas ou de perigosas e irritantes doenças do figado.

E é d'ahi que derivam em grande parte, o nosso desiquilibrio financeiro e a tremenda indisciplina contra a qual tanto se grita no Parlamento...

Comparação arrojada

O jornal francez «L'Auto», querendo estabelecer a comparação de madame Bayer e da nadadora Kellermann com a Venus de Milo, pela medida dos seus corpos, leva o rigor do seu exame a ponto de indicar com uma convicção verdadeiramente desconcertante a semelhança do braço, do ante-braço e do pulso da figura divina com os das duas damas em questão.

E' caso para perguntar se o jornalista francez descobriu nalgum lado os braços que faltam á maravilhosa Venus, que o Louvre guarda avaramente e que decerto todos os parisienses leitores do «Auto» teem visto mutilada...

O diabo feito monge

Os habitantes de uma pequena cidade francesa mostram-se ha alguns dias seriamente alarmados... com a visita do Diabo em pessoa, que ao fim da tarde, quando as primeiras sombras descem, atravessa as ruas e respira o ar puro dos arredores. Aqueles que afirmam tel-o visto juram que anda nú, que é negro como o carvão e que, de facto, usa os fantasticos adornos a que se refere a tradição.

Quando o espionam refugia-se nos bosques proximos e durante a noite entretem-se a passear pelos telhados.

Nas horas vagas faz jornalismo, enviando aos jornais artigos em que declara ter ido ali para castigar a corrupção dos habitantes, tomando nota dos seus pecados.

Possivel é, depois disto, que, mais dia menos dia, apareça o doce Rabbi a tentar os inocentes...

Santo á força

Ha na provincia de Benavente, em Italia, um frade, de nome Pio, que está sendo considerado por milhares e milhares de crentes como um santo milagreiro, embora ele diga e se farte de gritar que nunca fez nenhum milagre. Em 1918 depois de ter cahido em extase, começou a constar que ele fazia milagres e ao convento chegaram cartas da Argentina, do Canadá, da Australia, pedindo milagres. Apareceu gente de toda a parte, a princesa Radziwil esteve ali com o noivo para que lhe abençoasse o casamento e até altos prelados assistiram ás suas missas.

Ha poucos dias circulou pela região o boato de que o frade ia ser transferido para outro convento. Uma multidão apareceu no local, só tranquilisando quando as forças fascistas prometeram que não consentiriam na transferencia.

Debalde o padre Pio se esfalfa a clamar que não é santo; o povo não acredita, obrigando-o a carregar com o fardo de tão graves responsabilidades.

João Chagas

O sr. João Chagas, nosso ministro em Paris, vai publicar um catalogo analitico da biblioteca em que guarda todos os trabalhos aparecidos no estrangeiro ácerca do nosso paiz e que segundo consta, é preciosa.

O sr. João Chagas regressa a Portugal, tendo já encaixotado todos os seus livros.

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital", o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no céu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque eles são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

ULTIMA HORA

A eleição presidencial

O novo Presidente é o sr. Teixeira Gomes

que alcançou maioria, ao 3.º escrutinio, por 121 votos contra 5

A's 15 horas vai na sala das sessões uma animação anormal.

Ha deputados e senadores que desembarcaram do Misterio, porque são caras estranhas nanca vistas nas sessões parlamentares. Esses envergam com solene aprumo o fraque dos acontecimentos graves. A multidão dos legisladores quebra-se em pequenos nucleos, discutindo as suas previsões inspiradas nas combinações partidarias cujo resultado é, apesar de tudo, ainda uma interrogação.

A eleição foi preliminarmente assinalada por uma «gaffe» do sr. Correia Barreto, que saltando por cima do regimento convocou o congresso para as 16 horas.

Encarregaram-se expontaneamente os deputados de evitar essa «gaffe», comparecendo á hora habitual.

As minorias monarquicas de ambas as casas do Parlamento marcam ausencia completa. As minorias catolicas assistem, apenas com excepção do sr. Juvenal de Araujo que ha muito abandonou os trabalhos parlamentares.

Na Tribuna do corpo diplomatico comparecem o sr. Padilla, Ministro de Espanha, pessoal da legação e consul géral do Chile.

Alguns antigos parlamentares ocupam a tribuna privativa.

As galerias estão apinhadas, sendo a central reservada ás senhoras, por isso menos concorrida.

A eleição

Preside o sr. general Correia Barreto secretariado pelos srs. Baltazar Teixeira deputado, e Godinho Amaral, senador, depois substituido pelo senador sr. Sousa Varela.

A chamada começa a fazer-se ás 15 horas e 35 minutos, terminando ás 16.

Estão presentes 190 congressistas.

Em seguida o sr. Baltazar Pereira lê os artigos da Constituição que regulam a eleição presidencial.

O sr. Correia Barreto declarou o numero de votos que deve reunir o candidato eleito em cada um dos escrutinios.

O sr. Antonio da Fonseca interroga a mesa sobre se as listas podem inscrever os nomes bastantes para identificar os candidatos ou se é necessario completa-los. O sr. Correia Barreto decide pela identificação bastante.

A votação começa ás 16 horas e 16 minutos

A eleição começa no meio dum silencio geral. Os eleitores chamados vão á tribuna dos oradores deixar a sua lista numa urna.

Toda a saala segue com anciedade o acto que decorre sem o minimo incidente.

Um nacionalista antigo ministro e nome reputado, que se arriscou até junto do jornalista, tem uma expansão:

— Votei com lista branca. Nem para um, nem para outro. Um é exagerado, outro é insuficiente. Conheço-os suficientemente para que possa votar em qualquer deles. Então os senhores queriam que eu tomasse a sério o Teixeira Gomes?! Que recordem, os que a elas assistiram, o que eram as reuniões da «Lucta» onde pontificava o espirito prestigioso de Brito Camacho. E que se recordem da maneira como o nosso ministro em Londres era nelas tratado. E que se recordem ainda da figura que ele fez durante o dezembrismo.

«Não. Nem um nem outro. Garanto-lhe que teria remorsos se amanhã visse votado com o meu hom. qualquer deles. Teria de escolher entre o desconhecimento completo das crises de Portugal e da politica portuguesa e uma revolução a curto prazo E eu não quero uma nem outra coisa.

A's quatro horas e 46 minutos terminou a primeira votação. Vão proceder ao escrutinio os senadores Vicente Ramos e Alfredo Portugal.

Votaram 113 democraticos, 59 nacionalistas, 21 independentes; 3 catolicos e 1 radical.

O sr. Presidente declara que entraram na urna 197 listas, começando desde logo o primeiro apuramento, que se faz lentamente entre a solene espectativa dos circunstantes.

O primeiro nome votado é o do sr. Teixeira Gomes. As 5 horas é proclamado o resultado da primeira votação, tendo a maioria votado decididamente no sr. Teixeira Gomes, fazendo do seu nome uma questão politica fechada.

* * *

Resultado do primeiro escrutinio:

Teixeira Gomes, 103 votos; Bernardino Machado, 78 votos; Duarte Leite, 3 votos; Augusto Soares, 2 votos; Magalhães Lima, 1 voto; Listas brancas, 10; Total 197.

* * *

Nas cadeiras da minoria monarquica estão sentados o sr. Procopio de Freitas, que ocupa o logar do sr. Cervalho da Silva, Sá Pereira, major Cortez dos Santos e Julio de Abreu na cadeira do sr. Cancela de Abreu. O 19 de outubro e os extremistas do partido democratico conquistam simbolicamente a reação politica...

A bancada ministerial está completa não obstante o sr. Vitorino Guimarães estar demissionario.

Aguardando o segundo escrutinio

Ha em todos nós uma tensão nervosa enorme, dominadora, absorvente.

Que vae passar-se? Nem um deputado, nem um senador.

Lá dentro, sabemo-lo nós, ha galerias cheias, rumor, espectativa. Cá fóra é a ancia, quasi a agonia a encher tudo.

O sentimento dominante nos que esperam, jornalistas, politicos, é o da ancia.

Ha quem afirme que as probabilidades do Sr. Bernardino Machado sobem.

Erguem-se vaticinios. De quem foram as listas brancas entradas na urna? De nacionalistas, de antigos unionistas, enfim.

Natural é que elas agora passem para o dr. Bernardino Machado. A mais as listas dadas a Augusto Soares, Magalhães Lima e Duarte Leite. Estas são de pessoas que, em circunstancia nenhuma penderão para o lado de sr. Teixeira Gomes.

* * *

No intervalo do primeiro para o segundo escrutinio reuniram os nacionalistas decidindo continuar a votar o nome do sr. Bernardino Machado.

Entretanto discutem-se na salá as probabilidades que cada um destes caandidatos têm de ascender á suprema magistratura, coligando-se os seus merecimentos, os serviços prestados á Republica, as especiaes condições que cada um deles reuns para o desempenho de tão elevado cargo.

Mas não ha paixões acesas; discute-se com entusiasmo, mas sem incidentes.

Resultado do 2.º escrutinio

Teixeira Gomes, 114 votos; Bernardino Machado, 71.

A's 17 horas e meia começa a segunda votação que decorre precisamente nas condições da primeira. O mesmo ceremonial, a mesma anciedade, o mesmo interesse nas galerias que agora estão repletas.

Escrutinam o senador sr. Aragão e Brito e o deputado sr. João Luiz Damas. Tendo terminado a votação ás 18 horas, começa logo a contagem, declarando o sr. presidente que entraram na urna 197 listas.

Procedendo-se ao apuramento verificou-se o seguinte resultado: Teixeira Gomes, 114 votos; Bernardino Machado, 71; Augusto Soares 2; Duarte Leite 1, e seis listas brancas.

Segundo os termos da constituição a terceira votação é feita sobre os dois mais votados.

E' agora o momento de anciedade maxima. Vão reunir os varios grupos para coordarem no nome unico que ha de merecer as honras da eleição final, para que perante a nação e perante o estrangeiro ascende a presidencia com o necessario prestigio que declamam as suas importantes funcções.

* * *

Ao que se afirma, os srs. Brito Carvalho e Ferreira de Mira transferiram os seus votos para o nosso ministro em Londres vendo a impossibilidade de fazer triunfar a candidatura da embaixador de Portugal no Rio.

Os dois votos que se mantem firmemente no sr. Augusto Soares são, ao que se diz, dos irmãos Carlos e Americo Olavo. A espectativa, e anciedade são enormes.

Parece quasi assegurado o triunfo do sr. Teixeira Gomes.

Em que condições, porém? Eis o que constitue a grande interrogação que neste momento domina todos os que assistem á eleição presidencial.

* * *

Ha mais duvida, mais incertesa. Este escrutinio, que não deve ser decisivo, tem entretanto um altissimo significado politico. Escusado é nomea-lo.

Irão os democraticos ficar com a responsabilidada de eleger um candidato seu com uma maioria de oito ou dez votos? Ou procurarão antes um entendimenro com as oposições?

A aparição do famoso «tertius gaudet» parece já agora definitivamente posta de banda.

Aguardemos o resultado do segundo escrutinio.

* * *

O nosso querido amigo sr. Urbano Rodrigues, ilustre director de «O Mundo» esteve nos Passos Perdidos, visivelmente indignado, falando com alguns amigos seus a proposito da indecorosa garotice de que foi vitima.

Naturalmente todas as pessoas presentes afirmaram ao distintissimo jornalista os protestos da sua estima, vendo no documento que lhes foi entregue aquilo que ele realmente é: uma obra de irresponsaveis que pouco presam a honra e a dignidade alheia.

* * *

A's 6 horas, do segundo para o terceiro escrutinio, os nacionalistas reuniram, resolvendo, ao que consta, votar com listas brancas. Esta informação, cuja segurança não garantimos, causou grande alarme, pois dará ao sr. Teixeira Gomes todo o caracter de Presidente de um só Partido.

Resultado do 3.º escrutinio

Foi o seguinte o resultado do 3.º escrutinio:

Teixeira Gomes . . 121
Bernardino Machado 5
Listas brancas . . . 69

* * *

As galerias manifestaram-se ruidosamente pró e contra o resultado.

* * *

Na sala dos Passos Perdidos e na sala das sessões foi distribuido um manifesto, aconselhando a candidatura do sr. dr. Bernardino Machado, lembrando o seu provado valor civico nas luctas pelas liberdades publicas nos comicios, na imprensa e no Parlamento, a maneira como dirigiu a nossa politica interna e externa nas suas mais inolvidaveis campanhas, sobretudo da propaganda e da intervenção na guerra, e o facto de ter estado á frente da opinião republicana, representando-a relevantemente, tanto na opośição como no Poder.

A crise ministerial

Com o ministro das Finanças, sairão o das Colonias e o do Comercio

O sr. ministro da Finanças considera-se demissionario, embora só amanhã apresente o pedido de demissão. O sr. Victorino Guimarães limitou-se hoje a resolver o expediente do seu ministerio e arrumar os papeis da sua secretaria. Espera ter sucessor dentro de 2 ou 3 dias.

Afirma-se porem, que o sr. ministro das Finanças será acompanhado na saida do governo, dos seus colegas das Colonias e do Comercio. O primeiro, ao que parece com o fundamento de carecer de repousar e o segundo por motivo da questão dos Transportes Maritimos do Estado.

Manipuladores de pão

Pedem 25$00 por dia

Realisou-se esta tarde uma assembleia magna dos Manipuladores do Pão para apreciarem as diligencias feitas junto dos industriaes pró aumento de salario. Falaram varios oradores, que lamentaram a intransigencia que encontram, não atendendo as empresas as reclamações da classe.

Foi presente uma moção em que se declara em principio, á gréve de solidariedade com a U. S. O. de protesto contra as ultimas prisões.

Tambem foi resolvido que a comissão de melhoramentos continue nas suas diligencias junto dos industriaes a fim de conseguir o aumento de salario, que segundo alguns oradores é para 25$000 diarios.

Juramento de bandeiras

Realisa-se depois de amanhã a cerimonia do juramento de bandeiras pelas praças de Marinha, ultimamente alistadas, que se encontram na Escola de Recrutas no Alfeite.

Raul Teives

Encontra-se em Lisboa a dar-nos o prazer da sua visita, o distinto jornalista sr. Raul Teives, redactor do nosso prezado colega «Diario da Madeira», do Funchal.

Agradecemos ao sr. Raul Teives o prazer da sua visita.

Os bombistas

Dissemos ha dias que o bombista Domingos da Silva, um dos implicados no atentado do Largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social havia sido transferido da Torre de S. Julião da Barra para o hospital de Santa Marta a fim de ser operado, em virtude de ter sido atingido por estilhaços de uma das bombas. Pois o Domingos da Silva, recusou-se á ultima hora a sofrer qualquer operação pelo que foi novamente entregue á policia de Segurança do Estado. Este preso é o mesmo que apoz o atentado fugiu em direcção á travessa do Cotovelo, refugiando-se na escada do predio n.º 10 donde chegou a fazer fogo contra o guarda que o capturou e que foi atingido por bala numa perna.

— A brigada de agentes da investigação que se encontra ao serviço da policia de Segurança do Estado prendeu hoje João Gomes, acusado de implicado em varios atentados bombistas.

— Hoje, foi restituida á liberdade Maria Candida, creada do Hotel Suisse Atlantique na rua da Gloria, presa ha dias quando á policia passou uma busca, no referido hotel e onde conforme noticiamos foram apreendidos 4 envolucros de clorato semilhantes aos que explodem nos «rails» dos electricos. Contra a Maria Candida nada se apurou que a comprometesse.

— A policia ainda hoje esteve procedendo a diligencias sobre aquela explosão que se deu a noite passada na séde da Sociedade Recreio Ajudense, tambem conhecida pela «Sociedade dos Paancas», na rua de D Vasco e de que sairam feridos Francisco Mateus e Antonio Zeferino. Os jornaes da manhã dizem tratar-se de uma bomba que explodiu mas as testemunhas que hoje compareceram no Governo Civil, foram unanimes em afirmara que a explosão se deu numa das espoletas usadas na exploração das pedreiras.

A morte de Harding

Coolidge seguirá a sua politica

WASHINGTON, 5 — O novo presidente dos Estados Unidos declarou que pretende seguir a mesma politica de Harding e conservar o actual gabinete.

Julga-se que na questão do Ruhr o presidente Coolidg partecipará da opidião do senador Dodge e do ministro da guerra Weeks, que considera a politica francesa no Ruhr como causa de perigos para a situação internacional. — (R.)

Manifestações de pesar

LONDRES, 5 — Dizem de New York que o vice-presidente, em exercicio, sr. Coolidg, se recusou a tratar questões politicas antes do funeral do presidente Harding.

Todas as repartições estarão fechadas terça, quarta e quinta-feira, dias que são considerados de luto nacional.

Na capital britanica estão sendo tomadas as medidas necessarias para se realisarem solene exequias, provavelmente em Westminster, no dia do funeral. — (L.)

UM CASO COMPLICADO

Casamentos e divorcios

Em que um francez e uma inglesa se vêem seriamente embaraçados

LONDRES, 6 — Os tribunais ingleses estão-se ocupando de um caso muito complicado de casamentos e divorcios digno de contar-se.

Depois de ter casado, em 1904 em Inglaterra, com um coronel do exercito britanico, mistress Ellen casava, dez anos depois, e tambem aqui, com um francez. Este por seu turno, tornou a casar, mas em França, e em 1919, com uma senhora francesa. Em vista disto, a sua primeira mulher intentou-lhe uma acção de divorcio.

—E' inutil—objectou o francez.—Nós nunca fomos casados, visto que essa senhora casou comigo, quando ainda era casada com o coronel.

—E' mentira — responderam-lhe—porque essa senhora não era esposa do coronel, por este ser casado quando contraiu o segundo matrimonio.

—Pois bem—concluiram os juises.—Nessa caso, se mistress Ellen não era mulher do coronel, é para todos os efeitos mulher do francez.

—De modo nenhum—exclamou este.—Ela dizia-se viuva quando eu casei com ela em 1914, e esta falsa declaração que vicia o meu consentimento, anula o nosso casamento.

Como os juises da primeira instancia não considerassem a nulidade, o pobre francez apélou aguardando agora que as instancias superiores desfiem a curiosissima meada.

Uma explosão

Cerca das 15 horas de hoje, quando o dono da engraxadoria da escada que na rua do Loreto tem o n.º 16, Antonio André Ferreira, estava fabricando pomada, deu-se uma explosão, que provocou grande fumarada e causou um certo alarme. Acudiram os bombeiros municipais e voluntarios de Lisboa das secções 1, 4 e 15, mas a sua intervenção não foi necessaria. Não houve desastres pessoais.

Os contos de "A Capital,,

O LADRÃO

(Do francez)

Findava o banquete em casa do multimilionario Mac Leen, o rei dos Caminhos de Ferro. Fôra festa do anos esse jantar, para o qual reunira duas dezenas de encasacados amigos de Nova York, ricaços como ele. Uns, milionarios da vespera; outros, já de creditos consolidados pelos anos; podendo, no entanto, todos eles, nesse jogo de azar que é o jogo da bolsa, acordar um dia tão pobres, como opulentos haviam adormecido.

Bebidos os vinhos mais afamados e saboreadas as iguarias mais exquisitas, ao erguerem-se da mesa, quiz o anfitrião mostrar aos seus amigos uma moeda rara, da velha Assyria, que a golpes formidaveis de «dollars» havia disputado no ultimo leilão de antiguidades aos mais teimosos numismatas.

O disco de oiro mate, trabalhado de hieroglifos, ia passando de mão em mão e colhendo a admiração geral, quando, distraidas um pouco as atenções, um dos presentes reparou que a moeda desaparecera! Surprêza geral.

Mac Leen chamou o mordomo e ordenou-lhe que, com os criados, revistasse minuciosamente a toalha, os guardanapos, as frinchas do soalho de carvalho, todos os esconditos emfim, onde essa moeda se podesse ter sumido. Depois tentou, varias vezes, reanimar a conversa e a alegria do começo, mas de cada vez o assunto voltava teimosamente ao mesmo tema: — esse bocado de oiro mate que valia quinhentos mil «dollars» e que, tão misteriosamente se eclipsara.

O luz menno da festa cahia, soturno. Nervoso, um dos comensaes propoz que cada um, antes de se retirar, deveria mostrar o que guarda nas algibeiras, para que não fosse acompanhado de desconfiança dos outros, e já alguns deles despejavam sobre os bilhares e sobre as mezas de jogo, tudo o que nos bolsos do colete e das abas da casaca, quando uma voz se elevou, declarando peremptoriamente, que só por meio da violencia, deixaria vêr o que guardava...

Todos, muito surpreendidos, olharam para o audacioso, que assim tão imprudentemente, atirava sobre si mesmo o labeu infame de ladrão; os protestos e os insultos começavam já, quando o dono da casa, dirigindo-se a Horacio Vec, pois era este que insolitamente levantara a voz, lhe disse, que cada um dos seus amigos, ali reunidos estava no pleno direito de se retirar, quando e como quizesse, sem que ninguem o podesse atingir com injuriosas suspeitas...

A estas palavras generosas, o correcto e tão simpatico Vec, inclinou-se, e afrontando com o olhar os murmurios hostis da sala, retirou-se, não tão depressa, que não visse, quasi todos os seus amigos antigos, virarem-lhe as costas... Outros o seguiram, libertando-se todos do gelado embaraço em que o banquete acabava, despovoando-se depressa a vastidão dos salões.

Dois mais intimos ficaram, e já se despediam tambem, quando o velho mordomo, acorrendo, declarou inesperadamente, que havia encontrado a moeda essyria, metida numa fenda da mesa de jantar e mostrava-a triunfante...

Regosijo e cumprimentos ao dono da preciosidade.

Este, propoz então que fossem todos os presentes a casa do brioso amigo, que não hesitara em sair sob a suspeita infamante, só para não quebrar a sua linha austera de conducta.

Procuraram no livro da cidade a morada do milionario Heracio Vec, e num dos automoveis de Mac Leen, seguiram os tres amigos para a 5.ª Avenida do bairro elegante.

Chegaram ao numero indicado, que era um magnifico palacete, mas foi-lhes respondido que já ali não morava, tendo-se mudado recentemente para a 33.ª avenida nos confins da cidade.

Para ai mandaram ir o auto, reconhecendo então pela modestia da habitação, que o ozar entrara com aquele activo «gentleman», que, pela cidade iam buscando. Mas tambem ali não habitava já, e só com muito trabalho conseguiram obter indicações duma nova residencia. E a busca continuou desta vez a pé, pois a estreiteza das vielas e dos becos dos bairros pobres que percorriam, não permitia a circulação dos carros.

Encontraram finalmente o que desejavam e subindo a um quarto andar de uma casa miseravel, bateram a uma porta escura, sendo o mesmo Horacio Vec que veio abrir... Fez-se muito palido quando reconheceu os visitantes, e disse-lhes com energia:

— Os senhores até á minha mansarda me vêm insultar!

— Não; respondeu Mac Leen carinhosamente. Nós vimos apenas apresentar-lhe as nossas desculpas por termos suspeitado um momento, dum amigo cavalheiroso e dizer-lhe que a moeda apareceu!

— Entrem, disse Vec, vencido pela comoção.

E tendo tomado assento nos bancos que rodeavam uma mesa denegrida, ouviram a historia breve de uma ruina que havia rematado a fartura, mais breve ainda, daquele rapaz.

Arruinara-se no mesmo negocio em grande, que o havia enriquecido bric-á-brac, e agora, tendo pago até ao ultimo dinheiro a sua ultima divida, enquanto não reconstituia a sua antiga vida, ia frequentando a alta roda e o convivio das suas relações que tudo ignoravam, jantando ora com uns, ora com outros, para não morrer de fome...

Na noite em que, depois de comer lautamente, na casa de Mac Leen obstinadamente se recusára mostrar o que tinha nas algibeiras, era porque as tinha recheadas de bocados de pão, na contingencia da fome dos dias seguintes...

Separaram-se comovidamente. Passados dias, Horacio Vec partia para S. Francisco, como administrador geral, delegado de Mac Leen, no Caminho de Ferro do Pacifico e ahi nesse logar de tanta rsponsabilidade foi «the right man in the right place».

Atropelamento

Deu entrada na Morgue um individuo conhecido pelo Antonio Pequeno, moço do Mercado Central de Gador, que na Estrada das Amoreiras foi colhido por uma carroça chegando ao hospital já morto.

As reparações alemãs

A Alemanha terá de submeter-se á França

PRAGA, 6 — O sr. Benes que recentemente conferenciou com o governo francez e de opinião que a questão do Ruhr se resolverá em breve por iniciativa da Alemanha. Esta nação reconheceu já que a Inglaterra não tomará uma ação mais decisiva e que portanto é inevitavel um entendimento com a França. — (R.)

A resposta franeesa

LONDRES, 4 — Foi publicado um extracto da resposta franeesa á Inglaterra. A França insiste em que a resistencia passiva no Ruhr cesse. Pergunta que autoridade será dada a uma comissão de técnicos internacionaes bem como que garantias oferecerá esta comissão. Repete que o vale do Ruhr não será evacuado senão apoz o pagamento das reparações. A imprensa inglesa mostra certo pessimismo, acêrca do problema das reparações depois das declarações do governo perante o Parlamento. O «Daily Telegraph» diz que se a Inglaterra pretender submeter o problema do conflito do Ruhr á Sociedade das Nações, esta pode ser dissolvida devido á oposição francesá.—(R.)

A acção francesa no Ruhr

COLONIA, 6 — A ultima proclamação do general Degoutte comunicada esta cidade, de Dusseldorf, indica uma nova direção da politica francesa a região do Ruhr. Se a produção de carvão de pedra e do coke fôr insuficiente para satisfazer as requisições francesas, a proclamação estabelece que a comissão de engenheiros franceses pode tomar posse das minas e dos stocks de coke que passarão a ser administradas por essa mesma comissão ou pelos seus concessionarios ficando todas as despesas de laboração a cargo do governo alemão.

De Essen comunicam confirmando este telegrama que uma das maiores minas de Essen foi informada de que os seus depositos de coke passariam a ser administrados pelas autoridades francesas e que quem quer que se opuzesse seria condenado a penas severas incluindo a pena de morte em certos casos. As firmas alemãs poderiam continuar a explorar a mina se fornecessem corrente electrica ou vapor aos franceses para os seus trabalhos de laboração do coke. Se isso fosse recusado o pessoal frances substituiria imediatamente o pessoal alemão e este seria expulso sem lhe ser permitido levar nada dos seus domicilios. Parece pois que os franceses estão decididos a aplicar á exploração do coke os metodos de Régie que eventualmente se podiam estender a todas as explorações mineiras. Os franceses estão portanto dispostos a explorar metodicamente a região do Ruhr, mas este plano que parece teoricamente simples talvez seja muito dificil na pratica. Se se realisasse e a oposição alemã continuasse envolveria a expulsão de centenas de milhares de mineirs e eventualmente a expulsão de toda a população do Ruhr. — (R.)

A Inglaterra prepara nova nota

LONDRES, 5 — Nos meados da proxima semana será enviada uma nova nota pelo governo britanico, possivelmente com novas propostas, á Belgica e França significando a ultima tentativa de ação comum. O «Daily Telegraph» diz saber de fonte bem informada que a nova nota reclamará uma resposta decisiva e definida. O sr. Baldwn deseja que se assente bem se é possivel ou não acordo entre os aliados. — (R.)

A Belgica guarda o seu carvão

PARIS, 6 — A Belgica prohibiu a exportação do carvão nacional, que saia para a França e para a Holanda. —(R.)

"Termas do norte de Portugal,,

Acaba de ser publicado um explendido album descrevendo as principais termas do norte de Portugal, acompanhando as referencias quimicas e medicas com interessantes descripções da paisagem e informações completas das comodidades que os visitantes em cada uma desses estações podem encontrar.

O Album é profundamente ilustrado, fazendo honra ás artes graficas portuguezas, que, com esta prova, demonstram nada ficarem a dever ao que ha de melhor no estrangeiro.

A direcção tecnica está confiada ao sr. dr. Lourenço Tavora que, d'acôrdo com a Propaganda de Portugal e com as Emprezas das Estações Termaes e de Repouso de Portugal, prepara uma nova edição destinada ás Colonias e ao estrangeiro.

Essa edição será escrita em portuguez e inglez, devendo encontrar de parte das Emprezas interessadas a aceitação que na realidade merece.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

Primeiras e reposições

S. CARLOS — Amor a quanto obrigas — Comedia pela companhia Lucilia-Eurico.

A peça adaptada por Alberto Morais e Mario Duarte, que subiu á scena em S. Carlos, em reprise, com um desempenho todo renovado é das curiosas peças do repertorio alegre daquela companhia.

A sua critica está feita.

Do desempenho ha a notar o papel de Almeida, explendido em toda a acepção, cheia de vivesa e de graça e a substituição feita por Hortense Luz — luz que desponta com talento e «charme».

Maria Sampaio, Seixas e Erico Braga, este muito feliz na sua criação cheia de comico natural.

E, «amor a quanto obrigas», mais não merece nem a mais obrigá.

O HOMEM QUE PASSA.

Noticiario

De Portugal

A companhia Carlos Leal vae aos Açores fazer a epoca de inverno, com revistas da Parceria, Pereira Coelho e Alberto Barbosa. D'essa «tournée» fazem parte, so que nos consta, alem de Carlos Leal Honorina Cruz, Margarida Martins, Dina Pereira, Judith de Sousa, Maria Amelia, Amelia Perry, Santos Carvalho, Julio Burgos, Aurelio Ribeiro e Octavio Maita.

— Estreiou-se ontem no Eden, agradando bastante, a couple ista Charito Campoamor.

— Tem feito sucesso no Rio a Companhia do Bataclan, que vem estreiar o Trindade. Este teatro abrirá mesmo incompleto, sendo depois completadas todas as suas decorações.

— Aura Abranches só reaparecerá em outubro.

— A companhia Rey Colaço volta a representar no Politeama ainda em Setembro.

— Consta que a actriz Ilda Stichini tem sido vivamente solicitada para entrar para varias companhias de declamação.

— Tem uma peça de teatro, que vae ser lida á companhia Lucilia Simões, o notavel professor e pedagogo, Dr. Faria de Vasconcelos.

— Finda no dia 12 de Agosto a temporada da Companhia Lucilia Simões no S. Carlos. Seguir-se-ha uma pequena «tournée» pela provincia, percorrendo a companhia, Setubal e toda a região do Sul.

— A peça «Pé descalço» que o nosso camarada Leitão de Barros está escrevendo, para a companhia Satanela-Amarante, de acordo com este actor empresario, deverá subir á scena ainda este ano, no Avenida.

— A sr.ª D. Maria Fernandes da Costa Ferro tem uma peça regional que deverá ser por estes dias entregue a uma companhia de declamação, provavelmente á do Apolo.

— Encontra-se na sua casa de Caparica a actriz Ilda Stichini.

— Consta que o filho de Eduardo Brazão, que uma grande vocação arrasta para a scena; e que tem, no colegio que frequenta em Espanha, obtido extraordinarios exitos, se estreiará no teatro logo que termine o seu curso.

— Encontra-se muito melhor o simpatico o notavel actor Jorge Roldão.

Do estrangeiro

Efectuou-se ontem, no teatro Dal Verne, de Milão, a primeira representação da nova peça de Sem Benelli, o notavel actor da «Cena delle beffa». Intitola-se «La santa primavera» e teve como interpretes principais a grande artista Teresa Franchini, Mozzato e Benassi. O espectaculo foi preparado sob a direcção do Poeta, que alcançou um novo e ruidoso triunfo.

— Zacconi foi entusiasticamente acolhido em Buenos Aires onde se estreiou com o «Otelo», ainda ha pouco tempo representado por ele em Lisboa. Ao espectaculo assistiu o presidente da Republica, sendo o artista aclamadissimo.

— No teatro d'Orange representou se com grande exito a tragedia antiga «Alkestis» e os dramas liricos «Aamisa» e «Penelope». A orquestra Colonne, regida por Frank Ruhlmann e que interpretou Berlioz, Wagner, Bach, Massenet e Saint-Saens obteve tambem grande exito.

Saraus-concertos de caridade

E' sensacional o programa do sarau-concerto que vai realisar-se na proxima quinta-feira no Salão Central no Seixal, e em que figuram ilustres professores-compositores de musica e o magnifico trio da orquestra da Escola Antonio Feliciano Castilho. Haverá solos de violino e violoncelo, concerto em piano, etc., sendo o programa de molde a satisfazer os mais exigentes. O activo e inteligente empresario dos salões Foz e Chiado Terrasse, sr. Emauz, representante tambem da Internacional Sociedade de Cinematografia L.da, cedeu bisarramente para esta interessante festa a sensacional fita de arte «Escola de Herois», em 7 actos, que representa um episodio da vida de Napoleão.

Trata-se de uma fita de grande espectaculo, um tanto dramatica, sendo de molde a empolgar o publico o brilhante papel de «Wanda», desempenhado pela gloriosa actriz italiana Pina Menichelli.

Não só em Italia, como ainda em França, Inglaterra e America a «Escola de Herois» obteve um ruidoso sucesso.

Reclames

S. CARLOS

Amanhã, em S. Carlos, Lucilia Simões volta a representar, mas pela 1.ª vez na actual temporada e em recita da moda a notavel peça ingleza «Casa em ordem», que é uma das suas mais admiraveis creações. A peça, que tem 3 actos, está traduzida directamente do original de Pinero, por Gomes Silver e representa-se ensenada pelo ilustre professor Antonio Pinheiro. Para se realizar o ensaio geral da «Casa em ordem» não ha hoje espectaculo em S. Carlos.

NACIONAL

A famosa peça policial «20.000 dollars» continua atraindo enorme concorrencia ao Nacional, assistindo o publico interessadissimo, ao desenrolar dos episodios empolgantes e imprevistos da peça, que é verdadeiramente sensacional.

AVENIDA-PARQUE

—Foram milhares as pessoas que ontem estiveram no «Avenida-Parque», á rua do Salitre, visitando as varias instalações que se mantiveram á cunha. Hoje o Parque abre ás 6 da tarde, continuando a ter entrada gratuita as senhoras e creanças.

Cartaz do dia

S. CARLOS—Não ha espectaculo.
NACIONAL—A's 9.15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
POLITEAMA—A's 9,30—«Aventuras de Rafael».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—4 vacas bravas.

Animatografos

SALAO CENTRAL—«Escandalo oculto».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

O 19 DE OUTUBRO

No comboio da linha de Leste chegaram hoje a Lisboa os individuos condenados como tripulantes da camioneta fantasma, por ocasião do 19 de Outubro, vindo guardados por uma força de infantaria 22.

Desembarcaram na estação do Rocio, seguindo num camion da G. N. R. para o Arsenal, escoltados por forças da mesma guarda.

Em seguida embarcaram no «Azinheira» para a Trafaria.

As ruas do trajecto estavam muito policiadas.

Eddie Polo

no Salão Central

De novo o mais popular artita cinematografico volta a exibir-se no «ecran» do Salão Central. Eddie Polo, actor-atleta de fama mundial, o querido Polo, o extraordinario artista das peliculas americanas de grande metragem, cujo nome, ao aparecer no cartaz de qualquer cinema, chama aos seus espectaculos uma concorrencia desusada, vem outra vez deliciar os lisboetas com a sua muita simpatia, o seu incontestavel talento, a sua força herculea e enorme intrepidez, no desempenho do «film» de aventuras «O segredo dos quatro», do qual se estreou na «matinée» de hoje o primeiro episodio, «O oiro negro» que, pelas suas belezas de scenario, de desempenho e de indumentaria, nos leva a crer que vae ser retumbante o seu sucesso. A nova pelicula, passada em dois paizes, os Estados Unidos da America e fantastico reino de Moravia, foi escrita expressamente para o natabilissimo Eddie Polo e impressionada sob a sua autorisada direcção, o que é uma segura garantia do exito ruidoso que vae despertar em Portugal.

Polo vai ser de hoje em diante, a grande atração do Salão Central, se doutras não dispozesse o lindo cinema, como a excelente ventilação e enormes comodidades que oferece aos seus «habitués» de todos os dias, formando-o um belo centro de arte, de animação e de bem-estar.

Completam o programa desta noite, dois «filmes» egualmente soberbos: «Uma mulher», em seis partes, tendo na protagonista a formosa e eximia actriz «Perla Blanca» e o «Escandalo oculto», em seis partes tambem, com o genial concurso da interessante May Mac Avon, uma encantadora figura de mulher que nos maravilha com o seu talento e nos entontece com as suas graças e os seus encantos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4449-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira, 7 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

LONDRES, 7.—Foram mandados seguir para Amoy, na China, dois navios, de guerra britanicos, afim de apoiarem as tropas governamentais chinesas contra os rebeldes, que teem bombardeado a cidade causando prejuizos em propriedades e vidas de estrangeiros.

Nova presidencia

Está eleito Presidente da Republica o sr. Manoel Teixeira Gomes. Saudâmos respeitosamente o novo Chefe do Estado. Mesmo que pessoalmente não simpatisassemos com s. ex.ª era esse o nosso dever de republicanos e de patriotas, e por cousa alguma deixariamos de o cumprir. Mas dá-se a circunstancia de que precisamente temos pelo sr. Teixeira Gomes a consideração devida a um velho republicano, a um homem de bem, a um escritor distinto, e a um diplomata ilustre. Discutimos a eleição presidencial, apreciando as diversas candidaturas. Estavamos no nosso direito o cumpriamos o nosso dever. Uma democracia é um regimen de livre discussão, e nenhum assunto que mais deva ser discutido, para esclarecimento do publico, do que o da escolha do supremo magistrado do paiz. Como republicanos de toda a vida, como cidadãos livres e independentes, enunciamos as nossas opiniões, e essas opiniões mantemos. Mas precisamente porque somos republicanos sabemos acatar as decisões legaes, dentro do estatuto fundamental da Republica. O sr. Teixeira Gomes é o presidente eleito da Republica. Terá da nossa parte o respeito que lhe é devido.

Posto isto, continuaremos serenamente a afirmar que o partido democratico, procedendo como procedeu, assumiu graves responsabilidades. Dessas responsabilidades deve ter uma noção bem definida e segura. Tanto assim deve ser, que era o proprio partido democratico que, ainda ha bem poucos dias, declarava ser preciso tirar á eleição do Chefe do Estado o caracter estrictamente partidario. Para evitar esse facto, cuja gravidade implicitamente reconhecia, o partido democratico entrou em negociações com o partido nacionalista para a escolha de um candidato em cujo nome pudesse recair a votação quasi unanime do Congresso. Tendo sido preguntado aos nacionalistas qual o nome que julgavam dever ser apresentado ao Congresso por ambos os partidos, e tendo os nacionalistas apontado o nome do sr. dr. Duarte Leite, o qual declarara aceitar nessas condições, os democraticos nem sequer se deram ao trabalho de opôr á indicação desse nome uma recusa fundamentada. Estavam evidentemente cloumbados á candidatura Teixeira Gomes, e a sua proposta feita aos nacionalistas só tinha por fim dar a entender que tal obrigação não existia, mas, na realidade, o nome que os nacionalistas indicassem só seria aceite se fôsse o do sr. Teixeira Gomes.

Por isso, dizemos que, procedendo como procedeu, o partido republicano portuguez assumiu pesadissimas responsabilidades. Na realidade, o novo Chefe do Estado foi só candidato desse partido e por ele só votado. Era isto que os democraticos diziam que seria pessimo que sucedesse, e foi isso que sucedeu.

Eleito o novo Presidente da Republica, vai terminar dentro de dois meses o mandato do sr. dr. Antonio José de Almeida. A prova de que nenhum mal desejamos ao sr. Teixeira Gomes está em que fazemos os mais sinceros votos para que, inspirando-se nos altissimos exemplos do sr. Antonio José de Almeida, efectue uma Presidencia tão patriotica, tão republicana e tão notavel, como tem sido a Presidencia do actual Chefe do Estado. Nenhuma teve, talvez, maiores sacrificios; mas tambem nenhuma foi coroada de maiores glorias. O sr. Antonio José de Almeida tem sido um Presidente modelar. Integrou-se no espirito da Nação como se integrara no espirito da Republica, e leixa a Republica e a Nação formando um bloco perfeito e indivisivel. O povo português tem um dever sagrado: o de acompanhar os ultimos dias da Presidencia do sr. Antonio José de Almeida com um carinho, uma veneração, uma simpatia cada vez maiores. O sr. Antonio José de Almeida deve descer as escadarias do palacio de Belem entre flores. Tudo merece o seu grande espirito, o seu grande coração, o seu grande caracter. Não ha, pois, em Portugal ninguem que não respeite e estime o sr. Antonio José de Almeida. São os frutos do puro idealismo em que se desentranha a melhor politica. Que o sr. Antonio José de Almeida, depois de atravessar tantas agitações, que soube vencer com o seu altissimo prestigio, finde o seu mandato, como certamente é seu primacial desejo, entre as bençãos do país!

Humberto Virgilio Guimarães de Brito

Publio Virgilio Franco de Brito, Amelia Guimarães de Brito e Jovita Constança Trigueiros de Brito, participam que no proximo dia 9 mandam resar uma missa na Egreja de S. Nicolau pelas 12 horas do dia, por alma do seu chorado filho e marido.

O Dicionario da Lingua

A colaboração da Academia Brasileira de Letras — Como a Espanha aprecia a nossa iniciativa

Como se sabe, o sr. dr. Julio Dantas, presidente da Academia de Sciencias de Lisboa, levou para o Brasil a incumbencia de conseguir a colaboração da Academia Brasileira de Letras na elaboração do Dicionario da Lingua.

A proposta foi excelentemente acolhida no meio intelectual d'alem Atlantito, tendo tambem a imprensa comentado favoravelmente a iniciativa da nossa Academia. O sr. J. N. Gomes Ribeiro, que no «Paiz» publica artigos muito interessantes, ocupa-se do assunto largamente em um deles, escrevendo:

«A colaboração da Academia Brasileira de Letras, ou de uma comissão de filologos que os ha emeritos fora da Academia, torna-se desejavel, para que a obra fique mais completa. Para que a obra fique mais completa e para que tenha lá e cá, uma aceitação que nos reconcilie, nas divergencias prosodicas.

Como fez notar o sr. Alberto de Oliveira, as diferenças da lingua, sobretudo da lingua literaria entre Portugal e Brasil, são de prosodia e não de sintaxe.

A lingua é a mesma; e nunca, desde que o Brasil é Brasil, os literatos desta banda escreveram um portuguez tão de acordo com o de lá, como no actual momento. No seculo passado, a sintaxe brasileira não ia em tudo com a portuguesa, especialmente na velha questiuncula da colocação de pronomes.

Hoje, até nisso a discrepancia é nula; e, coisa interessante, é entre os escritores novissimos, esses que trabalham e pensam fora da Academia, que é mais lusitana a colocação dos pronomes.

Em quasi todos os academicos, ha hesitações; na vanguarda joven, não se vislumbra hesitação de especie alguma. Parecem ter nascido em Portugal.»

E acrescenta:

«A questão ortografica é apenas uma questão de indisciplina da raça, e nada mais.

A colaboração mutua do Brasil e Portugal, num dicionario comum e monumental, poderia abrir caminho para um bom entendimento, no campo mais pratico do que teorico da ortografia.

Mas, ainda quando tal se não dê, bom será enriquecer o dicionario com os modismos brasileiros, variantes lexicas e sintaticas, o que contribuirá para o tornar obra definitiva.

Quanto á ortografia e prosodia, os dois pontos de contradição, ocorre-me propor o seguinte alvitre:

Indique-se, a seguir a cada vocabulo, a ortografia e a pronuncia brasileiras, ao lado da pronuncia e ortografia portuguesas. Quanto á pronuncia, essa indicação é indispensavel, em qualquer hipotese, porque, mesmo que cheguem a um acordo quanto á solução mecanica da grafia, nunca poderão chegar a esse acordo, quanto á solução fisiologica da pronuncia.»

* * *

«El Sol», de Madrid, ocupando-se do acôrdo estabelecido entre as duas Academias, comenta-o e aponta-o como digno de ser seguido:

«Eis ahi uma maneira de bem compreender uma aproximação com a America. A lição pode ser proveitosa aos espanhois. Um dicionario redigido em comum entre dois ou mais povos é um dos mais apertados laços espirituais, porque assim se colabora na manutenção da unidade da lingua, que sempre a maxima unidade entre nações politicamente multiplas.

Recorde-se o dialogo de algumas obras argentinas que o inverno passado se representaram em Madrid. Muitos livros de literatura americana estão pedindo um dicionario que contenha todas essas novas vozes incorporadas no castelhano dos idiomas primitivos da America e de quasi todos os europeus. De contrario, em breve chegará o dia em que os americanos entendam os escritores espanhois mas em que os espanhois necessitem traduções das obras hispano-americanas».

E o jornal madrileno conclue:

«Em dicionario, mesmo quando se trate apenas de agregar neologismos, não pode ser uma obra de elaboração individual, mas de grupos de coletividades literarias. Nisto, como sob muitos outros aspectos, Portugal oferece-nos uma boa lição de hispano-americanismo. Bom seria que não caisse em saco roto».

Sangue azul

Noivado principesco

BELGRADO, 7 — Anuncia-se o proximo enlace do principe Paulo da Servia com a princesa Olga da Grecia filha do principe Nicolau, irmão do falecido rei Constantino. — R.

Victima de um desastre

LONDRES, 7 — O principe Henrique, terceiro filho do rei Jorge V, deu uma quéda dum cavalo, fracturando um pé. — L.

Princesas expulsas

VIENA, 7 — O governo austriaco intimou as arquiduquesas Izabel e Gariela a abandonarem esta cidade, tendo partido ambas para a Hungria. — L.

A AUSTRIA DE HOJE

O sr. dr. Couceiro da Costa

nosso ministro em Viena, fala-nos dela

Encontra-se entre nós, e ao que parece com demora de curtos dias, o sr. dr. Couceiro da Costa, ilustre ministro de Portugal em Viana de Austria. E' um nome prestigioso na nossa já hoje escassa galeria de republicanos historicos que a diplomacia roubou definitivamente á politica.

Todos se recordam ainda da carta celebre dirigida de Santarem por Couceiro da Costa ao Presidente da Republica, o sucessor e o mais alto representante da politica sidonista, numa hora mais que nenhuma grave, para a vida e para a segurança do regime. Depois o antigo juiz fez-se conspirador, apareceu revolucionario, impoz-se com o seu prestigio, com a sua autoridade, com o seu passado numa hora de crise tremenda em que todas as energias morais pareciam desfalecer e em que o espirito de todos os republicanos se inquietava na perspectiva de um futuro tragico.

Couceiro da Costa apareceu assim de golpe no tablado da politica nacional. Trazia comsigo a reputação de um magistrado integro e a segurança de um republicanismo de sempre. Triunfante, a Republica fê-lo ministro da Justiça. E depois aproveitou os seus serviços em Madrid, em Berlim, em Viena agora.

Ontem, nos Passos Perdidos, emquanto lá dentro se procedia á eleição presidencial, conseguimos trocar algumas palavras com o diplomata que agora tão arredio anda das luctas da vida publica.

— Vim a Portugal para descansar, para refazer forças. Logo que a minha saude, agora abalada, esteja um pouco melhor, volto para o meu posto.

— Posto dificil?

— Não é um posto diplomatico dificil. O maior trabalho tido até agora foi o da assinatura do acordo comercial luso-austriaco que se realizou no mês passado.

— Quando começa a vigorar êsse acordo?

— Já no proximo dia 20.

— As suas caracteristicas?

— Assim de memoria não posso dizer-lhe com precisão. Mas garanto-lhe que, com a celebração dêste contracto, o nosso país muito tem a ganhar, dadas as facilidades que lhe traz para o nosso comercio de exportação e sobretudo para aquele que á Austria se dirige. Uma vez celebrado o acordo, temos naturalmente um periodo de repouso na nossa tarefa de estreitar as relações entre os dois paises.

— A situação da Austria?

— Tem melhorado muito nestes ultimos meses.

— Politicamente?

— Lá não se pensa em politica. Mal dos austriacos se se entre Mã rimehs dos austriacos se se metessem em luctas ou questões a proposito de homens ou de regimens. A situação republicana está aceite por todos e hoje só se pensa em trabalhar e em produzir para remediar, dentro dos limites do possivel, os estragos causados pela guerra. A questão politica é hoje, portanto, para os austriacos, uma questão secundaria.

— A principal?

— A que se impõe a todos: a questão financeira. Os austriacos luctam como ninguem ignora, com uma depreciação formidavel da moeda. Entretanto, e no meio da derrocada quasi geral, eles conseguiram esta coisa espantosa: fixar a corôa.

— Como o conseguiram?

— Com o auxilio dos aliados, que emprestaram dinheiro á Austria. Para êsse emprestimo concorreram a Inglaterra, a França, a Italia e a Belgica. Foi decisivo êsse auxilio. Sem êle, hoje, a Austria estaria completamente arruinada. Compreende-se, portanto, que os austriacos não queiram meter-se em politica. E' que no dia em que se renovarem os dissidios as potencias aliadas retiram-lhes o apoio financeiro e a Austria vê-se novamente em serios embaraços.

— O politico de maior prestigio?

— E' o actual chefe do governo, Seipel. Foi padre e tem um tacto e uma visão politica admiraveis. Considero-o um dos maiores estadistas da Europa. Ele foi quem conseguiu, pela sua influencia, o emprestimo salvador.

— V. ex.ª acredita no levantamento da Austria?

— Absolutamente. E' um grande povo, que a lucta abateu de momento, mas que tem um largo futuro. Tanto é, que êles continuam, como até aqui, trabalhando sem se importarem com coisas politicas.

Nas redacções dos jornais

O AMOR A' TERRA

A instalação de colonias agricolas

Uma iniciativa do Instituto de Seguros Sociais, que tem dado excelentes resultados

O Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios instalou em S. Pedro do Sul uma colonia agricola sem caracter penal de qualquer especie, visando a propaganda do amor á terra e da utilisação, por parte dos lavradores, dos modernos processos de exploração agricola.

Fundou-se a interessante instituição numa terrenos baldios cedidos pela Camara Municipal e pela junta da freguezia da localidade, terrenos que atingem uma exensão de 240 hectares.

Uma das caracteristicas curiosas desta organisação é a de ficarem os colonos com o direito de explorar por sua conta alguns tratos de terreno, ao fim dum certo numero de anos de permanencia na colonia e sob determinadas circunstancias de competencia, aproveitamento e comportamento.

Desses individuos já lá estão 14 — alimentando se em parte com os productos proprios da colonia, taes como hortaliças, frutas, etc. — numero que irá aumentando á medida que a colonia se fôr desenvolvendo.

As vantagens duma instituição desta natureza desnecessario se torna encarecê-las: é o exemplo do regresso e do amor á terra; a propaganda dos melhores processos agricolas feita entre as populações regionaes, enfim como que um nucleo de estimulo, para a educação do povo. E deu-se com a chegada da primeira maquina agricola á colonia um caso curioso: o povo da região recebeu esse acontecimento entre ironias e mofa, mas depois, ante a evidencia dos bons resultados obtidos pelos modernos processos mecanicos de cultura, a referida maquina passou a ser constantemente alugada a pedido dos que a principio dela se riam.

Caso analogo sucedeu com as colmeias moveis ali estabelecidas tambem pela colonia as quaes se vêem hoje adoptadas na região.

Trata-se portanto, de uma bela obra, que até hoje custou apenas 105 contos, despeza esta que envolve terraplanagens, compra de gados, sementeiras e construções varias, como a duma estrada de cinco quilometros — que custou oito contos e que a ser feita noutras condições, importaria, talvez, em cincoenta — salas de aula, estabulos, etc.

Em Chaves, e como homenagem á memoria do malogrado dr. Antonio Granjo, pensa ainda o Instituto em estabelecer uma outra colonia, com o mesmo caracter e que terá o nome daquele velho republicano. Para isso aguarda apenas que as respetivas Camara Municipal e junta de freguezia lhes cedam e indiquem terrenos para as devidas obras, e, no mesmo intuito pensa alargar a sua acção organisando mais colonias, uma por cada districto do paiz, pelo menos.

A aquisição de colonos será feita por selecção entre aqueles que mais evidenciarem o seu amor á terra com o qual, e é este um dos mais importantes aspectos desta obra, se pretende identificar estreitamente os nossos trabalhadores.

As reparações alemãs

A opinião do sr. Mussolini

LONDRES, 7 — O sr. Mussolini concorda em que se aconselhe a Alemanha que abandone a resistencia passiva e que em compensação a França e a Belgica prometam evacuar os territorios ocupados mediante um acordo sobre as negociações e que desde já concedam uma larga amnistia. O governo italiano que foi sempre adversario da ocupação militar do Ruhr entende que esta região deve ser abandonada ao passo que se for regulando o problema das reparações. Por outro lado o sr. Mussolini mostra-se reservado acêrca da proposta ingleza sobre a fiscalisação internacional das finanças alemãs. O sr. Mussolini opõe-se firmemente a que se tomem medidas que vexem o governo e a nação alemã. A nota italiana nada acrescenta de novo aos pontos de vista já conhecidos desde dezembro ultimo. — R.

O Ruhr e a opinião belga

BRUXELAS, 7 — Nos circulos politicos belgas ha cada vez uma oposição maior contra a politica do governo na questão do Ruhr. — R.

A Inglaterra e a França

LONDRES, 7 — O «Daily Telegraph» opondo-se á doutrina expendida na imprensa francesa diz que o governo inglez nunca concordou em que o artigo 18 do Tratado de Versailles permitisse sanções territoriaes. — R.

A eleição de ontem

O seu verdadeiro significado

Cem parlamentares não se curvaram ás ordens vindas de Paris

E' este o momento de fazermos o balanço politico da eleição de ontem, E de escrevermos tambem qual é o seu verdadeiro e insofismavel significado, muito diferente de aquele que lhe querem emprestar os que, obedecendo a sectarismo ou a paixão partidaria, mal viram o acto já realisado.

Para fazermos isso não temos que nos afastar da nossa doutrina posta desde a primeira hora á volta da eleição presidencial. Doutrina que não implicava a defesa de qualquer candidatura, tendo nós dos homens e das coisas um conhecimento tão perfeito quanto possivel, mas doutrina que visava a defesa de um principio que nos parece acima de tudo necessario e util para a defesa e dignificação da Patria e da Republica.

O que nós combatemos de começo, o que nós combatemos até ao ultimo instante, sem um desfalecimento, sem uma quebra, sem uma transigencia, o que nós combatemos com toda a alma foi a obediencia cega a ordens vindas de longe e postas como indiscutiveis perante uma população de seis milhões de seres pensantes.

Isso sim. Isso é que nos fez terçar armas, isso é que faz com que ainda agora nos achemos no campo da justiça e no campo da razão, embora isso pese aos que supõem ter na historia um argumento ou uma razão de convencer.

Curvamo-nos perante os resultados da votação que o Congresso fez; mas mantemos o nosso ponto de vista de combate ás indicações de estranhos que comnosco nada querem e com quem, logicamente, nós nada devemos querer.

* * *

E senão vejamos se a razão está ou não do nosso lado. E busquemos argumentos para a demonstração da nossa tese apenas na urna hontem colocada na meza grande da Camara dos Deputados.

Vejamos em primeiro logar qual o numero de pessoas que votaram e qual forma por que votaram.

Por outras palavras: detalhemos o resultado do terceiro escrutinio.

E temos, cifra certa:

Teixeira Gomes.....	121 votos
Bernardino Machado.	5 »
Listas brancas......	68
Lista inutilisada.....	1
Total.....	195

Entraram portanto na urna cento e noventa e cinco listas, sendo cento e vinte e uma delas para o candidato Teixeira Gomes e as setenta e quatro restantes contra o candidato Teixeira Gomes.

Onde neste artigo se lê candidato Teixeira Gomes, deve lêr-se «candidato recomendado pelo Sr. Dr. Afonso Costa».

O nome do ilustre ministro de Portugal em Londres é apenas uma maneira mais precisa e mais curta de indicar a pessoa que o antigo chefe dos democraticos quer vêr á frente dos destinos do paiz.

* * *

Vejamos agora quantas pessoas deviam votar. Melhor, vejamos como estão constituidas neste momento as duas camaras, qual o numero exacto de parlamentares que nela teem assento, qual a sua filiação partidaria e forma por que influiram na eleição de hontem. E' isto sobretudo que nos interessa para a defesa do nosso ponto de vista.

Ha actualmente 70 senadores, assim distribuidos pelos diversos agrupamentos partidarios:

Democraticos ..	42
Nacionalistas ..	14
Independentes..	8
Monarquicos ...	4
Catolicos	1
Radicais.......	1
Total...	70

A constituição da Camara dos Deputados, sob o ponto de vista partidario é a seguinte:

Democraticos ..	83
Nacionalistas ..	47
Independentes..	24
Monarquicos ...	6
Catolicos	3
Total..	162

E portanto a constituição do Congresso da Republica é á seguinte:

Democraticos ..	125
Nacionalistas ..	60
Independentes..	32
Monarquicos ...	10
Catolicos	4
Radicaes	1
Total...	232

Quantos destes dusentos e trinta e dois congressistas votaram no sr. Teixeira Gomes? Cento e vinte e um.

Quantos não votaram no sr. Teixeira Gomes?

Vejamos para regularisação e sinceridade das nossas contas. Ha dez parlamentares que, neste momento, não votariam em pessoa alguma.

São eles: o senador Ribeiro de Melo e os deputados Afonso Costa, Portugal Durão, Antonio Maia, Eugenio Aresta, Amaral Reis, Antonio de Matos, Leonardo Coimbra, Lucio dos Santos e Rodrigo Rodrigues. Dez, portanto.

O que fez baixar o total de duzentos e trinta e dois para duzentos e vinte e dois. Quantos foram portanto, na verdade, os que combateram a candidatura Teixeira Gomes?

Duzentos e vinte e dois menos cento e vinte e um. Ora vejam cento e um congressistas. Cem, para fixar ideias.

Pessoas que não apareceram ao Congresso, o mais eloquente protesto; pessoas que votaram no dr. Bernardino Machado, pessoas que lançaram listas brancas na urna.

* * *

Não estamos portanto em muito má companhia. E é essa a conclusão a que nós pretendemos chegar. Porque o resultado da votação de ontem diz-nos o seguinte: que, numa assembleia restrita de dusentos e trinta e duas pessoas, «cem» claramente não aceitaram a ordem do sr. dr. Afonso Costa e contra ela protestaram por todos os meios ao seu alcance! Não indo uns; votando em listas brancas, outros, dando voto ao dr. Bernardino Machado ainda outras.

Este o verdadeiro significado da eleição. E tudo quanto não seja isto ou é falsidade ou fanfarronada inutil e extemporanea.

O nosso camarada da imprensa Bourbon e Meneses enviou ontem ao sr. dr. Bernardino Machado a seguinte carta:

Meu ex.mo amigo. — Não podendo esquecer a admiração e o respeito que, como republicano, devo a v. ex.ª, quero muito expressamente saudá-lo no dia de hoje, afirmando-lhe que se em vez de um desvalioso jornalista, sem viseira nem cavalo de combate, eu tivesse a honra de pertencer ao Parlamento da Republica, o meu voto, como o do grande e saudoso Junqueiro, teria sido hoje para o meu ilustre amigo. Votando no seu nome para a suprema magistratura republicana, que v. ex.ª tão irrepreensivel e brilhantemente exerceu frente a frente das tremendas, e por vezes, angustiosas responsabilidades da guerra, a um pensamento, sobretudo, eu seria fiel: ao pensamento de colocar na mais alta representação politica da nação alguem significativamente vinculado á historia da Republica, antes e depois do seu advento, e ao mais notavel acontecimento diplomatico e militar da nossa historia moderna: a intervenção de Portugal no conflito das potencias.

«Se é certo que, em minha opinião—que evidentemente não é a sua—v. ex.ª conquistou ha muito, pelos seus altos serviços civicos, o direito que seria do repousar e não de se refugiar numa reforma politica, que as amizades de todos deixasse aberto o caminho tão atravancado para as da ... pelo seu talento, pela sua «sagesse» e pelo seu prestigio igualmente entendo que o facto de v. ex.ª ser honroramente abominado pelos monarquicos, a quem duas vezes abriu a porta dos carceres onde jaziam, e pelos dezembristas, que destituindo-o em 1917 da presidencia, não lograram senão dar-lhe mais um ensejo de atestar, com eloquente relevo, o aprumo da sua linha moral, constitue um dos maiores titulos de v. ex.ª como homem publico. Se outros o não reconhecem, eu tenho-o bem presente na minha inteligencia e no meu sentimento. Aproveito a oportunidade para agradecer a v. ex.ª a deferencia, que teve ha dias, de passar pela minha casa e para significar-lhe o pesar que tive de não o receber por estar ausente dela. Os meus respeitosos cumprimentos para D. Elzira.—Lisboa, 6 de agosto de 1923. (a) Bourbon e Meneses»

O que se escreve e o que se lê

Aspectos: A proxima epoca literaria.

Uma conferencia: Os nossos poetas de hoje, por Antonio Botto.

Uma novela: A Ruiva, de D. Ramon Gomez de la Serra.

Diz-se que a proxima epoca literaria vai revestir-se duma especial vivacidade. De facto parece que assim será. A «Capital» num dos seus numeros anteriores disse já aos seus leitores um pouco daquilo que sabe a respeito do proximo inverno literario. Teria sido tudo? Creio que não. No fundo de cada portuguez ou ha um poeta, ou ha um prosador, ou ha um dramaturgo—que se nos revelam apenas porque a nossa crise economica não permite prodigamente o luxo duma edição ou montagem duma peça. Se um dia o Estado se constituisse na obrigação de editar absolutamente todos os livros e de montar democraticamente todas as peças teriamos, dum momento para o outro, pelo menos cinco milhões de escritores, entre mulheres poetas e creanças. Por consequencia, creio bem, que «A Capital» não disse tudo— o que não quer dizer que não tivesse dito tudo quanto sabia—e eu quasi ia jurar que, ao lado das obras conhecidas, muitas outras aparecerão para nos deleitar ou para nos adormecer.

Neste momento estamos em plena calma. Já quasi não aparecem livros. Lisboa afarta-se de livros, considera terminada a sua «saison» literaria e mundana. Os nossos escriptores estão fazendo as malas onde arrumam as suas gravatas, as suas luvas e as suas ideas. Raul Brandão partiu, ha pouco para a sua quinta de Guimarães; Aquilino Ribeiro, a estas horas já, em plena paisagem beirã, revê as provas tipograficas do seu proximo romance; Afonso Lopes Vieira na sua casa de S. Pedro de Muel faz versos, olhando o mar; Antonio Ferro e Augusto Santa Rita estão no Estoril; João Ameal na sua casa, perto de Coimbra, dá, neste instante, os ultimos toques nos seus «Noctivagos»; João Correia de Oliveira, de partida para o norte, aproveitará a paisagem minhota para acabar o terceiro acto de «Verdade»; Correa da Costa com o «Marlinho» dentro da sua pasta anuncia-nos a sua ida para o Ribatejo, onde reverá o seu «D. Sebastião.» Como veem os nossos escriptores trabalham de verão para o inverno como as formigas—e é quasi certo que, em meados de outubro, uma verdadeira inundação de ocio literario. Transformará as montras das livrarias em vitrine de joias...

O sr. Antonio Botto realisou na ultima quinta feira, no Salão do Teatro Nacional, a sua anunciada conferencia sobre os nossos poetas de hoje. Pude ouvir essa conferencia — e vou diz-lhes duas palavras sobre ela.

O sr. Antonio Botto é uma pessoa inteligente. Entretanto a sua conferencia não correspondeu á atmosfera de espectativa que se fizera á sua volta. E porquê? Porquê? Os que esperavam o escandalo duma conferencia imoral, sairam, desiludidos; os que supunham que o poeta das «Canções» daria literariamente alguma coisa de novo sairam desiludidos tambem. Antonio Botto disse algumas frases lindas de incontestavel brilho literario; evocou tres ou quatro poetas, Teixeira de Pascoais, Eugenio de Castro, Fausto Guedes Teixeira, Camilo Pessanha; disse versos seus que eu supunha escritos em prosa—e quando todos nós imaginavamos que a conferencia estava em meio, o ilustre conferencista terminou. Não, o sr. Antonio Botto, que é, repito, uma pessoa inteligente afecta certas atitudes de olimpico desdem que ele proprio, no seu intimo, reconhecerá inoportunas e excessivas. O sr. Antonio Botto que podia dar nos livros, versos, frases curiosas, põe literariamente os olhos em alvo como se observasse uma estrela invisivel e não nos dá senão olimpicas bolas de sabão. E' pena.

A ultima novela da edição «Novela Sucesso» é firmada por um dos mais novos e dos mais curiosos escritores da nossa visinha Espanha, D. Ramon Gomes de la Serra. E se acrobata da frase e de ideas—como Antonio Ferro—o define no seu prefacio—recusado durante muito tempo pelos jornais e pelos editores é hoje um dos temperamentos mais discutidos e por isso mesmo mais admirados que conheço. E' o escritor dos pequenos nadas. E' um colecionador de pequeninos factos. A sua ultima novela girando em volta duma mulher que a sua raiva e que de certo va derivar todas as fatalidades, é dum pitoresco, duma vivacidade, dum ineditismo que nos surpreende.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A imprensa estrangeira e a eleição

PARIS, 7 — Os jornaes franceses e ingleses acompanham o telegrama com o resultado da eleição de ontem em Lisboa com a fotografia e biografia do sr. Teixeira Gomes. O «Petit Parisien», escreve que não sómente é um diplomata distinto mas um espirito raro pela cultura e escritor notavel. —(H.)

Dr. Antonio Monteiro

Regressou de Caldelas, tendo retomado a clinica da sua especialidade de doenças de senhoras e crianças, o ilustre medico sr. dr. Antonio Monteiro.

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital,, o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve A CAPITAL começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de A CAPITAL tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

NOTAS A LAPIS

Os presidentes

Com a eleição do sr. Teixeira Gomes para a presidencia da Republica são em numero de tres os presidentes que nasceram em terra continental: o sr. dr. Antonio José de Almeida é beirão; Sidonio Paes era minhoto e o sr. Teixeira Gomes é algarvio. Tres outros presidentes pertenceram aos Açores: Teofilo Braga, Manuel d'Arriaga e Canto e Castro. O sr. dr. Bernardino Machado, como se sabe, nasceu no Brasil.

Guerra Junqueiro

Os jornais do Rio chegados a Lisboa, ocupam-se largamente da morte de Junqueiro, publicam a noticia de que o celebrante da missa mandada resar pela Sociedade Portuguesa de Beneficencia, foi o padre Moreira, português e de 92 anos de idade. O padre Moreira teve a certa altura de suspender a missa por alguns minutos, pois tinha os olhos rasos de lagrimas. Era um grande admirador do poeta extraordinario dos «Simples».

Uma profecia

Ha vinte anos, Warren Harding encontrava-se com alguns amigos em Denver (Ohio). Uma velha criada india, que andara com ele ao colo e que tinha a mania de predizer o futuro, afirmou solenemente a Harding que seria um dia Chefe do Estado, mas que o seu poder seria efemero, pois morreria durante uma viagem.

Quando sentiu os primeiros avisos da doença que o havia de matar, Harding relembrou, com um sorriso a profecia da velha india...

O que fez o «genio»

O «Daily Chronicle» diz que vai ser construido no estado de Michigan um hotel de 29 andares, que custará tres milhões de libras. Mas querem saber em que estilo será construido? Que Bramante e os manes de Miguel Angelo lhes perdoem! no estilo da Renascença italiana!!! Um outro jornal acrescenta que, alem doutras maravilhas, o curioso edificio terá no ultimo andar uma reprodução integral do farol da Alexandria ou do colosso de Rhodes, ou ambos ao mesmo tempo... E haver ainda quem duvide da arquitetura do futuro!

Regresso á actividade

Os romenos possuiam um vulcão, o Calisman, mas deixaram-o extinguir-se. Grave imprudencia foi essa, pois o Calisman protesta e retoma a sua actividade. As primeiras colunas de chamas erguem-se no espaço, semeando o panico em volta. O governo tomou providencias para fazer evacuar a região ameaçada.

E' o que nos falta—um vulcão. Mas nem por isso andamos menos assustados que os romenos...

Inexperiencia

Dizem de Madrid que um individuo de Badajoz, chegado á capital, quiz dar-se a si proprio a impressão de que era deputado. Entrou no Parlamento e, enfiando pela sala das sessões, escolheu um «fauteuil». Mas fe-lo com tanta infelicidade que, em vez de se sentar nos logares destinados aos deputados, preferiu nem mais nem menos, que a cadeira dos ministros.

O facto fez sensação, pois ninguem dera pela saida do ministerio de qualquer membro do Governo. Dahi a pobre homem ser conduzido ao carcel, onde pagará a ousadia de querer ser ministro, sem o rei saber...

Uma garantia

Sabe-se que o tsar Fernando gostava de vestir o fato de ganga e conduzir uma locomotiva, tendo mesmo chegado a bater o «record» da velocidade na linha Paris-Le Creusot.

Pois seu filho Boris herdou-lhe a habilidade, tendo ele inaugurado, como maquinista, a linha Widdin-Alexandrowna.

Assim procura assegurar um modo de vida, se o trono lhe falhar algum dia...

ULTIMA HORA

Os funerais de Harding

As determinações do Presidente Coolidge

WASHINGTON, 7. — O presidente Coolidge estabeleceu o programa para os funerais do presidente Harding que serão duma grande solenidade e duma grande simplicidade. Acompanharão o cortejo o presidente Coolidge, o chefe da magistratura sr. Taft, os membros do gabinete e do Congresso, altos funcionarios e delegações do exercito e da armada. O sr. Wilson, devido ao seu estado de saude não poderá comparecer no capitolio. O cadaver do sr. Harding será conduzido para Casa Branca num armão de artilharia escoltado por cavalaria e por artilharia de campanha. Será depositado na sala Este da Casa Branca até quarta-feira. Se mrs. Harding concordar com isso na quarta-feira de manhã será conduzido o corpo do ex-presidente para o Capitolio e colocado na Rotunda onde depois dos serviços funebres, permanecerá uma hora sendo depois conduzido para Marion onde será enterrado no solo do Ohio segundo sua vontade expressa.

O comboio que conduz o cadaver vem, a pedido de mrs. Harding, com muito pequena velocidade para permitir que lhe sejam prestadas honras funebres pelos cidadãos dos territorios que atravessa. Ao longo da linha tem-se juntado grande quantidade de gente que lança flores sobre o comboio. Proximo das estações o comboio diminui muitissimo a velocidade permitindo ás multidões ali aglomeradas que se curvem a ultima vez perante o caixão do ex-presidente. Grande numero de membros da legião americana espalharam-se por varias estações na posição de sentido perante o comboio que conduz o cadaver de Harding. O comboio deve chegar amanhã á uma e meia a Washington. Mrs. Harding vem vastante animada. Acompanham-na Mrs. Ruth Powderly, que foi enfermeira do sr. Harding, na sua ultima doença e Mrs. Carlo Sawyer, esposa do medico do presidente.

O luto pela morte do presidente durará até ao dia 1 de dezembro, mantendo-se a bandeira a meia haste em todos os edificios publicos.

Apenas serão colocadas quatro coroas sobre o caixão, emquanto ele estiver na rotunda do Capitolio: Uma de Mrs. Harding, outra do presidente Coolidge, outra do Supremo Tribunal e outra do Congresso. — R.

Coolidge e o governo

WASHINGTON, 6 — O presidente Coolidge declarou que dispensava a formalidade do governo lhe pedir a demissão, uma vez que o desejava manter, e que tencionava em politica seguir as pisadas do ex-presidente Harding. — R.

A fortuna do ex-presidente Harding

MARION, (OHIO), 6 — A fortuna do ex-presidente Harding é avaliada em mais de 700.000 dollars devida unicamente ao seu esforço. Foi ganha principalmente quando Harding dirigiu o Marion Star jornal de que era proprietario desde 1884 e que vendeu recentemente. —R.

O preço dos fosforos e o pedido de aumento dos manipuladores

Uma comissão de operarios da Companhia dos fosforos, avistou-se hoje com a direcção da Companhia e com o sr. ministro das Finanças, para tratarem da melhoria de situação.

A direcção da Companhia prometeu atender o pedido, logo que a portaria autorisando o aumento dos fosforos amorfos seja publicada.

O vapor "S. Miguel,,

Vindo dos Açores e Madeira chegou hoje ao Tejo, com elevado numero de passageiros e um importante carregamento de productos insulares, na maioria generos de alimentação, o vapor «S. Miguel» da Empresa Insulana de Navegação.

ELES LÁ SABEM...

A direção da causa monarquica

está entregue aos antigos franquistas, que foram os maiores inimigos da realesa

«E' preciso realisar um movimento que liberte os monarquicos dessa dictadura de incompetentes", diz-nos um antigo marechal realista

Paralelamente aos boatos que por ai correm de uma nova revolução, que, sem ser declaradamente monarquica, obedece, todavia, ao objectivo de restaurar a monarquia — uma monarquia tesa, de navalha na liga e cacete ao ombro, uma monarquia de sangue na gueira, assim á moda do sr. D. Miguel — veem os factos demonstrar que, a respeito de união, de identidade de vistas, de coincidencia de opiniões, o campo monarquico é, afinal, um campo de manobras onde ninguem se entende e cada um procura trepudiar sobre os outros.

Ha poucos dias, por exemplo, o nosso colega «A Montanha», do Porto, publicava uma entrevista sensacional com o sr. dr. Pereira de Sousa, antigo deputado monarquico e director do exclamativo jornal portuense «Patria»!, que se publicou ai por 1917.

Foi o sr. dr. Pereira de Sousa um dos mais activos organisadores da traulitania e, depois, um dos seus mais fortes sustentaculos. A situação do celebre advogado nessa monarquia de opereta foi tão saliente, que Couceiro determinou que o seu jornal — essa «Patria!» admirativa — fosse o orgão oficial da monarquia ambulante.

* * *

Ora o sr. dr. Pereira de Sousa, que, falhado o couceirismo, teve de emigrar para o Brasil, onde foi empregado inferior do Banco Nacional Ultramarino, voltou a Portugal — envolto numa nuvem compacta de silencio. Por fim — talvez porque os seus correligionarios dispensam o conselho da sua experiencia na organisação do movimento que se diz estar na forja — o sr. dr. Pereira de Sousa decidiu sair do anonimato em que se fechou, para dizer da sua justiça na entrevista de «A Montanha», sobre a qual os jornais monarquicos e, sobretudo, o «Correio da Manhã», passaram como gato sobre brasas. E' uma atitude dos varios interpretes das variadas opiniões de S. M. — o sr. D. Manuel de Bragança, que, ao que parece, tem para cada jornal, uma opinião diferente — que dificilmente se compreende. Mas justifica-se...

* * *

Em Lisboa, sobretudo para o grande publico, estas coisas parece que decorreram indiferentemente — tal foi o silencio com que se respondeu á escandalosa entrevista de «A Montanha». Não nos passou ela despercebida a nós. E, como qualquer opinião que manifestassemos a respeito poderia ser levada á conta de excesso jacobino, resolvemos procurar alguem que, pela sua situação no partido monarquico pela sua cooperação em toda a acção monarquica, tivesse bastante categoria politica para analisar a situação actual dos realistas.

Logo de entrada, a sua resposta foi esta:

— A atitude do dr. Pereira de Sousa é absolutamente logica. Emquanto ele arriscava, na monarquia do norte, a sua vida e a sua situação, tendo de emigrar em condições deprimentes, os outros, para os quais iriam as honrarias, procediam com requintes de cobardia... Uma miseria, tudo isto! Eu estou de acordo com o dr. Pereira de Sousa.

— O dr. Pereira de Sousa fala numa carta de D. Manuel em que se condenam a revolução de Monsanto e monarquia do norte...

— Não vi a carta, mas estou convencido de que ela existe. E' publico e notorio que a opinião de D. Manuel era contraria á revolução. Foi até por isso que os integralistas abandonaram a sua causa. D. Manuel está preso, excessivamente, ao legalismo constitucional...

* * *

Uma interrupção. Depois, perguntamos:

— Sr. dr.: a sua opinião a respeito da direcção suprema da causa monarquica?

— A peor possivel. Uma desgraça! Não ha em Portugal, verdadeiramente, uma organisação monarquica. Ha uma organisação franquista, que tem a preocupação de vexar todos aqueles que não pertencem á igreginha.

— Mas porquê?

— E' muito simples: os franquistas julgam-se os depositarios fieis dos *papirus* monarquicos, quando, afinal, foram os maiores inimigos da monarquia.

«Os bons monarquicos não esquecem que foi o chefe do partido franquista quem levantou no Parlamento a questão dos adeantamentos, que foi a mais vigorosa machadada no trono.

—Parece uma opinião audaciosa, essa, sr. dr...

— Audaciosa, pode ser. Não é, porém, uma opinião desarrazoada. Lembre-se que foi o franquismo que consentiu que «O Mundo», que era o jornal mais jacobino, abrisse uma subscrição para pagar uma letra insignificante, da sr.ª D. Maria Pia, que o Banco Comercial de Lisboa, de que era director o sr. Melo e Sousa — um dos marechaes mais notaveis do franquismo — mandou protestar. Estavamos, então, em pleno franquismo... A rainha, essa grande rainda, sofreu o mais cruciante golpe de toda a sua vida... Foi a gente pobre de Lisboa que saldou a sua divida insignificante...

* * *

Tinhamos pasmado. Esse facto que o nosso interlocutor apontava, era para nós inteiramente desconhecido.

Lançamos outra pergunta:

— Mas, como são os franquistas que dirigem o movimento monarquico, são eles que, naturalmente, imperarão na monarquia, desde que se admita a hipotese da sua restauração...

O nosso interlocutor sorriu — um sorriso misterioso, intraduzivel, talvez sangrento, talvez ameaçador. Depois:

— E' possivel que os atuaes dirigentes da causa monarquica venham a tentar qualquer golpe. Mas estou convencido de que será mais uma derrota. Os homens que empalmarem a direcção da organisação monarquica são os emprezarios da derrota...

Ouviamos, apenas. E registamos estas confissões insuspeitas. O antigo dirigente monarquico continuou:

— Repare: em todos os movimentos franquistas têm superintendido. Resultado: a cada tentativa sucede uma derrota. Se fizerem agora alguma coisa será mais uma.

— V. ex.ª, então, não concorda com o movimento, se é certo que ele está em organisação?

— Não concordo. A Republica ha-de cair por si. Foi a opinião de José Luciano.

E, a seguir a um curto silencio:

— Movimentos da gente monarquica, só vejo um, necessario, indispensavel, urgente: um movimento que expulse da direcção dos destinos da monarquia, os antigos franquistas, que foram sempre os melhores cooperadores da Republica — ou pelos seus golpes na monarquia e na realeza, ou pela sua incompetencia directiva, ou pela sua indiferença politica, que é, afinal, uma linda mascarinha disfarçando a sua cobardia.

Explosão duma espoleta

A policia de Segurança do Estado deu já por concluidas as suas investigações, sobre aquela explosão, que se deu ante-ontem na séde da Sociedade Recreio Ajudense, mais conhecida pela «Sociedade dos Pancas», na sua de D. Vasco.

Apurou-se que os socios daquela colectividade srs. João Ferreira, Antonio Zeferino de Carvalho e Francisco dos Santos estavam descarregando uma espoleta das usadas na exploração de pedreiras, quando a mesma rebentou subitamente. Os referidos individuos que haviam sido presos por suspeitos foram restituidos á liberdade, hoje á tarde.

O sr. Teixeira Gomes só estará em Lisboa em meados de Setembro

LONDRES, 7. — Consta á Agencia Reuter que o sr. Teixeira Gomes, presidente eleito da Republica Portugueza, não deixará Londres antes do meado de setembro.—(H.)

Tarde politica

A atitude dos partidos constitucionais na eleição de ontem. —A nova recomposição ministerial

Nos centros politicos, alias, despovoados subitamente, o assunto de todas as conversas é a eleição de ontem.

A atitude dos maiores partidos da Republica é em geral comentada pouco lisongeiramente.

Sem se absolver a maioria democratica, cuja intransigencia criou durante a sessão legislativa conflitos sobre conflitos, não merece grande simpatia tambem a ultima posição do partido nacionalista em frente da votação presidencial.

Ninguem percebe porque, não querendo este partido submeter-se ao dominio da maioria, abandonou em massa o nome do sr. Bernardino Machado, para votar com listas brancas.

Tal acto tem uma expressão agressiva para o candidato eleito, aliás á margem da baixa intriga politica que para ahi malbarata actividades.

Para significar ao nosso ministro em Londres que ele não reune os sufragios das varias correntes de opinião?

Embora a tradição marque preceito para tal circunstancia, explica-se, entretanto, uma transgressão inteligente que excluisse este unico e estranho facto: o segundo partido da Republica desinteressar-se completamente de um dos mais importantes actos parlamentares: a eleição do Chefe do Estado.

Mas ha mais. Sendo razoavel de admitir a hipotese do sr. Teixeira Gomes renunciar á posse do seu alto cargo, e nisso muito se fala, ficaria a grave situação sensivelmente melhorada, se outro candidato tivesse obtido uma votação consideravel.

Esse seria o caso do sr. Bernardino Machado, se os nacionalistas reincidem na sua eleição.

Nas circunstancias em que terminou a eleição ficou precariamente prestigiado o Chefe do Estado, a Republica sofreu um rude golpe, ficando apenas triunfante a declaração de guerra entre os partidos—principio teorico da revolução inevitavel... que oxalá não venha.

* * *

A recomposição ministerial é coisa certa dentro de dias. A dificuldade está apenas em encontrar sucedaneos para os ministros demissionarios ou prestes a sel-o.

Para a pasta da Agricultura indigita-se o senador sr. Nicolau Mesquita e para a das Finanças o sr. Antonio da Fonseca. Simplesmente estes senhores não estão por emquanto dispostos a prender-se no labirinto duma situação politica francamente pavorosa.

Assim, o sr. Antonio Maria da Silva vê-se em embaraços para sedimentar a nova camada ministerial ás teutonicas camadas que se sobrepõem neste seu tão remendado ministerio.

Como, porem, até á posse do novo Chefe do Estado dificilmente o presidente do Governo se verá desembaraçado do duro encargo de dirigir rebanhos, cê por onde der ha de completar o seu elenco para a ultima definitiva e irrevogavel recomposição.

* * *

O sr. ministro das Finanças demissionario continuou hoje dando despacho aos assuntos de expediente da sua secretaria, situação em que estará até depois de amanhã, segundo calculo. A contrario do que correu, diz-se que o sr. Queiroz Vaz Guedes não deixará a pasta do Comercio.

— O sr. presidente do Ministerio passou o dia de hoje em Cascais, descançando das labutas politicas e parlamentares dos ultimos dias.

Os bastidores do Comunismo

"A revolução alemã salvará a revolução russa"

Declara-o Monmousseau no Congresso dos funcionarios extremistas

O sexto Congresso da Federação Unitaria dos Ferro-Viarios acaba de se realisar em Paris.

Na primeira sessão o Congresso adoptou a questão moral por 55.216 votos contra 7.057, votação que os extremistas puros consideram como uma derrota esmagadora para a minoria e á qual dão uma clara significação.

A adopção da questão moral implicava, com efeito, aprovação completa da adesão do movimento sindical francês á Internacional Sindical Vermelha. A direcção e a comissão executiva da federação viam, pois, aprovada a sua ideia e confirmada pela adesão á Internacional de Moscow.

Do debate, pouco ha a salientar.

Os defensores do sindicalismo «uber alles», como lhe chama Sémart, apresentam do modo seguinte a sua tese: entre os «comunistas sindicalistas» e os sindicalistas puros, existe um desacordo profundo. Os segundos pensam que o sindicalismo tem apenas de fazer a doutrina dum partido politico. O sindicalismo tem a sua doutrina propria, os seus fins e os seus meios de acção.

—«O que separa, declarou um minoritario, Bernard, o comunismo do sindicalismo revolucionario, é que o primeiro procura amparar-se do poder em seu proveito, ao passo que o segundo quere conquistar os meios de produção e destruir o poder».

A segunda critica da minoria visava as comissões sindicaes instituidas pelo partido comunista para agir sobre os sindicatos. A oposição ligava esta questão á da orientação sindical e da filiação na Internacional Vermelha.

A terceira referia-se á Conferencia de Essen, em Janeiro de 1923. A minoria censurava Monmousseau e Sémart de se terem comprometido com os partidos comunistas revolucionarios, e a Sémart, secretario da federação, de partir para Essen sem que ninguem o soubesse.

A resposta de Monmousseau merece ser conhecida. Justificou como poude a sua adesão á Internacional Vermelha.

«Ou conservar virgem o seu sindicalismo numa redoma» ou tomar logar na batalha revolucionaria internacional, tal é, segundo ele, a alternativa.

— Os senhores dizem, exclamou, que nós subordinámos o sindicalismo. Teem rasão. Subordinamos o sindicalismo á acção internacional de classe.

Fisemos votos em Moscow, para vermos a C. G. T. U. tomar o seu logar na batalha internacional. Não tinhamos a fazer duma internacional de metafisicos».

Não participar da conferencia de Essen, facto unico nos anais do movimento sindical, teria sido por outro lado, apresentar a classe francesa como «solidaria do imperialismo de Poincaré», o tratar o proletario como em 1914, abandonar a revolução russa, e o berço da revolução alemã que se prepara.

Os contos de "A Capital,,

Luisa

...de, ri... a ...que bem a ... Luiza, de frases no sangue... porque, de... sempre

E ela ria ... dentes lindos, entreabrindo graciosamente a boca rubra.

Havia muito que o Lourenço a ... oferecendo-lhe, em troca do amor que lhe pedia, o seu coração apaixonado, ... e a vinha da ri... em que ela cedesse ás suplicas de ... mais se exasperava quanto mais aquele demonio vivo lhe fugia.

— Tem um calhau no peito, a maldita — dizia ele. — Se fosse um diabo feio que para ai anda-se, já a estas horas se tinha enchido de fazer asneiras com todos nós. Assim... Raios partam o coração da gente, que só o leva o diabo para onde nunca devia ter ido...

E era um dia, e outro, e sempre, as mesmas suplicas de um lado e as mesmas recusas e gargalhadas do outro.

— Pois tu não vês como eu ando, Luiza? que até parece que um mau olhado me caiu em cima? Pois tu não vês?

— Ora! — respondia-lhe ela. Isso passa! E para mais temos ainda tanto tempo...

— Sim, bem sei, tanto tempo...

E ficava-se a olha-la, até que a rapariga se sumia na volta de um caminho, ou para além do souto grande, a meia encosta do Cabeço.

Naquelas manhãs lindas de setembro, ele sempre vê-la sair para a vindima, antes de arrastar-se até á hora, onde passava o dia, só voltando já tarde, quando o sol, apagado por detraz do cerro, nem da capelinha do alto se mostrava.

* * *

Guapa rapariga, na verdade, de boas carnes, sem dinheiro, mas tambem sem imposturas, com um palmo de cara e um amor ao trabalho que era de perder o mais assisado e de entontecer o do coração mais rijo.

— Quando casaria, e com quem?

Era o que todos perguntavam, na certeza de que aquele demonio havia de ter em qualquer parte o seu conversado. Uma rapariga assim, por mais gelo que traga no coração ha-de por força ter o seu momento de fraqueza, como as outras. De que lhe serviria então a beleza, se não a désse a alguem, em troca de um amor honesto que lhe consolasse a vida?

* * *

Um dia, soube-se. Chegára á aldeia uma carta em que o filho da tia Candida Palhais contava que o Antonio Roquete, o «Moleiro», acabára no hospital com a vida de miseria e de aflições que por lá levava, desde que a fatalidade de que foi vitima lhe esmagou a perna esquerda de uma assentada.

Era o terceiro do logar que no praso de quatro anos deixava os ossos no Brasil.

Na terra só a velha soubera do desastre, sucedido uns mezes antes, não o tendo divulgado por expressa e constante recomendação do filho, que obedecia ás implorações do Antonio:

— Não, não. Que a Luiza não o soubesse. Na amargura que o ralava, as cartas da rapariga, transbordantes de saudades, eram para o seu coração afilito e para a má sorte que o perseguia, como um dia de sol muito alegre, depois de uma noite muito escura.

Se ela soubesse da desgraça, quem sabe lá o que seria! Havia tantos na aldeia que a cubiçavam!... Ele andava doente e o auxilio generoso do companheiro, se o livrava de morrer de fome, não obstava a que os desgostos sofridos o matassem dentro em pouco. E' sempre cêdo para as más noticias...

— Depois, sim, que case com quem quizer, que eu debaixo da terra já pouco me importarei com isso. Mas agora, não... Que ela o não saiba, emquanto eu fôr vivo.

E era ele quem ditava as cartas, cheias de esperanças da primeira á ...ia alegre, ... de que te ... sempre ... tristeza muito funda, que a Luiz ou não descortinava bem ou atribuia ás saudades que o ralavam.

Por isso ela ria sempre, á espera do momento em que o seu Antonio voltasse, com dinheiro ou sem ele, pouco lhe importava isso, mas com o coração cheio do mesmo amor que quatro anos antes os unira para sempre.

Ria, com a velha e com as outras, das perguntas das curiosas e das propostas de casamento que os menos timidos lhe faziam.

Ria e esperava, trabalhando sempre, amontoando o seu bragal, como uma noiva feliz e cuidadosa que olha a vida atravez da alma enamorada e que, abraçada á consoladora esperança que lha anima, vê passar os dias sem uma nuvem negra que lhes empane o brilho.

De quando em quando os velhos, gente sensata e sadia que a trouxera ao colo em pequenina e tanta vez a sentára á sua mesa, vendo-a passar atarefada e encontrando-a nos serões fiando a lã ou tecendo o linho fresco do ultimo verão, perguntavam-lhe:

— Então, quando te casas, rapariga! Que diabo! Parece que não és como as outras, ninguem te sabe de um namorico! Dar-se-á o caso que não tenhas coração? Deixa vêr...

E iam para ela de mão espalmada, vêr se sentiam bater no peito da rapariga um coração moço e generoso.

Ela esquivava-se, rindo, cruzando os braços sobre os seios altos, até que, perante nova arremetida ou nova chufa, oferecia abertamente o peito á curiosidade um tanto picante dos velhos que a mofavam.

— Veja — murmurava ela — veja. Aposto em que não ha aqui outro que bata tanto como o meu.

— E é verdade. Parece que tens o diabo dentro dele. Mas então és de pedra. No meu tempo e com esse palmo de cara já a estas horas eras mãe de filhos. Juro-to eu.

E todas as bocas se abriam numa gargalhada franca, perante a inopinada e amorosa frase de qualquer de eles.

— Então, que lhe havemos de fazer? — retorquia a rapariga. Ninguem me quer... Hei-de obrigar o primeiro que me apareça a casar comigo? Vontade não me falta...

— Quizesses tu... — retorquiam eles. Nós bem sabemos o que por ai vai. Pergunta ao abade, el se ele te quizer repetir o que lhe dizem na barrela de desobriga... Mas tu não precisas. Demais o sabes, tão pouco eles te procuram e tratam de te agradar. Tu é que te fazes tola... e em parte não deixas de andar com juizo. Mas vem um dia em que tem de ser... e então...

— Quer vocemecê casar comigo? — cortava ela sempre com um riso muito alegre nos labios frescos, riso que lhe iluminava a face e lhe rompia dos olhos em jorros de uma luz dulcissima.

— Já vens tarde. Já cá tenho a minha parte e queira a boa sorte que ela não me falte nunca. Mas fosse eu da idade desses patetas que por ai te espreitam, e juro-te que havia de ser eu quem te levaria á igreja. Agora, já não pode ser; nem tu me querias, nem eu estou em idade de me meter em danças.

Riam de novo.

Era o remate. Novos assuntos surgiam, a conversa desviava-se para novo rumo e os ultimos écos do estranho e claro dialogo sumiam-se no rumor das cantigas das outras moças, esperando todos a hora em que o misterio se desvendasse.

* * *

A leitura da carta, se não assombrou a velha, como que preparada de ha muito para a fatal noticia, lançou na alma de todos os que conheciam o rapaz um pesado véu de luto e de amargura.

A tia Candida contára tudo — o desastre, a miseria atenuada pela amisade de seu filho, e os amores, da rapariga com o pobre moço que se fôra.

Houve uma paralisação de assombro em todos os espiritos, um grito de espanto em todas as bocas.

— Pois a Luiza...

Ela não soubéra nunca do desastre. Enlevada no seu sonho de oiro, deixou-se arrastar por ele, á mercê da sua vontade, como uma folha que a corrente leva sob a doçura explendida de uma tarde linda.

Vivia dele e para ele. O resto olhava-o apenas como um prolongamento desse sonho e, por isso, mas só por isso, talvez, o amava tambem.

Quando soube tudo, todo o seu ser estremeceu de pavor. Ao principio, percorreu-lhe o corpo um frio intenso, teve um grande medo, toda ela se encolheu agarrada á velha que a tomára como filha.

Depois veio o aniquilamento, a boca fechou-se-lhe, o olhar imobilisou-se-lhe como que sem luz, fito num ponto, semelhante a dois lagos parados sob um céu enevoado.

Levou assim duas noites.

Na manhã seguinte, quando a velha foi procura-la, já não a encontrou em casa, pelo que se u espavorida, perguntando por ela a todos, sem que ninguem lhe désse noticia de a ter visto passar ainda.

Gastou o dia por lá, correndo tudo, sem lobriga-la, até que ao entardecer, o Lourenço, batendo á porta, lhe estendeu no leito o corpo enregelado da rapariga que, meia hora antes, arrancára do fundo da ribeira.

A lei do inquilinato

Um protesto enviado ao senador sr. dr. Catanho de Meneses

O Centro Democratico Simões d'Almeida e a Liga de Defeza do Inquilinato Portuense enviaram, do Porto, o seguinte telegrama ao senador sr. dr. Catanho de Menezes:

«Em nome do Centro Democratico Simões d'Almeida e da Liga de Defeza do Inquilinato Portuense, que se encontram em sessão permanente, venho declarar a V. Ex.ª que não aceitamos no projecto inquilinato em discussão sob pretexto algum, a faculdade do senhorio poder requisitar casa sua para viver, despedindo os inquilinos.

Tal monstruosidade é da lei do inquilinato da Sidonio Paes, o mais declarado inimigo da Republica democratica. Contra tal concessão lavramos o nosso mais indignado protesto. Semelhante garantia dada aos senhorios produziria nesta cidade do Porto gravissimos acontecimentos. Custa-nos a crer que V. Ex.ª queira ressuscitar essa odiosa disposição incluida no acto dezembrista. Viva a Republica! —O Presidente, Baltazar de Silva.»

TAUROMAQUIA

Algés

Beneficio de Luciano Moreira, o que quer dizer que foi uma casa quasi á cunha. Touros das casas Cadaval e Pinto Barreiros, muito bem apresentados, mas no geral mansos, havendo alguns voluntarios, embora todos nobres e manejaveis.

1.º Grande, de poder e voluntario. Simão da Veiga, filho, prendeu quatro ferros, sendo um bom, o que lhe valeu uma quente ovação pela maneira como consentiu. Custodio Domingos veroniquiva acercas para colocar o touro, mas o publico protesta e com o consentimento do cavaleiro retiram os capotes. O resultado foi andar o cavaleiro a caucar o seu cavalo, que num galope largo se chapou, sendo violentamente colhido, não sofrendo nada o cavaleiro, felizmente, pelo que recebeu uma carinhosa ovação. Estou farto de dizer que sem o touro estar fixado não se pode nem se deve tourear. Foi recolhido a cavalo com desembaraço.

2.º Bragado, gravio, feio e manso. Tomás da Rocha ... ava um par e Custodio Domingos dois pares bons. Rija pega por Chico Marujo.

3.º Muito bonito e manso. Antonio Luiz Lopes, a estrear o seu novo cavalo de combate, aproveita o touro com três ferros, sendo o segundo á tira, de valor, embora levemente tocado. Pegado á volta e ao acabar, o touro investe com um forcado, que faz uma grande pega de recurso, que saíria boa se tivesse ajudas.

4.º Negro, bragado, P. B. Luciano Moreira, a ferros de palmo, faz a gaiola aceitavel e a seguir prende dois pares e meio marca bornal. Pegado de cara por Matias Loureiro. Chamada aos artistas e forcado.

5.º Negro, P. B., bragado, cumpriu. Simão da Veiga cita em curto e terrenos cambiados e consentindo. Deixa cinco ferros, sendo o ultimo curto bom, o que lhe valeu ovação.

6.º Negro, gravio, feio, manso. C. Luciano faz meia gaiola a fugir e mais par e meio da sua marca. Boa pega á volta.

7.º Bragado, grande e manso. P. B. Antonio Luiz Lopes, depois de colocar o touro nos medios, cita em curto terrenos cambiados e de cara e faz um trabalho verdadeiramente artistico, cheio de saidas falsas para ambos os lados. Devido á mansidão do touro, só poude colocar quatro ferros, sendo todos bons, e o ultimo á tira, superior, pelo que teve chamada especial.

8.º Cardeno, C. Cumpriu. Luciano Moreira faz um bornal e o publico pede a presença de Custodio Domingos, que deixa três grandes pares, bem igualados e quarteando-se na cabeça, o que lhe valeu uma grande ovação. Alfarero deixou um par muito bom. Pegado de cara, á terceira, por falta de ajudas.

Inteligencia a cargo de Manuel dos Santos, boa, mas poupando os forcados, por imposições de terceiras pessoa. Recomendo ao sr. Luciano Moreira que organise a sua festa como melhor entender e bandarilhe com ferros de palmo ou mais pequenos ainda, mas não faça monopolio em querer os touros todos para si. Deve tambem bandarilhar quem sabe e quem o publico aprecia.

Resumindo: A corrida foi um bom beneficio para o festejado, um belo trabalho artistico de Antonio Luiz Lopes, um ferro de Simão da Veiga, um grande par de Custodio e algumas pegas. Os campinos tambem merecem referencia, pois recolheram todos os touros a cavalo com muito desembaraço e algumas varas boas. Não concordamos com os campinos a cavalo para auxiliarem a pega á volta. Deve ser feito a pé e devagar.

EL TERNO.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

Os americanos e o teatro

Miss Helen Westley é uma estrela do Teatro Guild, de New York. Tendo vindo á Europa para repousar, declarou a uma sua colega franceza, que a interrogou sobre o teatro americano, o seguinte:

—«Não, os americanos não sabem escrever boas obras de teatro, pela razão simples de que não pensam a serio na vida e nas complicações que ela traz. Por isso não podem traduzir o drama da vida. Quando queremos boas peças, vimos buscal-as á Europa. Não o dizemos publicamente, porque os americanos não gostam de confessar estas coisas, mas é a verdade».

Leopoldo Froes em Lisboa

Leopoldo Froes, que ha pouco tempo foi nosso hospede, já se encontra no Rio, á frente da sua companhia, que tem como estrela a actriz Alice Ribeiro. Esta companhia em determinada epoca, virá fazer uma temporada em Lisboa, no Politeama, com a empreza Luiz Pereira, indo para o Rio a companhia Rey Colaço, para o S. Pedro.

Estas são, ao que parece, as bases de futuros negocios, devendo entrar na liga das temporadas teatrais do Rio, o emprezario Luiz Pereira, que ali fez epocas excelentes.

O reportorio será da companhia Froes, compondo-se das melhores novidades dos teatros de Paris, sendo a estreia com «La sonete d'alarme», grande exito de Rosenberg, no Athenée.

Noticiario

De Portugal

No «Fado Corrido», que se está representando no S. Luiz seguir-se-ha a «Torre de Babel», da 1 arceria.

—O Chiado Terrasse funcionará no inverno como teatro de revista, com uma peça de Luiz d'Aquino, Xavier de Magalhães e Alberto Barbosa.

—A empreza Ramos, Limitada do teatro S. Luiz, trará no proximo inverno a Lisboa as artistas francezas Sacha Guitry, Pierat, Yvenne Printemps e a actriz espanhola Margarita Xirgú.

—Estão melhores o actor Alfredo Ruas e a actriz Anita Salambó.

—O actor Antonio Gomes representará no inverno no Eden Teatro.

—O Coliseu dos Recreios reabre em principios de outubro com espectaculos de circo e variedades.

—O actor Silvestre Alegrim reaparecerá no Apolo no «Comissario de Policia».

—No Eldorado estreia-se na proxima quinta-feira a coupletista La Maravilla.

—A peça que no Nacional se segue aos «20.000 dollars» é a «Tipoia do Catitas», adaptação de André Brun.

—Sobe hoje á scena no Apolo a peça «As pupilas do sr. Reitor».

—E' esperada no Rio a companhia franceza do Ba-Ta-Clan, que em outubro proximo representará em Lisboa. A' frente da companhia vem a celebre Mistinguett, trazendo, entre outros artistas, os seguintes: Fernande Diamant, cantora e bailarina com toilettes de luxo oriental; Jane Aubert, loura, alta e voluptuosa, de uma captivante simplicidade; Gaby Raymond, fantasista, imitadora e «commere» oficial de agradavel figura, e os bailarinos e bailarinas Mirka, Fiorett e Sacha Gondine, que fez parte da troupe de Nijinsky.

Reclames

NACIONAL

Hoje voltam a repetir-se no Nacional os «20.000 dollars» cujo exito continua a ser verdadeiramente grandioso, o que, afinal, não é estranhavel, pois a famosa peça policial possue todos os requisitos para interessar vivamente o publico, que chega até ao final sem prever-lhe o desfecho, depois de ter assistido a uma continuidade de scenas absolutamente imprevistas e dominadoras.

S. CARLOS

Lucilla Simões, a talentosa actriz que pelas suas excepcionaes e talentosas qualidades, tem sabido conquistar o apreço geral do publico, intrepreta hoje em recita da moda, e pela primeira vez em S. Carlos, na actual temporada, a «Casa em Ordem», a notavel peça ingleza de Pinero, na qual tem uma das suas mais fulgurantes coroas de gloria.

EDEN TEATRO

O publico apreciador de numeros estrangeiros, em variedades, não deixará de ocorrer ás bilheteiras deste teatro, a comprar bilhetes para ver, admirar e aplaudir os numeros que actualmente compõem o elenco desta apreciavel casa de espectaculos e que são os melhores do seu genero.

MARIA VITORIA

Ao teatro Maria Vitoria a romaria prosegue para ver e aplaudir o «Fado Corrido», nas duas sessões. E' que essa revista de luva branca, vasada em moldes graciosissimos e optimamente interpretada, agrada sempre. Esta noite repete-se a fantasiosa revista.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9—«Casa em ordem».
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
POLITEAMA—A's 9,30—«Aventuras de Rafael».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—4 vacas bravas.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Escandalo oculto».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: E. PLANTIER & C.ia Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA Telefone N. 320

Algumas das muitas vantagens da maquina de escrever "TORPEDO"

Escrita imediata e permanentemente visivel.
Dedilhação ligeira e elastica.
Andamento quasi sem ruido.
Comutação de linhas automatica.
Transporte de fita de côr seguro, original, com transmissão de engrenagem.
Enorme força de percussão.
Dispositivo do desengate da fita de côr, para fazer matrizes de cera para tirar copias: uma só manipulação.
Escrita espaçada sem emprego da tecla de espaços.
Carro a tirar para fóra por meio duma só manipulação. Escusado o desengatchar a cinta de tracção ou da mola.
Cilindo recostavel. O cilindro pode ser recostado e fixo, para proceder-se comodamente a correcções. Não é pois necessario, como se tem feito até agora, o puxar o papel para fora da linha de escrita.
Parte superior do carro, extrahivel. O cilindro, a mesa e o guia de papel podem ser trocados sem auxilio de qualquer instrumento e o carro inteiro pode-se desmontar em poucos segundos.
Cilindro facilmente cambiavel. O cambio é feito na «TORPEDO» por meio duma só manipulação. Jogo de alavancas de tipos invisivel.
Limpeza facil dos tipos.
Mudança comoda das alavancas de tipos e de teclas.
Pode-se escrever alem dos marginadores.
Tecla de recuo.
Podem-se fazer funcionar comodamente todos os mecanismos, sem alterar a postura do corpo.
A pedido especial: Dispositivo para escrever em varias cores. Colocador de colunas.

AS «TORPEDO» com carros especialmente largos servem para preencher folhas extraordinariamente largas como são usadas para formularios especiais, (apolices, tabelas, conhecimentos, guias de caminho de ferro) de companhias de seguros, autoridades, administrações, etc.

Agentes no Sul do Paiz:

J. Anão & C.a, L.da

RUA DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

Telefone N. 3536

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: ESTEVES, L.da

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º Telef. N. 1178

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO
Rua Vitorino Damasio, 10
TELEF. CENTRAL 3120

Coutinho & Figueiredo L.a

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 17 de Julho de 1923, lavrada nas notas do notario desta cidade, dr. Peres da Noronha Galvão, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que nesta praça girava sob a firma «Coutinho e Figueiredo L.da», constituida por escritura de 10 [illegible] de Fevereiro do presente ano entre os srs. José de Figueiredo e Manuel de Araujo Coutinho Junior nas notas do mesmo notario, ficando os referidos srs., seus unicos socios, nomeados liquidatarios da mesma firma, e [illegible] liquidação deverá ser feita no prazo de dois mezes a contar da primeira das citadas escrituras, ou seja de 17 de Julho do corrente ano.

Lisboa, 3 de Agosto de 1923.

O notario—Adriano Joaquim da Silva Graça Junior.

NA RUA imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
recorrendo á

ILUMINADORA
— DA —
ESTEFANIA
— DE —
Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

TINTURARIA — DO — POVO — DE — José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.
Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.
Côres fixas — Preços 50 °/o mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Aos Fotografos!

Devido a uma compra muito vantajosa efectuada na ALEMANHA estamos habituados a oferecer:

CHAPAS KRANSEDER
Ultra rapidas:

Tamanho 18 x 24 a duzia 42$50; 13 x 18 a duzia 23$00
12 x 16,5 a duzia 20$00; 10 x 15 a duzia 16$00; 9 x 12 a duzia 11$00; 6,5 x 9 a duzia 7$00.

Garante-se que as chapas estão novas, sendo um fabrico de primeira ordem.

Comprem até que haja «stock»

Tomando pelo menos 10 duzias, dá-se 20 °/o de desconto

Firma Carlos Ataide & C.a, Lt.a

Secção de importação
RUA AUGUSTA, 138, 2.º

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c.-(Telef. C. 5113)

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 4444

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações insensiveis por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo 127

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, e torpecimento, durezas, pisaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E' soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

Poupa tempo dinheiro e roupa

ACH. BRITO—PORTO

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo cloreto e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga—conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregá-la entre as mãos quando haja sujos ou nodoas rebeldes de sahir porque, amolecidas já pela barrela, se desfazem rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—3, Rua de S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2440, uma empregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes em
FRANCEZ :: INGLEZ
Já está aberta a inscrição

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglez e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO
(Fornecedor da Legação Britanica)
29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33
TELEFONE C. 1884

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens
Sempre ao melhor preço.

A. Pinheiro da Costa
Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1789

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4450-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quarta-feira, 8 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

O sr. Teixeira Gomes fez declarações ao correspondente do "Journal„ em Londres, acentuando a sua fé nos destinos da Republica.

A causa monarquica

Publicámos ontem uma interessante entrevista com um categorisado monarquico, decerto um dos elementos mais activos, inteligentes e corajosos que tem dado á causa monarquica uma mais desinteressada cooperação, e que tem sofrido o desgosto de ver essa mesma causa entregue a creaturas que lhe não tem preparado senão os mais duros revezes.

Disse o ilustre entrevistado de «A Capital» que na direcção do partido monarquico se entrincheiram os antigos franquistas, ou sejam aqueles politicos que maior damno causaram ás instituições monarquicas pela desagregação de forças que provocaram.

E' isso absolutamente certo. São com efeito os franquistas que ditam leis ao campo monarquico. Franquista é o «leader» monarquico no parlamento; franquista é o director do jornal considerado o orgão oficial da causa; franquista é o famoso caudilho das incursões e das Trauliitanias que não tem levado os monarquicos senão para miserrimas aventuras seguidas de vergonhosas derrotas.

Entretanto, a entrevista de ontem suscita-nos algumas observações, por meio das quaes nos parece facil chegar á conclusão de que não é só o franquismo que está falindo, mas sim a causa monarquica que já não tem nenhuma probabilidade de exito.

Foi o franquismo que veio dar o ultimo golpe na monarquia brigantina? Sem duvida alguma; mas a verdade é que o franquismo não seria possivel sem ser já um facto a desagregação das forças monarquicas.

Nesses termos a ação do franquismo é mais um efeito do que uma causa.

Quando surgiu o franquismo, o partido regenerador que depois da morte de Fontes já vinha patenteando a sua decomposição, primeiro revelada com a dissidencia de Barjona de Freitas, conhecido pelo «Esquerda Dinástica», entrou desde logo numa larga agonia.

O mesmo sucedeu, de resto, ao partido progressista, que depois de se ver abandonado por homens como Mariano de Carvalho, Emidio Navarro e Antonio Enes, sofreu a mutilação da dissidencia progressista, tendo á sua frente os srs. José de Alpoim e Moreira de Almeida.

Todas estas dissidencias foram machadadas na monarquia? Certamente, mas quando elas surgiram já não havia na realidade grandes partidos monarquicos.

Não duvidamos concordar com o nosso entrevistado em que de todas essas machadadas no regimen a mais grave foi a da acção do franquismo, que fez odiar o trono por todo o povo portuguez. Concordamos em que, por isso mesmo, eram os franquistas os elementos politicos menos indicados para presidir aos destinos da causa monarquica, mas é um erro supor que essa causa teria maior viabilidade se outros elementos da mesma politica a dirigissem.

Quando se implantou a Republica, já o franquismo era uma patrulha, sem existencia oficial; mas os outros partidos nada valiam tambem. Os progressistas estavam divididos entre fações variadissimas — o mesmo sucedia aos regeneradores. Havia os grupos de Wenceslau de Lima, de Julio de Vilhena, de Teixeira de Sousa, de Campos Henriques, e não sabemos que mais. Uma verdadeira Torre de Babel, em que ninguem se entende e tão fragil como um castelo de cartas de jogar.

A causa monarquica é uma causa perdida. Não tem ideias, não tem futuro, não tem popularidade, não tem homens. Seja quem fôr que a procure fazer triunfar, ela está sempre irremessivelmente destinada á derrota.

Presidente da Republica

Deve embarcar ámanhã ao fim da tarde, em Braga, para Lisboa o sr. dr. Antonio José d'Almeida, ilustre Presidente da Republica.

O comboio virá em marcha lenta, não se podendo fixar, por isso, a hora da sua chegada á capital.

Um grupo de republicanos pensa em fazer ao ilustre Chefe do Estado uma calorosa manifestação de simpatia, na estação do Rocio.

8.000 AUTOPSIAS

52.000 exames directos e 5.000 exames toxicologicos realisou desde 1911, o Instituto de Medicina Legal

O infecto, o velho pardieiro onde está instalada a Morgue de Lisboa já tem merecido toda a sorte de comentarios da imprensa. Toda. E com razão. Quanto mais ali vamos, mais instante se nos mostra a necessidade de transforma-la, num estabelecimento decente, limpo, higienico, com o ar e a luz indispensaveis.

Parece que dentro em pouco assim sucederá. Quando ali estivemos ontem, podémos conversar com o sr. dr. Azevedo Neves sobre as ampliações a que se está procedendo naquele edificio, a fim de torna-lo, não diremos modelar, mas excelente.

Disse-nos o ilustre professor que as obras não caminham mais rapidamente porque o Estado só paga em dia a mão de obra, pois o pagamento do material só o faz quando muito bem lhe parece. O regimen seguido na construção do novo estabelecimento é o antigo, de 1 de mão de obra por cada 2,9 de material. O numero de trabalhadores regula-se pela quantidade de material, tudo isto, é claro, dentro das possibilidades do orçamentoo estabelecido.

Os salarios são conformes ao trabalho produzido, pois que os operarios que ali trabalham são empreiteiros ao mesmo tempo. O sr. dr. Azevedo Neves acentuou que se tem dado admiravelmente com este sistema, pois, ainda não surgiu ali o mais ligeiro conflicto.

* * *

Ocupamo-nos depois da importancia daquele estabelecimento, dizendo-nos o seu ilustre director que ficará o melhor do mundo, pela riquesa de material com que conta. Emquanto noutros paizes o serviço de medicina legal está dividido das comarcas e adstricto á faculdade de medicina, entre nós o ensino acompanha o serviço dos tribunais.

Desde agosto de 1911, em que o sr. dr. Azevedo Neves assumiu a direção do Instituto, fizeram-se ali nada menos de 8.000 autopsias, 52.000 exames directos e 500 exames toxicologicos.

Ali se prepararam já para concurso alguns estudantes estrangeiros, entre eles dois brazileiros. O Brasil, que liga grande importancia a estes assuntos, vai utilisar dois dos palacios da Exposição para instalação dos serviços medico-legais, que, de resto, já lá estão bem organisados, graças á competencia do seu director, o sr. dr. Moretsohn Barbosa.

O Instituto está nas melhores relações com todos os estabelecimentos congeneres estrangeiros. O jornal que ali se publica saírá no proximo numero redigido em cinco linguas: portugues, espanhol, francez, italiano e alemão, colaborado por individualidades notaveis na sciencia mundial.

O principal caracter do Instituto de Medicina Legal reside na sua organisação centralisadora dos varios estabelecimentos do seu genero existentes em toda a parte, contribuindo bastante para a comunhão intelectual dos paises da raça latina com os outros.

* * *

Como depois nos ocupassemos dos ultimos grande crimes praticados em Lisboa, o sr. dr. Azevedo Neves falou-nos com entusiasmo do notavel trabalho que o sr. dr. Ferreira Marques realisou elaborando, depois do exame do cadaver da Josefa Lino, assassinada e esquartejada pelo cabo Moreno, um magnifico relatorio em que o assunto é detalhado minuciosamente. Esse trabalho com cerca de 200 páginas, abrange tres partes: o exame dos fragmentos do cadaver, o das peças do vestuario e o dos instrumentos da agressão.

E o sr. dr. Azevedo Neves falou-nos demoradamente do assassino, reconhecendo indispensavel que ele seja estudado sob o ponto de vista antropologico e mental, apontando-nos alguns outros casos estranhos de desequilibrio.

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS :-:-: LEITORES DA «CAPITAL» :-:-:

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

ROBERT BENSON

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, em que o notavel romancista ingles Robert Benson conta o que de mais curioso e pertubador ha nas relações do homem com o infinito.

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

A' RODA DA POLITICA

Uma renuncia

«O Governo não faz nada, o Parlamento não faz nada, os politicos não fazem nada» diz o sr. dr. Joaquim Ribeiro

Recordando a eleição presidencial

O sr. dr. Joaquim Ribeiro, republicano de sempre e deputado independente tendo prestado ao regimen serviços que ocupam uma larga folha, renunciou ao seu logar na Camara.

E para que se não dissesse que aguardava as «démarches» que é de uso fazer em circunstancias semilhantes, abalou para Tomar e refugiou-se nas suas propriedades. Nem a eleição presidencial, apesar do entusiasmo, que, sempre por ela mantivera conseguiu arranca-lo ao campo e traze-lo de novo até á fornalha politica de onde voluntariamente se afastou.

Ora o sr. dr. Joaquim Ribeiro apareceu hoje inesperadamente na Arcada. Rodearam-no os politicos no intuito de o demoverem do seu proposito. Abordou-o naturalmente o jornalista desejoso de saber novidades que transmite aos seus leitores.

— Porque motivo abandonou v. ex.ª a Camara!

— Varios motivos; alguns dos quaes não posso e não devo tornar publicos neste momento. Mas sobretudo o que me aborreceu foi a verificação de uma esterilidade absoluta dominando o Parlamento e ficando perante a opinião republicana como sua caracteristica unica.

«Que fez o Parlamento nestes largos meses de aturado e extenuante trabalho? Nada, absolutamente nada. Nenhum dos graves problemas que afectam a nacionalidade, que podem amanhã fazer perigar a paiz, ficou resolvido. Em compensação, por longas sessões se arrastou um debate politico inutil. Já todos nós sabiamos o que aquilo ia produzir. Uma moção de confiança, e uma maioria que aprova essa moção de confiança. Pois para isto se perderam algumas semanas. Não ficou sequer uma afirmação, não se evidenciou um proposito, não transpareceu uma intenção. Apenas com uma evidencia desoladora, o proposito de desperdiçar tempo.

— Mas, diz-se, que foi a questão cerealifera...

— Sim sei o que se diz. Na verdade a falta de resolução para o problema do pão foi dos motivos fortes que me levaram a assumir uma atitude de renuncia. Mas não foi apenas essa.

«Não, o Governo não faz nada, o Parlamento não faz nada, os politicos não fazem nada. E como eu não ando nisto por interesse e como eu tenho servido sempre a Republica, sem dela ter recebido nada, não me conformo e não aceito situações que sou o primeiro a reconhecer menos convenientes.

«E' possivel que todos venham a tomar juizo. Mas neste instante eu vejo apenas a realidade, isto é, a perspectiva de um cáos onde todos nós podemos ir mergulhar, e para sempre.

Recordando a eleição presidencial.

— O meu candidato era o dr. Bernardino Machado. Ninguem o ignorava. Se tivesse vindo votaria incondicionalmente no seu nome.

— O resultado da eleição?

— Não me surpreendeu. Esperava-o, porque são as maiorias em regimen parlamentar, quem manda.

— A atitude dos nacionalistas?

— Reputo-a inconvenientissima. Aquilo não se faz. E' impolitico e dá ao acto uma significação pessoal que ele não pode nem deve revestir. Foi muito mau que assim procedessem.

— O que deveriam ter, então, feito?

— Ou votar até ao ultimo escrutinio no nome do dr. Bernardino Machado, se queriam prestar-lhe essa homenagem, e ele merece todas as homenagens, ou votavam no terceiro escrutinio o candidato até então mais votado. Este saíria desse modo engrandecido e prestigiado, como a sua função requer.

«Assim os nacionalistas alienaram muitas simpatias. E' um partido de oposição, que em vez de se robusteces, se diminue. E isto é um sintoma tremendo para a vida e para a marcha da Republica.»

Assim falou o dr. Joaquim Ribeiro.

Humberto Virgilio Guimarães de Brito

Fabio Virgilio Franco de Brito, Amelia Guimarães de Brito e Jovita Constança Trigueiros de Brito, participam que no proximo dia 9 mandam resar uma missa na Egreja de S. Nicolau pelas 12 horas do dia; por alma do seu chorado filho e marido.

Uma aventura

De Southampton ao Funchal

viajam quatro austriacos num navosinho de cinco tonelads liquidas

FUNCHAL, 2 — Ainda ha pouco estiveram entre nós tres irlandeses que, numa fragil embarcação, seguiam para a Nova Zelandia.

E já hoje temos a assignalar a noticia de que se encontram neste porto, a bordo dum iate de cinco toneladas, com destino a Nova York quatro *sportsmen* dedicados ao sport nautico, que estão realisando uma viagem que é uma verdadeira aventura.

Trata-se de quatro austriacos que, talvez desgostosos com a desgraça economica e financeira que fére a sua patria, resolveram afastar-se dela e lançar-se numa viagem aventurosa atravez dos mares, em direcção ao Novo Mundo, onde ha bons dollars que deixam a perder de vista os marcos e corôas e outras moedas da velha Europa.

Os seus nomes são Einsle, F. Plunder, F. Jochum e J. Ledergerber, sendo o primeiro o comandante do iate a que deram o nome de «Sowitasgoth V».

Eles proprios foram os operarios do seu pequenino e elegante navio que construiram na cidade de Hard na Austria, sendo experimentado num lago e vindo depois, em combolo, através da Alemanha até Hamburgo.

Todos os seus haveres empregaram-nos eles nessa construção, lutando com imensas dificuldades e sacrificios para conseguirem conclui-la, em consequencia da crescente desvalorisação da moeda austriaca.

Por fim, concluido o navio, até lhes faltou o ferro para o lastro, pelo que este foi feito com sucata e argamassa de cimento.

A largada de Hamburgo fez-se no dia 4 do mez findo, com destino a Southampton, de onde vieram para o Funchal, gastando na viagem 12 dias.

Como acima dissemos seguem para Nova York tencionado deixar o Funchal dentro de alguns dias.

Daqui seguirão rumo sul até 29º, metendo depois para o norte a fim de seguirem a corrente dos ventos mais favoraveis.

Pela America do Norte

O presidente Coolidje

As maximas pelas quais orientará a sua politica

NEW YORK, 7—São do teor seguinte as maximas pelas quais o presidente Coolidje se propôz orientar a sua politica no alto cargo a que subiu e nas quais se resume o programa que fez distribuir pelos seus eleitores, quando candidato á vice-presidencia da Republica:

1.º — Fazer o teu trabalho quotidiano;

2.º — Sempre que se trate de proteger os direitos do fraco, quaesquer que sejam as obrigações, protege-os;

3.º — Se fôr preciso ajudar uma forte corporação que melhor possa servir os interesses do povo, qualquer que seja a oposição, ajuda-a;

4.º — Espera ser apelidado de reacionario; contenta-te em não ser reacionario;

5.º — Espera ser apelidado de demagogo; contenta-te em não ser demagogo;

6.º — Não hesites em te mostrares tão revolucionario como a sciencia;

7.º — Não hesites em te mostrares tão reacionario como a taboa da multiplicação;

8.º — Não julgues que fortaleces ás o fraco esmagando o forte;

9.º — Não tenhas pressa em fazer leis;

10.º—Dá á administração tempo para aplicar as que estiverem feitas.

Milhões e milhões de notas

As tipografias alemãs trabalham activamente

BERLIM, 8—F Reichsbank resolveu com o auxilio de seis tipografias intensificar a emissão diaria de notas devendo lançar no mercado 8.000 biliões de marcos. Estão-se imprimindo novas notas de 10, 20 e 50 milhões de marcos. Para poupar tempo as notas são impressas só dum lado. No entanto, a situação agrava-se cada vez mais. O pedido de cambiais é muitissimo superior ao numero de cambiais existentes. Tem-se a noção de se estar nas vesperas uma grande catastrofe. O Reichstag reune na quarta feira devendo pronunciar o chanceler um grande discurso.

Tendo sido probibido aos comerciantes a retalho de negociar sob o padrão ouro, estes decidiram, como protesto, fechar amanhã as portas dos seus estabelecimentos, com excepção dos comerciantes de viveres. Resolveu-se tambem que de amanhã em deante os estabelecimentos só estejam abertos seis horas por dia.—(R.)

O RESCALDO DA ELEIÇÃO

Historia das listas brancas

contada pelo deputado nacionalista

Dr. Carlos de Vasconcelos

Como o partido nacionalista responderá ao ostracismo preconisado pelo sr. dr. José Domingues dos Santos

Foi mesmo aqui, ao pé da porta, que encontrámos o sr. dr. Carlos de Vasconcelos, um dos mais combativos e interessantes deputados nacionalistas. E, como, alem disso, o sr. dr. Carlos de Vasconcelos é um decidido amigo dos jornalistas, para os quais tem sempre uma boa informação ou uma novidade de fazer agua na boca, preguntámos depois do cumprimento sacramental:

— Sr. dr.: a atitude do seu partido diante do novo Presidente?

— Não sei qual seja. Os chefes decidirão.

— Mas a resolução de votar em ultimo escrutinio com listas brancas...

— Bem sei; foi aprovada na reunião dos parlamentares. Eu votei contra êle, propondo que levassemos até o fim a votação do nome do sr. dr. Bernardino Machado.

— Nesse caso, v. ex.ª é um dos cinco que sufragaram o nome do antigo Presidente em ultimo escrutinio.

— Não, Eu votei com o meu partido.

* * *

Uma interrupção. Depois, o sr. dr. Carlos de Vasconcelos informa:

— A proposta de votar em ultimo escrutinio com listas brancas partiu de um correligionario meu, de origem unionista. Os parlamentares aprovaram — e eu submeti-me.

— O seu partido não tinha tomado, anteriormente, qualquer atitude em relação á candidatura Teixeira Gomes?

— Não, senhor. O presidente do directorio nacionalista, dr. Ginestal Machado, estava estudando, com o sr. Antonio Maria da Silva, a escolha do candidato á apresentar. Apreciava-se uma lista composta de quatro nomes: Bernardino Machado, Duarte Leite, Teixeira Gomes e Magalhães Lima.

— O sr. Antonio Maria da Silva «vétou» logo o nome do nosso embaixador no Brasil...

— Não, senhor. Disse, até, que era um nome simpatico ao seu partido — mas que, provavelmente, o sr. dr. Duarte Leite não aceitava a indicação do seu nome. O sr. dr. Ginestal Machado comprometeu-se a falar ao ilustre diplomata, que respondeu afirmativamente...

— Mas com a condição de o seu nome ser indicado pelos dois maiores partidos... — objectámos.

— Não. O sr. dr. Duarte Leite não poz condições. O que aconteceu foi isto, simplesmente: como o seu nome não era antipatico ao partido democratico, na opinião do sr. Antonio Maria da Silva, e o partido governamental não tinha ainda um candidato escolhido, partiu-se do principio de que o futuro Chefe do Estado podia ser apresentado pelos dois partidos.

— Mas a atitude do seu partido em face do sr. Teixeira Gomes?

— Não era nenhuma. Não podia havê-la. Estava-se ainda, no periodo das negociações... Com grande espanto nosso, porém, o partido democratico, antes delas terem concluido, fez questão fechada na candidatura do sr. Teixeira Gomes.

— V. Ex.as, então, resolveram votar o nome do sr. dr. Bernardino Machado.

— Porque o sr. dr. Bernardino Machado, alem de ser uma das figuras mais representativas da Republica, era um candidato com boas probabilidades de exito. A nossa votação representava uma homenagem — e a esperança de conquistar para o nosso partido a popularidade que lhe faz...

— Mas alguns deputados nacionalistas foram vaiados á saida do Parlamento...

— Decerto, por termos votado com listas brancas no ultimo escrutinio.

* * *

— Que vão fazer agora os seus correligionarios?

— Sei lá! Os corpos dirigentes do partido resolverão.

— Mas não poderá haver qualquer manifestação de hostilidade para o novo Presidente?

— Não. A nossa atitude foi marcada na eleição...

— Com listas brancas...

— Sim, mas elas representaram apenas o protesto contra a atitude do partido democratico. Mais nada. O meu partido não tinha razões contra o sr. Teixeira Gomes. Teve-as, apenas, contra as circunstancias em que a sua candidatura foi lançada.

— Mas, se o novo Presidente não esquecer as listas brancas?...

— Veremos o que ha a fazer.

O sr. José Domingos dos Santos falou ontem ácerca da atitude dos nacionalistas e parece que em termos de uma certa gravidade...

— Não ha duvida. O sr. José Domingos dos Santos falou num tom solene.

— Mas os senhores fechar-se-hão num ostracismo de quatro anos, como diz o «leader» democratico.

O sr. dr. Carlos de Vasconcelos sorriu, apertando-nos a mão. E disse:

— Um partido como o nosso não vai para o ostracismo. Se, porém, os democraticos quizerem relegar-nos a essa situação, do estado de coisas criado pelo novo Presidente — um novo estado de coisas terá de saír...

Um jornalista espanhol

que é um grande amigo de Portugal

Encontra-se actualmente em Portugal um dos jornalistas e, sobretudo um dos escritores de maior prestigio e de maior popularidade da Espanha Moderna, Wenceslau Fernandes Flores.

E' cronista diario do «A B C» de Madrid onde assim com o pseudonimo «Um hombre de buena fé», colaborador permanente, entre os poucos que formam o quadro de exclusivos da «Novela de Hoy», romancista moderno, da «Volvoleta» que vai no 18 milhar e que foi duas vezes premiado e de «El secreto del Barba Azul» que acaba de editar-se e do qual em dois mezes, se venderam 6,000 exemplares. Wenceslau Flores, parece ter herdado de nosso Eça o espirito da ironia leve e suave e piedosa. O seu estilo é uma maravilha de dificuldade; de el rosa, de imaginação grafica. Os seus assuntos, arrancados á simplicidade dos dramas sem importancia da vida, atingem, no genio da manufactura, as tragedias silenciosas e intimas que convulsionam e perturbam.

O nosso visitante é um grande amigo de Portugal, confesso e declarado. Traduziu as «Farpas» do Eça para espanhol e conhece perfeitamente todo o nosso momento literario.

Uma ruina consciente

A travessia da Mancha

feita em 27 horas e meia — Uma mulher resistente

LONDRES, 8—O nadador americano Henry Sullivan conseguiu atravessar o Canal da Mancha tendo estado na agua 27 horas e 23 minutos. Mrs. Mille Carson, de nacionalidade dinamarqueza, pretendeu tambem atravessar o canal. Lançou-se á agua de manhã e só abandonou a sua tentativa á meia noite quando estava a duas milhas da costa. Esteve na agua cerca de 15 horas. Se o mar não estivesse agitado, provavelmente teria conseguido atravessar o canal.—(R.)

"Os Sports"

Este bi-semanario hoje o mais completo jornal desportivo e que dia a dia vem afirmando a sua excelente orientação publica no seu numero que saiu hoje uma interessantissima entrevista com o sr. dr. Azevedo Gomes, sobre a Camara Municipal e os Sports», um notavel artigo sobre o profissionalismo no football assunto que está agitando o meio sportivo, alem das suas sempre cuidadas secções de natação, remo e outros sportivos.

Os sports publicam tambem no seu numero de hoje um palpitante artigo sobre o conflito nos estados entre esgrimistas srs. José Paiva e Mascarenhas de Menezes.

No proximo numero o interessante jornal publicará a reportagem desenvolvida da assembléia que hoje se realisa na Associação de Foot-bal de Lisboa.

Os sports são postos á venda ás 4.as feiras e sabados, á tarde.

NOTAS A LAPIS

A memoria dos homens

A proposito da passagem do 9.º aniversario da declaração da guerra, que aqui assinalámos, um jornal inglez pergunta o que é feito daqueles cujos nomes durante quatro ou cinco longos anos andaram em todas as bocas, conduzindo ao triunfo ou á derrota as mais nações europeias. O jornalista britanico tem razão. Durante o periodo da guerra surgiram nomes que hoje mal aparecem, alguns até em que nunca mais ninguem falou.

Lloyd George caiu no fim duma sessão do Parlamento em que brilhou... pelo seu silencio, em seguida ao que foi fazer conferencias para a America; o ex-presidente Wilson, a contas com a doença, vê terminada a sua carreira politica; o Kaiser e o Kromplinz estão exilados, um em Doorn e o outro em Wieringen; Kerenslay, salvador e libertador efemero da Russia, é chefe da redação de um pequeno jornal; o granduque Alexandre, irmão de Nicolau II, guardou todas as suas medalhas e ganha a vida a escrever para os magazines; o marechal Haig faz todo o possivel para transformar o mundo «num planeta de herois», segundo a fraze de Lloyd George; o general Wrangel lança mão de tudo para ganhar a vida, etc.

E' os nossos, o que fazem? Quem fala já nos generais Tamagnini e Gomes da Costa!

Os nomes passam vertiginosamente, como os acontecimentos que os envolvem. Duram um minuto, para serem substituidos por outros, que por seu turno desaparecem tambem.

Clemenceau foi o pae da Vitoria; no entanto, hoje só se fala de Poincaré, o invasor do Ruhr. E ainda há dois dias o nosso Parlamento pôs de parte o nome de Bernardino Machado, incansavel propagandista da Republica e o mais activo intervencionista de Portugal na guerra, trocando-o por outro.

A ingratidão dos homens não é uma palavra vã.

Dr. Couceiro da Costa

Teve a gentilesa de apresentar-nos os seus cumprimentos, agradecendo-nos as apreciações que fizemos a seu respeito, o ilustre ministro de Portugal em Viena.

Quando ontem nos avistámos com o sr. dr. Couceiro da Costa para ouvil-o sobre o acôrdo comercial ultimamente assignado com a Austria, o ilustre diplomata falou-nos detalhadamente das negociações que precederam essa assignatura e que foram por ele entaboladas. Esse acôrdo entrará a vigorar no proximo dia 10. O sr. dr. Couceiro da Costa não pôde por falta de tempo expôr-nos minuciosamente as caracteristicas do acôrdo, que de resto a folha oficial inseriu. Ao contrario do que hontem fisemos, o actual Presidente do ministerio Austriaco, Seipel, não foi padre—é-o ainda, e os seus afazeres não o inhibem de cumprir os seus deveres de ministro da religião catolica.

A tristesa sobe...

Os sabios descobrem coisas assombrosas. Se a gente os deixa, sós alguns instantes dão-nos a conhecer as descobertas mais extraordinarias e os raciocinios mais desconcertantes.

Um dêles descobriu agora que o riso diminui de ano para ano. E para o provar, elaborou uma estatistica em que se diz que os 6 por cento de caras alegres que havia em 1927 desceram, em 1923, a 2, 25 por cento, sendo tambem, actualmente apenas 10 por cento que eram os sorrisos mais subtis.

E' possivel que isto seja assim. Os sabios dizem-no e eles lá sabem porque o dizem. No entanto, isto parece incrivel, havendo ainda nêste mundo tanta coisa, tanta que provoque o riso.

O cachimbo é o homem

Um pintor inglez, que tem feito o retrato das mais notaveis individualidades europeias, pintou o retrato do primeiro ministro inglez. Uma revista reproduziu esse retrato, que causou sensação e foi alvo das mais acerbas censuras. Um jornalista dirigiu-se ao atelier do artista e apontando-lhe a gravura em questão, interrogou-o:

—E', de facto, o sr. Baldwin a pessoa retratada?

E, como o artista, perplexo, lhe dissesse a medo que sim, o jornalista retorquiu-lhe:

—Não acredito porque o sr. Baldwin sem cachimbo não é o sr. Baldwin.

E não houve razões que o demovessem de tão estreito raciocinio.

Dois calices... de Porto

Dois namorados que em Paris passaram juntos a tarde do ultimo domingo, quizeram, antes de se separarem, deliciar-se com um calice de Porto. Entraram num bar, mas o criado que os serviu, em vez de lhes fornecer a deliciosa bebida, utilisou uma garrafa com um produto quimico que momentos antes uns pintores tinham deixado a guardar.

Os dois namorados sentiram-se queimados e envenenados, pelo que foram conduzidos a um posto de socorros. Que ideia ficariam fazendo do vinho do Porto os dois pobres pequenos?...

Viajantes perigosos

O vapor americano «Drammensfjord», que vai a caminho de Hamburgo, leva a bordo grande numero de animais selvagens: cinco casais de leões, sete tigres, cinco panteras, cinco jacarés, hienas e macacos de toda a especie. A' popa seguem doze camelos e varios bufalos, alguns dos quais teem sido abatidos para alimentação das féras.

Seguem tambem 150 gaiolas com aves diversas. Todos estes animais se destinam á «menagerie» Hagenbeck, daquela cidade.

O valor das mulheres

Um jornal norte-americano, de feminismo integral publicou um interessante resumo do valor mercantil das mulheres nos povos barbaros, onde as representantes do belo sexo são consideradas escravas. Por aquelle resumo verifica-se que no Uganda uma mulher vale seis agulhas e um pacote de cartuchos de polvora.

Entre os cafres, custa mais caro: paga-se por uma mulher de dois a dez bois, segundo o tamanho do animal. Os tartaros do Turkestão avaliam o seu peso em manteiga. No Kamchatka, a mulher vale de uma a dez renas. Emfim, na costa septentional da Australia, compra-se uma mulher por uma caixa de fosforos.

Em compensação, no mundo civilizado, são as mulheres que compram os homens com dotes que variam de 20 contos a alguns milhões.

O caso de Bicholim

Como o sr. dr. Afonso Costa põe e dispõe do paiz

«Sr. director — No artigo do fundo da «Capital» de ontem referiu-se v. muito a proposito ao caso de Bicholim. Se ele tivesse passado nos termos em que ai vem narrado, a atitude do sr. Afonso Costa seria de louvar. O caso porém, passou-se dum modo diferente e muito mais grave. O sr. Afonso Costa interveiu para cometer mais uma violencia, prejudicando esse rapaz que tinha melhor direito, e ordenando que fosse nomeado para o logar que tinha habilitações!

O sr. Rodrigues Gaspar hesitou em cometer uma tal porcaria, mas quando o seu dono lhe telegrafou segunda vez de Paris... consumou-a!

«Pues vaya uma honestidad!» dizem os espanhóis!

Um leitor assiduo»

ULTIMA HORA

Tarde politica

Continua a discutir-se a eleição presidencial — A pasta da Agricultura — Boatos... fascistas

Ainda hoje nos meios politicos se discutia com vivacidade a possibilidade do Chefe do Estado eleito renunciar á posse do seu elevado cargo.

Todos consideram o sr. Teixeira Gomes uma pessoa de refinada categoria moral, de uma mentalidade á altura das suas responsabilidades, mas, por isso mesmo, se supõe que os termos em que o seu nome conquistou a chefatura da nação devem ter creado hesitações no seu esclarecido espirito, se o sr. Antonio Maria da Silva o informou pormenorisadamente das circunstancias ocialissimas em que decorreu a eleição.

E' natural que nas democracias de sufragio directo o resultado da eleição de ante-ontem revestisse um caracter de pura legalidade.

Em circunstancias diversas, porém, como entre nós e noutros paizes — chefe do Estado deve encontrar-se moralmente embaraçado se o erguerem a tão melindrosas funções apenas os votos de uma determinada facção, com manifesta hostilidade de outras, circunstancia absolutamente inedita.

Depois não cessam as imprudencias dos politicos. O sr. José Domingues dos Santos, que no grupo parlamentar democratico ocupa um logar de alta responsabilidade, começa já a jogar com os possiveis ressentimentos do sr. Teixeira Gomes, afirmando que os nacionalistas se condenaram por quatro anos ao ostracismo, como se o Chefe de Estado escolhesse governos segundo os caprichos dos seus melindres e não segundo as indicações constitucionais e outras de natureza menos legal, que podem surgir em qualquer altura.

Pretenderá o sr. José Domingues dos Santos dizer que o novo Chefe do Estado, porque foi eleito apenas pelo seu partido, virá disposto a fazer o jogo do P. R. P.?

Cremos que isso constitue uma afirmação insultuosa para o alto caracter e para a lucida inteligencia do sr. Teixeira Gomes que, como supremo magistrado da nação, ha-de desempenhar-se das suas graves funções com incorruptivel independencia.

Santas creaturas! E que talento o destes nossos politicos!

* * *

Volta a falar-se em revoluções.

—Que os fascistas se organisam fortemente — diz-nos um politico — não ha nenhuma duvida.

— Qual é o caracter politico dessa empreza?

— Afirmam-me que todos os elementos dirigentes são republicanos, pretendendo apenas defender o prestigio da organisação social que eles acham por agora mal amparado pelo seu geral desentimento politico.

— Mas ha quem tenha as suas duvidas quanto a esse republicanismo...

— Pois ahi é que está a questão. E' essa duvida que alimenta contra eles um forte ambiente de hostilidade, não falando nos cégetistas, que já vão saboreando o gosto acre do nosso mussolinismo de trazer por casa...

* * *

Consta que o sr. ministro das Finanças, demissionario, já não assistirá ao conselho de ministros, que amanhã deve voltar a reunir na Secretaria do Interior. O sr. Vitorino Guimarães ainda hoje esteve no seu gabinete.

Hoje reuniram no Ministerio do Interior os parlamentares srs. Nicolau de Mesquita, Joaquim Ribeiro, Vasco Borges, Nunes Loureiro, Abilio Marçal, João Luiz Ricardo, Costa Junior e Julio Ribeiro, insistindo os ultimos com o primeiro para que aceite a pasta da Agricultura, que lhe foi oferecida pelo Governo.

O sr. Nicolau Mesquita não deu uma resposta definitiva, afirmando que só o faria amanhã.

Sobre a saida dos srs. ministros das Colonias e Comercio parece que nada ha.

As reparações alemãs

A Inglaterra vae responder á França

LONDRES, 7.—Na quinta feira haverá uma reunião do gabinete inglês onde será estudada replica a dar á ultima nota francesa.—(R.)

Os mercados e a ocupação do Ruhr

LONDRES, 7. — Noticias recebidas da India, da America do Sul e doutros locais mostram que a actual situação do Ruhr prejudica gravemente o comercio mundial. O primeiro ministro entrevistado acerca deste assunto disse que a India sustentava uma das maiores populações existentes em qualquer paiz do mundo que agora estava privada dos seus mercados costumados na Europa Central para a compra de arroz, sementes, coiro, canhamo, etc., dando em resultado que a India não tendo na Europa Central compradores para os seus productos está mais pobre e não pode comprar os productos que necessita á industria inglesa, estando por esse motivo as fabricas do Lancashire em fraca laboração.=(R.)

POR ESSA LISBOA

Os sucessos de hoje

O Governo Civil transformado em manicomio

Os calabouços do Governo Civil, a despeito de todos os reparos e protestos feitos pela imprensa, continuam servindo para deposito de loucos, quando a boa razão e a logica indicam que esses desgraçados deviam de principio ser internados num deposito provisorio no Manicomio donde só transitariam para as enfermarias depois de definitivamente apurado que o enfermo não podia permanecer fora do hospital.

Pois nos calabouços do Governo Civil encontram-se actualmente nada menos de 11 doidos, um deles de côr, recenchegado de França juntamente com tres companheiros de infortunio.

Eram em numero de seis os loucos repatriados pelo ministerio dos Estrangeiros, mas apenas vieram quatro, a saber: Antonio Monteiro, de côr; Mario Augusto Monteiro, Antonio Inacio Soares e João Evangelista de Jesus Leite. Em França ficou Olivia Rosa da Costa que se encontra tuberculosa no ultimo grau, não tendo tambem aparecido no embarque em Irun as auctoridades portuguezas e o louco Zeferino da Costa.

Afim de receber os repatriados, foram a França seis agentes da policia administrativa, sob as ordens do encarregado Alfredo Freitas, os quais por vezes se viram em serios embaraços para conter o preto Monteiro, que sofre de furiosos e terriveis ataques pelo que o colete de forças nunca lhe é retirado.

Sete homens e quatro mulheres loucos estão agora aguardando nos calabouço que lhe deem destino, que Deus sabe, quando será, pois ha a registar o facto de alguns destes desgraçados se encontrarem ali ha mais de um mez.

Até neste caso, quem não tem padrinhos nada consegue e tanto que ha doidos que, devido as empenhocas, conseguem entrar mais rapidamente em Rilhafoles do que outros que não teem quem por eles peça.

E' este o grande mal de que se queixa já ha tempo a policia administrativa.

Só matou um...

A policia recebeu a denuncia de que a creada de servir Maria dos Prazeres Balbina, de 18 anos, residente na quinta dos Embrechados, em Celas, dera á luz uma creança em meados de Junho e a matára, indo depois enterra-la n'um olival.

Em face da gravidade da acusação, foi a Balbina presa hoje de tarde e, com ela, a costureira Maria Clara e Maria Luiza de Paula, ambas residentes na quinta do Carrascal. Sobre estas ultimas recae a acusação de terem auxiliado a Maria dos Prazeres a enterrar a creança.

A policia vae agora investigar o que de verdade ha sobre o caso isto é: se teria ou não fundamento a denuncia que lhe foi feita por uma visinha da Balbina.

Useiro e vezeiro

Manuel Silva Rocha Magalhães, segundo sargento da Administração Militar, encontra-se preso por ter furtado do quarto de um seu colega no quartel de infantaria 1, varios objectos que depois foi empenhar por 500 escudos.

O sargento Magalhães foi já eliminado do Exercito duas vezes por façanhas identicas, não se compreendendo muito bem como ele conseguiu ser readmitido.

Rapaz de sorte

Carlos O'Neill, travessa do Monte do Carmo, 28, 1.º, aflicto com o calor, resolveu ir tomar banho á doca de Alcantara. Despiu-se, deixou ficar o fato muito arrumado a um canto, mas, quando regressou muito fresquinho e satisfeito, notou que os larapios lhe tinhem surripiado das algibeiras tudo o que de valor nelas se encontrava e que por alto é calculado em 500 escudos. Com sorte ele andou em não lhe roubarem tambem o fato, porque então é que eram elas...

Um filho engraçado!

Arthur da Silva é um esperançoso menino de 18 anos, que, tendo-se tornado suspeito á saída do Cemiterio do Alto de S. João, por sobraçar um volume, foi preso e conduzido ao Governo Civil para averiguações. O agente Pereira dos Santos que tomou conta do rapaz, ao desembrulhar o tal volume verificaram ser ele formado por uma caveira, tendo o Arthur declarado que achara «aquilo» abandonado no Cemiterio...

Apertado com perguntas, acabou, então, por confessar que era seu intento levar a caveira para casa, afim de meter medo á mãe, quando esta se zangasse com ele.

E digam lá que o «Arthursinho» não tinha graça!...

Os bombistas

Foi hoje preso o padeiro José Marques Teixeira, rua do Convento da Encarnação, 53, 2.º. E' tambem conhecido como bombista, tendo feito explodir bombas, quando da greve dos padeiros, á porta de varias padarias.

Policia de investigação

Para a vaga de adjunto do director da policia de investigação criminal, aberta pela morte do sr. dr. Santos Monteiro, é indicado o nome do sr. dr. João Teixeira Direito, juiz em Extremoz e que ultimamente tem exercido o cargo de inspector de cambios e adjunto do sindicante aos T. M. E.

Ministro da Instrução

O sr. ministro da Instrução visitou hoje novamente o Museu de Arte Contemporanea. Esteve tambem, particularmente, na exposição de trabalhos dos alunos do Asilo Maria Pia, que amanhã se inaugura, e na capela da Madre de Deus, anexa ao mesmo asilo.

Eleição presidencial

O sr. Teixeira Gomes fez declarações a um jornalista frances

LONDRES 8 — Entrevistado pelo correspondente do «Journal» de Paris, o sr. Teixeira Gomes salientou a sua afeição ancestral pela França, recordando que seu avô se alistou nos exercitos de Napoleão e que seu pae fez a sua educação em França. Ele proprio viveu em França conhecendo intimamente os seus literatos e artistas acrescentou que nunca fez politica partidaria, sendo republicano como os seus ascendentes. Tambem nunca conspirou, mas aderiu francamente á mudança do regimen. Mantem a sua confiança no regimen republicano. O correspondente acrescenta que o Sr. Teixeira Gomes não ignora de modo algum as dificuldades que o esperam no alto cargo para que foi eleito. O sr. Teixeira Gomes tem uma profunda admiração pela inteligencia do Sr. Poincaré; é amigo da França porque se sente vibrar com ela.—(H)

A proclamação oficial da eleição

O Diario do Governo publica hoje a seguinte proclamação:

"O Presidente do Congresso da Republica Portugueza faz saber que, nos termos do artigo 38.º, e 1.º, da Constituição, foi eleito Presidente da Republica Portugueza o cidadão Manuel Teixeira Gomes, que exercerá o cargo durante o quadrienio de 1923 a 1927, devendo prestar declarações de compromisso no dia 5 de Outubro proximo.

Sala das sessões do Congresso da Republica, 6 de Agosto de 1923. — O Presidente, Antonio Xavier Correia Barreto."

Arcebispo de Vila Rial

O sr. arcebispo de Mitilene seguiu hoje para a Lousã, onde se conservará algum tempo, seguindo depois para Vila Rial a tomar posse da sua diocese, recentemente criada.

Os recrutas da Armada

A ratificação do juramento de bandeiras no Alfeite

Realisou-se hoje no Alfeite a cerimonia de ratificação do juramento de bandeira dos recrutas ultimamente encorporados na Armada.

O sr. ministro da Marinha seguiu para ali a bordo do vapor «Voador» com os seus ajudantes, o major general da Armada, general Vieira da Rocha e ajudante capitão Florentino Martins, 2.º comandante da G. N. R. sr. Rodrigues de Sá e outros oficiais delegados das unidades da guarnição de Lisboa, entre eles o coronel sr. Estevam Aguas, comandante da Guarda Fiscal.

Aguardado pelo comandante e outros oficiais da Escola de Recrutas da Armada, o sr. Fontoura da Costa foi conduzido para um pavilhão destinado ao elemento oficial, senhoras e varios convidados, sendo-lhe ali apresentados cumprimentos.

Em seguida, iniciaram-se as provas desportivas que deviam preceder a ratificação do juramento, as quaes despertaram grande interesse. Nos exercicios de natação ganhou o primeiro premio a praça n.º 491, cabendo o segundo ao marinheiro n.º 523.

As regatas, foram tambem muito movimentadas, tendo nelas tomado parte escaleres e traineiras, efectuando-se depois varios exercicios de esgrima á baioneta, os quaes foram muito aplaudidos.

Procedeu-se, em seguida, ao desembarque de artilharia e infantaria, feito com uma grande rapidez e com uma pericia extraordinaria.

O ministro e os restantes convidados fizeram depois uma demorada visita á Escola, que está magnificamente instalada, com dependencias amplas, merecendo a sua limpeza os elogios do sr. Fontoura da Costa. O capitão de mar e guerra sr. Moreira Rato deu todas as indicações, sendo de uma extrema gentilesa para os seus hospedes.

Na ratificação do juramento de bandeira tomaram parte 400 recrutas, tendo os deveres do marinheiro sido lidos pelo 2.º comandante 1.º tenente sr. Fortes Rebelo.

Realisaram-se ainda exercicios de macas dentro das casernas, em que obteve o 1.º premio o marinheiro n.º 442; exercicios de tiro em ordem unida e, por ultimo, um acaso e curioso desafio de foot-ball, entre um grupo de recrutas e outro da tripulação do cruzador «Republica».

Ao acto assistiram numerosissimas senhoras. Representavam o ministro da Guerra interino o sr. major Faria Leal e o general sr. Abel Hipolito o capitão sr. Alvaro Costa.

Aos convidados foi servido um copo de agua, no qual se trocaram brindes muito afectuosos.

A questão de Marrocos

... na ordem do dia

Continuará a guerra ou abandonar-se-ha o dominio?

Em Espanha continua acesa, em volta da questão de Marrocos, a campanha levantada pelas oposições querdistas e anti-dinasticas. Graças aos trabalhos, morosos e deficientes, da comissão parlamentar de inquerito, o estado de espirito da população, aquecido pelos jornais e pelas reuniões publicas e mesmo em consequencia da atitude de alguns chefes militares, é cada vez mais rubro e hostil. Para fazer uma ideia da desorientação em que «la comision de los veinte y uno», como chamam em Madrid á comissão de inquerito, bastará lembrar que, desejando ouvir o general Berenguer, que se encontra em Fuenterrabia, expediu-lhe uma carta convidando-o a apresentar-se em Madrid no dia 31 de Julho — precisamente no dia em que a carta era expedida da capital...

* * *

Este e outros factos semelhantes, que sucedem quasi diariamente, lançam sobre a comissão de inquerito um desprestigio que acabará forçosamente na sua exautoração. Ora, como ela foi nomeada pelo actual governo liberal, é sobre ele que recaem, esmagadoramente, as acusações vivas e indignadas, pelo menos da parte da população cujo sentir exaltado a imprensa oposicionista interpreta e aquece mais. Daí a situação periclitante do sr. Garcia Prieto — e o alargamento da onda revolta, contra a qual a sua acção governativa procura exercer-se. Não é, porém, duradoura a sua permanencia no poder, uma vez que a sua maneira de ver a questão de Marrocos é, na opinião dos seus vigorosos e activos opositores, a mais desastrosa e anti-espanhola.

Apesar da oposição ser violentissima, o marquês de Alhucenas continua, porém, tentando todos os esforços para fazer vingar o seu criterio. Não parece, no entanto, que ele venha a triunfar, pois que, mesmo na opinião de alguns partidarios seus, a guerra estagnante, como se está fazendo em Marrocos, alem de tão cara como a guerra a valer, concorre poderosamente para o desenvolvimento da desmoralisação do exercito e para o desprestigio da Espanha. E, logicamente, chega-se a este dilema: ou abandono das posições e concomitante perda dêsse territorio, cuja conservação tanto tem custado á Espanha em oiro e em vidas, ou prosseguimento da guerra com todas as garantias de exito.

* * *

E' claro que os chefes do exercito, pelo menos ... que não teem grandes responsabilidades nos desastres sofridos até agora, inclinam-se para o segundo extremo do dilema brutal. O proprio ministro da Guerra general Aizpuru, parece concordar com este ponto de vista, animando-o poderosamente. De maneira nenhuma a Espanha quere abandonar a sua soberania em Marrocos, quanto mais não seja para evitar que a França venha a alargar o seu dominio.

Sabe-o bem o general Aizpuru. E, por isso, reclama a reorganisação do exercito, habilitando-o com todos os elementos que o transformem numa grande maquina militar moderna. O ministro das Finanças, porém, é que não concorda com essas enormes sobrecargas de creditos no orçamento do Ministerio da Guerra, afirmando-se que o sr. Villanueva é hostil ao ponto de vista do seu colega da Guerra, disfarçando na exigencia do cumprimento exacto da lei orçamental esse criterio antagonico. E, ao lado do ministro das Finanças formam muitas altas individualidades, ao passo que outras, talvez a maioria, recusam imiscuir-se nessa contenda de criterios — pesando, portanto, no lado em que se encontram os inimigos da continuação da guerra.

* * *

Desde que a opinião publica sabe que esta dissidencia agita o gabinete, redobra de intensidade nos seus ataques ao governo, contando derrubá-lo mais tarde ou mais cedo — em todo o caso a tempo de liquidar a questão no territorio marroquino.

Entretanto, as responsabilidades dos desastres de Marrocos ou não se apuram ou especificam-se tão silenciosamente, que todos se compenetram de que, no fim de contas, tudo ficará como está. E' precisamente esta hipotese, que desespera as oposições, encorajando-as num pronuncio de tempestade ameaçadora. E' questão de tempo a constituição de um governo de pontos de vista definidos a respeito do apuramento de responsabilidades e da continuação da guerra. E, como as unicas forças politicas nessas condições são os grupos oposicionistas, em que predominam os socialistas e republicanos — pode muito bem ser que venha a constituir-se um governo em que entrem, com boa representação, os politicos anti-constitucionais, visto que, em Espanha, já se fala menos em revolução...

Parece, portanto, que os acontecimentos vão entrando num caminho razoavel, sem riscos para a dinastia dos Bourbons.

PENDENCIA

COPIA. — Lisboa, 6 de Agosto de 1923, ás 7 horas da tarde. — Ex.mos senhores dr. Alvaro Xavier de Castro e D. Sebastião de Heredia — Meus presados amigos — Acabo de chegar de Viena de Austria e, tendo conhecimento de que em os numeros 14 e 27 de um panfleto semanal «Fantoches» se contêm frases gravemente ofensivas da minha honra, rogo a V. Ex.as o favor de procurarem o director dessa publicação e de lhe exigirem uma retratação completa ou uma reparação pelas armas.

Dou a V. Ex.as para a solução dêste caso os mais amplos poderes. — Sou com a maxima consideração, de V. Ex.as, amigo m.to at.o, ven.or e obg.o — *Francisco Manuel Couceiro da Costa.*

Lisboa, 7 de Agosto de 1923. — Ex.mo sr. dr. Couceiro da Costa. — No desempenho do mandato com que V. Ex.a nos honrou por sua carta de 6 do corrente, procurámos o sr. Rocha Martins, que nos respondeu com a copia da carta junta.

Nestes termos e impossibilitados de proseguir, damos por terminado o nosso mandato e, neste campo, encerrado o incidente onde V. Ex.a manteve a sua honra.

Com a maior consideração, somos de V. Ex.a, am.os e at.os, ven.res — *Sebastião de Heredia, Alvaro de Castro.*

Ex.mos srs. Alvaro de Castro e D. Sebastião de Heredia. — Procurado por V. Ex.as em nome do sr. Couceiro da Costa, a fim de liquidar pelas armas uma questão em que aquele senhor se julga agravado, tenho a dizer a V. Ex.as que muito prezo e cuja visita me foi muito agradavel, apesar do motivo que os trouxe, o seguinte:

1.º Expuz já varias vezes em publico e ainda ultimamente no n.º 17 do meu panfleto «Fantoches», a minha maneira de sentir ácerca do duelo que me repugna;

2.º Estou disposto a dar ao sr. Couceiro da Costa satisfações de homem para homem, servindo-me das armas que adopto e que uso habitualmente: as habituais em pessoas que não escondem os seus propositos, dependendo apenas da ocasião a desafronta a que não fujo. Posto isto, sou de V. Ex.as, at.o e ven.or — *Rocha Martins.*

A questão do inquilinato

Uma saudação de operarios á «Capital»

Um grupo de operarios escreve-nos a saudar-nos pela maneira como temos tratado da questão do inquilinato, defendendo os legitimos interesses de todos aqueles que, por não terem casa propria, vivem sob a ameaça constante da voragem e explorações por parte dos senhorios.

Os que nos dirigem pedem-nos que «A Capital» não esmoreça na sua campanha, porque a audacia dos senhorios pode dar origem a graves acontecimentos, se a protecção da imprensa e dos poderes publicos não fôr eficaz.

Pela parte que nos diz respeito, continuaremos a cumprir o nosso dever. Já entregámos ás Camaras uma representação com alguns milhares de assignaturas e aqui continuaremos na defesa dos legitimos interesses dos cidadãos.

UMA CARTA DE BERLIM

A grave situação da Alemanha

Em vesperas de grandes acontecimentos

A falencia do marco, que significa o desastre da resistencia passiva, ocasionando o encarecimento colossal de todos os productos, encarecimento a que está longe de corresponder a melhoria das subvenções e dos salarios, provoca em todo o Reich o mal estar de que são exemplo os recentes acontecimentos de Francfort e de Breslau.

Esses acontecimentos ultrapassaram a norma de demonstrações vulgares, afectando claramente a fórma de sedições, sobre tudo em Francfort, onde inumeros armazens foram assaltados e pilhados e onde um vereador foi assassinado em sua casa por um bando de malandrins que se juntou ao cortejo social-comunista.

De feito, tanto em Breslau como em Francfort, trabalhadores socialistas e comunistas, atingidos igualmente pela crise, reconciliaram-se e, a julgar pelos cartazes que levavam os manifestantes, essa reconciliação não deve ser platonica. Lia-se neles: «Ohne Blut kein Rechtl», que quer dizer: «Não ha direito sem sangue!»

O clou das manifestações estava previsto para a jornada anti-fascista, organisada pelos comunistas. Mas, em vista da proibição do governo prussiano, a jornada não teve as consequencias graves que se esperavam. Na previsão de desordens e de choques sangrentos entre fascistas e anti-fascistas, o ministro do Interior da Prussia, Severin, probiu toda a reunião, todo o cortejo ao ar livre.

Esta proibição está suficientemente justificada pelos recentes incidentes: as festas tumultuosas dos «Capacetes de Aço» em Eilenburg e Eislebeu, a do Jungsturm em Dramburg, assim como as manifestações de Francfort e Breslau, as primeiras de politica reacionaria, as duas ultimas de origem comunista.

Mas apesar das ordens do governo, o partido comunista alemão acaba de publicar na Rote Fahne — Bandeira Vermelha — um manifesto extremamente violento «aos operarios, aos trabalhadores da classe media, aos empregados e aos camponezes alemães», prégando a guerra de classes: nele se diz que os nacionalistas, a Entente e os judeus são os unicos exploradore do povo alemão.

E' incontestavel, diz o manifesto, que os capitalistas da Entente exploram a massa dos trabalhadores alemães e que os capitalistas judeus igualmente, vivem da miseria do povo alemão.

São eles, fabricantes, banqueiros, grandes lavradores e grandes negociantes, que é preciso esmagar. A lucta contra a Entente e a resistencia á invasão do Ruhr, são, dizem, necessarias, mas resultarão estereis sem que primeiro os camponezes, os operarios e a classe media dêem em commum o assalto ao capitalismo.

E o partido comunista que afirma ingenuamente não querer a guerra civil, reclama a constituição de um governo de operarios e camponezes.

Os nacionalistas, por seu turno, levantaram a luva que lhe lançam os comunistas. Ao mesmo tempo que aparece o manifesto comunista, a «Gazeta da Cruz» e o «Deutsche Tageblatt» publicam um apelo do «leader» anti-semita Wulle.

Diz que os partidos e a ligas nacionaes e nacionalistas de Berlim vêem com indignação os manejos comunistas visando á desordem social, manejos que levaram já aos acontecimentos de Francfort e Breslau. A população nacional do Reich não está disposta a assistir placidamente á concentração de forças comunistas para uma segunda revolução, vem ao «estrangulamento da frente do Ruhr».

E eis porque todos os elementos conservadores da população berlinense, em respeito ás provocações da jornada anti-fascista, deverão participar em massa ás grandes contra manifestações necessarias para provar que os circulos nacionaes não toleram que se faça de Berlim um segundo Moscou.

Os signatarios deste apelo que mostra quão tensa é a situação politica e como é justificada a intervenção do ministro do Interior, são: as secções berlinenses do partido nacionalista e da Liga Nacional dos Oficiaes Alemães, a União das Associações Patrioticas Alemães e a Partido Nacionalista da Liberdade, que, ainda que interdictos e dissolvidos pelas auctoridades, assim mostram tão estrondosamente a sua actividade.

E enquanto estes indicios de decomposição surgem e se multiplicam, a situação financeira toma proporções gigantescas, catastroficas. O Ministerio da Economia Nacional, o Ministerio das Finanças e o Reichsbank, gastam-se na publicação de editaes e comunicados, cujo resultado é complicar mais a situação e tornar maior o cáos. A politica financeira do gabinete Cuno é de perfeita bancarrota. A incerteza é cada vez maior. Ninguem aguenta já o leme na mão do Estado. O barco corre sem governo. Nestas condições, quem pode admirar-se da agitação, que lavra em todas as camadas da população?...

Teatros - Musica - Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO DE S. CARLOS—Casa em ordem, *3 actos de Pinero, pela Companhia Lucilia-Erico.*

Bem fez Lucilia Simões em remontar a «Casa em ordem».

O seu colossal trabalho, que ontem obteve uma nova consagração merecia realmente ser visto e observado com toda a atenção pela geração de hoje, que precisa de quando em vez de ensinamentos como os que ontem a incomparavel actriz forneceu á plateia entusiasmada de S. Carlos.

Um teatro que possue Lucilia Simões, não é um teatro decadente, na sua expressão histrionica. Pode a literatura dramatica andar incerta e desorientada ainda, mas os expoentes como Lucilia tem o condão de gerar auctores dramaticos e entusiasmo pelo teatro, justificativos da empreza de actividades e de talentos.

O espectaculo de ontem em S. Carlos foi um espectaculo de arte, para o que o conjunto muito bom da companhia Lucilia-Erico muito contribuiu.

Erico, num papel dificilimo, Antonio Pinheiro na sua parte tambem cheia de responsabilidade, Amelia Pereira, no tipo explendido que creou e Hortensa Luz—que se fez actriz cada noite que representa—todos conseguiram fazer teatro digno de si e do publico.

Temos pois a maior alegria em saudar a companhia de S. Carlos pelo sucesso de ontem—sucesso que assegura á «Casa em ordem» uma linda serie de espectaculos.

O HOMEM QUE PASSA.

Aforismos preciosos

Pierre Weber afirmou no «Gaulois» que apareceu na Belgica, sem nome de autor, nem indicação de editor, um pequeno volume de maximas e aforismos de um antigo empresario teatral.

E o fino humorista transcreve alguns conceitos em que ha todo o seu malicioso espirito de escritor francês:

Quando comecei a minha vida, não sabia nada e representava tudo; ganhei dinheiro. Mais tarde, dei-me a escolher, e perdi. De então para cá, nunca mais perdi tempo com escolhas...

Se os actores fossem pagos pelo que valem e não pelo que julgam valer, as nossas receitas seriam muito inferiores.

O meu colega X... dizia-me muita vez: «Eu não leio nunca uma peça; faço representar o nome do autor».

Tenho tido em toda a minha vida dois inimigos terriveis, que me têm levado a grandes sacrificios: eu e o meu empregado de mais confiança.

Quando um teatro não rende, vende-o; é um bom negocio. Se rende, vende-o tambem; é de igual modo um bom negocio.

Eu trabalho de manhã, á tarde e á noite. E, no entanto, diz-se que o meu lugar é uma sinecura...

Um empresario é o unico comerciante que não enriquece com a falencia.

Para avaliar a nossa profissão, basta dizer que Antoine se arruinou, ao passo que o sr. X... se tornou milionario.

Nada de autor-empresario, ou de empresario-autor: cada um no seu lugar.

Os teatros na Alemanha

Em virtude das variações constantes do cambio na Alemanha, onde um dollar valia ha dias mais de um milhão de marcos, os empresarios das grandes casas de espectaculo de Berlim têm-se visto na necessidade de modificar quasi todos os dias o preço dos lugares dos seus teatros. Os espectadores, porém, que gostam de saber com antecedencia quanto esses lugares lhes custam, protestam contra essas constantes alterações.

Houve agora um empresario que descobriu a maneira de ter em dia os seus fregueses sobre esse assunto. Assim, mandou anunciar que os «fauteuils» de orquestra custarão no seu teatro o mesmo que um quilo de manteiga, fixando ás cadeiras o preço de dois ovos.

Dentro em pouco não será de estranhar que prefira os pagamentos em generos, embora se arrisque a que os artistas reivindiquem para si, no final dos espectaculos, toda a receita...

Noticiario

Entre nós

A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro vae fazer uma temporada no Sá da Bandeira do Porto, a começar num dos ultimos dias do mez corrente e demorando ali todo o mez de Setembro para passar o seu vasto reportorio.

— Deixou de ser artista, secretario e representante da Companhia Satanela-Amarante o actor Abilio Baptista.

— A bailarina Nieves Mimosa exibe hoje na revista «Bichinha Gata» um novo repertorio de bailados.

— Continua melhorando o actor Alves da Cunha recentemente operado, devendo reaparecer brevemente na peça «Alma Forte».

Do estrangeiro

Um empresario norte-americano vem a caminho da Europa a fim de contractar a mulher mais linda para um «film» sensacional. Se vier a Portugal, decerto não quererá — estamos seguros disso — ver mais nada.

— O total das receitas da Opera de Chicago foi este ano superior ao dos demais anos. No entanto, teve um prejuizo de 350.000 dollars.

— A Svensha Film, de Copenhague, está organisando uma expedição ás regiões polares para a realisação de um «film» dramatico, cuja acção exige por scenario os «icebergs» flutuantes e as habitações dos esquimós.

Reclames

S. CARLOS

Mais um brilhantissimo espectaculo é o que hoje nos dá em S. Carlos a esplendida companhia Lucilia Simões, com a repetição da notavel peça de Pinero «A casa em ordem». A recita decorreu entusiasticamente e Lucilia teve na famosa peça, por vezes, e especialmente no 3.º acto o seu trabalho entrecortado pelos aplausos unanimes do publico. Na «Casa em ordem» que Antonio Pinheiro traduziu muito correctamente e que ensaiou a primor, tem Erico Braga, tambem, um papel de destaque, que desempenhou com grande brilho, fazendo valer os seus dotes de actor distinctissimo.

NACIONAL

Em recita da moda efectua-se hoje no Nacional, mais uma representação da famosa peça policial «20.000 dollares», que é a mais completa no seu genero, repleta de peripecias absolutamente imprevistas, que mantem até final, os espectadores em permanente espectativa.

POLITEAMA

Sobe hoje á scena no Politeama pela companhia Berta Bivar-Alves da Cunha a primorosa comedia «As cobardias» cheia de graça e de sentimento, e na qual se estreia o correto actor Antonio Silva, estando os restantes papeis confiado aos demais elementos da Companhia entre eles Josefina Silva e Carlos Abreu.

MARIA VITORIA

A revista «Fado Corrido» todas as noites refrescada com numeros novos e pilhericas a proposito dos distintos actores Carlos Leal e Santos Carvalho.

AVENIDA

Mantem-se em scena no Teatro Avenida com o mesmo agrado, a mesma alegria, o mesmo entusiasmo a lindissima revista «Bichinha Gata» desde hoje enriquecida com bailados novos pela distinta artista Nieves Mimosa.

Um concerto no Seixal

E' amanhã que no Salão Central, no Seixal, se realiza o primeiro concerto de beneficencia organisado por uma comissão de senhoras, com o auxilio de distintos professores de orquestra, de alguns jornalistas e dos empresarios dos Salões do Chiado Terrasse e Central do Seixal.

No programa, que está despertando grande interesse, pois foi organisado com elementos de valor, figura o magnifico trio de orquestra da Escola Antonio Feliciano de Castilho, de que fazem parte os professores srs. Antonio Marques (violino), Manuel Prego (violoncelo) e Augusto Marques (piano).

O programa é o seguinte:

1.ª PARTE

1.º Andante de l'ouverture da Opera «Poeta et Paysan, Souppée. 2.º Quand tu chantes (Serenate), Ch. de Gounod; 3.º Fado (para violino), J. del Hierro; A caminho de Caneças (Passo-doble), A. Marquês; 5.º Serenade de Gillotin, Gustave Goublier, 6.º Gavote, Henry Von Croul; 7.º Rapsodia portuguesa, Antonio Marques.

2.ª PARTE

Estreia do sensacional «film» de arte «Escola de Heroes», em 7 actos;

3.ª PARTE

1.º Idilio (Romance sans parole), A. Marques; 2.º Suite (de fados), Wenceslau Pinto; 3.º Solo de violoncelo, João P. Mineiro; 4.º Serenade, M. Mosz Kowsky; 5.º Fantasia, A. Marques; 6.º Dulce (Valsa), F. M. Llorente; 7.º Fado corrido (Passo-doblo), J. M. Navarro.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9—«Casa em ordem»
NACIONAL—A's 9.15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
POLITEAMA—A's 9,30—«As cobardias»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—4 vacas bravas.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Escandalo oculto.
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

TAUROMAQUIA

Tourada em Alcochete

Realisou-se em Alcochete a anunciada tourada em beneficio dos pobres daquela vila. Foi uma verdadeira tarde de touros, cheia de arte e de um brilhantismo e animação fora do vulgar. Nela tomaram parte distintissimos amadores e permitam-me salientar D. Ruy da Camara, que vemos poucas vezes, pela maneira fidalga e artistica de tourear, se bem que visivelmente mal montado, num cavalo viciado a «tourear á antiga» que nem sempre pisava terreno que o cavaleiro desejava. Casa á cunha. Touros bem apresentados de Alves do Rio e Santos Jorge, sendo deste mais pequenos.

1.º negro, retinto, nobre, bravo A. R. D. Ruy da Camara cita de caras e terrenos cambiados e prende quatro compridos, todos bons e um par superiorissimo ao estribo e um curto muito bom, valendo-lhe uma grande ovação e «vuelta al ruedo».

2.º negro, manso, S. J., D. Carlos de Mascarenhas prende tres pares bons e Gama Lobo meio par. Pegado de caras por Benjamim Jardim.

3.º salgado, abanto, manso. D. Alexandre tentou sangrar, mas o bicho era tão manso, que nem depois de espertado por um par de D. Carlos, conseguiu fazer sangue. A maneira como procurou foi artistica e de verdade como sempre. Tentado pegar á volta por Antonio Abreu e Jaime Alves, mas o touro não encabrestava.

4.º salgado, bragado, gravito; cumpriu. A. Ribeiro deixa 2 pares meio bons, mas com a cabeça do touro vencida de mais. João Malhou; depois de duas saidas falsas, deixa tres pares bons. Pegado de costas valentemente e com muita vista e ajudas fora de tempo por Antonio Abreu. Ovação.

5.º listão. Cumpriu. D. João de Mascarenhas cita de caras e em curto, mas o touro não acudia bem. Prende cinco ferros compridos a garupa e meia volta. Pegado á volta por Joaquim Matos e Jaime Godinho, a façanha resultou rija e de muito efeito. Já quasi no fim, Jaime é sacudido violentamente e Joaquim Matos aguenta-se na cornelha; ajudado oportunamente por Emigdio de Aguiar.

6.º negro; A. R. Cumpriu. D. Rui da Camara, cambiando terrenos para ambos os lados e citando sempre de caras e o mais curto que o seu cavalo lhe permitia; prende quatro compridos e dois curtos muito bons. Pegado á volta por Antonio Abreu e Jaime Alves.

7.º listão, manso. D. Carlos cita de frente e prende tres pares superiores. Mario Calazans depois de uma saida falsa prende um bom par num resalto.

Pegado á volta por Antonio Abreu e Francisco Queiroz.

8.º negro bragado. Cumpriu. A Ribeiro deixa dois pares bons de castigo e Gama Lobo tres pares de boa marca.

9.º negro, manso. D. João de Mascarenhas cita, como sempre, de caras e prende cinco compridos e um curto bons.

Pegado rijamente e com muita frescura por Joaquim Verissimo á terceira.

10.º salgado, manso, suave. João Malhou prende um par a cambio e Calazans um par bom de frente. Pegado de caras por José Maria Antunes á 2.ª.

11.º salgado, manso, D. Alexandre com o seu cavalo a defender-se e a fugir, prende tres compridos e Gama Lobo tres á força.

A direcção da corrida, a cargo do antigo amador D. José de Mascarenhas, acertada como sempre.

C. P.

VIDA SPORTIVA

Ciclismo

A HOMOLOGAÇÃO DO IV PORTO-LISBOA

Na sua ultima reunião, o juri da grande corrida Porto-Lisboa, depois de estudar minuciosamente todo o «dossier» da questão, resolveu homologar a prova, que tantos protestos, e, afinal, infundados, ocasionou, aprovando a seguinte classificação, que foi, aliás, a da ordem da chegada:

1.º J. Pereira da Conceição; 2.º J. Sequeira Junior; 3.º Firmino da Silva, 4.º Silva Amaral; 5.º Rojo da Silva; 6.º J. Cairel; 7.º F. Matos e 8.º Manuel Afonso.

Resolveu mais a União suspender por 3 mezes os corredores Artur Corte Real e Rodrigues de Castro por sem justificação faltarem á partida e censurar o sr. Carlos Luís Branco e os socios n.º 3123 e 3.67, o primeiro por em carta publicada na imprensa se ter referido a irregularidades que não existiram o segundo por pela mesma forma se ter referido desprimorosamente a um inspector da corrida e o terceiro por ter feito uma denuncia grave que não provou.

Entre outras individualidades assinam este documento os srs. presidente da Camara Municipal de Lisboa, do Comité Olimpico Portuguez e da União Velocipedica Portugueza.

Esta informação foi-nos enviada em comunicado oficial pela União Velocipedica Portugueza.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4451-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quinta-feira, 9 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Morreu esta tarde o prior da freguesia de Santa Izabel sr. dr. Santos Farinha, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã

Para o Poder

Annuncia-se para muito breve a chegada a Portugal do sr. dr. Afonso Costa. Ao que parece, não virá a Lisboa; limitar-se-ha a veranear no seu «chalet» da serra da Estrela.

A proposito da vinda do antigo «leader» democratico, afirma-se que ela não se realisou ha mais tempo porque o sr. Afonso Costa não quiz que se imaginasse vir exercer qualquer pressão sobre a eleição presidencial, com a sua presença na Patria. Louvavel atitude, sem duvida, mas tambem é possivel que s. ex.ª assim quizesse manifestar a sua absoluta confiança na obediencia dos seus antigos correligionarios, a quem já dera as suas ordens para a escolha do candidato em que deveriam votar.

Em todo o caso, achamos interessante que o sr. Afonso Costa venha passar a estação calmosa na terra do seu país, interrompendo assim o seu voluntario exilio em terra estrangeira. Mas muito mais interessante achariamos que o sr. Afonso Costa descesse da serra, e viesse até Lisboa a fim de exercer ás claras a acção politica que se compraz em exercer ás ocultas. Seria muito mais logico e muito mais digno.

Uma informação preciosa sobre o sr. Afonso Costa seria a que, com garantias de plausibilidade, garantisse sua ida ao poder logo que o sr. Teixeira Gomes assuma a Presidencia da Republica. Foi com essa promessa que principalmente se jogou, dentro do partido democratico, para a eleição do sr. Teixeira Gomes. E' preciso que seja cumprida, sem que a crise moral em que se debatem, segundo a sua opinião, os dirigentes da politica da Republica, o exima de assumir as altas responsabilidades que é do seu dever suportar.

A situação é tremenda, sob qualquer aspecto por que se encare. Estamos em presença de dificuldades cada vez mais esmagadoras, sobretudo em materia financeira e economica. Os «gros-bonnets» do partido democratico, quando se lhes fala nisso, encolhem os ombros e dizem: «Não faz mal; vem ahi o Afonso e endireita tudo!» Pois então é preciso que venha o Afonso. O seu governo, á distancia, não tem dado senão vergonhas, incurias e desastres. Vamos a ver se, cá dentro, se desentranha em maravilhas.

E' que isto não pode continuar. Dizia-se que o sr. Afonso Costa declarára não querer ser nunca ministro com o sr. Antonio José de Almeida, na Presidencia da Republica. Agora que o sr. Afonso Costa tem na Presidencia da Republica um dos seus amigos mais dilectos, não lhe será facil encontrar pretexto para se escapulir. As regiões do Governo podem ser para êle o Capitolio ou a Rocha Tarpeia: seja para o que fôr, o seu dever é governar, ás claras, deixando de ser o poder oculto da sociedade portuguesa. Governo, que é o seu dever, já que nunca considerou a Republica senão um feudo, sujeito á sua autoridade despotica.

A morte de Harding

As homenagens da nação americana

NEW YORK, 9 — Ontem a Nação americana prestou a sua ultima homenagem ao ex-presidente Harding. O funeral foi uma longa procissão desde a Casa Branca até ao Capitolio. Acompanharam o cadaver soldados e marinheiros, o novo presidente, os juizes do Supremo Tribunal, os embaixadores estrangeiros e o sr. Woodrow Wilson que embora enfermo se arrastou no longo percurso para prestar a sua homenagem ao seu sucessor na presidencia da Republica.

O cadaver de Harding tinha chegado a Washington na terça-feira ás 21 horas sendo a urna colocada na Casa Branca entre montões de flores, entre os quais se destacava um enorme ramo de lirios oferecido pelo rei Jorge de Inglaterra. Passaram perante a urna do presidente dezenas de milhares de pessoas.

Os restos mortaes do presidente Harding como já foi dito ficarão sepultados em Marion no Ohio.

Todos os navios americanos que se encontram no mar largo suspenderão todas as manobras e as tripulações aguardarão cinco minutos de silencio, na ocasião do funeral do ex-presidente. — R.

O cadaver de Harding foi já transportado para o estado de Ohio

WASHINGTON, 9. — O corpo do presidente Harding acompanhado pelo presidente Coolidge pelos ministros e pelos senadores foi solenemente transportado do capitolio ao comboio com destino a Marion, havendo em toda a parte grande multidão. Quando o comboio se poz em marcha deram em terra e nos navios as salvas de estilo.— (H.)

Por Moçambique

A colonia quer dinheiro

Um emprestimo de 30.000 contos para obras de fomento

Foi presente no Parlamento uma proposta de lei autorizando um emprestimo de 30.000 contos para a provincia de Moçambique, diziam os jornaes, sem outros detalhes.

Mas 30.000 contos para quê?

Foi o que perguntámos ao deputado por aquela provincia sr. Delfim Costa, pessoa sempre amiga das gentes dos jornaes.

* * *

Ainda ha pouco ficou assente pelo Governo um auxilio a prestar ás provincias ultramarinas, que estão luctando com dificuldades financeiras. Afinal não se tratava, como fôra anunciado, e só o nosso jornal foi o primeiro a esclarecer o caso, de qualquer emprestimo tendente a desenvolver o fomento das colonias, mas da abertura de um credito de 17.200.000$00, como reforço para os cofres de Moçambique, Angola, S. Tomé, Cabo Verde, Timor e India.

— E para quê, então?

— Para obviar aos inconvenientes varios que acarreta para a vida do Estado a quasi constante falta de numerario suficiente no cofre daquelas colonias, o que dava origem a reclamações dos funccionarios respectivos com cujo pagamento se lhes faltava.

— E agora trata-se?...

— De um caso diverso — tornar extensiva á provincia de Moçambique a autorização concedida a Angola para contrair emprestimos de fomento, com a garantia da metropole.

— E o limite?

— 30.000 contos ouro ou quantia equivalente em moeda estrangeira ao par.

E continuou:

— Por mim, como deputado por Moçambique, perfilho esta medida em absoluto.

— Que se destina...

—A obras de fomento de que a colonia muito carece, servindo, portanto para a aliviar da situação deficitaria em que se encontra.

— Situação deficitaria!?

— Sim e afflitiva, embora transitoria, na opinião dos entendidos, porque desaparecerá logo que comecem a ser exploradas todas as enormes riquezas do seu solo.

— Termos do diploma?

— Vantajosos. Nele não se consigna qualquer emprestimo especial de contribuições e impostos, á colonia, isto é não dará logar a hipotecas.

«A sua aplicação em obras de fomento será determinada por um diploma, sugeito á sanção do Governo metropolitano.

«Oferece, portanto, todas as garantias, em face deste principio justo. Por que esta fiscalisação por parte da metropole era necessaria e indispensavel, visto que ela dá a esses emprestimos a sua garantia.

«O seu quantitativo limita-se a metade do que ha pouco foi autorizado para Angola, e a situação de Moçambique permite sem receios considerar os encargos do diploma, que tem um fim util acautelado na fiscalisação por parte do Poder central. Já tem o parecer favoravel da comissão das colonias do Senado, e em breve a defenderei aqui nos Deputados.

E a terminar:

— De resto a propria colonia pede a todos os momentos que o Alto Comissario se faça rodear de pessoal, de contrario a acção do sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho resultará infructifera em materia de fomento de Moçambique, como sucedeu com o sr. Brito Camacho...

No Asilo Maria Pia

Exposição de trabalhos dos alunos

No Asilo Maria Pia, realisou-se esta tarde a abertura da exposição dos trabalhos de varios alunos que mais se distinguiram no fim do ano lectivo d'aquela casa de beneficencia e instrução.

A exposição consta de diversos trabalhos de pintura, desenho, escultura, etc.

Durante o dia o edificio, esteve patente ao publico, tendo alguns visitantes adquirido varios trabalhos.

Tambem o sr. Augusto Cezar dos Santos recebeu inumeros cumprimentos pela forma como tem dirigido aquele estabelecimento do Estado.

A hora em que escrevemos estas notas a direcção do Asilo espera a visita do sr. ministro do Trabalho.

OS REIS NO EXILIO...

"HA DE CHEGAR O DIA..."

diz o ex-kaiser aos seus visitantes, mas o kromprinz não é da mesma opinião

LONDRES, 2 — «O ex-kaiser, de grande uniforme, vai de grupo em grupo e, como outrora, dá a cada qual a graça duma palavra amavel.

Em boa verdade o emprego do seu tempo não mudou. E' sempre «o Kaiser» e vive, naquele meio decorativo que creou, como sempre o fez. Crê firmemente que ha de chegar o dia em que reentrará na Alemanha, e antegosa já as freneticas aclamações que o povo lhe reserva. Mas seu filho, que tem menos imaginação, não partilha dessas esperanças.»

E's a descrição duma visita feita recentemente aos internados da Holanda por uma personagem que comunicou as suas impressões ao «Manchester Guardian» Essa personagem recebeu do ex-komprinz, em Wieringen, uma hospitalidade que elogia grandemente, e promete esclarecer o misterio de que gosta de se rodear o filho de Guilherme II.

Willy — como lhe chamavam os inglezes durante a guerra — não tem os gostos de seu pai. Enquanto que Guilherme II, inspirado pelos deuses de Wagner, vive com o passado, e se esforça por acreditar que esse passado ressuscitará, o herdeiro encara as coisas dum modo mais pratico.

Tem o horror á preguiça, mas, nada tem que fazer. O seu desejo seria regressar á Alemanha e viver ali como simples cidadão, com a condição de não mais se ocupar de politica, principalmente de se abster de ligações com os «complots» tendentes a restabelecer a monarquia.

Na expectativa desse regresso, faz sport, lê os romancistas ingleses e, americanos — tem um fraco pelos auctores femininos — e relê as suas obras, ás quaes reservou uma secção especial da sua biblioteca. Essas obras compreendem tres volumes: uma sobre caça grossa, outra sobre a guerra e a terceira contendo as suas memorias. Os outros livros da secção são traduções, em diversas linguas, dos tres volumes. Foi ele proprio quem forneceu todos os elementos das memorias, publicadas ha um ano, redigidas com bastante espirito pelo jornalista austriaco Rossner, seu amigo.

Os pescadores de Wieringen têm pelo herdeiro de Guilherme II uma certa simpatia. Bastante familiar e franco, reservam-lhe o melhor producto da pesca que ele paga generosamente.

Na solidão em que se encontra, o triste senhor que foi o «magarefe de Verdun» procura companhias; mas a ilha é pequena e não lhe é portanto dificil a escolha. Um dos seus companheiros é o mestre escola imbuido de doutrinas socialistas, que ele procura converter ao imperialismo, contentando-se em repetir-lhe que só ha bons governos na monarquia. E o mestre escola responde-lhe sarcasticamente: «O senhor é disso um belo exemplo!»

E a querela termina sempre por algumas taças de champagne.

Quando recebe, o ex-principe guarda ainda um certo decoro, mas, quando está só, adeus conveniencias! Almoça em mangas de camisa, fuma a sua cachimbada á janela, ou passeia em trage de sport, á moda de Berlim, sapatos grossos e pequeno chapéu de feltro esverdeado. Assim, e com os seus dois cães de guarda, que o acompanham sempre, percorre a pequena ilha, conversando de bom grado com os habitantes.

Quando vai visitar seu pai, acompanha-o sempre um oficial holandez. Tomam ambos logar num automovel, cujo «chauffeur» tem instruções formaes para não atravessar nenhuma grande cidade, em particular Haia ou Amesterdam. E' proibido ao ex-komprinz descer do auto, a não ser para as necessidades indispensaveis, pelo que por varias vezes se tem queixado dessas restricções á sua liberdade.

O famoso pai é vigiado com mais cuidado. A ilha de Wieringen é rodeada apenas pela agua, mas o castelo de Doorn está isolado por meio de uma rede de fio de ferro farpados, rodeando as muralhas. Gendarmes holandezes fazem rondas continuas, de dia e de noite, á volta do parque, para evitar qualquer tentativa de evasão, dizem, mas não será para evitar os atentados contra a pessoa do grande homem dos massacres?

Por cima do portão da entrada, o ex-kaiser mandou colocar um enorme «W» com uma corôa dourada sobreposta. Recentemente mandou levantar mais um andar a uma dependencia do Castelo, para alojamento dos filhos de sua mulher. Foi dada uma grande receção ás creanças dos arredores, para inaugurar esta construção. O Kaiser e sua esposa, ofereceram-lhe chocolate e pasteis. No final Guilherme, discursou aos pequenos, discurso cheio de sentimento, que terminou por um triplo viva á rainha Guilhermina da Holanda.

Todos os domingos, e mesmo certos dias da semana, os salões de Doorn abrem-se para convidados sempre numerosos, na maior parte alemães. Ninguem tem o privilegio de se sentar. Formam-se grupos e o Kaiser, sempre em grande uniforme para dissimular o braço atrofiado, vai de grupo em grupo, imponente, como outrora em Potsdam.

Alguns estrangeiros que têm assistido a essas cerimoniosas receções, acham-nas insuportavelmente enfadonhas. Um americano, encontrando um dia ali um compatriota, perguntou-lhe: «O que faz o sr. aqui?» Ao que o outro respondeu: «Espero que nos vamos embora!»

E foi este fantoche estropiado que poude desencadear sobre a Europa a tremenda catastrofe que pesa ainda sobre as nações.—H. D.

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital,, o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas lucubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no céu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, o que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

QUESTÃO DE INQUILINATO

A questão da Companhia de Seguros União dos Proprietarios contra a firma Eduardo Martins & C.a L.da

Parte da justiça já está feita!...

Condenámos aqui, com a veemencia que a indignação provocou, o «guet-apens» que o juiz Sousa Teles inventou e poz em pratica para favorecer a riquissima e poderosissima Companhia de Seguros União dos Proprietarios na acção de despejo que moveu á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada — tudo descaradamente levado a efeito para valorisar as acções da referida Companhia, acções que a mesma empresa generosamente distribuiu, a tempo e horas... Não temos senão que nos louvar no castigo imposto por nós, perante a sanção da opinião publica, ao magistrado que tão lamentavelmente esqueceu os deveres das altas funções de distribuidor da justiça para as trocar pelo prato de lentilhas, senão pelos trinta dinheiros, de que rezam as cronicas do velhos tempos idos... E tambem não temos senão que nos regosijar pela confiança que sempre manifestámos na acção dos tribunais e dos juizes que os servem, porque nunca deixámos de salientar que o caso do juiz Sousa Teles era esporadico, não passando de uma odiosa excepção dentro da corporação da Magistratura Portuguesa, sempre honestissima nos processos e escrupulosa nos deveres que lhe impõem a Lei e a Equidade. Já parte da justiça que lhe assistia foi feita á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada. Não só o integerrimo juiz do Tribunal do Comercio de Lisboa soube, aplicando rigorosamente e imparcialmente os textos legais, inutilizar o golpe de preto vibrado contra Eduardo Martins & C.ª, Limitada, como o proprio Tribunal da Relação de Lisboa emendou o êrro praticado, avocando a si o traslado que, traiçoeiramente, o juiz Sousa Teles conseguira fazer baixar á 1.ª instancia, na esperança de ali consumar o despejo, isto é, a extorsão que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios tão teimosamente pretendia (e ainda pretende...) perpetrar contra a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada. O pobre moleiro a quem o imperador Frederico pretendeu rapinar o moinho soube chamá-lo á ordem, respondendo-lhe que em Berlim havia juizes; pois nós, cuja caneta é ainda mais fraca que a razão do moleiro, não hesitamos em afirmar á Companhia de Seguros União dos Proprietarios que ainda ha juizes em Portugal e que, por muito rica que a Companhia seja e por muito generosa que se faça na distribuição de acções beneficiarias, não conseguirá despojar Eduardo Martins & C.ª, Limitada, do que lhe pertence e apenas atingirá o objectivo de defraudar os accionistas, delapidando os dinheiros do cofre social. Já está vendo, pelo pano de amostra, que nem todos os juizes são da força do seu querido Sousa Teles e antes a enorme maioria dêles dispõe de suficiente coragem moral para arrostar, sem temor de represalias, o poder imenso da riquissima Companhia e tambem de honestidade inquebrantavel, á qual não faz mossa a perspectiva das acções beneficiarias. Ainda se não convencem que é assim?... Pois pior para a Companhia de Seguros União dos Proprietarios, que ha de ver o fundo ao cofre sem ter conseguido o objectivo de valorisar aladroadamente as suas acções. Mais tarde é que serão elas! Não faltará, numa assembleia geral, quem tome contas á desastrada gerencia, que está dispendendo grossas quantias em pura perda e sómente, agora, pelo capricho de sustentar uma questão... semi-perdida. Mas, isso, a nós, tanto se nos dá, como se nos deu. O nosso caso era sómente com o juiz Sousa Teles. Chamámo-lo á ordem. Parece que fomos compreendidos. Somos felizes em contastar que a publicidade jornalistica serviu, mais uma vez, para desmascarar um tartufo e salvar a honra da Magistratura, que êsse tartufo se propunha comprometer gravemente.

Convém, entretanto, que o publico conheça o estado actual da questão. Vamos, pois, resumir aqui as decisões proferidas nos ultimos tempos pelos tribunais, decisões todas favoraveis á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, e adversas, portanto, á Companhia de Seguros União dos Proprietarios.

Uma das mais graves acusações, dentre as muitas formuladas contra o juiz Sousa Teles, foi produzida em virtude do acto arbitrario mandando baixar á 1.ª instancia um traslado, a fim de se proceder, sem mais demoras e com despreso absoluto pelas decisões do Supremo Tribunal de Justiça, ao despejo das lojas onde está estabelecida a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, e que, como toda a gente sabe, estão situadas na Rua Garret. O golpe era realmente para temer e tinha sido admiravelmente arquitectado. Alguem poderia prever que o juiz da Relação de Lisboa se arrogaria o poder dictatorial, dando despachos caprichosos, sem ao menos os cohonestar com a citação de um texto legal, mesmo errado que fosse?... Alguem poderia imaginar que essa estupida audacia fosse posta em pratica por um magistrado com longa carreira, não isenta, aliás, de claudicações semelhantes, conservadas em segredo?... Já o dissemos e não temos duvida alguma em o repetir: o juiz Sousa Teles, atrevendo-se a tanto, contava com a impunidade. E' que o movimento fascista (que coisa ridicula, o fascismo português de via reduzida!...) estava prestes a estalar e por certo que o grande Sousa Teles não era estranho a êle e desempenharia, talvez, um lugar tartarinesco no novo estado de coisas. Mas tudo se desmoronou! O fascismo português adiou, «sine die», o golpe de Estado e o juiz Sousa Teles viu a mascara arrancada nas colunas dêste jornal: «sic transit»...

Em todo o caso, o nosso Sousa Teles, desempenhando zelosissimas funções do procurador de causas... perdidas, conseguiu fazer baixar á 1.ª instancia uns autos mutilados, sobre os quais foi precipitada uma petição da Companhia de Seguros União dos Proprietarios, implorando o despejo imediato da firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada. O digno juiz do Tribunal do Comercio é que não se deixou surpreender e soube anular o golpe do grande Sousa Teles, despachando os requerimentos do advogado da firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, nos termos precisos da lei. Os embargos opostos por esta firma foram recebidos e o despejo foi suspenso, até que sejam julgados. E a razão que assistia á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, era tão evidente, que o proprio agente do Ministerio Publico junto do Tribunal do Comercio se opoz tambem á execução do traslado, isto é, ao despejo, visto que não estavam liquidados os debitos á Fazenda Nacional.

Para nós, que somos leigos em questões judiciais quere-nos parecer assim e á primeira vista, que o juiz Sousa Teles não hesitava até em prejudicar a Fazenda Nacional, contanto que a sua querida e bem amada do coração, a opulenta Companhia de Seguros União dos Proprietarios, conseguisse deitar os gadanhos ás lojas da rua Garret, valorisando assim as acções, áquelas mesmas acçõesinhas que ela, tão generosamente, distribuiu pelos serventuarios incondicionais da sua prosperidade. E' assim que o juiz Sousa Teles entende o fascismo pratico... Entretanto, devemos convir que isto não é, afinal, senão bolchevismo da pior especie!...

Mas não foi só o Tribunal do Comercio que contrapoz a justiça e a lei á venalidade e ao arbitrio. O proprio Tribunal da Relação proferiu ontem um acordão, submetendo-se á decisão do Supremo Tribunal de Justiça. Esse acordão é o seguinte:

«Acordão em conferencia na Relação —que em vista do Venerando Acordão do Supremo Tribunal de Justiça, mandam que se passe carta de ordem para a 1.ª Instancia, avocando o traslado.— Lisboa, 8 de Agosto de 1923.—(a a) *Teles, Mota Prego, Fernandes Pinto*.»

Que significa isto? Significa que foi a propria Relação que se viu forçada, por imposição do Supremo Tribunal de Justiça, a chamar outra vez a si o celebre traslado, inutilisando-se de vez e para sempre o golpe de apache vibrado contra a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, pelo nunca assaz celebrado juiz Sousa Teles. E o que é ainda mais interessante é que o proprio Sousa Teles subscreveu o acordão que é, afinal, a formal condenação de seu gesto arbitrario, do seu gesto criminoso. Sousa Teles contra Sousa Teles: o pugilista Sousa Teles vencido, num directo, pelo «boxeur» Sousa Teles!

E agora?... Que vai seguir-se agora? A questão será resolvida, definitivamente, após as ferias. Até lá, dormem os autos. A não ser, é claro, que o juiz Sousa Teles invente ainda um outro golpe, querendo salvar, de por onde der, as acções da Companhia de Seguros União dos Proprietarios, se elas entrarem em tranca baixa, como é natural. Em todo o caso, Sousa Teles já não é para temer. Vigiá-lo-hemos! E, se delinquir, se ousar colocar-se outra vez fora da lei e acima da dignidade dêle, que nem a alma se lhe aproveita, porque até essa aqui ha de ser torturada. Fique sabendo, dr. Sousa Teles: «A Capital» não consente que o senhor saia da Lei.

Não consente! E cremos que já deve estar convencido que o medo não é sentimento que nos faça hesitar no cumprimento do dever, ou se trate de anonimos profissionais, como os bombistas, ou simplesmente d'aqueles homens honestos de quem Balzac dizia que não havia mais perfeitos canalhas.

Depois de ferias falará o Supremo Tribunal de Justiça. Nada temos com a sua decisão. Qualquer que ela seja, será por nós acatada — e até louvada. Os magistrados do Supremo Tribunal de Justiça sabem o que fazem e o que fizerem é sempre bem feito.

Se Eduardo Martins & C.ª, L.da, teem justiça, ela lhe será reconhecida. Se não teem, ser-lhe-ha negada. O que procuramos evitar, socorrendo-nos da publicidade jornalistica, foi que triunfassem os processos inconfessaveis de Sousa Teles e que perdurasse a aplicação bolchevista das leis. Com o resto nada temos. Mas, apesar de tudo isso, não compreendemos que o jogo bolsista da Companhia de Seguros União dos Proprietarios venha a ter a sanção dos tribunais. E' impossivel!

Um livro precioso

"Estatuaria lapidar,, no Museu Machado de Castro, de Coimbra

O sr. Antonio Augusto Gonçalves, o erudito investigador e critico de arte, que em Coimbra trabalha ha longos anos pela conservação dos monumentos, pela recolha do novo patrimonio artistico — tão malbaratado — e pelo desenvolvimento das belas artes em Portugal, é no país uma das pessoas que mais direito teem á admiração e á estima de todos os portuguezes. Tendo dirigido a obra admiravel de reconstituição da Sé Velha, fundou e installou, com uma paciencia de beneditino e com a proficiencia de um sabio, os museus Machado de Castro e das pratas, de que Coimbra tanto e tão legitimamente se orgulha. A todo a hora e sempre o ilustre arqueologo pensa na sua terra, procurando engrandecel-a, devendo-se-lhe, alem de outros revelantes serviços, os que presta como professor da Escola Industrial Brotero, frequentada na sua maior parte por operarios, aos quais tem orientado de tal modo que conseguiu criar na velha cidade do Mondego, tão cheia de recordações do passado, um nucleo de artistas verdadeiramente notaveis nas especialidades a que se dedicam.

* * *

O sr. dr. Antonio Augusto Gonçalves publicou agora um livro que é uma obra prima de critica de arte, um exemplo de trabalho consciencioso, digno de ser divulgado. Intitula-se «Estatuaria lapidar no Museu Machado de Castro de Coimbra» e ocupa-se da escultura de pedra na cidade do Mondego na idade media e na Renascença.

Na «Alegação previa» em que explica resumidamente as razões do seu trabalho e que é uma admiravel critica ás modernas opiniões em materia de arte, diz o ilustre professor:

«A ancia irreverente e demolidora dos velhos canones irrompe em todos os campos da arte, baldos de novos clarões.

Nas sociedades cultas a insubordinação toma proporções desvairadas. E, se alguns espiritos reflectidos se assustam, outros reconhecem nos exageros desta folia anarquica a vitalidade das aspirações e a garantia do triunfo da grande Arte em gestação.

Todas as teses são calorosamente debatidas. As ideias mais extravagantes e inopinadas de abstracção filosofica e de comprovação historica são expedidas em comentarios eruditos e magistrais.

Os jornais professos da arte arrojam-se a delirios de alucinação, que são preconisados como profissão de fé por sectarios arrebatados.

—«Qu'il faut considérer comme un titre d'honneur l'appellation de «fons» avec laquelle on s'efforce de bailloner les novateurs».

E todavia nas sociedades, enfraquecidas pela hereditariedade da submissão a crenças impostas, os velhos textos persistem, pelas intolerancias da rotina. E as opiniões discordantes são vozes perdidas.

As educações ficticias teem prejuizos incorrigiveis; a carencia de aducação tambem...»

E o eminente critico acrescenta:

«Se, como deixo dito, as mais bizarras asserções, nos dominios da arte, são toleradas e aceites, não vejo para alijar opiniões que professo e defendo pela observação raciocinada».

E' um livro precioso e é mais um serviço que o seu auctor presta ao paiz, com a publicação de cuidadosas e demoradas investigações de um ramo de arte que entre nós tem merecido pouca a atenção dos investigadores.

Navios de guerra

Saiu hoje a barra para Leixões o destroyer «Douro», comandado pelo capitão tenente Silva Costa.

NOTAS A LAPIS

A imortalidade

São os seguintes os candidatos aos varios fauteils vagos na Academia Franceza: para o de Pierre Loti Albert Bernard, Tanerède Mertel e Alfred Poizat; para a de d Frederic Nanon, André Beaunier, Marcel Boulenger, Driant, Lauzac de Laborie, Robert de La Sizéranne, G. Lecomte e Camille Le Senne; para o de Ribot, Henri Robert e M. Paléologue; para o de Alfred Capus, Francis de Croiset, Charles de Gollic, Hugues Le Roux, André Rivoire, Jerome Tharaud e Pierre Weber; para o de Jean Aicand, Auguste Dochain, Du Pleyss—Flandre—Noblesse, Abel Hermant, duque de La Force, Louis Madelin e Vigué d'Octon.

Como se vê, a caça á imortalidade não cessa.

A delicia das praias

Um amigo meu, encontrando-me há pouco no Chiado, contou-me apavorado a desgraçada vida que leva na praia para onde fugira com a familia aos primeiros ardores do verão.

A tragedia do meu amigo é longa e, por isso, não vale a pena contal-a pormenorisadamente. O aluguel da casa, carissimo, foi a primeira extorsão. A senhoria, uma velha rabujenta e feia, vigia diariamente a integridade dos seus moveis e do seu predio, não deixando a pobre familia descançada e aproveitando-se das amiudadas vezes, des seus almoços e jantares.

Estes custam rios de dinheiro, subindo os generos de hora para hora. Não ha luz e não ha agua.

Homens e mulheres vendem a bilha de agua pelo preço que querem, arriscando-se os compradores a ouvir os peores insultos, se não aceitam as condições impostas.

Ha peixe fresco todos os dias, mas nem nos recantos mais ignorados do interior custa uma duzia de sardinhas ou pargo de palma a quantia fabulosa porque tem de ser pago ali.

A situação dos pobres banhistas chegou a tal ponto, que, revoltados contra tão afrontosa tirania, organisaram um comicio na praça publica, para pedirem providencias.

Nomearam-se comissões e sub-comissões e os desgraçados, que tinham ido para ali para descançar das labutas de todo um ano, nunca na sua vida trabalharam tanto, se afadigaram tanto, perdendo noites em viagem ou ridiculo proclamações, gastando os dias em negociações de toda a especie, cada vez mais alarmados e irritados, porque os lojistas, indeferentes a toda essa indignação e sabendo que o verão não dura sempre, tratam de explorá-los o mais que podem.

O meu amigo, que daqui fugira, cansado de tudo, para repousar, veio agora fugido para Lisboa, a fim de descançar uns dias das massadas que tem tido.

E aqui está como as praias, para onde toda a gente debanda, são os peores sitios onde se pode viver...

X.

Camilo e Castilho

O ilustre e erudito director do Arquivo Nacional, sr. dr. Antonio Baião, vai iniciar a publicação de uma preciosa colecção intitulada «Ineditos da Torre do Tombo», para a qual ha no orçamento a grossa quantia de... dois contos.

O primeiro volume dessa preciosa coleção, prestes a publicar-se, insere a correspondencia entre Antonio Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco. De todas as cartas de Camilo até agora publicas nenhumas revestem tanto interesse. Estão sendo coligidas pelo 1.º conservador do arquivo sr. João Costa.

«Caldas da Rainha»

Da secção editorial do «Seculo» recebemos uma interessante publicação de propaganda das Caldas da Rainha, profusamente ilustrada, editada pela Associação Comercial e Industrial da formosa vila. Nessa «plaquette» se estudam as Caldas sob o ponto de vista historico e terapeutico, etc. e se põem em destaque as suas excelentes condições de região de turismo. Agradecemos o exemplar enviado.

Reclamação justa

Os funcionarios civis e militares aposentados da provincia de Moçambique, residentes na India, entregaram uma representação ao governador daquele Estado, solicitando a sua intervenção junto do governo da Metropole para que lhes sejam pagos os seus vencimentos constituidos por pensões de aposentação ou reforma, em atrazo ha mais de 11 mezes.

Esta situação de serem pagos irregularmente durou desde novembro de 1921, pois que até áquela data eram pagos pelo cofre geral do Estado da India. Entre os reclamantes contam-se os srs. general Sousa e Brito, tenentes-coroneis Fialho dos Reis e Silva e Moura, os majores Frederico de Menezes, Gomes da Silva e Costa Campos e o sub-director de Fazenda Oliveira Pegado.

A reforma ortografica

Com o titulo «A lingua portuguesa em Portugal e no Brasil» publicou o sr. dr. Candido de Figueiredo o discurso que recentemente proferiu na Academia das Sciencias de Lisboa em defesa da ortografia oficial, atacada ali dias antes pelo sr. dr. Oliveira Lima. É um precioso resumo dessa ortografia, excelentemente ordenado em meia duzia de palavras e provcitosissimo para quem queira adotal-a.

Por Espanha

A questão de Tanger

«La Epoca», orgão do partido conservador, falando da questão de Tanger, escreve:

«E' intuito que a Espanha não tenha a sua tese nacional sobre Tanger; é intuito igualmente que os tivesse posto de acordo com a Inglaterra para combater a tese franceza; é intuito emfim que se tornasse solido da Inglaterra para provocar o isolamento da França.

A Espanha tem a sua tese nacional. Tanger espanhola, mas no interesse da paz mundial, presente e futura, deve a abnegação de não apresentar em Londres esta tese extrema mas procurar ali sómente na formula intermediaria da internacionalisação algumas garantias para os seus direitos e interesses».

A «Epoca» pensa que em consequencia disso, a França não deverá apresentar tambem a tese extrema, Tanger sob o dominio do sultão, porque isso equivaleria a entregar Tanger á França.

A gréve bancaria

Salvo dois bancos hespanhois, que suspenderam as suas operações e a sucursal dum estabelecimento inglês, que anuncia a sua liquidação todos os estabelecimentos bancarios de Madrid continuam a funcionar, apezar da gréve geral dos empregados bancarios que se declarou sexta feira passada. Tem havido incidentes manifestações, no decurso das quaes a Guarda Civil fez muitos numerosos presos.

O sindicato que publicou nas vesperas da declaração da greve, e sindicato dos empregados bancarios e da bolsa depois de expor a origem do conflito, diz que se não pode admitir da atitude hostil do governo, e o que a maior parte dos funcionarios o conflito pertence aos conselhos de administração dos Bancos. Neste... [illegible] ...aos [illegible] ...continuará a ir... ao ministro do Trabalho que tome medidas para que se conflicto actual seja resolvido por uma arbitragem.

ULTIMA HORA

Tarde politica

A crise ministerial ainda não está resolvida—A questão do inquilinato

Reuniu hoje o conselho de ministros que durou algumas horas.

A sua nota oficiosa é, como sempre, anodina: apreciou varios assuntos de administração publica e habilitou o chefe do Governo a resolver alguns desses assuntos.

O sr. Antonio Maria da Silva continua a fazer politica de enigmas. O país não tem o direito de saber com clareza o que se passa nos meandros da politica.

Ora, a verdade é que o assunto capital desse conselho foi a recomposição do Governo e a recomposição do Governo não está ainda feita.

Pelo visto, o sr. Antonio Maria da Silva terá pouco a pouco de sobraçar todas as pastas, porque dificilmente encontra colaboradores.

O sr. Nicolau de Mesquita, que tinha pedido ontem vinte e quatro horas para reflectir, deliberou, ao que nos consta, pela recusa da pasta da Agricultura, o mesmo sucedendo com o deputado sr. Joaquim Ribeiro, que é incontestávelmente uma individualidade que muito bem conhece o assunto.

A questão cerealifera está num pé assas complexo e grave, para que qualquer politico queira queimar o seu nome numa recomposição tão transitoria que mal chegaria para vagas reflexões.

Deste modo, só com grande espirito de sacrificio haverá alguem que queira servir de muleta ao chefe do Governo, para que ele logre chegar á posse do Chefe do Estado, como é confessado intuito do sr. Antonio Maria da Silva.

Identicas circunstancias se estão dando com a pasta das Finanças, porque nem o sr. Velhinho Correia, nem o sr. Antonio da Fonseca estão dispostos a aceital-a.

Assim, ficaram desfeitos os vaticinios dos que aguardavam do conselho de hoje uma reorganisação do Ministerio.

No entanto, reúne esta noite o Directorio do P. R. P., para se ocupar do assunto, aguardando o Governo a sua resolução.

* * *

Na reunião de conselho o Governo, para atender ás constantes reclamações que lhe tem sido dirigidas sobre a aplicação da lei do inquilinato, resolveu encarregar o sr. ministro da Justiça de redigir rapidamente um regulamento que determina expressamente as condições em que pode ser decretado o mandado de despejo. Foi posta de parte a ideia de publicar um decreto corrigindo a lei, porque, não dispondo o Governo de autorisações parlamentares, essa medida seria considerada dictatorial pela magistratura, não podendo, portanto, ser cumprida.

O MARCO

A sua existencia é uma farça

LONDRES, 9.—A cotação do marco abriu a 19 milhões por libra, atingiu 27 milhões, tendo ido enormes flutuações e fechou a 20 milhões.

Nos circulos da City declara-se que o marco ultrapassou todo o valor real e a continuação da sua existencia é uma farça.

De Berlim noticiam oito suicidios de comerciantes num dia, por se verem arruinados.—(R.)

Companhias que reunem

Reuniu a Assembleia Geral, da Companhia da Zambeza presidida por Silva Viana, secretariado pelos srs. José Roma Machado e Carlos Sousa Pires.

Foi aprovado por unanimidade o parecer do conselho fiscal, atendendo sido reeleitos os membros do mesmo conselho: srs. Tomaz d'Almeida Garrett, Americo Santos e Mauricio de Oliveira Martins; e os membros do Conselho de Administração: srs. Ernesto Vilar, Almirante Canto e Castro, Silva Viana e administrador delegado José Roma Machado.

—Tambem reuniu a Assembleia Geral, da Associação Industrial, presidida pelo sr. Pereira Caldas, secretariando os srs. Carlos Ferreira e dr. Trancoso.

Foram apresentadas as contas de ano 1922-1923 e o parecer do conselho fiscal, sendo este aprovado por unanimidade.

Os sucessos de hoje

Uma falsa denuncia

Os jornaes da manhã de hoje, noticiam a prisão de José Ferreira, do Pateo das Vacas, 3, acusado de ser um terrivel propagandista de ideias avançadas e tanto que em sua casa haviam sido apreendidas bombas de dinamite, espingardas, revolvers, balas e ingredientes para o fabrico de explosivos, em resumo um verdadeiro arsenal.

Entregue o preso á P. S. E. esta veiu a apurar que a acusação feita contra o Ferreira era absolutamente falsa, pois se trata de um velho e dedicado republicano, funcionario zeloso do Estado, tendo-se lhe encontrados unicamente em sua casa, um revolver velho sem gatilho, 2 envolucros metalicos usados para bombas e uma espingarda velha sem utilidade alguma. Balas e ingredientes para o fabrico de explosivos não foram encontrados em casa do velhote conforme se dizia na denuncia.

Isto não impediu que o Ferreira fosse agredido á cutilada pela policia e a ponto tal que o desgraçado ficou com o braço esquerdo ao peito.

O caso ficou hoje devidamente esclarecido na P. S. E. sendo o Ferreira restituido á liberdade entre mil desculpas pois se averiguou ter havido *trop de zéle* por parte da policia da esquadra de Belem.

Proezas dos gatunos

Os larapios entraram por arrombamento num armazem da rua Rodrigues Sampaio, pertencente a João Lopes Sequeira, furtando dali varios artigos avaliados em 600 escudos.

— Maria de Jesus, rua Edith Cadell, queixou-se á policia de que os gatunos lhe levaram de casa varios objectos peças de vestuario, tudo no valor de 900 escudos.

O 19 de Outubro

O Supremo Tribunal de Justiça Militar julgou hoje o recurso dos srs. tenente coronel Luiz Augusto dos Santos Guerra e segundo sargento José Francisco Jorge, que foram condenados no Tribunal Especial por não terem evitado o assalto ao quartel de Adidos por ocasião do 19 de Outubro, facilitando assim a prisão do tenente sr. Viegas.

Depois de ser lida a sentença do tribunal mixto, usaram da palavra o juiz promotor e os advogados de defesa srs. capitão Santos e alferes Brasil, tendo em seguida reunido o juri, que deu a sentença como confirmada.

A quadrilha do «Assanhado»

Em 24 do mez findo noticiou «A Capital» a fuga dos terriveis desordeiros e assassinos Victor Mendes «O gato bravo» e «O Assanhado» autores de varios crimes de morte que se deram nos Terramotos e de que foram victimas Francisco Simões «O Padeirinho» e um outro conhecido pelo «Artur Mulato».

A fuga, conforme os nossos leitores devem estar lembrados deu-se após o julgamento no Tribunal da Boa Hora e quando os criminosos acompanhados do oficial de diligencias Vilar seguiam para o Limoeiro. Depois disso nunca mais a policia conseguiu descobrir o paradeiro dos fugitivos, vindo apenas a saber-se que o «Assanhado» fôra visto ha dias em motocicleta pelos sitios dos Terramotos, rondando a casa de um dos irmãos do «Padeirinho» tambem ameaçado de morte pela quadrilha.

O chefe Alves da esquadra dos Terramotos, a quem se deveu a prisão do «Assanhado» e dos seus cumplices, ao ter conhecimento da fuga dos dois criminosos, nunca mais descançou um momento procurando por todas as formas detel-os.

E foi feliz o referido chefe, pois conseguiu recapturar hoje, de manhã, o «Gato Bravo» quando ele estava trabalhando numas pedreiras existentes na quinta dos Apostolos ao Alto de S. João.

O «Gato Bravo», que após a sua evasão se havia refugiado em Pombal, voltou ha dias para a capital, crente de que não seria incomodado, sendo, pois, enorme o seu desapontamento quando hoje viu na sua frente o chefe Alves a intimal-o a entregar-se á prisão. O criminoso, sem relutancia obedeceu, tendo recolhido pouco depois a um dos calabouços do Governo Civil.

Oxalá que não seja escolhido o oficial de diligencias Vilar para de novo o acompanhar á cadeia do Limoeiro.

Dr. Santos Farinha

Morreu esta tarde o prior de Santa Izabel

A doença de que vinha sofrendo há muito o ilustre prior da freguesia de Santa Isabel, sr. dr. Santos Farinha não o poupou, matando-o hoje ás 15,15 quando se encontrava rodeado pelos seus dedicados e intimos amigos engenheiro sr. Taveira, seu afilhado Alvaro Castelões, Conde da Foz, de sua tia, uma velhinha de 80 anos, e da dedicada serva Maria que ha 20 anos o servia.

Durante o dia a casa do ilustre e erudito orador sagrado foram inumeras pessoas informar-se do seu estado, tendo a noticia do seu falecimento causado grande impressão.

A's 21 horas de hoje será conduzido de sua casa, na rua de S. Luiz, 155, 1.º, para a egreja paroquial de Santa Isabel, de que era prior ha 23 anos, devendo o seu funeral realisar-se ás 16 horas de amanhã para o cemiterio do Alto de S. João. A's 11 horas realisar-se-hão oficios e missa de corpo presente.

O sr. dr. Santos Farinha era uma figura interessante de Lisboa, tendo a simpatia e a estima de toda a gente. Pregador de nome, erudito e investigador, colaborou em grande numero de jornais e revistas, publicou varios trabalhos entre os quais ainda recentemente o que se refere ao Palacio de Palhavã. Um dos seus ultimos sermões pregou-o em Santa Izabel por ocasião das exequias de Bento XV. Era formado em filosofia e foi aluno laureado da Universidade de Coimbra. Fazia 52 anos em 22 do corrente.

Ainda ha pouco esteve ditando a um seu sobrinho um artigo relativo ao conde de Sabugosa. Os pobres da freguesia estimavam-no muito, pois protegia e amparava com grande dedicação todas as instituições de beneficencia que ali se criaram, entre elas a sopa dos pobres, que socorria da sua algibeira.

Para o logar de prior, ao que parece será nomeado o seu coadjutor rv. José Filipe Cardoso.

Governador Civil de Lisboa

O Governador Civil de Lisboa major sr. Viriato Lobo encontra-se doente de cama ha dois dias e como hoje o seu estado tivesse peorado foi chamado o seu medico assistente.

Fazemos votos pelo rapido restabelecimento do chefe do districto.

Os bombistas

Pedindo a libertação dos presos

Uma comissão delegada da C. G. T. acompanhada do sr. dr. Sobral de Campos, voltou hoje a instar com o sr. presidente do Governo para que seja rapidamente dado andamento aos processos dos individuos que estão presos por motivo dos ultimos atentados.

O sr. Antonio Maria da Silva respondeu á comissão ter já dado ordens para que nas averiguações não haja a menor morosidade. A comissão espera que ainda esta semana alguns dos presos que dizem nada ter com os atentados, sejam restituidos á liberdade.

OS PARTIDOS

Reuniões do P. R. R.

A Comissão Municipal de Lisboa, do Partido Radical convidou todos os cidadãos que compõem as comissões politicas partidarias, de Lisboa, a comparecerem á reunião conjuncta que se realisa amanhã, sexta-feira, 10 do corrente na séde do Centro Republicano R... de Lisboa, rua da Voz do Operario, 1.º á Graça, pelas 21,30 precisas. É vista da importancia dos assuntos a tratar recomenda-se a comparencia do maior numero possivel de correligionarios.

Na sua ultima reunião a Comissão Politica do Campo Grande resolveu propôr á Comissão Municipal a suspensão de um filiado residente na rua da freguezia por se ter averiguado estar tambem filiado noutro partido politico. Tomou conhecimento de novas adesões. Resolveu ainda comparecer com todos os seus membros á proxima reunião de comissões politicas que se realisa amanhã.

—Está já sendo impressa a lei orgânica do Partido e bem assim sendo confeccionados os bilhetes de identidade, que brevemente serão distribuidos a todos os filiados.

Reunião do Directorio

Reune amanhã pelas 21,30 no Centro R. di al de Lisboa, o Directorio do Partido Radical para tratar de importantes assuntos.

Republicano Presidencialista

Tomaram posse as seguintes comissões paroquiais deste partido: Castelo, Julio Augusto da Sá Pereira, Jorge Alberto de Gouveia e Jaime Pedro Rodrigues. Santo André: Constantino Augusto da Silva, Manuel Castelo Branco e Filipe de Jesus. S. Cristovam: Manuel Pereira, Acacio Martins, Joaquim Diniz das Neves, Alvaro Machado.

«S. Tiago»: José Henriques, Ladislau Verissimo Fialho e Joaquim Leal. Escolas Gerais: Manuel Afonso, Antonio dos Santos, Edmundo José Leitão e Miguel José Bernardes. Penha de França: João Luiz Marques Pegado, Verediano Dias Saraiva Curado, José de Figueiredo, Duarte da Conceição Fialho e João Francisco.

Apoz a posse o presidente, da direcção pediu que, intensificassem a propaganda presidencialista nas suas freguezias e estudassem as aspirações paroquiais, afim de serem tratadas e discutidas no proximo congresso do partido.

Falam os numeros

Casamentos em Lisboa e Porto

O que dizem as estatisticas de 1921

Apesar da carestia da vida, parece que o numero de casamentos em Lisboa e Porto não diminuiu. Ha nas duas cidades quem, com um heroismo digno de registo, se abalance a constituir o seu lar, podendo ser que se fiem na maxima de que a união faz a força.

As estatisticas fornecem numeros interessantes a este respeito e foi lá que fomos buscal-os. Só os conseguimos relativos ao ano de 1921.

Dizem o seguinte:

Casamentos em Lisboa. 4.915, tendo assignado o termo, por saberem lêr e escrever, 3.207 mulheres e 4.097 homens.

Casamentos no Porto. 2.015, tendo assignado o termo 1.321 mulheres e 1.726 homens.

A percentagem de nupcialidade por cada mil habitantes foi a seguinte:

Em Lisboa, 9.68.

No Porto, 9,25.

Os nascimentos em Lisboa foram 12.068 e no Porto 5.983, sendo, em Lisboa em numero de 7.784 os filhos legitimos e de 4.784 os ilegitimos e no Porto de 3.933 e 2.050 respectivamente.

A percentagem de natalidade por cada mil habitantes é a seguinte:

Em Lisboa. 23.77.

No Porto, 27,48.

Por cada 1.000 individuos do sexo feminino em idade de procrear, deram á luz 78,72, em Lisboa, e no Porto, 87,54.

São numeros interessantes estes pois, deixam-nos tranquilos, no que respeita ao grave problema da natalidade, que tanto está preocupando a França. Preciso é, no entanto, que olhemos a sério para a grande mortalidade infantil que anda apontada nas ultimas estatisticas e que é assustadora. A mulher portuguesa cumpre o seu dever; e auctoridades é que não a amparar de modo a salvar-lhe os filhos, libertando-os dos mil e um perigos que assaltam e os arrastam para a morte.

Como pelo numeros acima se vê é maior no districto do Porto, e talvez em todo o Norte, a fecundidade das mulheres do que em Lisboa, verificando-se que uma maneira geral, que nas duas grandes cidades é relativamente diminuta a percentagem de femeas em idade de procrear que não deram prole.

Os nado-mortos em Lisboa foram 1.181 e no Porto 705.

Os obitos foram em Lisboa 11.900 e no Porto 4.516, sendo a seguinte a percentagem da mortalidade nas duas cidades por cada mil habitantes: 21,47 e 20,74.

Entre os que casaram em Lisboa e Porto a percentagem dos que sabiam lêr e escrever é a seguinte:

Em Lisboa, homens, 83,79; mulheres, 65,28.

No Porto, homens, 85,6; mulheres, 65,56.

Prevenção

Empregar pomadas e cremes contendo agua raz é ter a certeza de que se arruina depressa o calçado e por isso usai o «Radiolo», que é o producto mais recomendável. Pedidos a Tranquino, L.da R. S. Nicolau, 19.

A Alemanha e os aliados

O chanceler Cuno faz declarações

BERLIM, 9 — O chanceler Cuno discursando no Reichstag afirmou que depois da invasão do Ruhr a Alemanha tinha procurado muitas vezes entender-se com a França e que tinha consentido em humilhar-se para que essa Nação nada perdesse do seu prestigio, mas não podia sacrificar parte do seu territorio nem atraiçoar os seus compatriotas. A principal reclamação actual dos franceses consiste em exigir a terminação da resistencia passiva. A França deseja que o governo alemão consiga dos habitantes do Ruhr que eles terminem absolutamente a resistencia passiva entregando assim as suas ultimas armas antes de se entrar em quaesquer negociações. E' absolutamente impossivel satisfazer este desejo. A rendição completa e incondicional ás exigencias da França daria como resultado apenas a apresentação de novas notas exigindo da Nação alemã encargos que esta não podia satisfazer e que todo o mundo é de opinião que não obedecem a dictames de justiça, nem de senso comum. Os franceses desejariam exigir da Alemanha que ela satisfizesse os seus compromissos privando-a da posse da região do Ruhr o seu mais poderoso instrumento economico.

Em seguida, o chanceler resumiu os esforços feitos em Londres e em Roma para achar uma solução á crise actual, dizendo contudo que as bases em que a Inglaterra procura encontrar uma solução estão longe de serem satisfatorias, porque contém exigencias que a Alemanha não pode cumprir. Acrescentou que no momento presente em que a Inglaterra está disposta a apresentar novas declarações e novos planos seria ocioso e perigoso mesmo criticar detalhadamente as ideias inglezas ou estabelecer quaesquer prognosticos. A Alemanha crê, contudo, firmemente que o senso comum e o sentimento da justiça hão-de prevalecer. Referindo-se ás acusações feitas á Alemanha, que esta não se tinha esforçado por cumprir os seus compromissos, o chanceler disse que ninguem podia ter duvidas acerca do desejo da Alemanha de chegar a um entendimento. Antes da invasão do Ruhr o governo pretendeu entrar por quatro vezes em entendimentos com a França. Depois da invasão tem procedido do mesmo modo. — R.

Auxilios ao governo

BERLIM, 9 — O chanceler Cuno teve uma conferencia de tres horas com os «leaders» dos varios partidos acêrca da politica interna e externa especialmente acêrca da questão dos impostos. Todos os partidos estão de acordo em que é necessario tomar medidas decisivas para obstar á desvalorisação do marco e á inflação da circulação fiduciaria. O orçamento tem que ser colocado em bases estaveis. Examinou-se tambem a questão do emprestimo. Em seguida a essas conferencias as industrias alemãs, o alto comercio e os Bancos poseram á disposição do Reichsbank, em troca dos dollars com que este Banco conta, 50.000.000 de marcos em ouro. As cambiaes estrangeiras existentes foram quasi todas empregadas na aquisição de viveres no estrangeiro. — R.

Os franceses no Ruhr

BERLIM, 9 — As autoridades francesas proibiram que se celebrasse a data da nova constituição, proibindo igualmente que se hasteassem bandeiras.

Na região do Ruhr as autoridades francesas expulsaram todos os empregados que não quizeram trabalhar em serviço dos franceses. — R.

Teatros — Musica — Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO APOLO—As pupilas do sr. Reitor — de Araujo de Biester—pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho

A grande actriz que é a sr.ª Maria Matos reorganisou a sua companhia. Maria Matos é não só uma artista muito inteligente e muito notavel na sua arte, como uma cultissima mulher de teatro. Os conjuntos scenicos a que tem presidido distinguem-se sempre por uma bela harmonia e um timbre elevado de representação. A sua nova companhia, sem grandes elementos de cartaz, ou pelo menos sem os ter em grande numero, não se apresentou mal. Seja-nos porém licito desde já lamentar que, para ocorrer a um exito provavel de bilheteira e ás influencias especiais da R. da Palma, se escolhesse uma peça em que a grande arte de Maria Matos fosse posta quasi de lado.

Para quê uma grande peça de conjunto, quando a companhia Maria Matos, sem menosprezar os seus camaradas, é essencialmente Maria Matos e Mendonça de Carvalho? Ora a verdade é que Maria Matos tem uma rábula e Mendonça não entra nas «Pupilas do Senhor Reitor».

Falemos, pois, do resto do desempenho, porque a critica da peça-adaptação está de ha muito feita.

Georgina Cordeiro e Irene Gomes, nas pupilas, foram interessantes. «Clara», Georgina Cordeiro, é uma actriz de meritos reais. Precisa, porém, educar a sério a sua voz. Todo o seu trabalho, que tem valor, foi integralmente prejudicado pela voz, terrivelmente mal colocada, agreste e, sobretudo exageradamente levantada. Notamos-lhe grandes progressos desde a sua estreia no Politeama.

Irene Gomes representou dentro da sua forma, com os seus meritos artisticos, que a tornam por vezes uma bela actriz de conjunto. Julgo, no entanto, pelo seu fisico, ver nela mais uma dama central e brilhante do que a humilde Margarida do romance de Julio Diniz.

Antonio Gomes esteve muito bem no prior. E' um belo actor. Cada vez reconhecemos nele melhores qualidades de comediante.

Abilio Alves representou com desembaraço a sua parte e não a caracterizou mal. Vejamos, porém, uma nota terrivel: a sua cabeleira, ou antes o seu cabelo. Como pode o Pedro das Dornas andar penteadinho á «popocecor», todo lambido a brilhantina?

Penha Coutinho, com a sua figura romantica, encarnou o Daniel com acêrto.

Oliveira, o velho actor portuense, e mais algumas figuras, completaram a scena com discreção.

Os scenarios, razoaveis, sendo boas, como iluminação e como côr, as scenas da desfolhada e do quintal das pupilas.

Parecia-me, porém, honesto dizer que as ilustrações do eminente aguarelista que é Roque Gameiro foram copiadas «tant bien que mal» e serviram como base fundamental ao scenografo e indumentarista. O seu a seu dono.

O HOMEM QUE PASSA'

OS GRANDES MUSICOS

A loucura de Perosi

O grande artista vai deixar Roma, partindo para Londres

O abade Perosi vai deixar Roma, exilando-se em Londres. Estas duas linhas, extraidas de um telegrama das agencias, encerram uma tragedia. Estão ainda na memoria de todos os desagradaveis incidentes que levaram os tribunais de Roma a proceder contra o celebre compositor, então mestre de capela do Vaticano. Pio X e Benedicto XV deixaram a Perosi uma larga independencia, mas nem por isso a desordem intima do notavel musico deixou de augmentar.

No ano findo, quando o cardeal Ratti foi elevado ao papado, Perosi, cujo misticismo desordenado aumentava de dia para dia, pretendeu chamar a atenção do papa para um certo numero de reformas eclesiasticas que julgava necessario realisar quanto antes. Pio XI recusou-se a seguir os conselhos de Perosi, procurando encaminha-lo no sentido de uma mais sã apreensão pelas coisas da igreja. Perosi não obedeceu, ameaçando deixar ruidosamente o catolicismo, defendendo a ideia que disse lhe ter surgido depois da leitura dos textos sagrados: «A religião catolica devia fundir-se com a igreja anglicana.»

Foi, então, que o tribunal romano proferiu a sentença de interdição. Perosi tentou um ultimo esforço: foi apresentar a Mussolini uma defesa apaixonada ao protestantismo, mas o chefe fascista respondeu-lhe secamente: «O fascismo defende a igreja romana.»

A partir deste momento, o estado mental de Perosi agravou-se rapidamente, caindo no abismo da loucura. A sentença de Roma, impiedosa, foi um golpe terrivel, pois até essa altura estava convencido de que faria aceitar pela igreja as suas teses. Candura de artista... e de iluminado, mais de iluminado que de artista, pois que se receia que o notavel musico morra em Perosi.

Ha muito tempo que não quer ouvir falar das suas obras, detestando-as.

—«Possuo muita técnica, tenho muita habilidade — diz ele — e isto matou em mim toda a inspiração.»

Toda a sua paixão, todo o seu entusiasmo vai para o «Boris Godounov», que ainda este ano ouvimos em S. Carlos. — «E' uma obra ao mesmo tempo facil e elevada. Não é musica de Perosi», afirma com calor.

Perosi detesta a sua musica, como Rimbaud, aos vinte e um anos, detestava os seus poemas.

—«Fez-me muito mal, foi perigosa para mim, cérto de que foi por ser musico, que não quizeram ouvi-lo como teologo.

A noticia da sua partida — dizem os telegramas — causou sensação em Roma. Os seus admiradores não o verão mais, na igreja dos Apostolos, dirigir a execução da «Paixão», do «Moisés», da «Matança dos inocentes» ou do seu formosissimo «Natal». Vai para Londres, onde espera arranjar emprego numa igreja anglicana.

Noticiario

De Portugal

O emprezario Otelo de Carvalho cedeu ao seu colega Oscar Ribeiro, a exploração, durante o inverno proximo, do teatro Nacional do Porto. A companhia Otelo de Carvalho estrear-se-ha no Apolo, em outubro, com a «reprise» de Schwalbach «Pé de meia».

— Foi contractada para o Eden Teatro a actriz Maria Fonseca.

— Na 50.ª récita do «Fado corrido» estrear-se-hão os seguintes numeros novos: «Os leques e os abanos», «Vida da manhã» e «Sempre triste».

— Reaparece hoje no teatro Maria Victoria o actor Roldão.

— Vai realisar-se o Dia do Bombeiro.

Do estrangeiro

Mascagni entregou ao seu editor uma nova opera «Vestilia», em 3 actos. Começou-a antes da «Cavalaria», mas só agora a concluiu.

Quando representava na Comédie, Cecile Sorel aproximou-se a tal ponto da ribalta, que caiu indo parar junto da orquestra. A representação interrompeu-se por alguns minutos.

Reclames

S. CARLOS

Mais uma noite de vibrante entusiasmo vai ser a de hoje, em S. Carlos, aonde se repete a linda peça de Pinero «A casa em ordem». Lucilia Simões ainda ontem voltou a ser aplaudidissima, em todo o seu trabalho, verdadeiramente magistral, que o publico por vezes, interrompeu, empolgado, arrebatado, para a festejar. E' um sucesso enorme, sem precedentes, o que Lucilia Simões conquista nesse papel, em que tem uma das suas mais fulgurantes creações. A «Casa em ordem» além de hoje, poucas mais vezes irá á scena visto a companhia Lucilia Simões findar na segunda-feira a sua temporada, que continua decorrendo brilhantissima.

EDEN TEATRO

Continua ininterruptamente no mais brilhante sucesso, os espectaculos constituidos por numeros estrangeiros, entre os quaes se faz aplaudir «Carmen de Cadiz», e «Trini Herrero», eximias bailarinas; «Colombina», «Théo Dorah» e «Los Bellini».

Com tão bem escolhidos elementos, continua a empreza deste teatro a deliciar os frequentadores desta casa de espectaculos.

MARIA VICTORIA

O teatro Maria Vitoria mantem no cartaz a revista «O Fado Corrido». A graciosa peça, cujos exitos temos noticiado dia a dia, consegue levar todas as noites ás duas sessões uma romaria de crianças, senhoras e homens ávidos de vêr, ouvir e aplaudir, o nucleo de artistas que tão belo desempenho dão ás interessantes e tipicas scenas da fantasiosa revista.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9—«Casa em ordem»
NACIONAL—A's 9.15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
POLITEAMA—A's 9,30—«As cobardias»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—4 vacas bravas.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Escandalo oculto».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Vida Sportiva

Foot-ball

TAÇA «VICTOR MANUEL»

Para as finais deste torneio ficou apurado o Sporting Club Barroca por ter sido eliminado o Santa Cruz Foot Ball Club que incluiu na sua linha um jogador do 1.º team do União Foot-Ball Lisboa, o qual jogou o ultimo desafio em 18 de março do corrente ano contra o Carcavelinhos Foot Ball Club.

A Comissão nomeada em Assembléa Geral da Associação de Foot-Ball de Lisboa para conhecer da existencia ou não existencia dos profissionais do foot ball, convidou todas as pessoas ou entidades que do facto tenham conhecimento e possam prestar o esclarecimentos sobre o assunto a comparecerem na séde da Associação na travessa da Gloria, 22 A, 2.º D., perante a mesma comissão na proxima terça-feira, 14 do corrente, pelas 21 horas.

As pessoas ou entidades que não possam comparecer neste dia e hora poderão enviar por escrito devidamente assinadas e documentadas as declarações que pessoalmente poderiam fazer.

A Exposição do Rio

e as festas que deviam realisar-se nos pavilhões portugueses

S.r Director d' «A Capital» —Publicou o seu conceituado jornal no dia 30 de julho findo uma nova carta do sr. Lisboa de Lima em que é desvirtuada por completo e por uma forma infeliz a verdade do que entre mim e esse senhor se passou no Brasil. Em resposta devo dizer que os documentos por onde se pode verificar que a expressão nitida da verdade é aquilo que eu digo e não o que diz o sr. Lisboa de Lima, se encontram na mão do juiz sindicante aos actos daquele senhor, sr. dr. Dutra Machado.

Permita, porem, v. que rebata alguns pontos daquela segunda infeliz carta. Não fui eu que me ofereci ao comissariado, foi o sr. Lisboa de Lima que me escreveu perguntando-me as condições em que eu iria ao Rio de Janeiro tomar parte nas festas que esse sr. projectava (Vidé documentos em mão do sr. dr. Dutra Machado). Não me irritei com o sr. Lisboa de Lima por questões de dinheiro. Apenas me irrita o facto do sr. Lisboa de Lima pretender desvirtuar em face de documentos a verdade do que se passou. Não é exacto que da troca de correspondencia se concluisse que eu pretendesse só para «toiletes» uma dezena de contos de reis. Nunca se falou em preço de toiletes e não seria para a luxuosa toilete que as «Rosas de todo o ano» requerem e cujo preço conforme orçamento feito por uma casa do Rio, iria a uns tres contos e não a uma dezena como aquele sr. diz (Vidé os mesmos documentos). Não é exacto que eu tivesse sido convidada para a Festa de Portugal. Foi essa a unica para que não fui ouvida, nem achada. Fui convidada para ir ao Rio cantar as «Rosas de todo o ano» e realisar de 8 a 16 concertos mensais (Vidé os mesmos documentos). O sr. Lisboa de Lima diz-me nesses documentos que o pavilhão das industrias seria inaugurado nos primeiros dias de dezembro: Foi inaugurado em fins de março!

Ora ainda mesmo que eu tivesse falado, «que não falei», n'uma dezena de contos de reis, não era muito para me preparar para me exibir nas «Rosas de todo o ano» e para cantar durante uma longa epoca uma serie de 8 a 16 concertos por mez. Bem se vê que o sr. Lisboa de Lima não dá o devido valor as «toilettes» das cantoras. Não é exacto que eu tivesse pedido 1.000$00 como indemnisação e que horas depois elevasse essa quantia a 1.600$00. O que eu pedi ao sr. Lisboa de Lima foi o pagamento das minhas despesas até aquela data, e que fiz dentro de testemunhas que por escripto o confirmarão (Vidé os mesmos documentos). E se o sr. Lisboa de Lima tão facilmente se esquece das coisas, consulte os recibos que lhe entreguei e que ainda me não devolveu. Não é exacto que o sucessor do senhor Lisboa de Lima tivesse deixado de resolver o caso favoravelmente. O sr. dr. Duarte Leite, actualmente entre nós, disse-me que era um caso justo por todos os motivos.

Não podia ele resolver favoravel ou desfavoravelmente um caso que é da exclusiva responsabilidade do sr. Lisboa de Lima. O sr. dr. Duarte Leite, limitar-se-hia a enviar para Lisboa a minha reclamação.

Esta é que é a verdade. Do resto aguardarei a publicação dos documentos se alguem se ocupará d'este assumpto em local apropriado para que se saiba bem de que lado estão a justiça, e a razão e a verdade. De V. etc.—31 de Julho de 1923 — CACILDA ORTIGÃO.

Felner (Irmãos) Limitada

Para todos os efeitos legais, se publica que, por escritura de 23 de Julho do corrente ano de 1923, outorgada nas notas do notario desta cidade, dr. José Peres de Noronha Galvão, foi reforçado o capital desta firma, que era de 122.000$00, com mais a quantia de 392.000$00, ficando assim elevado a 514.000$00, e admitidos como novos socios a sr.ª D. Albina de Carvalho e os srs. João Carlos da Silva, Nuno Leopoldo Cardeira, Julio José Araujo, Antonio Lopes Faria, Luiz Dias Rosa e Luiz Pinto de Ascenção Moreira.

Que o mencionado reforço acha-se inteiramente realisado em dinheiro e foi subscrito por todos os socios da seguinte forma:

Socio	Quantia
Alfredo Frederico de Albuquerque Felner	10.000$00
D. Amalia Felner Arantes Pedroso	6.000$00
D. Adelia Felner de Almeida Rino	47.000$00
Pedro Carlos de Albuquerque Felner	10.000$00
João Evaristo Monteiro	25.000$00
Mario Silvio de Queiroz Barreto	75.000$00
Antonio Joaquim Pereira	14.000$00
D. Maria da Graça Gonçalves da Luz Rumina	5.000$00
D. Albina de Carvalho	40.000$00
João Carlos da Silva	50.000$00
Nuno Leopoldo Cardeira	55.000$00
Julio José de Araujo	15.000$00
Antonio Lopes Faria	20.000$00
Luiz Dias Rosa	10.000$00
Luiz Pinto de Ascenção Moreira	10.000$00

Que, outrosim, foi reformado inteiramente o pacto social, que ficou substituido pelo constante dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade continua á adoptar, para todos os seus actos e contractos, a firma «Felner (Irmãos) Limitada.

2.º — A séde da sociedade é em Lisboa e os seus dois armazens na Praça de D. Luiz, n.os 26 e 27, esquina da Rua Vasco da Gama, n.os 1, 3 e 5, e Rua Vinte e Quatro de Julho, n.º 4-A, sendo o seu escritorio no 1.º andar.

3.º — O seu objecto é o exercicio do comercio de artigos de pesca de cairo, linho, alcatrão, coaltar, cabos, rêdes e qualquer outro ramo de comercio ou industria que convenha á sociedade e os socios resolvam adoptar, podendo criar sucursais no continente, ilhas e ultramar.

4.º — A sociedade, que teve o seu inicio no dia 1 de Julho de 1919, continua a ser por tempo indeterminado, contando-se os efeitos dêste novo contracto desde 1 de Julho corrente.

5.º — O capital social é de 514.000$00, correspondente á soma das quotas dos socios, que são as seguintes:

Socio	Quota
Alfredo Frederico d'Albuquerque Felner	35.000$00
D. Adelia de Albuquerque d'Almeida Rino	68.000$00
D. Amalia Felner Arantes Pedroso	22.000$00
Pedro Carlos de Albuquerque Felner	25.000$00
João Evaristo Monteiro	40.000$00
Mario Silvio de Queiroz Barreto	90.000$00
Antonio Joaquim Pereira	24.000$00
D. Maria da Graça Gonçalves da Luz Rumina	10.000$00
D. Albina de Carvalho	40.000$00
João Carlos da Silva	50.000$00
Nuno Leopoldo Cardeira	55.000$00
Julio José d'Araujo	15.000$00
Antonio Lopes Faria	20.000$00
Luiz Dias Rosa	10.000$00
Luiz Pinto d'Ascenção Moreira	10.000$00

§ unico. — Este capital acha-se integralmente realisado e representado nos diversos valores sociaes.

6.º — Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que ela carecer, mediante o juro que então fôr convencionado.

7.º — O socio que pretender ceder a sua quota a estranhos terá de a oferecer previamente, em carta registada, á sociedade e aos outros socios, tendo aquela em primeiro logar e estes em segundo o direito de a adquirir pelo valor que lhe tenha sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva legal e de quaesquer outros que se tenham creado.

§ 1.º — Dentro dos primeiros 10 dias apoz a recepção da oferta da alienação da quota, será convocada uma assembleia geral a fim de se resolver sobre a sua acquisição.

§ 2.º — O pagamento do valor total da quota será feito em oito prestações trimestraes, vencendo o juro da taxa de desconto do Banco de Portugal, sendo permitida a antecipação do pagamento descontando-se o juro correspondente ás prestações vencidas.

§ 3.º — Se a sociedade em 1.º logar e os socios em 2.º declararem não pretender a quota alienanda ou não responderem, tambem no praso de 15 dias, por carta registada, a contar da recepção do oferecimento, poderá a mesma quota ser livremente cedida.

8.º — A cessão total ou parcial de quotas entre associados não carece de qualquer consentimento, ou formalidade prevía.

9.º — Ocorrendo o falecimento de qualquer socio a sua quota continuará indivisa, nomeando os herdeiros e mais representantes do socio falecido um dentre eles que os represente perante a sociedade, sem o que não poderão ter intervenção nos seus negocios.

10.º — A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fóra dele, serão exercidas pelos socios João Evaristo Monteiro e Pedro Carlos de Albuquerque Felner, que desde já ficam nomeados gerentes com dispensa de caução e com a remuneração que em reunião de socios lhes fôr fixada.

11.º — Aos gerentes é expressamente proibido assignar em nome da sociedade actos e contractos que não digam respeito aos negocios sociaes, taes como abonações, fianças, letras de favor e outros similhantes, sob pena daquele que infringir o disposto neste artigo perder a favor dos outros socios metade dos lucros que lhe competirem no ano em que cometer a infracção, sendo além disso responsavel para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar com esse uso.

12.º — As assembleias geraes, salvo os casos em que a lei exija outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedencia de 8 dias, pelo menos.

§ unico. — As deliberações da assembleia geral, que constarão de actas, serão tomadas por maioria de votos de todo o capital, excepto nos casos em que por lei fôr exigida outra fórma de votação.

13.º — Os balanços da sociedade serão dados em dezembro de cada ano e deverão estar concluidos e aprovados até ao fim de fevereiro do ano seguinte.

§ unico. — Os lucros liquidos, acusados pelos respectivos balanços anuaes, depois de deduzida a percentagem de 5 por cento para fundo de reserva legal e qualquer outro que a assembleia geral resolva, serão divididos pelos socios na proporção das importancias das suas quotas; e de igual modo serão suportados os prejuizos se os houver.

14.º — A sociedade dissolve-se unicamente nos casos previstos na respectiva legislação.

§ 1.º — Em qualquer caso de dissolução a assembleia geral extraordinaria nomeará dois socios liquidatarios, sendo obrigatoria a licitação em globo do activo social a fim de ser adjudicado ao socio que maior vantagens oferecer desde que qualquer dos socios a requeira.

§ 2.º — A licitação será feita mediante proposta por escrito e só haverá licitação verbal quando apresentadas duas propostas iguaes, sendo neste caso admitidos a licitar todos os socios que tenham feito propostas escritas, embora com ofertas inferiores. Não havendo ofertas iguaes, será aceite a que maior vantagens oferecer.

15.º — Quaesquer questões que se suscitem entre os socios relativamente a este contracto, serão resolvidas por arbitros, nomeando cada parte divergente o seu, e estes um para desempate, obrigando-se desde já todos os socios a assignar a respectiva escritura de compromisso, sob pena daquele que se recusar perder a favor dos outros socios 50 por cento do lucros que tiver a receber no ano em que cometer a infração.

16.º — Nos casos omissos regulará a lei de 11 do abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 4 de agosto de 1923.

O notario ajudante, *Adriano Joaquim da Silva Graça Junior.*

Atenção

A sociedade anonima ingleza «Teh Printing Machinery Company Limited», com séde em Londres, deseja conceder licença para o goso dos seguintes privilegios de invenção, ou vender as patentes de que é proprietaria:

N.º 6.9[?]8, de 1 de Dezembro de 1909, para «aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de chapas estereotipicas para impressão».

N.º 6,981, de 8 de Janeiro de 1910 e respectiva Patente de adição, de 3 de Abril de 1913, para «Um metodo de arrefecimento de estereotipos curvos e os aperfeiçoamentos nos aparelhos que os sosbam, arrefecem e enxugam, que o mesmo metodo exige».

Propostas devem ser dirigidas Henry Hart, 14 e 16 Norwich Streets London.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4452-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sexta-feira, 10 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

O sr. Presidente do Ministerio não conseguiu ainda solucionar a crise, continuando, porem, a fazer negociações para esse fim

Processos irregulares

Os jornaes publicam uma carta do sr. Victorino Guimarães, dirigida ao sr. presidente do Ministerio, onde declara abandonar a sua pasta de ministro das Finanças, expressando-se duma fórma depreciativa para o Parlamento, e dando a entender que a situação financeira caminha para uma catastrofe.

Não é já o primeiro exemplo destas iniciativas tomadas por ministros, e que não hesitamos em classificar de irregulares.

Assim, ainda não ha muito, o sr. Freiria, despresando todas as praxes, enviou a sua demissão ao presidente da Camara dos Deputados em vêz de a enviar ao presidente do Ministerio, seu chefe hierarquico.

Agora, o ministro das Finanças vem tornar publica a carta dirigida ao sr. Antonio Maria da Silva, apresentando-lhe a demissão do seu cargo.

Não nos parece que advenha qualquer vantagem deste processo irregular de renunciar ás funções ministeriaes.

O sr. presidente do Ministerio é que deverá ser o juiz da oportunidade e da latitude a dar ás explicações porventura necessarias para justificação das clareiras abertas no seu elenco ministerial.

O sr. Freiria abandonava a pasta da Guerra? Era ao sr. Antonio Maria da Silva que o deveria comunicar, e, por seu turno, o sr. Antonio Maria da Silva o comunicaria ao Parlamento, dando-lhe todos os esclarecimentos de que o Parlamento necessitasse sobre a saída do seu colega.

Por seu turno, o sr. Victorino Guimarães vem para publico insinuar as previsões mais pessimistas sobre o nosso futuro, quando outra cousa não tinha a fazer que não fosse dar pura e simplesmente a sua demissão, reservando para a camara de que faz parte, se fosse acusado de ter procedido com precipitação ou leviandades as explicações que julgasse necessarias para a justificação da sua conduta. E, ainda assim tendo sempre em linha de conta os prejuizos que poderiam advir desses esclarecimentos sobre tão melindroso assunto.

Mas não! Ninguem se importa com o caracter que pensam assumir determinados actos e as consequencias que lhes possam sobrevir. Cada qual, como o diz o povo, faz o que entende e sobeja-lhe tempo.

Entretanto, a observancia de certas praxes e de certas reservas não é facilmente dispensavel no Governo duma Nação, seja qual fôr o regimen nessa Nação estabelecido.

Do contrario, mais do que nunca afrouxarão os laços da disciplina social, porque cada vez haverá menos auctoridade nos que estão de cima para chamar á ordem, logo que eles delinquam, os que estão de baixo.

O Presidente Harding

já foi sepultado no cemiterio de Marion

NEW YORK, 10 — O feretro do presidente Harding, que ante-ontem á noite foi transportado do Capitolio para a estação do caminho de ferro no mais profundo silencio, chegou ontem a Marion e foi transportado para casa de seu pai.

O corpo esteve todo o dia em camara ardente, para receber as homenagens dos habitantes de Marion, celebrando-se hoje de manhã o enterro com a mais simples das cerimonias, sendo o cadaver sepultado num coval, sobre o qual se vai erigir um mausoleu.

Durante o funeral em Washington cairam com insolações 190 pessoas, tendo sido esse o dia mais quente do agosto que tem havido naquela cidade.

O presidente Coolidge recebeu os embaixadores extraordinarios e as missões diplomaticas que tomaram parte no funeral.

UMA CAMPANHA DA «CAPITAL»

Em defesa dos inquilinos

O Governo vai regulamentar a lei, para garantir a população contra a exploração dos senhorios

Um projecto da Associação Industrial Portuguesa

Foi A CAPITAL que tratou, numa campanha intensa e vigorosa, a questão do inquilinato, a ponto de estabelecer doutrina sobre os pontos confusos da lei.

Pelas nossas colunas passaram milhares e milhares de consultas, centenas de casos extrordinarios que seriam de molde a levar-nos á conclusão de não haver justiça em Portugal, se o mal não tivesse origem na negligencia de muitos inquilinos, paralela á deshumana ganancia de quasi todos os senhorios.

Positivamente, a responsabilidade não cabia aos juizes. Era da lei—e da organização da magistratura.

A campanha da CAPITAL teve, porem, o condão de despertar os inquilinos para uma actividade admiravel e corrigir deficiencias da lei. Em boa rasão, devemos orgulhar-nos das reuniões publicas levadas a efeito para tratar da questão, das representações entregues ao Parlamento, desse movimento explendido, emfim, em que se lançaram as populações de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.

Incontestavelmente, ela é obra d'A CAPITAL, que não arrefeceu ainda um instante na sua campanha, que dura ha mais de seis mezes.

Os resultados desta campanha e daquele movimento, começa a surgir. No conselho de minstros hontem reunido, já o Governo, de uma maneira positiva, olhando ás instantes solicitações que lhe teem sido dirigidas, tratou do caso, por uma forma positiva.

Para vigorar durante o interregno do Parlamento, o sr. ministro da Justiça foi encarregado de elaborar um regulamento que determinasse, expressamente, os casos em que poderá ser decretado o mandado de despejo. Deste modo atende-se, pelo menos em parte, á reclamação dos inquilinos, que tinham solicitado a suspensão de todos os processos dessa natureza. Como de certo sr. Dr. Abranches Ferrão considerará a urgencia dessa medida, é natural que os processos que, embora já organisados, estão ainda por julgar, venham a ser abrangidos pela doutrina fixada no regulamento. Entretanto reabrirá o Parlamento e a proposta do sr. Dr. Catanho de Menezes será aprovada.

No conselho de ministros tambem foi apreciada a suspensão dos processos de mandado de despejo; mas o Governo julgou-se incompetente para o fazer, visto que o decreto que estabeleceria essa solução seria considerado dictatorial e portanto, os juizes não lhe dariam cumprimento.

Não é tudo, o que se fez agora. Mas já é alguma coisa. Pelo menos, a ameaça que que pesava sobre todos não, foi arredada um ponto, podendo todos nós respirar mais livremente, até á aprovação da nova lei.

A Associação Industrial Portuguesa entregou ultimamente ao Parlamento uma representação ácerca do projecto de lei pendente do Senado, apresentando as bases para uma nova lei sobre inquilinato.

Diz-se nessas bases que a partir de 1 de janeiro de 1924 ficam revogados todos os diplomas sobre arrendamentos e despejos de predios urbanos publicados desde 21 de novembro de 1914, instituindo-se em cada uma das varas de Lisboa e Porto, civis e comerciaes, e nas comarcas do continente uma comissão arbitral, para resolver na falta de acordo entre senhorio e arrendatario, quanto á prorogação do praso do arrendamento e ao aumento ou diminuição da renda. As decisões da comissão vigoram durante cinco anos, facultando-se aos interessados requerer cada ano nova arbitragem.

Segundo essas bases seriam excluidos do beneficio da prorogação: a casa de que o proprietario careça para habitação propria; as casas destinadas a habitação de pessoas que prestem ao proprietario ou arrendatario serviços retribuidos; as habitações destinadas a vilegiatura, estação de campo e de cura; as habitações que o inquilino não utilise para moradia propria de sua familia; os inquilinos que possuam outra casa de habitação na mesma localidade a titulo de propriedade, usufructo, uso e habitação, e as casas em que o senhorio pretenda fazer obras reclamadas por motivo de segurança, higiene, estetica, etc.

O aumento ou diminuição das rendas teria sempre por base o valor da propriedade, fixando a comissão a renda quando senhorio e inquilino não cheguem a acôrdo.

Durante os cinco anos da vigencia do regimen transitorio marcado pela lei, o augmento anual das rendas não seria superior a 20 por cento da diferença entre a renda actual e a que resultasse das avaliações.

O despejo de casas de habitação requerido pelo senhorio só poderia realisar-se seis meses depois da data em que a prorogação findasse, não podendo a casa despejada ser arrendada por preço superior ao que o arrendatario seria obrigado a pagar.

Da importancia liquida de trespasses de estabelecimentos comerciaes e industriaes metade pertenceria ao inquilino e a outra ao senhorio, devendo aquele, quando queira trespassar o estabelecimento avisar o senhorio, declarando-lhe o preço definitivo que lhe era oferecido ou por que pretenda aliená-lo e se, dentro de 30 dias, o senhorio não preferisse e não pagasse a parte que ao inquilino competisse receber, este poderia realisar a alheação livremente.

Proibir-se-ia a sublocação, quando não auctorisada no contracto.

As novas construções, as reconstruções e os aumentos de construções ficariam durante quinze anos isentas de contribuições, cedendo o Estado e os corpos administrativos, gratuitamente os terrenos de que dispõem e possam ser destinados á construção de habitações economicas.

O ministro do Trabalho nomearia uma comissão de fomento da construção urbana, encarregada de dar parecer sobre as medidas destinadas a promover o desenvolvimento da construção.

Aviação portugueza

Chegou hoje no comboio do Algarve o capitão aviador sr. Santos Leite, que foi a Castro Marim verificar as condições do campo de aterragem que a população daquela vila ofereceu á aviação portuguesa. Realizando-se ali grandes festas no proximo dia 15, sairá da Amadora para ali um avião Breguet, tripulado pelo capitão sr. Santos Leite e levando como observadores os tenentes srs. Fernandes e Rêgo.

Presidente da Republica

Chegou hoje, ás 8 horas a Lisboa, tendo desembarcado na estação de Entre Campos, o sr. Presidente da Republica, que era aguardado por todo o Governo, general Vieira da Rocha, comandante da G. N. R., comandante da 1.ª divisão, representante do governador civil, comandante da policia, etc.

O sr. dr. Antonio José de Almeida vinha acompanhado por sua esposa e filha, e pelo sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da Presidencia e dr. Francisco Luzes, seu medico assistente.

Os populares que áquela hora da manhã se encontravam na estação para seguir para Lisboa, saudaram afectuosamente o ilustre Chefe do Estado.

O sr. dr. Antonio José de Almeida recolheu ao leito, não se tendo agravado, porém, o seu estado, com o que sinceramente folgamos.

Emfim?

A TORRE DE BELEM vai livrar-se do gazometro?

A Companhia do Gaz orçou a transferencia em quarenta mil contos...

O que vai fazer a Camara Municipal

Em frente da Torre de Belem, enfarruscando-a, enegrecendo-a, inutilizando-a, como se ela, expressão rendilhada e magnifica das glorias de antanho, não devesse subsistir, em beleza, aos acontecimentos que perpetua e que, a pouco e pouco, se apagam e diluem em treva — em frente da Torre de Belem continua de pé, como um fantasma, como um espectro, o gazometro da Companhia do Gaz.

As tentativas para o deslocar para sitio mais apropriado têm falhado sistematicamente. Vem de longe campanha contra o gazometro; vem de mais longe ainda o clamor da opinião publica. Mas, como se o gazometro tivesse raizes, não é possivel ir arrancá-lo de ao pé da Torre manuelina — sentinela gloriosa, vigiado sinistramente por aquele mastodonte fantastico.

* * *

Parece, no entanto, que desta vez o gazometro vai ser deslocado, finalmente.

Como o leitor sabe, surgiu ha pouco, por causa do preço da energia electrica, um conflicto entre a Camara Municipal e as Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade. Foi o sr. ministro do Comercio, dr. Queiroz Vaz Guedes, quem chamou a si a solução do caso, reunindo, para isso, no seu gabinete, os delegados das duas partes em litigio. Arrumado o assunto que determinara a reunião, o sr. dr. Queiroz Vaz Guedes lembrou a Torre de Belem e o gazometro fatidico, pondo, sem reserva, a necessidade de atender ás reclamações constantes, tanto da imprensa como de outras instituições respeitaveis, retirando dali o desagradavel gazometro. Os delegados das Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade aceitaram, em principio, o estudo da questão, nomeando-se logo uma comissão composta dos srs. dr. Marques da Costa, presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa; engenheiro Raul Caldeira, vereador da C. M. L.; dr. Antonio Centeno, director das Companhias Reunidas; Carlos Nunes da Palma, comissario do Governo junto das Companhias Reunidas, e engenheiro Acacio Calazans Duarte, secretario do sr. ministro do Comercio. A comissão tomou posse em 9 de Junho ultimo e iniciou logo os seus trabalhos...

Ora os primeiros trabalhos da comissão consistiram em estudar a deslocação do gazometro, ficando as Companhias Reunidas de escolher terreno proprio, que a Camara cederia em troca dos terrenos proximos da Torre de Belem.

Pouco depois, o sr. dr. Centeno lembrou que, para os terrenos anexos á Central-Tejo, podiam ser deslocados, não só o gazometro de Belem, como a fabrica da Boa Vista. Far-se-hia deste modo a concentração das suas fabricas. A extensão do terreno que a Camara terá de ceder para esse fim é realmente importante. Mas, como os terrenos da Boa Vista, por ficarem num bairro central, estão muito valorisados, a Camara ficaria compensada. Ficou, pois, mais ou menos assente, a transferencia para junto da Central-Tejo do gazometro de Belem e da farica da Boa Vista, encarregando a comissão o sr. dr. Antonio Centeno de elaborar, como director das Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade, o orçamento das despesas a fazer com as transferencias, as quais serão pagas pela Camara.

* * *

Passou tempo. As Companhias Reunidas estudaram o orçamento. Um dia destes, o orçamento apareceu, emfim, na Camara. Ficou tudo desanimado. As despesas da transferencia da fabrica e do gazometro importam, na opinião das Companhias Reunidas, em — 26 milhões de francos, qualquer coisa como uns quarenta mil contos...

A Camara ficou estarrecida. O sr. ministro tambem.

No entanto, a questão não foi posta de banda. A Camara está já estudando o assunto, sem, todavia, admitir como base desses estudos o preço orçado pelas Companhias Reunidas.

Na proxima quinta-feira deve reunir a comissão nomeada em 9 de Junho, para tomar conhecimento do oficio das Companhias e iniciar os trabalhos que lhe permitam demonstrar o exagero de semelhante quantia.

A Camara, porém, assim como o sr. ministro do Comercio, estão dispostos a levar a coisa até o fim, de forma que, desta vez, a Torre de Belem fique liberta do enegrecedor gazometro.

As reparações alemãs

A resposta inglesa á França e a Belgica

LONDRES, 10—O gabinete inglez já resolveu qual a redação da nota a enviar á França e á Belgica acerca da questão das reparações. A replica a enviar á França indicará o ponto de vista inglez que acha da maior necessidade que os aliados resolvam rapidamente a questão das reparações e indica os métodos pelos quais o governo inglez pensa que essa questão possa ser resolvida.

O «Daily Mail» diz que até agora não se pensou em entregar a questão das reparações á Liga das Nações.

Lord Robert Cecil avistou-se com o sr. Poincaré, em Paris, não mostrando este estar disposto a modificar a sua atitude, mas o governo inglez tem muitas esperanças em que a nota que se vai enviar consiga dar logar a um entendimento.—(R.)

O «Times» aconselha a Alemanha a ser energica

LONDRES, 10.—O «Times», comentando o discurso do chanceler Cuno, diz: «Os esforços da Grã Bretanha para fazer uma politica progressiva de reparações encontram duas grandes dificuldades; uma, a politica franceza do Ruhr e a outra a falta de energia por parte da Alemanha. Algumas passagens do discurso do chanceler alemão mostram que a atitude passiva devia ser abandonada e que a Alemanha devia energicamente procurar salvar-se. A queda do marco dá motivo a perturbações sociais e a tumultos que induzirão o governo a agir. A Inglaterra veria com muito prazer que a Alemanha procedesse energicamente.—(R.)

Funcionarios publicos

Uma comissão delegada dos empregados externos do Ministerio do Comercio procurou ontem o ministro sr. dr. Queiroz Vaz Guedes, para pedir-lhe de novo que definitivamente seja publicado o decreto equiparando-os, em materia de vencimentos, aos restantes funcionarios em conformidade com as respectivas categorias. Alegam que ha quatorze mezes que vêm sendo prejudicados, recebendo menos do que os outros, em virtude de enganos da contabilidade e de que não tem culpa. Foram recebidos pelo secretario do ministro, que lhes prometeu que na proxima segunda-feira o decreto será submetido á assinatura do sr. Presidente da Republica.

T. M. E.

A Liga dos Oficiaes de Marinha Mercante apresentou hoje ao Governo uma representação em que é pedida a solução do problema dos T. M. E. Nesse trabalho que é longo e bem elaborado analisam-se os varios aspectos da questão e o caso do concurso para a adjudicação da frota mercante do Estado, em que foi unica entidade concorrente a Companhia Nacional de Navegação.

E' natural que o Governo tome em linha de conta a justiça que assiste aos reclamantes, pois além dos prejuizos que acarreta para o Estado o estagnamento em que os navios se encontram no Tejo, muitos braços á sem trabalho e sem pão pelo mesmo motivo.

O PROGRESSO DO ALGARVE

S. Braz d'Alportel e Loulé

duas das mais importantes vilas algarvias, vão, emfim, ser ligadas por um caminho de ferro

Os esforços do deputado dr. Sousa Coutinho e a cooperação do sr. ministro do Comercio

Ao ilustre ministro do Comercio, dr. Queiroz Vaz Guedes, foram ontem apresentadas, pelo brilhante deputado pelo Algarve, dr. Sousa Coutinho, as bases do projecto que aquele parlamentar está elaborando, de acordo com os outros representantes da linda e rica provincia do sul, sobre o estabelecimento de uma linha ferrea entre a estação de Loulé e S. Braz de Alportel, uma das mais importantes e prosperas vilas algarvias.

As Camaras Municipais dos dois importantes concelhos tinham pensado, ha tempos, num caminho de ferro de bitola larga que, partindo da estação de Loulé, ligasse esta vila com S. Braz de Alportel. O projecto, porém, que chegou a fazer-se, continha algumas deficiencias, na opinião do sr. dr. Plinio Silva, director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, e o trafego da nova linha ferrea não garantia uma compensação remuneradora para o capital a empregar. Foi posta de parte, por esses motivos, a construção desse ramal.

As Camaras de S. Braz e Loulé não puzeram de parte, no entanto, esse desejo, que traduz uma velha e constante aspiração das populações dos importantes concelhos.

Foi ao dr. Sousa Coutinho que falaram novamente no assunto, insistindo com o ilustre parlamentar para que o estudasse convenientemente, não o largando de mão. E o dr. Sousa Coutinho, que tem tratado com o mais vivo empenho, de conseguir do Governo os elementos necessarios para as obras dos portos do Algarve, contando com o decidido apoio do ilustre ministro do Comercio, assim como do seu secretario, engenheiro sr. Calazans Duarte, tomou sobre si esse novo encargo. E com tanto interesse e tanto carinho, que, na verdade, alguma coisa já se conseguiu.

E', pois, natural, que a aspiração maxima dos concelhos de S. Braz de Alportel e Loulé venha, finalmente, a ser uma realidade esplendida, dando ao comercio e á industria de um e do outro o grande incremento de que precisam e que depende do estabelecimento entre ambos da viação acelerada.

* * *

A solução mais pratica é a criação de um caminho de ferro electrico, assente sobre as estradas que ligam as duas vilas. O novo projecto consiste nisso. Organisar-se-ha uma empresa para esse fim, á qual serão concedidas as indispensaveis facilidades — como direito de expropriação por utilidade publica, isenção de taxas e de direitos de importação para o material a adquirir no estrangeiro, etc.

A' empresa que vier a constituir-se será garantido um juro correspondente á taxa de desconto do Banco de Portugal, habilitando-se as duas Camaras interessadas com o direito de acrescentar aos impostos do Estado taxas adicionais necessarias para cobrir qualquer «deficit».

Como se vê, o problema foi estudado em todos os seus aspectos pelos parlamentares algarvios, que ha dias reuniram para esse fim, sendo de toda a justiça salientar os especiais esforços do sr. dr. Sousa Coutinho.

* * *

Na troca de impressões que teve ontem com o sr. ministro do Comercio, alem de colher a certeza do interesse que s. ex.ª tomará pelo caso, o sr. dr. Sousa Coutinho teve ainda ensejo de registar pontos de vista muito apreciaveis do sr. dr. Queiroz Vaz Guedes. Assim, foi considerada a hipotese de o Estado vir a fazer parte da empresa que vier a organisar-se entrando, por exemplo, com o material necessario para o caminho de ferro, que poderá importar da Alemanha por conta das reparações. Sendo assim, poder-se-ha dizer que o caminho de ferro entre S. Braz de Alportel e Loulé será, dentro de um prazo curto, uma realidade de importantissimos efeitos. De resto, porque não ha de o Governo generalizar esta iniciativa, da sua participação nas principais empresas do país, pelo fornecimento, da sua parte, dos materiais necessarios que pode obter na Alemanha.

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS LEITORES DA «CAPITAL»

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

ROBERT BENSON

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, em que o notavel romancista ingles Robert Benson conta o que de mais curioso e pertubador ha nas relações do homem com o infinito.

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

NOTAS A LAPIS

Terra de Portugal

Quando o comboio ia partir, um inglês velho, mas corado e são, subiu para a nossa carruagem, dispoz as malas, instalou-se e, abrindo um volume, começou a ler.

Durante mais de uma hora o velho subdito de sua magestade britanica não tirou os olhos das paginas do seu livro, interessado certamente na sua leitura.

Fóra, a paisagem, toda doirada de sol, era de uma doçura infinita. Entre a verdura do arvoredo, ou mirando-se nas aguas limpidas dos ribeiros, casas brancas surgiam, sob a benção do azul.

O comboio devorava a distancia, numa corrida. Nas pequenas estações, crianças quasi nuas olhavam, pasmadas, aquele delirio de velocidade, para, em seguida, já longe, as suas mãositas se agitarem num adeus carinhoso.

De subito, o nosso inglês ergueu os olhos, e, espreitando pela janela da carruagem, num ar indiferente e natural, deteve-se, fitando a paisagem. Mediu, num relance, todo o horizonte e, fechando o livro, debruçou-se e olhou demoradamente, enlevadamente, os montes altos e os campos fartos, as arvores e as aguas, o céu sem mancha e as curvas das estradas, as capelinhas brancas e os casebres humildes debruçados nas colinas ou aconchegados em vales umbrosos, onde assobiavam melros.

O comboio corria sem repouso, arfando, devorando leguas. De instante a instante a paisagem mudava. E, durante toda a viagem, o inglês velho debruçado da janela, preso daquele encanto, os olhos cheios de sol, sorrindo ás arvores, ao azul tranquilo, das aguas mansas, que entre choupos fugiam, num murmurio, cantando e rindo, na alegria esfusiante da manhã divina.

Harding e os operarios

Harding orgulhava-se, umas vezes por outras, de ser um bom patrão. «Nunca—dizia ele com uma grande alegria—houve uma grève na minha casa».

... Quando foi eleito senador, entregou aos seus empregados e aos seus operarios uma parte do capital da sua industria. As acções foram distribuidas segundo o tempo que cada um tinha de casa, verificando que havia alguns empregados e operarios que trabalhavam ali havia 27, 28, 30 e mesmo 40 anos, não havendo nenhum que ali estivesse ha menos de 15 anos.

O presidente Harding não era dos que gastam a sua eloquencia a dizerem-se «amigos da classe operaria». Era um bom burguez, que tinha o belo habito de assegurar aos seus colaboradores uma situação conforme aos serviços que lhe prestavam.

Ha certa gente, que pretende passar por iluminada, que clama que a mina tem de ser para o mineiro e a fabrica para o trabalhador e que á sombra disso se governam maravilhosamente... O presidente Harding não pregava teorias, entrava na pratica... Não fazia revolucionarios, descontentes, invejosos; agrupava em torno de si trabalhadores leis.

Atingiu os mais altos logares da politica do seu paiz. O que prova que até eles se pode chegar ás vezes por processos que não são geralmente os usados pelos politicos.

Professores primarios

E' nos dias 13, 14, 15, 16 e 17 do corrente que a União do Professorado Primario realisa em Leiria um congresso e reunião magna da classe, para discussão das bases da nova reforma, programas, horarios, exames, etc., devendo a sessão inaugural realisar-se ás 15 horas do dia 13, presidida pelo sr. ministro da Instrução. Estão inscritos perto de 400 congressistas.

Concursos

O «Diario do Governo» publica hoje os anuncios de concurso para provimento dos logares de 2º bibliotecario e de sub-bibliotecario da Biblioteca Nacional de Lisboa e de um 2º bibliotecario da Biblioteca Popular.

Clamando no deserto

Os pobres pensionistas do Montepio Oficial continuam aguardando em vão que pelo Ministerio das Finanças alguem atenda as suas reclamações. Reclamam com inteira justiça, por lhes ser impossivel viver com as miseraveis pensões que lhes são distribuidas, mas até hoje ninguem ainda os atendeu, quando a verdade é que há por vezes tanta pressa para atender outros casos menos dignos de uma solução imediata.

nha? Seria uma resolução de notaveis consequencias, tanto para a economia nacional como para o Estado.

O que é certo é que, em relação aos dois florescentes municipios algarvios, se pensa fazer assim. Quanto mais não seja — é um inicio.

* * *

Não se pense, porém, que o caminho de ferro electrico é apenas uma miragem, um projecto. O assunto está sendo estudado convenientemente com o maior interesse e uma rapidez e um carinho que, francamente, não estão muito nos nossos habitos...

A empresa electrica A. E. G. vai fazer a electrificação de uma grande zona do Algarve: Vila Nova de Portimão, Silves, Lagos, Lagoa, etc., devendo iniciar muito em breve as suas obras. E, embora S. Braz e Loulé fiquem a uma distancia consideravel dessa zona, não surpreenderá ninguem se a empresa A. E. G. vier a tomar conta da construção do caminho de ferro. O que é certo é que os seus tecnicos estão já estudando o projecto que lhe foi apresentado. E, quer o Estado faça parte da empresa a constituir, quer não, supomos que já estão entaboladas negociações para a sua organisação, tudo levando a crer que facilmente se reunirão os capitais necessarios.

* * *

No Algarve, a noticia foi acolhida com o maior entusiasmo, sendo louvados com o maior calor tanto os parlamentares algarvios, como o sr. ministro do Comercio, que tão devotadamente tem cuidado dos interesses algarvios, assim como o ilustre engenheiro sr. Calazans Duarte.

S. Braz de Alportel e Loulé começam a sentir aproximar-se uma epoca de prosperidade e engrandecimento da sua actividade e da sua riqueza, que o caminho de ferro fatalmente provocará.

ULTIMA HORA

Tarde politica

Ainda não está solucionada a crise ministerial

Está no mesmo pé em que ficou ontem a crise ministerial. O sr. Antonio Maria da Silva, que durante a manhã teve conferencias sucessivas com varios politicos no Ministerio da Guerra, parece não ter sido feliz nas suas «démarches».

Sabe-se que o sr. Nicolau Mesquita ainda hoje insiste na sua recusa e o sr. Joaquim Ribeiro só em circunstancias muito especiais aceitaria a pasta da Agricultura, circunstancias que por emquanto lhe não foram facultadas.

Com as outras pastas, idem.

E' possivel, porém, que a crise seja conjurada dentro de 48 horas, posto que se apela neste momento para o espirito de sacrificio dos politicos que o sr. Antonio Maria da Silva quere associar ao seu Ministerio, já agora de curta duração.

O chefe do Governo foi ás 15 horas avistar-se com o sr. dr. Antonio José de Almeida para o pôr ao corrente da situação do Governo.

Atribue-se grande importancia a esta conferencia, que durava ainda ás 16 e 30.

* * *

A' hora de fecharmos o jornal chegamos a informação de que o novo ministro da Guerra é o tenente-coronel e deputado independente sr. Pires Monteiro, professor da Escola Militar.

Não se fazem descontos

pelo que as fabricas não podem pagar aos operarios

A direcção e alguns socios da Associação Industrial Portugueza procuraram hoje o sr. presidente do Ministerio com quem conferenciaram ácerca da grave crise em que se encontram as fabricas, por virtude da paralização dos descontos nos estabelecimentos bancarios, o que impede o pagamento aos operarios.

Segundo impressões que de fugida trocamos com um dos interessados, é mister que o Governo, por meio do Banco de Portugal ou da Caixa Geral de Depositos, procure pôr termo a tal estado de coisas de qualquer modo.

Letras ha, firmadas por casas acreditadissimas, que não conseguem desconto nos bancos e não podendo essas casas ter arrecadadas as importantes quantias necessarias ao pagamento da mão de obra, porque os capitais andam em giro na aquisição da materia prima, vendo-se em serios embaraços para garantir o credito necessario para satisfazer os operarios.

A causa principal desta grave questão, dizem, é a desvalorização da moeda e a falta de conhecimento do volume da circulação fiduciaria, mal a que poderia obstar-se pela carimbagem das notas.

O Governo vai estudar o assunto de modo a resolvê-lo prontamente.

Uma nota oficiosa

Da administração da Caixa Geral de Depositos recebemos a seguinte nota:

A administração da Caixa Geral de Depositos vai representar ao Governo expondo-lhe o seu modo de ver contrario ao aumento da circulação fiduciaria, que, a ser feito, acarretará os maiores prejuizos e perigos para o paiz. O mesmo conselho informa o Governo que tem tido conhecimento de recusas de desconto de bom papel na praça, com o fundamento de falta de escudos; mas acrescenta que até hoje não lhe consta ter-se deixado de efectuar qualquer compra grande ou pequena, de cambiais ou valores-ouro. Isto prova que não há insuficiencia de notas, mas uma má distribuição ou aplicação delas pelos organismos proprios. A exagerada depreciação actual do escudo é já a resultante de um artificio.

NO TRIBUNAL MILITAR

O caso da agressão ao sr. Homem Cristo, no Parlamento

No 1.º tribunal territorial realisou-se hoje o julgamento dos srs. tenente Alves Porto e alferes Sousa Rosa, acusados de ha tempos terem agredido nas salas dos Passos Perdidos o sr. Homem Cristo.

O tribunal foi constituido pelos srs. coronel Val de Lacerda presidente; tenente coronel Bandeira de Lima, promotor; dr. Altmeida Ribeiro, juiz auditor e dr. Antonio Leitão advogado.

Lido o libelo de acusação, o sr. Sousa Rosa disse que, tendo o sr. Homem Cristo proferido palavras injuriosas para a sua honra, pretendeu tirar um desforço, passando-se então o que o tribunal já conhece.

O tenente sr. Porto declarou que entrou no conflicto, simplesmente para afastar os dois contendores.

A primeira testemunha a depôr foi o correio do Congresso sr. Anastas Matias Ganafa, que declarou ter visto o alferes sr. Sousa Rosa andar a passear na sala, juntamente com outro oficial. Viu o sr. Sousa Rosa, dirigir-se ao sr. Homem Cristo, trocando varias palavras, dando-se depois a scena de pugilato. Viu o sr. Alves Porto caido no chão, sendo levantado por um individuo que julga ser jornalista.

Sebastião Teixeira, continuo do Congresso, só assistiu a uma parte da scena chegando quando já varios deputados e empregados do Congresso separavam o sr. Sousa Rosa do sr. Homem Cristo.

O sr. Bernardo Medina disse ter visto o sr. Homem Cristo ser agredido com uma ou mais bofetadas pelo sr. Sousa Rosa.

O tenente coronel sr. Alves Velez afirmou que, quando o sr. Homem Cristo ia a sair de um gabinete, o sr. Sousa Rosa se lhe dirigiu, sendo trocadas algumas palavras, não vendo a scena de pugilato.

O sr. dr. Antonio Leitão requereu que não fossem ouvidas mais testemunhas de acusação, visto que o Codigo de Justiça Militar não permite mais de oito para cada facto e, embora os reus sejam dois, a acusação é a mesma. Ouvida a opinião dos srs. promotor e juiz auditor, o sr. presidente indeferiu o requerimento da defesa.

O tenente coronel sr. Ferreira Viana, testemunha de defesa, abonou o comportamento dos reus, lembrando a campanha feita pelo sr. Homem Cristo contra o tenente sr. Sousa Rosa e seu pai.

O coronel sr. Valadas, o sr. dr. Artur Leitão, coronel sr. Andrade Pires, generais srs. Pereira Bastos, Carmona, Vitorino Godinho e o tenente coronel sr. José Esteves referiram-se de igual modo ás campanhas do sr. Homem Cristo, abonando tambem o bom comportamento dos reus.

Em seguida, foi suspensa a audiencia.

Os reus foram absolvidos, tendo sido muito cumprimentados pelos camaradas que assistiram ao julgamento.

O que vae pelo mundo

A Russia e a navegação alemã

LONDRES, 10 — A Hamburg America Line, o Lloyd Alemão e a White Star Line concluiram um acordo com o governo dos soviets ácerca do monopolio da emigração para estas tres sociedades. O acordo provisorio é valido até 4 de janeiro de 1925.—R.

A questão dos Estreitos

LONDRES, 10 — O governo dos soviets solicitou que o acordo sobre os Estreitos não fosse assinado em Constantinopla como se tinha resolvido mas pelo representante dos soviets em Roma sr. Jordanski.—R.

Politica holandesa

HAIA, 10 — O ex-ministro Colin foi nomeado ministro das finanças, o que será favoravel ao projecto de lei sobre a armada visto que Colin se inclina a que os armamentos navais sejam aumentados. — R.

A Bulgaria e os aliados

SOFIA, 10 — Foi ratificada a convenção entre a Bulgaria e os aliados de 21 de março do corrente ano, pela qual são concedidos 30 anos de moratoria á Bulgaria para o pagamento de dois terços das quantias fixadas pelo tratado de Neuilly. O ultimo terço será pago em 66 semestres garantidos pelos rendimentos da Alfandega. — R.

A Turquia regressa á normalidade

CONSTANTINOPLA, 10 — Foi abolida a censura telegrafo-postal em todo o territorio da Turquia. O governo turco tenciona entrar imediatamente em relações comerciais e diplomaticas com a Alemanha, Austria, Hungria e a Suissa. Foram desmobilisadas mais cinco classes do exercito. — R.

Um descarrilamento

MONTREAL, 10 — Descarrilou o comboio que vinha de Quebec. Conduzia camponeses que vinham das ceifas. O descarrilamento deu-se proximo do Warrona, 40 milhas a este de Sudbury. Ficaram sete passageiros gravemente feridos. Foram pedidos rapidos socorros e os passageiros jantaram no vagon restaurante. — (R.).

Sindicancia á policia

Só hoje foi entregue aos chefes Alfredo Maria e Xavier e aos agentes que figuram no processo referente á sindicancia ás policias as competentes notas de culpa. Os referidos chefes e alguns agentes estiveram hoje no gabinete do juiz sindicante compulsando o processo que é bastante volumoso. Alguns dos incriminados resolveram constituir advogados.

Dr. Santos Farinha

Realisou-se o seu funeral, que foi muito concorrido

Durante o dia de hoje foram numerosas as pessoas de todas as categorias sociaes á igreja de Santa Izabel deixar os seus cartões de sentimento pela morte do grande orador sr. dr. Santos Farinha.

A's 11 horas realisaram-se os oficios, seguindo-se uma missa cantada de corpo presente a nove vozes, á qual assistiram a maioria dos parocos de Lisboa e arredores.

A's 11 horas antes do corpo ser transportado para a carreta do Corpo de Salvação Publica, houve «Libera-me» cantado.

A's 16 e 30 poz-se o funeral em marcha, tendo-se incorporado alem dos bombeiros voluntarios de Campo de Ourique, Cruz Branca, Corpo de Salvação Publica, numerosas associações catolicas de que o extincto era socio.

Entre outras pessoas vimos tambem no prestito funebre os srs. Conde de Calhariz, marquez de Gouvela, duque de Palmela, conde das Galveias, Emidio da Silva, etc., etc.

A urna contendo os restos mortaes do reverendo prior, ficou em coval raso no Alto de S. João, não tendo havido tambem discursos, por indicação do falecido.

No cemiterio organisaram-se varios turnos.

Censura teatral

O sr. ministro da Instrução parte amanhã para S. Pedro de Muel, onde se demorará até á proxima terça-feira.

Ministro da Instrução

Foi convocada para se instalar na proxima terça-feira, pelas 17 horas, comissão ultimamente nomeada para rever e regulamentar o decreto sobre censura teatral.

A questão do Ruhr

O que se aconselha no parlamento alemão

BERLIM, 10. — Na sessão do Reichstag, o socialista Muller julga que o Reich deve facilitar a solução do Ruhr, nota a unidade franco-ingleza sobre as reparações e lembra que se devem fazer ofertas praticas lamentando que fosse tardia a apresentação do programa financeiro do sr. Cuno. Os srs. Stesemann e Hergt preconisam a continuação e o reforço para a resistencia passiva. O sr. Sessenbeg declara estar prox ma a publicação importante sobre os problemas actuaes a qual será seguida certamente de negociações com um caracter novo.—(H.)

Boas contas deitam eles...

BERLIM, 10 — A «Journée Industrielle» diz que não se devem manter falsas esperanças ácerca da queda economica e financeira da Alemanha. Emquanto a nação acreditar no futuro, a sua força de resistencia e a sua capacidade de regeneração continuam enormes. Emquanto toda a Alemanha estiver moralmente unida, é de prever que a região do Rheno se integre na logo que o possa fazer. Uma nação pode exercer uma forte repercussão em toda a Europa e aniquilar a politica franceza. — (R.).

A ALEMANHA POR DENTRO

Gastam-se milhões de marcos

mas os generos sobem de preço constantemente

O povo agita-se e o governo não sabe fazer face á situação

BERLIM, 6 — Em Breslau, Gleiwitz e noutras localidades menos importantes da Silesia, começaram no mez passado os disturbios, com caracter grave, motivados pela carestia da vida. Dezenas de estabelecimentos de viveres foram saqueados pela turba composta na maior parte por rapazes e mulheres. Em Breslau a violencia dos desmandos foi grande e o saque foi consideravel. Durante vinte e quatro horas os assaltantes estiveram á vontade, e só depois de reforçada a policia se impediu pela força, que cessassem as desordens. Houve varios mortos, dezenas de feridos, e de 1500 prisões foram mantidas 150.

Voltou depois a reinar a paz social em Breslau, em toda a Silesia e em toda a Alemanha. E isto representa o extraordinario, o maravilhoso, o inexplicavel. Os individuos desesperados, esfomeados pela miseria, saiam á rua em busca de pão; explica-se, ao contrario, perfeitamente. O salario normal do trabalhador alemão, operario ou pequeno empregado, no mez de junho foi de milhão e meio a dois milhões de marcos. Com este dinheiro, o operario ou o empregado havia de manter-se e manter a familia até ao fim de julho. Mas deu-se o caso de que durante os quinze primeiros dias do mez os preços dos viveres e mais artigos subiram ao dobro, ao triplo, ao quadruplo. No começo da quarta semana de julho um pão de kilo custava 30.000 marcos; um kilo 7.000; uma libra de manteiga, 60.000; uma libra de carne, de 70 a 90.000. E' facil fazer as contas e vêr, que com dois milhões de marcos, não pode sustentar-se — não digamos viver — uma familia, todo o mez.

Não se tratava como nos mezes anteriores, de um problema que as donas de casa podiam resolver de portas a dentro com uma exaltação de genio administrativo, adelgaçando as fatias de pão, diluindo a sopa indefinidamente e acentuando a parcimonia no repasto das batatas. Em muitas familias alemãs o dinheiro do mez de julho evaporou-se antes de chegar o dia 15. Acabaram-se, ha muito tempo, todas as fontes de credito popular. Nem os tendeiros vendem fiado, nem os penhoristas emprestam sobre objectos. Tornam-se impossiveis estas operações, devido á rapidez com que o dinheiro se desvalorisa. Só o Reichsbank continua dispensando os beneficios do credito aos grandes industriaes, e esses realisam assim, á custa do paiz o mais rendoso e desafogado dos negocios.

A vida economica e social da Alemanha está dominada por este contraste: uma minoria de cidadãos pode viver com insolente abundancia graças aos beneficios da especulação favorecida — de facto, e não de direito ou intenção — pela politica do governo, emquanto a imensa maioria do povo, sujeita á tirania dum salario puramente nominal, tem de sofrer privações que se vão aproximando do fome pura e simples. E' uma situação que dura ha cinco anos, mas que se vai agravando nos ultimos tempos.

As citadas revoltas da Silesia, que já tiveram éco em Francfort e em varias localidades da bacia do Ruhr, deveriam ser uma indicação ao governo para mudar de rumo. — A. D.

Os comerciantes alemães acautelam o ouro

NEW YORK, 10 — Tem dado logar a muitas discussões o saber-se quem beneficiará com as grandes quantidades de ouro alemão que foram enviadas para os Estados Unidos em maio e junho na importancia de 5.200.000 libras, que deram entrada na Internacional Acceptance Bank desta cidade. Suspeita-se que este ouro aproveitará aos grandes industriaes alemães que aconselharam o seu governo a perseverar na louca empreza de apoiar com ouro marcos sem valor.—R.

BERLIM, 10 — Os tipografos que exigiam 20 marcos em ouro por semana, declararam-se em grève ontem. Este facto causou alarme, pois, cessando a impressão de notas, receia-se uma catastrofe.—H.

Os impostos são aumentados em 300 por cento

BERLIM, 10.—Os projectos de lei apresentados pelo governo ao Reichstah permitem a exigencia dum adiantamento dos impostos sobre rendimento no proximo ano e as iguais aos impostos pagos em 1923 aumentados 3.000%. Depois da sessão o ministro das finanças conferenciou com os representantes de todos os partidos ácerca dos novos projectos fiscais. Os representantes do partido socialista frisaram que se trata de pôr em pratica medidas fiscais para diminuir o aumento da circulação fiduciaria e a depreciação do marco.—(R.)

BAD NAÑHEIM

O tratamento moderno das doenças internas por meios fysicos

Nos ultimos seculos foram os meios naturaes de cura—a agua, o ar, os raios solares, etc.—quasi completamente despresados pelos medicos. Só ha cerca de 70 anos é que a medecina recomeçou a aplicar estes meios de cura e sempre progressivamente, no tratamento das doenças humanas. Hoje baseia-se fysiotherapia (tratamento por meios naturaes, como a agua, o ar, a luz, as massagens, etc.) em dados scientificamente exactos, e constitue uma parte imprescendivel dos nossos tesouros de cura. De facto, seguindo os methodos mais modernos, algumas doenças são agora exclusivamente tratadas por meios fysicos. Mas as afecções internas (doenças dos orgãos internos de natureza não infecciosa), as doenças da pele e algumas doenças cirurgicas, só relativamente tarde foram submetidas aos processos da fysiotherapia. Uma das principaes thermas para o tratamento das doenças internas por meios fysicos é, ha cerca de 75 anos, Bad Nañheim.

Bad Nañheim está situada em Hesse, cerca de 40 kilometros ao norte de Francfort s/m., e 80 kilometros a este do Rhur, já fóra da zona de ocupação e muito distante do Rhur. A duração da viagem até Bad Nañheim, de Hamburgo, Bremen, Amsterdam, Berlim, Munich, ou Bâle, é de menos de um dia, em comboios directos, e pode mesmo ser de uma noite apenas. Os consulados alemães teem instrucções para conceder todas as facilidades e protecção aos viajantes que se dirigem a Bad Nañheim.

Em quasi todas as grandes Universidades da Alemanha teem sido, desde o principio d'este seculo, creadas cadeiras de Fysiotherapia. Mas até agora, e na maior parte ainda actualmente, são as thermas alemãs que fornecem «a este ramo de sciencia o principal campo de investigações». E sob este aspecto Bad Nañheim conquistou durante os ultimos 50 anos uma reputação excepcional. Tanto no que diz respeito aos cuidados e á atenção prestados a milhares de doentes, como pelos resultados das investigações experimentadas, devem-se aos 60 e tantos medicos que exercem clinica em Nañheim muitas das bases do tratamento das doenças por meios fysicos, especialmente das doenças do coração e aos outros orgãos do aparelho circulatorio.

Nañheim foi excepcionalmente favorecido pela natureza. Possue os mais variados meios naturaes de cura, os quaes, tanto pela riqueza como pela eficacia das suas propriedades, em nenhum outro logar do mundo se encontram reunidas.

Não vamos ocupar-nos aqui das condições climatericas de Nañheim, das facilidades que ahi se encontram para as curas de sol, de ar, dos seus caminhos planos e cuidadosamente tratados, da disposição artistica do seu grande e belo parque, nem das florestas circumvisinhas.

O factor primordial da cura em Nañheim são as suas nascentes, as mais ricas de todo o mundo em acido carbonico, contendo alem disso uma percentagem de saes mineraes, e brotando da terra a uma temperatura convenientemente adequada aos banhos.

Para os banhos são utilisadas 3 nascentes, que possuem estas 3 propriedades em diversos graus. A cura de agua são principalmente destinadas 4 nascentes, caracterisadas por uma temperatura inferior, por uma menor percentagem de gazes, e por conterem saes de diversa natureza. As nascentes destinadas a fornecerem agua para inhalações são apenas utilisadas para esse fim.

Por processos de desgazificação e de arrefecimento mais ou menos intensivos, tornam-se apropriadas para o tratamento das diferentes doenças. Por outro lado o aquecimento da agua unida a uma percentagem de saes, tornando-a adequada ao tratamento das afecções mais variadas.

As fontes das aguas para uso interno conteem, como já dissemos, saes de diversa natureza.

Uma tem um efeito muito laxativo, estimulando o figado e produzindo uma maior secreção de bilis; outra exerce principalmente a sua acção sobre os succos do estomago, diminuindo-lhe a acidez; uma terceira tem propriedades diureticas; e actua sobre os rins, a bexiga e as pertubações arthriticas; em fim uma quarta auxilia a promoção do sangue.

As diversas fontes não são só destinadas aos banhos e ao uso interno. São tambem utilisadas para parches, gargarejos e principalmente inhalações.

Sobre a acção dos factores naturaes de cura de Nañheim tem-se escrito centenas de tratados. Para os leigos é facilmente comprehensivel a acção das aguas mineraes sobre os intestinos e estomago, sobre o figado, os rins e a bexiga, e mesmo sobre as mucosas dos orgãos respiratorios. Mas apresenta-se-lhes menos compreensivel a razão porque os banhos de agua contendo acido carbonico ou saes, exercem acção sobre o coração e todo o aparelho circulatorio.

E um doente de coração mostra-se muito admirado quando o medico lhe prescreve um meio banho. E em geral pergunta-lhe ingenuamente, como é que o banho póde exercer a sua acção, ficando o coração fóra da agua. A resposta a esta pergunta de um leigo é dificil de dar. A razão porque os banhos de Nañheim activam sobre o aparelho circulatorio é dificil de explicar sem se fazer ao mesmo tempo a descripção das relações complicadas que existem entre o aparelho de circulação e todo o corpo. Vamos, pois, tentar tornar compreensivel dos proprios leigos a exposição que segue.

A maior parte dos homens, e pode mesmo dizer-se que muitos medicos, creem ainda hoje que a pele do corpo humano é apenas um envolucro de pequeno valor relativo e de pouca importancia para a vida. Esta concepção é completamente erronea. A pele desempenha funções extraordinariamente importantes. Exerce-as por exemplo, na respiração, emquanto que, como os pulmões, repele alguns gazes e absorve outros. Incumbe-lhe ao mesmo tempo a função importante e quasi exclusiva de regular o calor do corpo. Se 1/3 da pele do corpo humano não poder desempenhar as suas funções naturaes, por efeito de uma queimadura, por exemplo, sobrevem a morte. A pele é atravessada pelas inumeras e delgadissimas extremidades dos nervos, pelas pequenas glandulas e por pequenissimos vasos. Os pequenos vasos e as delgadas extremidades dos nervos vão ligar-se a nervos e a vasos maiores e estes, reunindo-se, entram nos grandes vasos e nervos do interior do corpo. Se compararmos ás plantas o sistema de nervos e de vasos, imaginaremos que os troncos se estendem pelo interior do corpo, e que a maior parte dos milhares de ramificações das raizes se espalham pela pele.

Se não perdermos de vista esta comparação, compreenderemos claramente que todo o sistema pode ser damnificado tanto por meio das raizes como dos troncos, e que portanto a destruição de uma grande parte da pele do corpo humano ocasiona a morte. Tambem se tornará compreensivel que qualquer influencia benefica exercida sobre a rêde de raizes espalhadas pela pele irá beneficiar todo o sistema. E de facto a maior parte dos meios de cura fisica actuam sobre os milhares de pequenissimos vasos e extremidades dos nervos (tambem sobre as glandulas) da pele, e essa acção extende-se até aos correspondentes orgãos internos do corpo. A maneira como essa influencia se exerce é que ainda não está suficientemente esclarecida pela sciencia. Mas para os leigos este ponto é pouco interessante. E a prohibidade scientifica obriga-nos a confessar que nós proprios só dificilmente compreendemos como que é que o sol ou o gaz de um banho se introduz pela pele até ao interior do corpo.

Mais verosimil é a hipotese de que os saes e os gazes dos diversos banhos actuam directamente sobre as extremidades dos nervos e indirectamente sobre a rede de vasos da pele, tendo simultaneamente uma influencia directa e reflexa sobre as secreções da pele. Se tivermos em mente que as ramificações das raizes dos vasos e dos nervos que se estendem pela pele excedem muito, no conjuncto, longitudinal e transversalmente, as dimensões dos troncos correspondentes, poderemos bem imaginar a grande superficie que oferecem á acção dos banhos, e quão decisiva pode ser a influencia de um determinado numero de banhos e de outros meios fisicos de cura sobre todo o aparelho circulatorio.

Mas é dificil tornará acessivel á compreensão dos leigos, em poucas palavras, a teoria da acção dos banhos em geral, e em especial dos de Nañheim.

Os banhos CO_2, naturaes fornecem um importante meio regulador da circulação; e por esta razão compreende-se por uma racional prescripção dos banhos, se consegue por um lado diminuir com uns uma pressão muito alta, do sangue, e elevar com outros uma pressão muito baixa, e por outro lado retardar as pulsações de um pulso acelerado, ou acelerar os de um pulso vagaroso: resultando da acção dos banhos sobre o coração e sobre as veias e as arterias o revigoramento do coração e o melhor funcionamento de todo o aparelho de circulação. (Em virtude do importante sistema de indicações tecnicas existentes em Nañheim, e que constitue uma parte especialmente importante do regimen dos banhos, oferecem os banhos de Nañheim os meios mais suaves e ao mesmo tempo mais fortificantes de regularização do aparelho circulatorio).

As inflamações da pleura, dos orgãos inferiores ou das outras partes do corpo melhoram sob a acção dos banhos; exsudações por eles absorvidos, os depositos dos rheumaticos e dos gotosos, dissolvidos, e as dores das partes do corpo correspondentes, especialmente as das articulações, desaparecem ao fim de algum tempo, assim como as inflamações. Muitas vezes as inflamações da bexiga reagem a principio com dôres violentissimas, mas cedem em breve e durante anos não voltam a aparecer. As dôres nervosas de diversa natureza exarcebem-se tambem por vezes com os primeiros banhos, mas extinguem-se com a continuação de um tratamento adequado. Estes são apenas alguns exemplos.

A fórma de tratamento tem uma importancia capital; mas uma experiencia de quasi um seculo ensinou os medicos de Nañheim a utilisar os meios naturaes de cura que tem á sua disposição, aplicando-os judiciosamente conforme as doenças e os doentes; e é com razão que se fala agora da «escola de Nañheim», que dispões de todos os meios auxiliares para a boa execução dos banhos, das massagens, da ginastica, etc. O Estado alemão, a quem pertencem as nascentes do Nañheim, fundando estabelecimentos thermaes de uma organisação e uma tecnica modelares, creou as bases indispensaveis para a utilisação scientifica dos meios naturaes da cura de Nañheim.

Ainda pouco tempo antes de rebentar a conflagração mundial tinham erigidas, com enorme dispendio do Estado, novas instalações, que pelo seu valor tecnico e artistico designadas como unicas no genero. Fornecem, com auxilio de pessoal instruido, cerca de 4 a 5.000 banhos diarios de 12 naturezas diversas.

As instalações da agua para uso interno, utilisadas principalmente de manhã, mas tambem ao fim da tarde, por muitas centenas de pessoas, foram tambem construidas nos ultimos anos pelos processos mais modernos. Junto d'elas encontram-se as salas especiaes para os gargarejos. Grandes galerias cobertas permitem aos doentes fazer uso das aguas quando o tempo está chuvoso. Um moderno Radium-Emanatorium auxilia o tratamento, principalmente dos gotosos. Para as doenças dos orgãos respiratorios existe um edificio de inhalações com todos os aparelhos mais modernos. E este tratamento especial é completado com uma permanencia junto das salinas.

As instalações da luz foram feitas segundo os metodos mais artisticos e mais modernos. O tratamento ginastico é feito sob a direcção de um medico especialista, no Instituto Zander, que pertence á categoria dos melhores institutos do genero.

Esta exposição sucinta dos meios fisicos-naturais de cura de Bad Nañheim da sua acção sobre o organismo humano, serve apenas de base para a demonstração de que em Nañheim as doenças internas de natureza mais diversa são tratadas com o exito mais completo.

Entre 30 a 40.000 doentes veem todos os anos buscar a Bad Nañheim o alivio e a cura dos seus padecimentos.

Uma grande percentagem desses doentes é fornecida pelo Estrangeiro em primeiro lugar pelos estados do norte da Europa, em seguida pela Inglaterra, a Holanda e Portugal e por fim pelos Balkans; mas é muito numerosa a representação da America. Seria dificil estabelecer uma estatistica exacta das doenças tratadas em Nañheim; mas de uma maneira aproximada pode dizer-se que, devida á representação de que Nañheim gosa no tratamento das doenças do coração,—a percentagem de cardiacos e de doentes do aparelho circulatorio é de cerca de 75 %. Pelo menos 90 % d'estes doentes sofrem tambem ao mesmo tempo de qualquer outra afecção. Se juntarmos a este numero o das pessoas que não sofrem do coração poderemos considerar que se fazem representar em egual percentagem os doentes do estomago, dos intestinos, os rheumaticos, os gotosos, os diabeticos, os nevroticos e as pessoas que sofrem de doenças dos membros inferiores, do pescoço, do nariz e de bronchites.

O resto que se obtem com o tratamento em Nañheim é por vezes espantoso; e é claro que esse tratamento é sempre tanto mais eficaz quanto mais cedo o doente se decidiu a vir aplica-lo.

Os ferroviarios da C. P.

O aumento de salarios e o horario de trabalho

O sindicato dos ferroviaarios da C. P. fez distribuir um manifesto em que se expõem quais as reclamações dos mesmos ferroviarios e se protesta contra a atitude da companhia no que respeita ao horario do trabalho.

Afirma o sindicato que desde que foi autorisada a ultima remodelação de tarifas que as respectivas comissões insistem na concessão das reclamações formuladas, atendendo aos lucros provenientes da referida remodelação.

«Como estes lucros — diz o manifesto — serão agora extraordinariamente elevados com uma nova sobretaxa, que provavelmente será de 100 por cento, o que dará, aproximadamente, mais 20.000 contos de receitas, os beneficios ao pessoal terão de ser de forma a preservá-lo, não só das necessidades actuais, como do fatal agravamento da vida, produzido, aliás, como sempre, exageradamente, pela oneração das tarifas».

Para tomar conhecimento directo dos trabalhos da comissão de melhoramentos, vão efectuar-se sessões na linha, nos seguintes locais: dia 15, Aveiro; dia 16, Coimbra; dia 18, no Setil; dia 19, em Elvas; dia 20, em Castelo Branco, e dia 21, na Covilhã.

Sobre o horario de trabalho, diz o manifesto:

«Como no ultimo regulamento publicado em Junho do ano passado se autorise serviço «intermitente» para o pessoal das estações onde não haja movimentação continua, o qual terá de estar ao serviço durante 12 horas, ela incluiu na relação das estações atingidas por esse artigo, «muitas» em que o seu serviço é ininterrupto e não estão portanto dentro das referidas condições.

De varias formas se tem servido para atrofiar o horario e ultimamente, a pretexto de que o citado regulamento considera os porteiros DOMESTICOS, pretende obrigar estes ou quem os substitua a fazer 12 horas seguidas».

Nas Caldas da Rainha

A exposição agricola

será uma grande parada de forças economicas

E' pouco tudo quanto se diga da grande exposição que se vai realizar nas Caldas da Rainha. Nunca pensámos, ao noticiar no nosso jornal pela primeira vez o importante certamen, que a exposição pudesse revestir tão grande imponencia. O que se vai fazer em breve naquela grande estancia é não só uma grande manifestação de actividade nacional, mas ainda uma grande parada de forças economicas, como ha muito não se faz no nosso país.

A concorrencia dos expositores é muito grande, devendo o seu numero elevar-se a algumas centenas e que ali vai oferecer de tudo. Senão, vejamos:

Vinhos e licôres, frutas cristalisadas, material electrico, mobilias, bolachas e biscoitos, cal e tijolo, maquinas agricolas, aguardentes, compotas, chocolates, oleos, azeites, automoveis, mosaicos, tapetes, rendas, cristais, faianças artisticas, louças, porcelanas, etc., etc.

Podemos assegurar que a grande Exposição Agricola, Pecuaria e Industrial que ali se vai realizar vai ser a mais concorrida dos ultimos tempos, devendo representar quanto o nosso país é rico em agricultura e quanto nele se trabalha para o seu desenvolvimento.

A comissão organisadora tem sido incansavel na organisação do referido certamen e ainda promove uma série de divertimentos para as noites de 19, 20, 21 e 22, como concertos pela banda do regimento de infantaria n.º 5, descantes por um rancho de tricanas de Coimbra, etc., etc.

No dia 20 a esquadrilha de Aviação da Amadora visitará as Caldas da Rainha, onde fará evoluções sobre o campo.

Tudo faz prever que a Exposição revista uma imponencia fora do vulgar, marcando um lugar de destaque nas festas agricolas, que certamente muito contribuam para o desenvolvimento economico do nosso país.

Teatros - Musica - Cinemas

Noticiario

Entre nós

— A temporada em S. Carlos da companhia Lucilia Simões-Erico Braga termina na proxima segunda-feira.

— A companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento termina os seus espectaculos no domingo nas Caldas da Rainha, de onde segue para o Luzo — Casino Ostende — Povoa de Varzim, Vila do Conde, Matosinhos, Espinho, etc.

—Está em Lisboa o presidente da direcção do Teatro Avenida, de Vizeu, a contratar uma companhia para ali dar espectaculos nos dias 15, 16, 17 e 18 de setembro.

— Chega hoje ao Rio de Janeiro a companhia Palmira Bastos, estreando-se amanhã no Teatro Lirico com a «Mamã Colibri».

— A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro vai fazer a época de verão ao Porto, estreando-se em setembro com a «Ribeirinha» de Francisco Lage e representando, entre outras, as seguintes peças: «Marianela», «Porque sim», «Entre giestas». Sai de Lisboa no proximo dia 15, passando antes pela Figueira da Foz, Vizeu, Espinho e Povoa de Varzim. Em outubro reaparecerá com a sua companhia completamente remodelada, parecendo que o elenco será o seguinte: Amelia Rey Colaço, Laura Ifirch, Amelia Pereira, Maria Lagoa, Constança Navarro, Maria Mesquita e Ester Leão, Robles Monteiro, Rafael Marques, Raul de Carvalho, Ribeiro Lopes, Gil Ferreira, Delmiro do Rego e Tarquinio Vieira.

Em maio a companhia seguirá para o Brasil.

— Como de costume, o Coliseu reabrirá em setembro com opereta italiana. Em outubro apresentará espectaculos de circo, inaugurando no sabado de Aléluia a época lirica.

«De Teatro»

Foi posto á venda o n.º 11 da revista «De Teatro», que confirma os creditos que já tinha. Alem de esplendida colaboração do seu director, sr. Mario Duarte, e de Simões Coelho, Edvino de Mora, Matei Rousson, Carlos Abreu, Pedro Bandeira, Guedes Vaz, Garcia Perez, Gastão de Bettencourt, etc., publica o texto da peça em três actos de Ricardo Durão «A Luva de Ricardina».

Dá-nos tambem o programa do numero 12, do seu primeiro aniversario, o qual faz esperar um numero colossal.

Reclames

MARIA VITORIA

A revista «Fado Corrido», em scena no teatro Maria Victoria, continua atraindo ao popular teatro o publico que faz bisar os numeros mais graciosos da revista tais como «O Maxixe de Amor», «Saia de Balão», «Sopeira Bolchevista», etc.

S. CARLOS

Todos quantos se presam de ter bom gosto e estão em Lisboa, não têm deixado de comparecer em S. Carlos, para admirar Lucilia Simões na «Casa em Ordem», em que tem uma das suas mais completas e notabilissimas creações. E por isso a sala de S. Carlos oferece um lindo aspecto, e o espectaculo decorre entre o maior entusiasmo, chegando o publico a interromper os actos, para ter o prazer de aplaudir Lucilia, como ela merece.

NACIONAL

O famoso drama policial «20.000 dollars», a peça do seu genero que maior originalidade revela, mantem-se sendo a grande atração do Nacional, aonde continua chamando enorme concorrencia.

EDEN TEATRO

Continua sendo o ponto de reunião da sociedade elegante, este aprazivel teatro, onde se encontram exibindo numeros estrangeiros, com gerais aplausos, dos verdadeiros apreciadores do genero alegre.

Por isso a empreza não se poupa a sacrificios, contratando os melhores numeros estrangeiros para ali fazer exibir.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Casa em ordem».
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Aventuras de Rafael».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades—4 vacas bravas.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

O segredo dos quatro

Eddie Polo, o famoso actor atleta norte-americano, não é só o heroe da colossal pelicula de aventuras «O segredo dos quatro», que actualmente se exibe no Salão Central, é tambem o heroe do dia para todos os lisboetas. E a prova vê-se: Polo, o heroe do «film», chama Lisboa em peso ao elegante cinema, no desejo de admirar os seus prodigios e temeridades.

Na estreia de hoje do terceiro episodio «Sobre o abismo», mais uma vez o insigne comediante deu provas de ser, na sua especialidade, um artista sem rival, deliciando, comovendo, entusiasmando.

Esta noite, lá o temos na repetição dos tres soberbos episodios até agora exibidos, sendo o restante espectaculo preenchido pelo belo «film», em quatro partes, «Noite de Carnaval», que tão grande exito tem obtido pelo impecavel desempenho da sua protagonista, confiada á formosa e eximia actriz Ica Lenkeffy.

OS PARTIDOS

A reunião de hoje das Comissões do P. R. R.

Por convocação das comissões municipal e districtal de Lisboa, realiza-se hoje, no Centro Radical de Lisboa, pelas 21 horas, na Rua da Voz do Operario, 64, 1.º, á Graça, uma reunião magna de todos os filiados que fazem parte das comissões politicas de Lisboa.

Em vista da importancia dos assuntos partidarios a resolver, aguarda-se a comparencia de todos os membros das referidas comissões, por isso que o Partido vai entrar num periodo de activissima propaganda e bem assim numa fase de maior combatividade politica em face da angustiosa situação em que se debate o país e a Republica.

Em visita aos correligionarios do norte, segue amanhã para o Porto, o senador sr. Procopio de Freitas, que ali conferenciará com os membros das comissões politicas daquela cidade, seguindo pessoalmente a Braga, com o fim de ali fazer uma sessão de propaganda partidaria juntamente com elementos da capital do Norte. Na cidade de Braga, realisar-se-ha um banquete de confraternisação republicana, que terá logar no Bom Jesus.

Para esse fim encontra-se em Lisboa o vice-presidente da comissão districtal de Braga.

— Na sua reunião de ontem, a Comissão Municipal de Cintra apreciou uma carta publicada num jornal operario da manhã, assignada por dois filiados no partido e em que é atingido o sr. alferes Pimenta, resolvendo dar a este senhor toda a sua solidariedade e convidá-lo a desistir do seu intento de abandonar o partido. Registou novas adesões no concelho.

A reunião do Directorio

O Directorio em sua reunião de ontem, tomou as seguintes resoluções:

1.º — Saudar o presidente eleito da Republica fazendo votos para que da sua acção politica resulte uma época de moralidade e justiça.

2.º — Apreciando a acção parlamentar e a função governativa, estranhar que duma e doutra não proviessem as medidas urgentes e inadaveis que o paiz reclama, taes como a lei do inquilinato, transportes maritimos, regularisação da divisa cambial, carestia da vida, redução de despesas, etc.

3.º — Mandar proceder a um inquerito acêrca de acusações feitas a alguns cidadãos filiados no partido, a fim de proceder como fôr de justiça, no sentido do saneamento do mesmo, no criterio duma moralidade comprovada, e duma fé republicana claramente demonstrada.

4.º — O Directorio resolveu mais intensificar a propaganda do partido promovendo comicios, publicando manifestos e distribuindo largamente o seu programa partidario, onde se expõe o modo de vêr do Partido R. Radical sobre todos os problemas que interessam á vida da Nação e ao prestigio da Republica.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4453-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sabado, 11 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Segundo parece, o Governo não conseguirá manter-se, pelo que se afirma que será total a crise do gabinete

— — —

A loucura do numerario

A situação é tremenda. Dissemo-lo outro dia, e não duvidamos repeti-lo. Somos dos que entendemos que nenhuma vantagem advem do facto de se ocultar um perigo. Pelo contrario. Ignorado, nenhuma resistencia se lhe pode opôr, até ao momento da sua eclosão. Conhecido, torna-se possivel evitá-lo, ou, pelo menos, atenuá-lo.

Não negamos ao sr. Antonio Maria da Silva qualidades de inteligencia, de energia, de pertinacia, que indiscutivelmente o apontam como uma verdadeira organisação de estadista. Não esquecemos os serviços que o chefe do actual Governo tem prestado ao país e á Republica, num periodo ministerial de mais de dezoito meses. O sr. Antonio Maria da Silva, sob o ponto de vista da ordem publica, tem governado com acêrto; tem feito, sob o ponto de vista politico, um governo tolerante e ponderado; tem vivido com o Parlamento, e a sua administração tem sido criteriosa. Mas no ponto de vista economico e financeiro, e infelizmente esse é tudo na situação actual, o sr. Antonio Maria da Silva nada tem conseguido fazer. A situação não melhorou desde a sua subida ao Poder. Pelo contrario: peorou, e muito. Hoje, a carestia da vida é o dôbro do que era então, correspondendo a divisa cambial de 2 á divisa cambial de 4. Tem sido a marcha para a subversão, para a anarquia, para a ruina, para a morte.

O sr. Antonio Maria da Silva tem provado que não pode ou não sabe melhorar a situação financeira e economica. Em presença dêste problema tenebroso, todas as suas qualidades parecem evaporar-se. E' inteligente: de que lhe serve a inteligencia? E' habil: de que lhe serve a habilidade? E' obstinado: de que lhe serve a obstinação? E' energico. de que lhe serve a energia? Em face dêste problema, que requere inspirações de genio e pulso de ferro, o sr. Antonio Maria da Silva só dá provas de inercia ou de fraqueza.

E, entretanto, segue a campanha para a inflação fiduciaria. Notas! Mais notas! Os aventureiros, os especuladores, os novos ricos que querem ser os futuros riquissimos, querem mais notas. Porque não ha notas? Qual historia! Ha cá fora «um milhão e duzentos mil contos» em notas! E, como o diz, com razão, a Caixa Geral de Depositos, nunca faltam notas para comprar as libras que por vezes o Governo lança no mercado para melhorar o cambio. São todas imediatamente engulidas ao cambio de 2. Para quê? Para se venderem ao cambio de 1, divisa de ruina, de vergonha e da morte, que ha muito tempo se procura atingir, e que se atingirá em oito dias, logo que se decrete um novo aumento da circulação fiduciaria. Então, sim. Então, vender-se-hão as libras arrecadadas para essa especulação colossal, que dobrará, num dia, a fortuna dos seus possuidores.

Oh! os loucos e os malvados! Eles não reflectem que se perdem, perdendo-nos. Arrasta-os a vertigem do numerario.

Não indagam do poder de compra da moeda-papel, que eles proprios incessantemente desvalorisam. Se amanhã lhes garantirem a estabilidade da moeda, ficando com 500 contos o valor que têm agora 1.000 contos artificiais, não querem. Preferem elevar esses 1.000 contos artificiais a 2.000 contos tambem artificiais.

Pois quê! Haviam de passar a ter 500 contos tendo já tido 1.000! Em caso algum! Julgam-se ricos com algarismos, que não pasam de uma convenção já levada a um exagero suicida; julgar-se-iam pobres com uma moeda forte, que lhes serviria de instrumento de aquisição para o mesmo objecto, tanto hoje como amanhã, tanto na actualidade como no futuro.

E' a loucura do numerario, vesania que já uma vez, em França, com o aventureiro Law, deu origem a uma catastrofe financeira, que muito contribuiu para a grande convulsão revolucionaria do fim do seculo XVIII. Mas essas loucuras podem combater-se. Um Governo forte, querendo, fará com que êsses loucos de má indole se resignem a ter juizo á força.

O planeta Marte

O que os sabios procuram descobrir

LOUDRES, 11.—O astronomo Ryxes que tem estudado o planeta Marte atravez um poderoso telescopio colocado em Teneriffe nas ilhas Canarias á altura de 2.400 metros, comunicou observações curiosas. O planeta Marte sofre no seu solo remodelações constantes. Num periodo de 14 anos mais de 100.000 milhas quadradas caracterisadas pela cor amarelo-palido do deserto tomaram o aspecto pardacento possivelmente, se o planeta fosse habitado, resultado de vastas culturas. O numero. a extensão e a direção dos canaes teem sido modificados. O planeta Marte está longe de ser um mundo morto e o problema da sua habitabilidade é um dos que mais preocupa a sciencia contemporanea.

UMA SOLUÇÃO

O PROBLEMA DAS REPARAÇÕES

visto atravez o criterio do maior interesse nacional

Como o Estado podia alcançar novas receitas impulsionando a economia nacional

No artigo que ontem publicamos, sobre a possibilidade de o Estado fazer parte da empresa que vier a constituir-se para a construção e exploração do caminho de ferro electrico entre S. Braz d'Alportel e Loulé, entrando com o material necessario que pode importar por conta das reparações, alvitra-se uma ideia interessante, cuja utilidade ninguem ousará pôr em duvida.

Com efeito, o Estado, tendo de receber da Alemanha reparações num montante muito importante, alem de que já importou para os caminhos de ferro, numa percentagem relativamente reduzida, não sabe em que empregar os materiais de varia aplicação em que a Alemanha o creditará.

* * *

E' certo que varias forças de varia natureza influem na receção das reparações Mas, se na verdade, as forças negativas são fortes, não o são menos as forças positivas.

Trabalhando activamente, porque só num trabalho aturado e proficuo pode encontrar o remedio para a derrota, a Alemanha tem as suas monstruosas organisações fabris abarrotando de mercadorias de toda a especie, que vai lançando nos mercados mundiais a preços baixos, em todo o caso em proporção inferior á sua produção. O pagamento das reparações em mercadorias é, portanto, uma solução que lhe convem, quando mais não seja porque vai liquidando as suas contas com os inimigos de ontem, sem ter que mobilisar marcos para exportação. Por outro lado, como trata de governo para governo, não ha que recear qualquer intervenção extranha que embarace as negociações necessarias, alem de que, sendo as requisições feitas directamente pelo governo, ha maiores facilidades na obtenção das mercadorias.

Se, portanto, o nosso governo, é semelhança do que teem feito outros paizes—a Italia, por exemplo—se resolver a aproveitar directamente as reparações, obterá um grande numero de vantagens, tanto para o Estado como para a economia nacional.

* * *

Vejamos o que se poderia fazer.

Ha em Portugal inumeras emprezas de todas á especie que, ou atravessam uma crise grande por falta de materias primas, ou vivem uma existencia precaria graças á necessidade de materiaes aperfeiçoados. Outras inda, estando em organisação ha bastante tempo, não conseguiram ainda sair do periodo embrionario pelos mesmos motivos.

O que havia a fazer?

Esta coisa simples: por conta das reparações, o governo importava da Alemanha os materiaes de que depende a vida e a prosperidade desses organismos e, capitalisando-os, entrava como acionista importante para todas elas, depois de uma reorganisação que as tornasse aptas a corresponder ás necessidades presentes. Nestas condições, o Estado alem de concorrer poderosamente para a prosperidade dessas emprezas, daria um impulso grandioso á nossa economia e assegurada para si numerosas fontes de receita.

Deste modo, nem estaria á espera do pagamento, em oiro, lá para as Kalendas gregas, das reparações que nos são dévidas, nem tão pouco deixava á mercê dos seus precarios recursos, as nossas industrias de mais largo futuro.

* * *

Diz-se que a Alemanha resiste, o mais fortemente que lhe é possivel, á entrega das mercadorias que, no futuro pode lançar no mercado como uma inundação. E' um pouco assim. Mas essa resistencia é bastante «proforma». A Alemanha não deixa de trabalhar com a mesma actividade, com a mesma febre. E, continuando e armazenar a sua produção extraordinaria, entraria a breve trecho numa «chomage» apavorante. E é isso que ela quer evitar—quando mais não seja ante o exemplo frisante da Inglaterra. Compreende-se, portanto, sem esforço, que é meramente relativa a sua resistencia.

Os grandes industriais alemães que podem levantar embaraços conhecem, melhor do que ninguem, o perigo que representa a acumulação de grandes «stoks».

Peores, muito peores do que eles—que não põem de parte os principios de uma moral comercial—são certas pessôas de cá, cuja unica função, que saiba, é apenas a de empatar por sistema. Sempre que se adota qualquer medida de que resulte o bem da nação farejam logo negocio e, dahi. uma oposição medonha, uma intriga insistente, mil embaraços—que no fim de contas, inutilisam os esforços mais superiormente orientados.

E' contra semelhantes exemplares que nos temos de precaver, porque não é possivel deixar de contar com eles.

* * *

Se assim fizermos e se o Governo, entrando num caminho de realizações, encaminhar a sua acção, no que respeita ás reparações, no sentido que temos apontado, alem de aniquilar essa formiga comercial, terá prestado um grande, um enorme, um colossal serviço ao Paiz, arrojando-o para um campo de actividade intensa, que, por sua vez, o encaixe no quadro de valores do nosso tempo.

Desde que a sua acção seja persistente, todos os obtaculos desaparecerão porque, afinal, é a nossa fantasia que lhes dá valor e importancia.

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital," o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do Além-tumulo

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «**Capital**» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

O presidente Harding

As exequias realisadas em Londres

LONDRES, 11.—Na abadia de Westminster celebraram-se ontem solenes exequias pelo falecimento do Presidente Harding.

Tres mil americanos residentes e de passagem em Londres achavam-se largamente representados e assistiram o Duque de York, segundo filho de Jorge V, a quem representava, bem como representantes do principe de Galles e da rainha Alexandra, corpo diplomatico ministros, altas autoridades e pessoal superior de Presidencia e do Ministerio dos Negocios Extrangeiros.

A cerimonia foi duma pungente simplicidade, acompanhada e canto coral; ouvindo-se as duas peças de musica favoritas do Presidente Harding, cantadas pelo congregação com muito sentimento.

O conego Carnegie, que dirigiu a solenidade. enviou á familia Harding o seguinte telegrama:

«Os americanos e os ingleses unem-se na mesma expressão de sentimento e solicitude despertada pela morte de Harding.

Inglezes e americanos reconhecem, simultaneamente, Harding como um homem que, experimentado, sobe cumprir o seu dever, e que devido ao muito tacto com que tomava as suas decisões, estes tinham uma fuudamental unidade entre si».

Um grande numero de pessoas não conseguiu obter logar na Abadia, tendo sido tambem celebradas á mesma hora em que no cemiterio de Marion. o corpo do Presidente Harding era enterrado no meio da maior intimidade. havendo apenas como ultima homenagem do povo americano a completa paralisação de todos os trabalhos e serviços, incluindo caminhos de ferro, electricos, telefones. telegaafos e navios.—(R.)

O elogio feito pelo bispo de York

LONDRES, 11.— O bispo de York pronunciou uma oração funebre pela memoria do ex-presidente Harding tendo dito que na grande prova da guerra os corações das duas Nações baterem unisonos e que não se podia esquecer que a comodidade de tradições, principios e ideias entre as duas Nações era fortissima e que sobre ela é que repousavam as esperanças de pax e do progresso do mundo para os quaes o presidente Harding tanto contribuiu.

Aerescentou que a integridade do caracter, a unidade de pensamento e o desejo de bemfazer do presidente Hardihg eram qualidades representativas dos altos cidadãos americanos. O presidente Harding teve sempre a nitida visão do papel que os Estados Unidos eram chamados a desempenhar na restauração do mundo e no futuro a Historia ha-de sempre associar o seu nome ao da grande Conferencia de Washington. Tanto quanto lhe era possivel o presidente Harding estava preparando o seu povo para que este arcasse com as suas responsabilidades internacionaes.—(R.)

A' SERRA DA ESTRELA

Uma excursão interessante

Vão realisa-la artistas e auctores dramaticos, pintores de arte e scenografos

A maravilhosa e alpestre região do Herminio, desconhecida da maior parte dos portuguesess ignorantes do encanto primitivo e raro das suas paisagens vai agora ser objectivo duma excursão por parte de alguns dos nossos artistas dramaticos, autores, escritores, etc.

A iniciativa partiu do distincto scenografo Mergulhão, que á Serra da Estrela já foi numerosas vezes e que é um apaixonado entusiasta das suas belezas.

Na excursão tomam parte os artistas Estevam Amarante e Luisa Satanela, os escritores teatrais João Bastos, Felix Bermudes e Ernesto Rodrigues, os maestros Alves Coelho e Wenceslau Pinto, os pintores Roque Gameiro, Adriano Costa e Carlos Bonvalot, o industrial Neves Carneiro, os scenografos Augusto Pina e Mergulhão, o costumier Castelo Branco e o grande amigo da Serra, Ramos de Paiva, levando alguns deles pessoas de familia.

A partida de Lisboa far-se-á no dia 26 do corrente, de modo a contarem com a lua cheia na Serra. De Coimbra seguirão de automovel para Ceia, onde passam parte da noite, seguindo de madrugada para a aldeia de Sabugueiro, a mais alta de Portugal. Levarão como guia o grande propagandista daquela formosa região sr. Antonio Liz, comerciante em Ceia.

A segunda étape faz-se na Lagoa Redonda, onde se estabelecerá um acampamente. Todos os excursionistas confecionarão os seus alimentos e cuidarão dos seus apetrechos.

Durante seis dias percorrerão os pontos principais da Serra, visitando os Cantaros, as lagoas, etc., utilisando os guias da região e os almocreves indispensaveis para o transporte de barracas, condução de pessoas e mantimentos.

O regresso far-se-á por Loriga, Vazeiro, S. Romão, Ceia e Nelas estação de embarque.

De quando em quando

A Carris quer mais dinheiro

UMA ZONA, $35; DUAS, $55; 3, $70

Ou a Camara cede, ou a Companhia a fará gréve

Pois é verdade: a Companhia Carris quer mais dinheiro. Toda a população de Lisboa sabe que são exageradas, exageradissimas as tarifas cobradas pelo sindicato de Santo Amaro, que, devido ás contemporisações das entidades competentes, se habituou a aumental-as periodicamente com a certesa antecipada de vencer.

A Companhia não procura servir bem o publico, não tem a menor atenção com ele. O publico serve apenas, existe apenas para pagar. Pouco se importa ela com os prejuisos que as suas resoluções acarretem a toda a população. O que é preciso que as 600.000 pessoas que vivem em Lisboa paguem.

Ora, isto não pode ser. E' de mais. Não podemos estar á mercê da ganancia de uma companhia que em troca dos aumentos pedidos não oferece ao publico a mais ligeira compensação. Quando foi do ultimo aumento, a Carris pagou ao publico esse sacrificio reduzindo a hora de recolha dos carros, de tal modo que, acabando os teatros geralmente depois da meia noite, só por um verdadeiro acaso quem mora longe não tem de fazer o trajecto a pé.

Com que autoridade vem, pois, a companhia exigir mais dinheiro a uma população, que por não ter quem a defenda, tem de submeter-se a todas as explorações daqueles que não a servem como devem recusando-se a cumprir a letra dos contractos, pondo e dispondo de uma cidade, como se sua fosse?

* * *

Pois o que a companhia pede não é nem mais, nem menos que o seguinte: que as tarifas sejam aumentadas para: uma zona, $35; duas, $55; tres, $70; quatro, $80. e cinco, $90.

Não sabemos o que fará a Camara Municipal. O que se tem feito, sabemos todos nós de cór e salteado. O pedido foi mandado baixar ás comissões do contencioso e viação, a fim de darem o seu parecer.

Aguardemos, leitor, mas vai-te preparando para mais esse sacrificio, sem qualquer especie de compensação. Porque, se a Camara não conceder esse aumento a Companhia lá está para fazer parar os carros, obrigando-te a palmilhares durante um mez as ruas da cidade.

E não sahimos disto...

Nas casas bancarias

Que desejem empregar a melhor tinta até agora descoberta, experimentem a «Presty Ink», que é inalteravel, bonita, não ataca os aparos.

Pedidos a Fernando & Santos. R. Alves Correia 17.

Caem os idolos

Lloyd George apupado no Paiz de Gales

LONDRES, 11.—O sr. Lloyd George tentou pronunciar um vibrante discurso no paiz de Galles, no intervalo dum concerto, tendo sido interrompido violentamente pela assistencia que se recusou a ouvi-lo obrigando-o a calar-se e a abandonar a sala.—(R.)

As novas moedas

O Conselho da Arte Nacional escolheu os seus vogais sr. Costa Mota (tio) Coumbano Bordalo Pinheiro e Luciano Freire para constituirem o juri encarregado de julgar e classificar os modelos apresentados para as novas moedas.

General Caldeira Pires

Continua melhorando do desastre que já a dias sofreu na Aveeida da Liberdade, o general sr. Caldeira Pires, nosso director do Anuorio Comercial. Foi seu medico assistente o sr. dr. Oliveira Luzes «filho».

O EMPRESTIMO

Alguns bancos

não entregaram ainda ao Governo

o produto das primeiras prestações pagas

Desde ontem que corre em Lisboa o boato de que o Governo está sériamente embaraçado, devido ao facto de não ter recebido, até agora, de alguns Bancos, as quantias por eles arrecadadas em virtude do pagamento das primeiras prestações do emprestimo nacional.

Tendo nós procurado saber o que este boato continha de verdade, apuramos o seguinte:

Quando o Governo, para fazer face aos seus compromissos mais urgentes, tentou recolher os capitaes acumulados pelos bancos como producto das primeiras prestações, já pagas do emprestimo, alguns deles responderam não lhes ser possivel atender o pedido governamental visto não terem numerario.

Indignado, alguem do Governo foi de opinião que se aplicasse aos Bancos que assim abusavam da confiança que o Estado depositara neles, o paragrafo 2.º do artigo 33 do Códige Penal, pois que, tendo esses Bancos recebido capitaes de certo vulto para um determinado fim, sem qualquer sombra de escruplo aplicaram-nos em transacções suas.

Apezar dessa disposição em que estava o Governo, nada se fez, que saibamos — e o nosso informador é pessoa da mais insuspeita probidade — para chamar á responsabilidde os referidos Bancos. Entretanto foram expedidas instruções sevéras no sentido de evitar que as restantes prestações do emprestimo fossem depositadas nas casas bancarias. E tanto assim que as prestações de 1 de Julho e 30 de Agosto serão recolhidas pelas tesourarias de finanças.

Apezar da gravidade deste facto, que acarreta ao Governo os mais sérios embaraços, pois que, tendo de satisfazer compromissos urgentes, não consegue receber o numerario que recolheu por virtude do emprestimo — do Governo não se diz uma palavra. E. sobretudo, não se declina a identidade de quem, por uma fórma digna da mais rigorosa punição, abusou do crédito que o Governo lhes dispensava.

O que não sa sabe é se o Governo aplicará, ou não, aos Bancos e casas bancarias que ainda não fizeram entrega do producto das primeiras prestações do emprestimo, o paragrafo 2.º do artigo 33 do Código Penal, como era sua intenção. Mas, emquanto resolve o castigo a aplicar, podia muito bem dizer ao país quem são aqueles que se esqueceram que a ele se destina, o producto do sacrificio que fez, subscrevendo o emprestimo.

E, no emtanto, é preciso que saibamos!

A Alemanha por dentro

A crise politica acentua-se

BERLIM, 11.—Acentua-se a crise da politica alemã. Os socialistas associaram-se ao voto de desconfiança contra o governo.

Os jornais desta manhã dizem que os chefes dos diferentes grupos politicos celebraram hontem á noite uma reunião na qual se ocuparam da formação dum grande ministerio de coligação nacional e que tambem se considera eminente a demissão do Chanceler Cuno, em presença da recusa dos socialistas em retirar a moção de confiança. O presidente Ebert recebeu o sr. Stresemann, que já indicam como sucessor do sr. Cuno.—(H.)

Assaltos e colisões com a policia

OREFELD, 11. — Produziram-se manifestações por causa da carestia da vida, tendo havido luta entre os comunistas e a policia, de que resultaram 10 feridos. Sabe-se que os comunistas ocuparam os principais estabelecimentos industriais dos quais expulsaram o respectivo pessoal, e que o movimento se estende a Wardigen, onde os comunistas tomaram de assalto os edificios e a direção da fabricas de productos quimicos. Em Luebeck deram-se conflitos com a policia, havendo 20 feridos.—(H.)

A impressão de notas recomeça

BERLIM, 11.—A greve dos tipografos terminou voltando já hoje ao trabalho, tendo o governo lançado no mercado mais notas.—(H.)

ESTÁ EM LISBOA

O padre jesuita Oliveira Pinto

O que o trouxe a Portugal? A sua recusa a prestar declarações

A noticia chegou-nos atravez uma conversa na rua do Ouro: encontrava-se entre nós, vindo do Brasil, um padre jesuita portuguez de alta categoria na ordem. A que vinha e em que condições entrara no paiz?

O padre visitador das provincias do sul do Brasil sr. Antonio Correia d'Oliveira Pinto chegou a Lisboa especialmente recomendado ao sr. dr. Cardoso d'Oliveira, embaixador do paiz irmão, pelo sr. Felix Pacheco, ministro brasileiro das Relações Exteriores.

Encontra-se, pois, entre nós quasi na qualidade de cidadão brasileiro...

O sr. Antonio Correia Pinto, que com poucas pessoas tem falado, veiu até nós para, junto da colonia brasileira em Portugal, angariar donativos destinados á fundação de um novo e grande colegio portuguez no Brasil.

Cremos que as suas diligencias estão sendo coroadas do melhor exito, assim como sabemos tambem que o sr. Correia Pinto parte ainda hoje para o Porto, onde vai contiauar executando a sua missão.

O sr. Antonio Correia Pinto demorar-se-ha pouco tempo em Portugal, devendo regressar ao Brasil nos primeiros dias do proximo mez.

* * *

Como era natural procurámos avistar-nos com o visitador jesuita.

Apoz varias diligencias, conseguimos saber que se eucontrava hospedado na casa do brasileiro sr. Raimundo Arruda, na avenida Luiz Bivar.

Para lá nos dirigimos e, sem declinar a nossa identidade, conseguimos ser recebidos pelo padre sr. Antonio Correia Pinto.

Baixo, cabelo todo branco, oculos d'aro de tartaruga a corrigir uns olhos claros espelhando inteligencia viva, o padre Correia Pinto mostrou-se surpreendido com a nossa visita.

—Pessoalmente é-me ela muito agradavel; como jornalista que o sr. é, não. Se se tivesse feito anunciar como tal, ter-me-hia recusado a recebe-lo.

Como vêem não foi muito lisongeira para nós a recepção feita. Tentámos porem saber da boca do nosso hospede alguns pormenores da sua missão, perguntámos qual a influencia dos jesuitas entre a colonia portuguesa do Brasil, a sua acção moralisadora e instructiva; perguntámos muito, quasi que torturámos o sr: Antonio C. Oliveira Pinto, mas nada conseguimos.

A todas as nossas perguntas, recebemos como resposta a negativa formal a fornecer qualquer esclarecimento,

Porquê?

—Por motivos que desejo conservar reservados, respondeu-nos. Mas só vem procurar recursos junto dos brasileiros residentes em Portugal? Perguntámos ainda.

—Só a eles e a muito poucos amigos do Brazil me dirigirei. Não quero que me atribuam intentos que não tenho». E assim terminou a entrevista.

* * *

Basta agora perguntar: Qual a razão porque o padre jesuita Antonio C. Oliveira Pinto se nega a falar da missão que o trouxe a Portugal? Porque deseja manter-se quasi incognito? Será aquele que conhecemos, o unico fim que o trouxe de novo á Patria?

O "Carvalho Araujo"

segue no dia 18 para a Terra Nova

E' no proximo dia 18 que o crusador «Carvalho Araujo» segue para a Terra Nova, onde, como se sabe, vai permanecer algum tempo para prestar assistencia aos tripulantes dos navios portugueses que em elevado numero ali se encontram na pesca do bacalhau. A França e a Inglaterra mandam todos os anos navios de guerra ao bânco da Terra Nova, para prestarem assistencia aos pescadores das respectivas nacionalidades e resolver conflictos que ás vezes surgem com certa gravidade sendo agora a primeira vez quo Portugal faz o mesmo.

Notas a lapis

As crianças de Lisboa

Ao longo dos cais, por essa beira rio fora, durante todo o dia, a qualquer hora da manhã ou da tarde, a rapaziada das ruas, afogueada pelo calor, toma banho. E' gente meuda de olhar vivo e de pele quasi negra suja e queimada do sol, mergulhando na agua, entre as fragatas e as lanchas, num ruido de gargalhadas e de chufas, como tritões de oito anos.

Vão dos bairros pobres para ali. A cidade não os seduz grandemente. Atravessam-a indiferentes e por lá se demoram, até que a noite desce e o mar se cobre das primeiras sombras, salpicadas pelos faroes dos paquetes e dos cruzadores.

Ao vê-los assim, recordamos sem querer os milhares de crianças das escolas que, depois de viverem meses consecutivos em baiucas infectas, aprendendo por livros ridiculos, não têm quem os leve para longe, para colonias de férias, para o campo ou para a beira-mar, a encher os pulmões de bom ar, arrancando-os á tortura dos seus bairros imundos e á asfixia deste calor esbrazeante.

Bem se clama que a mortalidade infantil aumenta constantemente de ano para ano. Mas ninguem se importa, ninguem procura defender os pobres pequenos dos perigos que os ameaçam.

De quando em quando passa pelas ruas da cidade um rancho de crianças dos asilos ou dos colegios. São todas amarelentas, raquiticas, de rosto parado e de olhar sombrio, quasi morto. Sente-se que a doença as mina e que a morte as espreita. Vivem enclausuradas, longe do sol e do ar, desconhecendo a alegria e a vida, as arvores e as aves, a beleza da paisagem e a ternura da natureza.

As outras, não tendo leito nem jantar, não sabendo ler nos livros nem possuindo um enxoval, são, no entanto, mais felizes, porque são livres e são ageis, têm o mar e o sol, assistem á chegada dos grandes paquetes, vão por vezes aos toiros e acompanham nos pulos, alegres como pardais, as bandas dos regimentos.

Dantes, as juntas de freguesia levavam para a Outra Banda, diariamente, grandes e buliçosos ranchos de crianças. Não era o ideal, mas era alguma coisa. Os pequenitos gastavam o seu dia por lá, brincando e rindo. Mas até essa generosa iniciativa se perdeu e os pobres milhares de crianças de Lisboa ali ficam encaixotadas em casarões ignobeis ou em barracas de taboas, morrendo aos poucos, do Arosamente.

Aviação perigosa

Um dos melhores aviadores inglezes, o capitão Herme, teve ha dias, conta a revista «Scientific», uma desagradavel aventura, que parece sem precedentes na aviação.

Encontrava-se por sobre a Mancha quando se desencadeou uma tempestade.

De repente foi envolvido completamente por um clarão medonho, e o avião foi sacudido violentamente. Cheio de emoção, o piloto conseguiu no entanto comunicar pela telegrafia sem fios com o aerodromo mais proximo, donde lhe aconselharam a remontar a bordo o fio de antena do seu aparelho.

Segundo os peritos, o avião ter-se-hia encontrado no trajecto do raio; mas, não tendo contacto com o solo, foi atravessado, sem perigo, pela corrente electrica.

A furia da dança

Um remedio contra a loucura da dança.

Dois campeões de dança, M. Lissoni que obteve 102 horas, e Cremvulsi, que tem 78 horas no seu activo, encontraram-se ha dias em Bolonha e desafiaram-se.

A' noite, com os seus pares, começaram o «match» de fox-trot, de shimmy e de walsas-hesitação, mas o publico opoz-se a que a prova proseguisse, devido ao calor anormal. Mas os campeões continuaram... Então para lhes tornar a sala inhabitavel, o publico lançou-lhes ampolas nauseantes, que tornaram a atmosfera irrespiravel.

ARTISTAS CELEBRES

A formosa Goya está em Lisboa

VEIO DE PASSEIO, MASSERIA BOM QUE ELA SE APRESENTASSE AO PUBLICO

Uma noticia de sensação: Está em Lisboa a «Goya», a celebre «tonadillera» cuja fama mundial a torna hoje a mais notavel do genero, arrebatando os publicos todos com o encanto da sua voz, a belesa da sua figura de mulher escultural, a ternura e o sentimento das suas canções, a suprema arte que a distingue.

«La Goya» não é uma artista vulgar é a criadora do novo genero de canções que nós temos ouvido já em imitações mais ou menos felizes, a primeira que apresentou typos, tatos, interpretações varias para cada uma das suas canções.

A «Goya» hoje é considerada a primeira entre todas as «tonadilleras» de Espanha—porque ela só trabalha nos primeiros teatros—toda a America e o ano passado alcançou um sucesso excecional em Paris, que chegou ao delirio—caso raro entre os parisienses, que a proclamaram a mais notavel do mundo.

Sabendo que havia chegado a Lisboa, estivemos com a celebrada artista no Avenida Palace. A «Goya» vem a Lisboa de passeio, como aliaz por vezes tem feito, porque ama deveras Lisboa e o calmo encanto dos seus arredores, Estoril e principalmente Cintra, e tanto que julgavamos trabalhar.

—Mas isso não pode ser, observámos, a celebre «Goya» estar em Lisboa e não se fazer ouvir, chega a ser um crime.

—Eu tenho grande carinho pelos portuguezes e tanto que quando posso venho estar uns dias aqui, gosto imenso de trabalhar, de fazer arte, porque eu não me limito a dizer a letra musicada das canções, interpreto e represento todas as canções que são exclusivamente criações minhas, mas...

—Se os portuguezes instassem...

—Não sei.

Falamos ainda das cousas portuguesas que ela admira imensamente, e de Arte, da Arte que a domina e que ela revela constantemente, nas suas palavras, no seu sentir, nos seus lindos e ternos olhos negros da sua doçura incomparavel, conversa que o espaço não nos permite desenvolver.

Limitamo-nos apenas a manifestar o nosso desejo de que num dos nossos primeiros teatros, algum emprezario arrojado e que seja tambem artista, nos apresente a «Goya», a celebre «Goya», a bela «Goya», a formosa «tonadillera».

ULTIMA HORA

O MOMENTO FINANCEIRO

O Governo

vai para um novo aumento de circulação fiduciaria?

A situação da praça e a representação que se está elaborando na Caixa Geral de Depositos

O caso do dia de hoje, apesar de os estabelecimentos de credito terem fechado, como de costume, as suas portas mais cedo, foi o da falta de escudos, que continua a fazer-se sem segredos dos deuses, materia inatacavel.

O que se diz é de apavorar; o que se passa é ainda, para todos nós, que andamos no desconhecimento dos segredos dos deuses, materia inatacavel, objecto de segredos, de conciliabulos e de combinações.

Fala-se de bancos cuja situação se classifica de má; segreda-se a possibilidade de surpresas a surgir na semana que vem, e de corridas que alarmarão a praça e porão em sobresalto os que têm a perder e são muitos na nossa terra.

Sempre que o problema financeiro se põe em primeira plana, enchendo as colunas dos jornais ou impregnando a atmosfera dos cafés, a consciencia publica sobressalta-se.

Vejamos pois em resumo e para informar com a possivel fidelidade os nossos leitores o que se está passando na praça de Lisboa, quais as intenções e propositos do Estado e dos bancos, procurando tirar conclusões que andem proximo da verdade.

* * *

Em resumo, a questão está posta nos seguintes e simples termos: a praça pede que lhe forneçam elementos para satisfazer os desejos dos seus clientes; o Estado procura furtar-se a fornecer á praça esses meios.

O primeiro sintoma evidente da escassez de escudos no mercado foi dado pelos industriais de Lisboa, que vêem insistindo com o Governo para que os auxilie, dada a dificuldade em que se encontram de satisfazer pagamentos por não terem para isso o dinheiro indispensavel. Que os bancos lhes não descontam, alegando tambem falta de escudos, e que o Banco de Portugal, possuidor e armazenador de notas, deve salvar uns e outros, atirando com essas notas para publico e evitando assim uma situação que amanhã pode ser irremediavel.

O Estado, por sua vez, responde a estes desejos manifestando a sua irredutibilidade em aumentar a circulação fiduciaria e declarando-se disposto a não deixar funcionar, nem mais um minuto, a estamparia do Banco de Portugal.

Quem vencerá o pleito? E' cedo ainda para o poder afirmar. Mas temos de recordar a proposito que varias vezes a luta se tem travado em circunstancias semelhantes e sempre o Estado acabou por ficar vencido, lançando notas no mercado e safando assim os bancos das pessimas circunstancias em que eles por vezes se encontram.

Desta vez é um ramo das chamadas forças vivas que pede, que pede com insistencia, que quasi intima, apontando ao Governo a possibilidade de uma greve geral forçada, de efeitos desastrosos para a economia nacional e para o socego e tranquilidade de nós todos.

Posto assim o problema, abstemo-nos de lhe fazer quaisquer comentarios, aguardando que os poderes publicos sobre ele resolvam, tendo em vista os interesses superiores da Patria.

* * *

O Estado é, neste seu proposito, sustentado pelo seu mais importante estabelecimento de credito: a Caixa Geral de Depositos. Esta fez publicar nos jornais uma nota oficiosa declarando-se contraria a qualquer aumento de circulação fiduciaria, cujas consequencias reputa desastrosas para Portugal e condenando a atitude assumida pelos bancos e estabelecimentos particulares de credito.

Ha quem condene esta atitude da Caixa, supondo que ela em nada tem que intervir numa questão para que não foi chamada e que o Ministerio das Finanças pode e deve resolver, sem que para isso tenha necessidade de recorrer a qualquer auxilio. Os amigos da Caixa, porém, justificam e defendem o procedimento adoptado pelos administradores desta, afirmando que ela tem o dever indeclinavel de zelar os interesses e a economia publica, dando o seu conselho e emitindo opinião, embora lha não solicitem.

Emfim, a Caixa mostra-se disposta a auxiliar o Ministerio das Finanças nesta luta, cujo desenlace é ainda dificil de prever.

* * *

Felizmente, não se verificaram durante todo o dia de hoje os boatos alarmantes postos a correr sobre a situação de certos estabelecimentos bancarios.

Pessoa de cuja autoridade não podemos duvidar, afirma-nos mesmo que a situação de um desses estabelecimentos, aquele ácerca do qual mais significativos têm sido os boatos postos a correr, é bastante segura, não tendo ele nada a recear, mesmo que se verifique a hipotese posta de uma corrida.

* * *

Ao que nos informam, as Associações Comerciais de Lisboa e Porto já ha mais de uma semana dirigiram uma representação ao sr. ministro das Finanças, pedindo-lhe claramente um novo aumento de circulação fiduciaria para satisfazer as necessidades dos seus associados, que são muitos e importantes. O ministro, agora demissionario, não chegou a despachar sobre o assunto.

Na Caixa Geral de Depositos — ouvindo um dos seus administradores

Na Caixa Geral de Depositos procuramos obter informações sobre os intuitos e planos do seu conselho de administração, que parece disposto a intervir directamente na presente crise, procurando evitar que ela atinja proporções e se torne decisiva para a vida e para a economia do Estado.

Amavelmente, o sr. dr. Raul do Carmo elucida-nos, pondo-nos ao corrente do que se passa:

— O conselho de administração da Caixa Geral de Depositos prepara uma representação, que deve entregar ao Governo e na qual aponta os motivos porque é intransigentemente contraria a qualquer aumento de circulação.

«Para nós o que existe é um desejo evidente, e evidentemente posto por parte dos bancos, de provocar uma nova e perigosa emissão de papel-moeda. Porque vimos constatando, de ha tempo, de ha muita tempo mesmo, a esta parte, que os escudos só faltam sempre que se trata de fazer pagamentos ou de satisfazer legitimas necessidades. Mas, pelo contrario, os escudos aparecem, quando se trata de comprar cambiais ou adquirir libras na praça».

— E quais são os motivos que v. ex.ª alegam para justificar esse ponto de vista?

— Muitos e importantes. Citar-lhe-hei alguns deles.

«Em primeiro lugar, não é verdade que os bancos hajam sentido de maneira decisiva, como dizem, as consequencias do empreslimo. Afirmam os seus directores que o depositante correu em procura do seu dinheiro para o empregar em titulos do emprestimo, afectando assim de maneira notavel a vida de cada um desses estabelecimentos. E que o Estado, portanto, a quem eles favoreceram, tem, nesta emergencia, obrigação de os auxiliar.

«Ora a verdade é que a Caixa pode falar com conhecimento de causa. Os nossos depositos não foram tirados senão numa percentagem muito reduzida, por virtude da emissão do emprestimo. Uma percentagem que, não andaria muito longe da verdade, de computar em cinco por cento. Percentagem minima, portanto. E, note, que na Caixa é que estão os depositantes que, com mais facilidade, acorreram a cobrir o emprestimo; dado o caracter popular que este teve.

«Não é o comerciante, que carece das suas disponibilidades e reservas, quem vai á procura de lucros no juro de uma operação interna por muito vantajosa que esta se apresente. E o dinheiro depositado nos bancos pertence a essa categoria de pessoas.

— Outras razões que v. ex.ª julgue dignas de encarar?

— Outra que reputo importantissima. E' que esta crise que os bancos desejam apresentar como decisiva é, afinal de contas, a crise usual da epoca. Agora é que o lavrador precisa de buscar todas as suas reservas para as empregar. E' a epoca em que se ceifa, em que se debulha, em que se recolhe; é a epoca em que se pagam as soldadas e todos os altos salarios de todo o ano.

«Todo o dinheiro é pouco. E ha dezenas de anos que se verifica, é bastar olhar para as obras de alguns dos nossos tratadistas de economia, que o mez de Agosto corresponde a uma crise de numerario que ninguem se lembra de considerar anormal.

«Ainda outros motivos que lhe posso citar: os nossos devedores continuam a pagar-nos regularmente; não ha pedidos de moratoria. Excepciono, é claro, um ou outro caso isolado, pedindo um adiamento que nunca excede 15 ou 30 dias. Mas são coisas que não podem influir na marcha geral. Os aumentos de depositos na Caixa são uma coisa notavel. No ultimo ano passaram de 190 para 250.000 contos. Escuso de dizer-lhe que me refiro aos depositos voluntarios. Finalmente, como sintoma, abrimos, a favor da lavoura associada, um credito de 5.000 contos. Pois bem, desses cinco mil contos, e apesar de ter já decorrido cerca de um mês, apenas dois mil foram levantados. Crede que cada vez mais o que, tudo junto, cada vez mais robustece a minha opinião de que a falta de escudos no mercado não é um facto anormal, mas a consequencia de incidentes de varia ordem com os quais é necessario terminar.

— E o Governo terá meios para o fazer?

— Se quere uma opinião pessoal, dir-lhe-hei que tem.

— A representação da Caixa?

— Estamo-la elaborando. Mas, como compreende, trata-se de um documento da maior gravidade e responsabilidade e que ha de ser devidamente documentado. Afincadamente procuramos concluí-lo. E estou certo de que ele não deixará de ser tomado na devida consideração pelos poderes publicos da nossa terra.

* * *

Resumo: o Governo vai para um novo aumento de circulação fiduciaria? Ou conseguir evitá-lo, servindo-se para isso de todos os seus meios e elementos de credito?

OS QUE MORREM

Almirante Ferreira do Amaral

Victimado por uma ulcera no estomago, faleceu hoje á 14 horas na rua da Quintinha 51 1.º o almirante sr. Ferreira do Amaral.

A' hora em que escrevemos não está assente ainda o dia e a hora do funeral, pois não foi aberto ainda o seu testamento.

O velho almirante foi uma figura curiosa da politica portugueza. Deputado e depois par do reino, foi chamado a presidir ao primeiro ministerio de D. Manuel II, depois do atentado de que foi victima o rei D. Carlos.

Proclamada a Republica, o ilustre marinheiro aderiu deste logo ao novo regimen e quando o glorioso partido republicano se fraccionou, ele ingressou no partido democratico, sendo eleito senador em repetidas legislaturas.

Foi ele quem, no tempo da monarquia, por ocasião da revolta dos marinheiros, foi encarregado de domina-los. Fazia parte, ha muitos anos da conhecida Sociedade dos Makavencos, e era presidente honorario da Sociedade A Voz do Operario.

As circunstancias politicas em que a sua acção se manifestou, chamaram contra ele as atenções tendo sido rudemente atacado pelos jornais monarquicos, que não lhe perdoaram nunca a sua leal adesão á Republica.

Era um marinheiro distinto e um homem de bem. A sua familia enviamos sinceros pesames.

FRANCISCO CRISTO

Realisou-se hoje o seu funeral

Como estava anunciado realisou-se hoje, da casa da sua residencia para o Alto de S. João funeral do antigo propagandista operario Francisco Cristo O cortejo em que se encorporaram muitos elementos conhecidos no meio operario de Lisboa, passou defronte do jornal A «Batalha» e da Imprensa Nacional, onde o falecido trabalhou durante 22 anos. O cadaver foi conduzindo na carreta do Albergue dos Invalidos do Trabalho, instituição onde Francisco Cristo era 1.º secretario e que se fês representar pelos srs. João Antonio dos Santos e Joaquim Gonçalves, que representava tambem o Dispensario de Santa Isabel.

O sr. Luiz Derouet, director da Imprensa Nacional, fês-se representar pelo sr. Ernesto Gomes, tendo dirigido o funeral o sr. Manuel Petronillo.

No funeral seguiam as Bandeiras da Associação dos Compositores Tipograficos e do Albergue dos Invalidos do Trabalho.

OS BOMBISTAS

Mais uma prisão

Hoje foi preso o padeiro Manuel Tavares «O marujo» autor de varios atentados pessoaes e entre os quaes figura o de que ia sendo victima o sr. Pires director da Companhia Portugal e Colonias, contra quem o Adão chegou a disparar uma pistola quando o sr. Pires se encontrava no seu gabinete de trabalho.

O «Marujo», quando da ultima greve dos padeiros, colocou bombas á porta de varias padarias, crime que ele hoje confessou o mais relevante.

Tambem se encontra preso Luiz Antonio dos Reis, por ser detentor do material de Guerra, tendo-lhe sido apreendidas 233 balas para arma Mauser, 4 carregadores, 1 cinturão, etc.

—Recolheu preso ao Governo Civil, Antonio Ferreira, servente da Camara Municipal de Lisboa, por ter insultado a policia quando esta conduzia um preso incomunicavel para o esquadra.

Tarde politica

O general sr. Vieira da Rocha é o novo ministro da Guerra

No Ministerio do Interior estiveram hoje reunidos por largo tempo alguns ministros e a Junta Consultiva do P. R. P.

O sr. Antonio Maria da Silva, alarmado com a grave crise do seu ministerio, reune uma como conferencia medica cujo diagnostico terá sido este pura e simplesmente: o ministerio está morto.

Está morto, de facto, o ministerio. Nenhum homem publico, a quem se possa imputar responsabilidade séria, aceitará já agora qualquer pasta oferecida com a insistencia suplicante de quem está em apuros.

O sr. general Vieira da Rocha decidiu-se ontem á noite a aceitar a pasta da Guerra, mas «como missão de serviço...»

Só nos faltava mais esta, fazer ministros na «ordem do exercito». Ficase sabendo que se pode ser promovido a alferes ou a ministro da Guerra por uma mesma dinamica burocratica.

Simplesmente nos parece que o sr. general Vieira da Rocha não chegará a ser promovido definitivamente porque o processo não é aplicavel a qualquer daspastas vocantes e a assombrosa actividade e obiquidade do Chefe do Governo são mais precarias que a complexidade das circunstancias.

Ontem demos á hora de fecharmos o jornal a noticia de que o novo ministro da Guerra seria o sr. tenente-coronel Pires Monteiro. A noticia não se confirmou, porque naturalmente aquele oficial era apenas o candidato do reporter que nos comunicou a informação.

* * *

Na arcada, em resumo, pensa-se que a crise será total, para dar logar a um ministerio que possa chegar até a reabertura do Parlamento que o apoiaria por algum tempo para evitar os perigos de uma nova crise.

* * *

Entretanto o sr. Antonio Maria da Silva não desiste de todo. Tem o grau de virtude de não sofrer desalentos. Só quando se vir apenas rodeado dos correios e continuos, com as duas mãos insuficientes para segurar todas as pastas, dará o grito doloroso de — emfim vencido.

* * *

Mas em todas as circunstancias ficará na presidencia, que a breve trecho deixará de ser o legitimo motivo do seu orgulho, porque bateu o «record» da estabilidade, para lhe ser penitencia.

* * *

O ministro demissionario das Finanças não foi hoje á sua secretaria, parecendo que só ali voltará para transmitir a gerencia da pasta ao seu sucessor e despedir-se dos funcionarios do Ministerio.

* * *

A's 18 horas não tinha terminado ainda a reunião do Governo com a junta consultiva a que acima nos referimos, continuando, porém, a afirmar-se que o Governo não se aguentará, declarando-se a crise total do gabinete.

Um principio de incendio

Esta tarde manifestou-se com certa violencia, um principio de incendio no predio no 88 2.º da rua Marquez Ponte Lima, pertencente ao sr. José da Silva.

Participado o caso para a estação de bombeiros mais proxima, compareceu grande quantidade de material de incendios, sendo o fogo extinto com o emprego de duas agulhetas.

A França e a Inglaterra

A questão da segurança e a ocupação do Ruhr

A discutir-se no Parlamento britanico a ultima declaração do governo, fez incidentalmente Lord Curzon uma afirmação que nos parece muito mais grave do que a propria declaração, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores. Lord Grey, que é um dos maiores amigos que a França tem na Inglaterra, havia dito, comentando a declaração, que era preciso ter em conta que, no ponto de vista francês, o desaparecimento dos pactos de garantia franco-americano e franco-britanico, ou caso de uma agressão alemã, havia despojado o tratado de Paz do que mais se apreciava em França, e que portanto não era de admirar que a França se sentisse cheia de ansiedade e de apreensão sobre o futuro.

Varias vezes se tem dito que é esta a explicação que da conducta da França dão em Inglaterra os seus maiores amigos. Lord Curzon respondeu com as seguintes, as palavras de lord Grey:

«Em cada uma das «etapas» das negociações indicamos a nossa disposição de tratar da questão da segurança com o governo francês, e se não fizemos não se deve a nós, mas á opinião explicita do governo francez de que isso nada tinha que ver com a questão presente e de que não desejava que se tratasse por agora».

Repelir a oferta do governo inglez na questão da segurança, dizem alguns que é o passo mais grave que tem dado aquele governo, passo mais dificil ainda do que a ocupação do Ruhr, se não fôra porque ambos constituem expressões diversas e complementares na mesma politica. O efeito que produzirá a manifestação de lord Curzon na Inglaterra será grandemente decisivo. Porque sempre havia na Inglaterra um grupo de inglezes influentes e de boa vontade, que dizia, como lord Grey, que havia de perdoar á França a sua acção no Ruhr porque a culpa era dos americanos em primeiro lugar e dos inglezes depois, por se haverem negado a firmar o pacto de garantias para o caso da Alemanha voltar a abusar da sua superioridade numerica, lançando de novo os seus soldados sobre a fronteira franceza. Os homens que assim pensavam eram os melhores amigos que a França tinha na Inglaterra.

Lord Curzon fei-os calar, deixando-nos sepizitos a suspeita de que, se a França não quere entrar em negociações sobre a ocupação do Ruhr, por nenhuma segurança que a Inglaterra lhe oferece, é por que se lhe cê essa segurança senão em troca do sacrificio da sua propria politica. O que pensará lord Grey das negativas? Não tomes faculdades que nos permitem adivinhar o pensamento alheio. Mas é logico que lord Grey chegue á conclusão de que não é já a Inglaterra culpada de que a França persista na sua politica do Ruhr.

Pelo menos há quem esteja persuadido de que quando o povo inglez souber que os francezes repeliram a garantia de Inglaterra, terá desaparecido o escrupulo que era o maior obstaculo que se opunha a uma politica de aproximação com a Alemanha, como advogam na Inglaterra alguns dos seus politicos e dos seus jornaes.

Baldwin e Lloyd George de acordo

LONDRES, 11.—A firme atitude de discordancia do sr. Baldwin com a França por causa da ocupação do Ruhr, foi apoiada pelo sr. Lloyd George num discurso que pronunciou em Wrexhan. O ex-chefe do governo declarou ser sua convicção que a ocupação do Ruhr tinha sido um erro de primeira grandesa, dificultando e tornando quasi impossivel o pagamento de futuras reparações pela Alemanha. Lloyd George acrescentou que Alemanha pagou aos aliados aproximadamente 300.000.000 de libras esterlinas durante os ultimos cinco anos e sem se procurar saber se pode ou não pagar mais, aquele pagamento foi já um grande esforço feito por uma Nação a quem arrancaram as suas Colonias e dois terços da sua marinha mercante.—(R).

A resposta ingleza á França e á Belgica

LONDRES, 11.—Na nota ingleza que vae ser hoje enviada á França e á Belgica faz-se referencia ás dividas inter-aliadas exprimindo o governo inglez a sua firme opinião sobre o assunto. Espera-se que o governo francez encontre na nota enviada pela Inglaterra motivo para mudar a opinião que tem sobre certos assuntos. A nota será tornada publica na segunda-feira.—(R)

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

EUNICE

I

Debruçada do mirante, o olhar ancioso, o coração ancioso, esperou.

Na placidez adoravel da noite linda, os rosais tomavam formas vagas semelhantes a corpos brancos de princesas a que a aragem erguesse a tunica verde e que o luar beijasse amorosamente.

E Eunice ria.

Ria de se ver ali áquela hora, no silencio repousado da noite linda, emquanto no palacio o velho senhor dormia, talvez a sonhar que estreitava nos braços tremulos o delicioso corpo que o luar beijava atravez dos mirtos — corpo de marmore, rijo e branco, com ondulações magicas de serpente.

Em baixo, o mar alargava-se a perder de vista, profundo e negro, carinhoso como um gigantesco leão enamorado, erriçando a juba para com ela roçar, por um instante, ao menos, as mãos brancas e lindas que se lhe estendiam.

E Eunice ria.

As estrelas, no alto, pareciam-lhe outros tantos mirantes que o luar tambem iluminasse e onde outras mulheres — oh! decerto, menos formosas do que ela — espreitavam a chegada de outros que tinham prometido não faltar...

II

E esperou, esperou.

A sombra das arvores tornara-se mais espessa, os ultimos rouxinois calaram-se, e só ao longe se ouvia, compassado e monotono, o passo das sentinelas e o ruido das suas lanças e, para baixo, o soluçar nostalgico do luar, no misterioso enigma do seu negrume.

A lua fôra-se. Ao sumir-se por detraz do cêrro, onde poucos dias antes o sangue quente e generoso dos ultimos sacrificados escrevera nas penedias altas o seu grito feroz de maldição inextinguivel, ia branca, de uma brancura de morte, que desaparece para não mais voltar.

Iluminou mais suavemente o espaço. O seu rosto claro pareceu corar na graça alada de um sorriso. E foi-se.

Eunice já não ria.

Olhando o ceu e o mar, estremeceu. A cada estrela que se apagava, o seu olhar parecia lobrigar no alto (onde não vão olhares de primaveras enamoradas?...) o desaparecimento funebre de uma outra princesa cançada de esperar tambem.

III

— Não virá?

E o coração apertava-se-lhe, como se fosse o coração de uma ave presa na mão implacavel de uma criança.

Quiz chorar. Aprendera que a luz de uns olhos lindos é mais doce e prende mais o coração dos amantes quando vai coada para êles atravez de um fio de lagrimas.

Mas não poude. E para quê? Ele não veria os seus olhos humidos, não encheria os olhos tristes com a luz dos seus...

E olhava, olhava sempre.

No oceano, mais claro, a espuma era mais branca, e no ceu azul, mais largo, apagavam-se, cançadas talvez de tão longa vigilia, os olhos das outras, que, embora menos formosas do que ela!—oh! muito menos, decerto — viam se chegaria quem na noite anterior prometera não faltar!...

IV

— E se não vem?

E esperava, esperava...

V

De subito, a manhã clareou. O ceu tingiu-se de ouro e de sangue, assobiaram os melros, agitaram-se azas...

E quando o velho senhor acordou, achando o leito viuvo do corpo branco da sua Eunice, abalou o palacio imenso com os seus gritos.

Acorreram todos. Houve exclamações, pragas, murmurios, palavras de lamentação, uivos de rancor, um soluçar amargo de mulheres, um tinir confuso de espadas...

O sol nascera.

Abriram-se aos beijos da manhã, rociadas de orvalho, as primeiras rosas daquele dia.

E o velho senhor de longa barba branca, descompostas num gesto duro as prégas maravilhosas da sua tunica de purpura, correu todo o palacio, entre as lamentações dos escravos e as pragas dos velhos servidores.

No mirante esvoaçava, enfunado como uma vela ao sol maravilhoso, um manto azul.

Correu para ali.

Debruçou-se.

E viu que no mar em fogo boiava serenamente, mais branco do que lua ao sumir-se por detraz do cerro, o corpo maravilhoso da sua Eunice...

Vida Elegante

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram para o Gerez os srs. drs. Santos Silva e Egas Moniz, com esposas e filhos.

—Partiram para Ponte de Lima os srs. conde da Torre, Victor Manoel Santos, Gama Lobo, Francisco Sotto Maior e Ernesto Serra e Moura. Para Vizela partiu o capitalista sr. Antonio da Costa Faria, e para Cavez madame Abreu Loureiro e filhos.

— Chegaram do estrangeiro madame Walden Supardo e o capitão de mar e guerra sr. Sacadura Cabral.

— Partiram do Bussaco para o Monte de Santa Luzia, em Viana, madame Castro Lopes e filhas.

CASAMENTOS

— Realisou-se em Almeirim o casamento do sr. Carlos Ferreira Mendes, abastado lavrador de Almourol, com a sr.ª D. Laura Peters Ferreira. Na «corbeille» da noiva viam-se valiosas prendas. Os noivos partiram para Paris.

Um protesto justo

ALMADA, 10—Os passageiros que enchiam o vapor Atalaia, que fazia a ultima carreira de Lisboa para Cacilhas, ficaram bastante indignados ao terem conhecimento dum caso ocorrido momentos antes. Foi o seguinte: um individuo de Cezimbra cahiu naquela localidade de uma altura de 10 metros, ficando muito contuso e com um braço fracturado. Conduzido a Cacilhas, num trem, este embarcou no vapor da carreira afim de deixar o ferido num outro carro que o transportasse ao hospital. Uma vez na ponte do Caes do Sodré, o empregado que ali faz a cobrança das taxas para a Exploração do Porto de Lisboa, levou o seu zelo ao extremo de impedir a passagem do trem em questão demorando assim um tratamento que ha muitas horas deveria ter sido feito. Felizmente apareceu na ocasião o sr. Cassiano da Silva, chefe dos serviços de saude da Cruz Branca, de Cacilhas, e vice-presidente da comissão executiva da Camara de Almada, que se responsabilisou por qualquer despesa a fazer, depois do que se realisou a transferencia do ferido para outro carro, seguindo então para o hospital.

E' para lamentar que tal facto se tivesse dado. O referido empregado alegava que se o ferido fosse em maca, já não teria de pagar á Exploração...

UMA QUEIXA

de um republicano que se julga castigado injustamente

«Sr. Director».—Peço-lhe um cantinho do seu jornal para chamar a atenção de quem competir para o que se está passando na Caixa Geral de Depositos. A mudança de regimen não trouxe, infelizmente, para o paiz e para todos nós, a mudança de costumes. E, senão, veja: ha naquele estabelecimento empregados contratados, que se sujeitam a umas certas condições, findas as quais se acentua que a inobservancia delas tem como consequencia a aplicação de penas pecuniarias, de preferencia a quaisquer outras, ou a rescisão do contracto, conforme as circunstancias do caso. Mas acrescenta:

«A aplicação de qualquer pena em caso algum se fará sem audiencia do empregado, a menos que o seu paradeiro seja desconhecido».

Assim se determina e assim deve ser. Mas assim não é. Ainda ha pouco tempo certo empregado com anos de serviço e com boas informações viu, sem saber porquê, reduzidos de 130$00 os seus vencimentos, sem que sequer tivesse sido repreendido por qualquer falta em que tivesse caido.

O empregado assim punido decidiu-se a reclamar, mas foi-lhe respondido á margem da sua reclamação que não se tratava de um castigo, mas simplesmente de uma consequencia de más informações.

Assim se evitou o cumprimento do §50 do art.º 2.º das condições do contracto!

Houve quem desse más informações do empregado? Cortam-se lhe 130$00 no vencimento, sem se ouvir o empregado. Este fez nova reclamação em que dizia que não tendo sido castigado, afirmava que o vencimento lhe devia ser pago integralmente.

Ninguem lhe respondeu... por palavras, mas por obras—mandando-o embora. Pina Manique, se falasse com o Diabo, dir-lhe-ia: «Com uma Republica assim tambem eu concordava». Pois é pena que estas coisas se passem assim, num regimen que deve ser de justiça.—De v. etc. —Guilherme Pereira da Cruz.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

OS TEATROS NACIONAIS

Uma eleição de actores?

Só com actores eleitos, só com peças portuguesas, é legitimo um subsidio.—Os teatros do Estado devem pertencer á arte e artistas nacionais

O assunto é importantissimo.

—Mais uma reforma a menos—diz-nos um antigo presidente da Associação de Classe dos Trabalhadores do Teatro, associação conhecida já pelas iniciais A. C. T. T.

—Julga assim improficua a reforma?

—Absolutamente. O que estava era muito mau, e tanto que num impulsivo, mas louvavel gesto, o atual ministro mandou fechar as portas do Teatro Nacional e declarar caduca a antiga organisação. Infelizmente, moveram-se logo os interessados, nomeou-se uma comissão composta de interessados e procuradores de interessados, não falando, é claro, na inclusão até dos maiores responsaveis pelo descalabro do Nacional...

«Pelas noticias vindas a publico, sabe-se já que a nova reforma é a antiga reforma com os antigos e basilares erros: societarios e não societarios, quotas, comissario do Governo, traduções e, sobretudo, um subsidio de cento e cincoenta contos!

«Ora, o recrutamento dos artistas e a escolha do repertorio são as questões que mais importam ao interesse da arte nacional. E essas ficam na mesma; o mesmo arbitrio, fundado umas vez em simpatias pessoais e outras em influencias politicas, para a admissão de societarios e contratados; o repertorio continua, apezar do subsidio, a incluir as peças extrangeiras. Continuam, como vê, os erros fundamentais.

— E como remedia-los?

— A A. C. T. T. é que defende a boa doutrina de defesa da arte dos artististas. Parte do seguinte principio: os teatros do Estado pertencem aos artistas nacionais. Nenhum ministro ou governo tem o direito de fazer favores, a um individuo ou a um grupo, com o que é nacional, como o que é de todos. Principalmente estando provado, como está, que êsse sistema só tem prejudicado a arte e a educação nacionais, com a agravante de não possuir um elenco e um repertorio que traduzam os nossos progressos.

«Entregues aos artistas nacionais os teatros do Estado (o Nacional e o S. Carlos), na entidade legal a A. C. T. T., assentar-se-hia nisto: 1.º qual o quadro de artistas a atribuir a cada teatro; 2.º eleição dos artistas, em reunião magna de todos os artistas e criticos; 3.º representação só de originais portugueses — novos bons que apareçam e antigos de provado mérito, sendo a escolha entregue a delegados dos nucleos de autores e actores, com a obrigação de ouvirem os interessados. O repertorio classico ficaria para as recitas de gala oficial. Só nestas condições seria justo o subsidio.

Ao sr. ministro da Instrução, que é tido como democrata e defensor das classes trabalhadoras, parece que não devia desagradar esta orientação por ser democratica e entregar a arte á responsabilidade dos artistas. A administração directa do Estado e a concessão feita a individuos ou grupos estão condenados. Resta só a experiencia de entregar os teatros á entidade legitima representante dos artistas, a A. C. T. T.

—Parece que os antigos societários do Nacional se opõem a todas as reformas por defesa do seu direito á aposentação.

— E isso seria legitimo, se não acautelado. Mas hoje a A. C. T. T. tem uma Caixa de Reformas e Pensões, para onde podiam passar, em secção aparte, os fundos da Caixa do Nacional. Todos os trabalhadores de teatro inscritos na A. C. T. T. podem ter direito a uma aposentação pela sua Caixa. Os societarios do Nacional, estariam até mais garantidos.— E quem tomaria a administração do Nacional no caso de ser entregue aos artistas nacionais?

—A uma comissão de tres (presidente, tesoureiro e secretario) eleita pelos nucleos de autores e actores, com fiscalisação da A. C. T. T., responsavel perante o Governo pelo estrito cumprimento das clausulas da concessão».

E mais não disse o nosso entrevistado. Nós é que não nos dispensamos de voltar ao assunto na primeira oportunidade.

«Alma Feminina»

Recebemos os numeros 5 e 6 desta esplendida revista feminista, orgão do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, dirigido pela sr.ª D. Adelaide Cabette, e relativos aos meses de Maio e Junho do corrente ano.

Apresenta-se com um belo aspecto grafico e traz variada colaboração sobre a escola e o ensino, sobre a protecção á infancia e congresso feminista de Roma, etc.

Noticiario

Entre nós

Uma comissão delegada do Gremio Aliança, que de ha tempos a esta parte vem realizando negociações no sentido de pôr termo á pornografia no teatro e ao abuso de alguns artistas proferirem frases duvidosas para agradarem a um certo publico, realiza amanhã, de acordo com a A. C. T. T., uma assembleia magna dos artistas em geral e dos amigos do teatro para se tratar do assunto. Nessa reunião, que se efectua ás 15 horas, na Universidade Livre, falará o sr. Agostinho Fortes.

— A gentil actriz Ilda Stichini foi convidada pelas melhores familias da risonha vila de Extremoz, a colaborar numa representação unica, afora das casas de caridade protegidas pela primeira sociedade daquela localidade.

Apesar do seu recente lucto e da sua abalada saude, Ilda Stichini foi tão vivamente solicitada, que teve de atender os pedidos instantes que lhe foram feitos, indo com a sua presença, certamente, contribuir para minorar muita miseria e muita desgraça. Em Extremoz prepara-se-lhe uma grande festa de homenagem, a que se seguirá uma ceia e um baile oferecido pelas senhoras daquela vila.

Ilda Stichini irá ali representar a «Simone» com o esplendido grupo de amadores daquela localidade.

— A Parceria Teatral tem a incumbencia das seguintes peças: uma comedia para a companhia Aura Abranches, que se apresentará em Outubro proximo no teatro da Trindade; e uma magica de grande espectaculo para abertura da epoca de inverno do teatro Maria Vitoria.

— A fim de se ocuparem da opereta que inaugurará a epoca de inverno do teatro Avenida, foram hoje a Vale de Santarem, á casa do maestro Wenceslau Pinto, o actor Estevam Amarante, a actriz Luiza Satanela, o «costumier» Castelo Branco e os actores srs. João Bastos, Felix Bermudes e Ernesto Rodrigues.

Reclames

S. CARLOS

Mais um espectaculo esplendido que, como os anteriores, vai decorrer em permanente entusiasmo, é o que para hoje está anunciado em S. Carlos, onde se repete a «Casa em Ordem». Na famosa peça inglesa tem Lucilia Simões um trabalho verdadeiramente empolgante, arrebatando o publico que, frequentemente, a interrompe, para aplaudi-la entusiasticamente. A linda e vasta sala de S. Carlos tem estado concorridissima todas as noites, apesar do calor, o que de resto não surpreende, visto que a beleza e a atracção do espectaculo ha a reunir a circunstancia do teatro ser o mais arejado de Lisboa e onde o publico tem os mais baratos espectaculos da actualidade.

NACIONAL

Ha peças que não morrem nem envelhecem: está nestes casos os «Vinte mil dollars», a empolgante peça que está em scena no Nacional e que, com as suas scenas da maior intensidade dramatica, cheias de imprevisto e originalidade conservam o publico em constante espectativa. Hoje, no Nacional, repete «20.000 dollars», o grandioso sucesso da actualidade.

MARIA VITORIA

A revista «Fado Corrido», que tem constituido o mais justificado sucesso desta epoca teatral, continua na sua triunfal carreira. Nas ruas já se assobiam os seus mais graciosos numeros, nos salões e nos restaurantes tocam-se a miudo as «couplets» que mais voga alcançaram. Desta forma, a interessante revista segue o seu esplendido curso, atraindo aos teatros Maria Vitoria e S. Luiz consecutivas enchentes.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Casa em ordem»
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«A ventoinha»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

VIDA SPORTIVA

Foot-Ball

NAS CALDAS DA RAINHA

ALMADA, 11 — O Grupo União Piedade Foot-Ball realiza, no dia 18 do corrente, um passeio de recreio ás Caldas da Rainha, onde efectuará um desafio com o grupo do Aguia Sport Caldas. Acompanhará o passeio a banda da Sociedade União Artistica Piedense, que dará um concerto no recinto da Exposição Agricola e Industrial.

Remo

Partiu hoje para o Porto a tripulação que vai representar o Club Naval de Lisboa nas regatas da Taça «Labor et Libertas», organisadas pelo Club Fluvial Portuense.

Concorrem ás mesmas regatas, alem dos clubs do Porto, o Club Naval Setubalense, o que torna a prova sumamente interessante, atendendo aos resultados das regatas realisadas o mês passado em Setubal.

Natação

Na doca de Alcantara, todos os dias de manhã e á tarde, continua funcionando com grande concorrencia a escola de natação do Club Naval de Lisboa, com afluencia de socios. São instrutores os srs. J. Rousado dos Santos e L. P. Magalhães, que fazem todo o possivel para a proxima epoca poderem apresentar os seus discipulos em provas oficiais.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Realisa-se no dia 16 no Campo Pequeno a primeira festa artistica dos cavaleiros Simão da Veiga, pae e filho. O curro é da casa Antonio Lopes, da Coruche, tomando parte na corrida Antonio Luis Lopes e o espada Facultapos.

Nas Caldas da Rainha

No proximo dia 15 de agosto realisa-se nas Caldas da Rainha, uma extraordinaria corrida, na qual tomam parte os nossos melhores artistas.

Toureiam a cavalo, José Casimiro e José Tanganho, tomando tambem parte na corrida um grupo de distintos bandarilheiros composto por Alfarero, Custodio Raposo, José da Costa, Cantilena e Manuel Gonçalves.

O destemido grupo de forcados caldenses capitaneado pelo popular Chico Cezar fará as péges.

Os touros são do conhecido ganadeiro Antonio Teixeira.

D. Ruy da Camara, João Nuncio e José Casimiro, em Viana do Castelo

As corridas de touros em Viana do Castelo, por ocasião das Festas da Agonia nos dias 18, 19 e 20 do corrente, estão na verdade despertando um invulgar interesse entre os aficionados, que terão ocasião de observar na linda cidade minhota os melhores cavaleiros portuguezes, o eximio e distinto cavaleiro amador D. Ruy da Camara e os primorosos artistas João Branco Nuncio e José Casimiro.

Os bandarilheiros são tambem dos melhores que temos: Luciano Moreira, Tomaz da Rocha, Custodio Domingos, Teodoro Gonçalves e outros cujo valor está comprovado em tantos torneios tauromaquicos.

Trez grupos de moços de forcado entram nas trez grandiosas corridas, sendo capitaneados por Chico Marojo, Matia Leiteiro e Pé-ó.

Como todos estes elementos é de esperar, pois, que as corridas em Viana decorram com grande brilhantismo.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220,2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, e torpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

Vinhos espumosos de Lamego
(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

Algumas das muitas vantagens da maquina de escrever "TORPEDO"

Escrita imediata e permanentemente visivel.
Dedilhação ligeira e elastica.
Andamento quasi sem ruido.
Comutação de linhas automatica.
Transporte de fita de côr seguro, original, com transmissão de engrenagem.
Enorme força de percussão.
Dispositivo do desengate da fita de côr, para fazer matrizes de cera para tirar copias: uma só manipulação.
Escrita espaçada sem emprego da tecla de espaços.
Carro a tirar para fóra por meio duma só manipulação. Escusado o desenganchar a cinta de tracção ou da mola.
Cilindo recostavel. O cilindro pode ser recostado e fixo, para proceder-se comodamente a correcções. Não é pois necessario, como se tem feito até agora, o puxar o papel para fora da linha de escrita.
Parte superior do carro, extrahivel. O cilindro, a meza e o guia de papel podem ser trocados sem auxilio de qualquer instrumento e o carro inteiro pode-se desmontar em poucos segundos.
Cilindro facilmente cambiavel. O cambio é feito na «TORPEDO» por meio duma só manipulação. Jogo de alavancas de tipos invisivel.
Limpeza facil dos tipos.
Mudança comoda das alavancas de tipos e de teclas.
Pode-se escrever alem dos marginadores.
Tecla de recuo.
Podem-se fazer funcionar comodamente todos os mecanismos, sem alterar a postura do corpo.
A pedido especial: Dispositivo para escrever em varias cores. Colocador de colunas.

AS «TORPEDO» com carros especialmente largos servem para preencher folhas extraordinariamente largas como são usadas para formularios especiais, (apolices, tabelas, conhecimentos, guias de caminho de ferro) de companhias de seguros, autoridades, administrações, etc.

Agentes no Sul do Paiz:

J. Anão & C.a, L.da

RUA DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

Telefone N. 3536

TINTURARIA DO POVO
— DE —
José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.
Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.
Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

Roupa tempo dinheiro e roupa

ACH. BRITO-PORTO

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo cloreto e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga—conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregal-a entre as mãos quando haja sarros ou nodoas ruins de sahir porque, amolecidas já pela barrela, se desfazem rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—23, Rua de S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2540, uma empregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Tindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFON 4444E

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da

141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

NA RUA
imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
recorrendo á

ILUMINADORA
— DA —
ESTEFANIA
— DE —
Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

Casa - Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida de Berne, M. H. B,
Rua de Santa Marta, 73 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e Oficina, Norte - 4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e para-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA

Orçamentos gratis

BOLACHAS NACIONAL

A GRANDE MARCA PORTUGUEZA

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglês e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO
(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33
TELEFONE C. 1884

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º
Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º
Tel f. N. 1178

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4453-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira, 13 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Está solucionada a crise ministerial, com os srs. Joaquim Ribeiro, na pasta da Agricultura e o sr. Velhinho Correia na das Finanças

RUDEZAS

O falecido prior de Santa Isabel, o sr. Santos Farinha, manifestou o desejo de ser sepultado no cemiterio dos Prazeres, ao qual, de resto, pertence a área da sua residencia.

Desejo simples, desejo natural, não é verdade?

Pois bem! Esse desejo não foi realizado. Ou antes, não se consentiu que se realizasse.

O dr. Santos Farinha foi sepultado no Alto de S. João.

Dir-se-ha: No cemiterio dos Prazeres não ha lugares para novas sepulturas. Mas no cemiterio do Alto de S. João tambem já se tem dito muitas vezes que não ha lugar para se abrirem sepulturas novas.

Todavia, o dr. Santos Farinha foi para lá.

Não foi, porém, para onde queria. Foi para onde não queria.

Reputar-se-ha uma mera pueridade o desejo de um morto?

A verdade, porém, é que em todas as partes do mundo e em todas as epocas, a expressão de um desejo dessa natureza tem merecido sempre uma piedosa atenção.

O facto dos restos mortais do prior Santos Farinha terem ido para um cemiterio diferente daquele em que desejava repousar no derradeiro sôno pode parecer a muita gente uma coisa sem significação nem importancia.

Todavia, tem significação e possue importancia.

Porquê?

Porque representa um agravo á sensibilidade de todos nós.

Essa sensibilidade existe, e quem julga que ela está embotada, engana-se redondamente, porque, pelo contrario, de dia para dia se vai tornando mais viva e mais melindrosa.

Não se iludam! Muitas das más vontades que se têm levantado contra a Republica provêem dessa sensibilidade ofendida.

Por vezes, em detalhes minimos, mas porventura atingindo as fibras mais sensiveis do coração.

A causa da lei da Separação da Igreja e do Estado se haver tornado o maior pomo de discordia entre a Republica e o sentimento tradicional da religiosidade portuguesa, está precisamente nesses detalhes, a que se convencionou chamar arestas, e que, como lascas de cascalho, rasgaram, mortificaram, fizeram sangrar essa viva sensibilidade.

Se tais arestas não existissem, representando a ausencia da comunhão de sentimentos com a propria alma da raça, a lei de Separação teria sido recebida sem nenhum atricto.

Os povos não se tratam com chicotes de nove rabos e não se conquistam os dominios das consciencias atirando-lhes pedras.

Este caso da sepultura do prior Santos Farinha é dessa natureza. Magôa, irrita, fere.

Fere, magôa, irrita-nos a nós mesmos, que chegamos a capacitar-nos de que temos uma responsabilidade, a responsabilidade da Republica nesta dureza propositada em que se denunciam sentimentos grosseiros.

Custa tão pouco compreender o que é a emoção humana, com todos os seus melindres, com toda a sua poesia inata e enternecedora!

Mas não! Para certa gente, ser-se espirito forte é ser-se, simplesmente, um brutamontes.

A nossa dôr, a nossa magoa, o nosso receio é que nos tomem a todos como brutamontes tambem.

A Republica não tem nada a ganhar com isso.

Uma demissão

Os motivos porque o sr. Soares Branco abandonou a Inspecção de Cambios

ONDE SE FALA DE UM CONVITE TERMINANTEMENTE RECUSADO — — —

O sr. Carlos Soares Branco, oficial de engenharia distintissimo e lente da Escola Militar, exercia de ha tempos a esta parte o logar, dificil e melindroso logar, de Inspector de Cambios. E nunca houve, para quem se encontrava em tão delicada situação, razões de queixa ou motivos de censura.

Muito ao contrario. A sua acção mereceu sempre, senão louvores incondicionaes, aplausos sempre de considerar em terra onde os maledicentes abundam e os criticos se contam pelo numero de esquinas.

Pois bem o sr. Soares Branco demitiu-se sem que para justificar essa demissão aparecessem aqueles motivos palpaveis que é de uso colocar, entre nós, á margem dos decretos de exoneração. Começou logo o diz-se, o consta, e alguns colegas nossos do caso se ocuparam emprestando-lhe o relevo que ele, na verdade, merece. Nem se trata de uma pessoa vulgar, nem se trata de um acontecimento vulgar. A' cata dos motivos que teriam provocado o abandono do seu logar por parte do sr. Soares Branco, encontramos um informador amavel que nos quiz contar o seguinte:

— Olhe o motivo, o verdadeiro motivo porque o sr. Soares Branc sae, é a saída do sr. Victorino Guimarães. São dois amigos intimos. O procedimento de ambos andou portanto neste largo periodo ministerial, muito conjugado, muito igual. Quem sabe o que pensa ou o que vai fazer o sucessor do sr. Victorino Guimarães?

«Natural é que ele visse a possibilidade de uma falta de apoio decidido que o inibisse de se manter no seu logar com a mesma coragem e o mesmo desassombro.

«Não lhe parece que isto seja um motivo forte e justificativo?

— Se houvesse qualquer lucta em perspectiva, objectamos.

—E quem lhe diz que ela não pudesse renascer ámanhã? Ninguem ignora que entre a Inspeção de Cambios e a Fazenda Publica houve, desde começo, um mal entendido que só dificilmente conseguiu dissipar-se. Pessoas ha que sempre viram que, com uma mudança de pessoas, esse mal entendido poderia renascer. Grande parte das atribuições da Direcção passou para a Inspecção. E isto nunca é visto com bons olhos.

— Fala-se tambem num conflicto com o ministro da Agricultura...

— Não digo que o sr. Soares Branco tivesse pelo sr. Fontoura da Costa uma simpatia por aí além. Entretanto de aí ao conflicto vai uma grande distancia. Mas uma coisa ha que póde ser formalmente desmentida: é que por parte do Ministerio da Agricultura haja sido pedido um crédito ao Ministerio das Finanças tendo-o este negado.

— O relatorio do sr. Soares Branco?

— Tambem não é verdade que seja para se tornar publico. Tem antes todo o caracter confidencial de uma coisa que não póde e não deve ser do conhecimento geral.

«Entretanto é um documento que bem se póde considerar notavel não só pela forma por que foi elaborado, mas ainda pelas conclusões a que mente tremendas. Muito tem a aprender com elas o ministro das Finanças que as sabe tão bem.

«De resto, trata-se de uma historia da vida e da evolução do nosso cambio nestes ultimos dias. Póde por aí avaliar o que terá de interresante. Por que lá fóra mal se calcula o esforço enorme mantido quasi ferozmente para não deixar que o cambio vá para baixo ainda. Tem sido uma lucta titanica.

Ainda um esclarecimento do nosso obsequiso informador:

— Sim senhor. Posso-lhe dizer que o sr. Soares Branco foi convidado pelo chefe do Governo para sobraçar a pasta das Finanças.

A sua propsta foi uma negativa formal. Nem outra coisa era de esperar da sua inteligencia e do seu bom senso.

Os grandes sindicatos

A Companhia dos Fosforos

tambem pretende, como a Carris, um novo aumento

Não é só a Companhia Carris que pretende aumentar as tarifas. Tambem a Companhia dos Fosforos se está preparando para novos aumentos, apesar de ainda há pouco tempo ter sido largamente favorecida.

E', como se vê, o assalto á algibeira do consumidor. Os grandes sindicatos mostram-se insaciaveis. Julgando-se donos do paiz, tratam de arrancar ao publico o mais que podem, não vá melhorar a situação e eles percam a ocasião de se encher á nossa custa.

Até agora o desgraçado consumidor não tem tido quem o defenda. Os governos mostram-se indiferentes ás dificuldades com que lutam aqueles que, não sendo especuladores, apenas teem os seus vencimentos para viver.

E' preciso que termine esta situação, obrigando os grandes exploradores a encolher as garras. As suas ambições vão além de todas as marcas e são por demais exageradas para que as toleremos. Não pode ser, não ha-de ser. A consentir-se numa especulação de tal ordem, não sairemos nunca do abismo em que caímos e d'onde precisamos sair quanto antes.

Se a essa gente convem que nos afundemos cada vez mais, deixando a camisa e a pele nas suas mãos, é dever de quem nos dirige não consentir em tal.

Contam os grandes sindicatos com proteções capazes de fazer triunfar os seus pedidos? E' possivel. Mas os governos teem de atender ás necessidades do publico, defendendo-o das arremetidas dos gananciosos.

A Carris e os Fosforos estão preparando o salto. Vai o pobre consumidor ser, mais uma vez, victima da sua voracidade? E' o que a Camara Municipal e o governo teem de dizer.

Os crimes passionais

A Inglaterra desconhece-os, matando quem os pratica

LONDRES, 13— Realisaram-se esta manhã duas execuções capitais: uma em Nottingham, a do condenado Albert Barrows, que assassinou uma mulher e um filho; a outra em Durham, a do arabe Hassen Mohamed, que por ciumes assassinára tambem uma mulher.

Como se vê, os juises ingleses desconhecem o crime passional. Quem mata, morre. Mas isso não quer dizer que todos os ingleses concordem com esta doutrina. Na Inglaterra nota-se já um grande movimento a favor da abolição da pena de morte. O magistrado encarregado do processo do arabe, segundo a lei britanica, exprimiu abertamente a sua opinião a tal respeito. Diz ele que a morte não assusta os assassinos e que o melhor meio de evitar, tanto quanto possivel, a pratica desses crimes está numa grande pena corporal, por exemplo o gato de nove rabos, seguida de trabalhos forçados por toda a vida.

Concurso Nacional de Tiro

Começará no proximo dia 5 de Outubro

Sob a presidencia do general sr. José Pedro de Lemos, reuniu hoje o juri do Concurso Nacional de Tiro. Depois de larga discussão, foi resolvido que o concurso seja iniciado no dia 5 de Outubro e que faça parte integrante dos festejos do aniversario da proclamação da Republica. Ficou tambem resolvido que os concursos futuros sejam em Junho. Por ultimo, instituiu-se a prova nacional, que representará Portugal no estrangeiro quando para isso fôr convidado.

No final, foram nomeadas comissões de propaganda.

D. Manuel de Bragança

PARIS, 13.—O ex-rei D. Manuel deixou Paris ontem á noite pelo rapido de Boulogne; a fim de regressar a Londres.

Sanatorios portugueses

Os mercados de Lisboa

Vão construir-se em todos os bairros da cidade, para acabar com a exploração dos vendedores ambulantes

A sua construção será financiada por uma sociedade estrangeira

Continuando no proposito de resolver a questão dos mercados a vereação de Lisboa vai determinar as zonas da cidade onde convem que os haja e exploral-os por conta do municipio. Essas zonas serão estabelecidas nos locais de mais facil acesso e que estejam nas proximidades das estradas de abastecimento de Lisboa. Fora delas, a Camara podia ainda dar, segundo nos informam, a concessão para se construirem e explorarem mercados pelas entidades que requeressem nesse sentido.

* * *

Na opinião da pessoa que nos elucidou hoje neste assunto o mais urgente, o que se torna inadiavel é a conclusão das obras do mercado de 24 de Julho, e as construções do de abastecimento de peixe, que lhe fica em frente á beira mar, e do da Estefania. Este, sobretudo, impõe-se construi-lo para acabar com o que atualmente ali existe, pelos prejuizos que traz á higiene publica. Vai ser construido, pelo menos já ha para isso um projecto na Camara, atraz do edificio do Liceu Camões.

Ha tambem uma proposta para a compra de terrenos e edificios que possam adaptar-se a mercados e um pedido para a construcção dum na quinta do Papagaio, ao Poço dos Mouros.

Tudo isto a vereação vai apreciar, resolvendo o que de mais oportuno lhe fôr em tal materia.

* * *

E a parte financeira?

Como o Municipio não dispõe de recursos espera contrair um emprestimo em escudos no montante das obras a realisar, ou aceitar a proposta da «Société Nationale de Constructions», que dispõe de 2:000.000 de «dollars» canadianos para financiar as obras dos mercados.

A proposta referida consiste em avaliar o orçamento em escudos, ao custo corrente no paiz dos materiais e salarios e converter depois esses escudos ao cambio do dia, em «dollars» canadianos.

A Camara efectuará o pagamento por meio de obrigações de 100 «dollars» amortizaveis por sorteio num prazo de 20 anos, ao juro de 7 1/2 % e um «apport» de 16 %.

O representante da «Société Nationale» está já autorizado a reduzir este «apport».

Se, porventura, a nossa moeda se valorisar grandes são as vantagens desta proposta. E bem é notar, dizemnos que para a valorização da moeda portuguesa bem pode concorrer a propria operação realizada entre a Camara e a «Societe Nationale», como estimulo que é para outras analogas, quer com o municipio, quer com o Estado, porque ela em si já demonstra que os estrangeiros ainda não perderam a confiança nos nossos recursos economicos.

* * *

Um dos motivos que tem levado a Camara a ocupar-se do problema dos mercados para abastecimento da cidade, é o posto da diferença sensivel entre o preço porque vendem os mercadores ambulantes e aqueles porque adquirem os generos nos mercados, diferença essa que dantes era insignificante, mas que hoje pesa muito nos orçamentos caseiros. A camara bem tem sentido este facto pelo aumento extraordinario dos rendimentos dos mercados nos ultimos tempos e que este ano devem atingir mais de 2.000 contos.

Para que os municipes aproveitem o maior numero de vantagens, convem estabelecer portanto pequenos mercados em todos os bairros da cidade.

Foram estas as informações que hoje colhemos sobre o assunto na Camara Municipal.

Dr. Antonio Bandeira

Realisou-se o casamento do sr. dr. Antonio Bandeira, ministro de Portugal na Haia, com a sr.ª D. Maria Raquel Mota Marques de Carvalho. Aos noivos desejamos uma prolongada lua de mel.

Uma indiferença prejudicial

As reparações alemãs

O que diz a nota inglesa á França e á Belgica

LONDRES, 13 — Na nota inglesa enviada á França e á Belgica diz-se que o governo britanico veria com muita satisfação que varios governos recomendassem á comissão de reparações que aceitasse a opinião dos tecnicos ou mesmo que a tomasse apenas como elemento de informação.

Referindo-se á ocupação do Ruhr, o governo britanico diz que aconselhou o governo alemão que anulasse as ordens e decretos que organisaram e promoveram a resistencia passiva, mas não pode fazer com que a resistencia passiva cesse incondicionalmente, porque isso é contrario ao Tratado.

A nota acrescenta que a França e a Belgica se julgam no direito de ocupar o Ruhr em virtude do paragrafo 18.º do anexo segundo da parte oitava do tratado, mas o governo alemão diz que esse paragrafo não autorizava semelhante ocupação, referindo-se apenas a sanções economicas e financeiras. As mais altas autoridades inglesas disseram ao governo britanico que a opinião alemã é legitima e o governo britanico tambem nunca ocultou á França e á Belgica que não considerava a ocupação julgada pelo tratado. O governo inglês verá com muito bom grado que estas diferenças de opinião se não puderem ser resolvidas por decisão unanime da comissão de reparações, sejam automaticamente entregues ao Tribunal Internacional de Haia ou a qualquer outra arbitragem conveniente. A França e Belgica dizer que, se a Inglaterra tivesse cooperado na ocupação do Ruhr, não teria havido resistencia passiva e teriam sido feitos grandes pagamentos. O ponto de vista britanico não lhe permitia tomar parte nessas operações.

A nota acrescenta que é necessario um inquerito internacional imparcial e fixa o total das reparações, afirmando ainda que a Inglaterra está disposta a reclamar que a Alemanha reembolse aos aliados unicamente o valor da divida consolidada inglesa para com os Estados Unidos, ou sejam 14 biliões e 200 milhões de marcos ouro, e sugere que o tribunal internacional de justiça, que tem a sua séde em Haia, decida da legalidade da ocupação do Ruhr.

O anexo, que acompanha a mesma nota, expõe a impossibilidade em que se encontra a Inglaterra de fazer concessões a respeito das dividas interaliadas emquanto se não fizer uma liquidação estavel das reparações.

Terminando, a nota insiste em que os aliados cheguem a um acordo, principalmente sobre a importancia maxima, mas razoavel, a exigir da Alemanha.

Baldwin parece sériamente abalado

LONDRES, 13 — A proxima reunião da conferencia imperial dará novos alentos ao governo do sr. Stanley Baldwin, que tem sido rudemente abalado pela sua politica interna e externa. O governo inglês está disposto, segundo parece, a expor ao mundo (e não só aos Estados Unidos) qual a sua politica externa e o que julga conveniente que se faça para melhorar as dificeis condições financeiras de todo o mundo. No entanto, se, por um milagre, a França concordasse de repente com as propostas inglesas, não haveria ninguem nesta cidade que tivesse categoria para as aceitar, porque ninguem quiz sacrificar as dificuldades do momento presente ás suas ferias no campo ou á beira mar.

O governo continua na sua politica de se conciliar com os Estados Unidos, tendo sido aranjadas as coisas de forma que a nota que vai ser entregue será publicada simultaneamente nesta cidade e em Wasington na segunda feira.

A opinião da Inglaterra de que a ocupação do Ruhr é ilegal dará lugar a uma discussão que se pode prolongar indefinidamente, dando azo a que o primeiro ministro a procure resolver de acordo com os chefes dos governos do imperio na proxima conferencia imperial. Quando, pela primeira vez, o sr. Stanley Baldwin fez o seu discurso na Camara dos Comuns ácerca da questão das reparações, declarou que pouco mais haveria que discutir, devendo a Inglaterra, se a França não concordasse com ela, seguir o seu caminho isoladamente; mas em breve mudou de opinião, protelando as discussões, ao passo que na Alemanha se dão tumultos sangrentos por causa da crise das subsistencias e que todo o imperio sofre de uma crise comercial derivada da ocupação pela França da região do Ruhr. (R.).

O MOMENTO FINANCEIRO

Os bancos e o país

Emquanto reclamam o aumento da circulação fiduciaria, porque não entregam ao Estado o dinheiro do emprestimo?

A questão está posta assim: os bancos e com eles as associações comerciaes e industriais de Lisboa e Porto insistem com o Governo num novo aumento da circulação fiduciaria, alegando falta de numerario para satisfazer os pedidos dos seus depositantes.

Por seu turno, o Governo mostra-se contrario a isso, reclamando dos bancos as quantias por eles arrecadadas em virtude do pagamento das primeiras prestações do emprestimo nacional.

A fortalecer a recusa do Governo está a Caixa Geral de Depositos que numa nota oficiosa que «A Capital» publicou declara não haver necessidade dêsse aumento.

E' sabido que se o Banco de Portugal emitir mais notas o cambio, que á data em que o Governo do sr. Antonio Maria da Silva tomou conta do poder estava na casa dos quatro, estando actualmente na dos dois, entrará infalivelmente, na casa do um.

Tudo o que seja, pois, aumentar a circulação fiduciaria redundará num barbaro agravamento da carestia da vida. Para que exigem, pois, os estabelecimentos particulares de credito e as associações comerciais e industriais que esse aumento se faça?

Não podem entregar aos seus depositantes—dizem—o dinheiro de que precisam, a ponto de varios industriais correrem o risco de não pagarem as ferias ao seu pessoal.

E' isto verdade! Estamos, de facto, em frente de uma situação anormal?

A Caixa Geral de Depositos nega terminantemente que assim seja, afirmando que os escudos só faltam quando se trata de fazer pagamentos ou de satisfazer legitimas necessidades, aparecendo sempre que é preciso comprar cambiais ou adquirir libras na praça.

De resto—acrescenta o sr. dr. Raul do Carmo—a situação é a usual nesta epoca do ano. Todos os anos sucede o mesmo; é a epoca das ceifas, da debulha, da recolha dos produtos agrarios, e o lavrador utilisa todas as suas reservas no pagamento dos salarios.

Há dezenas de anos que isto se verifica. Como é, pois, que os bancos só agora se mostram alarmados?

* * *

Mas ha um facto mais grave, sobre o qual o Governo tem de informar o país. Porque razão os bancos se recusam a entregar ao Estado o dinheiro que receberam dos subscritores do emprestimo? Que fizeram a esse dinheiro, de que o Estado necessita para satisfazer os seus compromissos mais urgentes?

Transacionaram com ele, diz-se. Mas, se assim é, o que faz o Governo? Espera que eles se resolvam a entregal-o, deixando de saldar as suas dividas, sacrificando o pais para não prejudicar as negociatas dos banqueiros?

E' esta a situação. Foi a isto que o governo do sr. Antonio Maria da Silva nos levou. Foi com este descalabro que o Parlamento concordou, o acomodaticio Parlamento que nós conhecemos e que durante meses e meses consecutivos não teve um gesto, uma ideia, um protesto que salvasse o paiz, que demonstrasse energia e patriotismo.

Fizeram-se discursos, levantaram-se conflitos, berrou-se largamente, mas por coisas de interesse restricto, por conveniencias meramente pessoais.

Quando se tratava do Paiz, o Parlamento adormecia. Por isso os bancos procuram forçar o Governo a levar o cambio para a casa do um, contra os interesses sagrados de seis milhões de portugueses.

Ver mais informações em "Ultima Hora"

NOS ALPES

O sacrificio de um guia

que, afinal, se salvou milagrosamente

PARIS, 13— Um drama heroico de alpinismo. Um guia chamado Bischof, que acompanhava uma senhora, miss Coninx, na ascenção do Moine, deu um passo em falso e resvalou por um precipicio. Miss Coninx, conseguiu, lançando-se no chão, agarrar-se ao terreno e ficar proximo da borda do abismo. Mas não teve força para puxar o guia, suspenso na extremidade da corda.

Bischof decidiu-se por fim a sacrificar-se para salvar a vida da sua cliente. E ordenou-lhe que cortasse a corda. Depois de ter resistido durante algum tempo, gastando as ultimas forças, Miss Coninx, acabou por ceder. Cortou a corda. Mas esta, enterrada profundamente na borda do geleiro, ali se prendeu e gelou, de sorte que, apesar de cortada, Bischof ficou suspenso no espaço.

Tres horas depois um grupo de alpinistas conseguiu salvar Bischof.

O JOGO

Proibe-se em Lisboa, mas permite-se no resto do país

O Governo proibiu o jogo. Fez o seu dever. Mas é para estranhar que, perseguindo-se em Lisboa os jogadores, as autoridades permitam que se jogue desenfreadamente fora de Lisboa. Se é perigoso jogar na capital, não se compreende que o não seja nos arredores.

Pois é o que está sucedendo. Em Lisboa não se joga, ou joga-se a ocultas. Mas na linha de Cascais e, de resto, em todas as praias de Portugal e em todas as termas do país, o jogo faz-se ás escancaras, sem receio da policia, com a complacencia das autoridades.

A proibição dizia apenas respeito a Lisboa? Não, foi para todo o país, porque, se o jogo é mau num sitio, é mau em todos os sitios.

Para que se permite, então, o jogo em praias e estancias, o jogo desenfreado em que se perdem fortunas numa noite e é a ruina de tanta gente. As autoridades da provincia têm, devem ter as mesmas instruções que as de Lisboa. E, se as não cumprem, porque razão não as obrigam a cumprir?

Pois era bom que se puzesse termo a tão grande imoralidade.

O Rheno e a Alemanha

A população manifesta-se a favor da separação

DUSSELDORF, 13 — Na reunião do partido da independencia rhenan, o «leader» Matthes foi muito aclamado pela assistencia, que era consideravel e que reclamou a proclamação da Republica Rhenana, condenando a politica fraudulenta de Berlim e a resistencia passiva, ao mesmo tempo que preconisava a paz com a França e o pagamento das reparações. — (H.).

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS LEITORES DA «CAPITAL»

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

ROBERT BENSON

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, em que o notavel romancista ingles Robert Benson conta o que de mais curioso e pertubador ha nas relações do homem com o infinito.

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

NOTAS A LAPIS

«Reis» e «rainhas» de Portugal

O jornal de Paris «Le Quotidien» publicou em um dos seus ultimos numeros uma informação em que chamava á D. Amelia de Orleans «rainha de Portugal». Rectificando essa noticia o sr. Almada Negreiros escreveu áquele jornal a carta que segue e que no ultimo numero chegado a Lisboa aquele diario republicano publica:

«Caro confrade»—Pedi-lhe outro dia que não aceitasse, senão sob garantia, as informações de Espanha sobre a politica portugueza. Venho rogar-lhe ainda de fazer o favor de afirmar que, ao contrario do que dizem as agencias monarquicas de Alem-Mancha, não ha «rainhas» em Portugal, a não ser as da «mi-carême».

Dizem os senhores hoje que a «rainha Amelia de Portugal» visitou o Duque de Orleans, doente em Londres.

Trata-se, sem duvida, da ex-rainha de Portugal, viuva do falecido Carlos de Bragança.

Porque não dizem os senhores: «a imperatriz Carlota do México», «a imperatriz Zita da Austria», assim como escrevem a «rainha Amelia de Portugal»? Desde o dia 10 de outubro de 1910, que não temos rainhas=nem mesmo reis—na Lusitania.

Esperamos que o grande e sincero orgão republicano, que é o vosso jornal, não hesite em retificar este detalhe.—A. deAlmada Negreiros.

Pobres crianças

No paraizo bolchevista onde matam tanta gente, mas onde tanta creança nasce, porque o amôr livre não é contrario á repopulação, tornou-se moda dar aos pequenos os nomes mais fantasistas. Laicos, naturalmente, porque os santos foram descanonisados pelo governo dos soviets.

Alguns paes baptisam-os com nomes de rios e de cidades russas, como por exemplo: «Volga», «Dinieper», «Moscou»; outros, de termos politicos: «Federação», «Comuna», «Marselheza», «Liberdade»; outros, enfim, vão buscar os nomes á natureza: Peixinho», «Sol», «Flôres, dos Campos», «Ibis», «Alligator», etc.

Um operario que ganhou no sorteio do emprestimo em ouro, batisou a filha de «Obrigação».

E' interessante, mas não é novo. Quando da Revolução Franceza, foi a mesma coisa. Não ha nada mais poetico do que os nomes dos mezes do calendario republicano. Mas o abuso dos nomes de baptismo russo, já ahi la vai tambem por Portugal, onde existem as meninas Independencia, Conservação e Liberdade...

Opiniões

E' extremamente curiosa a noção que certa gente tem da liberdade de consciencia. Usando livremente do direito de formular opiniões, individuos há que não toleram que os outros as formulem tambem.

No ultimo numero da «Seara Nova» publica o sr. Raul Proença um artigo sobre Junqueiro, em que o magnifico Poeta é maltratado, a ponto de quasi o confundir com o sr. João Maria Ferreira. Está o sr. Raul Proença no seu direito. O que é para estranhar é a descompostura que o auctor do artigo dá aos que teem opinião contraria á sua e lamentaram sinceramente a morte do grande lirico.

Pode o sr. Raul Proença ter a respeito de Junqueiro a opinião que quizer e não se associar ás homenagens que se lhe prestem. O que não pode, porêm, é opôr-se a que lhas queiram prestar os que foram seus amigos e admiraram o seu talento.

Felizmente, ainda não é necesaria a sanção do sr. Proença para cada um dizer o que sente sobre a obra do Poeta.

?

«Princesa idosa, sem herdeiros, deseja adotar um americano, a quem legará o seu titulo. Um dos principais reinos da Europa. Titulo que remonta ao seculo VIII. A pessoa adotada deve ter a distinção e a fortuna necessarias para poder usar com dignidade esse titulo.»

Este anuncio singular foi publicado no «New York Times», que a titulo de informação declara que se trata de um reino «que figura entre os aliados» e que «a princesa deseja manifestar o reconhecimento do seu paiz pelo auxilio prestado pelos americanos durante a guerra».

Encontrará a princesa o americano que deseja?

Gente sàbia

Numa das ultimas sessões do parlamento francês, um deputado qualquer, supondo que lisongeava os habitantes de Madagascar. apresentou um projecto para que a grande ilha passe a ter ali o seu representante.

A noticia chegou a Madagascar e foi origem de grande galhofa, tendo os mais importantes natutais da ilha comunicado para Paris que o projecto é inutil, porque a ilha passa mnito bem sem representantes seus na assembleia nacional.

Ora aqui está um exemplo digno de ser seguido pelas habitantes dos circulos eleitorais do nosso país...

A celebre Goya no São Luiz

Todos os que teem ido a Madrid e ultimamente a Paris, conhecem por a ter visto e ouvido a celebre Goya, a famosa cantadillera, a mais notavel artista da especialidade, a primeira entre todas, distinguindo-se pela sua beleza, pela formosura das suas linhas esculturaes, pela candura dos seus lindos olhos negros, pelo encanto e pela meiguice da sua voz. Foi a Goya que imprimiu ás canções uma nova feição de sentimento e de arte, não se limitando a dizer a letra musicada, mas representando e sentindo a musica, apresentando trajos riquissimos apropriados a cada canção. A Goia é considerada em Espanha a artista verdadeiramente aristocratica, indo aos seus espectaculos o Rei, a Rainha e toda a côrte. Pois a Goya de surpreza apareceu em Lisboa para passeiar, para gosar uns dias calmos em Cintra, que é para ela o supremo paraizo terrestre. Porque não a iremos nós a Goya agora, a suprema artista da canção, a mulher divinal que entusiasma e seduz todos os publicos? A celebre Goya estreia-se amanhã terça feira no São Luiz, tomando parte no 2.º acto da festejadissima revista «Fado Corrido», que se representa completa, acabando o espectaculo ás 9 horas e um quarto. La Goya toma parte apenas em três unicos espectaculos.

Antonio José Pereira de Melo

Director do Banco Comercial de Lisboa

FALECEU

O Presidente da Assembleia Geral e os corpos gerentes do Banco Comercial de Lisboa cumprem o doloroso dever de participar a todos os srs. acionistas, e aos seus amigos, o falecimento do estimado membro da Direcção Antonio José Pereira de Melo, e que o seu funeral se realiza terça-feira 14, ás 26 1/2 horas, saindo o prestito funebre da casa da sua residencia, Rua dos Caetanos 21, para o cemiterio do Alto de S. João.

Agradecem a comparencia.

ULTIMA HORA

O MOMENTO FINANCEIRO

O paiz deseja saber

se o Governo está ou não disposto a aumentar a circulação fiduciaria

Uma entrevista em que esse aumento é posto como uma consequencia do emprestimo

«A Capital» de sabado deu, em resumo, a situação da praça de Lisboa, que bem se pode considerar aflictiva em presença das dificuldades de toda a ordem com que luta e que amanhã podem tornar-se insuperaveis.

Não dissemos mais do que a verdade; e convencidos estamos ainda agora de que as nossas informações correspondiam absolutamente á verdade. Não ha portanto uma linha a alterar naquilo que escrevemos.

O nosso proposito é apenas o de elucidar o publico fornecendo-lhe todos os elementos de analise e de estudo que possamos colher para se avaliar de um dos momentos mais criticos para a vida da nacionalidade.

O que se passa agora nos meios financeiros e nos meios politicos constitue ainda materia de segredo, nem os deuses teem por habito comunicar com os mortais quando estes conseguem aproximar-se deles. E sobretudo quando se trata de «reporters» sempre tidos como entidades suspeitas e para quem a recolha de informações é mais que dificil.

Repetimo-lo: ignoramos o que agora se passa nos centros de finança e da politica. Mas é impressão nossa que coisas de grande importancia se tramam. E' mais que dificil fazer prognosticos nesta altura. Limitar-nos-hemos, portanto, a contar aos nossos leitores o que sobre o assunto conseguimos apurar.

* * *

O dia de hoje pode considerar-se como um dia de actividade febril por parte dos que andam empenhados nesta luta que bem se pode classificar de tremenda.

Luta colocando de um lado o governo e as pessoas que a seu lado se encontram na defesa do bem publico, e do outro a finança representada pelos bancos de Lisboa e do Porto.

Luta que terá como epilogo o aumento da circulação fiduciaria. Não é nova, sabemo-lo todos nós.

Mas o que se pergunta é se haverá Governo, e sobretudo um Governo representando o mais radical, e o mais numeroso e aguerrido partido da Republica, que esteja disposto a lançar no mercado mais notas, sem se escudar para isso no conselho ou na autoridade de quem quer que seja. Está o Governo disposto a satisfazer os desejos dos banqueiros?

Entretanto, trabalha-se, trabalha-se afanosamente, febrilmente para conseguir um «desideratum» que muitos supõem poder afectar de maneira decisiva, não já apenas a vida do Estado, mas até a vida da nação.

Sucedem-se as representações, as conversas, os conciliabulos. O chefe do Governo ainda não emitiu opinião. E ele, pode bem dizer-se, é, neste momento, o arbitro de uma situação, mais que nenhuma outra grave. Deve o sr. Antonio Maria da Silva dizer claramente qual a sua maneira de pensar sobre o assunto. Esse será o mais significativo depoimento que se poderá trazer para a opinião publica. Exigindo-se simplesmente que ele seja feito sem hesitações e sem reticencias por forma a que todos nós fiquemos inteirados do que se passa e do que se projecta.

* * *

Ao contrario do que certos boatos alarmantes postos a correr por pessoas cujo unico interesse é o de embrulhar e complicar tudo, isto, poderiam fazer acreditar, na praça não houve hoje sintomas de alteração sensivel. Não se fizeram, claramente, as operacões que é de uso fazer em circunstancias normais. Mas fiseram-se as operações que se puderam fazer.

Ha realmente uma falta grande de numerario para transações sejam elas de que especie forem; no Banco de Portugal não se descontam letras a ninguem.

Isto não constitue novidade. São factos do dominio publico, são, sobretudo, factos do dominio da praça.

Nestas circunstancias, para que nega-lo, os estabelecimentos bancarios veem-se em serias dificuldades para satisfazer os seus clientes. Nem teem escudos, nem tem possibilidades de os arranjar.

De resto, todos os nossos bancos empataram os seus capitaes, alguns deles avultadissimos, em operações a longo prazo e cuja liquidação é, portanto bastante dificil. De forma que uma pressão muito grande exercida sobre eles não pode deixar de os molestar. Mesmo aqueles bancos que cautelosamente apenas empregaram os seus capitaes em letras oferecendo aos clientes um juro diminuto. Mesmo esses. Todo o cuidado é pouco, portanto. E um esforço violento, exercido em qualquer sentido, pode trazer surprezas e surprezas desagradaveis para muita gente. Insistimos: todo o cuidado é pouco. A situação da praça de Lisboa é delicadissima e não ha interesse nenhum em a agravar.

* * *

Encaremos agora o problema pela banda do estudo. E' essa a nossa obrigação. E vejamos qual o papel que esse Estado tem a desempenhar nesta dificil emergencia.

O Estado precisa de aumentar realmente o papel circulante para satisfação de suas necessidades? Mas aquele que possue chega-lhe para satisfazer os seus compromissos até ao fim do ano?

Da resposta a estas perguntas tudo depende. Ora o que nos parece pouco facil é encontrar a resposta precisa para estas perguntas.

Porque o proprio Estado não tem, de momento, grandes possibilidades de verificar o valor exacto dos seus recursos. Ele encontra-se sob o ponto de vista financeiro na melhor epoca. Está recebendo o produto das contribuições, devia já ter recebido o produto do emprestimo interno. Está portanto na hora dos recursos maximos.

Mas corresponderão tambem esses recursos ao que deles se esperava? Ora ninguem sabe quanto rendeu, ao certo, o emprestimo, e ninguem sabe, ao certo, o produto das contribuições. Porque emprestimo e contribuições podem ter deixado muito menos do que aquilo que deles se esperava.

O Estado que veja portanto se os seus recursos lhe chegam até Dezembro. E depois de feita essa verificação tem dois caminhos a seguir: ou aumenta a circulação, satisfazendo os lucros dos bancos, ou não a aumenta.

Se a aumenta teremos evidentemente que assistir a alguns desastres. O Estado defendendo-se ha de necessariamente ir prejudicar particulares que se não acautelaram.

Pergunta-se: traz isso algumas vantagens para o paiz?

Parece-nos que a consequencia imediata de semelhante estado de coisas seria o aparecimento de muita mercadoria, que a facilidade de creditos trouxe para o paiz, e que até agora tem estado a bom recato. Estabelecer-se-hia automaticamente a concorrencia e portanto a baixa de preços. E o sacrificio talvez pudesse dar de sialguma coisa.

Mas se o Estado tem necessidade, para satisfação das proprias necessidades, de aumentar a circulação, então que o faça desde já. Evitar-se-ha assim a criação de situações dificeis com que ninguem tem a lucrar e com que a propria economia do paiz pode perder.

O problema portanto para o estado cifra-se agora em fazer contas e em ver se precisa ou não de atirar notas para o mercado. Essas contas devem porem ser feitas não só com muita probidade, mas tambem com muita inteligencia, porque de contrario podem conduzir-nos a bem perigosos atalhos.

* * *

A indicação do nome do sr. Velhinho Correia para a pasta das finanças era tido hoje na Arcada como um sintoma decisivo. Ao que se dizia o novo ministro tem em materias de aumento da circulação fiduciaria declarações feitas por forma categorica.

E já depois que o seu nome foi apontado para suceder ao sr. Vitorino Guimarães, ao que nos informam, reeditou para alguns amigos as suas afirmações publicamente feitas ha tempo. E essas afirmações não são de molde a satisfazer os desejos dos que queriam ver a libra posta ainda mais baixa na escala cambial.

Entretanto aguardaremos. Com a certeza de que não temos que esperar muito para ver o resultado da luta.

Uma entrevista curiosa

"Os banqueiros querem que o Estado lhes dê as notas com que eles hão-de pagar os titulos do emprestimo

Isto não é propriamente uma entrevista. Porque tambem não é materia para entrevistas esta que fomos encarregados de tratar.

E' um monologo, monologo lento, pensado, compassado, que ouvimos á certa esquina e que nos ficou no ouvido como um «refrain» macabro. Corresponde o monologo á verdade dos factos?

Não temos elementos para o averiguar. Mas achamos interessante arquivá-lo como nota de reportagem nesta hora incerta que vai correndo.

Dizia assim o homem a quem nós ouvimos, homem correcto, quasi elegante, com todo o ar de quem estuda e lê dizendo só o que quere, em certa esquina:

— A manobra dos banqueiros é audaciosa. Creio eu, porém, que não será dificil descortiná-la e avaliar toda a sua importancia e extensão.

Fez uma pausa e continuou:

— Ora vejamos. Os banqueiros, sofregamente, foram ao Estado buscar os titulos do emprestimo interno, ha pouco lançado. Queriam ganhar ainda mais. Era a «course á l'abime»! Mas isso que importava? Iriam repetir uma scena antiga, mas revestindo-a agora de um novo aspecto.

«Que fez o Estado? Veiu pedir á praça que lhe emprestasse cento e oitenta mil contos. Cento e oitenta mil contos que ele recolheria, diminuindo assim o papel em circulação e valorizando consequentemente o nosso encravado escudo.

«E os banqueiros prontificaram-se a emprestar os cento e oitenta mil contos. Simplesmente, e fixemos o pormenor, os banqueiros tambem não tinham o dinheiro preciso para satisfazer o compromisso que assim tomavam. Esse dinheiro haviam de arranjá-lo. Pois bem: a unica fonte onde o podiam arranjar, e que isto não cause espanto, era o Estado. Vejamos como. O Estado ofereceu o juro de 6 1/2 por cento, pagando assim o emprestimo de libras cotadas a 45$00. Magnifico negocio, pois que no proprio dia da realização do emprestimo a libra custava, e excepcionalmente, cerca de 90$00, o que fazia com que o juro de 6 1/2 passasse desde começo a ter o valor, realmente captivante, de 13 por cento.

Falou o homem elegante que monologava. Uma pausa, um minuto, e prosseguiu:

— Mas esse juro tem-se elevado sucessivamente. Porque as simpaticas oposições, não aceitando a clausula da proposta ministerial que fixava o maximo do juro em 15 por cento, assim o quizeram. E agora, com a libra á roda de 110$00, temos uma taxa que anda tambem por cerca de 19 por cento. E assim iremos. Para 20, para 21, para 25 por cento. Quere dizer: a praça empresta ao Estado cento e oitenta mil contos a uma taxa de juro média de 20 por cento. Só isso. E isto partindo do principio de que eram realmente cento e oitenta mil contos, que não são. Nem nada que com isso se pareça. Porque, emfim, o Estado vem a receber do seu famoso emprestimo o maximo de cento e quarenta mil contos. Dêsses, sei-o eu, «apenas setenta mil entraram até agora nos cofres publicos». E o resto? Ah! O resto será o proprio Estado que o hade pagar. E' para isso que serve o aumento da circulação fiduciaria.

Fez um gesto de decisão, de reprovação, mesmo, talvez:

— Os banqueiros pedem ao Estado, portanto, que lhes vomite os cento e oitenta mil contos. E' éste o termo. Emprestaram ao Estado o dinheiro a 20 por cento, na realidade. Pedem que o Estado lhes devolva o mesmo dinheiro, mas de graça. E' mais uma gorgeta de vinte mil contos. Porque o aumento da circulação pedido é de duzentos mil contos. Quanto a mim, o negocio não é mau.

Iamos a fazer uma objecção. Mas o homem elegante, que monologava, disse simplesmente, estendendo-nos a mão, como quem não deseja acrescentar mais uma palavra ao que já dissera:

—Olhe, de alguem sei eu que afirmou ao Governo carecer de setenta mil contos de notas para satisfazer os seus compromissos. No numero dos quais se inclue necessariamente o emprestimo.

E foi-se embora.

Será assim? Não será assim?

A atitude da Caixa Geral dos Depositos

Na Caixa Geral dos Depositos procurámos hoje colher informações sobre a atitude assumida por este estabelecimento bancario e que é a de auxiliar decididamente o Estado opondo-se por todas as formas a que a circulação fiduciaria seja aumentada.

O conselho de administração deste estabelecimento bancario entrincheirou-se porem na maior reserva, nada deixando acrescentar ao que na entrevista concedida á «Capital» pelo sr. dr. Raul do Carmo foi revelado.

Compreende-se de resto esta atitude num assunto que exige sobretudo discreção.

Entretanto, conseguimos averiguar que se continua trabalhando activamente na representação que deve ser entregue ao sr. Ministro das Finanças e que se encontra quasi concluida. A redação desse documento, ao que nos informaram, foi confiada ao sr. dr. Amancio de Alpoim, que nos ultimos dias nela tem trabalhado, aproveitando a colaboração dos seus colegas administradores.

Essa exposição consta essencialmente de duas partes: uma expositiva onde se põem os argumentos que levam a Caixa a condenar firmemente qualquer aumento de circulação considerando-o criminoso; outra, demonstrativa, abrangendo sobretudo os numeros e trazendo revelações curiosas.

Segundo nos consta, foi solicitado ao Governo que pudesse ser tornada publica esta exposição porque no entender das pessoas que a elaboram, o seu conhecimento muito contribuirá para elucidar a opinião do paiz em tão dificil e complicada materia.

Tarde politica

Está solucionada a crise ministerial

Está, emfim, solucionada a crise ministerial. O sr. Joaquim Ribeiro sempre se decidiu a aceitar a pasta da Agricultura, indo o sr. Velhinho Correia para a das Finanças.

Encontrámos o primeiro, a quem felicitámos.

— Não me felicite — disse. Isto é um encargo torturante.

— Facultaram-lhe as condições que impunha ao aceitar a pasta?

— Necessariamente.

E, como manifestassemos desejo de saber quais eram, respondeu-nos:

— Deduz-se da minha atitude no Parlamento.

Ora a atitude do sr. dr. Joaquim Ribeiro é de franca hostilidade ás concessões que os governos veem fazendo á moagem. Em sintese, o novo ministro é contra o pão politico, e pela liberdade de importação de cereais, o que em seu criterio beneficiará o consumidor, aliviando o Estado de grandes encargos.

Não nos atrevemos a preguntar a s. ex.ª se contaria com o apoio dos nacionalistas. Pouco depois, encontrámos um deputado marcante deste agrupamento que melhor podia satisfazer a nossa natural curiosidade.

— O sr. dr. Joaquim Ribeiro tem simpatias entre nós. O seu programa na questão cerealifera é, sobre certos pontos de vista, o nosso. Não falo em nome do meu partido, mas creio que, pelo nosso lado, o sr. dr. Joaquim Ribeiro não encontrará grandes dificuldades.

* * *

Um jornal da manhã dizia que no futuro Senado tomariam parte os srs. dr. Antonio José de Almeida e João Chagas. Pensa-se, em caso de dissolução, fazer eleger não só esses nomes, como os dos srs. drs. Bernardino Machado e Magalhães Lima. A ser assim, o Senado voltaria a ter o aspecto dos primeiros dias da Republica.

* * *

Os novos ministros tomam amanhã posse, devendo ainda hoje o sr. Antonio Maria da Silva apresentar ao sr. Presidente da Republica a reorganisação do Ministerio.

O sr. Fontoura da Costa assumirá a efectividade da pasta da Marinha, sendo substituido na da Agricultura pelo sr. Joaquim Ribeiro. O sr. Velhinho Correia. será, pois, o sucessor do sr. Vitorino Guimarães. E, como acima dizemos, o sr. Antonio Maria da Silva continua acumulando a presidencia do Ministerio e a pasta do Interior com a interinidade da pasta da Guerra.

Almirante Ferreira do Amaral

O coadjutor das Mercês, depois de encomendar o corpo, recusou-se a acompanhal-o ao cemiterio

Realisou-se hoje o funeral do almirante sr. Ferreira do Amaral. A's 16, hora marcada para a saida do prestito já na Rua da Quintinha, onde o extinto residia, se encontravam numerosos oficiais da Armada e do exercito, chegando pouco depois o sr. Jaime Atias, que representava o sr. Presidente da Republica e os srs. presidente do Ministerio e ministro da Marinha.

Ás 16,30 foi o cadaver encomendado pelo coadjutor das Mercês, sendo depois a urna transportada para a carreta da «Voz do Operario», da qual o sr. Ferreira do Amaral era presidente honorario.

Entre outros vimos no funeral o sr. dr. Germano Martins, que representava o sr. Ministro da Justiça, capitão sr. Ferreira Lima que representava o sr. Ministro da Guerra, Almeida d'Eça, pela Sociedade de Geografia, uma comissão de Socorros a Naufragos, de Paços d'Arcos, pelo sr. Hipacio de Brion, a Associação Industrial pelo sr. Henrique Taveira, a Direção da Sociedade a «Voz do Operario» dr. Bernardino Machado, etc.

O prestito funebre seguiu pelas ruas da Quintinha, Nova da Piedade, S. Bento, Rato, Saraiva de Carvalho.

No cemiterio organisaram-se varios turnos.

Por disposição testamentaria, não foram colocadas corôas nem flores.

O sr. Ferreira do Amaral deixou no seu testamento, que o funeral fosse feito civil ou religiosamente, segundo a vontade da familia.

Os filhos do ilustre almirante escolheram-o religioso, mas o coadjutor das Mercês, depois de fazer a encomendação do corpo, retirou-se, não acompanhando o funeral, o que deu origem a varios comentarios.

O chapeu armado, as dragonas e a espada do falecido almirante eram conduzidos pelo 1.º tenente sr. Henrique Valdez, dirigindo funeral o sr. Augusto do Amaral e capitão-tenente sr. Taborda.

Portugal na Sociedade das Nações

Os nossos delegados a essa assembleia

O «Diario do Governo» publicou hoje o seguinte decreto:

Reconhecida a necessidade de Portugal se fazer representar na 4.ª Assembleia da Sociedade das Nações, que deverá reunir-se em Genebra no proximo mês de Setembro,

Usando da faculdade que me confere a Constituição Politica da Republica Portuguesa:

Hei por bem, sob proposta do ministro dos Negocios Estrangeiros, e tendo ouvido o conselho de ministros, nomear delegados do Governo da Republica Portuguesa á mencionada Assembleia o ministro plenipotenciario em Paris, João Pinheiro Chagas, que servirá de presidente; o ministro plenipotenciario, chefe da Secretaria Portuguesa da Sociedade das Nações, dr. Augusto Cesar de Almeida Vasconcelos Correia; o general de engenharia Alfredo Augusto Freire de Andrade e o ministro plenipotenciario em Berna, dr. Antonio Maria Bartolomeu Ferreira, que servirá de secretario geral, aos quais é aplicavel o disposto no paragrafo 1.º do artigo 1.º da lei n.º 857, de 22 de Agosto de 1919, e fixada a ajuda de custo diaria de dez libras aos três primeiros e oito libras ao quarto, desde o dia da saida das suas residencias oficiais até o de regresso.

Aos mesmos delegados serão satisfeitas as respectivas despesas de viagem, e ao presidente será abonada a importancia que fôr arbitrada pelo ministro dos Negocios Estrangeiros para despesas de representação e expediente, de que prestará contas, devendo o pagamento das mencionadas ajudas de custo e restantes abonos efectuar-se pela verba inscrita no orçamento para o corrente ano economico sob a rubrica de «despesas extraordinarias resultantes da guerra».

Ao sr. comandante da policia

As escadas dos predios transformadas em albergues e em casas de jogo.

A policia que faz serviço no Calhariz e no Bairro Alto não cumpre integralmente o seu dever. Imaginam os guardas que a sua obrigação se limita a intervir nos conflitos e a prender os que os levantam, podendo, fóra disso, passar o melhor que podem as horas de serviço.

Sucede que um sem numero de individuos, desde o rapaz de oito anos ao homem de trinta ou quarenta, invadem de dia as escadas de muitos predios, para jogar ou dormir, impedindo a entrada e a saida dos moradores e chegando a insultá-los, quando estes protestam.

Ora, que saibamos, as escadas dos predios não são locaes de jogatina nem albergues. Seria, por isso, bom que a policia interviesse no sentido de pôr termo a tal abuso, que se está desenvolvendo mais do que seria para desejar.

Terremotos artificiais

Os geologos propõem-se realisa-los na America

Os sabios são, sem sombra de duvida, as pessoas mais divertidas dêste mundo. A braços com problemas de toda a especie, de tudo largam mão para resolvel-os. Veja-se o seguinte telegrama, que a America nos enviou:

NEW-YORK, 12.—Como depois da guerra ficaram no mundo milhares de toneladas de explosivos, inuteis por agora (o que não quer dizer que não sejam necessarios ámanhã) os homens de sciencia estão estudando a maneira de empregal-os na realisação de um tremor de terra de grande intensidade que possa ser estudado a grandes distancias.

O professor Norse, chefe do conselho nacional de investigações nos Estados Unidos apresentou a ideia a varios colegas, que a receitaram com entusiasmo.

O plano consiste em colocar uma enorme quantidade de poderosos explosivos á maior profundidade possivel, utilisando-se, para esse efeito, as galerias de qualquer mina abandonada. A uma hora marcada far-se-á explodir por meio de uma corrente electrica, depois de colocar varios sismografos a distancias que iriam de 100 metros a 200 kilometros. Deste modo poderão obter-se dados exactos para calcular as velocidades atravéz das diferentes camadas geologicas.

Ainda não está escolhido o local onde se fará a experiencia, indicando-se, no entanto, a região do Lago Superior, do Buttem ou a California.

Crê-se geralmente que todos os tremores de terra teem relação com os vulcões ou são causados por eles, mas isto, dizem os sabios, é um erro, pois muito poucos terremotos estão relacionados com os vulcões e quando isto sucede atingem pequenas distancias.

O maior numero dos abalos de terra é originado pela precipitação de grandes porções de terra em enormes precipicios produzidos pela contração do globo. O movimento pode ser de cima para baixo ou horisontal e, por vezes, uma combinação de ambos.

A maioria dos geologos é de opinião que as rochas se fazem mais pesadas quanto maior é a profundidade em que se encontram.

Ora é para estudar estas questões tão complicadas que os sabios se propõem produzir um tremor de terra artificial, mediante uma tremenda explosão subterranea.

A' facada

Constantino Fernandes, de 54 anos, teve hoje de manhã uma questão com Rosa Fernandes com quem vive. No conflito interveio o enteado do Fernandes, Feliemino Fernandes, que agrediu o outro com duas facadas nas costas e no peito. O ferido recolheu em estado grave á sala de observações do hospital de S. José, evadindo-se o agressor.

Crianças pobres

Uma comissão da «Ala do Santo Condestavel» faz ámanhã, ás 16 horas na redacção do jornal «O Portugal», uma distribuição de fatos, por crianças de 4 a 6 anos, tendo-nos enviado uma senha para uma criança nossa protegida. Agradecemos.

TEATRO

Nota do dia

Os amadores de teatro.

Uma das personagens ridicularisadas a miudo pela gente que fala de teatro são os «amadores dramaticos».

E' vulgarissimo ouvir: «Isto é Simões Carneiro puro!» «Isto não são artistas são furiosos dramaticos!»

Ora é preciso fazer justiça aos grupos dramaticos, donde tantas e tantas vezes sáem não só explendidos artistas, como os melhores, os mais fieis e os mais dedicados amigos da arte teatral.

O Club Estefania, o Club Simões Carneiro, outros grupos de amadores têm dado varias vezes espectaculos dignos, de arte scenica.

A notavel actriz Ilda Stichini, não desdenha ir agora a Extremoz, representar com amadores uma das peças do seu glorioso repertorio «A Simone».

E' que ser amador não significa ser inferior.

Eu julgo que todos a quem o teatro interessa muito teriam a lucrar com o desenvolvimento e o prestigio dos grupos de amadores — artistas dramaticos.

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, que conta sempre tão belas disposições do trabalho, poderia, a meu vêr, encarar o assunto e estuda-lo. Nós lhe arbitraremos por estes dias qualquer forma de auxiliar essa ideia.

O HOMEM QUE PASSA

D. Deolinda de Macedo

Foi operada pelo seu medico assistente sr. dr. Hermano de Medeiros a ilustre artista Deolinda de Macedo, que está livre de perigo, esperando-se que em breve retome a scena.

Portugal e o cinema

Vem a caminho de Portugal o operador cinematografico francez Roger Lion, que vem ao nosso paiz executar um film «A fonte dos amores», adaptada do romance com o mesmo nome de Gabrielle Réval. A distribuição dos varios papeis, está entregue a grande numero de artistas, entre os quais as actrizes Janine Marey e Gil Clary e os actores Maxudian, Jean Murat e Cim. Roger Lion traz como auxiliar Cassagnes e o film será passado em França, Suissa e Belgica pela Agencia Keral Cinematografica.

Noticiario

De Portugal

Estreia-se em outubro no Apolo a companhia de opereta e revista de Otelo de Carvalho, figurando no elenco Amelia Figueiroa, que se estreia nesta capital, Margarida Martins, Deolinda de Macedo, Ricardina Soares, Julia de Assumpção, Judit Sousa, Otelo de Carvalho, Soares Correia, Casimiro Rodrigues, Fernando Gonçalves e Julio Burgos. Entre as peças que serão representadas contam-se: «Pé de meia», «Giga Joga», «Lua nova», «Piparote», «Arroz queimado», «Frou-frou», etc.

— Parte no primeiro vapor para as Ilhas a companhia de José Climaco, levando um repertorio de operetas e revistas. Fazem parte da «tournée» Jalziza de Sousa, Maria Amelia, Maria Odette, Alberto Miranda, Alberto Rodrigues, Jaime Zenoglio e Jaime Silva.

— A companhia de Armando de Vasconcelos reaparece em Lisboa no proximo dia 1 de outubro, com Auzenda de Oliveira, Laura Costa, Elisa Santos, Maria Santos, Raquel de Almeida, Maria Alvares, Armando Vasconcelos, Vasco Sant'Ana, Fernando Pereira, Sales Ribeiro e Alfredo de Sousa.

— Ao contrario do que se tem noticiado, a inteligente actriz Amelia Pereira continuará a pertencer á companhia Lucilia Simões, na proxima época de inverno.

Do estrangeiro

Encontra-se em Paris o poeta e autor dramatico romeno Victor Effimiu, cujas peças «O galo preto», «Era uma vez...», A dansa dos milhões», «Akim» «O fogo de Natal», «Prometeu» e «Don Juan» vão ser representadas na grande capital.

— Vai cantar-se no Grand Theatre, de Lyon, uma ópera em três actos, de Michel-Maurice Levy, intitulada «O Claustro».

— Comunicam de Roma que o compositor Puccini terminou a sua nova ópera «Turandot», que será cantada no proximo ano no Scala, de Milão. E', diz o autor, uma obra diversa de todas as outras, tendo a mesma suntuosidade da «Aida».

— Deve ser inaugurado no proximo dia 23, em Moux, o monumento a Henry Bataille.

—A notavel artista Raquel Meller foi contractada por três anos para o Empire Theatre.

— A Pavlova reaparecerá na scena do Covent Karden, de Londres, em 10 de Setembro. Napierkowka foi contractada para o Empire.

Reclames

MARIA VICTORIA

Prosegue na sua triunfante carreira a linda revista «Fado Corrido», um dos maiores atractivos do Parque Mayer.

EDEN TEATRO

Estreia-se hoje no Eden-teatro, a bailarina classica Dina Garcia, cuja estreia, anunciada para sabado, se não realisou por só hoje de madrugada ter chegado a Lisboa.

Dina Garcia, primeiro premio de costumes do teatro Royal de La Monnaie de Bruxelas, vem precedida de uma aureola de grande celebridade no seu genero pois é cotada no estrangeiro estrela dos bailes classicos.

Com esta estreia auspiciosa, coincide a 3.ª apresentação do baritono portuguez Antonio Caldeira que tem sido muito aplaudido, e tem chamado ao Eden todos os amadores de canto e boa musica e a nossa mais distinta sociedade elegante.

Hoje deve ser no Eden uma noite de grande concorrencia.

S. CARLOS

Apesar de enorme concorrencia que continua atraindo a S. Carlos a linda peça «Casa em ordem», é certo realisarem-se apenas só mais 3 unicas representações, contando com a de hoje, da celebre peça, com a qual será encerrada a brilhante temporada, na quarta-feira.

A «Casa em ordem», tem um desempenho verdadeiramente magistral por parte da insigne actriz Lucilia Simões, a quem o publico chega a interromper, para aplaudi-la entusiasticamente. Os espectaculos de S. Carlos têm um cunho requintadamente artistico, e como tambem, são os mais baratos da actualidade, e o teatro, o mais confortavel de todos, dai a preferencia que o publico lhes dá.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Casa em ordem»
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«A ventoinha»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livro.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

OS PARTIDOS

Partido Republicano Presidencialista

O Partido Republicano Presidencialista recebeu mais as seguintes adesões da provincia: Almodovar: Manoel Franco Carvalho Garcia, Pedro Franco Garcia, José Garcia e Joaquim Franco Garcia, industrial. Castro Verde: Eduardo Guerreiro, industrial. Alvito: David José Pereira, proprietario. José Paulo Ripado farmaceutico, Evora: Joaquim do Carmo e Bernardo Antonio Frango, agentes. Redondo: Joaquim Cordeiro Dias, proprietario; José Rato Lima, proprietario. Montemór; dr. Alfredo Mira Mendes, proprietario, Elvas: José Augusto Principe, sargento. Portalegre: José Carlos Gonçalves Guerra, Antonio Hidalgo, funcionario publico;

Crato: Antonio Boto Aleixo, guarda-livros; José Joaquim de Freitas, secretario de finanças: Serpa: Joaquim Coelho Palermo; comerciante. Faro: João Baptista Vieira, Carlos Fraguas, sargento, Aniceto da Cruz, sargento; João Silva, José Jacinto Padre Junior, oficial dos correios; Antonio Diogo, industrial; José Luiz Palermo, proprietario; José C. Mascarenhas, sargento; Pedro Costa Canhão, sargento; José Joaquim, sargento; José Paes, sargento; Manoel Custodio, marceneiro; Jacinto M. Guerreiro, telegrafista; José Francisco dos Santos, aspirante dos correios; Antonio José de Brito, idem; João Antonio da Silva, idem; João Luiz dos Reis, idem; José Francisco Viegas, idem; Albino Matheus, sargento; Cipriano Neves, comerciante; Damião dos Reis, farmaceutico, José Antonio dos Reis, industrial. Albufeira: José da Encarnação Barreto. Fuzeta: Antonio Augusto Lima; empregado bancario. Portimão: Mario da Graça Cristina, industrial.

P. R. Radical

Major Filipe de Sousa

Por ordem do sr. ministro da Guerra, foi mandado regressar no paquete «Funchal» que chega a Lisboa no proximo dia 22, o major da Administração Militar sr. Filipe de Sousa, que se encontra desterrado em Angra do Heroismo desde Fevereiro ultimo.

O ilustre oficial recolhe ao continente por opinião da junta extraordinaria de saude, reunida expressamente para o examinar em vista dos padecimentos que ali adquiriu durante o seu desterro, indo fazer uma cura d'aguas para o Gerez.

Um grupo de correligionarios seus pensa fazer-lhe uma efusiva demonstração de simpatia no dia da sua chegada e oferecer-lhe um jantar de confraternisação republicana que se realizará num dos restaurantes dos arredores da capital.

O major sr. Filipe de Sousa apresentará ao Directorio do P. R. Radical, de cuja junta consultiva faz parte, a organisação partidaria de todo o arquipelago açoreano, onde grangeou grandes simpatias e onde fez uma brilhante série de conferencias de propaganda do P. R. Radical.

— Na proxima reunião do Directorio será apresentada ao mesmo a lista dos cidadãos que compõem as comissões politicas do concelho de Loures.

— Toda a correspondencia relativa á comissão distrital de Lisboa deve ser dirigida para a rua da Atalaia, n.º 67, 1.º esquerdo.

Esta comissão tomou conhecimento da organisação das comissões municipais de Mafra, Arruda dos Vinhos, Cadaval, Sacavem, Lomas, Seixal, S. Tiago do Cacem, Alcacer do Sal e Torres Vedras.

Vida Elegante

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram hoje no rapido para Entre os Rios o chefe do protocolo do Ministerio dos Estrangeiros sr. José da Costa Carneiro, e esposa.

—Tambem partiu para Entre os Rios D. Matilde Cantilo, acompanhada de sua filha.

FESTA EM CINTRA

A sr.ª D. Laura Reis Ferreira realisa no proximo dia 21 em Cintra uma interessante festa para inauguração do seu solar, estando convidados o corpo diplomatico e as melhores familias de Lisboa.

Gremio do Minho

A comissão organisadora deste Gremio na sua reunião de ontem, recebeu novas e valiosas adesões.

Em seguida apreciou a ultima redação dos estatutos, depois das emendas feitas pela Assembleia Geral, resolvendo remetelos para a autoridade competente, afim de sofrerem a sua aprovação. Logo que esta tenha dado a aprovação será convocada a Assembleia Geral, para eleição dos corpos gerentes.

PUBLICAÇÕES

«Seara Nova»

Está publicado o numero 25 desta interessante revista, com colaboração dos srs. Raul Proença, Alberto Pessoa, Ezequiel de Campos, Jaime Cortesão, Alberto de Oliveira e outros. Insere uma carta inédita de Camilo, dirigida ao dr. Sousa Martins.

«Novela Sucesso»

Tambem se publicou o numero 22 desta excelente publicação semanal, inserindo um conto de D. Mafalda Mousinho de Albuquerque, intitulado «Nos braços da amendoeira», com ilustrações de Stuart de Carvalhaes.

EDDIE POLO

no Salão Central

«O segredo dos quatro», a colossal pelicula de aventuras que tanto entusiasmo tem despertado no publico, continua sendo o mais interessante espectaculo da actualidade. Todas as noites o lindo cinema regorgita de espectadores, avidos de presencear os prodigios de força e intrepidez do notavel atleta Eddie Polo, o mais popular de todos os artistas da sua especialidade.

«Sepulcro de areia», assim se intitula o novo episodio hoje estreado, é uma autentica maravilha, com scenas cheias de imprevisto e deliciosos aspectos.

Polo, o inimitavel Polo, que conta os admiradores pelo numero de «habitués» do Central, se, em vez de apresentar-se em fotografia o fizesse em pessoa, seriam disputados os bilhetes, não ficaria um unico lugar vago, o que prova a enorme simpatia de que gosa o notavel artista entre nós.

Hoje serão exibidos os primeiros quatro episodios da surpreendente pelicula «O segredo dos quatro».

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, pisaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.°

LISBOA

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA:—R. S. Paulo, 104, 1.° Telef. C. 2894

PORTO:—R. da Reboleira, 19, 1.° Telef. N. 1178

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia ingleza, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglês e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuills e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33

TELEFONE C. 1884

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço Regular entre a Metropole e Africa Ocidental e Oriental Portugueza

SAIDAS a 1 de cada mez para os portos da Africa Oriental (provincia de Moçambique) escalando Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes e Cape Town.

SAIDAS a 20 de cada mez para todos os portos da Africa Ocidental.

SERVIÇO REGULAR para Anvers, Hamburgo e Rotterdam onde os nossos navios recebem carga para Lisboa e Porto, e a frete directo para os portos das duas Costas de Africa.

A CARGA DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, em navios portugueses, gosam dum beneficio pautal.

FROTA DA COMPANHIA

MOCAMBIQUE 6536 ton. AFRICA 5515 ton. PEDRO GOMES 5417 BEIRA 4976
MOSSAMEDES 4977 ton. PORTUGAL 3998 ton. PENINSULAR 2740 ton.
LUABO 1435 ton. CHINDE 1070 ton. MANICA 1116 ton. IBO 835 ton.
BOLAMA 985 ton. ANBRIZ 858

Vapores só para carga: „ESTREMADURA" 3771 ton.; „DONDO" 3978 ton.

Rebocadores no Tejo: „TEJO", „CABINDA", „CONGO"

TODOS OS VAPORES desta Companhia teem frigorificos, luz eletrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. passageiros viagens rapidas e comodas

Escritorios da Companhia: LISBOA, Rua do Comercio, 85—Porto, R. da Nova Alfandega, 34

Agentes: — Anvers: Eiffe & Cie., Quai van Dyck, 10; HANBURGO: Eiffe & Birgfeld, St. Pauli Landungsbrucken Brucke 4; ROTTERDAM: H. van Krieken, P. O. B. 662

TELEFONES: — Administração, C. 1527 — Chefe do Expediente, C. 1000 — Informações, C. 608 — Tesouraria e passagens, C. 2665 — Comissariado e Serviços medicos, C. 3202 — Engenheiros (Cais da Fundição), C. 3952, — Cais da Fundição, C. 2087 — Depositos e Armazens, C. 1012.

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 90—(Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c.—(Telef. C. 5113)

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

R. JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1893 — LONDRES 1904 — LISBOA 1888 — PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

NA RUA imensa escuridão!

LUZ A JORROS

—: NAS VOSSAS CASAS :—
recorrendo á

ILUMINADORA

— DA —

ESTEFANIA

— DE —

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77

Telefone N. 2168

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14

LISBOA

Sucursal — Avenida de Berne, M. H. B,
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina

TELEFONE, 2544-N. TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e oficina, Norte - 4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e pára-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITÃO, LIMITADA

Orçamentos gratis

BAIXA DE PREÇOS

Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que tem em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE

MOBILIAS

Grande sortimento para todos os preços

VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS

Ninguem compre sem confrontar estes preços e o belo acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da

100, Rua do Conde Redondo, 102

TELEFONE N.° 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta, em frente á paragem do electrico

---

TINTURARIA — DO — POVO

— DE —

José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens. Sempre ao melhor preço.

A. Pinheiro da Costa

Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1789

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Benito, Silva, Pinto, L.da

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:

ARTHUR BENARUS

Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.°
LISBOA

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente
—novos cursos—
para principiantes em

FRANCEZ :: :: INGLEZ

: : Já está aberta : :
: : a inscrição : :

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonyma de responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 30.200.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real, Traz os-Montes e Vizeu.

FILIAIS NAS ILHAS—Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

FILIAES NAS COLONIAS

AFRICA OCIDENTAL—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshasa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Ingleza).

CHINA—Macau

TIMOR—Dilly.

FILIAES NO BRAZIL—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAES NA EUROPA—Londres 9, Bishopsgate E—Paris 8 Rue do Helder.

FILIAES NOS ESTADOS UNIDOS—New York 93 Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas adjacentes, Colonias, Brazil e restantes paizes estrangeiros.

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sêc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 - Lisboa - Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

O PROPRIETARIO

Luiz Alberto de Pinho

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 23*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4454-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira, 14 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Segundo as declarações do sr. ministro das Finanças, não será aumentada a circulação fiduciaria

Cosinha politica

Está mais uma vez recomposto o Governo do sr. Antonio Maria da Silva, que já ninguem pode negar que chegará á nova Presidencia feito uma verdadeira manta de retalhos.

Quando pensamos no Governo do sr. Antonio Maria da Silva vem-nos invencivelmente á ideia a famosa sopa de pedra.

Conhecem os leitores o conto?

Era um soldado, tornado sagaz e astuto pela força da necessidade, e que quando ia abolelado para alguma casa cujo dono, com avareza, lhe não dava senão agua e lume, ia buscar uma pedra á rua, declarando que com essa pedra faria a mais saborosa das sopas.

A pedra era cuiddosamente lavada, e quando a agua estava a ferver, o soldado, ante o camponio perplexo, metia-a dentro da agua.

— E basta isso para a sopa?

— Certamente, respondia o soldado, e fica optima. Mas se levasse um bocado de pão, ainda melhor ficaria.

— Por isso não seja a duvida, respondia o aldeão, e ia buscar um quarto de pão que o soldado cortava aos bocados, mandando-os fazer companhia á pedra.

— Agora, sim! dizia o soldado. E então se houvesse um bocadinho de chouriço, de toucinho e umas nabiças, nunca você teria comido melhor sopa.

— Por isso não seja a duvida, repetia o camponio. Estou com vontade de provar uma sopa de pedra.

E lá ia ele buscar a hortaliça, o chouriço, o toucinho, todos os temperos pedidos pelo soldado.

Dali a pouco é que era ouvi-lo!

— Pois é verdade! Pois é verdade! Que sopa tão apetitosa! Vocês são levados do diabo! Fazer sopa com pedras!

Neste caso, a pedra é o sr. Antonio Maria da Silva, que se tem ido rodeando de temperos, infelizmente, porém, de qualidade bastante inferior.

Agora lá vão mais dois temperos. Oxalá provem melhor do que os anteriores!

O que é preciso para o sr. Antonio Maria da Silva é que haja Governo. Quanto ao mais: planos, programas, iniciativas inadiaveis e urgentes, tudo isso nada custa.

Havia um problema religioso. Um ministro queria dar-lhe uma relativa solução. O sr. Antonio Maria da Silva lançou-o pela borda fora da barcaça ministerial. Foi um tempero estragado.

Suscitou-se um conflito de caracter disciplinar na pasta da Guerra. O sr. Antonio Maria da Silva deitou fora o titular dessa pasta. Outro tempero estragado.

Agora, um ministro das Finanças mantinha-se firme, resistindo á pressão dos banqueiros que querem uma maior circulação fiduciaria para levarem o país rapidamente á situação irremediavel da Alemanha. Esse ministro já lá vai. Outro tempero estragado.

Oxalá com os novos temperos a que recorreu o sr. Antonio Maria da Silva consiga levar ao fim a sua sopa de pedra.

O país desconfia que não, e nós não podemos eximir-nos a uma incredulidade semelhante, porque, como cozinheiro politico, o sr. Antonio Maria da Silva já não alimenta esperanças a ninguem.

Consul no Pará

A sua transferencia por incompatibilidades com a colonia

Tendo surgido um grande conflito entre a colonia portugueza do Pará e o consul naquela cidade sr. Julio Amaral, foi este retirado dali e mandado prestar serviço no consulado geral do Rio de Janeiro, onde já se apresentou. De há muito tempo que as divergencias entre o nosso representante consular e a colonia existiam, mas só ultimamente chegaram ao periodo agudo, tendo-se realisado comicios e reuniões muito concorridas, com larga representação das mais importantes colectividades portuguesas. Como se sabe a nossa colonia ali é das mais numerosas do Brasil, tendo procedido o sr. ministro dos Extrangeiros como lhe cumpria, evitando o descontentamento dêsse nucleo de bons portugueses, amigos devotados da sua Pátria.

NA ALEMANHA

Começou a revolução?

O que se lê nos jornais estrangeiros e não chega nos telegramas das agencias

A grande tragedia que tanto temia a Inglaterra começa a desenrolar-se na Alemanha. Todos puzeram nisso as suas mãos pecadoras: Poincaré com a sua soberba exacerbada; Baldwin, com a sua vacilação lamentavel; os majoritarios alemães, pela estreiteza da sua acção politica, que reduziu a questão a um problema partidista; o chanceler Cuno, estadista sem musculos, brando como a cera cuja anodina incapacidade tornava por distinctivo a torça conducta da plutocracia que dirige Stinnes.

Dum lado, a tese egoista do governo francez: «Enquanto me não pagar não me vou embora». Doutro a tese negativa da grande burguesia germanica: «Não trabalhamos até que a Inglaterra venha em nosso auxilio». Final: a revolução com a bandeira vermelha estralada dos soviets.

Isto previa-se. Enquanto o governo Cuno deixava a população sem socorros, famiuta, a Russia estabelecia nas localidades operarias logares de distribuição gratuita de pão. Enquanto os amigos do presidente imperial Ebert se entretinham a preparar habilmente as coisas para que continuasse a preponderancia social-democrata, os comunistas introduziam-se no povo, expunham o verdadeiro alcance do momento, caldeavam as almas.

Ha notas? Mas não ha pão!

Quem sucederá a Cuno? perguntava-se. O que o substituir acabará com a fome? Eram os mesmos politicos, com os mesmos defeitos, o mesmo espirito mesquinho. Terminou no povo o credito de confiança concedido aos seus dirigentes e abriu-se a valvula do desespero, má, muito má conselheira.

Entra agora a Alemanha na revolução. O que resultará d'ela?

* * *

Segundo se depreende das notas enviadas pelo correspondente de «El Sol» em Berlim, foi a greve dos impressores, agravando consideravelmente a situação, que veio precipitar o movimento insurreccional, pois que creou um gravissimo problema—o da impressão de papel-moeda. E' tão grande a escassez de notas que muitos bancos negaram-se a realisar operações e nalguns lia-se o seguinte aviso:—«Declarada a greve dos impressores, e havendo-nos deixado o governo sem meios para pagar aos nossos empregados, somos obrigados a encerrar as nossas portas».

A greve dos impressores contribuiu para augmentar a incerteza e nervosidade do publico, porque tambem a falta de jornais facilita a divulgação de toda a classe de noticias alarmantes e presta-se para a manobra dos agitados comunistas.

As desordens manifestam-se já em todo o país, alastrando a greve geral revolucionaria.

A população operaria que trabalha ao Norte de Berlim içou a bandeira vermelha dos Soviets nas grandes fabricas.

Os edificios publicos estão defendidos por destacamentos providos de metralhadoras e granadas de mão.

E' isto o que se colhe nas paginas dos jornaes estrangeiros, sendo para estranhar que até nós não tenham chegado, cortados possivelmente pela censura, telegramas contando estes pormenores.

Continuam os tumultos em varios pontos

BERLIM, 14.—Teem continuado os tumultos em Hamburgo, tendo havido colisões entre os radicais, os comunistas e a policia. Esta carregou sobre os amotinados, resultando disso muitos mortos e feridos.

Tambem anunciam de Hanover que tem havido ali muitos tumultos, tendo ficado 12 operarios mortos e muitos feridos.—(R.)

O aumento das tarifas postais e telegraficas

BERLIM, 13.—A partir do dia 1 de Setembro as tarifas postais telegraficas e telefonicas serão quintoplicadas.—R.

Quer dizer que uma carta de Berlim para Portugal, que a'é agora custava 3:000 marcos, passará a custar nada menos de 15:000.

INSISTINDO

As setecentas mil libras de Angola

ONDE SE FALA DA CRIAÇÃO DO ALTO COMISSARIO DA REPUBLICA E DO DINHEIRO POR ELE GASTO

Em torno deste caso estabeleceu-se a polemica. E ainda bem que assim foi. Porque nunca é de mais a polemica que se suscite ao tratar-se das questões mais altas que á nacionalidade dizem respeito, que a afectam de maneira sensivel e que amanhã podem tornar-se para ela decisivas.

Houve quem viesse negar á imprensa a veracidade de uma noticia por nós trazida a publico: a de que a provincia de Angola arrancara á metropole, num periodo aproximado de onze meses, qualquer coisa como setecentas mil libras.

Houve tambem quem á mesma imprensa viesse corroborando o que haviamos dito. Sem que, porém, uns ou outros tivessem o cuidado de dizer onde fôra levantado o problema e onde ele fôra posto, talvez sem brilho, mas com patriotismo e com independencia.

Nós não temos o minimo prazer em constatar que a nossa noticia corresponde a uma verdade. Porque acima do interesse profissional, que assim ficaria triunfante, ha um interesse nacional.

Mas desejariamos ver provado com argumentos que erramos, que errou a pessoa que nos prestou a informação, que tudo o que já pertence ao dominio da opinião publica é apenas uma fantasia ou um equivoco. Infelizmente, assim não sucede. Porque não produziram uma prova sequer aqueles jornais que desmentiram a noticia.

* * *

Ouçamos, porém, pessôa que nos merece toda a consideração e que tem, pelo cargo que desempenha, de ser ouvido em tal pleito. Diz assim:

— E' absolutamente verdade que á economia nacional foram arrancadas essas setecentas mil libras. Nem se pode produzir prova em contrario.

— Mas como foram conseguidas essas libras?

— Por intermedio do B. N. U., que é o banco emissor das colonias. Este abriu aqui creditos até áquela importancia e a favor da provincia. Esses creditos foram todos aproveitados e encontram-se hoje exgotados por completo. Assim é que é.

— A que se destinaram?

— A' compra de utilhagem. Com eles se comprou material de caminho de ferro, maquinaria agricola, maquinaria industrial, etc.

— O que quere dizer que eles foram bem aproveitados...

— Mas quem o contesta. Apenas ha que considerar que a nossa balança cambial tem sofrido, e de maneira sensivel, com esta drenagem de ouro. Porque essas setecentas mil libras representam uma média de sessenta mil libras mensais, ou sejam dez por cento do valor total de transacções da praça. E ninguem ignora que semelhante importancia, dada a exagerada sensibilidade do nosso cambio, é de molde a fazê-lo variar.

«Insisto, portanto. O dinheiro levado pára Angola, embora muito bem aproveitado, não deixa de prejudicar as nossas divisas».

— E esse levantamento de ouro continua?

— Agora, não, porque os creditos estão exgotados. O Alto Comissario tem aplicado tudo na provincia, em beneficios, em melhoramentos. Bem? Mal? E' isto uma questão de administração colonial com que nada tenho a ver. A verdade, porém, é que os debitos dessa nossa riquissima possessão sobem hoje a meio milhão de contos, numeros redondos. Trata-se de um filho que está crescendo e prosperando a olhos vistos, emquanto a mãe definha.

AS FINANÇAS PUBLICAS

O SR. VELHINHO CORREIA

disse hoje á "Capital": Quem pedir aumento da circulação fiduciaria, pede a ruina do paiz

Dos dois novos ministros que hoje tomaram posse, o sr. Velhinho Correia é indubitavelmente aquele que, dada a gravidade da actual situação economica do paiz, vai arcar com o mais pesado encargo.

A pasta das Finanças, sabem-no os leitores da «Capital» pela larga reportagem que do assunto, temos feito, vai eucontrar, para resolver inumeros problemas: uma situação cambial perigosa, inumeras reclamações da industria e da finança que — contra o paiz—pedem o aumento da circulação fiduciaria, as repartições pletoricas de funcionarios mal pagos, as receitas provenientes dos ultimos impostos reduzidas ametade do que, na realidade, deviam de ser, etc. etc..

E' pois o sr. Velhinho Correia, atual ministro das Finanças, pessoa cujas palavras devem ser ouvidas e cujas intenções devem ser tornadas publicas para que possamos prever um pouco do que será o futuro do paiz.

«A Capital» ouviu o ministro das Finanças antes de ele o ser oficialmente. Ouviu-o hoje quando, descendo o Chiado, o sr. Velhinha Correia se dirigia ao Terreiro do Paço para ir até junto do sr. Presidente da Republica.

A palestra que tivemos foi rapida e interrompida de vez em quando por amigos que cumprimentavam o novo ministro.

* * *

—«Vou para o ministério despido de quaisquer compromissos e, consequentemente, livre para actuar conforme entender por melhor». Foi esta a primeira frase do ministro.

Porem o sr. Velhinho Correia, deputado, afirmara-se, em pleno Parlamento, absolutamente contrario ao aumento da circulação fiduciaria.

Existia pelo menos este compromisso.

Foi esta objecção a que fizemos ao nosso entrevistado que, claramente nos respondeu:

—Mas, sem duvida — mantenho a mesma opinião: quem pedir o aumento da circulação fiduciaria pede a ruina do paiz.

Pode afirmar que farei tudo para não aumentar a circulação fiduciaria para uso do Estado. Procurarei viver como se o Banco de Portugal não existisse. Consegui-lo-hei? Espero que sim.

—E quanto á falta ou pretendida falta de numerario na praça?

—Vou estudar as reclamações da finança, da industria e do comercio; lerei com atenção o documento que a Caixa Geral de Depositos está elaborando e, depois, agirei conforme os interesses da nação.

—Mas não tem qualquer ideia assente já?

— Não tenho, nem hoje se pode ter opinião preconcebida. A situação varia de hora para hora.

* * *

— Que mais poderemos dizer aos leitores da «Capital?

— Afirme que vou fazer tudo para conseguir uma maior e mais completa arrecadação das receitas do Estado. Ha casos verdadeiramente espantosos!

— Exemplo?

—Varios: a receita proveniente do imposto sobre transações não chega a ser metade da que devia ser, etc.

Um dos problemas que me vai preocupar desde já é o da redução das despesas. Procurarei reduzir o funcionalismo ao estrictamente necessario. Fa-lo-hei sem prejudicar ninguem. E' isto, em resumo, o que vou diser no acto da minha posse...»

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital,, o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. Do ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista ingles Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

O PEIXE

Foram hoje vendidas em Lisboa 45 toneladas

O vapor «Glauco» do Comissariado dos Abastecimentos descarregou hoje 45 toneladas de peixe, que foram divididas, pelos varios postos espalhados pela cidade, sendo enorme a bicha em alguns d'eles. Aos postos de S. Domingos e Poço do Borratem foi enorme a concorrencia, tendo-se o peixe esgotado rapidamente, não tendo ainda os empregados das casas de pasto levado a porção que desejavam. No Largo da Graça, Alfama e outros locaes onde a gente pobre compareceu em grande numero, foi preciso a intervenção da policia a fim de manter a ordem.

O peixe foi vendido aos seguintes preços: pescada 4$00, marmota 3$00, cachucho 2$00, chicharro 1$00.

A abundancia de peixe nos postos do Comissariado dos Abastecimentos, fez tambem com que as ovarinas se limitassem a uma mais pequena exploração.

Loucura perigosa

Comete um crime, foge e previne a policia de que vai suicidar-se

MONTREAL, 13.—George King, de 25 anos de idade, assassinou a tiros de revolver a sua namorada Eric Jonhson, na janela da sua casa e á vista da sua familia. Perseguido, fugiu, tendo encontrado o senhor Archibald Kells, que seguia no seu automovel. George King saltou para o automovel e, ameaçando de morte o senhor Kells, obrigou-o a seguir para Toronto á toda a velocidade. Chegou a esta cidade, King, abandonou o automovel e disse ao senhor Kells que se ia suicidar. Pouco depois, a policia recebeu uma comunicação telefonica de King, dizendo que estava num restaurante, que tinha cometido um assassinio e que se ia suicidar. A policia apressou-se a ir a esse restaurante, onde encontrou o rapaz dando evidentes sinais de alienação mental.—(R).

A VIDA CARA

A céga-réga da fome

Continuam as dificuldades, mas ninguem pensa em vencel-as

Vai aumentar o preço do carvão. Vão aumentar as tarifas dos electricos. Vai aumentar tambem o custo dos fosforos. Dos generos alimenticios nem é bom falar. Esses não têm preço fixo; aumentam todos os dias e a todas as horas. Estamos, sem sombra de duvida, no melhor dos mundos possivel.

Ha quanto tempo estas lamurias andam na boca de toda a gente, enchem as colunas dos jornais, trasbordam em diplomas no «Diario do Governo»! Mas até hoje, que saibamos, longe de sustar-se a corrida para a Fome, nada mais se tem feito do que torná-la mais vertiginosa.

Fizeram-se as tabelas, estabeleceu-se o racionamento, fundou-se o Ministerio das Subsistencias, criou-se o Comissariado dos Abastecimentos, abriram-se os armazens gerais, aprovou-se a lei dos lucros ilicitos, mas a cada medida governativa tendente a evitar a especulação, mais desenfreada esta se tornava e mais subia o custo da vida.

Gastou-se muito dinheiro, perdeu-se muito tempo, anicharam-se em lugares rendosos inumeros afilhados. Mas, que nos conste, o grande publico ainda hoje está á espera da tão ambicionada melhoria.

Em vão um povo inteiro clama contra tão intoleravel situação. O Governo ouve esses clamores, mas parece que nas esferas governativas ha quem aguarde que o povo se cale, quanto mais não seja por esfalfamento.

Aumentam-se os salarios e vencimentos, ao mesmo tempo que nos lares se reduzem as «iguarias». Mas nem assim o dinheiro chega, por mais equilibrios que se façam. E' que a cada novo aumento os preços dos generos modificam-se. O nosso merceeiro anda em dia com essas coisas e daí a facilidade com que ele altera os preços dos seus produtos. Esta cega-rega da Fome daria um excelente numero de revista, se não fosse um como que responso, a encomendação das nossas almas.

Quando nos aliviaremos do grande pêso que trazemos sobre os ombros?

PELA INGLATERRA

Quem manda no ceu?

Um conflito curioso entre o Almirantado e a aviação

LONDRES, 8.—Há dias, o primeiro ministro sr. Baldwin expoz na Camara dos Comuns as relações entre as forças navais do Almirantado e da aviação, relações que não parecem muito cordiais. Alguns dias antes, o comité encarregado de estudar os problemas da defesa nacional, e principalmente a questão da coordenação das forças de terra, do mar e do ar, reuniu e, como sucede a todos os comités, nada resolveu.

O sr. Baldwin, que não tem medo ás responsabilidades, vindo em auxilio do comité, declarou que este tinha uma opinião, que ele, de resto, definiu, metendo muito de sua casa.

Tratava-se de saber se o Almirantado britanico chamaria a si a aviação maritima ou se esta seria colocada sob as ordens do ministro do ar. O Almirantado, bem entendido, reclamava em altos brados o comando da aviação; senhora do mar, quer sel-o tambem do ar. Um almirante, num momento de bom humor, afirmou que comandaria tudo o que estivesse a leste do meridiano de Greenwich. O Almirantado, pelo visto quer ir mais longe, pois quer ser senhor do universo.

Orgulho desmedido, dirão, mas o orgulho é incomensuravel, e a Inglaterra cujos destinos foram determinados pela sua «insularidade», pode chegar a convencer-se de que não é tal uma ilha, uma vez que no azul um sem numero de aviões fará uma estrada para o continente.

O sr. Baldwin queria que o Almirantado esquecesse o tempo em que era senhor dos mares. O sr. Baldwin é cruel. E' que ele sabe que, alem dos exercitos que manobram em terra, e das esquadras que manobram nos mares, outra arma se levanta: a aviação. E a esta nada a detem: o seu campo é o espaço, exercendo a sua acção contra os exercitos de terra e contra as esquadras nos mares.

O Almirantado britanico tem medo que ela se desenvolva, procurando diminuir o seu valor ofensivo. De facto, deve ser doloroso aos descendentes de Nelson e de Collingwood deixar em liberdade o mosquito que hade matul-os...

Durante trezentos anos os marinheiros ingleses dominaram o mundo; os seus navios impuseram a sua vontade. Este dominio acabou. O avião é quem manda agora, queira ou não queira o almirantado britanico.—F. B.

PROBLEMAS NACIONAIS

A nová reforma de instrução

Algumas observações ás bases do projecto

O projecto de reforma do ensino apresentado ao Parlamento pelo sr. ministro da Instrução e elaborado por alguns dos nossos mais distinctos professores e pedagogos tem sido acolhido pelos professores de todos os ramos de ensino com as maiores demonstrações de simpatia. Submetida pelo ministro á mais ampla discussão, está sendo cuidadosamente apreciada em todo o paiz, inaugurando-se hoje em Leiria, com a assistencia do sr. dr. João Camoesas e de cerca de 800 professores, o Congresso Pedagogico, em que a reforma será estudada com entusiasmo.

Do professor sr. Mario Sedas Nunes recebemos uma critica ás bases dessa reforma, no que respeita ao ensino primario. Afirma aquele professor que é a primeira vez que em Portugal um ministro da Instrução encara de frente com inteligencia o problema do ensino publico, classificando de trabalho notavel o projecto em questão.

A sua experiencia aponta-lhe, porem, alguns erros, entendendo que como professor e como portuguez lhe cumpre chamar para eles a atenção das entidades competentes.

E' de opinião o sr. Mario Sedas que a obrigatoriedade do ensino não deve ser efectuada por meio de penalidades que criarão uma corrente de antipatia ao professor, convindo que sejam aplicadas indirectamente pela maior permanencia nas fileiras, prohibição da emigração, criação de um imposto aos analfabetos maiores de 21 anos, etc.

O inicio da educação infantil aos tres anos é prejudicial, devendo ter inicio aos cinco, reduzindo-se tambem a igual periodo a duração do ensino primario.

Está bem o que se projecta sobre programas, convindo; no entanto, que se criem cursos para os professores sobre os materiais que eles desconhecem a fim de não serem apodados de incompetentes.

A conservação do aluno todo o dia na escola é inconveniente, pois extenua-o e ao professor, neutralisando toda a acção larga e magnifica da escola primaria. Devem, antes, permitir-se trabalhos domiciliarios aos alunos.

O sr. Mario Sedas não concorda com a orientação que se pretende dar á inspecção do ensino, achando melhor deixal-a concentrada em circulos, reorganisando-a na sua estructura e no seu pessoal.

Os exames no ensino primario são de grande vantagem, mas com outra estructura, de forma o moralisal-os, pois eles ainda representam um grande e benefico estimulo para as crianças e para os professores. Devem restabelecer-se os de 2.º grau, realisando nos concelhos.

A administração do ensino entregue ás Camaras Municipais é inconveniente, pois que a sua acção, quando o ensino lhes esteve confiado, apenas serviu para criar dificuldades e prejudicar o ensino, não se compreendendo, por isso, que se reincida no erro.

As juntas escolares devem subsistir e a assistencia escolar terá o auxilio do Estado.

Sobre vencimentos nos professores, está bem que se estipule um ordenado unico em cada categoria, devendo a melhoria ser um premio da competencia, assiduidade e moralidade do professor. O desconto é reprovavel, excepto no caso da má conducta do professor, devidamente comprovada.

Como é possivel que depois da reforma posta em vigor, seja necessario limar arestas, a primeira revisão deve fazer-se dentro de tres anos, passando depois a fazer-se de sete em sete.

Como recompensa do serviço prestado pelo professor primário a Nação e em homenagem á sua dedicação pelo ensino, o Estado deve instituir á familia do professor, pelo seu falecimento, uma pensão condigna quando o professor tenha um determinado tempo de serviço e este seja bem qualificado.

A situação da Alemanha

Como foi organisado o ministerio

BERLIM, 14—Está definitivamente constituido o novo ministerio alemão com as seguintes individualidades:

Chanceler e interino dos estrangeiros, Stresemann; Justiça Radbruck; Interior Stellmann; Finanças Hilferding (que tambem é vice chanceller; Reconstrução Robert Schiniat; Economia publica Paumer; Trabalho Braun; Transportes Geser; Reichswehr Goessler; Alimentação Luther; Territórios Ocupados (ministério novo) Fuchs.—(H).

A batalha de Aljubarrota

Para comemorar a batalha de Aljubarrota, cujo aniversario passa hoje, uma comissão de senhoras distribuiu na redação de «O Portugal», fato e calçado a 30 creanças pobres, recomendadas pelas Juventudes Catolicas. Foi uma festa interessante, em que houve muito de comovedora de ternura pelos pequeninos.

Notas a lapis

Um exemplo frisante

Os jornais da manhã dão a noticia: os individuos que, por encargo da comissão nomeada, intervieram nos funerais de Guerra Junqueiro, pretendiam tomar de assalto os cofres publicos, apresentando contas fabulosas. Ameaçados com a policia, alguns reduziram essas contas em milhares de escudos e outros não tornaram a ser vistos.

Chegou a este ponto a febre de ganancia de certa gente. O facto agora ocorrido é um exemplo frisante da falta de escrupulos de muitos comerciantes, que apenas pensam em roubar o proximo, deixando-o sem camisa.

Para lamentar é que as pessoas encarregadas de verificar as contas se tivessem limitado a ameaçar os «cavalheiros» com a policia, quando deviam tel-os metido imediatamente no Limoeiro.

Julgam boas todas as oportunidades para o saque. Nem a memoria sagrada de Junqueiro os fês vacilar. Cairam sobre o seu caixão e á sombra das homenagens á memoria do grande Poeta quizeram roubar o Estado, que lhas prestou.

Não pode ir-se mais longe na falta de escrupulos, mas tambem, verdade, verdade, não pode ser-se mais contemporisador com essa gente do que os membros da comissão o foram.

Funcionarios publicos

Foi já assinado pelo sr. Presidente da Republica, o decreto, concedendo aos funcionarios externos do Ministerio do Comercio a subvenção que desde Julho do ano passado. não lhe era concedida conforme estabelecia a respectiva lei.

O sr. ministro do Comercio recebeu uma comissão de funcionarios do mesmo ministerio prometendo-lhe o pagamento imediato das subvenções em atrazo.

Leitão de Barros

Este nosso querido amigo e camarada, que se encontra já restabelecido do desastre que sofreu em Cintra pede-nos que agradeçamos em seu nome a todas as pessoas que tiveram a gentileza de se informar de sua saude e bem assim aos nossos colegas de Lisboa e Porto que tiveram para com ele palavras de carinho.

O sindicalismo

Dizem de Constantinopla que os eunucos do serralho e geralmente todos os vigilantes e outros empregados dos harens se constituiram em associação de classe para a defesa dos interesses da corporação.

Os estatutos da nova associação foram entregues na perfeitura.

Eis, em todo o caso, uma corporação em que os filhos não estão expostos a desmerecer dos pais...

Sempre os americanos

Como tomar e depôr os viajantes em todas as estações, sem diminuir a marcha do cambio lançado a toda a velocidade? Os jornais americanos afirmam ter resolvido o problema. Eis como: Sabe-se que o wagons modernos são providos duma plataforma á frente e á retaguarda e ligados uns aos outros por «passerelles»! Para desembarcar os passageiros, sem paragem, o condutor faz passar para a ultima carruagem os passageiros que devem descer na proxima estação. Um pouco antes da chegada a ela, um maquinismo engenhoso, produz a largada do wagon da cauda, que em rasão da velocidade adquirida, é dirigido para uma plataforma, onde pára por si proprio e onde os viajantes descem.

Para os viajantes tomarem o comboio ha na outra extremidade da mesma plataforma um «wagon para onde sobem os passageiros. A locomotiva, ao passar, espera a largada do wagon, o qual, descendo um declive rapido e calculado, vem ligar-se á cauda do comboio, sem que este abrande a marcha. «Si non es vero...»

Malvy

O ex-ministro Malvy, que terminou a pena de expulsão do territorio francês, chegou á sua terra Sovillac, sabado á tarde.

Esperavam-no na gare algumas centenas de pessoas e, a pedido os seus amigos politicos fez o percurso a pé.

Formou-se o cortejo. A meio-caminho, emquanto Malvy conversava com alguns dos seus partidarios, um velho atravessou o cortejo, bradando: «A baixo o traidor!»

Chegado a casa, Malvy falou duma das janelas aos seus admiradores.

Depois de exprimir o seu reconhecimento pela recepção que lhe fizeram, e comparado o seu regresso ao de Victor Hugo, á volta do exilio, disse:

«E agora meus amigos, á acção. Não entro em França apenas para me defender das odiosas calumnias de que fui victima e para acusar os meus detractores.

Entro para defender o ideal democratico, que foi sempre o meu e pedir a todos os republicanos que façam a união á volta deste programa».

A questão do Ruhr

Os comentarios á nota inglesa

LONDRES, 14 — O envio da nota inglesa á França e á Belgica reflectiu-se na bolsa. Os valores franceses baixaram.

Têm sido muito comentadas varias passagens da nota inglesa, entre outras aquelas em que se estabelece a diferença entre a actual ocupação do Ruhr pela França e a ocupação feita pela Alemanha de territorio francês em 1871, em que esta ocupação foi prevista pelos preliminares da paz. A França, depois da pequena campanha de 1870-71, poude facilmente pagar a sua indemnisação equivalente a 4 biliões de marcos-ouro, porque tinha facilidades de credito que a Alemanha actualmente não possue. A França diz que a Alemanha tinha sido ameaçada com a ocupação de territorios se não satisfizesse os compromissos. A nota diz que embora isso se fizesse, o caso é que se não podia apoiar nas clausulas do Tratado de Paz. Os aliados ameaçaram conjuntamente a Alemanha com a ocupação de territorio, como a podiam ter ameaçado com a renovação da guerra, por ela não cumprir certas obrigações do Tratado, mas que não tinham relações com as reparações.

A nota inglesa firmemente acentua que o governo inglês está resolvido a que a Alemanha pague conforme o maximo da sua capacidade o que deve e que não só a Inglaterra, mas ás outras nações aliadas têm direito a receber. Tambem na nota se afirma que o governo inglês apenas exigirá das largas importancias que lhe são devidas pelos seus aliados aquelas quantias que, juntas com o pagamento das reparações, possam pagar a divida de guerra inglesa que foi contraída nos Estados Unidos pela Inglaterra, unica e exclusivamente para auxiliar os seus aliados.

Isto significa que a Inglaterra está disposta a sacrificar grandes quantias de dinheiro no interesse da paz geral e de uma liquidação final das questões que perturbam a Europa e o mundo. Segundo os calculos feitos em Janeiro na conferencia aliada, a Inglaterra desistiria de 75 por cento das dividas aliadas. Tendo a capacidade alemã de pagamento diminuido pela ocupação do Ruhr, é claro que a soma exigida á França se aumentou automaticamente. A Inglaterra não faz reclamações pelas suas enormes perdas e despesas durante a guerra e que ela pagou e está pagando por meio de impostos mais pesados do que os de qualquer outra nação. A França diz que não abandonará o Ruhr até ao total do pagamento de 132 biliões por parte da Alemanha. Como todas as autoridades competentes, incluindo as francesas, reconhecem a impossibilidade de se pagar esta soma, aquela afirmação parece envolver da parte da França o designio de ocupar aqueles territorios perpetuamente. Atendendo a que esse designio era cheio de enormes perigos, a nota inglesa diz que a França não se poderia conciliar com a opinião mundial para a manutenção indefinida de uma situação complicada e que, portanto, a questão tem de ser resolvida de outra forma. — (R).

A Alemanha suspende a entrega de reparações

LONDRES, 14 — Depois da publicação da nota inglesa, o governo alemão resolveu suspender todas as entregas de reparações em generos a todos os aliados. Esta decisão foi anunciada em Berlim algumas hôras depois da publicação da nota. — (R.).

O sr. Poincare mostra-se apreensivo

LONDRES, 14 — O correspondente do «Daily Mail», em Berlim, diz que o dr. Stresemann, que sucedeu ao sr. Cuno no governo, continuará a politica de resistencia passiva na região do Ruhr. Segundo informações de Paris, o sr. Poincaré está mais preocupado com os acontecimentos da Alemanha do que com a nota inglesa, a que responderá no fim da semana, demonstrando a legalidade da ocupação. — (R.).

ULTIMA HORA

O MOMENTO FINANCEIRO

O dia de hoje

decorreu sem incidentes, mantendo-se a duvida sobre o aumento da circulação fiduciaria

A posse do novo ministro das Finanças e as declarações produsidas nesse acto

Hoje tudo andou á volta da posse do novo ministro das Finanças.

Eram esperadas com anciedade as declarações do novo titular que teimava em se manter silencioso para os jornalistas pouco mais lhes dando do que a esperança de futuras e curiosas revelações.

Os centros de informação apareceram quasi desertos portanto. Nem gente de finança, nem gente de politica. Nem sequer aqueles simples curiosos da Arcada que ainda costumam usar, como arma de ataque, uma informaçãosinha para engodar a curiosidade do jornalista.

Devemos dizer, desde já, que as palavras do sr. Velhinho Correia não corresponderam de maneira alguma ao que se esperava.

As afirmações rasgadas, abertas, terminantes que o paiz aguardava anciosamente, não chegaram a produzir-se. E' essa ainda portanto, a espectativa.

Alem de que o sr. Victorino Guimarães tambem nada disse de extraordinario, limitando-se aos cumprimentos de estilo e desejando ao seu sucessor aquela boa sorte que ele não conseguiu lograr.

Nada de positivo portanto. A politica deu hoje leis. Mas como acontece sempre que é a politica a ditar leis, toda a gente ficou convencida de que essas leis se não cumprirão. Palavras de politicos apenas.

Esperemos agora pelos factos. E confiemos em que eles correspondam á boa vontade dos que falaram e disseram de sua justiça.

* * *

Pelos Capelistas muito pouca animação dir-se-hia que um vento de desanimo soprara a rua dos endinheirados da nossa terra.

Estendido por ela continuava um ponto de interrogação enorme, impressionante que, dir-se-hia, vai alastrar por todo o paiz: o governo aumenta ou não a circulação fiduciaria?

As nossas informações ontem trazidas a publico não sofreram qualquer especie de desmentido. Manteem-se integralmente e infelizmente.

A luta continua latente. Estabeleceu-se um pequeno parentesis de anciedade e de duvida. Ligeiro parentesis, em nossa opinião.

Apenas o preciso para que as influencias recomecem a fazer-se sentir, para que os conciliabulos novamente comecem, para que as pressões se exerçam ainda.

A representação da Caixa Geral dos Depositos que nós tornamos do dominio publico é esperada com anciedade não só pela opinião publica, mas ainda pelos centros ministeriaes. Supõe-se que ela sirva de argumento ao novo ministro das Finanças para que ele possa livremente exercer a sua actividade e proceder de acordo com os altos interesses da Patria e da Republica.

E' um argumento como outro não poderia desejar o sr. Velhinho Correia se realmente ele está animado do proposito de resistir á inflação que se procura efectivar.

Entretanto os boatos de uma proxima e grave crise bancaria voltaram a zumbir desesperadamente. Mais uma vez se citam nomes de casas que se reputam em perigo; e se disse de pessoas gradas, cuja situação se reputa comprometida.

Apenas boatos, porém. Embora boatos que podem amanhã sofrer uma tremenda confirmação.

* * *

A posse do sr. Velhinho Correia esteve excepcionalmente concorrida. Sobretudo por parte de correligionarios seus e de amigos pessoaes.

Notou-se a falta de elementos financeira alguns dos quais, não estando incompatibilisados com o regimen e com os seus representantes, costumam assistir ás solenidades desta especie.

Usou em primeiro logar da palavra o sr. Victorino Guimarães, ministro cessante, para afirmar toda a sua simpatia pelo amigo politico que lhe sucedia no desempenho de tão dificil e espinhosa tarefa. Explicou os motivos da sua saída filiando esta apenas na impossibilidade de cumprir um programa que de ante-mão havia traçado e a cuja execução se opuzeram obstaculos de toda a ordem.

Terminou desejando ao sr. Velhinho Correia aquele sucesso que não conseguiu e que se tornará indispensavel para a boa e regular marcha das coisas publicas portuguesas.

A sobriedade com que o sr. Vitorino Guimarães falou, depois do que se havia dito, causou certo espanto na parte rigorosamente politica do auditorio.

O chefe do Governo afirmou toda a sua amizade pelo ministro que saía, e toda a sua simpatia pelo ministro que entrava.

Do sr. Velhinho Correia disse esperar uma leal e franca colaboração, não desmentindo os seus creditos de republicano e de patriota.

«Fez o novo ministro, disse, declarações, a cuja responsabilidade não pode eximir-se. Essas declarações satisfazem-nos a todos nós. Pois, esperemos que o desempenho da missão que o paiz lhe confiou seja apenas a realisação dessas afirmações. E' o que nos basta».

Respondendo o sr. Velhinho Correia disse alguma coisa do que procuraria realisar.

Encontra-se hoje na direcção das finanças do paiz por uma questão de patriotismo e de disciplina partidaria. Não o animam outros intuitos que não sejam os de bem servir o seu paiz e o seu partido.

O Governo tem de ha muito traçada a sua linha de conducta em materia de finanças. Essa linha hade ser inexoravelmente seguida, para que se não diga que os homens publicos da nossa terra são faceis na transigencia ou no favor.

«Irei até ao fim, declarou com energia, na execução do um plano com o qual estou absolutamente de acordo. Aquilo que o meu antecessor não conseguiu fazer, procurarei eu consegui-lo. Sei já que vou encontrar muitas dificuldades no meu caminho, mas a função do homem publico é exactamente a de saber vencer dificuldades sempre que elas se lhe deparam».

Terminou pedindo a colaboração de todos os seus correligionarios e de todos os funcionarios do seu ministerio.

Em nome destes, e para terminar a ceremonia da posse, falou o director geral da Fazenda Publica.

Começou por assegurar ao novo ministro a colaboração sincera e leal de todos os seus subordinados. Ele proprio ali não era o politico mas sim o funcionario que obedece e acata.

A certa altura do seu discurso, porem o sr. dr. Alberto Xavier referiu-se em termos violentos a um subordinado seu, com quem teve ha tempos um conflito, manifestando-se nessa altura com palavras de reprovação grande parte da assistencia pelo que o sr. dr. Alberto Xavier deu por findas as suas declarações que desagradaram profundamente ao pessoal do ministerio.

Os navios do T. M. E.

A firma Soloan A. Jackson, de Glayow, apresentou uma proposta ao sr. ministro da Marinha para a aquisição do vapor «India» da fronta mercante do Estado.

O 19 de Outubro

O Supremo Tribunal Militar negou provimento no mesmo apresentado pelo guarda marinha Beijamim Pereira, a proposta da sentença de um ano de prisão correcional que lhe foi imposta pelo Tribunal Mixto Territorial e da Marinha.

Os que morrem

Realisou-se hoje o funeral do sr. Antonio José Pereira de Melo

Como ontem anunciamos, efectuou-se hoje o funeral do director do Banco Comercial de Lisboa sr. Antonio José Pereira de Melo. O funeral foi religioso, sendo o feretro acompanhado pelo prior das Mercês. Entre a numerosa assistencia lembramo-nos de ter visto os srs. Henrique Pereira Taveira, Abreu Loureiro, Azevedo de Almeida, José Geraldes Queiroz, dr. Mario Tavares de Carvalho, Francisco Barrelo, Oliveira Soares, José Maria Valente, Alberto Macieira, Moisés Amzalak, Fernando Ferreira Pinto Basto, Adolfo Eugestrom, D. Francisco Mendia, 1.º tenente Antonio Alves, Izidoro Vaz, John Henry Scarlott, Manoel Marques Lopes de Carvalho, Rola Pereira, engenheiro Castro Tavora, Alberto Marques. Dirigiram funeral os srs. Oliveira Soares, Pedro Montural, Eduardo Valdez Pinto da Cunha

O novo ministro da Agricultura

Tomou hoje posse, fazendo varias declarações

No respectivo gabinete realisou-se hoje a posse do novo ministro da agricultura, sr. dr. Joaquim Ribeiro.

Segundo a praxe, usou em primeiro logar da palavra o ministro cessante, sr. Fontoura da Costa, que declarou conhecer as grandes deficuldades com que ia arcar o seu sucessor e que ele não poude solucionar, mau grado seu.

Pode dizer-se que a função do ministro da agricultura se reduz á politica cerealifera; mas essa, neste momento, reveste uma particular gravidade.

Fora dela, a função ministerial está reduzida a mero expediente, embora um paiz como o nosso a acção daquele ministerio devesse ter uma latitude consideravelmente maior, impondo-se por consequencia, a sua imediata reorganisação, na qual as grandes faculdades de trabalho e inteligencia do novo ministro podem prestar á agricultura, em especial, e ao país valosissimos serviços.

Falou em seguida o sr. Antonio Maria da Silva. Evocou com a leal cooperação e excelente camaradagem que em outras emergencias lhe prestou o sr. dr. Joaquim Ribeiro.

O profundo conhocimento que o ilustre parlamentar tem revelado da politica cerealifera e a circunstancia de já ter sobraçado com brilho a pasta da Agricultura, indicavam-no para suceder ao sr. Fontoura da Costa.

Felicitava-se, pois, por tel-o como companheiro nestas horas de dificuldades que a sua energia, patriotismo e inteligencia superariam com utilidade para a Patria e para a Republica.

O sr. dr. João Luiz Ricardo, seguindo-se na ordem dos oradores, felicitou o Ministerio e o paiz pela escolha do novo ministro.

O caso do pão politico tem no sr. dr. Joaquim Ribeiro um adversario para considerar. As suas ideias sobre as relações da moagem com o Estado são por demais claras para não darem logar a duvidas. A moagem é hoje incontestávelmente uma industria parasitaria do Estado e é preciso que deixe de sê-lo. Irá o pão encarecer por virtude da nova politica cerealifera? Como quer que seja, é necessario livrar o Estado de encargos que pesam como chumbo sobre a sua economia, sem proveito da Nação, porque só têm interessado á riqueza dos potentados dessa industria.

Outro assunto a ponderar é o decreto sobre lucros ilicitos, que só tem servido para agravar os comerciantes honestos, deixando em plena liberdade todas as grandes especulações criminosas.

Referiu-se, por fim, ao Comissariado dos Abastecimentos. Tem a certeza da absoluta honorabilidade do actual comissario, paralela da convicção de que aquela repartição do Estado não corresponde aos intuitos para que foi cread.

Ou se reforma ou se suprime. E terminou confiando na acção e no patriotismo do novo ministro.

As afirmações do novo ministro

Falou por ultimo, o dr. Joaquim Ribeiro. Vem de ha muito sustentando uma energica campanha no Parlamento e na imprensa contra a politica cerealifera até agora seguida.

Chamado a executar o que nela preconisou, não se podia recusar. Aceitou, portanto, a pasta que lho ofereceram.

O seu programa essencialmente reduz-se, por agora, a esta coisa que executará através de tudo: supressão das relações entre o Estado e a moagem. A moagem é uma industria como qualquer outra e florescente como poucas. Resolva os seus problemas dentro dos recursos legitimos que se lhe oferecerem.

Ha o receio de que as diferentes moagens se concluam em detrimento dos interesses nacionaes?

São antagonicos, e portanto irreconciliaveis, os interesses dessa industria. Necessariamente da sua concorrencia só póde resultar beneficios para o paiz.

Sobretudo, o Estado ficará livre desse encargo tremendo, que são os 10 mil contos com que magnanimamente alimenta a riqueza dos especuladores do pão.

Outros problemas se impõem urgentemente. O paiz não lucta apenas com uma grave crise financeira. A crise economica não é menos para reflectir.

Para resolver uma e outra carecemos de realisar obras de intenso fomento. Portugal é um pais riquissimo de sol, de actividade agricola, e não lhe faltam dedicações competentes.

E' preciso chama-las á reorganisação da riqueza nacional, tentando os grandes empreendimentos hidraulicos, sobretudo.

O estado do paiz é grave, mas não é desalentador. A solução está em produzir muito e bem.

Resta que a sua politica não venha estorvar os intuitos dos que pretendem patrioticamente engrandecer o paiz...

O sr. dr. Joaquim Ribeiro foi, no fim, abraçado por quasi todos os circunstantes.

POR ESSA LISBOA

Os sucessos de hoje

Os bombistas

No Governo Civil estiveram ao fim da tarde afim de prestarem declarações os bombistas Isequiel Seigo e Manuel Tavares Adão os quais solicitaram da policia para serem novamente ouvidos, tendo fornecido esclarecimentos importantissimos e de grande valor para as investigações guardando a policia sobre o caso o maior segredo.

O Seigo é um dos implicados no atentado do Largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social e de varios atentados contra as barbearias e o Adão autor de atentados contra padarias e contra o sr. Pires, funcionario superior da Companhia Industrial de Portugal e Colonias.

Buscas domiciliarias

Os agentes Ramos e Soares em serviço na policia de Segurança do Estado passaram busca hoje de manhã a uma casa para os lados de Campo de Ourique não tendo essa diligencia dado qualquer resultado. Estava indicada outra busca á residencia de um individuo muito conhecido a qual não poude ser levada a efeito por esse individuo se ter ausentado de Lisboa e a sua casa estar actualmente deshabitada.

Nisto se resumem as buscas domiciliarias anunciadas pelos jornaes da manhã.

Efeitos das brincadeiras

O empregado comercial Antonio da Silva, rua de D. Pedro V, 18, 4.° andava de brincadeira a noite passada com dois amigos na rua Nova da Trindade quando foi de encontro a um dos crystaes que reveste a frontaria da ourivesaria Leitão & Irmão, partindo-o e causando um prejuizo no valor de 3.00 escudos. O Silva foi preso devendo ser amanhã remetido para juizo tendo-se evadido os referidos amigos.

Para evitar abusos

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca que está na ausencia do sr. dr. Paulo Menano dirigindo os serviços de investigação determinou que a respectiva policia, de futuro, não tome conta de causas civeis e comerciais, nem de crimes particulares taes como:

Insultos, calunias, difamações, injurias, etc. Todas essas causas serão tratadas pelos tribunaes competentes e nunca pela policia de investigação.

A falta de carvão

O espectaculo doloroso das «bichas»

Continuou hoje a sentir-se em toda a cidade a falta de carvão, estendendo-se á porta de algumas carvoarias enormes «bichas». Na rua de S. José o mulherio seguiu um camião com carvão, estabelecendo-se uma «bicha» até junto do edificio dos correios, tendo-se esgotado o carregamento sem que metade daquela pobre gente fosse servida, o que ocasionou varios protestos.

Na rua de S. Boaventura foi precisa a intervenção da policia para manter na ordem os desgraçados consumidores, que se estendiam pela rua da Rosa.

AGUA! AGUA!

As bases do novo contrato entre a Camara e a Companhia

Enquanto o diploma se estuda, o publico quasi morre á sede

Todos sabemos, por experiencia, quanto o abastecimento de agua na cidade deixa a desejar, sobretudo nas horas calmosas do verão.

Ora, para conseguir uma possivel e pratica solução do assunto, acaba a comissão Executiva da vereação de Lisboa de estudar as bases de um contracto a realizar com a Companhia das Aguas.

E' esse estudo, esse exame que vamos sintetisar nalgumas linhas, bosquejadas por informação de pessoa representativa da edilidade lisbonense.

As bases do projecto de contracto, aprovado no Parlamento em 1921, já as gazetas se referiram por varias vezes. No entanto, para recordar, resumimos aqui algumas das mais dignas de nota.

* * *

Na primeira, importantissima, a que a companhia se obrigará, consigna-se: a duplicação dos sifões do canal do Alviela, e a introduzir neste, durante o seu periodo de estiagem, as aguas do rio Otta, etc., e outras disposições, contendo a enumeração das obras que, conjugadas harmonicamente, hão de produzir os resultados pretendidos, isto é, suprir as deficiencias na alimentação da cidade durante um periodo suficientemente lato para que possam estabilizar-se as condições economicas do país e encetarem-se então as obras complementares de maior alcance.

Mais se obriga a companhia a montar uma nova estação central de energia elevadora, obras essas que serão executadas no prazo maximo de quatro anos, sendo o Governo autorizado a facilitar a operação financeira necessaria.

Uma outra base refere-se á liquidação da actual divida do Municipio á companhia, por excesso de consumo. Para isso, será calculada uma anuidade á taxa de 6 por cento, de forma que aquele debito, sem juros de mora, fique saldado no prazo de 25 anos.

As restantes obras propostas são o complemento indispensavel para se poder captar, conduzir, elevar, amarzenar e distribuir um volume de agua superior ao actual, aperfeiçoando os respectivos serviços.

Desde a entrada das aguas do Alviela, ha cerca de 43 anos que se não introduzem novas aguas na cidade e, todavia o alargamento da sua area, a construção de mais edificios, o aumento da população, a criação de numerosos estabelecimentos industriais e ainda o emprego mais profundo dos preceitos higienicos exigem hoje um consumo de agua muito superior ao daquela epoca.

Este projecto geral prevê ainda a criação de um deposito de reserva de grande capacidade proximo do aqueduto das Aguas Livres, com cota suficiente para abastecer todas as zonas da cidade, bem como novos depositos para as distribuições especiais de cada zona na Penha de França, rua da Veronica e Alto de Santo Amaro.

O grande deposito foi calculado pelo Parlamento para 400.000 metros cubicos.

Pretende a Camara, em resumo, dizer-nos:

Que o abastecimento da agua ficará melhorado de forma a suprir as necessidades do consumo por um periodo que irá até 26 ou 30 anos; Que o Estado receberá gratuitamente a agua que consumir; Que a Camara Municipal obterá a agua gratuitamente, liquidará sem onus as suas dividas e ainda beneficiará em certos casos do acrescimo de rendimento da venda de agua; Que o interesses dos consumidores ficarão devidamente acautelados na fixação do preço da agua; Que a Companhia tambem fica com uma remuneração aceitavel para o seu capital.

* * *

Isto estará certo e poderá trazer excelentes beneficios. Nós, porém, em nome do publico que continua sem agua, pedimos ou a imediata realisação do que fica posto ou a adopção de outra qualquer medida no mesmo sentido—porque o publico, repetimos, continua sem agua, e é isso o que mais lhe interessa...

TEATRO

Nota do dia

La Goya.

A famosa «tonadillera» espanhola, que Afonso XIII agraciou e fez cantar na galeria do Palacio do Oriente, está em Lisboa e aparece hoje no palco do S. Luiz, após um reclame especulativo e improprio.

A elegantissima flôr de raça foi a criadora do moderno ballado espanhol estilisado, e a ela deve a Espanha o prestigio das suas danças regionais, que tanto tinha descaido nas exibições sordidas do café concerto.

Julgo que uma criatura do valor de «La Goya» e um pintor que lhe fizesse o «décor», como creio que Zuloaga fez a esta estrela, poderiam fazer do nosso fado, das nossas lindas danças regionais uma estilização tambem com certo interesse.

E' preciso não confundir o verdadeiro pitoresco de Portugal com o «Portugal á moda do Minho», donde saiu essa exibição de postal ilustrado, com tricanas e estudantes, que me consta ser a «troupe» Portugalia.

O HOMEM QUE PASSA

Reclames

MARIA VICTORIA

Todas as noites são aplaudidos e bisados varios numeros do «Fado Corrido», revista que possue todos os requisitos para agradar aos mais exigentes e que está em scena nos teatros Maria Victoria e S. Luiz.

O «Fado Corrido» é um autentico e grandioso exito dos mais completos e brilhantes que se registam nos ultimos tempos, nos nossos teatros.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Casa em ordem».
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars».
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«A ventoinha».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALAO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

CINEMA

O que se faz lá fóra

O sr. Briand é um apaixonado do cinema. Ha dias, assistia a uma sessão, quando a sua imagem apareceu no «ecran». Depois de examinar-se atentamente com tanta curiosidade como bom humor, voltou-se para o amigo que o acompanhava e murmurou:

— Nunca supuz que era tão fotogenico. Se tivesse menos quarenta anos, deixaria a politica para me dedicar ao cinema.

— O prefeito do Var é um acerrimo inimigo do animatografo. Tendo o director de um cinema da região projectado um film extraido da obra de Clemenceau «Os mais fortes», o «Pae da Victoria», que é senador pelo Vaz, recusou-se durante o tempo em que esteve no governo a auctorisar a marcha do processo. Sucede, porém, que o prefeito não desistiu, tendo o tribunal condenado agora o director do cinema a uma pesada multa pela exibição de um film perigoso para a ordem publica e para a moral...

—Os juises encarregados da instruçar de um processo de «escroquerie» em que 5000 habitantes de Nova-York deixaram 25 milhões de dollars, aprenderam um film de que os escrocs se serviam para atrair a sua clientela.

Este film representa a vida do chefe do bando e era projectado em varios pontos da cidade ou dos arredores, gratuitamente. No final do espectaculo, os espectadores eram obrigados a entregar todo o dinheiro que levavam consigo, sob pena de castigos severos.

— Os juises pronunciaram o seu veredictum sobre o casamento de Rudolph Valentino com Natacha Rambova que déra origem a numerosos e ruidosos processos. Valentino que se encontra no hospital, com alarmantes ataques de nervos, está difinitivamente casado... a não ser que se divorcie novamente.

— Causou sensação em Los Angeles a noticia do casamento secreto de Laura-Jane Canfield, filha do rei do petroleo, com o conhecido artista de cinema Jack William Votim, que foi um grande heroe do exercito inglês durante a guerra.

A mãe da pequena opunha-se ao casamento com o artista do cinema, que confessou não saber que ela era milionaria. Por fim tudo se concertou, encontrando-se os noivos em plena lua de mel.

—Em um film recente, intitulado «As luzes de Londres», um operador conseguiu tirar numerosas vistas nocturnas da grande cidade. Tiradas do alto da celebre Torre, são, ao que dizem os jornais londrinos, verdadeiras maravilhas.

OS DRAMAS DA GENTE RUSSA

O que tem sido a vida da princesa Manoff

UMA BAILARINA QUE FOI DAMA DA IMPERATRIZ DE TODAS AS RUSSIAS

SAN SEBASTIAN, 10—Aqui perdido, só, entre espanhois e franceses resolvi fazer-me «reporter» e aproveitar a estada no hotel em que me encontro de uma interessante figura de mulher para tentar a minha estreia.

E' a princesa Manoff, mulher estranha e elegantissima, que sendo hoje uma bailarina como tantas outras, teve ainda ha ponucos anos um logar de destaque na faustosa corte dos czares de todas as Russias.

Como se fês princesa

Quando nos fizemos anunciar, a princesa recebeu-nos na ampla varanda do hotel, em frente ao mar, estendendo-nos as mãos brancas cobertas de joias. Mas não queria falar, fugindo a recordações pouco agradaveis.

Insistimos e ela, então, foi-nos contando:—Sou romena de nascimento. Gostando de dançar desde pequena, frequentei em Petrogrado a Escola Real de Dança, mantida pelo czar, distinguindo-me desde logo e chegando a ser considerada uma grande bailarina. Estreei-me na opera e ali travei conhecimento com um capitão da guarda imperial, que se enamorou de mim.

Quando soube que era o principe Manoff, quis pôr termo ao nosso idilio, mas, porque o amava deveras, não queria que por minha causa ele caísse no desagrado do czar. Parti para Bucarest, mas ele seguiu-me. Ali casámos e eu recebi o titulo de princesa.

«O czar chamou meu marido e dentro em pouco eu estava nomeada dama da czarina, de quem fui muito amiga e de quem tenho ainda hoje grandes saudades.

— E' certo que a czarina era amiga de Rasgustine?—interroguei a medo.

— E' falso, absolutamente falso! — retorquiu a princeza. — A czarina adorava o filho, que estava muito doente. Os esforços dos medicos eram vãos. Alguem apontou á czarina o «pope» Rasgustine, que foi chamado. Daqui derivaram os boatos que correram mundo.

A guerra trouxe a viuvez e a miseria

«Um dia—proseguiu, numa voz triste, a princesa bailarina—meu marido e eu partimos para a Italia. Comprámos uma «villa» em Florença e ali passei os dias mais felizes da minha vida.

«Mas a guerra estalou, a Russia decretou a mobilisação e meu marido partiu, quando a promessa de um filho era a confirmação da nossa felicidade. Passei dias de extraordinaria. Uma tarde—já o nosso filho tinha nascido—o czar mandou-me um telegrama, em que dizia: «O principe Manoff morreu pela Russia.»

«Vivi bastante tempo em Florença consagrada a meu filho, mas a revolução russa veio, caíu a monarquia e a fortuna de meu marido desapareceu. Estava na miseria. Quiz vender a «villa», mas davam-me apenas uns milhares de francos, que para pouco me chegariam.

— Foi então...

— Foi então que me lembrei da minha antiga profissão, do tempo em que dançava nos teatros, ganhando aplausos e montões de oiro, e tornei a ser bailarina. A America é uma mulher prodiga, pagando bem a quem a diverte. A princesa Manoff, indigente, foi coberta de oiro. Nos Estados Unidos, em Buenos Aires, no Mexico, tive grandes contractos, como os tive no Egito e na India inglesa.

«Tornei a ter dinheiro, vestidos, joias, toda a vida de explendor que eu queria que se mantivesse só por causa do meu filho.

Um casamento infeliz — O rapto do indio

— Mas não pensou nunca em tornar a casar?

— Pensei, infelizmente. Dançava eu em Londres, quando conheci um aristocrata francês, que me diziam ser muito rico e estar apaixonado por mim. Pediu-me em casamento. Casámos. Verifiquei, então, que se tratava de um aventureiro e divorciei-me.

— E não pensou mais em casar?

— Deus me livre! O amor sem peias é o amor ideal.

— Gostou da India, das suas sumptuosidades? Das suas riquezas?

— Gostei. Mas tive lá uma aventura, que me aterrorizou. Conheci em Florença um principe indio, que quiz ser meu marido ou meu amante. Recusei. Magoado, talvez, desapareceu. Mas eu tinha de seguir para Bombaim, a cumprir um excelente contracto. Ao segundo dia de travessia, encontrei na coberta o principe indio, que durante a viagem foi correctissimo. Uma vez em Bombaim, convidou-me para uma caçada ao tigre, o que me seduziu. Fui, mas por um presentimento estranho, avisei as autoridades.

«Quando estavamos em plena selva, um bando de criados raptou-me violentamente e encerrou-me numa casa de campo. Estive ali oito dias sequestrada, valendo-me as autoridades, que me procuravam, em virtude da minha ausencia.

A princesa calou-se. O seu olhar claro e profundo perdeu-se, mergulhou no espelho azul das aguas da baía. E, como se voltasse a si de um sôno demorado:

— Quantos anos vividos em tão pouco tempo!...— murmurou.

A. J. R.

OS PARTIDOS

Reunião do P. R. R.

Na sua sessão de hontem, a Comissão Politica do Lumiar resolveu apreciar novas adesões na freguesia e demonstrar a sua simpatia ao seu correlegionario alferes Manoel dos Santos Pimenta, ha dias victima de uma injusta campanha. Resolveu ainda fazer-se representar por dois dos seus membros no almoço em homenagem ao major Sr. Filipe de Sousa, pelo seu regresso de Angra do Heroismo.

— Tambem a Comissão Politica de Camões, resolveu sancionar a adesão ao Partido do sr. Armando Borges d'Avila, jornalista em Angra do Heroismo e agregá-lo á mesma comissão. Resolveu ainda fazer-se representar no almoço de homenagem ao major Filipe de Sousa pelo seu regresso de Angra de Heroismo.

Reuniu ontem a comissão politica de Carnide tomando conhecimento de novas adesões. Resolveu ainda fazer-se representar pelo seu presidente, no almoço de homenagem ao major sr. Filipe de Sousa e enviar uma saudação ao capitão-tenente Francisco Luiz Ramos e coronel Taveira que se encontram em Elvas.

— A direcção e a comissão politica do Centro do P. R. P. oferece ámanhã um almoço ao seu correligionario do Porto sr. dr. Artur da Silva Lino.

— A Juventude Republicana Sidonista vai realisar em varios pontos do paiz sessões de propaganda, tendo estado em Lisboa a ocupar-se do assunto varios delegados de Setubal.

— Nas zalas do Centro dr. Sidonio Pais realisa-se ámanhã, ás 21 horas, uma reunião conjuncta da direcção e da comissão politica.

Noticiario

Entre nós

Virá a Lisboa no proximo inverno a companhia italiana organisada e dirigida por Dario Nicodemi e que tanto exito tem alcançado na America do Sul. Dessa companhia faz parte a interessante artista Vera Sergine.

—A companhia Lucilia Simões-Erico Braga reaparece em 1 de outubro em S. Carlos, indo em janeiro ao Porto, Coimbra, Viana do Castelo, Braga e Evora, e em fevereiro ás ilhas, voltando na Pascoa ao Brasil, com Amelia Pereira, Maria Sampaio, Maria Lagoa, Maria Mesquita, Teodoro Santos, Almada, Mario Santos e Seixas Pereira. Entre outras peças representará «O abismo», de Alberto Navarro; «Salomé», do escritor brasileiro Renato Viana; «A Verdade», de João Lage, etc. Das peças estrangeiras montará «A vinha do Senhor» de Flers e Croisset, tradução de Paulo Osorio; «Gioconda», de d'Annunzio; «Fogueiras de S. João», «Hedda Gabler», os «Milagres de Santo Antonio» e a «Intrusa», de Meterlinck, traduzida por André Brun.

— Alda de Sousa fará parte da companhia Oscar Ribeiro, que funcionará na epoca de inverno no Nacional do Porto.

— O Ginasio, cujas obras proseguem activamente, reabrirá possivelmente em março, com o mesmo genero do velho teatro.

— Além dos concertos do S. Luís e do Politeama, com as orquestras dirigidas pelos maestros Blanch e Fão, teremos no proximo inverno os da «Filarmonica Portuguesa», do maestro Lacerda, em S. Carlos. Este ilustre professor fará representar ali a «Artesiana», de Daudet, com musica de Bizet. Rui Coelho dará tambem alguns concertos no Nacional.

Antonio Caldeira

Tem merecido os mais entusiasticos aplausos do publico do Eden o distincto artista Antonio Caldeira, que ali se exhibe numa serie de espectaculos. O nosso melhor baritono, que em França, na Belgica, na Alemanha e em outros paises alcançou verdadeiros sucessos, partirá em breve para as Americas do Norte e do Sul, para onde tem vantajosos contractos. Tendo desdenhado outros contractos de valia entre nós, não quiz deixar a sua terra sem se fazer ouvir pelos seus admiradores, motivo porque cantará oito noites no Eden-Teatro, onde, como dizemos, tem alcançado grande exito.

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

Poupa tempo dinheiro e roupa

ACH. BRITO - PORTO

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo cloreto e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga—conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregal-a entre as mãos quando haja sarros ou nodoas ruins de sahir porque, amolecidas já pela barrela, se desfazem rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—23, Rua de S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2540, uma empregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglês e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33—Rua do Sacramento á Lapa—29-33

TELEFONE C. 1884

NA RUA

imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-

recorrendo á

ILUMINADORA

— DA —

ESTEFANIA

— DE —

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77

Telefone N. 2168

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA:—R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894

PORTO:—R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço Regular entre a Metropole e Africa Ocidental e Oriental Portugueza

SAIDAS a 1 de cada mez para os portos da Africa Oriental (provincia de Moçambique) escalando Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes e Cape Town.

SAIDAS a 20 de cada mez para todos os portos da Africa Ocidental.

SERVIÇO REGULAR para Anvers, Hamburgo e Rotterdam onde os nossos navios recebem carga para Lisboa e Porto, e a frete directo para os portos das duas Costas de Africa.

A CARGA DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, em navios portugueses, gosam dum beneficio pautal.

FROTA DA COMPANHIA

MOCAMBIQUE 6536 ton. AFRICA 5515 ton. PEDRO GOMES 5417 BEIRA 4976
MOSSAMEDES 4977 ton. PORTUGAL 3998 ton. PENINSULAR 2740 ton.
LUABO 1435 ton. CHINDE 1070 ton. MANICA 1116 ton. IBO 835 ton.
BOLAMA 935 ton. ANBRIZ 858

Vapores só para carga: „ESTREMADURA" 3771 ton.; „DONDO" 3978 ton.
Rebocadores no Tejo: „TEJO", „CABINDA", „CONGO"

TODOS OS VAPORES desta Companhia teem frigorificos, luz eletrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. passageiros viagens rapidas e comodas

Escritorios da Companhia: LISBOA, Rua do Comercio, 85-Porto, R. da Nova Alfandega, 34

Agentes: — Anvers: Eiffe & Cie., Quai van Dyck, 10; HANBURGO: Diffe & Birgfeld, St. Pauli Landungsbrucken Brucke 4; ROTTERDAM: H. van Krieken, P. O. B. 662

TELEFONES: — Administração, C. 1527 — Chefe do Expediente, C. 1000 — Informações, C. 628 — Tesouraria e passagens, C. 2665 — Comissariado e Serviços medicos, C. 3202 — Engenheiros (Cais da Fundição), C. 3952, — Cais da Fundição, C. 2087 — Depositos e Armazens, C. 1012.

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida da Berne, M. H. B. Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM-Telefone-Sede e oficina, Norte-4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e pára-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITÃO, LIMITADA

Orçamentos gratis

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c.—(Telef. C. 5113)

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1913, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS & RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

BAIXA DE PREÇOS

Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que têm em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE

MOBILIAS

Grande sortimento para todos os preços

VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS

Ninguem compre sem confrontar estes preços e o belo acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da

100, Rua do Conde Redondo, 102

TELEFONE N.º 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta, em frente á paragem do electrico

TINTURARIA

— DO —

POVO

— DE —

José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa

121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens. Sempre ao melhor preço.

A. Pinheiro da Costa

Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1789

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservar de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:

ARTHUR BENARUS

Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º

LISBOA

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Tindade, 14

Consultas das 2 ás 5

TELEFON 4444E

AGUAS DE SABROSO

R. de S. Julião 67, Tel. C. 1996

Distribuição a domicilio

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonyma de responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 30.200.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real, Trez os-Montes e Vizeu.

FILIAIS NAS ILHAS—Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

FILIAES NAS COLONIAS

AFRICA OCIDENTAL—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Ingleza).

CHINA—Macau

TIMOR—Dilly.

FILIAES NO BRAZIL—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAES NA EUROPA—Londres 9, Bishopsgate E—Paris 8 Rue do Helder.

FILIAES NOS ESTADOS UNIDOS—New York 93 Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas adjacentes, Colonias, Brazil e restantes paizes estrangeiros.

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sèc (lavagem a secco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47-Lisboa-Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO

Luiz Alberto de Pinho

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4455-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quarta-feira, 15 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

A livre concorrencia da industria estabelecerá e fixará o preço do pão.

O aumento da circulação fiduciaria arrastará o cambio para a casa um.

Crise supréma

O momento actual é absolutamente decisivo.

Já falta pouco para que se saiba se Portugal está condenado a uma ruina inevitavel, ou para se ter a convicção de que se conseguiu suster a sua rapida desfilada para o abismo que essa ruina representa.

Hoje, a situação é clara. Finalmente, os acontecimentos estão em marcha e dentro em pouco chegarão á encruzilhada onde se bifurcam os nossos destinos.

Pára de vez a loucura da estampagem das notas, desvalorisando a nossa moeda?

Recomeça, pelo contrario, essa loucura, suicida, senão criminosa?

Toda a questão está na resposta a êste dilema.

Dilema categorico e que tanto pode abrir as portas do futuro, como descerrar as lapides do tumulo.

Os homens ainda tergiversam, ainda procuram iludir, sofismar, confundir.

Propositos vãos!

A resposta tem de ser: *sim* ou *não*.

Não se estampam mais notas?

Poderão sofrer com isso, não aumentando ainda mais as suas fabulosas fortunas, os especuladores de cambios. Mas o país salvar-se-ha.

Estampam-se mais notas para favorecer essa especulação insaciavel?

Então, é o caminho da Alemanha e a Patria está perdida.

Na Alemanha tambem ha especuladores tão infames como os de cá, verdadeiros monstros de face humana, que não pensam senão em levar a cifras assombrosas as suas fortunas feitas com a desgraça das infelizes nacionalidades a que pertencem.

A libra vale hoje mais de 28 milhões de marcos, e êsses insaciaveis exploradores tambem lá clamam, como os de cá, que ha falta de notas no mercado!

Pois na Alemanha já ha notas de 20 e 30 biliões de marcos, trabalham todas as tipografias na estampagem dessas notas, e ainda os especuladores querem mais papel cá para fora!

Que vesania e que malvadez!

Vêem o espectaculo da Alemanha?

Pois é o mesmo espectaculo que Portugal dará ao mundo, antes de um ano, se se estamparem mais notas para os especuladores que as reclamam.

O dilema está posto: ou o Governo satisfaz êsses especuladores, e será um autentico traidor á Patria, ou satisfará as reclamações do país inteiro, e desprezará êsses especuladores, que já não deviam erguer a voz senão do fundo das mais lobregas e justiceiras prisões do Estado.

Como se vê, a questão é simples, e por isso mesmo é bem simples tomar uma atitude, estando os campos tão profundamente diferenciados.

Pois bem! Nem mesmo entre os oito ou dez homens que compõem o Governo se consegue, sobre o assunto, uma perfeita homogeneidade de vistas.

Leram as declarações do novo ministro das Finanças, o sr. Velhinho Correia, e do presidente do Ministerio, o sr. Antonio Maria da Silva?

O sr. Velhinho Correia declara que reclamar o aumento da circulação fiduciaria é querer a ruina da Patria. Está certo. Todavia, logo a seguir, o novo titular da pasta das Finanças não duvida dar a entender que, surgindo determinadas eventualidades, não terá remedio senão autorizar esse aumento.

Mas que eventualidades podem ser essas, que levem um ministro da Republica a aceitar a ruina da Patria?!

E' extraordinario, e mais extraordinario ainda, porque o sr. Antonio Maria da Silva, interrogado sôbre o assunto, declarou que, em caso algum, *em caso algum!* o Governo autorizará uma nova inflacção fiduciaria.

Quem devemos acreditar? O ministro das Finanças, ou o presidente do Ministerio? E como é que se pode admitir que, numa questão destas, um e outro não se tenham posto préviamente de acôrdo?

A quem se quere enganar em tudo isto?

Não pode ser. E' preciso que o país saiba com que tem de contar. E não julgue ninguem, seja quem fôr, que pode deter a marcha dos acontecimentos.

A questão é de vida ou de morte. Ou o caminho da salvação, declarando guerra aos especuladores que nos trituram, ou então o caminho da Alemanha — que é o caminho da vergonha e da morte.

O país vai saber com quem pode contar.

A Alemanha e o governo

Declarações do novo chanceler

BERLIM, 15 — O novo governo apresentou-se hoje ao Parlamento, assistindo á sessão o embaixador inglês e o sr. Albert Thomas. O chanceler, que foi apupado pelos comunistas, afirmou que o gabinete actual não seria fraco e que trabalharia incansavelmente para, em união com o Parlamento, conseguir melhorar a situação da Alemanha. Para esse fim, solicitou o apoio de todas as forças parlamentares e extra-parlamentares, apelando tambem para o sentimento de justiça da Belgica e da França e para o seu bom senso, para que se consiga chegar a um entendimento.

Disse que a população do Ruhr desejava de novo trabalhar intensamente para ajudar a melhorar a situação da Alemanha, mas desejava trabalhar em liberdade. Acrescentou que a melhor politica externa seria uma derivada da ordem interna e que era necessario acreditar firmemente que para a Alemanha estão reservados melhores dias.

Do seu discurso depreende-se que a resistencia passiva no Ruhr continuará, pois que «a injustiça feita ao povo alemão vê-se claramente dos termos da nota inglesa á França». Stresemann acrescentou que essa resistencia tem as suas mais fundas raizes na firme convicção dos seus direitos.

Os tumultos em Hamburgo

HAMBURGO, 15 — Durante os ultimos tumultos nesta cidade foram mortos 4 individuos, incluindo dois policias, e ficaram muitos operarios gravemente feridos, assim como 18 policias.

Os pilotos do mar do Norte, do Elba, do Weser e do canal Kaiser Wilhelm, que estavam em gréve, voltaram ao trabalho. Continua a gréve geral dos arsenais e apenas um terço dos estivadores e do pessoal do porto trabalha. Nas visinhanças desta cidade, os comunistas conseguiram fazer parar varias manufacturas. — (R.).

Terminou a greve geral

BERLIM, 15 — O partido comunista ordenou aos operarios que regressem ao trabalho. — (R.).

Todos pedem...

A Companhia dos Electricos

O seu pedido de aumento de tarifas e as reclamações do pessoal

Como se sabe, a Companhia Carris pediu á Camara Municipal autorisação para augmentar mais uma vez — que não será a ultima — as tarifas dos electricos. A Carris acostumou-se a pedir e a ser atendida e, daí, estas exigencias periodicas, que vêem pesar consideravelmente na economia individual.

As tarifas actuaes são já elevadas. Com os aumentos agora pedidos, a gente que não é rica ver-se-á embaraçada para ocorrer a mais essa despesa, com que os seus fracos orçamentos não podem.

Pessoas que conhecem de perto o movimento da Carris dizem-nos que esta deve fazer diariamente uma recolha de 50.000$00 na venda de bilhetes, assim descriminada: 30.000 bilhetes de $25, 10.500$00; 45.000 de $40, 18.000$00; 18.000 de $50, 9.000$00; 8.000 de $60, 4.800$00, e 10.000 de $70, 7.000$00.

Metendo em conta o producto das assinaturas e a maior afluencia de passageiros aos domingos, a média estabelecida de cincoenta contos diarios não andará longe da verdade.

As reclamações do pessoal

Tendo o pessoal pedido aumento de salarios, alegando as dificuldades da vida presente, a Companhia comunicou-lhe que esse aumento não poderia ir além de 25 por cento dos salarios actuais. Para apreciar essa resposta, reuniu ontem á noite o pessoal.

As nossas informações dizem-nos que a oferta não foi bem recebida. Os empregados a quem falamos no assunto, responderam-nos que esse aumento em pouco os beneficia, pois os generos todos os dias sobem de preço e os salarios actuaes não chegam para fazer face a essa carestia.

— A Companhia — contaram — pretende aumentar as tarifas, dizendo que é para beneficiar a nossa situação. Mas o que é facto é que ela vai ficando sempre com a parte do leão.

Quando da ultima gréve, o sr. Cunha Leal autorisou a cobrança de uma sobretaxa de 5 centavos por bilhete, destinada unica e exclusivamente ao pessoal. Pois mal o sr. Cunha Leal caiu, logo a Companhia provocou nova gréve para conseguir o aumento que lhe desse margem a maiores lucros.

— Com o ultimo aumento de tarifas diminuiu o movimento?

— Antes pelo contrario: aumentou. Hoje a Companhia não tem carros parados, principalmente ás horas em que o operariado toma e larga o trabalho.

— E a classe reclamará mais do que a Companhia se propõe dar?

— Se a Camara auctorisar o aumento de tarifas, nós pediremos 50 por cento sobre os atuaes salarios.

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS
:-:-: LEITORES DA «CAPITAL» :-:-:

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

ROBERT BENSON

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, em que o notavel romancista ingles Robert Benson conta o que de mais curioso e pertubador ha nas relações do homem com o infinito.

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

A NOSSA CAMPANHA

OS ABUSOS DOS SENHORIOS

Toda a população aguarda anciosamente as providencias do Governo

Os senhorios continuam a praticar violencias de toda a ordem contra os inquilinos, citando-se todos os dias casos de novas arbitrariedades.

O sr. ministro da Justiça está elaborando o decreto que ha de esclarecer alguns pontos da lei, no intuito de evitar os abusos que á sombra dela se têm cometido.

Na «Capital» recebem-se quasi diariamente cartas de aplauso e incitamento á campanha que iniciámos e que tão bem acolhida tem sido, tendo-nos sido comunicado que até foram feitas tentativas para desviar de algumas repartições de finanças exemplares de arrendamentos, a fim de poderem ser aumentadas as respectivas rendas.

A furia dos senhorios chega ao ponto de mandarem destelhar os predios e demolir andares. Anteontem foi feita uma vistoria a uma casa da rua da Graça, 57, onde o senhorio cometera essa façanha, vendo-se os pobres inquilinos na necessidade de colocar encerados nos tectos, para não serem alagados, caso chovesse. Pois, apesar de embargada judicialmente a obra, o endiabrado senhorio ainda conseguiu destruir a pia de despejos e uma janela de sacada do primeiro andar. Os peritos deram por unanimidade o seu parecer contra o senhorio.

* * *

As juntas de freguesia do Porto, que têm tomado uma parte tão activa na campanha a favor da protecção aos inquilinos, enviaram ontem para Lisboa os seguintes telegramas:

«*Ex.mo sr. presidente do Ministerio.*—As juntas de freguesia são as entidades oficiais que estão mais em contacto com o povo. Os cidadãos que as constituem teem a consciencia dos seus atos e sabem as funções que exercem na sociedade. Os seus desejos são os do bem servir a Patria e a Republica. Nesta questão de inquilinato teem estado dentro da Verdade e da Justiça. Defenderam desde principio o projecto de lei do inquilinato em discussão no Senado, em virtude de ter merecido o voto unanime do ultimo Congresso realisado do maior partido Republicano. Foram correntes com a vontade expressa por uma forte corrente de opinião. Compete agora ao Poder Legislativo torna-la praticavel e consentanea com os legitimos direitos dos inquilinos e interesses dos senhorios de harmonia com a actual situação. Até que a nova lei seja um facto, as juntas de freguesia sentem a necessidade de v. ex.ª tomar medidas urgentes, a fim de se garantir a tranquilidade de senhorios e inquilinos. — *A comissão delegada das Juntas de Freguesia do Porto*».

«*Ex.mo sr. ministro da Justiça*—As Juntas de Freguesia chamam a atenção de v. ex.ª para os casos de rua registados diariamente pelos jornaes, por causa dos despejos intentados pelos senhorios e sobre-alugos.—*A comissão delegada das Juntas de Freguesia do Porto.*»

* * *

Foi mandado anular o processo de despejo intentado contra o general sr. Garcia Guerreiro pelo proprietario sr. Magalhães de Barros.

* * *

Em face dos abusos cometidos e das instantes reclamações da população, constantemente ameaçada de violencias por parte dos senhorios, é de esperar que o sr. ministro da Justiça não demore as providencias tendentes a tranquilizar o espirito publico.

As acções de despejo estão sendo intentadas a toda a pressa, a fim de os senhorios poderem fugir a quaisquer alterações que porventura venham a ser feitas.

Que o sr. dr. Abranches Ferrão não deixe de providenciar no sentido de inutilizar a esperteza dêsses individuos, que de tudo lançam mão para triunfar.

Adriano Julio Coelho

Foi eleito presidente da direção da Associação Comercial de Lisboa o nosso presado amigo sr. Adriano Julio Coelho, a quem sinceramente felicitamos pela homenagem que essa eleição representa.

Nas casas bancarias

AS NOSSAS ESTRADAS

Uma proposta inglesa

que pode ser interessante para Portugal

Recordando o que ha tempos propoz a conhecida Casa Shell

As nossas estradas são a vergonha da nossa cara. Não ha peores, não as ha em mais mau estado em parte nenhuma do mundo.

Existe, ao que nos consta, uma direcção geral da especialidade. A' sua frente encontra-se uma pessoa competentissima e distintissima, os seus funcionarios são pessoas cheias de merecimento e de relevo. Simplesmente não são os burocratas quem concerta e repara estradas. São os engenheiros e os cantoneiros, são os homens do traçado e os da enxada. E esses não os chamam, deixam que eles se entreguem ao exercicio de outras profissões para ganharem o sustento.

Quem tem de fazer uma viagem de automovel é que sabe o que lhe custam em estragos de corpo e dinheiro, as estradas portuguesas. Ha pontos de vista admiraveis por toda essa santa terra, bordada de paisagens singularmente encantadoras. Coisas que fariam um paiz de turismo onde houvesse boa vontade e inteligencia juntas no tratar da questão. Pois bem: ninguem visita essas localidades, ninguem as procura, ninguem quer saber delas. Porque são inacessiveis, porque são mal servidas, porque quem quizer chegar lá ha de receber antes disso a extrema unção.

Qual é o estrangeiro disposto a arriscar-se e a incomodar-se?

E assim continuaremos nós até que alguem com energia se resolva a remediar semelhante estado de coisas.

* * *

O sr. ministro do Comercio tem neste momento em suas mãos uma proposta para reparar as más estradas que possuimos e para fazer algumas das que carecemos.

Mais uma vez é o estrangeiro quem vem ao nosso encontro topando com um dos nossos lados máus e procurando remedia-lo. E procurando, naturalmente, em troca desse remedio compensações.

O sr. ministro do Comercio partiu porem ante-ontem para Arcos de Val de Val de Vez de onde só deve regressar no proximo sabado. Assim a proposta por estes dias está encalhada.

Encalhada, não dizemos bem. Porque a examinam neste momento varias pessoas de reconhecida competencia e probidade. Oficialmente umas, particularmente, outras.

E essas pessoas estudam a proposta inglesa atentamente, minuciosamente.

Para quê? Para verem se ha nela qualquer escapatoria por onde os interesses do Estado possam vir a ser prejudicados. E' legitimo que os poderes publicos assim procedam, acautelando os legitimos interesses do Estado.

Oxalá seja proveitoso o fruto deste labor.

A proposta mantem-se ainda a esta hora em segredo da pasta ministerial. Entretanto, não será inconveniente dizermos que se trata de empregar avultados capitaes britanicos por intermedio de uma casa que, embora não seja da especialidade, dá todas as garantias. O regimen adoptado nas obras será o de empreitada, devendo, britanicamente, o trabalho estar concluido dentro de um prazo de tempo relativamente curto.

Porque ainda não ha como os nossos aliados para fazerem bem, fazendo ao mesmo tempo depressa.

* * *

E a proposito. Foi em tempos entregue no ministerio do Comercio uma proposta provisoria da casa Shell tendo por fim reparar e construir estradas portuguesas. Essa proposta não foi, porem, por deante, ignoramos os motivos, embora representasse inegaveis vantagens para o paiz.

A casa Shell prontificava-se a realisar todos esses trabalhos, pedindo em troca determinadas concessões em materia de entrada de gazolinas e oleos no nosso paiz.

Trata-se, como se sabe, de uma das mais poderosas, se não a mais poderosa casa de oleos pesados e gasolina que existe em todo o mundo e que, gosando embora já hoje de uma reputação universal, deseja acreditar cada vez mais o seu nome. A proposta Shell não chegou, porem, a ser transformada em definitiva.

Possivel é que agora se estabeleça a concorrencia. Essa concorrencia para nós só poderá acarretar vantagens e beneficios, não apenas de naturesa particular, pelo que respeita a estradas, mas de ordem geral para a economia do paiz.

Uma explosão terrivel

200 mineiros soterrados

WYOMING, 15 — Deu-se uma explosão em uma mina, resultando ficarem sepultados 200 mineiros. — (H.)

O misterio da Casa da Faia

Segredos daquem e dalem tumulo revelados numa parede —Uma agonia presenciada a muitas leguas de distancia

— Ah! Ah!... Não vê?...

E' uma parede vulgar, calcárea, apresentando uma superficie cheia de manchas, informes á primeira vista, sem nexo e sem significação. Estamos em Val de Figueira, a umas poucas de leguas de Santarem, na casa senhoril da Faia. O seu proprietario, o sr. Nuno Infante da Camara, curiosa figura de fidalgo lavrador, que com seu irmão, o conhecido criador de gados Emilio Infante, divide a maior parte da propriedade territorial da região, de pé a nosso lado, espia com curiosidade a nossa perplexidade.

— Não vê?...

O jornalista aplicou melhor o olhar. Passa da meia noite. A luz de um candieiro, colocado por detraz de nós ilumina a parede brandamente e por igual. Ao lado do velho lavrador, seu filho mais novo, aguarda sem a menor impaciencia que os olhos obscurecidos do jornalista se embebam na claridade nevoenta que se difunde á superficie da parede.

— Ainda não... — confessámos num desanimo.

— Bem. Tome atenção.

Nuno Infante pegando numa cana alta, em guisa de ponteiro, traça na parede uma figura.

— Os olhos, não vê?... Aqui as barbas... Depois o corpo, não vê?...

Dir-se-ia que Nuno Infante acabara de rasgar um véu, afastando-lhe os farrapos com o ponteiro. Na parede, como num écran, acaba de surgir, perante o olhar atonito do jornalista, a figura austera de um velho profeta alquebrado, erguendo para o alto os olhos piedosos.

— Curioso acaso!... — pensamos.

A' memoria acorreu-nos o sem numero de coincidencias semelhantes, verificadas nas infinitas combinações de manchas e de sombras, desde os arabescos fantasticos dos muros antigos ao raiado caprichoso dos marmores das mezas dos cafés.

Porém a voz socegada do explicador interrompeu-nos a divagação:

— Viu? Pois vamos adeante.

A ponta da cana rodeia agora uma mancha clara, sobreposta á primeira figura.

— Aqui a fronte... aqui a boca...

— Ah! Lá está!... — fizemos expontaneamente.

De facto, do nebuloso claro-escuro da parede destaca-se completa na sua impressionante nitidez, a face veneranda de um ancião. Vêem-se-lhe em relevo todas as feições, reconhece-se-lhe mesmo uma fisionomia. Dir-se-hia que tem a pupila revirada e a face cataleptica, como á hora da morte.

O sr. Nuno Infante, identifica a misteriosa figura. E' a efigie de um seu amigo velho, o dr. Rojão, de Reguengos de Monsaraz. Foi ele o mais devotado impulsionador dos sindicatos agricolas da sua região. Era um santo homem, querido de toda a gente.

— Foi ali que eu o vi morrer...

Um forte movimento de surpreza do jornalista chamou a atenção de Nuno Infante para a estranheza da sua confissão. Então, pousando a um canto o improvisado ponteiro, disse melancolicamente:

— Vou contar-lhe.

* * *

Depois de um minuto de concentração, iniciou assim a sua narrativa:

— Ai, em frente desta parede, e com os pés voltados para ela, estavam duas camas, paralelamente, separadas por uma banquinha de cabeceira. A pessoa que se encontrava na cama do lado esquerdo dormia profundamente. Eu tinha acabado de me deitar na outra cama e preparava-me para apagar a luz que se encontrava sobre a banquinha, quando de repente me apareceu projectada na parede, uma figura imponente que me prendeu o olhar numa alucinação. Era ali, naquele ponto em que está a primeira figura que lhe mostrei. Não ficou lá mais do que o seu contorno, mas o que eu vi era um homem, de carne e osso, tão real e perfeitamente como o estou vendo ao senhor. Fiquei como fulminado incapaz do mais pequeno movimento. Entretanto, desvaneceu-se essa visão, e na parede surgiu como por encanto a face agonisante do meu querido dr. Rojão. Era ele, era ele absolutamente, e eu via-o expirar. Numa angustia impotente, exclamei no meu intimo: «Ai que o meu querido amigo morre». O quadro porém animava-se prodigiosamente. As imagens sucediam-se com rapidez. Rostos sorridentes, trechos de uma «soirée», uma dama tocando um velho cravo, outras decotadas, emfim uma visão alegre que se diria acompanhar a morte daquele justo. Mas não ficou por aqui a visão. Sobre o écran fantastico apareceu outra série de imagens. Novas caras conhecidas, entre as quaes a do falecido Carlos Relvas, de quem eu fôra muito amigo. Depois sucessivas scenas angustiosas, cavalos e cavaleiros caindo em precipicios, derrocadas, um pavoroso cataclismo de imagens, coisas de pesadelo que me manietavam numa brutal paralisia de terror. Vi a minha propria sombra esbracejar contra uma indefinida imagem branca. Por fim um jardim deserto e silencioso, de admiravel beleza e de infinita vastidão. Avassalou-me o desejo de viver ali, numa grande aspiração de paz. Adormeci.

Calou-se por um momento. O jornalista que ouvira a narração impassivelmente, encontrára já a explicação do caso. Aquele homem, cuja vivacidade de inteligencia, cuja firmeza de raciocinio o jornalista havia apreciado em algumas horas de convivio, fôra afinal victima de uma ilusão vulgar. No momento de se dispor a dormir, naquele estado de sonolencia, em que se deformam as frases que se lêem, as palavras que se ouvem, as coisas que se vêem, os olhos de Nuno Infante cairam sobre as manchas casuaes da parede. A sua imaginação, alterando essas figuras vagas, entrou num sonho, meio lucido meio inconsciente, em que vieram tomar parte, sucedendo-se kaleidoscopicamente as imagens familiares do sonhador.

Mas Nuno Infante prosseguiu com voz pausada:

— No dia seguinte ao acordar, fitei a parede anciosamente. O papel que até então a forrava havia caido!... Nas manchas da superficie reconheci, como numa placa fotografica, a maior parte das imagens da minha visão. Lá estava a face agonisante do dr. Rojão. Chamei os meus filhos, contei-lhes o que me havia sucedido, apontei-lhes as figuras da parede. Depois, numa grande aflição, mandei um deles saber do meu velho amigo. A resposta veiu breve, concisa, fatal:

Aviação

O sr. Santos Leite partiu para Castro Marim

Pelas 8,15 descolou hoje do parque de Alverca para Castro Marim, no Algarve, tripulando um «Breguet», o distinto piloto sr. capitão Santos Leite, que levava como observadores os srs. tenente medico sr. dr. Sabido Costa e tenente Fernandes. Devem regressar amanhã á tarde a Alverca.

O sr. Santos Leite quiz ter a gentilesa de levar no seu aparelho, a fim de serem distribuidos em Castro Marim, alguns exemplares do numero de hontem da «Capital».

De Tancos a Sevilha

Tambem hoje sairam de Tancos, tripulando um «Spad», em direcção a Badajoz, os aviadores srs. capitão Ribeiro da Fonseca e tenente Dias Leite. D'ali seguirão para Sevilha, a convite do Ayuntamiento daquela cidade espanhola.

O problema dos Estreitos

ROMA, 15.— O chefe da delegação russa, Jordanski, assinou o convenio relativo aos Estreitos, que foi concluido na conferencia de Lausanne.—(H)

Dr. Julio Dantas

Chegou hoje, de regresso do Brasil, o eminente escritor sr. dr. Julio Dantas, que era esperado por muitos amigos pessoais e politicos. Acompanhava-o o seu secretario, sr. Jaime Silva.

Sabemos que o sr. dr. Julio Dantas viu coroada do melhor exito a sua missão.

As gréves na Inglaterra

LONDRES, 16—Voltaram ao trabalho dois mil trabalhadores das docas de Londres.—H:

Provedoria da Assistencia

O sr. Fausto de Figueiredo toma posse no proximo dia 20 do logar de provedor da Assistencia Publica de Lisboa.

Sanatorios portuguezes

Almoço de homenagem

Ao sr. dr. Artur da Silva Lino, advogado e notario no Porto e membro do Directorio do P. R. R. com o qual veio a Lisboa conferenciar, oferecem hoje a direcção e comissões politicas do Centro Republicano Radical 19 de Outubro um almoço de homenagem pela fórma como aquele politico tem pugnado, em comicios da capital do Norte, pela defesa das classes trabalhadoras, sobretudo em que respeita á questão do inquilinato.

A Egreja e a moda

O sr. Patriarca de Lisboa vai enviar uma pastoral a todos os parocos recomendando-lhes que façam entre os fieis a mais activa propaganda no sentido de levar as senhoras catolicas a apparecerem nas ruas mais discretamente vestidas.

ULTIMA HORA

Desordens na Alemanha

Continua a agitação, havendo mortos e feridos

BERLIM, 15—Deu-se novo conflito entre a policia e os manifestantes das localidades proximas a Hamburgo havendo tres mortos e nove feridos. Em Leipzig os operarios municipais declararam-se em gréve, tendo a noite passada a cidade ficado sem iluminação electrica.

Em Berlim houve lucta entre os grevistas e a policia

BERLIM, 15—Em varios pontos da cidade houve luta entre os grevistas e a policia. Com o fim de impedirem que recomeçasse o trafego do metropolitano e dos tramways, os comunistas tentaram apoderar-se das estações do metro, mas a policia fez fogo sobre eles e feriu gravemente uns 20. Cêrca de manhã a policia fez 130 prisões, a maior parte das quais foram mantidas.

A gréve geral malogrou-se e, por isso, os comunistas resolveram ordenar o regresso ao trabalho.—(H.)

Scena de pugilato

Entre os srs. dr. Couceiro da Costa, ministro de Portugal em Viena, e Rocha Martins, director do «A B C», deu-se hoje uma scena de pugilato no Caes do Sodré, resultante do conflito ha dias levantado por umas referencias feitas áquele diplomata num folheto semanal de combate que o sr. Rocha Martins publica.

Rojão havia morrido em Lisboa nessa noite...

* * *

Nova pausa, desta vez numa grande unção de saudade.

—Foi ali que eu o vi morrer — repetiu Nuno Infante, apontando a surpreendente imagem fixada na parede.— Veja bem! E' ele. Toda a gente o tem reconhecido. Vejamos agora os outros.

Pegando de novo na cana que lhe servia de ponteiro, o extraordinario vidente indicou-nos uma a uma as figuras estranhas que no seu sonho se corporisaram e ali ficaram estampadas em testemunho da sua narração. Seguimos atentamente as evoluções do ponteiro. O misterioso écran iluminado pela luz frouxa e uniforme do candieiro, revelava facilmente o seu segredo. Palpebras semi-cerradas, coando a luz na penumbra dos seus olhos, o jornalista viu definirem-se, na grafia confusa da parede, as figuras que o seu guia lhe indicava.

— Cá está o Carlos Relvas. Não o conheceu, decerto. Então compare.

Pegamos no retrato do antigo cavaleiro tauromaquico, que Nuno Infante nos oferecia.

— E' perfeita a semelhança, não é?

De facto, dentre as brumas da parede destacava-se bem delineada uma reprodução da propria fotografia. Na parede estava verdadeiramente o retrato de Carlos Relvas.

Depois vieram mais retratos. Um déles, de uma senhora, cujo nome nos foi desvendado, podia bem corresponder a uma figura do écran miraculoso. A mesma silhueta, a mesma atitude, o mesmo penteado. Havia tambem o vago «croquis» de uma filha de Carlos Relvas, numa pequenina mancha junto da imagem que seria a face de seu pai.

Naquele momento de espanto o jornalista não procurava sequer compreender o perturbador misterio. Pensou apenas vagamente em voltar a vêr no dia seguinte á clara luz do sol a parede fantastica em que seus olhares desorientados totalmente se perdiam. Nuno Infante, silencioso, aguardava que o jornalista se pronunciasse.

— Ha quanto tempo foi a visão? — interrogamos

— Ha quatro anos, a quatro de março, data do nascimento do Infante D. Henrique.

O Infante D. Henrique!... Mas a que vinha ali o nome secular e augusto dessa figura sagrada de semi-deus?... Fitamos, numa inquieta perplexidade o rosto do sr. Nuno Infante da Camara. De subito escapou-nos um grito de estupefação. Na nossa frente, numa reconditia casa da Faia, na luz indecisa de uma alcova, alta noite, naquele scenario de misterio, surgia-nos, como se tivesse sido arrancada ás taboas de Nuno Gonçalves, a cabeça viva e inteira do genial Descobridor...

RODRIGUES ALVES.

A ocupação do Ruhr

A nota inglesa e a atitude dos aliados

LONDRES, 15 — Telegramas reproduzidos na imprensa inglesa mostram que na America, na Italia e nos paises neutrais a ultima nota inglesa foi recebida com grande agrado. Nos Estados Unidos ha a opinião de que se chegou finalmente á ocasião de falar com clareza. Na Italia reconhece-se que a Inglaterra, fazendo depender os pagamentos da divida francesa da reabilitação economica da Alemanha, colocou a França em face de um problema critico, a saber: se ela deseja receber as reparações, ou esmagar a Alemanha. A atitude da imprensa francesa ácerca das dividas interaliadas é atribuida aqui a uma má compreensão do conteudo da nota inglesa.

O que diz a imprensa inglesa

Os jornais ingleses consideram que o governo fez oferecimentos liberais, decidindo-se a abandonar a sua parte das reparações, excepto até áquela quantia que sirva para pagar as dividas feitas pela Inglaterra aos Estados Unidos para favorecer os aliados. O «Manchester Guardian» diz que os comentarios da imprensa francesa, dizendo que a Inglaterra se propõe receber das reparações alemãs o quantitativo total da sua divida á America, vem apenas de um mau exame da nota inglesa. O «Daily Telegraph» diz que os aliados devem á Inglaterra cêrca de 1.200 milhões de libras. Segundo as bases da nota de lord Curzon e provando-se que a capacidade do pagamento da Alemanha era de 2.500 milhões de libras, todos os aliados ingleses seriam solicitados para pagar a parte proporcional das suas dividas. Mesmo no caso improvavel dos tecnicos imparciais fixarem a capacidade de pagamento da Alemanha numa cifra tão baixa como 1.500 milhões de libras, as obrigações dos aliados ingleses não excederiam 400 milhões de libras, ou seja um terço das suas responsabilidades totais. Os franceses deviam ponderar as cifras apresentadas na nota antes de acusar o governo inglês de falta de generosidade ou de desdenhar a oferta inglesa e as condições que estão ligadas a ela, para o restabelecimento da economia mundial. Os jornais ingleses acrescentam que não ha na imprensa inglesa qualquer má vontade contra a França.

O ponto de vista inglez e o «Livro Amarelo» francez

Em toda a parte se nota o desejo de manter um melhor entendimento entre as duas nações de forma a que se faça uma ligação perduravel entre elas. O argumento dos jornais parisienses de que a legalidade da ocupação do Ruhr nunca foi contestada pela Inglaterra, a não ser nesta ultima nota, é respondido cabalmente no livro amarelo francês, publicado pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Em 11 de Junho, o conde de Saint Aulaire teve uma conversação com lord Curzon e, segundo o livro amarelo francês, comunicou ao seu governo que lord Curzon tinha dito que o governo inglês continuava a considerar a acção francesa no Ruhr contraria ao tratado de Versailles. Portanto, o embaixador francês prova que já em 11 de Junho o ministro dos Estrangeiros inglês fazia reparos á ocupação do Ruhr, dizendo que o governo inglês *continuava* a considerar a acção do Ruhr contraria ao tratado de Versailles, depreendendo-se dai que a sua ilegalidade tinha sido a conclusão imediata a que tinha chegado o governo inglês. Já em Abril de 1920 Millerand tinha prometido só usar de medidas militares contra a Alemanha de acordo com os aliados.

O MOMENTO FINANCEIRO

Um tema velho

que se reveste sempre — de novos aspectos —

O que significa o aparecimento de libras no mercado

Não sofreu alteração sensivel, durante o dia de hoje, o estado da praça de Lisboa. Quando nos referimos ao estado da praça de Lisboa queremos significar as suas possibilidades de fornecimento de numerarios para as transacções de toda a ordem que diariamente se efectuam.

Mantem-se, portanto, uma situação indecisa, através da qual pouco ou nada se vê e que ninguem sabe até onde nos conduzirá. Os bancos, isto é, a finança oficial e consagrada continua a queixar-se de uma falta de escudos que, dadas as condições em que nos é apresentada, bem pode classificar-se de aterradora.

As letras não se descontam: porque as não desconta tambem o Banco de Portugal. Estado verdadeiro? Estado fiticio?

O que não sofre duvidas é que o industrial, o comerciante e o agricultor, o que trabalha e o que produz se vêem na contingencia de cessar o seu esforço por as entidades que disso têm obrigação lhes não darem facilidades de pagamento.

E' a perspectiva do *chômage* portanto. Só isso? E' muito dificil fazer conjecturas neste momento. A indecisão é geral; até aqueles que da indecisão costumam viver, pescadores de aguas turvas, andando sempre á maravilha em todos os elementos, estão indecisos agora.

Uma vez posta a descoberto a manobra, que relatámos e que consiste em pagar os titulos do emprestimo, ainda não pagos pelos que se prontificaram a aceitá-los, aproveitando-se para isso das notas que o proprio Estado lhes forneceria, dificil será levá-la a cabo sem que isso levante protestos. Eis porque a indecisão é o estado dominante de uma praça cujas flutuações diarias não são de molde a tranquilizar ninguem.

As declarações feitas ontem pelo ministro das Finanças e aquelas que o sr. presidente do Ministerio igualmente produziu provocaram tambem um certo panico nos meios onde mais activamente se trabalha para que o aumento da circulação fiduciaria seja um facto.

Não tanto o que disse o sr. Velhinho Correia, mas, sobretudo, o que, de maneira terminante, disse o sr. Antonio Maria da Silva, é de molde a, na verdade, deixar pouco tranquilos êsses elementos.

* * *

Deve ser entregue até ao fim da semana corrente a representação que está sendo elaborada pelo conselho de administração da Caixa Geral dos Depositos e que tem por fim fornecer ao Estado todos os elementos para este concluir pela não necessidade de aumentar o numero das notas em circulação.

E' anciosamente esperada a publicação desse documento que todos reputam de interesse publico. Os argumentos que nele se evocam são de molde a impressionar a opinião publica.

Que se pretende em resumo provar nessa representação:

1.º — Que a praça só tem falta de escudos quando se trata de satisfazer as necessidades da industria, não se sentindo essa falta quando se trata de comprar cambiaes.

2.º — Que o aumento de circulação seria uma manobra directamente provocada pelos tomadores do emprestimo e em seu exclusivo beneficio.

3.º — Que o emprestimo não afectou de maneira sensivel as disponibilidades dos bancos.

4.º — Que a crise que atravessamos, ao contrario do que muitos querem fazer supôr, não é uma crise decisiva, mas uma crise vulgar nesta época do ano em que as despezas de particular sobem exageradamente sem que haja a compensação de receitas equivalentes.

5.º — Os pagamentos de dividas continuam a fazer-se regularmente o que quer dizer que a crise só existe para os que vivem e desejam viver da especuação.

6.º — Muitos créditos abertos a favor de particulares e a dentro de disposições legaes, não foram ainda levantados, o que significa que as dificuldades não são tantas nem tão importantes como as entidades bancarias afirmam.

Trata-se portanto de um libelo esmagador e cuja apresentação decerto não deixará de calar no espirito dos nossos governantes. Sobretudo porque o libelo é acompanhado de dados e numeros que o tornam insofismavelmente verdadeiro.

* * *

O preço da libra tem baixado, embora de maneira pouco sensivel nos ultimos dias. Isto significa que os vendedores de cambiaes começam a descer ao povoado trasendo os seus valores ouro que desejam transformar em escudos.

OS ARRENDATARIOS

dos fortes da Guia e do Guincho

Melhor informados sobre este assunto sabemos que em regra os arrendamentos dos predios militares cessam como é natural, ao findar o respectivo prazo, reservando-se o Ministerio da Guerra o direito de os prorrogar quando lhe convenha. Se os prédios são rusticos, como os fortes referidos, que não são habitados, nem habitaveis, póde, á face da Lei da-los directamente de arrendamento, como fez em virtude de informações competentes e bem justificadas no caso do que se trata.

Tendo porem aparecido reclamações, logo o então ministro sr. General Correia Barreto, disse atendê-las, desde que fôsse requerida a hasta publica, do que foi dado conhecimento a um advogado dos interessados. Tal requerimento, não apareceu e só agora se renovaram as reclamações, tendo S. Ex.ª o Ministro da Guerra determinado sob proposta da repartição competente, que se abrisse hasta publica para o arrendamento, podendo assim os reclamantes ir á praça, se quiserem.

Ficam pois sem efeito as observações que, sobre este assunto, este jornal publicou.

O rancho dos presos

Os reclusos do Governo Civil estiveram hoje ameaçados de não comer

Na rua Antonio Maria Cardoso existe uma taberna pertencente a um individuo de Tui, de nome Francisco Cobellos, que foi quem arrematou, á falta de fregueses, o rancho dos presos do Governo Civil. Já por mais de uma vez, pelo facto de não lhe pagarem o que lhe devem, o fornecedor tem deixado os presos sem comer, o que obriga as auctoridades a entregar-lho o dinheiro.

Hoje, e porque o Cobellos anda ha tempos a reclamar o pagamento de uma divida de 17 contos, quiz suspender o seu fornecimento, mas depois de conciliabulos varios, lá se comprometeu a dar de comer aos reclusos, afirmando, porém, que só o fará até ao dia 20, se não lhe derem o que lhe é devido.

Monarquico suspeito

E' amanhã remetido para o Tribunal de Defeza Social João Batista Leitão, hospedado no Hotel Suisse Atlantique da rua da Gloria, e em cujo quarto, conforme referimos, a policia aprendeu quatro envolucros de clorato de potassa, cuja proveniencia ele não soube explicar.

O Leitão tornou-se suspeito por ter tomado parte no movimento monarquico de 1919, tendo-lhe sido tambem aprendidos alguns bilhetes postaes com o retrato de D. Manoel e outros com bandeiras realistas.

A's 18 horas

A bordo do vapor «Patria» chegaram ao Funchal 216 madeirenses residentes na America do Norte e que ali foram de visita a suas familias.

—A repartição de construções escolares aceita propostas até 15 do corrente para o fornecimento de escolas e ginasios em madeira, desmontaveis, por conta das reparações alemãs.

—Os funcionarios europeus de Cabo Verde pedem ao ministro das Colonias que revogue a disposição que lhes cortou metade da subvenção colonial.

Tarde politica

O ministerio irá até Outubro?— O regresso do sr. dr. Antonio José d'Almeida á vida politica — A embaixada de Londres

Está constituido o Ministerio; está solucionada a crise, com os novos ministros nos seus lugares. Até quando? Diz-se que ainda antes de 5 de Outubro o sr. Antonio Maria da Silva terá, se quizer manter-se no poder até lá, de reorganisar mais uma vez o seu já tão reorganisado Ministério.

Mas, se assim não fôr, se o chefe do Governo conseguir singrar com a sua nova gente até á posse do novo Presidente da Republica, no mar tempestuoso que se levanta, nem, por isso, em Outubro cessarão as complicações.

O novo Chefe do Estado, eleito pela maioria democratica, quererá dar uma prova bem evidente da sua isenção, procurando organisar um Ministerio de concentração partidaria.

Irreductivelmente os nacionalistas recusar-se-hão a cooperar com o P. R. P.

O sr. Antonio Maria da Silva procurará então governar com os independentes. A essa tentativa opor-se-hão o sr. José Domingues dos Santos e o grupo parlamentar afim.

Nesta lucta surda, mas sem treguas, dentro da propria maioria democratica, o Chefe do Estado vêr-se-ha compelido a encarregar de organisar Ministerio o sr. dr. Antonio da Fonseca, que aceitaria o encargo sob a condição *sine qua non* da dissolução parlamentar.

E aqui teremos então a grande barafunda em que o Presidente da Republica sofrerá as primeiras surpresas das suas dificeis funções.

* * *

Confirma-se a noticia de que o sr. dr. Antonio José d'Almeira, depois de deixar o alto cargo em que se encontra e que tem sabido desempenhar com o patriotismo e a imparcialidade que lhe mereceram a simpatia de toda a nação, regressará á vida politica.

"A «Republica» de hoje diz no seu artigo principal que a noticia não será verdadeira quanto á epoca em que esse regresso se fará, mas é, sem duvida, verosimil e traduzir-se-á num facto, se circunstancias poderosas o determinarem. E acrescentou: «Assim o crêmos e com certeza não erramos».

O mesmo jornal diz que ainda em outro local que as comissões do partido nacionalista vão realisar uma grande manifestação de simpatia ao eminente chefe do Estado, logo que ele deixe a Presidencia da Republica.

* * *

Disseram hoje os jornais da manhã que voltava a pensar-se na elevação a embaixadas da nossa legação em Londres e da legação inglesa em Lisboa. Pessoa bem informada diz-nos que logo que o sr. Teixeira Gomes regresse a Portugal e aquela elevação se faça será nomeado para nosso representante junto da côrte inglesa o sr. dr. Afonso Costa.

Para Paris seguiu hoje no sud-express o sr. dr. Albino Vieira da Rocha, um nos marechais do P. R. R., que vai ali em missão politica. A' «gare» do Rocio foram despedir-se varios amigos politicos e pessoais.

O rei Jorge informa-se da situação

LONDRES, 15 — O sr. Stanley Baldwin regressou apressadamente a esta cidade, tendo sido recebido imediatamente em audiencia pelo rei, em Buckingham Palace, onde permaneceu cêrca de duas horas. Diz-se que o soberano se demorou em Londres, na sua viagem de Cowes para a Escocia, porque desejava ser informado da situação internacional. — (R.).

Nos "bas-fonds" de Londres

Cocaina, Morfina, Opio

A historia do negro Edgar Manning, condenado em tres anos de prisão

LONDRES, 10 —Os tribunais acabam de condenar á pena de três anos de prisão o negro Edgar Manning, por trafico de cocaina e de opio.

Este negro vicioso, de origem desconhecida, tornara-se nos ultimos anos uma figura de destaque na grande vida da capital inglesa. Passava por musico de *jazz-band* e, de tempos a tempos, com efeito, para conservar as aparencias, via-se em qualquer *dancing* da moda, tamborilando em objectos mais ou menos sonoros e soltando aqueles gritos guturais que acompanham as danças modernas.

Mas o melhor dos seus rendimentos provinha de outra fonte: da exploração de desgraçadas raparigas e da venda de cocaina, de opio e de todos os stupefiantes, que tantos amadores encontram em certos meios.

O gentleman negro

Edgar Manning andava sempre vestido á ultima moda. Do colarinho branco sobresaia-lhe o rosto de olhos magneticos, o nariz achatado, os queixos enormes, a boca bestial. As infelizes sabiam que nas algibeiras do seu elegante *smoking*, havia sempre uma navalha e uma *browning*.

Depois de varias cumplicidades e peripecias, alugou no bairro de Soho uma casa que se tornou depréssa o ponto de reunião de todos os degenerados, morfinomanos e opiomanos dos dois sexos.

Soube-se depois que a actriz Bilie Carleton frequentou bastante este antro de perdição. Foi ali que esta mulher, jóven, bela e cheia de talento, contraiu a paixão pela morfina, de que veiu a morrer tragicamente. Era ali que aparecia Freda Kempton, a graciosa dançarina, de corpo soberbo e sorriso captivante, que certa tarde morreu de uma dose muito forte de morfina dada pelo negro nefasto. Foi ele que corrompeu a linda artista Liliane May Davis, que foi um dia encontrada sobre o leito, morta pela droga infame que lhe ministrou o negro.

Mas não é tudo. Numa manhã do passado inverno, Edgar Manning apresentou-se no posto de policia do bairro, onde tinha o seu aposento particular. Ali declarou que um dos seus amigos, Eric Goodwin, morrera subitamente em sua casa. A policia fez um inquerito. O finado era filho de um grande depositario de tabacos desta cidade, que lhe havia deixado uma fortuna de 80.000 libras. Durante a guerra, Eric distinguira-se como oficial; fôra ferido e ficara sofrendo de padecimentos nervosos. Para se distrair, lançara-se na vida noturna de Londres, onde os prazeres têm alguma coisa de sinistro. Encontrou o negro Manning, que o persuadiu de que a cocaina seria o remedio para os seus males. O desgraçado usou e abusou da droga. Uma noite em que ela lhe faltou, dirigiu-se pela madrugada ao domicilio particular do negro, que lhe entregou um pacote; tomou logo uma dose tão violenta, que caiu inconsciente sobre o tapete, sucumbindo a uma crise mortal.

No inquerito, o negro declarou que ignorava absolutamente que o amigo fosse morfinomano e a policia fez fé nas suas declarações.

A descoberta do «Armazem»

Depois desta aventura, o negro decidiu mudar de bairro. Tomou por perigoso ir comunicar duas vezes semelhantes falecimentos no mesmo posto de policia. E foi instalar-se num bairro tranquilo, ao norte de Regent's Park. Mas as idas e vindas noturnas dos clientes do negro intrigaram a policia, que uma noite passou uma busca á sua residencia. E desta vez foi apanhado com a boca na botija.

Havia lá uma sala de fumo de opio, provisões de cocaina e de morfina, seringas hipodermicas, todo um fornecimento de agulhas, uma balança farmaceutica e uma tarifa de diversas drogas. O negro foi «encadeado» e ao mesmo tempo foi presa a sua favorita, uma grega de maravilhosa beleza, que já havia prestado contas á policia.

Manning havia-a instalado numa casa luxuosa, que melhor lhe permitia o comercio ilicito das drogas. E nas activas diligencias a que procedeu, a policia foi descobrir depois a habitação da bela grega. Ali encontrou grande numero de vitimas dos dois amantes, lindas jovens sucumbidas pelo abuso dos venenos, jazendo quasi inconscientes sobre sofás de que todos os compartimentos estavam guarnecidos.

As Bolsas Sociais de Trabalho

Não teem dado o resultado que seria para desejar

No velho edificio do Amparo, onde ha muito tempo estão instaladas varias associações mutualistas, foram ha cerca de um ano instaladas tambem as Bolsas Sociaes de Trabalho do sexo feminino, sob a presidencia da sr.ª D. Maria O'Neil e a do sexo masculino, sob a presidencia do sr. dr. Ernesto Dias da Silva.

As Bolsas de Trabalho foram instituidas em Portugal quando o sr. dr. Bernardino Machado foi ministro das obras publicas, no tempo da monarquia, nunca chegando a funcionar, se não apoz a revolta de Monsanto, quando o sr. Augusto Dias da Silva foi ministro do Trabalho e criou os seguros sociaes obrigatorios.

Na intenção de sabermos do movimento das Bolsas de Trabalho, que funcionaram os primeiros tres anos a titulo de experiencia dirigimo-nos ao edificio da rua do Amparo, alim de ali colhermos os respectivos elementos.

O pessoal das Bolsas compõe-se apenas de dois agentes de trabalho, emquanto os restantes membros das comissões administrativas só ali aparecem nos dias de reunião, para tomarem as respectivas deliberações, convindo, no entanto, acrescentar, que ás comissões administrativas só são pagos os dias em que teem sessão.

Expostos os fins que ali nos levavam um dos empregados começou por nos dizer:

As Bolsas de Trabalho ainda não deram o resultado, desejado, devido á falta de propaganda. Muitos operarios e patrões ignoram ainda o funcionamento delas.

Tem sido inscritos muitos operarios.

—No primeiro semestre deste ano, apesar da falta de propaganda, inscreveram-se cerca de 1000.

—De que profissões?

—A maioria de pedreiros, carpinteiros e serventes da construção civil. Tambem se inscreveram bastantes empregados de escritorio, sapateiros etc.

—E procuras?

—Como lhe disse, a propaganda das Bolsas está por fazer, os patrões desconhecem-as, mas vieram aqui á procura de operarios cerca de 300 industriaes e comerciantes.

—Qual a maioria das profissões procuradas?

—Moços para fabricas e armazens.

—Porque se não faz a respectiva propaganda?

—Temos lutado com a falta de verba. Agora parece-nos que o ministerio nos vae auxiliar.

— E a Bolsa feminina?

— O seu movimento tem sido diminuto, mas é a ela que apoz uma longa propaganda está reservado um papel importante. Temos já empregado algumas modistas, costureiras e professoras. Mas no dia em que, criados de servir e mulheres a dias souberem que aqui lhes arranjamos colocação sem recorrerem ás agencias que as exploram, assim como aos patrões, a Bolsa feminina terá um grande desenvolvimento. Não falando em costureiras, fabricantes, etc.

«Como vê, é á Bolsa feminina que que está reservado entre nós o maior papel.

A Bolsa masculina tem umas concorrentes que são as Bolsas dos sindicatos profissionais. Mas faça-se a propaganda e as Bolsas Sociais de Trabalho, desempenharão o papel para que foram criadas».

Gremio Estremenho

A comissão de propaganda deste club regionalista vai convocar uma reunião de delegados dos gremios Minhoto, Club Trasmontano, Gremio Beirão, Alentejo e outros em formação como o Algarvio, o Madeirense e o Angolense, para segunda-feira, 20 do corrente, pelas 22 horas, na rua do Mundo, 81, 3.º para se tratar da organização da Casa de Portugal, onde todos os gremios tivessem a sua séde, museus e escritorios de produtos regionais, etc.

TEATRO

Arte e artistas

A companhia de Lucilia Simões-Erico Braga despede-se hoje do publico de Lisboa. A grande artista que é Lucilia Simões e o actor correcto e ilustre que é Erico Braga merecem que os seus admiradores lhe manifestem a sua simpatia, pelo que a sua temporada em S. Carlos trouxe de benefico para a arte teatral na nossa terra.

Desempenhando primorosamente o seu dificil papel na «Casa em Ordem», Lucilia Simões conquistou para o seu nome um novo titulo de gloria, não sendo, por isso, para estranhar que na noite de hoje seja alvo de uma calorosa manifestação, que não será mais que a repetição das que lhe teem sido tributadas.

Lucilia Simões

— No teatro de S. João haverá opera em fevereiro, constando que Ilda Stichini, se organisar companhia, trabalhará ali em novembro, dezembro e janeiro. Tambem ali se apresentarão as companhias francesas do Ba-ta-Clan, de Yvonne Printemps e de Sacha Guitry e as espanholas de Maria Guerrero e Margarita Xirgu.

— As tres orquestras de Francisco de Lacerda, Pedro Blanch e Fão darão alternadamente concertos no Porto, tambem no teatro de S. João.

— No Aguia de Ouro trabalharão as companhias de Marias Matos, Alves da Cunha e Antonio Macedo e a companhia de opereta italiana que vier para o Coliseu dos Recreios.

Erico Braga

Noticiario

Entre nós

Entraram em ensaios: no Avenida a «Revista de Praxedes», de André Brun; no Apolo, a «Malvaloca», dos irmãos Quintero; no Maria Victoria, a revista «Tic-Tac», de Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães; no S. Luiz, o «Gato Preto», no Eden, o «Boneco de Sabugo».

— Está publicado o numero 5 da «Invicta Cine», revista ilustrada de cinematografia, que se publica no Porto. Vem excelentemente colaborado e com inumeras gravuras.

— No Apolo realisou ontem Mario Duarte a leitura do seu original «Renascer», escrito de colaboração com Valerio de Rajante. Maria Matos resolveu levar a peça á scena na sua recita no fim do mez proximo incluindo-a a seguir no seu vasto reportorio. Na peça devem entrar alem daquela atriz e nos papeis principais: Irene Gomes, Mendonça, Antonio Gomes, Antonio Palma, etc.

No Porto

Pelo teatro Sá da Bandeira, do Porto, devem passar durante a época de inverno as companhias dramaticas de Aura Abranches, Amelia Rey Colaço, Lucilia Simões, Amarante-Satanela, a companhia de opereta e revista do Eden, de Lisboa, e em Maio, antes de ir para o Brazil, a de Armando de Vasconcelos.

Reclames

MARIA VICTORIA

Repete-se hoje nas duas sessões no teatro Maria Victoria a famosa revista «Fado Corrido» que tanto diverte os espectadores com as suas pitorescas scenas ornamentadas de deliciosa musica.

NACIONAL

A famosa peça policial «20.000 Dollars» vae ainda hoje á scena, no Nacional, mas em ultima recita da moda. Ali darão «rendez-vous» as mais distinctas familias da nossa sociedade elegante, assistindo á representação duma peça empolgante, cheia de imprevisto e originalidade.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Casa em ordem»
NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades
Animatografos
SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

Touros

CAMPO PEQUENO

19.ª tourada desta epoca. Beneficio de Malagueño e parte para os Padrões da Guerra. Touros de Joaquim dos Santos, desiguais em corpo, alguns pequenos de mais, havendo dois que pode dizer-se sairam bravos.

Espadas—Valencia e Joselito de Malaga, ambos precedidos de alguma fama, muito valentes e de reportorio, agradando mais Valencia por ser mais completo e mais parado. No entanto não tiveram touros para mostrar bem o que valem.

Cavaleiro—O simpatico e sempre elegante Antonio Luiz Lopes, sabedor e valer do seu «metier», preferindo não fazer sangue a empregar ferragem fora da sorte, isto é, depois de passada a cabeça do touro. E' assim que se toureia, apesar de não agradar ao publico, que só quer muitos ferros sem olhar á qualidade. Já que falei no publico, quero frisar de novo a sua incompetencia cada vez mais absoluta e a sua maneira de ver de touros, cada vez mais incoerente. Nesta corrida, por aparecer um toureco bravo, fizeram chamada ao lavrador e não se lembraram de protestar por o lavrador apresentar touros sem idade, sem carnes e mal armados. Eu não sei se ha regulamento neste sentido, mas se não ha, devia haver. Chamem o lavrador quantas vezes quizerem, mas não consintam em que se toureiem touros enlesados, como alguns de domingo.

1.º—Cardeno, bragado; cumpriu. Antonio Luiz Lopes citou de caras terrenos cambiados muito em curto e a passo e prendeu seis ferros de valor; especialisando-se o 4.º cambiando-se na cabeça do touro e o 5.º ao estribo superiorissimo. Grande ovação e chamada á arena.

2.º—Negro pequeno, bravo e bonita estampa. Valencia e Joselito lancearam de capote e deram umas veronicas cingidas e de «rodillas». Levou tres varas por duas caidas.

Com «los palos», Valencia teve um grande par de frente e Joselito par o meio. Com a muleta Valencia deu uns passes «cerca», mas gritou muito. Foi pegado de caras por muitas vezes e muitos feitios. Chamada a Valencia.

3.º—bolão pequeno. Cumpriu. Malagueño fez a gaiola e mais um par. Tomaz da Rocha 2 pares. Valencia muleteiou cerca e simulou a morte com uma grande estocada entrando direitissimo.—Ao saltar a trincheira, o touro atirou-o contra a barreira, deixando-o molestado no peito e na cabeça pelo que recolheu á enfermaria. Apareceu pouco depois e foi alvo de uma carinhosa ovação.

4.º—salgado, gradito. Cumpriu. Joselito veroniqueiou cerca e de «rodillas» e rematou com uma farolada de efeito. Cravou a seguir dois pares. Valencia prendeu um grande par de frente e muleteiou mui cerca e de «rodillas» e «molinetes» e entrou direito com uma boa estocada. «Ovacion». Boa pega de «costas» por Fressura.

5.º—negro, bragado, pequeno. Bravo. Antonio Luiz Lopes no seu cavalo da Veiga crençado na porta de saida, levou-o á crença e deixou o touro entrar com o cavalo que se viu obrigado a sair. Prendeu quatro ferros muito bem apontados, sendo dois ao estribo. Mudou de cavalo e prendeu mais trez superiores.

Pela incompetencia, falta de faculdades de Ferreira Estudante e por não querer atropelar este, o cavaleiro sofreu duas colhidas. Ferreira Estudante em vez de tirar o touro para detraz do cavalo, trazia-o para a frente o que ocasionou embaraços ao cavaleiro, os quais poderiam ser grandes se estivesse a lidar um touro de poder. Sr. Ferreira Estudante: agradeça ao lavrador ter mandado um garraio e ao cavaleiro preferir ser colhido a pisa-lo. Quem não sabe e já não tem faculdades, fica em casa, porque o toureio não é obrigatorio como o serviço militar. Joselito muleteou cerca, de rodillas mas mexido de mais. Pegado de cara por Chico Merujo. Chamada ao cavaleiro, espadas e Ribeiro Tomé que esteve trabalhador e acertado na brega, forcado e lavrador.

6.º—negro, manso, fugidio. Levou trez varas por trez caidas sem acudir. Dos bandarilheiros espanhois houve um grande par, talvez o melhor da tarde. Pegado á volta por trez vezes.

7.º—negro, bonito, pequeno de mais, manso e mal intencionado. Joselito aproveita a frescura do touro com umas veronicas boas, mas o touro desembolou-se e é recolhido. Voltou de novo, mas perdeu-se o entusiasmo. Valencia, Joselito bandarilharam, mas foram infelizes porque o touro tapava-se.

8.º—bragado, baixel direito, mais pequeno ainda e enfesado. Antonio Carvalho e Fernando Henriques bandarilharam a brincar. Acho que não devem imitar se não o que é bom e artistico.

Casa pouco mais de 1/4. Inteligencia acertada a cargo do distinto amador Luiz Pimentel.

EL TERNO

O forcado amador Antonio Simões pede-nos a publicação do seguinte:

Sr. Director d'«A Capital»—Tendo sido publicado noutros jornais de 11 do corrente uma declaração do sr. Mario Sant'Ana, dizendo que se desligava do grupo que chefiava, venho declarar em meu nome e no dos meus colegas desse grupo que fomos nós que resolvemos deixar de fazer parte do mesmo, por falta de competencia daquele sr. por uns compromissos anteriormente tomados que não se cumpriram. Agradecendo a publicação, sou de v. etc.—Antonio Simões.

Pelo Juizo de Direito da 4.ª Vara Civel da comarca de Lisboa, cartorio do 1.º Oficio, se anuncia que, por sentença de 30 de Julho de 1923, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo dos conjugues Lucio Marciolinio Solheiro e Maria Tereza d'Araujo Pinto Pacheco de Novaes, por virtude da respectiva acção de divorcio que aquele moveu contra esta.

Lisboa, 14 de Agosto de 1923.—O escrivão interino, Antonio Augusto Duarte Junior.

Verifiquei a exactidão—O Juiz de Direito da 4.ª Vara, A. J. Guerra.

Os Partidos

P. R. Radical

O Directorio do P. R. Radical na sua ultima reunião tratou da situação financeira do paiz resolvendo: manifestar-se contrario ao aumento da circulação fiduciaria que trará consequencia imediata novo agravamento do custo da vida, e que a ser feito, o será sómente por culpa do Governo que não cuidou de reduzir as despezas e aumentar as receitas, apoiando-se na sua maioria parlamentar que, por dever patriotico e disciplina partidaria não poderia eximir-se a votar as medidas que julgasse necessarias.

E considerando que o Governo se tornou assim claramente cumplice dos elementos dissolventes que procuram a ruina do paiz, não merecendo por isso a confiança publica, urge a sua prompta demissão, devendo ser chamado ao Poder, republicanos probos e de competencia, não enfundados a sindicatos financeiros.

Gremio republicano «Jovens Lusitanos»

Reunem amanhã, ás 21 horas, no Centro Tomaz Cabreira, os corpos gerentes do Gremio Republicano «Jovens Luzitanos», para se ocuparem da criação de nucleos, de questões internas e da situação politica.

Os T. M. E.

Foi mandado arquivar o processo pelo qual tinhem sido suspensos os funcionarios dos T. M. E. srs. José Antonio, Adolfo Correia Mendes e Luiz Gloria d'Aguiar.

Sabão nacional

Muitas donas de casa queixam-se de não se encontrar á venda, como antigamente, o sabão macaco, indispensavel em todos os lares. Esse sabão não vem para o nosso paiz, mas isso não obsta a que as limpesas nos domicilios continuem a fazer-se, uma vez que entre nós se está já fabricando um sabão desse genero de melhor qualidade ainda que o estrangeiro. Sendo conveniente proteger a industria nacional, não vemos necessidade de se fazer a importação daquele em detrimento do que é nosso.

VIDA SPORTIVA

Teoria da ginastica e suas leis

GINASTICA — segundo se define «Neumann», é a arte que consiste no exercicio de todos os orgãos do corpo, exercicio sistematico executado em harmonia com regras determinadas e baseadas nas leis anatomicas e fisiologicas do organismo humano.

A palavra ginastica, provém do grego «gimnastikê» — de «gyninasô — eu exercito.

E' pois a ginastica uma arte que tem por fim o estudo dos movimentos activos e passivos do corpo humano com o fim de o desenvolver e de lhe imprimir o maior grau possivel de resistencia dentro dos seus limites naturais.

Os gregos pelo regulamento destes exercicios ginasticos e pela sua aplicação á luta e ao combate, formaram uma nova arte a que deram o nome de «Agonistica»—do grego—«agonisomê— eu combato.

O estudo da ginastica compreende o estudo dos movimentos sobre os seus diferentes pontos de vista: «anatomo-fisiologico»; «mecano-biologico»; «higiénico»; «estético» (correcção de atitudes, facilidade de movimentos e equilibrios); «economico» (condenação e independencia de movimentos); «pedagogico»; «moral e social.

A teoria da ginastica encerra a doutrina dos movimentos do corpo em harmonia com as leis do crescimento e desenvolvimento do organismo humano.

AUXOLOGIA—é a sciencia que estuda o crescimento e suas leis. As leis auxologicas, dividem-se em «biologicas» e fisicas. São leis fisicas, todas as que em mecanica regem os movimentos. As leis biologicas, são as que regulam o desenvolvimento do individuo e da especie; compreendem duas leis importantes, a saber: «Lei da Nutrição» e a «Lei do Transformismo».

Lei do Transformismo bem estudada por «Lamark» e «Darwin» diz: a «função faz o orgão».

Todo o orgão que funciona desenvolve-se, todo o orgão que não funciona, atrofia-se.

Os orgãos e faculdades da criança desenvolvem-se ou se atrofiam, segundo são ou não excitados, isto é; segundo o sistema de educação a que forem submetidos. Um sistema racional de educação, deve pois ser integral, isto é; visar o desenvolvimento de todos os orgãos e de todas as faculdades sem deixar inactivas nenhuma delas; e só assim se consegue a primeira parte do fim da educação fisica: «formar um homem».

Mais tarde vem a adaptação ao seu papel social—a «formação do cidadão» que só se consegue por exercicios preponderantes de um ou mais orgãos que o conduz ou os conduz a maior desenvolvimento. E' já, esta segunda parte da educação, uma especialisação, que exige uma transformação do «individuo» e que destroi sempre, mais ou menos, a harmonia e o equilibrio do organismo e não se pode fazer senão lenta e tardiamente, após o pleno desenvolvimento individual. Por estas rasões, o educador, durante todo o periodo do crescimento da criança deve pois, restringir-se em favorecer unica e exclusivamente todo o desenvolvimento individual «integral» e bem equilibrado.

LEI DA NUTRIÇÃO — O desenvolvimento muscular de uma região qualquer do corpo depende de maior ou menor irrigação sanguinea, condutora do alimento, por este facto se enuncia: O desenvolvimento muscular está na razão directa dos movimentos activos ou passivos aos quais são submetidos os musculos.

Todo o movimento para ser scientifico, isto é; para que seja segundo a expressão de «Ling — um pensamento expresso pelo corpo», deve ter «direcção, extensão e duração».

DIRECÇÃO — E' determinada pela a das fibras musculares sobre as quais ou pelas quais se quer actuar.

EXTENSÃO — E' determinada pela mobilidade das articulações.

DURAÇÃO — E' o tempo do provimento. Este deve sempre ser igual, isto é; as partes do corpo postas em movimento devem ter um movimento uniforme, isocrono — percorrer espaços iguais em tempos iguais.

RITMO E CADÊNCIA — Em todo o exercicio é preciso considerar as atitudes activas e os movimentos. Chama-se tempos do exercicio, a reunião dum movimento e da atitude activa que lhe segue imediatamente. O «tempo» é o elemento que constitue o exercicio. Os dois factores do tempo são: a «velocidade dos movimentos» e a «duração das atitudes activas.

O RITMO do exercicio, é a relação entre a duração de um movimento (tomado por unidade) e a duração da atitude activa que o segue. Esta relação pode variar dentro de certos limites segundo o fim que o instrutor tenha em vista.

O ritmo exprime simplesmente a relação, é independente da velocidade absoluta do movimento, que pode ser modificada isoladamente sem que o ritmo seja modificado. Exemplifiquemos: bradicardia ou taquicardia, isto é; pulso lento ou pulso rápido, podem dentro das suas cadencias ser ritmicas ou aritmicas.

No proximo numero continuaremos este interessante estudo.

LENDOLPHE BRAVO

Natação

TAÇA FRANCISCO MARÇAL

No proximo domingo 19, pelas 10 horas da manhã, realisa-se na doca de Alcantara a prova de natação—400 metros estilo livre—para disputa da «Taça Francisco Marçal» que o Ateneu Comercial, instituiu ha tres anos em homenagem aquele seu saudoso consocio, recordman de Portugal no referido percurso.

A taça que todos os anos tem sido disputada com brilhantismo, esteve no primeiro ano na posse do Ginasio Club Portuguez, tendo sido ganha por Emilio Ronce. No segundo ano transitou para o Casa Pia Atletico Club, que a alcançou pelo seu nadador Mario da Silva Marques, que no primeiro ano se tinha classificado em segundo logar.

Foi ganha o ano passado por Faustino José, encontrando-se, por isto, em poder do Vitoria Foot-Ball Club.

Pelo numero de nadadores inscriptos mais ou menos especialisados naquele percurso, é de prever uma bela prova do util sport a que o home[...]ageado consagrou os melhores da sua infelizmente curta existencia.

Ciclismo

O Lusitano Club Ciclista faz disputar no domingo a Taça Ramires d'Azevedo, por equipes de tres corredores cada uma, num percurso de 100 Kilometros e obedecendo ao regulamento da União Velocipedica Portugueza.

A partida é dada ás 15 horas do Chafariz do C. Grande, com o seguinte trajecto:

Lumiar, Luz, Carnide, Queluz, Rinhas, Mercês, Algueirão, Lourel, Terrugem, Ericeira, Mafra, Malveira, Lousa, Loures, Carniche, e Campo Grande.

A Inscrição continua patente na sede do club T. S. Domingos 30 1.º para todos os Clubs até ao dia 17 ás 24 horas.

Foot-Ball

A REUNIÃO DOS JORNALISTAS DE HONTEM NA ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL

Reuniram hontem na sede da A. F. L., alguns jornalistas sportivos dos jornaes diarios, os directores do «Sport de Lisboa» e «Os Sports» e Raul Vieira.

Pelo sr. dr. Virgilio Paula, como delegado da comissão nomeada em assembléa geral da A. F. L., para proceder a um inquerito sobre a existencia de profissionaes no «foot-ball», foi apresentada uma proposta que á referida comissão fossem adstritos dois representantes da imprensa. O sr. Raul Vieira, que assistia, como presidente da assembléa geral onde, pela primeira vez, foi ventilado o assunto «profissionalismo», recusou-se a ser nomeado para aquela comissão por ser diretor do Casa Pia Atletico Club, tendo sido, então proposto pelo sr. Campos Junior, que os dois representantes da imprensa a nomear fossem os srs. Mario de Oliveira e Americo Pinto Ferreira.

Em seguida, abordou-se a orientação a dar a essa comissão, tendo o sr. Campos Junior dito que só deveriam ser considerados aqueles que estivessem ao abrigo do paragrafo unico do artigo 2.º, dos estatutos da A. F. L., e que diz o seguinte:

«Só é considerado amador de «foot-ball» o jogador que se dedique a este exercicio sem nunca perceber remuneração alguma. Excetua-se o indispensavel auxilio para hotel e despezas de viagem, quando o jogador se desloca por motivo de jogo».

Trocadas impressões n'este sentido, foi resolvido oficiar á União Portugueza de Foot Ball, por intermedio da Associação de Foot-Ball de Lisboa, pedindo a extensão do inquerito a todas as associações regionaes.

Pelo sr. Carlos Rebelo da Silva, foi apresentada uma carta citando factos referentes ao profissionalismo, carta essa que foi entregue ao sr. dr. Virgilio Paula.

—A direcção do Internacional oferece hoje um banquete á equipa que vai representar esta agremiação no Campeonato de Portugal.

Entre outros estão, já escritos os srs. José de Lemos, Placido Daro, Carlos Guimarães, José Anzik, Francisco Calejo, Pinto Bastos, Bruno Santos, Rey d'Orey, etc.

Castel Branco & Santos L.da

Para todos os efeitos legaes se publica que, por escriptura de 4 de Julho do corrente ano de 1923, outorgada nas notas do notario desta cidade, dr. José Peres de Noronha Galvão, foi constituida entre os srs. José Rodrigo Castel-Branco Junior, Secundino Barbosa Guerra, Antonio José dos Santos e Manuel Paes de Almeida uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta, para todos os seus actos e contractos, a firma «Castel-Branco & Santos, Limitada».

2.º — A séde da sociedade é em Lisboa e o seu estabelecimento na rua Nova do Almada, n.º 46, 2.º

3.º — O seu objecto é o exercicio de comercio de quinquilharias, fazendas diversas, podendo explorar qualquer outro ramo de comercio ou industria mediante previa deliberação social.

4.º — A sociedade teve o seu inicio no dia 1 de Junho do corrente ano e a sua duração será por tempo indeterminado.

5.º — O capital social é de 200.000$00 correspondente á soma das quotas dos socios que são as seguintes:

José Rodrigo Castel-Branco Junior	40.000$00
Secundino Barbosa Guerra	40.000$00
Antonio José dos Santos	80.000$00
Manuel Paes de Almeida	40.000$00

§ 1.º — A quota do socio José Rodrigo Castel-Branco Junior acha-se integralmente realisada em parte da diferença entre o activo e passivo do seu mencionado estabelecimento, sito na R. Nova do Almada, 46-2.º andar, que no valor de 88.735$26 desde já transfere para a sociedade e nela põe em comum todos os seus correspondentes direitos e encargos, conforme balanço dado em 31 de Maio do corrente ano, devendo o excedente da sua quota, ou seja a importancia de 48.735$26 ser levada a credito de sua conta particular, importancia que poderá ser levantada quando o mesmo socio quizer.

§ 2.º — As quotas dos socios Secundino Barbosa Guerra e Manuel Paes de Almeida acham-se integralmente realisadas em dinheiro que já deu entrada na caixa social.

§ 3.º — A quota do socio Antonio José dos Santos tambem é em dinheiro mas acha-se realisada sómente até á importancia de 40.000$00, ficando o dito socio obrigado a completar o seu pagamento até 31 de Dezembro do corrente ano.

§ 4.º — O socio Castel-Branco responsabilisa-se pela efectividade da cobrança das dividas activas constantes do mencionado balanço.

6.º — Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que esta carecer, mediante o juro que se convencionar.

7.º — O socio que pretender ceder a sua quota a extranhos terá de a oferecer previamente em cartas registadas, á sociedade e aos outros socios, tendo aquela em primeiro logar e estes em segundo o direito de a adquirir pelo valor que lhe haja sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva.

§ 1.º — Se a sociedade em primeiro logar e os socios em segundo declararem não pretender a quota alienanda, ou não responderem tambem por meio de cartas registadas dentro do praso de 15 dias a contar da recepção do oferecimento, poderá a mesma quota ser livremente cedida.

§ 2.º — O preço da quota adquirida pela sociedade ou pelos socios, nos termos deste artigo, será efectuado 50 por cento no acto da escriptura e o restante em doze prestações mensaes e iguaes, com o juro de desconto do Banco de Portugal, acrescido de 3 por cento.

§ 3.º — O socio Antonio José dos Santos fica desde já, autorisado a ceder parte da sua quota a um seu filho ou filha.

8.º — A cessão total ou parcial de quotas entre associados e a sua divisão pelos herdeiros e demais representantes do socio falecido não carecem de qualquer consentimento ou formalidade prévia.

9.º — A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fóra dele, serão exercidas pelos socios Rodrigo Castel-Branco Junior e Antonio José dos Santos que desde já ficam nomeados gerentes com dispensa de caução e com a remuneração que lhes fôr arbitrada em reunião de socios, a qual será igual para os dois.

§ 1.º — A cargo do socio Castel-Branco fica especialmente a compra e venda de mercadorias e expediente do armazem e a cargo do socio Santos a caixa e expediente do escriptorio, devendo estes auxiliarem-se e até substituirem-se mutuamente sempre que seja preciso.

§ 2.º — A escripta deverá andar sempre em dia, devidamente arrumada e será feita por um guarda-livros estranho á sociedade.

10.º — A assembleia geral, quando deva reunir-se, será convocada por meio de cartas registadas dirigidas aos socios com a antecedencia de 8 dias pelo menos, indicando sempre o assunto a deliberar.

11.º — Em 31 de Dezembro de cada ano proceder-se-á a um balanço geral de todos os negocios da sociedade, que deverá estar concluido e ser submetido á aprovação dos socios dentro dos 60 dias subsequentes.

12.º — Os lucros liquidos, acusados pelos respectivos balanços anuaes, depois de deduzida a percentagem de 5 por cento para Fundo de Reserva Legal, até atingir o seu limite, serão divididos pelos socios na proporção das importancias das suas quotas.

§ unico. — Os prejuizos, verificados de igual modo, serão suportados pelos socios tambem na proporção das importancias das suas quotas.

13.º — A sociedade dissolve-se unicamente nos casos previstos na respectiva legislação.

14.º — Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios os socios e será obrigatoria a licitação em globo do estabelecimento social desde que qualquer dos socios o exija.

15.º — Os socios, por si, seus herdeiros ou representantes renunciam desde já ao direito de requerer aposição de sêlos ou arrolamento judicial, sob pena de 10.000$00 de indemnisação a cada um dos outros socios.

16.º — Todas as duvidas que se suscitarem entre os socios, seus herdeiros e representantes relativamente a este contracto, serão resolvidas por meio de arbitragem, nomeando cada parte discordante o seu arbitro e os nomeados um outro para desempate.

§ unico — Aquele dos socios que se recusar a assinar a respectiva escriptura de compromisso, terá de pagar ao outro socio ou socios, como pena convencional, a quantia de dez mil escudos a cada um.

17.º — Para todas as questões emergentes deste contracto entre os socios, seus herdeiros e demais representantes ou entre a sociedade e qualquer destas entidades, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com renuncia expressa a qualquer outro.

18.º — Nos casos omissos regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 13 de Agosto de 1923 — *Castel-Branco & Santos, Limitada.*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4458-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quinta-feira, 16 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Estão presos varios individuos, que confessaram andar preparando um movimento revolucionario de caracter monarquico.

Não pode ser!

De novo se fala em revolução. E a noite de ontem em Lisboa, ruas desertas, cafés quasi desertos, centros de reunião despovoados, voltou a carregar-se de sombras agoirentas. Dir-se-ia que o vento de insania ha tempo levantado sobre esta desgraçada terra soprava mais rijo num prenuncio de catastrofe.

Nós não somos denunciantes. Não andamos sequer no segredo da conjura. Mas sente-se, palpa-se, ausculta-se qualquer coisa que antecede as convulsões postas a minar no sub-solo miseravel das ambições e dos odios mal contidos.

Para onde caminhamos? O que querem aqueles que se preparam para uma nova lucta de irmãos?

Ignoramo-lo absolutamente. Não desejamos mesmo sabê-lo.

Basta-nos a intuição, nunca falhada, de que se trama contra a ordem e contra os classicamente chamados poderes constituidos.

Conservadores ou extremistas, ou uns e outros reunidos e encontrados no mesmo terreno e com a mesma finalidade, são igualmente criminosos, e criminosos de lesa Patria, todos os que tentarem um golpe de mão nesta hora que está soando tragicamente para a vida da nacionalidade.

As revoluções e a sua era passaram, deixando atraz de si um rastro sinistro de sangue; é necessario que se não reeditem processos velhissimos e cujo emprêgo nunca chegou sequer a redundar em beneficio dos triunfadores, embora se houvesse sempre produzido contra a Nação e em desprestigio da Nação.

Ha, pelo menos, um motivo de ordem sentimental, e desejamos classificá-lo assim, que impede todos os portugueses de pegarem novamente em armas, acentuando dissidios e reacendendo odios. Esse motivo é posto, com uma eloquencia sugestiva, pela personalidade do Chefe do Estado. Esse homem, que em quatro anos de exercicio do mais alto mandato que o país lhe podia confiar, tudo têm sacrificado por êle, a vida, a saude, os haveres, merece, quando lhe não prestem as homenagens com que é de uso avultar os pigmeus, ao menos o respeito e a consideração dos seus compatriotas. E êsse respeito e essa consideração só se podem traduzir não lhe perturbando, ligeiramente que seja, os ultimos dias de efectividade na Presidencia da Republica.

E depois, ¿que tem Portugal apavorantemente diante de si? Uma questão de caracter politico? Não, senhores. Um problema de caracter economico.

E os problemas desta especie não se resolvem, que o saibamos, com sabres ou com dinamite. Solucionam-se com o estudo, com a ponderação, com a boa vontade e com o espirito de sacrificio. Coisas estas de que nós, infelizmente, andamos bem distanciados.

E' de vida ou de morte êsse problema. Agitar, é complicá-lo. E complicá-lo, equivale agora a dar os ultimos passos até á beira do abismo que as irreflexões e os desvarios de toda a ordem nos prepararam.

Nós não ignoramos que ha uma plataforma de entendimento para todos aqueles que ambicionam o poder. A lucta contra os democraticos. E bem insuspeitos somos nestas apreciações, porque ninguem mais rudemente tem atacado os erros dêsse partido, que é ainda uma grande força da Republica.

O que é necessario é contrabalançar essa força. Tentar extinguí-la, é um proposito senão tolo, pelo menos insensato.

Ora uma grande força politica não se contrabalança com a audacia de um golpe que pode ser feliz. Contrabalança-se pelo contacto com a opinião e pela criação nesta de uma consciencia de oposição. Porque se não estabelece êsse contacto entre os dirigentes e o publico ha tanto divorciados? Alguma coisa devem ter uns para dizer ao outro. E bem seria que alguma coisa fosse dito á boa paz.

A' maneira... burguesa

A constituição do exercito na Russia

REVAL, 16 — O Comité Executivo Central da confederação dos soviets publicou uma lei para a formação de unidades de tropas territoriais e para a instrução militar das populações. Esta lei é o primeiro passo para a organisação do sistema miliciano na confederação russa. — (R.).

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital„ o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria para, o que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração insaciavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

PORTUGAL E ESPANHA

Um convenio postal

foi assinado ha dias entre delegados dos dois paizes

Foi agora ratificado o convenio postal entre Portugal e a Espanha, medida de alto interesse para as dois paizes.

Questão de interesse como é, vamos dizer aos leitores algumas das suas bases mais importantes, segundo informações dum funcionario superior dos Correios e Telegrafos que ao paiz visinho foi negociar o referido convenio.

* * *

Em face desse diploma, estabelece-se um acordo para o serviço de valores declarados, passando a permutar-se com a Espanha caixas com esse valor, até 2 quilogramas. Este serviço ainda naquele paiz ainda não está acordado com qualquer outro.

Como não existiam encomendas nem caixas com esse valor era, até aqui, impossivel á nossa industria de filigrana de oiro e prata exportar para Espanha, que desses produtos é grande consumidora.

No novo convenio, os dois paises ficam constituindo um unico territorio postal, incluindo-se a Madeira e os Açôres, por parte de Portugal, e o protectorado de Marrocos, a Estação Postal Internacional de Tanger, por parte da Espanha e ainda a minuscula Republica de Andorra.

Os jornais, impressos e manuscritos que até agora só podiam atingir dois quilogramas, podem ser expedidos com o dobro do peso, conforme se trate de publicações de um ou mais tomos.

O peso das amostras, que era permitido só até 500 gramas, pássa a ser até um quilo.

Estabelece-se tambem a permuta de malas diplomaticas e facilita-se a colaboração dos empregados postais dos dois paizes para efeitos de aperfeiçoamento dos serviços, inqueritos sobre roubos ou outras irregularidades que afectem os mesmos serviços.

Estas ultimas disposições tem vantagens importantes, porque nos casos de roubo em que se torne necessario investigar em Espanha deixam de surgir aos funcionarios encarregados dum inquerito postal as dificuldades que até aqui se lhes deparavam e que só em segredo e por especial deferencia dos empregados espanhoes, conseguiam vencer.

Estabele-se o principio da isenção de franquia para as autoridades da fronteira e poderes judicial, militar e civil.

Sendo frequente os incidentes com funcionarios, pelo que respeita ás ambulancias postais, ficou estabelecido que, quando uma ambulancia dessas permaneça naquele dos dois paizes que não seja o seu, fique considerada para todos os efeitos como fazendo parte do territorio a que pertence.

Quanto aos postaes, são-os usados em cada uma das nações negociadoras do novo convenio, fora a correspondencia do interior, e ficou mais estatuido o transito gratuito das malas e correspondencia que atravessem o territorio de qualquer dos mesmos paizes.

Isto representa muito, visto que as nossas relações internacionais são feitas em grande parte atravez a Espanha e pagos em ouro os respectivos portes. Do mesmo modo, o paiz visinho tem o transito gratuito, mas com essa permuta somos nós quem mais lucta.

Emfim, pelo que se conclue, o novo convenio traz a enorme vantagem de não estabelecer contras na execução dos serviços dos dois paizes que o negociaram devendo essa execução principiar logo que o determine a repartição do serviço postal internacional dos correios e telegrafos, de Berne, que o está estudando.

* * *

Por informação particular sabemos que para evitar os roubos postais provenientes da paragem que sofrem os vagons correios, vindos de Handaia, em Irun, onde são descarregados para outros—se está estudando a maneira de conseguir que esses vagons venham fechados pelas alfandegas e directamente de Handaia até Lisboa.

Dr. Jaime Campos

Este habil clinico do sanatorio da Covilhã aconselha na sua clinica o uso da «Fibrocalcina», o unico recalcificante natural até agora descoberto e por isso de efeitos tão rapidos.

A conferencia Inter-Parlamentar

Não tomam parte nela delegados portuguesos

COPENHAGUE, 16—Inaugurou-se a conferencia inter-parlamentar de comercio; sob a presidencia do sr. Moltesen. Estavam presentes 800 membros.—(R.)

Como se sabe, os parlamentares portugueses escolhidos para irem representar o nosso paiz foram os srs. deputado Vasco Borges e senador Lima Alves, que não aceitaram a nomeação, motivo porque Portugal não tem ali representação.

COMO O PÃO — PODE — SER BARATO

Com o novo regimen, subirá de preço por algum tempo, mas descerá, se melhorar o cambio

Tudo depende do aumento, ou não, da circulação fiduciaria

O sr. ministro da Agricultura resolveu pôr termo ás relações que existiam entre o Estado e a Moagem, acabando com o chamado pão politico. Como se sabe, o regimen a que andavamos sugeitos acarretava para o Estado um prejuizo que variava segundo a produção de trigo nacional, sendo, por isso, impossivel de fixar-se.

Ao passo que a população da provincia está pagando o pão pelo seu justo valor, Lisboa e Porto têm vivido á sombra dessa proteção, pagando o trigo que come por um preço inferior ao seu custo.

Não é facil a ninguem calcular com quanto o Estado tem entrado para cobrir essa diferença, mas o que se sabe é que, de facto, tal situação não poderia manter-se, dadas as condições aflictivas do tesouro publico.

Vai, pois, ser decretada a importação livre de trigo. O Estado não quer saber, não tem que saber, se a produção nacional dá *déficit* e qual a melhor fórma de cobri-lo. A importação de trigo exotico e o consumo do trigo nacional dizem apenas respeito ás industrias interessadas.

E' esta uma fórma mais inteligente do que a encontrada no tempo da monarquia por Elvino de Brito, com a sua lei de proteção á agricultura. Segundo essa lei, a moagem só poderia ir buscar ao estrangeiro a diferença entre a produção nacional e as necessidades do consumo, dando-se constantemente o caso de o Estado — tanto a peito levava essa protecção — reduzir a metade as quantidades reclamadas da importação.

Podia o trigo estrangeiro ser vendido em condições mais favoraveis, a preços mais baixos que o nacional. Emquanto este não fosse consumido, a moagem não poderia adquiri-lo, tendo de sujeitar-se aos preços altos marcados pelos nossos productores.

Agora, nada disto se dará, comprando-se o trigo que fôr mais barato, seja qual fôr o mercado em que se encontre.

* * *

Ha quem alegue que o pão subirá de preço, sobrecarregando de forma importante o orçamento do consumidor. E' possivel, é quasi certo, mesmo. A moagem irá procurar na economia individual o que a economia nacional lhe recusou.

Mas essa situação não pode deixar de ser transitoria, não só em virtude da concorrencia que se estabelecer, da lucta que se travar entre oficiais do mesmo oficio, mas como resultado da melhoria cambial.

O preço do pão dependerá, sobretudo, da atitude do Governo em materia financeira. Se o Governo, zelando os interesses nacionais e defendendo com patriotismo o bom nome da nossa terra, se recusar terminantemente a aumentar, numa cedula que seja, a circulação fiduciaria, o preço do pão, que agora sofrerá uma alta, diminuirá, infalivelmente, porque a situação cambial se modificará, sem sombra de duvida, num sentido mais favoravel para a nossa moeda.

Tudo depende, pois, da questão das notas. Faz-se uma nova emissão? O publico terá o pão por um preço fabuloso, porque o cambio entrará, fatalmente, na casa do um.

Não se fazem mais notas? O pão barateará, porque progressivamente, pouco a pouco, mas com segurança, o cambio melhorará.

Será, assim, o Governo quem regulará, ainda que indirectamente, o preço do pão.

Ruina consciente

Quem use na limpeza do calçado, pomadas ou crêmes com agua-raz, contribue para a destruição do calçado. Usai os productos «Radiol», de que é depositario Traquino L.da R. de S. Nicolau 19.

O 19 DE OUTUBRO

No Tribunal Militar

começou hoje o julgamento das pessoas acusadás de terem agredido o sr. Alfredo da Silva

No Tribunal Militar de Santa Clara começou hoje o julgamento dos srs.: capitão J. Pereira Pascoal, de infantaria 7, tenentes José Lopes e José Pereira Pina, de infantaria 7; Antonio Maria Mendes, de artilharia 2; primeiro sargento Mauricio S. Vilas de infantaria 19; segundo sargento Diogo Monteiro, de infantaria 7, e os civis Antonio Pereira Pina, o «Catorze», J. Augusto de Oliveira, o «José Castela», J. Silva, o «Cadita», Silverio Oliveira Cardoso, o «Silverio sapateiro», João F. Silva, o «João marceneiro», Augusto da Silva Vieira e Antonio Neves Simões.

Os reus são defendidos pelo sr dr. Alfredo Nordeste, á excepção do «Cadita» e do «João marceneiro», cuja defesa está a cargo do capitão tenente sr. Tavares da Silva, defensor oficioso.

A audiencia foi aberta ás 13,30, procedendo-se á chamada das testemunhas, que são em numero de 73, verificando-se a falta de 10.

O sr. dr. Alfredo Nordeste pediu licença ao sr. presidente para tomar a defesa dos reus, que estavam á cargo do sr. dr. Carlos Pereira, que se encontra ausente e não lhe poude passar a respectiva procuração.

O sr. promotor de justiça requereu que as testemunhas que faltaram sejam intimadas a comparecer, visto que as declarações de algumas são de certo valor para o Tribunal apreciar.

O sr. dr. Nordeste afirmou que o julgamento devia ser adiado, mas o sr. juiz auditor entendeu que não, sendo, porém, avisadas rapidamente as testemunhas que faltam a comparecer durante a audiencia. O sr. presidente concordou, sendo proposto um quesito ao juri para, em primeiro lugar, serem ouvidas as testemunhas presentes e as que iam ser intimadas no fim. O juri resolve favoravelmente.

* * *

O secretario do Tribunal, tenente sr. Gama, leu o libelo de acusação, no qual os reus são acusados de terem tomado parte no atentado de que foi vitima o sr. Alfredo da Silva em Leiria, por ocasião do movimento revolucionario de 19 de Outubro.

São tambem lidas as folhas de assentamento dos oficiaes e sargentos, verificando-se o seu bom comportamento, tendo tambem sido por varias vezes louvados e condecorados, excepto o 2.º sargento Diogo, que tem numerosos castigos disciplinares.

* * *

No auto de declarações, o sr. Alfredo da Silva declara que ia a embarcar para o comboio, quando ouviu varios gritos de morte. Chegou á plataforma do vagão, sendo então, atingido com um tiro, dos varios que foram disparados contra ele. Tambem viu alguns dos amotinados puxarem de navalhas, chegando diversos a darem-lhe pontapés no rosto. Atribue o atentado ás campanhas que contra ele se fizeram, devendo a sua salvação a um individuo de nome Serrão, que bastante se esforçou por acalmar os animos dos assaltantes e lhe facilitou todos os meios para seguir para o hospital.

Foram ainda lidos os relatorios do Instituto de Medicina Legal e do medico do hospital de Leiria, assim como o da junta medica, á qual o sr. Alfredo da Silva foi submetido.

A seguir, procedeu-se á identificação dos réus.

O srs. dr. Nordeste e capitão tenente Tavares da Silva, apresentaram as respectivas contestações de defesa, sendo, em seguida, suspensa a audiencia.

Congressos

Está marcado para os dias 17 e 20 de Outubro proximo, em Madrid, o VI Congresso da Associação Espanhola de Urologia, daquela cidade, em que tomarão parte medicos portugueses, franceses e alemães.

A França no Ruhr

Como o sr. Poincaré responderá á nota ingleza

PARIS, 16 — Nos meios bem informados diz-se que a proxima comunicação do governo francês ao governo britanico, a respeito da nota inglesa, deve responder ponto por ponto aos paragrafos que interessam directamente á França e que só fará observações sob o ponto de vista francês. Antes de seguir ao seu destino, a nota francesa deve ser transmitida ao governo belga. — (H.).

A resistencia alemã

LONDRES, 16 — Noticias de origem alemã dizem que o trabalho nas fabricas e nas minas continua com irregularidade. Nas manufacturas Thissen estão 24.000 operarios em grêve. Noutras fabricas tambem parte do pessoal está em grêve. Só em parte dos estabelecimentos Thissen, Hamborn, Rheinstahl e M..derich é que grande parte dos operarios voltaram ao trabalho, tendo as direcções destes estabelecimentos despedido os *méneurs*. Na fabrica Krupp não se tem feito nenhum trabalho productivo.

A grêve da fabrica electrica de Duisburgo agravou-se com a falta de numerario. Aumentam as dificuldades do abastecimento da população, apesar da chegada de numerosos vagões de viveres, por motivo das manobras de varios intermediarios e especuladores. Têm havido numerosas rixas e assaltos.

Em Ellendordbrand foram mortos dois policias e dezenas de manifestantes. Pensa-se em fazer a requisição forçada dos productos locais.

Essas noticias acrescentam que os franceses, depois de ocuparem a sucursal do Reichsbank em Essen, durante cinco semanas conseguiram arrombar os cofres, apossando-se do seu conteudo.

As autoridades francesas têm suprimido violentamente a impressão das notas de Banco nos districtos ocupados. Dois estabelecimentos em Dortmund, que imprimiam notas e cedulas, foram ocupados militarmente. — (R.).

A impressão no Vaticano

ROMA, 16 — A nota inglesa á Belgica e á França produziu excelente impressão no Vaticano.—(R.).

VERGONHA QUE ACABA

AS Encomendas Postais

vão ser instaladas num amplo edificio da rua da Palma

Por 2.000 contos foi adquirido o edificio da Companhia Portuguesa de Algodões, na rua da Palma, para instalação das Encomendas Postais.

O sr. ministro do Comercio e uma comissão de peritos visitaram aquele edificio, onde de futuro, com as indispensaveis obras de adaptação, poderá ficar modelarmente instalado o palacio dos correios, dada a sua enorme area e as vastas salas que possue.

A compra, na opinião dos tecnicos, foi realizada em excelentes condições, porque a propriedade fôra avaliada já com vantagens para o Estado em 3.000 contos.

Escusado será salientar o interesse que ao publico em geral deve merecer esta nossa noticia, visto que todos conhecemos as vergonhosas condições em que se encontram instalados, no improprio e arruinado edificio do velho colisɛu da rua da Palma, os serviços das Encomendas Postais, desde que o fogo destruiu a sua antiga séde no Terreiro do Paço.

As encomendas deterioradas, extraviadas e roubadas dão lugar a reclamações constantes, que se tornava necessario evitar.

Portanto, bom será agora que a mudança para as novas instalações se faça rapidamente, tanto quanto o exigem o bom nome do Estado e o interesse de nós todos.

O misterio da Casa da Faia

A origem ignorada de Nuno Tristão — Um navio feito de terra — O «écran» astral visto á luz do dia

Depois daquela estranha sessão de cinematografia astral, o jornalista, estendido no leito que a amavel hospitalidade do sr. Nuno Infante lhe reservára poz-se gravemente a cogitar. A principio havia no seu espirito um vago despeito por se haver deixado assim sugestionar, procurando tão insistentemente ver as imagens que lhe eram apontadas. Afigurou-se-lhe por um momento ter vivido fóra da posse dos seus sentidos carnaes, embalado nessa nevoa de sonho e de lenda que é o fundo poetico da raça. A despeito da evidente transparencia do seu espirito, o sr. Nuno Infante podia ser um supersticioso vulgar, perturbado em certos dominios da consciencia. De resto, fidalgo sem superstição não é fidalgo.

Com esta irreverencia estava o jornalista a dar-se por explicado, quando novos pensamentos o assaltaram. A efige de Carlos Relvas, tão flagrante, e tão visivel na parede era um motivo de mais embaraçosas conjecturas. Depois o retrato de um deão morto, descoberto recentemente numa parede da capela de Oxford, vinha dar uma singular verosimilhança ao relato espirita da casa de Nuno Infante.

Sobretudo, a morte do dr. Rojão, sentida a tantas leguas de distancia e fixada na parede como um instantaneo, escapava áquela simplista deducção.

A comunicação telapatica da morte do dr. Rojão, acompanhada da projeção visivel da sua face agonisante, era coisa veridicamente testemunhada. Não havia que duvidar dela. E então, por mercê de tal abalo, Nuno Infante, «medium» hipersensivel, tornara-se o centro atrativo de coisas imponderaveis e inominadas, acumulador e conductor dessas radiações da vida e da morte que a sciencia pressente já e procura tenazmente penetrar. Depois, o poderoso acumulador humano enviou, em jacto, em feixe, toda essa série movente de imagens, para a parede, onde uma misteriosa maquina as captou.

E assim, desfazendo sutilmente a maravilha, adormeceu em socego o jornalista.

Quando no dia seguinte nos avistamos de novo com o sr. Nuno Infante, o nosso amavel anfitrião, risonho, bem disposto, franco e fidalgo em seu tratar, parecia ter totalmente esquecido a surpreendente exhibição da vespera. Falámos de tudo, das culturas e dos gados, da graça das mulheres, das belezas da terra, da magestade grandiosa do mar.

O mar!... Iluminava-se-lhe a expressão, num grande extase ao evocar as horas de gozo e de espanto experimentadas sobre as aguas revoltas, nas viagens que fizera. A sua cabeça de um raro tipo arcaico, com seus cabelos curtos, á maneira antiga portuguesa, dir-se-ia traçada por um primitivo. E' uma cabeça henriquina, apresentando no conjuncto notaveis semelhanças com o retrato do Grande Infante, embora algumas das suas feições sensivelmente se diferenciem.

— A visão foi no mesmo dia em que seculos antes nascera D. Henrique — relembramos.

Respondendo indirectamente á oculta interrogação que desta fórma lhe faziamos, o sr. Nuno Infante, disse:

— E' uma data familiar aos que tenham compulsado a historia da nossa familia. Como sabe a familia Infante é descendente de Nuno Tristão, o primeiro navegador que viu a raça negra. A existencia deste grande navegador do seculo XV está tão intimamente ligada á vida do Infante D. Henrique, que é impossivel conhecer uma sem saber da outra. Nuno Tristão, cujo nascimento ficou sempre envolto em misterio, foi criado de pequenino na camara do Infante que lhe votava entranhado afecto. Quando Nuno morreu, nas suas viagens de Africa, o Infante quiz que houvesse luto na côrte. E Lopo, filho de Nuno, criado tambem como seu pai na camara de D. Henrique, era chamado Infante, Lopo Infante, provindo daqui o nome da nossa casa.

Falando dos seus antepassados, o nosso interlocutor veiu recordar-nos a hipotese sobre a origem de Nuno Tristão tão decididamente formulada pelo sr. Dornelas, no seu livro de genealogias, e tão contraria á tradição oficial da castidade votiva de D. Henrique.

Mas a conversa andava com tendencia

Notas a lapis

Uma boa nova

Um sabio americano acaba de descobrir que nós, homens, somos todos riquissimos! A noticia é bastante agradavel, não sendo portanto de estranhar que a humanidade a receba com palpitações de alvoroçado jubilo.

Infelizmente, porém, a massa formidavel de riqueza que nos pertence está escondida, como a da parabola, no amago da terra — no amago mais recondito e profundo...

A bem dizer, ninguem poderá jámais saber por que artes magicas chegou o professor Ch. Wasshington, da Universidade de Michigan, ao conhecimento perfeito do interior do nosso globo. Em todo o caso, e a mero titulo de curiosidade, repetimos aqui as suas teorias:

E' ridiculo, diz o douto mestre, supor, ainda alguem que o centro da terra seja constituido por materias em ignição. O «fogo central» não existe, como tambem não existem as chamadas «bolsas de fogo», cujas chaminés seriam os atuais vulcões.

E continua:

—Não! O centro da terra é formado por ouro solido, puro, cercado por grossa crosta de chumbo, prata e cobre sobre a qual repousa uma camada de rochas.

O professor Hobbs, do Instituto Carnegie opina, contudo, que o centro do nosso globo não é composto de ouro, mas sim de ferro, ferro este que deve ser capeado por espessa camada de niquel...

De tudo isto deve concluir-se que, para desanuviar o espirito fatigado e entorpecido pelas arduas lucubrações, os sabios, ás vezes, em momentos de bom humor e despreocupação — divertem-se.

Mas não se divertem á propria custa!

Doidos á solta

Seis doidos fugiram ha dias de um hospital de Aversa, na Italia. Uma vez em liberdade, separaram-se, encontrando-se de novo em Napoles. Reuniram-se e no seu conciliabulo reconheceram que cada um dêles precisava de se vingar do seu deputado, findo o que se separaram outra vez, para procurarem as suas vitimas. Por acaso, a policia desconfiou de um individuo que se ocultava nas proximidades da habitação de um deputado, pelo que foi preso. Era um dos seis loucos. Estava armado de um punhal e confessou que, de acôrdo com os seus amigos, precisava de matar um deputado. O peor é que os outros ainda não foram presos...

Um «récord»

Milan Petrovich, aldeão servio, bateu tambem um *récord*. Ha campeões do *box*, da natação, do *tennis*. O nosso homem, não podendo sê-lo dêstes generos de *sport*, fez se o campeão da poligamia... que não deixa de ser um *sport* como outro qualquer.

Este homem diabolico casou sucessivamente, sucessivamente as abandonando, com quatro raparigas solteiras e com 16 viuvas. E iria, ao que parece, por ai fora, se a justiça não pusesse termo a tão extraordinario frenesi conjugal.

Maduresas

Em Kochi, no Japão, um casal de septuagenarios assistiu ha dias aos seus proprios funerais. Fez-se tudo como se tudo aquilo fosse a valer, tendo comparecido ao acto muitos convidados, que choraram a valer, mas que pouco depois eram brindados com um excelente banquete oferecido pelos *dois cadaveres*. A certa altura, os caixões foram conduzidos ao cemiterio, desaparecendo, vasios — é claro — em duas sepulturas.

Parece que estas cerimonias se destinam a solicitar dos deuses da morte o prolongamento da vida...

Não é preciso, porém, ir ao Japão para assistir a êstes actos funebres. Ainda ha um ou dois anos em qualquer ponto da provincia, um nosso compatricta fez o mesmo, indo durante o cortejo até ao cemiterio dentro do caixão.

A policia e a literatura

A policia é em toda a parte a mesma, isto é, tem em toda a parte a mesma tendencia para os grandes exitos literarios. Um jornalista francês, dando-se ao cuidado de folhear alguns relatorios elaborados por policias, extrae dêles as seguintes frases:

«Seguia um enterro funebre.—Não se sabe qual dêles é irmão do outro—Ele tinha sido procurador da Republica sob o imperio—Era viuva desde a morte do marido—Tinha no bolso a quantia de 20 francos em notas de cinco, sendo uma delas de dez—A sua animação era das mais calmas—Tinha uma barba de imberbe—Estava sem trabalho ha tres meses, sendo esses os seus unicos recursos.»

Um contrato real

O Rei de Italia

lançou agora o 6.º volume do «Corpus nummorum»

O rei de Italia, tem sido toda a sua vida um apaixonado colecionador de moedas e de medalhas. A sua coleção é uma das mais belas do mundo. Acaba de publicar agora o sexto volume do seu «Corpus nummorum italicorum», série monumental, admiravelmente impresso e inteiramente ilustrado que visa a dar um catalogo completo italiano desde a edade-mé. dia até hoje.

A variedade de peças, na época do «num livre» ou cada principado da Renascença cunhava moeda, e a admiravel beleza de algumas delas — como os grandes florins de ouro da Florença ou o «sequin» de Veneza, os «matapan» de prata, primeiro cunho do famoso Doge cego Eurcio Dondolo — compõem, tanto para o artista como para o historiador, um conjunto particularmente admiravel da numismatica italiana. O «Corpus nummorum italicorum» é a unica obra consultavel sobre a materia, pois que outros estudos mais antigos estão dessiminados em brochuras desaparecidas ou em artigos separados.

O primeiro volume, aparecido nos primeiros anos do reinado de Victor Manuel II, é consagrado á moeda da Casa de Saboia, cujo interesse historico é grande, mas cuja arte é inferior á do resto da peninsula; o segundo ás moedas do Piemonte e da Sardenha; os seguintes ás da Liguria e da Corsega e ás da Lombardia e do cantão de Tessin; o ultimo, aparecido agora, trata das moedas das provincias venezianas, compreendendo a Dalmacia; e os sexto e setimo volumes, em preparação, falarão exclusivamente das moedas da Republica de Veneza.

O que vae pelo mundo

Um navio afundado

LONDRES, 16.— O vapor «Douglas», um dos paquetes-correios da linha entre Liverpool e Ilha de Man, no mar da Irlanda, abalroou com o veleiro de quatro mastros «Schooner» na manhã de hoje, perto da Ilha de Mersey.

O «Douglas», que sofreu um grande rombo do costado, afundou-se, mas todos os passageiros e tripulantes foram salvos.—(L).

Aficionados mortos e feridos

FOURQUES, (GARD) 16.—Durante a corrida de touros abateu uma tribuna com espectadores, ficando 4 mortos e uns 30 feridos.—(H.)

Judeus e mahometanos

LONDRES, 16.—Tendo o governo da Palestina recusado receber a delegação arabe, que representava 93 por cento da população de Terra Santa, uma comissão vai a Londres protestar contra a politica judeica ali seguida, em detrimento dos mussulmanos, e contra a perseguição feita pelo representante do Governo Real. —(L).

Mil pessoas mortas

SEUL (COREA), 16 — Um crescimento brusco das aguas do mar destruiu uma centena de casas, ficando mortas mil pessoas. — (H.).

A «lei seca» nos Estados Unidos

WASHINGTON, 16 — Pelo Supremo Tribunal Federal foi declarada legal a aconfiscação feita alem do limite das aguas territoriais dos navios inglezes que faziam contrabando de bebidas alcoolicas.—(H.).

Inimigos que se reconciliam

MEXICO, 16 — Nesta cidade foi assinado um acordo designando como possivel o reatamento das relações diplomaticas entre o Mexico e os Estados Unidos da America do Norte. Este acordo é o resultado das recentes conferencias entre representantes dos dois paises.—(H.).

Necrologia

Na sua residencia, rua José Antonio Serrano, 5, faleceu hoje o conceituado comerciante sr. Manuel Francisco Soares, muito conhecido e estimado no meio comercial.

O seu funeral realiza-se ámanhã, pelas 14 horas, para o cemiterio Oriental.

«A Capital» envia á familia do extinto os seus sentimentos.

Os professores das escolas moveis

Informam-nos da Arcada que carece absolutamente de fundamento tudo quanto alguns jornais teem dito sobre deslocação de professores de escolas moveis e estabilisação das mesmas escolas alem do prazo maximo de dois anos lectivos, fixado na lei organica. Pensa-se, é certo, em terminar de vez com a excepção odiosa que resulta do facto de haver entre aquela laboriosa classe duas especies de professores: os que dispondo de influencias são «moveis» em escolas fixas, e os que por não terem quem por eles se interesse são deslocados, com as escolas, no fim do praso legal, de 2 em 2 anos.

ULTIMA HORA

ORDEM PUBLICA

Preparando a revolução monarquica?

Foram presos varios aliciadores, que confessaram e prestaram declarações

Os individuos detidos teem tomado parte em outros movimentos contra a Republica

Não vai o tempo propicio para novas revoluções, o que não impede que os boatos sobre alteração da ordem publica continuem circulando de vez em vez, uns dias com certa insistencia e outros com mais um pouco de calma.

Os que se dizem bem informados e nos segredos dos deuses afirmam estar prestes a estalar um movimento monarquico, sendo outros de opinião que os fascistas é que desta vez mostrarão a sua força (?) derrubando o actual Governo e pondo á frente dos destinos da Nação gente da maior competencia e responsabilidade...

Comquanto nas estações oficiais se não ligue importancia a tais balelas, facto é que a Policia de Segurança do Estado não deixa de estar vigilante e tanto que ainda de madrugada afectuou a prisão de quatro individuos que andavam fazendo aliciamentos para um proximo movimento.

Esses presos são: Leandro Firmino Gomes, que se diz comunista; Joaquim Luis Carraquico, Antonio Pereira, ex-primeiro cabo da G. N. R., expulso daquela corporação quando do movimento realista de Monsanto, e Luís Nunes Faria, ex-guarda n.º 1181, da Policia Civica.

Segundo os autos, andavam conspirando contra a Republica e fazendo aliciamentos para um proximo movimento monarquico, o que de facto todos êles confessaram.

O Joaquim Carraquico é já conhecido da policia como bombista, porque, alem de ser o autor de varios atentados contra padarias, atentou contra a vida dos guardas civicos 1821, 837 e 945, em 3 de Setembro do ano passado, na rua Castelo Branco Saraiva, quando da romagem ao Alto de S. João ás vitimas da explosão ocorrida na séde da C. G. T.

O ex-cabo Antonio Pereira foi quem primeiro confessou que estava prestes a estalar uma revolta de monarquicos e que então se pagaria de tudo quanto lhe têm feito, chegando a ameaçar de morte varios republicanos.

O ex-guarda 1181 igualmente tomou parte no movimento realista de Monsanto, fugindo em seguida para o Algarve. Ao ser agora preso, foram-lhe encontrados nas algibeiras quatro petardos, semelhantes aos usados nas noites de Santo Antonio e S. João. Presume-se que fossem para dar sinais, porquanto o ex-cabo da G. N. R., Antonio Pereira, afirmou que a revolta devia rebentar ontem á noite, com o concurso de varios oficiais do Exercito. Estes, segundo se diz, têm reunido em pontos varios, tais como Parque Mayer, Avenida da Liberdade, Parque Silva Porto, Campo Grande, etc.

Aviação perigosa

O tenente DIAS LEITE

Foi vitima de um desastre em Badajoz

Os seus ferimentos não são de gravidade

A' hora de fechar mos o jornal chega-nos a informação de que o tenente Dias Leite, que d'aqui saira ontem, num Spad para Badajoz, d'onde seguiria para Sevilha, quando hoje voava sobre aquela cidade fronteiriça, foi acometido de uma sincope.

O aparelho desceu precitadamente, caindo, ao que parece, sobre uns telhados, pelo que se inutilisou.

Acorreram inumeras pessoas, que retiraram o piloto dos escombros do aparelho, verificando que o sr. Dias Leite tinha duas feridas e estava perdendo muito sangue.

Foi conduzido imediatamente ao hospital de Badajoz, parecendo que, felizmente os seus ferimentos não são de gravidade.

Tarde politica

Importantes conferencias no Ministerio da Agricultura

O sr. ministro da Agricultura teve hoje sucessivas e demoradas conferencias. Estiveram ali alguns importantes lavradores com quem o sr. dr. Joaquim Ribeiro trocou impressões sobre medidas que vai decretar, as quaes, protegendo legitimamente o agricultor, paralelamente defendam os interesses nacionaes.

Tambem o mesmo ministro ouviu longamente o Comissario dos Abastecimentos sobre a reorganisação do Comissariado, cuja eficiencia é tão precaria, que se impõe ou alterar-lhe a jurisdição de *fond en comble*, ou suprimi-lo.

* * *

O mesmo ministro vai saudar os sindicatos agricolas por intermedio do seu orgão «A Federação Agricola» e manifestar-lhes o proposito de dar realização aos votos do Congresso das Federações.

* * *

Vai hoje á assinatura o decreto exonerando o juiz sindico dos lucros ilicitos.

* * *

Pelo mesmo Ministerio foi realizada uma importante operação sobre trigos exoticos, que traz ao Estado uma consideravel economia.

* * *

A direcção da Associação Comercial de Lisboa cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças, com quem, ao mesmo tempo, trocou impressões sobre assuntos economicos, oferecendo ainda ao sr. Velhinho Correia a sua colaboração nesses assuntos.

O CAMBIO

A libra fechou hoje a 111$00 e 113$00 ...

Julgamento de ministros

Uns foram condenados á morte e outros a prisão perpetua

SOFIA, 16.— Terminou o julgamento dos ministros que faziam parte do gabinete Stambulisk. Quatro ministros foram condenados á morte e dois a prisão perpetua. Os outros foram condenados a penalidades que variam entre tres e cinco anos de prisão. —(H.)

A pasta da Guerra

O sr. Antonio Maria da Silva retribue cumprimentos

O ministro interino da Guerra, sr. Antonio Maria da Silva, foi esta tarde ao quartel do Carmo retribuir os cumprimentos que lhe foram feitos quando tomou conta da pasta da Guerra. No quartel era aguardado pelo comandante geral da G. N. R., chefe do Estado Maior e grande numero de oficiais.

O sr. Antonio Maria da Silva tambem visitou algumas unidades do Exercito e o comando geral da divisão.

A situação na Alemanha

Os comunistas continuam provocando desordens

BERLIM, 16 — As demonstrações comunistas continuaram durante o dia de ontem em varias cidades da Alemanha, especialmente violentas num grande numero delas, havendo a notar, em especial, as ocorridas em Leipzig e Cologne, onde varias casas comerciais foram atacadas, travando-se serios combates entre os trabalhadores e a policia.

A união de mineiros de Essen apelou para os seus companheiros pedindo-lhe para impedir as tentativas comunistas de provocar greves, porque a actual situação critica implica um perigo para a existencia da unidade alemã, favorecendo os planos franceses.

Formou-se um corpo de defesa contra os assaltantes comunistas dos estabelecimentos.

Por seu turno, o novo ministro do Interior alemão, Sollmann, entrevistado pelos jornalistas, referiu-se ás agressões comunistas e á maneira como tinham sido suprimidas e queixou-se de que varios diarios tivessem, sem motivo, exortado os operarios a entrar em gréves sem finalidade e que apenas dificultam a situação geral da Alemanha.

O aumento de tarifas postais e de caminhos de ferro

BERLIM, 16.— O Reichstag adiou as suas sessões, tendo votado leis criando tarifas postais de valor constante multiplicados por um indice variavel. Foi aceite a moção socialista, autorisando o governo a pedir declarações firadas sobre a existencia de valores estrangeiros para aumentar assim o rendimento do novo emprestimo interno em ouro no caso de que as somas dadas por subscrição publica não alcancem até meados de Setembro 200 milhões de marcos em ouro.

Foi tambem aprovado o projecto relativo ás novas tarifas de valor constante, nos caminhos ferro a que são aumentadas comparativamente de 1/6 até 2.000 % para as mercadorias e 900 % para os passageiros, devendo entrar em vigor no dia 20.

...olas voluveis. A exposição ribatejana, em que a sua casa de lavrador estava colhendo tantas consagrações e premios, deu pretexto ao sr. Nuno Infante para uma interessante exposição de ideias sobre os melhores metodos de cultivo, sobre o aperfeiçoamento das castas vegetaes e animaes.

— Vamos ver os campos — propoz a certa altura.

E fomos.

* * *

Na Borrada, a vinte minutos da Faia, uma nova surpreza nos esperava. No mesmo rincão, no meio de duas fachas secas de terreno plantado de vinho, um formoso arrozal banhado de agua!...

A propriedade apresenta o aspecto de uma embarcação com a proa voltada para o lado do Tejo. Semelhando as amuradas, dois altos valados protegem a terra até quasi ao fim. Para alimentar o arrozal ha uma nora, com quatro fiadas de alcatruzes de ferro, mas construida tão engenhosamente que um só boi, mesmo velho e cansado, a move com facilidade. Antes de acabada, houve engenheiros que duvidavam do exito da empresa. Mas a obra lá está a atestar uma forte situação de inventor, que, embora inculta, já na construção dos valados se manifestára triunfante.

Tudo aquilo tem uma razão de ser. No inverno, as inundações do Tejo trazem aqueles campos a toda a hora debaixo de agua. Daí a necessidade daquelas obras, para defender as terras do alagamento que as esterilisava.

Disseram os visinhos quando souberam do arrojado plano:

— O diabo do homem é doido! Vem as aguas e arrombam-lhe os valados.

Não contavam com a arguecia do inovador. Pela disposição dos valados, na orientação das correntes, em feitio de proa de navio, defendem-se elas do arrombamento. E depois, nas cheias maiores, um singelo sistema de eclusas, evita ainda a derrocada, dando vasão rapida ás aguas, que atravessam a propriedade sem deixarem vestigios perduraveis.

Assim, durante as inundações, quando todos os campos circumvisinhos se encontram debaixo de agua, a Borrada conserva-se enchuta como um navio vogando no mar alto. As suas colheitas são fartas, o seu aspecto é formoso.

Uma duvida ainda, no nosso espirito:

— Mas porque se plantou arroz no meio da vinha? Não era melhor ser tudo vinho ou tudo arroz?

— Não — elucida-nos com benevolencia o engenheiro-nato e lavrador. As inundações causaram aqui uma alverca. As infiltrações não permitiam nesta facha do meio senão arroz. O terreno ao lado, ainda um pouco humido, levou aquilo que mais lhe convinha, hervas para o gado. O resto mais elevado era otimo para vinha, e lá tem a vinha. Cada palmo de terra deve ser semeado com aquilo que melhor lhe calha.

Os holandezes fizeram a Holanda, arrancando-a toda ao mar, como Nuno Infante arrancou a sua terra ao Tejo. Alguns genios destes podiam guezes fariam um novo Portugal.

* * *

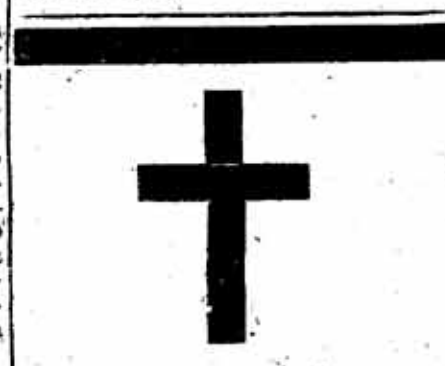
De volta á Faia, depois desta inesperada lição de engenharia agricola, que a todos os lavradores interessaria vêr, quizemos contemplar de novo a parede misteriosa.

Prevenimo-nos o mais possivel contra inevitaveis sugestões. Queriamos vêr se tanta sombra fatua não teria sido diluida pela ardente e clara luz do sol.

Levavamos um imperceptivel esgar de scepticismo, ao chegarmos em frente da parede. Mas foi um segundo. As figuras delinearam-se visivelmente, feitas da cal da parede, interseccionando-se, completando-se umas ás outras, como se um projector formidavel, assestado fixamente, as fosse estampando ao acaso, encavalitadas, ás voltas, ás voltas em cima dos mesmos pontos. Impressionantes, simetricas, ao alto, destacava-se numa singular expressão de nevoeiro, as veronicas lumitares de Carlos Reis e do doutor Rojão.

RODRIGUES ALVES.

De Valera na Irlanda

DUBLIN, 16—O senhor De Valera foi preso quando pretendia discursar num comicio do circulo por onde pretendia ser eleito no condado de Clare. Foi encerrado na prisão do condado. Pensa-se que ficará ahi por tempo indeterminado, não sendo por enquanto submetido a julgamento. E' acusado de crime de traição contra o Estado. Puando a força que o pretendia prender se aproximou, houve tumultos, ficando varias pessoas mortas e outras feridas. Os soldados deram duas descargas para o ar, pondo em debandada a maior parte dos assistentes, empregando apenas resistencia alguns partidarios mais acerrimos do celebre caudilho—(R.)

Manuel Francisco Soares

FALECEU

Antonio Diniz Soares e filhos, Julia Maria Soares e Maria Ferreira, Antonio Francisco Soares e filhos, José Francisco Soares, Ricarda Alexandrina Soares e filhos, José de Melo e filhos, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de familia e amigos o falecimento de seu chorado tio, sobrinho, irmão e cunhado e que o seu funeral se realisa amanhã, 17 pelas 14 horas, saindo o prestito da sua residencia na Rua José Antonio Serrano, n.º 5, para jazigo de familia no cemiterio Oriental.

Os contos de "A Capital"

AS CHAVES DA CIDADE

Ele era um novo e dsitincto diplomata. Ela uma rapariga nova e formosa.

Esposados. Casal feliz, rico, invejado. Os dois queriam-se mutuamente e eram queridos de todos.

Mas ele era um pândego, inveteradamente um conquistador...

Ela aturava-lhe com evangelica paciencia as canivetadas no matrimonio mais do que canivetadas, machadadas de abanar toda a arvore genealogica da familia...

Ele teve de ir tomar conta do logar de secretario de embaixada em Londres, e por lá esteve uns largos mezes, até que ela, já com a pedra no sapato, se lhe foi juntar.

Ora ele, tendo-se apanhado solteirinho e livre na capital ingleza, logo se associou a outros portuguezinhos, igualmente valentes, e todos juntos, com tais artes se houveram, que por fim já eram conhecidos, por dentro e por fóra, de todas as caixeiras gentis e de todas as gentis modistinhas do bairro elegante.

Haviam alugado, numa rua central — Regent Street — uma sala, onde se reuniam e onde mais intimamente reuniam tambem as «girls» que á discrição, se deixavam render pela ingrezia exuberante de gestos dos nossos compatriotas. Ora, como andar sempre a passar a chave da tal sala, de mão em mão, seria molesto, resolveram os rapazes entregá-la ao guarda-portão de uma casa de chá que ficava junta, o qual, revestido de chapeu de bicos e da libré espectaculosa dos medievos guardeões da Torre de Londres, empunhava uma alabarde gigantesca, que brandia em molinetas vertiginosas, chamando a atenção e fazendo reclame á casa de chá, em frente da qual passeava com importancia.

Encarregou-se o velhote de guardar a chave do paraizo dos nossos estouvados, mercê de repetidos «shillings» com que eles o gratificavam, generosidades que agradecia, apresentando ruidosamente a lança de cada vez que algum dos rapaes entrava ou safa.

E tudo corria muito bem assim...

Mas eis que Ela chega a Londres e mister foi, que o nosso diplomata sahisse com a esposa fasendo as compras indispensaveis para a instalação do menage.

Bem a queria Ele afastar da rua fatidica, mas Ela, ou porque o movimento da grande arteria londrina, onde se encontravam os mais luxuosos estabelecimentos, realmente a atrahisse, ou porque já alguma coisa lhe fosse suspeitosa, teimou, e lá o arrastou contrariado e entregando a salvação á pouca vista do alabardeiro...

Mas o homem, desejoso da gorgeta, farejava os nossos patricios e logo de fé do diplomata acompanhado de uma linda e elegante mulher (por fatalidade a legitima!) rompendo com um terrivel molinete de alabarda e acabando por bater, em continencia, com a haste ferrada no passeio, repetidas pancadas sonorosas!

Os transeuntes param: formam circulo os «badauds»; os primeiros curiosos chamam outros e com estes, Ela é tambem atraida pelo espectaculo, apegando-se ao braço de Ele, que já mandava a todos os diabos o anacrónico personagem e bem desejava sumir-se pelo chão abaixo.

Então o diabolico alabardeiro, inclinando a lança e a espinha numa mesura toda idade-média, entregou ao infeliz diplomata a chave denunciadora, dizendo-lhe em giria de Whitechapel: «Seu maganão... Cada dia uma diferente!...»

Os circunstantes riram ultrajosamente, porém Ela, que, felimente, não percebia o baixo inglês, ficou-se atonita a preguntar ao marido o que queria dizer aquela solenidade...

E Ele, com um topete admiravel, afastando-se do ajuntamento e recuperando o sangue-frio, já ia a explicar com convicção: — «Oh! filha... Tu que queres? E' costume tradicional em Inglaterra apresentarem as chaves da cidade aos diplomatas acreditados na côrte de St. James, quando entram na City!...»

E desta feita o alabardeiro comprometedor ficou sem aquele *shilling* a que tinha feito um jus tão ruidoso.

MAGA

COMO NOS CINEMAS

O misterio da dama côr de rosa

Um caso complicado que a policia não esclarece

LONDRES, 5.—Os londrinos que a vaga de calor não venceu completamente consagram neste momento o resto de energia á pratica da arte de policia amador. A imprensa fez tanto ruido á volta do desaparecimento misterioso de uma joven, *miss* Thyllis Lester, que todos procuram desvendá-lo.

Eis os factos: *miss* Phyllis Lester, uma menina de 22 anos, loira e de uma excepcional beleza, era noiva de um rapaz da sua idade, estudante de direito e que pertencia a uma excelente familia da provincia. No mês de Julho, quando o noivo estava em ferias em casa de seus pais, *miss* Lester chegou com as suas malas á pensão de familia em que êle residia habitualmente. Aí passou quarenta e oito horas, partindo em seguida para o campo com a proprietaria da pensão.

Tendo entregue as bagagens, miss Lester sahiu, disendo que voltaria á tarde. De facto, só voltou no dia seguinte, mostrando-se doente, dizendo que se ferira caindo num ascensor do «metro». Um rapaz desconhecido, de cara rapada, veio tomar chá com ela. Um pouco mais tarde miss Lester saiu, dizendo que ia meter no correio uma carta para o noivo. E nunca mais se encontrou vestigio dela.

A hipotese duma fuga é naturalmente a primeira que acode ao espirito dos «dectetives» encarregados da questão. Mas varias razões a tornam improvavel. Em primeiro logar, miss Lester deixou abandonada toda a sua bagagem, que contem, parece, vestuario e roupas dum certo valor. Depois consta que não devia ter levado dinheiro, a não ser uma libra esterlina aproximadamente. Ha ainda a notar que ela não estava preparada para qualquer viagem, com o seu vestido côr de rosa, meias de seda branca e sapatos da mesma côr. Mas a carta que deitou no correio chegou realmente ao seu destino. Refere nela a desaparecida a sua proxima partida para o campo com alegria. Pode pois supor-se que, no momento em que escrevia, tinha a intenção firme de fazer a viagem combinada em companhia da directora da pensão e o seu noivo.

Onde o caso se mostra veraddeiramente misterioso é quando se tenta realisar diligencias junto dos parentes ou dos conhecimentos da desaparecida. Soube-se que ele dizia ter toda a familia na Australia e corresponder com ela por intermedio dos serviços do Alto Comissariado da Australia em Inglaterra. Ora miss Lester é ali absolutamente desconhecida. Dizia tambem que cursava numa escola comercial.

Sobre esse ponto tambem todas as diligencias tem sido vãs. Outro tanto na pensão que habitou até ao principio de julho e onde se encontrava ha cerca de um ano. O que aí sabem dela é que sahia todos as manhãs para qualquer trabalho que se desconhece, recolhendo á noite, bastante cedo.

Ora tudo isto é pouco claro. O que seria feito de Phyllis Lester? Quem era ela? Quaes eram as suas ocupações? Quem é o desconhecido que tomou com ela chá no dia em que desapareceu? O noivo, que, diga-se de passagem, tem impedido que o seu nome fosse publicado, é o primeiro a querer encontrar a chave deste enigma, que se pode intitular: «O misterio da dama côr de cora.»

TEATRO

Representação

Os frequentadores do teatro S. Luiz tiveram com a apresentação da celebre «tonadilera» Goya uma agradabilissima impressão de arte. De facto, poucas vezes nos tem sido dado assistir a um espectaculo tão interessante como o que a encantadora artista nos proporcionou, com as suas deliciosas canções, nas quais perpassam todo o sentimento e todo o ardor do povo espanhol. A sua voz é de uma grande frescura e a sua beleza e a sua graciosidade constituem um verdadeiro enlevo para os nossos olhos.

Celebrisada no estrangeiro, Goya confirmou entre nós a merecida fama de que o seu nome vem precedido.

E a tal ponto o publico de Lisboa se entusiasmou com a gentil artista, que a empresa do S. Luiz a contratou por mais algumas noites.

Uma nota tocante

Gustave Simon, nas suas interessantes recordações sobre Sarah Bernhardt, que está publicando na «Revue de Paris», conta o seguinte rapido dialogo entre a grande trágica e a artista Berthe Bovy:

«Ia eu de carruagem em Bruxelas, quando vi uma rapariga, que corria, já muito cançada, proximo do carro.

— Que é que tu queres? — perguntei-lhe, depois de ordenar ao cocheiro que parasse.

— Queria falar comsigo, minha senhora — respondeu a pequena.

— Procura-me á tarde no hotel.

A pequena Bovy procurou-me e disse-me:

— Eu quero ser actriz.

— Está bem, é possivel.

— Mas, não tenho dinheiro.

— A dificuldade não é essa. Mas tu sabes recitar alguma coisa?

— Sei «La Poupée».

A rapariga recitou-a com talento. E Sarah Bernhardt pagou-lhe as passagens para Paris, contratando-a para o seu teatro.

E' simples e tocante.

Noticiario

Entre nós

Segundo nos consta, estão se entabolando negociações para a ida a Espanha de alguns artistas portuguezes:

—Na magica «O gato preto», que ha 30 anos não sobe á scena em Lisboa e que vai representar-se no S. Luiz, o actor Julio Burgos fará o papel de mandarim.

—Goya, depois de trabalhar no teatro S. Luiz, irá ao Porto, onde dará trez espectaculos, fazendo depois uma «tornée» por Vidago, Vila do Conde, Granja, Espinho, Bussaco e Figueira.

—Estão melhores, devendo trabalhar no começo da proxima epoca de inverno, os artistas Anita Salambô, Alfredo Ruas e Jaime de Figueiredo.

—Partiu para as ilhas a companhia José Climaco. Para Alcobaça partiu tambem a companhia Rey Colaço.

—Tambem partiu, para percorrer os principais centros de Angola e Moçambique, a companhia de Romualdo de Figueido.

Do estrangeiro

— Vera Sergine vai interpretar o principal papel de uma nova peça de Kistemaekens, «A escrava errante». No Ambigu, mademoiselle Briey, conhecida tambem do publico de Lisboa, representará com Vargas «Vers l'amour», emquanto André Brulé se apresentará na nova peça de Charles Méré «O principe João».

— A Suissa começa a manifestar uma interessante actividade cinematografica. A «Genova-Film» vai realisar um film que terá por titulo «Zora», a endiabrada», e para o qual foi contractada a artista americana N. de Herrera.

— Vai ser criada em Nancy uma escola racional de canto francez. Empregar-se-á o metodo de canto descoberto pelo professor do conservatorio daquela cidade A. Labiriet. No fim dos estudos, um juri constituido por cantores e um larimbogista entregará os diplomas de remissão vocal.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

OS PARTIDOS

O P. R. R. não pensa em revoluções

Desmentindo boatos que correram

Disse-se para aí que o P. R. R. está preparado para actuar, no caso de qualquer movimento revolucionario, com elementos do Exercito e da Armada, acrescentando-se que aquele partido tem acordos com os comunistas e para o mesmo fim que os tem com o Exercito e a Armada.

Ora, um encontro de acaso com um militante activo da nossa politica radical, que não pertence ao Directorio do seu partido, deu ensejo a que lhe ouvissemos declarar que nem o congresso do P. R. R., nem a atitude do Directorio dêste, expressa nas notas oficiosas publicadas na imprensa, autorizam alguem a fazer acordos com quaisquer partidos nem a pensar numa revolução.

No momento angustioso que atravessamos, as consequencias que disso adviriam, tudo faz prever que seriam terriveis.

— Não quere então o P. R. R., de forma alguma, cooperar em revoluções? E, em sua opinião ainda, o actual Governo se manterá até que tome posse o novo Chefe do Estado?

— E' dificil, como deve calcular, obter uma resposta concreta á pregunta que me acaba de fazer. Perante o insucesso a que parecem condenadas todas as medidas governamentais e em virtude do crescente e pavoroso aumento do custo da vida, e alem de outros motivos, só por um excesso de optimismo se poderá admitir que o actual Governo venha a ter uma longa permanencia no poder.

Nesse caso...

— Entendo que o meu partido deve manter nesta situação a atitude que vem mantendo — a espectativa de quem aguarda serenamente os acontecimentos. Tudo indica, por força de circunstancias para as quais êle nada contribuiu, que, talvez breve, seja forçado a cumprir a missão que logicamente lhe está destinada, dada a impossibilidade em que os outros partidos parece encontrarem-se de efectivar a obra que o momento reclama.

VIDA SPORTIVA

Um campeão portuguez de lucta

entrevistado no Rio, de passagem para Buenos Aires

«O Paiz», do Rio de Janeiro, ontem chegado a Lisboa, publica a seguinte noticia:

«Com destino á Buenos Aires, viaja a bordo do paquete francez «Mendoza», entrado ontem pela manhã de Genova e escalas, uma «troupe» de luctadores romanos, que vão disputar um torneio internacional no Cassino da capital argentina.

Os luctadores que ontem passaram pelo Rio são campeões dos respectivos paizes que representam e vão sob a chefia de Constant le Marin, o celebre detentor do cinturão da victoria, isto é, o homem que mantem ha quatro anos o titulo de campeão do mundo.

Entre os que fazem parte da actual «tournée» aos paizes sul-americanos figura um luctador de real destaque, dotado de possante força fisica e que, apesar de ser ainda bem joven, tem todas as probabilidades de ser o futuro campeão. Referimo-nos ao sr. Manoel Gonçalves, campeão de Portugal, que conta 26 anos de idade e pesa 110 kilos.

Esse guapo e forte luctador trocou algumas palavras comnosco a bordo do navio em que viaja. Em conversa, referiu-se ao recente campeonato de lucta grego-romana realisado em Madrid, onde o povo é talvez mais fanatico por esse genero de sport do que mesmo pelas touradas... Foi isso o que nos afirmou o campeão lusitano, que veiu depois dizer-nos como fôra derrotado por Constant le Marin.

— Resisti — disse-nos ele — durante meia hora ao actual detentor do cinturão da vitoria. Foi uma lucta terrivel, em que acabei cedendo aos musculos de aço e á técnica de Constant, que me levou ao tapete com um surpreendente «bras roulé».

O campeão portuguez contou-nos que viajam em sua companhia 15 luctadores alguns deles como por exemplo, o russo Ivan Leskinowitsch e o italiano Rafaele Grenna, verdadeiros mestres da lucta romana e que pelos seus possantes musculos, são terriveis candidatos ao titulo supremo.

Despedimo-nos do campeão lusitano gratos pela gentileza que nos dispensára.

A bordo do «Mendoza» viajam os seguintes luctadores: Constant le Marin, belga; Henry Strobants, belga; Rock Well, canadense; Raul Saint Mars, belga; Rafaele Grenna, italiano; Ivan Leskinowitsch, russo; Modeste Tibermont, polonez; Ratto, argentino; Hermann Regling, alemão; Henrich Meyerhaus, alemão; Max Kohler, alemão; Karl Grunewald, alemão; Manoel Gonçalves, portuguez; Fournier, francez, e Henrich Lobmeyer, alemão.

Todos esses campeões virão ao Rio, logo que finde o torneio a realisar-se em Buenos Aires.

Foot-Ball

UM BANQUETE

Efectuou-se ontem o banquete oferecido pela direção do Club Internacional de Foot-Ball á sua equipe no campeonato de Portugal de Sports Atleticos. Foram em grande numero os convivas, fazendo brindes os srs. José de Lemos, pela direção e Gentil dos Santos pelo conselho tecnico, Honorio Costa e outros. O banquete correu muito animado.

TAUROMAQUIA

Touros embolados á espanhola em Viana do Castelo

Pela primeira vez no norte do paiz se vão lidar touros embolados á espanhola. E' em Viana do Castelo nos dias 18 19 e 20 do corrente, por ocasião das deslumbrantes festas á Senhora da Agonia. Na primeira corrida que se efectua já no sabado será lidado um touro nou tras condições, toureando a cavalo os inimitaveis artistas D. Ruy da Camara, cavaleiro amador e João Branco Nuncio que foi uma das suas ultimas revelações.

A pé tourei m Luciano Moreira, Teodoro Gonçalves, Tomás da Rocha, Custodio Domingos e «Alfareros.

O cabo de forcados será o conhecido Chico Marojo.

Na corrida de domingo será tambem lidado um touro embolado á espanhola e na segunda-feira, todos os touros serão lidados nestas condições, entrando na lide os trez melhores cavaleiros portuguezes, D. Ruy da Camara, José Casimiro e João Branco Nuncio.

Nunca em praças da provincia se realisou um tão bem organisado torneio tauromaquico como o de Viana, o que só honra o seu organisador, o bandarilheiro Luciano Moreira.

A fim de servir a população do concelho de Oeiras, vai construir-se ali a Praça de touros José Casimiro.

— Um grupo de aficionados oferece esta noite aos cavaleiros Simão da Veiga (pae e filho) uma ceia para o que ja ha muita gente inscrita. Essa inscripção continua no Hall Club.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOUS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220,2.º — LISBOA* Telefone N. 320

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND CEMENT HERMES

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º Telef. C. 2894
PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º Telef. N. 1178

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, pisaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

BAIXA DE PREÇOS

Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que tem em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE

MOBILIAS

Grande sortimento para todos os preços

VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS

Ninguem compre sem confrontar estes preços e o belo acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da
100, Rua do Conde Redondo, 102
TELEFONE N.º 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta, em frente á paragem do electrico

---

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Iesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida de Berne, M. H. B.
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e oficina, Norte - 4122

- Electricidade em todas as suas aplicações.
- Centrais completas em cidades e vilas.
- Aparelhagem electrica e força motriz.
- Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
- Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
- Candieiros, lustres e placas.
- Telefones campainhas e para-raios.
- Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
- Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
- Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
- Canalisações para agua e gaz.
- Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA

Orçamentos gratis

Em 48 horas tinge-se luto

Mande tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que represents a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Desgraissage á sêc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47-Lisboa-Tel. N. 3019

Para ver e crêr agradece uma visita

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1916, ETC.

Farinha Peitoral Ferruginosa

Tonico reconstituinte, o precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Muito recomendada pelos Medicos a todos os debilitados, convalescentes de qualquer doença, na alimentação das parturientes e amas de leite, pessoas edosas, anemicos e creanças. Mais de 50 anos de resultados sempre eficazes comprovados por numerosos atestados.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

NA RUA

imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
recorrendo á

ILUMINADORA
— DA —
ESTEFANIA
— DE —
Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

Poupa tempo dinheiro e roupa

ACH. BRITO-PORTO

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo clorete e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga — conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregala entre as mãos quando haja sarros ou nodoas ruins de sair porque, amolecida já pela barrela, cede facilmente ao rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—3, Rua do S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2510, uma encarregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente —novos cursos— para principiantes em

FRANCEZ :: :: INGLEZ

: : Já está aberta : : : a inscrição : : :

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens. Sempre ao melhor preço.

A. Pinheiro da Costa

Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1789

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

Operações insensiveis por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo 127

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS

Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

TINTURARIA
— DO —
POVO
— DE —
José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.
Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.
Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Horta e Costa

Rins e vias urinarias
12, Rua da Tindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFON 4444E

Gazolina
Petroleo
Oleos

SHEL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.a L.td

Rua do Crucifixo, 49

LISBOA

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4457-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sex ta-feira, 17 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

A libra fechou hoje a 111$50 e 113$50

NEM MAIS UMA NOTA!

O momento torna-se cada vez mais grave, mas tem a vantagem tambem de se tornar cada vez mais nitido. E' por isso mesmo que se creou uma força de opinião, o que não sucede em Portugal senão em circunstancias absolutamente criticas.

O paiz está esclarecido, e, como está esclarecido, sabe o que quer.

Que foi necessario para isso?

Simplesmente que a Caixa Geral de Depositos publicasse uma nota oficiosa e anunciasse um estudo sobre o assunto do momento, que é a ameaça duma nova inflacção fiduciaria.

A Caixa Geral de Depositos mostrou que os escudos nunca faltaram para a compra e açambarcamento das libras, a fim de esperar a almejada divisa um, para facilitar a qual a inflação fiduciaria, reclamada a pretexto da falta de notas, é o meio necessario e indispensavel.

Tanto bastou para que a opinião publica, a qual, pode dizer-se, por instinto, já chegára a essa convicção, desde logo a transformasse numa certesa absoluta.

Quer-se arruinar o Estado, quer-se perder a Nação!

O caminho que os especuladores de todos os matizes pretendem que se siga é o caminho da Alemanha, onde o marco já não tem nenhum valor cambial.

Essa «débacle» deu-se na Alemanha em dois anos. Entre nós não levaria tanto tempo.

A opinião publica compreende-o perfeitamente, e por isso a reação do sentimento nacional é formidavel.

Poderiamos mesmo dizer unanime, mas temos de resalvar os interessados, isto é, os especuladores que não prescindem de novas e colossaes deferencias para as suas operações verdadeiramente criminosas.

O grito do paiz é este: — Nem mais uma nota!

Se o Governo se mantiver firme, se não fizer o jogo dos especuladores, o paiz está salvo. E não haverá mesmo «débacle» de espécie alguma, porque assim como a não houve quando tudo que valia 10 passou a valer 100, tambem não a haverá quando voltar ao seu legitimo e natural valor.

No problema economico ha uma parte meramente convencional. E' preciso não o esquecer. Ha quem se tenha habituado a ter 100 quando não póde com esses 100 fazer o que faria com 10. No dia, em que o equilibrio voltar, muita gente reconhecerá que não só não foi prejudicada como ganhou.

Em todo o caso o grito que soa pelo paiz inteiro é este:

— Nem mais uma noota!

Que grande elemento não é para um Governo a força da opinião publica que tão dificilmente se conquista!

Se o Governo quizer, pode resolver agora toda a questão portuguesa.

Para isso, de que necessita?

De firmeza.

Não precisa de mais nada; precisa simplesmente, ser firme.

A' horda insaciavel que lhe pede notas para poder guardar as libras, ou tudo aquilo que vale ouro, aguardando uma subida, e não se resignando nunca a uma baixa, responda o Governo com o voto expresso pelo paiz inteiro:

— Nem mais uma nota!

Se o fizer, repetimos, salva a Patria, salva a Republica.

Se o não fizer, se tergiversar, se ceder, se capitular, se em vez de ser juiz fôr cumplice, a sorte da Nação está marcada.

Será a repetição da Alemanha. Será a vergonha, será a morte!

E nem sequer se evitará a revolução vingadora, porque ela já ruge debaixo dos nossos pés.

O aumento da circulação fiduciaria é, financeiramente, um erro; é, economicamente, um crime; é, politicamente, uma inepcia.

Perde-se o paiz, perde-se a Republica, perde-se a sociedade, e vai-se dar aos agitadores o pretexto maximo para a desordem.

Tenhamos um relampago de patriotismo e de bom senso.

Nem mais uma nota!

VIDA ECONOMICA

Acaba o "pão politico"

evitando-se ao Estado a sangria de milhares e milhares de contos por — — — ano — — —

Mas para que o publico seja beneficiado, necessario é que o cambio melhore

Acentuamos ontem que o preço do pão no regimen livre que o novo ministro da Agricultura vai estabelecer, dependerá da nossa situação cambial, regulando-se inteiramente por ela.

Se, como é de esperar, não fôr aumentada a circulação fiduciaria e a valorisação do escudo se fôr fazendo progressivamente, o preço do pão, que agora será elevado, irá descendo á medida que descer o custo da libra.

A concorrencia entre as moagens se encarregará de estabelece-lo, no sentido de alcançar o favor do publico, sem que o Estado tenha de intervir permanentemente, e de uma maneira directa, na sua regularisação.

«A Epoca», ocupando-se ontem do assunto, classifica de disparatada a resolução de deixar á moagem plena liberdade para comprar o trigo onde quizer e da maneira que quizer, sem ter que preocupar-se em saber se a produção nacional dá «deficit» e qual a melhor forma de cobri-lo.

Já ontem dissemos que a orientação seguida pelo sr. dr. Joaquim Ribeiro é mais logica do que a que resultava da lei de Elvino de Brito. A moagem fica com inteira liberdade para fazer lá fóra, onde quizer e como quizer, os seus fornecimentos, devendo, porém, é claro, comprometer-se a consumir o trigo nacional.

Os nossos agricultores manifestarão o seu producto, estabelecendo-lhe um preço minimo, em conformidade com as condições do mercado externo e acompanhando de perto o movimento cambial.

A subida de preço do pão não póde deixar de ser transitoria, se o Governo se decidir a melhorar a nossa situação financeira, reduzindo as despesas e recusando-se a ceder ás manobras tendentes a uma nova emissão de notas. Afirmou o sr. dr. Joaquim Ribeiro que o Estado vinha perdendo com o *pão politico* setenta mil contos por ano, levendo os prejuizos subir a nada menos de cento e cincoenta mil, se teimassemos em manter-nos no mesmo regimen.

A tão preconisada redução de despesas tem, de facto, de fazer-se assim, pois só por esta forma se conseguirá equilibrar o orçamento, aplicando em serviços que o paiz tanto necessita desenvolver as verbas que até agora têm andado desviadas para aquele e outros fins.

Todos aqueles que clamam e com razão, que é necessario proceder-se a uma compressão das despezas publicas, deverão ficar satisfeitos, sabendo que pelo regimen de liberdades agora decretado pelo sr. ministro da Agricultura, ficará o orçamento aliviado da importante verba de 70 mil contos. Essa verba virá a ser paga pelo publico, é certo, mas de maneira, por assim dizer insensivel, por um ligeiro aumento do preço do pão que, de resto, será apenas transitorio.

E margem ha para se efectuar a compressão das despezas noutros capitulos, por processo identico a este.

Por exemplo, os tabacos dão ao Estado um prejuizo anual de 32 mil contos. Porque razão se não ha-de estabelecer que o serviço de liquidação das obrigações dos tabacos se faça a um cambio fixo, de modo a não dar prejuizo ao Estado, e que evidentemente não poderá ser ao cambio de 2 ou 3, mas sim ao de 4 e até 5?

Não fez, ha pouco tempo ainda, o Governo fixar um dividendo á Companhia das Aguas?

A liquidação das obrigações dos tabacos a um cambio fixo, não prejudicará os portadores das referidas obrigações, enormemente beneficiados pelas espantosas flutuações cambiais dos ultimos tempos. Mesmo que se fixe o cambio de 5 para essa liquidação, êles ainda lucrarão e o Estado aliviará o seu orçamento de mais essa verba de 32 mil contos. A compressão das despesas feita por este processo é mais racional do que a preconisada acerca de redução do funcionalismo que, a fazer-se algum dia, o que não acreditamos, criaria uma dificuldade dificil de vencer que seria a legião de desempregados que dela resultasse e a que o Governo se veria forçado a acudir.

Outras verbas semelhantes ha no orçamento, englobadas na rubrica «Despesas com a crise economica», de que seria relativamente facil aliviar aquele importante diploma de receita e despesa.

Entendemos, por isso, que o regimen livre, liberrimo, que vai ser estabelecido é o melhor para o Estado, para o publico e para as proprias industrias, o unico compativel com a situaação economica do país e por isso aguardamos com interesse o diploma anunciado para ámanhã pelo sr. ministro da Agricultura.

O 19 DE OUTUBRO

EM BOLANDAS

Os condenados do 19 de Outubro, ainda depois de presos, continuam a meter medo. Estava certo que o metessem antes, na noite tragica dos morticinios, quando a «camionette fantasma» espalhava na cidade o terror e o sangue.

Pois parece que ha ainda hoje quem tenha medo dêles, pela contradança em que têm andado.

Conduzidos ao começo para o forte da Trafaria, foram depois de julgados e condenados, para o forte de Sacavem. Receando qualquer assalto ou fuga dos presos, o comandante mandou reforçar a guarnição, artilhar poderosamente o forte, até que se resolveu, para evitar surpresas desagradaveis, que mesmo assim poderiam dar-se... transferi-los para Elvas.

Mas o comandante da velha praça fronteiriça alarmou-se com a chegada dos homens e não descançou, emquanto não os viu dali para fóra, reconduzidos para a Trafaria, donde alguns seguiram ainda para Coimbra.

Esta dança é necessaria? Quer-nos parecer que não. Os outros, aqueles que os têm á sua guarda, é que se alarmam com grande facilidade e dai o desejo de se vêrem livres deles, quanto mais depressa melhor.

Somos, por isso, de opinião que basta de transferencias, bastando, para que eles não fujam que os vigiem cuidadosamente.

PARA AS ALMAS...

Uma rubrica misteriosa

Ha no orçamento geral do Estado, alem de muitas outras coisas curiosas, uma rubrica intitulada: «Para atender á crise economica». E', como se vê, uma rubrica aparentemente modesta, sem nomes de espalhafato nem exibições espectaculosas.

Quem folheia o orçamento, não se detem a examinal-a, pois não diz nada não mostra nada, recolhida na vulgaridade do seu nome, inteiramente perdida naquela estranha aluvião de numeros.

Pois trata-se, nem mais nem menos, do que de um poço sem fundo, onde cabem as verbas mais extraordinarias e destinadas aos casos mais diversos.

A gente quer destrinçal-as, pol-as em ordem, dividil-as, mas não há possibilidade de o fazer. A rubrica citada é como aquelas caixas de esmolas que se encontram em certas egrejas com um pequeno letreiro que diz «Para as almas». Modestas mal pintadas, dependuradas junto do altar mais procurado, recolhem no seu seio todas as esmolas, das mais pequenas ás maiores, sem que saiba nunca quando estão cheias ou vasias.

Tudo o que ali se deita e tudo o que dali se tira é «para as almas». E isso é suficiente para tranquilisar o espirito cristão dos doadores.

Pois a tal rubrica do orçamento é uma especie de caixa das almas.

«Para atender á crise economica...» E os estadistas que teem passado pela pasta das Finanças não procuram saber se o publico achará demasiado sucinto letreiro que ali poseram.

Não poderia o novo ministro sr. Velhinho Correia mandar pôr aquilo direito, para que se saiba, ao menos em que se gasta tanto dinheiro e as razões porque se gasta?

Historia duma sindicancia

TERMINOU A QUE FOI ORDENADA á POLICIA

Os acusados estão consultando o processo para organisar :-: as suas defesas :-:

Esta sindicancia tem uma historia que talvez valha a pena contar. Não porque haja pormenores ou coisas novas para dizer, mas porque nem sempre é mau recordar quando se trata de questões que como esta prendem a atenção e despertam a curiosidade do respeitavel publico.

Um pouco desta historia é a historia de todas as sindicancias que se teem efectuado no nosso paiz nestes ultimos dez ou quinze anos. Começo de escandalo, anuncio de tempestades e, quasi sempre, um final de gargalhada.

Desde os adeantamentos e as coisas da casa real, já ninguem toma a serio um individuo investido nas formidaveis e heroicas funções de sindicante; por mais que ele tenha aspecto de mata moiros.

Porque a verdade é que se exceptuarmos um ou outro pequeno funcionario castigado por motivos de inquerito, as sindicancias absolvem e justificam apenas. São pretextos para classificar como pérolas muitos daqueles sobre cujas intenções as duvidas se haviam suscitado.

Os sindicados são, ou triunfadores, ou martires. Reduzem-nos a essas admiraveis proporções os que em casos sucessivos de duvida fizeram com que ninguem agora acredite.

Ah! no dia em que se fizer a historia documentada dos sindicatos efectuados em Portugal! Que extraordinarias, que mirabalantes coisas apareceriam enchendo-nos de riso ou provocando-nos as lagrimas.

* * *

Foi depois do 19 de outubro que se iniciou a sindicancia á policia. Causas remotas: toda a serie de escandalos que se dizia haverem sido cometidos nas varias dependencias do Governo Civil, e sobretudo naqueles que a gente da Investigação habitava.

Causas politicas! um conflito suscitado entre o director da Policia de Investigação, dr. Reis Junior, e o director da Policia da Segurança, major Carrão de Oliveira, e duas ou trez participações feitas contra os oficiais da Segurança alferes Lopes Soares e tenente Pio acusados de invadir as atribuições do pessoal da Investigação.

Sindicante: o dr. Alfredo Pedro Guisado, pessoa hunestissima e seriissima, tendo sobretudo a qualidade rara de se não deixar intoxicar pela atmosfera extranha do Governo Civil.

Logo que a sindicancia começou, os boatos acentuaram-se. Ao que se apurava havia culpados, e culpados que teriam grande dificuldade em justificar a sua acção. Falava-se de escandalos com uma insistencia singular.

E a verdade é que, a certa altura, e a pedido do sindicante foram suspensos do exercicio das suas funções o director da Investigação, dr. Reis Junior, os seus adjuntos dr. Paiva Lereno e Teixeira de Azevedo, e os chefes de varias secções Tavares, Murtinheira, Alfredo Maria e Estrela. Destes apenas o chefe Murtinheira voltou para o exercicio do seu cargo passado tempo.

E os outros? Apelaram para o Administrativo, que, ao que parece, se inclinou para as suas pretensões. Mas o sr. Guisado pouco depois vê-se obrigado a pedir a demissão.

Nomeiam uma outra e ainda outra pessoa para o substituir. Finalmente um juiz aceita o encargo e termina a sindicancia.

Foram ha dias entregues aos acusados as notas de culpa. No Governo Civil está agora o processo á sua disposição para que cada um deles organise a respectiva defesa.

Hoje estiveram consultando demoradamente esse processo o chefe Tavares e o dr. Paiva Lereno.

Dentro em pouco o processo irá para o Ministerio do Interior. E depois?

Depois, e se nos fosse permitida duma profecia, não augmariamos para o sr. Antonio Maria da Silva um quarto de hora de meditação para resolver sobre o caso que se lhe ha de oferecer intrincado.

* * *

Por que estão nomeados um director e dois adjuntos para a investigação, estão exercendo as suas funções, estão recebendo os seus vencimentos.

E se o tribunal decidir pelos outros, pelos que foram afastados! Nada mais logico, nada mais natural.

E' por isso que nós dissemos que o caso ainda pode causar alguns amargos de boca.

A não ser que... A não ser que se verifiquem como verdades as coisas que se diziam e que bem graves eram.

A situação na Alemanha

O governo de Stresemann

O novo chanceler, os comunistas e a questão do Rhur

«A Capital» já publicou em telegramas um resumo do discurso que o novo chanceler alemão proferiu no Reichstgs, ao apresentar-se com o seu governo. Dada, porêm, a importancia das suas declarações, voltamos ao assunto, apontando as passagens mais curiosas do seu programa. Tratou largamente dos problemas que embaraçam os estadistas alemães e acentuou que os seus dois pontos principais são estes: esmagar o comunismo, resistir á França e recuperar o Ruhr — o que fez dizer ao correspondente dum jornal francês, em Berlim, que «Cuno mudou apenas de nome».

Todo o Reichstag, á excepção da extrema-esquerda está com o novo chanceler. Prova-o a moção de confiança que obteve 240 votos contra 76 e 25 abstenções.

Stresemam depois de expor a grave situação em que o governo foi chamado ao poder, fez um apelo á união sagrada dos Estados e dos individuos contra o estrangeiro:

—Não julgue o estrangeiro que esta mudança de gabinete é um sinal de fraqueza. Este gabinete constituido sobre a base parlamentar mais ampla desde a creação da Republica alemã está decidido a ser o gabinete que mostrará mais energia contra toda a ideia de violencia para com a Alemanhã.

E da colaboração com os Estados particulares e com o povo alemão, dependerá que este fim seja atingido.

«A força contra os inimigos do Estado».

Nenhum ataque contra o Estado será tolerado. Voltando-se para a extrema-esquerda, disse:

— O governo do Reich está disposto firmemente a condenar essas violencias, apelando para todas as suas forças. Tem uma vontade; e tem ainda os meios e a intenção de empregar a força contra quem tentar ruinar o estado e atacar a Constituição.

O direito da resistencia

Forte do apoio dado pela resposta inglesa, o chanceler proclamou depois a continuação da resistencia passiva e apela para um tribunal arbitral internacional.

— A resistencia passiva da população alemã tem raizes profundas na convição do nosso bom direito. Esse direito é agora egualmente reconhecido pelo governo inglês.

Ainda que não nos seja licito esperar que as declarações da nota inglesa sobre a ilegalidade da ocupação do Ruhr trarão uma solução ao problema do Rhur e do Rheno, devemos no entanto admitir que a publicação do ponto de vista inglez produza algum efeito na França e na Belgica.

O governo do Reich está tambem de acordo para que a questão da legalidade ou ilegalidade da ocupação do Ruhr seja submetida a um tribunal arbitral.

Os operarios continuam a resistir

DUSSELDORF, 16 — Os operarios continuam a trabalhar muito irregularmente. Em Mulheim apenas dois mil e quatrocentos operarios da fabrica Thyssen estão a trabalhar. Na região de Duisburgo continua a greve havendo grande falta de carvão. Nos circulos comunistas diz-se que a greve geral na região do Ruhr será proclamada amanhã ou depois se a situação alimentar continuar na mesma. — (R.)

A klu-kluk-klan

Não ha que ter medo da afamada sociedade secreta

NEW-YORK, 17 — A Klu-Kluk-Klan para afastar as desconfianças que a sua acção sectaria tem sugerido comprou a Universidade de Valparaiso no estado de Indiana por 70 mil libras esterlinas e comunicou a sua intenção de receber ai alunos de qualquer religião ou de qualquer opinião politica. — (R.)

UMA EVOCAÇÃO NOTAVEL

O soldado português na Grande Guerra

UM PRECIOSO EXCERTO DA CONFERENCIA «O HEROISMO», QUE JULIO DANTAS PROFERIU NO RIO DE JANEIRO

Julio Dantas, que ante-ontem chegou a Lisboa, de regresso do Brasil, onde verificou quanto o seu nome é querido em todas as classes, realizou no Rio de Janeiro três conferencias admiraveis: O heroismo, A elegancia e O amor.

E' á primeira, em que se evoca magistralmente, nas pedras doiradas do Mosteiro da Batalha, toda a historia de Portugal, que arrancamos as soberbas paginas que seguem sobre a nossa participação na Grande Guerra.

Proferindo essas palavras no Brasil, diante de tanto português que anciosamente seguiu de longe as formidaveis peripecias da lucta em que nos vimos envolvidos e que encheu de novas glorias o nosso nome, o eminente escritor praticou um acto do mais alto e nobre patriotismo.

Poucas vezes, de facto, se deve ter feito entre nós e no Brasil, com tanto brilho, o resumo do que foi no combate de gigantes que assolou o mundo a acção inegualavel do soldado português.

Disse o sr. dr. Julio Dantas:

Portugal não vive apenas das recordações do passado. Para caminhar num clarão de glória, não precisa de retroceder nos seculos. Sabem-no quantos me ouvem, que no meu país, nesse relicario da estirpe, nessa remota *fons gentium*, nessa pequena varanda ogival debruçada sobre o Atlantico, latejam ainda, fecundas e palpitantes, todas as energias da raça. Portugal não é um moribundo que se abraça aos *Lusiadas* para morrer; é um guerreiro moço que se reveste do esplendor da sua historia, como de uma armadura, — para combater melhor. Se alguem lhes quizer falar das virtudes guerreiras dos portugueses, não precisa de remontar a Aljubarrota; não precisa de evocar a India: basta recordar La Lys. A epopeia da Flandres — a terceira epopeia que vive nas paredes vetustas do mosteiro da Batalha — não vale menos do que as outras duas como expressão da vitalidade de um povo: se Aljubarrota foi uma bela cavalgada real, se a India foi uma brilhante salva de artilharia, — La Lys foi um sacrificio sublime, foi um suicidio heroico. A reliquia, a memoria dêsse sacrificio de milhares de portugueses, dessa *Iliada* de toupeiras, dêsse inferno de sangue e de lama que foram as trincheiras de Fauquissart, de Ferme du Bois, de Neuve Chapelle, está ali mesmo, a dois passos das Capelas Imperfeitas, coberta de montões de flores, sob os arcos da abobada que Afonso Domingues, o grande cego, levantou para a eternidade. E' ali, na casa do Capitulo da Batalha, que dorme, como num berço de amor, chorado pelas lagrimas de todas as mães, o soldado desconhecido da França. Atravessamos, para nos aproximar dêsse despojo sagrado, o enorme claustro cheio de sol: de subito, o ruido da coronha de uma arma, batendo no lagedo, desperta-nos; uma voz brada: — «Quem vem lá?» —; e na figura da sentinela, que se perfila á porta, nós julgamos ver, como se estivessemos na igreja em ruinas do pequeno cemiterio de Lacouture, como se diante de nós se alongasse, na luz alaranjada dos poentes da Flandres, a planicie imensa que a metralha revolveu, sacudiu, devastou num fragor de catastrofe, — nós julgamos ver o bravo soldado português da Grande Guerra, o «serrano», o «danzudo», o «folgadinho», o «Antonio», como lhe chamavam os camaradas escoceses, moreno, desempenado, alegre, embrulhado na sua samarra e nos seus safões felpudos de pastor alentejano, a perna fina atada na grêva cinzenta, o saco da mascara anti-gás pendurado ao pescoço, o capacete metalico a transformá-lo num dêsses guerreiros antigos da tapeçaria de Bayeux, a Cruz-de-guerra ao peito, uma espingarda na mão, pronta a ser brandida, nos combates á baioneta, com a nervosa agilidade de um varapau trasmontano. E' êle que nos olha, é êle que nos fala, o heroi ingenuo, o heroi risonho, que não percebeu a guerra, que não compreendeu como é que tão longe do seu ninho paterno se jogavam os destinos de Portugal, — mas que marchou, que se sacrificou, que se fez matar nessas manhãs tragicas de 9 e de 10 de Abril, em Lawentie, em Saint Vaast, em Givenchy, em Red House, em Lacouture, em Rotten Row — marcos resplandecentes da bravura portuguesa! — recebendo em pleno peito o choque das vagas de assalto das divisões

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS :-:-: LEITORES DA «CAPITAL» :-:-:

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

ROBERT BENSON

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, *em que o notavel romancista inglês Robert Benson conta o que de mais curioso e perturbador ha nas relações do homem com o infinito.*

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

NOTAS A LAPIS

Os americanos e o amor

A America é, sem duvida, o paiz das surpresas em materia de amor. As noticias que de lá nos veem sobre tal assunto são sempre interessantes pelo imprevisto que revelam e que chocam o nosso sentimentalismo de latinos. Das agencias recebemos hoje os seguintes telegramas, qualquer deles curioso, embora sob aspectos diferentes, pois que, ao passo que um se refere ainda a um noivado, feito com a pressa de quem se deseja, o outro trata já de um divorcio.

Diz o primeiro:

LONDRES, 17—Realisou-se o casamento de Lucilia Baldwin filha do banqueiro americano do mesmo nome com o senhor George Harris corretor de Bolsa de New York. O casamento realisou-se em Santa Margarida de Westminster depois de se receber a licença especial do arcebispo de Canterbury que foi recebida por um correio especial que percorreu 600 milhas para a obter porque o arcebispo de Canterbury estava em Sutherlandshire no norte da Escocia. O motivo da urgencia do casamento foi devido a que os noivos desejam ser casados pelo reverendo Carlisle que parte hoje para New-York.— (R.)

Lê-se, porem, no segundo:

NEW YORK, 17—O juiz do Tribunal de Brooklyn regeitou o pedido de divorcio de Mrs. Anica Fry que sonhava a separação do seu marido porque este queria que ela habitasse proximo da fabrica onde ele trabalhava ao passo que ela preferia morar num sitio mais central e mais proximo das suas amigas.—(R.)

O kalifa Mussolini

Assim como o kalifa Haroun-Raschid costumava passear na bela cidade de Bagdad, conversando com os humildes e divertindo-se em suavisar-lhe os seus infortunos, tambem Mussolini percorre, ás vezes incognito a sua grande cidade de Roma, portando-se como bom sultão dos mil e uma noites.

Outro dia, passeando a cavalo, fóra de portas, encontrou no campo uma rapariga que lhe ofereceu flores. Descendo do cavalo, Mussolini viu, elogiou a mão, que lhe contou que seu marido, ferroviario, havia sido morto num acidente do caminho de ferro.

O chefe do Governo deu uma grande esmola á mulher, que lhe agradeceu, dizendo-lhe ao mesmo tempo que sobre tudo desejava uma pensão. Vendo que ela não o havia reconhecido, Mussolini respondeu: «Está bem. Conheço alguem que se encarregará de vos obter rapidamente essa pensão.» E conhecia, de facto, um homem poderosissimo, e que nada podia recusar-lhe...

Os estudantes beirões

A campanha regionalista iniciada por alguns jornais vai produzindo os seus frutos: a realização de congressos, a propaganda em Portugal e no estrangeiro de alguns dos nossos mais belos panoramas, das nossas praias e das nossas termas e o aperfeiçoamento, vagaroso embora, das nossas areas de turismo. Os estudantes beirões, levados nessa corrente, iniciaram a publicação da *Revista das Beiras*, para estudo e propaganda de tudo quanto interesse á sua formosa região. E' uma iniciativa simpatica e que, segundo parece, será coroada de exito, pois acaba de publicar-se o 5.º numero, excelentemente colaborado.

Festas populares

Os barraqueiros da Feira do Parque Eduardo VII realizaram ontem á noite, depois de fechadas as barracas, uma reunião para a escolha de duas comissões para, de acordo com o sr. governador civil, promoverem aos domingos e quintas-feiras diversões que atraiam o publico e para elaborarem em 5 de Outubro os festivais comemorativos da implantação da Republica.

de Von Quaast, batendo-se um contra sete, um contra dez, corpo a corpo, no desespero, no nevoeiro, na confusão, na lama, á baioneta, á soco, a tiro, á dentada — «Quem vem lá?» — Ah, sou eu, meu bravo rapaz! E' um português amigo que te abre os braços, que te estreita de encontro ao coração, que te agradece, com as lagrimas nos olhos, a grandeza do teu esforço, que abraça, na teu forte arcaboiço de montanhês, todos êsses valentes da Flandres que souberam, como tu, matar bem e morrer melhor, os estremenhos trigueiros do 15 de Tomar, os intrepidos minhotos do 8 e do 29, os trasmontanos enormes do 13, criados na luz doirada das montanhas de alem Marão, — o mesmo povo primitivo e hirsuto que se bateu nas Navas, que venceu em Aljubarrota, que morreu em Alcacer-Kibir, que naufragou no Cabo Tormentoso, que na casca-denoz das caravelas se espalhou pelo mundo inteiro, e cuja ultima reliquia está ali, como um trofeu, a um canto da casa capitular do mosteiro, pobre cadáver arrancado á terra humida de Vieille-Chapelle, sobre o qual parece que todo o sol palido da Flandres refulge num clarão! Quando entramos nessa vasta quadra — terceiro santuario heroico da Batalha — em cujas altas arquibancadas se reuniam em cabido os padres de S. Domingos e donde nos espreita ainda, na pequena misula do canto, o busto do homem que levantou a sua surpreendente abobada, a nossa imaginação vê a casa do Capitulo trasbordando de uma chusma confusa de «serranos» da Grande Guerra—soldados, cabos, sargentos — que batem armas no chão, que se arrancam a metralhadoras, que empunham granadas, que parecem ter surgido de um charco imundo de sangue e de lodo, — os mesmos que passam, como gigantes, nas aguafortes de Sousa Lopes, que caminham, esfarrapando o nevoeiro, no friso admiravel da «Rendição». Já não é apenas uma sentinela que nos aparece: é uma multidão que se tumultua, que borborinha, que tumultua, ferrolhando baionetas, sufocando orações, em volta do ataude do companheiro morto. São êles — é tudo! — a sarrafa-miuda de La Lys, os grandes sacrificados do povo, arrancados, para matar e para morrer, á georgica tranquila dos seus campos, os Joões-Ninguem, aquêles de quem não se fala, que esquecerão depressa, que nem mesmo lembraram nunca, chair á canon, herois humildes cujo nome se perde na massa obscura dos exercitos, que fazem a historia, mas que — pobres dêles! — não tem historia, e a quem eu venho pagar hoje, pronunciando os seus nomes ignorados, a minha divida de gratidão. E' o soldado Francisco Milhões, do 15 de Tomar, figura de bravo coberta de benções e de gr[...]as, que em Ferme du Bois — êle apenas, com a sua metralhadora! — protegeu a retirada de um batalhão inteiro de infantaria esccocesa, e o salvou, sem se perder um homem. E' o soldado artilheiro José Alves, dos obuzes de Le Touret, que, recebendo ordem de retirar, porque a posição estava sendo varrida de metralha, voltou atraz, destruiu a culatra do seu obuz fumegante — não fosse ele cair nas mãos do inimigo! — e quando por fim retirou, largo capote de cavalaria todo crivado de balas: — nem uma só lhe tocara! São os soldados Paulino Mourão e José de Sousa, ambos trasmontanos do 13: oferecem-se em Lacouture para fazer o reconhecimento de uns vultos que surgem entre o nevoeiro; avançam, debaixo de uma fuzilaria cerrada, os alemães, cujos capacetes ponteagudos rompem a névoa, intimam-nos a render-se; os dois herois, renovando a proeza do cavaleiro de Assas, gritam para os camaradas — «Atirem, rapazes, que são bochesl» — e incolumes, sob uma chuva de balas, voltam para a trincheira. E quantos outros, quantos outros como êstes se cobriram de glória na manhã de 9 de Abril, nessa Alcacer-Kibir da Flandres, decididos, como D. Sebastião, a morrer, — mas a morrer de vagar! No reduto de Rotten Row, três cabos-metralhadores de infantaria 8, Joaquim Alves de Sousa, Alcino Fernandes, Joaquim Rodrigues (gente dêsse bravo regimento minhoto que, para se aquecer ao sol, subia, com simplicidade heroica, aos parapeitos varejados de metralha) protegem, sósinhos, a retirada do seu batalhão, e salvam-no de cair nas mãos do inimigo. O sargento Americo Pelotas, comandando em Lacouture uma patrulha de reconhecimento, vê cair todos os seis homens cercado pelas metralhadoras; fica só êle, e, defendendo-se de seis alemães que o atacam á baioneta, dextro jogador de pau, varre-os, como numa feira; quatro mordem a terra; dois fogem; e quando o valente regressa á trincheira, vitorioso, o tiro certeiro de um *sniper* prostra-o para sempre. E' ainda em Lacouture que se imortaliza o sargento-metralhador José Gomes de Carvalho, belo rapaz, indicado para servir de modelo á estatua do nosso poilu; quando os restos desbaratados do 13 e do 15, depois de se terem batido furiosamente, recebiam, sob um fogo terrivel, á casa-forte do reduto, foi este valente trasmontano — êle sósinho! — que, com a sua metralhadora, lhes protegeu a retirada, sereno, calmo, formidavel, diabolicamente eficaz no tiro, abrindo clareiras de sangue nas vagas alemãs de assalto, mudando a cada momento de lugar na trincheira, dando ao inimigo — um homem só! — a impressão completa duma multidão.

ULTIMA HORA

Ainda o 19 de Outubro

A agressão ao sr. Alfredo da Silva

Todos os reus negam que tivessem tomado parte nela

Continuou hoje no Tribunal Militar o julgamento dos militares e civis acusados de terem na estação de Leiria atentado contra a vida do sr. Alfredo da Silva.

A audiencia abriu ás 13 horas e, procedendo-se á chamada das testemunhas, verificou-se que faltavam sete, para as quais o sr. general promotor pediu que lhe fossem pagos os transportes, visto serem de Leiria.

A seguir, foi chamado a depôr o reu Santos Vilas, primeiro sargento de infantaria 7, que negou a acusação que lhe é feita. Em 21 de Outubro — declarou — ao sair de casa de um seu amigo, devia ser meia noite, encontrou um individuo que lhe disse que na estação havia grande tiroteio, pois tinham assassinado o sr. Alfredo da Silva. Correu ao quartel buscar um soldado e foi á estação. No caminho ouviu varios gritos subversivos e contra o sr. Alfredo da Silva. E, como na estação havia ajuntamento, impoz-se á multidão, disparando alguns tiros para o ar. Depois ninguem mais tocou no sr. Alfredo da Silva.

Julga ter cumprido o seu dever, que era o de manter a ordem e proteger o ferido. Quando o sr. Armando de Azevedo chegou a Leiria, não o deixou aproximar do sr. Alfredo da Silva, sem que o comandante da sua companhia lhe desse autorização para isso. Foi este revolucionario civil que depois veiu a Lisboa tratar do passaporte para o conhecido industrial embarcar para o estrangeiro. Instado acerca da atitude do arguido João Marceneiro, disse que nada sabia sobre a acusação que pesa sobre ele.

Depois foi chamado a depor Antonio Pereira Pina, que negou tambem a acusação, dizendo que fôra á estação por saber que se preparava uma manifestação ao novo administrador do concelho que chegava nessa noite da Nazareth. Ouviu tiros, sabendo, então, que tinha sido ferido o sr. Alfredo da Silva. Declarou ainda que não se apresentou á justiça, por desconhecer que contra ele havia ordem de captura, atribuindo a sua situação á vingança dos seus inimigos. Nada sabe e nada fez.

O 2.º sargento de infantaria 7, Diogo Monteiro, tambem negou o crime. Viu o sr. Alfredo da Silva ferido no «camion», mas não sabe quem foram os agressores.

Antonio Silva Vieira, «O Quatorze», disse que a sua prisão é uma injustiça, pois que sempre tem sido alvo de perseguições. Ouviu tiros na estação, sabendo depois, que se tinha cometido um atentado contra o sr. Alfredo da Silva.

J. Augusto Oliveira, o «José Castelo», fez declarações identicas ás dos réus anteriores.

Manoel Silvino, o «Silvino sapateiro», negou de igual modo, dizendo que em Leiria os animos estavam muito exaltados contra o sr. Alfredo da Silva. Soube na Praça que alguem tinha arremessado pedras, quando o «camion» seguiu com aquele industrial para o hospital. Não presenceou porém este facto, nada sabendo sobre quem foram os agressores.

A's 15 e 30 foi suspensa a audiencia.

A situação na Alemanha

A resposta da França

LONDRES, 16.—O «Evening News» diz: «Temos muitas razões para acreditar que o governo britanico espera uma resposta amigavel da parte do sr. Poincaré. Se esta previsão se realisa pode-se estar certo de que o governo britanico não se prenderá com a questão da legalidade da ocupação militar do Ruhr, questão que ele lamenta sem duvida neste momento ter levantado. O «Daily Chronicle» critica vivamente a ultima nota inglesa dizendo que ela é inepta, pelo menos no que diz respeito á sua forma.—(R.)

Uma comissão internacional

PARIS, 16.—O «Temps» recebeu informações de Londres segundo as quais nos meios governamentais se supõe que o sr. Stanley Baldwin conseguirá fazer nomear uma comissão internacional para determinar a capacidade do pagamento da Alemanha.—(R.)

Tarde politica

A regulamentação da lei do inquilinato — A questão do pão — O calor e os boatos

Ao contrario do que disse um jornal da tarde, o sr. ministro da Justiça ainda não redigiu o decreto sobre o inquilinato. Espera fazê-lo no domingo e reunir na segunda feira alguns juris peritos, cuja opinião deseja ouvir, enviando-o na terça para o «Diario do Governo».

Como se sabe, esse decreto não modifica a actual lei do inquilinato, por que tais atribuições competem ao poder legislativo. Regulamenta simplesmente algumas disposições, cuja interpretação estava dando logar a graves abusos por parte dos senhorios.

Entre elas fixa os termos legais em que devem ser feitas as citações, até aqui á mercê de toda a especie de artimanhas, e determina que os arrendamentos feitos de acordo com a lei vigente, autenticos ou autenticados, fiquem em todos os acidentes judiciais, etc. etc.

Por esse decreto — diz-nos o sr. Abranches Ferrão — ficam de este modo garantidos os decretos do inquilinato, urgindo, entetanto, regular esse, completo assunto por um diploma que de melhor forma se adapte us circunstancias especiaes que atravessamos.

No Ministerio da Justiça esteve hoje a tratar desta questão a comissão delegada das juntas de freguesia de Lisboa, a acompanhada pelo sr. Bartolomeu Severino, presidente do conselho central, tendo-lhe respondido o sr. ministro nos termos que acima ficam expostos.

* * *

O sr. Peres Trancoso, antigo ministro e comissario abastecimentos, concluiu um largo inquerito á industria e ao comercio da metropole e das ilhas. Vai publica-lo por sua conta, visto que o Estado, mais largas para tudo o que nem sempre é de legitimo interesse colectivo, quasi sempre é unhas de fome para outras coisas em circunstancias diversas.

— E' então importante o seu trabalho?

— Como base de estudo para a administração publica é importante.

— Constatou que é florescente o estado da industria em Portugal?

— Em Portugal só é decadente o Ministerio das Finanças. O resto tudo é prometedor.

— Aproveitamos a ocasião para a sua opinião sobre a politica economica e financeira do actual ministerio.

— Se o ministro da Agricultura mantiver a sua atitude na questão do pão politico, terá realisado uma obra notavel.

— Mas as diversas moagens, concertando-se, não inutilisarão a obra do ministro?

—Deixem-se disso. O Governo tem na sua mão uma arma poderosissima. Ha em Lisboa 120 padarias independentes e mais as do Comissariado, e isto basta para vencer.

* * *

Sobre revoluções, boatos sobre boatos. E' do costume. Mas cremos que as ardencias tropicais que vão torturando tanto os politicos irrequietos como os pacificos espectadores dos acontecimentos hão de amortecer os desígnios feros dos que se propuzeram indireitar o mundo á bordoada.

Se Deus quizer, não ha-de ser nada.

O desastre de Badajoz

O tenente Dias Leite

está no hospital militar quasi restabelecido

Informações de Badajoz dizem que o tenente sr. Dias Leite, que foi vitima do desastre de aviação, a que ontem nos referimos, tem as duas feridas por cima e por baixo do olho esquerdo, sem qualquer gravidade, achando-se quasi restabelecido da comoção cerebral sofrida.

Em vista disso, foi já transferido do hospital civil para o hospital militar daquela cidade.

Um "anjo" bolchevista

Como uma mulher russa mostra o seu coração

LONDRES, 17 — O jornalista Richard Eaten, de nacionalidade americana, que foi para a Russia como representante do «Daily Mail» e que foi agora solto depois de estar dois meses nas cadeias de Moscou, conta factos curiosos e entre eles a dramatica historia de uma mulher *leader* dos terroristas, de nome Simanora, de menos de 30 anos de idade, loura e muito bela, que conduziu todas as perseguições contra personagens principais, mostrando o maior desejo de vingança e crueldade do que os homens. Ela é principalmente cheia de odio contra os estrangeiros que caem na mão dos bolchevistas, exigindo para eles a pena de morte. — (R.).

Ordem publica

«A Capital», fazendo ontem referencia á prisão de quatro conhecidos conspiradores que andavam fazendo aliciamentos para um novo movimento revolucionario, disse que nas estações oficiais se não ligava importancia a tais trabalhos conspiratorios. De facto assim é, pois o Governo tendo tomado o pulso aos conspiradores, chegou á conclusão de que a policia, juntamente com a guarda republicana, era por demais suficiente para pôr em debandada os revoltosos, caso eles tivessem a infeliz ideia de atentar contra a ordem.

O movimento realista a que hontem fizemos referencia é nem mais nem menos que aquela revolta «fascista» que ha quinze dias a esta parte ánda sendo adiada de vez em vez. Marcada ultimamente para 11 do corrente, foi depois transferida para a madrugada de 15 e agora novamente adiada «sine-die».

Na noite de 14 os conspiradores andaram correndo sêca e mêca para conseguirem reunir-se descançadamente, o que não poderam fazer por os agentes da P. S. P. nunca os ter perdido de vista.

O Governo conhece tambem os dirigentes do movimento, mas resolveu deixa-los sair com as suas hostes para depois lhes dar caça. o que não seria muito dificil, porque o numero de revoltosos não é grande.

Ao que dizem os individuos que se encontram já presos, da coluna revoltosa faziam parte alguns monarquicos, dezembristas e comunistas, estes ultimos com a promessa formal de verem depois soltos os seus camaradas presos em S. Julião da Barra.

Hoje foi preso mais um conspirador: o ex-sargento Antonio de Almeida Pinto, em tempos expulso da tropa por ser infiel ao regimen e o qual confessou estar implicado no tal irrisorio movimento, que devia rebentar na madrugada de 15. E, como o Pinto contava já com a vitória, vá, com antecedencia, de ameaçar de morte varios republicanos e afirmar-lhes que logo que soasse o sinal da revolta ele proprio iria atacar á bomba e a tiro a casa desses republicanos.

E digam lá, que não é terrivel este homensinho!...

Portugal na Sociedade das Nações

GENEBRA, 17 — O ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal fez saber á Sociedade das Nações que o Parlamento português aprovou o projecto de lei concernente a diversas emendas ao pacto da Sociedade e o projecto ratificando a convenção sobre o trafico de mulheres e crianças. — (H.).

SUBVENÇÕES

Os funcionarios municipais eternamente á espera dos calculos da repartição de contabilidade

Como noticiaram ha dias os jornais o presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa, sr. Dr. Marques da Costa chamou os chefes das repartições camararias para elaborarem uma nota com os actuais vencimentos dos funcionarios do municipio, que reputa exiguos e para os pôr em confronto com os dos funcionarios publicos a quem pretende equiparar todo o funcionalismo municipal. Não só porque essa equiparação é uma velha aspiração dos funcionarios da Camara, mas porque o sr. Dr. Marques da Costa manifestou expontaneamente desejos de satisfazê-la, o pessoal do municipio foi agradecer-lhe.

Sucede, porém, que já lá vão mais de 15 dias sobre aquele em que a repartição de contabilidade da Camara foi incumbida de fazer o trabalho a que acima nos referimos, e não houve ainda maneira de serem elaborados os calculos, de fórma a habilitar a vereação a poder melhorar os vencimentos de todos aqueles que no municipio exercem a sua actividade. Essa demora, como é natural, está preocupando seriamente os interessados e especialmente os fiscais que, pela subvenção concedida pela anterior edilidade, foram altamente prejudicados nos seus interesses devido ás tabelas elaboradas na repartição competente. Com a concessão dessa melhoria, apesar da vereação ter aprovado uma proposta na qual se estabelecia que para o calculo das subvenções fosse adoptado o coeficiente de 12 houve no entanto alguns funcionarios que nem pelo coeficiente 7 receberam essa subvenção. O mais interessante, porém, é que por proposta do presidente da anterior Comissão Executiva e do presidente da comissão de finanças da respectiva vereação, foi impressa uma tabela na imprensa municipal, de harmonia com a lei. Foi trabalho baldado, pois estas haviam sido estabelecidas arbitrariamente, ao que se diz, com prejuizos que orçariam entre centenas e centenas de escudos, pela contabilidade municipal para muitos funcionarios.

E' por isso que estes estão apreensivos com o facto de ter sido confiado á repartição de contabilidade da Camara o encargo de estabelecer as subvenções que hão de ser concedidas ao funcionalismo municipal.

Nestas condições, dirigem-nos, se a vereação quere fazer justiça aos seus funcionarios, tem de olhar a serio para este assunto.

O que vae pelo mundo

Um roubo audacioso

PARIZ, 17 — Na praia de Deauville, largamente concorrida neste momento deu-se um roubo de apaches. Um grupo de gatunos derrubou uma senhora argentina, despojando-a das suas joias no valor de três milhões de francos. O roubo foi cometido de tarde durante o passeio ao longo da margem do Touques. — (L.)

Mussolini titular

ROMA, 17 — Diz-se que o rei Victor Manuel tenciona oferecer o titulo de duque, com hereditariedade, ao seu primeiro ministro, sr. Mussolini, no aniversario da famosa marcha fascista sobre Roma, em 30 de outubro.— (L.)

Um processo novo

DARMSTADT, 17 — Em consequencia da recusa de soltar um ministro, os operarios sem trabalho tomaram como refens doze pessoas gradas da localidade. — (H.)

NECROLOGIA

Abilio Marques Raimundo

A's 16 horas faleceu hoje, num quarto particular do governo civil, o sr. Abilio Marques Raimundo, tio do sr. Antonio Maria da Silva, presidente do ministerio, a quem apresentamos sinceros pesames. Ainda não estão determinados o dia e a hora do funeral.

MEDICINA E HIGIENE

AS MOSCAS E AS DOENÇAS QUE PODEM TRANSMITIR

Estamos na estação em que muitas familia fojem das cidades para as praias e campo; mas se vão encontrar o fresco e repouso, vão em regra estar sob a ação torturante das moscas. Mas se estes insectos nos arrelham com as suas picadas, devemos estar advertidos da perturbação que tanto eles, como as suas larvas nos podem causar.

As moscas são agentes de dissiminação, a pequenas distancias, de doenças infeciosas, principalmente da tuberculose, febre tifoide e cólera.

A's suas patas e á tromba aderem facilmente os productos da expectoração, dos vomitos, das dejeções e assim recolhem microbios patogeneos e os conduzem sobre o leite, pão, agua e outros alimentos. Compreende-se a ação retardadóra do inverno, destruidor das moscas, sobre a extensão das epidemias diversas.

Pelas observações feitas por Ch. André, nos hospitaes, foram identificados os bacilos da tuberculose, depois das moscas pousarem nos escarros. Cinco dias depois desta absorção encontram-se ainda esses bacilos nos excrementos que elas espalham por toda a parte.

As moscas inoculam tambem as doenças, por meio da sua picada: doença do sono, devida á mosca «tzétzé», pustula maligna, devida á mosca carbunculosa.

Segundo afirmou o professor Guiart, de Lyon, as larvas de diversas variedades de moscas podem atravessar o canal digestivo e permanecerem, sem terem perdido a sua vitalidade, provocando perturbações devidas unicamente á sua presença e algumas vezes, furando a mucosa com os estiletes do seu aparelho bocal ou inoculando microbios.

A permanencia dessas larvas no estomago produz nauseas, vomitos, colicas intestinaes e hemorragias.

Ha ainda a mosca azul («lallifora romitoria») que procura depositar sobre as feridas, as suas larvas, que ai se desenvolvem rapidamente, alimentam-se do pús, mas não atacam os tecidos vivos. Mas ha ainda outras espécies de moscas da America do Sul ou da Europa Oriental, que são atraidas pelo cheiro de uma ferida fétida descoberta, ou de rhinite crónica, ou de uma supuração dos ouvidos e põem durante o sono do individo, os seus ovos (100 a 200) sobre as feridas. As larvas desenvolvem-se e atacam os tecidos vivos, o que provoca dôres violentas, supuração abundante e fétida, com hemorragias. Ha ainda outras lesões provocadas pelas moscas do Senegal, do Sudão e Cabo: tumores vermelhos, dolorosos, analogos a um foruncúlo, na parte posterior do corpo e nos membros inferiores os quais rebentam ao sexto dia depois de terem atingido o volume de uma nóz.

Ha ainda a considerar as doenças na bexiga provocadas pelas larvas das moscas.

Sabendo-se quais são os perigos que resultam para a humanidade, provenientes das doenças que podem ser transmitidas pelas moscas, trata-se em todos os paizes civilisados de se evitar que elas cheguem ao contacto das fezes ou dos escarros carregados de bacilos, tratando-se da sua desinfeção, para que desapareça a possibilidade de serem transportados os microbios em condições de poderem ser inoculados. Além disso, procura-se pôr fóra do contacto das moscas, os alimentos e bebidas, cobrindo-os com uma rêde.

Os meios empregados para a destruição das moscas são diversos; espalhe-se oleo de schisto nos locais onde estes insectos pululam; deite-se uma porção de Formol nos escarradores dos doentes, o que atrai as moscas e mata-as em grande quantidade.

O pó de Pyretro atordoa as moscas, fazendo-as cair no sólo.

Os papeis mata-moscas preparam-se facilmente, mergulhando uma folha de papel pascento em um cozimento de 6 gramas de fragmentos de «quassia amara» em um litro de agua, á qual se adiciona 250 gramas de melasso.

Fabricam-se fitas, papeis com visco, a que as moscas vêm ficar presas pelas azas ou pelas patas. São varios os processos que se podem empregar para a destruição deste animais tão nocivos, e que são postos em prática nas terras onde a civilisação não estacionou. Entre nós pouco se preocupam com um tal assunto. E' observar o que se passa em algumas pastelarias e leitarias da baixa, onde os bolos estão cobertos frequentemente de moscas, o que não só causa nójo mas revela inconsciencia nos perigos a que expõem os consumidores.

Varias vezes temos tentado convencer alguns desses indigenas da cidade de granito, dos niscos, que correm as pessoas que consomem os bolos que estiveram cobertos de moscas e ainda do efeito detestavel que esse facto vai produzir nos estrangeiros, que assim ficam ajuizando da nossa fraca instrução. Mas é tempo perdido. Passadas algumas horas, lá vamos encontrar o mesmo desleixo, a mesma falta incorrigivel.

DR. LAROUSSE.

Um assassino que quer ser morto

para se encontrar no ceu com a sua victima

PARIS, 17 — Por ter assassinado *mademoiselle* Gibrat, dactilografa, foi condenado á morte um individuo de nome Fernand Leclercq, que se opõe terminantemente a que sua familia solicite do Presidente da Republica a comutação da pena.

— Hoje, só tenho uma ambição — explica êle — encontrar no ceu o mais cedo possivel a noiva que matei e que amava apaixonadamente.

De facto, o assassino declarou ao juri que oferecia o seu corpo á Faculdade de Medicina para servir em experiencias scientificas. Em vista disso, tem recebido nos ultimos dias varias propostas, a mais interessante das quantis é a de um estudante, que pretende ter conseguido fazer bater o coração de ratos, porcos da India e outros animais mortos.

O sabio precoce pensa em substituir o coração de Leclercq — depois de uma injecção de abumose nas veias para impedir a coagulação do sangue — «por um verdadeiro mecanismo formado por dois corpos de uma bomba aspirante premente e regulada por um motor electrico».

Leclercq não respondeu ainda a esta proposta, que classificou de bastante audaciosa.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Major Filipe de Sousa

Por um cabograma recebido em Lisboa, por um amigo dedicado do sr. major Filipe de Sousa, confirma-se a noticia de este oficial ter embarcado ante-ontem a bordo do vapor «Funchal» que chega a Lisboa no proximo dia 22 do corrente.

Ao distinto oficial que vem ao continente a fim de fazer uso das aguas do Gerez, por opinião da junta medica dos Açores, em virtude da enfermidade adquirida durante o seu desterro, será oferecido por um grupo de amigos e correligionarios, um almoço num dos restaurantes dos arredores de Lisboa, antes da sua partida para aquelas termas.

A inscripção para este almoço acha-se aberta na Tabacaria do Café da Brazileira, todos os dias até ao dia 22 do corrente.

Comissão politica de Belem

Na sua ultima reunião resolveu, registar com agrado o regresso do major sr. Filipe de Sousa, presidente desta comissão e convidar todos os correligionarios da freguezia a irem ao caes de desembarque no dia da sua chegada prestar-lhe as suas homenagens.

Resolveu ainda inscrever-se na sua totalidade para o almoço que lhe é oferecido.

Registou novas adesões e estudou a fórma de se organisar um Centro partidario na freguezia.

Partido Republicano Presidencialista

De Lourenço Marques deram a sua adhesão a este partido os seguintes cidadãos: Alberto Valente, oficial de finanças; Manoel Correia Junior, idem; Albano Simões de Melo, idem; Alvaro Pinheiro, idem; Tomaz d'Abreu Bastos, idem; José Abrigo Dias Gomes, secretario da administração do concelho; José Antonio Macias, construtor civil; Mario dos Santos Silveira, amanuense da administração do concelho; Antonio José Matias, escrivão de direito, José Antonio M. Junior, contador judicial; Jaime Castro, empregado no comercio; Antonio dos Santos Neves, idem; Sebastião Valle e Vasconcelos, idem; Nuno Eduardo Pimenta, idem; Mario Gaspar Salreu, idem; Manoel Vicente Ferreira Junior, comerciante; Mateus de Nobrega, idem; Joaquim da Silva Cordeiro, idem; Agostinho Coelho, idem.

Livio Antonio Martins, comerciante; Julio Moura, idem; Antonio Jesus Clemente, funcionario publico; João Fernandes, idem; Franc. Xavier da Costa, idem; Thomaz Mendes Mascarenhas, idem; Carlos de Queiroz Fonseca, idem; Augusto Matta, cabo de policia; Joaquim Fernandes, policia; José Diac, idem; Arthur Mendonça, idem; Ilidio Baptista, idem; Amadeu José Faustino, idem; Sergio Augusto da Silva, cabo de policia; Alfredo Andrade Bastos, empregado na camara municipal; João Maria Vieira, funcionario publico; Custodio Rodrigues Valente, idem; Jorge Miguéis, idem; Anibal Horacio Martins, idem; Jayme de Araujo Vasques, empregado no comercio; Horacio Vasconcelos dos Santos, funcionario publico, Arthur Alfredo Lopes, idem; José Motta Euzebio, idem; José Torcato Vaz, idem; Antonio Rodrigues Valente, idem; Francisco Gouveia, idem; Manoel Fernandes, idem: Julio Vasques, idem.

Alfredo Dias Morgado, comerciante; Luiz Inacio Frazão; funcionario publico, Antonio E. Rodrigues, idem; R. Duarte Saude, empregado no comercio; Manoel Vicente de Jesus, idem; Humberto Pinto Barroso; funcionario publico; Abilio Afonso Monteiro, funcionario publico; Samuel Maria Loureiro, funcionario publico; e Roque Epifanio Diniz, idem.

—Reuniram ontem as comissões politicas, conjunctamente com a direcção, afim de assentar na intensificação da propaganda partidaria e modificação das instalações da séde, de maneira a proporcionar instalações ás diferentes comissões. Receberam-se mais adesões da provincia, de Lisboa e do Ultramar. Foi recebida uma comissão do Nucleo presidencialista de Setubal que veio comunicar a organisação do Partido naquela localidade e pedir para a li irem varios elementos de Lisboa a uma sessão de propaganda que se efectuará ainda este mez. Na proxima 2.ª feira tomam posse as comissões politicas da Encarnação, Martires, Sacramento, S. Julião e S. Nicolau.

Teatros • Musica • Cinemas

Portugal e Espanha

Uma aliança espiritual realisada pelos artistas

«La Opinion», de Madrid, ocupando-se das homenagens que teem sido prestadas pelo publico do S. Luiz á artista espanhola Goya, publica o seguinte artigo:

Os jornais da visinha Republica portuguesa fazem grandes elogios da nossa celebrada «tonadilera» La Goya.

Entre as provas de intercambio carinhoso com nossos visinhos, nenhuma tão agradavel como a forma porque foi recebida e acolhida a nossa artista.

E' caso para pensar na nossa expansão comercial e cultural á maneira da Italia, utilisando nela os nossos artistas. E já que o sistema de passaportes é um obstaculo sério para a nossa expansão, e procural-o nas mesmas pessoas que acima de tudo podem circular embora pagando o bilhete e o cumprimento das formalidades para sahir para o estrangeiro.

Somos tributarios da casa Ricardi por essa habilidade que impoz aos artistas italianos o famoso repertorio. E já que a belissima artista se foi a um theatro e não á Sociedade de Geografia com os professores hespanhoes, não percamos ocasião e façamos valer o nosso repertorio.

Depois virá o resto.

Oxalá que este seja o meio mais pratico de nos relacionarmos com Portugal—de cuja Republica não sabemos mais que o sr. Lopes Muñoz, o senhor Villaespera, e o senhor Pietro e Pazas, que são falecido Taborda, os que mais coisas sabem do extinto reino. Sabemos tão pouco, recebemos tão poucos livros, que seguramente não ha hoje nas livrarias madrilenas oito dicionarios castelhano-portugueses.

Sabemos mais da Australia, do Transvaal, da Nova Zelandia e da Filandia. Vivemos sempre separados de Portugal, e parece que por desejo de prescindir d'ele, os hespanhoes descobriram ou inventaram o mundo americano.

Isto é absurdo mas é verdade.

A señorita Goya está fazendo obra de patriota e muito mais sentido que o Ministro da Fazenda e a Junta de Valorisação e Passaportes.

Noticiario

Entre nós

Os srs. D. José Paulo da Camara e dr. Feliciano Santos estão escrevendo uma opereta, que se destina a Auzenda de Oliveira.

— Tambem Luna de Oliveira e Pereira Coelho estão escrevendo uma revista para um dos nossos teatros para a epoca de inverno.

— E' o seguinte o elenco da companhia Oscar Ribeiro e Alberto Barbosa, que explorará no inverno o Nacional, do Porto: Alda de Sousa, Margarida Ferreira, Mercedes Gonçalves, Margarida Martins, Zulmira Bettencourt, Dinah Stichini, Alvaro Ferreira, Adolfo Sampaio, Julio Burgos, José dos Santos.

O ponto é o sr. Francisco Santos e o enscenador o sr. Henrique Santana.

— A companhia Amelia-Rey Colaço-Robles Monteiro vai a Fafe inaugurar o magnifico teatro daquela vila, que fica sendo o terceiro do Minho.

— A celebre coupletista Raquel Meller virá brevemente a Lisboa dar uma série de espectaculos.

— A nova empresa Studio-Film, tendo como *metteur-en-scène* o actor Carlos Machado, vai começar a filmar um argumento cinematografico, original dos srs. Julio da Trindade e Jacques Delvannes. O principal personagem será desempenhado por uma figura muito conhecida em Lisboa.

— Partiu ontem para Chaves onde foi visitar seus pais e com eles tratar de assuntos relativos ao seu proximo casamento, o actor Luiz Barreira que deve regressar no dia 21 para seguir na «tournée» pela provincia da companhia Lucilia Simões a que pertence.

Mercedes Blasco

Recebemos em uma curiosa *plaquette* a conferencia que a distinta actriz e escritora Mercedes Blasco realizou na Associação Comercial dos Lojistas em Junho ultimo, sobre *Ás qualidades magnas do artista dramatico.*

Reclames

NACIONAL

Quem não aproveitar estas derradeiras recitas dos «20.000 Dollars», apressando-se em ir ao Nacional, ficará sem ter admirado a sensacional peça que é a mais empolgante que se conhece, e, tambem, a mais original, recrudescendo de interesse as suas scenas, á medida que o entrecho se vae desenrolando.

EDEN TEATRO

A noite de hontem neste teatro, foi uma das mais cheias de alegria e de enthusiasmo. O cartaz anunciava-nos a estreia de 6 numeros de grande espectaculo, por isso, muito antes da hora marcada já a vasta sala do Eden Teatro, se encontrava replectamente cheia, não se fartando os espectadores ao terminar a exibição dos numeros estreiados e dos ainda em completo sucesso, tributar-lhe os seus aplausos, bem como fazendo rasgados elogios á empreza por motivo dos seus grandissimos esforços em apresentar-nos o que ha de melhor no genero.

Hoje repete-se o mesmo espectaculo.

MARIA VICTORIA

No Maria Vitoria repete-se hoje nas duas sessões a aparatosa revista «Fado Corrido» que, pelo sucesso que está obtendo deve chegar ao centenario.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

VIDA SPORTIVA

Automobilismo

UM NUMERO ESPECIAL DE «OS SPORTS»

O jornal «Os Sports» vai publicar no dia 2 de Setembro um numero especial dedicado ao automobilismo, incluindo nesse numero a reportagem da prova do quilometro lançado, que no domingo 26 se realizou no Porto.

Este numero é de grande interesse para os representantes de marcas, pois todos os automobilistas podem escrever a «Os Sports» indicando a forma que lhe parecer melhor para que o progresso do automobilismo se acentue no nosso país.

Ao sr. ministro do Comercio, que está presentemente empenhado em realizar o concerto de estradas, será entregue uma representação com as reclamações de todos aqueles que se dedicam á pratica do automobilismo.

Foot-Ball

A PROXIMA REUNIÃO DA A. F. L.

Segundo comunicado oficial da A. F. L. a assembleia geral extraordinaria para prosseguimento da discussão dos estatutos, continua na proxima quarta-feira 22, pelas 21 horas.

A assembleia marcada para o dia 15 não se realisou por falta de numero.

Publicações

Sumario de Lourenço Marques

Está publicado o volume respeitante a 1923 dêste excelente manual de informações da cidade e porto de Lourenço Marques e dos restantes distritos da provincia de Moçambique.

«Republica Portugueza»

A comissão que apresentou a candidatura á Presidencia da Republica do sr. dr. Magalhães Lima reuniu em uma interessante *plaquette* os documentos referentes a essa candidatura, desde a representação entregue ao Parlamento até a cartas e artigos de individualidades estrangeiras sobre a personalidade do ilustre republicano.

"Guia de Lisboa"

Recebemos este pequeno, mas bem elaborado guia, editado pela Empresa Promotora de Turismo. Vem cuidadosamente ilustrado e com todas as indicações necessarias a quem não conhece Lisboa.

Tambem recebemos um novo numero da *Cronica Poligrafica*, interessante revista catalã das artes graficas.

Associação S. M.

"O ORIENTE,,

Séde.—R. Poço dos Negros, 86, 1.º

Convoco a Assembleia Geral ordinaria para o dia 21 do corrente pelas 21 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Apreciação e votação duma proposta da Direcção para o aumento da cotisação social, permitido pelo Decreto n.º 9:038

Não reunindo por falta de numero fica desde já convocada nova reunião para o dia 30 do corrente á mesma hora.

Lisboa 15 de Agosto de 1923.

O Presidente da mesa da Assembleia Geral

Avelino Domingues de Freitas

Grupo a cavalo

No dia 28 do corrente, pelas 13 horas, se procederá neste quartel á venda em hasta publica, de 5 cavalos, uma egua e 4 muares julgados incapazes para o serviço do Exercito.

Quartel em Queluz, 15 de Agosto de 1923.

O Tesoureiro

João Baptista Marques
Ten.

Associação S. M.

"S. FERNANDO"

SEDE—R. P. dos Negros, 83, 1.º

Convoco a Assembleia Geral extraordinaria para o dia 22 do corrente pelas 20 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Apreciação e votação duma proposta da Direcção para o aumento da cotisação social permitido pelo decreto n.º 9033.

Não reunindo, por falta de numero, fica desde já convocada nova reunião, para o dia 30 do corrente á mesma hora.

Lisboa 15 Agosto de 1923.

O Presidente da mesa da Assembleia Geral,

José Viegas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4458-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sabado, 18 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

O sr. ministro da Agricultura só realisará uma obra util, se tornar inteiramente livre, liberrima, a industria — — — do pão — — —

O caminho da Alemanha

A pressão feita no sentido de se aumentar a circulação fiduciaria é espantosa.

Tudo quanto vive da ganancia e da especulação quer que se ponham em circulação mais notas.

Mais notas! Mais notas!

Mais notas para que se possa pagar tudo quanto a sua imaginação num permanente delirio concebe no sentido de tornar a vida mais cara.

Realmente, têm razão!

Emquanto não se fabricarem mais notas, ser-lhes-ha dificil vender um par de sapatos por um ou dois contos, ou meia duzia de figos por cem escudos.

Então foi para isso que se pagaram trespasses de cubiculos por cem, duzentos ou trezentos contos!

Evidentemente, contava-se já com o aumento das notas para num ano se ressarcir a importancia dos trespasses, realisando ainda consideraveis lucros.

Mais notas! Mais notas!

A especulação é insaciavel. Torna-se forçoso atirar-lhe toneladas de notas para a fartar um dia, tendo-se já a certeza que no dia seguinte o seu apetite monstruoso aumentará.

E assim sempre, sempre, sempre — indefinidamente!

Mas a maior de todas as especulações é a do ouro.

Por isso mesmo, os Bancos, que adquirem sofregamente todas as libras que aparecem no mercado, entre elas muitas do Estado, sem deixar que se modifique a divisa artifical que suportamos, os Bancos querem o aumento da circulação fiduciaria, para poderem levar o cambio para a divisa, ou seja para vender ao Estado a 240 escudos as mesmas compradas ao Estado por 120 escudos, ou menos.

E' um negocio colossal?

A especulação bancaria não conhece outros, nem quer outros.

E para isso pesam todos os especuladores sobre o Governo, exigindo o aumento das notas.

Mais notas! Mais notas!

Nada a farta a voragem, nada preenche o abismo.

Mas — dizem alguns — não é a especulação que nos arruina.

O que nos arruina é a falta de confiança.

Ainda hoje é enviado para o estrangeiro todo o ouro que se adquire nas transações do comercio e da industria.

Porquê?

Porque não ha confiança.

Comtudo, tudo se tem feito para que essa confiança exista.

Pretendia-se a estabilidade ministerial. Reclamava-se a segurança da ordem publica. Queria-se o poder nas mãos dos representantes das forças vivas.

Temos ha dezoito mezes um Governo pertencente a um partido onde hoje preponderam as chamadas forças vivas, e superiormente orientado por um estadista antigamente considerado radical, e que hoje só vive em contacto com banqueiros, argentarios e homens de negocios. A ordem publica está assegurada. Prendem-se a torto e a direito os elementos avançados, logo que se dá qualquer atentado, mesmo frustrado. Realisou-se ha pouco a eleição presidencial, e o novo Chefe do Estado eleito pertence a uma velha familia burguesa, de comerciantes, sendo ele proprio um negociante tambem.

Então ainda não ha razão para existir confiança?

Que é preciso mais?

Pensa toda a gente, no comercio, na industria, na agricultura, como aquele director de um banco importante que exigia a prisão do assassino de Sidonio Pais para que essa famosa confiança se restabelecesse?

O processo é transparente.

Procura-se colocar o Governo e a opinião em face da impossibilidade para que não se tente nada que nos arrede do caminho da Alemanha. Evidentemente, nenhum Governo pode transformar o seu pais num Eldorado, povoado de anjos.

O caminho da Alemanha! E' o que eles querem que nós trilhemos, quando nos gritam:

Mais notas! Mais notas!

Que loucura e que infamia!

Respondamos-lhes, se nos queremos salvar, apontando-lhes o caminho das prisões do Estado.

O PROBLEMA DO PÃO

A industria tem de ser livre

mas, para isso, preciso é que exista a liberdade de importação

Não ceda o sr. ministro da Agricultura a pressões de qualquer especie

O sr. ministro da Agricultura, assumindo a gerencia da sua pasta, poz a questão do pão de uma maneira inteligente e racional. As ocias com que muitas vezes se pretende envolver qualquer industria dão sempre resultados incompativeis com as leis economicas, pois qualquer industria só pode desenvolver-se, com vantagem para o consumidor, em regimen de livre concorrencia.

Assim o entendeu o sr. ministro da Agricultura, que proclamou para o exercicio das industrias relativas ao fabrico do pão o regimen de inteira e completa liberdade.

Este regimen abrange três pontos capitais: consumo obrigatorio do trigo nacional e importação livre do trigo exotico; preço do pão a fixar em concorrencia; tipo de pão que cada industrial houver por melhor.

Para caminhar com segurança na solução deste magno problema faltam-nos, como, de resto, para tudo o mais, estatisticas. Não se sabe ao certo qual é a produção do trigo nacional, nem qual o consumo.

* * *

Por palpite, sente-se, apalpa-se, adivinha-se que a produção tem aumentado muito, em virtude principalmente dos novos processos de cultura que, vencendo a rotina, vão sendo adoptados. Nem mesmo a alta dos salarios travou esse desenvolvimento, porque o elevado preço do trigo é muito compensador.

Por palpite, ainda, sabe-se, vê-se, observa-se que o consumo de trigo tem aumentado consideravelmente, pois populações que dantes não consumiam senão milho, hoje só comem trigo.

Está claro que, conhecendo-se a produção nacional num determinado ano e o valor em quantidade da importação do trigo exotico, se pode chegar a um cálculo aproximado do consumo. E dizemos — aproximado — porque a embaraçar o cálculo aparece a repugnancia do lavrador em manifestar toda a sua produção, já com receio das contribuições, já com temor do rateio a que será forçado.

Uma conclusão, porém, se pode tirar da observação dos factos e é que o trigo nacional tem a sua venda garantida, pois não chega para o consumo nacional, nem nunca chegou, a não ser num ano que já vai longe no passado. Esta conclusão vem colocar o problema de modo diverso do aspecto que assumiu em 1914. Então, o consumo era relativamente fraco e havia necessidade de fomentar a cultura do trigo. Compreende-se, porém, que a lei Elvino de Brito se acomodasse ás circunstancias. Hoje não. A produção é grande e grande igualmente o consumo. E a prova é o desenvolvimento que a industria da moagem, outrora confinada, por assim dizer, nas cidades de Lisboa e Porto, tem tido por essa provincia fóra com o aproveitamento de muitas quedas de agua para produção de energia electrica que economicamente põem em movimento as numerosas fabricas existentes e que abastecem as localidades em volta.

* * *

Por isso, a maneira como o sr. ministro da Agricultura encarou o problema é inteligente e sensata. Não vá, porém, estragar a sua concepção em qualquer pequenina dobra traiçoeira que pressões da agricultura nacional imprimam ao decreto. Liberdade de industria não pode existir sem plena liberdade de importação. Fazer o computo da produção nacional e tornar dependente de autorização a importação do *deficit* calculado, é cair no regimen antigo estabelecido pela chamada lei dos cereais. Isso só serviria para estimular os agricultores a ocultar a sua produção para tornar maior o *deficit* e venderem depois por fóra o trigo sonegado ao manifesto. Desde o momento que a importação seja livre, liberrimas, em concomitancia, porém, com a obrigação de comprar todo o trigo nacional, os lavradores têm todo o interesse em manifestar *toda* a sua produção, pois de outro modo se arriscariam a não vender aquele que tivessem sonegado.

E não haja receio de que á volta da liberdade de importação surja a especulação, pois o Estado tem maneira facil de a evitar. Entregando o negocio de cambiais á Caixa Geral de Depositos, esta não as forneceria para pagamentos de trigos, senão aos industriais respectivos ou a quem legitimamente os representasse.

Alem disso, se, á moda antiga, fosse necessaria autorização para importação de trigos só no montante do *deficit* da produção nacional para o consumo de pão, viria o rateio impedir que as fabricas trabalhassem segundo a sua capacidade e potencia. A industria seria assim limitada no seu exercicio e não se poderia dizer que viviamos em regimen de liberdade de industria cerealifera.

* * *

Quanto ao preço do pão, certo é que terá de ser um pouco mais elevado que actualmente, mas só transitoriamente, pois a livre concorrencia se encarregará de moderar os impostos gananciosos dos industriais.

Não se aumente a circulação fiduciaria, que a libra será forçada a manter-se em preço que, dentro de pouco tempo, favorecerá a solução do problema do pão, como de muitos outros. Essa é a grande questão, a questão principal que o Governo não deve perder de vista. A Manutenção Militar, apesar do muito que tem a fazer com o fornecimento de todo o Exercito, poderia muito bem servir de reguladora do preço do pão, tal qual serviram os talhos municipais para o preço da carne.

Mantenha-se, pois, o sr. ministro da Agricultura na sua primeira concepção, resistindo ás pressões que á sua volta possam desenvolver-se.

A industria livre, liberrima, é a unica solução sensata do assunto nas presentes circunstancias. Mas essa orientação precisa de ser posta em pratica de modo inteligente, pois é regimen novo que pode durar muito tempo e, se nascer torto, mal irá ao publico consumidor.

A travessia Lisboa = Rio de Janeiro

na Conferencia Internacional de Gothemburgo

Os jornaes do Rio de Janeiro anteontem chegados a Lisboa publicam o extracto de uma reunião da direcção do Aero-Club Brasileiro, em que foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta, formulada pelos srs. Mauricio Lisboa, Luiz F. Guimarães e Tito Soares, relativamente á homologação dos récords mundiaes de distancia, velocidade e duração pela proxima conferencia da Fédération Aeronautique Internationale» a realisar-se em Gothemburgo (Noruega), e conquistados pelos valorosos aeronautas portuguescs contra-almirante Gago Coutinho e comandante Sacadura Cabral, no decurso da travessia Lisboa-Rio de Janeiro.

Tendo o «Aero-Club de Portugal» apresentado ao presidente da Federação Aeronautica Internacional, com data de 21 do mez de junho proximo findo, uma proposição que será discutida na Conferencia da mesma Federação, a reunir-se em agosto proximo vindouro, na cidade de Gothemburgo (Noruega) e a que estará presente o Aero Club Brasileiro, na pessoa do seu delegado sr. dr. Octavio do Nascimento Brito e atendendo a que a referida proposição encerra um pedido cujo deferimento pela Conferencia nos parece de inteira justiça, como seja a homologação dos récords mundiaes de distancia, velocidade e duração, obtidos durante o «raid» Lisboa-Rio de Janeiro, realisado pelos intrepidos oficiaes da Marinha de Guerra Portuguesa, srs. contra-almirante Carlos Viegas de Gago Coutinho e comandante Artur de Sacadura Cabral, — pedimos á Directoria do Aero Club Brazileiro que telegrafe imediatamente ao seu delegado, dando-lhe instruções para que auxilie em tudo quanto estiver ao seu alcance a pretensão do Aero Club de Portugal e que a este se comunique tambem por telegrama tal deliberação.

Propomos mais que se telegrafe ao presidente da Federação Aeronautica Internacional, reforçando o pedido do Aero Club de Portugal e declarando alias de acordo com os termos da proposição deste, que o Aero Club Brasileiro está prompto para prestar os esclarecimentos que lhe forem solicitados sobre a importante travessia.»

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital,, o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, o que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no céu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglês Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

A "BICHA" DO MARCO

COMO SE VIVE EM BERLIM

O assalariado mais pobre e o capitalista mais —— rico do mundo ——

BERLIM, 14 — O governo Cuno (que acaba de se demitir) para manter a resistencia na bacia do Ruhr, fez emprestimos enormes aos industriaes. Com o dinheiro dos industriaes pagou os salarios dos operarios e deste modo assegurou a resistencia. Os emprestimos foram feitos a prazos de sessenta e noventa dias. Agora, quasi no termo do emprestimo, fazem descer o marco, o que quer dizer que, quando chegar a hora de liquidar os emprestimos, o Estado recebe um valor quasi nulo.

E isto, não porque os industriaes não devolvam rigorosamente a quantidade que lhe emprestou o Estado, mas porque a quantidade no transcurso do praso concedido, perdeu o seu valor de aquisição. O emprestimo tinha, ha noventa dias, no momento em que foi feito, um valor de aquisição — supunhamos — de 1.000, ao passo que no momento da liquidação tem um valor de 10.

* * *

Toda a vida da Alemanha é influenciada por este facto. Eu pago pela minha habitação duzentos mil marcos por dia. Encerrei o contracto no mez passado, quer dizer quando duzentos mil marcos me custavam seis escudos e quinhentos. Ao fim da semana liquidarei a minha conta, mas ao fim da semana produzir-se-ha um facto extraordinario. O marco terá baixado: sabado, antes de liquidar contas com o proprietario do meu hotel, para ter duzentos mil marcos, bastar-me-hão tres escudos e vinte e cinco centavos. De fórma que dormi toda a semana por metade do preço.

O proprietario do meu hotel tambem faz o que pode. Por sua parte, trata do aluguer da sua casa com o proprietario no dia 1 e paga a renda no dia 30.

Paga, portanto, 5, 10, 15 vezes menos do que teria de pagar, porque nestes 30 dias o marco perdeu 5, 10, 15 vezes o preço que tinha no dia 1. Com o pessoal do hotel este homem faz o mesmo jogo. Contracta os creados á segunda-feira e paga-lhes ao sabado. Neste tempo o marco vale metade, de forma que os creados lhe deram gratuitamente metade do seu trabalho.

* * *

A Alemanha pode comparar-se actualmente a uma cadeia de gente que se rouba mutuamente. Toda a gente rouba por um lado e se deixa roubar por outro. Viver assim seria um viver ideal, se pudessemos equilibrar o que se póde roubar com o que nos podem roubar, a nós. Mas este equilibrio é impossivel. Uma grande parte dos alemães pode roubar pelo valor de 10, mas, em troca, é roubada pelo valor de 100 e de 1.000.

Depois de Viena, a cidade do mundo em que ha mais banqueiros é Berlim. Encontra-se um Banco a cada esquina. Os bancos não têm, em realidade, aberto senão um guichet, o de cambio de moedas estrangeiras. Deante de cada «guichet» destes ha sempre, uma bicha. Todos se provêm de marcos para as necessidades do dia, este com o seu dollar, aquele com a sua libra, aquele com a sua nota de cinco escudos.

O ideal de toda esta gente seria cambiar um segundo antes de comprar qualquer coisa. O leitor já terá compreendido que esta gente da bicha é a mais afortunada de Berlim. Esta gente compra o marco segundo a ultima cotação e como o preço das coisas não muda tão depressa como o preço do marco, resulta que vive quasi de graça. Bemaventurados os que podem fazer bichas nos bancos de Berlim!

* * *

A gente que pode fazer bicha, tem 90 por cento de probabilidades de roubar, e só uma pequena possibilidade de ser roubada. A gente que não pode fazer bicha é a que nos referimos mais acima: a que pode roubar por valor de 10 mas que é roubada pelo valor de 100 ou de 1.000. O que quer dizer que se a Alemanha é uma cadeia, ha no cabo da cadeia uma cabeça de turco.

Da mesma forma que Hugo Stinnes é o tipo do alemão que não pode ser roubado, ha um tipo generico de alemão que não pode deixar de ser roubado. Este tipo generico é o homem que vive da jorna, o assalariado. O assalariado é na Alemanha o grande cabeça de turco.

O empregado, o operario, qualquer que tenha a sua actividade alugada, dá, pelo menos, metade do seu trabalho gratuitamente. O leitor já o compreenderá: os salarios sobem mais lentamente que os preços das coisas; os preços das coisas e os salarios estão desiquilibrados. Isto quer dizer que o orçamento do assalariado na Alemanha está sempre em «déficit», e, portanto, que ha uma margem de ganancia sobre a mão de obra, fantastica. O jogo que explicamos, do dono do hotel com os seus creados, é uma coisa completamente generalisada.

* * *

Discute-se em toda a parte se na Alemanha ha miseria. Digamo-lo claramente: na Alemanha nunca os ricos estiveram tão ricos e os pobres tão pobres, como agora. O operario alemão, o empregado alemão, são o assalariado do mundo que leva uma vida mais miseravel, estreita e pequena. Em troca, o capitalismo alemão chegou a um grau de actividade enorme, fantastica.

A questão é clara: o sacrificio é feito por uns em favor de outros. E vendo, como eu estou vendo a quantidade e qualidade deste sacrificio, atrevo-me a dizer que nunca a Alemanha esteve tão prussificada como agora.

Se não fossem as lamentações da «Bandeira Vermelha», o diario comunista, que é o unico que na Alemanha diz a verdade, pareceria haver perdido este povo o sentimento da moral e da justiça.

Os bilhetes dos electricos

O pedido de aumento vai ser submetido a uma comissão arbitral

A Camara Municipal vai fazer baixar a uma comissão arbitral o novo pedido de tarifas feito pela Carris. Essa comissão é composta pelo Director Geral dos Transportes Terrestres, por dois vogais nomeados pela Carris e por outros dois pela Camara.

Segundo nos informou hoje o presidente do Senado Municipal a vereação não quere assumir a responsabilidade desse aumento de tarifas nesse sistema de viação tão utilisado pelas classes pobres, tanto mais no momento que se atravessa em que tudo o contra indica.

A audacia de um gatuno

Casa com uma rica viuva para rouba-la

LONDRES, 18 k A policia procura activamente um individuo de nome Alexandre Gordon, que desapareceu do Savoy Hotel alguns dias depois de ter casado com a rica viuva mrs. Alice Shedden, de New York. Esta senhora encontrou Gordon no paquete que fasia a travessia do Atlantico e de novo em Paris e em Berlim onde ele lhe declarou o seu amor. Resolveram casar em Londres. Realisado o enlace matrimonial o noivo apoderou-se de todo o dinheiro de sua espsa e pez-se em fuga. — (R.)

O bandido amoroso

Cinco viuvas de Pancho Villa reclamam a sua fortuna

As agencias enviaram-nos hoje o seguinte telegrama:

MEXICO, 18.—Os tribunais mostram-se seriamente embaraçados ante as reclamações de cinco mulheres que provam serem viuvas do celebre insurrecto Pancho Villa. Segundo se verifica pelos documentos apresentados, o famoso caudilho tinha casado religiosamente com todas elas e as varias terras por onde passou. Era um grande conquistador de mulheres e matrimoniava-se com a maior facilidade, sendo portanto possivel que ainda apareçam mais viuvas a reclamar a sua herança. — (R.)

Como se sabe, Pancho Villa, que ha pouco foi assassinado pelo seu secretario em Chiguahua, era um dos mais terriveis guerrilheiros mexicanos, tendo o relato das suas façanhas enchido colunas e colunas dos jornais de todo o mundo.

A politica do Mexico nos ultimos anos e principalmente na epoca agitada de 1916 a 1920, está cheia do seu nome, nos combates que travou á frente do seu exercito de 85:000 homens, com La Dusenta, Carranza e outros e tambem com as tropas norte-americanas do general Pershing.

Ultimamente, os seus sequazes tinham no abandonado e quando o general Obregon actual Presidente do Mexico, tomou conta do seu alto cargo, enviou contra ele tres expedições militares. Cercado por 8:000 homens, acaitou o armisticio e rendeu-se, em Sabinas, sendo, porem, ele quem ditou as condições da capitulação.

O famoso caudilho nunca pôde tolerar o vicio da embriaguez. Os seus campos de concentração eram um modelo de sobriedade embora isto tivesse custado muitos fuzilamentos como exemplo.

Conta-se que o coronel Fierro, seu ordenança e um dos seus mais intimos tiveram que se ajoelhar aos pés do tirano pedindo que lhes poupasse a vida por não terem cumprido as suas disposições sobre a sobriedade imposta.

Mas, se não tolerava o vinho, não resistia, como se vê pela telegrama acima, á tentação de uma mulher. Dahi a longa série de casamentos, que tanto está embaraçando os tribunais mexicanos.

O papel de impressão

Uma disposição que torna impossivel a vida dos jornais

Chamamos a atenção do Governo para um assunto que, interessando-nos directamente, interessa de igual modo o país: está a expirar o prazo marcado por uma lei, dentro do qual é permitida a importação de papel de impressão com um imposto minimo. Terminado êle, e em conformidade com as disposições da nova pauta aduaneira, o papel estrangeiro que vier para Portugal pagará nada menos de 1$50 por quilo. Não sabemos o que as entidades competentes pensarão fazer em face das representações que lhes têm sido entregues pedindo-lhes a revogação dessa monstruosidade. Mas pensem o que pensarem, estamos certos de que não deixarão de atender o pedido feito, a não ser que queiram tornar absolutamente impossivel a vida da imprensa em Portugal. E isto porque a industria nacional não só não pode acudir ás necessidades do consumo, mas, mesmo que o fizesse, não deixaria de marcar desde logo ao seu produto, sempre de qualidade inferior ao estrangeiro, o preço que êste atingiria no nosso mercado.

Ora, custando já hoje só o papel quasi tanto como o dinheiro que o leitor dá pelo jornal, nenhum orgão da imprensa poderá manter-se, por mais rico que seja, se qualquer providencia não fôr tomada, no sentido de evitar ás empresas o pagamento da pesadissima taxa de 1$50 por quilo.

E' esta no actual momento a situação da imprensa em Portugal, posta em duas palavras, de modo a demonstrar a terrivel ameaça que pesa sobre ela.

A seleção nas Democracias

A proposito da eleição do sr. Teixeira Gomes

Luis Araquistain ocupa-se, na sua ultima Carta de Portugal que «El Sol» publica, da eleição presidencial. Depois de explicar como decorreu a eleição e de fazer o elogio do sr. Teixeira Gomes e da sua acção como diplomata na côrte inglesa, escreve:

Diga-se o que se disser, não resta duvidas que as jovens democracias possuem uma capacidade de relação de que raras vezes são dotados os velhos Estados semi-feudaes. A despeito da inexplicavel fraqueza que alguns diplomatas americanos sentem pelas instituições e classes menos modernas dos povos europeus, é notorio tambem que só essas Republicas chamam os homens de talento mais reconhecido ás mais delicadas representações do Estado. Não quer isto dizer que qualquer versejador, pelo simples facto de o ser, exceda Talleyrand como diplomata ou Cavour como artifice de nações. Mas não póde negar-se que a vitalidade politica de um povo é proporcional á sua sensibilidade para o talento dos seus cidadãos. Quando verificamos quem são os homens que interna e externamente regem os destinos de alguns paises europeus, chega-se á conclusão de que só as democracias jovens podem produzir, politicamente, a mais alta aristocracia que é a da inteligencia.

E acrescenta:

Portugal não é uma excepção á regra. Implantada a Republica, enviou os seus melhores homens pelo mundo para conquistar respeito e simpatias. Guerra Junqueiro foi ministro de Portugal em Berne. Teixeira Gomes representa ha uma dezena de anos o seu país em Londres. Julio Dantas acaba de visitar o Brasil como uma especie de ministro extraordinario intelectual. E a eleição agora de Teixeira Gomes para a Presidencia da Republica, em frente a um homem de tanto prestigio cultural como Bernardino Machado, e sem dizer nada do uma personalidade tão universalmente conhecida e estimada como Magalhães Lima, que tambem era candidato, confirma da maneira mais completa essa aptidão das democracias jovens para conseguir eminentes seleções individuais, as mais necessarias para cada momento.

As grandes catastrofes

As inundações do Irawadi

RANGOON, 18 — Chegaram a esta cidade 25.000 refugiados que foram vitimas das inundações do Irawadi, ficando absolutamente privados de recursos. — (R.).

Um tufão em Hong-Kong

HONG-KONG, 18 — Um terrivel furacão caiu sobre esta cidade. O submarino inglês L. 9 foi para o fundo e varios vapores fundeados ficaram destruidos, sendo consideraveis os prejuizos. — (R.).

O que vae pelo mundo

Como se ganham fortunas que os outros perdem

DEAUVILLE, 18 — Uma senhora americana jogando o «Chemin de fer» ganhou 30 vezes a seguir, tendo o total dos seus ganhos sido de 24.000 libras. Tambem uma joven que começou a jogar na mesma banca com 24 sh. ganhou, ... de 3.810 libras. — (R.)

Dois homens com sorte

MONTREAL, 18 — Um cabo de lanceiros de nome William Macleod e o soldado James Watt, da Real Infanteria canadense, ambos de Halifax, cairam ao mar duma rocha da altura de 75 metros. Conseguiram alcançar um pequeno rochedo a curta distancia da praia onde passaram a noite, tendo sido encontrados de manhã muito feridos e quasi mortos com o frio. — (R.)

Homenagem a Harding

WASHINGTON, 18 — O governo dos Estados Unidos decidiu fazer uma emissão de selos postaes com o retrato do falecido presidente Harding. — (L.)

Os ministros bulgaros

BERLIM, 18 — A embaixada bulgara nesta cidade desmente que tenham sido condenados em Sofia á pena ultima alguns ex-ministros do gabinete Stambulisk. — (R.)

Agencia de anuncios "A PENINSULAR"

A acreditada agencia de anuncios «A Peninsular», que ha cinco anos se fundou na rua dos Retroseiros, tendo visto gradualmente aumentar a sua clientela, a ponto de ser hoje uma das principais de Lisboa, mudou a sua séde para a rua da Vitoria, 55, em frente da Casa Africana, onde já na segunda-feira proxima oferece os seus serviços ao publico. As novas instalações de «A Peninsular» são deveras luxuosas, ali encontrando tambem os leitores de «A Capital» a possibilidade de nos transmitirem quaesquer comunicações urgentes pelo telefone 5500-Central.

Mineiros em greve

PRAGA, 18 — Os mineiros da Tcheco-Slovaquia votaram a greve geral para o dia 20 do corrente, por causa do salario. — (R.)

A Academia Recreio Artistico

festeja amanhã solenemente o seu 68.º aniversario

Comemorando o seu 68.º aniversario, a Academia Recreio Artistico, decana das agremiações de recreio, realisa amanhã uma serie de festas, constantes de um bodo a 50 pobres, ás 13 horas, de um concerto seguido de baile ás 14 e de uma sessão solene seguida de um brilhante serão de arte e baile com jazz-band, ás 21.

Com o oficio em que a direcção nos dirige afectuosas palavras de simpatia, foram-nos enviadas cinco senhas para o bodo, a fim de as distribuirmos pelos pobres nossos protegidos. Agradecemos.

Em Vendas Novas

As corridas de cavalos na Escola Pratica

Com os seus ajudantes srs. capitães Parreira e Diniz, partiu hoje para Vendas Novas o comandante da 1.ª Divisão, general sr. Roberto Baptiste, que ali vae assistir ás corridas de cavalos que se realisam na Escola Pratica de Cavalaria. Tambem vae ali o tenente-coronel sr. Moita e Magalhães, chefe de gabinete do Ministerio da Guerra, a representar o ministro interino sr. Antonio Maria da Silva.

Notas a lapis

Um grande exemplo

Guerra Junqueiro deixou em testamento ao Museu de Arte Antiga todas as suas preciosas velharias, adquiridas e acumuladas em longos anos de pesquisas nos bric-bracs de Portugal e de Espanha.

O exemplo do grande Poeta é digno de ser seguido. As doações aos nossos grandes museus são raras, preferindo os homens de arte portugueses fazer leilões as suas colecções a oferecê-las ou vendê-las ao Estado.

Assim têm desaparecido para o estrangeiro verdadeiras preciosidades, raro sendo o dia em que espanhoes, francezes, belgas e americanos não despojam o país de uma obra de arte, de uma peça rica de mobiliario, de exemplares de faiança e de tapeçarias ou de um volume por muitas circunstancias precioso.

De alguns estrangeiros sabemos que, valendo-se das situações que ocupam entre nós, daqui têm levado o que de melhor e mais valioso existe em materia de antiguidades, negociando-as nos seus paises.

Ha uma lei da Republica que proibe ou regula a saida de Portugal de todos êsses objectos, mas não se cumpre, ou cumpre-se tão mal, que não impede os abusos que têm sériamente prejudicado os nossos museus e desfalcado a riqueza artistica nacional.

Junqueiro, grande artista e grande patriota, deu, como dizemos, um alto e nobre exemplo, que ozalá seja seguido por outros, á semelhança do que se faz no estrangeiro.

O calor

O calor sobe. A cidade é um braziero, em que se queimam milhares de criaturas, condenadas a um inferno, que é talvez peor do que de Luzbel. Felizes os que fugiram, os que se foram para o mar ou para o campo, os que não sentem fogo implacavel que arde á nossa volta e nos reduz á triste condição de torresmos.

Ainda se as culpas de tudo isto pertencessem ao Governo, a gente desabafava, censurando o sr. Antonio Maria da Silva e os seus colegas de gabinete. Mas, por mais esforços que se façam e por maiores que sejam as culpas do ilustre presidente do Ministerio na situação que o país atravessa, não encontramos maneira de lhe imputar responsabilidades no calor que nos esmaga. Temos, pois, de aguardar resignadamente que o outono venha, com a sua aragem doce, com as suas manhãs claras e as suas tardes suaves, compensar-nos da triste condição a que chegámos.

Os jornais do Japão

A imprensa japoneza é de recente data, pois os primeiros jornaes que ali apareceram não vão além de 1880 e eram tão modestos e tinham os seus serviços tão mal montados, que ás vezes eram os proprios redactores que tinham de fazer a distribuição.

A guerra russo-japoneza foi um acontecimento nacional e, por isso, toda a gente começou a ler os jornaes. De então para cá, tornaram-se numa tão grande força, que, como na Europa, todos a desejam a seu lado.

Assim se prova, de maneira irrefutavel, que um jornal é em toda a parte uma necessidade moderna.

Segundo nos consta, constituiu-se em Lisboa, com um grupo de capitalistas, uma companhia destinada a explorar a industria das fructas em compota para exportação.

ULTIMA HORA

O momento financeiro

O estado da praça. Já foi entregue a representação da Caixa Geral de Depositos. Uma reunião de financeiros. Algumas opiniões de um amigo de "A Capital". A reunião de hoje do P. R. P.

Hoje sabado, dia estacionario na praça. O movimento é cada vez menor. Cada vez se descontam menos letras, se satisfaz menor numero de clientes. O que quer dizer que nos aproximamos do momento decisivo em que a questão tem de ser posta ao governo com todo caracter de uma questão que não pode ser adiada nem mais um minuto. E' assim que a praça o deseja, e é assim que a praça o terá.

Vamos para a catastrofe?

Ao governo incumbe a resposta.

* * *

Foi ontem entregue no gabinete do sr. ministro das Finanças a representação elaborada na Caixa Geral dos Depositos e que tem por fim elucidar o Governo sobre o verdadeiro estado da praça, aconselhando-o a não aumentar, «em qualquer circunstancia», o numero de notas em circulação.

Essa representação é um documento sintetico, onde se expõem as causas da crise actual aconselhando-se para ela remedios, alguns dos quais, embota violentos, são de uma segura eficacia.

Desse documento já nós demos a directriz e a topicos principaes, podendo-se bem avaliar da sua importancia por aquilo que nós já dissemos. A caixa e o publico esperam a resposta do sr. Velhinho Correia que não deixará certamente de ser justa de acordo com os altos interesses da Republica.

* * *

Correu nos ultimos dias, com insistencia, o boato de que no edificio da Caixa Geral de Depositos se efectuara uma reunião de banqueiros para, juntamente com os directores deste estabelecimento, remedearem a situação aflitiva em que a praça se encontra.

Ao que parece, semelhante boato não tem nada que o justifique. Deu-lhe origem o facto de ter sido visto o automovel passar para as bandas do Calhariz um conhecido financeiro, director de uma casa posta neste momento em grande destaque.

Efectivamente, de que nos informam, varias pessoas da praça com relações pessoais entre a gente da Caixa têm tratado do assunto, crise financeira, mas apenas com o valor de opiniões pessoais que não visam qualquer finalidade. Nem a Caixa quere, ao que nos dizem também, entabular negociações com a praça. Esta está em contacto directo com o Ministerio das Finanças e com este deve entender-se.

* * *

Voltamos hoje a encontrar nos Capelistas aquele cavalheiro alto, quasi elegante, que ha dias para um redactor da «Capital» monologou um singular conhecimento de causa das manobras dos banqueiros.

O dialogo estabeleceu-se com facilidade.

— Então a praça?

— Não sei!

— Mas dizem que ha bancos?...

— Que estão mal. E outros que só descontam para os amigos ou para servir algum politico.

E entrando em maré de confidencias, o nosso interlocutor, baixando a voz, quiz preguntar-nos:

— V. acredita que o Governo atire as notas cá para fora?

Nós não acreditamos, nem deixamos de acreditar. Esperamos.

— Pois quere a minha opinião? Deita, sim, senhor.

E com veemencia:

— Mas ao menos o povo pia, sabendo quem prepara a sua desgraça.

E mais o seguinte, que é bom que se diga para fixar ideias:

1.º — Que nenhum politico terá mais o direito de falar em melhoria de cambios nem barateamento da vida.

2.º — Que a libra irá para a casa dos mil.

3.º — Que começamos a seguir o caminho que a Alemanha trilha com tanta segurança.

Isso e todas as consequencias que disso podem advir.

Parou um momento.

— Manobra politica, meu amigo. Espanto da nossa parte.

— Manobra politica. Manobra de monarquicos que subvertem a Republica mais do que nunca em perigo.

Tivemos medo daquele descrente.

— Porque a Republica corre um risco seriissimo, provocado pelos monarquicos que se aninharam nas dobras do manto da finança.

E' a falencia da politica dos democraticos: a quebra do mais forte grupo do regimen.

Que conseguiu esse grupo depois de tantos meses de governo? Levou-nos á «débacle» financeira, á casa um.

Era necessario que os homens que estão á frente desse partido tivessem um pulso de ferro! Onde estão os homens? Onde está o pulso de ferro!

Carregou o chapeu para os olhos. Despedia-se já:

—E esses homens, opinião minha, não hesitam em atirar notas para a rua, afim de se manterem mais alguns meses nas posições que conquistaram.

* * *

Reune hoje, pelas 21 horas, o Directorio do Partido Republicano Português, assistindo a essa reunião o sr. dr. Daniel Rodrigues. Dizem-nos que o administrador da Caixa Geral de Depositos vai trocar impressões sobre um possivel plano de assistencia por parte dos militutos financeiros do Estado aos ta de numerario pode causar graves embaraços ao comercio e industria de todo o país.

Pretende assim, por um lado, socorrer o Governo no proposito de não agravar a circulação fiduciaria; por outro, evitar perigosas surpresas na praça, cujas consequencias são de temer.

Atribue-se, por isso, uma grande importancia á referida reunião que, alem deste assunto, apreciará as recentes medidas de caracter economico e financeiro do Governo e a ultima reconstituição.

Acaba ou não o "Pão politico"

O sr. ministro da Agricultura recebeu uma comissão delegada da C. G. T., que foi manifestar-lhe os inconvenientes que resultariam para o consumidor de um agravamento no preço do pão. Respondendo ás considerações feitas pela comissão, o sr. dr. Joaquim Ribeiro disse que, se a industria de moagem elevar demasiadamente o preço do pão, ele encorregará a Manutenção Militar de fabricá-lo por um preço mais baixo, não para toda a população, mas apenas para as classes mais necessitadas, pelas quais serão distribuidas senhas.

Vemos inconvenientes neste recurso, porque a Manutenção Militar, vendendo o pão mais barato que as industrias particulares, decerto sofrerá prejuizos e nesse caso continuaremos no regimen do «pão politico», sendo possivel que de novo voltemos ao espectaculo vergonhoso das *bichas* á porta daquelas padarias onde se encontre á venda o pão dos pobres.

De resto, será dificil no momento actual destrinçar quais são na população de Lisboa os individuos necessitados, isto é, aqueles a quem o agravamento do preço do pão, embora transitorio, possa mais de perto afectar.

A Alemanha e os aliados

A França exige uma indemnisação

HAIA, 18 — Pelo tribunal permanente de justiça internacional foi hoje proferida a sentença no processo do vapor «Wimbledon». A sentença do tribunal diz que tendo o Reich proibido injustamente o acesso do vapor ao canal de Kiel, deve ter paga á França no prazo de tres meses a indemnisação de 140.749 francos. — (H.)

A resposta da França

PARIS, 18 — A resposta da França á nota britanica foi transmitida esta tarde ao governo belga. — (H.)

As condições da França

LONDRES, 18 — A França estaria disposta a responder favoravelmente á nota ingleza concordando com a evacuação do Ruhr se a Inglaterra se obrigasse a fazer com que a Alemanha pagasse 2.000 milhões de libras como uma garantia tão solida que a França podesse considerar o dinheiro como pago. — (R.)

As razões da Inglaterra

LONDRES, 18 — A situação actual é grave e os franceses vão-se dando conta de que a Inglaterra tem razão no seu ponto de vista. A revista mensal «London Joint City and Midland Banks», que é o maior banco do mundo e do qual é presidente o sr. Reginald Mckenna, demonstra no seu relatorio que a Inglaterra é uma das nações do mundo que mais depende do comercio estrangeiro. A França e outros paises podem viver dentro de certo limite e inter-cambio. A Inglaterra não pode e por esse motivo é da maxima importancia o facto de que a totalidade das exportações inglesas diminuiu em 20 por cento em relação a 1913 e que como consequencia disto ha na Inglaterra 1.250.000 desempregados. — (R.).

No Tribunal de Santa Clara

O ATENTADO CONTRA O SR. ALFREDO DA SILVA

Foram feitas hoje varias acareações que não deram grande resultado

No Tribunal Militar prosseguiu hoje o julgamento dos individuos acusados de terem tomado parte no atentado ao sr. Alfredo da Silva, em Leiria.

A audiencia abriu ás 13 horas, tendo o major sr. Alpedrinha, que tomou conta da defeza do réu Neves Ferrão, dito que as declarações feitas ontem pelo seu constituinte talvez não tivessem sido, bem a expressão do seu sentir, e por isso pedia para que voltasse a ser ouvido antes de se proceder á acariação.

O Neves Ferrão repetiu as declarações feitas ontem, procedendo-se em seguida, ás acariações entre os réus Angelo Vieira, Antonio Silva Vieira «O Quatorze» e Neves Ferrão, não sendo possivel chegar-se a um acordo, devido ás grandes contradicções entre os arguidos.

* * *

A primeira testemunha a depôr foi o sr. Antonio de Oliveira, agente da policia de investigação, que acompanhou o sr. Alfredo da Silva na sua viagem para Leiria. Disse que o sr. Alfredo da Silva, na estação do Valado fôra avisado de que antes de chegar a Leiria teria um atentado, mas não fez caso algum desse aviso. Na estação de Leiria ouviu vivas á Republica, e morras ao sr. Alfredo da Silva, vendo, passados momentos, um individuo que mais tarde soube ser o Pina electricista, dar com a coronha de uma espingarda na cabeça do conhecido industrial.

Ele, testemunha, puxou, então, pela pistola, mas o sr. Alfredo da Silva, disse-lhe que não disparasse.

O José Castela gritou, então para o electricista: «Dá um tiro na cabeça desse cão». Mais tarde, foi encarregado de saber quem tinham sido os criminosos; andou então por Leiria, juntamente com um individuo da terra, reconhecendo-os desde logo.

Em varias tabernas onde entrou, ouviu alguns dos arguidos dizerem que «o malandro do Alfredo da Silva estava quasi morto e não escapava.»

O sr. promotor perguntou.

— Quando chegou a Leiria estava muita gente na estação?

— Bastante, á espera do tenente Lopes, que ia tomar posse de administrador do concelho e a quem fizeram uma manifestação.

— Estavam presentes alguns oficiaes?

— A' paisana, segundo ouvi dizer.

— Conhecia o tenente Lopes?

— Vi-o na estação e no dia seguinte reconheceu, sabendo então quem era.

— Sabe que passados dois dias o sr. Alfredo da Silva quiz sair do hospital?

— Sei. Nessa altura já não lhe aconteceria mal algum. Pois que até os criminosos se diziam seus amigos.

O sr. dr. Alfredo Nordesto começou as instancias á testemunha, que a principio pareceu ter uma certa relutancia em responder.

— Quantos metros seriam da Emiliá á porta da gare?

— Não posso dizer.

— Ouviu a manifestação ao novo administrador?

— Ouvi, quando este saía da estação no meio dos manifestantes, disse para os que o rodeavam: «Vocês vão aos vivas e ignoram que vai ali o malandro do Alfredo da Silva».

— Havia luz na estação?

— Estava ás escuras.

O sr. Nordeste mostrou-se indignado, afirmando não querer mais nada da testemunha e requerendo a contradita.

A testemunha foi ainda instada pelo capitão tenente sr. Tavares da Silva e pelo major sr. Alpedrinha, nada mais adiantando.

A seguir, procedeu-se á acariação entre a testemunha e o sargento Drago Monteiro.

O sr. juiz auditor preguntou:

— Quantas pessoas viajavam no mesmo compartimento com o sr. Alfredo da Silva?

— Duas.

— Três, afirma o Diogo Monteiro: a testemunha, o sr. Alfredo da Silva e o sr. José Casimiro.

O sr. promotor requereu, por isso, que o sr. José Casimiro seja convidado a depôr no julgamento.

O sr. presidente indeferiu o requerimento, sendo, a seguir, a testemunha acariada com o João Marques Pereira Pina, o Silvino Sapateiro e Pereira Pina, o Silvino apateiro e com o tenente sr. Lopes, trocando-se longos dialogos sem que fosse possivel chegar-se a uma conclusão.

A seguir, foi interrompida a audiencia.

* * *

Foi hoje bastante estranhada a atitude do sr. presidente do tribunal, que mandou mudar os logares reservados á imprensa, para local, onde é impossivel ouvirem-se as declarações das testemunhas.

NECROLOGIA

Antonio José Alves

Na casa da sua residencia, Avenida Almirante Reis, 18-2.º esquerdo, faleceu ontem, o sr. Antonio José Alves, lavrador e proprietario.

O saudoso extinto que contava 58 anos de idade era casado com a sr.ª D. Elisa da Costa Machado Alves, cunhado dos srs. Francisco Maria Ribeiro, tenente de marinha, dr. Marcos Cirilo Lopes Leitão, professor e ilustre deputado da nação, e tio do sr. Horacio Machado Ribeiro, funcionario do Ministerio das Finanças, em serviço na Junta de Credito Publico.

O funeral realisa-se, amanhã, ás 16 horas, para o cemiterio Oriental (Alto de S. João) onde ficará depositado em jazigo de familia.

A toda a familia enlutada os nossos sentidissimos pezames.

José Maria Anselmo

Faleceu o sr. José Maria Anselmo, avô do nosso camarada da imprensa sr. Afonso Anselmo, e dos srs. Francisco Anselmo, comerciante e José Maria Anselmo Junior.

Contava 74 anos, era operario das obras do Estado e gozava de gerais simpatias.

O funeral realisa-se amanhã ás 10 horas, saindo do Hospital de S. José para o Alto de S. João, com acompanhamento a pé.

As nossas condolencias.

Banco que fecha

Por falta de numerario, encerrou hoje as suas portas o Banco Economia Portuguesa, devendo, porem, reabrir na proxima segunda-feira.

Ministro das Finanças

Apesar de estar prestando as provas do concurso para o posto de major, o sr. ministro das Finanças compareceu ontem e hoje na sua secretaria, não se tendo efectuado a sua substituição interina pelo sr. ministro da Justiça. O sr. Velhinho Correia parte amanhã de manhã no rapido para Caldelas, onde vai acompanhar sua familia, regressando na segunda-feira. Só então o sr. ministro das Finanças tomará conhecimento da representação da Caixa Geral de Depositos.

O problema do Pacifico

WASHINGTON, 17 — Entre as cinco grandes potencias interessadas no tratado naval do Pacifico foi já trocada a ratificação oficial. — (H.)

Sul de Angola

A cruz de guerra ao destacamento do Quanhama

A Ordem do Exercito da 2.ª série, que oportunamente será distribuida, condecora com a Cruz de Guerra de 1.ª classe o comando, unidades e todos os outros elementos que constituiram o destacamento que na campanha do Sul de Angola, em 1915, foi denominado do «Quanhama».

A pesca na Terra Nova

A fim de prestar assistencia aos pescadores portuguezes que se encontram nos bancos da Terra Nova, saiu hoje do Tejo o cruzador «Carvalho de Araujo», que estará de regresso em outubro proximo.

A favor dos cegos

«Sr. director da «Capital» — A Repartição Internacional do Trabalho recebeu uma interessante informação relativa ás facilidades que devem conceder-se aos cegos, para viajarem nas linhas ferreas, acompanhada da relação das vantagens já concedidas em diversos paizes.

Depois de lêr essas concessões, posso afirmar que, em paiz nenhum se tem obtido tanto, quanto eu tenho conseguido a favor dos cegos, meus protegidos.

Ha mais de 25 anos a Companhia Portugueza concede-me sempre passagens gratuitas em todas as suas linhas para centenares dos meus alunos.

Depois de que instalei a séde do Instituto, no Estoril, concedeu passagens para todos os alunos e para o empregado que os acompanha.

Em virtude dessa concessão que a Sociedade Estoril, generosamente mantem, podem os alunos ir frequentar as aulas do Conservatorio, onde alguns têm concluido os seus cursos e podem ir fazer os seus exames no Conservatorio e no Liceu, onde já fizeram em 10 anos, cento e tantos exames, obtendo outras aprovações e 75 distinções.

Actualmente para irem a férias ou regressarem a casa de suas familias, a provedoria da Assistencia tem concedido passagens não só aos alunos cegos, como ás pessoas que os acompanham, tanto nas linhas ferreas do Estado, como nas das diversas companhias.

Ora o que eu tenho obtido a favor dos meus alunos, poderá no futuro tornar-se extensivo a todos os cegos portuguezes, se o Estado se interessar tanto por eles, como eu me tenho interesado. — *Branco Rodrigues*.»

TEATRO

Os suspensorios de Rossini

Os jornais francezes contam que estiveram prestes a ser roubados, no museu da Opera, de Paris, os suspensorios de Rossini, por um empregado ter deixado aberta a *vitrine* em que se encontram expostos. Trata-se de um par de suspensorios novos, sem uso, em séda alaranjada, semeado de flores bordadas, tendo sido enviados ao famoso autor do «Guilherme Tell» por uma admiradora entusiasta, a qual, de resto, não tinha visto nunca o compositor, mas o representava sob a forma de um rapaz elegante e desempenado.

No tempo em que recebeu o presente, Rossini já era, porém, acentuadamente obéso. Os famosos suspensorios, muito curtos, não lhe serviram nunca. E eis porque os forasteiros ainda os podem ver em Paris, tão novos e virgens como saíram das mãos de quem os fez, em 1829.

Dança bem paga

O director do Trianon, o mais «dansing» de Chicago e talvez do mundo inteiro, conseguiu fazer, até bem pouco tempo, receitas que oscilavam entre 10.000 e 15.000 dollars por semana. Lembrando-se, porém, de contratar Rudolph Valentino, o «estrelo» de cinema, e sua mulher, que se encontram actualmente em Paris, para dansarem no Trianon, em menos de uma semana as receitas subiram a 33.000 dallars, pelo que o activo empresario os contratou logo para o proximo inverno, ao preço de 2.700 dollars por semana.

Doutores graves pretendem que a dansa, praticada em excesso, é uma verdadeira doença. Na afirmativa é, pelo menos, uma doença que permite pagar ao medico.

Luiza de Lerma

De todas as estreias que tem tido o Eden Teatro, a que agradou mais pela sua elegancia, arte e beleza, foi a bailarina, Luiza de Lerma, que vem a Lisboa directamente de Cuba. Percorreu já a America do Norte, o Mexico, Cuba e a Argentina. E' uma artista muito formosa e de um talento raro, não sendo de admirar que tenha agradado á plateia do Eden.

Noticiario

Entre nós

O Eden-Teatro inaugurará a sua epoca de inverno em 10 de setembro com a revista de Eduardo Schwalbach «O boneco de sabugo». Nessa peça tomarão parte Luiza de Lerma e Carmen de Cadiz.

—Vão passar alguns dias á Figueira da Foz as actrizes Julieta Rodrigues, Cacilda Ortigão e Maria de Lourdes Cabral.

—Dizem-nos que os artistas portuguezes que no proximo inverno irão a Espanha contratados por um empprezario madrileno, pertencem ás companhias Rey Colaço, Lucilia Simões, Chaby, Luiza Satanela e Armando de Vasconcelos.

Reclames

NACIONAL

Em ante penultima representação vai hoje á scena, no Nacional, a famosa peça policial «20.000 dollars». Ali não deve pois faltar quem quizer assistir a um espectaculo dos mais emocionantes e originais.

MARIA VICTORIA

Continua a bater o record da alegria a revista «Fado Corrido» em scena no Maria Vitoria em duas sessões.

A' sua graça, alia-se o belo desempenho que todos os seus interpretes lhe dão.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,15 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE. (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

Os contos de "A Capital,,

A maior força

(Lenda japonesa)

Na entrada do mar oriental, Kanasaki era a mais amavel aldeia do paiz, no ultimo seculo, a preferida pelos verdadeiros apaixonados da natureza, que seguiam aquele itinerario celebre atravez da beleza do Japão.

No meio de verdes arrozaes, a aldeia feliz agrupava suas ruas calmas ao pé de uma colina arredondada e, á noite, o som das guitarras de seus serros chegava até á estrada de cedros centenarios onde passavam as caravanas.

Nessa noite o luar estava mais belo do que nunca e o sabio Seccrai erguera para seus hospedes um pavilhão de lona no meio do jardim, onde cultivavam as flores mais raras de toda a terra.

O virtuoso Yaccu, o amigo de sua mocidade, ali estava e os dous velhos, sem palavras inuteis, saboreavam o prazer de estar tranquilos, contemplando um cedro ainda novo mas já alto e imponente, que se erguia ali perto. E Seccrai murmurou:

— Os deuses são poderosos.

E Yaccu compreendendo a alusão murmurou:

— Nossa humilde aldeia guardará porém sempre a lembrança dos 12 anos de Kance.

...No quinto mez desse duodecimo ano uma peregrinação de alegres camponezes ia sahir da aldeia.

A colheita terminára feliz e eles iam visitar os mosteiros famosos e admirar os horizontes mais belos. A frente ia Ghingi, palrador e jovial; mas nesse dia o Ghingi falava pouco. Não era sem tristeza que ele deixára sua esposa Kaci e seu filhinho Tokitaro.

Mas um homem não deve deixar ver essas fraquezas e Kaci tratou de sorrir, para ocultar as lagrimas, que podiam entristecer seu amado.

Tokitaro não prestára atenção a esse acto. Ria e saltava, voltando para casa, apoz a partida da caravana.

Pobre Kaci! Mal sabia ela que nunca mais conheceria a felicidade. Quando a caravana voltou, Ghingi não vinha com eles.

Perecera no caminho dum desastre. A pobre Kaci pouco durou ainda, consumida pelo desgosto e pela dôr de ficar sosinha no mundo, com o seu filho.

Uma familia visinha recolheu o pequeno e todos da aldeia o protegeram. Mas não haverá no mundo protecção que compense a uma creança a perda de sua mãe.

Ora aconteceu que dias depois nasceu do tumulo de Kaci um cedro que medrou e se desenvolveu com rapidez tão singular que o povo logo compreendeu que havia naquela arvore a alma de Kaci, que, arrependida de haver deixado tão cedo seu filho, queria vê-lo ainda.

Era recordando esses factos que Seccrai murmou: — Os deuses são poderosos.

Mas os deuses nessa noite pareciam hostis. Uma tempestade ameaçava no ar e não tardou a cair sobre a terra.

No dia seguinte ao amanhecer é que se viu a extensão de seu estrago. Diante do jardim de Seccrai o jovem cedro jazia caido com as raizes ainda presas ao tumulo de Kaci.

Cinco homens, depois dez, vinte, com braços soberbos passaram-lhe cordas e tentaram levanta-lo. Em vão. Parecia impossivel que uma arvore pesasse tanto.

De subito, Seccrai, o velho sabio, teve uma ideia. Foi buscar Tokitaro, o orfão... E apenas a mão inocente segurou um galho, puxando-o a rir, a arvore ergueu-se... Porque mais vale a força do amor do que os braços de vinte homens robustos.

Juntas de freguesia

A junta da freguezia do Socorro, na sua ultima reunião tratou entre outros assuntos, da melhor forma de levar a efeito os banhos ás creanças pobres da freguezia, oficiando para a Sociedade Estoril a fim de esta facilitar as passagens até Pedrouços.

Tratou tambem da forma como o Conselho Central das juntas, vai dividir a percentagem do adicional de 3 por cento, emitindo a opinião de que este deve ser dividido em tres categorias, nas quaes sejam observadas as respectivas áreas e principalmente o numero de pobres.

TAUROMAQUIA

Agostinho Coelho

O bandarilheiro Agostinho Coelho realisa no dia 2 de Setembro em Espinho a sua festa artistica, lidando-se 8 touros da Sociedade Agricola da Golegã. Dirige a corrida obsequiosamente o ex bandarilheiro Manuel dos Santos, toureando a cavalo José Casimiro, Antonio Luiz Lopes e Simão da Veiga Junior, e a pé o beneficiado, Vital Mendes, Rodrigues Raposo, Plaz Flores e o espada e matador Angelo Gonzalez, «Angelillo». Toma parte o grupo de forcados de Lisboa dirigidos por Antonio Barrico.

Agostinho Coelho toureia até ao fim da epoca nas seguintes praças: Figueira, Espinho, Setubal, Vizeu e Lisboa.

OS PARTIDOS

P. R. Radical

O Major Filipe de Sousa é alvo de uma grandiosa manifestação á sua partida de Angra do Heroismo

Conforme hontem noticiámos, vem já a caminho de Lisboa o distinto oficial do exercito Snr. Major Filipe de Sousa, membro da Junta Consultiva do P. R. Radical e que se achava na ilha Terceira por ordem do ex Ministro da Guerra, coronel Freiria.

Aquele oficial, que em todo o arquipelago açoreano grangeou simpatias e dedicações, foi alvo á sua partida de Angra do Heroismo da maior manifestação republicana que até hoje ali se tem realisado.

Sabido como era, que por opinião medica, a sua permanencia nas ilhas faria perigar a sua vida, constituiu-se uma comissão de velhos republicanos, para levar a efeito a realisação de um grande banquete de despedida, logo que fosse ali recebida a noticia da confirmação da junta a que o ilustre fôra submetido.

Com efeito tendo o actual Ministro da Guerra confirmado a opinião da junta medica dos Açores e mandado regressar ao continente a bordo do paquete «Funchal» o Sr. Major Filipe de Sousa, realisou-se na passada 4.ª feira, vespera do embarque, um banquete de 200 talheres, onde foi prestada ao ilustre militar uma calorosa manifestação de simpatia e de despedida. No grande banquete tomaram parte todos os membros das comissões politicas do P. R. Radical, muitos representantes dos outros partidos politicos do regimen, velhos republicanos, representantes da imprensa local, e ainda muitos admiradores do referido oficial.

No banquete reinou sempre a maior solidariedade republicana para com o Sr. Major Filipe de Sousa, sendo unanimes os protestos contra as perseguições de que tem sido victima o esforçado democrata.

Ao «toast» levantaram-se numerosos brindes, predominando em todos o desejo de que a Republica e a Patria se engrandeçam por uma administração honesta e bem republicana a que o Major Filipe de Sousa poderá dar o seu energico concurso da sua inteligencia, patriotismo e dedicação.

O sr. major Filipe de Sousa num caloroso discurso, agradeceu as inestimaveis provas de simpatia que recebeu de todos os açoreanos durante o seu forçado desterro, fazendo interessantes declarações politicas e garantindo a absoluta confiança que tem, de que será o P. R. Radical, que por uma energica e decidida administração republicana, salvará o Paiz do lamentavel e angustioso cáos em que se encontra. Saudou ainda as comissões partidarias de todo o arquipelago e incitou-as a trabalhar sem cessar pelo engrandecimento do Partido Radical.

Calorosamente aplaudido e abraçado, o major Filipe de Sousa foi em seguida dar posse, numa sala contigua áquela em que se realisou o banquete, ás comissões politicas partidarias, que se encontram já constituidas em todo o arquipelago.

Durante o jantar foram recebidos muitos telegramas de republicanos de varias ilhas. Abrilhantou o banquete um magnifico sexteto.

No dia 13 efectuou-se o embarque do distinto oficial, tendo acorrido ao cae uma grande multidão que á sua chegada lhe prestou uma calorosa manifestação, como ainda ali não tinha realisado em Angra do Heroismo.

Os telegramas enviados a um dedicado amigo do sr. Filipe de Sousa, não dão uma ideia completa da homenagem que lhe foi prestada, mas são suficientemente expressivos para se avaliar a imponencia do facto.

Quando o paquete «Funchal» levantou ferro, uma entusiastica salva de palmas e calorosos vivas ecoaram no cáes, sendo victoriadissimo o P. R. Radical, manifestações a que correspondia comovido o major Filipe de Sousa, que deixou em cada açoreano um admirador das suas altas qualidades do militar brioso e cidadão exemplar.

Durante o seu desterro nos Açores, o sr. major Filipe de Sousa, realisou umas 50 conferencias e sessões de propaganda republicana, onde sempre foi escutado com o maior interesse.

A' sua chegada a Lisboa os seus amigos e correlegionarios preparam-lhe uma grande manifestação de simpatia. A inscripção para o almoço de homenagem vai muito adeantada, sendo na terça feira proxima distribuidos os bilhetes de admissão ao almoço.

N inscripção continua aberta na tabacaria do Café da Brazileira até ás 15 horas, e na séde do Centro R. Radical de Lisboa.

Comissão Municipal de Lisboa

A comissão municipal de Lisboa do P. R. Radical, convida todos os seus correlegionarios filiados no Partido, a comparecerem no caes de desembarque em Santos, no proximo dia 22 do corrente á hora oportunamente indicada, para se prestar homenagem ao seu dedicado correlegionario, major Filipe de Sousa, que regressa do seu forçado desterro em Angra do Heroismo.

A reunião magna das Comissões do P. R. R. no Barreiro

Efectuou-se a reunião magna das comissões do P. R. R. do Barreiro e dos seus associados, a qual decorreu muito animada. Foram apresentadas varias moções, entre as quais uma do sr. Albino Maria de Figueiredo, protestando contra as perseguições feitas aos seus correligionarios em geral e, em especial, os que ultimamente se têm manifestado na classe ferroviaria.

O sr. Ezequiel Antonio Marmelada apresentou tambem uma moção, protestando energicamente contra a campanha de difamação que vem sendo feita ao alferes sr. Manuel dos Santos Pimenta, dando-lhe toda a solidariedade.

A' Camara Municipal do Barreiro foi entregue uma representação de habitantes do Lavradio, protestando contra a construção de um cemiterio na *Cêrca dos Loios* e pedindo que sejam mantidas as deliberações das vereações e das juntas transactas para que essa construção se faça no *Alto da Rainha*.

A êste proposito foi apresentada tambem uma moção em que as comissões municipal e politicas das freguesias do concelho do Barreiro apoiam a reclamação e resolvem ir até junto dos tribunais competentes se a Camara não tomar em consideração o protesto.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

E' necessario proteger quanto antes os inquilinos da ganancia dos senhorios.

N.º 4459-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira, 20 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Lançar na praça mais uma nota, é provocar a ruina do paiz, pois é elevar a libra a 240$00

Só quem quizer atirar-nos para o abismo auctorisará, portanto, o aumento da circulação fiduciaria

A questão fiduciaria

O parecer da Administração da Caixa Geral de Depositos sobre o aumento da circulação fiduciaria, em que tanta gente se empenha, com o intuito de levar o cambio para as mais miseraveis divisas, como se tem feito na Alemanha, é um documento notavel, e a sua importancia não é apenas de natureza economica porque é tambem de natureza politica.

A publicação dêsse parecer no *Rebate*, que é o orgão do partido democratico, hoje no poder, e feita depois de uma reunião do Directorio dêsse partido em que êsse parecer foi evidentemente discutido e sancionado, representa a propria vontade dêsse partido que não pode deixar de ser a propria vontade do Governo.

Esta é a significação politica do facto e ninguem duvidará que é importante e decisiva.

E' preciso atentar nesta circunstancia, porque ela obriga a atitudes inquebrantaveis.

O partido democratico, o proprio Governo, que não pode desatender as suas indicações expressas, ficam obrigados a não deixar aumentar, *sob pretexto algum, a circulação fiduciaria.*

Fique isto assente — para sempre.

E fique assente porque o aumento da circulação fiduciaria representaria imediatamente a queda do cambio para a divisa *um*, o que significaria a ruina do Estado, e o aniquilamento social, porquanto o custo da vida passaria imediatamente a ser o dôbro.

De resto, os aumentos de circulação fiduciaria nunca produzem sequer um ligeiro alivio na situação geral.

Pelo contrário. Tudo aumenta logo de preço, quer dizer, a situação redobra logo de gravidade.

No parecer da Caixa Geral de Depositos nota-se que de Dezembro de 1920 até hoje a circulação fiduciaria foi mais do que dobrada. Resultado: tudo sempre mais caro, maior especulação, maior ruina.

Um novo aumento da circulação fiduciaria seria um crime inexpiavel, e se êsse crime se cometesse — não o duvidem — daria lugar a uma revolução, mais terrivel do que todos os que tem ensanguentado o solo português.

Essa revolução não se basearia sobre fantasias, boatos, exageros ou equivocos. Basear-se-ia em factos incontroversos. O parecer da Caixa Geral de Depositos bastaria para a sua justificação moral.

Chegou a hora de bradar á vilanagem aventureira:

— Basta!

Quantas ruinas não tem ela já acumulado? Quantos sofrimentos não tem produzido?

Basta!

O país quere salvar-se. A Republica quere salvar-se.

Se alguem tem de cair, que caiam os exploradores da nossa miseria!

A Caixa Geral de Depositos é uma instituição do Estado. O seu parecer é um parecer oficial. Tem de ser atendido.

O sr. Antonio Maria da Silva disse um dia que o país tem estado a saque. Não disse por quem. O parecer da Caixa Geral de Depositos permite que se verifique onde estão os criminosos.

O grito dos especuladores continúa a ser o mesmo:

— Mais notas! Mais notas!

O grito do país, que não quere seguir o caminho da Alemanha, continua a ser êste:

— Nunca!

O PROBLEMA DO PÃO

Mais uma desilusão

Com o decreto do sr. dr. Joaquim Ribeiro o povo não terá nunca —:— mais pão barato —:—

Não contendo em arrecar os 70:000 contos, o Estado pretende criar nova receita á custa do pobre

A celebre fabula de Phedro—*Mons parturiens* — tem uma aplicação quasi constante nas coisas da nossa administração publica. Cabe agora a vez ao Ministerio da Agricultura que, depois de ter atroado os ares com as dôres do parto da liberdade das industrias de panificação e moagem, deitou cá para fora um ratinho — o decreto ontem publicado nos jornais — maldoso, impertinente, roedor da carne dos miseros consumidores de pão.

O artigo 9.º dêsse decreto, destinado a passar á historia como documento comprovativo de como a burocracia estraga e deturpa as melhores ideias, os melhores projectos e planos dos ministros respectivos, estabelece que, se o preço médio do trigo exotico fôr inferior ao do trigo nacional, o trigo importado pagará de imposto a diferença.

Nunca mais teremos o pão barato, ou, por outra forma mais real, nunca mais teremos o pão menos caro. Pelo novo regimen de pseudo liberdade de industria, a moagem e a panificação terão de moderar um pouco os seus lucros e o publico de pagar o pão mais caro. O trigo nacional tem uma tabela de preço alto, remunerador e fomentador da cultura do precioso cereal. A obrigação de consumir toda a produção nacional deveria bastar á agricultura, pois tem garantida a venda de toda a sua produção. Não se percebe, por isso, porque razão vem o Estado contribuir o trigo estrangeiro, quando mais barato que o nacional, com um imposto equivalente á diferença de preço para o nacional.

Argumentando por absurdo, para melhor salientar o disparate, se o trigo estrangeiro voltar ao preço antigo de 70 réis o quilo, o publico lusitano não terá licença de o comer a preço baixo, porque vem o Estado e arrecada a diferença dos 70 réis para a tabela estabelecida para o nacional.

* * *

Quere dizer, o Estado não se contenta de acabar com o pão politico e beneficiar do corte da despesa de 70 mil contos que representa uma receita indirecta.

Pretende criar mais receita.

O publico tem que se desenganar e convencer-se de que ninguem olha pelos seus interesses.

O aumento do preço do pão que o consumidor vai suportar em consequencia do novo regimen de liberdade limitada, será eterno, porque o Estado, com o seu artigo 9.º do decreto publicado, não consente que no estrangeiro se compre trigo mais barato que o nacional. A média dos preços de um e de outro poderia permitir um abaixamento no preço, mas o Governo não dá licença, porque pretende arrecadar receita da importação.

O tão decantado regimen de liberdade apregoado aos quatro ventos pelas tubas da fama, em honra do reformador que chegou ao Ministerio da Agricultura, deu em *vasa barris*.

A importação de trigo exotico só será permitida no montante do *deficit* cerealifero, mediante consulta prévia de todos os conselhos anichados no Ministerio, como a ostra ás rochas, e depois de parecer favoravel doutamente elaborado por todos os funcionarios de oculos de aros de tartaruga que compõem os referidos conselhos.

Para o regimen cerealifero estamos em plena China e as chinesices do decreto multiplicam-se mais que as moscas desta quadra estival sufocante.

* * *

Partindo da base da obrigação das industrias da moagem e panificação comprarem toda a produção nacional, base dictada e imposta pelo bem da colectividade que tem todo o interesse em que a cultura do trigo seja fomentada até ao ponto, se possivel fôr, de bastar ao consumo nacional, a palavra liberdade com aplicação ao exercicio da industria panifera, tem só uma significação que é a permissão de cada qual proceder como melhor entender quanto a importação, preço e tipo de pão. A concorrencia meteria o produto dentro de limites favoraveis ao consumidor.

Passar do regimen do pão politico para o de ampla liberdade de industria era, no nosso meio, audacia que honrava a iniciativa do reformador, mas transitar do antigo regimen para um que nem é de liberdade nem deixa de ser, é expediente pouco proprio para acreditar das altas qualidades de quem o põe em pratica.

A moralidade da fabula aplica-se inteira e integralmente.

Fomos dos que supozeram, diante das declarações que percorreram, pelos habituais meios de propaganda, o país inteiro, desvendando as intenções audaciosas do sr. ministro da Agricultura, que tinha chegado alguem á gerencia daquela pasta dificil e complexa.

Mas a vida compõe-se principalmente de desilusões. E' mais uma para o rol longuissimo das que temos sofrido pela existencia fóra.

Milhões e milhões de marcos

Aumenta de dia para dia a impres ão de notas

BERLIM, 20 — Havenstein, presidente do Reichsbank, declarou numa reunião do conselho do imperio que o Reichsbank emitia diariamente notas na importancia de vinte mil milhões de marcos e que essa quantia ia ser aumentada a partir da proxima semana para quarenta e seis biliões.—(R.)

UM DELEGADO DOS SOVIETS EM LISBOA

Veio, por ordem de Lenine, impor a disciplina no partido :-: comunista :-:

Fês reuniões, passeou pela cidade... mas a policia não deu por isso

Ha tempos que no partido comunista se deu uma scisão, motivada pelo facto de o sr. Caetano de Sousa, que o ano passado foi á Russia em nome dos comunistas portugueses assistir ao Congresso da III Internacional, ter, ao regressar, convocado, juntamente com as juventudes comunistas, uma conferencia na qual foi modificado o titulo do partido e nomeado um novo *comité* dirigente, sendo então lançadas varias acusações sobre o sr. Carlos Rates, José Maria Gonçalves e outros elementos de destaque no comunismo.

Estes senhores abandonaram por essa ocasião os delegados que foram á Russia e constituiram um novo agrupamento, que logo entabolou relações com os dirigentes da Internacional Comunista, fazendo-lhes sentir as desinteligencias que o sr. Caetano de Sousa provocou no partido.

A Internacional colheu elementos de ambas as correntes e enviou agora a Portugal um delegado com o fim de impôr a disciplina no P. C. P., tal qual como a Russia a impõe ao exercito vermelho.

Num dos ultimos dias da semana passada os comunistas mostravam-se um tanto satisfeitos, dando a demonstrar que alguma coisa de novo ia passar-se nos arraiais revolucionarios.

Não tardou, porém, em saber-se que entre nós se encontrava o delegado da III Internacional e que numa das associações operarias tinha havido uma importante reunião.

Imediatamente nos preparámos para saber o que se teria passado, vindo a averiguarmos que á primeira dessas reuniões tinham assistido todos os militantes operarios, tanto comunistas como sindicalistas.

Nessa reunião, o delegado russo teve ocasião de fustigar os anarquistas, a quem acusou dos peores inimigos da revolução, dizendo que estes na Russia, por diversas vezes, se têm mancomunado com os inimigos dos *soviets* para derrubarem a Republica, criticando tambem a atitude que o ex-secretario geral da C. G. T. assumiu para com os comunistas.

Na segunda reunião, tratou-se da forma como procedeu o sr. Caetano de Sousa em Maio, ao regressar da Russia, acusando varios comunistas de maçons e de agentes da burguesia. Travou-se, então, grande discussão entre os partidarios do sr. Caetano de Sousa e os de Carlos Rates, vendo-se o enviado de Moscou em grandes dificuldades para conseguir harmonisar as duas correntes.

Por fim, o delegado criticou a atitude dos individuos que abandonaram o partido e do sr. Caetano de Sousa, que exorbitou das ordens recebidas no Congresso, terminando por impôr uma imediata retractação de todas as acusações que os comunistas se fizeram mutuamente.

De todos os individuos que assistiram a essa reunião apenas dois não acataram as ordens e se mostraram dispostos a não continuar no partido com o sr. Caetano de Sousa.

Por fim, o delegado nomeou novo *comité* dirigente do P. C. P., que ficou assim constituido: Carlos Rates, Nascimento Cunha, Alfredo Monteiro, Cristiano Linhares, Abel Pereira, José Pires Barreira e Augusto Machado.

Terminada a reunião, o enviado de Mouscou retirou imediatamente.

O novo *comité* é composto por criaturas das duas correntes comunistas e ficou com o encargo de realizar o primeiro congresso comunista no proximo mês de Outubro.

PORTUGAL LÁ FÓRA

Os "films" portugueses na America

Virão estrelas do cinema filmar no nosso paiz?

Foi no seu gabinete que o ilustre oficial major sr. Luiz da Gama Ochoa nos recebeu, quando ontem o procurámos para o cumprimentar. Tendo regressado ha pouco da America do Norte, onde se demorou cinco meses numa aturada viagem de estudo e observação, contou-nos muita coisa interessante, de que não queremos privar os leitores de «A Capital».

— Venho encantado com a grande cidade— disse-nos. Vi tanta coisa nova que não sei ainda falar serenamente...

— Qual o fim da sua viagem?

— Os fins, porque foram dois: primeiro, visitar e estudar o funcionamento das escolas comerciaes e industriaes de New York; segundo, obter a colocação de films portugueses, da «Invicta» do Porto, no mercado americano.

— E conseguiu o que desejava?

— Sim. Para primeira viagem, viagem experimental, podem considerar-se magnificos os resultados.

— New York é uma cidade gigante...

— New York é uma cidade moderna e elegante, feita á custa de muito dinheiro e de muito trabalho e procurando aproveitar em altura o que não pode aproveitar em terreno.

— V. ex.ª visitou muitas escolas?

— Em todo o estado de New York ha cerca de 14 grandes escolas técnicas e Universidades. As principaes são: «Columbia» e «New York» e os colegios «Hunter College» e «College of City». Estes estabelecimentos de ensino visitei-os. Só a frequencia da Universidade de New York anda por cerca de 703.800 alunos. Imagine que nas 44 universidades e colegios que existem nos 22 Estados que formam a America do Norte, a frequencia de alunos era, em 1921, de 2.788:661.

— O ensino na America do Norte é bem orientado, como se diz?

— Otimamente. E' um ensino prático, rapido mas solido. Das escolas técnicas saem os alunos perfeitamente preparados para a vida que escolheram, na certeza de que podem desempenhar-se cabalmente da sua missão.

O sr. major Ochoa foi durante alguns anos 2.º comandante da policia de Lisboa e decerto a organisação policial norte-americana lhe interessou. Interrogámo-lo.

— E' um serviço admiravelmente montado. A policia está dividida em quatro zonas, cada uma com os seus serviços especiaes, tendo em toda a cidade noventa estações. Foi um dos assuntos pelos quaes me interessei, pois é curioso e vale a pena conhece-lo a fundo.

— Como acharam os americanos os nossos films?

— Rudimentares e mal preparados, sob o ponto de vista artistico, não servindo, por isso, para o mercado americano.

— Mas v. ex.ª colocou os films que levou...

— Sim. Vendi-os á colonia portuguesa, que é grande. Foram algumas recordações da sua terra que ficaram junto dos nossos compatriotas.

— Pode dizer-me quais os films vendidos na America do Norte?

— Posso. «Rosa do Adro», «Tempestades da vida», «Amor de Perdição», «Soldado desconhecido», «Mulheres da Beira», o «Raid Lisboa-Rio de Janeiro», e seis fitas panoramicas de Portugal.

— Qual o film que mais agradou?

— Aos americanos as «Tempestades da vida», de Augusto Lacerda e aos portugueses o «Amor de Perdição».

— O cinema é apreciado em New York pelos nossos compatriotas?

— Quem não aprecia o cinema em New York? A grande cidade que conta hoje 500 cinemas, é o centro da cinematografia mundial. Depois da industria do aço, do ferro, do algodão, etc., a cinematografia ocupa um logar de relevo, como industria americana.

— A musica portuguesa é apreciada na America do Norte?

— Muito. Eu mesmo levei musicas de autores portugueses, adaptaveis a cada uma das fitas. Levei musicas de Oscar da Silva, Armando Leça, Newparth, Rey Colaço, etc.

— V. ex.ª contractou alguma artista ou artistas americanos para virem a Portugal filmar algum assunto portuguez?

— Definitivamente nada ha assente ainda. Na America fechei um contracto com a companhia «Widessope & C.º», uma das mais poderosas emprezas productoras de films, para enviar a Portugal uma ou duas «estrelas» americanas e alguns artistas, para juntamente com artistas nossos fazerem uma fita, extraida de um livro á nossa escolha. Aguardamos sómente a chegada de um seu delegado, a fim de ultimar o assunto. Desta maneira poderemos lançar no mundo inteiro um film de origem portuguesa, com artistas portuenses, o que é um acto patriotico.

De novo tornamos a falar da grande cidade, do seu movimento, das comodidades que o estrangeiro encontra:

— O Hotel Mc Alpin, na rua Broadway, onde eu estive hospedado, é um predio com 25 andares, 1.620 quartos e 1.100 casas de banho. Tem 16 elevadores-ascensores, uma estação telegrafo-postal propria, telefones em todos os quartos, estabelecimentos de todos os artigos, etc. Fica na chamada zona teatral.

«O movimento maritimo é assombroso. New York é o centro de toda a navegação americana. Em 1921 entraram no seu porto 5.260 navios de toda a parte, de todos os paises, com gente de todas as raças...

E ficamos evocando toda a grandesa da estranha metropole e o poder de realisação de um povo para o qual a civilisação já não tem segredos...

Praxes...

O «Diario do Governo» publica hoje o seguinte decreto:

«Tendo cessado o motivo que impedia o cidadão Francisco Gonçalves Velhinho Correia, Ministro das Finanças, de gerir os negocios da sua pasta;

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa: hei por bem exonerar o cidadão Antonio Abranches Ferrão, Ministro da Justiça, do exercicio interino das funções de Ministro das Finanças, para as quais havia sido nomeado emquanto durasse o impedimento do respectivo Ministro e me apraz declarar que o exerceu com zelo, inteligencia e acendrado patriotismo.

Como se sabe, o sr. Velhinho Correia só momentaneamente abandonou a sua pasta, pois ainda na sexta-feira e ante-ontem esteve no seu gabinete, tendo ido ontem a Caldelas e regressando hoje. O sr. dr. Abranches Ferrão, ilustre ministro da Justiça, não precisou, por isso, de sobraçar a pasta do seu colega, não tendo, portanto, tempo de desempenhar com o zêlo, a inteligencia e o acendrado patriotismo a que se refere o decreto as funções de ministro das Finanças.

Bem sabemos que se trata de uma praxe, mas devemos confessar que algumas são muito curiosas...

As grandes catastrofes

Um pavoroso incendio de petroleo

NEW-YORK, 20.—Na California, proximo da cidade de S. Pedro, deu-se uma explosão por combustão expontanea dum tanque contendo meio milhão de barris de petroleo. Uma toalha de chamas precipitou-se pela encosta da colina, ameaçando destruir a cidade. Centenas de homens desenvolveram uma actividade febril para estabelecer diques que defendessem a cidade contra a invasão do liquido inflamado. Os habitantes da encosta da colina fugiram desesperadamente para todos os lados, aterrorisados e presos do maior panico, abandonando todos os seus haveres, que serviram de pasto ás chamas. As perdas são avaliadas em cerca de um milhão de dollars e seriam muito mais pesadas, se a cidade tivesse sido atingida.-(R.)

"S. Miguel,,

Largou hoje pelas 10 horas da manhã do caes de Santos para a Madeira e Açores o paquete «S. Miguel» da Empresa Insulana de Navegação, que deve estar de volta no dia 7 do proximo mez de Setembro.

O paquete «Funchal» da mesma empresa saiu já do porto do Funchal, com destino a Lisboa, devendo estar aqui depois de amanhã de tarde, como dizemos em outro logar.

INQUILINOS E SENHORIOS

Uma acção de despejo

De que estratagemas se lança mão — Uma mulher diabolica

Razão temos tidos nós para reclamar do Governo providencias imediatas que ponham cobro aos abusos que os senhorios vêem cometendo. As violencias sucedem-se e os pobres inquilinos não têm maneira de as evitar, urgindo, por isso, que o sr. ministro da Justiça publique o decreto que regulamenta e esclarece a lei, de maneira a socegar uma população que não tem garantida nem a moradia, nem a segurança dos seus haveres.

Para estranhar é que, apesar de nos encontrarmos em férias judiciaes, os mandados de despejo se executem, pois isso pode trazer inconvenientes e perigos de toda a ordem.

Nesta época vão muitas familias para fóra e com extrema facilidade, aproveitando a sua ausencia, podem os senhorios fazer livremente todas as patifarias que quizerem, á sombra de uma lei que, por não estar devidamente esclarecida, dá margem a variadas interpretações.

Hoje deu-se um caso, para o qual chamamos a atenção do sr. dr. Abranches Ferrão, para que, dêle tomando conhecimento, evite no diploma a publicar-se, a sua repetição.

E' o seguinte:

No rez-do-chão do predio n.º 61 da Rua da Paz, reside ha cerca de um ano, aproximadamente, com sua esposa e uma filhinha de dois anos, o sr. Joaquim da Costa.

Desde Fevereiro que a proprietaria do predio, D. Maria José Gazul, esposa do conhecido maestro sr. Freitas Gazul, e que habita o primeiro andar do mesmo predio, se recusa a receber a renda do rez-do-chão, alegando não só precisar da casa, mas tambem que a filha do sr. Costa chorava muito de noite, incomodando-a, portanto.

Em presença do ocorrido o sr. Costa começou a depositar a renda, que era de 50$00, na Caixa Geral de Depositos.

A senhoria, como o inquilino estava dentro da lei, e não tinha fórma de o pôr fóra de casa, serviu-se de um estratagema: arranjou um suposto inquilino com o respectivo arrendamento, contra quem moveu um mandado de despejo.

Por mais de uma vês, baldadamente, os oficiaes de diligencias procuraram o falso inquilino a fim de o avisarem. Como, porém, nunca tivesse aparecido, o juiz sr. dr. Mesquita de Carvalho assinou a ordem de despejo.

Hoje, cerca das 11 horas, compareceram na Rua da Paz, no predio em questão, dois oficiaes de diligencias, três policias, um carpinteiro e o juiz de paz da freguezia das Mercês, sr. Tavares de Macedo, arrombando então a porta para pôrem os moveis na rua.

Na impossibilidade de momento arranjar local para os seus moveis, o sr. Costa deixou-os a guardar em varias casas de pessoas das suas relações. No local juntou-se, como é natural, muita gente que comentou asperamente o facto.

Como nota diremos que, segundo informações que conseguimos colher, a D. Maria Gazul é useira e vezeira na prática destes actos, tendo tido ainda ha bem pouco tempo uma outra acção contra o inquilino do segundo andar, nas mesmas condições, além de constantes acções que anda sempre a mover aos inquilinos dos seus predios.

O sr. Joaquim da Costa é genro da ama que foi do falecido principe D. Luiz Filipe, e que actualmente se encontra no hospital, restabelecendo-se de uma operação a que se sujeitou.

A ESPANHA EM MARROCOS

Os novos ataques dos mouros

Dez mil baixas só na zona de Melilla, desde que dura o protectorado civil

Os recentes e encarniçados ataques dos mouros ás posições espanholas veem novamente pôr em foco a politica do país visinho, arrastando-se sob o pesadelo da guerra de Marrocos.

«Não queremos alarmar — escreve em editorial um jornal madrileno. — A meio de uma guerra declarada e formal, o timão do Estado não está nas mãos dos que dirigem a acção nos campos de batalha, mas dos civis que ocupam os postos do governo. A propria guerra europeia deu-nos exemplos inolvidaveis. Em todos os periodos dessa guerra, os generais obedeceram constantemente ás disposições dos governantes. Foram os servidores fieis da patria; mas não se erigiram em casos algum em arbitros supremos e incontestaveis dos seus destinos. Como havemos, pois, de ver com calma, que aqui na Espanha, onde não ha sequer uma guerra francamente declarada em Marrocos, mas uma acção civil apoiada pelas forças militares para dar-lhe maiores garantias de eficacia, se imponham as vontades dos partidarios da guerra a todo o transe?

«Os telegramas oficiais dão conta de que nos encontramos no começo de outra campanha. Por culpa de quem? Muitas responsabilidades cabem áqueles que, nos ultimos tempos, e desde os altos postos de Africa, têm incitado imprudentemente á guerra; tambem aos que, em Madrid, iniciaram uma politica a que chamaram de protectorado civil e que reanimaram os mouros mostrando-lhes uma situação de fraqueza realmente vergonhosa.

«Em ambos os casos, a culpa é dos governantes, que não têm sabido impôr uma orientação fixa. Pacifistas, inimigos da acção belica, toleraram infracções fundamentais a este principio politico, e quando obrigaram a que se respeitasse, fizeram-no de modo a provocar o desprestigio, dando animo aos mouros para nos combaterem.

«Cabe, em primeiro lugar, aos governantes a responsabilidade da nova campanha. Até mesmo por permitirem que incorram em responsabilidades elementos que deveriam limitar-se a obedecer e que, não obstante, hão tido iniciativas funestas.»

***

Um dos chefes militares de mais prestigio e talento da região de Alhucemas, entrevistado por um jornalista sobre a situação, disse:

— Perdemos uma ocasião admiravel para restaurar o nosso prestigio perante o mouro e fortalecer a nossa superioridade. Se tivessemos realizado operações a fundo, não teriamos tido inimigos. Desde Tizzi-Assa, a 5 de Junho, sofreu o campo rebelde um castigo tão duro, que ficaram desfeitos e temerosos os cabilenos. Os bombardeios e reconhecimentos aereos, o incessante movimento de colunas, as noticias que recebiam de que pensavamos avançar mantinha-os acobardados.

«O proprio Abd-el-Kader disse-me que, segundo as suas informações, não havia agora em armas, formando harcas, mais de 3.000 rebeldes. E afirmava-me que fugiriam ao primeiro impulso das nossas forças. Mas ha mais: receberam-se noticias de que os cabilenos de Beni Tuzin e de Beni Sin queriam submeter-se e estavam dispostos a entregar-nos, quando avançassemos, as antigas posições abandonadas de Igueriben e Annual, ocupadas e protegidas por eles.»

— O sr. presidiu á comissão do estado maior que fez os trabalhos sobre Alhucemas?

— Sim, senhor. Por isso, precisamente, ocupo o cargo de chefe do estado maior desta zona. A' frente da comissão mixta do exercito e da armada estudamos os planos das operações. Elaborei uma extensa memoria que, pelo visto, ninguem leu. Era então chefe do estado maior central o general Aispuru e ministro da Guerra o sr. Olaguer Felin. E aqui dorme o sôno dos justos, depois de custar ao país um mar de dinheiro, pois recebiam de ajuda cem pesetas diarias os comissionados. Quere dizer, vem agora outra comissão e com os mesmos custos.

— ?...

— Hoje, a situação agrava-se dia a dia. Com as noticias que recebe de que já não queremos avançar, com a leitura dos jornais que diariamente levam a Abd-el-Krin, voltaram a reanimar-se e começaram as agressões diarias, corte de linhas telefonicas e de pontes, etc.

«Ainda que fosse certo que tinhamos pela frente mais inimigos do que temos, as operações sobre Alhucemas custar-nos iam a terça parte das baixas e de dinheiro que nos leva esta paragem forçada em que nos encontramos.»

— E' possivel, meu coronel? — preguntámos.

— Se é possivel? Veja estas cifras. Fiz uma estatistica das baixas desde que se suspenderam as grandes operações do ano passado: são cerca de dez mil as que tivemos no territorio sem fazer guerra. Só em Tizzi Assa causaram-nos, a 5 de Junho, um milhar. Essa posição, desde que se estabeleceu, custa-nos já três mil baixas.

Os combates continuam, correndo boatos alarmantes

MELILLA, 20 — Houve um violento combate entre Quebdani e Beni-Said. Ha varios dias que os rebeldes atacavam varias das nossas posições, tendo depois destes ataques preparatorios feito um ataque em força á nossa primeira linha. A posição de Tifaruin do sector Beni-Said foi atacada, tendo sido repelidos os rebeldes por forças de regulares de Afrau e Tificuin.

O inimigo demonstrou grande actividade, fazendo muitos trabalhos de fortificação e de entrincheiramento. Quando se deu o ataque conseguiram cortar as comunicações de algumas das posições, tendo ido estabelecer de novo os contactos uma coluna formada por uma companhia da legião estrangeira, um batalhão da metropole e uma bateria de artilharia. Esta coluna foi atacada violentamente, tendo-se chegado a dar ataques de corpo a corpo, indo em seu auxilio todas as forças disponiveis, sendo então os rebeldes obrigados a recuar.

Algumas horas depois, o inimigo tornou a atacar violentamente varias posições, entre elas a de Afrau, desconhecendo-se por emquanto o que se passou, embora tenham corrido boatos terroristas. — (R.).

Weyler aconselha o peor caminho

MADRID, 20 — O general Burguette declarou que o problema de Marrocos só se resolverá com a tomada de Alhucemas e que teria feito essa operação em Janeiro ultimo, se o governo lhe tivesse dado meios necessarios para isso.

O general Weyler, quando teve conhecimento dos ultimos sucessos, comentou-os com a seguinte frase: «Os mouros precisam de ser tratados com dureza». — (R.).

Notas a lapis

Travessias

Um jornal da manhã publicava ontem o seguinte bilhete amoroso:

SACADURA

5195—Recebi n. posses deixar ser m. sei quanto vale o amor que te consagro e sinto-me ligad. a ti p. t. o sempre. Tentar fugir seria uma monstruosa cobardia. M. carinhosos b. d. sempre t. Coutinho.

Trata se, evidentemente, de dois namorados que se conheceram em qualquer data que se prende com a travessia aerea do Atlantico. Sinceramente lhes desejamos que façam a travessia da vida com a mesma facilidade e o mesmo heroismo com que Sacadura Cabral e Gago Coutinho atravessaram o Oceano. Quanto a fugir, não resta duvida que só poderão fazê-lo de aeroplano...

Dois clubs alemães

Ao contrario do que seria de supôr, nem todos os alemães se preocupam com a questão do Ruhr e com a depreciação constante do marco. Se ha alguns a quem tais factos comovam, outros ha que se entretêm a fundar clubs destinados aos mais curiosos fins. De Dresde chegam-nos, com uma estampilha de 3.000 marcos, umas folhas soltas réclamando o *Spider Club* e o *Act-Studia-Club*, o primeiro destinado a pôr em contacto os coleccionadores sérios de todo o mundo e a favorecer-lhes as trocas de correspondencia e de objectos de toda a especie — sêlos, kimonos, quadros, livros, musicas, medicamentos, perfumes, jornais, leis, postais, catalogos, leques, etc.

O segundo, porém, é mais interessante e visa apenas os amadores do nu, encarregando-se da compra ou da troca entre os seus membros de nus fotograficos, garantindo que *não remete senão modelos absolutamente perfeitos e de grande beleza, estudos de um belo colorido e numa pose ligeira e graciosa.*

Certamente, os fundadores do club são pessoas graves, de grandes oculos de aros de tartaruga, coleccionando os nus fotograficos e atendendo os seus correspondentes com a mesma impassibilidade e a mesma indiferença com que coleccionariam parafusos ou talheres.

Vendo estas folhas, lembrámo-nos de uma série de artigos que durante a guerra um jornalista francês publicou, demonstrando que tudo quanto em França aparecia antes de 1914 em materia de livros e de estampas dêste teor e até abertamente pornograficos era de origem alemã, exportado aos milhões, inundando de norte a sul os mercados franceses.

Pelo visto, o negocio recomeça. A propaganda alarga-se. Emquanto a França vai operando no Ruhr, gastando milhões sem grande utilidade, o negociante alemão realiza outras operações, recolhendo o dinheiro dos outros.

O tufão em Macau

Devem ter sido apenas afectados por ele os indigenas

Os jornais da manhã, de hoje, inserem telegramas alarmantes acerca do grande tufão que passou ultimamente sobre Hong-Kong e cujos efeitos se fizeram sentir extraordinariamente em Macau.

Embora nas regiões oficiais se conheça apenas o que os jornais publicam, pessoas que conhecem bem aquela nossa provincia ultramarina dizem-nos que o tufão não deve ter afectado a gente branca. Esses fenomenos são periodicos nos mares orientais da China, Madagascar, etc., e em regra só atingem os indigenas, que vivem quasi todo o ano em *sampans* e *juncos* na baía, fazendo visitas á terra para se abastecerem e nos três dias do ano novo chinês que, salvo êrro, começa em Fevereiro.

E' agora ali a monsão, a epoca propria dêstes fenomenos atmosfericos, mas, em geral, reeptimos, só meia duzia de barcos indigenas se afundam e umas duzias de chinos perecem, vitimas da sua repulsa pelo progresso.

Só quando o tufão atinge extraordinaria violencia, o que não se deu neste caso porque afectou sobretudo Hong-Kong, o peri o é grande. No ciclone de 1913, que assolou tambem Macau, a canhoneira portuguesa dêste nome chegou a garrar, mas, por via de regra, as embarcações têm tempo de prevenir-se contra êstes fenomenos, cuja aproximação se faz sentir por uma forte depressão barometrica e uma subida anormal do nivel do mar.

O tufão de agora, segundo todas as previsões e calculos, deve ter surgido, como sucede quasi sempre, ao norte das Filipinas e chegado a Macau depois de se ter feito sentir violentamente em Hong-Kong.

Não ha, pois, ao que parece, motivos para alarme — e bom é frisar que a comunicação oficial não chegou decerto porque o fenomeno só afectou os indigenas e não os europeus, que vivem em terra em casas solidas.

Necrologia

Ernesto Pinto

Realisou-se hoje o funeral do comerciante sr. Ernesto Pinto, proprietario de uma ourivesaria na rua do Ouro. Era muito conhecido no meio e na roda elegante da cidade, motivo porque o seu funeral constituiu uma verdadeira manifestação de pesar. Dirigiu o funeral o seu amigo e socio sr. João Serrinha, ficando sepultado no cemiterio dos Prazeres.

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS :-:-: LEITORES DA «CAPITAL» :-:-:

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

ROBERT BENSON

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, em que o notavel romancista inglês Robert Benson conta o que de mais curioso e pertubador ha nas relações do homem com o infinito.

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

ULTIMA HORA

O momento financeiro

O encerramento do Banco Economia Portuguesa

Falava-se ha dias em que alguns bancos suspenderiam os seus pagamentos em virtude da falta de numerario para as suas transacções, se o Governo não tomasse quaisquer providencias no sentido de atenuar esta grave situação.

De facto, hoje, o Banco Economia Portuguesa afixou o seguinte aviso que, como é natural, causou sensação nos meios financeiros:

«Declara a direcção do Banco Economia Portuguesa que, tendo-se esgotado o numerario em caixa e na impossibilidade de realizar de pronto os recursos necessarios para a regularização das suas transacções, com grande pezar vê-se forçada a suspender temporariamente os seus pagamentos.

Se a direcção não puder resolver as dificuldades actuais, convocará a assembleia geral para deliberar».

Não obstante esta situação, o conselho de ministros só está convocado para quarta-feira, o que na Arcada era comentado em termos pouco lisonjeiros para o Governo.

***

Os directores das casas bancarias tencionam efectuar brevemente uma reunião para se ocuparem da questão da falta de numerario.

***

FARO, 20 — Os bancos e casas bancarias do Algarve tambem estão restringindo os descontos. Espera-se que hoje, segunda-feira, a situação seja mais normal. — (H.).

A lei do inquilinato

O sr. ministro da Justiça já concluiu o decreto sobre inquilinato. Não podemos transmitir aos nossos leitores o seu teor, porque o sr. dr. Abranches Ferrão pretende submeter o seu trabalho ao Conselho de Ministros antes de dar-lhe publicidade.

Professores das Escolas Moveis

Na reunião que os professores das Escolas Moveis hoje realizaram na Associação dos Caixeiros e que foi presidida pela sr.ª D. Ana Gomes Ferreira, de Valverde (Santarem), secretariada pelos srs. Armando Carmo, de Talaide (Cascais) e Pedro Gastão Mesnier, de Capelinha (Tavira), foi resolvido nomear uma comissão que solicite do ministro sr. dr. João Camoesas o cumprimento das disposições em vigor, relativamente á transferencia de professores.

Um escandalo

Um aristocrata preso por ladrão

ROMA, 20 — Causou grande impressão na opinião publica a prisão do conde della Croce na elegante praia de Porto d'Anzio proximo desta cidade, sob a acusação de ter roubado uma carteira com 210 liras do bolso dum seu companheiro de hotel. O conde della Croce é membro duma das mais antigas familias romanas e descendente do Papa Urbano VIII, primo do general della Croce e parente do principe Torrinia. A sua familia declara que ele deu variadas vezes demonstrações de falta de quilibrio mental.

O pessoal dos bancos

reune para tratar dos seus interesses

Nas salas do Ateneu Comercial de Lisboa realisa-se depois de amanhã, pelas 21 horas, uma reunião magna da Associação de Classe dos Empregados de Bancos e Cambios de Lisboa.

O incendio de Chelas

Morre no hospital a pobre louca que o ateou

Faleceu esta manhã no hospital de S. José a sr.ª D. Felisarda Emilia Tavares Barata, uma das internadas no convento de Chelas e que ficou bastante queimada no incendio que ali houve ante-ontem.

Como se sabe, atribue-se a esta senhora, que era viuva de um tenente coronel e que padecia de alienação mental, a origem do sinistro, pois que, segundo afirmam as outras moradoras do velho convento, de ha muito que ela declarava que todas haviam de morrer queimadas.

As suas feridas, resultantes das queimaduras que sofreu eram mais graves do que a principio se supunha, falecendo em virtude do incendio que ateou.

***

Uma comissão de pensionistas do Estado e outra de moradores do convento de Chelas, vitimas do grande incendio que devorou aquele edificio, procuraram hoje o sr. presidente do Ministerio para pedir-lhe socorro na sua aflitiva situação.

Como o sr. Antonio Maria da Silva não estivesse, o chefe do gabinete do Ministerio da Guerra percorreu, de automovel, algumas casas de beneficencia para acudir transitoriamente ás familias que ficaram sem abrigo por efeito daquele sinistro.

O CAMBIO

A libra fechou hoje a 113$oo e 115$oo Esc.

Ministros que regressam

O sr. ministro da Agricultura que tinha ido a Aveiro, regressou hoje de tarde a Lisboa; o sr. ministro do Comercio regressa de Arcos de Valdevez amanhã á noite; o sr. ministro das Finanças é esperado tambem amanhã, devendo o sr. ministro da Instrução estar em Lisboa depois de amanhã.

A estetica da cidade

Recebemos da Arcada a seguinte informação:

O conselho de Arte Nacional escolheu o vogal sr. Columbano Bordalo Pinheiro para, como seu delegado, fazer parte da comissão de estetica da Camara Municipal de Lisboa.

Felicitamo-nos pela escolha feita. O grande artista vai decerto contribuir para que terminem de vez os graves atentados que dia a dia se cometem contra a beleza da cidade, afectando-a grandemente. Bom será que não lhe embaracem e dificultem a acção.

O 19 de Outubro

Devem embarcar hoje, ás 21 horas, para Coimbra, onde darão entrada na Penitenciaria, o «Dente d'Ouro» e os seus cumplices.

Provedoria da Assistencia

A posse do sr. Fausto de Figueiredo

Pelas 16 horas tomou hoje posse do cargo do Provedor de Assistencia o sr. Fausto de Figueiredo, estando presentes os srs. ministro do Trabalho, dr. João Luiz Ricardo, dr. Sobral de Campos, Peres Trancoso, Cunha Leal, Cezar dos Santos, Joaquim Domingues, Raul Esteves dos Santos, Calado Rodrigues, etc., etc.

Depois de assinada a posse, o sr. ministro do Trabalho, faz o elogio do sr. Fausto de Figueiredo, dizendo que emquanto fôr ministro lhe dará todo o apoio de que venha a necessitar.

O sr. dr. João Luiz Ricardo elogia tambem a acção que o sr. Fausto de Figueiredo, tem tido em toda a sua vida, que está cheia de iniciativas. Diz que a assistencia é da Republica e para a Republica. Alude a varias deficiencias, dos azilos especialmente do Refugio, onde ainda ha pouco tempo foi encontrar uma internada ha 4 anos que só sabia varrer e sacudir o pó e um rapaz que internado ha bastante tempo, ainda não sabia lêr.

O sr. dr. Sobral de Campos, fala largamente sobre a deficiencia dos institutos, terminando por dizer que os funcionarios de Assistencia darão ao novo provedor toda a sua colaboração.

O sr. Mario de Carvalho, como amigo pessoal do sr. Fausto de Figueiredo, diz que a Assistencia póde vêr no novo provedor o seu melhor amigo.

O sr. Joaquim Domingues dá todo o apoio ao novo provedor em nome da Junta Geral do Districto.

Por ultimo o sr. Fausto de Figueiredo, agradece os elogios que lhe foram prestados. Afirma não ter programa, é um tanto ou quanto contra a burocracia, e esforçar-se-ha por fazer tudo o que estiver nas suas forças em beneficio da Assistencia. Conta com a colaboração leal de todos os seus subordinados, e remediará em tudo o que fôr possivel, quaesquer injustiças que tenham havido.

O sr. Fausto de Figueiredo ao terminar foi muito cumprimentado.

A exposição das Caldas da Rainha

Recebemos o catalogo oficial da 3.ª Exposição Agricola, Pecuaria e Industrial que se está realisando nas Caldas da Rainha com extraordinario exito e que grande numero de pessoas tem atraido áquela vila.

Agradecemos.

Espolio importante

Pelo Quartel General da Provincia de Macau foi enviado ao ministerio das Colonias o espolio de João Iberica dos Santos, que foi soldado da Companhia Europeia da Guarnição daquela provincia.

Esse espolio consta da quantia de 6.113$07 e mais quatro cheques emitidos na filial do Banco Nacional Ultramarino em Macau a saber: cheque n.º 19433 da quantia de 10$00; cheque n.º 19608 da quantia de 120$00; cheque n.º 21090 da quantia de 270$00; e cheque n.º 24080, da quantia de [illegible].

O referido soldado era filho de Carolina da Conceição, natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira desta cidade, á qual se dá conhecimento por este meio, na impossibilidade de a avisar pessoalmente, de que tal espolio deu entrada na Caixa Geral de Depositos com guia n.º 242 de 6 do corrente.

Teatros-Musica-Cinemas

O que é o teatro brasileiro

Autores, actores e empresarios — O teatro regional, a comedia e a revista

O cinema é a sedução da mocinha carioca

Carlos Bettencourt é um auctor dramatico de raro merecimento e a quem o teatro popular brasileiro deve inumeros serviços.

Quem escreve estas linhas assistiu no Rio a alguns dos seus triunfos, teve ocasião de reconhecer a simpatia que o publico lhe dedica a tal ponto que as suas revistas se conservam epocas inteiras em scena, com enchentes consecutivas.

Empresas ha que, com peças já antigas de Carlos Bettencourt, se têm salvo, lançando mãos delas nas horas de perigo, com a certeza matematica de atrair espectadores.

Acresce que Carlos Bettencourt um grande amigo de Portugal, prestando sempre no teatro e no jornal as mais calorosas homenagens ao nosso país. O distinto humorista encontra-se entre nós e, porque é autoridade na materia, quizemos ouvi-lo sobre o teatro brasileiro, a sua evolução e as suas tendencias, a fim de elucidarmos o publico da nossa terra sobre um dos aspectos mais interessantes da vida literaria e artistica da grande Republica de Alem Atlantico.

O Brasil começa a interessar-nos em todas as manifestações da sua actividade, sendo talvez a do teatro aquela que mais se desconhece entre nós.

A actividade dos autores

A conversa foi de camaradas, de jornalista para jornalista, nos intervalos de um espectaculo a que ambos assistimos. Falámos do Brasil, da visita oficial dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho ao teatro em que se representava uma revista sua e insensivelmente a palestra derivou para o teatro brasileiro.

E Carlos Bettencourt contou-nos:

— O nosso teatro envolve encantadoramente, acompanhando o progresso das principaes cidades do Brasil, que hoje, depois da grande propaganda externa do governo Epitacio Pessoa, são joias e maravilhas procuradas por estrangeiros curiosos que nos visitam e que, pelo seu numero elevado, chegam para envaidecer o coração de um povo!

«Começa a intensificar-se o gosto artistico com o trabalho dos quaes tornaram-se emprezarios, educando melhor o espirito de artistas com vocação manifesta, e que até então, viviam no labirintho das indecisões e do desleixo. O autor, melhor que ninguem conhece o segredo das aptidões dos seus interpretes, descobrindo-lhes o genero de trabalho a que melhor se poderão amoldar. Assim, sendo, portanto, com a vontade forte de um nucleo de autores, já se evidenciam artistas brazileiros, já o nosso teatro de comedia tem os elementos precisos, e as vozes se afirmaram para um bom teatro de opereta, com provas satisfatorias.

— Trabalham muito os escriptores da sua terra?

— Muito. Nestes ultimos anos tem aumentado a capacidade de tarefa. Na alta comedia, além de Coelho Neto e Pinto da Rocha, ha o nome glorioso de Renato Viana, rapaz de trinta e poucos anos, que tem produzido obras de merito e folego que muito honram o teatro brazileiro. As suas peças emocionam a plateia, bem dialogadas, com personagens estudadas no meio social moderno, e as scenas sucedem-se habilmente urdidas, com perfeita técnica, crescendo de situação em situação a parte dramatica, até aos finaes de certo arrebatadoras, que parecem sair da pena de um velho teologo.

«Claudio de Sousa é um espirito culto. Grande amigo do teatro, procura sempre que póde elevar á classe dos artistas, conduzindo-os pela sua mão de diplomata aos salões da sociedade brazileira, e escrevendo na «Gazeta de Noticias» folhetins instrutivos sobre assuntos de ribalta. Tem uma pérola de alto preço na sua vida de autor: «Flores de sombra», comedia regional tratada com o carinho romantico e delicioso que se nota e se aplaude em algumas peças dos irmãos Quintero.

«Oduvaldo Viana, de uma inteligencia viva e audaciosa, autor-emprezario, já ganhou uma pequena fortuna com uma bem organisada companhia, a cuja frente está a «etoile» Abigail Maia. A sua principal preocupação está nos detalhes da scena, chegando ao exagero das meticulosidades para reflectir os flagrantes exactos da vida real.

«Abadie Faria Rosa, evidencia-se como o mais perfeito comediografo, de estilo elegante, ajustando as scenas com precisão. As suas peças contam-se por grandes exitos.

«Gastão Tojeiro, é o autor mais representado, sendo o seu genero predilecto a farça, em que trabalha com rapidez admiravel para dar conta das encomendas...

«Enfim, seguem-se nomes aplaudidos como Goulart de Andrade, Oscar Lopes, Viriato Correia, Bastos Tigre, Heitor Modesto, João Luso, Cardozo de Menezes, Batista Junior, Candido da Costa, Oiticica, Azevedo Coutinho, Rego Barros, Avelino de Andrade, Raul Pederneiras, Luiz Peixoto, Tobias Moscoso, Armando Gonzaga, Fabio Aarão Reis, J. Praxedes, Alvarenga Fonseca, J. Brito, Mario Magalhães, Mario Domingues, Miguel Santos, Victor Pujol, Renato Alvim, M. White, Marques Porto, Ary Pavão, etc....

Duas instituições bem orientadas

— E faz-se sentir a acção da Sociedade de Auctores?

— Bastante. A Sociedade Brazileira de Auctores Teatraes, da qual sou 1.º secretario, muito tem progredido, graças ao esforço de um grande grupo de associados, entre os quaes se destaca Candido Costa, batalhador incansavel e pertinaz.

«Não se póde compreender teatro sem sociedade de autores. E a prova temo-la na Republica Argentina, paiz nosso vizinho, o qual só conseguiu ter o seu teatro definido, depois que um nucleo de comediografos passou a assustar os emprezarios com uma tabela de direitos auctoraes elevados e uma fiscalisação bem feita. Autores que não escreviam por não valer a pena, voltaram ao seu «metier» e, o teatro hoje é rico em originaes, ao mesmo tempo que o publico anima as bilheteiras das casas de espectaculos...

«Sendo o Brasil um paiz com um vastissimo solo, a Sociedade de Autores encontra dificuldades em fiscalisar os teatros dos Estados mais afastados da capital. Entretanto, já temos representantes em quasi todas as cidades e conseguimos, por varias vezes, suspender a representação de peças dos nossos associados devido á falta do respectivo pagamento.

«Tambem a Sociedade tem trabalhado para o levantamento do teatro nacional, influenciando junto das autoridades do Conselho Municipal, Prefeitura, e até do sr. presidente da Republica.

«Alvarenga Fonseca, o actual presidente da nossa Sociedade, é um velho conhecedor de teatro, com longa prática, portanto, um elemento de valor na sua direcção.

«Todas as semanas se realisam conferencias na séde social, conferencias essas sobre coisas de treatro, feitas por autores, e ha sessões ás terças-feiras. Nestas reuniões trata-se do interesse dos associados, é lida toda a correspondencia da semana, e são discutidos assuntos que se relacionam com o teatro.

«A Sociedade tem empregados para a cobrança dos direitos de autores e a séde está sempre ás ordens dos socios, com serventes, dactilografa, e mapas sobre o movimento teatral.

— E os artistas, não têm o seu nucleo?

— Esses possuem hoje uma sociedade adiantadissima. A «Casa dos Artistas», que mereceu a grande estimo de Leopoldo Fróes, tem actualmente uma directoria caprichosa e esforçada, a começar pelo seu presidente, Asdrubal Miranda. Os artistas invalidos e velhos já podem passar o resto da vida numa casa confortavel, em logar onde ha muita vegetação e o ar é puro. Tambem já vão adeantadas as obras de um grande edificio, para cujo custeio a Prefeitura do Rio de Janeiro concorreu com 50 contos.

«A «Casa dos Artistas» procura por todos os meios proteger os seus associados, tratando de coloca-los quando estão desempregados, internando-os nas melhores casas de saude quando estão doentes, dando mezadas aos que precisam, sendo, está claro, uma associação modelo no seu genero. As obras da nova casa dos artistas orçam em 400 contos.

A sedução do cinema

— Mas, como pode viver o teatro brasileiro com a concorrencia do cinema?

— De facto, o cinema é o maior inimigo do teatro. Nascendo em berço de oiro e apadrinhado por fortes capitalistas, o cinema vive numa orgia de grandezas. Quer no Rio de Janeiro, como nos principaes estados do Brasil, as casas dessa diversão atraem pelo desperdicio de luminarias, por sumptuosas salas de espera que lembram sonhos de fadas. E em todas elas ha o barulhento e burlesco «jazz-band». Por dez tostões o cavalheiro exibe-se, flirta, ouve musica saltitante, tudo isto antes de vêr a fita... De resto, as emprezas fazem uma propaganda louca e as senhoras e senhoritas discutem as fitas que estão nos cartazes e a vida dos grandes azes da tela com uma preocupação que chega a ser doença... Em muitas cidades os teatros estão arrendados a emprezas de animatografos.

— Tem escrito muito para teatro?

— Ha muitos anos tenho parceria com Cardoso de Menezes. Exploramos de preferencia a revista, com certo enredo e tipos que atravessam toda a peça. Entre os dois contamos uma bagagem de mais de setenta originaes.

— Quaes os emprezarios que mais se têm preocupado com o teatro nacional?

— Em primeiro logar o dr. Gomes Cardim, homem de muita cultura, que ha muitos anos dirige uma companhia de alta comedia, cujo principal elemento é Italia Fausto, a maior artista brazileira. Como acontece em Portugal, Gomes Cardim vive em constante lucta para conseguir o arrendamento de teatros para os seus artistas.

«A empreza Paschoal Segreto, proprietaria de alguns teatros só tem trabalhado com artistas nacionaes, desde a fundação da mesma por parte do inesquecivel e bondoso emprezario Paschoal Segreto.

«José Loureiro, que hoje se dedica mais aos negocios estrangeiros, tem acolhido varias tentativas em próL da arte nacional. Viriato Correia e Vigiani, arrendatarios do lindo teatro Trianon, da Avenida Rio Branco, ha alguns anos sustentam uma perfeita companhia de comedias, onde tem trabalhado Leopoldo Fróes, montando peças regionaes, farças e alta comedia, com grande simpatia de um publico elegante.

«Rangel & C.ª, instalados no teatro Recreio, são outros emprezarios que têm procurado ajudar os artistas nacionaes.

— Quaes os ensaiadores de maior nome do seu paiz?

— Eduardo Vieira, professor da Escola Dramatica, é o mais admirado por uma competencia a toda a prova e em todos os generos. Numa companhia que a empreza Paschoal Segreto teve no teatro S. Pedro, de peças musicadas e de grande espectaculo, genero do teatro Chatelet de Paris, esse homem apresentou prodigios de «mise-en-scene» e marcações assombrosas. Ha outros ensaiadores, como Gomes Cardim, Oduvaldo Viana, e na revista Isidro Nunes e João de Deus, estes habeis na desenvoltura das massas coraes.»

OS PARTIDOS

O P. R. R. e as homenagens ao major sr. Filipe de Sousa

As comissões politicas do Districto de Lisboa do P. R. Radical, convidaram todos os filiados no Partido e bem assim todos os velhos e dedicados republicanos a comparecerem depois de amanhã no Caes de Desembarque da Empresa Insulana de Navegação, a Santos, á hora oportunamente annunciada nos «placards» e na Empresa, a fim de ser prestada uma calorosa demonstração de simpatia ao dedicado republicano e ilustre militar major Sr. Filipe de Sousa, que a bordo do paquete «Funchal» regressa a Lisboa, do seu desterro em Angra do Heroismo onde permaneceu oito mezes.

As comissões politicas e o Centro Radical pediram tambem a todos os correlegionarios a sua comparencia a este acto como prova de solidariedade para com o seu dedicado correlegionario.

A inscrição para o almoço de homenagem ao ditinto oficial contiuna aberta na Tabacaria do Café da Brazileira, até quinta feira ás 18 horas, data do seu encerramento.

O almoço que se realisará no proximo domingo n'um dos melhores restaurantes de Lisboa, será presidido pelo Sr. *Dr. Magalhães Lima*, admirador do ilustre militar, para o que a comissão organisadora vae fazer-lh o respectivo convite.

O numero de convivas inscrito é já elevadissimo.

Na proxima quinta-feira realisa-se, pelas 21 horas precisas, na séde do Centro Republicano de Lisboa, na rua da Voz do Operario n.º 64, 1.º, á Graça, uma sessão de homenagem ao distinto oficial, que nesse dia fará a sua apresentação ás comissões politicas de Lisboa e tomará posse do seu cargo de membro da Junta Consultiva do Partido, logar para que foi eleito no ultimo congresso, estando tambem convidados todos os republicanos radicais a comparecerem ali.

—Na sua ultima reunião o Directorio resolveu fazer as suas reuniões nos dias 1 e 15 de cada mez, passando para o dia imediato a realização dessas reuniões quando essas datas recaiam num domingo ou dia de feriado nacional. O Directorio far-se-ha representar no almoço de homenagem ao major Filipe de Sousa por alguns dos seus membros.

—A comissão politica dos Olivais na sua ultima reunião tomou conhecimento de muitas adesões ao partido que foram sancionadas e mandadas baixar á apreciação da comissão municipal nos termos da lei organica. Resolveu ainda fazer-se representar no almoço em homenagem ao major Filipe de Sousa e ainda convidar todos os correlegionarios a comparecerem no caes de desembarque em Santos, para lhe prestarem as devidas homenagens.

— A comissão districtal de Lisboa, vai fazer imprimir alguns milhares de exemplares da admiravel entrevista, feita pelo indefectivel republicano sr. Fernão Bóto Machado e faze-la distribuir por todo o paiz. Outro sim resolveu solicitar dos 26 jornaes que compõem actualmente a imprensa partidaria e ainda dos jornaes que com simpatia acompanham a organisação do Partido Republicano Radical, a transcreverem na integra a dita entrevista, que representa o sentir unanime de todos os verdadeiros republicanos.

— Na sua ultima reunião a Comissão Politica de Camões resolveu ractificar toda a sua simpatia e solidariedade ao seu vice-presidente alferes Manoel Santos Pimenta e devolver-lhe o oficio que o mesmo lhe tinha enviado.

Resolveu ainda tomar parte em todas as homenagens a fazer ao seu correligionario major sr. Filipe de Sousa, que no dia 22 regressa do seu desterro.

Gremio Republicano «Jovens Lusitanos»

Reuniram os corpos gerentes do Grémio, tendo sido aprovada a irradiação de alguns socios que não cumpriam com os seus deveres. Tomaram-se resoluções importantes acêrca da organização de nucleos em Tavira, Porto, Torres Vedras, Mafra, Elvas, Loanda, etc.

Tambem foi aprovada a admissão de muitos socios, pertencentes a varias agremiações politicas e de diferentes profissões. Por unanimidade, aprovou-se uma proposta no sentido de se dar todo o apoio moral ao sr ministro das Finanças, para que promulgue imediatamente, medidas de alcance financeiro e economico, não consentindo no aumento da circulação fiduciaria. Resolveu-se saudar s. ex.ª o Presidente da Republica ultimamente eleito.

A comissão de inquerito a alguns socios declarou nas suas conclusões que o sr. Celestino do Vasconcelos está ilibado de todas as acusações que lhe foram feitas, elogiando-o e aconselhando-o a continuar na defesa da Republica.

Vida Elegante

Partiu para Biarritz, Pau e Lourdes a distinta poetisa, sr.ª D. Luthgarda de Caires com seu marido dr. João de Caires e seu filho o ilustre medico dr. Alvaro de Caires.

—Fez ha dias exame d'admissão aos liceus a menina Isabel Fontoura de Carvalho ficando distincta e obtendo o premio Midosri. Felicitamos o nosso amigo Fontoura de Carvalho, pae da inteligente pequena, que deve sentir-se legitimamente orgulhoso pelo triunfo da sua interessante filhinha.

— Veio apresentar-nos cumprimentos, que muito agradecemos, o sr. A. Vaz da Cruz Coelho, ilustre vice-presidente da Camara de Comercio Portuguesa, em Paris.

Festejos na Costa de Caparica

Nos proximos dias 23 e 24 de setembro, uma comissão de pescadores da Costa de Caparica promove naquela localidade os tradicionaes festejos da Senhora do Rosario, que constarão alem da solenidade religiosa, de concertos por diversas filarmonicas, kermesse e bailes populares.

Vida Sportiva

Natação

O Club Nacional de Natação realisa, no proximo domingo, 26 do corrente, defronte do seu posto nautico, corridas de natação entre os seus associados no estilo de bruços. E' bastante louvavel esta iniciativa, pois está provado que o nadar de bruços é de todos os metodos o mais completo e do qual melhores resultados o homem pode tirar para o seu desenvolvimento.

As provas que estão despertando maior interesse são as dos alunos da classe infantil e dos adultos, pois que o Corpo Instructor deste club está empenhado em que os seus numerosos alunos prestem boas provas.

Ha tambem corridas entre nadadores principiantes, juniors e seniors, respectivamente nas distancias de 100 e 200 metros e meia milha maritima. Os alunos da escola de salvamento disputarão uma corrida de 50 metros em traje de passeio.

Noticiario

Entre nós

Entabolaram-se negociações para a instalação num predio ao começo da Avenida de um luxuoso cinema e café-restaurante.

— Parte no fim do mez para o Algarve o emprezario sr. Macedo Brito.

— A companhia que está trabalhando no teatro Maria Vitoria vai passar a denominar-se Companhia de Revista Zulmira Miranda. No fim do mez desligar-se-ão dessa companhia os artistas Alda de Sousa e Adolfo Sampaio, que vão para o teatro Nacional, do Porto.

— Dará alguns espectaculos no inverno no teatro S. Luiz a actriz Esperanza Iris.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«20 000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na povincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220,2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

NA RUA

imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
recorrendo á

ILUMINADORA

DA

ESTEFANIA

— DE —

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida do Berne, M. H. B,
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede o oficina, Norte - 1122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e pára-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisação para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITÃO, LIMITADA

Orçamentos gratis

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a hábil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, laçelos, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridos nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lave, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sêc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47-Lisboa-Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 29*

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo
que revigora e con erva e sauna é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 —(Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c.-(Telef. C. 5113)

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

Poupa tempo dinheiro e roupa

ACH. BRITO - PORTO

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo cloreto e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga—conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregal-a entre as mãos quando haja surros ou nodoas ruins de sahir porque, amolecidas já pela barrela, se desfazem rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—23, Rua de S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2540, uma empregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA:— R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894

PORTO:— R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos ingles e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuills e chaise-longues é na

Fabrica de moveis inglezes e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33
TELEFONE C. 1884

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens
Sempre ao melhor preço.
A. Pinheiro da Costa
Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1789

GRAND PRIX
O Maior Premio da Exposição LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE
VINHO NUTRITIVO DE CARNE
O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE
ATESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro, Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893,
Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, Mostruario Industrial Português 1915.

Pedro Franco & C.a L.da
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

COLLARES BURJACAS

TINTURARIA

— DO —

POVO

— DE —

José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

Operações insensiveis por anestesi
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo 127

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente
—novos cursos—
para principiantes em

FRANCEZ :: : : INGLEZ

: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : :

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, pisaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, arder e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

BANCO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO

LISBOA — FUNDADO EM 1891

TELEFONE C. - Expediente: 631 Direção: 4308 — Telegramas: BRAZILEIRO
Codigos: A. B. C. 4.a e 5.a edição e RIBEIRO

Reserva Esc. 10.000.000$00
Capital Esc. 10.000.000$00

Filial no Porto: PRAÇA ALMEIDA GARRETT

Agentes em todo o paiz
CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO MUNDO
Depositos á ordem e a prazo em moedas portuguezas e estangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes-Operações bancarias de todos os generos

---

BAIXA DE PREÇOS

Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que tem em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE

MOBILIAS

Grande sortimento para todos os preços

VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS

Ninguem compre sem confrontar estes preços e o bello acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da

100, Rua do Conde Redondo, 102
TELEFONE N.º 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta em frente á paragem do electrico

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4460-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira, 21 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Os industriais das padarias independentes encontram-se reunidos para marcarem o preço dos varios tipos de pão.

Procederá contra o desejo de todos os portugueses aquele que emitir mais uma nota só que seja

Primeiro, o paiz!

O «Correio da Manhã» acusa furiosamente o Governo, porque este não se encontra disposto a aumentar a circulação fiduciaria.

E' esta a logica, é esta a boa fé dos monarquicos!

Andam ha tanto tempo a clamar que a inflação fiduciaria é um crime da Republica, e quando se procura suster a avalanche das notas, começam a gritar, como se lhes pisassem o rabo, que o Governo não quer saber para nada da situação da praça.

O Governo quer saber da situação da praça, mas quer, sobretudo, saber da situação do paiz.

Ora a situação do paiz não permite um novo aumento da circulação fiduciaria, o qual, se se fizesse, acarretaria a ruina irremissivel da nacionalidade.

O Governo tem olhado sempre pela situação da praça, não só permitindo novos aumentos da circulação fiduciaria como emprestando as suas libras a estabelecimentos bancarios quando eles se viram numa crise grave por causa do seu sestro dominante de se meterem em especulações de toda a natureza.

O que é que tem resultado de aí? Tem resultado a situação do paiz agravar-se de dia para dia.

Na exposição que apresentou ao sr. Ministro das Finanças diz a Caixa Geral de Depositos que de todas as atuações fiduciarias realisadas não se tem tirado outro efeito que não fosse, a breve prazo, uma nova e maior inflacção.

E' o que se quer agora tambem? Desenganem-nos. O momento é decisivo. Pela primeira vez se procura pôr um dique á onda. Se esse dique for derrubado, já não se poderá construir outro porque a onda converter-se-ha num verdadeiro mar.

Nós supomos que as cousas não irão tão longe, como o «Correio da Manhã», sobressaltado, prefigura. Estamos convencidos de que os bancos, pelo menos os principaes resistirão. Para isso talvez baste a alguns trazer á praça as libras que diariamente depositam no estrangeiro.

Mas se cairem alguns bancos, nem por isso a nacionalidade perecerá, emquanto que, se a nacionalidade perecer, ninguem se salvará, e portanto os bancos serão tambem victimas do descalabro financeiro que procuram agora precipitar, só por causa dum expediente de salvação transitoria.

Tem falido muitos bancos, sem que isso represente a morte dum paiz. Aqui ha trinta anos houve uma «débâcle» bancaria na Italia, que foi tremenda. A Italia não morreu.

Mesmo que se considere que estamos em presença de dois males, o nosso dever seria optar pelo menor.

Façam o que quizerem, apenas com a excepção duma cousa. Essa cousa é aumentarem a circulação fiduciaria.

A falta de numerario vem em grande parte dos preços excessivos fixados a generos, artigos e productos de grande necessidade. Experimentem o comercio, a industria e a agricultura ganhar menos.

Não pode ser? Mas quando se trata de aumentar, presume-se sempre que o consumidor pode pagar mais.

Vendeu-se durante muito tempo o que valia 10 por 30, 40 e 50. Porque não se ha de vender um dia por 10 o que tinha custado 20, desde que assim se alcance o numerario preciso?

Isso é perder! E que nos sucede, a nós, consumidores, senão estar a perder constantemente?

Diz o «Correio da Manhã» que das esferas do poder se responda ás reclamações dos banqueiros com esta frase:

— Deixa-los arrebentar!

Bom será que não arrebente ninguem, mas o paiz é que não pode bem ha-de arrebentar.

Isso é o que o «Correio da Manhã» queria, porque, ao menos, veria cair, com o paiz, a Republica. E' a politica do «quanto peor, melhor». Nós, porém, não temos nenhuma obrigação de fazer a vontade aos monarquicos que o seu odio cego á Republica tornou inimigos da propria Patria.

Sociedade Protetora dos Animais

Reune no dia 25, ás 21 horas, em segunda convocação, a assembleia geral da Sociedade Protectora dos Animais. Essa reunião efectua-se na Associação dos Empregados no Comercio, na rua da Palma.

O PROBLEMA DO PÃO

Os abusos dos agricultores

sancionados pelo regime — ha dias estabelecido —

O aumento do preço do pão dever-se-ha — assim principalmente ao Estado —

Em país nenhum a agricultura gosa de um tão alto favor como os cultivadores de trigo do nosso. Se é ou não justificado êsse favor, se é ou não necessario, é ponto de vista de que não nos ocuparemos agora. Notaremos simplesmente que a agricultura nacional ganhou milhões durante o periodo da guerra e que não vimos que êsses capitais tenham sido aplicados de maneira sensivel em melhorar os processos de cultura, pela aquisição de maquinas, ou pelo estudo cuidadoso dos terrenos e das culturas adaptaveis.

Observamos, apenas, que os lavradores foram tambem dominados pela avidez do dinheiro, pela ancia de entesourar. Exemplo frisante temos disso na resolução tomada em assembleia geral da Companhia das Lezirias de venda de cerca de dois terços das suas propriedades. Alegou-se, como pretexto, a necessidade de modernisar os processos de cultura na parte que lhe fica, mas a verdade é que, quanto maior fôr a propriedade, maior e mais favoravel ensejo ha para a aplicação dos modernos e caros processos agricolas. O pretexto foi, pois, uma tabuleta para encobrir o verdadeiro objectivo, que era apenas o de *fazer* dinheiro.

Não admira, porém, que assim suceda, quando o Estado não sabe resistir á tentação de fazer dinheiro, mesmo quando com isso vai ferir os sagrados interesses de uma população inteira e o seu legitimo direito a comer pão barato. Foi assim que no artigo 9.º do decreto publicado pelo Ministerio da Agricultura, ácerca do novo regimen cerealifero, o Governo anulou qualquer esperança de embaratecimento do pão. Já ontem analisámos esse artigo e por isso não insistimos, passando a outro aspecto da questão.

* * *

O regimen adoptado da tabela alta para o trigo nacional e da permissão de importação *só* no montante do *deficit* cerealifero, presta-se a todos os abusos. A agricultura sempre abusou do regimen da tabela estabelecido pela lei dos cereais de Elvino de Brito, sonegando no manifesto parte da sua produção para a vender por fora por preço muito superior. Na presente ocasião, mesmo, está-se vendendo trigo por preços que deixam a tabela em nivel muito inferior. A unica maneira de evitar êsses abusos seria a liberdade ampla e completa de importação de trigo. A obrigação imposta á industria da moagem de comprar toda a produção nacional não podia ir alem do trigo manifestado, é claro, e, no caso de ter liberdade de importar o trigo que quizesse, dispensar-se-ia de adquirir o nacional sonegado ao manifesto. Daí derivaria naturalmente para os lavradores a necessidade, o interesse, de manifestarem toda a sua produção para se não arriscarem a ficar com o trigo nas tulhas.

Alem disso, o trigo não serve só para o fabrico do pão. Presta-se e emprega-se na confecção de muitos outros generos alimenticios, como bolachas, biscoitos, massas alimenticias, etc., e não se percebe por que razão se ha de pear uma industria que muito bem pode vir a tornar-se um importante elemento do nosso comercio de exportação. E' isto evidentemente um êrro grave de administração publica que é necessario emendar e que não estava nas intenções do sr. ministro da Agricultura, a avaliar pelas suas declarações que atravez a imprensa percorreram o país inteiro.

Regimen de liberdade quere dizer trabalho livre. Deixem-se trabalhar as fabricas, segundo a sua capacidade, em plena liberdade, moendo o trigo para toda a especie de produtos que necessitam da farinha. Peias só servem para inutilizar iniciativas e o comercio das bolachas e produtos similares pode vir a ter entre nós um grande desenvolvimento utilissimo á economia geral da Nação.

* * *

Eram certamente essas as ideias e as intenções do sr. ministro da Agricultura e com tais intuitos valeria a pena suportar o pêso do aumento do preço do pão, para libertar o Estado dos encargos do *pão politico* e auxiliar industrias de futuro assegurado. Pelo regimen criado pelo decreto ultimamente publicado, fica a população sobrecarregada directamente com o aumento do preço do pão e indirectamente com a receita aduaneira que o Estado cria para si no caso do trigo estrangeiro ser mais barato do que o nacional. Por outro lado, a industria da moagem fica peada nos seus movimentos, nas suas iniciativas, no seu progresso, pela disposição que apenas permite a importação no montante do *deficit* cerealifero. Por outro lado ainda, esta disposição dá origem a todos os abusos por parte dos lavradores, que só manifestarão o trigo que muito bem lhes parecer. E' regimen inaceitavel e que precisa de emenda, embora isso pese á burocracia chinesa do Ministerio da Agricultura. Ou então não lhe chamem regimen de liberdade, porque não é.

A aventura dum zingaro

Uma serpente introduziu-se-lhe no estomago, sem que ele dése por isso

ZAGABRIA, 20 — Chega de Serajevo a noticia de que um rapaz zingaro, de nome Rade Radovic, depois de ter bebido leite, deitou-se no campo e adormeceu de boca aberta. Uma cobra qualquer entrou-lhe na boca e atravessando o esofago aninhou-se-lhe no estomago. A certa altura, e emquanto o rapaz continuava a dormir, a cobra voltou á boca, para respirar o seu bocado, no momento em que passava um pastor, que, ao vêr o ocorrido, correu a chamar gente. Chegaram moradores e policias, que acordaram o dorminhoco, a quem contaram o que se passava, sem que ele quizesse acreditar.

Transportado ao hospital de Serajevo, verificou-se pelo raio X que o bicharoco estava vivo. Como as drogas não expulsassem o animal, os medicos operaram o zingaro, extraindo-lhe a serpente. Quando lha mostraram, o rapaz maravilhou-se de principio, mas depois, tremendo de medo, começou a gritar que era o diabo que lhe tinha entrado no corpo.

Interrogado pelos medicos, disse que durante o sonho não sentira nada, lembrando-se de que sonhara com uma fonte de agua limpida, da qual bebia, bebia sofregamente, sem, no entanto, poder aplacar a sêde.

O casamento de um "BOXEUR"

Duas luctas diversas, das quais está vencida uma

LONDRES, 20 — O casamento de um campeão de box *não é um caso banal na Inglaterra. Desde as cinco horas da manhã que começou a juntar-se gente á porta da igreja de Worcking, onde Joe Beckett casara com miss Ruth Ford, filha do proprietario de um hotel.*

A's 11 horas, alguns milhares de pessoas fizeram uma oração aos noivos que chegaram e, quando a cerimonia terminou e êles apareceram casadinhos, reclamaram do campeão um discurso sobre box.

Beckett não é, nem tem obrigação de ser um orador. Mas, como os seus admiradores insistissem, êle exclamou:

— Quando cheguei aqui para me treinar, nenhum de vós teve duvidas sobre a verdadeira causa da minha visita. Ela tinha dois fins: conquistar a que hoje é minha mulher e desforrar-me de Carpentier. No ring do amor, a vitoria perteceu-me; está alcançado o primeiro proposito. Falta o outro. Será mais dificil que o primeiro? Não sei dizê-lo...

O TUFÃO DE HONG-KONG

Morreram marinheiros portugueses

HONG-KONG, 20 — Além dos pormenores já telegrafados sobre o terrivel tufão, que assolou estas paragens, ha mais os seguintes: Tambem naufragou com toda a tripulação, á excepção de dois marinheiros, a draga holandesa «Pekin». As avarias causadas no porto atrazarão consideravelmente os trabalhos. Da chalupa naval «Almirante Hugo de Lacerda», cuja tripulação se compunha de 15 marinheiros, entre os quais tres eram portugueses, tambem pereceu a tripulação, á excepção de um marinheiro. Afundaram-se tambem varias chalupas chinesas. A vedeta portuguesa «Coloane» salvou uns vinte chineses e um grande numero de passageiros dos juncos chineses que foram ao fundo. Falta outro junco que ia cheio de passageiros. —(H.)

A'cerca do que ocorreu em Macau, não ha ainda no Ministerio das Colonias qualquer informação oficial, o que faz prevêr, como ontem acentuámos, que nada se passou de extraordinario. Seria natural, porém, que do ministerio tivessem mandado pedir informações, para tranquilisar quantos teem parentes seus naquela colonia.

Os jornais franceses, ontem chegados, trazem extensos telegramas de Hong-Kong, não se referindo a Macau, o que parece confirmar que nada se passou de muito extraordinario.

Na Russia Vermelha

Inauguração de uma exposição agricola

MOSCOU, 21 — Em presença de 20.000 operarios, dos membros do governo e do corpo diplomatico teve lugar a inauguração solene da exposição agricola desta cidade. Usaram da palavra, entre outros, Rykoff, Tchitcherine e Krassin, frizando a importancia daquela exposição e o desenvolvimento das industrias agricolas da união das Republicas sovietistas e do seu papel como factor de ligações e entendimentos internacionais. Por parte do corpo diplomatico, discursou, em seu nome, o embaixador turco Mouschtar-Bey, felicitando a inauguração da exposição agricola e dizendo que ela era o élo que ligaria os povos das Republicas russas com as nações estrangeiras e exprimindo os seus votos para que ela tivesse um resultado feliz e cheio de prosperidades para a nação russa. Li-You-Lan, representante da delegação das três provincias orientais da Republica chinesa, saudou, em nome do povo chinês, os organisadores da exposição agricola e exprimiu o seu reconhecimento pelo acolhimento amigavel que tinha recebido. Li-You-Lan entregou depois a Tchitcherine uma bandeira vermelha com inscrições em lingua chinesa. O representante do *comité* da exposição, Lebedeff agradeceu na pessoa de Li-You-Lan ao povo chinês a oferta da bandeira, que será o simbolo da união entre os dois povos. — (R.).

A Finlandia e a Transcaucasia

MOSCOU, 21 — A imprensa russa convida todas as organisações operarias e todo o proletariado consciente a auxiliar eficazmente os operarios alemães.

O conselho executivo da Transcaucasia promulgou um decreto igualizando em direito todas as nacionalidades da Federação Transcaucasia.

O representante do governo dos *soviets* na Finlandia entregou ao ministro dos Negocios Estrangeiros uma nota protestando contra a prisão de cidadãos russos, cujos nomes estavam registados em documentos de representação sovietica. O sr. Wirth, ex-chanceler alemão, chegou a esta cidade. — (R.)

O papel de impressão

Urge que o governo acuda de algum modo á imprensa

Toda a imprensa se ocupa da situação criada á imprensa portuguesa com as novas taxas aduaneiras no que respeita á importação de papel estrangeiro para os jornaes. Estando a terminar, como já dissemos, o praso em que essa importação é permitida com um imposto minimo, as empresas jornalisticas terão de pagar em breve pelo papel estrangeiro que importarem nada menos de 1$50 em quilo, o que junto aos 2$10, que atualmente custa, elevará o seu preço a 3$60.

Isto, feito por má fé ou por estupidez, é, como já acentuamos, a morte fatal de todos os jornaes portugueses. Quem elaborou essas pautas, visando a proteção da industria nacional ou procurando atingir em cheio a imprensa do seu paiz, não tem direito ao que o Estado lhe paga para o servir, porque o serve da maneira mais indecorosa e anti-patriotica que é possivel imaginar.

Toda a gente sabe, deve sabe-lo tambem o autor da celebre taxa, que a industria nacional de papel de impressão, fornecendo, apesar de todas as protecções, um producto muitissimo inferior ao estrangeiro, o vende mais caro. Sósinha em campo — e sem possibildade de produzir o necessario para o consumo — a quanto elevará ela o preço do seu papel? E' uma tirania afrontosa, que ninguem está disposto a tolerar e por isso esperamos que o Governo tome quanto antes, sem delongas que podem ser fatais, as providencias que o caso requer.

As grandes catastrofes

O que foi a tempestade na Corea

TOKIO, 21 — A ultima tempestade que assolou as costas da Corea e que deu logar á formação dum enorme mascareu que cobriu grande parte das costas do nordeste, causou a morte de 346 pessoas não se sabendo do paradeiro de 1.000 pescadores, e tendo havido grandes prejuizos e ficando muitas habitações completamente arruinadas. —(R.)

OS QUE FOGEM...

Lisboa despovoa-se

As «bichas» na estação do Rocio — Os bilhetes vendidos — Os comboios que se organisam

Não cessou ainda a fuga de gente para as praias e para o campo. Como ás portas das carvoarias se organisam «bichas» para a compra do precioso combustivel, que o sr. Comissario dos Abastecimentos diz haver por ai a rôdos, embora ninguem consiga pôr-lhe a vista em cima, tambem ha «bichas» na estação do Rocio para a compra de bilhetes.

Quem quer sair de Lisboa tem de munir-se do seu bilhete com dois e tres dias de antecedencia, passando horas e horas a pé firme até que chegue a sua vez, ou encarregar alguem desse serviço.

* * *

O espectaculo é curioso e os comentarios dos que constituem as «bichas» dignos de ouvir-se.

Nos primeiros dias ainda ali apareciam, a animar o quadro, algumas criaditas galantes, com os seus aventais brancos e um palminho de cara que atraia os olhares de toda a gente. Mas, por circunstancias que não vale a pena citar, desapareceram e hoje só se vêem as varinas velhas, de lingua desembaraçada e de gesto livre e que vão para a terra gastar um pouco do muito que durante o ano todos nós lhes demos, e o galego sorumbatico, resignado e humilde, de rosto impassivel, mas de olhar esperto, que ali vai, por encargo de alguem, munido de um maço de notas — dessas notas que os banqueiros querem vêr centuplicadas — comprar bilhetes para o freguez.

As varinas protestam:

— Pouca vergonha! Vem a gente deixar o seu rico dinheiro e ainda tem de estar á espera. Como se a gente ficasse a dever ou fosse no comboio por favor!...

— Não se aflija, mulhersinha — diz-lhe alguem que está depois dela. Mais razão tenho eu e não me queixo...

— E' que estou a perder dinheiro. Não faço a venda, para estar aqui de sentinela a estes senhores, que mandam na gente.

— E' isso que a rala — responde outro. Ao menos, emquanto aqui está não anda a roubar os fregueses, vendendo-lhes o peixe caro...

A varina enfurece-se e insulta o audacioso que falou. A «bicha» ri, mas a varina mais se irrita, generalisando os insultos e prompta a perder o logar, só para castigar «o descarado».

— Se calhar, você queria que eu andasse a calcurriar a cidade, só para lhe dar o peixe de graça. Não querem vêr o guloso?! O meu peixe não é para pelintras...

— Bem se vê, bem se vê, que vocemecê anda bem tratada.

— E' assim mesmo. Se o quizerem hão-de paga-lo caro. Pois então... Quem não o poder pagar não o come...

E uma insolencia fustiga todos os ouvintes, que protestam, forçando a auctoridade a meter a mulhersinha na ordem.

O galego calado, sonolento, macambusio, não se interessa. O que ele quer é chegar á bilheteira, dar o seu recado, desembaraçar-se do frete. Os protestos da varina e as piadas dos mais não o comovem.

Interrogamo-lo:

— Estou aqui ha tres horas. Raios! Já m'estão a dar prejuizo.

— Quanto está você a ganhar aqui?

— Vinte mil reis. Já estou arrependido. Esse dinheiro ganho eu em menos tempo. Pois o que são vinte mil reis?

* * *

Mas a «bicha» vai crescendo. Emquanto nas bilheteiras se desembaraçam tres ou quatro passageiros, a cauda da «bicha» alonga-se com dez ou doze. Pelos «guichets» avistam-se as meninas dos bilhetes, atarefadas, contando notas, dando esclarecimentos, pedindo trocos, sem, no entanto, deixarem de alisar o cabelo sobre a testa, de endireitarem os «ponpons» e de responderem com um sorriso — que é gentil, mas que é o mesmo para todos — a qualquer galanteador.

De subito, as bilheteiras fecham. Estão excedidas as lotações de todos os comboios dos dias mais proximos. Ou os que querem sair de Lisboa terão de esperar que chegue da Alemanha o material que ela ficou de entregar por conta das reparações, ou terão de voltar mais tarde. Os comboios não podem levar mais gente.

E, de facto, parece que não podem. O exodo tem sido tremendo; dir-se-ia que lavra a peste em Lisboa, ou que a capital está ameaçada de uma invasão. Mas, felizmente, nem a peste ainda se declarou — apesar do estado de porcaria em que a cidade se encontra — nem o general espanhol Weyler — que ha anos anunciou um passeio militar até Lisboa — pensa em executar o seu programa, entretido, como anda, com os acontecimentos de Marrocos...

* * *

Numeros que temos presentes dizem-nos que, desde o dia 1 ao dia 15 do corrente, sairam de Lisboa para varios pontos do paiz e para o estrangeiro 56.803 pessoas, 11.244 em 1.ª classe, 15.728 em 2.ª e 29.831 em 3.ª. Calculando em 20$00 a média do preço de cada bilhete, verifica-se que nesses quinze dias entraram nos cofres da C. P., só na estação do Rocio, 1.136:060$00.

Convem notar que durante todos esses dias houve muitissimas pessoas que ficaram sem bilhetes, tendo-se organisado nos dias 4, 5, 11 e 12 os comboios suplementares 201 e 15 bis, aquele para as Caldas e este para o Norte.

Mas, em que comboios vae toda essa gente? — pergunta-se. Os comboios que diariamente se organisam são os seguintes:

Para o Norte e Beira: 3, 15, 17, 51 e 55.

Para as Caldas e Figueira: 201, 207 e 209.

Sud-Express.

O comboio preferido do grande publico continua a ser o 15, das 21 horas, para o Norte, que vai sempre atulhado de passageiros, o que não quer dizer que os outros, todos os outros, não sigam ainda hoje de igual modo cheios.

E isto quando os hoteis da Figueira e das Caldas, de Espinho e da Povoa, das termas e de outras estancias marcam diarias de 100$00 e mais, sem um unico aposento vago...

Inquilinos e senhorios

Uma grande reunião no Alto do Pina

O bairro do Alto do Pina é já hoje um dos mais populosos da cidade, tendo-se desenvolvido rapidamente. Os moradores dêsse bairro estão, porém, alarmados com os constantes despejos que se estão fazendo ali, por ordem de senhorios gananciosos, tendo resolvido realizar amanhã, pelas 20,30, na rua do Barão de Sabrosa, 81, 1.º, uma grande reunião para pedir providencias contra os citados despejos e outros que estão em via de realizar-se.

Nessa reunião tomarão parte a junta de freguesia da Penha de França e delegados da U. S. O.

Reparações alemãs

A replica da França á Inglaterra

LONDRES, 21 — A réplica de França á nota inglesa, ácerca das reparações e da questão do Ruhr, será entregue hoje á embaixada inglesa em Paris. Os correspondentes dos jornais ingleses dizem que a nota, mantendo o ponto de vista francês ácerca do Ruhr e entendendo que não ha necessidade de nomear uma nova comissão de tecnicos, estabelecerá o seu proposito de se esforçar em que seja definitivamente resolvida a questão das reparações sob a base de que a Inglaterra receba dinheiro suficiente para pagar a sua divida aos Estados Unidos. (R.).

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital,, o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo. Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas lucubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança) a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. Daí todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria para, o que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso o perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglez Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima, impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

OS PARTIDOS

Major Filipe de Sousa

Deve chegar amanhã a Lisboa — As homenagens que lhe preparam

Chega amanhã a Lisboa, a bordo do paquete «Funchal» da Empreza Insulana de Navegação, o ilustre militar e dedicado republicano, Major Sr. Francisco Filipe de Sousa, membro da junta consultiva do P. Republicano Radical, que se achava desterrado em Angra do Heroismo.

O desembarque efectuar-se-ha pelas 16 horas e o ilustre oficial será aguardado pelos representantes de todos os organismos politicos partidarios de Lisboa e arredores que ali vão prestar o preito das suas homenagens e da sua solidariedade.

As comissões districtal, municipal e politicas de freguezia, convidaram todos os filiados a comparecerem no Caes de Santos e bem assim todo o povo republicano a assistirem ao desembarque do bravo republicano e a prestar-lhe as suas homenagens.

Os representantes de varias comissões irão n'um vapor aguardar a chegada do paquete «Funchal» e apresentar os cumprimentos de Boas-vindas ao distinto militar.

O Centro Republicano Radical de Lisboa, Centro Republicano Coronel Antonio Maria Baptista, Comissão politica de Belem, de que é Presidente o major Filipe de Sousa e um grupo de amigos e admiradores, convidaram tambem todos os republicanos a comparecerem no Caes de Desembarque de Santos, pelas 16 horas, para o saudarem.

O almoço de domingo

A inscripção para o almoço que se realisa no proximo domingo, pelas 13 horas, no novo Restaurant Estrêla de Benfica, continua aberta até quinta feira proxima, encerrando-se ás 18 horas desse dia.

A comissão organisadora desta homenagem vai convidar o velho democrata sr. dr. Magalhães Lima, a presidir ao banquete, visto ser um dedicado admirador do major sr. Filipe de Sousa. Conta a comissão com a acquiescencia do grande republicano, que mais uma vez virá ao contacto dos verdadeiros defensores da Republica idea isada nos tempos da propaganda.

O numero de inscripções eleva-se já a 60, esperando-se que até ao seu encerramento atinja um muito elevado numero.

A sessão no Centro Radical de Lisboa

Pelas 21 horas de quinta feira na séde do Centro Republicano Radical de Lisboa, na Rua Voz do Operario, 64, 1.º, á Graça, realisa-se a posse do cargo para que foi eleito para a junta consultiva do Partido e bem assim a sua apresentação ás comissões politicas que nesse dia reunem para esse fim, realisando-se ao mesmo tempo uma sessão de homenagem e propaganda partidaria.

Dada a importancia deste facto as comissões politicas rogam a comparencia do maior numero de delegados possivel para que esta manifestação resulte da maior imponencia.

Usarão da palavra varios membros do Directorio.

Outras homenagens

Os radicais de Vizeu, oferecem um banquete de homenagem ao major Filipe de Sousa, quando ali fôr, na sua passagem para o Gerez onde vai fazer a cura d'aguas, que lhe foi imposta pela junta medica.

Tambem os elementos partidarios de Braga, aguardarão na estação do Caminho de Ferro daquela cidade a sua chegada ali, oferecendo-lhe um jantar de confraternisação republicana, a que assistirão representantes de organismos partidarios de todo o norte do Porto.

Centro Antonio Luiz Inacio

Está convocada a assembléa geral deste Centro para 23 31 horas do dia 22, com a seguinte ordem da noite: Apresentação e discussão do relatorio da actual comissão administrativa e prestação de contas da sua gerencia. Não comparecendo numero suficiente de socios, fica a mesma assembleia convocada para o dia 30 do corrente, á mesma hora, funcionando nesse dia com qualquer numero.

A GUERRA EM MARROCOS

Os novos revezes hespanhoes

O que diz a imprensa madrilena

Outra jornada luctuosa foi a de ante-ontem para as tropas espanholas em Marrocos. Os mouros rebeldes atacaram de novo com grande violencia obrigando as colunas a deter a sua marcha e mesmo a retirar, deixando mortos, no campo, um tenente coronel, quatro capitães e muitos soldados.

O numero de feridos é numerosissimo.

Comentando a nota oficiosa do Alto Comissario, publicada pelo Governo, escreve «La Opinion»:

«O comentario á nota oficiosa de hoje é a continuação do comentario á nota de ontem. Tornou-se mais aguda a situação. Resalta na nota o numero de baixas confessadas, mais de duzentas, e na noticia do recuo em Dar Luebdani. Este recuo está explicado no sentido de que se trata de um descanço, de um folego ás nossas tropas, para proseguirem com mais afinco na ofensiva. Detenhamo-nos aqui e aceitemos a explicação. O governo apela para o nosso patriotismo. Patriotismo? Ninguem mais patriota do que nós.

Por isso mesmo, só na medida que a nossa consciencia aconselha, e não na que o governo pretende ditar-nos, seremos patriotas. E' isto: não cairemos no delicto de lesa-patria fazendo um silencio que teria o caracter de uma tenebrosa cumplicidade com os homens que por suas torpezas e seus erros estão precipitando a ruina da Espanha.

Já acharam o apôdo de «alarmistas» para aqueles que dizem a verdade ao paiz. Importa-nos pouco que nos qualifiquem de alarmistas aqueles que o paiz qualifica de auctores directos de todas as suas desditas. Quem mais alarmista, conhecido os modos de expôr os factos nas notas oficiosas, do que aqueles que publicaram as notas de ontem e de hoje? Recordemos, não sem um calafrio, que não eram mais alarmantes do que estas, as primeiras que se transmitiram em julho de 1921. Não: ser patriota, não ser alarmista, como o entendem os que recomendam com tanto afinco, é contribuir para a força de mentir ao paiz, que é o principal interessado, que é a primeira e mais desgraçada victima, sobre as desditas que pesam sobre ele.

Acima de tudo, diremos a verdade. E dizer a verdade não significa, bem entendido, exagerar ou desfigurar os factos... que já são bastante terriveis em si, descarnadamente expostos, para que haja necessidade de que a fantasia os aumente. Significa isto que não queremos incorrer nem directa nem indirectamente nas responsabilidades que se estão formando hoje e que, já que não ante o tribunal historico, pesariam no tribunal da nossa propria consciencia avassaladoramente.

Não exageramos nem calaremos, a fim de conservar integra a nossa integridade moral para pedir amanhã a depuração das responsabilidades de hoje, com a mesma energia e a mesma nobreza de alma com que hoje pedimos a depuração das responsabilidades de ontem.»

NOTAS A LAPIS

A chuva

Choveu a noite passada. Depois de tantos dias de um calor sufocante, incomodo, perturbador, que transformara a cidade numa fornalha, a chuva desta madrugada havia ainda estrelas no ceu alto e azul — foi como que uma benção, um miraculoso e doce afago de mão invisivel. O ar purificou-se, respirou-se melhor. Foi uma chuvinha branda, uma amostra, apenas.

Mas essa ligeira depressão foi suficiente para nos fazer esquecer todos os martirios sofridos e para agradecer ao ceu o beneficio que nos mandou.

Havia dias que os observatorios anunciavam esta mudança e, dai, a realização, em alguns templos, de preces ad petendam pluviam. A chuva havia de vir, mais dia menos dia. No entanto, ia-se pedindo, não viesse ela antes das preces efectuadas, o que colocaria mal a igreja.

Mas, seja como fôr, ela veiu, e o dia de hoje foi menos quente que os outros. Abençoada chuva a desta madrugada.

Os medicos e a higiene

O professor Léon Bernardo, membro da Academia de Medicina, professor de higiene na faculdade de medicina de Paris e conselheiro no ministerio francês de higiene, afirma no «Matin» que é na patria de Pasteur onde a higiene está mais abandonada.

Léon Bernard não conhece Portugal e, por isso, aponta o seu paiz como alheio á higiene, chegando a afirmar que até muitos medicos a desconhecem.

A morte e a musica

Os condenados á morte que recolhem á famosa prisão Sing-Sing, de New York decerto amaldiçoarão o director, pois podem muito bem fazê-lo nas 24 horas que vão da leitura da sentença ao acto da execução.

Como algumas instituições piedosas se tivessem lembrado de dar aos condenados, nos ultimos instantes de vida, uma distracção agradavel, fazendo-os ouvir peças de concerto pela T. S. F., o director recusou-se terminantemente a deixar montar ali os necessarios aparelhos, alegando que não quere ver transformada em casa de diversões a casa da morte (*death house*).

A musica não fazia mal nenhum aos presos, e por isso não se compreende a caturrice do director da Sing-Sing. Mas a verdade é que tambem não lhes fazia bem nenhum porque não é facil que eles se esqueçam da morte deliciando-se com um trecho de Rossini...

O cinema e a politica

Os 100.000 cinemas dos Estados Unidos ha três dias que regorgitam de espectadores, que vão assistir ao desenrolar do *film* que representa o actual Presidente da Republica nas suas herdades e em mangas de camisa, ajudando a carregar o feno e outros trabalhos campestres. O *film* é aplaudidissimo e o sr. Coolidje mostra-se satisfeitissimo, certo de que assim conquistará para si ou para o seu partido, nas proximas eleições, a simpatia dos grandes lavradores.

O pai do Presidente, interrogado constantemente pelos jornalistas sobre a infancia de seu filho, mostra-se pouco comovido com a entrada deste em Casa Branca e não se cança de repetir que o *rapaz* não tem nada de extraordinario. «Nunca foi um menino prodigio. Quando saia da escola, deixava os livros para ajudar-nos nestes trabalhos. Não tinha tempo para se divertir e, mesmo que o tivesse, creio bem que não o gastaria mal gasto. Soube sempre aproveitá-lo bem e creio que assim continuará.»

John Coolidje tem 78 anos, sendo dois anos mais novo que o pai de Harding.

A mulher de Trotzky

Natalia Zannovna, segunda mulher de Trotzky, foi entrevistada por um redactor do «Basler Nachrichten», o qual conta que a bela generalissima habita um explendido palacio em Moscow, que pertencera a uma das mais ilustres familias da aristocracia. A sr.ª Trotzky, que vela pela segurança dos objectos artisticos da Russia, recebeu o jornalista cortezmente, ainda que um pouco hesitante, e deixou-se fotografar com ele e com um operador cinematografico em varias atitudes, sujeitando-se a todos os pedidos, ou melhor, a todas as exigencias deste ultimo, que quiz tirar o melhor partido do seu film. E' uma dama ainda joven e muito formosa—assegura o jornalista. —Os seus cabelos loiros, o seu ar aristocratico e as suas riquissimas «toilettes» teem feito... na côrte de Trotzky a inveja do mundo feminino da diplomacia estrangeira.

O generalissimo mostrou ser um homem de gosto com a mudança. A sua primeira mulher era uma pobre rapariga, bastante vulgar e pertencente á para os russos despresivel raça dos hebreus. Para o antigo bachareloide israelita que pregava e conspirava nos cafés mais ordinarios de Zurich, aquela mulher estava bem. Mas, agora, os tempos são outros, e para tempos novos... mulher nova. O generalissimo Leo Trotzky, o «Senhor da guerra», não quiz mais saber da sua antiga e fiel companheira, que tinha até o grande defeito, insuportavel hoje nas altas esferas russas, de ser sinceramente bolchevista.

Natalia Zannovna, que é filha de um velho general do czar, mandou para o diabo com o seu casamento o velho regimen, sendo tida hoje por mais bolchevista que o marido.

Mussolini e os fascistas

Mussolini não se mostra contente com os seus correlegionarios. Numa carta dirigida ao deputado Farinacci (destes é que nós cá queriamos depois do decreto do sr. dr. Joaquim Ribeiro...) o presidente do ministerio italiano, falando das dissenções que surgiram no seio do partido, escreve:

«Estamos prestes a fazer presente aos partidos que os queiram aceitar, de 100 ou 200.000 fascistas que demonstraram que não estão á altura da situação e que em logar de facilitarem a acção do governo, apenas a dificultam.»

Mussolini, como bom dictador, quer a obediencia cega ás suas prescrições. Mas estamos em crer que, a proceder desta forma, em breve se encontrará sósinho, como tem sucedido a tantó salvador de patrias...

A mulher e os espelhos

Os estatistas são, por vezes, verdadeiramente curiosos, um deles consagrou-se agora ao estudo do tempo que uma mulher «média»—chamemos-lhe assim—gasta diante do espelho, vindo a descobrir que dos 5 aos 10 anos está diariamente sete minutos ao espelho; dos 10 aos 15, um quarto de hora; dos 20 aos 25, vinte e dois minutos; dos 25 aos 30, meia hora. E' simplesmente admiravel! Mas, eis que aparecem os primeiros cabelos brancos e pouco a pouco o tempo vai-se reduzindo, reduzindo, até aos 60 anos em que a mulher não fica diante do espelho... mais de tres minutos.

Disto tudo conclue o nosso sabio que uma mulher passa 300 dias da sua vida em face do espelho.

Não é muito. Mas as nossas leitoras dirão se os numeros do homensinho estão certos...

Os pobres da "Capital"

Foram as seguintes as pobres contempladas com os ultimos donativos enviados á «Capital»:

Viuva de Manoel Caldeira: — Maria de Assunção Santos, R. dos Cordoeiros, 37-3.º; Felicidade Emilia, Rua do Norte, 93-3.º; Emilia de Almeida, Estrada Campolide; Gloria Carneiro, T. Bela Vista á Lapa, 20; Maria Rosalia, T. Bela Vista á Lapa, 20; Palmira Fernandes, T. Espera, 29-1.º; Margarida Antunes, Calçada Tijolo; e Conceição Silva, R. Patrocinio, 20, com 2850 cada uma; Maria Angustias, R. Gaveas, 11; Elvira Gonçalves, T. Fieis de Deus, 19; Laura Gooncalves, Estrada Campolide; Antonia Alves, R. Penha, á Graça, 37, com 5800 cada.

Com as senhas para o bodo da Academia de Recreio Artistico foram contempladas: Palmira Fernandes, T. Espera, 29; Dieia da Conceição, T. Espera, 25; Amelia das Neves, R. Diario Noticias; Julia Barata, R. Salgadeiras, 4; e Maria de Jesus, Beco dos Apostolos.

A senha para oferta de um vestidinho para criança enviada ao nosso jornal pela «Ala do Santo Condestavel», coube á pequenita Maria dos Anjos, rua Diario de Noticias, 58.

A todos os doadores, e em nome dos contemplados, «A Capital» agradece.

FUNCIONARIOS MUNICIPAIS

As reclamações do pessoal do Gremio dos Fiscais

A comissão de melhoramentos do Gremio dos Fiscais do Municipio tem realisado varias «démarches» junto da vereação, no sentido de que aos funcionarios Municipais, seja paga o mais rapidamente possivel a subvenção a que nos temos referido e que seja feita a equiparação de vencimentos do pessoal dos mercados ao das outras repartições.

Amanhã reune a assembleia geral para tratar deste assunto.

ULTIMA HORA

A questão do pão

A reunião dos industriais das padarias independentes

Reuniram esta tarde os proprietarios das padarias independentes para apreciarem o decreto sobre o novo regimen a adoptar no fabrico do pão. Após a abertura da reunião a direcção foi encarregada de se avistar com os directores da C. I. P. C., Sociedade Aliança e ministro da Agricultura, para tratarem da tabela de preços a adoptar e da forma do fornecimento de farinhas, ficando a assembleia em sessão permanente.

A' hora em que fechamos este relato ainda a comissão não aparecera a dar conta do seu mandato, encontrando-se a conferenciar com o director da Manutenção Militar.

* * *

Procurando informações ácerca da noticia vinda hoje nos jornais da manhã, referente a importação de trigo, informam-nos no Ministerio da Agricultura que não foi á assinatura presidencial, nem vai, por estes dias, decreto algum autorisando a importação daquele cereal.

O Ministerio da Agricultura pensa em importá-lo, mas ainda sobre o caso nada ha resolvido definitivamente.

Por outro lado dizem-nos que o decreto já foi assinado, tendo a Inspeção de Cambios recusado pôr o visto para o pagamento das 800:000 libras e ameaçando demitir-se.

* * *

Consta que regulará por 50 por cento em Lisboa, o aumento do preço do pão, consequente do novo regime cerealifero. Consta tambem que vão ser tomadas providencias para evitar qualquer agitação de ordem publica a pretexto daquele aumento.

Outra gréve

A dos operarios da Exploração do Porto de Lisboa

Declararam-se hoje em gréve os empregados assalariados da Exploração do Porto de Lisboa por motivo de ainda não terem sido satisfeitas as suas reclamações de aumento de salario, apresentadas em Janeiro.

Pelas 14 horas a comissão de melhoramentoos acompanhada da maior parte do pessoal dirigiram-se aos escritorios da Exploração, onde conferenciou com o director, que disse estar na disposição de atender as reclamações no que fôr justo.

A's 16 horas reuniu o pessoal na sua associação para apreciar a resposta dada pelo director, continuando ainda a sessão ao encerrarmos estas notas.

Tarde politica

Está prestes outra crise ministerial?

O governo e os boatos de alteração da ordem

Circulam os boatos de alteração da ordem publica. De resto ha agrupamentos que não ocultam os seus propositos de lançar mão das armas para satisfazer as suas aspirações mais ou menos legitimas.

Hoje no «Republica» o sr. Ribeiro de Carvalho, num artigo de solene indignação brada aos povos estupefactos que a revolução, implacavel, não se pode evitar.

Com avisos de tal natureza ostensivos compreende-se que toda a gente aguarda a bordoada com a certeza com que depois dum sabado espera um domingo.

Ora o Governo, que deve ter por seu turno informações seguras, parece-nos tambem pouco tranquilo o que, valha a verdade, não é assás animador.

Pelo que sabemos, as transferencias de oficiaes continuam diariamente, o que agravou a situação do Governo perante o espirito militar um pouco aborrecido com estas perseguições de mero palpite.

Ainda hoje foi transferido para Abrantes o capelão sr. João Pires de Carvalho, a respeito do qual o sr. Antonio Maria da Silva não tem, pelo visto, grande confiança.

Aquelo oficial procurou hoje no Ministerio da Guerra o respectivo titular para justificar a sem-razão da transferencia.

O sr. Antonio Maria da Silva não quiz recebe-lo, ordenando-lhe que cumprisse as ordens que lhe eram dadas.

Alguns oficiaes que assistiram a esta comunicação verbal comentaram o facto por maneira que não seria muito grata ao sr. ministro da Guerra ouvi-los...

De modo que, se os factos de politica economica e financeira não são propicios aos designios do Chefe do Governo, quais sejam o chegar á posse do novo Chefe do Estado, cá por fóra as coisas não lhe correm mais favoravelmente, imitindo nós nos vaticinios aqui feitos ha dias de que viverá muito pouco quem não assistir á queda do Governo, cujas horas de vida se não contarão por centenas.

O MOMENTO FINANCEIRO

O que nos disse o sr. dr. Amancio de Alpoim

A representação da Caixa Geral de Depositos e as manobras da praça

O sr. dr. Amancio de Alpoim, administrador da Caixa Geral de Depositos, recebeu-nos hoje no seu gabinete, reservado, mas gentilmente. Iamos ouvi-lo sobre a representação da Caixa Geral entregue ao Governo e em que se protesta contra o aumento da circulação fiduciaria exigido pela alta finança.

O ilustre politico e orador, depois de nos prevenir de que falaria individualmente, e não em nome da Caixa, começou:

— A representação com vista aos criticos, nem tem pretensões a tratado de sciencia financeira, nem preocupações literarias, que, em beneficio da forma, lhe tirassem a indispensavel clareza. E é justamente pela sua clareza que me faz lamentar que a imprensa em geral o não tenha publicado.

«Já se diz para ai que a Caixa Geral de Depositos não trouxe novidade á discussão. Mas, santo Deus! eu não vejo maneira de, em problemas scientificos, e são dessa natureza os de ordem financeira, se estar a cada passo descobrindo a polvora.

«Diz-se tambem que a Caixa não aponta factos concretos, justificando as suas afirmações ácerca dos actuais processos de trabalho da praça. Ora, verdade, verdade, a Caixa está em condições de demonstrar que é certo o que afirma e que se resume neste periodo da sua representação:

«A constante desvalorisação da nota, consequencia da sua constante inflacção, produz na finança e no comercio a sistematica politica do açambarcamento do ouro, pela esperança da elevação do cambio, e do açambarcamento das mercadorias pela esperança da elevação dos preços».

«Não quererão, porém, os criticos que a Caixa desça á denuncia de factos particulares, individualisando muitos dos culpados, quando é certo que até a opinião publica já os conhece em grande parte. Alegam os censores que da exposição da Caixa não resaltam os motivos da crise da falta de numerario.

Ora, veja o meu amigo se trazem qualquer confusão as frases, por sinal sublinhadas, da representação:

«Quanto mais se desvalorisa, mais necessaria em quantidade se torna ao giro economico dos particulares e cada vez menos aparece no mercado financeiro. E' o proprio enfraquecimento da nota que provoca a sua rareza, fenomeno já hoje indiscutivel porque se verifica em todas as nações de nota envilecida».

«De resto, não me custa tornar a explicar por miudos uma doutrina que já está bem clara neste periodo e em toda a representação. Vamos a isso:

«Havia no país uma massa total de notas que tinha a força de compra de 15.000.000 de libras. **Os particulares faziam com elas as suas operações de compra e venda e levavam aos depositos dos bancos as quantias que não eram necessarias ao seu giro particular.**

«**Esta massa de notas está hoje desvalorisada na sua força de compra apenas em 10.500.000 libras. Sucede, por consequencia, que ela não é suficiente para o giro dos particulares e, assim, não lhes resta, a estes, saldo que possam levar aos bancos a titulo de deposito. E como demonstrado fica com numeros, na representação, que a cada aumento de circulação fiduciaria corresponde uma diminuição no valor total das notas, demonstrado está tambem que, quanto mais notas se emitirem, mais se agravará o mal. Menos quantidade aparecerá nos bancos.**

«Por agora, as observações relativas á **representação da Caixa não passam de ligeiros, simples fogos de patrulhas. Mas a verdade é que toda a gente reconhece a isenção e a boa fé que norteiam a atitude por ela assumida. A Caixa já falou com clareza e sem literatura».**

E, derivando:

— Por mim, apenas lhe posso dizer que não afirmo, como Montesquieu, que «os financeiros sustentam o Estado, como a corda sustenta o enforcado». Não. As coisas, por agora, ainda se não passam inteiramente assim em Portugal. Porque, afinal, vê-se que a unica entidade com verdadeiro credito no nosso país é, e continuará sendo, o Estado.

«As finanças e as forças vivas nacionais devem convencer-se de que o interesse particular não está divorciado dos interesses da Republica. A *sabotage* sistematica ao Estado, em materia financeira, é um processo de ataque politico, apregoado por alguns, á semelhança de Sansão. Mas o caso é que se, com o templo morrem os filisteus republicanos, os *sansões* conservadores que todos nós conhecemos e andam a puxar pelas colunas, não ficarão de boa saude.

«E' claro que lhe estou manifestando uma opinião particular. Por mim, entendo que a Republica só existirá de facto em Portugal, no dia em que sejam republicanisadas as forças vivas nacionaes. E a solução deste problema é mais facil do que parece.

«O Estado, que, afinal, como se está vendo, é pai, mãe e padrinho de todas as forças vivas, bem pode exigir-lhes, pelo menos, um tudo nada de respeito...»

* * *

Conferenciaram hoje com o sr. ministro das Finanças, o governador e o secretario geral do Banco de Portugal.

A GRANDE GUERRA

EM AFRICA

A comemoração dum aniversario glorioso

Como temos noticiado, os oficiais da Armada e do Exercito, antigos expedicionarios ao Sul de Angola em 1914 e 1915, sob os comandos dos generais Pereira d'Eça e Alves Roçadas, comemoram nos proximos dias 4 e 5 o 8.º aniversario dessa áspera campanha, que inscreveu nos fastos da nossa historia colonial os nomes gloriosos de Naulila e Mongua.

No dia 4 realisar-se-ha na Avenida da Republica uma imponente parada da guarnição de Lisboa em que tomarão parte as bandeiras de todas as unidades que estiveram no Sul de Angola. Nessa ocasião o venerando Presidente da Republica imporá as insignias do Valor Militar no estandarte do heroico esquadrão de dragões de Naulila, que se distinguiu sob o comando do então joven tenente Francisco Aragão, actualmente major de cavalaria, e as bandeiras da 15.ª companhia indigena de Moçambique, que foi comandada pelo bravo e destemido capitão Humberto Atayde, morto em Moçambique, e da bataria indigena que na serra M'kula sob o comando superior do major por distinção Francisco Curado tanto se notabilisou. As bandeiras dos dois destacamentos do Sul de Angola, destacamento do Cuanyama e destacamento do Cuamato serão condecoradas nessa formatura. O Exercito Colonial será consagrado pela participação tão brilhante que tem dado á afirmação do nosso dominio e da nossa soberania.

Essa formatura, alem dos seus intuitos patrioticos, [illegible] o interesse de ser a ultima em que o sr. dr. Antonio José de Almeida, como chefe do Estado, e durante o seu actual mandato, honra o Exercito e a Armada condecorando as suas bandeiras de historia mais brilhante.

A Comissão convida todos os antigos oficiais e praças, que residam na metropole e tenham servido no glorioso Esquadrão de Dragões, tomou parte no combate de Naulila e nas operações de 1914, a enviarem a sua adesão e o compromisso de assistirem á formatura ao sr. major Francisco Aragão do Regimento de Cavalaria n.º 4, em Alcobaça.

O almoço de confraternisação para que se poderão inscrever todos os oficiais da Armada e do Exercito, será presidido pelo general sr. Vieira da Rocha, e realisa-se no dia 5 de Setembro na historica Torre de Belem, num vasto terraço de aspecto surpreendente. Nesse dia a guarda de honra á Torre será feita pelos contingentes de indios e de dragões de Naulila, havendo entradas especiais para os convidados que da grande galeria circundando o terraço do almoço queiram assistir á patriotica consagração do nosso esforço durante a grande guerra, em Angola e Moçambique. As familias e pessoas amigas dos oficiais que tomem parte no almoço teem entrada nas mesmas galerias, bem como outras pessoas que sejam acompanhadas por oficiais ou tenham bilhetes especiais de autorisação.

O programa definitivo será elaborado pela Comissão Executiva presidida pelo Sr. Capitão-tenente Quintão Meireles, que se reune no Quartel do Carmo no proximo sabado ás 16 horas.

O General sr. Vieira da Rocha, como presidente da Grande Comissão promotora desta comemoração, irá na proxima semana convidar o ilustre Presidente da Republica e os membros do Governo, presidente do Senado e da Camara dos Deputados, Camara Municipal, etc., a assistirem ao desfile das bandeiras e estandartes da nossa Grande Guerra em Angola e Moçambique.

Um leilão no Governo Civil

No pateo grande do Governo Civil procedeu hoje a policia de investigação á venda em hasta publica de varios objectos de ouro, prata e brilhantes, apreendidos a larapios e cujos proprietarios nunca foram descobertos.

O numero de arrematantes foi elevado, entre eles varios guardas, bastantes gentes, alguns vigaristas, não poucos receptadores e dois ou tres ourives. Estes foram os que nada compraram porque o negocio lhes não corria.

Em compensação os vigaristas reformados e conhecidos receptadores fizeram larga colheita, havendo quem comprasse por bom preço correntes de latão e medalhas [illegible]...

A CAMINHO DA RENOVAÇÃO

A ENERGIA COMERCIAL DOS PORTUGUESES

A proposito da participação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro

A energia comercial dos portuguezes revelou-se desde os mais remotos tempos. Já na aurora da nacionalidade, quando o formidavel Afonso Henriques gloriosamente chantava a haste do formoso pendão das quinas na terra liberta de Portugal, as naus portuguezas sulcavam, não só o Mediterraneo, rumo do Levante, em concorrencia com venezianos e florentinos, mas tambem cortavam, afrosas e seguras, as aguas frias da Mancha e do Mar do Norte para ir levar vinhos e azeites a Londres ou ás cidades da Hansa, que eram então interposto para todo o comercio da Europa Central.

Alguns reinados depois, garantida definitivamente a nacionalidade contra o mouro e contra o castelhano, El-Rei D. Diniz, «o que fez tudo quanto quiz», e foi poeta e lavrador, e estadista de superior visão administrativa, mandava semear o pinhal de Leiria para ter sempre madeiras promptas e aptas para as frotas mercantis, mais ainda do que para as de combate.

Os armadores do Porto e Viana, independentemente do Estado, expediam as naus, de bojo abarrotadas, para o intercambio comercial, e a par e passo que a nacionalidade se foi alargando para o sul, com a tomada de Lisboa e a conquista do Algarve, para o sul se estendeu tambem a iniciativa particular, lado a lado da acção governativa de reis e principes.

Nação ribeirinha, com uma costa enorme, estendendo-se de norte a sul e de poente a nascente, desde a foz do Minho á foz do Guadiana, Portugal teve sempre a tentação do comercio maritimo.

As grandes emprezas do Infante D. Henrique, não tiveram de começo nem fins religiosos, nem fins guerreiros. Nessa grande aventura a medida e o peso precederam a espada e a cruz.

Ir aos Tratos da Guiné que é como quem diz ir tratar, ou contractar, fazer o comercio da Guiné foi a preocupação constante do Infante Navegador, o genial D. Henrique que encontrando a sua raça já perita na navegação dos mares conhecidos, a lançou audaciosamente para a devassa dos mares desconhecidos. Ainda em sua vida, com sua licença, como Grão-Mestre da Ordem de Cristo, concessionaria das terras novamente descobertas, varios armadores particulares, como o celebre Lançarote para ai marcavam á cata desses tratos, trazendo ouro e marfim, em troca de bugigangas e panos baratos, de festivas cores.

A primeira armada que foi á India, a gloriosa armada de Vasco da Gama, é uma armada de descoberta, a segunda, não menos gloriosa, que com Pedro Alvares Cabral garantiu a Portugal a maior missão da raça, a colonisação da Terra de Santa Cruz era uma armada de exploração, mas a terceira era já e apenas uma frota comercial.

Ia provida de artilheria, preparada em guerra, é certo, mas tão sómente, porque o comercio com a India, por causa dos mouros, terriveis e aguerridos concorrentes, tinha de fazer-se com a balança em uma das mãos e a espada na outra.

* * *

Desde então, todas as frotas que dobram o Cabo da Boa Esperança tem fins comerciaes. Vão para lá abarrotadas de chumbo, vermelhão, azougue, panos de lã, espelhos, oculos, chapéus, selas ginetas, brocados baixos veludos carmezins, alcatifas, açafrão, aguas rosadas, setim ou sedas rosas, panos de grã, brancos e pretos, e para cá voltavam abarrotadas de porcelanas finas, marfins, pedrarias, perolas e aljofres, e sobre tudo de especiarias pimenta, cravo, gergelim... Emfim o completo intercambio do oriente e do ocidente, não mais pelas caravanas, e frotas do Mar Vermelho, e do Mediterraneo, mas atravez do Indico e do Atlantico. Muito se iludem aqueles que julgam que as caracteristicas portuguezas são agricolas, para afirmar que Portugal é um paiz de lavradores, ou até, como ultimamente se tem dito, que é um paiz de poetas.

A função agricola e a idealisação poetica, não têm possivel comparação com a sua faculdade comercial.

A missão da raça embora, mais tarde, pelas circunstancias supervenientes tenha tomado tres aspectos suplementares, foi inicialmente comercial. Antes do espirito de conquista ter dominado os mercadores, e antes do espirito religioso ter arrastado ás mais remotas plagas os missionarios e antes desse iniciar a colonisação do Brasil, a nossa aventura foi puramente comercial.

Se se tornou guerreira foi porque na India deparamos uma raça aguerrida, estranha como nós ao meio, mas que ai aportára primeiro e fizera o monopolio do intercambio mercantil com a Europa. Eles não podiam admitir a livre concorrencia que nós lhe iamos levar com as nossas frotas. Dai toda a sorte de hostilidades desleaes de que se serviram contra as duas nossas primeiras armadas a do Gama e a de Cabral.

Não era possivel a livre concorrencia. O regimen do monopolio tinha de continuar. E então se travou entre os mercadores mouros e os mercadores portugueses o terrivel duelo guerreiro que por largos anos ensanguentou o Indico, e transferiu esse monopolio para a Lusitania, arruinando as republicas italianas, e dando o primeiro grande golpe contra o musulmanismo, cujos povos começaram a entrar em decadencia.

Se essa missão toda utilitaria de mercancia teve uma feição paralela de espiritualismo, é porque uma grande crise religiosa sacudia a Europa, creando o zelo mistico, a devolação messianica. Circunstancia toda acidental da época, e não caracteristica da nacionalidade, que religiosamente nunca foi dada a grandes transcendencias misticas, alheia em geral á angustia do «ser e do não ser», do «aquem e do alem».

* * *

A colonisação do Brasil apresenta outra feição da nossa aventura maritima, mas começou tambem pelo comercio, pois que aqui vinham as caravelas buscar as madeiras preciosas, e o celebre pau brasil que deu nome á terra, e foi, antes da descoberta das anilinas, uma das bases da tinturaria de todo o mundo, aliás hoje muito usado caseiramente em Portugal, com o nome de pau de campeche.

O comercialismo portuguez enfraqueceu com a descoberta do vapor quando os galeões e caravelas ficaram varadas nos portos e barras de Portugal, dando a amarga sensação de um povo que acabára de naufragar na propria patria.

Os armadores arruinados não puderam de modo algum organisar as novas frotas a vapor e Portugal entrou lamentavelmente no regimen da hipoteca, de que felizmente começa agora, ao fim de um seculo, a sair para um grande surto industrial, base de um novo e intenso comercialismo.

Durante este seculo, apesar de parecerem extintas as velhas aptidões mercantis da raça, elas existiam, tendo sofrido apenas um desvio.

Na verdade, foi durante este tempo que se criaram os nucleos coloniais portugueses no litoral do Brasil, todos de caracter comercial. Pode dizer-se mesmo que a colonia portuguesa do Rio de Janeiro é, depois das colonias alemã e italiana em New York, a mais importante das colonias comerciais em todo o mundo.

Esta energia comercial que no ultimo seculo os portugueses quasi que se limitivam a accionar fora do país, começa agora tambem a produzir os mais beneficos resultados, fronteiras a dentro de Portugal.

O Pavilhão das Industrias constituiu, para os brasileiros e até para grande parte dos portugueses que aqui mourejam, uma verdadeira revelação.

De novo estão despertas as velhas energias nacionais e, se o presente tem sido convulsionado pelo delirio politico, o certo é que tudo isso é explosão de força, afirmação de vitalidade.

Pedem os portugueses, que tão orgulhosos são do seu passado, confiar tambem no futuro, porque ha seculos que a sua raça vem, de epoca para epoca, depois de crises dolorosas, a renovar-se. E diante dos maravilhosos mostruarios, que galhardamente se estendem pelas salas e galerias do Pavilhão das Industrias, podemos afirmar que chegou mais uma vez a hora da renovação.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE.

TAUROMAQUIA

Tourada de beneficencia em Alcobaça

Realisou-se ante hontem com uma boa casa, uma corrida extraordinaria em que tomaram parte distintos amadores e alguns profissionais de valor. Os touros, fornecidos pelo ganadeiro da Golegã, Sr. Frederico Bonacho, eram bem apresentados, de linha e manejaveis, e o 7.º muito bravo.

1.º raiado, bonito, grande, manso.—Ricardo Teixeira com muita alegria, talvez de mais, prendeu tres ferros compridos e um curto, sendo o 2.º á tira bom. Chamada ao cavaleiro.

2.º cardeno, bragado, bonito, manso.—Rafael Gonçalves prendeu dois pares bons e seu irmão Francisco, depois de o preparar com duas saidas falsas, prendeu dois pares de valor. Tentado á volta por trez vezes, mas Jaime Alves feriu-se num ferro, pelo que ficou Antonio Abreu só aguentando-se. Chamada aos quatro.

3.º berrendo em claro, manso e dificil e mal visto da direita. O distinto cavaleiro Antonio Geraldes Quelhas colocou-se á gaiola em «su sitio», deixando um bom ferro.

Prendeu mais um bom, depois de citar em curto e de entrar de caras. Rija péga á volta pelos irmãos Abreu, sendo por duas vezes sacudidos violentamente. Chamada aos trez.

4.º, negro bragado-feio, pequeno e manso e muito mal aproveitado pelos bandarilheiros Manuel dos Santos (Golegã) e Tadeu, que estão cada vez piores. Pegado de caras por Benjamim Jardim, bo. e larga—chamada ao forcado.

5.º, negro, bragado, de poder, cumpriu. Ricardo Teixeira prendeu quatro ferros compridos, sendo um muito bom á tira e dois curtos bons.

Tentado pegar á volta por Antonio Abreu e Jaime Alves, mas não conseguiram por o touro não encabrestar e pela hesitação demasiada de Jaime.

6.º, negro, de poder, manso, saltador. Manuel dos Santos e Frois com os seus conhecimentos conseguiram não fazer nada digno de registo.

Pegado de caras á terceira por Joaquim Aguiar, sempre fresco e com vontade.

7.º, listão, grande e de poder, bonita estampa e muito bravo.—Rafael Gonçalves e seu irmão Francisco tourearam fóra do seu estilo com grandes desvantagens para todos. Recomendo-lhes que fixem ou mandem fixar o touro nos medios, pois só assim se deve tourear e não se incomodem com o publico. O resultado foi terem toureado apressadamente o touro com trez pares bons cada um, quando podiam ter feito um toureio artistico e de caras, como sabem.

Quando tocou a recolher é que estava na altura de ser bandarilhado. Tentado pegar á volta pelos mesmos forcados, mas o touro não encabrestava e os campinos pouco ou nada sabiam.

8.º—Era já noite cerrada.

EL TERNO

Teatros --- Musica --- Cinemas

Nota do dia

E' ainda um misterio a proxima epoca de inverno.

Sabe-se que, a cada canto, se pensa na organisação de pequenos nucleos dramaticos, onde uma boa figura, rodeada da costureira, do alfaiate, do engraxador, do ponto e do contra-regra, será logo uma companhia de declamação.

Nem as continuas perdizes conseguem convencer os actores de fileira a regressarem ao seu honroso lugar.

Nem os fiascos artisticos de todo o genero conseguem repôr as coisas no seu devido pé, anulando empresasitas agudas e pretensões estultas.

As proprias figuras de merito indiscutivel estão indecizas: que fazer?

A abertura de mais três teatros em Lisboa, dentro de um ano, longe de simplificar o problema, vem complicá-lo.

O Trindade, o Ginasio e o novo teatro de Frederico Mayer, que será cinema na proxima epoca de inverno, darão azo a que surjam novas tentativas, que, com a escassez real de elementos de valor, serão condenadas á nascença.

O que será o Nacional?

O que será o Politeama?

Recompôr-se-ha o elenco Rey-Colaço?

Para onde vão Ilda Stichini, Brazão, José Ricardo, Ribeiro Lopes, Nascimento?

E ninguem sabe nada... a dois dias de Outubro.

Os autores pouco fazem, na indecisão dos elencos.

Fixos, apenas os conjuntos de Satanela-Amarante, Lucilia-Erico, Aura-Adelina, Mendonça-Maria Matos, todos mais ou menos incompletos.

De positivo sabe-se apenas que todos têm imenso talento e que, se não houver nenhum grande especiaculo de arte, haverá, com certeza um colossal banquete de homenagem — um? não; dezenas dêles... e eis tudo.

O HOMEM QUE PASSA

A nova opera de Puccini

«A Capital» noticiou recentemente que Giacomo Puccini, o celebre compositor da «Tosca», da «Bohemia» e da «Madame Butterfly», tinha concluido uma nova ópera: «Turandot». Um redactor do «New-York Times», ouvindo em Viarreggio, o notavel musico, conseguiu dêle as seguintes declarações:

— «Turandot» é uma ópera inteiramente chinesa. Emquanto que na «Madame Butterfly» apresentei, como Pierre Loti, o Japão moderno, é a China de outrora, a China dos mongoes, que se verá na «Turandot». Ora, como naquele tempo, a Grande Muralha isolava o formidavel imperio do resto do mundo, nenhum elemento estranho podia tomar parte nela. A obra, inteiramente impregnada da filosofia de Confucio, reflectirá a civilização chinesa de então, com a sua serenissima e divina crueldade e a imensa sabedoria dos mandarins.

«A acção passa-se em Pékim, onde, confesso, nunca puz os pés. Foi em New York, no bairro chinês, que criei a *atmosfera* da China de ha duzentos anos, porque a alma e os costumes dos chineses, embora misturados á vida de hoje, são os mesmos, pois são imutaveis.

«Documentei-me nos textos antigos, particularmente na musica chinesa. Resta agora ver se triunfarei...»

Noticiario

De Portugal

No dia 16 de Setembro realiza-se em Lisboa o *Dia do Artista*, com festas durante o dia no Jardim da Estrela e romagem aos tumulos dos artistas mortos. A' noite haverá festas em todos os teatros, revertendo o produto para a Casa Gil Vicente. Depois do espectaculo será oferecida uma ceia ao actor Casimiro Tristão, a quem se deve a generosa iniciativa da criação daquela casa e que bem merece, por isso, as homenagens de todos os seus camaradas.

A comissão organisadora dessas festas é composta das actrizes Laura Costa, Zulmira Miranda e Elisa Santos, actor Carlos Leal, scenografo Reis (filho), Ghira, jornalista Machado Correia e Sá Vaz.

— Depois de acabar o seu contracto no Eden, o baritono Antonio Caldeira vai fazer uma digressão artistica pelas praias e termas, indo em Outubro ás Canarias e, dali, á America do Norte.

— No Eldorado estreia-se amanhã a coupletista espanhola Carmencilla Wagner.

— Reaparece amanhã, no Maria Vitoria, o actor Carlos Leal.

Do estrangeiro

Não foi bem acolhida em Roma a nova opereta de Vincenzo Raffaeli, sobre o libreto de Fraschetti, intitulada «Lisa e Fifilot» e representada no Diana pela companhia Naresca-Orsini. O enredo é o seguinte: um marido infiel — Napoleão Fifilot — apanhado por uma tempestade no mar alto e receando morrer, lembra-se de confessar todos os seus pecados, escrevendo a sua mulher e confiando o documento a uma garrafa, que lança ás ondas. Ela, vendo o seu arrependimento, terá forças para perdoar-lhe.

O peor é que Fifilot salva-se e a garrafa vai parar ás mãos de Lisa, que castiga o marido.

Fraschetti não soube tirar efeitos da situação e o maestro, embora instrumentasse com bom gôsto, não mostrou dotes — dizem os jornais italianos — de uma grande inventiva.

— Francis Casadeons terminou uma obra lirica em 3 actos, sobre um libreto de Raoul Charbonnel, intitulada «A Canção de Paris».

Reclames

EDEN TEATRO

Sucedem-se as enchentes a este popular teatro da Praça dos Restauradores, para admirar o trabalho deveras surpreendente da celebre bailarina hespanhola «Luiza de Lerma» a rainha dos bailados hespanhoes, mexicanos, cubanos e yankees, a artista que mais completa no seu genero se tem apresentado entre nós.

A pedido do publico, toma ainda parte no espectaculo desta noite o celebre baritono Antonio Caldeira. Tambem tomam parte: Maruja del Oro, Charito Campoamor, Gran Ariñano, Carmen de Cardiz, Dani Garcia, Consuelito Lopes, Helenita Marin e Pepita Renau.

MARIA VICTORIA

A mais famosa das revistas, «Fado Corrido» dá hoje e todas as noites no Maria Victoria mais dois espectaculos, a revista repete-se com os dois sensacionais numeros «Sardinha Assada» e «Boneco de Trapos» que desperta sempre, estrepitosas gargalhadas.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«20.000 dollars»
S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4461-15.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | Quarta-feira, 22 de Agosto de 1923 | Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL. Impressão: Rua da Bica, 71 | Preço 15 centavos

A libra fechou hoje a 97$00 e 99$00. Resista o Governo ás pressões da finança, e o cambio melhorará.

O valor das notas em circulação era em 4 de julho de 1.248.173:359$00.

Essas notas existem. Não se emita, pois, nem mais uma!

Para a frente!

As manobras de certos financeiros para o aumento da circulação fiduciaria, no proposito firme de levarem a libra para os 240$00, estão merecendo a mais viva repulsa de todos os portuguezes, amigos da sua Patria.

Demais se conhecem os intuitos a que essa campanha obedece e, por isso, necessario se torna evitar a todo o transe que o Estado emita mais uma nota só que seja.

E' a ruina do paiz o que eles pretendem, é o encarecimento da vida em mais do dobro, é uma situação identica á da Alemanha que eles pensam criar.

Quem ha ahi que permita, já não queremos dizer que auxilie um artificio desta ordem, a monstruosidade de um tal atentado, um tal crime, que viria ferir-nos de morte?

Quando em 5 de outubro de 1910 o povo de Lisboa fez a revolução que implantou a Republica, viu-se esta coisa admiravel: os esfarrapados, os famintos, os «sans-culottes» guardando os bancos, depois de se terem batido por uma ideia, com a bravura e a nobreza que põem em todos os seus actos de libertação e de defesa da Patria.

Viram-os ali os conservadores que ao primeiro tiro da revolução suposeram em perigo os seus haveres, e pasmaram; viram-os tambem os estrangeiros e o seu assombro foi sem limites; correu mundo a noticia e todos os paizes ficaram conhecendo a grandeza d'alma do nosso povo.

Pois bem: como em 5 de outubro de 1910, é preciso que todos nós, portugueses amigos da sua terra, guardemos o Banco de Portugal, para evitar que dele saia mais uma nota.

A aumento da circulação fiduciaria, tão reclamado agora por aquales qus ontem acusavam a Republica de ter enchido a praça de notas, é a catastrofe, e é obrigação de todos nós desvial-a das nossas cabeças.

E tanto isto é assim, que só a afirmação do sr. ministro das Finanças de que não permitirá esse aumento, fez baixar nos ultimos dias a libra para 98$00, o que corresponde a uma excelente melhoria cambial.

* * *

Nem mais uma nota, pois.

Não queremos saber, não procuramos saber neste momento de que meios o Governo vai servir-se para substituir as notas que faltam. Por agora interessa-nos apenas que ele não faça funcionar a estamparia do Banco de Portugal para atender as exigencias dos especuladores da finança.

As notas não se perderam, ninguem as queimou, ninguem cobriu com elas as paredes das suas casas. Se elas desapareceram da circulação, em tão grande quantidade, é porque as aferrolharam ou as utilisaram em manobras e negocios de toda a especie. Faltam aos especuladores? A culpa é sua. O paiz nada tem com isso, não quer saber disso para nada. O paiz quer apenas que o deixem trabalhar e o aliviem da carga pesadissima que traz sobre os hombros por mercê dos ambiciosos sem vergonha.

O que ele quer, o que ele exige é que o cambio melhore, e não será continuando a dar ouvidos aos jogadores da finança que isso sucederá.

Nem mais uma nota, pois, repetimos.

Mas — dir-se-á — o Governo tem compromissos a satisfazer, e sem notas não lhe será facil conseguil-o. O argumento é tendencioso. O Governo tem muito onde ir buscar dinheiro, e conseguilo-á, se quizer obrigar os bancos a entrarem com o producto do emprestimo e com o montante das suas dividas ao Estado e se proceder á cobrança rigorosa e metodica dos ultimos impostos.

Mas... os bancos não teem notas. Como hão-de pagar? Negociaram com elas, jogaram com elas, e o Estado não tem que preocupar-se com isso. Quem deve, paga. O que eles querem, os especuladores do cambio, a pagar ao Estado com o dinheiro do mesmo Estado. O que pretendem é que o Tesouro lhes forneça de mão beijada o que eles só entregam com os juros mais elevados.

Acabou-se a especulação. O valor das notas em circulação é de 1.248.173:359$00; são muitas notas. Onde param? Quem as guardou? Quem as mandou para Espanha e para o Brasil, comprando oiro com elas? E' o que se pergunta, cumprindo aos bancos responder.

Nem mais uma nota. Mantenha-se o Governo nesta atitude os meses de agosto, setembro e outubro e a situação melhorará consideravelmente.

Já é tempo.

Que grandes rotineiros!?

COISAS DO DIABO

Conan Doyle e os espiritos

Uma madureza do notavel romancista

LONDRES, 22—Ha tempos, durante uma conferencia sobre espiritismo feita no Carnegie Hall, de New York, sir Conan Doyle, o celebre romancista inglez, fez projectar num écran uma fotografia mostrando o cenotafio de White Hall, levantado nesta capital á memoria dos soldados britanicos mortos em combate.

—Esta fotografia, declarou Conan Doyle, foi tirada por um medium, em 11 do novembro ultimo, durante os dois minutos de silencio observados em toda a metropole para comemorar o aniversario do armisticio.

No primeiro plano, os americanos viram a multidão recolhida e os carros imoveis. Ao centro erguia-se o cenotafio, branco de neve, e no ceu percebiam-se milhares de rostos lividos e descarnados... os espiritos dos soldados mortos durante a guerra—explicou o romancista.

No momento preciso em que esta fotografia aparecia no «écran», um grito agucissimo de mulher se fez ouvir em todo o gigantesco hall, segundo o que se relatou por essa ocasião.

Hoje, em um artigo do «Sunday Express», Conan Doyle explica as razões desse grito, soltado por uma mulher que se encontrava em estado de sonambulismo magnetico.

—Depois de sairem os espectadores, minha mulher acordou-a. A desconhecida disse-nos, então, que era medium e que desde muitos meses o espirito da mãe de um soldado morto durante a guerra, que tinha ido juntar-se a seu filho no «au-delá», a dominava constantemente. Essa mãe manifestava sempre o desejo de desvendar á pobre humanidade a felicidade que a espera no outro mundo.

«Eu bem sei—diz o romancista—que o meu auditorio não deu por isso, mas era a voz terrivel do espirito que ele acabava de ouvir. Esse grito não foi dado conscientemente pelo medium; o espirito da defunta serviu-se da sua pessoa adormecida, para se fazer ouvir pelo vasto auditorio.»

UMA VERGONHA

As "bichas" multiplicam-se

O que se passou hoje ás portas das padarias

O Comissariado dos Abastecimentos e a falta de carvão

Já não são só as «bichas» do carvão. Hoje de manhã, ás portas de certas padarias, por essa cidade fóra, organisaram-se tambem «bichas», que em alguns pontos se tornaram tumultuosas.

Tendo constado que começariam amanhã a vigorar os novos preços do pão, houve nos bairros mais pobres uma procura maior daquele producto, na ancia de se fornecerem para dois ou trez dias. Por esse motivo, logo desde as primeiras horas se acumularam ás portas das padarias muitas mulheres e alguns homens, invadindo os estabelecimentos apenas abriram as suas portas.

Sucedeu, porem, que as padarias tambem fabricaram menos pão do que o costume, e algumas em quantidade tão diminuta, que mal chegou para abastecer um terço da freguesia habitual.

Assim em Alfama, na Graça, em Alcantara, na Mouraria e no Alto do Pina estabeleceram-se grandes «bichas», estabelecendo-se barafunda, entre os protestos dos consumidores.

No Alto do Pina e em Alfama ainda houve tentativas de assalto ás padarias, não chegando, porêm a efectuar-se por os caixeiros terem franqueado os estabelecimentos e mostrado que não tinham mais pão para vender.

Na rua do Amparo, no deposito da Sociedade Aliança, em frente da fabrica mecanica, organisou-se uma grande «bicha», que se estendia pela rua da Praça da Figueira, tendo comparecido a policia para manter o mulherio na ordem.

Apesar de tudo isto, porem, não se registou na cidade qualquer conflito grave.

* * *

Ora as bichas já deviam ter desaparecido. São uma vergonha e, por isso, é preciso que as entidades competentes as evitem, fornecendo a população dos productos de que carecem.

O que está sucedendo com o carvão é de igual modo insuportavel. Desapareceu das carvoarias, para preparar uma elevação de preço. Esta manobra faz-se periodicamente, desde 1914, custando a acreditar que ainda não tenham sido tomadas providencias para abastecer o mercado logo que estes casos se dão. Sem espirito previdente, sem se preocupar para nada com as necessidades do publico o Comissariado dos Abastecimentos só se ocupa do assunto, quando o desaparecimento do combustivel se dá.

O sr. comissario medita longamente no caso, redige notas oficiosas e, apesar de ninguem ter em casa um grão de carvão e de ter sido sonegado o que existia nas carvoarias, afirma que ele não falta na cidade.

Sucede, porém, que a sua falta se faz sentir absolutamente e é, então, que o sr. comissario se resolve a tomar providencias, que, em geral, não dão resultado.

Se uns kilos aparecem numa carvoaria, logo uma multidão acorre na ancia de adquiril-os, e ahi temos nós a «bicha» organisada, a maldita «bicha» que ninguem até hoje conseguiu exterminar, mas com a qual tem de se acabar, dê por onde der.

De facto, a população de Lisboa não pode passar os dias ás portas dos estabelecimentos para adquirir aquilo de que carece. Bem basta que tenha de sujeitar-se ás especulações de certos comerciantes pouco escrupulosos, quanto mais ter de perder horas e horas de trabalho no espectaculo vergonhoso das «bichas».

Não pode ser!

Aviso aos srs. medicos e doentes

A C. G. T. em fóco

SINDICALISTAS E COMUNISTAS

Afinal, o delegado dos «soviets» perdeu o seu tempo

Como ha dias noticiamos, esteve em Lisboa um delegado dos *soviets*, que veio impôr a disciplina no Partido Comunista e ao mesmo tempo dar instruções para os seus membros alargarem o campo de propaganda entre o operariado, especialmente entre os trabalhadores ruraes.

Logo que o delegado da III Internacional retirou, o *comité* por ele nomeado começou a dar execução ás indicações recebidas, enviando uma missão de propaganda a varias localidades do Alemtejo.

Esta resolução não foi bem vista pelos sindicalistas da C. G. T. que no seu orgão inserem hoje o seguinte aviso:

Aos sindicatos rurais em especial e em geral a toda a organização operária

Tendo chegado ao conhecimento do Comité Confederal que um individuo de nome Cristiano Linhares e que usa tambem o pseudonimo de Décio Beirão, anda pela provincia, segundo afirma com delegacia do Partido Comunista, fazendo propaganda dissolvente da organização sindicalista, este Comité põe de sobreaviso todos os organismos operarios para que recebam condignamente êsse conspicuo e valheiro que procura, com as suas parvoiçadas, estabelecer a confusão na boa fé dos camponezes. Que os trabalhadores organizados continuem a contar apenas com o seu esforço, sem a interferencia nociva dos politicos de qualquer tara, para conquista da sua emancipação, são os votos do

Comité Confederal

Segundo ouvimos a alguns comunistas, estes não desistem de levar a efeito toda a propaganda possivel, dizendo tambem que o aviso do Comité confederal, vem atear mais ainda, se é possivel, as desinteligencias que existem dentro da C. G. T. entre as varias *nuances* socialistas.

Por outro lado, alguns militantes operarios dizem que tencionam levantar a questão na primeira reunião do Conselho Confederal, dando, talvez, origem a que alguns sindicatos abandonem a C. G. T.

Dr. Santos Farinha

Passava hoje o 53.º aniversario do ilustre orador sagrado dr. Santos Farinha, ha pouco falecido. Um grupo de amigos que o notavel amigo da igreja deixou, eclesiasticos e civis, promoveu na egreja do Sacramento, onde ele dissera a sua primeira missa e orou, exequias pela sua alma, constando de missa pelo conego sr. Manuel Anaquim vigario do Patriarcado, e de libera-me tocando no côro uma orquestra de professores, sob a regencia do engenheiro sr. Frederico Taveira.

Ás exequias que foram muito concorridas, assistiu o sr. Cardeal Patriarca.

O principe de Gales

e a sua viagem ao Canadá

LONDRES, 21 — O principe de Gales resolveu já definitivamente a sua partida para o Canadá no dia 15 de Setembro a bordo do «Empress of France» da Nadian Pacific Liner. O principe viajará incognito sob o titulo de duque de Cornwall e chegado a Quebec partirá imediatamente para o seu rancho em Alberta onde com o seu séquito viverá com grande simplicidade. Espera-se que emquanto o principe permanecer no Canadá o seu desejo de viver afastado será respeitado, não sendo aceites quaesquer convites oficiais. O rancho do principe foi comprado em 1919 e está situado proximo de Calgary na base das Montanhas Rochosas. Tem mais de 2.000 acres de extensão, sendo a maior parte terrenos de pastagem e estando 200 acres cultivados. — (R.)

O NEGOCIO DAS CAMBIAIS

Deve o Governo entrega-lo á Caixa Geral dos Depositos

Sendo ele o maior detentor das cambiais, pode tornar impossivel a especulação

A crise financeira está na ordem do dia. O seu aspecto actualmente mais caracteristico é a rarefação da nota com a concomitante baixa do valor da libra o que é um elemento de valioso peso para o Governo se manter no proposito de não aumentar a circulação fiduciaria.

A Alemanha levou a desvalorisação da sua moeda a limites inconcebiveis, mas a Alemanha é um paiz duma altissima capacidade productora manufatureira que póde vêr sem receio do futuro a sua moeda descambar no papel a vender a peso, porque entretanto vai amealhando grandes quantidades de oiro e de moedas valorisadas dos paizes que lhe compram os seus productos. A sua falencia é, portanto, aparente e sabe Deus com que fins é apresentada tão espectaculosamente.

Nós não poderiamos imita-la no fabrico do papel moeda sem cairmos de bôrco nos abismos duma irremediavel ruina.

A todo o custo é necessario evitar esse escolho e, por isso, muito bem faz o Governo suspendendo o trabalho da fabrica de papel moeda.

Um simples calculo aritmético mostra-nos claramente que a desvalorisação da moeda não corresponde e é superior em proporção ao aumento da circulação fiduciaria e essa diferença é a parte que pertence á especulação a que muita gente se entregou na febre de enriquecer depressa.

Faltando os escudos no mercado eles valorisar-se-hão por efeito da conhecida lei da oferta e da procura. Mas não basta isso e a intervenção do Governo no sentido de dar um golpe mortal na especulação e estabilisar o cambio justificar-se-ia na presente ocasião amplamente.

* * *

E' o Governo o maior detentor de cambiais, pois tem os rendimentos aduaneiros em ouro no valor de cerca de 1.200:000 libras, metade das cambiais do comercio de exportação, as cambiais da agencia financial do Rio de Janeiro e as de S. Tomé.

Alguns jornaes afirmam estar o Governo no proposito de arrecadar todas as cambiais do comercio de exportação o que equivaleria a assumir a situação do unico possuidor de cambiais.

A medida é um tanto ou quanto violenta e restritiva da liberdade de cada um, mas a crise que atravessamos, justifica-a com a necessidade de acudir rapida e energicamente ao actual estado de coisas que não é isento de perigos sérios. Póde, portanto, admitir-se a titulo provisorio, a curto praso, unica e simplesmente para vigorar emquanto durar o perido agudo da crise. Nestas condições, entregando o negocio das cambiais á Caixa Geral de Depositos, unico estabelecimento bancario do Estado, o Governo tornará impossivel a especulação que muito tem agravado a situação e poderá estabilisar o cambio, pois em circunstancias muito favoraveis para marcar preço ao oiro. Claro que deveria para isso usar das cautelas necessarias para não deixar ir abaixo algumas casas comerciais e bancarias, mas, elevando a pouco e pouco a divisa cambial, poderia fixa-la em 5 ou 6. Seria já um enorme alivio em comparação com a crise presente e isto bastaria só por si para fundamentar a medida a que acima aludimos, anunciada por alguns jornais.

Dão-se nesta crise casos curiosos. Muitos comerciantes ricos, riquissimos, têm os seus estabelecimentos periclitantes com falta de capital.

A explicação é simples. Esses comerciantes tinham antes da guerra um capital X com escudos correspondentes a um capital Y em oiro. Veio a desvalorisação da moeda, o encarecimento de todas as coisas, avolumou-se o numerario de todas as transações e esses comerciantes ao vêrem entrar pela porta dentro tão enorme quantidade de escudos, esfregaram as mãos de contentes perante tão fabulosos lucros e desataram a comprar casas, quintas, automoveis e a desperdiçar dinheiro em prazeres vários, na grande vida. Não perceberam que estavam vivendo á custa do *capital* do seu estabelecimento que, conservando-se no mesmo x escudos, não corresponde hoje senão a $\frac{Y}{20}$ oiro.

Possuem, é certo, valores vários, casas, quintas, automoveis, ricos mobiliarios, etc., mas se quizerem acudir ao seu estabelecimento terão de se desfazer deles, visto não conseguirem agora que os bancos lhes emprestem dinheiro.

Muito poucos foram em Lisboa os comerciantes que tiveram o senso de reforçarem o capital escudos X, de modo a corresponder a Y oiro. Esses poucos estão hoje em circunstancias desafogadissimas o que é o natural e justo prémio da sua sábia previdencia.

EM LISBOA

Os casamentos e os divorcios

do mez de abril de 1922 — Qual a freguesia onde se casa mais?

Está publicado o boletim da Estatistica Demografico e Sanitaria da cidade de Lisboa relativo a Abril de 1922. E' atrazado bastante, mas emfim, nem por isso os numeros que aponta deixam de ser interessantes. Por eles se verifica que os casamentos em Lisboa foram nesses 30 dias em numero de 462, sendo 398 de solteiros com solteiras, 11 de solteiros com viuvas — estão muito bor baixo as tristes viuvinhas... — e 4 de solteiros com divorciadas. Os viuvos casaram com 36 solteiras e com 5 viuvas, não tendo havido nenhum que se abalançasse a casar com divorciadas. Houve divorciados que casaram com 11 solteiras e com 2 divorciadas, só se registando 1 casamento de divorciado com viuva.

De 1 de Janeiro até 30 de Abril de 1922 efectuaram-se em Lisboa 1.518 casamentos.

Houve 6 mulheres de mais de 50 anos que casaram com homens solteiros e 1 que casou com um viuvo. Mas houve tambem um homem solteiro que se prendeu pelos laços do matrimonio a 1 viuva de mais de 55 anos.

Qual foi, porém, a freguezia de Lisboa, onde se efectuaram mais casamentos? Na de S. Sebastião da Pedreira, onde se registaram 27, figurando, em seguida, a de Santa Isabel, com 19. Apontamos estes numeros para as lisboetas solteiras saberem para onde devem ir morar, fugindo o mais possivel das freguesias de S. Cristovam e S. Lourenço, Sé, Campo Grande, Carnide, Charneca, Lumiar, Conceição Nova e Sacramento, nas quais só houve durante o mez de Abril 1 casamento.

Os divorcios foram em numero de 17, figurando entre os divorciados 2 de 50 a 54 anos, 1 dos 55 aos 59 e 4 de 60 ou mais anos. Entre as divorciadas conta-se 1 dos 50 aos 54 anos, 3 dos 55 aos 59 e 2 de 60 ou mais anos.

Os divorcios desde 1 de Janeiro a fins de Abril de 1922 foram em numero de 93.

O misterio do Além

O que ha depois da morte?

Vai dizê-lo, na "Capital", o romancista inglez Robert Benson

O romance que em breve **A CAPITAL** começará a publicar em folhetins é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os perturbadores enigmas do alem-tumulo.

Quem não tem pensado, no mundo, em rehaver aqueles que lhe são queridos, e que a morte lhes arrebatou? Comunicar com eles, sentir de novo o ambiente da sua ternura, conhecer, tanto quanto possivel, as condições em que se desenrola a sua nova existencia? Esta anciosa necessidade das almas que ficaram, procurando vencer o espaço, anular o tempo, descobrir a verdade, tem sido o incentivo de todas as altas locubrações do espirito. As proprias religiões não a renegam. Prometem, no ceu, (ou pelo menos deixam vislumbrar essa esperança), a reunião eterna dos que, na terra, em laços afectivos se ligaram. Mas isso ainda a muitos não satisfaz. E' em vida, e em vida terrestre, que anceiam por quebrar as cadeias do misterio. De ahi todas as praticas sibilinas, que outrora foram consideradas de magia ou feitiçaria pura, e que hoje procuram, atravez dos chamados fenomenos espiritistas, chegar a uma certeza positiva no dominio das sciencias psichicas.

O romance **O REINO DO MISTERIO** expõe, de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração palpavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação escandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

E' autor de **O REINO DO MISTERIO** o ilustre romancista inglês Robert Hugh Benson, ha pouco falecido em plena florescencia do seu previlegiado espirito e que em outras narrativas, como «O Senhor do Mundo», «A Luz Invisivel» e as «Confissões de um Convertido» deixou assinaladas as suas faculdades de observação, a sua flagrante noção dos dramas da vida, o seu sentimento sobrio, mas profundo, expressando-se num estilo corrente e limpido, cuja principal beleza está na sua natural simplicidade. No seu genero, **O REINO DO MISTERIO** é uma obra prima impregnada da côr local e que em certos pontos faz lembrar as melhores paginas de Thackeray e Dickens.

Temos a certeza de que **O REINO DO MISTERIO** ha-de interessar vivamente os leitores de **A CAPITAL** tanto mais que marca uma nota de grande originalidade entre os trabalhos desta natureza.

Leiam, pois, na «Capital» o formosissimo romance a partir do dia 25 do corrente.

NOTAS A LAPIS

Invenções... inven ionices

A guerra aerea, se continuam as descobertas e invenções, reserva-nos coisas prodigiosas.

Recentemente noticiaram ... jornaes que um alemão teria descoberto novas ondas capazes de parar instantaneamente os magnetos. Agora um belga escreve ao jornal «Le XX.e Siècle», dizendo que não só é capaz de pessoalmente realisar aquela invenção, mas tambem de impedir a acção de novas ondas sobre os magnetos, por um dispositivo especial. Mas não é tudo. Diz tambem que conhece o meio de queimar a distancia todas as estações inimigas, mesmo os seus aviões em pleno vôo e de destruir a famosa estação de Nauen.

Será verdade? Tudo isso é possivel, visto terem-se realisado as coisas mais inverosimeis, nesta materia, nos ultimos vinte anos. Chegará o dia em que seremos massacrados, reduzidos a pó, por uma força misteriosa, movida por qualquer phisico no seu gabinete de trabalho...

Os banhos de Mussolini

As ferias de Mussolini são de curta duração.

Enquanto os deputados italianos—e os nossos tambem—se espalharam pelos quatro cantos do paiz, o primeiro ministro italiano contenta-se de tempos a tempos, em ir jantar a Nettuno, praia minuscula a poucos kilometros de Roma, onde dá o seu passeio de canôa e toma o seu banho de mar.

Isso lhe valeu o outro dia uma pequena aventura.

Estava só no seu barco, quando uma banhista, que o reconheceu, se aproximou, agarrando-se á borda; galantemente Mussoline ajudou-a a trepar. Logo outros banhistas reclamaram o mesmo favor e o ministro teve de admitir tantos passageiros quantos couberam no pequeno barco. Instantes depois, quando se lançou á agua, foi seguido por todas as pessoas, homens e senhoras, que sabiam nadar.

Quando voltou a terra, vestiu-se rapidamente e regressou a Roma.

Mel... amargo

Informações que nos chegam dizem-nos que alguns agricultores se queixam de que, devido aos grandes calores, o mel que este ano se colheu, sendo de uma côr escura, é—oh! decepção!—de sabor amargo. As abelhas não encontrando flores em cujos calices se alimentem, vão procurar alimentos nas folhas de certas arvores, de que elas são tambem bastante gulosas.

O mel, o doce mel dos favos, amargo! Como tudo está mudado neste mundo!

5.000 partos

Dizem de Cambrai que no burgo de Haussy vive uma parteira de 88 anos e exercendo ha mais de 60 a sua profissão, tendo já assistido a mais de 5.000 partos. A edade, diz o telegrama, não alterou a segurança dos seus meios profissionais, nem enfraqueceu a fé na sua arte, que ela considera, e com razão, o mais nobre dos sacerdocios. O conselho municipal solicitou uma recompensa para tão dedicada servidora e, de facto, bem a merece.

Qual será a parteira portuguesa que mais se lhe aproxime?

Duas fotografias

Um jornal espanhol conta a seguinte anedocta:

«A Espanha era ha anos representada em S. Petersburgo por um aristocrata faustoso e gastador como ninguem—o duque d'Ossuna—que dispersava sem escrupulo o patrimonio familiar.

Um dia, esse nobre diplomata enviou a seus irmãos, que estavam em Madrid, uma fotografia em que ele aparecia vestido com uma soberba pelissa que o czar lhe oferecera tendo na cabeça um gorro não menos rico.

Por baixo da fotografia, escreveu estas palavras:

—«Eu ando assim !»

Apenas receberam esse retrato, os irmãos do embaixador correram a uma fotografia e fizeram-se fotografar no costume... de Adão, enviando-a ao faustoso diplomata, com as seguintes palavras:

—«Tu deixaste-nos assim!»

As reparações alemãs

O que pensa o senador americano Booth

WASHINGTON, 22— O senador Booth, depois de regressar da Europa, teve uma entrevista com o presidente Coolidge. Declarou-lhe que o problema das reparações só pode ser resolvida quando os paizes interessados compreendam que o que está em jogo são principios economicos e não principios politicos, Mostrou-se de opinião que a questão das reparações será resolvida dentro de breve tempo, mas que o dinheiro para regular essa questão deve no fim de todas as discussões ser pedido aos Estados Unidos.—(R.)

A resposta da França á Inglaterra

LONDRES, 22—A resposta francesa á nota inglesa sobre a questão das reparações compreende um novo plano definitivo de reparações. A França sugere que a Alemanha devia ser compelida a pagar um total de 2.600.000.000 de libras esterlinas assim dividido: Inglaterra: 710 milhões, para o que a Inglaterra deve aos Estados Unidos por conta da França, 1.300 milhões, por conta da Belgica 590 milhões. Na mesma nota se diz que o inquerito á capacidade alemã de pagamento é desnecessaria e que se a Alemanha garantir o pagamento da soma mencionada por emprestimos ou por qualquer garantia positiva de ordem financeira, a ocupação do Ruhr terminará em curto prazo.—(R.)

Os separatistas alemães

COLONIA, 22—Aumentam as tendencias separatistas. Os franceses favorecem claramente essas tendencias indo até ao ponto de permitir aos partidarios da separação que se armem para defender os seus propositos.—(R.)

Major Filipe de Sousa

O paquete "Funchal,, só amanhã, pelas 8 horas estará no Tejo

Por ter saido algumas horas mais tarde da Madeira, só amanhã, de manhã, entrará a barra o paquete «Funchal», da E. I. de Navegação, em que virá o major sr. Filipe de Sousa.

Por telegramas particulares, sabe-se que, á sua passagem pelas cidades de Ponta Delgada e Funchal, foi álvo de calorosas manifestações de simpatia, tendo-lhe sido oferecido naquelas cidades grandes banquetes de homenagem.

Desconhecendo ainda a hora certa da chegada do paquete «Funchal» e julgando que chegaria á hora préviamente indicada, acorreram hoje ao cáis de Santos inumeros amigos e correligionarios do ilustre politico a fim de lhe prestarem as suas homenagens.

Amanhã, como já foi noticiado, realizar-se-ha, pelas 21 horas, no Centro Republicano Radical, á rua Voz do Operario, uma sessão em honra do major sr. Filipe de Sousa, para a qual estão convidados todos os filiados no Partido Republicano Radical e ainda os velhos republicanos que queiram associar-se a uma tão justa homenagem.

No domingo realisar-se-ha, pelas 13 horas, um almoço de confraternisação na Quinta do Charquinho, a Bemfica, achando-se a inscrição aberta até á noite de amanhã na tabacaria da «Brasileira».

ULTIMA HORA

POLITICA DO PÃO

Não é verdade que o Ministerio da Agricultura haja pedido qualquer importancia para a compra de trigo exotico

Quando o sr. Soares Branco, funcionario exemplar no entender dos que nisto de bons e maus burocratas sabem, pediu a sua demissão houve quem a filiasse num pedido do sr. Fontoura da Costa de quinhentas mil libras para a compra de trigo exotico, pedido esse a que a Inspeção de Cambios negara o seu visto.

Vae a historia do caso, que por ele merece ser contada. Disse então «A Capital» e disse-o com a garantia de segura informação, que tal pedido não chegara a ser feito. Não chegara a ser feito porque no Ministerio da Agricultura se não ignorava o proposito em que se encontrava a gente das finanças de recusar autorisações a tudo o que pudesse representar o agravamento de cambio.

Agora voltou a falar-se no assunto. O sr. dr. Joaquim Ribeiro teria, no diser dos que manejam o boato com a segurança de quem maneja uma arma perigosa, recusando o pedido do seu antecessor, tendo a esse pedido correspondido uma recusa formal.

O Ministro da Agricultura, com quem hoje um redactor de «A Capital» se avistou afim de esclarecer o caso pôlo nos seguintes e curiosos termos:

—Mas então para que serviriam as quotas de rateio, a que lancei mão; se fosse intenção minha pedir dinheiro para a compra do trigo exotico? Mas então para onde iam parar as minhas declarações feitas sempre de maneira tão categorica?

E o ministro continua:

—Não ha nada do que dizem posso afirmar-lho.

—Mas o boato não tem fundamento nenhum?

—Sim senhor. O que deve haver são pedidos de companhias que fabricam pão e que desejam adquirir trigo lá fóra. E como uma parte desses pedidos não foi, naturalmente satisfeita pela Inspeção, de ahi o começar-se a dizer que o pedido era meu e que o pedido fora indeferido.

—E o que motivaria essa recusa da Inspeção?

—Suponho que o facto de eles pretendem adquirir o trigo de que carecem todo de uma vez. Isso iria alterar de maneira sensivel as divisas cambiais:

—Mas v. ex.ª não é contra a importação de trigos?

—Nem posso ser, neste momento. Por duas razões. Primeiro, porque o trigo nacional não chega para satisfazer as necessidades de um ano de consumo. Segundo porque a vinda de trigo exotico obrigará os nossos lavradores a manifestarem o seu, coisa que até agora não tem acontecido.

E' necessario que o preço — padrão torne automaticamente, para o agricultor, o preço minimo. E isso só se conseguirá com uma concorrencia que nos representa para o Estado inconvenientes de qualquer especie.

Quanto aos pedidos de particulares para a compra de trigo, isso já não é nada comigo. Trata-se de pessoas que tratam directamente com o Ministerio das Finanças e com as quaes eu nada tenho.

De momento é realmente necessario importar, para não importar depois e para embaratecer.

A minha impressão é de que tudo caminha normalmente não havendo motivo para receios.

E já que estou tratando de preços deixe-me que lhe diga os preços por que a conhecida «Sociedade Aliança» fnecerá as su as farinhas e o seu pão.

Farinha de 1.ª a 3$00, de 2.ª a 1$86, de 3.ª 1$08. Pão de 1.ª a 2$50, de 2.ª a 1$60, de 3.ª a 1$00.

O que como se vê não constitue motivo para provocar o desanimo ou nos convidar a desistir do caminho que iniciamos.

O MOMENTO FINANCEIRO

"Se o Estado não aumenta a circulação fiduciaria, a libra baixará rapidamente depois de um periodo de oscilações"

Uma palestra elucidativa onde a questão é posta nos seu devidos temros

O cambio melhora. Depois de todos os anuncios de crise, depois de ameaças, insinuações e gritos de toda a ordem, o preço da libra começa a baixar lentamente, gradualmente.

Motivos desta mudança brusca? Muitos e complexos. Mas, se o leitor quere saber o principal motivo, acompanhe-nos nesta palestra que hoje tivemos com alguem que no nosso meio gosa de uma segura reputação em materia de finanças, sendo, alem disso, pela sua audacia e conhecimento de causa, pessoa digna de ser atentamente ouvida.

Dizia assim o nosso informador:

— Isto é consequencia directa e imediata da politica de repressão fiduciaria, ha cerca de três meses iniciada pelo Banco de Portugal.

«A que visava essa politica? A provocar o aparecimento do ouro na praça. Os resultados começam agora a ser vistos. Ha, emfim, quem venda parte do seu ouro.

— E como se conseguiu esse resultado?

— Simplesmente fechando a torneira das notas. Porque o problema é muito mais simples do que muitos querem fazer-nos supôr. Ha quem tenha interesse em embrulhar todas estas coisas num manto abafadiço de sabedoria. Porquê? Para quê?

Esperamos que o nosso interlocutor respondesse ás preguntas que a si proprio formulara.

— Porque convem a todos os individuos que andam metidos em negocios que esses negocios fiquem no desconhecimento da opinião publica; para que os outros funcionem sempre de ignorantes perante a sabedoria desses manejadores de interesses.

— E a politica de repressão continua?

—Sim, senhor. Mais fortemente do que nunca. O novo ministro das Finanças já deve, a estas horas, estar aquelas dificuldades que ila- situação.

«Antes de mais nada, tem de afastar aquelas dificuldades que ilaquearam o seu antecessor. São muitas essas dificuldades e encontram-se principalmente no regimen de impostos. Tem de as afastar, se quizer viver, o sr. Velhinho Correia.

— E o cambio continuará a melhorar?

— Se quere a minha opinião, devo dizer-lhe que de começo sofrerá alterações, melhorando e peorando alternadamente. Mas depois...

— Depois?

— Depois, melhorará de vez, que lho garanto eu. Tanto é que o Estado não atire cá para fora nem mais uma nota. Os possuidores de ouro hão de trazê-lo necessariamente ao mercado, atacando as suas reservas para satisfazer compromissos tomados. Agora a situação está claramente posta. Não ha falta de escudos na praça. Nem se compreenderia mesmo que num país como o nosso não bastasse um valor circulante de mais de um milhão de contos. O que ha é escudos indevidamente empregados na compra de ouro depois colocado lá fora. Desde que esse ouro comece a entrar, tudo melhorará.

— E a recolha do dinheiro do emprestimo?

— Garanto-lhe que está quasi todo o dinheiro recebido. Falta apenas a pequena parte que foi para o Brasil e que ha uma certa dificuldade em receber revido á atitude tomada pelo ministro da Fazenda brasileiro. O resto fica recebido no fim deste mês. São, pelo menos, cento e cincoenta mil contos.

— Quanto a impostos?

— Está atrazadissimo o seu recebimento. Em torno da vaga deixada pelo sr. Julio Maria Baptista têm-se degladiado influencias, de forma que o serviço encontra-se, por isso, todo prejudicado. Se o Estado recolher o que lhe devem e aplicar convenientemente o dinheiro do emprestimo, mete em caixa o preciso para a satisfação das suas necessidades. E então não ha maneira de justificar o aumento de circulação. E, se esta se não fizer, continuando-se a politica de repressão da nota, verá como a libra desce rapidamente depois de um periodo de incerteza. Porque, afinal, tambem já se começa a fazer tarde para meter isto nos eixos.

* * *

As direcções da Associação Comercial de Lisboa e da Associação Industrial Portugueza, conferenciaram hoje demoradamente com o sr. ministro das finanças, acerca da situação da praça por falta de numerario em circulação e da criação do cheque cruzado e de camaras de compensação.

AS GREVES

Devem retomar amanhã o trabalho os grevistas da Exploração do Porto

Manteve-se, durante o dia de hoje, a grève do pessoal assalariado da Exploração do Porto de Lisboa, tendo a comissão de melhoramentos feito algumas diligencias junto do sr. ministro do Comercio e do director da E. P. L., das quais dará contas á assembleia magna da classe, que se deve realisar á noite.

Durante o dia, patrulhas de cavalaria policiaram os entrepostos, no sentido de evitarem quaisquer actos de *sabotage* ou atentados dinamitistas.

Segundo ouvimos, a grève apenas é de 24 horas, devendo o pessoal retomar amanhã o trabalho, á hora habitual.

OS T. M. E.

Uma reunião de maritimos de longo curso

Reuniram esta tarde as classes maritimas de longo curso, para apreciarem as *démarches* da Federação Maritima, junto do Governo, para a solução da questão da venda dos barcos pertencentes aos T. M. E., que se encontram amarrados, causando uma *chomage* na classe maritima, de 3.000 homens.

Falaram varios oradores, que criticaram a acção do Governo, por não ter ainda solucionado a questão, dando assim origem, não só a uma crise de trabalho dos homens de mar, como causando bastantes prejuizos ao país.

As finanças francesas

LONDRES 22 — Os numeros apresentados pelo ministro francez das Finanças mostrando o aumento dos rendimentos nacionais, foram lidos com amigavel interesse na Inglaterra apesar de que para se tirarem conclusões necessario se torna saber axatamente quais as despezas que o novo orçamento comporta. — (R.)

Pretos e brancos

Abusos cometidos em Paris

PARIS, 22 — O governo francez proibiu a representação do film «O nascimento da nação» que representa a historia da guerra civil na America. O motivo da proibição é atribuido ao desejo que os franceses têm de não ferir a sensibilidade dos negros que representaram nessa guerra um papel muito pouco simpatico, segundo o citado film. — (R.)

Tendo alguns ingleses e americanos, de passagem em Paris, expulsado dos cafés e de casas de diversões grande numero de negros das colonias francesas, os jornais abriram uma vigorosa campanha contra esse facto e no sentido de serem adoptadas medidas tendentes a fazer respeita-los como cidadãos franceses.

Tarde politica

As manobras da finança — O sucessor do sr. Antonio Maria da Silva — Ordem publica

Não afrouxaram os boatos de conspiração. O Governo, pelo menos, continua manifestando uma sem evidente inquietação. Hoje estiveram no gabinete do sr. presidente do Ministerio, entre outras individualidades politicas e pessoas que têm o encargo de velar pela ordem, o general sr. Vieira da Rocha e o sr. governador civil de Lisboa.

Foi demorada a conferencia, nada transpirando, porém, sobre as medidas que certamente foram tomadas.

Continuamos a afirmar que, na conjuntura presente, com uma pavorosa crise financeira a perturbar toda a actividade da Nação, qualquer movimento revolucionario só pode liquidar no cáos.

Longe vão os agouros. Quem atear, em pleitos armados, o odio latente que referve á nossa roda, maltrata o país nos seus mais sagrados interesses, inclusivé no conceito de estranhos, que devemos melhorar pela ordem e pelo trabalho util e inteligente.

De resto, por muita carencia que o Governo tenha de qualidades politicas á altura das singulares circunstancias do momento, a sua carreira chegou ao fim, poucos meses lhe restando de vida.

* * *

Conversavamos com o fogoso deputado sr. dr. Carlos Pereira, quando, a certa altura, nos surge um antigo ministro das Finanças.

O jornalista não perdeu a ocasião.

— E a crise financeira?

— Creio ter passado a hora do perigo. De resto, se o momento é grave, na situação das ultimas horas houve grande especulação por parte dos que se preparavam para tirar grande proveito do cambio na casa 1...

— Mas, de facto, não ha falta numerario?

— Certamente que ha, mas menos do que querem fazer supôr. Ha mês e meio, uma importante casa bancaria não pagou a um dos seus melhores clientes um cheque de 300 contos. Chegou isso ao meu conhecimento e encarreguei a inspecção de cambios de conhecer da situação desse estabelecimento.

«Vim a saber que no dia imediato comprara 20.000 libras. Suponho que não ficam duvidas a respeito dos proposit... triotas...

— E o que julga da melhoria brusca do cambio?

— E' outro artificio, contra o qual o Estado deve precaver-se.

E, para fechar, o ex-ministro conta-nos este facto inedicto:

— Quando entrei para o ministerio o cambio nesse dia desceu a 1 15|16—1 35|36. Era o pavor. Interditei a publicação destes numeros. Apenas o Ultramarino transgrediu o meu desejo afixando em Paris essa cotação. Dei-lhe um apertão e no dia imediato tinha-se remediado o inconveniente.

O sr. dr. Afonso Costa esteve ontem no Porto. Conversando com um amigo declarou-se disposto a voltar á actividade politica, quando o julgasse oportuno.

O antigo chefe do P. R. P. é de opinião de que ao actual governo não deve suceder outros que não seja de concentração publica.

Vê-se que s. ex.ª, logo após a posse do novo chefe do Estado, chefiará esse governo, se encontrar colaboradores.

Não sabemos ainda com que parlamento pretenderá governar. O actual não lhe facilitará o caminho. Presume-se nesta conjectura, que o sr. Afonso Costa conta com a dissolução parlamentar.

NA AMERICA DO NORTE

UM CODIGO DE JORNALISMO

Só agora os americanos o formulam, com regras ha muita usadas na Europa

Ha meses, a «American Society of Newspapers Editors», (Sociedade Americana de Editores de Jornaes) adoptou um codigo de principios ou fundamentos moraes do jornalismo que talvez seja unico no mundo inteiro. Não se vá por isso crêr que a imprensa norte-americana é a mais pura do planeta. Os códigos surgem ali precisamente onde existia antes a falta ou o delicto. Nenhuma imprensa de qualquer paiz se distinguiu até hoje, como a norte-americana, em fomentar os graves vicios que agora ela propria condena no aludido Código. Isto revela um principio de emenda merecedor dos mais calorosos aplausos, porque a imprensa americana começava a fazer proselitos noutras latitudes e longitudes do orbe, com grave detrimento para a alta missão moral do jornalismo. Bom será pois que a emenda do mestre seja seguida pelos discipulos. Como sobre este ponto não temos a censurar em nada a consciencia, vamos glosar o novo e flamante Código do jornalismo...

O Código é um heptalogo ou conjunto de sete regras. Algumas delas poderiam fundir-se em uma só, mas seguiremos a ordem e a enumeração do singular documento. A primeira regra alude ao principio de responsabilidade. O direito de um periodico conquistar e manter leitores, não deve ultrapassar nunca o interesse publico. Ou o que é o mesmo: um jornal é um instrumento publico que não deve atender exclusivamente os interesses privados.

«O jornalista — diz o Código — que emprega o seu poder para fins egoistas ou de qualquer modo indignos, é infiel a uma grande missão.»

A segunda regra obriga a defender a liberdade de imprensa. Isto parecerá uma redundancia, porque imprensa sem liberdade é um contrasenso; mas algumas vezes dá-se o aabsurdo de que haja jornaes que defendem o amordaçamento, sob diversas formas, da imprensa, porque assim lhes convem particularmente ou aos governantes a quem servem. Logo vem a regra da independencia, que nalguns aspectos coincide com a de responsabilidade: nem os interesses privados nem os de partido devem afastar um jornal da verdade, tanto nos editoriaes como nas secções de noticias. A quarta regra aconselha «sinceridade, veracidade, exactidão, boa-fé para com o leitor», e até nos grandes titulos, que «devem estar justificados plenamente pelo contexto dos artigos que anunciam». Quinta: imparcialidade, distinguindo «entre narrativas de informação e expressões de opinião». Interessante regra para os criticos: «devem possuir autoridade fundada no conhecimento, simpatia fundada na compreensão, independencia de juizo que requer completa liberdade». Sexta: equidade, para não fazer acusações sem ouvir o acusado, para «não invadir os direitos ou os sentimentos privados sem estar seguro de apoiar-se no direito publico ou na curiosidade publica», e para rectificar de prompto e por completo graves êrros de facto ou de opinião. A ultima regra, que se refere á decencia profissional, merece uma transcrição na integra:

«Um jornal não pode escapar á acusação de falta de sinceridade se, fazendo protestos de altos propositos moraes, subministra incentivos ás baixas paixões, tal como podem encontrar-se nos detalhes do crime e do vicio, cuja publicação não corresponda evidentemente ao bem geral. Carecendo de autoridades para impor os seus cânones, o jornalismo assim representado não pode senão expressar a esperança de que o deliberado estimulo aos maus instinctos seja objecto da reprovação publica ou ceda á influencia de uma preponderante condenação profissional.»

A lista das regras do bom jornalismo não está certamente completa nas mencionadas, cuja maior virtude consiste, sem duvida, em que elas tendem a ir creando uma consciencia profissional honrada e imbuida da sua grande missão como instrumento de conhecimento e de ética publica.

Mas seria um motivo de orgulho para todos que o jornalismo do mundo inteiro não necessitasse já de tais códigos moraes, senão tacitamente.

Ao abandono

Uma situação que não pode continuar

Lisboa encontra-se quasi totalmente privada de serviços farmaceuticos durante a noite. Alem das farmacias fecharem muito cedo, o que traz grandes transtornos e inconveniencias para o publico, as que estão de serviço, na sua area, desligam a campainha e não atendem quem quer que seja que lhes vá bater á porta a requisitar o aviamento de uma receita.

Ainda a noite passada, uma senhora, perdida com dôres, percorreu todas as farmacias de serviço, desde o largo de S. Paulo até ao Conde Redondo e nenhuma a atendeu.

Em ultimo recurso e já perto das 3 horas da manhã, foi bater á Misericordia, onde foi servida.

Ora isto não se pode tolerar numa cidade como Lisboa.

O que vae pelo mundo

Uma exposição interessante

LONDRES, 21 — A exposição do imperio britanico que se realisará em Wembley proximo desta cidade terá um aspecto de enorme grandiosidade. Apresentar-se-hão nela pequenas colonias de indigenas dos pontos mais distantes do imperio que viverão em condições que reproduzam a maneira de viver dos seus proprios paizes. Tomarão parte na exposição chinezes, burmeses, malaios, africanos da Africa Oriental, indios e outros povos que darão á exposição um enorme colorido. Assim, por exemplo parte da exposição que se refere a um Hong-Kong reproduzirá uma rua desta colonia ingleza e ver-se-ha nela os chinezes trabalhando nas suas industrias nativas e os restaurantes chinezes terão apenas pessoal chinez. Na secção da Guyana britanica os visitantes verão os naturais trabalhando em imitações de minas de diamantes. Todas as secções serão de um grande interesse e deseja-se nelas manter o mais possivel a côr local. — (R.)

Um jornal que morre

BERLIM, 21 — O «Dziennik Berlinski», orgão dos polacos de Berlim que se publicava ha 26 anos, suspendeu a sua publicação por falta de assinantes. Isto é devido a que a leitura desse jornal não interessa aos polacos que viviam em territorio alemão e tambem porque os polacos de Berlim emigraram em massa para a sua patria. — (R.)

A Inglaterra e a Russia

MOSCOU, 22 — Numa entrevista concedida por Marshall membro da missão comercial inglesa este disse que havia toda a esperança de se chegar a fins concretos renovando-se imediatamente as relações com as empresas que se estavam formando com o auxilio do Estado. O acolhimento feito á missão russa constitue uma garantia bastante dum proximo acordo.

A grandiosa envergadura da exposição agricola fez ressaltar a importancia das relações entre a Inglaterra e a Russia podendo aquele paiz encontrar nos mercados agricolas russos tudo o que necessita. O futuro das relações comerciais russo-inglezas anuncia-se brilhante. A opinião de todos os visitantes da exposição é que a Russia conseguiu mostrar nela os seus reaes progressos e um futuro cheio de esperanças. A comparticipação na exposição das potencias estrangeiras justifica a confiança no estabelecimento de duraveis relaações economicas entre a Russia e as nações occidentaes. — (R.)

A Russia e os operarios bulgaros

MOSCOU, 22 — O comité executivo internacional comunista lançou um apelo ao proletariado de todos os paizes denunciando o inadmissivel caporalismo que reina na Bulgaria e que esmaga pesadamente os operarios e os camponezes bulgaros.

Os sociais democratas que aderiram á terceira internacional protestam contra as sentenças do Pledna, protestando tambem contra a maneira como são tratados os operarios bulgaros e manifestando-lhe a sua solidariedade.

Os operarios que estão filiados na internacional de Hamburgo devem-se tambem pronunciar ou solidarizando-se com os operarios bulgaros ou concordando com os seus carrascos. — (R.)

NECROLOGIA

SUFRAGIO

Mandada resar por sua familia, realisa-se amanhã, pelas 10 e 30, na igreja de Santa Izabel, uma missa do 30.º dia, sufragando a alma da sr.ª D. Antonio Branco Martins de Almeida, extremosa mãe do nosso amigo sr. Augusto Branco Martins, chefe da repartição das licenças da Camara Municipal de Lisboa.

Teatros --- Musica --- Cinemas

PEÇAS E AUTORES

"O boneco de sabugo"

O que é nova revista de Eduardo Schwalbach

A SUA NOVA PEÇA PARA A REABERTURA DO TEATRO DA TRINDADE — «O PARLAPATÃO» E O «PÉ DE MEIA»

Eduardo Schwalbach, o sempre moço e querido comediografo, espirito scintilante de artista, aquele que melhor tem sabido traduzir em teatro as nossas fraquezas, os nossos ridiculos, os nossos sentimentos, anuncia-nos para breve mais uma revista de costumes.

Auctor que o publico tanto aprecia pela probidade e delicadesa que sabe pôr nas suas obras — muito acima dos moldes vulgares em que baseiam os seus trabalhos os outros cultores da revista — Eduardo Schwalbach diz hoje aos nossos leitores algumas palavras reveladoras, que hão-de interessar o publico.

* * *

O ilustre escriptor mostra-se um pouco surpreendido quando o interrogamos, num pequeno interior recheado de moveis antigos, talvez por que involuntariamente o fossemos roubar ao seu labor. Nada daquela vivacidade clara e espirituosa que transparece no sal tão portuguez das suas obras — apenas gestos moles de doente, frases arrastadas e curtas de pessoa cançada...

—...E' a revista um genero de teatro — diz-nos, já em pleno dialogo — que reputo altamente educativo para o publico, porque a brincar, fazendo rir, se lhe vai dizendo onde estão os seus defeitos e se vão corrigindo os seus vicios. *Castigat ridendo mores*, como diziam os nossos avós do Lacio.

—Até o Gil Vicente assim pensava e fazia — opinámos, lembrando nos da tendencia vicentina das revistas de Schwalbach.

— E deixe-me dizer-lhe, a proposito — retorquiu — que não conheço melhor quadro de revista do que a «Fragua d'Amor», de Gil Vicente.

— E' a revista o genero que mais prefere? Acha-o simples?

— Tenho tratado varios generos, como o publico sabe, e creia que não acho a revista o mais simples. Pelo contrario, é para mim o mais dificil, desde que realise o meu desejo dentro dêle.

Iria o auctor da «Princesa Magalona» e do «Chico das Pêgas» enveredar por outro caminho, agora, na sua nova revista? Era o que se dizia...

Fizemos a pergunta e Schwalbach respondeu-nos:

— Afastei-me completamente da maneira que adoptára até agora, pondo de parte neste meu novo trabalho os assuntos historicos. Dei-lhe principio, meio e fim, dentro de toda uma feição moderna.

E continuou, despertada inteiramente a nossa curiosidade:

— Primeiro, porque sou um espirito evolutivo, e depois, porque o estado do meio social de hoje não permite escrever como se escrevia ha dez anos. No proprio titulo da minha nova revista, Boneco de Sabugo», parecendo que ha apenas um motivo de troça, uma simples brincadeira, eu quiz deixar fixada uma ideia...

O notavel homem de teatro não nos disse qual era essa ideia, pois por emquanto é segredo de auctor que não deu ainda a publico o seu trabalho.

Mas proseguiu:

— Pode dizer, sem réclamo, que terá grande deslumbramento de scenario e guarda-roupa, respectivamente de Mergulhão e Salvador e Valverde; a musica é de Del Negro e Alves Coelho.

— Quais as principais caracteristicas do seu trabalho?

— Será uma revista muito variada e alegre, e toda ela, toda ela sobre coisas portuguesas.

— Com motivos regionais?

— Um dos quadros passa-se na Feira dos Remedios, em Lamego, que começa agora em setembro.

* * *

Mas Schwalbach não repousa. Dados os ultimos retoques no «Boneco de sabugo», o extraordinario humorista está actualisando o seu famoso «Pé de Meia», que subirá á scena no Apolo e trabalha dia a dia na peça com que Aura Abranches reabrirá o teatro da Trindade.

Conjuntamente representar-se-ha pela primeira vez em Lisboa e no Porto a peça que escreveu para Chaby representar no Brasil — «O Parlapatão».

— Estou estafado — disse-nos, num gesto de resignação, o ilustre dramaturgo.

Por isso não quizemos cança-lo mais.

Noticiario

Entre nós

A revista «O Fado Corrido» será ampliada no sabado com um quadro novo. Os papeis da simpatica actriz Alda de Sousa serão, a partir do dia 1 de setembro, desempenhados pela novel actriz Guilhermina de Paiva.

— A empresa Antonio Macedo está em negociações com as sociedades proprietarias dos teatros Aguia de Ouro, do Porto, e Maria Victoria, de Lisboa, para os explorar na época de inverno.

— Consta que a grande Duse dará alguns espectaculos em Lisboa no proximo inverno.

— Foram ontem despachados na Alfandega os leões de um domador internacional, que vai trabalhar para o Eden Teatro.

— A actriz Laura Costa vai em novembro proximo ao estrangeiro numa digressão.

— A actriz Deolinda Saial pensa em dedicar-se ao genero variedades.

— Estão trabalhando em Matosinhos os artistas Adelina Abranches e Alexandre de Azevedo. A companhia Amelia Rey Colaço, trabalhará no Sá da Bandeira, do Porto, todo o mez de setembro. Na Covilhã encontra-se a tournée do Nacional com Rafael Marques e Luiz Pinto.

— A companhia Lucilia Simões dará em Setubal, nos dias 26, 27 e 28 do corrente três récitas com a «Carta Anonima», a «Rajada» e «Amor a quanto obrigas», seguindo para o Bombarral, onde dará espectaculos nos dias 30 e 31.

Em Setembro representará nas Caldas da Rainha, Figueira da recendo em outubro no teatro de S. Carlos. Em janeiro vai em *tournée* ás ilhas e pela Pascoa a Madrid.

Do estrangeiro

Inaugura-se ámanhã em Moux, proximo de Carcanoune, o munumento a Henry Bataille, o notavel auctor da «Mamã Colibri», da «Marcha nupcial» e da «Mulher núa».

Reclames

NACIONAL

A fim de que nada falte, na «première» só amanhã será representada, pela primeira vez, no Nacional, a nova peça «O Cabeça de Turco», que terá a interpreta-la todos os artistas da numerosa e valiosa companhia daquele teatro. «O Cabeça de Turco» é uma farça recheiada de belas e imprevistas situacões que devem causar no publico o maior agrado, despertando irreprimiveis gargalhadas. Esse facto não será mais do que a repetição do que sucedeu no paiz visinho, com a mesma peça que ,adaptada á scena portuguesa, a companhia do Nacional nos vai apresentar.

MARIA VITORIA

«Fado Corrido» a rainha das revistas, a maior de todas, a mais bela, a mais movimentada, a melhor interpretada por artistas, coristas e bailarinas, repete-se hoje no Teatro de S. Luis e Maria Vitoria.

Cartaz do dia

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

OS PARTIDOS

A acção do P. Republicano Radical

Em missão de propaganda do Partido Radical seguiu ontem no rapido da manhã para o Porto, o senador sr. Procopio de Freitas, que vai acompanhar a Braga a grande excursão que o Partido Radical vai fazer á capital do Minho no proximo domingo.

— Estão quasi concluidos os trabalhos de organisação partidaria nos districtos de Aveiro, Guarda, Vila Real, Bragança, Viana do Castelo e Faro. Para dar conta ao Directorio dos trabalhos de organisação do Partido em Evora, chegou ontem á noite no comboio do Alemtejo, o presidente da comissão districtal deste districto.

Publicações

«Armario de Angola»

No proximo mez de Setembro aparecerá o Anuario de Angola, publicação completa de informações oficiais e de todos os ramos de actividade daquela riquissima colonia. E' a primeira vez que aparece uma publicação deste genero, relativa áquela provincia, o que está despertando um grande interesse nos meios coloniaes, dado o grande desenvolvimento que ali se vem operando.

«A cidade vermelha»

Foi já posto á venda em todas as livrarias, numa elegante edição, o livro do moço escritor Luiz Costa, «A cidade vermelha» de que nos ocuparemos brevemente.

Questão do inquilinato

O aluguel de quartos

Um abuso a que é necessario pôr termo

«*Sr. redactor* — Agora que tanto se fala em senhorios gananciosos, não será tambem de mais vir a publico desmascarar certos sublocatarios que exploram miseravelmente aqueles que, por desgraça, são obrigados a viverem em quartos. Assim, pedindo licença a v., passarei a expôr, resumidamente, um caso, do meu conhecimento, que denota bem o caracter felino da creatura de que vou tratar.

Mora na rua do Loreto, 25-4.º, a sr.ª D. Augusta Esteves Pimenta, cujo predio pertence á Companhia Industrial de Portugal e Colonias. Essa senhora pagava de renda ha três anos 18$00, tendo já nessa altura, quartos alugados, que lhe davam um rendimento liquido de 122$00. A Companhia, porém, tentou aumentar-lhe a renda para 50$00, o que não conseguiu, porque a sublocataria, que é de pêlo na venta, chamando em seu auxilio um advogado, e vendo que a Companhia se recusava a receber os 18$00, começou a deposita-los na Caixa Geral de Depositos.

A questão nos tribunais levou mais de dois anos, acabando a Companhia por ceder. Agora, por mutuo acordo, foi a renda elevada para 30$00.

Mas, sr. redactor, isto é edificante. A tal sr.ª D. Augusta Esteves Pimenta, aufere de aluguel de quatro quartos e uma sala 290$00, ou seja um lucro liquido de 260$00!!! A sala está alugada por 150$00, um dos quartos por 75$00 e os três restantes por verbas que vão de 15 a 30$00. E tem o desplante de dizer que estão todos muito baratos!!!

Sucede, porém, e vá isto para terminar, que a dita senhora, de acôrdo com os hospedes, informou os fiscaes da Camara de que só tem alugados dois quartos, figurando os restantes hospedes como pessoas de familia...

Desculpe, sr. redactor, mas sou tambem — *Uma victima da D. Augusta.*»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4462-15.º ano — Director e proprietario de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. do Norte, 5—LISBOA

Quinta-feira, 23 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Ler em "Ultima Hora„ um grande crime cometido em Chaves por uma senhora da alta sociedade local.

Bom senso

A C. G. T., aproveitando o pretexto da subida do preço do pão, faz hoje todo o possivel na «Batalha» para levar o operariado á greve geral e fini, naturalmente, á revolução social.

O pretexto podia ser outro qualquer, porque não é o bem-estar do povo o que mais interessa á C. G. T. Mas, apareceu-lhe o do aumento do preço do pão e lançou mão dêle para uma nova tentativa de perturbação da ordem publica, com assaltos aos estabelecimentos, correrias nas ruas, um ou outro explosivo á mistura, toda a movimentação, emfim, que aquela organisação sindicalista costuma utilisar em ocasiões tais.

Estamos, porém, em crêr que a C. G. T. não conseguirá desta vez realisar o seu programa. E' preciso contar com o bom senso do publico em geral e com o do operariado, em especial e os organisadores de motins esqueceram-se disso ou fingiram esquecer-se, ao formularem os seus protestos e ao dirigirem os seus apêlos.

O pequeno consumidor, o povo miudo, o trabalhador, em geral, compreende, com uma nitidez superior á que se imagina, a situação critica que atravessamos e interpreta em toda a sua extensão a medida do Governo, acabando com o chamado *pão politico* e fazendo reverter para os cofres do Estado a verba anual de 70 ou 80 mil contos que pesava sobre o orçamento desde que aquele regimen se adoptára. Pode não aprofundar o assunto, mas não lhe é dificil compreender a necessidade que o Estado tem de reduzir ao minimo as suas despezas, fazendo este e outros córtes identicos, de modo a tornar cada vez menor o tremendo *deficit* com que se luta.

Evidentemente que todos nós, *consumidores*, lamentamos que as circunstancias não permitam que o pão baixe de preço. Quantos vivem, como nós, do seu trabalho diario, anceiam por que chegue a hora em que se torne menos pesado o fardo que trazemos sobre os hombros. Mas, porque ela ainda não chegou, não é motivo para que se obste, com desordens e provocações de toda a especie, á sua vinda num futuro mais ou menos proximo.

A C. G. T. sabe — e sabe-o toda a gente — que não é perturbando a ordem, seja a que pretexto fôr, que a vida melhora, que o cambio desce, que a confiança se radica no espirito publico.

Essa longa época de agitações em que vivemos e de que deriva, em grande parte, a situação actual, nada trouxe de benefico, tornando irrespiravel a atmosfera cá dentro e provocando o nosso descredito lá fóra. Insistir numa atitude tão abertamente criminosa, é querer a ruina do paiz e ir contra os interesses vitais de uma população que se pretende defender.

De resto, a C. G. T. sabe — pelos numerosos exemplos que tem tido — que teimando em lançar o operariado para movimentos desta ordem, não possue as condições necessarias para aguenta-los, abandonando a certa altura as massas proletarias á sua sorte, antes de vêr realisadas as suas aspirações, se elas não são apenas as de perturbar e confundir.

O povo sabe que o aumento do preço do pão tem um caracter provisorio. Melhore, como vai melhorando, felizmente para todos nós, a situação cambial, desça a libra das alturas a que chegou, e o custo da vida diminuirá.

Não é a C. G. T. que decreta essa diminuição. O mais que ela podia fazer — se o proletariado obedecesse aos seus apêlos ou ás suas determinações — seria levar o cambio para a casa do 1 — e então, sim, que todos nós teriamos de agradecer-lhe o belo serviço que nos prestára.

Mas nós — repetimos — contamos com o bom senso do povo, que pensa e raciocina como nós.

O MISTERIO DALEM-TUMULO

ROBERT BENSON VAI DIZER AOS
:-:-: LEITORES DA «CAPITAL» :-:-:

O QUE HA DEPOIS DA MORTE

Como temos dito, é no proximo dia 25 que «A Capital» começa a publicar o celebre folhetim O REINO DO MISTERIO, em que o notavel romancista ingles Robert Benson conta o que de mais curioso e pertubador ha nas relações do homem com o infinito.

Obra sensacional, que em todo o mundo tem tido um sucesso assombroso,

O REINO DO MISTERIO

que «A Capital» vai publicar em folhetins, a partir do proximo dia 25, terá tambem entre nós um exito igual.

LEIAM, POIS NA «CAPITAL» O INTERESSANTISSIMO ROMANCE

LONGE DA PATRIA

Os portugueses na America do Norte

A criação de uma cadeira de português em New Bedford

Os mortos da Grande Guerra e a união da colonia

Os portuguêses da America do Norte, á semelhança dos portuguêses do Brasil, têm como preocupação maxima servir bem a sua Patria. Tendo ido daqui — quantas vezes! — em condições precarias e conseguindo triunfar, em concorrencia, não só com os naturais, mas com os emigrantes de outras nacionalidades, não se esquecem nunca, nas horas amargas ou nas de maior alegria, da terra em que nasceram.

Os que residem em New Bedford distinguem-se pela sua dedicação sem limites, fazendo persistentemente em toda a Nova Inglaterra a mais activa e patriotica propaganda de Portugal.

«O Independente», um dos orgãos da colonia, tem-se ocupado largamente da criação no High School, daquela cidade, de uma cadeira de lingua portuguêsa, em que anda empenhado um grupo de compatriotas nossos.

A idéia surgiu depois da inauguração do monumento a Walter Goulart, durante o banquete a que assistiu o Mayor da cidade, e foi acolhida por este com o mais vivo entusiasmo, dando-lhe o seu apoio imediato e prometendo empregar a sua influencia perante a junta escolar do liceu.

O sr. Barros Camara, vice-presidente do Banco Portuguez, nas declarações que prestou sobre o assunto, disse:

— «Neste caso precisamos bastante do apoio das senhoras portuguêsas, *porque a mão que embala o berço, domina o mundo*. Não queremos que, se conseguirmos a creação da escola, ela funcione depois ás moscas. Nisto é que as senhoras podem secundar o nosso esforço, mandando seus filhos e filhas para a aula de português. As oportunidades são imensas para a lingua portuguêsa, até mesmo na America. E' um facto notavel que os portuguêses que mais se distinguem entre nós, não são os que aqui nascem e aqui são educados, exceto os profissionais. Os portuguêses mais ricos, daqui como da California, até mesmo proprios banqueiros, vieram de além-mar, já adultos. O falar mais duma linga, alguma coisa tem que vêr com isso.»

A comissão vai redigir uma representação, que será assinada por toda a colonia, pedindo á Junta Escolar a criação da cadeira.

* * *

A colonia correspondeu, como era de esperar, ao apêlo da comissão dos Padrões da Grande Guerra, estando constituidas comissões em Boston, Fall River, Framingham, Gloucester, Hudson, Lawrence, Loucell, Ludlow, Milpord, Peabody, Providence e New Bedford para a aquisição de donativos.

O corpo consular português desta ultima cidade publicou nos jornais um entusiastico apelo a todos os seus compatriotas, em que ha o seguinte periodo:

A nossa Colonia da Nova Inglaterra, que tantas e tão belas provas tem dado do seu patriotismo, não podia ficar indiferente a este generoso movimento. Ela deseja que no pedestal que ha de erguer ao Firmamento, desafiando os Seculos, as figuras de bronze dos Soldados Mortos, se grave o nome deste outro Exercito que aqui combate pela honra e pelo prestigio de Portugal!

* * *

Tambem os jornais portuguêses de New Bedford, e em especial «O Independente», se ocupam da necessidade de uma união mais estreita entre os membros da colonia, e da conveniencia de se acolherem a uma só instituição portuguêsa, que seja digna dêles e do seu paiz.

Estamos dividindo as nossas energias — escreve aquele jornal — estamo-las perdendo em dezenas de pequenas agremiações que por si só nada conseguem senão satisfazer as limitadas ambições dos seus dirigentes, em lugar de fazer uma casa unica, ampla, confortavel, higiénica, capaz de nos honrar e de nos levantar.

«O Independente» termina o seu artigo acentuando o seguinte, que é nobre e profundamente patriotico:

O nosso papel aqui é fortalecer o Amor da Patria.

O nosso papel em Portugal é implantar o que de bom encontramos aqui.

As familias previdentes

Devem ter em casa um frasco de pó de KERATOL para acudirem ao tratamento de qualquer ferida. O cicatrisante e desinfectante de melhores resultados. Raul Vieira, Limitada. — Rua da Prata, 51.

O DECRETO DO PÃO

Precisa de ser modificado

A importação livre seria o melhor correctivo dos abusos dos lavradores

Começou hoje o novo regimen do pão e não se passou sem uma ou outra balburdia felizmente sem importancia.

O caso é que terminou o *pão politico* com beneficio para o Estado da importante verba de 73 mil contos a qual passa a ser paga por toda a população no aumento do preço do pão, de fórma pouco sensivel á economia de cada um.

Iniciou-se assim a politica de compressão de despezas publicas, tão justa e insistentemente reclamada por todos, sem distinção de partidos. Está o caminho traçado para o córte de outras despezas avultadas que pesam no orçamento, como, por exemplo, a liquidação do serviço das obrigações dos tabacos com a qual perde o Estado anualmente 32 mil contos, e que não sucederá se o Governo marcar um cambio fixo para essa liquidação, bem como de desejar é que se fixe um cambio para todos os serviços que o Estado tem organisados no estrangeiro.

O caminho para a compressão das despezas é precisamente este — cortar verbas importantes que não correspondem a serviços de utilidade, ou que derivam de artificios condenaveis como esse do *pão politico*.

Imaginar que o equilibrio do orçamento se obtem pela redução do numero de funcionarios, é erro que se comete quando tem o habito de falar por falar ou vê as coisas muito superficialmente. Reduzir o numero de funcionarios publicos criaria uma coorte de desempregados que ao Estado iriam pedir remedio para a sua situação, e para o orçamento reverteria uma economia de quatro vintens e meio.

* * *

Se não fosse a disposição inconcebivel do artigo 9.º do decreto que não permite comprar no estrangeiro trigo mais barato que o nacional, o aumento do preço do pão seria transitorio, a função do preço da libra que tudo indica que deverá ir baixando gradualmente, e se o Governo se mantiver no proposito de não aumentar a circulação fiduciaria.

Aquela disposição precisa de desaparecer, pois condena o publico a comer o pão caro daqui para o futuro sem esperanças de melhores dias.

O Estado que até aqui gastava 73 mil contos para que as populações de Lisboa e Porto tivessem o pão a preço relativamente barato, não, se contenta agora em se libertar dessa despeza e pretende arrecadar a diferença do preço entre o trigo exotico e o nacional. Não se percebe.

Como incentivo ou protecção á agricultura nacional é demasiado, pois ela já gosa no nosso paiz de uma situação privilegiada da qual, de resto, abusa sempre. Ainda ontem o sr. ministro da Agricultura declarou que a sua intenção de autorisar a importação de 80 milhões de quilos de trigo era a unica fórma de fazer sair dos celeiros o trigo nacional ali escondido á espera de preço mais elevado.

Não são, portanto, de aconselhar sacrificios em beneficio de quem egoistamente tudo sacrifica aos seus interesses e a disposição do artigo 9.º do decreto, em virtude da qual o Estado chama a si a diferença do preço de trigo exotico para o nacional, quando aquele fôr mais baixo, deve ser revogada em beneficio do publico que na verdade é o verdadeiro sacrificado.

* * *

Não é demais insistir noutro ponto importante que o decreto resolveu muito mal. Referimo-nos á importação do trigo exotico só permitida no montante do *déficit* cerealifero e dependente de autorisações varias entravadoras do progresso das industrias que o empregam na manufactura dos seus productos.

O *déficit* cerealifero não provém de uma base segura de calculo, visto que nos faltam estatisticas e, em todo o caso, é calculado, melhor ou peor, só em relação ao suposto consumo do pão. Ora não é só no pão que o trigo se emprega, e as industrias de massas alimenticias, bolachas, biscoitos, etc., estão condenadas a vegetar eternamente no meio das dificuldades de toda a ordem, sem ensejo nem incentivo de progresso e alargamento da sua capacidade comercial. A livre importação de trigo dar-lhes-ia ensanchas para aperfeiçoando o processo de manufactura, procurarem conquistar alguns mercados externos que a desvalorisação da moeda favoreceria.

Além disso, como já aqui temos dito, seria a importação livre do trigo, o melhor correctivo dos abusos dos lavradores que assim se veriam forçados a manifestar toda a sua produção, porque só a que fôr manifestada será obrigatoriamente adquirida pela Moagem e, tendo esta liberdade de importação do trigo estrangeiro, o nacional que tivesse sido sonegado nunca mais seria comprado.

Precisa, pois, o decreto do Ministerio da Agricultura de ser emendado nestes dois pontos capitais e deverá permitir que a diferença do preço do trigo exotico, quando mais baixo que o nacional, influa no embaratecimento do preço do pão e que a importação de trigo seja livre, não só para desenvolvimento das industrias de massas e bolachas, mas tambem para obrigar os lavradores a entrar no caminho do manifesto franco e inteiro da sua producção.

NO TRIBUNAL MILITAR

O atentado de Leiria

Uma testemunha vai prestar falsas declarações a troco de um fato

No Tribunal Mixto de Justiça Militar, prosseguiu hoje o julgamento dos individuos acusados de tentarem assassinar em Leiria, o sr. Alfredo da Silva por ocasião do 10 de Outubro.

A audiencia abriu ás 13 horas, sendo chamada a depôr a testemunha sr. Silva Ferrinho, que se referiu aos factos passados na estação e que já foram relatados no tribunal pelo agente Oliveira. Viu na estação muito povo, que aguardava a chegada do tenente sr. Soares. Ouviu nessa ocasião dizer que o sr. Alfredo da Silva ia numa carruagem, tendo a multidão ido á procura daquele senhor. Sabe que o agente Oliveira disparou alguns tiros sobre a multidão o que causou maior exaltação de animos, tendo-se então dado algumas correrias. Ele proprio fugiu e quando parou, viu que alguem cahia, sabendo depois que se tinha dado o atentado.

Da estação para a cidade foi no mesmo camion que conduzia o sr. Alfredo da Silva, não vendo porem, que durante o trajecto alguem lhe tocasse ou lhe roubasse qualquer objecto.

O sr. dr. Alfredo Nordeste leu varias passagens das declarações feitas pela testemunha, na ocasião das investigações, verificando-se que entre as primitivas declarações e as feitas agora ha grandes contradições, para o que chamou a atenção do tribunal.

Os membros do juri fizeram varias perguntas, nas quaes o réu se contradisse, negando que tivesse feito nas primitivas investigações as declarações que constam do respectivo auto.

Submetido a novos interrogatorios, confessou que lhe tinham pedido para repetir as suas primitivas declarações.

A seguir, o réu foi acareado com o sr. tenente Pina com o sargento Vilas, com o José Castela, com o Pina electricista, com o sargento Monteiro e com o tenente Mendes, não sendo possivel chegar-se a um acordo, caindo a testemunha em novas contradições.

O sr. dr. Nordeste requereu a contradita da testemunha, com o fundamento de que ela faltava á verdade e de que depozera no processo com interesse, pois que lhe fôra prometido um fato completo, para prestar falsas declarações, proposta que segundo se julga, depôr sobre este caso Cezar Lourenço Agostinho, José Diniz Vieira e Arnaldo Lopes, presentes no tribunal, e que se prontificaram a contraditar o Silva Ferrinho.

A testemunha disse que lhe não ofereceram coisa alguma, tendo sido a outra testemunha que, de facto, ofereceram um fato e uma gravata.

Em seguida procedeu-se ao interrogatorio das testemunhas indicadas pelo sr. dr. Nordeste, sendo o primeiro a depôr o sr. Cezar Lourenço Agostinho que nada adeantou.

José Dionisio Vieira afirmou que o Ferrinho tem dito que é inimigo de alguns dos reus, tendo-lhe tambem constado que de facto, lhe tinha sido prometido um fato para ir ali acusar os reus.

O sr. promotor de justiça propoz, então, que fosse levantado ao Ferrinho um auto de falsas declarações, o que se fez, suspendendo-se depois a audiencia.

MAJOR

Filipe de Sousa

Foi recebido entusiasticamente pelos seus correligionarios

Algumas palavras trocadas com o ilustre republicano

Como fôra anunciado, fundeou hoje de manhã, no Tejo, o vapor «Funchal», que desde as primeiras horas da madrugada se encontrava na bahia de Cascaes.

A bordo vinha, de regresso de Angra do Heroismo, onde se encontrava ha seis meses, o major sr. Filipe de Sousa, que ao continente vem tratar da sua saude. Os seus correligionarios do partido Radical fizeram-lhe um caloroso acolhimento, acorrendo ao caes de desembarque em grande numero, emquanto o Directorio e membros de comissões politicas seguiram no rebocador «Castor» ao encontro do paquete.

Tivemos ocasião de trocar algumas palavras com o ilustre oficial, que vem encantado com a maneira gentil como foi acolhido nos Açores.

— Angra é uma cidade hospitaleira e boa — disse-nos — cidade nobre e leal e de uma grande dedicação á Republica.

«O meu desterro, se provocou este terrivel ataque de reumatismo gotoso de que estou sofrendo, proporcionou-me ocasião de estudar a fundo o problema açoreano e de fazer a propaganda do meu partido, que ninguem conhecia até então, nos três districtos dos Açores e no arquipelago da Madeira.

Falou-nos depois das perseguições de que foi victima, afirmando saber de onde elas partiram e criticou a maneira como se efectuou a eleição presidencial. Manifestou-nos depois a sua concordancia com a escolha feita para o Directorio do seu partido, onde ha bons e dedicados republicanos, certo de que será do Partido Radical que ha-de sair o unico Governo capaz de fazer obra util.

— E o seu partido tem a força necessaria para governar?

— Imediatamente, sem pensar segunda vez. Tem gente para isso. A nossa orientação é a melhor, e deve ser de uma intensa propaganda, sem tréguas e sem descanso. E' preciso categorisar, abrir os olhos áquêles que não querem ou não podem vêr, demovendo os comodistas, fortalecendo os fracos e apoiando os fortes.

Manifestou-nos, em seguida, a sua fé inquebrantavel nos destinos da Patria e da Republica. Agora vai para o Gerez, depois do que entrará na actividade politica.

— Diga, afirme categoricamente que Portugal não se afunda, que tem recursos para se erguer triunfante, para ser uma grande Nação, forte e empreendedora, sendo, no entanto, necessario que todos concorrem a sua fé nos destinos da nossa terra.

Quando o deixámos, o navio atracava á muralha e o ilustre oficial recebia, entre os vivas á Republica e ao seu nome, as aclamações e os cumprimentos dos amigos.

Depois do desembarque o sr. Filipe de Sousa ofereceu num restaurante da Baixa um almoço intimo a alguns amigos, trocando-se brindes muito afectuosos.

* * *

Hoje, ás 21 horas, no Centro Radical realisa-se uma sessão de homenagem ao distincto oficial, que será apresentado ás comissões politicas.

A Alemanha por dentro

Stresemann e a situação economica

BERLIM, 23. — O novo chanceler Stresemann examinou com os chefes de partido a situação economica e financeira, tendo o chanceler declarado que o Governo empregará os meios ditatoriais, se forem necessarios, para salvar a Alemanha e acentuou a necessidade que tinha das entregas das divisas, a fim de se constituir o fundo destinado a assegurar as importações e a fornar possivel a estabilisação do marco. Os chefes de partido aprovaram o aviltre apresentado pelo chanceler. — (H.)

Pão de cada dia

Os novos preços

Organisaram-se «bichas», houve protestos e tentativas de assalto — A atitude da C. G. T. — Os industriais independentes

Começaram hoje a vigorar os novos tipos e preços de pão, tendo faltado nalguns pontos da cidade o pão de 2.ª e 3.ª qualidades o que motivou a organisação de «bichas» ás portas de muitas padarias.

Em varios locaes mais populosos, como Alfama, Alcantara e Alto do Pina, o aumento de preço de pão causou varios protestos da parte do publico, tendo-se esboçado tentativas de assaltos a algumas padarias, o que foi evitado pela policia e pela G. N. R. que desde madrugada vigiavam aqueles estabelecimentos.

Muitas mulheres do povo, na contingencia de ficarem sem pão, foram ainda de noite para a porta das padarias, formando compridas «bichas».

Na rua Maria Pia e no Alto dos Sete Moinhos os populares e numerosos grupos de ciganos tentaram assaltar as padarias, mas foram forçados a dispersar pela policia da esquadra dos Terramotos que chegou ainda a distribuir algumas pranchadas.

* * *

O Conselho Confederal da C. G. T., reune esta noite para apreciar o aumento do preço do pão, constando que vai ser presente uma proposta para a declaração da greve geral de protesto, mas acrescentando que alguns militantes operarios só aprovarão a greve por 24 horas dado o fracasso em que têm redundado nos ultimos tempos movimentos dessa ordem.

* * *

Os industriaes de padarias independentes parece que estão dispostos a encerrar tambem as suas portas, se a Manutenção Militar não lhes fornecer farinha aos preços de 2$22 e 1$20, dando-lhe assim margem a poderem vender o pão a 2$60 e 1$20, pois que a Manutenção militar, mantendo aqueles preços, ganhará ainda — dizem eles — 1$800 em cada 100 quilos de farinha.

* * *

Havendo receios de que se registasse qualquer alteração da ordem por motivo do augmento do preço do pão a policia esteve de prevenção por quartos.

A' porta da «garage» do governo civil permaneceram promptos a sair á primeira voz dois «Camions» do exercito destinados a transportar rapidamente para qualquer ponto, os reforços que se encontravam na casa dos piquetes.

Concessões em Angola

Uma proposta italiana que foi repelida

Os jornais da manhã publicaram um telegrama de Roma, noticiando que o Nuovo Paese diz que estão entaboladas negociações entre os governos de Roma e Lisboa para serem concedidos á Italia 100.000 quilometros quadrados na provincia de Angola, mais precisamente no districto de Benguela.

Procurámos informações sobre o assunto no Ministerio das Colonias, mas nada nos disseram. Junto de coloniais que estão, mas ou menos, ao facto do que se passa naquela nossa provincia ultramarina, soubemos, que de facto, foi enviada para Angola por uma empreza italiana de emigração uma proposta nesse sentido, sendo, porém, imediatamente repelida pelo Alto Comissario sr. Norton de Matos.

O telegrama da Havas diz que o jornal italiano afirma que as negociações estão muito bem orientadas. Efectivamente, crêmos que não o podem estar melhor...

PARECE IMPOSSIVEL!

O problema das reparações

A França põe a questão nos devidos termos

PARIS, 22.—A nota franceza em resposta á ingleza manifesta que o governo francez não tem nenhum intuito de anexação. Depende apenas da Alemanha o apressar a evacuação por um esforço que o exemplo da Austria peor apetrechada claramente demonstra.

Pedir que a França proceda doutra forma seria dar razão á Alemanha e, como disse Lloyd George, no Supremo Conselho de 3 Março de 1920, «os vencedores pagariam os gastos da derrota e os vencidos colheriam os resultados da vitoria».

As reivindicações da França não ultrapassam a capacidade de pagamento da Alemanha. Ha muitos mezes a França propoz aos aliados um programa, segundo o qual lhe seriam mantidas as obrigações A e B, ou 26 biliões de marcos-ouro resultante da percentagem de Spa e reservando-lhe as obrigações C, somas que seriam reclamadas em titulos da divida interaliada. A França adeantou somas enormes por conta das reparações. A Alemanha não pode nem interromper as reparações nem a França pagal-as indefinidamente. A França jamais rejeitou as dividas contraidas na America e na Inglaterra para o fim da vitoria comum. Ela propria é credora de mais de 5 biliões.

Mas julga que os gastos da guerra devem passar para depois das reparações e prejuizos enumerados no Tratado. As reparações teem prioridade sobre os gastos de guerra.

Antes das reparações serem pagas, reclamarão os aliados entre si estes gastos de guerra que a Alemanha se dispensa de pagar. O sistema exposto pelo governo francez tem pelo menos a conveniencia de não comportar nenhuma revisão do tratado.

A comissão de reparações fixou o total das obrigações. Se periodicamente se estivesse avaliando da capacidade de pagamento da Alemanha para modificar os pagamentos, segundo as circunstancias, se o estado de bancarrota passageira e voluntaria em que a Alemanha está fosse por erro considerado como definitivo e se dele se tivesse conta para a avaliação da capacidade de pagamento, isso constituiria a recompensa das manobras da Alemanha com o fim de se furtar ás reparações. Com reparações, que são a sua unica divida externa reduzida e sem divida interna, a Alemanha oporia á miseria dos seus credores uma prosperidade triunfante. As reparações não podem ser sacrificadas ao restabelecimento duma riqueza economica, cujos recursos estão ainda intactos. O documento examina a seguir a situação da comissão de reparações sem o membro americano, mas onde as faltas foram sempre verificadas por 3 membros contra 1, sem usar da prerogativa do presidente francez.

De resto a França e a Belgica representam 60 % do credito total aliado sobre a Alemanha, argumento que convém preencherá quem seja inclinado pôr o senso pratico a teorias. O documento conclue que a França está disposta a discutir amigavelmente com os Aliados. Haveria muito prazer em entender-se para o pagamento tanto rapido quanto possivel sobre a parte da divida alemã correspondente á reconstrução das regiões devastadas. O exame da segunda parte da divida seria adiado para uma data determinada. A França supõe que a Inglaterra não queira reclamar as dividas inter-aliadas antes do pagamento das reparações, compreendendo que é necessario para a França liquidar as suas dividas, ter readquirido a sua força economica e reparado, os desastres. Se o interesse britanico consiste em que a Alemanha se levante, não é arruinar a França.

O «Temps» escreve acerca da resposta de Poincaré: «Lê-se com gosto a nota franceza, mas não se resumiria sem trabalho, porque cada palavra tem peso».

O «Journal des Débats» diz: A resposta de Poincaré ao governo britanico é um documento dum belo porte. Redigida em termos muito amigaveis e moderados, refuta de modo decisivo as principaes alegações da nota britanica. —(R.)

Mas a Inglaterra não concorda...

LONDRES, 23. — O conhecimento exacto do conteudo da replica franceza tende a aumentar o pessimismo da imprensa começando-se a perder a esperança de que se mantenha uma estreita cooperação com a França e a preservação da Entente. O Daily News diz que a troca das notas teve a vantagem de aclarar a situação e mostrar que a França não está decidida a ceder sem garantias seguras e que parece certo que a França encara a possibilidade da ocupação indefinida do Ruhr o que equivale á anexação e alem disso fomenta o movimento de separação das regiões renanas. O mesmo jornal diz que as afirmações de Poincaré que não tinham intenção de fazer anexações não os devem impressionar nem convencer. O Daily News diz ainda que a França é a culpada do estado actual da Alemanha devido a exigir enormissimas somas para reparações. Foi ela indirectamente quem levou os alemães a trabalha desesperadamente para desenvolver as suas industrias e aumentar a sua circulação fiduciaria.

A Cazeta do Westminster concorda em que Poincaré não está resolvido a evacuar o Ruhr apesar dos seus protestos em contrario.

A reparação que se exige da Alemanha alcança uma quantia tal que esta nação nunca a poderá pagar a menos que a America e a Inglaterra abandonassem os direitos que teem ao pagamento por parte juntamente da França e da Alemanha. E' dificil considerar como temporaria uma ocupação que só cessará quando se pagarem quantias impossiveis de pagar e em condições que ainda mais dificultam esse pagamento. A replica do sr. Poincaré vem provar claramente que é impossivel pôr de acordo a politica ingleza e a franceza em relação á Alemanha.— (R.)

ULTIMA HORA

O MOMENTO FINANCEIRO

O estado da praça — O redesconto no Banco de Portugal — A Camara de Compensação e o cheque cruzado — Assembleias gerais

O dia de hoje foi de relativa tranquilidade na praça. Continua a acentuar-se o movimento de melhoria que nos ultimos dias se vinha notando e que parece destinada a produzir seus efeitos dentro de um prazo de tempo relativamente curto.

O ouro aparece finalmente na praça. E, em contra partida, os escudos giram. Ha ainda quem peça aumento da circulação fiduciaria, quem o implore, quem faça dele questão de vida ou de morte. Mas a impressão geral é de que o momento agudo da crise passou devendo agora esperar-se um periodo de calma em que a baixa da libra se faça notar sensivel e progressivamente. Outros supõem que a melhoria que vão verificando é ficticia; e que, dentro de pouco tempo, iremos assistir a uma «dégringolade» pavorosa sendo então inevitavel e decisivo o aumento do numero de notas em circulação.

Desta opinião são alguns politicos e financeiros da nossa terra cuja opinião não deve prevalecer, sujeitando-se a um desmentido retumbante que os factos se encarregarão de lhe dar.

A verdade é que os valores ouro continuam a aparecer e os escudos a circular. Como o nosso entrevistado de ontem afirmou os banqueiros começam a sentir os efeitos de uma politica de repressão cambial decididamente mantida durante tres mezes e que os dirigentes do nosso primeiro estabelecimento de credito não parecem dispostos a abandonar. Não se fornecendo notas os detentores de disponibilidades vêem-se obrigados a chamar estes, fazendo assim com que muito do nosso sangue que anda extravasado regresse aos vasos de onde nunca devia ter sahido.

Consequencias deste movimento de uma violencia indiscutivel? E' cedo para as avaliar. Mas podemos garantir que nas estações oficiais ha agora a impressão clara, nitida, decisiva de que sem levar até ao fim essa politica repressiva ditada por alguns elementos de lesa seriedade e honradez o Estado não pode duvidar, nada se conseguirá. E que as transigencias ou os paliativos já não podem ser ingredientes empregados, na até agora misteriosa, farmacia do Ministerio das Finanças.

***

Na verdade, e sobretudo na aparencia, a situação dos bancos é algo embaraçosa. Eles, com as suas disponibilidades, continuam a servir os portadores de letras mediante a entrega de vinte por cento do valor destas; enquanto o Banco de Portugal não redesconta, como até aqui esses documentos. Esta atitude do Banco de Portugal decididamente mantida ha alguns dias tem provocado censuras acerbas na praça.

Vejamos entretanto quais os motivos pelos quais o banco do estado se guia. Até aqui todo o comerciante tinha direito a meter-se em negocios arrajando para isso algumas pessoas de honorabilidade e o credito suficiente para poder falar em publico, fazer requisitos, davam-lhe direito a apresentar letras aos bancos, letras, essas que eram quasi imediatamente descontadas facilitando assim muitos negocios; ilicitos e desnecessarios.

A certa altura porem o Banco resolveu joeirar, e resolveu joeirar indo á proprio fonte do mal. E começou a fazer-se sentir nos proprios bancos uma inspeção rigorosa que afastava a maior parte de clientes incomodos e especuladores.

De ahi a queixa dos bancos. Não é por si que eles falam, é sobretudo por esses clientes que o Banco de Portugal reputa indesejaveis.

Porque para os seus continua ele a descontar normalmente procurando não atingir, ao de leve que seja a vida da industria e do comercio nacionais

***

Parece assente por parte do sr. ministro das Finanças a ideia de adotar a Camara de Compensação que de resto já existe entre nós ha algum tempo e o sistema dos cheques crusados.

Ninguem ignora que muitos consideraram qualquer destas soluções como uma derivante da praça que acuda a impossibilidade de arranjar o aumento de circulação, perante um movimento imperativo da opinião, se sujeitara conseguil-lo por processos indirectos. O sr. Velhinho Correia não ignorando estes propositos, procurará realisar a Camara e os cheques da compensação sem dar aso porem a que com esses nossos elementos, a especulação se acentue.

***

Reuniu hoje sobre a presidencia do sr. dr. Pereira Reis a assembleia geral das Companhias Reunidas Gaz e Eletricidade.

Esta assemblea teve por fim elevar o capital da Sociedade a cincoenta mil contos a fim de se resgatarem as obrigações e de se iniciar a eletrificação da linha ferrea do Estoril.

***

Tambem reuniu hoje a assemblea geral do Banco do Fomento para se ocupar do pedido de demissão dos directores srs. Henrique Figueira, Alvaro de Castro e Americo Olavo.

***

Antes da reunião do conselho de ministros que hoje de tarde se efectuou na secretaria das Colonias, realisou-se demorada conferencia entre o chefe do Governo e os ministros das Finanças e das Colonias e o governador do Banco de Portugal, acerca de medidas a adoptar para atenuar a situação fiduciaria da praça.

Tarde politica

O sr. Afonso Costa e o novo governo—O Conselho de ministros—A questão do pão

A's 14 horas e meia reuniu no Ministerio das Colonias o Conselho de ministros que será longo. Devem hoje tratar-se ali alguns dos mais importantes problemas que preocupam o paiz: ordem publica, questão cerealifera, problema financeiro, apresentando tambem o sr. ministro da Justiça o seu decreto sobre inquilinato, cujas principais disposições os nossos leitores conhecem em sintese.

***

Dizem-nos que o sr. ministro da Agricultura tomará severas medidas se as moagens exorbitarem das faculdades de livre transacção que o ultimo decreto lhes concedeu, indo até á mobilisação da sua industria, se a tanto aconselharem as circunstancias.

***

Consta que as comissões politicas do P. R. P. das Caldas da Rainha estão na disposição de abandonar as eleições que ali se realisam no dia 7, assim condenadas a ser fracamente concorridas.

Esta atitude é de protesto contra o facto do sr. Antonio Maria da Silva estar na disposição de ali mandar um delegado seu, o que aquela corporação tomou por um acto de desconfiança, e ainda por não ter querido ouvil-las por intermedio do deputado sr. dr. Carlos Pereira.

Pequenos desaguisados de familia, que o tempo, até lá, se encarregará de dissipar.

***

Vemos confirmado nos jornais da manhã de hoje o que aqui dissemos ontem sobre as declarações do sr. dr. Afonso Costa.

S. ex.ª será, pois, o futuro presidente do governo, apos a posse do novo chefe do Estado. Esboçamos as nossas duvidas sobre a possibilidade de antigo «leader» do partido democratico lograr a formação de um governo de concentração partidaria.

Vemos agora que o sr. dr. Ginestal chama a essa pretenção uma chalaça de bom gosto. Vê-se assim que, por esse lado, metem agua os designios do silencioso esfingico e eterno presidente da missão da paz.

Se lhe não dão solidariedade o partido nacionalista, o catolico e o monarquico, o que pretenderá concentrar s. ex.ª? Os independentes?

Mas nem esse agrupamento tem feros constitucionaes de partido, nem ha quem ignore que a maioria dos seus elementos é uma expressão franca, quasi diafana, da maioria parlamentar.

Cremos, mesmo, que o sr. Afonso Costa até dificilmente conseguirá concentrar os seus proprios correligionarios, que se degladiam com tanto e tão sincero entusiasmo como se fossem oposição «de escacha».

A questão do pão

A reunião operaria desta tarde na C. G. T.

Foi grande o numero de operarios, especialmente da Construção Civil e metalurgicos, que hoje ao meio dia abandonaram o trabalho a convite da C. G. T., a fim de assistirem á reunião que á tarde se realisou como protesto contra o aumento do preço do pão.

A's 16 horas nas salas e corredores da C. G. T. encontram-se bastantes operarios! Na impossibilidade de se realisar o comicio no pateo do edificio para não provocar a intervenção da autoridade, foi resolvido que os oradores falassem nas duas grandes salas. Abriu a reunião o sr. Armando Ferreira, da U. S. O., que explicou os fins da reunião, disendo ainda que a classe operaria não pode ficar de braços crusados, perante o aumento do pão.

A seguir falaram delegados dos sindicatos dos Caixeiros, Metalurgicos, Construção Civil, Corticeiros, etc.

Lá dentro, na sala imediata, falaram outros oradores, estabelecendo-se, ás 17 horas uma nova tribuna na escada do edificio.

Cá em baixo na rua estacionam numerosos agentes da policia civica, investigação e P. S. E. havendo tambem patrulhas de infantaria e cavalaria da G. N. R. na Calçada do Combro, ruas do Seculo, Luz Soriano e Travessa das Mercês.

Falaram ainda alguns oradores, que são constantemente interrompidos com gritos de viva a greve. O sr. Santos Aranha apresentou a ideia da greve geral para amanhã, que foi aprovada. As patrulhas de cavalaria da G. N. R. durante a reunião foram dobradas.

A Manutenção Militar

e o recente decreto do pão

Segundo nos consta, lavra grande descontentamento entre os oficiais do Exercito pela disposição inserta no decreto sobre o pão, mandando industrialisar e entregar ao Ministerio da Agricultura a Manutenção Militar. Alegam esses oficiais que se trata de um estabelecimento militar, indispensavel ao abastecimento do Exercito e que tantos e tão importantes serviços tem prestado ao paiz, principalmente em periodos de mobilisação ou alteração da ordem publica.

Mais nos consta que algumas «démarches» se iniciaram no sentido de ser revogada essa disposição.

Providencia social

A mutualidade obrigatoria na doença. O que ela representa e

A organisação do seguro social obrigatorio na doença e uma obra do mais vasto alcance num paiz como o nosso em que estão fóra de todo o socorro na doença mais de 2.300.000 individuos de ambos os sexos, espalhando-se em 180 concelhos nos territorios do continente e ilhas adjacentes.

A mutualidade livre tem tradições, é certo, de larga proteção e solidariedade ás classes menos protegidas, peca, porém, pela morosidade da sua acção, que até mesmo na Inglaterra, paiz altamente culto se faz sentir. Na Gran Bretanha, apesar da organisação antiquissima das *Friendly-societies*, dispondo dum patrimonio avultadissimo, a pobreza de muitos sêres, impoz a creação da mutualidade obrigatoria na doença, brilhante conquista do direito moderno. Foi em 1912 que o eminente estadista Lloyd George instituiu essa obra no seu paiz.

Mas para o nosso voto na idade ria concorrem ainda circunstancias mais especiaes do que a da pobreza desprotegida que em Portugal alastra, para buscar o recurso do seguro obrigatorio na doença. Paiz pequeno, com uma população activa na sua maior parte rudimentarmente culta e de acanhados recursos de natureza economica, a influencia da mutualidade livre quasi se tem feito sentir apenas nos grandes centros de Lisboa e Porto. Deste modo está sem assistencia mais da terça da população total, cujo nucleo é sem duvida formado pela população rural.

A densidade da população mutualista é indicada pelos seguintes numeros:

Lisboa 271 por 1.000 habitantes, 244 no Porto, e nos restantes districtos baixa para numeros que vão de 32 a 1 por 1.000. A seguir a Lisboa e Porto os districtos que apresentam maior base de populações mutualistas são os de Braga e Faro com 34 por 1.000 habitantes; Funchal e Evora com 23; Aveiro 22 e Santarem 21; Beja 20; e Ponta Delgada 19.

Os districtos que apresentam maior nucleo mutualista são: Vila Real, 0,6 por 1.000; Bragança, 2,5; Guarda e Vizeu 3,5; Leiria e Castelo Branco, 5 por 1.000 habitantes.

Ha concelhos de 20.000, 25.000 e 30.000 habitantes, sem um unico organismo mutualista a proteger, na doença ou na invalidez, os que da sua labor vivem e o exercem em qualquer ramo de actividade.

Impõe-se dêste modo o seguro social obrigatorio em Portugal. E conforme esta necessidade o Ministerio do Trabalho creou o Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios, que estabilizar e garantir a sua acção para estabilisar e garantir a sua acção assentou sobre as bases de mutualidade de socorro na doença o edificio seguro social.

Como?

Dando caracter regional concelhio, á mutualidade obrigatoria do seguro social na doença pela inscripção de todos os individuos de ambos os sexos, de 15 aos 75 anos, fixando-se-lhes cotas minimas que vão desde $30 a $50 por mez, a todos os profissionais que não tenham anualmente renda, salario, ordenado, ou quaisquer ganhos certos até 900$00.

Simultaneamente são obrigados por lei a inscrever-se nas referidas mutualidades, concelhias todos aquelles que têm um rendimento anual superior a 900$00, com interesses ligados, directos ou indirectos, á actividade economica, industrial ou agricola de cada concelho, quer residam nele quer estejam ausentes.

Neste sistema de obrigatoriedade do seguro na doença ha uma contribuição de caracter social restrita ao meio onde a mutualidade se exerce.

Creou-se assim o socio nato que dá uma contribuição regular de $50 a 3$00 para as mutualidades referidas, conforme a sua fortuna, e o socio efectivo, que paga uma cota diminuta encontrada nas formulas contribuintes da previdencia livre.

Por este processo não resulta encargo algum para o Estado e ficam ainda recursos de ordem material disponiveis para outras formas de previdencia social, que fazem parte do mesmo plano que os implantou entre nós.

***

Mas para a devida execução e finalidade desta simpatica obra devem os concelhos prosseguir com a maior actividade no recenseamento de população que recebe com desconfiança a pratica deste ultimo trabalho estatistico. E caso curioso, a região do Paiz onde o censo tem sido mais bem recebido é o Algarve.

Notas a lapis

Olhos e... coração

Um japonez, o dr. Sadenir Ochi, depois de longos anos de estudo conseguiu transplantar o olho dum homem noutro homem.

Não se trata duma noticia fantasista nem dum charlatão. A informação é oficial, em Tokio, e o dr. Sadenir Ochi é um dos maiores cirurgiões do Imperio do Sol Nascente.

Esta operação — quasi miraculosa — pode conseguir-se, parece, quando as duas pessoas possuem as mesmas caracteristicas gerais.

A proposito, um jornal francez lembra que, recentemente, na Bretanha, quando duma cerimonia em honra do pintor Lemordante, o heroico cego da guerra, um jornalista estrangeiro do qual apenas Lemordante e o poeta Pol Roux sabem o nome, a sua idade, ofereceu-se para ... dos seus olhos em beneficio ... ferido no mais vivo dos seus ... no dia em que scientificamente se ... nasse possivel tão magnifica oferta.

Este estranho admirador do talento e da desgraça, é, certamente, um homem de palavra.

Será do Japão que tornará a luz a Lemordant?

Um Presidente que trabalha

De todos os presidentes de Conselho que se teem sucedido em França, desde ha muitos anos, nenhum escreveu tanto como Poincaré, sempre infatigavel, encontra ainda tempo para pronunciar uteis e numerosos discursos.

O melhor do seu tempo passa-o Poincaré no seu gabinete a anotar e a escrever. Não ha um só papel sahido da secretaria ministerial—instrucções solenes a um embaixador ou intima nota de serviço—que o presidente não examine cuidadosamente, não corrija e muitas vezes não redija de novo.

O continuo encarregado do gabinete presidencial fez ha dias esta confidencia a um jornalista:

—«M. Poincaré gasta numa semana mais penas do que Briand empregou durante todo o seu ministerio».

Poincaré, o presidente que mais escreve, é tambem o que mais fala. Parece que sem sente necessidade de dormir.

Codigo e sentimento

Um piloto-aviador francez, era noivo durante a guerra. Antes de partir para o «front», onde encontrou morte gloriosa, ofereceu á noiva um anel de 12.800 francos. Esta casou pouco depois. A mãe do aviador reclamou no tribunal civil a entrega do anel de noivado. Ganhou a questão.

Solução normal que seria menos prosaica se tivesse sido mais expontanea.

Mas sempre é preciso dar que fazer aos magistrados, para que não acomeçam nos seus «fauteuils».

POR ESSA CIDADE

Os sucessos de hoje

Um desfalque de 100 contos

A policia de investigação está procedendo a averiguações sobre um desfalque calculado em 100.000 escudos praticado na Companhia de Moagens. Parece que esse dinheiro foi indevidamente levantado de um banco estando já presos dois individuos, como implicados no caso, sendo natural que se efectuem mais prisões!

Os bombistas

A policia de Segurança do Estado entregou hoje ao sr. ministro do Interior os processos dos 56 bombistas que se encontram presos na Torre de S. Julião. Ao Chefe do Governo foi tambem entregue o relatorio referente aos mesmos presos.

NOTICIAS DE CASCAES

A abertura da caça—A animação da praia—Taxas camararias

CASCAES, 22 — Com o inicio da proxima abertura da caça, surge novo conflito entre a Sociedade de Marinha e os caçadores do concelho.

Aquela quer obrigar os caçadores que vão ás suas propriedades, a pagarem uma licença de 50$00, mas eles recusam-se, alegando que não está integralmente cumprido o regimen florestal. Os caçadores sustentam ainda outros pontos de vista, como seja a situação pouco clara dos terrenos.

— A animação é grande, mas o não ser permitido a abertura dos casinos prejudica bastante esta praia.

— Principiam no domingo as festas promovidas pela Associação dos Bombeiros dos Estoris, no adro da igreja de Santo Antonio do Estoril, as quais constarão de *quermesse*, bailes, concertos musicais, etc.

— Foram aumentadas em 25 por cento as taxas pertencentes á Camara Municipal sobre as contribuições gerais do Estado. — (C.)

O CRIME DE CHAVES

DE CREADO A AMANTE

Uma menina da sociedade combina assassinar o marido para ocultar a sua deshonra

Em 15 do corrente o director da policia de investigação de Lisboa recebia do administrador do concelho de Chaves um telegrama em que aquela autoridade pedia lhe fosse enviado com urgencia um dos mais habeis agentes a fim de poder ser descoberto um crime de assassinio que estava envolvido no maior misterio.

Escolhido o agente Pereira dos Santos, sem duvida um dos mais activos e inteligentes que conta a corporação policial, iniciou este as suas diligencias em 18, vindo então a saber que o comerciante Amadeu Lopes Guedes, de 23 anos, e que residia no logar de Vilela Seca fôra assassinado com 6 tiros de pistola, 9 dias depois de ter casado com D. Antonia Santy Galvão, de 20 anos, uma menina rica e que no sitio dispunha, bem como seus pais, de uma certa influencia.

Ora em casa de D. Antonia vivia como creado um rapaz de 18 anos de nome Antonio Coelho da Cruz, que nutria grande afecto pela patroa, o que não passou despercebido ao agente que logo ceitou as suas vistas para o rapaz, conseguindo por fim obter dele toda a historia do crime.

O Coelho da Cruz, com a maior naturalidade deste mundo contou então o seguinte:

Desde os 7 anos que estava aos cuidados da mãe de D. Antonia Santy Galvão e como nutria verdadeiro amor pela menina, mas era pobre e não podia casar com ela, resolveu-se a ir tentar fortuna para o Brazil. A sorte porém, foi-lhe adversa e não podendo viver longe da sua amada resolveu regressar ao Patria em Abril do corrente ano, contando então 18 anos.

Em Junho ultimo entrou a manter relações com D. Antonia a qual a certa altura suspeitou estar gravida, motivo porque os dois amantes procuraram estudar a fórma de encobrir a falta, tanto mais que se tratava de uma menina rica e educada. Opinou D. Antonia por um casamento urgente com qualquer dos seus muitos pretendentes, entre os quais se contavam o comerciante Amadeu Lopes Guedes e o chefe da Estação Telegrafo Postal de Silvares, Antão Lopes Teixeira. Combinado o casamento com o primeiro, realisou-se a cerimonia do registo civil em 6 do corrente, em casa da mãe da noiva, não chegando nunca os noivos a manter relações mais intimas, enquanto se não realisasse a cerimonia religiosa marcada para 12 do corrente. A combinação feita entre os dois amantes era de que mal fosse feito o casamento e a D. Antonia ficasse com a sua honra ilibada, o creado mataria o patrão. Enquanto se não efectuava o casamento religioso o Lopes Guedes ia todas as noites conversar para a janela da casa de jantar, que deita para o jardim.

Foi na noite de 11 quando o Lopes se encontrava falando a essa janela que o creado Cruz armado de uma pistola que fôra comprar por 140 escudos a Verin por ordem da amante, disparou 5 tiros sobre o pobre comerciante que caiu banhado em sangue. Como ainda desse alguns sinais de vida, o assassino disparou ainda um 6.º tiro no ouvido esquerdo do infeliz que teve então morte rapida.

Os dois amantes foram entregues ao poder judicial.

Teatros --- Musica --- Cinemas

A arte da dança

Alexandre Sakharoff

faz interessantes declarações a um jornalista

Alexandre e Clotilde Sakharoff, os celebres bailarinos russos, estão em Espanha. Um jornalista entrevistou-os e do que eles disseram vamos dar um resumo:

— Nunca tinha pensado em deixar a minha profissão de pintor — disse Alexandre. Mas um dia vi o «Aiglon», de Rostand. Sempre senti vocação para a arte da dança e admirei os seus melhores interpretes, mas não satisfaziam a minha concepção literaria, pois julgo esta arte uma derivação, ou melhor, a ultima étape da literatura

«A atitude de Sarah constituia por si só uma verdadeira expressão concreta sem palavras, e se as do poeta davam o sentido limitado, ela tinha-lhes dado já a soberania infinita. Pensei, então, na arte que procuro realisar, a tal ponto, que no começo da minha profissão, ainda com os prejuizos inherentes aos que principiam, irritava-me que nos classificassem de *mimos*, cuja exactidão reconheço agora, não no aspecto concretamente material da minuciosidade insuportavel, mas no da mais ampla expressão pelo gesto e pela atitude, sem que com isso tratemos de uma copia de tal quadro de Fragonando ou de Wateau. Unicamente um estilo que nos inspire para a «Gavota» de Bach ou para qualquer das obras que abordamos.

Uma nova linguagem

— Não lhe parece que ao generalisar dêsse modo a arte pode sofrer na sua estilisação Quer dizer, nunca a copia servir, mas um programa, um assunto que nos leve ao seu maximo de expressão, a exteriorisarnos êsse misterio oculto, no mais recondito do nosso sentimento, que melhor pode segurar-se a uma definição realisada.

— Parece-me que para essa exteriorisação convem precisamente uma linguagem diversa da que se empregou até hoje: a vida é muito complexa e o mais intimamente nosso de um momemnto é o quer que seja que, sem darmos por isso, resulta universal. E' preciso, pois, passar do resultado á concepção regressivamente, e nela inspirarmonos, realisando a nossa ideia.

E Alexandre Sakharoff continuou:

— A entrega ha-de ser voluntaria, pois de contrario — se fôr obrigatoria — transforma-se em rebeldia.

«No povo russo ergueu-se esse sentimento pela necessidade de se libertar; mas creio que a nossa arte se salvará, inclusivé contra o Estado, porque nós sabemos ser universais, sem perdermos nada do caracter russo. Já Dostoyersky dizia que o russo é o homem universal por excelencia. Quantos artistas nossos trabalham na França e na Alemanha!

«Merejkovsky reside em Paris, onde colabora comnosco, procurando juntos temas de arte. Tambem Ravel, o insigne musico francez, compõe musica para um *ballet* nosso. Os seus ritmos fazem-me passar bocados de verdadeiro desespero.

— E' um artista triste; parece que oculta alguma dôr intima — disse Clotilde Sakharoff. Nós tambem gostamos, como ele, de uma vida retirada, e se lamentamos ás vezes a nossa profissão, é por causa do contacto directo com toda a gente.

— Eu sou da Crimeia — e ao dize-lo, Alexandre Sakharoff parecia começar uma lenda romantica, sentir a dôr amarga da ausencia. A minha imaginação trasborda como os rios do meu paiz. Mas sem Paris não teria vivido a minha arte. E' preciso intelectualisar a intuição...

Nota do dia

A organisação social no teatro

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, não é, evidentemente, uma agremiação modelar. Mas, é alguma coisa.

Não tem uma séde propria, as suas provisorias e pauperrimas instalações de favor, teem ainda o ar dum camarim barato e de mau gosto, mas emfim, é uma sociedade de artistas dramaticos, e existe.

Ha dez anos ela, não seria possivel. A psicologia do comico, a falta de prestigio social da sua profissão, sobretudo entre nós, era um facto tão evidente, que uma associação de classe de actores, ainda ha meia duzia d'anos não era viavel.

Conseguiu-se reunir os homens do tablado, e quem o conseguiu merece incondicional louvor

O que é preciso agora é andar para a frente. O que é necessario é que os artistas da «élite», não desprezem, não voltem as costas á sua casa social.

Porque a verdade é que até hoje, a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, apenas tem contado com desinteressadas boas vontades, mas as grandes figuras dramaticas, teem primado pela sua ausencia.

E' preciso que lá vão.

Julgo que se a direcção da A. C. T. T. tivesse convidado alguem de prestigio para uma ou duas sessões de propaganda dos seus fins, (e da orientação desse convite tudo dependia) já hoje, em vez de ter cançado alguns auditorios com palestras de duvidoso interesse, poderia ter um maior numero de valores reais a dentro das suas portas e não apenas nas listas das suas quotas, o que nada significa.

Não se trata aqui duma censura. Antes um conselho e uma desinteressada boa vontade tem a simpatica agremiação dos artistas dramaticos portugueses no cronista desta secção—secção e cronista, hoje, como sempre na disposição de se lhe util.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

De Portugal

Está sendo aguardada com o maior interesse e entusiasmo em Setubal, a notavel Companhia Lucilia Simões, que no teatro Recreio do Povo, vae realisar 3 unicos espectaculos, no domingo, segunda e terça-feira proximos. As peças que representará são a «Zázá» a «Carta Anonima» e a «Rajada», nas quaes Lucilia Simões tem largo ensejo de manifestar toda a grande maleabilidade do seu peregrino talento. Para essas recitas excepcionaes os bilhetes tem sido procuradissimos.

Do estrangeiro

Chales Méré extraiu do romance de Merimée uma nova «Carmen», que subirá á scena em dezembro no teatro Cora-Laparcerie.

— Deve subir á scena em setembro no «Pemina» a nova peça de Jacques Natanson, «Amants sangrenus».

— Estreia-se amanhã no Olimpia, de Paris, a celebre bailarina russa Natacha Trouhanowa.

— Victoria Fer obteve na Opera Comica um formidal triunfo com a «Madame Butterfly», que cantou admiravelmente, no dizer da critica.

Lucrecia Borgia

Foi contractada para cantar em Salzbourg e em Zurich «Cosi Fan Tutte» uma encantadora artista americana, que em New York ganha 200:000 dollars por ano e que se distingue pela sua grande modestia. Tendo uma das mais belas vozes do mundo, não quer ouvir falar em tal e, tendo direito a usar um nome ilustre, prefere aparecer nos cartazes com um pseudonimo.

Assim é que nos anuncios de teatro ela aparece sempre com o nome de Lucrezia Bori, quando ela se chama mesmo Lucrecia Borgia, sendo uma autentica descendente directa da celebre familia que deu papas á cristandade e a famosa Lucrecia que inspirou Victor Hugo.

Reclames

NACIONAL

Amanhã, sexta-feira, no Nacional, a «première» da farça em 3 actos «O cabeça de Turco», original de Antonio Fernandez Lepina, acomodado á scena portuguesa por Henrique Galvão, Carlos Ferreira e Jorge Serio.

Na peça ao que nos afirmam os raros que assistiram aos seus ensaios, abundam as situações imprevistas, cheias de graciosidade e recheiadas de ditos de espirito.

«O cabeça de Turco» deve ter um excelente conjuncto de desempenho, visto que a sua interpretação, pela ordem indicada na peça está confiada a Silvestre Alegrim, Joaquim Costa, Jorge Grave, Luiz Leitão, Botelho do Amaral, Antonio Rodrigues, Irene Grave, Helena de Castro, Isabel Berardi, Lonzalira Neves, Ema de Oliveira, Sarah Lino e Romena Cruz.

«O Cabeça de Turco» exibe-se com scenarios de Campos & Oliveira. Para a récita da *premiére* no Nacional estão tomados muitos logares.

MARIA VITORIA

Continua a ser a peça preferida pelo público a revista «Fado Corrido» que está em scena nos teatros Maria Vitoria e S. Luís.

Cartaz do dia

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte»
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALAO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

A ESPANHA EM MARROCOS

Weyler regressou a Madrid

O celebre general foi, viu, mas não venceu

São extremamente curiosas as entrevistas que o general Weyler, de regresso de Melilla, concedeu aos jornalistas espanhois. Como se sabe, o celebre general, que ha tempos quiz dar um passeio militar até Lisboa, foi ha poucos dias a Marrocos, apressando-se a voltar a Madrid logo que os mouros recomeçaram os violentissimos ataques a que nos temos referido.

Ao redactor de «El Liberal» em Melilla, que o interrogou sobre a sua inesperada partida, declarou:

— Vou-me embora, porque não tenho nada que fazer aqui. Eu vim vêr o que se fez e não com faculdades de general. O que se passa não me surpreende, pois tinha a certeza de que logo que os mouros soubessem da minha presença aqui, organisariam um ataque.

«Voltarei, se voltar como devo voltar, em meados de setembro ou principios de outubro. Não voltarei fazendo uma confusão de poderes, que é a origem de tudo o que está sucedendo. Você, que conhece a historia de Marrocos, sabe que isto de manter posições e posições, por mante-las, sem finalidade, deu sempre funestos resultados a espanhois e portugueses.

— Parece-lhe, pois, que ha posições a mais... — perguntou o jornalista. E ele respondeu:

— Naturalmente! Para que servem as posições que originaram o combate de hoje? Se temos de ir a Alhucemas, vamos, mas como devemos ir, com um general. Se não é preciso lá ir, então, vamos ..

Don Valeriano — escreve o nosso colega madrileno — não terminou a frase.

* * *

A' sua chegada a Málaga, Weyler tornou a falar:

— E' preciso ir a Alhucemas. Você não se esqueça de que sou soldado e soldado guerreiro. E, além disso, sou homem politico. *Mire usted*... Fui capitão general da Catalunha em circunstancias graves e durante cinco anos em que ali estive não precisei de declarar o estado de guerra, o que prova que tambem sei governar politicamente.

«Estive em Cuba, e creio que fui feliz na minha acção. Moret, com o seu discurso de Saragoça, conseguiu que eu saisse dali, e o resultado foi que se perdeu Cuba. Está claro que eu meto tudo em linha de conta e aplaudo a conducta do sr. Villanueva. A nação não pode mais. Daí deriva a situação em que se encontra o Governo; mas creio que é preciso ir a Alhucemas, agora ou daqui a alguns meses; mas é preciso ir.

«Eu repito, sou soldado, mas tambem sou politico. E politicamente não me fiarei nunca da lealdade dos rifenhos.»

Assim falou, não Zaratustra, mas o general Weyler, que não poude deixar de se referir aos portugueses, esquecido de que estes souberam manter as posições alcançadas em luctas aguerridas, não vindo para Lisboa quando elas eram atacadas, nem mesmo quando ali iam só para vêr...

Declarações do ministro da guerra

MADRID, 23 — O ministro da Guerra disse aos jornalistas que o Alto Comissario de Marrocos lhe tinha enviado noticias muito satisfatorias ácerca do valoroso comportamento das tropas e que por esse motivo lhe tinha enviado as suas felicitações em nome da nação espanhola. Comunicou mais que as colunas que tinham saído de Benalada e de Tiferaiti tinham efectuado reconhecimentos sem terem sido hostilisadas. A esquadra bombardeou Alhucemas. As nossas tropas dizem que os rebeldes que entraram e moperações são muito numerosos. No bombardeamento efectuado pelo couraçado Alfonso XIII foram lançadas 231 granadas. O «España» lançou 237 de grande calibre e 30 granadas de calibre inferior. O «Regente» fez fogo com 45 granadas. O hidroplano que comboiava a canhoneira «Laya», voou sobre o territorio inimigo deixando cair 120 granadas.

O governo abordou a nomeação do general Marzo para comandante geral de Melilla. Aizpuru pediu para que as noticias sobre Marrocos fossem dadas unicamente por seu intermedio. — (R.)

As operações

MELILLA, 22 — *Comunicação oficial* — «Um aeroplano tripulado pelo capitão Boy foi alcançado pela fuzilaria dos mouros, caindo e incendiando-se.

O couraçado «Espanha» tem bombardeado as trincheiras inimigas e as concentrações de rebeldes entre Afrau e Táfaruin. E' grande a actividade entre os mouros que continuam a atacar as nossas posições de primeira linha. O estado de espirito das nossas tropas é excelente e cheio de ardor combativo. O Alto Comissario sr. Silvoia está resolvido, segundo disse aos jornalistas, a pôr em prática procedimentos rigorosos, porque só estes são eficazes com os mouros. O inimigo fez fogo contra Tizi-Alma, Izumar e contra o acampamento de Tafersia, tendo tambem hostilizado os regulares. Foi dispersado pela artilharia. A' frente dos rebeldes estão os chefes de Tensaman, Beni-Tuzin e muitos Beni-Said.» — (R.)

OS PARTIDOS

Adesões ao P. R. R.

Reuniu hontem a comissão municipal do P. R. R., tomando conhecimento de novas adesões, e entre outros assuntos, resolveu, pedir ao seu Presidente sr. Julio José Rôxo, que retome o seu cargo, voltando á actividade, visto terem deixado de subsistir os motivos do seu afastamento, e ainda saudar o major sr. Filipe de Sousa pelo seu regresso a Lisboa.

Deram a sua adesão a este partido os cidadãos: Antonio Matos Rosa, comerciante; Henrique Nunes Carrão, funcionario publico; Manuel Ferreira Machado, negociante; Pedroso Antonio da Costa Freire, proprietario; Manuel Felicio Duarte, caixeiro viajante; Carlos Pendão, caixeiro; Manuel Francisco Namora, cortador.

Francisco Carlos Garcia, estucador; Eugenio Noel, oficial de marinha mercante; José Maria Barraja, calceteiro; Guilherme dos Santos, electricista; Alfredo Antonio Luciano da Silva, cabo marinheiro; José Correia Melo, comerciante; Abel de Castro, pintor; Alfredo José Carrilho, constructor civil; José Augusto dos Santos Silva, engenheiro industrial; Artur Brito; empregado no comercio; Adelino Martins, industrial, José d'Aguiar Rodrigues, cordoeiro.

Em Almada: Luiz José Mendonça, fiscal dos impostos;

No Estoril e Cascais: Luiz Gloria Matoso, funcionario publico; Alberto Cardoso Freire, empregado publico; José Duarte Rendeiro, funcionario publico; Matias José dos Santos, comerciante; Antonio Bual, empregado publico.

Uma reunião politica

No Centro França Borges realisa-se hoje, ás 21 horas, uma reunião de socios do Centro Coronel Antonio Maria Baptista, para tratar de assuntos urgentes.

TAUROMAQUIA

A grande tourada da Associação da Imprensa

Vai realisar-se no Campo Pequeno em Setembro proximo

A Associação dos Trabalhadores da Imprensa vai realisar em meiados de Setembro proximo, na praça do Campo Pequeno uma grande tourada a favor do seu cofre de beneficencia para viuvas e orfãos dos jornalistas. Deve esta festa revestir-se de um lusimento e brilhantismo pouco vulgar para o que a direcção da A. T. I. bem como o seu delegado sr. Guilherme de Freitas Brito estão trabalhando com a maior actividade. Muitas adesões teem sido já recebidas, não só de lavradores dos mais conceituados como ainda dos nossos mais laureados amadores e artistas tudo fazendo prever que esta festa de jornalistas deve ficar memoravel.

Funcionalismo Publico

Desigualdade das subvenções

Aos funcionarios do Governo Civil de Lisboa foram hoje abonadas as subvenções desde o mez de janeiro findo. O pessoal menor foi quem menos recebeu, pois que os continuos que tinham 224 escudos ficaram percebendo 250, sem quaesquer outros proventos; quando noutras repartições do Estado o pessoal menor passou a receber 350 e 404 escudos.

Parece que devia ter sido seguido o criterio do saudoso coronel Baptista mas tal não sucedeu porquanto maior é o ordenado maior subvenção é paga, havendo funcinarios que recebem contos de réis enquanto os pequenos apenas foram contemplados entre 15 a 30 escudos mensaes.

A orientação recta do falecido coronel Baptista não foi agora seguida pelo Governo o que não impede que fosse perfilhada por varias emprezas e Companhias. A Companhia dos Tabacos, por exemplo, deu maior subvenção aos seus empregados que tinham menor ordenado.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220,2.º — LISBOA* Telefone N. 320

NA RUA

imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
—— recorrendo á ——

ILUMINADORA

—— DA ——

ESTEFANIA

—— DE ——

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida da Berna, M. H. B.
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e oficina, Norte - 4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e pára-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITÃO, LIMITADA

Orçamentos gratis

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e ... os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico habilitado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas, taes como lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sêc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47-Lisboa-Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 2)*

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
R. JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1893
LONDRES 1904 — LISBOA 1888 — PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

Poupa tempo dinheiro e roupa

ACH. BRITO-PORTO

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo cloreto e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga—conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregal-a entre as mãos quando haja sujos ou nodoas ruins de sahir porque, amolecidas já pela barrela, se desfazem rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—28, Rua de S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2540, uma empregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º
Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º
Telef. N. 1178

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e con erva e saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2511)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c.—(Telef. C. 5113)

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens
Sempre ao melhor preço.

A. Pinheiro da Costa

Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1789

GRAND PRIX
O Maior Premio da Exposição LONDRES 1904

CONTRA A DEBILIDADE — VINHO NUTRITIVO DE CARNE — O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE — RECEITADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS — A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro, Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893. Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908. Mostruario Industrial Portuguez 1915.

Pedro Franco & C.ª L.da
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservae de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

TINTURARIA

— DO —

POVO

— DE —

José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente
——novos cursos——
para principiantes em

FRANCEZ ::
:: INGLEZ

: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : :

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

Operações insensiveis por anestesia

Dentaduras sem chapa

R. de S. Paulo 127

COLLARES
BURJACAS

Moveis estofados

e

decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglez e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuills e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33

TELEFONE C. 1834

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º

LISBOA

BANCO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO

LISBOA — **FUNDADO EM 1891**

TELEFONE C.-Expediente: 531 Direção: 4308 — Telegramas: BRAZILEIRO
Codigos: A. B. C. 4.ª e 5.ª edição e RIBEIRO

Reserva Esc. 10.000.000$00
Capital Esc. 10.000.000$00

Filial no Porto: PRAÇA ALMEIDA GARRETT

Agentes em todo o paiz

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO MUNDO

Depositos á ordem e a praso em moedas portuguezas e estrangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes-Operações bancarias de todos os generos

---

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia ingleza, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4462-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA — [...]nta-feira, 24 de Agosto de 1923 — Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Do forte de S. Julião da Barra fugiram 12 dos mais —: temiveis bombistas :—

Poucas classes acataram a determinação da C. G. T.

para a declaração da gréve geral, trabalhando-se normalmente em toda a cidade

A GRÉVE

Está proclamada a gréve geral, e, como de costume, a gréve geral será tudo menos geral.

Aderiram ao movimento algumas classes, ou antes parte d'algumas classes, aquela parte irrequieta, insubmissa, audaciosa e despotica, que constrange o maior numero dos seus camaradas de trabalho a tomar uma atitude que as contraria e lhes desagrada, conhecida como é a improficuidade destes simulacros de gréve geral. Mas a grande massa dos trabalhadores mantem-se no seu posto. Essa entende que estes movimentos desordenados, sem preparação e sem cohesão, nunca podem dar resultados proficuos. Para ela, o trabalho é ainda o meio de ação no sentido de melhorar a situação do paiz, e com elas a de todas as classes que lhe dão o concurso do seu esforço.

A greve obedece a um intuito de protesto. Até certo ponto compreende-se. Mas para um protesto bastava um dia. O pensamento dos «meneurs» da gréve é porém diverso, e tanto o é que a «Batalha» anuncia hoje que a greve será de duração indefinida. Sendo assim, trata-se duma luta. Os dirigentes do operariado já deviam ter reconhecido que essa luta não dá resultado.

Ha anos que começou a ser empregada por eles a tactica da gréve geral. E que temos observado? Temos observado que de ano para ano, ou para melhor dizer, de greve para gréve, a importancia dos movimentos dessa natureza tem ido diminuindo em valor e extensão. De cada vez acorrem menos classes aos clamores de incitamento com que a União dos Sindicatos Operarios ou a Confederação Geral do Trabalho procuram arremessal-as a essa luta. E, ainda recentemente, na ultima gréve geral decretada pelos agitadores operarios, e que primeiramente se desencadeou por causa dum aumento do preço do pão, essa gréve fracassou mais miserandamente ainda do que as outras, tornando-se necessaria, para cobrir a retirada, uma promessa vaga do sr. Antonio Maria da Silva, que todos sabiam que não seria cumprida, como o não foi. Mas os dirigentes da gréve tomaram-a como boa, e nunca vieram acusar o sr. presidente do Ministerio de haver faltado á sua palavra, porque essa promessa lhe tinha servido para disfarçarem a sua derrota.

Estamos agora na presença dum movimento de identica natureza, e tudo leva a crer que ainda será mais limitado do que o ultimo. E' possivel que os grévistas ainda procurem demonstrar a sua actividade procurando vitimar camaradas seus que não tenham aderido á gréve. E' o que já tem por vezes sucedido, desviando-se desde logo o eixo da questão, visto que, em vez da luta ao que o proletariado considera uma extorsão do capital, se passa para um conflito entre os proprios trabalhadores, procurando firmar-se, como doutrina assente, os processos revolucionarios.

E' bem triste que o operariado seja assim conduzido para situações falsas e perigosas. E conduzido por quem? Por uma minoria, porque o que se prova com o expediente da gréve geral é que é muito maior o numero dos que recusam associar-se a ela do que o numero dos que a aceitam e tentam fazel-a triunfar, o que vem demonstrar, não a força, mas a fraquesa de organisações que deveriam tratar dos interesses do proletariado com maior ponderação, serenidade e zelo.

A Espanha em Marrocos

Os soldados amotinam-se

disparando tiros e matando um oficial

MADRID, 24 — Consta oficialmente que alguns soldados de infantaria ao embarcar hontem á tarde em Malaga para Melilla levantaram dificuldades disparando tiros, sendo morto um oficial. A ordem foi logo restabelecida, efectuando-se o embarque. (H).

Os mouros invadiram Tetuan

TANGER, 24 — Duzentos indigenas, disfarçando as armas, penetraram de noite em Tetuan, começando aos tiros e semeando o panico na população. Houve 10 mortos e 34 feridos. (H).

"A Capital"

Passa, a partir de amanhã, a custar 20 centavos

O aumento constante do preço de todos os produtos indispensaveis aos jornais obriga-nos, bem a nosso pesar, a elevar, a partir de amanhã para 20 centavos (200 reis) o preço de A Capital). Não é possivel no estado actual, com as despesas a que obriga a factura de um jornal como o nosso, manter o preço de 15 centavos, que á custa de incalculaveis sacrificios tem tido A (Capital).

No entanto, e seguros que o publico continuará a dispensar-nos a sua simpatia, faremos tudo quanto em nossas mãos estiver para nos tornarmos cada vez mais dignos dela, dando aos leitores todas as possiveis compensações.

AMANHÃ

Colaboração de

HERMANO NEVES

Na proxima semana

ANDRÉ BRUN

BOURBON E MENEZES

OLIVEIRA GUIMARAES

O QUE HA DEPOIS DA MORTE?

O REINO DO MISTERIO

A partir de amanhã

"A Capital,, iniciará a publicação do notavel romance de Robert Benson, em que se expõe o que de mais curioso se tem estabelecido nas relações do homem com o infinito.

O Reino do Misterio

publicar-se-ha em formato de livro, podendo ser reclamados na CAPITAL a partir de amanhã, os primeiros numeros publicados.

O DECRETO DO PÃO

O egoismo dos lavradores

venceu em prejuiso do publico consumidor

E' preciso, pois, estabelecer a liberdade de importação de trigo

Vamos no segundo dia do novo regimen do pão que o povo aceitou de boa mente áparte protestos dos agitadores.

Estabeleceu-se a concorrencia. Os preços eram diferentes em diversas padarias e isso prova que não houve entre os panificadores combinação prévia que só poderia prejudicar o publico consumidor.

Essa concorrencia não pode, todavia, ir até ao maximo de beneficio do povo, em virtude da restrição do decreto da importação do trigo exotico. A preocupação da protecção á lavoura nacional levou o ministro a extremos inadmissiveis. A tabela do trigo nacional é alta de mais, os abusos dos lavradores elevam-na mais ainda e os panificadores veem-se na impossibilidade de embaratecer o pão.

Com a libra a 96 escudos, como esteve num dos ultimos dias, já era possivel comprar trigo exotico muito mais barato que o nacional e, por consequencia, fabricar pão menos caro. Infelizmente a libra não se manteve naquele preço e ontem subiu a 102 escudos, fechando á tarde a 99 mercê do auxilio que o Banco de Portugal entendeu, muito mal a nosso vêr, dever prestar a alguns Bancos.

Em todo o caso mantendo-se o Governo no proposito de não aumentar a circulação fiduciaria, o preço da libra baixará sucessivamente, áparte inevitaveis flutuações.

E, emendado o decreto na parte relativa á restrição da importação e na inconcebivel disposição do artigo 9.º que não permite comprar trigo estrangeiro mais barato que o nacional, podessemos alimentar a esperança de melhores dias dentro de curto prazo.

Preciso é, pois, que o sr. ministro da Agricultura se disponha a modificar o decreto em harmonia com as suas primeiras declarações que, decerto, correspondiam ás suas intenções e aos seus planos.

Ampla liberdade de fabrico do pão, anunciou o sr. ministro, e o que foi posto em execução, nem é regimen de liberdade, nem deixa de ser.

E' uma miscelania de liberdade e restrição que não se coaduna com o pensamento do sr. ministro da Agricultura. Liberdade para o preço do pão, restrição para a importação de trigo estrangeiro, no decreto quasi só ficou, do pensamento do sr. ministro, aquele que prejudica o publico.

* * *

Toda esta confusão foi provocada por pressões exercidas pela lavoura nacional que tem na burocracia do respectivo ministerio quem abertamente a proteja sem atender a outros interesses, quiçá mais dignos de defesa.

A lavoura nacional cuja proteção, em principio, nós não combatemos, tem-se demonstrado ferozmente egoista. Neste periodo calamitoso apoz a guerra foram os lavradores dos que mais enriqueceram, e muitas das queixas e protestos ouvidos contra o comercio de generos alimenticios enfiavam melhor na cabeça dos produtores. Na questão do trigo, então, os abusos atingem o cumulo. Explorando habilmente o interesse geral colectivo duma intensa cultura daquele cereal, conseguem sempre do Governo uma tabela de preço altissima para o seu produto e a proibição da concorrencia do trigo exotico. Não contentes com isso, ainda furtam ao manifesto uma grande parte da sua produção para explorarem as necessidades e aflições da moagem, vendendo-a por preços muito mais elevados que a tabela.

Ora, se compreendemos e concordamos em que a lavoura nacional deve ser protegida, repugna á nossa razão admitir que essa protecção vá tão longe que prejudique os interesses de todos os mais. O preço da tabela deveria ser variavel em harmonia com o cambio da libra e nunca ir alem do preço do trigo exotico, «cif» Tejo, pois que este tem a sobrecarrega-lo o frete, seguro e as operações de carga e descarga.

Nestas condições o pão embarateceria muito e o Governo, cuidando assim dos interesses da grande massa da população, tiraria a todos os agitadores profissionais um excelente pretexto para operarem nas suas tenebrosas combinações.

O decreto que veio a lume, parece, porem, não ter considerado senão o lavrador, habilitando-o a enriquecer ainda mais, muito mais, não só pela alta tabela do preço, mas tambem pelos abusos que á sombra da restrição da importação do trigo exotico continuará a praticar em prejuizo dos industriais da moagem e da panificação e, muito principalmente, do publico consumidor.

Esperamos, todavia, que o sr. ministro da Agricultura ponha as coisas no seu devido pé, em conformidade com a sua concepção inteligente do regimen de ampla liberdade do fabrico do pão.

A proposito...

O crime na classe burguesa

A que atribuil-o? Ao cinema? Ao romance?

Depois do crime da rua da Escola Politecnica, o crime de Chaves; depois de D. Maria Guerreiro, D. Antonia Galvão.

As burguesinhas da nossa terra estão enchendo com uma assiduidade alarmante as colunas dos jornais, dando largo motivo á cronica do crime.

Emquanto uma das criminosas estrangulava os filhos que o seu ventre de mãe fecunda teimava em gerar, a outra atrahia ao casamento, com o proposito firme de matal-o na primeira oportunidade, um homem que se lhe entregava com a sinceridade de quem se deixou cegar pelo amor.

Não quis a primeira tornar conhecida a sua falta e tres vezes estrangulou trez filhos, só para que as portas dos salões não se lhe fechassem e poder continuar na vida desregrada que levava. Cinco, dez filhos que nascessem, estrangulal-os-ia a todos, com o mesmo cinismo, com o mesmo sangue-frio, com a mesma crueldade do primeiro.

Pois com um cinismo, com um sangue-frio e com uma crueldade de ainda maiores, preparou a segunda o seu crime. Prestes a ser mãe e não querendo separar-se daquele a quem pertencia, escolheu um dos seus numerosos admiradores, fês-se sua noiva e sua mulher e, armando o braço do amante, levou-o a matar o marido na sua frente, por não querer perder tão barbaro espectaculo.

Não se topa facilmente na gente humilde com uma perversidade tamanha.

Os individuos das classes inferiores são rudes sempre, mas são quasi sempre, tambem, leais. Não matam assim, á traição, nem ha mulher nenhuma que, como esta, chame para junto de si um homem que a ama, antegosando o prazer de vêl-o escabujar a seus pés, varado por cinco tiros, dados pelo amante.

* * *

Ainda ha poucas semanas, á mesa de um café, se aizia que a mulher portuguesa da burguesia não dava um drama, pois na classe burguesa da nossa terra não havia o conflicto indispensavel é acção. Daria, quando muito, a farça, afirmava-se.

Surgia, pouco depois, o caso Maria Guerreiro. Aparece, agora, o caso Antonia Galvão. Estamos em plena tragedia, num meio até aqui poupado pelas investigações da policia.

A que atribuir esta insistencia no crime, por parte de uma classe que tremia de medo do escandalo e de criaturas que todos nos acostumámos a olhar como anjos de doçura, criadas para encher de sol e de amor um lar remediado?

«A Epoca» dirá que á falta de religião. Mas, sem querermos atribuir á religião os crimes cometidos, não deixaremos de acentuar que as duas criminosas eram catolicas, como catolico era o ambiente em que sempre viveram.

As causas, pois, não são essas, nem, segundo nos quer parecer, ha motivos sérios para evitar que os jornais se ocupem do assunto com a larguesa que o estupendo facto requer. A não ser que se estabeleça tambem a favor de Antonia Galvão aquela doentia corrente de sentimentalismo que arrastou consigo tanta gente a proposito do caso Maria Guerreiro.

UM ROUBO AUDACIOSO

Trez bandidos

roubam num baile 170 convidados

NEW-YORK, 23.—Comunicam de Nichigan que em Allendalle acaba de ser praticado um roubo audaciosissimo em circunstancias verdadeiramente estranhas e novelescas.

As primeiras noticias afirmam que foram só trez os bandidos que, com uma temeridade ainda não igualada, conseguiram meter medo a 170 pessoas que se encontravam num salão de baile, despojando-as de tudo quanto tinham de valor.

O roubo verdadeiramente á americana, passou-se da seguinte forma:

Um banqueiro da California, mr. Klayder, que possue uma esplendida casa de recreio nas imediações de Allendale, querendo festejar as suas bodas de prata, cuja data coincidira com a festa onomastica da sua segunda filha, convidou numerosissimos amigos para uma ceia, seguida de baile.

Com varios dias de antecedencia iniciaram-se os preparativos da festa adquirindo quantidades fabulosas de flores e plantas, trabalhando-se de dia e de noite na decoração do palacio. Como o numero de convidados fosse grande, foram contractados em Nichigan muitos criados, entre os quais ha quem se recorde de ter visto um individuo de nome Ralig, que manifestou um particular interesse em ser admitido para prestar serviço, assim como o facto de aparecer acompanhado até ás imediações da povoação de dois rapazes elegantes que com ele se apearam de um automovel.

Ao começo da noite já os salões estavam cheios de convidados e quando o «champanhe» (apesar da «lei seca») começou a provocar nos convidados uma crescente alegria, os anfitriões, acompanhados pelos convidados, presidiram ao baile.

Começava este, quando o salão, que

Uma rapariga conseguiu, com risco de vida, quebrar os vidros de uma janela que deitava para o jardim, saltar para este e avisar pelo telefone o posto de policia mais proximo. Mumentos depois um automovel com agentes chegava ao palacio. Mas já era tarde.

Os tres bandidos tinham despojado os convidados de quantas joias levavam consigo e, depois de fecharem as partos do salão punham-se em fuga.

Um agente, que conseguiu avistal-os e correr em sua perseguição caiu morto com um tiro; sem que ninguem há tres dias saiba onde se ocultaram.

O numero de mortos eleva-se a sete.

estava fulgurante de luzes, ficou totalmente ás escuras.

Que secedera? Trez lanternas de furta-fogo, pupilas de ciclopes, se agitavam inquietas entre as sobras.

Um grande medo dominou todos os convidados, que mais se apavoraram com o ruido das detonações. No «parquet» cairam feridos alguns criados, que tentaram opôr-se ao roubo.

O tufão de Hong-Kong

A tripulação da canhoneira «Patria» nada sofreu com o tufão de Macau

No gabinete dos reporters no governo civil, foi hoje recebido o seguinte telegrama:

HONG-KONG, 24.—Oficiais, sargentos e praças da canhoneira "Patria" participam ás suas familias que nada sofreram com o violento tufão.

Dr. Ferreira da Silva

Faleceu hontem na sua casa do Souto de Cocujães, para onde tinha ido ha cinco dias, o ilustre quimico e sabio lente da Universidade do Porto, Dr. Ferreira da Silva.

O ilustre extinto, que contava 70 anos de idade, era uma figura de grande renome tanto no Paiz como no Estrangeiro.

Sociedade Protetora dos Animais

Efectua-se amanhã, ás 21 horas, na Associação dos Empregados do Comercio e Industria, na rua da Palma, a assembleia geral da Sociedade Protetora dos Animais.

CAMBIO

A libra fechou hoje a 97$50 e 99$50.

Notas a lapis

O... limite de armamentos

Tendo os Estados Unidos resolvido desmantelar imediatamente 28 navios de guerra dos mais antigos, em conformidade com os acordos navais de Washington, é interessante comparar a tonelagem atual das marinhas de guerra das cinco grandes potencias que firmaram o tratado... limitação dos armamentos.

A America possue ainda 18 unidades capitais, num total de 500:650 toneladas.

A Grã-Bretanha tem 22 grandes navios, num total de 680.400 toneladas, preparando-se para construir outros de 35.000 cada uma.

O Japão tem 10 navios, com 301.320.

As 10 unidades capitais da França, com 221.170 toneladas, seria acrescidas de outras com 35.000 cada uma.

A Italia possue tambem 10 unidades, num total de 182.800 toneladas, reservando-se o direito de construir mais cinco, uma com 45.000, outra com 25.000 e as restantes com 35.000.

Como se vê, as potencias signatarias do tratado estão cumprindo à risca a sua palavra...

O trabalho no Japão

Ao Congresso Japonez acaba de ser apresentado um projecto de lei que reforma a que está em vigor pela qual se regulam os trabalhos nas fabricas.

Segundo publica «The Journal of the te Medical A.», entre outras coisas exigidas pela nova lei niponica, figuram as seguintes:

1.º reduzir ainda mais as horas de trabalho dos menores e das mulheres;

2.º dar às mulheres e aos menores que trabalham em fabricas dois dias de ferias por mez;

3.º proibir o trabalho nocturno aos menores, reduzi-lo para as mulheres;

4.º às mulheres antes e depois do parto, limitar-lhe o trabalho a poucas horas;

5.º melhor as condições higienicas das fabricas e aumentar as indenisações por acidente no trabalho, «ainda que o acidente se dê por descuido e culpa do operario victima».

A «lei seca»

Para que se imagine o que foi para os Estados Unidos, a promulgação da lei seca, é preciso saber o que representavam as bebidas alcoolicas na vida do paiz. Basta dizer que, no jury, os juizes de facto podiam-se reconfortar de vez em quando com um calice de whisky, sendo consumidas varias garrafas em cada julgamento.

Um caso ilustra essa liberalidade. Condenado a quinze anos de prisão, em 1910, pelo tribunal de Nova York, o banqueiro Morse pediu revisão do processo, alegando que os jurados estavam bebedos quando sairam da sala secreta. O juiz indeferiu, porem, o pedido, declarando que os doze juizes de facto haviam consumido apenas duas garrafas de wisky e uma de cognac.

Um grande poeta

Martins Fontes é, já aqui o dissemos um dos grandes poetas do Brasil, grande pela inspiração, pela altiloquencia do seu verbo, pela extraordinaria riqueza da lingua. O seu novo livro «As cidades eternas» ficará sendo uma obra prima da moderna literatura brasileira, pois ninguem hoje no seu paiz excede Martins Fontes no fulgor da linguagem e da inspiração e no vôo largo e ousado do pensamento.

Babilonia, Deli, Athenas, Roma, Alexandria, Veneza; Florença, Granada, Lysancio, Lisboa, Paris e Bruges são as doze cidades eternas pelo seu passado de gloria, pela sua expressão caracteristica de beleza e pelas harmonias que souberam despertar na lira de cristal e ouro do poeta que as cantou.

A T. S. F.

A Radio Academia de Portugal realisa brevemente a sua inauguração na séde provisoria, rua Antero de Quental, 51, 1.º, para onde os amadores da T. S. F. poderão mandar as suas adesões.

ULTIMA HORA

A questão do pão

O que se passou durante o dia

Houve borborinho em alguns pontos da cidade--Os grevistas e o Governo -- O policiamento

A União dos Sindicatos no comicio que ontem promoveu, resolveu declarar logo a gréve geral de protesto contra o aumento do preço do pão, tendo numa reunião de delegados que á noite se realisou, sido ratificada a resolução do comicio.

Hoje de manhã varias comissões de vigilancia percorreram a cidade, distribuindo as proclamações da gréve e incitando os seus camaradas a abandonar o trabalho, tendo em diversos locaes os grupos de grévistas sido dispersados pela policia.

Alguns grupos colocaram-se ás portas da cidade, tentando conseguir que não entrassem as carroças com hortaliças.

Apesar dos esforços empregados pela U. S. O. a gréve limita-se á Construção Civil, uma parte de metalurgicos, arsenaes da Marinha e do Exercito, maritimos, e graficos, tendo nas fabricas de fosforos e tabacos, e tecidos entrado a maioria do pessoal.

O pessoal do Matadouro tambem abandonou o trabalho, só abatendo três bois, para fornecimento dos hospitais. Ontem, como noticiámos, chegaram no «Funchal» 180 rezes, que aguardarão o regresso ao trabalho daquele pessoal.

Os carvoeiros, o pessoal dos electricos e os chauffeurs não aderiram á gréve, tendo sido feitas junto destas classes algumas «démarches» para abandonarem o trabalho, mas sem nenhum resultado.

Os ferroviarios tambem não aderiram, dizendo, porem, os grévistas que, se a gréve se mantiver, estes paralisarão na proxima segunda feira.

Junto ás fabricas Vulcano, Colares e Previdente, no Conde Barão, colocaram-se logo de manhã numerosos grupos de metalurgicos, que impediram que os operarios destas fabricas tomassem o trabalho, o mesmo acontecendo na fabrica Portugal e em outras.

Os calceteiros da Camara abandonaram o trabalho ao meio dia, assim como os operarios das oficinas.

* * *

Ainda na madrugada de hoje se organisaram «bichas» á porta de certas padarias, comentando o mulherio os aumentos estabelecidos nos varios tipos de pão agora criados.

A' porta das padarias da Aliança as «bichas» foram maiores, pois nos seus estabelecimentos o pão é vendido nos seguintes preços: pão de luxo, 2$500; pão de 2.ª 1$520 e de 3.ª $80.

No Alto do Pina, e em Campo de Ourique esboçaram-se tentativas de assaltos, que foram rapidamente reprimidas. No entanto, hoje houve pão em abundancia nas varias padarias, embora se tivesse esgotado rapidamente, como sucedeu nas da Aliança, por ser mais barato, como acima dizemos.

A Portugal e Colonias tem os seguintes preços: 2$60, 1$80 e 1$00, e as padarias independentes a 3$00, 1$80 e 1$00.

Todas as padarias se encontram vigiadas pela policia a fim de evitar qualquer assalto.

* * *

Os descarregadores do Porto de Lisboa e estivadores abandonaram ao meio dia o trabalho, empregando os grevistas as maiores deligencias, para serem secundados pelo pessoal da Parceria dos Vapores Lisbonenses e dos pequenos barcos que fazem a travessia Lisboa Cacilhas, não tendo, porem, sido atendidos.

Os fragateiros, depois de uma reunião ás 11 horas, resolveram abandonar tambem o trabalho.

A Federação Corticeira distribuiu uma proclamação da greve, motivo porque todos os corticeiros do Poço do Bispo, Belem e Almada cessaram o trabalho.

Os quadros dos jornaes reuniram ás 9 horas para tratarem da questão da greve.

Travou-se larga discussão não tendo aderido a ela os quadros do «Seculo» e do «Diario de Noticias».

Em Campo de Ourique, em Alcantara, no Alto do Pina e Beato, patrulhas de cavalaria da G. N. R. percorrem as ruas dispersando os grupos de grevistas.

Na rua 24 de Julho, junto á Rocha do Conde d'Obidos, foi arremessada uma bomba contra um electrico não causado senão o susto nos passageiros

Na Alameda das linhas de Torres tambem foi arremessada uma outra bomba que causou grande panico nos passageiros, não havendo, porem qualquer desastre a lamentar.

Na Rua do Ouro

Um grupo de grevistas assaltou um electrico

Pelas 15 horas um grupo de cerca de 150 operarios postou-se defronte do Ministerio da Agricultura, protestando com improperios contra o aumento do preço do pão e apostrofando as pessoas que se chegavam ás janelas daquele edificio. Parece que os protestantes aguardavam uma sua comissão delegada que foi avistar-se com o ministro.

Pouco depois a massa debandava, sempre no meio de gritos subversivos em direcção á rua do Ouro. A meio desta via alguns lembraram-se de assaltar um electrico, agredindo o guarda-freio e tirando os manipulos do carro, que ficou tambem com alguns vidros partidos.

Acorreu a policia que fez alguns tiros e distribuiu pranchadas, uma das quais fês um golpe na cabeça a um dos protestantes que aparentava 50 e tantos anos. O ferido seguiu para o hospital de S. José enquanto pelas ruas proximas se estabelecia um certo panico, fazendo fugir muitos transeuntes.

* * *

Mais tarde, em varios sindicatos operarios e na C. G. T. realizaram-se sessões magnas de propaganda da gréve, tendo todos os oradores aconselhado aos presentes a manterem-se até solução do conflicto.

A comissão delegada a que acima nos referimos foi pedir ao sr. dr. Joaquim Ribeiro, a revogação do decreto e a criação do tipo unico, constando-nos que o ministro lhe respondeu que não alteraria aquele diploma.

Noticias das 18 horas

O chefe do governo, os grevistas e o policiamento da cidade

O sr. Ministro da Agricultura está no proposito de manter o decreto do pão, introduzindo-lhe apenas modificações que obstem a abusos quanto ao peso e ao diagrama.

Em volta dos incidentes que produziram durante a tarde de hoje, o sr. presidente do ministerio teve varias conferencias com o general comandante da G. N. R. governador civil e outras entidades, tendo sido tomadas providencias para garantir a liberdade e a segurança publica.

Os pontos afastados da cidade estão já fortemente patrulhados, devendo á noite a cidade ser policiada por contingentes da guarda e da policia.

* * *

Varias comissões de grevistas percorreram hoje as oficinas e os pontos de reunião operaria para conseguirem que a greve tome maiores proporções amanhã.

Presume-se, entretanto, que o movimento falhará quasi totalmente, a ele aderido apenas a construção civil, alguns inscritos maritimos e pequenos nucleos de outras classes.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva recusou-se a receber a comissão delegada da U. S. O. por não ter sido prevenido nos termos em uso se que seria hoje procurado.

Foi por virtude dessa recusa que um grupo de operarios, onde avultavam menores, partiu do Terreiro do Paço em manifestações hostis cujo resultado registamos mais acima

* * *

Por andarem a incitar á greve foram presos em Xabregas dois operarios e na area da esquadra Santa Martha 10 individuos. Todos estes presos recolheram em camion ao governo civil.

No Tribunal Militar

Continuou hoje o julgamento dos auctores do atentado de Leiria

No Tribunal Militar continuou hoje o julgamento dos individuos acusados de terem tomado parte no atentado contra o sr. Alfredo da Silva, em Leiria.

A audiencia abriu ás 13 horas, sendo chamado a depôr o menor de 16 anos Antonio G. Oliveira Neves, que pouco mais ou menos os factos conhecidos, afirmando, tambem, que o individuo que disse que o sr. Alfredo da Silva seguia no comboio; tinha tipo de ferroviario. Julga que o primeiro tiro foi disparado de dentro da carruagem pelo agente que acompanhava aquele industrial. Foi da estação para a cidade no mesmo camion que o director da União Fabril, não tendo notado que alguem no caminho lhe fizesse mal.

Viu o sargento Vilas disparar alguns tiros, assim como o Angelo Vieira com a espingarda em bandoleira. Referiu-se ao sr. dr. Alexandre de Albuquerque, dizendo que este sr. lhe prometeu um fato e uma gravata.

Instado pela defesa, declarou que não viu dar o tiro no sr. Alfredo da Silva. Na Praça é que o sargento Vilas deu os tiros, emquanto o capitão sr. Paschoal mandava reatirar o povo.

A seguir, procedeu-se á acareação entre a testemunha e o sr. Costa e o Ferrinho, sobre o oferecimento do fato, não se chegando a uma conclusão. O sr. promotor requereu a presença do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque como depoente, ao que se opozeram o sr. dr. Nordeste e o juiz auditor, por aquele magistrado ter sido quem instaurou o processo.

O sr. presidente indeferiu o requerimento do sr. promotor, agravando este do despacho, citando varios artigos da lei.

A seguir, depoz o tenente sr. Santos Silva, que disse ter sabido na cidade da chegada do sr. Alfredo da Silva á estação, ouvindo dizer que o tinham morto. Estava na leitaria da Praça, quando ali chegou o «camion» ouvindo alguns tiros, pelo que se dirigiu para o local da agressão. Falou com o tenente Pina, que andava um tanto ou quanto exaltado e munido de um cavalo marinho.

Encontrou tambem o sargento Graça que não figura no processo, que andava radiante com o que tinha acontecido ao sr. Alfredo da Silva. Considera o sr. capitão Paschoal incapaz de tomar parte na agressão ao director C. U. F. não podendo dizer o mesmo dos restantes reus porque os não conhecei. Diz ainda que algumas testemunhas foram ameaçadas de morte se viessem depôr ao Tribunal, sendo metido um papel por debaixo da porta do seu colega Militão, com os seguintes dizeres: «Você acusa os seus camaradas, mas pagará com a vida essa acusação».

Sobre este assunto foi chamado a depôr o tenente Militão, que confirmou as declarações do seu colega, não acreditando que essa ameaça fosse feita pelos seus camaradas presos.

O sr. promotor voltou a instar com o sr. presidente para que as testemunhas que faltam sejam obrigadas a vir ao tribunal, propondo que o julgamento seja adiado, até que elas cheguem.

O sr. dr. Nordeste disse opor-se ao adiamento, mas sendo o sr. auditor de opinião favoravel, o sr. presidente suspendeu a audiencia, para continuar na proxima quinta feira.

Em S. Julião da Barra

A FUGA DE 12 BOMBISTAS

Não abandonaram todos a prisão, porque não quizeram

O caso sensacional do dia de hoje em Lisboa foi a fuga de 12 presos da fortaleza de S. Julião da Barra ou seja 12 dos mais temidos bombistas que se encontravam naquela prisão aguardando que o governo lhes desse o devido destino.

De manhã foi recebido na policia da Segurança do Estado um laconico telegrama em que o comandante do referido forte anunciava terem-se evadido d'ali os seguintes bombistas: José de Melo, Alvaro Duarte Serdeira, Antonio Luiz Junior, Antonio Augusto dos Santos, Bernardo Ramos Costa, Domingos Paiva, Fernando Barbosa Vasconcelos, Jorge da Silva Pinheiro; José Henriques, José Lopes, Manuel Francisco mais conhecido pelo «Sardinha ou Gavroche» e Esquiel Seigo.

O telegrama não informava como se deu a fuga o que não impediu que viesse a apurar-se que todos os presos não tinham abandonado a prisão porque não quizeram.

Os 12 presos acima referidos não fugiram todos hoje, mas sim ha dias atraz e com intervalos aproveitando a hora das vizitas tendo-se evadido hoje de manhã apenas 4.

No domingo passado alguns conseguiram por-se a salvo na ocasião da saida das familias; não se tendo porem notado a sua falta porque á hora da chamada outros responderam por eles.

Os quatro que desapareceram hoje de manhã conseguiram por em pratica o seu gesto de uma forma muito engenhosa: muniram-se de um pé de meia que encheram de areia, para dar a impressão de uma bomba colocaram na ponta um cigarro a arder, ameaçando depois arremeçar o «explosivo» a uma das sentinelas, que fugiu espavorida. O campo ficou livre e os presos tiveram então ocasião de sair livremente.

O mais curioso é que o sr. Presidente do Ministerio tendo sido informado pelo secretario do sr. Governador Civil de que se preparava a fuga acima referida imediatamente mandou avisar os oficiais da fortaleza. Como o aviso não deu resultado e chefe do Governo mandou já proceder a um rigoroso inquerito.

O cadastro dos fugitivos é o seguinte: José de Melo, chefe da Legião Vermelha, diregente de todos os atentados dinamitista e pessoaes, com largo cadastro e implicado egualmente no atentado do Largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defeza Social; Alvaro Duarte Serdeira, implicado em 8 atentado e no do Largo da Boa Hora; Antonio Luiz Junior o «Vidraça», auctor de 3 atentados e temido por ser um agitador perigoso; Antonio Augusto dos Santos, autor de 3 atentados chefe de um grupo da nação direta e passador de dinheiro falso; Bernardo Ramos da Costa, implicado em 6 atentados, tendo fornecido bombas para o atentado contra os juizes do Tribunal de Defeza Social,

Domingos Paiva, agitador de grèves, violador da casa alheia, cadastrado, autor de 7 atentados, passador de dinheiro falso e igualmente implicado no atentado do Largo da Boa Hora; Fernando Barbosa Vasconcelos, do Porto, chefe do grupo de acção direta, autor de 5 atentados, fabricante e passador de moeda falsa; Jorge Silva Pinheiro, implicado em nada menos de 16 atentados incluindo o do Largo da Boa Hora, sendo considerado elemento perigosissimo.

José Henriques ou José Ferreira, implicado em 9 atentados e egualmente contra os dos juizes do Tribunal de Defesa Social; José Lopes, implicado em 3 atentados tendo sido atingido por estilhaços de bomba quando da explosão no Largo da Boa Hora; Manoel Francisco «O Sardinha», passador de moeda falsa, autor de 4 atentados e do que se desenrolou no Largo ea Boa Hora.

Esquiel Seigo, autor de 9 atentados fabricante de bombas e um dos que tomou parte activa nos atentados contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

Logo que as autoridades tiveram conhecimento das fugas foram enviados oficios e telegrammas para varios pontos do paiz pedindo a captura dos fugitivos. Estes eram os de maior responsabilidade tendo-lhes já sido organisados pela policia os respectivos processos.

* * *

O sr. presidente do Ministerio mandou prender o oficial de dia a S. Julião da Barra, os sargentos e as sentinelas. Os presos que se encontram naquele forte vão ser transferidos para a Penitenciaria de Coimbra.

MEDICINA E HIGIENE

OS RATOS E AS PULGAS—OS MALES QUE NOS PODEM FAZER—A SUA EXTINÇÃO

O rato dos canos de esgoto ou o migrador pulula enormemente em todas as cidades-6 ninhadas por ano de 6 a 12 filhos, os quais proliferando-se, podem reproduzir por ano 880 descendentes de um unico casal.

Devido aos perigos consideraveis que estes animais constituem para a saude publica, procuram os municipios e os habitantes em geral das diversas cidades dos paizes civilisados, proceder á sua extinção.

O rato é o propagador da peste, que em 1907 matou 1.200.000 pessoas na India; absorve os bacilos que se encontram no sólo no qual subsistem com uma virulencia atenuada, mas que se exaltam logo que se instalam no corpo deste roedor. A pulga é o intermediario entre o rato e o homem.

Os ratos transmitem a tripanosomiase e são os factores habituais da trichinose, que se propaga aos porcos, depois de comerem os cadaveres daqueles animais ou dos alimentos que foram atingidos pelos seus excrementos. A mordedura do rato pode transmitir a raiva ao homem e aos cães e gatos. Por seu intermedio pode-se transmitir tambem a tinha.

Os meios empregados na desratisação são diversos e bem conhecidos, mas teem de ser a obra em que todos colaborem, para a sua extinção, porque os ratos vivendo habitualmente nos canos de esgoto, aparecem com frequencia nos quintaes e armazens, onde causam os estragos que todos conhecem.

Depois de matar os ratos com os alimentos envenenados, ou quando se apanham vivos nas ratoeiras é preciso mergulha-los em uma solução de Formol a 40 por % ou em uma solução concentrada de permanganato de potassio.

Não basta matar os ratos; é preciso destruir as pulgas de que eles são portadores e que são os agentes de inoculação do bacilo de Yersin, que transmite a peste ao homem. Esta precaução é importante, quando se receie a importação da peste pelos ratos. Quando se disponha de agua a ferver, basta mergulhar os ratos neste liquido e ahi eles morrem instantaneamente, juntamente com os insectos de que são portadores. Deve-se tambem mergulhar as ratoeiras no mesmo banho, para destruir algumas pulgas que tivessem abandonado o seu hospede.

Quando se encontrem ratos envenenados, e em epocas de epidemia de peste, devem-se mergulhar em agua a ferver, para destruir as pulgas, que possam estar alojados nos cadaveres.

Para destruir os ratos nos locais fechados, empregam-se as fumigações de gaz sulfuroso e outros gazes toxicos.

As pulgas são os animais dos mais perigosos de que não ha meio de evitar o seu contacto, vivendo sobre o corpo do homem e de um grande numero de animaes!

A femea põe de 1 a 5 ovos, de côr parda, nas fendas dos sobrados, nos tapetes e na roupa suja. Do ovo sae uma larva vermiforme, provida com orgãos de mastigação, que se alimenta de detrictos vegetais e animais e vive na areia ou na poeira. Passada uma semana atinge a sua estactura normal, deixa de comer e tece um casulo de fios de seda muito fina.

O insecto perfeito sae do casulo, dez 7 a 14 dias, ou sejam 20 dias depois da postura do ovo.

A jovem pulga pode jejuar de 1 até 2 semanas, podendo assim aguardar o momento favoravel de fazer a sua provisão de sangue.

A duração vida de uma pulga é de 27 dias sobre o homem e 41 dias sobre o cão. A reprodução efectua-se todo o ano, mas com menos intensidade no mez de Junho.

A humidade e a secura muito fortes prejudicam o seu desenvolvimento e o mesmo se dá com as temperaturas superiores a 32.º graus.

Existe uma grande variedade de pulgas e cada uma delas tem o seu hospede particular; a pulga do cão que vive sobre o homem; a pulga do homem pica o rato e a pulga do rato, estando em jejum lança-se avidamente sobre o homem ou se impõe sobre qualquer outro animal.

As pulgas podem transmitir doenças infeciosas: a peste, febre tifoide, sifilis. Quantos pessoas aparecem atacadas de avariose, sem nunca terem encontrado qualquer facto que justifique uma tal doença e sem lhes ter ocorrido a causa do contágio!

Uma pulga que tenha acabado de sugar no corpo de um sifilitico e se continuar a mesma operação em uma pessoa sã.

Já dissemos que a mesma doença se pode transmitir pelas moscas.

As pulgas capturadas sobre os ratos pestosos contem o bacilo de Yersin a qual se multiplica nos intestinos daqueles insectos.

O seu estomago pode conter 5000 bacilos da peste e são particularmente perigosas as pulgas, quando se desprendem dos ratos pestosos, para irem procurar a sua alimentação noutro individuo. Uma pulga não pode transmitir a peste, senão nos 2 ou 3 dias seguintes ao da sua propria infecção. Parece contudo, que para a transmissão da peste não basta a picada de uma unica pulga.

Para a destruição das pulgas é conveniente lavar bem as juntas das tabuas dos sobrados com agua a ferver, com leite de cal ou com azeite ordinario contendo tabaco. Os grandes animais domesticos, cavalos, bois, carneiros não teem pulgas e parece que as suas emanações lhes desagradam e as fazem fugir; por isso nos locaes onde as pulgas abundam, basta colocar com um cobertor que tenha servido por muito tempo a um cavalo para se conseguir o seu afastamento. O mesmo processo se pode empregar para os cães e gatos.

Na ocasião de epidemia da peste, a lavagem das pessoas com a infusão de «quassia amara» preserva da picada das pulgas. O pó do Pireto, as loções consequencia de terebentina com benzina destroem as larvas e insectos perfeitos.

Nos periodos das epidemias recorre-se á desinfeção das casas, para a destruição completa dos agentes transmissores: empregando o gaz sulfuroso ou o gaz aldeido formico.

DR. LAROUSSE

Na Exploração do Porto

O pessoal tornou hoje a declarar-se em grève

O pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, que hontem tinha retomado o trabalho, voltou hoje a declarar-se em greve, em virtude do conselho de administração não ter, afinal, atendido as suas reclamações. Pedem os grevistas 100 por cento sobre os actuaes salarios, tendo o conselho de administração oferecido o aumento de 3$80, que foi recusado.

Logo de manhã grupos de grevistas compareceram a avisar os seus camaradas do que se tinha passado, aparecendo tambem policia e patrulhas da G. N. R.

Hoje á tarde efectuou-se uma conferencia entre o pessoal e o conselho de administração. Nessa conferencia foi dado conhecimento da resolução do pessoal que deliberou não aceitar o augmento que a administração lhe oferecia, mantendo-se em greve até que as suas reclamações sejam atendidas.

Em virtude desta deliberação, o conselho de administração resolveu dar todas as facilidades ás agencias para que o serviço de trafego não seja prejudicado.

Teatros - Musica - Cinemas

Nota do dia

O teatro popular

Está prestes a abrir um novo teatro popular, devido aos esforços de dois honestissimos profissionais da scena: Casimiro Tristão e Judicibus.

Vae funcionar a nova sala de espectaculos do povo, proximo do local do antigo Teatro do Rato e chama-se Teatro Joaquim de Almeida.

Eu julgo que ha agora ahi uma oportunidade interessante para os auctores portuguezes escreverem peças de entranhado sabor portuguez, donde resultariam para a baixa população da cidade, noites de ensinamento, de arte e de apuramento de gosto.

A verdade é que o publico ignorante —inculto mas dum vivo e poderoso instincto de sentimento e de bom gosto— anda a gastar-se por revistecas de duvidoso interesse, ou a dormir por teatros onde não comprehende peças de declamação cuja profundidade está muito fora da sua medida e das suas possibilidades intelectuais.

Porque se não escreve para o povo, em relação á sua mentalidade e á sua visão.

Porque se não procura ensinar e corrigir, dessa nova tribuna popular que surge, este povo mais doente que mau e muito mais triste do que infeliz?

Que venham os auctores dramaticos e que não desdenhem escrever, não peças de escandalosa tese, mas paginas de lirismo sereno e reconfortante, forte e doce a um tempo, sem pieguices lamechas de fado podre, sem bestialidades de alcouce nem complicações de tese social. Falem de amor, de bondade e de ternura, e ensinem a amar. Terão feito o melhor teatro para o povo portuguez.

O HOMEM QUE PASSA.

A ingenua ideal

Uma revista cinematografica fez ha pouco interessante inquerito para saber qual a artista que melhor interpreta os papeis de ingenua e depois de recordar os encantos de diferentes estrelas, como Hughette Duffos e Denize Legeay, em França; Diana Mannero, na Inglaterra; Lucy San Germano, na Italia; Jenny Hasselquist e René Bgornling, na Suissa, e outras e outras, como Corinne Griffith, Billie Doré, Mary Pickford, na America do Norte, consagrou Mary Miles Minter como a ingenua ideal.

Esta joven artista, que entrou para a cinematografia com a idade de cinco anos, tem um publico certo e enorme que a aprecia e acompanha em todos os seus successos. Os seus «films» são sempre aconselhados á gente nova, por serem sempre de uma moralidade absoluta, cheios de delicadeza e de encanto.

Graças ao seu talento, Mary Miles Minter ganhou uma fortuna no cinema, podendo-se citar entre os seus mais importantes contratos, o que ela fez com a Artcraft que, por 20 «films» executados em trez anos, pagou á artista a soma de 1.300.000 dollars!

Quanto valem um lindo palmo de cara e um sorriso cheio de meiguice!

Amor... por dois sous

Os jornais francezes contam o caso, discretamente. No ultimo baile da opera, uma artista que pertence a um dos teatros francezes subvencionados, foi objecto, durante toda a noite, das assiduidades de um homem galante.

—Que hei-de eu fazer para merecer a felicidade de vê-la em outra parte?

—Há mulheres—respondeu a scintilante artista—que vendem a hospitalidade que dão. Eu, pago-a. Abrir-lhe-ei a minha porta no dia em que lhe der dois sous.

Havia uma ironia cruel nesta resposta. O galanteador mordeu os labios e retirou-se.

Uma noite destas, choveu em Paris. A' saida do teatro em que acabava de ser aplaudida, a artista preparava-se para subir para o seu carro, quando, obsequiosamente curvado, um homenzinho se precipitou, abrindo a portinhola.

A artista entregou-lhe dois sous.

—Obrigado, minha senhora. O seu apaixonado do baile da opera estará amanhã á sua porta.

Estupefação da artista, que confessou a sua derrota.

E os jornais afirmam que a aliança promete ser das mais felizes...

La Goya

Noite excepcional de alegria a de hoje no teatro S. Luiz. E' a festa artistica da celebre «tonadilera» «La Goya», a extraordinaria estrela que dedica o espectaculo á colonia espanhola e ao publico de Lisboa.

«La Goya» apresentará todas as suas mais notaveis canções em diferentes generos e cantará pela unica vez um fado, vestida a moda do Minho. Para que a grande artista possa apresentar um vasto programa, exibir-se-há apenas o 1.º acto da revista «Fado Corrido» sendo o resto do espectaculo preenchido exclusivamente pela celebre «La Goya».

Os seus admiradores e a colonia espanhola preparam-lhe uma calorosa e entusiastica festa.

Noticiario

De Portugal

Devido ás dificuldades da montagem da «Revista de Praxedes» que só na quarta-feira 30 pode subir á scena no Avenida realisam-se amanhã e no domingo, neste teatro as duas ultimas recitas de despedida da sensacional e atraente revista «Bichinha Gata» com todos os seus atractivos e belezas e seu brilhante «compère» pelo actor Antonio Gomes (da Trindade).

—A companhia Romualdo de Figueiredo parte em breve para a Africa, estreando-se em Lourenço Marques e percorrendo as primeiras cidades de Moçambique, Angola e na volta, das ilhas adjacentes. Representará peças do Ginasio e da companhia Maria Matos.

—A companhia Satanela-Amarante reaparece em Lisboa em 15 de outubro com a «Perola Negra», da Parceria.

—O emprezario sr. Augusto Gomes parte por estes dias para Barcelona, onde vai juntar-se á Troupe Portugalia agora enriquecida com as artistas Augusta Guedes, do Porto, Maria Litaly e Deolinda Sayal. A Troupe trabalhará em outubro no Olimpia, de Paris, de acordo com a Propaganda de Portugal em novembro percorrerá a Belgica, a Holanda, a Dinamarca e a Italia, regressando a Madrid; em maio irá aos varios Estados do Brazil e da Argentina, passando depois pela America do Norte.

—Intitula-se «As fitas faladas» o novo quadro da revista «Fado Corrido», nele tendo papeis de destaque Alda de Sousa e Zulmira Miranda.

—Está doente a actriz Margárida Martins, do Maria Victoria.

—Depois de ser retirada de scena a magica «O gato preto», que vai representar-se no S. Luiz, exibir-se-ha neste teatro uma artista espanhola que fez furor o inverno passado no Olimpia, de Paris e no Romea, de Madrid.

Do estrangeiro

Em beneficio da Casa dos Artistas Dramaticos vai realisar-se em Paris um espectaculo ao ar livre, com a representação do «Abade Constantino», em que tomarão parte Cecile Sorel, Muguette Duplas e Jean Coquelin.

—Faleceu o compositor Eugenio Stoertael, professor de musica vocal e de piano.

—Um incendio, que em poucos minutos atingiu grandes proporções, destruiu alguns barracões da firma cinematografica Pathé, em Vincennes, causando prejuizos no valor de 150:000 francos.

—Aos amigos da arte, a Sociedade Schubert acaba de fazer um apelo em favor da conservação dos tumultos de Schubert e de Beethoven, no cemiterio viennense de Woehrig. Essa necropole está destinada a desaparecer, dentro de breve prazo, e o apelo da «Schubertbund» visa conseguir que os tumulos dos dois grandes compositores sejam respeitados e conservados para a posteridade.

Reclames

NACIONAL

Realisa-se esta noite, definitivamente, no teatro Nacional a «premiére» da farça em 3 actos «O cabeça de turco», adaptação á scena portugueza duma peça espanhola que no paiz visinho conquistou unanime agrado e que tem sido representada não só nos teatros da «Vila coronada», como, tambem nas provincias de Espanha, sempre com excepcional agrado.

No «Cabeça de Turco» tem os principais papeis masculinos Joaquim Costa, Silvestre Alegrim e Jorge Grave, sendo os de maior destaque na parte feminina, interpretados por Irene Grave e Helena de Castro.

A «premiére» do «Cabeça de Turco» está despertando um grande interesse e a avaliar pelo numero de bilhetes já vendidos, o Nacional deve ter uma enchente.

MARIA VICTORIA

Hoje não ha espectaculo no Maria Victoria para se poder fazer o ensaio geral dum novo quadro com que vai ser ampliada a interessante revista «Fado Corrido».

Amanhã reaparição do actor Carlos Leal. Grandes surprezas no decorrer da representação.

—Vai completa, a Setubal a explendida companhia Lucilia Simões-Erico Braga, que nas noites de domingo 26, segunda 27 e terça-feira 28, realisará no teatro Recreio do Povo, daquela cidade, trez unicos espectaculos com a «Zázá», «Carta anonima» e «A Rajada». Em todas estas peças de genero diverso, toma parte Lucilia Simões, que os setubalenses terão ensejo de apreciar na maleabilidade admiravel do seu peregrino talento. Para estas recitas estão já vendidos muitos bilhetes, deixando prever que o teatro terá enorme enchente.

Cartaz do dia

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—A's 9,30—«Alma Forte».
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata».
EDEN—(duas sessões) A's 9 e 10,15—Variedades estrangeiras.
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades.

Animatografos

SALAO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

A DIVIDA ALEMÃ

Vae atingir no fim do mês 300 triliões de marcos

PARIS, 23.—Mau grado as promessas feitas no Reichstag pelo novo chanceler, o governo alemão, literalmente desorientado com a situação catastrofica das finanças do Reich, encontra-se absolutamente impossibilitado de deter a inflação.

Para o periodo de 13 a 16 do corrente, foram efectuadas as seguintes emissões de «bons» do Tesouro:

Em 13.. 21:587 biliões de marcos
» 14.. 14:578 » » »
» 15.. 28:217 » » »
» 16.. 26:589 » » »

ou seja, um acrescimo de 91 triliões em quatro dias.

Em 16 do corrente, a divida fluctuante alemã era a seguinte:

Bons do Tesouro
a 90 dias.. 220.718.168.846.000 marcos
Bons de 10 a 13 meses
58.771.973.606:000

E' muito possivel a divida alemã atinja 300 triliões no fim do mês.

TAUROMAQUIA

Villa Franca de Xira

No proximo domingo realisa-se n'esta villa uma corrida de touros em beneficio do bandarilheiro Matheus Falcão, gravemente colhido na praça de touros da Chamusca no dia 10 de Maio na qual fracturou o braço esquerdo. Tomam parte n'esta corrida varios collegas do beneficiado que generosamente se offereceram entre elles os aplaudidos cavaleiros Ricardo Teixeira e Salvador Falé Gonçalves e como bandarilheiros os distintos artistas Luciano Moreira, Ribeiro Thomé, José da Costa, João Froes, Francisco Rocha e os praticantes Francisco Froes, José Cigarra e Antonio Thomé e o beneficiado Matheus Falcão que toureia pela primeira vez, depois da grave colhida que soffreu.

Dirige a corrida por especial amabilidade o ex-toureiro Manuel dos Santos. Forcados um grupo de rapazes tendo por cabo Arnaldo Leitão. Ebrilhanta esta corrida a distinta Sociedade Filarmonica Recreio Alverquense. Os touros para esta corrida serão generosamente offerecidos pelos principaes lavradores do Ribatejo.

A provincia na "Capital„

EM MORTAGUA

MORTAGUA, 23.—Realisou-se com grande pompa a festividade em honra de S. Sebastião que esteve muito concorrida.

—Foi atropelado por um automovel o guarda da fabrica de Serração e moagem da Canivéta, de nome Manuel Simões, que foi conduzido ao Hospital de Coimbra onde faleceu poucas horas depois em virtude dos ferimentos recebidos.

EM BOMBARRAL

BOMBARRAL, 23.—Para os dias 2 e 3 de Setembro proximo está a Direcção do Sport Club Bombarralense elaborando um atraente programa de festas desportivas tais como corridas de bicicletes, pedestres e de cavalos, desafios de foot-ball com um grupo de Lisboa, iluminações electricas, quermesse e outros atrativos.

As festas serão abrilhantadas pela excelente banda do Regimento de Infantaria 5 que dará alguns concertos e pela Filarmonica de Peniche.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOUS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Peçam catalogos e informações

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220,2.º — LISBOA* Telefone N. 320

NA RUA
imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
recorrendo á

ILUMINADORA
— DA —
ESTEFANIA
— DE —
Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida de Berne, M. H. B.
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM-Telefone-Sede e oficina, Norte-4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e para-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA
Orçamentos gratis

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sèc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47-Lisboa-Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 21*

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
R. JANEIRO 1904, ANVERS 1894, BELEM 1893 — LONDRES 1904, LISBOA 1888, PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

LAVE EM CASA A ROUPA COM

PÓ BARRELA

ACH. BRITO-PORTO

Poupa tempo dinheiro e roupa

e evita que seja batida e esfregada contra as pedras dos lavadouros, ou queimada pelo cloreto e cortada pelo sabão ordinario.

A roupa pelo seu custo actual, bem merece os cuidados de todas as donas de casa. E o PÓ BARRELA não a estraga—conserva-a.

Com o PÓ BARRELA, basta torcer a roupa e esfregal-a entre as mãos quando haja sarros ou nodoas ruins de sahir porque, amolecidas já pela barrela, se desfazem rapidamente na agua fresca, em que no dia seguinte se passa a roupa uma ou mais vezes, antes de ser estendida a secar.

Em caso de duvida sobre a forma de usar, a fabrica de sabonetes Ach. Brito, Porto, manda por intermedio dos seus agentes geraes em Lisboa—13, Rua de S. Nicolau, 1.º—telefone C. 2540, uma empregada a qualquer casa dentro da area da cidade, fazer a lavagem da roupa na presença da dona da casa, que verificará como é simples, economica e rapida a lavagem da sua roupa com o PÓ BARRELA. A' venda nas boas lojas.

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND CEMENT HERMES

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: ESTEVES, L.DA

LISBOA:—R. S. Paulo, 104, 1.º
Telef. C. 2894

PORTO:—R. da Reboleira, 19, 1.º
Telef. N. 1178

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo
que revigora e com erva a sauna é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 —(Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c -(Telef. C. 5113)

Carboretos de Calcio

De todas as marcas e origens
Sempre ao melhor preço.
A. Pinheiro da Costa
Calçada da Graça, 40 - Telef. C. 1783

GRAND PRIX
O Maior Premio da Exposição LONDRES 1904
Premiado com medalhas de ouro: Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, Mostruario Industrial Português 1915
Pedro Franco & C.ª L.da
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

Vinhos espumosos de Lamego
(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

COLLARES BURJACAS

TINTURARIA
— DO —
POVO
— DE —
José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.
Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.
Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente
— novos cursos —
para principiantes em
FRANCEZ :: :: INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : :

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações insensiveis por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo 127

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos ingles e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO
(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33
TELEFONE C. 1834

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, e torpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

TORPEDO

— AS —
VANTAGENS RESULTAM QUANDO SE FAZ USO DA MAQUINA "TORPEDO"

Agentes no Sul do Paiz:
J. Anão & C.ª, L.da R. Fanqueiros, 376, 2.º
Telefone N. 3536

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Informações recebidas em Lisboa dizem ser absoluta a tranquilidade em todo o paiz.

N.º 4464-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sabado, 25 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 20 centavos

O comité da gréve dirigiu um ultimatum ao Governo

intimando-o a suspender no prazo de trez dias o decreto do pão

O PEOR CAMINHO

A gréve foi extemporanea

redundando em desprestigio = do proprio operariado =

Movimentos que irrompem sem a devida organisação produzem, em geral, efeitos contraproducentes.

Uma gréve geral nunca deveria ser proclamada sem prévia certeza do exito. O que agora está sucedendo com a proclamada pela C. G. T. a proposito do encarecimento do preço do pão, é o que tem acontecido das outras vezes. Posta em execução sem a devida preparação, o primeiro dia da gréve foi um fiasco, pois muito poucas classes seguiram as indicações da C. G. T. No segundo dia que é o de hoje, foi mais extensa a paralisação do trabalho e os dirigentes das classes operarias estão esperançados em que na proxima segunda feira *ela se tornará de facto geral.* E' pouco provavel. A C. G. T. não conta dentro da sua instituição todos os organismos manulaboristas. Ha classes que resistem á absorpção que delas se pretende fazer á força e os partidarios do movimento não encontram nunca ontra maneira de as levar a secunda-los, senão recorrendo á violencia, ao terror inspirado pela bomba. Esse processo, em vez de intimidar as classes refractarias, desperta-lhes os brios e mais as segura na sua resolução de não aderir.

Movimentos d'esta natureza ou se realisam por prévio entendimento entre todas as classes ou nem sequer se anunciam. Proclama-los e obter na execução um fraco exito, só serve para mostrar fraqueza ou falta de organisação o que redunda em desprestigio.

Ontem não deixou de entrar em scena a bomba, a ameaçadora bomba, e, se quem as lançou e mais quem as mandou lançar, pudessem ter ouvido os comentarios acerbos, indignados, não só dos burguezes, mas tambem de manulaboristas sensatos, que não correm atraz de foguetes de vistas, não teriam decerto vontade de repetir a proeza.

E' que, na verdade, uma bomba largada contra um carro electrico, por exemplo, sabe-se lá quem vai ferir ou matar !? Muito bem pode acontecer que vá atingir uma criança inocente, um camarada fial, ou um burguez pacifico. Em qualquer caso, alcança sempre inocentes, o que deveria ser suficiente para a condenar em absoluto como meio de combate ou de protesto.

Não é esse o principal argumento contra a pena de morte? A eventualidade de um erro judiciario ferir um inocente?

Perante essa eventualidade que só de n'ela se pensar faz calafrios na espinha, a burguezia não hesitou em banir dos codigos tão sumaria e perigosa penalidade e todavia, se a não tivesse banido, não estaria tão sujeita a sobresaltos perfeitamente injustificados.

* * *

A gréve geral foi proclamada a proposito do encarecimento do preço do pão. E' licito, pois, preguntar que desejariam os grévistas que se fizesse.

Que continuasse o regimen do pão politico com 70 mil contos de encargo para o Estado? Esse encargo pagavam-no tambem os grévistas na sua quota parte; agora passaram a paga-lo no aumento do preço de pão, aumento que, sendo modificado o decreto no sentido que aqui temos indicado, será apenas transitorio, podendo até acontecer que com a concorrencia entre os panificadores esse genero basico da alimentação publica venha a ficar ainda mais barato do que no regimen anterior do pão politico.

O movimento foi, por isso, talvez extemporaneo, fóra de proposito. Mas desde que entendessam dever protestar de qualquer maneira contra o aumento do preço do pão, antes de chegarem á gréve geral tinham varios meios de manifestarem a sua discordancia, o seu desgosto e a sua firme intenção de não pararem emquanto não fossem atendidos e, entretanto, iriam organisando as coisas para terminarem com uma greve geral, no caso dos outros meios não terem produzido resultado.

Dizemos isto, não porque nos afectem particularmente os interesses das classes manulaboristas ás quais não pertencemos, mas porque nos aflige ver dissolverem-se forças que todas são precisas para a marcha regular e harmonica dos negocios do Estado e, portanto, dos interesses da nação. E estes movimentos muitas vezes repetidos e fracassados só servem para dissolver totalmente a força do operariado.

O catolicismo alemão

perde uma das suas figuras mais notaveis

BERLIM, 25.—Acaba de falecer na idade de 91 anos o conde Clemens Droste, uma das individualidades mais marcantes do catolicismo alemão que foi durante mais de 21 anos presidente do Comité central dos catolicos. —(R.)

A questão de Fiume

Mussolini e a Yugo-Slavia

ROMA, 25.—O sr. Mussolini declarou que a Yugo-Slavia se deve pronunciar sobre o problema de Fiume e conseguir um entendimento até ao proximo dia 31 pois de contrario a Italia reserva-se o direito de retomar a sua liberdade de acção. A resposta da Yugo-Slavia ainda não foi recebida.—(R.)

Eleições em Cintra

Informam-nos de que, ao contrario do que disseram alguns jornais, as juventudes monarquicas conservadoras de Cintra não enviaram qualquer circular recomendando a lista regional para as proximas eleições municipais, sucedendo até que a maioria das pessoas nela incluidas é reconhecida como dedicadamente republicana.

DESCONTENTAMENTO

A Manutenção Militar

e a sua passagem para o Ministerio da Agricultura

O que pensam e o que fazem os oficiais da Administração Militar

Os oficiais da Administração Militar estão descontentes. Peor do que isso, estão descontentissimos. E aqui o superlativo é empregado sem exagero nenhum.

Devemos mesmo dizer que se não fosse aquele artigo das leis e regulamentos militares que lhes prohibe que se manifestem colectivamente, eles teriam já ido todos ao ministro dizer de sua justiça, sua justiça que nós particulares conhecemos muito bem. Trata-se da passagem da Manutenção Militar para o Ministerio da Agricultura. Passagem, sim senhores, porque se trata de uma autentica passagem com armas e bagagens.

Com que fim? Para quê? Ha quem avente hipoteses, quem lance suposições e quem ponha suspeições até. Nós não falaremos de nada disso. Nós diremos o que se passa procurando informações onde elas nos podem ser dadas. E como o sr. coronel Vasconcelos Dias, director geral dos serviços administrativos do Exercito, espirito de disciplina e de organisação notavel se recusa a falar para as gazetas num melindre que ninguem pode censurar, tivemos de ouvir um oficial do serviço da Administração Militar que gentilmente nos quiz falar do assunto:

—Ha na verdade descontentamento. Ninguem pode negar a sua existencia, e ninguem pode levar-nos isso a mal

—Mas qual é a origem desse descontentamento?

—O quererem fazer com que o ministro da Agricultura tenha interferencia na Manutenção. E' uma coisa extemporanea e impertinente.

—Como se efectua essa interferencia?

—Ha um artigo no recente decreto sobre o pão que estabelece de maneira decisiva essa interferencia. Compreende-se que nós não a aceitemos a bem. Hoje mandam egualmente no estabelecimento os ministros da Guerra e da Agricultura; ámanhã, fatalmente, seria só este ultimo a mandar. Ora a Manutenção é um organismo de guerra, criado pela guerra e mantido pela guerra. Hoje é modelar; não ha nada lá fóra que se lhe possa avantajar. Não é sem desgosto portanto que o veriamos sahir das nossas mãos.

—E os oficiaes da administração militar já manifestaram de qualquer forma o seu desgosto?

—Coletivamente ainda não. São os regulamentos militares que a isso se opõem. Particularmente teem feito sentir o seu desgosto ao seu chefe hierarquico, o director geral dos serviços administrativos.

—E essa manifestação de desgosto até onde pode ir?

O nosso interlocutor, militarmente, respondeu:

—Não sei. Mas até onde a disciplina não fôr afetada, naturalmente.

—E haveria necessidade de criar um semelhante estado de coisas?

—Não vejo, ninguem vê.

—E o director da Manutenção?

Não respondeu o oficial da administração com quem nós falavamos. E percebemos que o fazia intencionalmente. E nós a completar:

—Mas ele não é oficial dos mesmos serviços da administração militar?

E o silencio do nosso entrevistado fechou o dialogo numa decisão de quem mais nada quer acrescentar ao que já fôra dito. Era um oficial, e não devia dizer realmente mais nada.

O NEGRO CIUME

AS MULHERES TURCAS

protestam contra a sedução das russas em Constantinopla

CONSTANTINOPLA, 23.—Um grupo de mulheres turcas—casadas com ilustres pachás e beys—entregaram ás auctoridades e a Mustapha Kemal pachá uma representação, pedindo a expulsão das mulheres russas aqui refugiadas, sob o pretexto de que lhes seduzem os maridos e corrompem a mocidade turca. A representação diz que os turcos entre os 18 e os 30 anos se encontram sob a influencia das raparigas russas, que lhes ensinam a tomar a morfina, a cocaina e o et r.

Os operarios de Bilbau

resistem aos ataques dos comunistas—Mortos e feridos

BILBAU, 25.—A situação creada pela greve tende a agravar-se cada vez mais. O proposito de greve geral obedeceu a um acordo secreto tomado pelos sindicalistas e comunistas. Varios grupos destes percorreram as fabricas e oficinas obrigando á greve. Em varias fabricas os operarios resistiram. Na oficina de Corread os operarios resistiram e foram atacados a tiro pelos comunistas. Na Casa do Povo os comunistas fizeram fogo das janelas sobre a policia. Houve bastantes feridos de parte a parte. Sabendo a Guarda Civil que 600 comunistas do Gallarta se dirigiam a Bilbau para forçar á greve geral, sairam-lhes ao encontro. Os comunistas resistiram e ficou um morto e outro ferido.—(R.)

VIDA MILITAR

A guarnição de Lisboa

Quais as unidades que teem a sua séde na capital

Lisboa, esta Lisboa que já foi pacata, tinha por guarnição militar aqui ha meia duzia de anos, umas centenas de soldados para quem os tiros eram tão desconhecidos como hoje desconhecidas são para todos vós as libras «de cavalinho».

Havia ali em Campolide o quartel de artilharia 1, na Graça o 5 de Infantaria, no Castelo o 16 da mesma arma, na Ajuda os Lanceiros da Rainha e o 4 de Cavalaria e no Carmo, nos Paulistas e no Cabeço de Bola a municipal, e pouco mais que nos lembre.

Veio o periodo Sidonio Pais e toda essa Lisboa e arredores se transformou num campo de concentração militar—a guarnição da cidade de marmore e granito passou a ser poderosa e a ter distintivo proprio.

Veio depois Monsanto e desapareceu essa guarda imensa de militares do exercito, a quem os antagonismos politicos chamavam «imperial», para lhe suceder uma outra, quasi tão poderosa e cheia de exterioridades...

* * *

Hoje a guarnição militar de Lisboa compõe-se das seguintes forças: 3.º grupo de artilharia 3, isto é 2 batarias; regimento de Infantaria 1; 2.º batalhão do 16, Sapadores Mineiros, dos Caminhos de Ferro; Telegrafistas de Praça e de Companha; 1.º grupo de Metralhadoras Campo Entrincheirado; Deposito de Adidos; forças da manutenção militar; Companhia d'Equipagens; Serviços Automoveis; Lanceiros 2; Companhia de Saude e Administração Militar.

Da Guarda Republicana ha 2 batalhões de infantaria, 3 grupos de esquadrões de cavalaria e varias secções de metralhadoras.

Ha ainda a marinha em terra e no mar pode dizer-se tambem que a Guarda Fiscal.

Isto sem contar com todas as forças que de fóra podem chegar rapidamente em auxilio da capital.

CRONICAS SOLITÁRIAS

NO ALTO DA PENINHA

A Serra de Cintra—Um feixe de barbaridades—Um palacio por um convento—Invoca-se a figura de Monteiro Milhões—Duas anedoctas da vida de um homem rico—Uma lenda que se forma—Um observatorio no alto da montanha

De Hermano Neves

Conhecemo-nos de vista ha muitos anos. Só ha pouco, porém, travamos relações, naturalmente cerimoniosas no começo, mas que breve se estreitaram a ponto de sermos hoje os melhores amigos do mundo. Este contacto quotidiano garante-me, pelo menos, uma amisade que não arrefece e não acaba, como tantas outras, á mercê das fluctuações inconstantes da existencia e das falsas convenções deste aglomerado de interesses vis em que a humanidade de hoje se debate. A minha amiga é velha, velha—velha como Matusalem e comtudo, coisa prodigiosa!, linda como Raquel. Os senhores conhecem-na certamente de vista, sabem que lhes falo a verdade nua, mas terá porventura algum dos meus leitores conversado com ela alguma vez?

Duvido. Deixem-me por isso apresentar-lhes—a Serra de Cintra. Tenho-a ouvido queixar-se doridamente do ostracismo a que a votaram, e lembro-me de que não será inutil crear-lhe relações. Noutro tempo o seu panteísmo clássico infiltrava-se mais profundamente nas almas, procurava-se mais o misterio druidico das suas matas e a amplidão vertiginosa das suas cumeadas que as nuvens beijam com caricias do ceu.

Foi a confidente de D. Manuel, a sós com ela esperava, tardes sem fim, prescrutando nos poentes rubros desejado regresso da India. Ouviu-a em provas, a epopeia de Camões, consolou Bernardim das suas magoas de amor. Foi ela que debalde preveniu El-rei Quixote contra o desvairamento de Alcacer-Quibir. Garrett, com a eterna preocupação do seu britanico dandismo, perguntou-lhe muita vez se era irrepreensivel a sua casaca preta, o se estavam bem esticadas as suas calças de presilhas. Herculano deixou-se transportar no isolamento dos seus pincaros a religiosos extases; Castilho, ouvindo murmurar as suas fontes, evocou até as divindades tutelares da Grecia pagã. Hoje ninguem a procura, ninguem a compreende, ninguem a quer. Os automoveis do novo-riquismo rolam vertiginosamente ao largo, entre nuvens de pó e de soberba e, quando muito, arriscam-se até o Castelo da Pena, unico aspecto seu que entendem dever recomendar-lhes os senhores bonzos da Propaganda de Portugal.

A terra vem-me narrando magoada, pormenorisadamente, todas as suas saudades e todas as suas vicissitudes.

—Tem-me despido, aqui e alem, dos meus queridos pinheiros, oiço que para especular com lenhas, e de sobreiros que valem reliquias, para reduzir a carvão. Imagina o horror e a vergonha de me ver nua!

—Mas ha leis...

—Não conheço as leis, ignoro o «Diario do Governo». Vexam-me, insultam-me, ultrajam-me impunemente, e não tenho um paladino. Agora até com os meus pobres conventos implicaram.

—Os Capuchos, murmurei, com um nó na garganta.

—Não, não. Os Capuchos ficaram. Que não me surpreende nada aparecer lá um «tennis» qualquer dia. Mas a Peninha, sabes tu? A Peninha, que era tambem um monumento erguido ás virtudes humildes, trabalho de longos dias devotos em que as mãos de um só homem foram erguendo, esmola a esmola, aquelas paredes rusticas, fustigadas por ventos de penitencia, a minha, Peninha morreu. E em logar dessa começou a aparecer outra—que abortou.

* * *

Um dia d'estes tirei-me dos meus cuidados e fui ao alto da Serra. Oh, que maravilhoso banho de ar puro, e horisontes lavados, e doce relago para os olhos! Segui um desconhecido itinerario: Varzea, Pedra Firme, Sarrazola (não procurem nos mapas: é inutil), passei a Almoçageme e ao Penedo, á beira da quinta de João Arroyo, que os desenganos da politica aproximaram mais das puras emoções artisticas da sua tebaida, e a breve trecho comecei a sentir-me penetrado de solidão e de silencio.

A' direita, junto de uma ponte de pedra, nasce um esboço de estrada que se dirige resolutamente para o alto, entre moitas humildes e blocos titanicos de granito. E' a montanha, n'esse ponto, de uma nudez que confrange; não se avista uma arvore até dois quilometros em redor. Apenas as estevas, as giestas e as urzes revestem parcamente o solo rude, pobrissimo, de uma pobreza irmã d'aquela que os mendicantes exibiam no velho pardieiro empoleirado sobre os rochedos e onde agora—justos céus!—se avista a ruina fendal do palacio wagneriano cuja actividade gelou simultaneamente com o corpo do velho Milhões.

Porque a Peninha, antes de concluida a transformação que a opulencia de um homem fabulosamente rico, ali tinha feito iniciar, é já agora uma ruina, como se o dedo invisivel do destino tivesse pretendido castigar a audacia que representava essa prepotencia do oiro sobre os direitos sagrados da humildade.

A contemplação levou-me, naturalmente a evocar aquela figura extranha de milionario que o Chiado conhecia tão bem com a sua barba romantica, sua casaca irrepreensivel, seu lustroso chapeu alto dos tempos graves e selectos. Sabe-se que tinha a mania de colecionar velhos relogios e raras edições dos «Luziadas», e disse-se tambem da irritação quando uma tarde o Conde de Arnoso e Ramalho Ortigão foram celebrar, em frente do seu palacete da rua do Alecrim, o busto ironico do Eça de Queiroz debruçado sobre os seios de uma marafona seminua. Essa apoteose feriu-o profundamente. O dr. Carvalho Monteiro não admirava o Eça decerto porque o considerou sempre um revolucionario, embora só nas letras, e o seu conservantismo não tolerava que despissem a Verdade ao pé da porta. Em compensação admirou Manini, e teve uma vez a fantasia de confiar ao festejado scenografo o encargo de desenhar a traça de uma vivenda principesca no sitio dos Pisões, no fundo da ladeira que conduz ao Campo dos Seteais.

De Luiz Manini, como arquiteto, só podia ter sahido uma decoração pomposa de final de acto. Assim foi gerado e nascido esse mausoleu de pastelaria, complexo na estructura como indefinido no estilo, especie de caixinha chineza de marfim, destas que os cicerones mostram nos museus acrescentando invariavelmente «que o artista trabalhou nela a canivete durante a vida inteira e acabou por cegar de tanto que aplicou a vista». Pobre Manini, que tão infeliz se saiu da sua obra e a quem nem ao menos foi dado o recurso de erguer o palacio «manuelino» no meio do arvoredo onde as frondes esbatessem a dureza dos contornos e a respeitavel distancia da estrada que percorrem os criticos mal humorados quando passam, como eu vou por vezes em desabalada carreira para não perder o comboio...

Conservo, de Carvalho Monteiro, duas notas curiosas que não resisto á tentação de recordar aqui. Calculam bem que não são notas do Banco, mas nem por isso caracterisam menos a psicologia dessa figura de outros tempos. E' uma fotografia de Garcez, cuja objectiva sempre ávida de espectaculos raros, surpreendeu certo dia o millionario a dar uma esmola, á beira de um passeio, como o faria qualquer miseravel 3.º oficial—já repararam que são quasi sempre os pobres que dão esmola nas ruas?—e a outra, uma frase que resume um espirito, e que, cem anos que eu vivesse, havia de conservar-se fresca na minha memoria como uma maxima de Salomão.

Haverá uns dez ou doze anos procuravamos, o director deste jornal e eu, local apropriado para instalar a rotativa da «Capital». Apareceu no cabo de afanosa busca, ahi em qualquer recanto, local apropriado.

—Quem é o proprietario?

—O Monteiro Milhões.

E vae d'ahi, fomos procurar o senhorio. Para que era a loja? Ora essa: para instalar uma maquina de imprimir (e o homem a fazer-se branco), uma

OS GRANDES ROMANCES

O REINO DO MISTERIO

"A Capital" começa hoje a publicação do extraordinario folhetim

Como prometeramos aos nossos leitores, «A Capital» inicia hoje a publicação, em formato de livro, do formosissimo romance de Robert Benson **O REINO DO MISTERIO** que é, talvez, no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os pertubadores enigmas de além-tumulo.

Nêle se expõe de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e á imaginação encandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

Lêr, pois, a partir de hoje, em «A Capital», o interessantissimo romance

ULTIMA HORA

maquina rotativa, em resumo: uma maquina de jornal. Milhões ficou lívido, carregou o semblante e entrincheirou-se numa negativa formalissima.

—Mas porquê? porquê?

—Por esta razão simples: «é que á imprensa deve a humanidade os peores serviços».

E não houve arrancar-lhe outra resposta. Esteve quasi a dizer-se-lhe que sem ela tambem não existiria a sua camoneana, mas preferimos não insistir. A palestra findou com aquela frase que o conselheiro Acacio não teria certamente engeitado.

Ocórre-me agora um episodio inedito que eu teria pena de não contar nesta altura. Sabem os leitores que Carvalho Monteiro foi mais conhecido pela opulencia das suas riquezas do que pela pujança da sua erudição, que não era banal, segundo me diz pessoa que o conheceu de perto. Nas bocas do mundo chamavam-lhe o «Faz-Milhões» expressão atenuada de um epiteto altamente drástico com que se habituaram a designar o nababo. Não o reproduzo fielmente porque não sou Aristophanes nem vivo no tempo do poeta. Uma vez, em Cintra, do palacio da Regaleira (o tal da inventiva de Luiz Manini) mandaram tirar a conta á mercearia do Soares. Tinha que ir tudo muito explicado, porque o riquissimo capitalista que nunca se livrou da fama de sovina, conferia ele proprio todas as verbas.

—Tire ahi a conta do «Faz Milhões» ordenou o patrão.

E o caixeiro distrahidamente, todos os sentidos concentrados na exactidão das parcelas e na transcendente operação aditiva, deixou seguir a factura encimada com o seguinte titulo garrafal: «Conta do Il.^mo e Ex.^mo sr. Faz-Milhões». D'ahi a vinte minutos, o patrão atonito lia um bilhete do dr. Carvalho Monteiro, acompanhando a desastrada conta, devolvida com os seguintes dizeres de menino malcreado: «Se os faço»—não foi bem assim, mas adeante; o leitor entende: a palavra vinha escrita com todas as letras—«Se os faço é porque os tenho». Assinado: «Faz-Milhões». Estão a ver o Soares todo aflicto, correndo ao mausoleu da Regaleira a implorar misericordia e a garantir que o caixeiro distrahido fôra, acto continuo, distrahir-se para o olho da rua. O milionario riu, e perdoou. Parece que ele proprio gostava de relatar o episodio aos seus intimos, saboreando com diabolica satisfação o confuso rubor do desventurado lojista.

Foi uma neta sua quem teve a fantasia de mandar construir sobre o pedestal do modesto convento da Peninha, as paredes soberbas de um palacio. O avô teria prodigalisado em ternura o que lhe faltava em generosidade, mas tanto a neta insistia na materialisação do seu alto sonho que por fim, vencidas as ultimas resistencias, o velho Milhões lá foi desatando lentamente os cordões da bolsa e pagando pontualmente as contas de pedra, cal, madeiras e salarios. Ele que costumava regatear despezas minimas, resignou-se a não discutir os caprichos da sua querida netinha; os avós teem, é certo, uma psicologia muito diversa dos milionarios. Assim foram subindo, direitas com a rocha, aquelas paredes no precipicio, assim foram nascendo aqueles arcos de sacadas, abertos sobre a vastidão imensa da serra e do mar, assim foi tomando forma essa mole audaciosa de alvenaria que talvez fizesse esboçar um sorriso a Luiz II da Baviera.

Um belo dia, Carvalho Monteiro finou-se e não houve mais quem pagasse as contas. E' mesmo possivel que tivessem ficado ainda algumas por liquidar. E as obras da Peninha estacaram de repente.

Hoje, confiados á guarda de uma pobre mulher que ali reside, lá está a ermida de Nossa Senhora, junto da obra e dos andaimes que pendem já, meio apodrecidos, ao sabor dos vendavais do inverno e das calcinantes soalheiras do estio. Mais dois dezembros, e tudo aquilo ficará desfeito.

Pelos porticos abertos entram as rajadas, desconjuntando os tabiques, levantando turbilhões de caliça, e dizem que, em noites tenebrosas, se ouvem lá de dentro gemidos e lamentações de gelar o sangue nas veias. Eu creio que a lenda do sonhado palacio se vae gerando aos poucos n'aqueles pincaros desertos, e ainda espero ouvir contar, com espanto, que as janelas se iluminaram de noite inexplicavelmente e os ecos das quebradas repercutem o ruido da festas misteriosas que esmorece aos primeiros alvores do dia...

Mas deixemos a lenda e aproveitemos ao menos esta divagação para sugerir um alvitre pratico. Uma vez que o Convento da Peninha não mereceu a protecção da comissão dos monumentos nacionaes, porque não se aproveita a oportunidade de preencher uma lacuna que ha muito se faz sentir em Portugal, onde não existe á semelhança dos paizes verdadeiramente cultos, um observatorio astronomico convenientemente situado? O prestigio de um povo depende muito hoje em dia das suas instituições de cultura scientifica, e não nos faltaria felizmente homes capazes de acreditar, em todos os centros civilisados, uma obra desta natureza. O paiz teria tudo a lucrar, e a Serra de Cintra não perderia nada, na verdade, tornando, uma vez sem exemplo, o convivio dos poetas pelas vigilias fecundas dos sabios.

HERMANO NEVES

Os fugitivos de S. Julião da Barra

A guarnição da fortaleza estava cheia de terror pelas ameaças recebidas

Ainda hoje foi o assunto obrigado de todas as conversas a fuga dos 12 perigosos bombistas que se encontravam presos numa das casas matas da Torre de S. Julião da Barra. O que ninguem compreende é que, como presos de tamanha responsabilidade, tenham conseguido pôr-se a salvo sem que da guarnição do forte alguem aparecesse a tolher-lhes o passo.

E' que a maior parte dessa guarnição andava receiosa, mesmo transida de terror em consequencia das ameaças constantemente feitas pelos presos, não só ás sentinelas, como ainda aos sargentos e oficiais.

Ainda ha dias, á hora das visitas, um desses oficiais foi ofendido na sua honra e insultado gravemente por um dos prisioneiros que lhe dirigiu as maiores infamias, não havendo por parte desse oficial o menor desforço.

Identicas scenas se repetiam quasi todos os dias, chegando as sentinelas a ser ameaçadas de morte.

Os jornais da manhã, referindo-se á fuga, dizem que os 12 presos se evadiram todos ontem, o que não é verdade. Hontem de manhã apenas fugiram 4, tendo-se evadido os restantes em dias anteriores a partir de domingo para cá. O primeiro a desaparecer foi o chefe da Legião Vermelha, o temido bombista José de Melo, que fugiu no domingo á hora das visitas. Em seguida tentaram evadir-se á noite mais trez, que foram encontrados numa ponte por um soldado que ia buscar um cobertor á caserna. Esse soldado fez alarme e os fugitivos recapturados, o que deu em resultado ser o referido soldado ameaçado de morte, tendo-lhe os presos apresentado um pedaço de madeira a fingir de pistola e um pé de meia cheio de areia com um cigarro na ponta a dar a impressão de uma bomba.

Ainda em outro dia um preso de nome Afonso, á hora da saida das visitas meteu-se entre elas e dispunha-se já a sair quando foi descoberto por um sargento que agarrando-o por um braço lhe disse:

—Oh meu amigo; eu estou para acabar o tempo e não quero que você me comprometa. Rode portanto lá para traz...

—Mas você conhece-me? obtemperou o tal Afonso.

—Conheço-o muito bem, replicou o sargento, vae lá para dentro, e... tem juiso...

E o preso não teve mais remedio que voltar para a casa-mata donde havia conseguido sair.

Ocioso se torna frisar que esse sargento estava ameaçado de morte.

Os presos planearam tambem fugir pela retrete o que não chegaram a pôr em pratica por terem de se meter ao cano colector donde natural é que depois saissem na praia muito mal cheirosos...

O que está já averiguado é que em S. Julião da Barra não existia a disciplina tão necessaria numa prisão e tanto assim que muitos presos conseguiram sair juntamente com as visitas chegando um doles, o Ezequiel Seigo a deixar ali um substituto.

A' hora da chamada dos presos nunca se deu por falta dos fugitivos porque os que estavam nas casas matas respondiam pelos companheiros que tinham dado ás Vilas Diogo.

Para se avaliar a falta de criterio que havia na fortaleza de S. Julião da Barra basta frisar o facto dos ferros nunca serem batidos. Em todas as prisões as grades são batidas todas as noites ao contrario do que sucedeu em S. Julião da Barra pois que só no dia da entrada dos bombistas se procedeu a essa praxe. Isto deu em resultado que muitos fugitivos tiverem ocasião de serrar as grades sem que ninguem desse por tal.

* * *

Ocioso se torna frisar sobre o paradeiro dos fujitivos não ha até agora novas nem mandados.

Varios agentes da P. S. E. percorreram hoje de madrugada os bairros excentricos, bem como cafés, casas suspeitas e outros pontos escolhidos pelos bombistas para seus poisos. Taes diligencias não deram resultados.

O pão e o operariado

O que se passou hoje em Lisboa

Aderiram ao movimento mais alguns nucleos de trabalhadores

Mas a cidade continuou imperturbavelmente a sua vida normal

Apesar de terem aderido á gréve proclamada pela C. G. T. em sinal de protesto contra o preço do pão e iniciada ontem, a cidade continuou a apresentar um aspecto normal, pois uma grande maioria, uma extraordinaria maioria da sua população operaria, inclusivé muitos metalurgicos e trabalhadores da construção civil, não abandonou o trabalho.

Os carros electricos circulam por toda a cidade, não se notando a falta dos automoveis de praça.

Tanto a gréve foi parcialissima, que durante toda a noite a União dos Sindicatos Operarios fês numerosas e instantes «démarches» junto das classes que não obedeceram ás determinações da C. G. T., no intuito de induzil-as a abandonarem o trabalho. Nem todas essas negociações foram, porem, coroadas de exito.

De igual modo a U. S. O. enviou emissarios de propaganda para os arredores de Lisboa, com o proposito de levar o operariado das varias localidades a secundar o movimento da capital.

* * *

Como os jornais da manhã já noticiam, os chaufeurs acederam ao pedido da U. S. O., motivo porque no Rocio, Praça dos Restauradores e outros locais onde os automoveis fazem praça não se encontram carros de aluguer. O grande publico, porem, mal dá por isso, pois, como se sabe, os preços das carreiras são altissimos, poucos sendo os que utilizam esse meio de transporte.

Paralisaram por completo as fabricas dos fosforos, tabacos e tecidos.

Junto das fabricas metalurgicas do Conde Barão, de Alcantara e em outros locais, grupos de grevistas impediram que alguns operarios retomassem o trabalho.

No Beato quando ali chegou o primeiro carro eletrico foi apedrejado por um numeroso grupo de grevistas, que a policia e as patrulhas da G. N. R. dispersaram.

Tambem, quando os dois primeiros carros chegaram ao Largo da Graça, alguns grevistas apedrejaram-os e dirigiram chufas ao guarda-freio, que ficou ferido na cabeça, recebendo curativo numa farmacia proxima e retomando o serviço.

De madrugada, alguns elementos da C. G. T. estiveram em Santo Amaro e no Arco do Cego, colocando-se á porta dos hangars, no intuito de evitarem a saida dos electricos, mas sem resultado, pois todo o pessoal se apresentou ao trabalho.

Os graficos reuniram esta tarde resolvendo manter-se em greve até final do movimento.

A U. S. O. publicou hoje um boletim da greve, sendo preso na ocasião em que procedia á sua distribuição na casa da maquina, o operario da construção civil, Alexandre Assis.

A policia apreendeu manifestos assinados «os filhos do povo» e dirigidos aos soldados e marinheiros.

* * *

Hoje repetiu-se o lançamento de bombas contra os carros na Estrada de Bemfica, não causando senão o susto dos passageiros.

Em Xabregas, a policia dispersou á sabrada os grupos de agitadores, que tentavam impedir a entrada do pessoal das fabricas de moagem.

Em Campo de Ourique, esboçaram-se assaltos a algumas padarias, mas os assaltantes foram postos em fuga pela policia, que acudiu imediatamente.

Os maritimos continuam a mostrar-se favoraveis á gréve, trabalhando apenas no rio os barcos que fazem a travessia Lisboa-Cacilhas. Patrulhas de cavalaria e de infantaria da guarda percorrem os cais, vigiando os entrepostos.

Alem dos operarios dos estabelecimentos fabris do Estado, arsenais do Exercito e Marinha e Deposito de Fardamentos, que ontem abandonaram o trabalho, declararam-se hoje em gréve os operarios da Casa da Moeda.

Em Almada, no Barreiro, em Cascais, em Montelavar e em Lameiras, alguns operarios aderiram á gréve geral, tendo partido para Almada forças de cavalaria da G. N. R.

Correrias e agressões

Os grévistas ferem e provocam os que trabalham

Na Associação dos Catraeiros do Poço do Bispo, realisou-se ao meio dia uma sessão de propaganda da gréve, falando varios oradores delegados dos certieiros, tanoeiros e construção civil. A' saida, um numeroso grupo de populares juntou-se no «terminus» da linha dos electricos, apedrejando os carros, comparecendo a policia e patrulhas da G. N. R., que dispersaram os ajuntamentos, tendo distribuido algumas pranchadas, respondendo os grévistas á pedrada, pelo que ficou ferido um guarda-freio num braço.

Em Alcantara e em Belem tambem se deram várias correrias junto de algumas fabricas.

Uma comissão de grévistas tentou hoje conseguir a adesão do pessoal da Companhia do Gaz, mas como fossem vistos grupos suspeitos junto da Central-Tejo, foram para ali destacadas várias patrulhas da G. N. R.

As carroças e trens de praça abandonaram o trabalho ao meio dia.

Na estrada de Sacavem um grupo de individuos assaltou um electrico, tentando roubar o manipulo e agredindo o condutor e o guarda-freio, que ficou ferido numa perna.

Avisada deste facto, a policia compareceu no local pondo-se os agressores em fuga.

O governo e os grévistas

O sr. ministro da Agricultura e a C. G. T.

A C. G. T., pediu hoje ao sr. ministro da Agricultura uma audiencia para fazer reclamações sobre o regimen do pão, declarando-se desde logo partidario do tipo unico.

O sr. dr. Joaquim Ribeiro, respondeu que não trataria com as cooperações operárias emquanto durasse a gréve.

Quanto ao tipo unico, que lhe formulassem o seu parecer que ele ministro o estudaria com o sincero desejo de beneficiar os consumidores, sem esquecer os legitimos interesses da industria e da agricultura.

* * *

O sr. dr. Marques da Costa, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa, procurou hoje o sr. presidente do Ministerio, para lhe comunicar que o pessoal do matadouro se havia declarado em gréve e pedir-lhe soldados da Manutenção Militar, para o substituir.

O sr. Antonio Maria da Silva, deferiu o pedido, dando imediatas ordens nesse sentido, e mandou suspender quaisquer disposição que regulem a entrada de carne em Lisboa, que desde hoje é absolutamente livre emquanto durar a gréve.

Tambem o sr. dr. Marquss da Costa determinou que tenha entrada livre em Lisboa a carne dos arredores, encontrando-se ás antigas portas da cidade entidades encarregadas de verificar o estado sanitario dessa carne.

* * *

A Camara Municipal da Regoa enviou hoje ao sr. ministro da Agricultura o seguinte telegram:

A Camara Municipal da Regoa sauda o energico e honrado estadista que teve a coragem de acabar com o pão politico, libertando a provincia desse incomportavel sacrificio em monstruoso beneficio das grandes cidades.—O presidente, Joaquim de Matos. Ribeiro dos Santos.

A's 18 horas

Um ultimatum dos grevistas ao Governo

O comité da greve enviou ao Governo um ultimatum intimando-o no praso de tres dias, que terminam na segunda-feira a suspender o decreto do pão, pois de contrario será votada a gréve geral revolucionaria.

Como em outro logar dizemos, o Governo não suspenderá esse diploma tendo-se efectuado no Ministerio da Guerra uma demoranda conferencia entre o sr. Antonio Maria da Silva, major general da Armada, comandante da divisão e governador civil de Lisboa.

O socego em todo o país é absoluto, segundo as informações de todos os pontos chegadas a Lisboa.

* * *

O sr. presidente do Ministerio, que, como noutro logar dizemos, contava partir hoje para o norte, afim de inaugurar um hospital em Oliveira de Frades, resolveu adiar a viagem para ocasião mais oportuna. Apesar de considerar o ordem completamente assegurada, o sr. Antonio Maria da Silva entende que neste momento não deve afastar-se de Lisboa.

Os srs. ministros da Justiça, Trabalho e Instrução, não deixam, porem, de realisar a viagem que tinham anunciado.

O sr. ministro do Comercio tambem parte para o norte.

* * *

A Sociedade Industrial Aliança, comunicou ao sr. ministro da Agricultura, que passaria a vender o pão de 2.ª qualidade ao preço de 1$50.

* * *

Os individuos presos ontem por andarem incitando á gréve, encontram-se nos calabouços do governo civil, tendo sido hoje detidos mais alguns operários por igual motivo.

A P. S. E., procedeu a várias diligencias a fim de capturar conhecidos agitadores. Numa casa da rua do Meio á Cascalheira, foi preso o dinamitista José de Matos, que já ha muito era procurado.

Encontra-se na mais rigorosa incomunicabilidade o bombista José de Amaral Júnior, autor do atentado bombista de ontem á noite na Avenida Antonio Augusto de Aguiar contra um carro elettrico. O Amaral que é um dos mais temidos bombistas tem tomado parte em varios atentados.

* * *

A U. S. O. distribuiu hoje um manifesto, aconselha o povo a não transitar nos eletricos, para não ser vitima de qualquer desvairado.

Na Rua da Junqueira foi arremessada contra um eletrico uma bomba, que causou bastante panico nos passageiros tendo o carro ficado com alguns vidros partidos.

No sindicato metalurgico e a C. G. T. realisaram-se sessões de propaganda da gréve tendo-se recebido na C. G. T. alguns telegramas do Porto, Coimbra e Santarem, dando apoio ao movimento.

A Federação Maritima telegrafou para varias localidades convidando os maritimos a aderirem á greve.

A U. S. O. recebeu um telegrama de Setubal disendo que a gréve deve ser declarada naquela cidade na segunda-feira.

* * *

A's 17 horas quando uns operarios de uma fabrica de tecidos em Pedrouços largavam o trabalho, eram aguardos na rua por um grupo de individuos, que os agrediu á pedrada.

Estabeleceu-se grande borbarinto, comparecendo a policia e G. N. R. estabelecendo-se correrias e sendo distribuidas algumas pranchadas.

A nossa politica externa

Como a orientará o sr. Teixeira Gomes?

PARIS, 25—O jornal «Republique Française», diz que a eleição do sr. Teixeira Gomes chega no momento particularmente psicologico para Portugal, pois que a questão está em saber se Portugal continuará, em uma absoluta cooperação com a Inglaterra, ou se procurará, em união com o Brazil, encaminhar-se para a União Latino.—H.

Um comicio

No Eden realisa-se ámanhã, ás 15 horas, uma sessão de propaganda republicano-socialista, promovida pelo Gremio Republicano Federal, falando os srs. Agostinho Fortes, Boto Machado, José Carlos Rates e outros.

A ORDEM PUBLICA

O GOVERNO

tem todos os elementos para reprimir qualquer alteração

O que se diz e o que se pensa na presidencia do Ministerio

Na presidencia do Ministerio está tudo socegado, tudo tranquilo.

O chefe do Governo foi bastante cedo para o seu gabinete; e como tenciona sahir hoje mesmo de Lisboa, quer deixar tudo em ordem de forma que a sua ausencia não provoque duvidas ou sobresaltos.

O expediente fez-se portanto com normalidade e com regularidade; nem uma nota sequer de anormalidade ou de concepção.

Os mesmos funcionarios, os mesmos papeis, as mesmas cerimonias.

O sr. Antonio Maria da Silva não tem um minuto para perder; e como isto de falar com jornalistas representa em geral para os politicos uma perda de tempo s. ex.ª não pode falar comnosco. Entretanto manda-nos informar do que se passa, e do que, presumivelmente, virá a passar-se.

Primeira pergunta:

—Qual é a extensão do movimento grevista hontem declarado?

—Não tem a extensão que os seus organisadores esperavam. Nem nada que com isso se pareça.

Em greve estão apenas os operarios da construção civil, os metalurgicos e parte dos tipografos. Só esses.

—Entretanto, e com caracter oficial, a C. G. T. afirma que cento e cincoenta mil trabalhadores abandonaram o trabalho?

—E' falsissimo. A propria construção civil, uma parte dela pelo menos, já fez saber que desejava que lhe garantissem a liberdade de trabalho.

—Quais são as medidas que o Governo conta adoptar para reprimir o movimento grevista, ou, ao menos, para evitar a sua expansão?

—O Governo não transigirá, nem negociará. Ha-de adoptar todas as medidas de caracter represivo que se apresentem como necessarias para a manutenção da ordem nas ruas. Todos aqueles que pensarem em a alterar serão severamente punidos. Medidas policiais portanto, aquelas que o desenrolar dos acontecimentos aconselhar.

—Está o Governo disposto a transigir na questão do pão?

—Não está. Quando muito poderá aclarar aquelas partes do decreto que porventura hajam suscitado duvidas no espirito dos operarios.

—Até que ponto pode o Governo enfrentar uma paralisação de trabalho?

—O Governo não considera possivel uma paralisação de trabalho; nem sequer provavel.

—Que medidas tenta o Governo pôr em pratica para apagar a pessima impressão que na opinião publica causou a fuga dos presos?

—Já foi dada ordem ao comandante do Campo Entrincheirado para proceder a um inquerito rigoroso sobre esse sucesso. Entretanto foram detidos todos os individuos, a começar pelo oficial de dia, que podiam ter facilitado a fuga.

—As forças de que o Governo dispõe são as bastantes para reprimir uma alteração da ordem, qualquer que seja a sua extensão?

—Sim senhor. Forças de terra e mar conta com elas.

—O chefe do Governo parte ou não para Aveiro?

—Hoje ás cinco horas da tarde acompanhado pelo seu secretario sr. Jorge de Carvalho.

O que quer dizer que as coisas não estão tão feias como muitos querem fazer acreditar.

E aqui tem o leitor o que o sr. presidente do Ministerio poderia ter dito á «Capital» se para isso tivesse tempo. E foi o que em presença dessa falta de tempo, nos fez saber por pessoa da sua absoluta confiança.

José Agostinho Pereira e Sousa

FALECEU

Maria Archangela Cardoso Feio, Alice Barata Rodrigues e Joaquim Eduardo Nunes Barata, participam o falecimento do seu querido irmão e primo, e que o seu funeral terá logar amanhã, 26, ás 12 horas, saindo da rua Capelo, 26, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

José Agostinho Pereira e Sousa

FALECEU

Afonso de Lemos, Joaquim Eduardo Nunes Barata e Antonio Moreira Beato, amigos e testamenteiros de José Agostinho Pereira e Souza, participam o seu falecimento, e que o seu enterro, por sua determinação, é civil sendo proibida a deposição de corôas e flores de qualquer natureza, efectuando-se o funeral amanhã, 26, ás 12 horas, saindo da rua Capelo, 26, 1.º para o cemiterio dos Prazeres.

ANOMALIAS

As subvençõea ao funcionalismo municipal

Sr. Director.—A questão das subvenções ao funcianalismo eterniza-se com reclamações de toda a ordem porque as anomalias a que dão logar os arrevezados calculos e coeficientes irritam os que por elas são atingidos.

Agora são os fiscais do Municipio qua protestam; porque, tendo-lhes sido fixado o coeficiente 12, com redução das percentagens, para lhes ser aplicada uma subvenção que está muito longe de atingir, proporcionalmente, a que foi, com justiça, aprovada para as restantes classes de funcionarios do Municipio, sucede que essa medida deu, como consequencia ser recebido a maior parte dos empregados da Camara a subvenção que receberia pelo coeficiente 9, sem que fossem reduzidaseas mesmas percentagens.

Outros em egualdade de circunstancias com relação ao citado coeficiente são subvencionados nalgumas dezenas de escudos, com superioridade sobre o que deviam receber pelo mesmo coeficiente.

Assim, houve fiscais que, só por terem um vencimento igual aos escriturarios perceberam uma subvenção igual á que foi concedida a estes funcionarios e outros que, por terem a «fatalidade» de receberem mais, ficaram ganhando menos do que aqueles, algumas dezenas de escudos.

Em resumo, a tabela elaborada fora a anterior melhoria era positivamente arbitraria e ilegal, pois infringia o disposto no art.º segundo da lei 1355, que preceitua que «as subvenções devem ser concedidas sobre os vencimentos de categoria e exercicio dos funcionarios.» Como as tabelas elaboradas para este fim não foram, porem, a Fazenda Municipal supuzeram os funcionarios que iriam ser agora remediadas todas as anomalias de que foram vitimas.

Verificam, todavia, com surpreza, que a Fazende Municipal, sancionando tudo quanto estava feito, estabeleceu uma subvenção sobre os vencimentos a subvenções dos funcionarios, o que o mesmo é dizer que prevalecem as mesmas anomalias de que os interessados estavam sendo vitimas. — Uma victima.

Em França

Taxa sobre os estrangeiros

que residam mais de oito dias no territorio da Republica

M. Taittinger, deputado da Charente-Inferieure, ocupado em consolidar a situação financeira da França, submeteu ao ministro das Finanças uma proposta de lei tendendo a estabelecer uma «taxa de compensação economica» sobre os estrangeiros.

Esta taxa, cujo principio é um pouco simplista, seria estabelecida sobre os estrangeiros que residam mais do oito dias em França. Ssriam dela exceptuados os agentes diplomaticos, os serventes, os subditos belgas e polonezes, e os estrangeiros autorisados por decreto a fixar domicilio em França.

Logo á chegada, os estrangeiros deveriam apresentar uma declaração e pagar a taxa de residencia fixada em 1.000 francos para o chefe de familia e 200 francos por qualquer pessoa a seu cargo que o acompanhe.

A proposta prevê penalidades para todo aquele que não apresentar declaração em tempo oportuno.

«Nunca, declara M. Taittinger, tivemos tantos estrangeiros em França; nunca tambem a vida foi tão cara nem o nosso cambio tão baixo. Funcionando sob formas diversas em muitos paises, prbncipalmente nos Estados Unidos e na Italia, «a taxa de compensação economica» sobre os estrangeiros, nas actuais circunstancias impõe-se no nosso país».

No entanto começam os protestos contra as intenções do deputado da Charente-Inferieure.

O presidente do sindicato dos hoteleiros de Paris, disse:

«Tal media teria como efeito afastar de França um grande numero de estrangeiros.

Os visitantes estrangeiros que veem ao nosso país, trazem-nos bastante dinheiro. Pagam, como consumidores, importantes impostos indirectos cuja soma nos permite pagar os nossos próprios impostos. Querer impor-lhe, por cima, um imposto directo, parece-me abusivo e a simples noticia da sua adopção bastaria para os afastar».

VIDA SPORTIVA

Natação

As provas que estavam marcadas para amanhã, na Doca de Setubal, não se realisam naquela cidade mas na Doca de Alcantara, junto ao retangulo do Sporting, ás 15 horas.

São as seguintes: Campeonato Nacional de Saltos; 800 metros por equipes (4 x 200) estilo livre homens; 400 metros por equipes (4 x 100) estilo livre senhoras.

Concorrem á prova de 800 metros, equipes de Setubal, Porto e Lisboa.

Na prova de 400 metros—senhoras—estão inscriptas duas socias uma do Club Escola Nautica do Porto, que é composta das nadadoras Aida Pinto Borges, Olinda Pinto Borges, Rosa do Carmo, Palmira de Jesus, e outra do Sport Algés e Dafundo, de que fazem parte as nadadoras: Stela de Carvalho, Elfrid Nesing, Raquel Baptista e Emilia Baptista.

Alem das provas oficiais, haverá tambem corridas para Juniors e principiantes, cujas inscripções são gratuitas e feitas na ocasião das provas.

Uma semana desportiva

O Ginasio Club Figueirense promove em Setembro uma interessante semana desportiva, com corrida de touros, hipismo, nautica, tiro, law-tennis, esgrima, etc. A comissão organisadora é composta dos srs. conde de Pinhel, tenente-coronel Manuel Latino, dr. Jardim, Joaquim Ereira e conde de Avilez.

As minas do Rand

Os indigenas de Moçambique

Vai aumentar o seu recrutamento?

LOURENÇO MARQUES, 24.—O «Rand Daily Mail» de Johannesburg, diz que o Governo aprovou que seja aumentado o numero de indigenas a recrutar no territorio português em relação ao numero combinado inicialmente entre o Governo e a Camara de Minas.

Esta nova situação proveio aparentemente da grande dificuldade experimentada ultimamente na obtenção do numero suficiente de braços na União para um regular abastecimento das minas.

Tendo procurado ontem informações sobre o assunto no Departamento dos Negocios Indigenas não conseguimos obter nem a confirmação nem o desmentido desta noticia. Calcula-se que faltem 13:000 indigenas nas minas.

Os partidos

P. R. Radical

Ficou transferido para o dia 30 o almoço que vai ser oferecido ao major sr. Filipe de Sousa, continuando aberta a inscripção até quarta-feira.

— Tambem só na quarta-feira se realisa a reunião das comissões politicas marcada para hoje.

Necrologia

D. Maria da Estrela Mourato Brito

No dia 19 do corrente faleceu em Portalegre a srª. D. Maria da Estrela Mourato Brito esposa do nosso dedicado agente naquela cidade, sr. João de Brito, a quem enviamos sinceros pesames.

O seu funeral que se realizou no dia 20, foi muito concorrido.

Teatro-Musica-Cinema

Primeiras e reposições

TEATRO NACIOAL — Cabeça de Turco, farça de Fernandes Lepine, adaptada por Carlos Ferreira (só?).

A peçasinha que ontem subiu á scena no Nacional é uma «pochade» de formula antiga.

Tem mais peça de enredo que de ditos, o que me faz supôr que no original o trabalho deve agradar mais.

Houve mesmo da parte do ou dos adaptadores a preocupação do dito de espirito, o que nem sempre é agradavel.

No emtanto, como desempenho é muito bom, e está a peça bém posta, resulta que a noite do Nacional, com a «Cabeça de Turco» é uma noite alegre e que fez rir. E é isso que o publico que lá foi pretende e por isso saiu satisfeito.

No desempenho salientaram-se Joaquim Costa e Alegrim, sendo tambem curioso o trabalho de Lozalira Neves e Irene Grave. Jorge Grave tambem foi o actor de sempre, tendo contribuido para o brilho de conjuncto Helena de Castro que se apresentava vestida com elegancia e gosto. E prompto...

O HOMEM QUE PASSA

Nota do dia

Impudor

Contam-me que ontem, na festa de La Goya no teatro S. Luís—a linda sala de tradições de arte e elegancia, onde a figura «fashionable» de Augusto Rosa, ainda perfuma o ambiente—uma actriz que devia respeito á sua profissão e ao publico que a escutara proferiu verdadeiras obscenidades em áparte. que faziam corar um granadeiro do imperio, se houvesse imperios e granadeiros.

O publico não riu. Os próprios homens sentiram-se enojados. E' que o sorriso dum «double-seus» póde ter o interesse picante dum «mixed-pickles», mas a sordida obscenidade, vinda dos labios duma mulher, sendo demais a mais da sua autoria, irrita e enoja.

E' preciso que os emprezarios os directores de scena, autores, todos aqueles que teem responsabilidades de facto no espectaculo de S. Luís, ponham cobro a esse depravamento, que desprestigia o local, a Arte, e o próprio publico frequentador do teatro.

E falam ainda da imoralidade do «Mar Alto», os homens que permitem a indecentissima pornografia em que se transformou o espectaculo de S. Luís?

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

De Portugal

A companhia Armando de Vasconcelos trabalha desde hoje no Teatro Aguia de Ouro, do Porto.

—Estreia-se na terça-feira no Sá da Bandeira com «As azas quebradas» a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, devendo representar ali todo o repertorio exibido no Politeama.

—Laura Costá tem o papel «A ultima moda» no quadro novo «As fitas faladas» da revista «Fado corrido», a subir hoje á scena no Teatro Maria Victoria.

—O escritor sr. Luna d'Oliveira apresentou o seu trabalho «O Infante Santo» á companhia Lucilia Simões, que o representará no Teatro de S. Carlos na proxima epoca.

—O ilustre empresario sr. Macedo e Briro, quando terminar a epoca de verão, deixará temporariamente a vida teatral.

—O Eden será explorado até 31 de julho de 1924 pela empresa Campos, Correia L.da.

—Vai ser reconstruido o Teatro Eden, do Porto, incendiado por ocasião da restauração da Republica no Porto, por ser ali que eram recolhidos e martirisados pela trauitania os republicanos daquela cidade. O Teatro Carlos Alberto vai ser transformado em circo.

—Está sendo construido na rua de Santa Catarina, da capital do norte, um teatro circo, para 7:500 pessoas.

—Já está organisado o elenco artistico e o repertorio da companhia Lucilia Simões que na primeira semana de outubro reaparecerá em S. Carlos. Por estes dias dal-os-hemos a conhecer aos nossos leitores, entre os quais deve produzir a melhor impressão. Para as recitas que, excepcionalmente a companhia Lucília Simões-Erico Braga vae realisar amanhã, segunda e terça feira, no Teatro Recreio do Povo em Setubal, ha a maior animação deixando prever que as enchentes serão completas. «A Zázá», «Carta Anonima» e «A Rajada» serão ali representadas pela ordem que as mencionamos.

Do estrangeiro

Um grupo de cantores brasileiros, a cuja frente se encontra o tenor Machado Del Negri, está empregando esforços para a organisação de uma companhia lyrica nacional. O primeiro passo que vai ser dado pelos promotores dessa nova tentativa será um grande concurso destinado á selecção dos elementos que devem constituir a companhia. Depois a comissão organizadora realisará uma serie de concertos, cujo producto constituirá o primeiro peculio em que se baseará o empreendimento.

Reclames

— No teatro Maria Vitoria realisam-se esta noite dois espectaculos de homenagem aos aplaudidos autores da revista «Fado Corrido». Sobe á scena um novo quadro hilariante e quatro numeros novos, apresentando-se a revista completamente remodelada.

4 O REINO DO MISTERIO

va comtemplando começava a compreender, inabalavel e inacessivel aos outros. Os factos que estivessem em contradição com essa teoria ou não eram para ela factos ou considerava-os tão excepcionais que não tinham direito a entrar em linha de conta. Se alguem a atacava nos seus ultimos entrincheiramentos, manifestava um descontentamento, um desgosto tão sentido que não havia maneira de prosseguir na discussão.

O aposento em que ela se encontrava, reflectia perfeitamente a sua personalidade. A despeito da epoca do mobiliario que remontava aos primeiros anos da rainha Victoria, notava-se, no arranjo e na escolha das suas peças, um gosto assaz subtil para desvanecer a simples suspeita dum caracter burguez. A mesa de pau rosa na qual se estampavam com serena belesa os primeiros raios dum sol de setembro não jogava, como porventura deveria, sem que se saiba verdadeiramente porquê, com os *panneaux*, estilo Tudor, que ornamentavam a sala. Um reposteiro de tapeçaria ocultava a porta que dava para o vestibulo, largas faixas de veludo dourado pendiam de cada lado das altas e modernas janelas abertas sobre o jardim. Todo o resto do mobiliario era encantador e harmonioso: cadeiras baixas, um sofá em seda, uma multidão de livros primorosamente encadernados em todas as mesas, e, de cada lado da porta duas pequenas estantes torneadas cheias de volumes de poesia e de devoção. A joven interlocutora de *mistress* Baxter, muito direita na sua cadeira as mãos apoiadas sobre os joelhos, pertencia a um tipo bem diferente e dificil de classificar, porque se afirma em toda a especie de sociedades. Um astrologo respeitavel não se sentiria embaraçado para colocar o seu nascimento sob o signo de Escorpião. Na sua aparencia exterior, nada havia de notavel, embora possuisse um singular encanto que ia aumentando á medida que com ela maior conhecimento se travava. Tal

ROBERT HUGH BENSON

O REINO DO MISTERIO

— 1923 —

BIBLIOTECA DE «A CAPITAL»

Primeira Parte

I

—Tudo isto me faz muita pena, murmurou *mistress* Baxter.

Era uma senhora já edosa, baixa, de aparencia delicada, harmonisando-se bem com o tipo classico; com os seus cabelos prateados de viuva fiel cobertos por uma touca de rendas, o seu vestido preto, a sua tez de fina porcelana, os seus amaveis olhos de myope e as suas mãos brancas, sulcadas de veias azuladas e que naquela ocasião se ocupavam num trabalho de costura. A excelente *mistress* Baxter espalhava constantemente em torno de si uma atmosfera de piedade, de piedade humilde, terna e sincera, mas tão persistente como o suave aroma de madeira de sandalo de que o seu vestuario estava impregnado. A sua teoria do universo, era, como a jovem que a esta-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4465-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira, 27 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 20 centavos

CAMBIOS

A libra fechou hoje a Esc. 98$00 e 100$00

As auctoridades não permitem reuniões de grévistas na C. G. T.

Algumas classes retomaram hoje o trabalho, suspendendo-o, porem, outras — O Governo continua a não tratar com os operarios, emquanto não terminem a gréve

A situação

Recomeçou hoje a gréve?

Assim o podemos deduzir, visto que hontem, dia de folia geral, ninguem vislumbraria certamente as indignações candentes que levaram o proletariado á gréve geral.

Com efeito, hontem Lisboa despovoou-se. Foi o Senhor da Serra, foi a festa da Atalaia e foi tambem a festa de todos os domingos, cheios de sol, em que se procura gosar, embora seja dispendioso, para no dia seguinte se lançar um grito de miseria que suscita as paixões revolucionarias.

Hontem, não houve gréve. Carros, automoveis, carroças, todos os vehiculos funcionaram, até mesmo esses carros electricos que nos outros dias são apedrejados ou atacados á bomba.

A gréve recomeça hoje.

Recomeça para se arrastar indefinidamente, porcelarmente, só causando prejuizos, não conquistando vantagem alguma.

Os primeiros que estão convencidos de que o pão não baixará são os «meneurs» da gréve. Eles bem sabem que o Governo não pode transigir n'uma questão de ordem publica.

Vai-se para a gréve revolucionaria?

Se assim, no que se pensa, afinal de contas, é nessa famosa revolução social que os proprios doutrinadores das diversas escolas socialistas e anarchistas confessam que não tem nenhuma possibilidade de exito n'um paiz como o nosso, que só pode aceitar o reflexo d'uma grande transformação mundial.

Chegados a este ponto, vimo-nos forçados a donsiderar que só se procura desencadear a desordem, e isso é demagogia pura.

Somos dos que ha muito entendem que tem de ser jugulada a carestia da vida. Mas não vemos maneira de se chegar a esse «desideratum» com movimentos desta naturesa.

A carestia da vida tem de ser atacada, seguindo-se um plano maduramente estudado, e com meios de acção, que, sendo os mais energicos, tem igualmente de ser os mais ponderados.

E' com uma gréve revolucionaria, sem finalidade e sem base, desprovida de condições de triumpho que se procura realisar uma obra de salvação?

Em que parte do mundo é que as gréves revolucionarias têm resolvido a questão economica?

Em nenhuma.

Não! O caminho não é esse. O caminho é outro, e está naturalmente indicado.

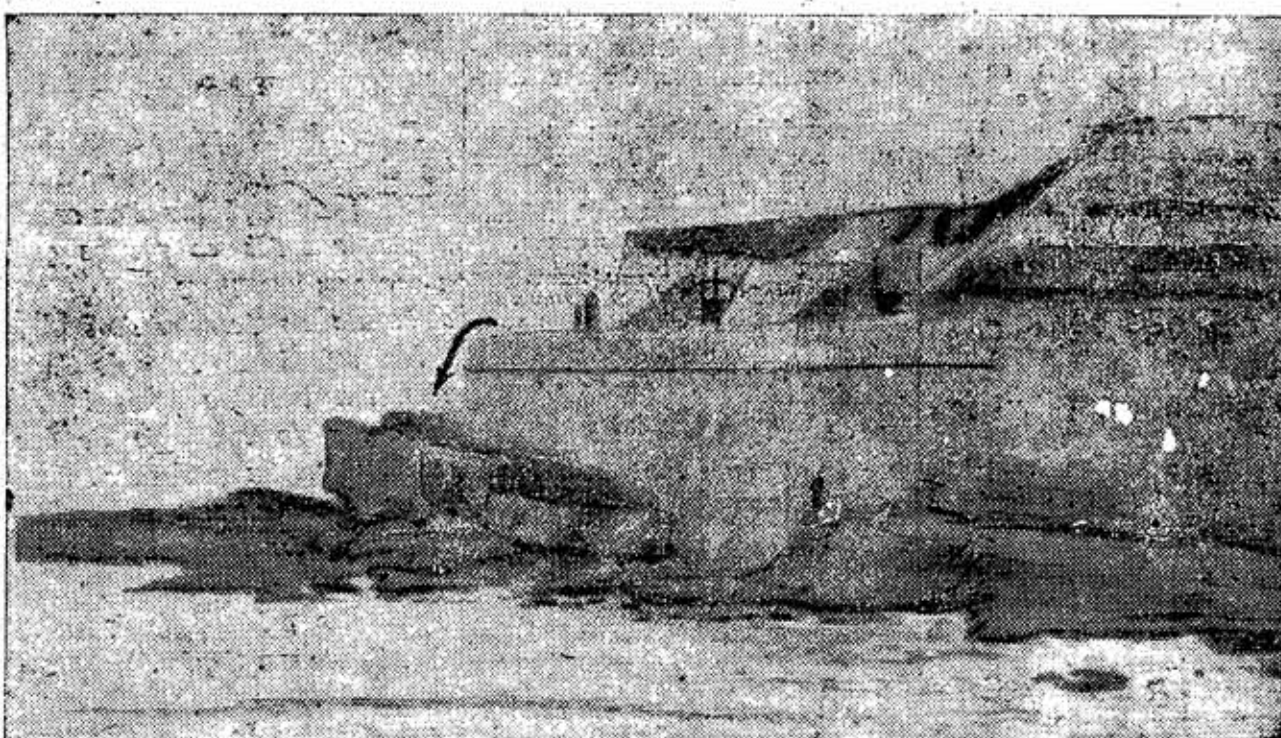
São os governos constituidos que hão de resolver a questão. Se eles não cumprem o seu dever, a nação que se manifeste. Mas o direito da manifestação não é um processo subsersivo, e por isso o não adoptam.

Pois com a desordem nas ruas é que nunca se criará a fartura nos lares.

DEPOIS...

S. Julião da Barra

guardado por forças da G. N. R.

Lembra-se o que se passou com os condenados do 19 de Outubro

A cruz indica a janela por onde sairam e a seta o ponto onde desceram

A fuga, ha dias praticada, dos perigosos bombistas que estavam em S. Julião da Barra, provocou na opinião publica, além de uma extraordinaria surpreza, pois que ninguem podia supôr que presos de tamanha responsabilidade conseguissem evadir-se dum presidio militar que, demais a mais, é um dos componentes do Campo Entrincheirado, um pronunciado receio não só pela acção que esses bombistas podem vir a desempenhar nos acontecimentos que decorrem, como tambem pela escassa segurança que oferecem as prisões como o referido forte.

As nossas reservas não significam de modo nenhum uma insinuação. Estamos em presença de um perigo serio e não é possivel deixar de lhe consagrar os indispensaveis comentarios.

O que, tanto o facto da fuga dos bombistas, como outros de quasi egual gravidade representam, é que, de muitos dos mais representativos elementos da sociedade portugueza, de muitos até, a quem está confiada a sua guarda e a sua defeza, se apoderou um receio, um espirito de derrota, que são lamentaveis, que podem comunicar-se ao Paiz e fazer baixar o moral da população, predispondo-a para uma espectativa de perigosa indiferença.

Ainda ha pouco isso se verificou com os condenados como autores da chacina de 19 de outubro. Tendo entrado para o forte de Sacavem após a condenação, o respectivo comandante não descançou enquanto não conseguiu a transferencia dos condenados para o forte de Elvas, depois de ter adotado as mais severas providencias—desde o artilhamento do forte até ao reforço permanente das guardas. De Elvas, os homens foram transferidos ainda para a Trafaria, de onde foram mandados para Coimbra...

Em relação á fuga dos bombistas, outro tanto se está passando. Parece que houve quem prevenisse os oficiais da Guarnição do forte do que ia passar-se; adotaram-se, com certeza—embora não o possamos garantir—providencias tendentes a impedir a evasão dos criminosos. Mas, com elas, ou sem elas, eles fugiram e agora ahi andam, pesando no ambiente como uma ameaça de morte.

Depois disso é que as cautelas vieram; forças de guarda republicana foram reforçar a guarnição do forte que, parece-nos, não deve ser diminuta.

Esta resolução, de mandar guardar pela guarda republicana um presidio militar que pertence ao Campo Entrincheirado, não é lá muito compreensivel, sobretudo porque se supõe que todos os componentes do Campo Entrincheirado dispõem permanentememte dos elementos necessarios á sua acção. Com a providencia que se poz em pratica, parece, no entanto, que assim não é.

A questão do pão

A GRÉVE DE PROTESTO

Embora se tenha alargado, ainda hoje não foi geral

Muitas classes retomaram hoje o trabalho, por julgarem já bastante acentuado o seu protesto com a paralisação de trabalho durante três dias. Outras, porêm, só hoje se declararam em greve. Os operarios da Camara retomaram o trabalho ás 8 horas abandonando-o, porêm, de novo ao meio dia, o mesmo acontecendo em algumas oficinas das industrias metalurgica e mobiliaria, fabricas de tecidos, alguns operarios da construção civil, etc.

Comissões de vigilancia percorreram de manhã a cidade, impedindo que muitos operarios regressassem ao trabalho.

Junto dos hangars de Santo Amaro e do Arco do Cego colocaram-se logo de manhã alguns grupos de grevistas, que tentaram impedir a saida dos eletricos, o que conseguiram durante 2 horas. Por isso, o primeiro carro, que devia sair ás 5,10, só conseguiu sair ás 7,30.

Não se fizeram todas as carrêiras, sendo em menor numero do que o habitual os carros que circularam em outras. No entanto, a população poude aproveitar largamente esse meio de transporte, indispensavel a uma cidade como Lisboa.

O primeiro carro que chegou ao Poço do Bispo foi apedrejado, tendo o guarda-freio ficado ferido na cabeça com uma pedrada. A policia distribuiu algumas pranchadas, não conseguindo pôr os grupos de grevistas desde logo em debandada, porque se retiravam de um lado para aparecerem no outro.

Junto ás fabricas de tecidos, dos tabacos e dos fosforos, em Xabregas e no Beato, deram-se tambem algumas correrias, pranchadas e pedradas, devido aos grupos de agitadores não consentirem que operario algum retomasse o trabalho.

Na Estrada de Sacavem um grupo de operarios da construção civil tentou assaltar um eletrico, mas foi logo posto em debandada pela policia e por uma patrulha da G. N. R., que aparecera no local.

Nas Escolas Geraes, quando passou o primeiro carro tambem foi apedrejado, proseguindo, porem na sua marcha, depois de ter aparecido uma patrulha da G. N. R.

Em Pedrouços foi atirado um petardo sobre um eletrico, não causando mais do que o panico nos passageiros.

O pessoal dos Arsenaes dos Exercito e Marinhas não compareceu hoje ao trabalho, o mesmo acontecendo com os chauffeurs, cocheiros e carroceiros de praça.

Em Alcantara, junto de algumas fabricas metalurgicas, foram apedrejados os operarios que retomavam o trabalho, especialmente á porta da União Fabril, onde ficou um operario ferido com uma pedrada atirada por outros operarios.

Nas oficinas dos Caminhos de Ferro o sindicato distribuiu uma proclamação, aconselhando o operariado a não trabalhar, mas apesar disso este só abandonou as oficinas ao meio dia.

Junto do pessoal dos Telefones, dos Correios e Telegrafos e dos ferroviarios do Sul e Sueste foram feitas varias deligencias para abandonarem o trabalho não tendo, porêm, dado resultado, pois todo ele trabalha.

Os maritimos manteem a mesma atitude, sendo os caes patrulhados e vigiados pela policia e pela G. N. R.

Os padeiros reuniram ás 13 horas, para resolverem sobre a atitude a tomar, mas quando a reunião se realisava compareceu no sindicato uma força de policia e da G. N. R. que os dispersou, não chegando a tomarem qualquer resolução.

A C. G. T. não está encerrada, mas vigiada pela policia, que não permite a entrada no edificio a pessoa alguma a não ser aos moradores.

Na Calçada do Combro e nas imediações da C. G. T. aparecem grupos de grevistas, que são afastados pela policia e pela guarda.

Vêr mais noticias em Ultima Hora

Tempestades na Italia

Chuvas torrenciais em Roma

ROMA, 27.—Tem havido em toda a Italia terriveis tempestades. Nesta cidade caiu a chuva mais copiosa de que ha memoria ha 43 anos a esta parte.

Ha grandes inundações. A chuva caindo no Vesuvio arrastou grandes quantidades de tritos de lava e enxofre tornando as estradas impraticaveis. O rio Romanza saiu fóra do seu leito. Ficaram destruidas todas as colheitas proximo de Brescia, tendo ficado tambem muitas casas e fabricas prejudicadas. Na Toscana e em Trieste as ventanias fizeram com que variados navios que estavam nos portos garrassm.—(R.)

O rei Tino, da Grecia

Uma carta em que se prova que foi germanofilo

LONDRES, 26.—Segundo o correspondente do «Exchange Telegraph» em Atenas, o jornal «Patris» publicou uma carta do ex-rei Constantino a seu filho Alexandre. Nessa carta, escripta em 1917 e confiada a dois oficiais gregos prisioneiros em Goerlitz, o antigo monarca intima seu filho a empregar todos os esforços para impedir que fossem executadas as ordens de mobilisação, apondo-se a que a Grecia se colocasse ao lado dos aliados. Por outro lado, os oficiais tinham recebido ordens para comunicarem ao quartel general alemão tudo o que soubessem sobre a acção aliada. A carta causou sensação em toda a Grecia.

A Alemanha e as potencias

O discurso conciliador do chanceler Stressemann

BERLIM, 27. — Quasi todos os jornais franceses comentam benevolamente o discurso de senhor Stressemann reconhecendo que as suas declarações tenderão a diminuir a tensão europeia. O «Gaulois» diz que o discurso do senhor Stressemann purifica a atmosfera, mas que a França está impedida de entrar em negociações emquanto a Alemanha mantiver a resistencia passiva. O «Figaro» diz que o chanceler alemão se esforça por não fechar a porta para futuras negociações com os aliados ou ainda para directas conversações com a França. O «Petit Journal» frisa facto de que o chanceler está disposto a apoderar-se das riquesas industriais e faser tudo o que puder para dominar o caos financeiro.

Os jornais ingleses referem-se tambem ás palavras conciliadoras do chanceler alemão. «O Daily News» diz que o discurso do sedhor Stressemann estabeleceu as bases para a reabertura da discussão da questão do Rheno e das reparações.

Missões Ultramarinas

O convento de Couto de Cocujais foi comprado por 350 contos para as missões ultramarinas.—H.

Os grandes criminosos

Um ladrão assassina 10 testemunhas

BUCAREST, 27.—Um inspector dos caminhos de ferro Mold desfalcou variadas quantias por diversas vezes. Quando se teve conhecimento das suas fraudes Mold suprimiu 10 das testemunhas mais comprometedoras contra si envenenando-as. A primeira vitima foi seu proprio irmão.—(R.)

O FOLHETIM DE "A CAPITAL"

O REINO DO MISTERIO

O celebre romance de Robert Benson despertou a maior curiosidade

Podemos afirmar que despertou a maior curiosidade no espirito do publico o folhetim de **O REINO DO MISTERIO**, que «A Capital» inseriu no sabado passado e hoje continua. O formosissimo romance é, talvez no seu genero, o que melhor traduz a situação psicologica em que podem encontrar-se os que procuram desvendar os pertubadores enigmas de além-tumulo.

Nêle se expõe de uma forma dramatisada e viva, tudo o que de mais curioso e perturbador se tem podido modernamente estabelecer nessas forçadas relações do homem com o Infinito, e dizemos forçadas porque elas são sobretudo um producto da vontade concentrada numa aspiração inabalavel. Nessas relações, o que haverá de verdade e o que haverá de ilusão? Até que ponto podem intervir nelas a má fé, o dolo, ou mesmo a simples sugestão? Que perigos de variadissima especie podem resultar para os que se abalançam, com os nervos crispados e a imaginação encandecida, a penetrar tão tremendos arcanos? E' o que **O REINO DO MISTERIO** trata de descrever, na forma romantica que de preferencia conquista a atenção sobre tais estudos, eximindo-se á sua natural nebulosidade e aridez.

Leiam, pois, em "A Capital" o notavel romance

As reparações alemãs

A sua utilisação imediata

Está sendo estudada pelo Governo

Um ponto de vista de "A Capital,, que triunfou

E' sabido que da Alemanha só temos recebido, até agora, por conta das reparações que nos são dividas, cerca de vinte milhões de marcos, o que é uma percentagem minima da cifra que nos foi atribuida. Ao passo que outras nações, cujo esforço na guerra não foi muito sensivelmente superior ao nosso, aproveitaram já das reparações o maximo que lhes foi possivel, comoa Servia, a Grecia, a Checo-Slovaquia, etc., nós continuamos contemplativamente, esperando não sabemos o quê.

Felizmente, a questão foi levantada ha dias em' A«Capital», e com tanto sucesso, que quasi todos os nossos colegas na imprensa acudiram logo, secundando-nos.

Tinhamos sabido que o ilustre ministro do Comercio, sr. dr. Queiroz Vaz Guedes, indicara a possibilidade de se conseguir, para o caminho de ferro electrico que se vai construir, ligando os concelhos de S. Braz d'Alportel e Loulé, os materiais necessarios importados por conta das reparações alemãs, ficando o Estado integrado na empreza a constituir nas condições permitidas pelo valor daqueles materiais.

Generalisando esta resolução do governo, lançamos a hipotese de se alargar as importações feitas directamente por ele, de modo a ser-nos possivel adquirir todos os materiaes necessarios á reorganisação e desenvolvimento dos nossos serviços ferroviarios, particulares e do Estado, da agricultura, da industria, etc. Em compensação, o Estado figuraria como acionista das emprezas beneficiarias, no valor das mercadorias concedidas a cada uma delas. Deste modo, sem esperarmos eternamente pelos marcos ouro que não veremos nunca, teriamos ensejo de ajudar poderosamente o fomento do país, ao mesmo tempo que asseguravamos para o Estado receitas certas e de vulto.

* * *

O ponto de vista de «A Capital» encontrou eco nas regiões oficiais, tudo levando a crer que alguma coisa se vai realisar nesse sentido.

Informações que obtivemos garantem-nos que o governo está estudando o assunto com todo o cuidado, a fim de inutilisar, sobretudo. acção perniciosa daqueles que, nada fazendo, impedem com intrigas de todas as ordens que os outros trabalhem proficuamente.

Por outro lado, far-se-ha a destrinça rigorosa das emprezas de reconhecida utilidade publica, cuja organisação, deficiente e incompleta, está ainda longe de corresponder aos seus fins. A essas, sobretudo, será proposta a coadjuvação do Estado, de sorte que venham a converter-se em agentes ferverosos do progresso nacional. Nestas condições e uma vez que o novo chanceler alemão parece disposto a adotar, para com os aliados, uma politica de concordia, afigura-se relativamente facil ao governo a aquisição dos materiais indispensaveis á realisação da politica economica no sentido indicado. Esta solução, embora não mereça a simpatia de certas entidades, tem, por parte de outras, cuja preocupação é servir o paiz, encontrado o melhor acolhimento.

Tudo leva a crer, portanto, que a opinião expressa na «Capital» acerca da utilisação das reparações, venha a triunfar. Já não é sem tempo, vamos lá.

Notas a lapis

Mulheres

Ao que parece, há na Russia duas mulheres que se distinguem nos tribunais bolchevistas pela sua crueldade implacavel, tendo já mandado mais desgraçados para o cemiterio do que todos os seus camaradas masculinos reunidos,

Quer dizer isto que a mulher seja dotada de uma ferocidade excepcional?

Não. Isso prova unicamente, em nosso entender, que nunca é prudente entregar o poder absoluto nas mãos de uma criatura que saiu de uma raça ou de uma classe oprimida. Recordações, rancores, reivindações obscuras enchem de sombras o espirito dessa gente, devendo perguntar a nós propriosse naquelas condições seriamos magnaminos e justos. O que não quer dizer que gostassemos de nos encontrar diante de qualquer daquelas duas feras...

Se fosse cá...

Os escriptores, os criticos e os simples letrados franceses andam muito atarefados na descoberta de uma obra prima desconhecida entre os livros aparecidos em França nos ultimos vinte ou trinta annos. Sucede que cada uma das pessoas consultadas descobriu um livro nessas condições, o que parece demonstrar que as obras primas da literatura são em maior numero do que se julga.

Se por cá se faz uma busca identica, a enumeração das obras, não diremos primas, mas descongecidas, nunca mais acabará.

[Por tão pouco

A que estão sujeitos os grandes homens

NEW YORK, 26. — Os jornais deram a noticia da morte de Edison, em Michigan, onde se encontra em vilegiatura. A noticia era falsa, dando motivo ao boato o simples facto do celebre inventor se ter ferido numa das mãos, quando abria uma lata de conserva...

Aviação

Festas no aerodromo de Tancos

Realisa-se no proximo dia 9 o dia da aviação, em Tancos, devendo inaugura-se trez «hangar»s e fazer-se o baptismo dos aviões da esquadrilha, servindo de madrinhas damas da primeira sociedade dos concelhos de Tomar, Abrantes, Barquinha, Golegã e Torres Novas. A' tarde efectuar-se-hão exercicios de acrobacia o concursos de aterrissagem, com premios de arte oferecidos pelos municipios e comerciantes dos citados concelhos, realisando-se á noite um banquete e um baile.

Nas festas tomarão parte aviadores de Cintra, Amadora, Alverca, do Bom Sucesso e S. Jacinto.

A aviação comercial no estrangeiro

PARIS, 26.—Quando no dia 18 o aviador Launay, da companhia franco-romena, fazia a viagem Praga-Straburgo, foi forçado a descer em Baulingen, proximo de Stuttgar.

Preso pelos ofiais da polonia, foi encarcerado e o seu aparelho desmontado, só sendo posto em liberdade depois de pagar uma caução de 100 milhões de marcos.

Um telegrama de New-York diz que um aeroplano postal com 32 kilos de correspondencia cobriu a distancia de 4:800 kilometros, que separa aquela capital de S. Francisco da California em 34 horas e vinte e cinco minutos, ou seja a uma velocidade media de 141 kilometros á hora. Um outro, que partira em sentido contrario, não conseguiu realisar a viagem. O mesmo trajecto em comboio demora cinco dias.

ULTIMA HORA

A gréve geral

Não se passou nada de anormal

A cidade continuou patrulhada, dispersando os grupos em varios pontos

A declaração da gréve no Seixal e no Barreiro

Na Estrada do Lumiar rebentaram petardos contra os eletricos não causando prejuizos mas apenas sustos nos passageiros.

O numero de carros em circulação diminuiu de tarde, deixando de fazer-se as carreiras Estrela, Graça e Campolide.

O pessoal das fabricas dos Armazens Grandela e Chiado, em Bemfica largou o trabalho ao meio dia.

Em Belem e Alcantara tambem foram apedrejados de tarde varios carros.

Os agentes da P. S. E. prenderam nas imediações do Terreiro do Paço alguns individuos conhecidos como agitadores.

A U. S. O. tem recebido telegramas dos arredores da cidade, disendo que a gréve se manterá, enquanto o decreto do pão não for revogado.

A fabrica mecanica da Sociedade Aliança, que se encontra vigiada pela policia, fabricou pão durante o dia em abundancia, a fim de que amanhã não falte.

No sindicato da Construção Cilvil no Beato, em Belem, em Almada e no Alto do Pina realisaram-se sessões de propaganda da gréve. Neste ultimo local, á saida, deram-se algumas correrias devido a terem aparecido patrulhas da G. N. R.

* * *

Uma comissão delegada ds conselho juridico da C. G. T. procurou hsje o chefe do Governo pars tratar da situação dos presos por questões sociaes, não tendo, porém, conseguido avistar-se com o sr. Antonio Maria da Silva,

Tambem uma outra comissão delegada da U. S. O. foi ao Ministerio da Agricultura, com o intento de insistir com o ministro na adopção do tipo unico de são. Foi recebida pelo chefe de gabinete sr. dr. Castilho, que ratificou as palavras de sabado do sr. dr. Joaquim Ribeiro, ou seja que o governo só tratará com os operarios depois de retomarem o trabalho.

Alguns grupos de operarios que acompanhavam as comissões e ficaram em ajuntamentos no Terreiro do Paço foram postos em debandada pelas patrulhas de cavalaria da G. N. R.

A fuga dêsses operarios pela rua no Ouro causou um certo alarme, voltando porém, pouco depois o socego.

* * *

O Governo esteve esta tarde reunido em conselho de ministros, mas fóra dos gabinetes ministeriais, constando-nos que no quartel do Carmo.

* * *

Uma comissão da U. S. O. procurou o sr. presidente do Ministerio para solicitar auctorisação para uma reunião de delegados dos varios sindicatos, tendo-lhe sido respondido que se avistassem com o sr. governador civil. Até á hora em que escrevemos ainda a comissão não procurou o ahefe do distrita.

* * *

Foram dadas ordens terminantes á policia para garantir a liberdade de trabalho bem como dispersar todos os grupos que apareçam nasruas e muito especialmente no Terreiro do Paço.

Na estação do Arco do Cego apareceu bastante pessoal para trabalhar no contrario do que sucedeu em Santo Amaro. Esse pessoal só iniciou o serviço depois de ali ter comparecido o secretario do sr. governador civil a garantir a liberdade de trabalho. Tanto em Santo Amaro como no Arco do Cego compareceram pelotões de infanteria e cavalaria da G. N. R. e metralhadoras. Praças de infantaria da G. N. R. foram distribuidas pelos carros, que são em pequeno numero. A companhia tem para o serviço 54 guarda-freios, fazendo alguns revisores tambem serviço de conductores.

A'S 18 HORAS

A gréve no Seixal e no Barreiro

No Seixal foi proclamada hoje a grSve geral revolucionaria, tendo estado no governo Civil a reclamar forças o administrador daquele concelho, que apenas tem para manter a ordem duas praças da G. N. R.

No Barreiro tambem foi proclamada a greve geral revoluciodaria, estando unicamente ali a trabalhar os operarios da Companhia União Fabril e o pessoal dos Caminhos de Ferro.

* * *

Em greve encontram-se a construção civil, os corticeiros, descarregadores de mar e terra, manipuladores de calçado e os fragateiros.

* * *

Sr. Redactor do jornal «A Capital».—A Comissão Administrativa da Associação de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telegrafos, faz ciente que não acompanha o movimento grévista contra o aumento do preço do pão sómente por não lhes permitirem os recursos associativos de que dispõe e ainda porque a uma corporação que desempenha serviços, cuja estructura é assaz complicada, não pode preparar uma greve sem consciente e prévia organisação.

Declaramos no entanto, que só não acompanhamos o movimento por nos ser impossivel de momento, mas estamos de acordo com êle declarando não o poder secundar.—Lisboa, 27 de Agosto de 1923. — A COMISSÃO ADMINISTRATIVA.

A Comemoração da Campanha do Cuamato

Passando hoje o decimo sexto aniversario da batalha de Mufilo da campanha do Cuamato em 1907, uma comissão de oficiais que tomaram parte na mesma campanha mandou celebrar hoje na Igreja de S. Domingos uma missa por alma dos oficiais e praças falecidas em combate.

A este acto religioso assistiram muitos oficiais de terra e mar, praças que tomaram parte na campanha e ainda muitas senhoras, especialmente da familia dos oficiais mortos em combate.

Tambem assistiu á comissão encarregada de solenisar no proximo mez de setembro, a campanha do sul de Angola, dos anos de 1914 a 1915.

Hoje, pelas 4 horas da tarde, reunem-se todos os oficiais combatentes de 1907, no jardim da Escola Politecnica para tirarem um grupo fotografico.

Na Escola Militar tambem se realisa hoje, pelas 9 horas da noite, uma sessão comemorativa da grande batalha de Mufilo, usando da palavra os oficiais srs. majores Benjamim dos Santos Leite Luazes e José Augusto Melo Vieira que tomaram parte na campanha como oficiais subalternos.

Na Alemanha

A politica economica do governo

BERLIM, 27.—O Reichsanzoiger publica detalhes acerca da politica do governo sobre cambios e do decreto sobre a especulação com cambiais. De futuro as empresas industriais apenas poderão ter em seu poder cambiais que necessitem durante o praso de dois mezes. As cambiais estrangeiras só poderão ser trocadas com permissão da repartição do tesouro.—(R.)

Dr. Afonso Costa

O chefe do partido democratico está em Lisboa

A noticia veio-nos bruscamente, pelo telefone, quasi á hora de fecharmos o jornal.

— Então já sabem?

— O que?

— Da chegada do Affonso...

— De qual Affonso?

— O Affonso Costa. Está no Avenida Palace e saiu há pouco com o sr. presidente do ministerio, de automovel fechado. E' o hospede do quarto nº. 15.

A noticia telefonica surpreende-nos, e, correndo a procurar informações, foi-nos dito que o chefe do partido democratico descera em Campolide, vindo para Lisboa de automovel tendo estado a almoçar no Tavares, com os srs. drs. Germado Martins e José d'Abreu.

O sr. dr. Affonso Costa regressará hoje á serra da Estrela.

Teatro-Musica-Cinema

Noticiario

De Portugal

De regresso da Madeira, deu-nos o prazer da sua visita para apresentar-nos os seus cumprimentos a distinta actriz cantora sr.ª D. Isabel Fragoso. Agradecemos a gentilesa.

— La Goya tomará parte na festa de homenagem á actriz Zulmira Miranda no teatro Maria Victoria.

— A companhia Otelo de Carvalho inaugura a epoca de inverno no Apolo em 1 de outubro com «O pé de meia», de Schwalbach, demorando-se até fins de abril de 1924. Em maio irá ás ilhas, reaparecendo no Nacional, do Porto, em setembro.

— Com uma enchente estreou-se ontem, no teatro Recreio do Povo, em Setubal, a Companhia Lucilia Simões-Erico Braga. Representou a «Zázá», que agradou imenso, tendo havido muitos aplausos aos interpretes e, em especial a Lucisia Simões e Erico Braga, que foram festejadissimos. Hoje a Companhia representa «A Carta Anonima» e amanhã, em despedida, «A Rajada».

Do estrangeiro

Jean Ravennes reuniu em volumes alguns dos seus mais curiosos estudos sobre teatro, tendo algumas paginas brilhantes, como as consagradas a Henry Bataille e Edmon Rostand.

—Os córos ukranianos causaram grande exito no Teatro da Natureza, em Villerville.

—Faleceu o comediografo Montlouis, que gosou de grande notoriedade em Paris.

—Rip e Alexis Nadis escreveram uma comedia intitulada «Toute nue».

—A encantadora peça «Mademoiselle Zorette ma femme», que Lisboa conhece na tradução «Minha mulher noiva de outro» atingiu em França a sua milesima representação.

—A celebre companhia do Teatro Artistico de Moscou, que no inverno passado causou verdadeiro assombro em Paris, foi contratada para a America por vinte e quatro semanas, a começar em outubro proximo.

—Jacques Freyder, que em «l'Atlantide» e em «Grainquebille» se afirmou brilhantemente, terminou na Suissa franceza um novo film «Visages d'enfant», que será exibido em outubro.

—Sersue Hayakawa, o artista japonez do cinema com os principais interpretes de «la Bataille», o film que está sendo extraido do encantador romance de Claude Farrère, encontra-se em Toulon a fazer a parte referente aos grandes navios, tendo batido o «record» da duração, pois, obrigado a aproveitar as horas marcadas a bordo durante os tiros, representou sem descanço desde as 6 da manhã de sabado até ás 3 da manhã de domingo.

Reclames

NACIONAL

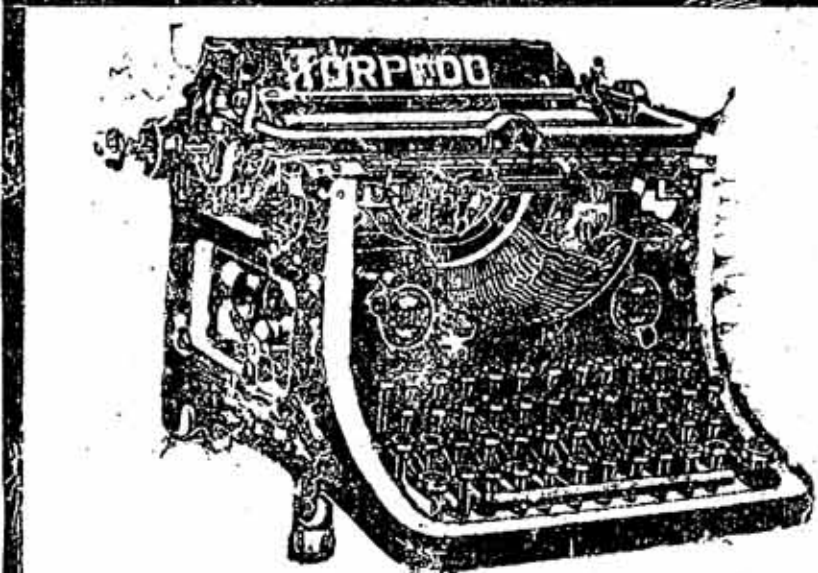
O mais alegre dos espectaculos é o do Nacional, que está tendo enorme concorrencia com a espirituosa peça «O Cabeça de Turco. Do principio ao fim o publico mantem-se em permanente gargalhada, pela graciosidade das situações da farça, e pelos ditos de espirito que nela abundem. Hoje, no Nacional repete-se «O Cabeça de Turco».

Cartaz do dia

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».
APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».
POLITEAMA—Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»
EDEN (duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.
ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

VIDA SPORTIVA

Automobilismo

«Os Sports» vae publicar um numero especial

No proximo domingo 2 de Setembro, o nosso colega «Os Sports» publica, um numero especial dedicado ao automobilismo, onde os representantes de marcas de automoveis e outras individualidades, podem publicar a sua opinião sobre a forma de dar a este sport mecanico um maior desenvolvimento. Além disso «Os Sports» publicará neste numero a reportagem da prova do kilometro, realisada no Porto no ultimo domingo cujos resultados damos a seguir:

* * *

Com enorme assistencia realisou-se ontem na Avenida da Boa Vista, no Porto a prova do kilometro lançado. Estavam inscritos 30 carros. A classificação por categorias foi a seguinte: 1.ª categoria Mario Rocha, (Porto); 2.ª categoria Eduardo Ferreirinha, (Porto); 3.ª categoria Carlos Black (Lisboa); 4.ª categoria Abilio Nunes, (Lisboa).

Na classificação geral, classificou-se o sr. Couto Junior que fez a explendida média de 140 kilometros á hora.

Os jogos de Water-polo de quinta feira

Na proxima quinta-feira deve realisar-se na doca de Alcantara pelas 18 horas o desafio de Water-polo de 1.as categorias entre o Algés e Dafundo e Sporting Club de Portugal. Parece que a Delegação de Lisboa pensa vedar uma parte da doca, sendo as entradas pagas.

Os novos estatutos da Federação

Não se sabe ainda quando voltará a reunir a assembleia extraordinaria para discussão dos novos estatutos da Federação.

Já duas assembleias foram marcadas mas por falta de numero não reuniram...

EM MARCHA

A aviação comercial

estende o seu imperio sobre o mundo

LONDRES, 25.—Uma nota oficiosa do ministerio do ar britanico dá uma ideia precisa do desenvolvimento consideravel que tomaram, nos ultimos tempos, os transportes aereos.

Ainda que o maior esforço tenha sido feito na Europa e as maiores distancias cobertas na America, a Africa do norte conhece extensões de serviços europeus e a Australia linhas particularmente uteis, o Proximo Oriente é dotado de redes militares e a America central e do sul possuem outras carreiras. O trafico não é, em caso algum, irregular, nas na maior parte do tempo quotidiano. Mesmo quando é ebdomadario, permite economisar um tempo precioso no comboio ou no paquete.

A tendencia geral é, neste momento, evitar em primeiro logar a concorrencia, depois desenvolver linhas internacionaia assim a recente creação duma linha alemã de Berlim a Moscou, 1.100 milhas, e o esforço inglês para a linha Londres-Colonia-Praga. Do mesmo modo a França, visando manter um serviço regular Paris-Constantinopla por Viena, Budapest e Bucarest.

O relatorio inglês nota que a França bate o «record» das distancias em aviões de comercio e estuda em particular a linha Toulouse-Casablanca, que em 1919 transportava 39.124 cartas e em 1922, 1.407.532.

Faz alusão á linha Marseille-Alger, á linha, por hydroavião, Antiber-Tunis, á extensão do Toulouse-Casablanca, até Dakar e Kayer, com ligação com as Canarias. E a varios trabalhos que reclamam o auxilio pecuniario do Estado, que, para 1923 será de 50.000 milhões, mais 1.600.000 francos da delegação financeira algeriana. Paris estará depressa a 20 horas de Alger e a 5 dias de Dakar.

A Alemanha escolheu a Russia como campo de expansão, não vem organisar redes com a Dinamarca e a Scandinavia. A Polonia tem duas linhas, assim como a Esthonia. A Belgica tem Bruxellas-Lympne, alem do serviço especial sobre Paris. A Espanha, depois de muitos esforços inuteis possue uma linha inglesa, Sevilha-Larache. A Italia vae organisar Brindisi-Alexandria.

A America do Norte tem uma só linha transcontinental de 2.680 milhas. A França creou duas linhas subvencionadas que partem da Guyana francêsa: citemos na Argentina, Buenos Ayres-Montevideu; no Brasil, Rio de Janeiro-Porto Alegre; na Columbia, a linha alemã de 700 milhas, Baranquila-Cartagena, Santa-Marta-Girardot.

O Canadá conta crear uma linha que reduzirá a menos de sessenta horas a viagem que os treni…s, a cães, no inverno, e os barcos, de verão levam na viagem.

A Australia tem dois serviços semanais, Australia de Oeste e Queensland, respectivamente de 1.195 e de 560 milhas. Mas a Commonwealth resolveu crear cinco outras linhas, Sydney-Adelaide (760 milhas) Sydney-Brisbane (550 milhas) Melbourne-Hay, Sydney-Charleville, mais quatro outras linhas adicionais. Tres companhias fazem estudos na Nova Zelandia

Para futuro, encara se uma linha Paizes Baixos—Indias Orientais por Constantinopla e Calcutá; e ainda Sevilha Buenos Ayres e Italia-Caba, pelas Canarias!

O presente é cheio de promessas para uma industria de transportes de tão recente creação.

8 O REINO DO MISTERIO

mára em seu auxilio alguns teologos anglicanos, mas tudo fôra inutil, e Laurie voltára para Oxford declaradamente proselito do catolicismo.

Bem depressa a mãe de Laurie se acostumara a essa ideia e mesmo, passado o primeiro choque não lhe desagradara, porque a sua propria filha adotiva, meio franceza por seu pai, Margaret Mary Deronnais fôra educada nessa mesma crença que era uma pessoa absolutamente simpatica. O choque seguinte fôra quando Laurie lhe notificara a sua intenção de receber ordens ou até mesmo de entrar para a vida monastica. Mas tambem nesse ponto a consolara a reflexão de que, em tal caso, Maggi herdaria a casa, continuando-lhe as tradições de maneira conveniente. Maggie viera para casa de *mistress* Baxter ao sair do convento havia já trez anos, com um bom rendimento assegurado; viera viver com a mãe de Laurie em virtude de uma combinação anterior á morte de sua mãe, e a sua maneira de viver o seu caracter sensato, a sua faculdade de adaptação a sua aparencia atraente tinham consideravelmente tranquilisado a bôa senhora sobre o lado toleravel da religião catolica. Chegara mesmo a esperar que Laurie e Maggie poderiam muito bem chegar a um acordo que supprimisse todas as dificuldades relativamente as futuro da sua casa e dos seus bens. Mas a quarta explosão vulcanica que, mais uma vez, fizera voar o mundo em estilhaços com grande susto para os delicados ouvidos de *mistress* Baxter, fôra quando recentemente ela tivera de encarar a perpectiva de receber em sua casa, como noiva de seu filho, uma rapariga, bastante mal educada parecendo gaguejar, dispondo apenas dum bonito palminho de cara e filha dum merceeiro de aldeia.

Fôra o que se pode chamar uma questão terrivel. Laurie encontrára, num certo crepusculo de verão, quando o céu começava a picar-se de estrelas, essa joven Amy Nugent, falara-lhe, e acabara por beija-la; mas, como espirito cavalhei-

O QUE HA DEPOIS DA MORTE? 5

como se apercebia á primeira vista, a sua belesa repousava sobre uma base solida: traços regulares, uma massa de cabelos pretos singelamente entrançados e grandes olhos castanhos serios e pacificos. As suas mãos, não sendo pequenas, eram bem modeladas, toda a sua figura era esbelta, bem feita, mostrando-se sempre á vontade em qualquer atitude que tomasse. Para diser tudo, ela tinha um ar de confiança, de força e de destresa, que fasia pensar comparando-a com a sua interlocutora, num cão de gado de boa raça fitando um *angora* assetinado e gentil.

As duas senhoras falavam a respeito de Laurie Baxter.

—O meu querido Laurie é tão impetuoso, tão sensivel! murmurava a mãe puxando brandamente a sua agulha do tecido de seda que a prendia e batendo em seguida com a mão no seu trabalho. E a verdade é que tudo isto é desoladoramente triste...

O facto era inegavel, e Maggie nada disse embora os seus labios se entreabrissem como se fossem para falar. Mas fechou-os a tempo e absorveu-se na contemplação das faiscas das achas que no fogão se consumiam. Mais uma vez foi *mistress* Baxter quem reatou a conversação.

— Quando soube da morte da pobre rapariga disse ela, cheguei a considerar o caso providencial. Teria sido uma grande desgraça que ele a desposasse. Estava longe daqui, na 5.ª feira, quando ela se finou, mas voltou no dia imediato, e desde então ficou como louco. Eu tenho feito tudo o que posso, mas...

—Era então um enlace absolutamente impossivel? perguntou a joven com a sua voz pausada. Como sabe, eu nunca a vi.

Mistress Baxter largou o seu trabalho.

—Absolutamente, minha querida filha. No ponto de vista moral nada tinha que se lhe dizer. Estou mesma persuadida que era uma excelente

6 O REINO DO MISTERIO

rapariga. Mas, bem vê, a gente que a rodeava, a familia, o pae... Sim, o que é que se poderia esperar dum merceeiro? E, ainda por cima, anabaptista? ajuntou ela com uma vaga inflexão hostil.

—Mas como era ela, afinal de contas? perguntou a joven sempre com o mesmo ar pensativo.

—Minha filha, que lhe hei-de dizer? Ela, parecia... uma figurinha de caixa de bombons. Não lhe posso dizer outra cousa. Era baixa, loura, tinha uma bonita côr e trasia sempre uma fita nos cabelos. Laurie trouxe-a aqui uma vez para eu a vêr, mas no jardim; eu sentia que a não poderia suportar dentro da minha casa, apezar de reflectir que chegaria um dia em que teria que me resignar a tal. Ela exprimia-se muito correctamente, mas com uma entoação de patente vulgaridade. Houve uma vez que não aspirou um *h* como devia, mas depois repetiu a palavra fielmente.

Maggie inclinou ligeiramente a cabeça com um certo ar de comiseração e *mistress* Baxter, animada por esse tacito aplauso, continuou:

—Tambem gaguejava um pouco, o que Laurie considerava uma coisa deliciosa, e tinha a mania de estar sempre a mexer com os dedos como se estivesse ao piano. Oh! minha querida, seria um casamento desgraçado; mas, agora, o meu pobre filho...

Os olhos da boa senhora humedeceram-se de lagrimas; e largou de novo o seu trabalho, para tirar da algibeira um lencinho bordado e guarnecido de finas rendas. Com um movimento agil, Maggie encostou-se na cadeira, apertando as mãos atraz da nuca, mas nada disse. *Mistress* Baxter concluiu a pequena cerimonia de limpar os olhos; depois, ainda com o olhar um pouco velado, prosseguiu os seus comentarios, puxando lentamente a

Espero que faça o mais que puder para o agulha.

consolar, minha querida filha. Foi para isso que lhe pedi que viesse. Desejava que estivesse aqui

O QUE HA DEPOIS DA MORTE? 7

no dia do enterro. A conversão de Laurie ao catolicismo em Oxford, certamente os aproximou. Não acho conveniente falar-lhe eu do lado religioso desta provação; ele pensa que eu não sei nada do outro mundo, e, todavia estou certa...

—Diga-me uma cousa, interrompeu subitamente Maggie que se conservava na mesma atitude. Laurie pratica a sua religião? Bem sabe que poucas vezes o tenho visto durante este ano e por isso...

—Receio bem que a não tenha praticado exemplarmente, retorquiu *mistress* Baxter com um tom bastante indulgente. Ao principio em ser sacerdote, deve estar lembrada? e eu decerto lhe não faria objecção alguma. Depois, ahi pela primavera, pareceu aborrecer-se de tudo isso. Não julgo que ele se entenda muito bem com o padre Mahon, e tambem não acredito que o padre Mahon inteiramente o comprehenda. Foi ele, como sabe, quem o dissuadiu de ser padre, e suponho que isso desanimou o meu pobre Laurie.

— E' possivel, limitou-se a diser a joven.

E *mistress* Baxter voltou ao seu trabalho.

O periodo que estava atravessando era para a boa senhora bastante perturbador. *Mistress* Baxter era uma alma pacifica e serena, e parecia que as circunstancias a destinavam a viver sobre um perpetuo vulcão. O caso era tão patetico como o dum pachorrento gato que procurasse dormir ao pé duma escola de tiro. A pobre senhora ia de trambulhão em trambulhão de sobresalto em sobresalto. A primeira explosão séria occorrera dois anos antes, quando seu filho, então no seu terceiro ano de Oxford, lhe anunciara que Roma era a unica patria digna de albergar as aspirações da sua alma, e que esperava ser recebido na egreja catolica dentro de cinco ou seis semanas. *Mistress* Baxter fôra buscar alguns livros devotos para a edificação de Laurie, como era seu dever cha-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4466-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira, 28 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 20 centavos

CAMBIOS

A libra fechou hoje a Esc. 97$50 e 99$50

A gréve, segundo todas as indicações, tende a declinar

Muitos operarios retomaram o trabalho, tendo-se feito quasi regularmente o serviço dos electricos. -- A policia efectuou varias prisões

Fracasso

A gréve, que ontem acusara um ligeiro recrudescimento, entrou hoje evidentemente num periodo de acentuada declinação. Como em certas doenças de caracter periodico, pode dizer-se que ela ontem fez crise, e felizmente a crise resolveu-se para bem, porque a gréve vai terminar.

Não é só o facto de vermos retomando o trabalho um numero cada vez maior de elementos das varias classes. E' o proprio aspecto da cidade, é a sensibilidade especial da opinião publica, demonstrando-lhe que a sua repulsa calou no animo dos grévistas, é o proprio desanimo dos «meneurs» deste movimento que vem dar mais um golpe, não no proletariado, mas nas organisações que se empenham na ingrata missão de o tiranisarem, exigindo-lhe uma obediencia sem limites para as mais desorientadas aventuras.

A gréve está a acabar. Não conseguiu nada, e nada poderá conseguir, precisamente porque era uma gréve.

Desenganemo-nos. O recurso á gréve fez o seu tempo. Emquanto podia ser considerado um meio de salvação, a gréve podia e devia ter muita gente que nela confiasse; desde que se patenteou um expediente simplesmente ruinoso, e até ruinoso para os que dela lançam mão, o recurso á gréve tinha o seu tempo contado.

O que é a gréve? A paralisação. De que necessitamos nós? Da actividade, da vida, da intensificação do trabalho. Quando existe um perigo, não se cruzam os braços, porque cruzar os braços nunca foi uma forma de combater.

E quais os resultados das gréves? Se se trata dum aumento de salario, o aumento ainda maior, e imediato, das despezas. Se se trata dum protesto, que valor tem o protesto que se cifra na estagnação do trabalho e na imobilidade das atitudes?

Continuamos a pensar que o remedio aos males nacionais só podem ser debelados pela boa vontade de todos nós e pela inteligencia e acção dos governos. A boa vontade colectiva afirma-se no trabalho; o procedimento dos governos pode ser determinado pelas manifestações da opinião popular, livre e legitimamente efectuadas.

Mas não é dar o concurso na boa vontade de cada um para o beneficio geral promover a desordem, e estancar as fontes da vida duma sociedade, nem é dar aos governos as indicações da opinião publica, hostilisa-los duma maneira insolita e agressiva.

Semelhante modo de ver só dá em resultado pedradas contra carros electricos, e é assim que se prestigia um movimento operario?

A gréve cai por falta de direcção e por falta de criterio. E assim cairão todas que realmente não tenham outra finalidade que não seja a de crear a desordem nas ruas, natural reflexo da desordem nos espiritos.

Parece impossivel!

Inundações na India

Aldeias destruidas — 40.000 pessoas sem lar

LONDRES, 28 — Comunicam de Calcutá que no sul da India deram-se grandes catastrofes de inundações. Entre Tidiepi e Mangalore no circuito de 70 quilometros todas as povoações ficaram arrazadas. 40.000 pessoas encontram-se sem lar. (R.)

OUTRA ASSEMBLEIA?

Harding, a America e os negocios da Europa

NEW YORK, 28. — O presidente Harding deixou uma carta em que se manifesta partidario da intervenção da America nos negocios europeus e em que se mostra tambem partidario dum plebescito tendente a conseguir a reunião d'uma conferencia mundial. O presidente Harding pretendia realisar isto quando a morte o surpreendeu (R.)

Dr. Amandio Paul

O misterioso hospede do quarto n.º 15

Que veio fazer a Lisboa o sr. dr. Afonso Costa?

Uma explicação que talvez pareça extranha para alguns mas que não deixa de ter seus visos de verdade

Misteriosamente, manhã cedo, quando o nevoeiro enchia ainda a cidade, e uma população inteira repousava mal sobre o sobresalto e a intranquilidade, um homem baixo, miope, barba em bico salpicada de brancas, trocou num compartimento de primeira classe o «abonét» xadrezado de viagem por um chapeu mole vulgar, burguês, quasi barato. Já estava á vista o casario de Campolide, enegrecido, cheio de miseria.

O homem baixo, miope, barba em bico salpicada de brancas chegou á janela.

O comboio parou. Na estação alguem o aguardava. Figura extranha de funcionario profissional, com os pés calçados de amarelo e um guarda pó ao hombro começava de se impacientar, admirado de si proprio e de aquela visita subita.

Quando a locomotiva estacou, o funcionario teve um sorriso de beatitude, de alegria; agitou o guarda pó como um simbolo.

E recebeu nos seus braços fortes de provinciano o viajante que ria muito como quem compreende enfim. Abraçaram-se. Na voz sotorada de um deles houve expressões de ternura. E durante alguns minutos quedaram-se talvez comovidos, talvez sensibilisados.

— Afonso!...

— Germano!...

* * *

Um automovel, posto á ordem carro de luxo e de conforto conduziu-os ao Palace.

Estava já preparado um quarto.

— Quarto n.º 15, bradou um serventuario.

E o homem de barba em bico, sorridente, mefistofelico dirigiu-se para ele no seu passo miudinho, contado.

Estilou-se na cama. Queria informar-se.

E o seu companheiro, minuciosamente informou.

Informou-o de quê, leitor? informou-o da cousa publica, de estado da politica, da organisação dos partidos, da eleição presidencial, do diabo.

O viajante desejava saber tudo.

A ordem publica alterada?

Isso não tinha uma importancia por aí alem.

No fim, o Silva, que sempre tem uma certa habilidade, havia de compôr tudo.

— E essa coisa dos Bancos?

E o seu interlocutor numa grande ingenuidade.

— O Velinho não dá nem mais uma nota.

Riu muito o homem de barba em bico, salpicada de brancas. E calou-se depois num recolhimento.

* * *

Duas horas mais tarde, o Palace era inundado pelos curiosos que desejavam saber:

— O Sr. dr. Afonso Costa está?

Não, o Sr. dr. Afonso Costa não estava, não estava para ninguem, não desejava receber ninguem.

Cêrca das 2 levantou-se muito fresco o viajante. Foi almoçar ao 1.º andar do Tavarese, convivas alguns amigos e o chefe do Governo. Jantou no mesmo restaurant, ainda com o chefe do governo. E depois de ter conferenciado com o Ministro das Finanças, abalou hoje, de novo com bilhete para a Beira e o seu sorriso mefistofelico.

* * *

Dizem os jornais, disse o Sr. dr. Afonso Costa, nas palavras breves que trocou com alguns jornalistas.

A sua vinda a Lisboa só se explicava pelo desejo que ele tinha de visitar o seu querido amigo Antonio José d'Almeida, companheiros nos bancos da Universidade, nas lutas da propaganda e na União Sagrada.

Ninguem ignora que o antigo chefe dos democraticos é um afectivo, devotado ás suas amizades e ás suas simpatias.

Explicar-se-ia, portanto, assim esta sua saltada inesperada, causadora de espantos e de admirações. Mas, que nós saibamos, nunca emquanto o chefe do Estado esteve doente, e bem gravemente o esteve, recebeu um telegrama, sequer do seu amigo Afonso Costa, refugiado em Paris, á espera do momento oportuno, para nos vir salvar.

E logo houve quem visse nesta diferença de atitudes um motivo para duvidar e para negar.

— Não, dizia-nos ha pouco alguem, O Afonso veiu cá, tanto por causa do presidente, como eu sou chinês.

— Mas então que veiu ele cá fazer? Vem para a politica?

— Nada disso. O Afonso veiu simplesmente dizer ao Governo que o melhor para resolver esta crise era aumentar a circulação fiduciaria. E cumprida a sua missão, abalou.

— O que quer dizer...

— As conclusões, deixe-as, deixe-as para os seus leitores. Não toque nisso por quem é.

O NOSSO FOLHETIM

O Reino do Misterio

Os numeros atrazados podem ser reclamados nos nossos escritorios

«A Capital» continua hoje a publicar o seu admiravel folhetim "O Reino do Misterio", que tanta curiosidade está despertando nesse espirito publico, pelo assumpto de que trata.

Efectivamente, poucas vezes se tem publicado em jornais portugueses um romance que tanta sensação tenha feito nos paises que o conhecem, não sendo por isso, para admirar que entre nós o seu exito seja completo.

Dada a situação anormal que atravessamos e o extraordinario sucesso de venda que "A Capital" tem tido, graças á sua desenvolvida informação dos acontecimentos, muitos leitores do nosso jornal ficaram nos ultimos dias sem "A Capital". Os numeros atrazados podem ser, porém, reclamados nos nossos escritorios, embora os primeiros folhetins sejam, em breve, reimpressos.

No intuito de dar maior leitura, publicaremos alguns dias na semana, depois de terminada a gréve, oito paginas de folhetim.

A "Batalha" e a gréve

O que ela quer, mas não lhe dão

O orgão sindicalista reapareceu hoje e expõe assim as razões do seu reaparecimento:

A «Batalha» reaparece hoje. Esteve suspensa em virtude da greve geral. Não significa a sua reaparição que a greve geral finalisasse, pois exatamente ela reaparece no momento em que o movimento se intensifica, em que o número elevadissimo dos grevistas é acrescido por novos e expontâneos reforços. E' que a suspensão da «Batalha» foi determinada pela resolução da classe gráfica que entendia não fazer sentido a saida do jornal numa ocasião como esta, em que todos os gráficos estavam em greve.

Porém, alguns jornais conseguiram saír: uns feitos por «amarelos», outro mistificando o publico, pois só de jornais tinham aparência — e uma grosseira aparência.

Esses jornais, dos quais os de maior circulação são propriedade da Moagem surgiram numa atitude de hostilidade combatendo o movimento e tecendo em seu torno varias versões destinadas a prejudicá-lo, enfraquecendo-o. Nesses jornais dirigiram-se acusações iníquas ao movimento e á organização operaria.

Não fazia sentido que «A Batalha» não voltasse a ocupar o seu lugar vindo desfazer todas as mentirosas invenções arquitectadas nesses jornais. Assim o entendeu a classe gráfica. Outra coisa dela não era a esperar, pois «A Batalha» é neste momento de luta necessária para desempenhar o vasto e importante papel que lhe cabe.

O que «A Batalha» queria sabemos nós: era ficar só em campo, disendo as coisas a seu modo, fasendo livremente a propaganda da desordem, aconselhando a agressão á mão armada daqueles que, no uso de um direito absoluto, entendem que devem trabalhar, não dando ouvidos aos perigosos conselhos dos papas vermelhos da C. G. T.

Entenderam alguns jornais — e entre eles «A Capital» — que não deviam submeter-se ás imposições do bolchevismo do Calhariz, nem deixar á «Batalha» o campo livre, para se vender como qualques orgão burguês. D'ahi as palavras que transcrevemos, reveladoras de um grande despeito mal contido.

Os tipografos em gréve que lhe agradeçam a doutrina que apregou-a.

A C. G. T. atirou-os para a gréve mas não desiste de publicar o seu orgão, em que se aconselha a resistencia, emquanto ela vai recolhendo os lucros da sua venda.

Pois «A Capital», quer queira, quer não «A Batalha», continuará a publicar-se como ate aqui.

COMERCIO EXTERNO...

Negocios da China feitos á mesa do café

Uma chusma de agentes comerciais dos vagos paizes da Europa central enche Lisboa

propondo as transações mais engraçadas... e comendo as amostras

Oriundos da Alemanha, da Polonia, da Austria, da baixa Italia, e de outros paises confusos do centro europeu, povoam Lisboa centenares de agentes comerciaes, portadores de diplomas de representação de dezenas e dezenas de casas comerciaes da Theco-Slováquia, do Yngo-Slavia, da Estonia, da Livonia, etc. E' curioso vê-los á mesa dos cafés, sobretudo do Italia, Gelo, Chave d'Ouro, e La Gare, enaltecendo num português de arripiar os cabelos, as virtudes do seu comercio.

E o caso é que teem sempre inumeros ouvintes, esses interessantes e ineditos elementos de instrução geografica, pois que, sem eles, não ouviriamos falar em bastantes paises, paises arrevezados nem conheceriamos a sua civilisação e as suas caracteristicas.

* * *

E' ás ultimas horas da tarde que eles dão audiencia nos cafés. Durante o dia deambulam pela cidade, farejando o negocio, buscando uma boa colocação para os seus exquisitos artigos, descobrindo um produto a lançar lá fóra.

Depois fazem a concentração nos cafés Discu... as cotações da Bolsa e põem ao léu, sobre as mesas, as suas amostras. E' uma especie de feira de judiaria: pulseiras, cigarreiras, brinquedos inconcebiveis, colares, brincos, alfinetes de gravata, lapizeiras, uma infinidade de coisas insignificantes, de uso impreciso, ou com mil aplicações.

E ha quem goste. Fazem vendas avulso; aceitam encomendas de polpa. Mostram contas numa lingua que ninguem entende, tomam notas, garatujam...

Mas virão as encomendas?

* * *

No Italia, um comerciante, nosso amigo, que observou o espectaculo reinadio, observa-nos:

— E' a luta pela vida, contra o isolamento. E' a penetração. Repare como esses homens penetram no nosso meio, conservando, todavia, o seu tipo especial. Veja a arte com que eles impingem aquelas bugigangas inuteis. São irresistiveis.

— Mas aquilo vende-se?

— Decerto. Hoje vende-se tudo. E desde que ha quem as compre, como alta novidade!...

— Parece que fazem grande negocio...

— Parece, apenas. A maioria das encomendas não são satisfeitas.

— Porquê?

— Falta de creditos. E, lá fóra, se vendem hoje mediante sérias garantias e com dinheiro á vista. E isso não é facil arranjar.

* * *

Outro aspecto deste comercio sem domicilio:

Os agentes comerciaes — é como estes estrangeiros denominam a sua profissão — não se limitam a vender: tambem compram. Indicam mercados para isto e para aquilo, dão informações das casas importadoras dos varios paises que conhecem, falam da situação economico-financeira de cada um deles — e oferecem o seu intermedio para negocios de polpa. Combinam-se comissões, quantidades de mercadorias, datas de pagamentos, tudo. Não se esquece um pormenor.

São grandes as encomendas de vinhos, de conservas, de manteigas especiaes, etc. Naturalmente solicitam-se amostras. Depois espera-se... Espera-se, até que se desespera: a ordem de embarque de mercadorias não chega nunca. O comerciante com quem conversamos diz:

— As amostras... as amostras são para uso dos agentes comerciaes. Emquanto comem sardinhas de conserva por exemplo, não gastam dinheiro noutra coisa.

— Isto é, então, historia? — e apontámos duas mesas ocupadas por alguns deles.

— Historia, historia, não digo que seja. Conversa fiada, não tenha duvida que é.

Imprensa

Suspenderam a sua publicação os nossos colegas «O Rebate», «A Tarde» e «A Vanguarda». «A Epoca» despediu o seu quadro tipografico.

Tambem «O Dia», resolveu dispensar os serviços do seu quadro tipografico e suspender a publicação até que consiga reorganisar com elementos novos esse quadro.

ULTIMA HORA

A gréve de protesto

Procurando uma solução honrosa

Os grévistas pediram a interferencia do sr. dr. Ramada Curto junto do Governo

O sr. presidente do Ministerio e o sr. governador civil consideram o movimento liquidado

Ontem á noite, um malfeitor qualquer, trepando a uma das janelas do prédio em que a Companhia Industrial Portugal e Colonias tem os seus escriptorios, arrombou a rede de arame que a guarnecia e lançado para dentro uma grande quantidade de gasolina, chegou-lhe fogo.

A visinhança deu signal de alarme, conseguindo-se dominar o incendio.

Quem ler com atenção os manifestos que teem sido distribuidos pela U. S. O. e os artigos de "A Batalha,, facilmente verifica que não é apenas o pão caro que move certos elementos contra a industria da moagem e, em especial contra a Portugal e Colonias. Nessa propaganda de violencia e aniquilamento sente-se um ódio fundo, que parte quasi sempre de origens suspeitas, de antigos empregados despedidos por qualquer motivo.

E', de resto, o que sucede com as campanhas da "Batalha,, contra empresas, campanhas essas quasi sempre movidas por individuos nas circunstancias apontadas e, por isso, ressumando ódio e vingança de casos meramente pessoaes,

* * *

O movimento de protesto contra o preço do pão aconselhado pela C. G. T. e iniciado na sexta-feira, tende a diminuir O dia de hoje foi de trabalho em toda a cidade, reabrindo muitas oficinas, o que quer dizer que diminue o numero de grévistas. Efectivamente, Lisboa apresentou durante o dia um aspecto de maior animação. Não só foi maior do que ontem, como dizemos n'outro logar, o numero de carros electricos que circularam nas primeiras linhas e que a população utilisou afoitamente, a cidade foi atravessada por vehiculos de toda a especie,

As comissões de vigilancia dos grévistas percorreram, como de costume, os bairros industriais para impedir que os operarios retomassem o trabalho, conseguindo-o em alguns pontos, mas não realisando o seu desejo em outros.

O trafego maritimo continuou paralisado, mas as carreiras Lisboa-Cacilhas fizeram-se com rebocadores do Arsenal, tripulados por marinheiros.

O pessoal dos jardins e os calceteiros da Camara Municipal retomaram o trabalho ás 8 horas, tendo-o alguns abandonado novamente ao meio dia. Um «camion» com policias armados de carabinas percorreu os bairros do Arco do Cego, Bemfica, Campo de Ourique, etc, não tendo os guardas de intervir em qualquer ocorrencia. As ruas da cidade continuam patrulhadas por cavalaria da G. N. R. e policias, vendo-se ainda em varios pontos patrulhas de infanteria da G. N. R. Os trens de praça trabalharam, o mesmo tendo feito alguns autos e «side-cars», que embora não tendo feito praça, aceitaram, no entanto, passageiros.

* * *

Muitas prisões de individuos conhecidos como agitadores foram efectuadas durante a noite passada, pelo que os calabouços do Governo Civil se encontram completamente apinhados. A' ordem do sr. governador civil foi preso hoje de manhã, quando assistia ao Congresso tanoeiro, que se está realisando na Associação dos Caixeiros, o sr. Santos Aranha, secretario geral da C. G. T. Entre os presos conta se tambem o sr. Francisco Viana, membro do comité dos operarios metalurgicos.

Vindo do Barreiro recolheu a um dos calabouços do governo Civil o operario Antonio Paes, que n'aquella localidade andava distribuindo manifesto.

A fim de ser expulso de Portugal seguiu hontem á noite para a fronteira, acompanhado do agente Araujo, o hespanhol José Bonças Esteves, conhecido como agitador e bombista.

O Esteves é accusado tambem de ha dias na Calçada de Sant'Anna ter pisado a bandeira nacional.

Tambem foi preso o sindicalista Manuel Vieira.

A opinião do sr. presidente do Ministerio

O sr. presidente do Ministerio, com quem falamos hoje desmentiu absolutamente que tenham sido chamadas a Lisboa tropas da provincia. Entende que elas não sã necessarias, visto o Governo dispôr de todos os elementos necessarios para dominar o movimento, ainda que ele entrasse, agora, numa fase mais agressiva, o que é impossivel visto os grévistas não terem condições materiaes para o fazer.

De resto, a gréve pulverisa-se, estando a regressar ao trabalho as classes que a haviam abandonada. Verdeiramente, o movimento está liquidado.

Os carros electricos

Conversa rapida com um empregado:

— Não senhor. O pessoal não está com os grévistas.

— Mas então, porque abandonou ele o trabalho.

— Porque receiou ser desacatado. O que se passou no sabado e no domingo não nobilita ninguem. Chegaram a cuspir nos empregados! Uma vergonha! E porquê? Porque os eletricos andam á vista, em quanto que á gente que trabalha nas oficinas ninguem lhe toca. O pessoal não pode ser solidario com quem o agride.

— E agora, o que vai suceder?

— Amanhã apresentam-se todos. Hoje já sairam 80 carros

— O pessoal não tem reclamações a fazer,

— Algumas pendentes, mas que não desejam de forma nenhuma reivindar nesta hora.

* * *

A reunião dos graficos que estava anunciada para hoje não foi consentida pela policia; o mesmo aconteceu a outras classes que tambem não puderam reunir. Em Alcantara e Xabregas a policia empregou força para manter a sua resolução.

Do Sul chegou algum carvão que foi distribuido por algumas carvoarias por soldados de engenharia.

Foi restituido á liberdade o comunista Leandro Gomes. Na Brazileira do Rocio afixaram-se cartazes contra o preço do pão e contra o Governo.

Um camião carregado de carvão deixou cair duas sacas na R. N. da Palma. Escusado é dizer que o carvão foi logo disputado por dezenas de pessoas que passavam na ocasião,

* * *

O director da policia de Investigação Sr. Dr. Paulo Menano que se encontrava na Nazaré em goso de licença, reassumiu hoje o seu logar tendo sido chamado telegraficamente, em consequencia do serviço ter aumentado extraordinariamente.

O sr. governador civil recebeu hoje do administrador do concelho de Setubal o seguinte telegrama:

Padeiros iniciaram hoje a venda de pão, tipo unico a 1$850 o quilo. Ha completo socego, apenas as classes operarias telegrafaram ao ministro protestando contra o decreto. As fabricas trabalham.

Tambem o Sr. Governador Civil recebeu um telegrama de Coimbra, em que o administrador d'aquele Concelho informava que os Soldadores se haviam declarado em greve, mas que o conflito foi solucionado a breve trecho, tendo os operarios retomado o trabalho.

A gréve considera-se prestes a terminar

O sr. governador civil de Lisboa manifestou-nos a impressão de que a gréve estará concluida ámanhã.

Segundo parece, os seus dirigentes procuraram o sr. dr. Ramada Curto, para servir de intermediario junto do Governo, a fim de se conseguir uma solução honrosa para o conflito. O sr. dr. Ramada Curto não aceitou a incumbencia.

O Governo continua no proposito de não tratar com os operarios, emquanto não retomarem o trabalho, motivo porque não foi atendida, senão particularmente pelo chefe de gabinete do sr. Antonio Maria da Silva, a comissão de grévistas que foi pedir-lhe a liberdade dos individuos presos.

* * *

CASTELO BRANCO, 27. Em todo o distrito não ha o menor inicio de gréve operaria ou de qualquer alteração da ordem publica. A companhia da G. N. R. com séde nesta cidade, seguiu no combolo desta manhã para Lisboa, ficando aqui ainda alguma infanteria e cavalaria de prevenção destinadas a fazer o policiamento da cidade e do concelho.

De bailarina a princesa

Uma vida de aventuras, que termina por um desastre

Londres, 28. Quando estava examinando um revolver no seu quarto, foi vitima de um desastre a princesa Abbas Alim. Era uma figura curiosa e se a sua morte, devida a um méro acidente, nada teve de romantica, a sua vida foi-o, sem duvida, pelas circunstancias em que decorreu.

Era inglesa de nascimento, tendo-se chamado Jessica Harrington. Filha de um proprietario de hotel em Wandsworth, nos arredores de Londres, teve na sua mocidade uma legião de admiradores entre os dandys da localidade.

A sua extraordinaria beleza foi apreciada por uma grande casa de modas de Regent Street, onde teve o seu primeiro emprego. Foi ali, na sua qualidade de manequim, que atraiu a atenção de um visitante conhecido no mundo teatral e a quem ela seguiu nos bastidores. Mais tarde, apresentou-se em scena no Alhambra, pouco antes da guerra, na revista de André Cherlot: 5064 Gerrard.

D'então para cá, nunca mais foi conhecida pelo nome de Jessica Harrington tendo adotado o de Jaky Hamilton.

Os empresarios dos music-halls contrataram-a e um deles, jovem herdeiro duma familia titular, ganhou o primeiro logar nas suas afeições, levando uma vida de espavento.

Algum tempo depois, o rapaz verificou que tinha gasto vertiginosamente uma fortuna de 100:000 libras sterlinas, mas Jacky Hamilton não se preocupou com isso, casando com o capitão Arthur Ellis, oficial de brigada dos fusileiros reais e proximo parente de lord Howard de Walden. O casamento realisou-se na egreja catolica de Wandsworth, deixando ela a scena e indo viver para Park Lane, onde havia diariamente orquestras de jazz-band.

Esta união durou até 1920, em que se divorciou, voltando ao teatro, dançando no Gaité. Em 1921 tornou a deixar o teatro para casar, em Londres, com o principe Mohamed Lima Led-Din, sobrinho do rei do Egipto e irmão do atigo Kediva

Mas esse casamento durou tambem pouco, pois divorciou-se para casar com o principe Abbas Alim tambem da familia real do Egipto.

Assim esta mulher mudou quatro vezes de nome e de fortuna, acabando agora tão estupidamente.

As suas joias estão avaliadas em 8:000 contos.

O Partido Radical

e os propositos de revolução

Do Directorio do P. R. R., que esta tarde esteve reunido, recebemos a seguinte comunicação:

O Directorio do Partido Republicano Radical repudia energicamente a noticia do orgão catolico, desta cidade, respeitante a movimentos revolucionarios que se disem em projeto, esperando que o Governo, para prestigio da sua propria autoridade, obrigue o informador do iludido orgão a provar o que afirmou, usando para esse efeito do rigor das leis em vigor.

Publicamos em outro lugar uma entrevista sobre o assumpto, desmentindo a informação da "Epoca" e os boatos que correram sobre a ligação dos republicanos radicaes com os comunistas. **A nota junta vem confirmar o que nos disse a individualidade entrevistada, de cujas afirmações depreende se que o seu partido não tem praso para revoluções.**

Duas foguiras

Na estação central dos Bombeiros recebeu-se hoje comunicação de estar ardendo um predio na rua do Salitre. Compareceu algum material, verificando-se que se tratava de uma simples queimada no jardim Botanico, pelo que esse material retirou.

Tambem uma enorme fumarada que se levantava nas trazeiras da creche que existe ao fundo da rua de S. Bento despertou a atenção do publico e dos bombeiros da Central. Tratava-se de um restolho que ardia no quintal, sendo a fogueira apagada com uma agulheta.

Remodelação tipografica

Igualmente foi dispensado o quadro tipografico da "Imprensa Nova", abrindo aquele jornal nova inscripção e procurando publicar-se o mais rapidamente que poder.

A revolução dos radicais

Ainda não teem marcado praso para ela

Já ontem, pelo decorrer da tarde, chegaram ao nosso conhecimento varios boatos de que elementos do Partido Republicano Radical, de acordo com outros do Partido Comunista, tencionaram aproveitar a actual situação, lançando-se num movimento revolucionario.

Hoje, dando vulto a esse boatos, diz a «Epoca» que ha bastantes dias já que os radicais veem tendo certos entendimentos com os comunistas para esse efeito.

O que é facto é que os boatos continuam pervilhando, chegando mesmo a afirmar-se que o movimento estivera para rebentar esta noite, mas que á ultima hora fôra resolvido adial-o, por diversas dificuldades que inesperadamente sergiram.

Falando com um categorisado membro do P. R. Radical, pedimos-lhe que nos informasse, com verdade, do que havia.

Eis o que nos disse:

—«A revolução é inevitavel; digo mais: imprescindivel, inadiavel. Toda a demora é prejuio. O P. R. Radical quer ser gaverno, não pelo simples prazer de governar, mas para com a sua administração honesta, criteriosa e, sobretudo, bem republicana, salvar o paiz do abismo em que se vai afundando pela incompetencia e pelo desleixo dos que nos teem governado.

«Será pela resolução que havemos de ir ao poder. Isso é um facto. Mas iremos sós. Hoje, amanhã, d'aqui a uma semana, d'aqui a um mês, d'aqui a dois, emfim, esperando o tempo que fôr preciso... Nada de entendomento.

Quando nos lançarmos na revolução, é porque d'antemão temos a certeza de vencer. Só um governo duradoiro pode fazer alguma de geito. E é bem preciso que «isto» entre nos eixos...»

Assim nos falou esta manhã, um ilustre membro do P. R. Radical e, possivelmente, um futuro ministro da Republica...

Notas a lapis

A travessia Lisboa-Rio

O Bolatim da Sociedade de Geografia de Lisboa, relativo a outubro e novembro findos e agora publicado ocupa-se largamente da travessia aerea do Atlantico, constituindo um excelente numero comemorativo.

O dia de Pio XI

O Instituto de Artes de Chicago, nos Estados Unidos, está exibindo, com grande sucesso, uma coleção de preciosos objectos encontrados ha alguns anos em tumulos chinezes. Alguns desses objectos datam de mais de dois mil anos; outros são dos tempos da dinastia Sung.

Entre esse objectos existe uma linda taça, um modelo de torre de vigia de inimigos cheia de pequenos guardas chinezes. Ha tambem um jarro de templo, feita de pó de pedra, representando Budha com o demonio sob os pés, o sol iluminando-lhe a cabeça e vendo-se no pedestal, em volta, nada menos de doze figuras de sacerdotes.

A coleção compreende muitos vasos de ceramica finamente modelados, queimados por um processo especial, que lhes dá um aspecto semelhante ao bronze, alem de curiosos castiçais massiços gravados com numerosas gravuras grotescos de varias especies.

Esse coleção foi descoberta, quando se construia o primeiro caminho de ferro moderno na China.

A linha corria sobre a terra sagrada, cheit de tumultos do antigo imperio. Os trabalhadores abriram os tumulos venerandos e trouxeram dos mesmos milhares désses objectos curiosos e artisticos.

A velha China

Eis aqui segundo o correspondente romano do Berliner Tageblatt, alguns detalhes sobre a vida do novo Papa, no Vaticano.

Sua santidade permanece á mesa de trabalho, em seu quarto de dormir até á 1 hora. Entre 7 e 8 horas diz missa na capela privada, que foi outr'ora o [illegible] de Benedicto XV.

Depois de sua acção de graças desce á sala das refeições, toma uma chicara de café com leite e um pedaço de pão. Em seguida, conversa uma hora ou mais com o cardeal Gasparri sobre os ultimos despachos e o correio matinal. As audiencia [illegible] até ás 14 horas. Então é que almoça [illegible] ça sopa á la lombarda, um prato de carne com legumes, um pedaço de queijo, algumas frutas... um copo de vinho durante a refeição e, [illegible] uma chicara de café. Pio XI não janta senão em dias de festa, nos quais é obrigado a fazel-o em companhia dos cardeais.

O santo padre poz no Vaticano uma mulher como chefe de sua cosinha a boa senhora que já fôra ra creada de sua mãe e, desde [illegible] muito, servia-o quando era simples bispo e depois cardeal.

[illegible] desempenha maravilhosamente as funcções de intendente da roupa do Papa e da cozinha.

Teatros — Musica — Cinemas

Um "record" de dança

32 horas de maxixe

Dançou no Rio de Janeiro o bailarino brasileiro Bueno Machado

Não é só nos Estados Unidos e na Inglaterra que os dançarinos procuram bater o (récord) de duração. No Rio de Janeiro, na linda cidade da grande Republica amiga, houve há dias quem batesse o (récord) na America do Sul.

Informações que dahi nos chegam dizem-nos que no teatro de S. Pedro, da encatadora metrople e em beneficio da Casa dos Artistas, o sr. Bueno Machado dançou o maxixe durante 32 horas seguidas conseguindo que aquela casa de espectáculos alcançasse o maior sucesso de bilheteira que se registou, até hoje, em teatros do Brasil.

Duas senhoras o auxiliaram: Wanda Brenckner, 17 anos e meio, bailarina muito galante, de bandós loiros e figura risonha, e Aurora Ferreira, de 18 anos, morena de cabelos negros cortados á bébé, dançarina tambem.

Outras dançarinas se encontravam presentes, mas as duas primeiras bastaram, contando Wanda 19 horas e meia de tempo de (récord) e 18 de bailado; e Aurora 11 horas e meia (récor) e outras 11 horas de dança.

Antes de começar a prova, os medicos examinaram o dançarino, reconhecendo-o apto a realisal-a.

A dança começou ás 9 5 da noite de sabado, terminando ás 5,30 da manhã de segunda-feira, ou sejam duas noites e um dia.

Bueno Machado, vestindo smoking, guardou sempre uma grande linha, tendo apenas mudado de meias, por se terem rompido as que calçava, e não tendo suado nunca. Terminou o (récord) com Wanda, que foi arrebatada pelos medicos, que a quizeram salvar de uma asfixia, tendo-se organisado até casa dos dançarinos um grande cortejo.

Nada menos de 14.000 pessoas assistiram á curiosa prova, tendo havido muitas—entre elas senhoras—que não abandonaram os seus logares durante essas 32 horas. Os jornais do Rio ocupam-se largamente do caso.

Pela parte que nos diz respeito, sinceramente confessamos que não fazemos a mais pequena ideia do que será dançar o maxixe durante 32 horas. Lembramo-nos de termos dançado dezenas e dezenas de valsas em noites consecutivas, principalmente no carnaval, mas nunca o fizemos seguidamente. E' uma questão de treino, evidentemente. Mas, sendo o maxixe tão requebrado e em certas passagens tão dolente, não sabemos como os pares não caíram no palco do teatro de S. Pedro, não dizemos já de cansasso, mas de sono. E' necessário realmente, uma resistencia extraordinaria para levar a cabo, com tanto exito, uma prova dessa ordem.

Ao bailarino—e ás bailarinas, tambem, porque os merecem de igual modo, os nossos parabens.

Nota do dia

RAMADA CURTO, depois de amanhã.

Ramada Curto é um curioso e unico temperamento de homem de teatro,

E' o politico que escreve uma peça no intervalo de dois discursos. São já raros estes homens, que não sendo profissionais, vão trabalhando á margem duma vida intensa, a sua obra scenica.

Ramada Curto não é um escritor banal.

A sua forma, algumas vezes indecisa, tem já produzido paginas de brilho e de côr, cheias de presteza.

Vale o seu trabalho como obra de sinceridade e de emoção. Não é um comercial do teatro. Escreve o que sente.

Os «Tenorios» são uma peça escrita com um pensamento director curioso, e todos os personagens descrevem orbistas justas cuja eclosão, embora falha como teatro, é humana e corrente.

A sua nova produção, que no Politeama verá a luz da ribalta, é pois esperada com a natural curiosidade que merece o trabalho duma individualidade literaria, cheia de honestidade e de reais possibilidades de talento que é o dramaturgo das «Segundas Nupcias».

O HOMEM QUE PASSA.

Noticiario

De Portugal

Francisco Lage e João d'Oliveira teem para o proximo inverno duas altas comedias «A Verdade», para a companhia Lucilia Simões e «Os ultimos», para a de Amelia Rey Colaço.

—Deolinda Sayal já não fará parte da troupe Portugalia, que anda em tournée pelo estrangeiro. O empresario Augusto Gomes contractou para essa troupe os artista Fernanda Nascimento, Lucinda Nunes e Armando do Nascimento, cantador de fados.

—O actor Fernando Pereira partiu para o Porto, para ingressar na companhia Armando Vasconcelos, que está trabalhando no Aguia d'Ouro, devendo estrear-se no papel de Danillo, da «Viuva Alegre».

— Teem alcançado sucesso no Foz a bailarina Jark-Mary e a tonadillera Pilar la Jieneuse.

Reclames

NACIONAL

Espectaculo divertidissimo e o do Nacional que está tendo enorme concorrencia com a espirituosa peça «O Cabeça de Turco. De principio ao fim o publico mantem-se em permanente gargalhada, pelo graciosidade das situações de farça, e belos ditos de espirito que nela abundam. Hoje, no Nacional repete-se «O Cabeça de Turco».

MARIA VICTORIA

Sucedem-se as enchentes a este aprasivel teatro, situado no Parque Mayer, para aplaudir a festejada revista «Fado Corrido», que se representa em 2 sessões com um otimo desempenho por parte de toda a companhia.

EDEN TEATRO

Continua sendo o ponto de reunião da sociedade elegante este magnifico teatro, onde a par de bons numeros, se encontram grandes celebridades internacionaes. Dahi o exgotarem-se todas as noites os bilhetes.

Ontem, no teatro Recreio do Povo, de Setubal a representação efectuada pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga foi um novo triunfo, enchendo á cunha o teatro, sendo alvo todos os artistas, e em especial os que já mencionamos, das mais entusiasticas ovações. Hoje para despedida, a companhia representa «A Rajada», a magistral criação de Lucilia Simões.

Cartaz do dia

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido».

APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

AVENIDA—A's 9,15—«Bichinha Gata»

EDEN (duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.

ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.

AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALAO CENTRAL—«O segredo dos quatro».

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade

SALAO FOZ Calçada da Gloria.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

PELA ITALIA

O PACTO MARITIMO E D'ANNUNZIO

Toda a atenção do povo italiano está neste momento voltada para o incidente sugerido entre armadores e homens de mar á cerca do pacto maritimo redigido por d'Annunzio, a pedido da Federação dos trabalhadores do mar.

Depois de varias reuniões no retiro do ilustre romancista, em Gardone, o pacto foi redigido e entregue a Mussolini, que se apressou a responder a d'Anunzio que era um trabalho soberbo, e como tal, havia ordenado a M. Ciano, sub-secretario, da marinha, que fizesse todo o possivel para que o pacto fosse aceite pelos arredores.

D'Anunzio, que julgava a questão resolvida, insistiu junto do governo para que o tratado fosse posto, sem tardar, em execução. Mas os armadores recusaram a sua adesão ao pacto. Nova entrevista em Gardone. A 12 de Julho, o deputado Ciano e todos os representantes da Confederação da Industria prestavam o juramento solene de fazerem tedo o possivel para obterem a efectivação dum pacto que o Presidente do Conselho havia qualificado de «santo».

D'Anunzio sentiu renascer o seu optimismo e escrever uma carta a Mussolini fazendo votos para que tudo estivesse terminado em curtos dias. Este fez saber ao poeta que esperava firmemente vencer todos os obstaculos.

A data da pacificação foi adiada para 21 de Julho, depois para 29. A intransigenciá dos armadores continuava.

D'Anunzio resignou-se a redigir um comentario ao pacto e ás circunstancias que motivaram as clasulas principais. O comentario publicado a 9 de Agosto, aniversario do «raid» aereo sobre Viena. Como numerosas personalidades politicas lhe enviassem, nessa ocasião, telegramas de felicitações, o «comandante» escreveu-lhes: «Foi a minha vontade que vos conduziu: a minha vontade vos conduzirá de novo».

Actualmente d'Anunzia não oculta o seu descontentamento.

Os partidos

Almoço de homenagem

O almoço de homenagem ao ilustre republicano e membro categorisado do P. R. Radical major, sr. Filipe de Sousa fica transferido de quinta-feira, 30, para o primeiro domingo, 2 de Setembro. Já se encontram inscritos para cima de 80 convivas.

O que vai pelo mundo

O perigo de certas leituras

NEW-YORK, 28. Um grupo de rapazes entusiasmados com a leitura das historietas que se vendem a pequenos preços e em que se descrevem suplicios feitos pelos indios contra os brancos ..... amarrados ao poste do suplicio e ..... lhes fogo, resolveram fazer o mesmo. Pozeram-se de embuscada e aprisionaram dois pequenos que amarraram a duas arvores e juntando herva em redor lançaram-lhe fogo. A arvore estava embebida em petroleo porque proximo daquele local ha uma refinaria de petroleo e levantou uma brande chama. Nessa altura os pequenos assustados gritaram por socorro e esforçaram-se por apagar o fogo indo buscar agua a um chafaris proximo dentro dos seus bonétes, mas isso não evitou que as duas pequeninas vitimas fossem carbonisadas. A policia de New Jersey onde este caso se deu já prendeu os pequenos criminosos. —(R.)

A peste em Marselha?

PARIS, 28. Segundo a «Oeuvre» manifestou-se uma grave epidemia em Marselha, supondo-se que se trata de colera ou tifo, mas as autoridades militares recusaram-se a fornecer informações a esse respeito.—(R.)

As grandes ascenções

NEW-YORK, 28.—Norman Clay mestre-escola de California conseguiu subir ao monte Wilbur em Glacier Park. Foi o primeiro que conseguiu realisar esta ascensão apesar de muitos a terem já tentado. O monte tem 9292 pes de altura. —(R.)

amor, sob um montão de flores tão rosadas e brancas como o rosto de Amy no interior de quatro pranchas, atravez da placa de cobre pregada sobre um caixão.

Contudo havia uma nova situação a encarar e *mistress* Baxter não era sem apreensões que pensava nessa situação.

E' certo que por veses as mães conhecem melhor os seus filhos do que eles proprios se conhecem, mas ha certos traços de caracter que, ás vezes, nem as mães nem os filhos sabem reconhecer. Era um ou dois desses traços que Maggie Deronnais, com as mãos cruzadas atraz da nuca, estava procurando analisar. Parecia-lhe bastante singular que nem a mãe nem o filho parecessem suspeitar do espantoso egoismo das acções de Laurie.

Maggie conhecia-o já ha trez anos, mas por causa da ausencia dela em França durante uma parte desse tempo, e da ausencia dele em Londres durante o resto, não fôra testemunha deste ultimo caso. Ao principio ele agradara-lhe muito; afigurara-se-lhe ardente, natural, generoso. Apreciara o seu afecto por sua mãe, e a maneira como lh'o testemunhava; fizera-lhe impressão a sua atitude de homem educado, as suas maneiras com os creados, a sua cortesia cheia de vivacidade para com ela propria. Causara-lhe um real prazer vêl-o todas as manhãs, de calças curtas e jaquetão de Norfolk, ou no seu vestuario de *tweed*, todas as tardes, de casaca, gravata branca, e os calções e sapatos de fivela que usava por causa dessa *nuance* pitoresca de romantismo agressivo que constituia tão visivelmente uma parte do seu temperamento. Depois, começara, pouco a pouco, a aperceber o seu egoismo que se tornava cada vez mais aparente, o seu caracter voluntarioso, o seu mau humôr, a sua teimosia.

Embora naturalmente houvesse aprovado a

conversão de Laurie ao catolicismo, não estava certa da puresa dos motivos que a isso o haviam determinado. Esperava realmente que a Egreja cuja influencia é tão assombrosamente decisiva, poderia fazer alguma coisa no sentido duma conversão moral, assim como duma mudança de vistas em materia artistica e intelectual. Mas isso, ao que parece, não se produzira, e esse ultimo episodio, verdadeiramente insensato, de Amy Nugent, transformára a sua critica em indignação, Não desaprovava as tendencias romanescas—vivia mesmo largamente dentro delas — mas havia coisas mais importantes, e por isso mesmo se encontrava tão encolerisada quanto decentemente podia estar por essa ultima manifestação de egoismo

O peor de tudo isto, com efeito, era que Laurie—ela sabia-o perfeitamente—tinha em si qualquer coisa de excepcional. Não era de forma alguma um louco. Dava a aparencia de uma notavel virilidade, era sensivel em alto grau e possuia uma inteligencia mais que mediana. Era qualquer coisa de intoleravel ver uma tal personalidade mostrar-se tão fraca em certos aspectos da imaginação.

Maggie perguntava a si propria o que seria que o desgosto faria dele. Tendo partido da Escocia na noite anterior, chegando naquela manhã a casa de *mistress* Baxter, no condado de Hertford, ainda não o vira, e agora devia ele ir acompanhando o enterro...

Sim, o desgosto experimentado permitiria julgal-o. Como encararia ele as coisas?

Mistress Baxter interrompeu-se nas suas meditações.

— Maggie, minha querida... parece-lhe que que poderá fazer alguma coisa? sabe as esperanças que eu alimentei noutro tempo...

A joven levantou subitamente os olhos com

tão brusco que a boa senhora não acabou a sua frase.

— Está bem, está bem, disse ela. Mas será absolutamente impossivel que?...

— Por favor, não diga mais nada! eu... eu não posso falar de tais projectos. E' impossivel, absolutamente impossivel.

A mãe de Laurie suspirou e depois, repentinamente, disse olhando para o relogio colocado por cima do fogão:

— Já são horas. Parece-me que...

Interrompeu-se, ouvindo atravez do vestibulo a porta de entrada abrir-se e fechar-se, e esperou, empalidecendo um pouco, enquanto resoavam passos, que se afastavam subindo a escadaria. De novo, reinou o silencio.

— Já voltou, disse ela. Oh Maggie!

— Como vae proceder com ele? perguntou com curiosidade a joven.

A pobre senhora inclinou-se de novo sobre o seu trabalho.

— Presumo que o melhor será não lhe dizer nada. Talvez ele vá, como de costume, dar o seu passeio a cavalo á tarde. Se assim for, vai com ele, Maggie?

— Julgo que não. E' natural que não queira ver ninguem. Eu conheço Laurie.

A outra olhou-a de lado como para a interrogar e Maggie continuou com uma especie de indolente segurança:

— Durante o almoço deve estar abstrato. Depois irá provavelmente passear a cavalo, sòsinho, e chegará tarde para o chá. Amanhã...

— Oh minha querida filha, e *mistress* Stapleton que vem amanhã almoçar connosco! Julga que isso lhe será indiferente?

— Quem é *mistress* Stapleton?

A bôa senhora hesitou.

— E'... é a esposa do coronel Stapleton. Entrou nesse movimento chamado, se não me en-

resco que não é muito vulgar em tais casos, ficara sincera e simplesmente apaixonado por ela, vivendo assim um romance habitualmente reservado a afeições melhor inspiradas. A dar credito a Laurie, dir-se-hia que Amy era dotada de todas as graças do corpo, do espirito e da alma que se poderiam exigir duma mulher destinada a ser senhora duma grande casa. Não se tratava, explicava Laurie, duma pastorinha de conto de fadas; não era homem, afirmava ele, que se tornasse ridiculo só por amor duma carinha bonita. Não; Amy era uma alma rara, uma flor desabrochada num solo pedregoso, e tinha a intenção bem formada de a tornar sua mulher.

Então tinham desabado todos os argumentos bem conhecidos das mães, porque não era natural que *mistress* Baxter aceitasse sem relutancia uma nora que, cinco anos antes, de avental, lhe fazia as suas reverencias, levando, em mãos grossas e inchadas, um cesto de ovos á escada de serviço. Depois consentira em ver a rapariga, e a sua entrevista com ela no jardim deixou-a, mais do que nunca, desconsolada. Fôra então que ocorrera o lamentavel incidente do *h* não aspirado. A luta entre a mãe e o filho continuara: Laurie protestara, trovejara, zangara-se, refugiara-se umas vezes na eloquencia da palavra, outras na dignidade do silencio. A mãe apresentara-lhe as suas objecções com uma suave obstinação, conservando a sua serenidade, argumentando e resistindo, combatendo passo a passo o inevitavel, procurando vencer seu filho pelo sentimento e obter o auxilio de Deus com as suas preces. E afinal, repentinamente, havia apenas quatro dias, parecia que fôra a tenacidade da mãe que vencera; Laurie, agora trajando de negro, despedaçado pelo desgosto, precisamente no momento em que as duas senhoras conversavam no salão, inclinava-se sobre uma sepultura aberta no cemiterio da aldeia, revendo os ultimos restos do seu

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4467-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quarta-feira, 29 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 20 centavos

CAMBIOS

A libra fechou hoje a Esc. 96$40 e 98$40

O FIM DA GRÉVE

Como o tinhamos previsto a gréve terminou,

Diz o orgão sindicalista que termina hoje. Na realidade, ela já hontem terminára.

Acabada a gréve é curioso vêr como se manifesta nos dirigentes, que a desencadearam, aquilo a que o subtil espirito de Emile Faguet chamava «o horror das responsabilidades».

Assim, a «Batalha» acentua que a gréve foi resolvida pelo operariado.

Que operariado?

As centenas de pessoas, dois ou tres milhares mesmo que encheram o pateo, os corredores e as escadas do casarão da Calçada do Combro?

De sobra sabe a «Batalha» que o operariado de Lisboa se divide em dezenas e dezenas de classes e serviços especiaes, e que os seus elementos se contam por centenas de milhares.

Mas supondo mesmo que tivesse sido o operariado quem quizera a gréve, e ela não partisse da iniciativa dos dirigentes da organisação operaria,—o que em caso nenhum pode ser verdade por que então a enorme maioria do proletariodo não teria sequer repudiado a gréve — em que situação ficariam esse operariado e esses dirigentes?

Pelo que respeita a dirigentes, ha o direito de perguntar que especie de organisação operaria é essa em que, num movimento dessa natureza, não são os dirigentes quem orientam mas são dirigidos e mandados pela massa proletaria?

E sendo ssim que operariado seria esse que tendo resolvido a gréve, desde o primeiro dia a deixam arrastar-se parcelarmente, representando apenas uma infima minoria da sua classe?

Não hesita a «Batalha», procurando salvar o prestigio derrancado da organisação sindicalista, não hesita a «Batalha» em pôr completamente em cheque todo o operariado de Lisboa e do proprio paiz.

Esse procedimento não é digno. E, faça-se justiça a todos, não é digno porque não é verdadeiro.

Não foi o operariado em massa que resolveu a grevé. Foram a «Batalha» e os seus amigos, sempre prontos a resoluções precipitadas contanto que lancem poeira aos olhos do povo, tentando capacitar a opinião publica de que exercem realmente uma acção.

A grande massa do proletariado não entrou na gréve, e a propria maioria grévista compoz-se inegalmente de creaturas coagidas ao abandono de trabalho por agitadores revolucionarios.

A responsabilidade da gréve é dos dirigentes do sindicalismo. é dos amigos da «Batalha», é da propria «Batalha» que incitava a uma gréve de duração indefinida, clamando que emquanto o novo decreto do pão não fôsse anulado, os grevistas não retomariam as suas ferramentas.

Retomaram-as mais uma vez, depois dum fracasso ruidoso, vindo a «Batalha», logo que foi detido o sr. Santos Arranha declarar a gréve finda, no dia seguinte áquele em que proclamava que a gréve se estava intensificando, e em que o «comité» da gréve e a União dos Sindicatos Operarios afirmavam que havia ainda muitos recursos de que lançar mão.

Não engeitem os dirigentes das organisações operarias as suas responsabilidades, atirando-as para cima do proletariado ao qual, mais uma vez, prestaram um pessimo serviço. Porque, fazendo-o, não cometem só uma má acção: suicidam-se moralmente.

UMA CARTA CURIOSA

O caso da Manutenção Militar

Um erro que pode redundar num mal maior

Assinada por «Um oficial da Administração Militar» recebemos uma carta, que a falta de espaço não nos permite publicar na integra, sobre a transferencia para o Ministerio da Agricultura da Manutenção Militar.

Depois de afirmar que o oficial ha dias entrevistado pela «Capital» traduziu o sentir de toda a oficialidade da Administração Militar, o signatario escreve:

. . . .

Ha muito que se pretende a autonomia administrativa da Manutenção Militar, a todo o custo, e assim, como que sem se dar por isso, lá vem aquele artigo do decreto que encapotadamente a autonomisa e põe sobre a egide do Ministerio da Agricultura.

Poderá persistir tal erro que sobrepondo a Manutenção Militar a toda a Administração Militar, ao proprio Ministro da Guerra e transforma num estado dentro de outro estado?!

O Ex.mo ministro da Agricultura não calculando o alcance capcioso do celebre artigo do decreto dos trigos, julgando que apenas armava o Governo contra qualquer presumivel manobra da moagem, portanto, sem o fim de ferir uma corporação inteira, assinou um decreto que vem desorganisar os serviços da Administração Militar, tirando-lhe um dos seus principais orgãos de acção, cavando o desanimo e sem que a industrialisação e a autonomia da Manutenção Militar represente qualquer beneficio para o paiz como estou prompto a demonstrar publicamente.

. . . .

Houve quem lembrasse ao Ex.mo ministro da Agricultura a vantagem e a grande economia para o Estado, de se entregarem os serviços do Comissariado dos Abastecimentos á Administração Militar, como se fez e faz em França e na Italia. Pois já se procura entregar taes serviços á Manutenção Militar para lhe dar força e de todo a livrar da tutela do Ministerio da Guerra, tutela á sombra da qual a Mautenção se criou e se fez. Esquece-se que a Manutenção é apenas um orgão da Administração Militar e não um organismo independente.

Se tal acontecer, como a Manutenção não possue elementos para pôr a funcionar todo o mecanismo das subsistencias, terá que solicitar a coadjuvação da Administração Militar de que ela faz parte e veremos tudo invertido, tomada a parte pelo todo, a integração de oficiaes no serviço de um estabelecimento que está subordinado a um Ministerio que não é o da Guerra, mas que é um estabelecimento militar; emfim, uma barafunda, uma desorganisação, uma machadada mais no que a organica e a disciplina militar ainda teem de bom.

PÃO E NOTAS

O preço do pão descerá

não aumentando a circulação fiduciaria

Se o sr. Afonso Costa fôr de opinião contraria, é preciso contraria-lo

A gréve movimento precipitado e extemporaneo, teve o condão de nos afastar da questão principal que se debatia e que foi o pretexto para a sua proclamação: a supressão de pão politico e o problema da circulação fiduciaria.

Libertando-se dos encargos do pão politico, o Estado veiu sobrecarregar, pesadamente, a situação do consumidor, que, d'oravante, pagará o seu alimento pnicipal por um preço superior ás suas possibilidades. Desde, porem, que o Governo mantenha, atravez de tudo e sejam quais forem as solicitações que se lhe dirijam ou as influencias que se movam, o seu ponto de vista contrario ao aumento da circulação de notas, conseguir-se-ha—está-o demonstrando a ascensão constante da divisa cambial—a valarisação do escudo numa cotação compativel com o decoro nacional. Mas,repetimos, é necessario, é indispensavel, que o Govetno se finque na recusaterminante, irredutivel, de consentirque a estamparia do Banco de Portugal produza uma nota mais.

Diz-se que o sr. Afonso — e nós tornamo-nos eco do boato — veio a Lisboa com o intuito de levar o sr. Ministro das Finanças a modificar o seu criterio em relação á circulação fiduciaria, aumentando-a. Se assim fôr, o sr. Afonso Costa prestou um mau, um pessimo serviço ao País e mal andaria o sr Velhinho Correia, que se sente apertado dentro de um verdadeiro circo, se aceder a tão constantes e malevolos conselhos ou imposições. O sr. Velhinho Correia é guarda dos interesses do País; não pode, portanto, dobrar-se aos interesses de quer que seja, sobretudo porque esses interesses estão num polo oposto aos do Estado. Nem mais uma nota! — tem de ser a politica a seguir pelo sr. ministro das Finanças.

Só assim conseguiremos que o preço do pão baixe automaticamente, visto que, descendo o preço do trigo estrangeiro em virtude da valorisação do escudo, a tabela fixada para o trigo nacional terá de acompanhar essa baixa na mesma proporção. Nem outra coisa faz sentido, ainda mesmo que os diferenciaes estabelecidos na lei e arrecadados pelo Estado, sejam considerados imposto. O imposto é sempre proporcional á materia colectavel, quando não é fixo. Neste caso, mantendo-se a tabela estabelecida agora, lançava-se uma nova doutrina fiscal, de todo intoleravel, visto que, ao contrario do que aconteceria, semelhantes inovações só são compreensiveis quando beneficiam o povo.

O que se conclue é que, valorizando-se o escudo gradualmente, gradualmente descerá para nós o preço do trigo exotico e o governo, condicionando as tabelas fixadas na lei de proteção pela evolução do cambio, garantirá a certeza de que, dentro de um praso curto, poderemos comer pão barato.

E' este criterio que tem de se adotar; e não é, com certesa, outra, a intenção do governo, pois que não é possivel admitir que o Estado pretenda, num momento excecional como este, refazer-se com o regimen de proteção á lavoura, dos prejuisos que lhe acarretou o pão politico.

Mantendo-se a politica de resistencia aos partidarios da circulação fiduciaria, poderemos levar a libra á divisa 3, 4, 5 ou 6—que é precisamente o que necessitamos. E, nestas condições, o preço do trigo poder-se-ha tornar cativo a uma quantia que, sem deixar de atender aos interesses do Estado, seja mais compativel com a situação dos consumidores.

Mas para isso impõe-se a observancia do criterio seguido até agora, de invencivel oposição ao aumento do volume das notas em circulação.

Se o sr. Velhinho Correia assim fizer, a situação financeira do Paiz melhorará, embora isso custe bastante aos que fizeram em sua volta um cerco de suplicantes solicitações. Se a gréve, proclamada e desproclamada sem novidade de maior, não tem vindo afastar as atenções do ponto capital que se ventilava, é natural que, a estas horas, o ambiente formado em torno deste ponto de vista representasse o grande apoio de que o sr. ministro das Finanças carece para resistir. Mas este foi, afinal, o unico fim do movimento: colaborar nos desejos dos defensores do aumento de circulação, embora inconscientemente, embora sem ter sido solicitada essa colaboração.

A CARRIS E O PUBLICO

O aumennto das tarifas

A companhia alega razões falsas, pois tem muitas receitas

O que nos disse o vereador sr. Luiz Soares

Está pendente sobre a população de Lisboa a ameaça de um aumento de tarifas dos electricos. Como se sabe, a Carris oficiou á Camara Municipal, pedindo auctorisação para aplicar uma nova saugria aos passageiros. Não sabemos o que responderá o municipio tendo-se dito apenas que o pedido será submetido a uma comissão arbitral, da qual farão parte dois vereadores, dois delegados da Carris e o director geral dos Transportes Terrestres.

No entanto, o vereador sr. Luiz Soares solicitou a remessa de documentos que julgou indispensaveis para um seguro conhecimento do assunto. E, porque o caso interessa a todos os habitantes de Lisboa, procurámos ouvi-lo sobre o resultado dos seus estudos e, possivelmente, sobre a resposta da Camara ao pedido do sindicato de Santo Amaro.

—Fiz, de facto, os requerimentos a que você alude, na pretensão de melhor me documentar sobre a chamada questão dos electricos, minha velha conhecida, porque a acompanhei com interesse quando dos dois ultimos conflictos. No entanto, do estudo mais cuidado a que venho procedendo, permita você que guarde reserva até ao momento em que a vereação a que me honro de pértencer tenha de ocupar-se deste assunto.

—Mas não pode dizer-nos qual será a provavel resposta ao pedido da Companhia?

—Ainda não troquei quaisquer impressões a esse respeito com os meus colegas.

—E a sua opinião pessoal? Concorda com as razões alegadas pela Companhia na proposta desse aumento?

—De maneira nenhuma—respondeu perentoriamente o nosso entrevistado.

—Quais são, então, as razões que invalidam essa proposta?

—Em primeiro logar, a situação cambial, que não é hoje mais grave do que no dia em que á Comqanhia foram autorisadas as tarifas em vigor. Em segundo logar, o não ter aumentado, desde então, o preço dos combustiveis.

—Mas as reclamações do pessoal?

—Acho-as muito justas, mas dentro dos recursos da Companhia sem necessidade de novo aumentos. Apezar de ela nos negar os necessarios elementos de estudo, faltando assim á letra dos acôrdos, julgo-me habilitado a poder infirma-lo Tem muitas receitas E o calculo das suas despezas deve ter sido feito sobre uma base muito mais elevada do que realmente é. Se a Companhia satisfizesse todos os seus encargos, e, sobretudo, neste momento, os que se relacionam com o Estado... Então, talvez.

«Emfim, meu amigo, quando principiar a tratar da questão não descurarei os interesses do municipio e da fazenda publica. A Camara a que pertenço, ha de colocar-se nesta questão, estou certo disso, por forma a merecer os aplausos da cidade sem ferir quaisquer interesses legitimos, os quais, como você muito bem compreende, nunca podem colidir com os melhores principios de moralidade».

E nada mais pudemos arrancar das reservas a que se entregou o nosso antigo colega.

O nosso folhetim

tem alcançado um exito sem precedentes

O exito obtido nos ultimos dias pela "Capital" tem feito com que os vendedores cheguem aos bairros afastados da cidade sem exemplares do nosso jornal, deixando assim de servir os numerosos leitores que o reclamam.

De toda a parte nos teem sido apresentadas queixas nêsse sentido, o que demonstra o interesse que o nosso jornal está merecendo do publico, derivado, não só da larga e completa informação que temos dado, mas do folhetim "O Reino do Misterio" que "A Capital" iniciou.

Emquanto não se evita por completo este inconveniente, solicitamos dos nossos presados leitores que reclamem insistentemente dos vendedores o nosso jornal, a fim de não sofrerem interrupção na leitura do notavel folhetim.

"A Capital", para corresponder á simpatia com que a distinguem e para satisfazer a curiosidade do publico, brevemente começará a publicar o dobro das paginas do seu folhetim, ao mesmo tempo que melhorará e desenvolverá todas as suas secções

Os numeros atrazados podem ser reclamados nos nossos escriptorios.

Governador Civil de Lisboa

Pede mais uma vez a sua demissão

O major sr. Viriato Lobo que uma pertinaz doença tem retido em sua casa na Parede, já hoje reassumiu as suas funções tendo comparecido de manhã cedo no seu gabinete do Governo Civil de Lisboa.

Consta-nos porem que o chefe do districto está na disposição de abandonar de vez o logar, pois se encontra bastante descontente pelo facto de não ter sido consultado sobre a nomeação do sr. dr. Pinto de Magalhães para o logar de adjunto do director da policia de investigação, vago pela morte do sr. dr. Santos Monteiro.

Segundo a lei a nomeação desse cargo deve ser feita por proposta do chefe do distrito, o que se não fez, motivo porque o sr. Viriato Lobo em carta datada de 24 do corrente pediu ao sr. Antonio Maria da Silva que o fizesse substituir.

Na Exploração do Porto

Terminou a gréve do pessoal

Terminou hoje a gréve do pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, devido a ter o conselho de administração satisfeito em parte as reclamações dos grévistas, fazendo-lhes um aumento de 85 °|o sobre os salarios actuaes.

Nos diversos entrepostos juntaram-se bichas de carroças, para retirarem as mercadorias que ha dias se encontravam despachadas, não se tendo dado qualquer incidente.

Italianos assassinados

Quando iam proceder a uma delimitação de fronteiras

AATENS, 28—Os membros da delegação italiana, da comissão de fronteiras da Albania, general Telini, o medico Scorti e o tenente Conati, foram assassinados na estrada de Joanina a Santiquarate por uns desconhecidos. O chauffeur do automovel que os conduzia, bem como o interprete da delegação foram igualmente mortos. O governo helenico, logo que teve conhecimento do facto, apresentou os pezames ao ministro da Italia. — H.

Um desastre em Tancos

No Governo Civil foi hoje recebida comunicação de que em Tancos se dera um violentissimo choque entre um automovel e uma «Charrett» que conduzia o avô e um filho do tenente sr. Lopes Soares, comissario da policia, e os quais ficaram gravemente feridos. O tenente Lopes Soares seguiu hoje mesmo para Tancos.

A remoção do lixo

Uma representação da Associação dos Logistas

A direcção da Associação dos Logistas, entregou hoje ao sr. presidente da Camara Municipal uma representação pedindo a modificação do horario da remoção do lixo, que está causando ao comercio graves inconvenientes devido ás carroças passarem depois do encerramento dos estabelecimentos.

O sr. dr. Marques da Costa prometeu estudar o assunto, para depois resolver como fôr de justiça.

Conversas...

A Belgica aconselha-as, para resolver a questão do Ruhr

LONDRES, 29. — A replica belga á nota inglesa recebida no ministerio dos Negocios Estrangeiros na segunda feira á noite insiste sobre a legalidade da ocupação do Ruhr e na resolução de não abandonar essa região senão á medida que a Alemanha satisfaça os seus pagamentos Essa nota defende a prioridade dos direitos da Belgica ao pagamento das reparações e entende que a questão chegou já áquele ponto em que conversações entre os chefes dos governos das tres nações se deviam aconselhar e seriam da maxima utilidade.—K

UM PERIGO

Os professores primários e a C. G. T.

A propaganda bolchevista entre os educadores da infancia

A Capital já se ocupou do assunto e já acentuou o perigo que representava para a independencia e segurança da nacionalidade a entrada para a C. G. T. do professorado primário oficial.

Hoje alguem nos escreve a chamarnos a atenção para esse facto e para o que se passou no recente congresso pedagogico de Leiria.

Evidentemente, não estamos a tremer de medo diante da C. G. T., nem da perspectiva d'alguns professores pertencerem á organisação revolucionária sindicalista. Não serão muitos e é facil evitar que o mal alastre. Mas não compreendemos, ninguem compreenderá que os educadares da infancia façam parte, estejam filiados num organismo que aconselha o morticinio a tiro e á bomba de quantos não obedecem ás suas determinações.

Em uma das sessões desse congresso, no dia 14 do corrente—aniversário da batalha de Aljubarrota—um professor propoz um voto de congratulação por essa gloriosa data. De alguns pontos da sala partiram rumores abertamente anti-patrioticos. Pois contra o parecer da maioria e por influencia da Internacional dos Educadores, a proposta não foi aprovada.

* * *

Na ultima sessão, o sr. Santos Aranha, secretario da Confederação Geral do Trabalho, a propósito de saudar a classe do professorado primário, fez aberta e audaciosamente a apologia da entrada da União do Professorado Primário para a C. G. T., dizendo que só ridiculos dogmas e preconceitos influam no professorado, impedindo este gesto nobre etc. etc.

Ora nessa ocasião estava reunida a assembleia geral da União do Professorado Primário, para tratar de assuntos relativos á organização associativa.

Por deferencia para com os representantes da Imprensa foi-lhes permitido usar da palavra—não para tratarem de assuntos da classe, com os quais nada tinham que ver—mas para as saudações da praxe. O sr. Santos Aranha, estava ali como representante do orgão sindicalista e abuzou do seu lugar para fazer a sua politica de desorganisação social.

Preciso é notar que a assembleia só não manifestou o seu desagrado por esse abuzo por não querer disturbios, sacrificando tudo a esse objectivo.

* * *

E tanto é certo que a propaganda bolchevista se faz entre o professorado, que o orgão da classe publicou, após o congresso do Porto, um artigo em que se leem os periodos seguintes:

. . . .

O professorado primario tem realmente uma organisação sindicalista, mas «baseada na ordem e no instinto da sua conservação e defeza».

E' um sindicalismo que «só á classe dis respeito» e «só aos altos interesses da instrução deve obediencia».

Respeita todas as classes, pode manter relações cordeais com outros organismos mas reservando sempre a sua «independencia», sem peias de qualquer especie a manieta-la, «sem sujeições» que, como classe ilustrada e consciente, a envileceriam e envergonhariam.

Nem outra cousa podia conceber-se numa associação a cuja porta todos devem deixar as suas ideias politicas ou confessionais.

Como classe educadora, o professorado deve ser uma classe de ordem, a despeito do ideal que, a cada um, particularmente, é dado seguir.

«Querer levá-la para outro lado seria prestar-lhe o pior e o mais impolitico dos serviços.»

Nem tem razão os que receiam extremismos, cujas tendencias não há na colectividade, «nem os que nos fazem blandicias que não podemos aceitar».

As grandes paixões

Uma carta de Musset

Aimée d'Alton e as "Lettres á l'Inconnue,,

Publicou-se agora em França um formosissimo volume de cartas de Alfred Musset a uma senhora — Aimée d'Alton — mais tarde esposa de seu irmão Paul de Musset. «L'Inconnue» foi a grande paixão do poeta e as suas cartas são simplesmente encantadoras.

A' maneira de prefacio diz nesse volume madame Paul de Musset :

1880

Ha quarenta e tres anos que recebi estas cartas. Guardei-as sempre. Hoje, depois de ter feito desaparecer muitos bilhetes, que estavam numerados, mas que não diziam absolutamente nada, risquei os endereços e temendo que a tinta viesse a desaparecer em alguns periodos, copiei-as eu propria.

Paul de Musset fala, na biografia de seu irmão, Alfred Musset (ano de 1837), de uma ligação (paixão reciproca) que teve com uma senhora da alta sociedade, de que guardou em toda a sua vida uma agradavel lembrança...

Ignoro que idéas existirão no ano de 1930. Lendo essas cartas não se deverá esquecer que Alfred Musset e M.me X... pertenciam aquela geração ardente, apaixonada e entusiastica de que o poeta fala na introducção da «Confession d'un Enfant du Siécle».

As idéas mudaram tanto depois dessa época! O que então parecia muito simples tornou-se hoje incomprehensivel. O que será em 1930?

O amor tinha, naquele tempo, uma outra comprehensão da que tem hoje. Quando o julgavam desculpavel, chegavam a protegel-o. Quando se enredava no amor, a troca de sentimento e de afectos não conhecia limites.

Damos a seguir uma dessas cartas :

Abril, 1837

Queria enviar á minha Aimée o seu papelzinho beijado cem vezes para suplicar-lhe que pousasse nele ainda os seus labios e que m'o enviasse de novo. Sou forçado a confessar que cheira a tabaco. Vendo-o, não pensei em tornar a minha boca digna de aproximar-se da boca de rosa que representa Não adivinhando o ponto em que beijou esse pedaço de papel, cobri-o eu, por completo, e tel-o-hia devorado se fosse menos precioso. Alma querida: quando estarão os teus labios no seu lugar? Sinto-me morrer pensando nisso. Deixe-me dizer-lhe a minha felicidade. Nunca encontrei uma mulher tão franca tão verdadeira. Nunca vi tanto coração e tão pouca garridice, tanta sinceridade e tão pouca soberba. Releio, ao mesmo tempo, as suas trez cartas, e choro de alegria.

Não existe mais ninguem no mundo, capaz de discorrer assim. Ignora o que vale em comparação com as mulheres vulgares. Ignora que surpreza, que alegria se experimenta, ao aproximarmonos de uma creatura assim. E, quando penso no mez de maio — quando digo de mim para mim que uma alma tão bela, tão candida, habita um corpo tão belo e tão candido como ela, ia a dizer — meu amor, que fiz para ser tão feliz? Ah! como tens razão para chegares com as flores, com as plantas, com a estação do sol!

Chama-me louco, se quizeres — parece-me que ao teu primeiro beijo nascerá uma flor no coração. E ousa falar em desgostos! Ousas imaginar inquietações... Deus não falta á verdade, minha rosa branca, e faltaria, se não fossemos felizes! Foi com a simplicidade dos anjos que para mim — foi sorrindo e sem hesitar que me fizeste uma confissão que as mulheres vendem a preço de mil torturas, de mil comedias e de mil tentativas. Não sei se tenho por si mais estima ou mais amor; o seu caracter não tem igual, para mim, e, entretanto, eu proprio tenho sido amado por nobres corações — mas nunca assim! Vendo-a, não sei se devo aspirar os seus labios ou ajoelhar-me na sua frente — querida, querida Aimée, como sou feliz por viver e por te ter conhecido!

Mas qual a razão por que uma tia que tem um quarto e não o póde ceder senão no fim do mez? Não compreendo nada, porque, emfim, esse quarto existe — haverá alguem que ouse ocupal-o?

Mas por que não vem para casa da sua prima? Julgo ter decifrado, a proposito da cartinha do fradezinho, que me fez ganhar a caneta com que escrevo e que beijo neste momento. Julgo, digo, que Adlon gosta pouco de si, ou que, pelo menos, tem inveja de si, pobre criança! Creio-o bem e perdôo-lhe; quantos não seriam mais invejosos do que ela!

Adeus, adorada, adeus, minha querida omiga. As minhas cartas são maiores do que as suas.

Dir-lhe-hei até amanhã que a amo, mas para sempre, como sinto, não posso, não sei dizer.

OS PARTIDOS

A adesão dp Centro Escolar Republicano Antonio Luiz Inacio ao Partido Radical

Realisou-se ontem, pelas 21 horas, na séde do centro Antonio Luiz Inacio, ao Alto do Pina, a assembleia geral convocada para apreciar o relatorio da gerencia transata, tendo comparecido grande numero de associadbs que convidaram a assumir a presidencia o srs. Arnaldo de Carvalho, membro do Partido Radical.

Depois da leitura do relatorio elaborado pelo professor Alfredo Morais e que foi aprovado por aclamação, o sr. Carlos Fernandes apresenton uma moção, entusiasticamente apoiada por toda a assembleia, em que se analisava a ação exercida pelos governos do Partido Democratico que prepararam as tremendas dificuldades de hora presente, e que convidava o Centro Escolar Antonio Luiz Inacio a aderir integralmente ao programa e organisação partidaria eo Partido Republicano Radical.

Como esta importante deliberação estava completamente no espirito da assembleia, não se registou o menor incidente.

O sr. Antonio Joaquim de Magalhães que secretariava a presidencia com o sr. Hernani Vagueiro, propoz que se aprovasse por aclamação o relatorio do sr. Alfredo de Morais e que o mesmo fosse louvado na respectiva acta pelo seu acendrado patriotismo e indiscutivel honestidade como geriu a administração do Centro.

Finalmente, propoz-se que fosse eleita a seguinte comissão administrativa: Alfrepo Moraie, presidente; Carlos Fernandes, secretario; Manuel Amado de Cavalho, tesoureiro; José Elias Afonso Colarinho e Francisco dos Santos, vogais; e José Carlos Guimarães Carneiro, suplente. Foi aprovado.

Eram 23 e meia horas, quando se encerrou a sessão no meio de veementes aclamações á Republica e ao Partido Radical.

O almoço ao major sr. Filipe de Souza

E' definitivamente amanhã que se realisa na Quinta dos Charquinhos, a Bemfica o almoço de homenagem ao major sr. Filipe de Sousa, antes da sua partida para o Gerez. O almoço realisa-se ás 12 horas e nele se farão representar todos os organismos do partido radical de Lisboa e outros pontos do paiz.

E' hoje, ás 21,30, que se realisa a reunião ordinaria das comissões politicas do P. R. R.

Necrologia

D. Maria Tereza de Barros

ERICEIRA, 29.—Com 84 anos faleceu no logar de Ribamar, de onde era natural, a sr.ª D. Maria Tereza de Barros, proprietaria, mãe da sr.ª D. Maria Tereza Caré e sogra do sr. Manoel dos Santos Caré, comerciante nesta vila.

A extinta deixa cinco filhas tendo o seu funeral sido bastante concorrido.

ULTIMA HORA

O rescaldo

OS GREVISTAS VOLTAM AO TBABALHO

Procura-se, no entanto, arrastar o pessoal dos electricos para a gréve

Não nos enganámos quando ontem afirmavamos que a gréve estava terminada. De facto, a U. S. O. assim o fez saber, tendo, por isso, voltado hoje ao trabalho todos os operarios em gréve, áparte um ou ontro da construção civil, a quem sorria a perspectiva de mais um dia de repouso.

A despeito dos esforços empregados por varios elementos para o pessoal dos electricos não trabalhar hoje, facto é, que os carros transitaram pelas ruas da capital, sempre repletos de passageiros.

No Governo Civil houve conhecimento durante a noite de que o pessoal da Carris havia declarado a gréve depois de uma conferencia que certos elementos politicos tiveram com os «meneurs» do movimento. Em face de tal, o Governador Civil sr. dr. Clemente Gomes, acompanhado dos secretarios drs. Tavares Figueira e alferes sr. Navarro e de alguns agentes da Policia de Segurança do Estado, dirigiu-se ás primeira horas da manhã para a estação do Arco do Cego, afim de assistir á saida dos carros. Ali encontrava-se uma comissão de vigilancia, dfsposta a impedir que os guarda-freios e condutores pegassem no trabalho, o que motivou a intervsnç o do chefe do distrito, tendo sido dada ordem de prisão para essa comissão que era constituida por nove individuos. Estes, tentaram então, pôr se em fuga, tendo sido disparado um tiro para o ar para os amedontrar, entregando-se então os grvistas á prisão e recolhendo, mais tarde, aos calabouços do Governo Civil, para onde seguiram numa «camionette» escoltados par guardas civicos devidamente armados.

Durante o dia nada se passou de anormal, sendo absoluto o socego em toda a cidade e arredores.

A policia conservou-se, uo entanto, de prevenção por quartos, permanecendo ainda no Governo Civil quatro «camions» do exercito.

* * *

Nos calabouços do Governo Civil encontram-se presos 42 individuos que andavam distribuindo manifestos ou incitando á greve tendo sido restituidos á liberdade 13 operarios que haviam sido detidos ontem em Bemfica, á porta da fabrica Grandela. O secretario da C. G. T. sr. Santos Arranha continua ainda preso.

Reuniu ás 15 horas o conselho de ministros para se ocupar de novo da questão do pão e principalmente da questão financeira que, não obstante ter melhorado sobre certos aspectos, continua entretanto a preocupar seriamente o Governo.

* * *

Nem o sr. ministro do Interior nem o da Agricultuaa, receberam ainda hoje qualquer comissão das organisações operárias, devendo as solicitadas conferencias, realisar-se ámanhã.

* * *

A Junta de Freguesia das Mercês entregou hoje ao sr. ministro da Agricultura copia da moção aprovada na sua ultima reunião em que se pede que seja estabelecido um tipo unico de pão.

O sr. dr. Joaquim Ribeiro, respondeu que estudará todas as reclamações que lhe fôrem apresentadas sobre o problema do pão.

Os moedeiros falsos

Uma grande organização nos Estados Unidos

NEW-YORK, 29.—Foi descoberta em Honolulu uma associação internacional de fabricantes de moeda falsa com ramificações no Oriente.

A policia federal está tratando activamente de descobrir todos os ramos dessa formidavel associação, que segundo parece é uma das maiores que tem existido neste genero. Já foram detidos no territorio americano oito japonezes varios espanhois e alguns hawianos Foram apreendidos 250 mil dollars de moeda falsa e duas prensas para a impressão das notas. Ha dois anos que esta associação exercia as suas habilidades. O dinheiro era passado entre os traficantes de opio. Parece que o chefe dessa organização é um japonez.—R.

Um bom achado

O menino José da Costa Santos, pateo do Batista, 4 loja, andando a brincar na Travessa da Mouraria, achou ali n'um cano que dá escoante ás aguas das chuvas, dois aneis, um de platina com diamantesr brilhantes e safiras e outro de ouro e prata com diamantes e uma finissima perola e ainda uma medalha de ouro com aro do mesmo metal, tendo avaliado 3.000 escudos,

Ainda o Pavilhão das Industrias

na Exposição do Rio de Janeiro

Productos e Stands que obtem o maior sucesso

Noticias recebidas directamente do Rio de Janeiro confirmam plenamente o sucesso obtido com o nosso pavilhão das industrias, o mais vasto e belo da Avenida das Nações, onde figuravam pavilhões de quasi todos os paises do mundo. Os jornais brasileiros, comentando o seu encerramento, em virtude de ter terminado a Exposição, acrescentam que o pavilhão portuguez acabou de coroar com a maior gloria para Portugal os esforços denodados que ultimamente se teem realisado no sentido de uma maior e mais proficua aproximação das duas patrias irmãs.

O «bar» do pavilhão portuguez, aberto todos os dias a um publico numeroso e cosmopolita, apresentava um deslumbrante aspecto, sendo servidos ali os mais afamados vinhos do Porto e as notaveis Aguas de Castelo de Moura, de que é representante em Lisboa a firma Assis & C.ª, e ainda as conhecidas Aguas de S. Marçal que, nas suas qualidades terapeuticas, não teem rival no mundo.

Entre os «Stands» de mais requintado gosto e de maior exito notavam-se os dos tapetes de Beiriz; das conservas de Benito Garcia, Ltd., da Sociedade Lusitana de Comercio, Ltd., exportação de Sardinhas em conservas; da antiga e acreditada Casa das Balanças, de Fonsecas, Ltd.; da Perfumaria Portugalia, de Eurico de Barros; da Companhia Geral de Cal e Cimentos, a mais importante no seu genero no paiz; das Conservas Bom Sucesso, Ltd.; dos productos da Roça Piedade, de S. Tomé, que se destacavam na Secção Colonial; da Empreza Vinicola Ribadouro, Ltd., aguardente, azeite, vinhos e vinagre; de Ribeiro Osorio, Ltd., de Oliveira de Azemeis e de que é representante em Lisboa o conceituado comerciante sr. Manoel do Carmo, sendo a mais importante do paiz em conservas de fructa; do Cabide Manequim, a engenhosa invenção de Manoel Pinto de Figueiredo, industrial de alfaiataria.

Todos estes productos e industriais foram premiados, e a eles, como a outros, nos referiremos mais detalhadamente.

NOTAS A LAPIS

O Barbosa...

Esteve recentemente entre nós um individuo que, atribuindo-se funções jornalisticas, foi para o Brasil escrever verdadeiras imbecilidades sobre Portugal e os portugueses.

Chamava-se Orestes Barbosa e houve, infelizmente, quem o acolhesse com simpatia, desconhecendo o animal de que se tratava. Pois, apesar disso, apesar de ter sido tratado como gente, não correspondeu á gentilesa de alguns jornalistas portugueses, dizendo a verdade do que viu e ouviu. O rabiscador de má morte entretem-se a alinhar sandices sobre sandices num jornaleco do Rio, depois de ter sido expulso do nosso colega «A Patria», da grande capital brasileira.

Havendo ali tão notaveis e brilhantes jornalistas, cuja visita nos seria extremamente agradavel e com cuja amisade nos honramos, devemos confessar que andámos com pouca sorte na hora em que esse cavalheiro aqui desembarcou.

Ainda um dia, se a ocasião se proporcionar, havemos de falar de tão conspicuo cidadão...

Nós e a grande Guerra

Realisou-se em Paris o ceremonia anual comemorativa do alistamento dos voluntarios estrangeiros no exercito francês em 1914. Seria curioso saber se nesta festa, em que apareceram os estandartes de todos os paises que nas fileiras francesas tiveram os seus representantes, teria aparecido a bandeira portuguisa.

Foram muitos os nossos compatrictas que serviram no exercito da França e alguns morreram pertencendo a essa formidavel Legião que se bateu heroicamente. A nossa bandeira não teria ficado mal entre as demais. Esteve lá? Quem saberá responder-nos?

Um exemplo

A Trankpurter Zeitung diz que dos 53:000 kilometros de linhas ferreas que existem na Alemanha, 439 estão eletrificadas e em exploração, estando a ser preparadas outras 816. Dentro de pouco tempo todas as linhas do sueste bavaro servirão para comboios eletrificados. A pratica demonstrou que o consumo de carvão é menor em 40 por cento, havendo ainda a acentuar que as fabricas queimam todo o carvão, mesmo aquele que as locomotivas não utilisam. No sul da Alemanha, a corrente electrica é fornecida pelas quedas de agua.

«Boycottage» a um hino nacional

Os Estados Unidos não terão hino nacional? E' a polemica politico-musical que neste momento se desencadeou na America. O famoso «The Star-Spangle Banner», (A bandeira estrelada) que todas as bandas de «sammies» tocavam durante a guerra, e era obrigatoria nas cerimonias oficiais, não tem, parece, um caracter «unanimemente» patriotico.

A contraversia foi suscitada pela recusa do chefe de orquestra dos Concertos Nocturnos de New-York, M. Harry Barnhart, de tocar o hino que ele declara lugubre (gloomy) e susceptivel de suscitar azedas querelas de partidos.

A sua animosidade contra esse pedaço de musica é tal, que preferiria, disse, demitir-se, a ter de faze-lo executar em cada concerto...

O horror do nú

A esposa do futuro candidato á presidencia dos Estados Unidos encontra-se actualmente com seu marido Thomas Edison nos arredores de Michigau.

Ali está, egualmente, instalada uma colonia feminina, fazendo «camping». A' chegada de M. Ford, todas em grupo se precipitaram para o aclamar e — conforme o uso dos Estados Unidos — paralhe pedir autografos.

Como a maior parte das senhoras tinham as pernas núas, o que impressionou fortemente a esposa do futuro candidato á Presidencia da Republica, esta declarou ás solicitantes que não lhes concederia o favor pedido, a não ser que lhe aparecessem vestidas mais decentemente...

A existência da telepathia

Ultimamente um navio mercante inglês «The Serge» teve uma colisão com outro vapor na bahia de Umbert e afundou-se, mal dando tempo á tripulação para se salvar. A esposa dum dos oficiais do «Serge», que habita em Hull, teve, durante a noite, uma curiosa visão do desastre. Convencida de que o navio em que ia embarcado o marido havia sossobrado, logo pela madrugada se apresentou nos escriptorios da Sociedade armadora, onde contou o sonho com todos os detalhes da catastrofe.

A Sociedade recebeu pela tarde a confirmação da catastrofe. Os factos haviam-se passado exactamente como os havia visto em sonho a mulher do oficial do «Serge».

Quem ousará ainda negar a existencia da telepathia?

As florestas a arder

Em França, ha duas semanas, que se notam grandes incendios nas suas melhores florestas, o que alarmada a opinião publica. E os incendios continuam.

Nos três ultimos dias ha a registar:

O bosque de Saint-Jean, perto de Saint-Hippolyte-du-Fort está em chamas.

Em Connaux, 200 hectares de bosque comunal tornaram-se rasto das chamas.

Outro incendio que tomou inquietantes proporções lavrou na floresta que se estende entre Cheval Blanc e Mérindel (Vancluse).

Perto de Montepeillier um violento incendio declarou-se no bosque de Mataric, em Teyran. Perto de 30 hectares de carvalhos e de pinheiros foram devastadas.

Perto de Draguignan, novo incendio. A policia procede a um rigoroso inquerito.

Campanhas do Sul de Angola

Chegam ámanha a Lisboa os soldados "landins,, que veem assistir á comemoração

A bordo do paquete «Lourenço Marques» chegam hoje pela meia noite ao Tejo, desembarcando ámanhã ás 8 horas no Cães do Posto de Desinfecção os dez soldados landins, representantes da valorosa 15.ª companhia indigena de Moçambique, que pelos seus actos de heroismo e bravura, tanto se distinguiu na ardua campanha do Sul de Angola, de 1914 a 1917. Este grupo de intrepidos soldados, que veem expressamente assistir ás grandes festas comemorativas da campanha do Sul de Angola levadas a efeito por um grupo de oficiais combatentes da mesma campanha, será aguardado no cais de desembarque por uma comissão de oficiais delegada do Ministerio das Colonias e pela comissão organizadora dos festejos, presidida pelo general sr. Vieira da Rocha, depois do que seguirá em caminho da guarda republicana para o quartel do Deposito Colonial, á Junqueira, onde ficará aquartelada até regressar a Moçambique.

No proximo dia 4 de Setembro, em parada militar especial, os dez valorosos soldados «landins» receberão a bandeira, condecorada com a Cruz de Guerra de 1.ª classe, condecoração conferida á 15.ª Companhia de landins e que estes 10 soldados trazem a honrosa missão de receber.

Tambem na mesma ocasião lhes será entregue, condecorada com a medalha de Valor Militar, a bandeira que se destina á 1.ª Bataria de metralhadoras de Moçambique que tão brilhantemente se houve no combate da Serra de M'Kula.

Por Espanha

A GUERRA EM MARROCOS e a opinião publica

A insubordinação de Malaga

"Nem mais uma peseta, nem mais, um soldado!„

A opinião publica no visinho reino continua alarmada com a intensificação da guerra em Marrocos.

Os jornaes, reflectindo essa opinião, publicam artigos contra o proseguimento da campanha, e perguntam ao governo se continua disposto em caminhar resolutamente em busca da catastrofe. Em Malaga um grupo de soldados, que devia passar o Estreito para vingar o desastre de Alhucemas, negou-se, como já noticiámos, a embarcar, resultando do tiroteio que se estabeleceu haver um morto e trez feridos.

O proprio presidente do Conselho, não negou o grave caso aos jornalistas.

— Em Malaga — disse-me um grupo de soldados, negou-se a embarcar para Melilla. Produziu-se a natural desordem, registando-se a desgraça de ficar morto um sargento que pretendia fazel-os desistir do seu intento.

— E embarcaram todos? perguntou o jornalista.

— Talvez falte algum dos que se negaram a embarcar; mas a maioria embarcou.

— Conhece-se o numero dos que se negaram a embarcar?

— Um grupo de cinquenta ou sessenta, afirmou o duque de Almodovar.

O orgão independente da manhã, «La Opinion», que combate a intensificação da campanha de Marrocos, diz no seu editorial:

«Ontem apontavamos a suspeita. Hoje encontramo-nos em plena realidade. Efectivamente, o facto de que se haja conseguido abastecer uma posição, empregando vinte mil homens na empreza e tendo, segundo a versão oficial, cêrca de quatrocentas baixas, serviu de estimulo irresistivel para insistir na acção guerreira e arrostar decididamente com a sangrenta aventura. As notas oficiosas e o proprio ministro da guerra dizem claramente, sem eufemismos, que a operação não terminou ainda. Ocupam-se novas posições: Tamerich, Tarahui... Pedem-se, com uma ansiedade que dá ao pedido tom de exigencia, ordens de proseguir avançando. Isto é a ofensiva. Isto é a guerra...»

Tambem Marcelino Domingos, escreve sobre o assunto um importante artigo—«Ha que abandonar Marrocos. Nem mais uma peseta, nem mais um homem», em que se lê:

»Urge concretisar as vontades isoladas e formar uma consciencia colectiva que se pronuncie contra a permanencia em Marrocos.

....

Poude pensar-se na permanencia em Marrocos quando o mouro nos desejava; hoje, que nos despreza e nos odeia, não. Poude defender-se a ocupação de Marrocos quando não se havia posto á próva o Estado hespanhol e se supunha como evidente a hespanholisação de Tanger; hoje que o Estado poz á prova todos os seus orgãos e em todos poz a descoberto a sua incompetencia, a sua deshonestidade e a sua indisciplina, e que Tanger, de uma maneira definitiva, fica internacionalizada, não. Poude haver esperança na submissão de Marrocos quando o mundo islamico era o enfermo do mundo; hoje que, pelo contrário, renasce com uma insuspeita vitalidade e demonstra energias e fervores já mortos na alma de muitas civilisações europeias, hoje, não. Hoje ha apenas que discutir unicamente o problema do abandono de Marrocos. Talvez o procedimento a seguir seja denunciar os tratados, dignificando-se assim o Estado hespanhol com um gesto, como o da Inglaterra para com o Egypto. Talvez o procedimento seja confiar o mandato á Sociedade das Nações.

Um e outro são adequados e honrosos. Mais adequados e honrosos que o procedimento que em 1791 empregou Floridablanca quando, em troca de mesquinhos beneficios comerciats, cedeu Oran e Mazalquivir aos argelinos; mais adequado e honroso que os baixos motivos que em 1810 moveram o governo da Regencia a dar assentimento á ideia de abandonar aos mouros os presidios menores de Africa; mais adequado e honroso que o que se seguiu nas Carolinas e Philipinas; mais adequado e honroso, emfim, que o que adoptaram, tratando com França, mediante certas compensações, alguns dos homens que exercem altos cargos de representação legislativa no actual Governo.

O sangue dos combates de ontem terão avivado a ira das almas causadas desta tragedia e desta vergonha? Talvez que sim. Talvez sejam necessárias estas lições dramaticas e cruentes para que as vontades dispersas se coordenem, para que, definitivamente, os homens com emoção historica se ponham de pé e, enfrentando o Estado, o destruam rapidamente e o substituam».

Teatros --- Musica --- Cinemas

OS NOSSOS AUCTORES

Duas peças novas

"A revista de Praxedes" no Avenida, e "A Féra" no Politeama

A epoca de inverno foi fertil em peças portuguesas, tendo havido um momento em que na maioria dos teatros de Lisboa se representavam originais, com farta concorrencia do publico e justo proveito dos autores.

Depois disso, outras vieram ainda e mais duas sobem amanhã á scena: «A Revista de Praxedes», do popular comediografo e humorista sr. André Brun, no Theatro Avenida, e «A Féra, do ilustre dramaturgo sr. dr. Ramada Curto, no Politeama.

Trata-se de dois autores consagrados por trabalhos anteriores que o publico aplaudiu mais de uma vez, despertando as suas novas peças uma grande curiosidade que amanhã será satisfeita.

Nota do dia

Conchita e La Goya

Nos cromos já palidos dos velhos magagines de Rafael Bordalo, Portugal era sempre representado pelo bom Zé Povinho de albarda ao hombro, e a Espanha aparecia eternamente sob o ar duma rotunda andaluza de olhos repolludos e seios em melancia.

Essa é ainda a flagrante e conografia das raças.

Portugal, pobre diabo heroico e triste, tem as olheiras eternas da sua virilidade quasi doentia. A Espanha canta ainda e sempre num par de castanholas, e uma mulher espanhola, com seu «manton de manilla», cega e ofusca com um reverbero da Andaluzia sobre uma parede esselhante de azulejos arabes—cega e não deixa ver mais nada de Espanha.

Está em Lisboa la Goya, flôr de Raça admiravel, mulher de gloria, de emoção e de genio—e Goya é a propria Espanha, metida no teatro S. Luis, entre dois actos banais de revista.

Esteve em Portugal Conchita—esteve e cá ficou.

La Goya é a Raça. Conchita é apenas o coração da Raça, um coração da raia, um coração quasi português.

La Goya é uma mulher triunfal, imponente, em plena maturação, a transbordante efectividade do seu temperamento de previlegio.

Conchita—a Conchit, que ficou nos nossos olhos—não. Era uma flôr de ternura, de recato, de beleza quasi burgueza. Parecia uma rapariga de sociedade, que acedesse ao convite de ir ali para o meio da sala, dizer lindas canções para as senhoras ouvirem...

A Conchita foi pedida em casamento. A Conchita casou, usa peles caras, passeia de automovel, e tem um filhinho.

A Conchita era portuguesa... Mais, a Conchita era lisboeta.

A Conchita vai todas as noites ver La Goya. Serão amigas? Serão rivais?

A Conchita está numa friza—é uma senhora do publico, os seus olhos não estão pintados a sua pele descança feliz das tintas e dos cremes.

La Goya está em scena, o fóco electrico cega-a, as canções cançam-n'a. As palmas entontecem-n'a.

Como La Goya invejará Conchita e como Conchita deve ter saudades...

O HOMEM QUE PASSA.

Noticiario

De Portugal

La Goya regressa por estes dias a Madrid, onde descançará algum tempo, seguindo depois para as Canarias e regressando a Madrid, para cumprir um contracto no Romeu, daquela cidade. Em fevereiro voltará a Lisboa, visitando então Porto e Coimbra.

— Victorino Braga está escrevendo uma peça para a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

— Partiu para o Porto o actor Gabriel Pratas, director de scena da companhia Oscar Ribeiro, que vai trabalhar no Nacional daquela cidade.

— Estreia-se amanhã no Eldorado a bailarina Marujita Sanz.

— A revista «Tic-Tac» substituirá no Maria Victoria o «Fado Corrido».

Do estrangeiro

Suicidou-se em Paris, com um tiro de revolver, a cantora Mary Dorska. Victima, ha tempos, de um acidente de automovel e tendo sofrido um grande golpe moral, já ha meses atentára contra a existencia, absorvendo veronal, não escapando á morte senão mercê de cuidados energicos.

Mary Dorska tinha diante de si um futuro brilhante, pois ainda no ano findo obteve um exito retumbante na «Gioconda» e na «Manon». Era de uma belesa esculptural, tendo-se estreado na Opera-Comica durante a guerra, no papel de Afrodite.

— Ida Rubinstein aparecerá na proxima estação na opera francesa no «Istar», o formoso «ballet» de Vincent d'Indy.

Reclames

NACIONAL

— No Nacional realisa-se hoje a 1.ª recita da moda com a hilariante peça «O Cabeça de Turco», que está alcançando um autentico exito, motivado pela sua graciosidade e esplendido desempenho.

MARIA VICTORIA

— Continua em pleno sucesso no Teatro Maria Vitoria, do Parque Mayer, a revista «Fado Corrido», esfusiante de graça e augmentada com o quadro novo «Fitas Faladas».

—De regresso de Setubal aonde foi festejadissima, chega hoje a Lisboa a companhia Lucilia Simões-Erico Braga, que terá, aqui, uma curta demora, visto representar a 1 de setembro nas Caldas da Rainha, seguindo em direção para a Figueira da Foz, Minho e Vizeu onde representará as peças «Uma mulher sem importancia», «Zazá» «Casa em ordem», «Casaca encarnada», «Rajada», «Carta anonima», «Magda», «Amor a quanto obrigas».

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«O cabeça de turco».

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido» e La Goya.

APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».

MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

AVENIDA—Não ha espectaculo.

EDEN (duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.

ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.

AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livro.

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades

Animatografos

SALAO CENTRAL—«O segredo dos quatro».

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade

SALAO FOZ—Calçada da Gloria.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

hospede de alguns dias, distraia-o, pacificava-o, e por vezes forçava-o ao silencio. Sobre todos aqueles que a habitavam, espalhava como que um sortilegio ao mesmo tempo inexplicavel e misterioso. Exteriormente, nada tinha de notavel.

Era uma vasta edificação quadrada que dava mesmo para a estrada, mas separada dela por uma alta grade de ferro forjado envolta numa palissada de carvalho e por uma curta passagem em linha recta. Nas suas origens, fôra dum estilo anterior ao dos Tudors, depois completara-se, no decurso dos seculos, com uma fachada de belos tijolos romanos do tempo da rainha Ana, dependencias abarracadas cobertas de grossas telhas, velhas construções onde outrora se fabricava a cerveja e que, pela retaguarda, eram quasi inteiramente rodeadas por um grande pateo areado. Para lá desse pateo, estendia-se uma vasta horta cortada de carreiros ladeados de buxo que a dividiam numa duzia de retangulos e separada do pomar e duma alameda de freixos por uma larga e dupla sebe, ao centro da qual descia um caminho coberto de ramarias. Em torno da fachada ramalhavam espessos arvoredos, ocultando a casa á vista de todas as habitações que, a cincoenta metros de distancia, formavam a pequena aldeia onde ela se encontrava situada.

No interior, a casa fôra modernisada até ao ponto de se tornar quasi banal. Um vestibulo estreito dava entrada, á direita, para o salão onde naquele momento se encontravam as duas senhoras, casa espaçosa e imponente, á esquerda para a casa de jantar, e finalmente, ao fundo, para uma pequena sala de fumo, um corredor interior, vastas cozinhas e as dependencias que completavam o res-do-chão. Os dois andares superiores consistiam, o primeiro numa serie de grandes quartos bem arejados, de tectos altos e aspecto solene, o segundo numa outra serie de aguas-furtadas caiadas de branco, de sobrado de carvalho

e providas de frestas, onde se alojavam uma ou duas creadas num explendido isolamento.

Maggie agradara-se daquela casa desde o primeiro instante que nela entrara. A sua permanencia num convento francez acautelara-a contra os vertiginosos prazeres do mundo e as suas tentações, e todavia afigurava-se-lhe, após uma semana decorrida naquela nova residencia, que o mundo era muito caluniado. Reinava ali um sentimento de paz e de absoluta segurança como ela nunca tão completamente experimentara, nem mesmo na escola, e, pouco a pouco, tão aprasivelmente se instalara junto da mãe e do filho que principiara a considerar os dias passados em Londres, ou em casa de outras pessoas amigas, como desagradaveis interrupções e tempo perdido em comparação da doce vida sem cuidados que lhe era dado gosar naquela casa onde tamanha facilidade havia de ler, de orar e de sentir o espirito tranquilo. Aquela crise de coração de Laurie era quasi, pode diser-se o primeiro incidente que lhe lembrava o que ela sabia por ouvir dizer ou seja que o amor, a morte e o sofrimento formam a materia sobre a qual a vida se modela.

Com um movimento subito, inclinou-se para o fogão, pegou nas tenazes e procurou reanimar as chamas que iam amortecendo sob as achas meio consumidas.

Durante este tempo no andar superior, no seu grande quarto, vasto como um salão, um mancebo estava estendido sobre uma *chaise-longue*, perto dum fogo meio extinto, a frente invisivel, o corpo imovel.

Uma semana antes, esse homem era um daqueles que, em quasi todos os meios da sociedade se mostram á vontade, com um aspecto feliz, e que, acima de tudo, se sentem satisfeitos de si

proprios. A sua vida era realmente das mais agradaveis.

Ao sair de Oxford, havia justamente um ano, resolvera tomar os coisas como elas são, criar relações viajar um pouco com um amigo de gostos identicos aos seus, passar alguns dias em casa de outros, em suma, divertir-se á vontade, antes de começar a estudar praticamente o direito. Executara esse programa á risca, e a final de contas coroara-o, apaixonando-se, como já contámos, numa bela tarde de julho, por uma rapariga que, disso se capacitara absolutamente, devia ser a companheira que lhe estava reservada para o tempo e para a eternidade. Até aqueles ultimos trez dias a sua existencia desenrolara-se, com efeito, seguindo rigorosamente as linhas ao longo das quais o seu temperamento com maior facilidade caminhava. Era filho unico duma viuva, possuia um bom rendimento. conquistara amigos em todos os meios que frequentava, e acabava de se tornar locatario dum lindo quarto de rapaz solteiro, mesmo ao pé do Templo. Dotado de notavel inteligencia, o seu coração era ardente e convertera-se ultimamente a uma religião que satisfazia todos os instintos da sua natureza. Para ele, o mundo era o melhor dos mundos possiveis, e servia-lhe tão perfeitamente como os seus fatos de bom corte. Consistia em privilegios sem responsabilidades.

E, contudo, sobreviera a catastrofe, fulminante. Tudo estava acabado.

A campainha tocou para o almoço. Laurie voltou-se, e, deitado de costas, olhou fixamente para o tecto.

Seria, noutras circunstancias, uma fisionomia bem atraente. Sob os aneis do seu cabelo castanho, levemente dourados, abria-se um par de olhos cinzentos que, uma semana antes, resplandeciam de brilho e que estavam agora obscurecidos pelas lagrimas, revelando todos os estigmas da dôr. Os seus labios, bem desenhados, um pouco

gano, o Novo Pensamento; pelo menos, alguem m'o disse, ha um mez. Receio que não seja uma pessoa muito equilibrada. No ano passado, era vegetariana, agora dizem-me que já se deixou disso.

Maggie sorriu lentamente descobrindo uma fieira de dentes brancos e fortes:

— Já estou elucidada, minha querida tia, disse ela. Não, não penso que isso possa influir de qualquer maneira em Laurie. E' mesmo possivel que ele volte para Londres ámanhã cedo.

— Não, minha filha, não. Fica comnosco até quinta-feira.

Sobre estas palavras, cahiu de novo um desses agradaveis silencios que só são possiveis no campo. Fóra, o jardim, como os prados que se estendiam para lá da estrada, banhava-se nessa suave atmosfera impregnada de sol e harmoniosamente colorida de setembro que parecia ungir a casa com um balsamo de paz. Da herdade, por cima das estrebarias, vinha o canto estridente dum galo, seguido pelo melodioso arrulhar dum pombo empoleirado em qualquer parte, entre as tortuosas chaminés que furavam acima do telhado. E, no interior da casa, tudo era igualmente a imagem da paz. A luz do sol reflectia-se na meza e no sobrado encerado, atenuando-se ao passar pelos vidros das janelas e cortada aqui e ali pelos emblemas e brazões flamengos que decoravam os stores, enquanto aqueles dois perfis de mulheres tão perfeitamente no seu lugar, aquecidas pelo lume do fogão, meditavam no elemento pouco pacifico que acabava de subir a escadaria, na pessoa dum mancebo palido, de feições macilentas e coberto de pezado luto.

A casa era, de resto, bem caracterisadamente, um desses edificios que teem uma personalidade tão marcada e tão misteriosa como a dum espirito humano. Actuava sobre os seus visitantes duma maneira extraordinaria. Apoderava-se dum

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4403-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quinta-feira, 30 de Agosto de 1923 || Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 20 centavos

CAMBIOS

A libra fechou hoje a Esc. 96$00 e 98$46

E' DEMAIS!

Nas vesperas da gréve, com as ameaças dum movimento dessa natureza, e durante a própria gréve, nos primeiros dias mais alarmantes, o cambio tornara-se mais favoravel.

O valor da libra ia diminuindo de dia para dia.

Porquê?

Porque o Governo se mantinha firme nos seus propósitos de sanear a moeda.

O Governo não alargava a circulação fiduciaria.

O Banco de Portugal defendia-se, não concedendo os descontos, mercê dos quais a especulação sempre conseguira mais escudos sem necessitar desfazer-se das libras açambarcadas.

Essas libras iam aparecendo, porque os especuladores, os açambarcadores, não tinham remedio senão trazê-las ao mercado para alcançarem escudos.

Tudo indicava que dentro em pouco teriamos a libra a 70 ou 60 escudos.

A libra a 60 escudos seria a divisa cambial de 4, e com essa divisa, de apareceria o «deficit» orçamental, a vida equilibrar-se-hia, a classe media poderia respirar. Parar-se-hia na descida horrivel por onde corriam e correm risco de se despedaçarem, na galopada da ruina, o Estado e a Nação,

De repente, tudo mudou.

Chegou o sr. Afonso Costa, e imediatamente se notou o desafogo dos especuladores.

Já não se fala em dificuldades da praça. Já a libra dá novamente saltos, como de ontem, de mais de seis escudos, sem que ninguem reclame, porque o que se aponta como uma desgraça é quando ela se vende mais barata um ou dois escudos.

Então é que se clama que está iminente uma catastrofe. Sim, a catastrofe dos especuladores, dos açambarcadores.

Mas não.

O sr. Afonso Costa chegou ordenou que se favorecesse a alta finança, á qual está ligado por toda a especie de laços, e a ruina da nação é novamente uma perspectiva tremenda.

O sr. Afonso Costa não quer governar. Ele o declarou, categoricamente, servindo-se de sofismas atabalhoados, depois de ter conseguido eleger presidente da Republica o sr. Teixeira Gomes, com a promessa formal de constituir o primeiro governo da sua presidencia, o que fez com que a parte mais servil do seu antigo partido engeitasse a candidatura do sr. Bernardino Machado, do sr. Magalhães Lima. O sr. Afonso Costa, não quer governar: quer simplesmente ajudar a judiaria da finança a que pertence de corpo e alma.

Veio, e impoz o auxilio aos especuladores.

Por isso temos novamente a libra a caminho da divisa 1.

No dia em que a ultrapassemos, estará consumada a maior traição á patria que nestas circunstancias se poderia conceber.

Estamos novamente no regimen dos pavores do Banco de Portugal aos açambarcadores de cambiais; e vamos a caminho da inflação fiduciaria, do aumento das notas.

Tudo isto porque o país geme debaixo da pata duma oligarquia, que tornou a Republica seu monopolio, e que por sua vez obedece cegamente a um senhor onipotente!

E' demais!

Promoções

Na Direcção Geral dos Impostos lavra um grande descontentamento por ter constado que o respectivo ministro iria fazer promoções aos logares de inspectores entre os individuos que tivessem tirocinado nas repartições de finanças consoante uma disposição da lei cuja anulação esteve já dada para ordem do dia na Camara dos Deputados com o parecer do sr. Velhinho Correia que nesse parecer considera a aludida disposição como «anti-democratica» e uma verdadeira anomalia.

Os protestantes que são muitos teem tanta mais razão que os individuos que se dizem estar nas condições da promoção, de facto não o estão como se provará a seu tempo pois que nenhum tem a efectividade exigida na tal «lei anomalia.»

SEMEAR E COLHER

A Junta de Fomento Agricola

nas bases em que pensa reorganiza-la o sr. ministro da Agricultura

«BONUS» PARA IMPORTAÇÃO DE MATERIAS PRIMAS — PENSÕES DE ESTUDO NO ESTRANGEIRO—MATERIAL AGRICOLA PARA OS AGRICULTORES —

Pensa-se em utilisar as reparações

O ministro da Agricultura sr. Dr. Joaquim Ribeiro, está estudando com o maior interesse as bases em que vai ser remodelada a Junta de Fomento Agricola, á qual vai ser demarcada uma esfera de acção bem mais larga do que aquela a que tem estado restricta. Não só porque instantes solicitações neste sentido teem sido dirigidas ao sr. dr. Joaquim Ribeiro, como tambem porque isso faz parte do seu plano de realisações governativas, s. ex.ª está na disposição de dar áquele organismo uma ampla, completa e decidida função que lhe permita desempenhar um papel de notavel relevo na economia nacional,

Assim, por exemplo, á Junta de Fomento Agricola será atribuido o papel de distribuidor do bonus para a importação de adubos, sementes, etc., cabendo-lhe ainda não só a fiscalisação da aplicação desse bonús, como a descriminação das materias que nele poderão benefiiciar, entidades que poderão utilisal-o, etc.

* * *

E' tambem á Junta de Fomento Agricola que vai caber a função de fixar e distribuir as verbas para aperfeiçoamento de tecnicos no Estrangeiro segundo o plano do sr. dr. Joaquim Ribeiro.

Não só o Instituto Superior de Agronomia como as instituições de ensino pratico agricola designarão, no termo dos cursos, os alunos aos quaes poderá ser abonada a pensão de aperfeiçoamento no estrangeiro, estando reservado, pelo diploma que o sr. Ministro da Agricultura está elaborando á Junta de Fomento Agricola, o exercicio de um «controle» rigoroso, de modo a impedir que, por motivos de qualquer ordem, venha a ser praticada qualquer injustiça.

Nestas condições, não só se habilitarão tecnicos agricolas capazes de realizarem no nosso Paiz a obra de actualisação dos nossos metodos de cultura, como estabelecimentos para os estudantes dessa especialidade um belo e valioso estimulo, que é, a fim de contas, um premio para a sua aplicação.

* * *

O papel da Junta de Fomento Agricola, segundo os desejos e os propositos do sr. dr. Joaquim Ribeiro, será mais largo ainda. Mais largo e mais completo

E' sabido que os agricultores portuguezes, por mais veementes que sejam os seus intuitos de aplicar os modernos processos culturais, lutma com a dificuldade de aquisição de alfaias dos modelos mais aperfeiçoados, sobretudo porque os seus recursos não lhes permitem o desvio, para esse fim, de verbas indispensavelmente pesadas.

Para obviar a esse mal, o sr. ministro da Agricultura abrirá, pela Junta de Fomento Agricola, creditos especiais para a aquisição de material agricola estrangeiro, o qual será cedido aos agricultores, tanto por venda a prestações em datas a fixar, que não excederão, no entanto, prasos anuais, ou por aluguer.

Com estas facilidades, que o sr. dr. Joaquim Ribeiro entende não poderem ser regateadas pelo Estado, visto que, em ultima analise, a ele utilisam, e com pessoal tecnico habilitado nos meios mais proprios do estrangeiro, o sr. ministro da Agricultura entende que visão a resultar altos beneficios para a agricultura nacional, que, mau grado, os melhores desejos, reverte ainda, com bastantes exceções embora, um aspecto lamentavelmente primitivo.

* * *

Quanto ao material agricola a importar, á semelhança do que está fazendo o ilustre ministro do Comercio, sr. dr. Queiroz Vaz Guedes, o sr. dr. Joaquim Ribeiro estuda com o maior interesse a possibilidade de conseguir que ele venha da Alemanha consignado ao Estado por conta das reparações que nos são devidas. Não só porque é essa a intenção do Governo, mas ainda porque o exemplo do sr. ministro do Comercio, visto a sua acção neste particular não ter sido infeliz, estar dando bons fructos, o sr. dr. Joaquim Ribeiro espera adquirir o material necessario para que a agricultura nacional entre numa fase de intensa produção, de modo que os nossos recursos ou nos bastem na peor das hipoteses, ou nos permita restringir ao minimo os recursos que temos de procurar no estrangeiro.

A contribuição pessoal

Uma prorogação de praso que se impõe

Termina ámanhã o praso para apresentação da declaração do rendimento individual, que tem de servir de base ao pagamento da contribuição pessoal ultimamente criada.

Trata-se de um imposto novo que a maioria do publico desconhece, muitas ontras pessoas havendo que não tiveram possibilidade de fazer as indispensaveis declarações.

O sr. ministro das Finanças certamente compreende que há, portanto, necessidade de prorogar esse praso, a fim de evitar que milhares e milhares de creaturas tenham de pagar os 500$ de multa com que a lei castiga os retardatarios.

Na respectiva repartição de finanças, (a Santa Marta), esteve hoje uma verdadeira multidão, que não conseguiu ser atendida. Como o praso termina hoje, a prorogação impõe-se.

Dr. Jaime Campos

Rui Alves da Cunha

A bordo do vapor «Lourenço Marques» chegou hoje a Lisboa, de regresso de Moçambique o sportsman e nosso colega de redação sr. Rui Alves da Cunha, que era aguardado por alguns amigos. Damos-lhe as nossas boas-vindas.

Estradas e Turismo

Um conselho que se cria e é impossivel de constituir

O «Diario do Governo» publica hoje uma portaria pelo Ministerio do Comercio, dizendo ter-se reconhecido a impossibilidade de se constituir o Conselho Geral de Estradas e Turismo pela forma preceituada num decreto de 1920.

Reconhecida, porem, a necessidade de, sobre o plano geral dos trabalhos de viação ordinaria que está sendo elaborado pela Administração Geral das Estradas e Turismo, ser ouvido o parecer das entidades e corporações a quem este assunto mais especialmente interessa, é nomeada para substituir transitoriamente o aludido conselho uma comissão composta dos srs. dr. Magalhães Lima, que será o presidente; engenheiro inspector, Antonio da Conceição Parreira, administrador geral das Estradas e Turismo, que será o vice-presidente; dr. José Maria de Magalhães Pinto Ribeiro, ajudante do Procurador Geral da Republica; engenheiro Antonio dos Santos Viegas, professor de estradas no Instituto Superior Tecnico; Ricardo O'Neill, representante do Automovel Club de Portugal; dr. Augusto Lobo Alves, representante da Sociedade Propaganda de Portugal; dr Joaquim Nunes Mexia, representante da Associação Central de Agricultura Portuguesa; José Maria Alvares, representante da Associação Industrial Portuguesa; Moisés Bensabat Amzalack, representante da Associação Comercial de Lisboa; engenheiro civil Antonio José Dantas, director geral de caminhos de ferro; Alexandre de Almeida, representante da industria de exploração de hoteis; tenente-corenel Carlos Matias de Castro, representante do Serviço do Estado Maior do Exercito; engenheiro civil João Lino de Sousa Galvão Junior, chefe da Repartição de Estradas, como 1.º secretario e dr. José de Ataide, como 2.º secretario.

A cidade de David

As excavações que vão realisar-se

LONDRES, 29. — Devem iniciar-se em setembro proximo, em Jerusalem, novas escavações organisadas pelo Comité de Exploração da Palestina, que o professor Macalister dirige, a fim de pôr a descoberto a cidade de David.

As investigações serão feitas em Cima Ofelia, para além do vale de Kidrom, a leste, e no vale de Tiropeeor. Esta zona, já explorada em 1869 por Carlo Warren, contem uma grande cidade soterrada a 14 pés de profundidade e anterior ao reinado de Herodes. Em 1881 o dr. Guthe descobriu uns restos de cidade situada mais ao sul, emquanto o dr. Blios e Mr. Dickie, professor de arquitetura da Universidade de Manchester, dirigia outras excavações.

Em 1909-1911 material antiquissimo foi descoberto no Parker, junto da Fonte de Virginia, e finalmente em 1914 Weills com auxilio do barão Rothschild pôz a descoberto as fortificações, o tumulo e outras curiosidades de Ofelia. São estas ultimas excavações que a nova expedição se propõe continuar.

Crê-se que fosse situada precisamente ali a primitiva Jerusalem, parecendo que esta presumpção é verdadeira, em virtude da especial adaptação do sólo para a defesa, pela presença nas proximidades da fonte Virginia, pela canalisação pre-hebreia do Gezer, que ali corria para a cidade, pelos objectos já encontrados e, emfim, pelo testemunho da Bibilia, que para alguns é decisivo.

No ano 1000 antes de Cristo a fortaleza foi conquistada pelo rei David e por isso se chamou á povoação a Cidade de David, mas no ano 2000 foi cidade fortificada, datando dessa época a canalização do Gezer.

Se se pozerem a descoberto as grandes fortificações da mais antiga cidade e todos os seus monumentos, cujas excavações vão iniciar-se, poderá imaginar-se mais precisamente a vida dos habitantes da primitiva Jerusalem, que os dados historicos colhidos até agora apenas delineiam vagamente.

Duarte Vieira da Costa

Está em Lisboa e deu-nos o prazer da sua visita, o que muito agradecemos, o nosso amigo sr. Duarte Vieira da Costa, agente da «Capital» em Vizeu.

No Tribunal Militar

Foi presa a testemunha padre Faria Lopes por falsas declarações

No Tribunal Militar de Santa Clara recomeçou hoje o julgamento dos individuos acusados de, na estação de Leiria, atentarem contra a vida do sr. Alfredo da Silva.

A audiencia abriu ás 13 horas sendo chamado a depôr o sr. Teodoro Covas, carregador da estação daquela cidade, que ratificou as declaraões já feitas ao tribunal por outras testemunhas, afirmando não poder, porém, reconhecer os reus, porque na estação estava muita gente. Viu tambem o agente Oliveira disparar alguns tiros, não sabendo se foram dados para o ar ou para a multidão. Não pode dizer quem feriu o sr. Alfredo da Silva, porque na estação estabeleceu-se grande balburdia e confusão.

O padre sr. Faria Lopes, secretario do Hospital de Leiria, que seguia no comboio em que ia o director da C. U. F., mas em terceira classe, não poude ver, por esse motivo, quem foram os agressores do sr. Alfredo da Silva. Ouviu, porém, vivas á Republica e morras áquele industrial. Acrescentou tambem que ouviu dizer ao director da C. U. F. que o Ferrão tinha sido o seu salvador.

O sr. juiz auditor advertiu a testemunha de que o seu depoimento não estava em conformidade com o auto de declarações, verificando-se nele grandes contradições. O padre sr. Faria Lopes pediu, então, para o auto ser lido, confirmando dêle apenas uma parte, dizendo que só ouviu afirmar quem eram os agressores e ter visto na estação o tenente sr. Lopes e o capitão sr. Pascoal, não vendo o assalto á carruagem do sr. Alfredo da Silva.

O sr. promotor, em consequencia das declarações contraditorias prestadas ao tribunal pela testemunha com aquelas que fez quando da instauração do processo, propoz um quesito ao juri para que a testemunha fosse dada como perjura.

O sr. presidente aprovou, reunindo em seguida o juri, que voltou cinco minutos depois á sala, dando o quesito como aprovado.

O padre sr. Faria Lopes foi então preso e remetido para o Governo Civil, juntamente com o auto de declarações falsas, devendo ainda hoje ser remetido para a comarca de Leiria a fim de ser entregue ao poder judicial.

Em seguida foi suspensa a audiencia.

Ministro do Comercio

O sr. dr. Queiroz Vaz Guedes, ilustre ministro do Comercio, conta partir hoje para Arcos de Val de Vez, a descansar uns dias. Se, porém, por qualquer motivo, a partida tiver de ser adiada, não irá alem de amanhã.

A situação financeira

O Governo que, pela pasta das Finanças, contava criar para já, no intuito de prover ás dificuldades do Comercio, a Camara de Compensações e o Cheque Cruzado, resolveu aguardar melhor oportunidade para a adoção dessas medidas.

Embora os bancos se queixem de falta de numerario, o sr. ministro das Finanças não perdeu ainda o seu explendido e comunicativo optimismo, esperando que a situação melhore sem ter que recorrer ao aumento da circulação fiduciaria.

Neste ponto, a opinião do Governo é clara e terminante: nem mais uma nota. De resto, o sr. ministro das Finanças tem a sua opinião formada a este respeito e não desiste dela.

EM LOANDA

O Congresso de Medicina Tropical

Tomaram parte nele notaveis medicos portugueses, belgas e ingleses

De regresso de Loanda, onde foram tomar parte no Congresso de Medicina Tropical, que ali se realizou em Julho, estão em Lisboa os medicos portugueses, Luís Guerreiro, Manuel de Vasconcelos, João de Almeida Côrte-Real, Jacinto de Sousa e Mario de Andrade e os seus colegas belgas J. Rhodain, de Boma; Schwetz, chefe da missão contra a molestia do sôno em Kuilo; Walravens, director do laboratorio de Uisabethville, e Guillet, francês, medico das tropas coloniais, encarregado da assistencia indigena em Brazzaville.

O congresso foi muito importante, tendo nêle tomado parte 75 medicos portugueses e estrangeiros representando cinco grandes colonias: Africa do Sul, Moçambique, Congo Belga, Africa Equatorial Francesa e Angola. A Africa Ocidental Francesa, a Nigeria e o Cameroun fizeram-se tambem representar por alguns medicos ilustres A Faculdade de Medicina de Paris e o seu Instituto Colonial, as Faculdades de Medicina de Lisboa e Porto e as escolas de medicina tropical de Londres e Lisboa tiveram tambem ali os seus representantes

Realizaram-se oito sessões, estudando-se demoradamente tudo quanto se liga com o problema da assistencia medica ao indigena.

A comissão de honra era presidida pelo Alto Comissario sr. Norton de Matos, tendo como vice-presidentes, alem do governador de S. Tomé, o governador geral do Congo Belga, sr. M. Rutten, e o governador geral da Africa Equatorial Francesa, dr. Victor Aganheur. Os vogais foram medicos franceses belgas e portugueses.

As teses apresentadas foram em numero de 83, tendo sido enviados por individualidades nacionais e estrangeiras 17 relatorios, memorias e comunicações.

* * *

Os medicos que tomaram parte no congresso foram os seguintes:

Dr. Antonio Damas Mora, tenente coronel medico, Chefe dos Serviços de Saude da Provincia de S. Tomé e Principe e em comissão como Chefe da Repartição Superior de Saude e Higiene de Angola; Dr. Indalencio Froilano de Melo, professor da Escola de Medicina de Nova Gôa, sub-chefe dos Serviços de Saude do Estado da India, Loanda Dr. Alberto Carlos Germano da Silva Corrêa, professor da Escola de Medicina de Nova Gôa, e Director do gabinete de antropologia do Instituto de Investigações Scientificas de Angola Loanda; Dr. Carlos França, naturalista do Museu da Faculdade de Sciencias de Lisboa, Loanda: Dr. James Alexandre Mitchell, Secretario de Higiene e Chefe dos Serviços de Saude da União Sul Africana, Captown; Dr. J. Rhodain medico no Congo Belga, Boma; Dr. Joseph Vassal, Director dos Serviços de Saude da Africa Equatorial Francêsa Brazzaville; Dr. Marcel Léger, Director do Instituto de biologia da Africa Ocidental Francêsa, Dakar; Dr. Heckenroth, Inspector dos Serviços de Saude da Africa Ocidental Francêsa, Dakar; Dr. Francisco Ferreira dos Santos, coronel medico, Chefe dos Serviços de Saude da Provincia de Moçambique, Lourenço Marques; Dr. O. Connal, medico da Nigeria, Lagos; Dr. Luiz Tanon, professor agregado da Faculdade de Medicina de Paris, Douala; Dr. Ayres Kopke, professor de parasitologia da Escola de Medicina Tropical, Lisboa; Dr. Emilio Brumpt, professar de parasitologia do Instituto Colonial e da Faculdade de Medicina de Paris; Dr. Joyeux, professor do Instituto Colonial e da Faculdade de Medicina de Paris.

Dr. Maurice Noque, sub director da Escola Medica da Africa Ocidental Franceza, Dakar; Dr. Guillet, medico das Tropas Coloniais, Encarregado da Assistencia indigena em Brazzaville; Dr. Dr. E. Lejeume, Inspector, Chefe de Serviço Medico no Congo—Kassai, Congo Belga; Dr. Maurice Blanchard, Director do Instituto Pasteur de Brazzaville; Dr. Van Hoof, Director do Laboratorio de Leopoldville; Dr. Walravens, Director do Laboratorio de Elisabethville; Dr. Schwetz, Chefe da missão contra a molestia do sono em Kuila, Congo Belga; P. Hyacint Julien Robert Vanderist, Missionario no Kuango (Congo Belga), Kuisantu; Dr. G. J. P. Barger, Missionario medico da missão religiosa dos Discipulos de Cristo no Congo Belga; Dr. Georg Natanael Palmaer, medico da Missão Sueca do Baixo Congo, Congo Belga; Dr. Alan Fabriel Bodmam, medico da Missão Evangelica ingleza do Blé; Dr. Henry Stanley Hollenbech, medico da Missão Evangelica ingleza do Blé; Dr. Luiz Augusto Fontoura de Sequeira, adjunto do Laboratorio de Lourenço Marques; Dr. Antonio Barradas, Professor do Liceu de L. Marques; Dr. Miguel Machado, medico, S. Tomé; Dr. Eduardo Lemes, medico, S. Tomé; Dr. José Côrte Real, medico, S. Tomé; Dr. João Evangelista Quintão Meyreles, Professor de Higiene das Escolas Primarias Superiores e Medico da Saudade Escolar, Lisboa; Dr. João d'Almeida, Porto; Dr. Manuel de Vasconcelos Carneiro e Menezes, Inspector Sanitario do Trabalho (Chefe) Lisboa; Dr. Antonio Emilio de Magalhães, Porto; Dr. Enrico Carlos d'Almeida, Inspector Sanitario do Instituto de Missões Coloniais, Lisboa; Dr. Alberto Kendall Ramos Magalhães, assistente dos Serviços d'Oftalmologia do Hospital da Misericordia, Porto; Dr. Luiz de Figueiredo Cabral, Lisboa; Dr. Roberto de Almeida, Lisboa.

Dr. Mario Pereira Lage, Lisboa: dr. Luiz A. Guerreiro Junior, 1.º assistente do curso de Anatomia Topografica, Lisboa; dr. Afonso Henriques Marques Manaças, medico, Lisboa; dr. Jacinto e Sousa, assistente, Porto; dr. Mario Andrade, Porto; dr. Alfredo Barata da Rocha, Lisboa; dr. Frederico Mauperin Santos, Porto; dr. José da Silva Neves, director de serviço de urologia e sifilis no Hospital de Loanda; dr. Manuel do Nascimento de Almeida, delegado de saude em Bailundo; dr. João Lopes da Cruz, medico, Loanda; dr. Anibal da Camara Pires, medico, Loanda; dr. Alexandre Bolounha, medico, Loanda; dr. Edmundo Vasques Pereira, medico, Loanda; dr. Antonio Rodrigues da Costa, delegado de saude da Chibia, Loanda; dr. Frederico Leopoldino Rebelo, Loanda; dr. Antonio Ladislau Santana Paes, director interino do Laboratorio do Hospital de Loanda, Loanda; dr. Waldemar Gomes Teixeira, delegado de saude do Ambriz; dr. Francisco Venancio da Silva, delegado de saude de Catete; dr. Joaquim Fernandes dos Santos Junior, delegado de saude no Golungo Alto; dr. Joaquim Fernandes Figueira, medico militar, Loanda; dr. Carlos Leopoldino de Almeida, Loanda; dr. José Maria Saita Machado, Loanda; dr. Tolentino de Sousa Ganho, Loanda; dr. Artur d'Almeida Fça, medico veterinario chefe, Loanda.

Dr. Antonio Lebre, medico veterinario melitar, Loanda; Dr. Adolfo Rodrigues de Morais, director do Laboratorio de Patologia Veterinaria, Loanda; Dr. Abel Prates, medico veterinario, Loanda; Dr. Antonio Alves Freire, medico veterinario, Loanda; Dr. Armando da Conceição Simões, médico veterinario, Loanda; Padre Antonio de Miranda Magalhães, missionario, Loanda; Artur Jaime de Sousa Matta, farmaceutico em chefe, Director do Deposito Central de Medicamentos, Loanda; Antonio Correia Adelino, farmaceutico de 1.ª classe, Director da Farmacia Central, Loanda; Carlos Alberto Caceta de Victoria Pereira, farmaceutico de 1.ª classe, Loanda; Virgilio Paiva Marques da Costa, farmoceutico de 2.ª classe, Loanda; Dr. Alfredo Antonio de Magalhães, director do Serviço de Estomatologia, Loanda.

* * *

Foi este o primeiro congresso internacional de medicina tropical que reuniu em terras africanas, o que é para os seus organisadores, entre os quais convem salientar o nome do ilustre medico e colonial sr. dr. Damas Mora, um motivo de legitimo orgulho.

Prova-se assim que o que nunca efectivaram paises mais avançados cheios de recursos, o fizemos nós pequenos, ignorados, tidos geralmente no estrangeiro, e até em Portugal, como vagos colonos impaludados, apenas meio civilisados mandando uns vagos pretos, completamente selvagens.

Presidente eleito

Ainda se não sabe se o futuro Chefe do Estado ocupará o Palacio de Belem

Noticia um jornal da manhã que se estão preparando instalações no Palacio de Belem para receber o sr. Presidente eleito apos a sua posse em 5 de Outubro.

Carece de fundamento a informação, posto que na Presidencia da Republica nada se sabe a esse respeito, segundo nos declarou muito amavelmente o sr. Jaime Atias.

Os anexos do Palacio de Belem, destinados á residencia do chefe do Estado, não carecem de preparativos especiais.

E' possivel que S. Ex.ª venha a utilisa-los, mas nada está determinado nesse sentido.

Para reparação e conservação dos antigos palacios reais ha uma brigada permanente de operarios que ali trabalham ha dias no desempenho das suas habituaes funções. Possivelmente este facto deu origem á informação referida

NOTAS A LAPIS

Os Empatas

Nós bem sabemos que os regulamentos mandam que assim se faça: os destroços do avião que o tenente sr. Dias Leite tripulava, quando foi victima do desastre que o ia matando em Badajoz, pagaram de direitos na fronteira, para poderem entrar em Portugal, 520 escudos.

E' de um comico irresistivel esta determinação da lei, demonstrando bem á evidencia quanto pode a burocracia e até onde se pode ir em materia de dificuldades, derivados do precenchimento de gunos do exame de ajustos, de toda essa complicação adnuneira da nossa terra. O avião era do Estado; o dinheiro que se cobrou é para o Estado. Pois os destroços não entravam em Portugal emquanto o Estado não tirasse da algibeira da direita para meter na da esquerda, os 520 escudos que a Alfandega exigia.

E' ou não é com co? E' ou não é ridiculo? E' ou não é o Empata, embrulhando tudo, dificultando tudo, pondo carimbos, lançando despachos, prehencendo documentos, gastando papel e tinta e, o que é peor, perdendo tempo e fazendo-o perder aos mais?

Que séca.

Uma medida energica

Na Italia não ha divorcio. A lei não permite que os esposos que deixam de se agradar, possam separar os seus destinos.

Mas o processo de iludir esta lei tornou-se simples e constante. Bastava aquelles que queriam divorciar-se, dirigir-se a Fiume, naturalisar-se ali e, beneficiando das leis locaes para conseguirem a separação. Dias depois recolhiam a Roma ou a Florença, e soli citavam a volta á nacionalidade italiana. Custava-lhe, apenas algumas passadas poucas despezas, e conseguiam o que desejavam.

Mas agora o governo de Mussolini entendeu que a comedia era já demais. E fez saber que de futuro os subditos do reino que abandonarem a nacionalidade, não poderão recupera-la.

Caprichos

Um individuo qualquer em França fez subir comsigo em um avião um excelente cevado, pesando cerca de duas centenas de kilos. O animal e o dono andaram lá por cima e quando se fez a aterrissagem, o animal foi comprado por um comerciante dos mercados de Paris, que o fez transportar para a grande capital pelo caminho dos ares. O porco chegou magnificamente disposto, mas recusou-se terminantemente a deixar-se entrevistar.

Nos degraus do trono

Como se sabe, os inglezes acham que as pessoas que não se casam não são dignas de respeito, censurando, por isso, acerbamente os celibatarios. O proprio principe de Galles não tem escapado a essa censura, atenuada pela afeição que todos lhe dedicam. A esse proposito, um jornal inglez conta a seguinte anedocta:

Ha tempos o rei Jorge V chamou o principe e reprovou-lhe em termos um tanto ou quanto asperos, a sua indiferença, real ou simulada, pelo casamento.

— Porque esperas? — perguntou-lhe. — Tua irmã casou-se; teu irmão, o duque de York, vai casar. Tu és o herdeiro do trono, «by jove».

— Meu pai — respondeu o principe — não se zangue. E' que eu não me esqueço nunca das palavras de meu avô, pouco antes de morrer. «Meu filho, disse Eduardo VII, decerto subirá ao trono, mas não posso dizer o mesmo do eu neto». Por isso eu não tenho tido grande pressa.

Um avô

Devido ás dificuldades financeiras da empresa proprietaria está ameaçado de desaparecer o jornal *Tching Pão*, que se publica em Pekin.

A primeira vista, a noticia é vulgar e pouco de molde a comover-nos, uma vez que sobre a imprensa portugueza está pesando neste momento identica perspectiva. Mas a informação tem interesse, pois o *Tching Pão* tem mil anos de existencia, sendo o jornal mais antigo do mundo, o avô de todos os jornais.

São dez seculos de vida que se extinguem e embora não tenhamos visto nunca esse jornal, sinceramente lamentamos o seu desaparecimento.

Medo injustificado

Um operario qualquer de Milão, chamado Cariothi, recebeu a informação de que a policia andava á sua procura. Sem duvida, a sua consciencia estava tranquila, sabia que não roubára nem matara, mas, apesar disso, não se mostrava muito disposto a tomar conhecimento com os agentes. E fazia todo o possivel para que eles não o encontrassem.

Ha dias não poude evitar, porém, que um deles o descobrisse. E foi pela sua boca que Cariotti soube que um seu irmão, falecido na Australia, lhe deixára uma fortuna de 400.000 libras, por ser ele o seu unico herdeiro. Cariotti é hoje um grande amigo da policia.

Quiproquo

Os jornais de Agram contam que ha poucos dias chegou ali a noticia de que o nuncio do Papa ia visitar a cidade. A lingua croata não tem vocabulo que traduza a palavra italiana Nunzio. Quando se ouviu falar da chegada de Nunzio, toda a gente acreditou que se tratava de um diminutivo do nome de d'Annunzio, muito popular na Croacia. E uma enorme multidão apareceu na gare para aclamar o poeta.

O espanto foi grande quando o comboio parou e os manifestantes viram descer da carruagem um prelado, cujos traços fisionomicos não eram bem os do heroi de Fiume. O mais assombrado, porém, foi o nuncio, quando ouviu as aclamações «Viva d'Annunzio» soltadas por aqueles que, não tendo conseguido entrar na estação e não sabendo, portanto, o que se passava, aguardavam no largo o autor do *Il Fuoco*.

PUBLICAÇÕES

«A Novela»—«A B C»

Dirigida pelo sr. Jorge Santos, deve sair nos primeiros dias de Setembro uma interessante publicação semanal intitulada «A Novela» que publicará em todos os numeros um pequeno romance cinematografico, genero novo entre nós, pela forma como vai ser lançado em publico.

«A Novela» publicará ainda uma cuidada pagina de «sport» que ficará a cargo dum conhecido jornalista do genero.

—O presente numero do «A B C» é em boa verdade sensacional. Quando toda a gente se preocupa com a misteriosa fuga dos presos do forte de S. Julião da Barra, a interessante revista publica a reconstituição deste extranho acontecimento que vem ilustrada com uma bela reportagem fotografica.

Vida Elegante

Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Elvira de Macedo Egas Moniz, seguiu para a sua casa de Avanca o sr. dr. Egas Moniz.

—Partiu hoje para a Curia acompanhado de sua familia o maestro Teofilo Saguer.

—Regressou do estrangeiro o sr. Visconde de Santarem.

—Passou ontem o aniversario natalicio da menina Tereza La Guardia, gentil filha de madame Dolores de La Guardia.

—Parte amanhã para França, onde vai especialisar-se em doenças de crianças, o sr. dr. Alvaro Serra Negrão.

ULTIMA HORA

O massacre de italianos

O ultimatum da Italia á Grecia

ROMA, 30—Em seguida ao massacre da missão italiana no Epiro, o secretario geral da missão inter-aliada para a delimitação da fronteira grego-albaneza enviou ao governo italiano um detalhado relatorio pelo qual se verifica que o crime obedeceu a intuitos politicos.

O governo italiano encarregou o seu ministro em Atenas de apresentar uma energica nota ao governo grego, com as seguintes exigencias:

1.º—Apresentação de desculpas oficiais pelas mais altas autoridades militares gregas, na Legação da Italia em Atenas.

2.º—Solenes e oficiais exequias na Catedral Catolica de Atenas, com a presença do governo grego.

3.º—Uma esquadra grega dará uma salva de 21 tiros em honra da bandeira italiana, que flutuará nos navios da divisão italiana, já concentrada e que vai partir imediatamente para um porto do Pireu.

4.º—Severissimo inquerito levado a efeito no local do massacre dentro de cinco dias.

5.º—Condenação á morte dos criminosos.

6.º—Pagamento, no praso de 5 dias duma indemnisação de 50 milhões de liras.

7.º—As maiores honras militares quando as vitimas forem transportadas para Italia.

Os jornaes italianos acusam claramente o governo de Atenas de ter instigado o crime, exigindo a completa aceitação do ultimatum italiano.

Todos os governos estrangeiros teem enviado pesames ao governo italiano. —L.

Gremio do Minho

A comissão organisadora do Gremio do Minho, na sua reunião de ontem, resolveu procurar o sr. ministro do Comercio, a fim de lhe solicitar que seja concluida a estação do caminho de ferro de Monção e se faça o seguimento da linha ferrea até Melgaço, tratando tambem de outros melhoramentos da provincia, como sejam a reparação e a conclusão de estradas.

Os estatutos do Gremio já foram entregues ao sr. governador civil, para serem submetidos á sua aprovação. A inauguração oficial deve realisar-se no proximo mez de outubro.

Um dos membros da comissão organisadora, visitará em missão de propaganda do Gremio as cidades de Braga, Guimarães e Viana e varias vilas importantes do Minho, no proximo mez de Setembro.

Conselho de ministros

Na reunião de hoje do conselho de ministro, o sr. ministro das Finanças fez uma larga exposição ácerca da situação financeira e apresentou um plano de soluções imediatas. O conselho resolveu iniciar amanhã a discussão desse plano.

Ecos da gréve

Os individuos que se encontravam presos por incitarem á gréve ou distribuirem manifestos foram todos soltos, não se encontrando, portanto, ninguem preso por esse motivo nos calabouços do Governo Civil.

A policia já hoje não teve prevenções, tendo tambem retirado do governo civil os «camions» do exercito que ali se encontravam.

Hoje foi preso tendo sido entregue á Policia de Segurança do Estado José de Almeida Figueiredo, por ser conivente com José do Amaral, foi preso ha dias, no atentado dinamitista que em 24 do corrente se deu na Avenida Antonio Augusto de Aguia contra um carro electrico e de que resultou ficarem feridos varios passageiros, o conductor e o guarda-freio.

Chegaram os landins

Veem satisfeitos com a viagem e pela visita á metropole

A bordo do «Lourenço Marques», chegaram esta madrugada a Lisboa, desembarcando ás primeiras horas da manhã, os dez soldados landins, da 15.ª companhia de Inhambane, que veem a Portugal representar os soldados de Africa que tomaram parte na campanha do Sul de Angola, cuja comemoração se faz no proximo dia 4 de Setembro.

Todos eles veem satisfeitos com a viagem e a visita á metropole, encantando-os tudo quanto viram ao transporte do cais para o Deposito Colonial, onde ficaram aquartelados.

Durante a viagem foi-lhes ministrada instrucção militar pelos 1.º e 2.º sargentos srs. Soares e Silva e pelo 1.º cabo sr. Graça.

Aguardavam a sua chegada os srs. tenente-coronel Cardoso, capitão da G. N. R., Pires e tenente Pinto da Fonseca, representante do comandante do Deposito Colonial.

Entre eles vem um 1.º cabo, chamado Peixe-Cera, o unico que fala alguma coisa de portuguez. Manifestou-nos a sua alegria pela vinda a Portugal e disse-nos as suas impressões de viagem. Apenas um soldado adoeceu ultimamente com uma constipação, resultante da mudança de clima.

Falou-nos com entusiasmo e com um certo orgulho dos camaradas da sua raça que durante a guerra se bateram heroicamente, tendo merecido, por isso, as mais altas recompensas.

Nenhum deles tomou parte nas campanhas do Sul de Angola, pois estão nas fileiras ha pouco tempo.

Fiscalisação de impostos

O sr. ministro das Finanças vai nomear, por estes dias um comissão presidida por um oficial superior do Exercito, para fiscalisar a aplicação dos novos impostos, principalmente o de transações.

Necrologia

Faleceu ontem o sr. Anibal Gomes, antigo corrector de hoteis. O seu funeral realisou-se hoje pelas 16 horas da residencia do extinto, Arco Escuro, 10, 2.º para o cemiterio do Alto de S. João.

—Ericeira, 30.—Faleceu ontem a menor Ivone da Costa Bella, filha do sr. Antonio Rodrigues da Bella. O cadaver seguiu hoje para jazigo no cemiterio dos Prazeres.

Dr. Afonso Costa chefe do Governo?

De fonte oficial disseram-nos ser hoje que tem corrido o boato de que o dr. Afonso Costa tinha vindo a Lisboa com o intuito de aconselhar o Governo a alimentar a circulação fiduciaria.

Segundo a mesma informação o orientador do partido democratico teve como objectivo, na sua visita á capital o conhecimento do ambiente de modo a verificar se ele seria propicio ao seu regresso á actividade politica.

O sr. Afonso Costa terá levado de Lisboa impressões agradaveis de tal modo que os seus amigos contam vê-lo na presidencia do primeiro governo do sr. Teixeira Gomes. Diz-se, até, que alguns dos principais elementos desse possivel ministerio já estão escolhidos.

Damos esta noticia com as naturaes reservas, apesar da sua origem. O sr. dr. Afonso Costa sente-se bem na atmosfera estrangeira que respira e os ares de Portugal, durante um praso longo, poderiam fazer mal á sua saude.

Inquilinato

A regulamentação da lei e o conselho de ministros

Reune amanhã o conselho de ministros, ao qual o titular da pasta da Justiça tenciona apresentar o decreto sobre inquilinato, prejudicado pelos ultimos incidentes.

Seria de todo o ponto conveniente que o Governo se ocupasse amanhã do assunto, visto como, retirando-se o sr. dr. Abranches Ferrão para a sua habitual cura de aguas, só para meados de Setembro o assunto poderia ser resolvido.

Embora em ferias, os ministros aproveitam todas as circunstancias propicias para utilisar as nebulosidades da lei vigente. A cuja insuficiencia o sr. dr. Abranches Ferrão parece querer dar forte remedio.

Os partidos

Escreve-nos o sr. Anibal da Costa Tavares e Silva, socio n.º 31 do Centro Republicano Antonio Luiz Inacio, a dizer-nos que a assembleia a que ontem nos referimos, realisada naquela colectividade, não funcionou legalmente, pois não tomou parte nela o numero de socios marcado pelos estatutos, sendo, portanto, nulas as suas decisões.

TANGER

A conferencia a realisar em Londres

LONDRES, 30.— O senhor Alba, ministro de Espanha, propoz um plano para a abertura em Londres da conferencia que tratará da questão de Tanger, em 28 de Setembro. (R).

O vapor "Moçambique,"

O maquinista doente — Festas a bordo

A bordo do «Lourenço Marques» chegou hoje, gravemente enfermo, o 1.º maquinista do vapor «Moçambique», sr. Frederico de Sousa. No cais era aguardado pela familia, sendo conduzido para casa num trem.

De bordo do «Moçambique» recebemos hoje o seguinte radio:

—Havendo a bordo grandes festejos desportivos e teatrais, os passageiros de 2.ª classe, não deixam de recordar as suas familias a quem cumprimentam bem como toda a imprensa.

Os Postos de socorros nocturnos

Porque não funcionaram a noite passada

A direcção dos postos de Socorros Nocturnos fez constar que os mesmos não poderam funcionar a noite passada em virtude de o Parque Automovel Militar ter resolvido á ultima hora suspender o fornecimento de side-cars.

Como é sabido os postos de socorros funcionam ha já 3 anos por proposta do ilustre clinico sr. dr. Corvinel Moreira, tendo o Estado chamado a si tal beneficio, que é uma dependencia do Instituto de Seguros Sociais. Actualmente ha em Lisboa 6 postos, a saber: Misericordia, Bemfica, Alcantara, Beato, Santa Clara e Campo Grande, existindo em cada um deles, a partir das 18 horas, um medico cujos cuidados podem ser reclamados em urgencia.

Têm esses postos prestado grandes serviços ao publico e, tanto assim, que as chamadas têm aumentado consideravelmente nos ultimos tempos, dando uma média de 5 chamadas por dia.

A resolução do P. A. M., que causou certa estranhesa, foi explicada com a necessidade de ter todas as viaturas de prevenção, visto que se esperava na noite passada qualquer acontecimento de gravidade que originasse a alteração da ordem.

Seja como fôr, o sr. dr. Corvinel Moreira já hoje esteve tratando do assunto e a pedir providencias junto do sr. dr. João Luis Ricardo, director geral do Instituto de Seguros Sociais, sendo de esperar que amanhã ou depois lá se encontrem removidas as dificuldades que ontem surgiram.

O que vai pelo mundo

Os Estrangeiros na Alemanha

BERLIM, 30.— A comissão central de ... da cidade de Berlim reve... ...dos os estrangeiros ... de trinta e ... 1923 ... milhões de marcos de imposto cobrado sobre a estadia dos estrangeiros nesta cidade. (R).

Batling Siki na America

PARIS, 30.— Batling Siki antes da embarcar para a America declarou aos jornalistas que vae ali para assistir ao combate que se celebrará em 14 de Setembro entre o campeão do mundo Jack Dempsey e Firpo e que logo que seja conhecido o resultado desafiará o vencedor. Declarou tambem que quando voltar da America se encontrará com Carpentier logo que este deseje e. O grande boxeur senegalês vae acompanhado do seu manager e leva contractos muitissimos vantajosos. (R).

Um invento alemão

BERLIM, 30.— Teem continuado com muito sucesso as experiencias feitas pelas fabricas de aeroplanos sem motor de Augsburg que conseguiu construir um pequeno avião com um motor de pouca potencia, sobre tres rodas com 75 kilos de peso. A força do motor é de 4 cavalos e meio. Este aparelho poderá alcançar uma velocidade de 125 kilometros por hora, podendo cobrir-se ás asas quando aterrar e transmitir-se a força motriz ás rodas caminha como um triciclo. (R).

O Danubio envenenado

SOFIA, 30.— Continuam em estado grave mais de mil habitantes da cidade de Vidin, na Bulgaria, que foram envenenados por beber agua do Danubio. As pessoas que tem bebido agua do Danubio nos ultimos tempos principalmente mulheres e crianças teem morrido com horriveis dores no estomago e vomitos tendo-se deduzido do teor que as aguas estão fortemente inquinadas e tendo-se mandado proceder á sua analise quimica. (R).

Os ultimos anos de Junqueiro

Do ultimo numero da revista «A Aguia», dedicado á memoria de Guerra Junqueiro e organisado pelo ilustre escritor sr. dr. Leonardo Coimbra, transcrevemos o artigo que segue do notavel homem de letras sr. Raul Brandão:

Conheci Guerra Junqueiro em diferentes épocas da vida. Nunca me fez tanta impressão como da ultima vez que o vi deante de mim, magro e doente, com os braços estendidos e as mãos abertas:

— Pesei o bem que fiz e o mal que fiz...

Quando este drama se passa num tablado como a alma de Junqueiro assume proporções eternas. Absorve-nos. Já não posso arrancar os olhos não deste homem, mas desta figura enorme... Tenho por força de debater tambem comigo mesmo o problema que o interessa e que me interessa, e a interrogação não consigo arredá-la, nem quero, sem lhe dar uma resposta condigna. Quem? que mal? — A vida passa num rapido instante. Um nada. Um minuto de ternura e dôr. Piedade, sonho, um pouco de luz onde entra já a sombra da morte. Nada... nada. Um sorriso com os olhos molhados de lágrimas. Uma coisa tremenda que nos leva sufocados e aturdidos, quasi sem reflexão possivel. Banal para os frivolos, inutil para os scepticos. Mas tão dolorosa e tão pesada para as grandes almas, capazes de a conceberem e de a cumprirem, que elas sós carregam com a sua cruz e a nossa cruz. E o pêso redobra, o pêso esmaga-as. Nelas o universo vibra com tal intensidade que as devora. Porque o mundo nós é que o construimos, dilatando-o até ao infinito, ou reduzindo-o a proporções mesquinhas. E que tamanho era o mundo de Junqueiro? — é a primeira coisa que devo perguntar. Do tamanho da sua obra, desde a *Morte de D. João* aos *Simples*.

Ouçam-no. Vóz prodigiosa que atinge a orquestração formidavel de *A Patria* ou que nos fala baixinho pela bôca dos humildes, que possui todos os tons, que vai do sarcasmo ao lirismo, que descreve, domina, subjuga e encanta. Grande, humano, profundo coração, que desejou ser Poeta e ser Santo, os dois mais altos cumes que o homem póde atingir na vida, e só bateu por extraordinarias concepções de génio! Todos nós assistimos á subida desse calvario. Se caíu, ergueu-se logo e ficou maior. Arrancou os trapos para poder ir mais longe. Transformou-se. Reduziu-se a ôsso e alma. Pregou-se e pregou-nos Deus. Ha contradições na sua vida? O sofrimento que ele atravessou nessas horas de lucta, vendo-se vencido, é o testemunho realisado em si proprio egoismo, até alcançar a vida ideal. «O meu esforço, a lucta que sustento é o meu martirio e o meu perdão». Arqueja nas subidas a pique até chegar — reparem na figura enorme — ao pé de nós, descarnado e com as mãos abertas:

— Pesei o bem que fiz e o mal que fiz...

Que lhe fizeste, vida? Amarfanhaste-o — engrandeceste-o.

Quantas vezes me detenho a pensar, e a dizer as mesmas palavras da minha vida, áquelas a quem devo as horas mais silenciosas, mais recolhidas e mais belas: — Valeu-te a pena? Trocaste a vida pelo sonho. Gastaste-te a criar, sabe Deus á custa de que absorção dolorosa. Nem vaidade satisfeita, nem vulgares interesses mesquinhos. Deste-nos a tua alma, e a tua existencia foi um esforço sobre-humano para atingir a beleza espiritual e a beleza moral. Nisto passaram as melhores horas da vida — passam a vida — e se consumiram cérebros e nervos, de homens que se chamam Herculano, Antero, Camilo e Junqueiro, que durante vinte, trinta anos, levaram a alma ao fogo dum cadinho, esquecendo-se que a vida galopa a nosso lado, e de que, se nos arrependermos, não ha esforços, nem gritos, nem suplicas, nem sentimentos, nem razões que a detenham. Profissão, se é profissão, a pior de todas que conheço. Dela extraem alguns vaidade, e os vaidosos são felizes. Dela tambem se extráe sofrimento. Dela se morre. Vejo Camilo deitar a mão ao revólver e leio nos olhos de Antero o minuto supremo de angustia. Aí está o Eça exausto, e o pobre Fialho carrega com um fardo que mete medo. Todos estes homens só tiveram uma existencia de sonho, uma existencia tão pesada e humilde de trabalho, que não ha aí ninguem que a compreenda, que a inveje. Uma força os obriga a subir sempre, a subir ainda que não queiram. Nem desviam os olhos, nem se sentem sangrar. Totalmente se entregam... Um momento deante da sombra destes grandes mortos para chegar ao pé deste fantasma e perguntar-lhe enfim: — Que bem? que mal? se só viveste uma vida imaginaria, trocando a realidade pela ficção? — Os poetas estão sempre diante de uma mãos de Deus, e só ele é que póde arcar com almas de tanta grandeza. Nós só sabemos que o homem que sofre e se dilacera é o unico que conta nesta vida. Para a temeroso que enche o céu e a terra. Se Ele está, como creio, vivo, ha de dizer-lhes a um e um: — Como tu tens sofrido! — Mas se está morto, resta-nos ainda, depois de tanta discussão, de tanta lucta e de tanto grito, o trabalho de o sepultarmos.

Quanto a Junqueiro é inutil perguntar-lhe se está arrependido de nos ter dado a vida e a alma.

Não sossegava, não podia, até nos ultimos dias. Naquele cérebro só havia um pensamento obstinado. O genial artista duvidava dos seus livros, e queria realizar ainda mais belo e mais perfeito.

— O melhor da minha obra fica por fazer. Não posso trabalhar! não posso trabalhar! O cérebro regula-me na mesma, mas se me sento á mesa para escrever duas linhas fico logo fatigado. Passo as noites em sonhos fóra de toda a realidade. Acordo sempre cansado. Quando poderei juntar as cinco mil páginas de notas da minha filosofia, o *Caminho do Céu*? Não sei, mas hei de publicá-lo mesmo reduzida a esqueléto. O resto não me interessa. Da minha obra só a parte religiosa é que é grande. Tenho no Porto um caixão com as notas que fui tomando pela vida fóra. Foi lá tambem que fiz a minha ultima instalação. Não faço mais nenhuma. Agora a definitiva é facil — que a façam os outros!

Mas digamos, não é só isto. Junqueiro nos ultimos anos dilacerou-se até ao âmago, interrogando e interrogando-se, e tendo sempre deante de si o caminho da vida percorrido. Debalde nós queremos muitas vezes apagar certas páginas que deixamos no pó da estrada. E' impossivel — moldaram-se em bronze. Vêmo-lo então agarrar-se, não aos gozos da existencia nem aos interesses, mas ao trabalho criador e á parte dolorosa da vida. — O ultimo é preciso dar sua mãos será ora produzir.

— E já não posso trabalhar! e já não posso trabalhar!

E o seu ultimo grito:

— Pesei o bem que fiz e o mal que fiz!

Comovem? compreendem? sentem comigo o que sinto que o momento amargo é este como nenhum outro, o momento mais amargo de toda a existencia? Momento trágico que exige da nossa consciencia a nossa vida inteira. Momento de que ninguem se livra. Tenho a impressão de que vem nos dizer: — A tua obra genial foi um produto da vida — da vida com seus êrros e as suas paixões. Mas da nos alimentamos. Está no teu sangue e na tua medula. Pertence-te e pertences-lhe.

Já me arrependo de ter escrito que a vida é nada. E' tudo. E' a côr, o som, a floresta e o céu, principalmente este poder de transmitir, de espalhar, de dar a vida á custa de gritos? Mesmo á custa de gritos, mesmo que a agua limpida se turve com as nossas paixões. Reconheçamos que se por vezes o poeta é excessivo, nunca deixa de ser humano. Reparemos que as suas duvidas são as nossas duvidas. O nosso quinhão é na realidade muito pequeno, mas naquele dôr até a da nossa dôr, e naquela vida uma parte da nossa vida. Engrandeceu-a, seria engeitarmo-nos. Como a historia trágica em que os filhos levam o pai ao monte, com uma mala, a cossala e uma escudela de barro.

Melhor ainda: é necessario compreender que é aqui, no extremo da vida, que ele atinge a suprema beleza. Interroga-se, discute dia e noite com o mesmo pensamento obstinado. Acabaram-se todas as ficções, desapareceram todas as frases. Está só a sua consciencia, e Deus. Duvida, clama, esfarrapa-se e engrandece.

E esfarrapado é que nos parece maior.

RAUL BRANDÃO.

A Exposição do Rio

Sabe-se o destino que vai ser dado a todos os pavilhões

Qual a sorte reservada aos de Portugal?

A grande exposição internacional do Rio de Janeiro, comemorando com brilho e retumbancia excepcionaes o Centenario da Independencia Brazileira, é, já agora um eco—recordação ainda viva de encanto e deslumbramento.

Os palacios erguidos na Avenida das Nações da capital carioca representaram durante alguns mezes um certame internacional que ficará na historia da arte e da actividade humana.

* * *

Queixam-se hoje os brazileiros de que os resultados nacionaes da exposição não se veem e que, pelo contrario, ela só contribuiu afinal para abrir ou alargar a chaga financeira do seu paiz.

Vejamos em que estado se encontram e a sorte que espera os citados pavilhões.

O dos Estados Unidos, construcção definitiva, vai servir de séde á embaixada d'esse paiz, após algumas obras de adaptação.

O da França, imitando o lindo Petit Trianon, de Versailles, construindo tambem com caracter definitivo, foi doado á Academia de Letras, do Brazil.

O pavilhão ingles, doado ao governo fed ral, não se sabe ainda ao certo para que irá servir.

Já foi lembrada a instalação ali dum futuro museu comercial e agricola do serviço de informações.

Egual doação foi feita pela Italia sob condição de ser instalado no edificio of recido um estabelecimento para ensino da sua lingua. Foi aceite mas passando a funcionar no mesmo estabelecimento uma classe nacional.

O palacio do Mexico está motivando uma luta curiosa entre varias entidades que ali pretendem instalar-se, e entre as quaes tem maior cotação a Sociedade de Belas Artes, A Associação da Imprensa, que é favorita, e a Sociedade da Cruz Branca.

Segundo o valor locrativo do terreno o governo nacional aceitará a doação incondicionalmente.

Vão ser demolidos e vendido e respectivo material, os modestos pavilhões da Dinamarca da Noruega e da Suecia e o belo palacio da Belgica.

A Tcheco Slovaquia, mediante o consentimento duma exposição permanente de maquinas e aparelhos industriais originarios das suas fabricas, ofereceu o seu palacio ao governo federal que respondeu aceital-o sem condições.

Demolido vai ser o belo pavilhão da Argentina, um dos mais formosos e de surpreendente iluminação.

O palacio japonez, construido num sistema original de armação, foi doado ao governo municipal, devendo instalar-se nele uma escola de aperfeiçoamento tecnico.

Os inumeros e belos pavilhões do Brazil vão em grande parte ser demolidos, no que são perdidos 15.000 contos brazileiros, sendo, porem, outros aproveitados para repartições e instalações oficiais.

* * *

E os pavilhões portuguezes?

Propositadamente reservamos para final a referencia que lhes desejamos fazer.

Fizemo-nos representar na exposição com dois palacios, um dos quais, o das industrias, mau grado a série de erros que retardou a sua inauguração, ao realisar-se, esta deslumbrou pela maravilha, pela riqueza, pelo bom gosto que revela.

Disse-se mesmo que a sua abertura deu um novo aspecto, um aspecto inédito, ao grande certame da Avenida das Nações.

Para que vão servir agora? Constanos que serão demolidos, como os demais, já porque são de construção provisoria, já porque os terrenos em que assentam são pertença do governo federal.

Um deles faz parte da garantia dada ao emprestimo á empreza que está arrazando o muro do Castelo.

Que fazer? Resignarmo-nos.

Basta a circunstancia de serem de construção provisoria... No entanto, é lamentavel que uns pavilhões que tantos milhares de contos nos custaram, não possam ser utilisados quanto mais não seja para a instalação de uma exposição permanente dos productos portugueses.

A INDEPENDENCIA DA RHENANIA

Nacionalistas e comunistas organisam uma violenta contra-manifestação

BERLIM, 26 — Os partidarios da independencia da Rhenania, que têm por chefe o dr. Dorten, estimulados pela politica externa da França, depois da reunião separatista realisada a 15 de Agosto em Coblentz, proseguem, cada vez com mais intensidade, na propaganda. Uma nova reunião teve logar hoje em Manchen-Gladbach, em que pela primeira vez devia falar em publico o dr. Dorten.

Mas essa imponente manifestação devia dar logar a uma violenta contra-manifestação. Produziram-se violentas escaramuças entre separatistas e nacionalistas, estes auxiliados pelos comunistas.

Quando os delegados das varias cidades da Rhenania, apóz o desembarque seguiam em cortejo para a sala onde devia realisar-se a reunião, os adversarios, em numerosos grupos, sairam-lhe á frente, e caindo sobre eles, rasgaram-lhe as bandeiras separatistas e os jornais de propganda que estavam sendo distribuidos nesse momento. Quatro pessoas ficaram gravemente feridas. O conselheiro Liebings, que a multidão tomou pelo dr. Dorten, foi lançado a terra e fortemente espancado. O sr. Dorten conseguiu safar-se em automovel para Dusseldorf.

Apenas algumas dezenas de separatistas conseguiram chegar á sala de reunião, que os contra-manifestantes tentaram tomar de assalto cantando o «Deutschland uber Alles» e o «Wacht am Rhein».

Interveiu então a policia azul que restabeleceu a ordem.

Os ferroviarios da C. P.

realisam amanhã uma reunião magna

As comissões executiva e de melhoramentos da Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro distribuiu um manifesto, convidando os ferroviarios da mesma companhia para uma reunião magna, que se realisa ámanhã, no teatro Gil Vicente, á Graça, pelas 20 horas, a fim de se apreciar a situação da classe e o caminho a seguir em face da atitude dos dirigentes da C. P.

D'Annunzio

vai publicar tres novos livros

Noticias de Gardone, aprazivel retiro do glorioso escritor, dizem que Gabriel d'Anunzio vai dar á publicidade tres novas obras.

A primeira, que está completamente terminada, tem por titulo: «De mim para mim». Trata-se dum discurso, em que o poeta se dirige a si proprio e no qual faz o exame do seu «eu», das circunstancias da sua vida e das suas aspirações espirituais. E' um livro, dizem, bastante audacioso.

A seguir a este livro aparecerá «O Aventureiro sem sorte» e o «Archanjo da Asia», no qual o poeta recolherá as suas impressões sobre o Oriente.

Estas obras serão publicadas pela casa editora Mondadori, que reimprimirá tambem todas ás suas obras anteriores.

Gabriel d'Anunzio exprimiu de novo o desejo de voltar a viver em Roma.

Liga Pró-Moral

Esta associação de protecção á infancia, fundada ha sete anos, e que tem por missão vestir e calçar creanças pobres, no intuito elevado de aumentar as suas fontes de receita, e poder ampliar a sua acção beneficente, resolveu realisar, nos domingos de setembro e outubro, em varias associações de recreio e teatros, umas festas cheias de atractivos, cujo producto reverte a favor do cofre social.

A primeira festa realisa-se no proximo domingo, 2 de setembro, pelas 14 horas, na Sociedade Alunos de Harmonia, no Largo de Santo Amaro, constando de sarau musical pelo Grupo Dramatico e Musical Apolo, e sarau dramatico pelos amadores deste grupo, e da Sociedade Alunos de Harmonia e pelos principais amadores de Alcantara.

A entrada é publica e nos intervalos, meninas e senhoras da Liga Pró-Moral farão a venda da flôr.

Casa Pia de Lisboa

A publicação do seu anuario

Está publicado um novo Anuario da Casa Pia de Lisboa, para os anos economicos de 1919-1920 e 1920-1921. E' ainda prefaciado pelo malogrado director dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, estando organisado com aquela meticulosidade e aquele interesse que o ilustre professor punha em todos os seus trabalhos.

Teatros — Musica — Cinemas

Exemplos a seguir

Roger Narbeck conta numa revista franceza interessantes pormenores sobre os teatros de opera na Alemanha, principalmente nos grandes centros industriais do Ruhr: Bochum, Duisbourg, etc. Alarga-se sobre os aperfeiçoamentos tecnicos relativos aos maquinismos, á decoração, á administração interna dos teatros liricos d'além Reno e em que os nossos empresarios deviam inspirar-se.

Em primeiro logar, os depositos de acessorios. Imensas salas conteem, cada uma delas, uma coleção consideravel e cuidadosamente classificada dos diferentes acessorios, o que permite montar as scenas mais diversas no menor praso de tempo.

A scena. E' vasta, podendo preparar-se nela, mesmo durante a representação, os quadros que hão-de seguir-se.

A administração interna. E' rigorosa, o que não causa espanto senão aos estrangeiros, visto tratar-se de um paiz disciplinadissimo. Os retardatarios não podem entrar na sala depois de começar o espectaculo. A abertura e o encerramento das portas de acesso da sala são automaticamente denunciadas á administração por um sistema de sinais electricos.

O espectaculo começa á hora marcada e depois de feito o mais completo silencio, alguns segundos depois de apagadas as luzes.

Para facilitar a entrega e recepção dos agasalhos, o numero do cabide do vestiario é o mesmo do logar que se ocupa na sala.

São pequenas coisas, é certo, mas que contribuem para augmentar o goso artistico que resulta da audição de uma opera.

Nestor Lopes

Um grupo de amigos e admiradores do conhecido acrobata e actor cinematografico, Nestor Lopes, resolveu dedicar-lhe uma festa de despedida, antes da sua partida para o estrangeiro, onde se propõe fazer a escalada da Torre Eiffel e a da estatua da Liberdade, na America, tencionando depois dedicar-se á cinematografia, nos Estados Unidos.

Na festa, que se realisará no Politeama, no proximo domingo, tomarão parte, entre outros, os seguintes artistas: Laura Costa, Raquel Barros, Elisa Santos, Irma, Ebora, Alves da Silva, o argolista A. Monrão, o violinista Almeida Cruz, os bairristas «Tre Silvanis», etc.

Nestor Lopes, fará a escalada da corda, a toda a altura do teatro, porém, desta vez, em logar da costumada caracterisação de gorilha, vestirá a «équipe» com que no estrangeiro fará as escaladas, acima designadas.

Noticiario

De Portugal

Como dissémos, sobe hoje á cena no Avenida, impreterivelmente a «Revista de Praxédes», de André Brun, que a critica exalçou quando da sua estreia. A peça com uma interpretação inteiramente nova por parte de todos os artistas vae posta com o mesmo rigor de montagem, cenarios e guarda-roupa, tendo sido ensaiada escrupulosamente por Henrique Santana. O «compère» é desempenhado pelo actor Antonio Gomes (da Trindade) estando os principaes papeis entregues a Raquel Barros, Maria Santos, Eugenia Coutinho, Maria Izabel, Honorina Craz, Angela Barros, João Silva, José Victor, Abilio Baptista etc. etc. O espectaculo é inteiro e começa ás 21.30.

— O teatro S. Luiz inaugura em Outubro proximo a época de inverno com a opereta «A prima ingleza» á qual se seguirá a opereta «Diana» de Silva Tavares.

— A companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar inaugura a época de inverno no Aguia de Ouro, do Porto.

— Os principais papeis femininos da revista «Tic-Tac», que no Maria Victoria vai suceder ao «Fado Corrido», pertencem a Laura Costa, Zulmira Miranda e Guilhermina Paiva.

— André Brun está escrevendo uma peça para a companhia Aura Abranches.

— Parte hoje para o Porto com a sua companhia o emprezario Oscar Ribeiro. Aura Abranches, Grijó e Armando de Vasconcelos são esperados por toda a semana.

Do estrangeiro

Inaugura-se no dia 12 a epoca lirica no Teatro Verdi, de Fiume, com a «Aida» á qual se seguirá «Don Pasquale», que terá por interpretes os notaveis artistas: soprano Rosa Bardelli, tenor Roberto d'Alenio e baixo comico Assolini.

—A Gaité Lyrique de Paris, vae inaugurar a epoca de inverno, com «Os sinos de Corneville».

Reclames

NACIONAL

O mais divertido dos espectaculos é o que o publico pode gosar indo ao Nacional, e vendo «O Cabeça de Turco» em que o Alegrim é forçado a passar por maluco, e obrigando a tomar um banho, para recuperar a liberdade. «O Cabeça de Turco» é bem uma peça para afugentar tristezas, e daí o enorme agrado que está conquistando.

MARIA VITORIA

A revista «Fado Corrido» em scena neste teatro, continua sendo a predilecção dos amadores do seu genero. A revista que ultimamente foi ampliada com um magnifico quadro, representa-se em 2 sessões, sendo o seu desempenho confiado a um núcleo de ótimos artistas.

EDEN TEATRO

Hoje e sempre, está sendo apontado como o melhor teatro onde se têm exibido nestes ultimos tempos, os melhores numeros de variedades estrangeiras, que teem vindo a Portugal. Por isso se enchentes sucedem-se.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«O cabeça de turco».

S. LUIZ—A's 9,45—«Fado Corrido» e La Goya.

APOLO—A's 9,15—«As pupilas do sr. Reitor».

MARIA VITORIA—A's 8,45 e 10,45—«Fado corrido».

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

EDEN (duas sessões) A's 9 e 10,45—Variedades estrangeiras.

ELDORADO—Parque Mayer—Variedades.

AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII)—A's 9,30 e 11—Variedades.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«O segredo dos quatro».

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.

SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

10 — O REINO DO MISTERIO

...sangue em que o luar instilava, para a exaltar; uma delicadeza eterea, com a viva palidez duma pele beijada pelo sol, os olhos fixos nele, como estrelas brilhando debaixo do chale com que se rebuçava. Tinham falado muito pouco, haviam ficado de pé junto do açude, ele cingindo-a com um braço pela cinta; ela apertando-se contra ele com rapidos estremecimentos. Ambos olhavam para a resplandecente superficie da corrente, crispada por pequenas vagas, donde, na brisa quasi imperceptivel da noite, se escapavam umas apos outras, sombras de vapôr de agua, que flactuavam, e depois se perdiam nos bosques adormecidos.

Oh, ainda mais nitidamente que nessas ocasiões, lembrava-se de a ter espreitado, numa manhã de Agosto, havia apenas trez mezes, escondendo-se de maneira a não ser visto por ela, retardando o prazer de lhe aparecer: ela ia pela estrada, sempre de chapeu de palha e vestido de cassa; nas ervas brilhava em pequenas gotas o orvalho matutino e uma ligeira bruma velava naquele momento a intensidade do ceu azul. Chamara-a então baixinho, pelo seu nome, e ela voltara para ele a sua fronte iluminada pelo amor, o receio e a surpreza... Por um efeito da memoria, que era quasi uma ilusão, parecia-lhe ainda sentir o cheiro acre dos arvoredos, o delicado aroma das flores.

Tudo isso afinal fôra um sonho, e agora era o despertar, era o fim!

E esse fim tinha sido tragico e desesperado, quando, nessa horrivel sexta-feira da semana finda, abrira o telegrama enviado pelo pai da sua noiva.

Nunca compreendera tão bem a vulgaridade da gente que rodeara Amy de que uma hora antes, quando estava junto da sepultura aberta, com o olhar vagueando do caixão com a sua placa de cobre e das corôas de flôres para as pessoas vestidas de

O QUE HA DEPOIS DA MORTE! — 11

luto que do outro lado se encontravam; o pae com o seu fato largo e mal feito, a sua pesada e placida fisionomia deformada por um desgosto grotesco; a mãe com o seu rosto escarlate, lacrimosa, ostentando um luto complicado, o seu crepe insuportavel, o seu mantelete guarnecido de vidrilhos. Essa gente, vira-a até então atravez de uma nevoa de amor. Considerara ambos como simples e boas pessoas, verdadeiras creaturas do solo, mas sãs, ingenuas e fortes. E agora que a pedra preciosa se perdera, o engaste estava peor que vazio. Era ali, no comprido caixão, que jaziam os restos da joia despedaçada... Vira-a no seu leito no domingo precedente, a face marmorea, os olhos enterrados nas orbitas, toda ela como que encaixilhada inteiramente na detestavel brancura da mortalha e das flores de cêra, e todavia mais tocante, mais sedutora do que nunca, e tambem mais do que nunca necessaria á sua vida. Fôra então que, pela primeira vez, penetrara na sua conciencia essa ideia suprêma de que a perdera, ideia que, afastada pela scena funebre da manhã, toda aquela gente que viera para ver o joven proprietario, o caixão esguio, o montão das flôres, o lançava agora sobre aquela chaise-longue, esmagado, despedaçado, aniquilado, como uma flor dos campos apoz um vendaval.

O estado do seu espirito mudava com a rapidez das nuvens levadas pelo vento. Em certas ocasiões, agitava-se como um doido furioso, triturado pela dôr; noutras parecia quebrado, e como que desarticulado pelo desgosto. Blasfemava de Deus, e, em impetos de desafio e de raiva, desejava morrer; instantes depois, como que se abismava em si proprio, tão fraco como uma creança, torturado pelo sofrimento, emquanto que lagrimas ardentes corriam ao longo das suas faces e surdas queixas como as dum animal ferido, se soltavam da sua garganta. Deus era um adversario detestado, um carrasco impiedoso: o destino

Labat & Paredes Limitada

Para todos os efeitos se publica que, por escritura de 21 de Agosto de 1923, outorgada no cartorio do notario desta cidade, dr. José Peres de Noronha Galvão, se constituiu, entre os srs. Eugene Labat, Silvestre da Mota e Francisco Maria Paredes, uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta para todos os seus actos e contractos a firma «Labat & Paredes, Limitada».

2.º

A séde da sociedade é em Lisboa e o seu estabelecimento provisoriamente na rua do Alecrim, n.º 48.

3.º

A sociedade tem por objecto a exploração de um invento denominado «Pincel Higienico» para barba, a obtenção de patentes de invenção para o mesmo, bem como o comercio de todos os artigos proprios para barbearia, incluindo o sabão liquido para o dito pincel.

4.º

A sociedade tem hoje o seu inicio e durará por tempo indeterminado.

5.º

O capital social é de 30.000$00 correspondente á soma das quotas dos socios, que são de 10.000$00 cada uma.

§ 1.º — As quotas dos socios Eugene Labat e Silvestre da Mota estão integralmente realizadas em dinheiro, que já deu entrada na caixa social.

§ 2.º A quota do socio Francisco Maria Paredes está integralmente realizada e é representada no seu invento denominado «Pincel Higienico» e pedido da patente de invenção numero treze mil e noventa e oito para o mesmo, o que tudo desde já transfere, num valor igual ao da sua quota, para esta sociedade e nela põe em comum com todos os seus respectivos direitos.

6.º

Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que ela carecer, os quais vencerão o juro que oportunamente fôr convencionado.

7.º

O socio que pretender ceder a sua quota a estranhos terá de a oferecer préviamente, em cartas registadas, á sociedade e aos outros socios, tendo aquela em primeiro lugar e êstes em segundo o direito de a adquirir pelo valor que lhe tenha sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva.

§ unico. — Se a sociedade em primeiro lugar e os socios em segundo declararem não pretender a quota alienanda, ou não responderem tambem por meio de cartas registadas, dentro do prazo de 15 dias a contar da recepção do oferecimento, poderá a mesma quota ser livremente cedida.

8.º

A cessão total ou parcial de quotas entre associados e a sua divisão pelos herdeiros e demais representantes do socio falecido ou interdicto não carece de qualquer consentimento ou formalidade prévia.

9.º

A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fora dêle, activa e passivamente, serão exercidas pelos socios Eugene Labat e Silvestre da Mota, que desde já ficam nomeados gerentes com dispensa de caução, recebendo pelos seus serviços uma remuneração que será fixada em Assembléia Geral.

§ unico. — Aos gerentes é expressamente proibido fazer uso da firma em actos e contractos que não digam respeito aos negocios da sociedade, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes, sob pena daquele que infringir o disposto neste artigo perder, a favor dos outros socios, metade dos lucros que lhe competirem no ano em que cometer a infracção, sendo alem disso responsavel para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

10.

Em 31 de Dezembro de cada ano proceder-se-ha a um balanço geral de todos os negocios da sociedade que deverá estar concluido e aprovado dentro dos 60 dias subsequentes.

11.º

Os lucros liquidos, acusados pelos respectivos balanços anuais, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal, sempre que por lei fôr necessario, serão divididos pelos socios em partes iguais.

§ unico. — Os prejuizos, havendo-os, verificados de igual modo, serão suportados pelos socios tambem em partes iguais.

12.º

A sociedade dissolve-se nos casos previstos na respectiva legislação.

§ unico. — Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios todos os socios e será obrigatoria a licitação em globo do estabelecimento social, a fim de ser adjudicado áquele que mais oferecer.

13.º

Todos os socios por si e seus sucessores expressamente renunciam aos direitos que lhe confere o artigo cento e vinte e oito do Codigo do Processo Comercial.

§ 1.º — Se qualquer socio, infringindo o disposto neste artigo, requerer arrolamento ou imposição de selos nos haveres sociais, a sociedade obstará a tal providencia ou ao seu seguimento amortisando a quota do socio contraventor, mediante o pagamento a êle directamente ou mediante deposito na Caixa Geral de Depositos de cincoenta por cento da importancia a que o mesmo socio tenha direito, em face do ultimo balanço aprovado.

§ 2.º — A amortisação considerar-se-ha efectuada, outorgada que seja a respectiva escritura ou feito que seja o deposito referido no paragrafo anterior, deixando o socio infractor desde a data de qualquer dos referidos eventos de fazer parte da sociedade.

14.º

Para todas as questões emergentes deste contracto, entre os socios seus herdeiros e demais representantes, ou entre a sociedade e qualquer destas entidades, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa, com renuncia expressa a qualquer outro.

15

Nos casos omissos regulará a lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 29 de Agosto de 1923. — O notario ajudante, *Adriano Joaquim da Silva Graça Junior.*

Companhia das Leziriras do Tejo e Sado

4.ª Administração

Concelhos da Golegã e Chamusca

Nos dias que oportunamente serão designados proceder-se-ha á venda das propriedades rusticas que a Companhia possue nos concelhos indicados.

A venda será em hasta publica, sem preferencias de qualquer ordem, e a adjudicação pelo maior preço, reservando-se a Companhia o direito de retirar da praça os lotes cujo preço lhe não convenha.

As plantas das propriedades e mais condições podem ser consultadas todos os dias uteis na séde da Companhia e nas administrações.

Lisboa, 25 de Agosto de 1923.

Pela Companhia das Lezirias do Tejo e Sado
Os DIRECTORES,
(a) B. C. Cincinato da Costa
(a) Manuel Lopes Monteiro
(a) Emilio Infante da Camara Junior

era o gozo... não havia Deus! Ou se havia, era um demonio! Não! Não havia nada no Universo inteiro; nada, a não ser sofrimento e vaidade!

Entretanto, atravez d'este concerto de pensamentos alucinados, insinuava-se, como uma nota vibrante e cristalina, a necessidade que ele tinha da sua Amy. Faria tudo, sofreria tudo, consentiria em todos os sacrificios, momentaneos ou perpetuos, para poder contemplal-a de novo, ter a mão dela nas suas, um instante só que fosse, mergulhar a alma nos seus olhares misteriosos, portadores dos segredos da morte. Não queria senão diser-lhe tres ou quatro palavras, o bastante para se certificar que ela estava viva e que era sempre sua, e depois... depois não duvidaria dizer-lhe: «até á vista!», contente e feliz com a ideia de que a morte um dia os havia de juntar. Ah! ele pedia bem pouco, e, contudo, esse pouco, Deus não lh'o queria conceder!

Afinal de contas, em tudo via a mão da fatalidade. Só no verão passado é que começara a imaginar-se apaixonado por Maggie Deronnais. Experimentara então um sentimento que brotara desprovido de toda a imaginação, mas que se desenvolvera, depois, suavemente, alimentado pela frescura da joven, a sua serenidade, a sua pacifica autoridade e a rectidão que transparecia no seu olhar. Mas esse sentimento assemelhava-se mais ao respeito do que á paixão, implicava mais uma necessidade do que um desejo, não era sêde, era fome. Mais tarde elevara-se no seu coração outro sentimento, esse fulgurante e alucinado, e, como ele o dizia a si proprio, verificava agora a diferença que entre os dois existia. Os seus labios contrairam-se em linhas amargas reconhecendo esse contraste. Não! Tudo acabara, tudo se desvanecera, e agora a propria Maggie era impossivel.

De novo, o seu corpo se contorceu na crise

sensuais, estavam agora contraidas, com uma expressão de irritação concentrada, bem dolorosa á vista. A sua tez clara parecia manchada e sombria. Nunca na sua vida pensára que uma tal desgraça fosse possivel.

Enquanto assim se conservava estendido e com as mãos caidas, ociosas, ao longo do corpo, apertando-se por vezes nas angustias da recordação, as imagens sucessivas que lhe povoavam o cerebro conduziam de tempos a tempos os seus pensamentos a contemplações dum sinistro futuro sem vida, sem amor, sem esperança. Revia Amy como primeiro a encontrara, na luz duma tarde de julho, sob um ceus semeado de scintilantes estrelas, côr de ambar para os lados do poente, onde o sol se abismara na sua gloria.

Trazia um chapeu de palha e um vestido de cassa, e avançava para ele caminhando atravez das hervas do prado, já despojado de flores, e nos olhares com que o fitava lia-se uma singular admiração a que se misturava um vago receio. Tinha o rosto voltado para o sol que declinava; a gloria do astro, prestes a desaparecer, reflectia-se naquele rosto com tanta suavidade como a luz sobre uma flor, e os seus olhos azues surgiam nimbados pela aureola dos seus cabelos de ouro.

Tornava a ve-la, ainda, tal como lhe aparecêra numa noite de luar quando o perfil de ambos se confundia, perto da represa do rio, na grande paz dos bosques, a pequena distancia da aldeia, tornada um país de fadas que em torno deles voltejavam e nos seus corações se insinuavam. Ela lançara um chale pelos ombros e fôra até ali por atalhos, fiel á entrevista marcada, encontrando-o, como tinha combinado, após o jantar, quando toda a magia da grande casa senhorial se reflectia nele, com a sua casaca preta, os seus sapatos de fivelas, os seus calções de seda: o atractivo completo dos seus trajes de «soirée»! Como ela fôra encantadora! Uma terna ninfa de carne e de

A CAPITAL

DI[ARIO R]EPUBLICANO DA NOITE

N.º 4469-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sexta-feira, 31 de Agosto de 1923 || Telefone C. 228 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 20 centavos

CAMBIOS

A libra fechou hoje a Esc. 97$00 e 99$52

O Governo e a opinião

Segundo noticiam os jornais, no conselho de ministros, hontem realisado, o sr. Velhinho Correia, depois de ter feito uma larga exposição da nossa situação financeira, apresentou para ela um plano de soluções imediatas.

Está muito bem, mas seja-nos licito observar que para esta especie de grandes medidas a unica segurança de exito está na publicidade que lhes fôr dada.

Não é possivel levar a cabo uma empresa de tamanha importancia e melindrosa como é a da regularisação das nossas finanças, sem o conhecimento imediato da opinião publica, porque só com o seu apoio é que os governos podem ter força para a realisar.

Ha toda a vantagem no conhecimento do plano do sr. ministro das Finanças.

Se ele fôr chimerico, impraticavel, embora animado de excelentes intenções, mais vale que se não prossiga na intenção de o efectivar, desde que se reconheça que ele vae de encontro ao sentimento publico ou fatalmente se denuncie a sua ineficacia.

Pelo contrario, se esse plano fôr viavel, se se lhe reconhecerem de facto, qualidades salvadoras, é necessario que a opinião publica o levante nos escudos, fazendo-o triunfar atravez de todos os obstaculos que porventura lhe levantem ilegitimos interesses que ele contrarie.

Em todos os casos, a conveniencia de se tornar conhecido o plano do sr. ministro das Finanças é manifesta.

Diz-se que esse plano estabelece soluções imediatas. Tanto melhor, se forem efectivamente soluções. Ninguem lhe regateará o seu aplauso; todos, absolutamente todos os portugueses procurarão facilitar a sua execução, afim de sahirmos do horrivel «gâchis» em que nos encontramos.

Uma formula nos apraz destacar da nota oficiosa que comunica as intenções do sr. Velhinho Correia.

Essa formula é a seguinte: «Soluções imediatas».

Realmente, já não se pode esperar nada da confiança publica senão garantindo o caracter imediato das soluções destinadas a restabelecer o equilibrio financeiro.

Estamos fartos de melhorias a praso, que se convertem, quando esse praso chega, em sucessivos agravamentos.

Daqui a uns mezes, o maximo um ano, tudo melhorará. E em vez de melhorar vamos que tudo vae para peor.

Estas promessas serão fructo apenas da incapacidade ou da leviandade? Talvez; mas para o publico já tomaram o significado dum grande e descarada mistificação.

Vejamos agora as soluções imediatas, isto é, aquelas que, como num incendio, se destinam a salvar tudo o que ainda pode ser salvo, não se deixando correr o risco de se perder tudo.

Mas para que a confiança renasça, e dela derive o apoio de que o Governo necessita, é necessario que se conheçam essas soluções desde já. Se surgirem sem o forte apoio da opinião publica, correm o risco, por melhor que sejam, de ir por agua a baixo.

Vamos a isto, a sério?

Pois vamos, na certeza de que o publico já precisa vêr para crêr.

Um quadro de Guido Reni roubado de um museu norte-americano

NEW-YORK, 31.—O «Enterro de Cristo» atribuido a Guido Reni, que estava avaliado pelos peritos em 100 mil libras, foi roubado de Crocker Art Museum em Sacramento, na California. As auctoridades supõem que o roubo foi feito para um colecionador particular.—(R.)

PORTUGAL E ESPANHA

O problema da pesca

Um relatorio espanhol e a resposta do sr. almirante Neuparth

O vice-almirante sr. Augusto Neuparth publica no 1.º numero da nova revista «A pesca maritima», de que é director e que o Ministerio da Marinha patrocina, um curioso artigo, em que rebate brilhantemente as afirmações feitas pelo naturalista espanhol D. Fernando de Buen sobre a abundancia e escassez da sardinha nas costas sul de Portugal e da Espanha.

Tendo lido no relatorio de D. Fernando de Buen que todos os anos a sardinha começa a aparecer nos primeiros meses na costa de Portugal, passando nos ultimos a ser mais abundante em Espanha, o sr. Augusto Neuparth deu-se ao cuidado de estudar o assunto, verificando que a escassez na nossa costa acusada pelo naturalista espanhol carece de fundamento.

Embora o não diga claramente, D. Fernando de Buen sugere que, se a sardinha é mais abundante em Portugal no começo do ano, deveria ser permitido aos espanhois virem cá pescal-a podendo os portugueses ir á costa de Espanha no fim do ano para aproveitar a abundancia que por lá existe.

Esta amavel concessão traz-nos á lembrança as palavras do representante de Portugal na conferencia sobre a pesca, ha anos efectuada em Madrid e que poseram termo ás negociações entaboladas entre os dois governos. Como os hespanhois quizessem tudo para si, insistindo na liberdade de pesca... para eles e dando em troca pequeninas coisas, o nosso delegado, usando da palavra, interpretou o sentir espanhol do seguinte modo:

—Bem sei; no fim de contas, o que os senhores pretendem é isto, apenas: nós damos a sardinha e a Espanha a agua salgada.

Para rebater as afirmações do sr. D. Fernando de Buen, o sr. Neuparth elaborou uma série de graficos; e traçadas as curvas correspondentes á sardinha apanhada nas armações e nos cercos em cada mez, chegou á seguinte conclusão em nove anos de observações: as curvas demonstram em todos os anos um aumento muito sensivel de sardinha em Abril e Maio e outro ainda maior em Setembro e Outubro, e algumas vezes tambem em Novembro.

E o sr. Neuparth escreve:

Fica pois, provado que não ha escassez no fim do ano, que a afirmação feita pelo sr. D. Fernando de Buen não tem razão de ser e que se a sardinha abunda na costa de Espanha nos fins de cada ano, o mesmo acontece em Portugal.

E como o sr. Buen acrescente, a respeito das vantagens de tornar comum a pesca ás duas nações em qualquer das costas, que «la resolucion definitiva del problema planteado aportaria una *mayor constancia* en la adquisicion de materia prima para salazon y conservas, procurando la pronta desaparicion de recelos entre pueblos hermanos», o sr. Neuparth escreve muito justamente:

A «mayor constancia» desapareceria, porque Portugal não precisaria de ir pescar nas costas de Espanha, visto ter mais que suficiente sardinha nos mezes em que ela abunda em Espanha e, portanto, não haveria compensação nem maior constancia. Porem os espanhois é que teem necessidade de vir cá.

Seria pois para desejar que os cercos espanhois não viessem, pelo menos naqueles mezes, pescar a sardinha no mar que defronta com as costas territoriais, que é o que nós fazemos, pelo que respeita ás costas de Espanha, com raras excepções.

O PAIZ QUER SABER!

Quem são os cumplices dos fugitivos de S. Julião da Barra?

O comandante do forte, sr. tenente-coronel Leitão, considerava-os honrados cidadãos e bons republicanos...

Os presos insultavam e ameaçavam o comandante, os oficiais, os sargentos e as sentinelas

Havia apenas uma coisa: medo!

No seu fundo de ontem o nosso colega «Diario de Noticias» apreciou nestes termos a fuga dos 12 bombistas da Torre de S. Julião da Barra:

«O recente facto da fuga dos presos por delitos sociais da prisão de S. Julião da Barra é um sintoma deploravel de diluição do sentimento de responsabilidade e do principio de autoridade entre nós. A desordem está muito longe de ser, felizmente, em Portugal, uma força organizada — mas a ordem é tambem uma força que precisa organisar-se. Não é isso, porém, obra que possa exigir-se a um governo: tem de ser acção nacional de todos exercida, sobretudo, por um entendimento entre os partidos e todos os dirigentes de opinião.»

O comentario, embora subtil, é realmente justo. O facto, tremendo no seu significado e nas suas consequencias, acusa, na verdade, a pavorosa diluição do sentimento de responsabilidade e o fracasso aflictivo e apavorante do principio de autoridade.

* * *

Desde que o comandante do forte de S. Julião da Barra abdicou da sua situação, discutindo com os bombistas, no seu gabinete, sobre os efeitos da bomba e a sua diferença da granada de artilharia desde que o sr. tenente-coronel Leitão poude ouvir, com mais receio, por certo, do que indignação, as ameaças e insultos que os presos lhe dirigiram; desde que desceu a pactuar com eles, permitindo lhes regalias incompativeis com a sua situação e a sua qualidade — os vencedores eram eles. O sr. tenente-coronel Leitão passou a representar em S. Julião da Barra apenas, a garantia, para os bombistas, das suas intoleraveis regalias. Tinha-se perdido de todo a autoridade; a consciencia das responsabilidades pulverisou-se, evaporou-se. S. Julião da Barra converteu-se numa quasi sucursal da C. G. T. — onde se empregava mais audacia, onde se punha em jogo o insulto por sistema e a ameaça como argumento irrespondivel.

* * *

Tanto pelo seu proprio procedimento em relação aos criminosos, como pelas providencias que se dispensou de adotar, já para lhes castigar as impertinencias intoleraveis ou as acções merecedoras de severo correctivo, já para desafrontar os oficiais, sargentos e praças que, ousando uma vez ou outra, cumprir o seu dever, eram cobertos de improperios e insultos — o sr. tenente-coronel Leitão, comandante da Torre de S. Julião da Barra, criou para si uma situação moral lastimosa, atraiu sobre a instituição militar, a que pertence, um desprestigio irreparavel — atolou num oceano de descredito, a sua farda de oficial.

Pode haver quem ache pouco — ha pessoas muito exigentes em Portugal!... Mas se considerarmos o mal, o mal tremendo, a vergonha, a miseria que isto representa, não nos bastará deplorar o que sucedeu em S. Julião da Barra, que é muito mais do que a simples fuga de uma certa quantidade de presos da maior responsabilidade. Ha que pôr em relevo o facto moral, apavorante como sintoma: o comandante desse forte esquecendo o que devia a si proprio, á sua situação oficial da mais estricta e confidencial responsabilidade, sacrificou, não sabemos a que desgraçado sentimento, incompativel com a dignidade do exercito, o interesse do Estado que servia e a tranquilidade e o decoro do Paiz a que pertence.

* * *

Logo que deram entrada no forte, chamados ao gabinete do comandante, os bombistas discutiram com s. ex.ª, que começou por os considerar, mau grado o cadastro tenebroso que os acompanhava e que o sr. tenente-coronel Leitão, por certo, já tinha examinado, honrados cidadãos e bons republicanos, tão bons como s. ex.ª que pertencia a um dos mais avançados partidos da Republica, sobre as vantagens do emprego da bomba, a sua eficacia no triunfo dos ideais revolucionarios, e sua similaridade com as granadas de artilharia. O sr. tenente-coronel Leitão deve ter ficado elucidado, pois que, dias depois, parece que fechou com os bombistas um contracto pelo qual se obrigavam a caiar a secretaria pelo salario de 16 escudos diarios... e liberdade de passeio por todas as dependencias do forte.

Desde que os bombistas recebiam do comando tantas e tão eloquentes provas de deferencia, de consideração, talvez de camaradagem ideal, era logico supor que a utilizassem nos maximos limites. E utilisaram-na.

* * *

No forte de S. Julião da Barra vivia-se num ambiente de pavor. As ameaças eram feitas, sem rebuço, a toda a hora: aos oficiais, aos sargentos, ás sentinelas. Ninguem lhes resistia. Ninguem ousava castigar os insultos, intoleraveis por constantes e afrontosos para a honra pessoal de quem quer que seja, que a todo o momento dirigiam até aos oficiais. O tenente sr. Manoel, sabemos nós que foi varias vezes afrontado na sua honra.

O castigo de semilhantes afrontas não o receberam os criminosos — nem do oficial em questão, nem do comando do forte. A impunidade lançava raizes. Deante do pavor do crime, que ganhava proporções, desaparecia o poder da autoridade, que se encolhia vergonhosamente.

Os bombistas começaram a operar. Dificilmente podendo evadir-se de uma só vez, adoptaram o processo de fugir (talvez dissessemos melhor, empregando apenas o verbo sair...) em grupos.

No domingo, 19 do corrente, juntamente com as visitas, fugiu o primeiro — o terrivel José de Melo, chefe da Legião Vermelha. Deixou lá um *camarada*, o pedreiro José Lourenço, que o visitara, encarregando-o de responder por ele á chamada. Assim se fez — e de tal maneira que, ainda no dia 23, quando se deu pela fuga, do forte de S. Julião da Barra garantiam para a policia que o José de Melo... estava lá. Só então a guarnição reparou no logro, cuja habilidade era apenas resultado da sua inconsciencia do seu mêdo, ou da sua falta de autoridade.

No dia 22 tentaram sair mais 5 entretanto outros se tinham escapulido — mas foram recapturados junto á ponte do fosso. Por onde tinham ido até ali? Averiguou-o a guarnição do forte, tomando logo as precauções aconselhadas pela mais elementar prudencia? Verificou se faltava algum preso? Examinou as grades?

Parece não ter feito nada disso, visto que, tendo-se evadido no dia seguinte esses 4 presos, só então o sr. comandante constatou que faltavam — 12!

* * *

Na noite da evasão frustrada, o sr. tenente-coronel Leitão desceu, na companhia de um sargento e de alguns soldados á casa-mata ocupada pelos bombistas — a solicitar-lhes que fizessem menos barulho, porque passava da hora do silencio. A resposta foram insultos miseraveis, vergonhosos, chicoteantes. O sr. tenente-coronel retirou-se e o castigo que aplicou aos miseraveis que o agravaram tão violentamente deante dos seus subordinados foi tão exemplar que eles fugiram na manhã imediata! Já na vespera acontecera o mesmo ao oficial do dia, sr. tenente Manuel por ter ordenado que só subiriam os presos que tinham visita.

O sistema dos bombistas era eficaz — porque o sr. tenente Manuel revogou a ordem.

A conclusão que os factos impõem é rigorosa e tremenda: os bombistas estabeleceram o panico em S. Julião da Barra — e o comandante e a guarnição do forte cederam palmo a palmo a sua autoridade, esqueceram os seus deveres, puzeram de banda as suas graves responsabilidades, até ao extremo de se confundirem com os cumplices dos facinoras confiados á sua guarda.

* * *

Pois alguem comprecude lá como podessem entrar para as casa-matas duas serras com que foram cortadas as grades? alguem compreende a tolerancia do comandante? Pode-se admitir que com presos de semilhante responsabilidade, se dispensasse a mais rudimentar fiscalisação? Tolera-se, porventura, que os presos insultassem a guarnição do forte, o proprio comandante, sem que um castigo correspondente á falta lhes fosse aplicado?

Admite-se que o José de Melo e outros podessem ter fugido sem que se désse pela sua ausencia?

Quer dizer, os bombistas mais perigosos de Portugal viviam em S. Julião da Barra uma vida imoralissima, fóra do mais simples rigor, á parte do regulamento prisional, inteiramente á vontade, inteiramente senhores de si, das suas atitudes provocantes, das suas liberdades escandalosas e intoleraveis!

E o sr. tenente-coronel Leitão, comandante do forte de S. Julião da Barra, achava bem. Achava tão bem que cada hora, cedia mais um bocadinho...

* * *

Que admira que assim seja, se o sr. tenente-coronel Leitão lhes deu as boas-vindas em termos comoventes, considerando-os cidadãos honrados, bons republicanos como s. ex.ª, que pertence a um dos mais avançados partidos da Republica — o que não impediu que, ha dois anos quando ali esteve preso o sr. Aires d'Ornelas, tomasse parte num jantar em que se deram vivas a D. Manuel e á monarquia?

Ah! este sr. tenente-coronel Leitão justifica bem as palavras amargas do «Diario de Noticias», que transcrevemos no principio deste artigo!

E' por haver em Portugal destas vivas expressões moraes, que podem praticar-se, impunemente, tranquilamente, apavorantemente, atentados de toda a espécie, como que em obediencia a um plano sinistro. A nova série começou outrem com o assassinio de Antonio Duarte, que circunstancias de varia natureza tinham afastado dos bombistas, levando-o a fornecer elementos de informação á policia. Caiu morto. A sua vida estava ameaçada: cumpriu-se a ameaça, recomeçou a série. A Antonio Duarte outros infelizes se seguirão — porque em Portugal, elementos mais representativos da organisação social, do Estado, do Poder, consideram os bombistas mais tenebrosos... bons republicanos e honrados cidadãos!...

Armando Ferreira

Para a Holanda partiu hoje o nosso presado colaborador e amigo, engenheiro sr. Armando Ferreira. Desejamos-lhe boa viagem.

Em Trieste

O secretario do partido fascista assassinado a tiro

TRIESTE, 31.—O sr. Morara, secretario do partido fascista de Triest foi assassinado a tiro numa das ruas desta cidade. O assassino quando foi preso declarou ter cometido este acto por vingança, porque sr. Morara lhe não tinha conseguido, como lhe prometera, uma patente de chauffeur. Fecharam todos os estabelecimentos. A bandeira tricolor esta a meia haste. As ruas estão sendo patrulhadas por camisas negras. O sr. Morara era um amigo intimo de Mussolini.—(R.)

A ITALIA E A GRECIA

O massacre da missão italiana

O governo grego parece que não aceita todas as exigencias de Roma

A Conferencia dos Embaixadores exige a abertura imediata de um inquerito

ROMA, 31.—Alguns jornais italianos publicam telegramas dos seus correspondentes em Atenas, disendo que o governo grego, em replica á nota do senhor Mussolini pedindo satisfações do massacre da missão italiana, aceitará alguns dos pedidos da Italia estando disposta a discutir outros, mas negando-se a aceitar aqueles que ofenderem os direitos da Grecia e a sua soberania.

No entanto parece que o sr. Mussolini insistirá na satisfação total dos seus pedidos.

A situação tomou um aspecto de suma gravidade, tendo os jornais sido proibidos de dar noticias ácerca do movimento das tropas. Daqui se pode deduzir que o governo esta disposto a fazer uso da força para obrigar a Grecia a satisfazer integralmente as exigencias da nota do sr. Mussolini.

Este ultrage sem precedentes contra oficiais italianos faz vibrar toda a Italia com uma indignação extraordinaria, não tendo havido ha muito tempo um tão unisono movimento de colera. O sr. Mussolini tem o apoio de toda a nação na atitude que tomou.

Os jornais são disputados nas ruas e aqueles que conseguem apoderar-se de um exemplar leem alto no meio de grupos as noticias correntes. A leitura do «ultimatum» italiano foi objecto de aplauso e entusiasmo.

O sr. Mussolini tem recebido telegramas de cidadãos particulares e de corporações publicas de todos os pontos da Italia aplaudindo a sua acção energica e incitando-o a que mantenha a sua firme atitude tal como o exige o prestigio da nação italiana e a honra do exercito italiano.—(R.)

nados á morte, mas a legação acrescenta que a clausula da nota exigindo 50 milhões de liras de indemnisação deixa proplexo o governo grego. O governo grego, diz o adido da legação grega, se estivesse disposto a pagar encontraria dificuldades a fazel-o, e isso irritaria o sentimento publico. A Grecia contudo fará tudo o que fôr humanamente possivel para satisfazer a Italia.—(R.)

Como se efectuou o massacre

ROMA, 31—O assassinio dos membros da missão é atribuido ao facto dos gregos do Epiro terem ficado furiosos porque a conferencia dos embaixadores se recusou a alterar a linha de fronteiras para incluir 22 aldeias epirotas no territorio grego. O membro da missão francesa que esteve no local do crime diz que quando a missão italiana ia em automovel de Janina para Santiquaranta atravez do terreno arborisado, foi surpreendida por individuos que estavam ocultos numa floresta junto do caminho. Encontrou-se o major Corti morto dentro do automovel. O general Tellini presidente da missão interaliada, estava caido a 20 metros do automovel no meio dum lago de sangue. Ao longo da estrada estavam mais tres corpos mas mais proximo do automovel. Não foram roubadas as joias nem o dinheiro aos cadaveres, concluindo-se de ahi claramente que o assassinio obedeceu a fins politicos. A imprensa grega ultimamente protestava violentamente contra a recusa de se incluirem as 22 aldeias epirotas no territorio grego, tornando o general Tellini responsavel por esse facto e acusando-o de favorecer os albaneses contra os gregos.—(R.)

A esquadra pronta á primeira ordem

ROMA, 31. — «A Tribuna» comunica que a esquadra italiana que se encontrava em Tarento recebeu ordens para suspender as manobras e estar a postos para seguir para o Pireu.

O ministro da Marinha, que se encontrava em gozo de férias, voltou a Roma. O sr. Mussolini teve uma entrevista com os representantes da França e Inglaterra ácerca de possiveis sanções contra a Grecia.—(R.)

Reuniu a Conferencia dos Embaixadores

PARIS, 30.—A Conferencia dos Embaixadores reuniu-se para tratar da situação creada pelo assassinio da comissão italiana, pois que este assunto é de interesse interaliado tendo a comissão de delimitação das fronteiras da Albania sido nomeada pela Conferencia dos Embaixadores. Foi resolvido enviar um energico protesto ao governo grego em nome dos governos francez, inglez e italiano e exigir que em vista de o assassinio ter sido perpetrado no territorio grego, seja aberto um inquerito sem demora.

Este incidente produziu enorme excitação na Italia e nos meios de Londres e Paris uma grande anciedade sobre as possibilidades de grandes complicações que dele podem surgir. O facto de a Conferencia dos Embaixadores tomar a iniciativa neste caso grave parece dever considerar-se como animador.—(R.)

Manifestações em toda a Italia

ROMA, 31.—Apezar da enorme excitação do povo, não foram ainda exercidas violencias contra cidadãos ou estabelecimentos gregos. Este resultado deve-se á atitude das autoridades, que exortam a população a ter calma e confiar na acção do governo. Tem havido manifestações de pezar em toda a Italia, principalmente em Florença, Palermo e Albano, terras da naturalidade do general Tellini, do major Corti e do tenente Bonacini.—(R.)

Os italianos de Trieste contra a Grecia

TRIESTE, 31.—A noite passada uma grande multidão guiada por um individuo conduzindo uma bandeira grega atravessou a rua tendo parado na Piazza Liberta onde queimaram a bandeira tendo depois maltratado varios gregos que encontraram.—(R.)

O ultimatum e a atitude da Grecia

ROMA, 31—A legação grega nesta cidade e o governo grego junto á delegação italiana em Athenas apresentaram os seus mais sentidos pesames pelo assassinio da missão italiana no Epiro. A legação grega nesta cidade garantiu que o governo grego responderá á nota italiana aceitando a exigencia de que perante a legação italiana de Atenas sejam apresentadas desculpas oficiais.

Serão tambem prestadas honras solenes e exequias ás vitimas na catedral catolica de Atenas. Serão tambem prestadas inteiras honras militares pela esquadra grega no Pireu á divisão naval italiana que ahi fôr com esse fim. Proceder-se-ha tambem a um apertado inquerito para se descobrir e castigar os autores do massacre tomando parte nesse inquerito o adido militar italiano por cuja segurança o governo italiano responsabilisa o governo grego.

Os autores do atentado serão conde-

As desculpas da imprensa grega

ROMA, 31.—A imprensa italiana publica extratos de jornais gregos que pretendem lançar desculpas do sucedido sobre os albanezes.

Os jornais referem-se desdenhosamente a esta sugestão. O massacre deu-se a 10 milhas além da fronteira albaneza e foi praticado por um grande grupo de individuos a cem metros apenas de distancia dum posto de soldados gregos sendo portanto impossivel que o assassinato tivesse sido cometido por albanezes e mesmo que o fosse, foi cometido em territorio grego e é a Grecia portanto a responsavel pelo facto.

Os jornais referem-se tambem á campanha violenta contra a Italia feita pelos jornais gregos que teria incitado os assassinos.—(R.)

Conselho de ministros

Na sua reunião de hoje, alem do decreto sobre inquilinato o que noutro logar nos referimos, o conselho de ministros ocupou-se largamente das medidas de ordem financeira, cuja aplicação imediata se impõe, em virtude da crise de numerario que tão grave mente afecta as transacções nacionais.

MEDICINA E HIGIENE

PARASITAS PERIGOSOS. — OS PERCEVEJOS E OS PIOLHOS

Continuamos a ocupar-nos dos parasitas nocivos. Todos conhecem os percevejos, insectos que espalham um cheiro desagradavel e que deixam marcas... muito dolorosa após a sua mordedura. A sua côr é vermelha mais ou menos carregada e o corpo está eriçado de pelos curtos.

O cheiro especial espalhado pelo percevejo é devido a uma glandula que segrega um liquido volatil.

O percevejo põe no verão, de 2 em 2 mez s 50 ovos brancos, dos quais saem no fim de alguns dias os individuos, que apenas diferem dos adultos na sua estatura mais reduzida. Estes insectos adormecem no inverno, como se sabe durante o dia ocultam-se em todas as fendas das camas, nos papeis das paredes, etc. Podem suportar um jejum muito prolongado. Saem durante a noite dos seus esconderijos procurando a pessoa adormecida e deixa-se cair sobre ela.

O cheiro que deles evola é muito pronunciado e permite advertir-nos, ainda mesmo quando o parasita se encontra a uma certa distancia.

A parte picada torna-se vermelha, dolorosa e entumesce ligeiramente. O insecto não se contenta em picar, inocula a sua saliva na ferida, o que produz uma acção irritante.

Os percevejos podem provocar a inoculação de microbios de doenças infecciosas, febre tifoide, peste, pneumonia, etc.

Como precaução aconselha se o mais rigoroso aceio. Lavam-se com essencia de terebentina, ou com uma solução de sublimado corrosivo a 1: 2000 as paredes invadidas por estes insectos. Pode-se deitar nos colchões o pó de Piretro, fresco. O meio mais seguro de destruição consiste em recorrer ao emprego do gaz sulfuroso, fazendo a desinfecção do quarto pelo processo habitual.

Um outro parasita perigoso é o piolho, que provoca a doença chamada pediculose e pode introduzir no nosso organismo microbios de doenças infecciosas, como a febre tifoide ou o tifo exantematico.

Estes insectos apresentam diferenças, segundo a região que habitam (cabeça, corpo e pubis).

As 6 patas do piolho terminam por garras e a sua boca pode morder e sugar a pele sendo despedaçada pelas mandibulas e perfurada pelo aparelho aspirador, o rostro. As femeas são mais numerosas que os machos e já ponto é muito frequente, sendo de 50 ovos em 6 dias. Os ovos ou lendeas são reunidos e colados aos cabelos. É uma coisa que os piolhos se estabelecem de preferencia e são a causa de varias doenças da pele (impetigo, prurigo, psoriasis). Produzem o depauperamento das creanças e provocam a anemia. Predispõem para o contagio e para a generalisação da tinha. Provocam ás vezes o engorgitamento dos ganglios da cabeça e formam-se pequenos tumores principalmente na nuca.

Quando se observam as complicações tão numerosas e tão graves que podem ser originadas pela mordedura deste parasita é para admirar, que durante seculos, a credulidade das mães tenha feito dos piolhos «um sinal de saude».

Os piolhos propagam-se facilmente, cu pela emigração do proprio insecto ou pelos seus ovos, em todas as pessoas que não cuidam dos cabelos. A transmissão faz-se em regra entre as creanças e as mulheres que se conservam de cama, por ocasião de doenças.

Para se destruirem estes insectos, o melhor meio é o corte de cabelo nas creanças ou pentea-las com um pente metalico mergulhado em uma solução de vinagre antiseptico, composto de 1 grama de sublimado, para 300 gramas de vinagre e 300 gramas de agua quente.

Ha loções insecticidas de resultado garantido e que se empregam com aceio.

DR. LAROUSSE.

NOTAS A LAPIS

O rastilho?

Ao que se depreende da leitura dos telegramas que em outro lugar publicamos, o conflito entre a Italia e a Grecia, resultante do massacre de alguns oficiais italianos em Janina, agrava-se. O governo de Atenas, zelando o bom nome da sua terra, recusa-se a aceitar todas as imposições apresentadas pelo gabinete de Roma, que parece não estar disposto a desistir delas.

E' a perspectiva de um novo conflito europeu. A Grecia tem, entre as grandes potencias, amigos que hão de protegê-la, e dai a iminencia de um desentendimento.

Foi tambem pelo atentado de Serajevo, a que se seguiu o ultimatum da Austria á Servia, que começou a Grande Guerra. Então, havia da parte da Alemanha, inspiradora do governo austriaco, o desejo de fazer a guerra, aproveitando o pretexto para desencadear a tempestade.

Não parece ser este, felizmente, o caso de agora. Mal refeitos ainda dos cinco anos de lucta formidavel em que andaram empenhados, nenhum pais quererá, certamente, lançar-se na fogueira, que tem, mais de uma vez, ameaçado arder de novo.

Mas Mussolini é autoritario e tem pruridos de imperador e dominador do mundo, dando-nos um pouco a impressão de um Guilherme II á paisana.

Oxalá a Assembleia dos Embaixadores, que já resolveu intervir no conflito, o oriente de modo a evitar que diante de um caso tão grave os governos interessados percam a cabeça, fazendo-a perder aos mais.

Ao sr. ministro das Finanças

Chamamos a atenção do sr. ministro das Finanças para um caso realmente inexplicavel e que o sr. Velhinho Correia certamente desconhece: as praças reformadas da guarda fiscal estão desde Janeiro sem receber não só os aumentos estipulados para os servidores do Estado, mas os proprios vencimentos. Ha oito meses que esses pobres trabalhadores e dedicados republicanos não veem um centavo do Estado, a quem patrioticamente serviram e como nenhum deles vive dos seus rendimentos facil é calcular os transtornos que tal abuso lhes tem causado.

Angola e Congo Belga

O governador geral do Congo Belga, Mr. Rutten, foi a Loanda retribuir ao sr. Norton de Matos a visita que o Alto Comissario de Angola lhe fez no ano findo. Os jornais da provincia publicaram extensas reportagens das festas oficiais e particulares realisadas em honra de tão ilustre visitante.

Caturrice

Morreu ha dias em Londres, com a idade de 76 anos, uma inglesa de nome Alice Renton, que tinha jurado, ha 25 anos, não saír nunca para os campos, nem para um simples passeio electrico. Esta inimiga do progresso cumpriu a sua palavra, pois parece desde muito sem cultivar atraz uma veiculo que ganhasse ... rails.

Ha tempos, no entanto, houve quem a fizesse saír, de surpresa, para um *autobus*. Ela nunca perdoou essa brincadeira e não se tirou da cabeça da familia que a sua morte se deve, não á velhice, mas a simples despeito, derivado desse facto.

Processos...

A policia de Berlim prendeu uma noite destas alguns individuos que andavam pela rua vestidos de mulheres. Na esquadra declararam que, não tendo dinheiro para jantar, lançaram mão daquele recurso para poderem ser convidados a jantar e a dormir.

O truc — acrescentaram — dava, ás vezes, resultado, sucedendo, porém, que muitos dos iludidos, verificando o engano, faziam prender os culpados.

Ora, como nem sempre êles eram presos, seria curioso saber o que se passava... nos outros casos?

ULTIMA HORA

OS BOMBISTAS

O crime de ontem á noite

A policia anda á procura de tres cumplices do assassino

Constituiu o caso do dia de hoje aquele crime de morte que se deu a noite passada na rua do Amparo proximo ao Rocio e de que foram protagonistas o antigo sindicalista Daniel Severino, o assassino, e o auxiliar da policia de Segurança do Estado Antonio Duarte, a vitima.

As circunstancias ou os motivos que deram logar ao crime, que mais não foi que um atentado pessoal como vingança dos sindicalistas contra um seu antigo companheiro que os abandonou, fizeram com que o publico sempre avido de casos á «sensation» tomasse maior interesse pelo ocorrido.

Como é sabido, o Antonio Duarte, antigo sindicalista, foi tambem preso como implicado nos atentados bombistas, mas uma vez entregue na P. S. E. entrou a apontar varios camaradas, o que deu motivo a que os mais temidos bombistas, talvez uns 42, se encontrem nas casas maltas da Torre de S. Julião da Barra.

O gesto do Duarte foi logo conhecido pelos avançados, tanto mais que o orgão operario por varias vezes expozeu o procedimento do antigo camarada. Este por sua vez não ignorava a sorte que o esperava, pois que ainda ha dias no Governo Civil falando aos «reporters» disse:

—Sei que fui condenado á morte e que quem conseguir dar cabo de mim receberá um premio de cinco contos. Mas não tenho medo, porque de cara a cara, aquele que avançar, fica estendido, com um tiro. Eu não uso pistola para vista...

O Duarte, seguro como estava de que se defenderia com facilidade por conhecer bem todos os antigos camaradas do nucleo da acção direta, expunha-se em demasia, tendo chegado ultimamente a ir sosinho, sem outro agente efectuar prisões nos cafés suspeitos e proceder a outras diligencias.

Ontem á noite, quando ele andava em procura de mais alguns antigos camaradas para os prender, apareceu-lhe o pedreiro Daniel Severino que o cerrou com cinco tiros. Está já apurado que o assassino tinha tres cumplices que o acompanhavam, tendo um deles desaparecido com a pistola com que foi praticado o crime.

Esses cumplices são, por enquanto, desconhecidos, tanto mais que o Severino, interrogado hoje cerca das 14 horas na P. S. E., recusou-se a entrar no caminho das confidencias limitando-se a dizer:

—Matei-o, porque era um traidor...

E como não houvesse forma de lhe arrancar mais palavra, lá seguiu para a esquadra da Mouraria, onde continua na mais rigorosa incomunicabilidade.

O pedreiro Severino, já de ha muito que era procurado pela P. S. E. e muito especialmente pelo Duarte, por ser o unico bombista que faltava prender do atentado do Largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

As investigações do crime foram entregues á 1.ª secção da policia de investigação, que já hoje iniciou as suas diligencias, tendo os agentes Mario da Silva e Quental passado uma busca á sua residencia na travessa da Torrinha, á rua 24 de Julho, 32.

Hoje de noite o assassino deve voltar a ser interrogado e acareado com os manipuladores de calçado Manuel Covas e Adriano Gonçalves, os quais foram presos quando seguiam atraz do criminoso, fazendo a apologia do assassinio.

O Severino é casado e tem quatro filhos menores.

O caso da fuga de S. Julião da Barra

Conquanto muito extraordinario pareça, facto é que a guornição da Torre de S. Julião da Barra só hontem deu pela fuga do terrivel bombista José de Melo.

A «Capital» já ha dias que noticiara tal facto, frisando que a fuga se deu em 19 do corrente e que na Torre de S. Julião da Barra ficára outro individuo no logar do fugitivo. Pois só hontem se verificou que as informações de «A Capital» eram verdadeiras em consequencia do tal individuo que ficou em logar do José de Melo se ter acusado. Trata-se do pedreiro José Lourenço, que se encontra incomunicavel na esquadra da rua do Vale de Santo Antonio e que hoje á noite deve ser interrogado na P. S. E.

No Governo Civil esteve hoje afim de ser devidamente identificado no posto antropometrico o bombista Vasco Soares que para tal fim veio da Torre de S. Julião da Barra.

O papel de impressão

Encontra-se na Alfandega, mas ninguem o despacha

Chamámos oportunamente a atenção do Governo — e connosco o fizeram todos os jornais — para a situação que se criou á imprensa com o estabelecimento do imposto de 1$50 por kilo para o papel estrangeiro. No entanto, nenhuma providencia foi tomada, no sentido de libertar a imprensa do perigo que a ameaça, a tal ponto que, estando grandes quantidades de papel na Alfandega, ninguem o quer despachar, por não poderem as empresas jornalisticas ficar com o preço altissimo que ele atingiria.

As dificuldades que anunciamos estão-se levantando já. O que faz o Governo? Prefere que todos os jornais cessem a sua publicação, ou toma a providencia de prorogar o praso estabelecido para o pagamento do imposto minimo, que lhe fôra atribuido?

Aqui ficam mais uma vez estas perguntas, ás quais é necessario responder, para sabermos com o que contamos.

O conflicto greco-italiano

A Grecia não aceita todas as imposições da Italia

ATHENAS — 31 — A resposta helenica á nota verbal italiana afirma a impossibilidade de aceitar os pedidos que tem os numeros 4, 5 e 6 que atacam a honra e a soberania do Estado grego; aceita a representação de pesames oficiaes e a celebração de oficios funebres na presença de todos os membros do governo, a prestação de honras regulamentares á bandeira italiana, ás cerimonias solenes em honra das vitimas na ocasião do embarque e a concessão de uma justa indemnisação ás familias das vitimas. Aceita por ultimo, a colaboração oficial italiana para a execução d'essas satisfações. (H).

Cruz de Malta

Devido á violenta nortada que se tem verificado estes dias, a qual, na melhor das hipoteses, durará até á proxima segunda-feira, o que pode acarretar o arribamento do vapor a Cezimbra a excursão que a Associação Cruz de Malta tencionava promover a Setubal no proximo domingo, é transferida para Vila Franca, á mesma hora e com o mesmo programa.

Dado o fim humanitario da excursão e o seu interesse, embora se tenha alterado o seu destino em nada ficarão prejudicadas as pessoas que já adquiriram os bilhetes.

A lei do inquilinato

A sua regulamentação vai ser publicada

O Conselho Central das Juntas de Freguesia, instou hoje com o sr. ministro da Justiça, para que o decreto, que põe termo aos abusos que varios senhorios estão fazendo á sombra da atual lei, seja publicado o mais rapidamente possivel.

O sr. dr. Abranches Ferrão prometeu que o decreto mandando suspender os mandatos de despejo, será publicado brevemente.

O diploma não satisfaz por completo as aspirações dos inquilinos

Em conselho de ministros foi hoje aprovado o decreto do sr. ministro da Justiça, devendo ainda amanhã o sr. dr. Abranches Ferrão realisar uma ultima conferencia com a comissão que tem pugnado pela defesa dos direitos dos inquilinos, para esclarecimento desse diploma, que será publicado no «Diario do Governo» num dos dias da proxima semana.

O sr. ministro da Justiça, com quem ontem mais uma vez nos avistámos, julga necessario, para defesa da sua boa-fé e lealdade, declarar que o seu decreto de nenhum modo satisfaz as aspirações do inquilinato, visto que a alteração da lei é função exclusiva do poder legislativo.

Entretanto, regula com clareza certas disposições legais cuja interpretação estava dando logar a frequentes abusos.

O sr. dr. Abranches Ferrão, tem já redigida uma proposta de lei dessa indole, que apresentará ao Parlamento logo após a sua reabertura, parecendo-lhe que ela satisfará as aspirações do inquilinato, sem deixar de garantir os legitimos direitos dos senhorios.

No Tribunal Militar

O pae de um dos reus, testemunha de defesa, foi preso e enviado para o Governo Civil por falsas declarações

No Tribunal Militar continuou hoje o julgamento dos individuos acusados de terem agredido na estação de Leiria, o sr. Alfredo da Silva.

A audiencia abriu ás 13 horas, começando o sr. tenente Gama a leitura dos depoimentos, feitos por deprecada, das testemunhas Alfredo Louzada e José da Silva Romão, que confirmaram os depoimentos feitos na investigação, alegando apenas, terem ouvido dizer que os agressores do director da C. U. F. eram os réus.

Terminada a leitura dos depoimentos, depôz a primeira testemunha de defesa, sr. Julio Candido de Oliveira. Sabe que o agente Oliveira, que fazia companhia ao sr. Alfredo da Silva, dispararia alguns tiros sobre a multidão que aguardava a chegada do tenente sr. Lopes, que tinha sido aclamado num comicio publico administrador do concelho.

Viu na estação um individuo que andava com uma lanterna na mão, e que julga ser ferroviario, que disse ir ali o sr. Alfredo da Silva. Foi então que alguns individuos foram á procura do conhecido industrial, sendo nessa ocasião disparados os tiros pelo agente Oliveira.

Sabe tambem que o sr. capitão Costa distribuiu varias patrulhas que mantiveram a ordem. Declarou ainda que, quando se fez a investigação do crime, foi convidado a depôr, sendo-lhe feitas algumas ameaças, por não dizer aquilo que os investigadores pretendiam. Ouviu contar a um soldado da G. N. R. de nome Franklim Ribeiro dos Santos, que foi um dos primeiros soldados que esteve a guardar no hospital o sr. Alfredo da Silva, que este industrial tirára do dêdo um anel com brilhantes, confiando-o á guarda do mordomo do referido hospital, o que prova que o Silvino não roubou anel algum.

O sr. promotor:

— V. ex.ª é pai de um dos réus?

— Sou pai do réu Castelo, mas não sou testemunha dele.

O sr. promotor lêu então varias passagens do depoimento feito pela testemunha, quando das investigações, verificando que havia contradições entre o primitivo depoimento e aquele feito agora no tribunal.

Entre a testemunha, o sr. promotor e o sr. dr. Nordeste travou-se então um vivo dialogo sobre o assunto. A certa altura, um dos jurados interveiu:

— A testemunha pode dizer-me qual dos seus depoimentos é valido: o primeiro ou o que fez agora?

A testemunha ficou silenciosa...

O sr. juiz auditor:

— Isto é uma perfeita contradição.

E para o provar, leu outras passagens do primitivo depoimento.

A testemunha:

— Tudo isto é politica.

— Então, não é verdadeiro o seu depoimento?

Alguns membros do juri fizeram tambem perguntas a que a testemunha não soube responder.

O sr. promotor requereu que a testemunha fosse acareada com o réu sr. tenente Lopes.

Feita a acareação, que não deu resultado, o sr. promotor requereu que a testemunha fosse dada como perjura, por declarações falsas, propondo nesse sentido um quesito ao juri.

O sr. dr. Nordeste disse opôr-se terminantemente á proposta do sr. promotor, dizendo que o depoimento feito agora pela testemunha esclarecia o primeiro.

O sr. juiz auditor acentuou que de fórma alguma as declarações prestadas pela testemunha ao tribunal se podem considerar esclarecimento ao depoimento feito na investigação, entendendo, por isso, que devia ser deferida a proposta do sr. promotor de justiça.

O sr. presidente assim o entendeu tambem pelo que o juri reunia para resolver voltando á sala tres minutos depois, com o parecer de que o sr. Julio Candido Oliveira, que é o secretario da administração de Leiria e escrivão de direito, ficasse sob prisão, sendo enviado juntamente com o auto de declarações falsas, para o Governo Civil, a fim de ser remetido para a comarca onde será entregue ao poder judicial.

A seguir foi suspensa a audiencia.

LA GOYA

Um chá intimo em sua honra

A' hora de fecharmos o nosso jornal está-se realisando no salão nobre do teatro S. Luiz um chá intimo em homenagem á distinta tonadilera La Goya, promovido pela empresa daquele teatro, onde a eminente artista tem trabalhado.

Assistem, alem dos principais artistas da companhia do S. Luiz e outros convidados, os srs. Emilio Segurado, Luiz Cardoso, Antonio de Macedo, Rosa Mateus, Antonio Lobato, etc.

Empregados no Comercio

O seu congresso, no Porto, em setembro proximo

Como já noticiamos, deve realisar-se no Porto, nos dias 2, 3 e 4 de setembro proximo, o VIII congresso nacional dos Empregados no Comercio. «A Capital» já publicou o programa dos trabalhos, inserindo hoje, para elucidação dos congressistas, o respectivo regulamento, que é do teor seguinte:

Artigo 1.°—O Congresso é constituido por delegados directos e indirectos da classe organisada a saber:

a) Conselhos Gerais da Federação.

b) Juntas Executivas da Federação.

c) Direcções do Cofre de Resistencia.

d) Associações, grupos ou nucleos do Continente, das ilhas adjacentes e Provincias Ultramarinas.

e) Juntas Corporativas.

Art. 2.°—Cada um dos supracitados organismos bem como os jornais da classe poderão fazer-se representar por 3 delegados.

§ 1.°—Exceptuam-se as Juntas Executivas e as Direcções do Cofre de resistencia que poderão fazer-se representar por qualquer numero de delegados em exercicio.

§ 2.°—A nomeação dos delegados das Associações, grupos ou nucleos será feita em Assembleia Geral.

§ 3.°—Para ser delegado de qualquer organismo ou jornal corporativo é condição essencial pertencer como profissional á classe dos empregados no comercio e ser sindicato.

Art. 3.°—As entidades que nomearem delegados ao Congresso apresentarão as suas credenciais aos representantes das Juntas Executivas que em sessão preparatoria com os mesmos delegados devem reunir 2 horas antes da abertura solene do Congresso no local da sua realisação.

Art. 4.°—A comissão verificadora de mandatos será nomeada pelo Congresso e nela estarão representadas as duas Juntas Executivas da Federação.

Art. 5.°—Após a abertura solene do Congresso e depois da saudação aos congressistas pelos delegados locais, o presidente deve seguir a seguinte ordem de trabalhos:

a) Chamada dos congressistas.

b) Leitura da correspondencia.

c) Leitura das actas que estiverem elaboradas do VII Congresso.

d) Espaço de 30 minutos destinado a qualquer assunto estranho á ordem dos trabalhos.

e) Ordem do dia.

f) Depois de votados os assuntos dados para a ordem do dia, a Assembleia nomeará a mesa para a sessão seguinte.

Art. 6.°—Nas sessões seguintes serão observadas as disposições anteriores á excepção contida na alinea c) que é modificada nos seguintes termos: Leitura da acta da sessão anterior.

Art. 7.°—Aos congressistas é permitido falarem 2 vezes e durante 10 minutos por cada vez sobre qualquer assunto dado para ordem do dia.

Art. 8.°—Exceptuam-se desta disposição um delegado de cada organismo, relator de qualquer trabalho de qualquer trabalho de que o Congresso tenha de se ocupar, que usará da palavra pelo tempo e vezes que reputar necessario.

Art. 9.° — Depois de se entrar na ordem do dia o presidente mandará proceder á leitura dos relatorios e teses indicados no programa, pondo-os á admissão, discussão e votação.

Art. 10.°—As votações podem ser feitas nominalmente por levantados ou assentados e ainda por aclamação desde que seja indicado pelo presidente ou a requerimento de qualquer congressista.

Art. 11.°—Cada organismo bem como jornal corporativo tem apenas um voto.

Art. 12.°—Sempre que surjam assuntos estranhos á ordem dos trabalhos, ficarão pendentes para serem discutidos na ultima parte do Congresso.

Art. 13.°—Subentende-se que deixa de ser aplicada esta doutrina quando o Congresso resolva o contrario.

Art. 14.°—Haverá ainda congressistas aderentes que queiram assistir aos trabalhos mas não tomando parte em discussões ou votações e que sejam empregados no comercio e sindicados.

Art. 15.°—O Congresso é soberano e a ele compete resolver sobre qualquer omissão do presente regulamento.

Um perigo

Sr. director de «A Capital» — Com o titulo acima, publicou «A Capital» do dia 29 do corrente, umas apreciações sobre a forma como decorreram os trabalhos do recente Congresso Pedagogico de Leiria, as quais não são a expressão da verdade mas até tendentes a provocar contra a classe do professorado primario a má vontade do publico.

A comissão executiva da União composta dos professores srs. João Carlos Gomes, Saturnino Neves, Manuel da Silva e Antonio de Matos Faria Artur, vai reunir com o seu Conselho Central, para apreciar este assunto e esclarecer a imprensa e a Nação convenientemente dos patrioticos intuitos que sempre animaram os educadores nacionais de Portugal.

De v. etc., *Manuel Barroso*, secretario da União do Professorado.

Administração Geral do Porto de Lisboa

AVISO

O Conselho de Administração do Porto de Lisboa faz saber que tendo resolvido que o serviço de trafego nos seus Entrepostos passasse a ser feito sob o regimen de «Cais livre», por o julgar mais conveniente não só aos interesses do Estado como aos do comercio em geral, deixará de cobrar, a partir do dia 15 de setembro do corrente ano, as taxas referentes áquele serviço, o qual desde a mesma data ficará a cargo dos interessados.

Lisboa, 30 de agosto de 1923.

O Administrador Geral

Jacinto Simões

"OS SPORTS,,

A partir dos primeiros dias do mez de Outubro publicar-se-ha

3

vezes por semana

sendo posto á venda ás 3.as, 5.as e sabados ás 15 horas

COM

Colaboração dos principaes jornalistas e tecnicos da especialidade

Brevemente publicaremos a lista completa de reactores e colaboradores

TEATROS • MUSICA • CINEMAS

TEATRO PORTUGUÊS

"A FERA"

de Ramada Curto

Tres scenas da peça em 4 actos, que hoje se representa no Politeama

E' hoje que se efectua no teatro Politeama a 1.ª representação da peça em 4 actos do sr. dr. Ramada Curto A FERA. Do valor novo trabalho do auctor de «Os Tenorios» falará amanhã o nosso critico teatral. Pela nossa parte queremos apenas registar a gentilesa com que o ilustre dramaturgo acedeu ao pedido que lhe fizemos para a cedencia de um excerpto de A FERA, a fim de com ele brindarmos, em primeira mão, os nossos leitores.

SCENA 3.ª

Serafim, depois Matias

SERAFIM

O dianho é o patrão. *(Matias entra da D., 2.º plano; espingarda em bandoleira, jaleca ao ombro).* Eh lá! seu Matias! Então onde é a ida?

MATIAS

Falar ao patrão.

SERAFIM

Chega-te aos bons, anda cá.

MATIAS

(Gracejando). Chego-me a ti, chego-me a boa rôlha, não haja duvidas.

SERAFIM

(Ri). São mais as vozes... *(outro tom).* Tu agora apareces pouco... Por onde te perdes?

MATIAS

Por'hi.

SERAFIM

Estás nas malhadas?

MATIAS

Não. O fidalgo deu em não querer caçadores na Ribeira, que é murada... Mandou-me para lá, mais uns cinco homens... Pois sim- Aquilo é um condado... Era preciso um regimento de tropa para a guardar...

SERAFIM

E caçam?

MATIAS

Ora se caçam! Ha lá coelhos á parga. P'ros agarrar bonda um cajado; nem é preciso dar tiros. E ainda os que se atrevem sabem que eu estou lá, não tenho boas ventas e se pilho um p'ra dentro do muro não o deixo lá com muita saude.

SERAFIM

Tambem que mal faz ao patrão que lhe matem os coelhos... Ele não os come.

MATIAS

Mas o que é nosso, é nosso, não é dos outros...

SERAFIM

(Conceituoso, intencional). Olha, home: muitas vezes quem guarda muito o que não vale, não guarda o que tem valia.

MATIAS

Essa não serve ao patrão, que guarda tudo o que é dele.

SERAFIM

(Enigmatico). Parece-te!...

MATIAS

Parece-me? Hom'essa! O fidalgo é lá homem p'ra deixar que lhe roubem seja o que fôr, nem que tenha o valor d'uma palha.

SERAFIM

Pois é! Guarda a palha e deixa o trigo.

MATIAS

O trigo? Qual trigo?

SERAFIM

(Ironico). Trigo temporão, rico p'ra foice! Ah! rapazes! Espiga mais loira e farta nunca os meus olhos viram outra!

MATIAS

(Olhando-o espantado). Ai! Ai! Tu estás bebido ó Serafim? Lá de adivinhas não entendo... Se quizeres falar direito...

SERAFIM

(Como quem muda de assunto). E' verdade, ó Matias... Tu, se calhar, não sabes a grande novidade?

MATIAS

Novidade? Não... diz lá...

SERAFIM

Ah! Não sabes? Então fica sabendo que o picador despediu-se ontem.

MATIAS

O sr. Luiz! Despediu-se?

SERAFIM

E' como canta.

MATIAS

Essa agora!... E então p'lo quê?

SERAFIM

Sei lá. Isso é lá com êle... Tu, se calhar, como não entendes de adivinhas, não és capaz de futucar porque foi, hein?

MATIAS

Eu inté pasmo! Um homem que tinha o que queria do fidalgo. Que era um Santo Antoninho onde te porei. Isso é que o patrão devia ter ficado!

SERAFIM

Pois é verdade...

MATIAS

E tu não sabes porque foi isso?

SERAFIM

Quem, se calhar, tambem devia ter desgosto, é a menina... Não te parece?

MATIAS

A Izabelinha?... Isso sim! Eram o cão e o gato...

SERAFIM

(Rindo, trocista). Tu tens ôlho, ó Matias! O cão e o gato, é boa! Tu vês longe.

MATIAS

Já vê que eram! Que estás tu a rir? *(Pausa).* Ai que tu estás a mangar! Bota tudo cá para fora, homem! A que vem lá essa da menina? *(Como quem descobre).* Agora! Agora! Queres tu dizer que a fidalga e o sr. Luiz... Ora vai tomar banho á vala, que isso é vinho, home!

SERAFIM

Dá-lhe dessas... Diz-lhe que sim...

MATIAS

(Incredulo). Raio d'omens êstes! O que vocês sabem é fulocar, falocar á maluca... O Luiz e a menina!... *(Ri).* Tu não estás bom!

SERAFIM

Não estou bom, então? Pois fica lá sabendo, ó meu esperto, que se êle se vai embora é por causa dela... Agarra lá esta, anda!

MATIAS

Quem diz uma coisa dá a «rezão»! Tu viste, tu sabes?

SERAFIM

T'á claro que vi, t'á claro que sei! Se não soubesse, não falava... O que a mim ninguem me faz é o ninho atraz da orelha... Eu não ando no mundo por vêr andar os mais, que é que tu pensas?

MATIAS

Mas então o que é que tu viste... que é que tu sabes?

SERAFIM

Sei que êles andam de namoro! Que gostam um do outro como uns tontinhos, ora ahi está. E que o fidalgo fazia melhor em guardar a filha do que ser cioso como é dos coelhos...

MATIAS

Mas como é que descobriste uma dessas?

SERAFIM

Muito facil!... Fora do costume, ha uns dias a esta parte, eu via-os sempre juntos, á conversa, lá em baixo, na horta e na rua grande que vai dar ao portão... sempre muito juntinhos, entendes?

MATIAS

E depois?

SERAFIM

Ora, eu fez-me aquilo especie e disse: nada, aqui ha coisa e eu hei de dar com a malhoada. Puz-me á cóca e vi que os passeios, agora, eram para o lado dos Fetais... Estás a ver que já não eram as corridas em campo largo... O caminho dos Fetais é todo d'arvoredo e não é bom p'r'os animais correrem como ela gostava... Antes d'ontem... *(Vai junto do alpendre, olha para cima e espreita para debaixo da abobada).*

MATIAS

Não está ninguem.

SERAFIM

Não esteja por ahi a Leocadia. *(Retomando a conversa).* Antes d'ontem, o Antonio, que é guarda das Malhadas, disse-me, de manhãsinha, quando veiu aqui para falar ao patrão, que tinha visto os dois na fonte velha... Sabes onde é? E' um chôro d'agua que sae duma rocha grande no meio dumas grandes carvalheiras.

MATIAS

Sei... E' na extrema cá da casa.

SERAFIM

Isso mesmo. O sitio é de preceito para conversadores... Ricas sombras, o chôro da agua até parece uma cantiga e uma vista de apetite... Vai eu, ontem, logo ao nascer do sol, abalei para lá e alapei-me por traz da fonte, á espreita...

SCENA 4.ª

Os mesmos e Luiz de Sousa

MATIAS

(Disfarçando). Pois é verdade...

SERAFIM

(Esfregando os metais). Ainda o melhor para os metais é a cré, fica certo.

LUIZ

(A Serafim). Que estás tu a fazer? *(A Matias).* Boas tardes, Matias.

MATIAS

Boas tardes, sr. Luiz.

SERAFIM

Estou aqui ás voltas com os metais dêste arreio... Mas não ha geito de os pôr bons...

LUIZ

Deixa ver... *(Serafim dá-lhe o metal e a camurça.* Eia! Tudo ensopado! *(Esfrega o metal).* Isto o que quere é geito e paciencia... *(A Matias).* E' p'ra não perder o costume, Matias... Não quero que quem vier depois de mim diga que eu não ensinava como se fazem as coisas.

MATIAS

Lá por isso... Vocemecê sempre pediu trabalho mas não furtou o corpo a êle... Por isso deixa tudo num brinco.

LUIZ

(Devolvendo o metal a Serafim). Vês? Já parece outro... Vocês o que não estão é p'ra se cansar. *(Afasta-se; vai junto da cisterna, acende um cigarro, olha para o alpendre; pausa, a Serafim).* Procuraram por mim?

SERAFIM

Nada... Não senhor... *(Pausa. Baixo, ao Matias).* Olha p'ra êle! Anda a tomar ventos...

MATIAS

(Observando Luiz de soslaio). Parece um perdigueiro a parar uma perdiz...

LUIZ

(A Serafim). Ouve lá; visto por ahi a sr.ª Leocadia?

SERAFIM

Nada... Ainda aqui não passou.

MATIAS

A sr.ª Leocadia anda lá para baixo na horta... Quando eu passei, estava para o lado do pomar.

LUIZ

Está bem... Obrigado... *(Sae ao F.).*

SCENA 5.ª

Matias e Serafim

SERAFIM

(Rindo). Quem tu querias ver não viste...

MATIAS

Pelos modos, a Leocadia é alcofa... Isto é que está um passo!

SERAFIM

Acaba-se o mundo, Matias, se o fidalgo sabe...

MATIAS

Mas conta lá o resto, anda...

SERAFIM

Vai eu, como dizia, alapei-me muito bem; á espreita. Não tardou um credo que os não visse vir os dois ao lado um do outro, com os «alimais» a passo. Chegaram á fonte, apeiaram-se e sentaram-se... Eu fiquei-lhes mesmo rentinho por traz das costas dele e, já se deixa ver, ouvi tudo...

MATIAS

E então?

SERAFIM

A coisa está pegada, mas pegada a valer. P'lo que eu entendi, o homem estava escrupuloso em continuar cá na casa... Dizia êle que parecia mal a êle e a ela e vai então, ontem mesmo, disse ao patrão que se ia embora... Foi o diabo, ao que parece. Hoje mesmo sae de cá e depois escreve ao fidalgo a dizer os porquês... Que aquilo é á valentona e é p'ra casar...

MATIAS

P'ra casar! Boa vai ela! O picador e a filha do fidalgo... Acertado anda êle em se pôr ao largo...

SERAFIM

E' o que lhes diz a Leocadia, que não se farta de lhes meter medo...

MATIAS

(Sombrio). O caso não é p'ra menos.

SERAFIM

Parece-te? *(Matias ri sombriamente. Serafim fita-o. Pausa. Outro tom).* Cá por mim, a Leocadia sabe muito; calcula bem o que pode acontecer, com o genio que tem o fidalgo... E tu, Matias, se calhar, tambem sabes...

MATIAS

(Rapido). Sei de quê? Eu não sei nada...

SERAFIM

Como és velho cá na casa e o fidalgo é teu amigo, tem-te enchido de tudo.

MATIAS

(Protestando). Tem-me enchido? Essa é nova! E eu não olho p'lo que é dêle, não lhe dou o meu suor?

SERAFIM

(Insidioso, afavel). Ninguem diz menos disso... O Zé Rato é que o diz quando está com a pinga... Ainda outro dia se falou daquele caso do homem de Ruivães, que apareceu morto ha anos ali em baixo e o Zé Rato disse p'ra quem quiz ouvir, na venda do Coxo, que tu... se quizesses falar...

MATIAS

(Com cólera, embaraçado). O Zé Rato é um bebedo e está meio doido da bebedeira... Tivesse êle vergonha, não gastasse tudo em vinho e tinha tanto como eu, que o fidalgo com êle tem sido um mãos largas.

SERAFIM

Vamos lá, que contigo...

MATIAS

Qual comigo! A terra que o fidalgo deu ao Zé Rato na Ribeira vale o dôbro da que eu tenho... Mas a minha inda é minha e o Zé Rato derreteu a dêle na bebedeira e, se não fosse o patrão, andava á esmola... O que é que eu sei lá da morte do homem de Ruivães! Esse malandro ainda um dia nos mete em trabalhos...

SERAFIM

(Conciliador). Não te esquentes... Toda a gente sabe que o Zé Rato só fala debaixo da pinga. *(Outro tom).* Eu cá por mim, é que não tenho sorte nenhuma! Tomara eu ter a sorte de vocês, que já vou estando velho e em não podendo morro para ahi como um cão.

MATIAS

(Olhando-o fixamente). A's vezes! Sim, tudo isso vai duma ocasião. O patrão sabe compensar... Ora imagina tu que adregavas de lhe fazer um serviço, assim coisa d'importancia?

SERAFIM

(Oferecendo-se). Tomara eu, Matias... Fosse já hoje... *(Pausa).*

MATIAS

(Baixando a voz). Ouve lá... Tu és homem p'ra contar ao fidalgo isso que descobriste? P'ra lhe dizer tudo?

SERAFIM

(Pausa. Com convicção). Sou Pois que duvida, que sou!

MATIAS

(Batendo-lhe no ombro). Então, deixa lá que cada cão tem o seu dia...

SERAFIM

Tu achas, ó Matias?

MATIAS

Caluda! Isso é cá comigo! Não te dês por achado e deixa-me cá na manobra... *(Sobe ao F., voltando-se;* Gira lá para dentro, que vem ahi o padre e a velha... Depois falaremos... Some-te, não convem que nos vejam juntos. *(Serafim sae E. pela cocheira).*

Primeiras e reposições

TEATRO AVENIDA.—A Revista do Praxedes, *de André Brun.* Musica original e coordenado por *Vasco de Macedo.*

Reprisou-se ontem no Avenida a feliz revista de André Brun que o ano passado no S. Luís obtivera um grande exito de bilheteira.

Apresenta-se agora regularmente vestida, e representada com graça e novidade, embora ainda pouco certa.

A esta distribuida a Antonio Gomes, ganha a nosso vêr em expressão comica, embora da primitiva tivesse sido tambem realizada com felicidade.

Angela Barros, muito fresca e elegante, deu aos seus papeis um brilho especial e Raquel Barros, não se diga que as elogio pelo nome... com a sua linda voz, foi a graciosissima atriz tão notada na opereta e revista.

Tudo o mais, com bôa vontade, mas pouco acerto, com alguns desfalecimentos dispensáveis.

Sintese: a «Revista de Praxedes» deve dar ainda apezar de tudo um cartaz regular.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

De Portugal

A escritora sr.ª D. Veva de Lima Mayer concluiu uma peça para a companhia Rey Colaço. Tambem a ilustre escritora Clarinha está concluindo uma opereta para a companhia Satanela-Amarante.

—Segue amanhã de manhã para as Caldas da Rainha, onde, á noite, no teatro Pinheiro Chagas, representará a linda peça «Uma mulher sem importancia», a Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, que recentemente, deu tres recitas em Setubal, exgotando, em todas, a lotação do teatro. Domingo, tambem nas Caldas da Rainha, a companhia representa a «Zázá», e na 2.ª feira «A Carta Anonima», tomando parte na interpretação de todas as peças a notavel actriz Lucilia Simões.

—A nova companhia Oscar Ribeiro-Alberto Barbosa que vai funcionar no teatro Nacional, do Porto, conta no seu elenco para complemento do qual está ainda em negociações com a primeira figura, com os seguintes artistas; Margarida Martinó, Alda de Sousa, Dinah Stichini, Margarida Ferreira, Mercedes Gonçalves, Zulmira Bettencourt, Cecilia Ramos (discipulas), Branca Rosa e Herminia Reis, (coristas rabulistas) e Vasco Correia, Alvaro de Almeida, Alvaro Pereira, Gabriel Prata, Santos Carvalho, Adolfo Sampaio, Alfredo Pereira e Manuel Silva, ensaiador: Henrique Santana; Maestro director d'orquestra; Bernardo Ferreira; Director de scena, Gabriel Prata; José Dias, contra-regra; Acacio de Sá; maquinismo, Francisco Santana.

—Realisa na segunda-feira a sua festa artistica no Eldorado, com um programa em que ha numeros de canto e variedades, o actor Antonio Mouchet.

—Como dissémos, o acrobata Nestor Lopes parte brevemente para Paris, a fim de escalar a Torre Eiffel, para um film da casa Gaumont. As ultimas fitas em que trabalhou entre nós foram «As aventuras de Agapito» e «Fotografia comprometedora».

Reclames

Todas as noites, na sala do Nacional, resoam as mais estrepitosas gargalhadas durante a representação da desopilante peça «O Cabeça de Turco». E o caso não é para menos, visto que as suas imprevistas situações fazem, da peça, o mais alegre espectaculo da actualidade.

—A revista «Fado Corrido» continua dando repetidas enchentes no Maria Vitoria. Anuncia-la é contar, aí, antecipadamente com uma noite de entusiasmo, aliás justificadissimo, pois o «Fado Corrido» é uma das mais graciosas revistas que tem subido á scena nos palcos da nossa capital.

Hoje repete-se.

Do estrangeiro

A admiravel Raquel Meller, como lhe chamam sempre os jornais franceses, acabava ha dias de cantar no Palace a impressionante «animosa», em que se define toda a alma andaluza, quando um jornalista lhe perguntou porque usava tanto bracelete — uns trinta, talvez, dos mais variados generos e deslumbrantes de pedrarias. E a interessante atora respondeu-lhe:

— Cada um deles corresponde a uma data, a um periodo da minha vida e, por isso, quando a minha memoria hesita, basta olhar para eles... Ha sempre um que responde e fixa a minha recordação.

—Como já dissémos, Roger Lion vem brevemente a Portugal filmar «A Fonte dos Amores», extraida do romance com o mesmo titulo de madame Gabrielle Reval. Acompanha-o o actor Maxudian, que representará os papeis de «Pedro», o «Cruel» e do estudante Lucas.

—O teatro Sarah Bernhardt fará a sua reabertura no proximo dia 6, com «l'Aiglon», para uma série de 50 representações.

ceu vestigios da mais pequena emoção. Em tudo reinava uma paz absoluta. Todavia, até mesmo essa serenidade da natureza o torturava, julgando encontrar nela uma especie de sarcasmo glacial, que afrontava a sua dôr. Os passaros cantavam nos bosques profundos, do jardim dum «cottage» chegava até aos seus ouvidos o ruido alegre de crianças que brincavam, a luz harmoniosa prodigalisava num sorriso as suas bençãos infinitas, e contudo o seu pensamento, mesmo na sua semiconsciencia, não se afastava um só instante do feretro que jazia na sua sepultura, naquele cemiterio que se alcandorava na colina, proximo da sua residencia.

Perguntava, por vezes, a si proprio qual seria a sorte do espirito que animara aquele corpo, tendo feito dele o que ele era, mas a sua imaginação recusava-se a trabalhar. Afinal de contas, dizia ele consigo proprio, que representavam todos os ensinamentos de teologia senão meras palavras aproveitadas simplesmente para quebrar o formidavel silencio? O ceu... o purgatorio... o inferno... que se sabia ao certo de tudo isso? E mesmo a alma? O que era a alma? E que era esse mundo inconcebivel para uma coisa, por sua vez tão inconcebivel como ele?

De resto, não tinha necessidade de todas essas noções, pensava ele. Pelo menos, não eram necessarias em todos os casos. Não passavam de postes indicadores, de letreiros mostrando o caminho duma região incerta, impossivel de imaginar. Do que ele tinha necessidade, era de Amy, da propria Amy ou pelo menos de algum indicio, som ou clarão que lhe provasse que ela continuava a ser o que sempre fôra. Que estivesse na terra ou no ceu, isso pouco lhe importava, contanto que vislumbrasse, n'alguma parte, qualquer coisa que fosse ela, uma personalidade definida, dotada duma consciencia ligada áquela que ele estava convicto de ter descoberto e amado. Ela

não pedia muito, e o que ele pedia, como facilmente Deus lh'o poderia fazer! Ali, naquele carreiro solitario onde ia passando sob os ramos das arvores, as redeas flectuando sobre o pescoço do cavalo, com os olhos percorrendo, sem os ver, as moutas e os prados até ao pé das colinas eternas, bastar-lhe-ia um rapido fenomeno dessa naturesa: um rosto, apercebido num momento apenas, sorrindo e desaparecendo imediatamente; um murmurio ao seu ouvido, com essa leve hesitação na fala devida á sua candida timidez; o roçar sobre o seu joelho duns dedos ligeiramente tremulos, tais como os havia observado, á luz do luar, tocando brandamente na porta do açude, sobre o rio prateado... Se Deus quizesse que esse segredo se não desvendasse, não o diria a ninguem; conservaria o seu misterio inteiramente para si. Já não pensava em possui-la; queria simplesmente estar certo de que ela vivia e de que a morte não era o que parecia ser.

— O senhor padre Mahon está em casa? perguntou ele, quando, a uma milha de distancia da sua casa, parou junto á pequena egreja da aldeia, edificada a menos de cem metros doutra, mais antiga, aonde Maggie e ele iam aos domingos.

A creada que estava apanhando legumes atraz da sebe respondeu-lhe que o padre estava em casa. Laurie apeou-se, prendeu as redeas do cavalo a um poste, e entrou.

Que antipatica saleta onde teve de esperar que o padre fosse prevenido da sua visita!

Por cima do fogão via-se uma grande cromolitografia de Leão XIII com a sua sotaina e a sua thiara, mãos erguidas, e o eterno sorriso dos seus labios largamente abertos, abençoando, por baixo, dois vasos com flores artificiais; entre eles via-se um cachimbo de cerejeira, sujo e mal cheiroso O resto da saleta era tudo do mesmo tom: um tapete de cores vistosas, manchado e gasto pelo uso.

cobria o sobrado, ao pé da porta; cortinas baratas pendiam sobre as vidraças; por cima da mêsa em desordem, duas prateleiras continham uma duzia de volumes de devoção, de moral, e de teologia dogmatica; ao lado, via-se uma mensagem colorida numa moldura dourada.

Laurie olhava para tudo aquilo com uma muda consternação. Já estivera ali noutras ocasiões, mas nunca lhe desagradara tanto como naquele momento, em que a sua dôr o torturava. Seria realmente verdade, que a sua religião aceitasse aquelas mesquinhas exterioridades?

Ouviram-se passos na escada, passos pesados, e o padre Mahon entrou. Era um homem forte, de face rubicunda, que parecia encher toda a casa com a sua presença inteiramente destituida de qualquer encanto. Estendeu a mão, com uma certa gravidade, a Laurie que a apertou, e a deixou cair em seguida.

—Assente-se, meu querido filho, disse o padre, apontando brandamente para um fauteuil de crina.

—Obrigado, meu padre, mas não me posso demorar.

Meteu a mão na algibeira e tirou dela um pequeno embrulho.

—Pode fazer-me o favôr de dizer uma missa por minha intenção? e poz o pequeno embrulho sôbre a mesa, onde soou um ruido argentino.

O padre desembrulhou o papel, tirou as moedas que ele continha e meteu-as na algibeira do seu sobretudo.

—Certamente, disse ele. Creio saber...

Laurie voltou-se com um movimento bastante brusco.

—Não me posso demorar, repetiu ele. Entrei simplesmente para...

—Sr. Baxter, tenho o gosto, permita-me que lhe signifique quanto me penalisou...

longue, doente de desgosto, torturado de aspirações para a morte, e assim ficou estendido.

Dez minutos se passaram sem ele se mover. Só ergueu meio corpo quando ouviu passos na escada. Pensou que podia ser sua mãe.

Deixou-se escorregar da chaise-longue, levantou-se, enxugou o rosto molhado de lagrimas, compoz o fato em desordem. Sim, era preciso descer.

Foi á porta e abriu-a.

—Vou já, disse ele á creada.

Durante o almoço, conseguiu mostrar-se senhor de si, embora falasse pouco ou quasi nada. A atitude de sua mãe desagradou-lhe, quando uma ou duas vezes, a surpreendeu olhando-o com um ar de piedade, e por isso voltou os olhos, com uma certa impressão de alivio, para Maggie, a despeito das suas recentes meditações. Essa, pelo menos, respeitava o seu desgosto, dizia ele consigo. Maggie mantinha uma atitude muito natural, apezar dos longos silencios que de vez em quando reinavam, e fez todo o possivel para nunca encontrar os olhos de Laurie. O mancêbo saiu da meza assim que terminou o almoço, e dirigiu-se para o lado das cavalariças. Ao menos poderia estar só durante toda a tarde. Simplesmente, quando sahia a cavalo, meia hora depois, apercebeu o pequeno e fraco perfil de sua mãe, esperando-o deante da porta do vestibulo a ocasião de trocar com ele uma palavra, se isso fosse possivel. Mas Laurie apertou os labios, e passou adeante, como se a não visse.

Era um desses dias perfeitos de setembro que são como um verdadeiro dom celeste. Enquanto corria pelos atalhos, ladeando as colinas, limitado o seu olhar, ao norte, pelas alturas que coroam Royston, dum azul cinzento destacando-se no horizonte radiante, não descobria na terra ou no